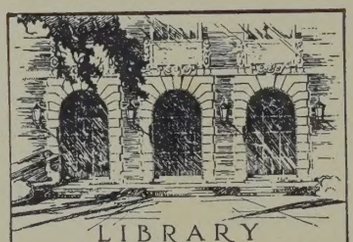
F76h
v.4
Q.

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

DOS SÉCULOS XIX E XX



LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

868.09
F76b
v.4

Return this book on or before the
Latest Date stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

University of Illinois Library

FEB – 2 1967

L161— O-1096

HISTORIA DA
LITERATURA
PORTUGUESA
DOS SECULOS XIX E XX

HISTORIA DA
LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA
DOS SECULOS XIX E XX

Publicada sob a direcção

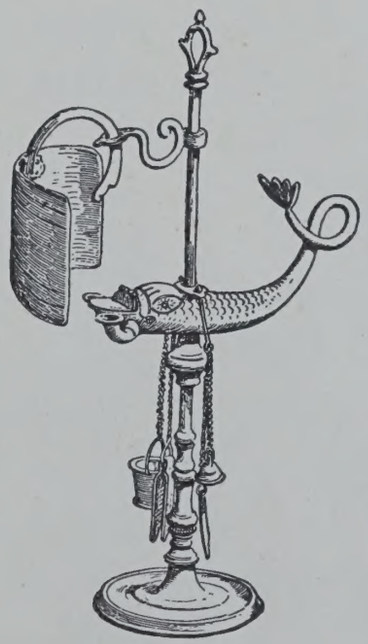
DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

COM A COLABORAÇÃO DOS SENHORES

DR. ÁLVARO DA COSTA PIMPÃO, da Faculdade de Letras de Coimbra; DR. JOSÉ BRUNO CARREIRO, jornalista e professor; BOURBON E MENEZES, escritor e jornalista; CORREIA DA COSTA, escritor e jornalista; DR. DAMIÃO PERES, professor da Universidade de Coimbra; DR. EGAS MONIZ, ex-presidente da Academia das Ciências de Lisboa, professor na Faculdade de Medicina de Lisboa; DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor na Faculdade de Letras de S. Paulo (Brasil); GOMES MONTEIRO, jornalista e escritor; HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de História, coronel-director do Arquivo de História Militar; DR. HERNANI CIDADE, professor da Faculdade de Letras de Lisboa; DR. JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, professor; DR. LOPES DE OLIVEIRA, professor e jornalista; CARLOS DE PORTUGAL RIBEIRO, escritor e jornalista; DR. PRADO COELHO, professor e escritor; DR. QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, lente jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; DR. SOUSA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, escritor; DR. VICTORINO NEMESIO, da Faculdade de Letras de Lisboa; DR. VIEIRA D'ALMEIDA, da Faculdade de Letras de Lisboa.



LIVRARIA FERNANDO MACHADO

15, RUA DAS CARMELITAS, 15 — **PÔRTO**

868.09
F7Ch
v. 4

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, DOS SÉCULOS XIX E XX

INICIAL da revista *Arte Portugueza*. Lisboa, 1895.

A História da Literatura Portuguesa ilustrada, apesar dos seus 3 volumes, não ultrapassa o século XVIII, deixando assim, na parte iconográfica, de reünir e vulgarizar uma das épocas mais ricas e mais curiosas da nossa história literária. Grande falta era essa, por nós sentida, e por vezes nos chegavam rumores de que connosco muitos espíritos partilhavam êsse cuidado. E tanto mais quanto é certo que o século XVI, século portentoso e magnífico, só tem émulo no século XIX e no primeiro têrço do que decorre, pela grandeza das suas figuras e pela importância das suas obras. Essa dívida, contraída há anos com o prometimento da presente obra, salda-se hoje, e não é sem júbilo que descerramos esta notável galeria de documentos, retratos, velhos papéis, cousas curiosas perdidas na solidão das bibliotecas e nas pastas dos coleccionadores e com amoroso enlêvo reünidas para mostrar a glória e grandeza desta época única no dobar dos séculos e no perpassar das gentes.

Êste século XIX, só quando se percorre em espírito, e um pouco nos demoramos na sua contemplação, é que se vê quanto é grande e notável. E quando se percorre a sua colecção de documentos nota-se quão prodigiosa é a sua riqueza, da fotografia à gravura, da folha volante ao livro de luxo, do jornal vulgar à revista cuidada e rica.

Jubilosamente vamos abrir as páginas onde essa colecção se vulgariza e por vezes se salva do esquècimento.

Volvendo olhos ao caminho percorrido, saüdosos continuamos de nos faltarem, na obra a que nos propusemos, os nomes de Teófilo Braga,

D. Carolina Michaëlis e Anselmo Braamcamp Freire. E é com mágua que registamos a falta de alguns amigos e colaboradores que a Morte levou. Foram muitos e o seu nome é já da História, de que esta, que na portada lhes regista os nomes, é acta fiel. Fortunato d'Almeida, o grande historiador; Henrique Lopes de Mendonça, o polígrafo eminente; José de Figueiredo, o notabilíssimo crítico de arte; José Joaquim Nunes, o sábio filólogo; Manuel de Oliveira Ramos, o professor ilustre; Delfim Guimarães e Manuel da Silva Gaio, poetas, prosadores e investigadores conscienciosos; João Lúcio de Azevedo, o historiador perfeitíssimo do Marquês de Pombal e da sua época; Manuel de Sousa Pinto e Sebastião da Costa Santos, sabedores de velhas cousas pelo vulgo ignoradas. Grandes homens, grandes espíritos, grandes nomes.

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA, ILUSTRADA, DOS SÉCULOS XIX E XX, vai seguir-se. Que o leitor a folheie. E se da sua leitura lhe vier maior amor por todo o mundo de figuras e obras que por suas páginas perpassa, pagos estamos de sobra, porque só para isso ela nasceu e se propôs.

Ilustração Romântica do vol. *Ruy o Escudeiro* por Mousinho de Albuquerque. Lisboa, 1844.

A CIDADE DO PORTO. Estampa da *Descrição topografica e historica da cidade do Porto*, feita por Agostinho Rebello da Costa. Pôrto, MDCCLXXXIX (1789) (Liv. de A. Forjaz de Sampaio).

SÉCULO XIX

I — INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DA LITERATURA NOS SÉCULOS XIX E XX

A história da literatura do século passado e do que leva já quási quarenta anos cumpridos tem sido tratada freqüentemente, sim, mas sem que sôbre assuntos tão complexos e importantes se tenha dito a última palavra. A primeira, essa coube indubitàvelmente a António Pedro de Mendonça nas *Memórias de literatura contemporânea*, em 1855. Faz história e crítica escrevendo o seu primeiro capítulo. Vêm dos testamenteiros literários do século que acabara, os homens da *Última Arcádia* — Bocage, José Agostinho de Macedo e Filinto Elísio. Saúda a nova literatura em Garrett, Herculano, Rebêlo da Silva, Mendes Leal, etc., e demora-se no *Trovador*, «jornal poético de Coimbra», e nos seus colaboradores. É a crítica do romantismo, de que êle havia de ser tão desventurado cultor. Inocêncio, com o seu *Dicionário bibliográfico* e o seu amoroso pendor para as figuras literárias da sua meninice, os últimos Árcades, — é ver o carinho com que estudou o truculento José Agostinho — muito contribuíu para criar o amor por tão ingratos estudos.

E novamente os estudos morreram, até que a figura extraordinária de Teófilo Braga surgiu.

Sucessivamente, aparece a *História do Romantismo em Portugal, Ideia geral do romantismo-Garrett-Herculano-Castilho* (1880), e logo outros vêm chegando. Em 1892, *As modernas ideias na literatura portuguesa;* em 1901, *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcádia;* em 1905, *Garrett e os dramas românticos*, completando *Garrett e o romantismo* que tinha aparecido em 1904. Mas o século XIX no seu alvorecer aparece-nos tocado já pelo infatigável investigador em *Bocage, sua vida e época literária* (1902).

Depois na *Recapitulação* da sua História, no vol. IV, *Os Árcades*, aparecido em 1918, também se lhe refere, dando-nos a transição e o quadro do que eram aqueles poetas e aquela vida.

Trabalhos de fôlego sôbre a literatura do século XIX dá-nos Fidelino de Figueiredo no segundo volume da sua *História da Literatura Clássica*, que abrange a 3.ª época, 1756-1825, na *História da Literatura romântica portuguesa* (1825-1870) Lisboa, 1913, e na *História da Literatura Realista* (1871-1900), de que saíu a primeira edição em 1914 e a segunda em 1924. Mendes dos Remédios na sua *História* trata do conjunto com certo desenvolvimento para o fim escolar a que o seu compêndio se destina. (1.ª ed. 1908, 3.ª-1911, 4.ª-1914, 5.ª-1921, 6.ª-1930).

Poucos mais são os estudos de conjunto. Fran Pacheco, em 1917, estuda *A Escola de Coimbra e a dissolução do romantismo, 1865-1915;* e ainda há poucos dias saíu a lume a 2.ª edição das *Tendências do lirismo Contemporâneo* (Do «Oaristos» às «Encruzilhadas de Deus») do nosso colaborador Dr. Hernâni Cidade, que foi excelentemente acolhida pela crítica, o que prova o interêsse que despertam tais trabalhos.

Mas embora aqui se apontem livros e estudos, muitos outros nos faltam e bem necessários são. Falta-nos o estudo sôbre a literatura política das invasões, para que Cristovam Aires deixou o *Diccionário bibliográfico da Guerra Peninsular*, falta-nos o estudo sôbre a literatura da Grande Guerra entre nós, para o qual José Brandão, Nuno Beja e Victoriano José César fizeram apreciáveis bibliografias, os alicerces.

Mas, se nos faltam estudos de conjunto, abundam as monografias referentes às principais figuras literárias. Essas, porém, não nos interessando para o caso, serão citadas quando se tratar da crítica literária ou das figuras de que elas se ocupam.

A VIDA PORTUENSE DO COMÊÇO DO SÉCULO XIX

O Convento da Serra do Pilar durante o cerco do Pôrto. Lit. de Manuel Luiz.
Desenho de Legrand.

Feira da Cordoaria no Pôrto, junto da Tôrre dos Clérigos. Lit. de Manuel Luiz.
(Do *Universo Pittoresco*, vol. I, 1839-40, págs. 128-274)
Desenho de Legrand.

O Conselheiro João Baptista d'Almeida Garrett

JB de Almeida-Garrett.

Litografia publicada em O UNIVERSO ILLUSTRADO E PITTORESCO - vol. II, 1859

II — CONDICIONALISMO POLÍTICO E SOCIAL DA LITERATURA NO SÉC. XIX

BIBLIOGRAFIA: Simão José da Luz Soriano — *História de el-rei D. João VI.* José Maria de Sousa Monteiro — *História de Portugal desde o reinado de D. Maria I até à Convenção de Évora Monte;* Lisboa, 1839, 5 vols. José Accurcio das Neves — *História geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração dêste reino;* Lisboa, 1810-11, 5 vols. Teotónio Banha — *Apontamentos para a história da legião portuguesa ao serviço de Napoleão I, mandada sair de Portugal em 1808;* Lisboa, 1863. Raul Brandão — *El-Rei Junot.* Idem — *A Conspiração de 1817.* Coronel Owen — *O cêrco do Pôrto.* Oliveira Lima — *D. João VI.* Fonseca Benevides — *No tempo dos franceses,* romance histórico; Lisboa, 1894.

José Maria Latino Coelho — *História política e militar de Portugal desde os fins do século XVIII até 1814;* Lisboa, 1874-91, 3 vols. Marques Gomes — *Portugal de 1734 a 1851;* Lisboa, 1894. Dr. Damião Peres e Eleutério Cerdeira — *História de Portugal;* Barcelos. Oliveira Martins — *História de Portugal.*

António Viana — *José da Silva Carvalho e o seu tempo.* Lisboa, 1891-94. Id. — *Apontamentos para a História diplomática contemporânea,* I, *A Revolução de 1820 e o Congresso de Verona;* Lisboa, 1901. José de Arriaga — *História da revolução portuguesa de 1820;* Pôrto, 1886, 4 vols. Simão José da Luz Soriano — *História da guerra civil e do estabelecimento do govêrno parlamentar em Portugal;* Lisboa, 1866-93, 19 vols. Idem — *História do Cêrco do Pôrto;* Lisboa, 1846, 2 vols.; Tomás Ribeiro — *História da legislação liberal portugueza;* Lisboa, 1891-92, 2 vols. Francisco António da Cunha de Pina Manique — *Portugal desde 1828 a 1834;* Lisboa, 1872. António de Serpa Pimentel — *A queda do antigo regimen, 1820 até 1834;* Lisboa, 1896. António Rodrigues Sampaio — *O Espectro:* Lisboa, 1846. *Carta Constitucional;* Lisboa, 1826.

P. Casimiro — *Apontamentos para a História da revolução do Minho em 1846 ou da Maria da Fonte;* Braga, 1883. Camilo Castelo Branco — *Maria da Fonte — A propósito dos Apontamentos ...* Pôrto, 1885. Joaquim Martins de Carvalho — *Apontamento para a história contemporânea;* Coimbra, 1863. Julio de Vilhena — *D. Pedro V e o seu reinado.*

Principe Lichnowky — *Portugal, Recordações do ano de 1842;* Lisboa, 1845. Comte A. Raczynski — *Les Arts en Portugal;* Paris, 1846. Idem — *Dictionnaire artistique du Portugal;* Paris, 1847. Alfredo Elviro dos Santos — *As artes portuguesas no século XIX ou breves considerações sôbre o seu estado;* Braga, 1882. Oliveira Martins — *Portugal Contemporâneo;* Lisboa, 1881. Adrien Balbi — *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe;* Paris, 1822. Idem — *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise;* Paris, 1822. — João Chagas e Manuel Maria Coelho — *História da Revolta do Pôrto de 31 de Janeiro de 1891;* Lisboa, 1901.

A literatura é um fenómeno *individual*, no sentido de que, em sua génese e teor, cada uma das obras que a constituem é determinada pela psicologia do seu autor, em suas reacções de inteligência, de emotividade, de imaginação, perante a vida íntima ou exterior.

Sendo assim, ¿poderá justificar-se, como introdução ao estudo da actividade literária de uma época, a análise das condições político-sociais em que ela decorreu? ¿Não impõem as necessidades metodológicas, reconhecendo, embora, a interdependência de tôda a fenomenalidade que tem no espírito do homem a energia criadora ou impulsora, recortar e isolar, na complicada trama, o que nela constitui o aspecto literário?

Assim seria, se se não verificasse:

1.º — que a literatura, em sua mesma génese, já freqüentemente envolve de social a matéria que a constitui, o aspecto da vida que provoca a reacção espiritual que a gerou;

2.º — que é muito freqüente não constituir a obra literária apenas uma pura *criação da fantasia*, mas também ou principalmente uma expressão da vida mais profundamente sentida e interpretada; e, assim, será subsídio indispensável à sua *total* explicação, além do conhecimento da vida do artista, o do ambiente social que nela se projectou ou contra que ela reagiu;

3.º — que sucede também exercer o gôsto da sociedade para quem se escreve, sôbre o artista, no momento da modelação da sua obra, certa pressão, sensível na matéria tratada como na forma em que se molda, apenas explicável pelas condições de vida colectiva de que tal gôsto deriva;

4.º — e, finalmente, que há momentos em que a interdependência entre a vida colectiva e a literatura, por virtude do teor caracteristicamente social desta, é íntima ao ponto de não ser possível estudar uma sem estudar a outra, uma na outra com notável eficiência se insinuando e influindo.

LISBOA E A SUA VIDA SOCIAL

RUA DAS PORTAS DE SANTA CATARINA, EM LISBOA

Litografia de 1859, publ. no vol. II de *O Universo illustrado e pittoresco.* Lisboa. A rua das Portas de Santa Catarina é hoje a Rua Garrett ou Chiado como já então era conhecida. O prédio em frente à direita é hoje o da casa Ramiro Leão. O chafariz que se vê à direita era todo em cantaria, coroado pela estátua de Neptuno, feita em Carrara pelo risco de Joaquim Machado de Castro. A descripção pormenorizada do mesmo chafariz está no 1.º vol da mesma obra a pág. 290. Ao fundo o corpo central do palácio do barão de Barcelinhos, hoje Armazéns do Chiado e a bateria do castelo de S. Jorge.
(Liv. de A. F. de Sampaio)

Legrand lith. *Lith. de M. L. da C.ª R. N. das M.es n.º 12. Lx.ª*

Ora é o que se passa na época abrangida pelo presente volume. A literatura que nela se realiza, mesmo quando mais subjectiva, constitui, em grande parte, uma reacção predominantemente directa ao ambiente social em que surge e lhe provoca a sátira ou o apostolado, a descrição complacente, quando não a evasão doentia.

Bastará considerar que muitos dos escritores de Oitocentos têm ligada à vida colectiva, ao drama político e social que a agitou, a sua biografia vivente e intelectual. A literatura foi, para muitos dêles, um meio de actuação política, e a política, por seu turno, uma tentativa de efectivação das congeminações de que se teceu a obra literária.

Brasil da côrte, de que proveio, entre outras coisas, o descontentamento que acirrou o espírito revolucionário, eclodido no movimento de 1817, triunfante em 1820;

3.º — As lutas políticas entre o velho e o novo Portugal, que acompanhavam a tormentosa génese e implantação do constitucionalismo; foi o período da formação e florescimento das grandes personalidades que dominam o 2.º quartel do século XIX — Garrett e Herculano, sobretudo —, e o do surgimento das suas obras, em boa parte de *sentido tendencioso*, quere dizer, insinuando ou prègando doutrina política ou social;

4.º — A acalmia que a tais lutas sucedeu, favorecendo, no novo regime, o medrar de todos os vícios

CIDADE DE COIMBRA. — Litografia publicada no 1.º vol. do *Universo pittoresco*, pag. 113.

« Os principaes edificios que se veem na nossa estampa sam: palacio da Universidade e sua elevada torre quadrangular no ponto mais alto da cidade, de um lado fica-lhe a Cathedral, e do outro o observatorio; na extremidade da direita do leitor avulta o magnifico convento de S. Bento. O arco que se vê no fim da ponte foi demolido ha pouco tempo; proximo delle descobrem-se restos das antigas muralhas. » Coimbra teve sempre um papel preponderante na vida literária portuguesa, desde a lenda de Inez de Castro até às descrições de António Nobre.

Se atentarmos nos aspectos da vida político-social dêste largo percurso de tempo, que mais justificadamente se podem invocar como determinantes de aspectos literários, os que logo surgem à observação menos atenta, são:

1.º — A reacção anti-revolucionária pela defesa violenta da orgânica tradicional da vida colectiva, temporal como espiritual; ela determinou, a-dentro de Portugal, a vigilância rigorosa da actividade intelectual, e, como seu resultado, a literatura inconformista dos emigrados, clandestinamente enviada do estrangeiro com a que, sob a inspiração do espírito revolucionário, se publicava em França;

2.º — As invasões francesas e a transferência para o

inevitáveis nas coisas humanas, sem bastantemente estimular o exercício das suas virtudes, dando em resultado um desnível entre o plano das exigências espirituais do escol intelectual e o plano das realizações da política partidária; tal situação foi propícia ao desenvolvimento da literatura crítica de costumes políticos e vida moral e social, freqüentemente exasperada numa combatividade satírica que foi uma das causas da queda da monarquia, em 1910.

Não é preciso dizer que o atentar neste panorama político-social apenas auxilia a compreensão de uma parte, pôsto que grande, da produção literária do século. Sempre houve escritores mais propensos à contemplação do seu sonho de arte do que à intervenção

na coisa pública, ou, momentâneamente ao menos, mais atentos às experiências do próprio mundo interior do que ao dramático tumulto da vida que os rodeia. É o caso de Eugénio de Castro, para os da primeira categoria, e é, para os da segunda, o caso do Garrett das *Fôlhas Caídas*.

* * *

É conhecida a situação criada à vida intelectual portuguesa pela reacção católico-absolutista provocada pelo filosofismo francês e, logo a seguir, pela Grande Revolução. Vinham dos últimos tempos do século XVII as tendências para saír, quer na vida política, quer na vida espiritual, da rígida órbita fechada pelo regime católico-absolutista dominante na Península. Um outro centro de gravitação — a França de Luís XIV — nos atraía ao seu sistema político e intelectual. Uma política de casamentos, conduzida pelo *Rei-Sol*, procurava criar em Portugal ambiente favorável à transformação de Lisboa em bastião da luta por êle feita à Casa de Áustria [1]. Se tal objectivo não foi atingido, tornou-se, todavia, cada vez mais íntimo e permanente o convívio espiritual com a França de Boileau. É significativo que o indivíduo acusado como agente desta política do rei de França — D. Rafael Bluteau — é precisamente o mesmo que nos inicia no conhecimento da actividade intelectual do mundo culto, particularmente daquele país [1]. A acção dos portugueses fugidos ao rigor inquisitorial, dos idos por própria iniciativa e dos enviados por D. João V aos centros de mais intensa vida mental — Francisco Ribeiro Sanches, Jacob de Castro Sarmento, Manuel de Azevedo Fortes, Luís António Verney — continua esta obra de comunicação, com a Europa do *Século das Luzes*, do Portugal durante tanto tempo acautelado, com a Espanha, por detrás da muralha pirenáica, contra quanto, em matéria de especulação ou ciência, pudesse perturbar uma vida espiritual serenamente balisada pelo dogma ou que às suas essenciais exigências fôsse indiferente.

A Universidade Restaurada, de Pombal, faz o resto. O ensino aí professado transcendeu os objectivos do Ministro, clarividente mas tirânico. A observação, a análise directa, trate-se de uma planta ou dum texto, uma relativa liberdade crítica e um mais vasto e íntimo contacto com a ciência estrangeira, foram determinando no português culto um crescimento espiritual que lhe fazia sentir cada vez mais estreitas e opressivas as con-

O PORTO
VISTO DO MONTE D'ARRABIDA
Aus der Kunstanstalt des Bibliogr. Instituts: Eigenthum der Verleger
in Hindburgh
(Gravura em aço, de J. Hauseer, da coll. de Albino Forjaz de Sampaio)

(1) Vid. *Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal* — Visconde de Santarém, IV, 2.ª parte; *Relation de la Cour du Portugal sous D. Pedro II à present régnant.*

(1) Vid. *Revue de Litterature Comparée*, Janeiro-Março, de 1938, o meu artigo sôbre D. Rafael Bluteau.

UM ASPECTO DO PÔRTO EM MEADOS DO SEC. XIX — A RUA DO LOUREIRO
À direita vê-se o edifício do Convento da Avè-Maria, demolido para em seu lugar se erguer a estação central do caminho de ferro (Pôrto-S. Bento).
(Col. do Museu Municipal do Pôrto) (Cl. *Américo T. Lopes)*

dições em que a actividade mental se exercia. O filosofismo francês, logo seguido da Revolução, era assim natural que já cá encontrasse inquietantes curiosidades, cada vez mais destemidas na audácia.

Nem as espessas paredes do convento de Chelas impediram às jovens Alornas, ali encarceradas por Pombal, em 1758-1777, leituras de Rousseau, Voltaire, Diderot, Buffon, entre outros. Se assim sucedia nos conventos, compreende-se o que se passaria nos *botequins*, onde se reünia a boémia intelectual do tempo, como, no Rossio, o do *Nicola* e o das *Parras*, êste em comunicação com o *Agulheiro dos Sábios*.

O *botequim* estabelece, no século XVIII, a transição entre a *Arcádia poética* e o *clube revolucionário*. Cultiva ainda as musas horacianas, mas discute cada vez mais as notícias das gazetas, e cada vez mais enche a frialdade dos modelos académicos do fogo de entusiasmo aceso pelas novas ideologias. Fidalgos, como o Morgado de Assentiz, como D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, como Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, ali acamaradavam com João Xavier de Matos, talvez com Nicolau Tolentino, e, com certeza, assìduamente, com Manuel Maria Barbosa du Bocage.

O Intendente Pina Manique, desconfiado, tudo vigia por meio das suas «*moscas*», pois sabe que o grande fragor da tempestade social de Além-Pireneus tem ali eco nas sátiras dos vates e nos comentários dos freqüentadores e que ali se lêem as poesias do exilado Filinto Elísio, os versos em que Bocage canta a liberdade, amaldiçoa o fanatismo e ri dos *membrudos fradalhões de carne e osso*. Ineficaz, porém, tôda a sua incansável azáfama contra o poder de insinuação, mais subtil que o dos gazes, das ideas com prestígio de novidades. Depois, elas procuravam aluir uma ordem dentro da qual não cabiam bem os espíritos que tinham atingido a maioridade e procuravam emancipar-se da estreiteza espiritual da tradição. Em vez de *esqueleto interno* e vivo do organismo, com êle formado e desenvolvido, era tal ordem uma *carapaça exterior*, anquilosada e rígida, inadaptada às dimensões crescentes do ser vivo que cobria.

Eis assim iniciada a luta do *político conservador* com o *intelectual inconformista*. De um lado, uma política cada vez mais zelosa e ambiciosa de direcção totalitária da vida mental, e do outro uma literatura crescentemente atenta aos problemas de ordem colectiva e de várias formas apostolando as ideas por que anela vê-los resolvidos.

É verdade que fora da baralha se compõem poesias, romances, peças teatrais; mas nas vozes mais atentamente escutadas — as de Filinto e Bocage — vibram as esperanças desvairantes de vida nova dentro de ordem nova, as apóstrofes contra *o inexorável despotismo que sepulta a razão no abismo*, as invocações à *Liberdade, mãe do génio e prazeres*, para que *a sua aurora raie na esfera da Lísia*, acudindo, como escreveu Bocage,

> ... ao mortal que frio e mudo
> Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
> E em fingir, por temor, empenha tudo.

* * *

As Invasões Francesas e a situação em que elas deixaram o País, vieram ainda apressar esta transformação espiritual, de sentido inconformista. Por um lado, entre a soldadesca violenta vinham os apóstolos, febris de entusiasmo proselítico, organizadores de associações secretas; por outro lado, os portugueses que a defesa das velhas instituïções exilava, foragidos em Inglaterra, constituíam-se em pregoeiros da superioridade das instituïções a que deviam a própria salvaguarda — e assim a literatura política que lá fora se escrevia, e os leitores que cá dentro a acolhiam, cresciam com fatalidade de maré que romperá os diques.

Tudo isto era facilitado pela ausência da côrte no Rio de Janeiro. Se historiadores como Oliveira Lima e ùltimamente Luiz Norton, olhando do lado de lá do Atlântico, não podem deixar de sobretudo salientar os benefícios que de tal facto derivaram para o Brasil, que lhe deveu o apressamento da autonomia, nós, atentando nêle do lado de cá, pôsto que, quanto às suas últimas conseqüências, estejamos de pleno acôrdo com os nossos irmãos de Além-mar, não podemos deixar de lamentar a contrapartida das desvantagens que por então nos trouxe. Os navios que transportavam a família real, a côrte, os ministros, igualmente levavam fazendas, joias,

objectos de arte, tôda a rica biblioteca reünida por Barbosa Machado, fundo da primeira livraria pública do Brasil, e até uma tipografia que Araújo tinha recentemente adquirido em Londres... Foi avaliado em 700.000 francos o que saiu em ouro e diamantes.

Mas isto foi o menos. Para o Brasil se transferia, com a côrte, o orgulho da eminência espiritual e moral, que até aí cabia a Lisboa. Passada a tormenta das Invasões, a que de-facto conveio que a família real escapasse, dada a miserável situação militar que tornava inevitável a nossa derrota e o vèxame dos imperantes, ficou a Nação por mais de uma dezena de anos sem os estímulos que a côrte benèficamente exerce sôbre a vida colectiva. Em vez deles, é natural medrassem, cada vez mais, os sentimentos de mal estar, de revolta contra o que se julgava serem as suas causas, de anseio cada vez mais audaciosamente revolucionário. Provocavam-nos os males de tôda a ordem, exacta ou errôneamente atribuídos à ausência da côrte e à orgânica do Estado — entre êles os derivados da situação em que os nossos aliados tinham ficado, fazendo pagar com as humilhações e abdicações infligidas por Beresford os serviços da cooperação na luta contra os invasores.

Embarque da família real para o Brasil
Grav. de meados do séc. XIX

Em meio acanhado, como era Portugal, com um escol dirigente reduzido em número, além de disperso por um império desproporcionadamente grande, e escassíssimo público ledor, atormentado, de mais a mais, pelas misérias da guerra e do após-guerra, compreende-se que, durante todo êste lapso de tempo, grande parte do que era produzido — e também do que era suscitado pela apetência de quem lia — consistia no panfletarismo clandestino ou na retórica das apoteoses. Entre o mais que se escreve predominam traduções do francês, do inglês, muito menos do alemão (estas, em geral, por intermédio do francês), insinuando, como veremos, um espírito diferente, espraiando ate nós a vaga romântica em que estas literaturas estremecem. Contribui para tal o periodismo do tempo, com sua feição literária.

* * *

As lutas liberais, começadas pouco tempo após o triunfo, em 1820, do constitucionalismo liberalista, provocam o movimento de tôda uma produção polemística e combativa. Já então a reacção contra-revolucionária deixava de se exercer exclusivamente pela repressão policial ou inquisitória, porque a serviam penas dextras e eruditas, ou sejam armas equivalentes na iniciativa e no vigor, como as de Fr. Fortunato de S. Boaventura e P.e José Agostinho de Macedo.

De tal reacção resultou o exílio de alguns dos mais poderosos espíritos do tempo. Garrett e Herculano sofrem e exprimem literàriamente as suas agruras de expatriados, e não foram elas que menos contribuíram para o carácter de experiência moral *vivida* que a sua obra assume a cada passo. Além disso, porém, não esqueçamos que estanciaram em França e Inglaterra num momento em que ia adeantada a revolução espiritual que acompanhava, nela actuando e por ela actuada, a revolução política do mundo. Assim, tornou-se nêles atitude consciente o que até então não passava de mal definida tendência; a sua obra quási tôda se integra na literatura romântica, pela qual se exprimia a alma de Oitocentos, gerada no fragor das contendas políticas e ideológicas e herdeira do legado de ideas e sentimentos que haviam produzido e continuariam a produzir a transformação da vida individual como da colectiva — e, conseqüentemente, novas directrizes e aspectos de tôda a vida espiritual.

Com efeito, em sua obra, a natureza, na vivacidade espontânea dos seus impulsos, é oposta à sociedade, cujas convenções a contrariam e falseiam; o povo, que vive perto dela, mais obediente a tais impulsos, a cada passo se exalta como o detentor das virtudes da raça, como o verdadeiro criador das obras que melhor, por sua ingénua beleza e espontaneïdade, a podem definir, como capaz de benèficamente intervir nos seus destinos; afirma-se que a descentralização do poder permitirá, nas autarquias locais, aproveitar as capacidades e as virtudes dos grémios populares; defende-se mais eficiente soberania do poder civil sôbre o eclesiástico, a tolerância religiosa, a liberdade que permita a espontânea definição dos destinos do grupo e a natural expansão espiritual do indivíduo; faz-se a exaltação da Idade Média, como aquela em que tôdas estas virtudes se esboçam. Eis os temas político-sociais do apostolado que se realiza através de tôdas as formas da arte e por todos os processos da persuasão.

* * *

Cessa a tormentosa implantação do regime demo-liberal. Começa, nos meados do século XIX, com o *Acto*

LISBOA ANTIGA — Praça de D. Pedro em Lisboa

Litografia publicada no *Universo Pittoresco*. A respeito da praça, que tão grande lugar tem na nossa história, além do artigo que acompanha esta gravura, há um outro na *Ilustração Portuguesa* por Gustavo de Matos Sequeira, sob o título de *O Rocio*.

Des. de Legrand *Lit. de Manuel Luiz*

Adicional à Carta Constitucional, a política pacífica de fomento, ao mesmo tempo que a substituïção, na solução dos problemas nacionais, nas contendas das facções, dos processos da luta armada pelos processos da intriga política. Já se disse, com certa verdade, que «*antes de 1851* (data do «*Acto Adicional*») *o país era uma charneca povoada de animais ferozes: Rodrigo caçou e domesticou os animais; Fontes arroteou a charneca, e, fazendo «terra nova», promoveu a sua cultura. Rodrigo fêz a paz; Fontes criou a riqueza*». (Júlio de Vilhena — *D. Pedro V e o seu reinado*).

Não foram desacompanhados de vantagens estes benefícios na vida pública. Tendências ingénitas, porventura, agravadas por hábitos seculares, determinando na colectividade deficiente capacidade de criar riqueza e organizar a economia pela persistência do esfôrço monótono e demorado; a súbita transformação da vida económica, resultante da perda do Brasil e do desenvolvimento, lá fora, da técnica, entre nós quási inexistente; de tudo resultaram costumes de parasitagem à custa das riquezas que o Estado guardava, ou melhor, distribuía. De aqui, inevitàvelmente, a concepção crescente dos costumes políticos — e a crítica cada vez mais exacerbada pela ineficácia do esfôrço dispendido, predominantemente na imprensa, a manifestação de competições e invejas menos confessáveis, mas também muitas vezes, na actividade literária, a expressão de sincero anseio de reforma moral, mental e política.

À literatura em que a grande emoção romântica tinha degenerado, boa parte de deliqüescente sentimentalismo e vazia retórica, sucede a que continua, em plano superior, a agitação que anima de nova vida a geração coimbrã de 1865. A *Questão do Bom Senso e Bom Gôsto*, que nêste ano rompe fogo com a carta de Antero a Castilho, e seis anos mais tarde, deslocado para Lisboa o dinamismo dessa irrequieta juventude, as *Conferências do Casino*, encerradas pelo Ministro do Reino, Lobo de Ávila, continuam a tradição romântica de fazer da literatura instrumento de transformação social, arma de combatividade política. O *espírito da revolução* irradiava da obra dos sociólogos como Proudhon para a obra dos poetas como Antero, dos romancistas como Eça, dos historiadores políticos como Oliveira Martins, dos historiadores de ideas como Teófilo Braga, dos críticos como Ramalho; e é tal a vivacidade satírica que anima essa geração, que é por ela contagiado o espírito grave do próprio monarca, D. Pedro V, que chega a fazer o elogio da sátira e a nela inspirar as suas cartas e outros escritos...

É mais fácil a crítica do que a realização, mais ágil e clamorosa a mudança na esfera das ideologias do que

LISBOA ANTIGA — O passeio público em Lisboa

Litografia dos mesmos autores, publicada no *Universo Pittoresco*. O Passeio Público teve um papel preponderante na vida citadina, até que o substituiu a Avenida da Liberdade.

na esfera dos costumes. A sátira político-social continuava o seu acêso tiroteio, e a imprensa, mais lhe deformando a caricatura e afiando a acuidade, agravava em crimes hediondos simples leviandades governativas e em estagnamento de pântano o que não passava de monótona morosidade de movimento.

Aspecto geral do Pôrto em meados do século XIX

Sob a espumarada das críticas e das diatribes, nem os inconformistas sentiam a obra de progresso que, embora com dificiências e morosidade, se ia realizando, na metrópole como nas colónias, nem os conservadores evitavam contribuir para o agravamento da antipatia da nação pelo trono. Jàmais a literatura tanto vibrara de cóleras comunicativas, nunca a sua acção fôra tão larga e tão eficiente, como na quadra que vai das *Conferências do Casino* até o acirramento das lutas políticas de que resultou a queda da monarquia, em 1910. A *Pátria*, de Guerra Junqueiro, publicada em 1896, é o mais representativo documento de literatura realizada em directo contacto com a vida colectiva, por ela inspirada — e nela poderosamente actuando.

III — ARTE E CULTURA NO SÉCULO XIX

BIBLIOGRAFIA: — *História de Portugal*, por Damião Peres e Eleutério Cerdeira, vol. VII, 1935, Barcelos. (Instituïções de Cultura, pelo prof. Newton de Macedo; Sciência, pelo prof. Luiz de Pina; Arte: arquitectura, pelo prof. Aarão de Lacerda; escultura, pintura e artes decorativas). Ribeiro Artur — *Arte e Artistas Contemporâneos*, Lisboa, 1896, 3 vols. *Notas sôbre Portugal*, Lisboa, 1908. Monografias enviadas à Exposição de Sevilha: A. A. Mendes Correia — *Geologia e Antropologia em Portugal*; Reynaldo dos Santos — *A Arquitectura em Portugal*; Raul Lino — *A Casa Portuguesa*; João Couto — *Ourivesaria Portuguesa*; João Barreira — *Escultura*; Luís de Freitas Branco — *A Música Portuguesa*; Pedro José da Cunha — *A Astronomia, a Náutica e as Sciências afins. Catalogo da exposição de Arte Ornamental*, Lisboa, 1882. Ramalho Ortigão — *Culto da arte em Portugal*, Lisboa, 1896. José Queiroz — *Ceramica portuguesa*, Lisboa, 1907. Revistas: *Architectura portuguesa*, Lisboa, 1908-19; *Terra portuguesa*; *Serões*, 1901-1910; *Arte* (Marques Abreu), Pôrto, 1905-12; *Ilustração Portuguesa. Album de Costumes portugueses*, 1888. Catálogos: *do Grémio Artístico, Grupo do Leão, Sociedade Nacional de Belas Artes. Guia de Portugal* por Raul Proença.

A herança legada pelo século XVIII no que respeita às artes foi sólida e acompanhava o seu tempo, especialmente quanto à arquitectura. Urbanismo — ciência velha, agora posta em moda — provámos que o sabíamos com a reconstrução de Lisboa. A Praça do Comércio, século e meio volvido, é ainda de uma concepção magestosa em que tudo está rigorosamente proporcionado.

O aqueduto das Aguas Livres, o Convento de Mafra, são manifestações artísticas em que se prova abundantemente que se estava de posse dos segredos definitivos, não só da ideação, mas da realização.

A renovação pombalina dos estudos fôra o ponto de partida. De então para cá, o movimento em marcha não parou. Pina Manique tentou deter ainda o movimento das idéas, mas a labareda ateada pelos Enciclopedistas calcinou o que a ela se opunha e a sua marcha não teve depois entraves.

Escolas, professores, instituïções, tudo com o movi-

mento de 1820 teve impulso sério, porque se a herança de Pombal fôra grande enfermava de um espírito aristocrático que já não se coadunava com a ânsia de liberdade que percorria a Europa de lés a lés. Intensificou-se a imprensa; os homens que tinham sofrido as inclemências do exílio traziam o espírito amplificado pela lição da vida dos povos onde encontraram refúgio.

A comparação saltava-lhes prestes, cheia de lacunas para a vida portuguesa, ainda marasmada e rotineira. O ensino foi novamente remodelado, a Universidade de Coimbra deixou de exercer o primado espiritual da cultura do espírito português, se bem que com dificuldade. O sôpro do Romantismo cria novas modalidades na literatura e na vida cultural do País, Garrett e Herculano a chefiar o movimento. Passos Manuel, Rodrigo da Fonseca, Sá da Bandeira, primeiro; António Augusto de Aguiar, Emídio Navarro, Fontes e Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois, promulgaram reformas que nem sempre tinham exequibilidade, mas concorriam para aperfeiçoar o conjunto.

O palacio da Ajuda, o teatro de D. Maria e o palácio da Pena em Sintra são apontadas como as grandes realizações arquitectónicas da época. Mas não devemos esquecer que outras menores merecem ser apontadas, como a Câmara Municipal em Lisboa e o Palácio da Bôlsa no Pôrto. São dêste século XIX, tão famoso no seu género como outrora fôra o das Descobertas, obras como a estação do Rocio e o seu túnel, o Coliseu dos Recreios, todos os liceus, a ponte D. Maria Pia e a D. Luiz I no Pôrto, o Palácio do Bussaco, o Arco da Rua Augusta, e tantas outras cousas notaveis por êsse país fora, estátuas e jardins, casas e monumentos. Pode dizer-se que durante o século XIX se fêz todo um mundo português. Não nos faltaram escultores como Soares dos Reis, Veríssimo da Costa, Vítor Bastos, Alberto Nunes, Simões d'Almeida, não esquecendo o grande Machado de Castro que até 1822 foi glória d'esta terra; como não nos faltaram pintores, grandes como êsse Silva Pôrto; ou ceramistas, lavrantes do ouro ou do ferro, artistas que bem alto guindaram o nome português. Sequeira, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, os românticos da pintura, Annunciação, Metrass, José Rodrigues, Lupi, Cristino, Pousão, e quantos, até aos modernos Columbano, Malhoa e outros.

Não estão ainda feitas as nossas Histórias de Arte — a Arquitectura, a Pintura, a Escultura — ampliando até nossos dias Watson, Raczinski e os que da nossa arte se occuparam. Mas isso que se integra no meio não é particularmente jurisdição literária. Todavia nas rápidas linhas escritas se vê que a uma literatura florescente correspondem artes em pleno desenvolvimento. Artes e letras dão as mãos para que êste século excepcional reünisse em si o melhor do nosso património artístico e espiritual.

LISBOA — PALÁCIO DA AJUDA

IV — O 1.º QUARTEL DO SÉCULO XIX

BIBLIOGRAFIA: — V. bibliografia de « Historiadores da Literatura Portuguesa ».

António Ribeiro dos Santos (1745-1818): *Memoria sobre a origem da Typografia em Portugal no seculo XV* e outra sôbre a do *seculo XVI* nas *Memorias de Literatura da Acad. R. das Sciencias*, tomo VIII (1812). No mesmo tomo outras memórias suas se podem ver: *Noticia sobre Almeno e a sua tradução da Metamorphose de Ovidio*, Lisboa, 1805; *A Lyrica de Quinto Horacio Flaco*, Lisboa, 1807; *Poesias d'Elpino Duriense*, 3 tomos, 1812-1817.

António Pereira de Sousa Caldas (1762-1814): *Obras poeticas do Reverendo Antonio Pereira de Sousa Caldas*, 2 vols, Lisboa, 1820-1821.

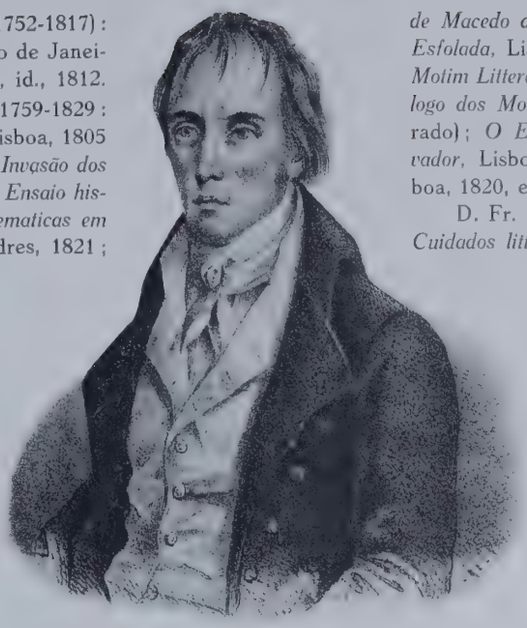
José Anastácio da Cunha (174...-1787): *A Voz da Razão*, Paris, 1822; *Composições poeticas do Dr. José Anastacio da Cunha*, Lisboa, 1839.

Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844): *O Jardim Botanico de Darwin*, trad. do inglês, Lisboa, 1803; *O triumpho da natureza*, tragédia, Londres, 1809; *O incendio de Moskou ou a queda de Napoleão*, poema, Londres (1812); *Lagrimas patrioticas pela infausta morte do senhor D. João VI...*, Lisboa, 1820, sonetos congratulatórios.

Fernando José de Portugal e Castro (1752-1817): *Ensaio sobre a critica por Alexandre Pope*, Rio de Janeiro, 1810; *Ensaios moraes de Alexandre Pope*, id., 1812.

Francisco de Borja Garção Stockler, 1759-1829: *Obras de J. de B. G. Stockler*, tômo I e II, Lisboa, 1805 e 1828; *Cartas ao autor da Historia Geral da Invasão dos francezes em Portugal*, Rio de Janeiro, 1813; *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, Paris, 1819; *Poesias Lyricas*, Londres, 1821; *Elementos de Direito Social, ou principios de Direito Natural...*, Lisboa, 1827; *Methodo inverso dos limites, ou desenvolvimento das funcções algorithmicas*, Lisboa, 1825 (?).

Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque (1792-1846): *Idéas sobre o estabelecimento da instrucção publica...*, Paris, 1823; *Curso elementar de Physica e Chimica*, Lisboa, 1824; *Observações sobre a ilha de S. Miguel*, Lisboa, 1826; *Observações para servirem á historia geologica das ilhas da Madeira, Porto-santo e Desertas...* (Nas *Memorias da Academia*); *Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha*, Leiria, 1854; *Georgicas portuguezas...*, Paris, 1820; *Ruy o escudeiro*, Lisboa, 1844; *Dia*, 1813 (?).



Manuel Maria Barbosa du Bocage

Lit. de Manuel Luiz *Grav. de C. Legrand*

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805). Das produções de Bocage sairam depois de 1800 as seguintes: *Os jardins, ou a arte de aformosear as paisagens*, por Delille, Lisboa, 1800; *Canto heroico sobre as façanhas dos portuguezes na expedição de Tripoli* (trad.) Lisboa, 1800; *Elegia a D. Rodrigo de Sousa Coutinho* (trad.), 1800; *Elogio aos faustissimos annos do serenissimo Principe Regente*, Lisboa, 1801; *As Plantas* (trad.), Lisboa, 1801; *O Consorcio das flores* (trad.), Lisboa, 1801; *Galathea*, novella pastoril (trad.). Lisboa, 1802; *Rogerio e Victor de Sabran, ou o tragico effeito do ciume*, (trad.), Lisboa, 1802 (?); *Epicedio na sentida morte do ill.mo e Ex.mo sr. D. Pedro José de Noronha...* Lisboa, 1804; *Poesias*, Lisboa, 1804; *Magoas amorosas de Elmano*, Lisboa, 1805; *A gratidão*, Lisboa, 1805; *A Saudade materna*, Lisboa, 1805; *Improvisos de Bocage na sua mui perigosa enfermidade*, Lisboa, 1805; *Collecção de novos improvisos...* Lisboa, 1805; *A Virtude laureada*, drama, Lisboa, 1805; *Ericia, ou a Vestal*, tragédia (trad.), Lisboa, 1805. Saíram depois várias reimpressões e edições deturpadas. A melhor edição das obras é a publicada por Inocêncio Francisco da Silva com o estudo de Rebêlo da Silva. São 6 vols. publicados em 1853. Também em 1875-6 se publicou no Pôrto uma edição em 8 vols., sendo o último com um estudo de Teófilo Braga.

José Agostinho de Macedo (1761-1831): Veja-se Inocêncio Francisco da Silva, *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo, obra posthuma, organisada sobre tres redações mss. de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a Documentos e Bibliographia, por Theophilo Braga*, Lisboa, 1899; Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, vol. 4.º, Lisboa, 1860.

Alguns dos seus livros mais importantes: *O Oriente*, poema, Lisboa, 1814; *Gama*, poema, Lisboa, 1811; *A Meditação*, poema, Lisboa, 1813; *Newton*, poema, Lisboa, 1813; *Viagem extatica ao templo da Sabedoria*, Lisboa, 1830; *A Natureza*, poema, 1846; *Contemplação da Natureza*, poema, Lisboa, 1801; *O Novo Argonauta*, poema, Lisboa, 1809; *Os Burros*, Paris, 1827; *Obras de Horacio*, trad., Lisboa, 1806; *A Lyra Anacreontica*, Lisboa, 1809; *Branca de Rossi*, tragédia, Lisboa, 1819; *O Preto sensivel*, Lisboa, 1836; *A Tripa virada*, Lisboa, 1823; *Tripa por uma vez*, Lisboa, 1823; *O Pau da cruz*, Lisboa, 1823; *Cartas de José Agostinho de Macedo a seu amigo J. J. P. L.*, Lisboa, 1827; *A Besta Esfolada*, Lisboa, 1828; *O Desengano*, Lisboa, 1830 e 31; *Motim Litterario em forma de Soliloquios*, Lisboa, 1811; *Dialogo dos Mortes: Homero e Camões* (no *Motim* e em separado); *O Espectador Portuguez*, 1816 a 1818; *O Desapprovador*, Lisboa, 1818 e 1819; *Censura dos Lusiadas*, Lisboa, 1820, etc.

Jose Agostinho de Macedo

Retrato que acompanha a colecção de *O Desengano*, 1830. (Livraria de A. F. Sampaio)

N. S. Possolo Pittó *na Of. de Santos*

D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1724-1814): *Cuidados litterarios*, Lisboa, 1791; *Memorias historicas do ministerio do pulpito*, Lisboa, 1776.

P. Theodoro de Almeida (— 1804); alguns dos seus livros mais importantes: *Recreação filosofica*, Lisboa, 1786-1800, 10 vols.; *Cartas Fysico-Mathematicas de Theodoro a Eugenio, para servirem de complemento*, 3 vols.; *O feliz independente*, Lisboa, 1779. 3 vols.; *Lisboa destruida*, Lisboa, 1803; *Cartas espirituaes sobre varios assumptos*, Lisboa, 1804.

O Investigador portuguez em Inglaterra... periódico publicado em Londres, de 1811 a 1819, 92 numeros.

a) — Cultura científica

A realidade é por demais complexa, para ser possível metê-la tôda nos quadros criados pelo nosso espírito lógico.

Mas se, como artifício de indispensável sistematização e a título de hipótese provisória, fôr permitido definir como *estilo* de uma época o que se afigura ser o princípio dominante da sua vida espiritual, resultante da sua peculiar visão do mundo *(Weltanschaung)*, creio não errar muito definindo o *estilo* da centúria que abrange o último quartel do século XVIII e o primeiro do XIX como o da fase de transição entre uma idade de *distracção ou evasão da realidade* e uma idade de *entusiástica ou resignada adesão a ela*. A valorização da realidade física ou moral, histórica ou actual, como objecto de contemplação artística, de observação científica ou estímulo de espèculação filosófica, é sobretudo sensível quando, em contra-prova, comparamos a actividade mental desta época com a da que imediatamente a precedeu ou da que lhe sucedeu. Se, nesta última, tal tendência se vai cada vez mais acentuando, naquela bem se pode dizer ser a oposta que triunfa. A arte, pelo que respeita a Portugal e Espanha, é nela a maneira de desfigurar a natureza moral e física sob a artificiosa sobrecarga dos ornatos da frase ou na pirotecnia dos conceitos subtis. A ciência e a filosofia, quando não eram um jôgo de abstracções, valendo pelo próprio exercício dialéctico, estavam longe de constituir o atormentado anseio moderno de captar directamente, pela observação ou pela experiência, e para utilização ou conhecimento, as verdades de alguma

CENTENÁRIO DE BOCAGE EM 21 DE DEZEMBRO DE 1905

O Coronel Roma du Bocage assinando o auto da inauguração da lápide na casa onde faleceu Bocage, em Lisboa, na Travessa de André Valente, 23 e 25:

« Aos 21 de Dezembro de 1805, faleceu n'esta casa o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage »

fecundidade para interêsses tanto mais vitais quanto menos transcendentes. Numa como noutra actividade, a apressada observação é o ponto de partida do surto da imaginação dialéctica, mais do que da razão lógica — e muito mais, sobretudo, do que da experiência humilde, atenta, pacientìssimamente repetida. Porque se a razão, à espera de ceder o passo a esta última, domina soberana e ambiciosa na Alemanha de Leibniz ou na França de Descartes, entre nós, peninsulares, para quem *la vida es sueño*, é a imaginação a grande animadora da vida espiritual (1).

Pelo contrário, nos cinqüenta anos de que falo, é cada vez mais dominante a tendência a inverter a hierarquia daquelas actividades. A fantasia vai cedendo o passo à razão, que, como é sabido, se torna, na esfera literária, o princípio regulador de tôda a obra de arte; mas esta mesma, na ordem científica como filosófica, vai sendo gradualmente vencida pela observação e experiência. Às *verdades da razão* preferem-se as *verdades da experiência*, como às ambiciosas tentativas de construções filosóficas, explicativas da universalidade dos seres, se antepõe a observação do que cai sob o alcance dos sentidos, o culto do facto, a busca da realidade, exterior como íntima.

Esta posição intelectual é, tìmidamente embora, ensaiada entre nós por Bluteau, mas ninguém a defende e preconiza com mais calor do que o autor do *Verdadeiro Método de Estudar* — Luiz António Verney. Tôda a sua crítica é inspirada no culto das realidades de ordem física ou moral, ou seja, para falar a sua linguagem, no culto da *natureza* e da *verdade*.

A directa observação do fenómeno, nas ciências físicas, a especulação que se contenta, na actividade filosófica, de os explicar e relacionar, equivalem, no seu *Método*, ao *directo conhecimento*, à filológica e histórica *interpretação do texto*, tratando-se de jurisprudência ou teologia. E na rètórica, que êle deseja consista mais na *arte da perspectiva* do que na *arte da ornamentação*, quando mesmo se trate de literatura de imaginação — poesia ou romance —, é ainda a *natureza das coisas* o fundamento que se não deve perder de vista, é à judicatura da *boa razão* que se deve sujeitar tôda a criação do *engenho*.

Assim, os mesmos princípios que levam as ciências a enriquecer-se de verdades de observação e experiência, encaminham a literatura a procurar na realidade moral e física o objecto e o estímulo da contemplação.

E isto — será preciso dizê-lo? — não é senão a repercussão do teor da actividade intelectual do estrangeiro. Os grandes escritores franceses, que enchiam o século, cultivavam, em geral, as ciências e as letras. É lembrar que Voltaire foi o vulgarizador em França da óptica e da astronomia newtonianas, em cujo estudo se habituou êle próprio a calcular, observar e experimentar. Fontenelle e d'Alembert são matemáticos; Montesquieu apresenta na Academia de Bordeus memórias sôbre as glândulas renais e o mecanismo do eco; Diderot, que ensinou matemáticas, tem uma curiosidade que tudo abarca — letras, como ciências, como técnicas industriais; Buffon é igualmente enciclopédico — metalurgista, óptico, geógrafo, geólogo, anatomista; Condillac escreve resumos de aritmética, álgebra, mecânica e astronomia... «Grands ou petits prophètes, maîtres ou élèves, savants spéciaux ou simples amateurs, ils puisent tous directement ou indirectement à la source vive qui vient de s'ouvrir» (1).

E o entusiasmo contagia as damas, que assistem em Paris às lições de física de Nollet como às dissecções do anatomista du Verney (2).

Em Portugal não fica sem eco esta fascinação perante as *luzes* do século. Logo no seu dealbar, o P.e Rafael Bluteau trouxe para as *Conferências discretas e eruditas* e depois para a *Academia dos Generosos*, que se reüniam em casa do seu amigo Conde da Ericeira, o exemplo do seu desprêzo pelas nugas de que se ocupava a *Academia dos Singulares* e a contagiosa admiração do que lá por fora constituía a nobre actividade das Academias científicas. Depois, é cada vez mais estreito o comércio das letras com as ciências (3). À maneira que as formas poéticas, por exemplo, vão sendo libertadas das *denegridas nuvens* (gongóricas) *que as embrulhavam* segundo Garção, vão-se enchendo de realidade moral e física,

(1) Vid. Karl Vossler — *Introducion al siglo d'oro*, Cruz e Raya, Madrid.

(1) H. Taine — *Les origines de la France contemporaine*, vol. I, p. 272.

(2) Brunetière — *Études critiques sur l'hist. de la littérat. franc.* 5.ª sér., p. 182-250.

(3) Vid. *La Poésie Scientifique, de 1750 à nos jours — Son élaboration. — Sa constitution* — C.-A. Fusil — Edit. Scientifiques. Paris 1918.

como vimos no volume anterior [1]. ¿É preciso lembrar que não foram apenas os poetas brasileiros que encheram os seus poemas de aspectos da païsagem e da vida brasílicas, porque também Cruz e Silva, que conheceu de perto tais aspectos, no-los dá, muito tìmidamente embora, nas suas *Metamorfoses* e *Sonetos?* Mas, sem esquècer que José Anastácio da Cunha é matemático, e é cheio de gravidade o fundo da sua poesia-confidência — e confidência amorosa e religiosa —, atentemos em que o P.e Teodoro de Almeida, professor de física e matemática nas aulas do Oratório, e mais tarde, no exílio a que o forçou Pombal, comprando a dura côdea com o dinheiro por que vendia, no Sul da França, aparelhos científicos que êle mesmo construía, escreve os volumes da vulgarização *Recreação Filosófica*, orna de imagens científicas o romance *Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*, e de notas científicas carrega o poema, horrível de mau gôsto, que escreveu sôbre *Lisboa destruída* (1803). D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas, como colaborador da reforma pombalina da instrução, como reformador dos estudos da ordem franciscana de que foi provincial, e finalmente como prelado de Beja e Évora, com tôda a diligência se esforçou, com seu saber enciclopédico e permanente apostolado, por que a nossa cultura deixasse de consistir em *rixas palavreiras* e os nossos cultos não mais *vendessem fumo por substância*. Êsse babélico e espalhafatoso P.e José Agostinho de Macedo sobre-humaniza em seus poemas a figura de Newton. O árcade, seu confrade, Curvo Semedo não tem só a veia lírico-satírica, com que faz frente ao génio impetuoso de Bocage. O seu saber de engenheiro mais de uma vez se compraz em alindar a complicada arquitectura dos ditirambos com motivos ornamentais como êste:

Um dos entes mais ditosos
Me aclamara!
Se por evos espaçosos
O oxigénio respirara
Genial, vivificante,
Que de Febo a luz brilhante
Da folhagem vossa extrai.

E numa das numerosas notas históricas, mitológicas, científicas, esclarece: *A luz do sol desenvolve das fôlhas dos vegetais grande quantidade de oxigénio.*

(1) V. *Hist. da Liter. Port. ilustrada*, vol. III, p. 296 e seguintes.

O monumento a Bocage em Setúbal

Gravura publicada em *O Ocidente*, 28.º ano, N.º 972, 30 de Dezembro de 1905, por ocasião do Centenário de Bocage. Para êste monumento, feito por iniciativa de António Feliciano de Castilho (que escreveu a seu irmão José Feliciano de Castilho, então no Rio de Janeiro, e lhe lembrou abrir uma subscrição entre a colónia portuguesa e brazileiros para erigir um monumento a Bocage na terra da sua naturalidade), se lançou a 1.ª pedra em 22 de Novembro de 1871. A sua inauguração foi a 21 de Dezembro.

Silvestre Pinheiro Ferreira [1] escreve com tam clara elegância sôbre jurisprudência como sôbre filosofia ou mecânica [1]. Do espírito gentil que foi a Marquesa de Alorna, de quem nos ocupámos no volume III da *Hist. da Lit. Port.*, não esqueçamos também que freqüentou as aulas de Física e Química que, na Casa da Moeda, desde 1824, professava gratuitamente Luís da Silva Mousinho de Albuquerque, que ela chama

. . . um génio luminoso
Que traz nas mãos um facho que dissipa
As trevas em que a incúria nos trazia.

Igual entusiasmo a leva a escrever as *Recordações Botânicas* e imita *Spring*, de Thomson. Associa-se ao movimento, em certa medida, Bocage, tradutor de *Les Jardins*, de Delille; *Les plantes*, de Castel; *L'Agriculture*, de Rosset; *Consorcio das Flores*, de Lacroix, que

(1) É interessante ver como êste aproveitadíssimo discípulo dos *Padres Néris* e professor de filosofia moral e racional do Colégio das Artes, absorve lá por fora (na Alemanha, sobretudo, onde foi secretário de legação com António de Araújo e depois encarregado de negócios em Berlim) o enciclopedismo reinante. Publica em 1808 os seus *Princípios de Mecânica* e no mesmo ano as *Notas ao Ensaio sôbre os Princípios de Mecânica, obra póstuma de José Anastácio da Cunha, dada à luz por D. Domingos de Sousa Coutinho* . . . Considera Aristóteles continuado por Bacon, Leibniz, Locke, Condillac. Repele os *sonhos e extravagâncias dos Mirandolas, Soares, Wolfios e outros semelhantes profanadores da sã psicologia*, como repele a filosofia alemã. Não aponta como modelos a *Mecânica de d'Alembert* e *Princípios de Newton*, senão porque *põem como princípios certos factos não quiméricos mas fundados na observação*, e nêles *se enunciam êstes factos em linguagem matemática* e depois se deduzem de semelhantes expressões . . . vários resultados que são uma *interpretação mais ou menos fiel da natureza.*

introduz com uma dedicatória de sua própria autoria *nos manes do imortal Linée,*

> Alma gentil, que no fragrante império
> A vária Natureza esquadrinhaste . . .

O movimento propagou-se por todo o primeiro quartel do século XIX. É de 1803 o *Jardim Botânico*, ou a *Economia da Vegetação*, tradução feita por Vicente Nolasco do *Botanical Garden*, de Darwin, onde as graças da imaginação poética se põem ao serviço de uma orientação científica de interêsses práticos. O tradutor rejubila, na dedicatória ao príncipe D. João, porque, *junto do Trono,*

> Vingam Ciências e Virtudes crescem
> Que não deixam surgir, brotar não deixam
> Do êrro as sementes, da Ignorância os germes,
> Que os vícios das Nações e a queda trazem.

José Maria da Costa e Silva iguala no mesmo culto *Homero, Maro, o melífluo Túlio,* com o *sábio Estagirita, Newton, Buffon, Lineu, Reaumur.*

São bem expressivos os termos de que se serve para exaltar Lucrécio:

> Mas como co'as boninas da Poesia
> O teu engano (1) enfeitas!
> Como, por inacessos labirintos,
> Do raciocínio no facho,
> Sustendo a mão da experiência o fio,
> Das causas vais à origem!

Juntando à galeria os nomes dos Dr. António Ribeiro dos Santos e do P.e António Pereira de Sousa Caldas, de que adiante nos ocuparemos, será isto mais do que bastante a mostrar a natureza dos novos interêsses mentais, a generalidade do culto das ciências em íntima união com o das letras.

Não será necessário observar que nem tudo são ganhos, neste processo de enriquecimento e aprofundamento de temas literários; mais de uma vez saiem da tentativa de fusão coisas monstruosas, em que letras e ciências recìprocamente se comprometem . . .

Atentemos, porém, menos ràpidamente, em dois dos homens do tempo que mais impressionantemente dão expressão a esta tendência — o P.e António Pereira de Sousa Caldas e o Dr. António Ribeiro dos Santos.

O P.e Sousa Caldas é um poeta de nobre inspiração religiosa, expressa com a soleníssima gravidade que, em tais assuntos, sob a influência de Milton, Young, Klopstock, tinha assumido tal poesia.

O seu editor, o poeta e matemático Francisco de Borja Garção Stockler, tem razão em invocar tais nomes e justificar com êles as *imagens atrevidas* do amigo, pois « *assuntos tão áridos e ao mesmo tempo tão sublimes e transcendentes* (a criação, a imortalidade da alma, a necessidade da revelação, a existência do pecado original, a virtude da religião cristã, a paixão de Jesus Cristo) *não poderão de outra sorte ser tratados poèticamente com a dignidade que lhes convém* ».

Ora também António Pereira de Sousa Caldas queimou incenso ao novo ídolo. Escreveu um poemeto, *As Aves — Noite Filosófica*, que, interrompido por virtude da sua mudança de estado, foi mais tarde recomeçado, em atenção à amistosa instância de Garção Stockler, sem que todavia, o levasse a cabo. Completou-o êste, depois da morte de Pereira Caldas, não sem que escrupulosamente distinguisse os versos do amigo dos que êle próprio escrevera com aquêle intuito.

RETRATO, DA VELHICE, DE D. LEONOR DE ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE, CONDESSA DE ASSUMAR E DE OEYNHAUSEN E MARQUESA DE ALORNA (« ALCIPE »).

Quadro a óleo, existente no palácio Fronteira, hoje dos Condes da Tôrre, indicado pelo Dr. José Cassiano Neves e reproduzido por amável concessão da família.

(Inédito)

(1) O *engano* de pagão, relativo ao conhecimento do verdadeiro Deus.

Caldas invoca Thomson e Vergílio, mas depois de invocar a *Reflexão*, filha do grande Nume do século:

Ó Filha da Razão, a mais amada
Mensageira da cândida Verdade,
Sisuda Reflexão, que magestosa
Calcas o colo do soberbo Engano;
Escuta um génio que de ti pendente
As obras quer juntar da Divindade.
Sôbre as asas brilhantes superado,
Com que sustentas firme os que te invocam,
Seguro voarei, acompanhando
Do ar os inocentes moradores.

Ambos fascinados pelas *luzes do século*, associam os seus versos neste desabafo que interrompe a minuciosa, aqui e além brilhante, exposição do *Aviário:*

Ali (no Brasil) a terra com perene vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou, mal aproveitando,
Esconde com ciúme ao Mundo inteiro.

E, em nota, esta correcção, de igual significado:

« Esta obra foi escrita mais de vinte anos antes de S. M. (o então Princípe Real e futuro rei D. João VI) passar a êste país e de estabelecer nêle o mais *liberal* dos governos. Actualmente viajam no seu interior *Mineralogistas* e *Botânicos* Franceses, Alemães e Bávaros; e viajariam os de outra qualquer Nação, se o pretendessem ».

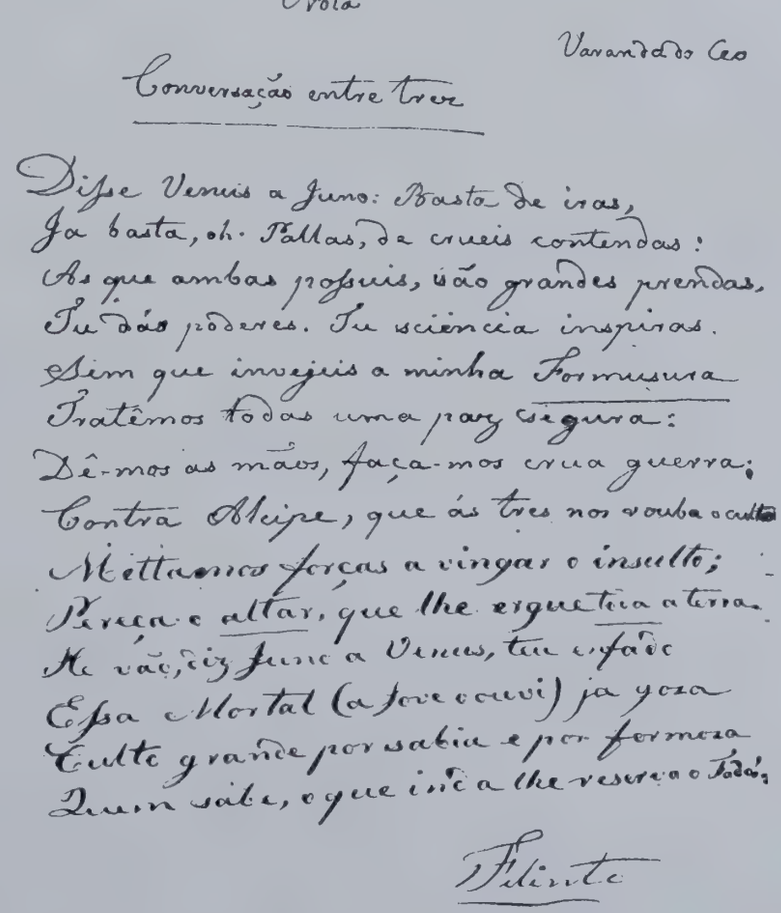
Garção Stockler, matemático e poeta, cultiva igualmente, por idêntica afinidade espiritual, as melhores relações com António Ribeiro dos Santos *(Elpino Duriense)*, Doutor em Cânones, professor, durante algum tempo, da *Universidade Restaurada* — que assim Pombal gostava de designar a Universidade de Coímbra —, sócio efectivo da Academia Real das Ciências, e depois desembargador em Lisboa e bibliotecário-mór da Biblioteca Nacional...

Não há poeta mais representativo do seu tempo. Herdara de Boileau o religioso respeito das Musas, que jámais profanou em comércio menos grave. Da nobreza da sua figura, como do seu viver, aliás, deu-nos testemunho António Feliciano de Castilho, que o visitou, mocinho ainda, na sua casa da Rua do Sacramento, à Lapa. « Sem ser grande, diz Castilho, respirava (a sua casa) um ar de aristocracia, de gravidade portuguesa, e ao mesmo tempo de poesia e afabilidade ». Era, pois, tão apropriada, como a livraria — « sala espaçosa ao meio do jardim » —, a emmoldurar a existência a um tempo amena e grave daquele « homem de maneiras cortesãs, falar autorizado, cortês e suave » — tal qual nós próprios o adivinhamos através dos três volumes das suas Poesias.

A cultura universitária, desenvolvida depois no decurso de uma vida retirada, familiarizara António Ribeiro dos Santos com os escritores gregos, latinos, franceses e italianos, sem esquecer os clássicos portugueses — o *ilustre Sá, varão de alta doutrina, que inda mais o ensinou que a douta Atenas, Ferreira, que ama ternamente e sempre lê, e quanto mais o lê mais o estima, o namorado Bernardino e o terníssimo Caminha*, o cantor do ousado Gama, e Sá e Meneses, e Côrte-Real, e Bernardes, *e o rico Lobo de fertil veia*, o *sonoroso Castro*, e Diniz, e Garção...

Mas não lhe bastava a cultura literária. Banham-no e deslumbram-no tôdas as *luzes do século*. E se não tentou, como José Agostinho de Macedo, a exaltação em sonoros decassílabos de matemáticos e filósofos, foi, de-certo, porque entendia não bastar para tal a facundia do prègador, ser antes necessário reünir, como os seus amigos Garção Stockler, matemático, ou José da Silva Xavier, médico, a prática do comércio com a poesia, acessível a todos, à do comércio com as ciências, mais exigente de laboriosos cuidados. A estes dois versejadores incita êle a celebrar em verso os filósofos dos séculos XVI, XVII e XVIII:

Demos louvor, Ó Silva, aos Varões sábios
Claros filhos do Sol e da Natura.
Deuses da terra. Tu, a quem Apolo
Reinou logo no berço, e os dois poderes
Seus te doou, os altos nomes canta
Dos sublimes Filósofos que deram
Luz à Verdade, nova fôrça às Artes.



Nota

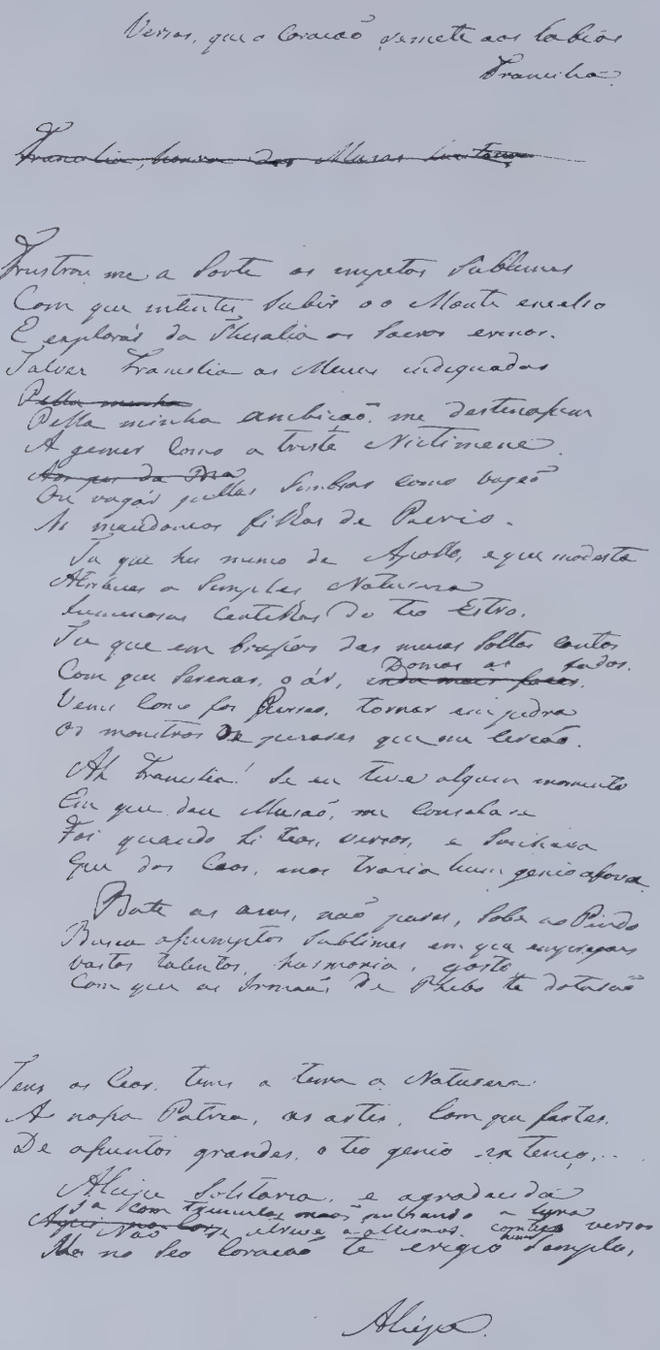
Varanda do Ceo

Conversação entre trez

Disse Venus a Juno: Basta de iras,
Ja basta, oh. Pallas, de crueis contendas:
As que ambas possuis, são grandes prendas,
Tu dás poderes. Tu sciencia inspiras.
Sem que invejeis a minha Formusura
Tratêmos todas uma paz segura:
Dê-mos as mãos, faça-mos crua guerra;
Contra Alcipe, que ás tres nos rouba o culto
Mettamos forças a vingar o insulto;
Pereça o altar, que lhe erguetua a terra.
He vão, diz Juno a Venus, teu enfado
Essa Mortal (a Jove o ouvi) ja goza
Culto grande por sabia e por formosa
Quem sabe, o que inda lhe reserva o Fado.

Filinto

Autógrafo de Francisco Manuel do Nascimento (« Filinto Elysio ») para a Marqueza de Alorna (« Alcipe »). Obsequiosamente facultado pelo Dr. José Cassiano Neves.



EPÍSTOLA
«ALCIPE A FRANCÍLIA»

Versos que o coração remette aos labios
Francilia

Frustrou-me a Sorte os impetos sublimes
Com que intentei subir ao Monte excelso
E explorar da Thessalia os sacros ermos.
Talvez, Francilia, as Musas, indignadas
Pela minha ambição, me destinassem
A gemer como a triste Nictimene,
Ou vagar pelos bosques, como vagam
As macedonias filhas de Pierio.
Tu, que és mimo de Apollo, e que modesta
Attribues á simples natureza
Luminosas centelhas do teu estro;
Tu, que em braços das musas soltas cantos
Com que serenas o ar, domas os fados;
Vens, como foi Perseo, tornar em pedra
Os monstros de pezares que me cercam.
Ah Francilia! se eu tive algum momento
Em que doce illusão me consolasse,
Foi quando li teus versos, e sonhava
Que dos Ceos m'os trazia um genio affavel.
Bate as azas, não pares, sobe ao Pindo;
Busca assumptos sublimes, em que empregues
Vastos talentos, harmonia, gosto,
Com que as irmãs de Phebo te dotaram,
Tens os Ceos, tens a Terra, a Natureza,
A nossa Patria, as Artes, com que fartes
De assumptos grandes o teu genio extenso.
Alcipe, solitaria e agradecida,
já com tremulas mãos pulsando a lyra,
Não se atreve a alternar contigo versos,
Mas no seu coração te erige um templo.

ORIGINAL DE PÁGS. 69-70 DAS OBRAS POETICAS DE D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE, MARQUEZA D'ALORNA ... Tômo II, 1844.

(Colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

E segue, depois, a galeria dos génios, desde o claro verulâmio (F. Bacon), cuja voz,

> Como divina voz dum Deus do Olimpo,
> Combate o êrro, as prevenções desarma,
> E os seus fantasmas, ilusões antigas,
> Que nas escolas bárbaras reinavam
> Para os Cimérios montes afugenta;
> Novas vias ensina, que endireitam
> Com mor certeza nos penetrais sagrados
> Das Físicas verdades recortadas,

desde Bacon, dizia, até os químicos, físicos, astrónomos, matemáticos, do seu tempo, nenhum nome ilustre esquècendo ao seu sincero culto de conhecedor entusiasta.

¿Quando é que, em verso português, haviam tido acolhimento expressões como a *Algebraica análise* pelo *imortal Descartes* aplicada à *Geométrica Doutrina;* e os *Indivisíveis,* com os quais o *ilustre Cavaleri resolve dois problemas subtis;* e a teoria das *Equações* que tantas luzes recebe de Fontaine; e os *pontos logaritmos* e o *método profundo das Fluxões,* do subtil Maclaurin, com direito, como todos os outros, a *harmónico acento?* . . , E também ainda a ciência não havia rehabilitado Galileu, ao ponto de provocar do plectro de um poeta católico vibrações como:

> Ao grande Galileu, homem celeste
> Que a hipótese famosa sustentava
> Da móbil terra, se abalança ousado
> A mudar por seus cálculos profundos
> Todo o antigo sistema do Universo,
> Então afronta, hoje excelsa Glória.

Por outros aspectos, porém, o poeta se liga mais à tradição arcádica, para a qual a poesia constitui um

nobre exercício de ameno desenfado, gozado por desembargadores lidos em Horácio, longe das *hórridas Pandectas*, e uma ou outra vez, horacianamente ainda, acompanhados de *ricas botelhas* cheias de *anoso vinho mais que néctar doce*. A brevidade da vida, como incentivo de a aliviar de preocupações, o encanto bucólico do campo, onde não falte fonte *Bandúsia* reflectindo a serenidade do céu e as graças florais da terra, são temas gratos a Elpino Duriense. Mais grato, porém, lhe é cantar o convívio com os seus livros, a doçura da sua casa e jardim, de cujas plantas Delille lhe teria ensinado a conhecer pormenores e amar encantos.

b) — Inquietação religiosa; suas raízes no filosofismo francês e nas literaturas anglo-germânicas

Estas obras, porém, — a de Caldas, como a de Ribeiro dos Santos — tôdas se banham de claridade meridional; e o sereno equilíbrio que a reflecte, nem o perturbam as novas inquietações intelectuais suscitadas pelos progressos revolucionários das ciências. Todavia, desde muito que, soprado de Inglaterra, agitava a França e se transmitia ao mundo culto um vento que inquietantemente comovia as consciências em sua base de certezas cristãs. O sensualismo de Locke é o ponto de partida da audaciosa largada que vai dar à concepção de um mundo cuja matéria é animada de movimento evolutivo, não passando o pensamento de uma sua forma mais subtil e aperfeiçoada. A religião compatível com tal atitude só pode ser um deísmo perante o qual a doutrina cristã é destituída de todo o sobrenatural, e assimilável à razão natural nas verdades essenciais que a constituem, comuns, aliás, a muitos outros cultos.

Estas audácias do pensamento inglês, passando ao Continente, ganham em França o poder e repercussão que lhes dá a clara eloqüência do filosofismo da Enciclopédia, e, a-pesar de tôdas as barreiras, por tôda a parte se infiltram. José Anastácio da Cunha, se não é o autor da *Voz da Razão*, solta, todavia, êste grito de impressionante angústia:

> Oh! tenebrosa! Oh! dura, impenetrável
> E desconsoladíssima incerteza!

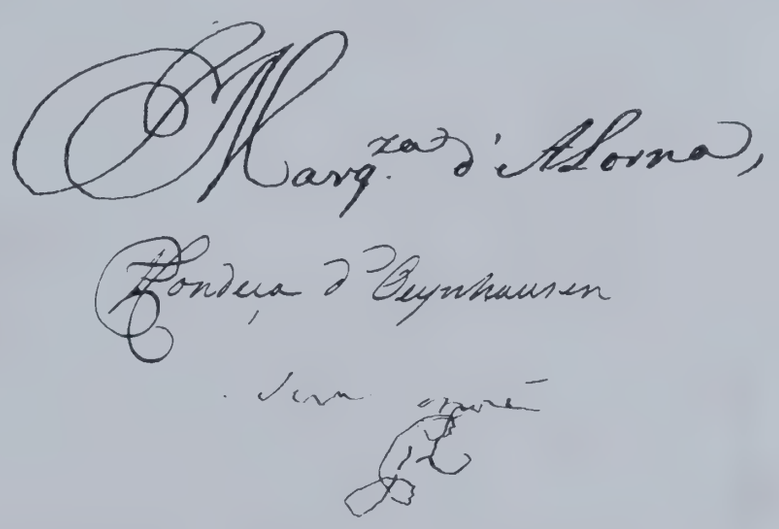
Bocage escreve a *Pavorosa ilusão da eternidade* e em mais de um soneto invectiva a concepção de um Deus que tem o *raio sempre na mão para fraqueza*. Filinto grita contra *bonzos e naires*, ou seja contra os representantes do que, em suas rubras cóleras de exilado faminto, êle julga a tirania temporal e espiritual.

Muitos não exprimem pela palavra escrita a menor perturbação no seu mundo interior. Mas, nos *Botequins* do Rossio, as *moscas* do Intendente Pina Manique a todo o momento surpreendem, nas palavras que se trocam e até no vestuário que se usa, a agitação que a Revolução Francesa e periódicos e livros que lhe propagam os princípios produzem nas consciências.

Abundam, a-pesar da azáfama do Intendente, as publicações clandestinas — entre as quais a dos emigrados portugueses, com a conivência de numerosos *bota-fogos*. Mas entre as que se permite libèrrimamente corram, porque parecem alheias ao *homem-político*, mais de uma insinua, quando não aviva, sentimentos e ideias que hão-de revolucionar o *homem interior* — e conseqüentemente a sociedade.

E eis uma idea à primeira vista inocente, e que, todavia, é das mais poderosamente operantes — a idea da *superioridade do homem natural*.

Despontara tal idea no século XVI, de tão grande optimismo naturalista, e ninguém mais vivamente a insinuou do que o feiticeiro autor dos *Essais*, Montaigne. Propagam-na e fortificam-na depois os missionários cristãos, constitui tema de filósofos, romancistas e



Assinaturas várias da poetisa Marquesa de Alorna: *Marqueza de Alorna, Condeça de Oeynhausen* (1815), e, trèmulamente, *Sua Mãe C. L.* (Condeça Leonor).

poetas ingleses, até que Rousseau lhe dá o poder universalmente comunicativo da sua eloqüência.

Já em tempos (1) salientei o prestígio que o *sublime filósofo inglês* (assim é em gazeta portuguesa designado todo o inglês representativo) obteve entre nós nos fins do século XVIII e o processo por que o atingiu. Entre os escritores que o representaram nenhum foi mais conhecido do que Alexandre Pope, aquêle que, no conceito de Voltaire,

> . . . porte le flambeau dans l'abîme de l'être

O seu *Essay on man* foi traduzido por A. Teixeira e ainda pelo Conde de S. Lourenço, Francisco Bento Maria Targini, em 1819. Êste era homem de imoderada erudição . . . alheia, pois todo o trabalho com que pro-

(1) *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha com uma introdução sôbre o anglo-germanismo nos proto-românticos portugueses* — Coimbra, Imp. da Univ., 1930.

cura conquistar o *sufrágio dos sábios*, consiste sobretudo em transcrever páginas de tôda a gente, entre a qual, todavia, fulgem grandes nomes como os de Kant e Leibniz — de cuja filosofia nos informa.

Ora o *Ensaio sôbre o homem* do poeta inglês, a-pesar do catolicismo do autor, larguíssimo de vista como se vai verificar, ensina a resolver *com as luzes naturais* e *em conformidade com o filosofismo reinante*, problemas como o da evolução do homem, o do papel das paixões, o dos méritos dos movimentos espontâneos, da formação do estado, entre outros. Era tôda uma revolução quási silenciosa, aparentemente realizada sem ofender os conceitos tradicionais, da visão cristã do mundo. A nossa literatura — sobretudo a elaborada na Inglaterra — ampliou-lhe a repercussão. E nada mais expressivo do que a obra do Dr. Vicente Nolasco José da Cunha — intitulada *Triunfo da Natureza*.

Publica-a em Londres, onde se encontrava exilado. Talava o exército francês, por êsse tempo, a Europa; e o autor, levando ao extrêmo a ingenuïdade da concepção, apelava para os habitantes das regiões do Amazonas e Prata, para que acolhessem no seu seio as ciências foragidas do velho mundo... Tôda a tragédia é a apologia da *religião natural*, da *tolerância, sócia da razão*, da natural generosidade da alma contra as crueldades que o fanatismo promove. A lei natural que prescreve o amor basta a santificar as uniões que êle inspira (a mesma idea ocorre numa poesia de Bocage). As leis dos homens são

... Nada mais que um eco
De surdas vozes que no ar se perdem ...

JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA (1757-1832)

Gravura adquirida pelo ilustre académico coronel Henrique de Campos Ferreira Lima que a ofereceu ao Arquivo Histórico Militar, de que é director.

E o domínico Las Casas, a personagem que na peça é o porta-voz da ideologia do autor, proclama:

Delirante piedade, insano zêlo
Ultrajam mais os Céus do que a blasfêmia
Do filósofo incerto, que flutua
Sôbre incógnitas leis que o mundo regem.
Tolerância, Senhor, só tolerância,
A sócia da razão, do culto amiga,
É culto grato no Céu, que o mundo odeia.
. . . . . .
Esfôrço e só esfôrço a bem da espécie
São para o Céu mais gratos sacrifícios
Que vítimas, que prendas. Eis o culto,
Eis o templo melhor que erguer-lhe pode
Leal e agradecida humanidade.

O tio do autor, Dr. José Anastácio da Cunha, já havia sido condenado pela Inquisição pelo *crime* dêste mesmo *tolerantismo*. Vicente Nolasco não tem que recear-se de contratempo *semelhante*. É na Inglaterra que escreve a sua tragédia, dedicada, aliás, a D. Domingos de Sousa Coutinho, nosso embaixador naquele país...

Boa parte da literatura anglo-germânica, afinal, insinua, mais ou menos claramente, esta mesma confiança no *homem natural*, semelhante anseio de libertação da rigidez de uma dogmática com que os zelos inquisitoriais entre nós impediam o progresso espiritual do homem.

São numerosas as traduções que dela se publicam. Milton, cujo *Paradise Lost* fôra traduzido já em 1789 pelo P.e José Amaro da Silva; Young, de quem, através de Le Tourneur, em 1783, José Manuel Ribeiro Pereira traduz *Night Thoughts*, mais de uma vez reeditadas, a-pesar de uma outra tradução, de Vicente Carlos de Oliveira, vir satisfazer esta nova apetência do público ledor; Klopstock, a-pesar da deformação por que o tradutor anónimo do *Der Messias* o fêz passar, dado *o pouco conhecimento*, que confessa..., da *língua francesa* — moeda universal neste câmbio cada vez mais intenso de ideas, sentimentos e formas expressivas.

Acrescentemos a estas traduções, quási tôdas feitas através do francês, as traduções ou imitações da Marquesa de Alorna. Em suas andanças — primeiro, de mulher do Conde de Oyenhausen, ministro de Portugal na côrte austríaca; depois, de exilada por ordem do Intendente Pina Manique — longo tempo estanciara em terras anglo-germânicas. Sentira aí mais vivamente e transmitiu depois aos freqüentadores das suas tertúlias, — entre os quais Bocage, e, mais tarde Herculano — o encanto que já sentira na gaiola doirada que para ela fôra o Convento de Chelas. Lá conhecera já Young *(Contigo, Young, Horácio, Márcia Tirce, | Habito o Elísio Campo)*. Era-lhe familiar tôda essa rica literatura do Norte, que por tôda a parte perturbava a sensibilidade europeia. Perturbava-a não apenas com a plangente ressonância da sua solenidade sentimental, senão também com uma visão profundamente melancólica da vida, que deveria ser a expressão mais adequada à inquietação com que nas almas repercutiam as convulsões de um mundo que ruía e se transformava.

É todo um outro aspecto da literatura do tempo — a sua plangente melancolia, anunciadora de

c) — A comoção romântica; o lirismo subjectivo

Cada vez, com efeito, é mais grato sentir os horisontes da Vida ampliados pela perspectiva da Morte; atenta-se complacentemente em tudo quanto a esta evoque — palidez cadavérica da lua projectada sôbre vetustas ruínas, païsagem desolada de atormentada tectónica ou abismos tragadores do mar revôlto. Bocage — escrevi-o já na *Hist. da Lit. Port.*, dando rápida idea do seu lirismo — é, porventura, de todos os poetas portugueses aquêle que mais sinceramente vive êste arrepio pouco menos que gostoso, provocado pela freqüente presença da morte e dos *cortezãos da escuridade*.

Quero gastar meu coração de horrores

— eis um verso seu que se poderia pôr como legenda de boa parte da poesia que encherá o Romantismo, uma vez que, em convergência com as causas sociais que produzem o *mal do século*, se vá acentuando, um pouco também porque é moda, a preferência do melancólico *sublime gigantesco do setentrião*, como lhe chamaria Herculano, ao gracioso equilíbrio e humaníssima mesura das formas greco-latinas de pensamento e de expressão.

Êste prazer, a um tempo doloroso e penetrante, dos estremecimentos da sensibilidade, e, simultâneamente, o próprio desagregar do mundo da tradição, de que resulta a autonomização crescente dos indivíduos, levará à preferência cada vez mais acentuada do *lirismo*, que é a expressão normal do homem interessado por si próprio. Se, perante o Universo, êle sente, melancòlicamente como nunca, a sua misérrima pequenez e abandôno, por outro lado, perante a sociedade, exalta-se no orgulho optimista de poder e dever amoldá-la segundo a sua razão. De aqui a literatura essencialmente lírica que vai dominar o século, ou na forma de *confidência*, preferida pelos temperamentos introversos, ou na forma do *apostolado* e da *sátira*, para que tendem os extroversos. Bocage, Filinto e Marquesa de Alorna, que continuam José Anastácio e por seu turno entregarão o facho a Garrett e Herculano, ligam-nos e estimulam para uma obra lírica que nos permite hoje conviver não apenas com os *homens*, em movimentos de inteligência ou coração do mais restrito interêsse pessoal, senão também com os *cidadãos*, em suas reacções perante a realidade política ou social que os rodeia. A poesia, o romance, o teatro não são sentimentais, prègadores subjectivos ao mesmo tempo que interessados por problemas colectivos, senão porque as almas são assim mesmo.

Cardeal D. Frei Francisco de S. Luís
Retrato que acompanha o 1.º vol. das suas «Obras Completas» (Lisboa, 1872-73)

d) — O sentimento da natureza

E todavia, esta maior atenção ao mundo interior, à *natureza moral*, não é incompatível com maior atenção à *natureza física*. Todo êste estudo nos demonstrará a simultaneïdade do movimento da ciência com o da literatura, no sentido do contacto cada vez mais íntimo com a realidade, subjectiva como objectiva.

Pelo que toca à natureza física, atentemos na tradução do *Essay on Criticism*, de Pope, publicado em 1810, no Rio de Janeiro, onde se encontrava com a côrte, por D. Fernando José de Portugal e Castro, cónde de Aguiar. Ladeiam-na como a de Targini, a que nos referimos, numerosas notas extraídas de José Norton e do Dr. Warburton. Tais notas sublinham nos versos novidades que deveriam ferir a atenção de quem por êsse tempo os lêsse. Por exemplo, a referente ao estilo do poeta, que nos descritivos substitui aos *termos gerais e abstractos* os têrmos concretos: «*cada epíteto de que aqui se usa pinta o seu objecto e o pinta distintamente*».

Não é o único livro que procura transmitir o gôsto do *concreto* dirigido à sensibilidade, de preferência ao *abstracto* que só à inteligência interessa. Também Freire Barbosa, vertendo para português, do suíço alemão Gessner, os *Idílios e poesias pastorais*, através da tradução francesa de Huber, além de salientar que tais idílios não vinham repetir as *coitas de amor* que absorviam as personagens do pastoralismo de há muito em voga, porque maior riqueza e variedade de pensamento os ocupava, também do mesmo Huber regista esta curiosa observação, que resumo:

Gessner era *pintor*, ao mesmo tempo que *poeta*, e de aí o hábito de «*considerar a natureza com olhos atentos e segui-la na especificação das circunstâncias*» e ainda certa frescura e pitoresco de *descrições* que começam a fazer prever as que mais tarde hão-de ser como *pinturas* feitas *d'après nature*. Tal atenção Gessner presta já ao traço e à côr, que bem podemos dizer ter sido na sua mão

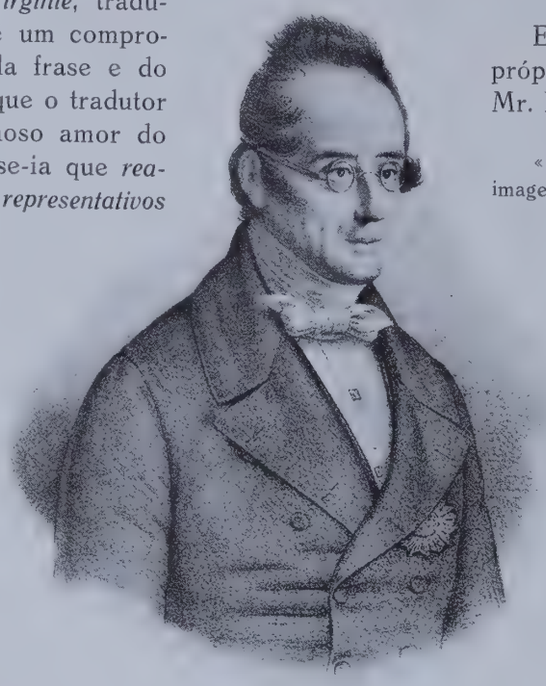
que a pena começou a volver-se em pincel — o que é já uma nítida característica romântica.

Outro livro que deveria ter despertado o mesmo gôsto de pitoresco, se não houvera ficado inédito até 1905, em que Teófilo Braga o publicou, é o de Bernardin de Saint-Pierre — *Paul et Virginie*, traduzido por Bocage. A tradução é um compromisso entre o hábito clássico da frase e do termo genérico e abstracto, em que o tradutor havia sido educado, e o carinhoso amor do traço e da côr *individuantes*, dir-se-ia que *realizadores*, de tão concretamente *representativos* do original. *Têtes noires des rochers* traduz Bocage por *cumeada* . . . ¿Mas seria o poeta português insensível a esta invasão da literatura pela *realidade viva*, representada por um quadro de païsagem exótica, que diríamos surpreendida por todos os sentidos, para quási exclusivo prazer de todos êles? E o próprio facto de Bocage o traduzir ¿não significa já uma insinuação do gôsto do pitoresco, senão também do exótico?

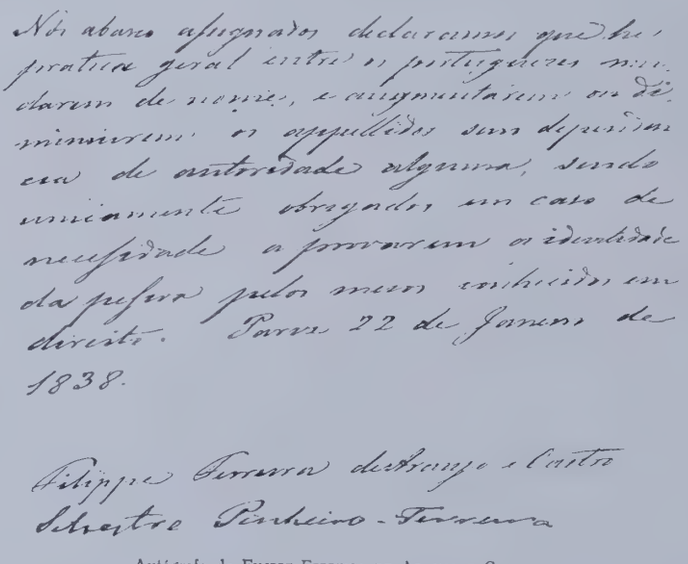
O *pitoresco*, aliás, tal como o *sentimento da natureza* de que é uma das formas, cada vez melhor prende a atenção do escritor. Lembremos o que acima dissemos de A. Ribeiro dos Santos, em cujas páginas poéticas se sente, uma que outra vez, a frescura do jardim que o rodeia lá onde as escreve. Mas percorram-se as colecções dos periódicos do tempo. Dando quási todos largo espaço à literatura, surpreende-nos o interêsse pelos livros de viagens, cujas pormenorizadas descrições se extractam.

O *Investigador Português*, por exemplo, consagra extensa nota crítica ao livro de John Mane — *Travels in the Interior of Brasil*. Dá publicidade às *Cartas* de Fr. Caetano Brandão, igualmente encantado perante os aspectos da natureza tropical que percorre. O *Telégrafo Português*, êsse, oferece-nos esta novidade: um dos seus redactores sente perante os Alpes o interêsse de todos os leitores de Rousseau e de Haller, e percorre-os e descreve-os aos seus leitores, em cartas onde há trechos como esta narrativa da partida para Chamonix:

« . . . Aos pés um profundo abismo, em cuja extremidade se divisa o rio Arve; defronte uma elevada montanha, coberta de verde-negros pinheiros dos Alpes, que uniformemente se sucedem, forma ao lado uma pirâmide enorme, que pelo sombrio aspecto e tranqüilidade que reinava, oferecia aos olhos e à imaginação o espectáculo mais triste e majestoso que tenho visto ».



Silvestre Pinheiro Ferreira
Litografia de Maurin, publicada em a *Revista Contemporanea*, Lisboa, 1855.



Autógrafo de Filippe Ferreira de Araujo e Castro
(1771-1849 — *Dicionário bibliog.* de Inocêncio, vol. II, pág. 295)
Amigo íntimo de Silvestre Pinheiro Ferreira e seu bibliógrafo. Curioso, escrito em Paris, é assignado também por aquêle notável homem público.
(Da colecção de autógrafos de A. F. Sampaio)

E noutro passo, sentindo deficiente a própria capacidade descritiva, recorre a Mr. Bourrit:

« Vejo reunidos os horrores dos dois polos e a imagem da natureza como devia juntar-se ao sair do caos: montes sobranceiros, descarnados, pendidos de alto a baixo . . . A imagem do mar embravecido, tornado em gêlo por um repentino frio ».

e) — O medievalismo

Esta busca do pitoresco — e do pitoresco duma natureza que nada tinha com a dos *clichés* do pastoralismo — é, afinal, uma das poucas do múltiplo interêsse espiritual do homem do tempo, que por vários modos se desartificializa, e a ela procura regressar. E transpondo tais horizontes, quero dizer — tentando novas experiências fora dos quadros habituais do seu pensamento, sensibilidade ou imaginação, sempre em progressão esta tendência à integral contemplação da vida como da natureza, ei-lo procurando aspectos da vida medieval, que a cultura clássica lhe não dava. Bocage traduz dos *Jardins* de Delille:

Aproveita ruínas venerandas,
E tu, que os passos tens variado
Pelos relvosos campos, tu que, *longe*
Das vulgares estradas, vais ditando
Leis aos jardins,— Oh poesia amável!
Oh *irmã da Pintura!* — a monumentos
De longa idade restitui a vida;
. . . . . .
Uma antiga capela ora aparece
Modesto e santo asilo, onde algum dia
Iam em tôsco altar, na quadra nova,
As donzelas e as mães e os seus filhinhos
A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra inda o respeito estas ruínas.
Ora avulta acolá castelo anoso,
Em fragoso cabeço, que tirano
Do território e dos vassalos vendo
Co'as ânsias aos céus arremetia;
Que em tempos de terror, discórdia, sangue,
Viu lançadas mortais, viu gentilezas
Dos novos invencíveis cavaleiros,

Dom. Ant. de Sequeira Ac. Rom. inv. del. e abrio os cont. das figuras.

Greg. Franc. de Queiroz esculpio as figuras a Agua forte em 1813.

A S. A. R. O PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, AUGUSTO, PIO MAGNANIMO, PAE DA PATRIA
D. B. C.

Domingos Antonio de Sequeira, Lusitano,
Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. S. Mestre dos Ser.mos Principe, e Infantes, Academico de Merito na Inclita Academia de S. Lucas em Roma, e das principaes da Italia, Director da Aula de Desenho na Real Academia da Marinha da Cidade do Porto, esta Estampa, q̃ copiou do natural. Representa a distribuição do alimento, q̃ se repartia no Cruzeiro de Arroyos aos infelizes emigrados q̃ desampararão as suas terras assuladas pelo Exercito Francez na invasão de Outubro de 1810, e forão acolhidos e sustentados pelos moradores de Lisboa com o mais louvavel patriotismo e humanidade.

(Reprodução da gravura pertencente às colecções do Dr. Luiz Xavier da Costa).

Os Bayards, os Henriques...
. . . . . .
Mais ao longe, um mosteiro abandonado
Entre arvoredo súbito se encontra.
¡Que silêncio! Quadra dos devotos,
Com gôsto ali, Meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras virgens, algum dia,
Como as turvas alâmpadas que velam
Ante a religião, também velavam,
E desveladas, pálidas, ardiam
Por Deus, e, emfim, por Deus se consumíam.
¡Santa contemplação, paz, inocência,
Como que ainda êste silêncio ocupam!
Musgosos muros, o zimbório, as tôrres,
Os anos dêste claustro escuso e longo,
Dêstes altares o degrau roçado
Do súplice joelho, os vidros negros.
. . . . . .
Ali cevando a mente em soledade,
Às vezes cuidarás, ao pôr do dia,
Que de alguma Heloísa a sombra geme,
Que as lágrimas, que a dôr, que os ais lhe sente...

Diga-se, de passo, que para os leitores portugueses esta evocação de Heloísa não seria estranha. José Anastácio da Cunha, traduzindo Pope, já nos tinha familiarizado com episódios de bárbara descendência sentimental, com cenografia sentimental, adaptadíssima. É o mesmo gôsto que aproxima de *Ossian*, de que Bocage e D. Leonor de Almeida traduzem textos, no que serão imitados por Garrett e Soares de Passos.

¡Grandioso, êsse sonho do autor do *Ossian*, de Mac-Pherson, com seus rudes heróis gigantescos, todos vibrantes de impetuosidade cavalheiresca, movendo-se ou ao retinir das espadas ou ao som da harpa dos bardos, através de uma païsagem de névoa e luar, povoada dos fantasmas dos guerreiros mortos, que assistem das nuvens a seus épicos combates! ¡Que diferença entre êste *melancólico sublime do setentrião* e a luminosa ficção das éclogas e dos romances pastorais! ¡Mas que ressonâncias mais profundas na vida interior, que eficiência no acordar das potências, quási adormecidas, da emoção e da sensibilidade!

Vicente Nolasco, no *Investigador Português*, que dirigia, continua esta obra de insinuação do gôsto romântico. Foi esta gazeta que primeiro nos pôs em comunicação com Walter Scott, cuja novela de assunto hispânico — *D. Rodrigo* — resume e critica; em suas páginas que primeiro se chamou a atenção para as catedrais góticas, que com os antigos castelos da Europa...

> «transportam o espectador ao meio dos séculos passados e despertam uma série daquelas visões que ou nasçam desta fonte ou das pinturas da poesia são de tôdas as imagens as mais deliciosas para uma fantasia romanesca».

f) — A inquietação política

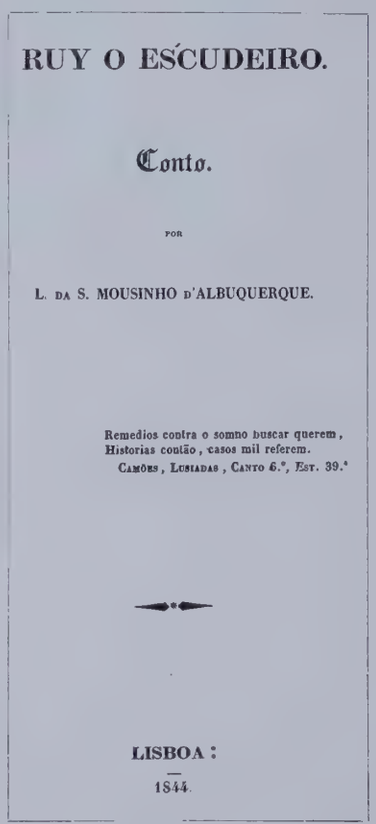
Não deixemos de o notar: os periódicos que vão operando êste enriquecimento dos interêsses mentais dos seus leitores, vão, por igual, despertando nêles aspirações a uma vida cívica que melhor lhes corresponda. Porque o homem interior profundamente se transforma, é inevitável que a sociedade se modifique. O Romantismo, que assim de longe se vem preparando, não será mera mudança de técnica expressiva, mera renovação de temas artísticos e literários.

É tudo isso, porque é fundamentalmente uma renovação do homem interior, na hierarquia do seu mundo de valores, na sua consciência de si próprio e na sua visão do mundo em que vive. A formular em conceitos filosóficos êste sentimental bulício interior, lá estava a inteligência dos ingleses, considerados *non angli sed angeli*, — e a apressar a dinamização em *factos-políticos* de tanta *idea-fôrça*, aqui se verificavam, em Portugal, aspectos bem opostos do seu carácter, onde as guerras napoleónicas os deixaram, agravando o mal-estar que resultava da situação económica e política criada pelas invasões. O periodismo português escrito no estrangeiro foi dos principais instrumentos preparatórios do movimento revolucionário.

Jámais a literatura patenteara tanto poder de transformação política, social, religiosa, — porque jámais estivera em tão íntimo contacto com a realidade.

g) — Em véspera da obra romântica de Garrett

Êste estudo — reparar-se-á — foca mais as tendências do espírito e as correntes do gôsto do que as individualidades que melhor as representam. Assim se compreende deva suceder, tratando-se de uma época de transição, de uma crise de crescimento espiritual, em que, mais do que a afirmação de personalidades poderosas, plenamente realizadas, se sente o eco das que o foram e os tímidos balbucios das que o hão-de ser. De um lado, Alcipe, Filinto e Bocage; do outro, Garrett, Castilho e Herculano. Filinto e Bocage, dividem entre si os sufrágios dos epígones do neo-classicismo, filintistas e elmanistas, que nêles não sentiam mais do que as diferenças personalíssimas que originam a querela: em Filinto, a *valentia* do estilo, à custa da rudeza do ritmo, o neologismo às vezes indiscreto, o avivamento do cunho latino da palavra, a ligação latina da frase, incidentada de hipérbatos; em Elmano, a graça feminina das simetrias, o grato embalo do ritmo cantante, tôdas as seduções da sensibilidade musical, tôda a utilização dos valores *sensíveis* do verbo. O que nêles passava despercebido, por falta da perspectiva, que só a distância no tempo condiciona, era a *mensagem* das suas próprias almas dadas à nossa convivência, não apenas em seus estremecimentos eróticos, senão também em todos os movimentos da sua reacção a um mundo que convulsivamente se renova.



RUY O ESCUDEIRO.

Conto.

POR

L. DA S. MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.
CAMÕES, LUSIADAS, CANTO 6.º, EST. 39.ª

LISBOA:
1844.

Rosto da obra *Ruy o Escudeiro* uma das mais curiosas obras do romantismo em Portugal.

Nem o espírito rico e subtil de Garrett, entusiàsticamente *filintista*, soube opor ao «*vate Elmano, o excêntrico, ininteligível, estapafúrdico Elmano dos cafés e dos outeiros*», senão «*o tradutor de Ovídio, o autor do «Leandro e Hero», de «Tristão» e de tanta cousa bela*». Castilho, êsse, avivada a sensibilidade musical como compensação da perda da sensibilidade visual, não podia deixar de ser *elmanista*. Defende Filinto contra a acusação de ininteligível, gaba-lhe os serviços prestados ao reaportuguesamento do português; mas é para Bocage que tem acentos como êste:

Tu que nos revelaste a mágica harmonia
Da lira nacional, antes de ti latente,
Espírito de luz, relâmpago esplendente,
Que descobriste à Pátria um mundo de poesia,

Ao capitólio d'Arte ascende entre a alegria,
Entre os vivas da Lusa e da Brasília gente
. . . . . .

O Vate lê no fado e os tempos adivinha;
Não debalde exclamaste aos séculos vindouros:

«Zoilos, tremei. Posteridade és minha».

¿E Herculano? Êsse não se pronuncia na querela. Freqüenta aulas de diplomática, freqüenta as tertúlias do Morgado de Assentiz e as da Marquesa de Alorna. ¿Mas como se porta numas e noutras aquêle espírito grave, de bulício todo interior? Quanto às de Alcipe, apenas de palavras dêle próprio sôbre a poetiza poderemos adivinhar o que lá o interessava: «Como madame de Staël, *ela fazia voltar a atenção da mocidade para a Arte da Alemanha, a qual veio dar vida nova à Arte meridional...*» Pelo que respeita às reüniões em casa de Assentiz, eis o testemunho de Castilho:

Aos ócios do jardim nega-te uns dias;
Larga o sacho *ao frenético Alexandre,*
Se Schiller e o Fantasma o deixam livre.

E em nota:

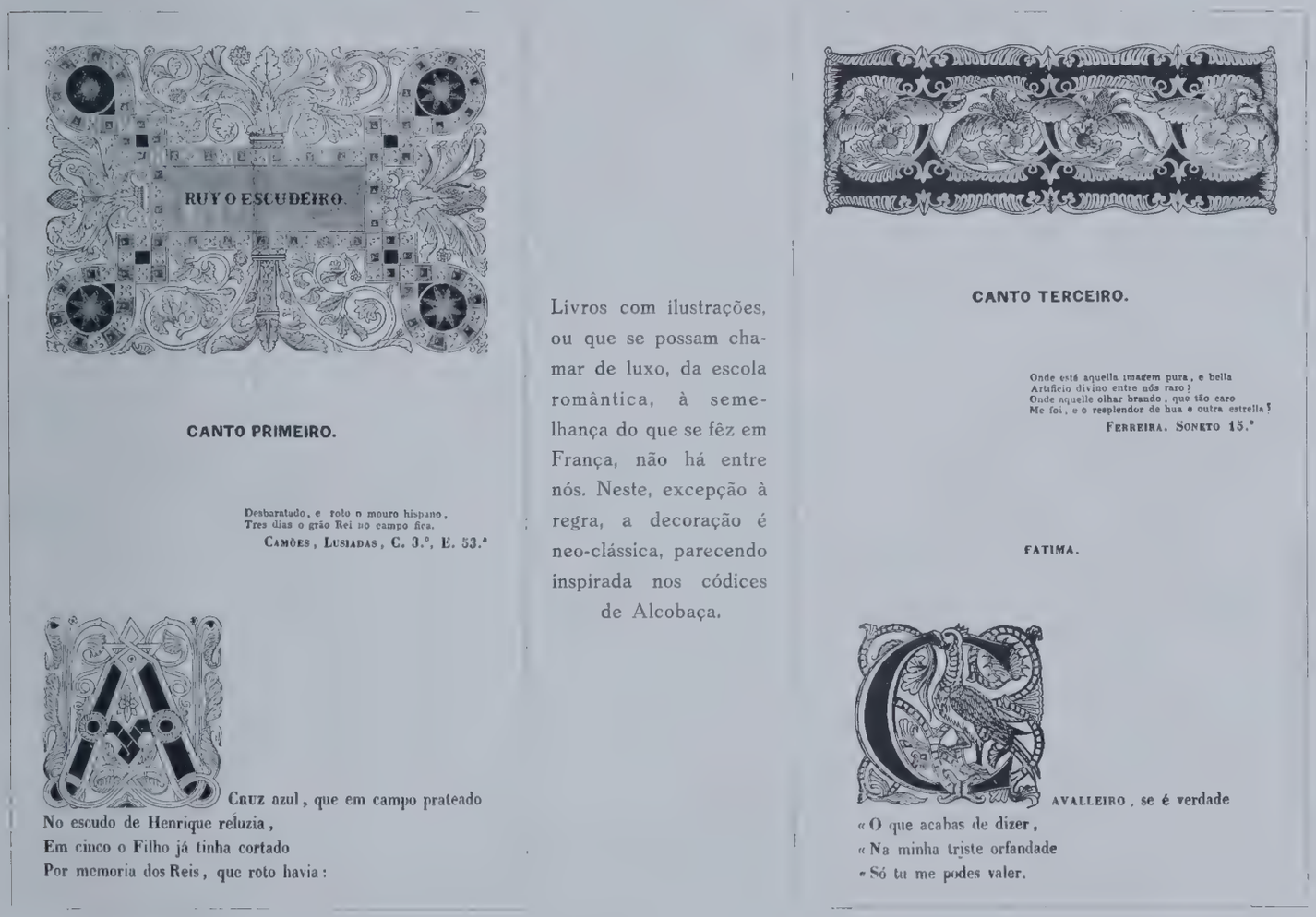
«No estudo da língua alemã andava todo e na sociedade do Sr. Assentiz nos fazia, às noites, leitura da sua tradução do Fantasma, de Schiller». (*Excavações Poéticas* — I vol.).

V — SENTIDO DO ROMANTISMO PORTUGUÊS

BIBLIOGRAFIA: — Luiz Chaves — *A concepção do Romantismo.* Teófilo Braga — *História do romantismo em Portugal. Ideia geral do romantismo:* Garrett — Herculano — Castilho. Lisboa, 1880. Fidelino de Figueiredo — *História da Literatura.* Veja a Bibliografia dos Historiadores da Literatura.

ROMANTISMO quere dizer subjectivismo, expressão directa da emoção pessoal, da personalidade, da própria individualidade do escritor. Essa é, de-facto, a característica essencial da literatura e da arte romântica, além dalgumas outras — regresso às tradições medievais; pluralismo no espaço e no tempo, ou, melhor, exploração do passado e amor do exotismo; libertação de fórmulas estreitas em matéria de ritmo poético, de assuntos e de composição e ordenação dos temas — que, sendo importantes, derivam afinal tôdas elas da primeira e nunca lhe diminuem o avassalador predomínio. Ora a emoção pessoal, que se expande sem peias e não quere limites na tradução dos sentimentos, chama-se *lirismo.* O movimento ou a escola romântica foi, por conseguinte, a vitória do lirismo, contrapondo-se assim ao objectivismo proclamado dos clássicos. Isto não significa, já se vê, que não existam românticos entre os clássicos — até na Grécia antiga os houve, e não só o foram os poetas do amor e Eurípedes, mas muitos outros, pelo menos em parte das suas obras. Apenas indica uma tendência sobranceira às demais, e, ainda, a «côr da bandeira» desfraldada, com veemência e arrogância, pelos mestres iniciais do romantismo europeu.

Aceite êste critério — e julgo não ser possível deixar de aceitá-lo — ¿como não admitir que a literatura portuguesa foi sempre e fundamentalmente romântica, pois foi sempre e essencialmente lírica? Desde os


RUY O ESCUDEIRO.

CANTO PRIMEIRO.

Desbaratado, e roto o mouro hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
CAMÕES, LUSIADAS, C. 3.º, E. 53.º

A Cruz azul, que em campo prateado
No escudo de Henrique reluzia,
Em cinco o Filho já tinha cortado
Por memoria dos Reis, que roto havia:

CANTO TERCEIRO.

Onde está aquella imagem pura, e bella
Artificio divino entre nós raro?
Onde aquelle olhar brando, que tão caro
Me foi, e o resplendor de hua e outra estrella?
FERREIRA. SONETO 15.º

FATIMA.

CAVALLEIRO, se é verdade
«O que acabas de dizer,
«Na minha triste orfandade
«Só tu me podes valer.

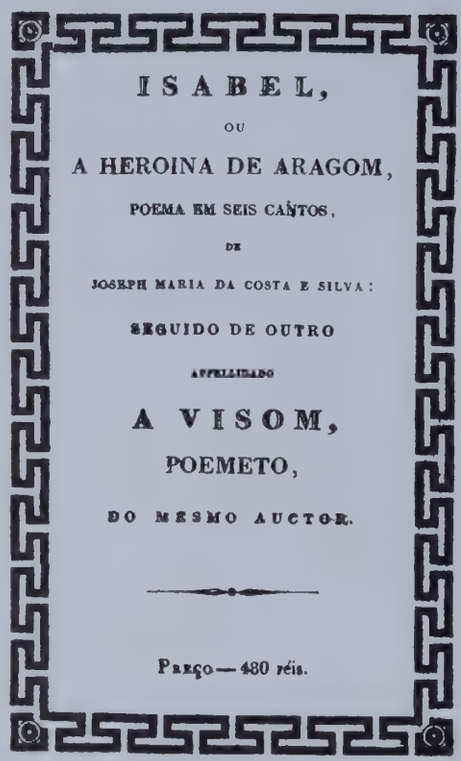
Livros com ilustrações, ou que se possam chamar de luxo, da escola romântica, à semelhança do que se fêz em França, não há entre nós. Neste, excepção à regra, a decoração é neo-clássica, parecendo inspirada nos códices de Alcobaça.

PÁGINAS DA OBRA «RUY O ESCUDEIRO» IMPRESSA EM LISBOA EM 1848. PRINCÍPIO DOS CANTOS I E III

«Cancioneiros» a Fernão Lopes, desde Fernão Lopes a Camões, desde Rodrigues Lobo a Manuel Bernardes, desde Vieira a José Anastácio da Cunha, a Correia Garção — para não citar mais nomes — ¿qual a virtude distintiva, a qualidade primacial que a torna grande e originalíssima? Um subjectivismo claro ou latente, uma maneira apaixonada, ávida, amorável de olhar e evocar o mundo e a vida — que absorvemos e interpretamos mais pelo coração do que pelos olhos, mais pela sensibilidade do que pela inteligência, incorporando-o às nossas íntimas aspirações de beleza ou de harmonia, e não descrevendo-o, ou narrando-o, ou fixando-o em seus aspectos exclusivamente exteriores, nos quais não

espelhamos, não sabemos espelhar a alma. Os *Lusíadas*, por exemplo — e exemplo máximo —, constituem uma patente ilustração desta verdade. De ponta a ponta, canto a canto, estrofe a estrofe, o lirismo de Camões nêles ressuma e desabrocha, dando-lhes a beleza incomparável que a posteridade reconheceu, e que nasce, em suma, do entrelaçamento profundo do elemento épico e do elemento lírico. Mas os exemplos do nosso lirismo dominador não escasseiam, quer se atentarmos na minguada influência do parnasianismo e do naturalismo, do realismo experimental, nas letras pátrias (Eça de Queiroz, Teixeira de Queiroz não se podem considerar realistas género Flaubert ou Zola), ou se buscarmos estudar o caso estranho, o milagre dos *Sonetos* de Antero de Quental, que ao lirismo ingénito de poeta português deveu a prestigiosa vitória da sua arte: — traduzir em sentimento, em emoção, logo comunicativa, as mais abstractas concepções e ideais filosóficos.

Lírica de temperamento e feitio, de inspiração e natureza — a nossa literatura, ao chegarem a Portugal os influxos do romantismo alheio, não se encontrou em ambiente muito estranho. Antes pelo contrário. ¿Aprendeu fórmulas inéditas, remoçou, agitou-se, desvendou horizontes imprevistos? ¿Quem o nega? O rumo, porém, continuou o mesmo. Daí, porventura — circunstância que é necessário não esquecer —, Camões não ter perdido, ou, melhor, ter reforçado o seu justo prestígio, numa época tão dada a ressurreições dos primeiros ciclos


ISABEL,
OU
A HEROINA DE ARAGOM,
POEMA EM SEIS CANTOS,
DE
JOSEPH MARIA DA COSTA E SILVA:
SEGUIDO DE OUTRO
APPELLIDADO
A VISOM,
POEMETO,
DO MESMO AUCTOR.
PREÇO — 480 réis.

Capa de um dos livros de José Maria da Costa e Silva onde vem publicado o seu retrato. É edição de Lisboa, 1832. Compreende um prólogo onde se dá notícia do romantismo da maneira seguinte, e devemos lembrar-nos de que José Maria da Costa e Silva, mais do que poeta, era um espírito crítico como mais tarde o provou com o *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes;* Lisboa, 1850-56, 10 vols.

«Ha muito que os Poemas de Hespanha começaram a paraphrasear os seus antigos Romances, mas limitando-se, ao menos nos que eu tenho visto, a glosar em Coplas regulares cada dois versos dos dictos Romances, o que indica que o principal intuito dos que se deram a esse trabalho, foi tornar aquellas Composições mais aptas e acomodadas para a Musica moderna.

«Walter Scott, nos nossos aproveitando, e refundindo as Balladas e Romances Populares da Escocia, formou delles Poemas engenhosos, e sublimes, que lhe adquiriram larga nomeada na Europa, e na sua Patria o bem merecido titulo de primeiro dos Poetas Inglezes, no presente Seculo, depois de Lord Byron, que pelo arrojo de pensamentos, originalidade de inventar, colorido poetico, força de sentir, e viveza de descrever, nam soffre comparaçam. Estes dois Homens devem ser considerados como os Mestres da Escolla Romantica, que tem progredido tanto, que já se propagou pela França, do que dam testemunho bastante as Poesias de Casimiro de Lavigne, Alfredo de Vigni, e Affonso Lamartine.

«Hum dos poucos engenhos, que ao presente fazem honra a nossa Poesia, depois de haver seguido as pizadas de Lord Byron em D. Branca, e em Camões, resolvêo proseguir na carreira de Walter Scott, tractando os nossos Romances como elle tractara os Escocezes: Despendeo (diz elle) largos annos em recolher hum bom numero daquellas Composições depositadas, e conservadas na memoria das Ayas, e das Velhas; e he assás para lamentar que só executasse o seu progecto em dois Romances = Bernal Francez, = e Silvana = que deo á luz; e bem que do primeiro nam tirasse todo o partido, que podia, do segundo fez o excellente Poema de Adosinda, cheio de pathetico, de interesse, e de sensibilidade, e a que só a inveja póde recusar louvor, e apreço».

Depois Costa e Silva prosegue fazendo a apologia da nova escola literária em que se encorpora. O curioso do seu poema é que suprime o *ão* para o substituir por *am*. Sendim, que o retrata, foi pintor de nome no seu tempo.

Retrato de JOSE MARIA DA COSTA E SILVA, publicado no volume «Isabel»

da nacionalidade. Garrett, quando toma consciência plena do seu «eu» de português, quando anseia ou busca ser homem da sua pátria, da sua terra, da sua grei, em Camões se contempla, em Camões respira e haure os motivos do seu civismo literário e não-literário. Não sei doutro romântico de génio que tenha procurado no século XVI — clássico por definição — o herói dos seus cânticos, o mestre da sua inspiração.

É que o poeta Garrett, o romântico renovador de tôda a nossa literatura, bem sabia que o supremo vate, a-pesar-de tudo quanto o decreta homem e espírito da Renascença, era a síntese perfeita do instinto, da sensibilidade, do pensamento, e das tradições do seu povo. A França, a Inglaterra, a Alemanha, «fizeram» os seus respectivos movimentos românticos, indo colher à Idade-Média personagens, pretextos e assuntos. Em Portugal, o romantismo desabrocha sob a égide de Camões. Não se quebrou uma cadeia, não se interrompeu a marcha: — reatou-se, prosseguiu-se.

A fisionomia do romantismo português é, com efeito, basilarmente, a mesma da literatura portuguesa de sempre. Mais aberta para o futuro, talvez, porque o signo da liberdade lhe mostrava perspectivas amplas e lhe anunciava caminhos desafogados. Liberdade política e liberdade literária, aquela suprimindo vários processos de oprimir a inteligência, esta sacudindo e expulsando o respeito exagerado por anacrónicos modêlos de estilo.

GARRETT: desenho de A. Piedade.
Fac-simile da assinatura do escritor.

O romance, o teatro, o ensaio, seguiram caminho idêntico ao da poesia — e, generos novos ou velhos, mantiveram feição idêntica à perene feição da nossa literatura, cívica, nacional através de tudo. Alexandre Herculano, Castilho, Camilo, — mestres eternos — enfileiram ao lado de Garrett, demonstrando-o com seus livros de imaginação ou de erudição, de história ou de polémica, de poesia ou de crítica. Perante as ideas que então percorrem a Europa, perante o mar, que sempre nos atraiu e a cuja fascinação devemos a palavra e o sentimento «saüdade», perante a mulher e o amor, perante os sonhos do progresso e da justiça, perante o acordar e pulsar da alma do povo — a nossa atitude é de entusiasmo e adoração, de decepção melancólica ou de trágica e discreta angústia.

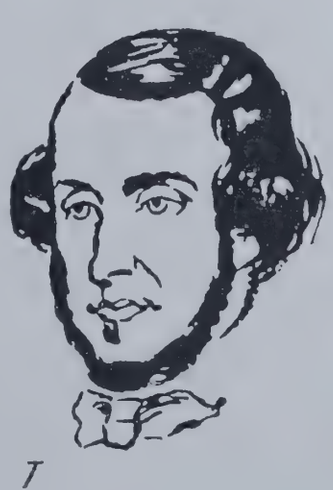
Essa atitude de sempre — o romantismo a confirmou, fortaleceu e alargou. Não o supunhamos de forçada e voluntária importação estrangeira, não o julguemos solução de continuïdade na nossa normal evolução literária.

O seu bafejo, o seu hálito, que nos toca ainda hoje, foi vitoriosamente produtivo. Mas as sementes, que fêz florir e frutificar, o solo português as albergava, as abrigava e alimentava. E eram irmãs, se não gémeas, das sementes, das mais seivosas sementes abrolhadas nas obras dos nossos grandes escritores de todos os tempos.

VI — ALMEIDA GARRETT

GARRETT: desenho de Carlos Craveiro

BIBLIOGRAFIA:—Obras originais — *Hymno patriotico*, Porto, 1820; O *dia vinte e quatro d'agosto*, Lisboa, 1821; *O retrato de Venus*, Coimbra, 1821; Porto, 1867; Porto, 1884; Lisboa, 1900; *Catão*, Lisboa, 1892 (com a farça *Corcunda por amor*); Londres, 1830; Lisboa, 1840, 1845, 1859, 1877, 1899, 1900; *Camões*, Paris, 1825; Lisboa, 1839, 1844, 1854, 1858, 1863; Porto, 1880 (três tiragens diversas); Lisboa, 1886 (duas tiragens), 1899, 1900 (tiragem de 60 exemplares em três qualidades de papel), 1901, 1904; Porto, 1916; *D. Branca*, Paris, 1826; Lisboa, 1854, 1857, 1861, 1874. 1899, 1899 (Empreza da Historia de Portugal), Porto, s. d. (Colecção Lusitania); *Adozinda*, Londres, 1828; Lisboa, 1843 (no tomo I do *Romanceiro*), 1853 (Id.); *Lyrica de João Minimo*, Londres, 1829; Lisboa, 1853, 1858, 1869, 1882, 1899; *A lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira*, Londres, 1829; *Da educação*, Londres, 1829; Porto, 1867, 1883; Lisboa, 1899; *Carta de Mucio Scevola ao futuro editor do primeiro jornal liberal que em portuguez se publicar*, Londres, 1830; *Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda, Barão de Sabroso*, Londres, 1830; Lisboa, 1900; *Portugal na balança da Europa*, Londres, 1830; Porto, 1867, 1884; Lisboa, 1899, 1900; *Relatorio dos decretos n.º 22, 23 e 24; Da organização*



GARRETT: desenho de Saavedra Machado

e da administração da Fazenda Publica, da organização administrativa, da organização judiciaria, Lisboa, 1832; *Manifesto das Cortes Constituintes á Nação*, Lisboa, 1837; *Da formação da segunda Camara das Cortes*, Lisboa, 1837; *Programma do festejo que pelo faustissimo anniversario da Rainha a snr.ª D. Maria II, no dia do nome de El-Rei o snr. D. Fernando, faz o Conservatorio Dramatico de Lisboa*, Lisboa, 1840; *Discurso do snr. Deputado pela Terceira*, Lisboa, 1840; *Merope, Gil Vicente*, Lisboa, 1841, 1856, 1869, 1880, 1899; *O Alfageme de Santarem ou a espada do Condestavel*, Lisboa, 1842, 1856, 1863, 1872, 1900, 1912; Pôrto, 1916 (tem tiragem especial), s. d. (com a *Filipa de Vilhena*, ed. Lelo), Lisboa, s. d. (da Livraria Popular de Francisco Franco); *Romanceiro e Cancioneiro Geral, I, Adozinda e outros*, Lisboa, 1843; *II*, Lisboa, 1851; *III*, Lisboa, 1851; *I*, Lisboa, 1853; Lisboa, 1863, 1875, 1899; *Memoria historica do conselheiro Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro*, Lisboa, 1843; *Miragaia*, Lisboa, 1844; *Frei Luiz de Souza*, Lisboa, 1844 (duas tiragens), 1856, 1860, 1869, 1883, 1899 (duas), 1902; Porto, s. d., Lisboa, 1915; Pôrto, s. d. (1915, com *um auto de Gil Vicente*), Lisboa, s. d. (Livraria Franco); Porto, s. d. (duas); *Flores sem fructo*, Lisboa, 1845, 1858, 1874, 1899, 1900; *O Arco de Sant'Anna, Chronica portuense, Manuscripto achado no Convento dos Grillos do Porto por um soldado do Corpo Academico, I*, Lisboa, 1845; *II*, Lisboa, 1850; *I* e *II*, Lisboa; 1851, 1852, 1859, 1871, 1892, 1899, s. d. (Colecção selecta), 1917; Porto s. d. (ed. Lelo), 1922; *Os Exilados, A M.me Rossi Caccia, cantando no Baile de subscripção a favor dos emigrados*, Lisboa, 1845; *Philippa de Vilhena*, Lisboa, 1846, 1859, 1876 1899; *Viagens na minha terra*, Lisboa, 1846, 1857, 1861, 1870, 1883, 1899; Porto, s. d., Lisboa, s. d. (Colecção selecta); Porto, s. d. (Colecção Lusitana), s. d. (1921); Lisboa, 1931; *Memoria historica da Excellentissima Duqueza de Palmella, D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama*, Lisboa, 1848; *A Sobrinha do Marquez*, Lisboa, 1848, 1859, 1877 (tem a mais *As Prophecias do Bandarra* e *Um noivado no Dáfundo)*, 1899 (duas); Pôrto, 1921 (duas); *Memoria historica de José Xavier Mousinho da Silveira*, Lisboa, 1849, *Protesto contra a proposta de lei sobre a liberdade de imprensa*, Lisboa, 1850; *Convenção litteraria entre Sua Magestade a Rainha de Portugal e dos Algarves, e o Presidente da Republica Franceza*, Lisboa, 1851; *Estatutos da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, 1852; *Folhas cahidas*, Lisboa, 1853; Porto, s. d. (no vol. *Poetas do amor*, da *Colecção Lusitana)*; *Fabulas e folhas cahidas*, Lisboa, 1853, 1856, 1859, 1869, 1892, 1899; *Collecção de decretos e regulamentos sobre a inspecção e regimen dos theatros*, Lisboa, 1856; *O noivado no Dáfundo, ou cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, Proverbio n'um acto*, Lisboa, 1857, 1858; *Helena, Fragmento de um romance inedito*, Lisboa, 1876, 1898, 1899; *Discursos parlamentares e memorias biographicas*, Lisboa, 1871, 1882, 1899, 1901; *Escriptos diversos*, Lisboa, 1877, 1899 (duas), 1901, *Ignês de Castro, Projecto do drama. Rascunho de algumas scenas, Divulgado por Joaquim de Araujo*, Lisboa, 1897; *Pegas de Cintra*, Lisboa, 1897; *O impromptu de Cintra*, Lisboa, 1899; *Memoria historica do Conde de Avilez*, Lisboa, 1900; *Odes anacreonticas, compostas e offerecidas ao Senhor Francisco Homem Ribeiro*, Evora, 1903; *Obras posthumas*, (Lucrecia, Atala, Afonso d'Albuquerque, Sophonisba, O amor da patria, La lezione agli amanti, O Conde de Novion e Magriço), Lisboa, 1914 (teve tiragem especial de 10 exemplares); *A Annalia*, Lisboa, 1932; *Tio Simplicio*, Lisboa, s. d. Em 1904 publicaram-se as *Obras completas de Almeida Garrett, Grande edição popular illustrada, Prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Theophilo Braga*, em dois volumes (com tiragem de 12 exemplares especiais) e noutra edição com 28 volumes.

GARRETT, QUANDO SOLDADO DO BATALHÃO ACADEMICO.
Óleo de Manuel de Araújo Porto Alegre
(Barão de Santo Ângelo)

GARRETT, SOLDADO VOLUNTÁRIO N.º 72 DO BATALHÃO ACADEMICO, FAZENDO SENTINELA À PORTA DO CONVENTO DOS GRILOS NO PORTO.
Quadro existente no Museu Militar.

Jornais em que colaborou e que dirigiu: *Gazeta de Lisboa* (1819); *Genio Constitucional* (1820); *Mnemosine Constitucional* (1820); *O Patriota* (1820-1821); *Portuguez Constitucional Regenerado* (1821-1822); *Borboleta Constitucional* (1821); *O Patriota Funchalense* (1821); *O Toucador* (1822); *Jornal da Sociedade Litteraria Patriotica* (1822); *Heraclito e Democrito* (1823); *O Popular* (1824-1826); *O Portuguez* (1826); *O Chronista* (1827); *Chaveco Liberal* (1829); *O Precursor* (1831); *O Pelourinho* (1831-1832); *O Portuguez Constitucional em Londres* (1832); *Chronica Constitucional de Lisboa* (1833-1834); *Correio das Damas* (1836); *O Portuguez Constitucional* (1836); *O Nacional* (1837); *O Entre-acto* (1837); *O Constitucional* (1838); *Correio de Lisboa* (1839); *O Biographo* (1839); *Jornal do Conservatorio* (1840); *Revista do Conservatorio Real de Lisboa* (1842); *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa* (1843); *Revista Universal Lisbonense* (1842-1853); *Revolução de Setembro* (1842-1852); *Diario do Governo* (1839-1851); *Jornal de Bellas Artes* (1843); *Illustração* (1845-1846); *Coallisão* (1845); *O Trovador* (1848); *O Popular* (1848); *A Epocha* (1848); *A Semana* (1851).

Encontram-se escritos seus nas seguintes publicações: *Collecção das poesias recitadas na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, nas noites de 21 a 22 de Novembro, em publica demonstração de regosijo pelo feliz resultado do dia 17*, Coimbra, 1821; *Discursos e poesias funebres*

D'aprés une Fhoto de Nasy (à Lisbonne)

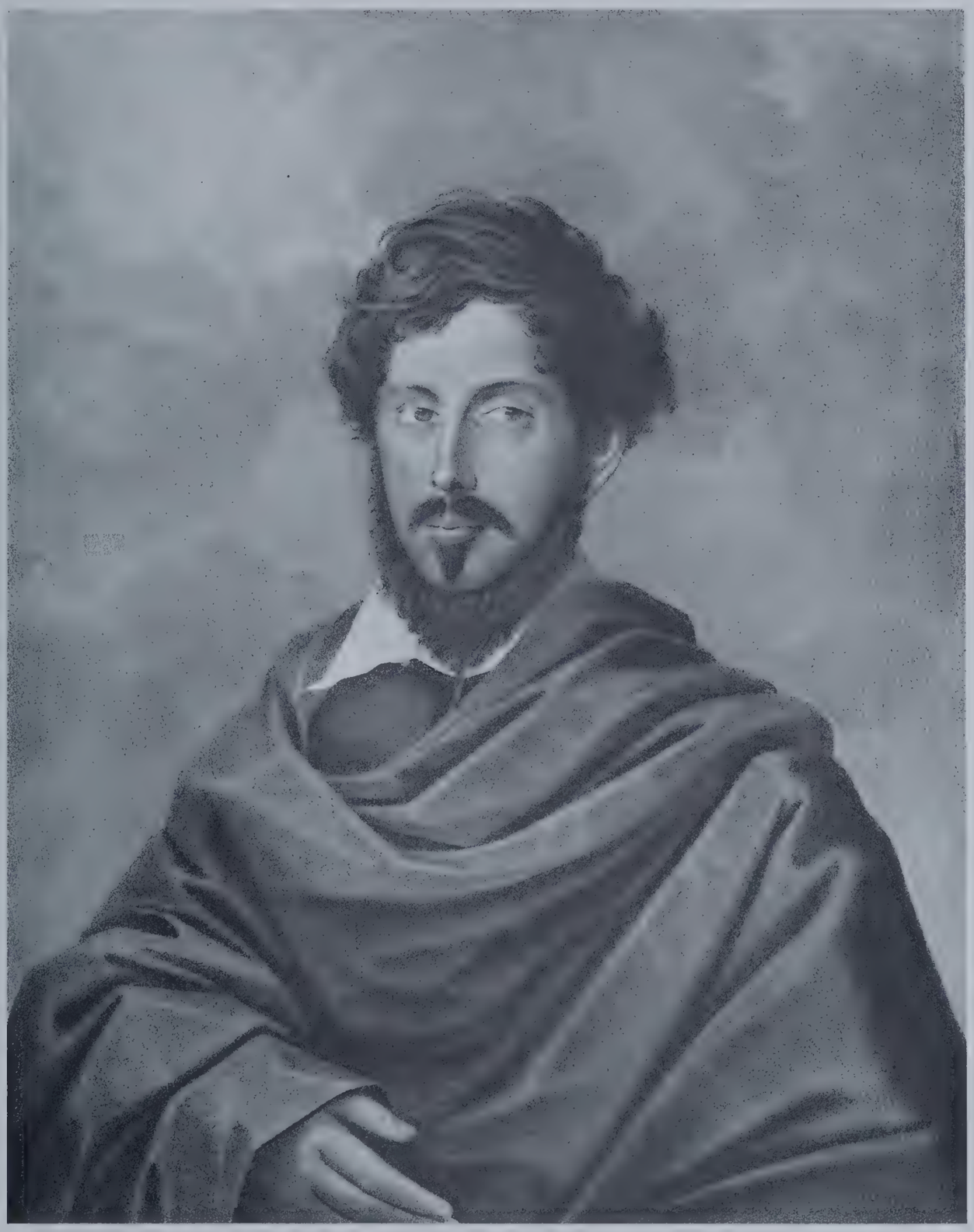
Imp. Lemercier. Paris

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Retrato publicado em 1858 em *Os Amores de P. Ovidio Nasão.*

Retrato publicado no vol. I, págs. 296-297 da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil.*

COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS



R. Off. lith. 1834

J. B. DE ALMEIDA GARRETT

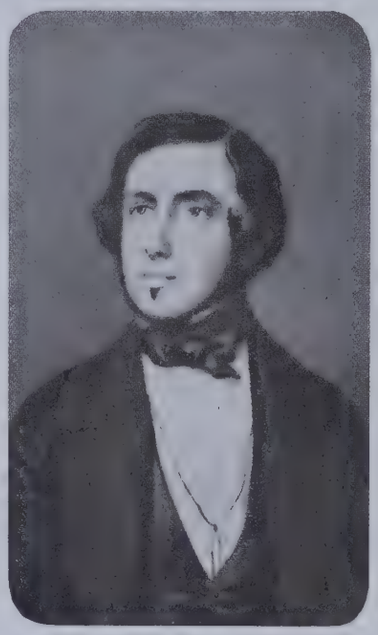
NASC. NO PÔRTO 1800

Sendim, do vivo del. e lithog.

(Dêste retrato fêz-se uma reprodução em pequeno formato, em fotogravura. Errado o ano do nascimento, que é 1799.
Da colecção de H. de C. Ferreira de Lima)

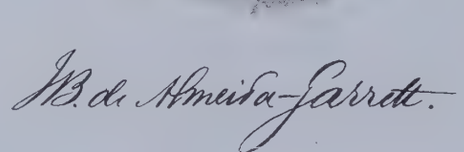
recitadas a 27 de Novembro de 1822, em sessão extraordinaria da Sociedade Litteraria Patriotica, celebrada para prantear a dor e orfandade dos Portugueses na morte de Manuel Fernandes Thomaz, Lisboa, 1823, 1883; *Parnaso Lusitano*, Paris, 1826-1827 (traz o *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*); *Memorias para servirem á historia dos factos de patriotismo e valor praticados pelo ... corpo academico*, por J. P. Soares Lima, Lisboa, 1837; *Opusculo acerca da origem da lingua portugueza*, Lisboa, 1844; *Sermão prégado na dedicação da capela da invocação de N. S. do Rosario*, por Carlos do Cenáculo, Lisboa, 1847; *Ignez de Castro. Iconographia. Historia. Litteratura*, Lisboa, 1880; *O Paço de Sintra*, pelo Visconde de Castilho, Lisboa, 1886; *Os primeiros versos de Soneto*, por Mendo Bem (Moniz e Bettencourt), Porto, 1902 (teve tiragem especial); *Aere perennius. Á memoria de D. Maria Isabel Van Zeller ...*, Porto, 1908.

Edições brasileiras: *Catão*, Rio de Janeiro, 1833, 1843; *Camões*, Rio de Janeiro, 1838; Bahia, 1839; Rio de Janeiro, 1843 (no *Archivo Poetico*), 1844 (no *Museu Universal*); Lisboa (aliás Rio de Janeiro), 1880, 1902; *Dona Branca*, Bahia, 1839; Rio de Janeiro, 1843 (no *Archivo Poetico*), 1834 (no *Museu Universal*); Porto Alegre, 1859; New York (aliás Porto Alegre), 1860; *Um Auto de Gil Vicente*, Rio de Janeiro, 1842; *O Alfageme de Santarem*, Rio de Janeiro, 1842; *Merope*, Rio de Janeiro, 1842; *Frei Luiz de Sousa*, Rio de Janeiro, 1844, 1920; *Folhas cahidas*, Rio de Janeiro, 1853 (duas edições); *Falar verdade e mentir*, Rio de Janeiro, 1858; *O Retrato de Venus*, Rio de Janeiro, 1761. Para mais pormenores consultar *Garrett e o Brasil*, por H. C. Ferreira Lima, Rio de Janeiro, 1923.



GARRETT. MINIATURA DE P. A. GUIGLIELMI
[Pertence ao Sr. Eduardo da Cunha e Costa (Picoas)]

Traduções — Do poema *Camões* há as seguintes traduções: alemã de Adolph Frederich Von Schaet, *Camoens*, Stuttgart, 1890; francesa de Henri Faure, *Camoens*, Paris, 1880 e italiano do Conde Adriano di Valliranca, *Camoens*, Napoli, 1907; do *Frei Luiz de Sousa* há as seguintes traduções: alemãs de Wilhelm Luckner, *Luiz de Sousa*, Frankfurt, 1847, e de Georg Winkler, *Manoel de Sousa*, Wien und Leipzig, 1889; espanholas de D. Emilio Garcia Olloquis, *Frey Luis de Sousa*, Lisboa, 1859, e depois no vol. 3.º das suas *Obras poeticas*, Alessandria d'Egitto, 1884, de D. Alvaro de las Casas, *Frey Luis de Sousa*, Madrid, s. d., e de D. Luis Lopez Ballesteros y D. Manuel Paso (em verso), *Despues del combate*, Madrid, 1890; francesas de Henrique Faure (em verso) *Coeurs héroïques*, Moulins, 1899; de Maxime Formont, *Frere Luiz de Sousa*, Paris, 1904; do barão de Sant'Anne Nery, *Le Frére Luiz de Sousa*, e de Georges le Gentil, *Luiz de Sousa*, Paris, 1926; inglesa de Edgar Prestage, *The Brother Luiz de Sousa*, London, 1909; italiana de Giovenale Vegezzi Ruscalla, *Fr. Luigi de Sousa*, Torino, 1850, e Milano, 1860; das *Viagens na minha terra*, existem estas traduções: francesa de Henri Faure, *La Jeune fille aux rossignals*, Moulins, 1899; alemã de Adolf Seubert, *Der Mönch von Santarem*, Leipzig, 1905, e italiana de Antonio Padula, *La fanciula dagli resignuoli*, Napoli, 1902; da *Sobrinha do Marquez*, há uma tradução francesa de Ortaire Fournier, *La nièce du Marquis*, Lisbonne, 1852, e de *Fallar verdade a mentir*, da tradução francesa do Barão de Sant'Anna Nery, de Paris, 1884.



ALMEIDA GARRETT. Retrato da 1.ª ed. do *Frei Luiz de Sousa* (1840). P. A. Guiglielmi fecit. Lith. de Manuel Luiz.

Para conhecimento destas traduções completas e das fragmentárias, vêde *As Traduções das obras de Garrett*, nos *Estudos garretteanos*, por H. de C. Ferreira Lima, Porto, 1926.

De algumas obras de Garrett foram extraídas peças teatrais e óperas: do *Arco de Sant'Ana*, extraíram dramas Carlos Borges (1879) e Pinto Martins; sôbre esta obra e sôbre *Um auto de Gil Vicente*, compôs o maestro Francisco Sá Noronha as óperas *Arco de Sant'Ana* (1868) e *Beatriz de Portugal* (1862); sôbre o *Fr. Luiz de Sousa* compôs uma ópera o maestro Freitas Gazul (1891), e sôbre a *D. Branca* compôs uma ópera o maestro Alfredo Keil (1888).

Sôbre esta materia vejam-se os folhetins de H. de C. Ferreira Lima *Garrett na música*, publicados no *Jornal do Comércio e das Colónias*.

Algumas das obras de Garrett foram parodiadas, como as *Folhas cahidas*, nos seguintes folhetos: *Folhas cahidas apanhadas a dente*, por Pedro Diniz, Lisboa, 1854, e Porto, 1866; *Folhas cahidas apanhadas na lama*, por Camilo Castelo Branco, Porto, 1854. Sôbre êste assunto vide Henrique de Campos Ferreira Lima, *Paródias garrettianas*, folhetins do *Jornal do Comércio e das Colónias*, de 1925, e *Paródias na literatura portuguesa*, Lisboa, 1930.

Estudos principais a consultar sôbre a sua figura e obra. — Além da sua *autobiografia*, publicada anónima no vol. 3.º do *Universo Pittoresco*, há os seguintes: F. Gomes de Amorim, *Garrett — Memorias biographicas*, Lisboa, 1881-1884; Teófilo Braga, *Historia do romantismo em Portugal — Ideia geral do romantismo — Garrett, Herculano, Castilho*, Porto, 1880; *Garrett e o romantismo*, Porto, 1903; *Garrett e a sua obra*, Lisboa, 1904, e *Garrett e os dramas românticos*, Porto, 1905; Rebêlo da Silva, *Apreciações literárias*, Lisboa, 1909; Lopes de Mendonça, *Memorias de litteratura contemporanea*, Lisboa, 1855; Bulhão Pato, *Sob os cyprestes*, Lisboa, 1877, e *Memorias*, Lisboa, 1894; Latino Coelho, *Garrett e Castilho*, Lisboa, 1917; Domingos Manuel Fernandes, *Biographia politico-litteraria do Visconde de Almeida Garrett*, Lisboa, 1873; Mendes Leal, *Elogio historico do socio effectivo Visconde d'Almeida Garrett*, Lisboa, 1856; Fidelino de Figueiredo, *História da literatura romântica*, Lisboa, 1923; Henrique de Campos Ferreira Lima, *Estudos garrettianos*, Porto, 1923; *Garrett e a Academia*, Coimbra, 1925; *Garrett e a Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa*, Lisboa, 1927; *Garrett, soldado do Corpo de Voluntários Academicos*, Lisboa, 1930; *Notas a propósito duma poesia inédita de Garrett*, Coimbra, 1931; *Garrett diplomata*, Porto, 1932; *Garrett estudante em Coimbra*, Figueira da Foz, 1935; *Garrett e Sá da Bandeira*, Lisboa, 1938; Joaquim de Araujo, *Fr. Luiz de Sousa*, Lisboa, 1906; Xavier da Cunha, *Garrett e os cantores de S. Carlos*, Lisboa, 1909; Fernandes Thomaz, *Garretiana — Divagações e transcripções*, Figueira da Foz, 1899; Saran d'Allard, *Le Viconte d'Almeida Garrett et les romantiques français*, Paris, 1900; Alberto Bessa, *Garrett dia a dia*, Lisboa, 1907; Georges Le Gentil, *Almeida Garrett — Un grand romantique portuguais* Paris, 1927; Otto Antscherl, *J. B. de Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*, Heidelberg, 1927; José Osório de Oliveira, *O romance de Garrett*, Porto, 1935. Veja-se tambem o *Boletim da Sociedade Literária Almeida Garrett* (1905-1914).

Sob o ponto de vista *amoroso:* Xavier da Cunha, *Cartas amorosas de Garrett*, Lisboa, 1899 e Julio Brandão, *Garrett e as cartas de amor*, Pôrto, 1913 — *bibliográfico:* Marquês de Faria, *Garrett em França, notas de bibliographia*, Paris, 1899; *A Trasladação de Garrett, Bibliographia das publicações feitas*, Paris, 1903; *Garrettiana da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1900; Henrique de Campos Ferreira Lima, *Subsídios para a bibliografia garrettiana, Variantes Garrettianas*, Coimbra, 1917; *Garrett e o Brasil, Notas bibliográficas*, Rio de Janeiro, 1923; *Os ex-libris de Garrett*,

Porto, 1917; a mais completa *bibliografia garretteana* vem no vol. de T. Braga, *Garrett e os dramas romanticos; genealógico:* Marquês de Faria, *Apontamentos genealógicos sobre as familias do Visconde e da Viscondessa de Almeida Garrett.* Livorno, 1904; *arqueológico:* Victor Ribeiro, *Garrett e a archeologia portugueza,* Lisboa, 1903; *jornalístico:* Henrique de Campos Ferreira Lima, *Garrett jornalista,* folhetins no *Jornal do Comércio e das Colónias,* de 1926.

a) — O homem

GARRETT — João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett — é a figura máxima do romantismo português. Seu génio se patenteou em muitos géneros literários, na poesia, no romance, no teatro, na oratória, no jornalismo, e, ainda, na etnografia, na pedagogia e na política.

ALMEIDA GARRETT. Retrato inserto em *Garrett, Memorias biographicas,* por Francisco Gomes de Amorim. Lisboa, 1881.

Nasceu no Pôrto, na rua do Calvário, a 4 de Fevereiro de 1799. Era filho de António Bernardo da Silva Garrett (1749-1834), selador-mór da Alfândega do Pôrto, agraciado com a mercê do hábito de Cristo, fidalgo cavaleiro da Casa Real, proprietário na Ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Ana Augusta de Almeida Leitão; neto paterno de José Ferreira da Silva e de D. Antónia Margarida Garrett, filha do capitão D. Fernando ou D. Bernardo Guarrete (Garrete, Guarret, Guaret, Garrett ou Guarete) e de D. Ângela Maria Viznaro; bisneto paterno de José Fernandes Juste e de D. Luísa Ferreira da Silva; neto materno de José Bento Leitão, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, deputado da Junta da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, e de sua segunda mulher D. Maria do Nascimento e Almeida; bisneto materno de Domingos Gomes, sapateiro e morador em Vila do Conde, depois mamposteiro-mor dos cativos da Casa da Misericórdia daquela vila, e de D. Mariana Josefa do Rosário; terceiro neto materno de Lourenço Francisco e de D. Francisca Gomes, pessoas de classe humilde, naturais de Vila do Conde.

Pelas quintas do Sardão e do Castelo, em Vila Nova de Gaia, lhe passou descuidosa a primeira quadra da vida, até que, em 1809, a invasão de Soult obrigou seus pais a emigrarem para os Açores.

Durante êsses onze anos recebeu a juvenil imaginação de Garrett o influxo da velha criada Brígida, que Lopes Vieira celebrizou no seu livro *País lilás, Destêrro azul,* a da mulata Rosa de Lima, as duas «doces colaboradoras de Garrett», como lhes chamou o Sr. Dr. Bernardino Machado, que, com a recitação de contos e lendas de tradição poética nacional, nêle deixaram indeléveis impressões dos primeiros elementos da poesia popular, donde, mais tarde, brotou o *Romanceiro.*

Em Angra, na Ilha Terceira, fêz os seus estudos. Foram seus professores: o padre João António, de latinidade, aritmética e geometria; seu tio João Carlos Leitão, medíocre poeta da escola bocageana, que o encaminhou na leitura de Aristóteles e Horácio, e Joaquim Alves que lhe ensinou rectórica, poética, filosofia e grego.

Além disso, o tio bispo, D. Frei Alexandre da Sagrada Família, grando erudito, observando nêle um natural pendor para todos os estudos, deu-lhe noções das várias ciências e de filologia e fêz-lhe ler, nos originais, as obras mais célebres das literaturas antigas e modernas.

Sua família, principalmente êste seu tio, destinava-o para a vida eclesiástica, chegando mesmo a receber ordens menores, mas Garrett, não sentindo em si a menor vocação para ela, pediu licença a seus pais para vir a Portugal e aqui freqüentar o curso jurídico da Universidade de Coimbra.

Acederam êles a êste justo desejo, para o que, parece, muito contribuiram certos precoces amores por uma jovem inglesa, que lhe inspiraram as *Odes anacreônticas,* e um sermão que, de improviso, prègou na Ilha Graciosa. Esta resolução causou profundo desgôsto ao tio bispo, que nêle esperava ver surgir uma glória da igreja, e enorme satisfação ao tio desembargador, João Carlos Leitão, que lhe augurava um brilhante futuro na carreira escolhida.

Em 23 de Novembro de 1816, matriculou-se no 1.º ano de Leis, concluindo o curso de Direito em 1821.

Enquanto estudante, escreveu as tragédias *Lucrécia, Xerxes, Merope, Atala, Afonso Africano, Esfonisba* e *Oedipo,* que foram representadas no teatro dos Coutinhos, desempenhando Garrett, nelas, alguns papéis. A revolução liberal de 24 de Agosto de 1820 fê-lo redigir

ALMEIDA GARRETT (1853). Retrato publicado na *Revista Peninsular*, vol. I, 1856.

Fertig lith. *Lith. de Lopes & Bastos, R. N. dos M.es, n.º 14. Lisboa, 1855.*

proclamações inflamadas, em que pugnava pelo direito de voto nas eleições paroquiais, de que pretendiam esbulhar os estudantes. Em Coimbra pertenceu à sociedade secreta dos Jardineiros, onde se estreiou como orador.

O triunfo revolucionário inspirou-lhe poesias patrióticas, entre elas o *Hymno Patriotico*, primeiro trabalho que imprimiu.

Em Lisboa, no teatro do Bairro Alto, realizou-se, em 29 de Setembro de 1821, a representação da sua tragédia *Catão*, alusiva àquele momento histórico, em que recitou o prólogo e desempenhou o papel de Brito. Foi nessa noite que se apaixonou pela formosa Luiza Midosi, que veio a ser sua mulher, e de quem, mais tarde, se separou.

Neste mesmo ano, tendo publicado o poema *Retrato de Venus*, foi processado judicialmente, por conter matéria heterodoxa e ser um pouco livre. Êle próprio se defendeu, pronunciando, então, um notável discurso, que lhe rendeu a absolvição.

A reacção absolutista de 1823 obrigou-o a abandonar o seu emprêgo de oficial da secretaria do Ministério do Reino e a emigrar para Inglaterra, donde regressou a Lisboa a 22 de Agosto, porém, oito dias decorridos, teve de procurar de novo o exílio naquele clássico país da liberdade.

Na residência da família Hadley, no condado de Warwich, pátria de Shakespeare, encontrou hospitaleiro acolhimento.

Longe da pátria, e carpindo saüdades por ela, leu os poetas inglêses de então — Walter Scott, Byron, etc. — e os cantos populares da Inglaterra e da Escócia, nas colecções *Poetry of the Scoltish border*, de Walter Scott, e *Reliques of antient english poetry*, de Perry, que despertaram nêle as reminiscências infantis das trovas populares que ouvira nessa época longínqua. Estas recordações e leituras e, ainda, a contemplação das ruinas de castelos feudais e das igrejas góticas, influíram, grandemente, na sua conversão ao novo credo romântico.

Falto de recursos para se manter a si e a sua mulher, passa à França, onde consegue um modesto emprêgo comercial em Havre de Grâce.

Assim tem ocasião de conhecer e apreciar de perto a nova corrente literária do romantismo.

Na pátria de Chateaubriand, de Lamartine e Vigny, publica a sua bela elegia *Camões* (1825), inspirado no quadro *Últimos momentos de Camões*, do grande pintor Domingos António de Sequeira, então em exposição no Museu do Louvre, e o poema *D. Branca*, baseado na

lenda dos amores da infanta Dona Branca com o príncipe mouro Ben-Afan.

Dêstes dois poemas escreveu Alexandre Herculano: «Os poemas *D. Branca* e *Camões* apareceram um dia nas páginas da nossa história literária sem precedentes que os anunciassem, um representando a poesia nacional, o *romântico*; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo às vezes o carácter meridional de seu autor. Não é para êste lugar o exame dos méritos ou deméritos dêstes dois poemas; mas o que devemos lembrar é que êles são para nós os primeiros e até agora únicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a dos nossos maiores».

Acêrca da possível influência dos românticos franceses sôbre Garrett, escreveu o falecido lusófilo Henri Faure, no prefácio da sua tradução do *Camões*: «C'était l'époque où fleurissait le romantisme, Bernardin de Saint-Pierre et M.me de Staël étaient morts depuis quelques années, et la politique absorvait Chateaubriand; mais Casimir Delavigne venait de publier ses *Méssiennes* (1818), Lamartine ses *Méditations* (1820), Alfred de Vigny ses *Poëmes* (1822) et M. Victor Hugo ses *Odes et Ballades* (1822): il nous semble impossible que Garrett, qui écrivit à la même époque ses deux poëmes immortels, *Camoens* et *D. Branca*, n'ait rien retenu de son commerce avec ces beaux génies».

Retrato de Almeida Garrett (1851)
publicado na revista *Garrett, periodico quinzenal, litterario, biographico e artistico*, 1867. N.º 1.

Com estes dois poemas renovou Garrett a literatura portuguesa, criando nela o gôsto pelo cultivo das tradições populares.

Em Paris organizou também o *Parnaso Lusitano* (1826-1827), colecção das composições dos nossos melhores poetas, que fêz preceder pelo seu *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*.

Em 1826, em seguida à outorga da Carta Constitucional, regressou a Lisboa, onde publicou o escrito político *Carta de guia para eleitores*.

Entra, então, no jornalismo combativo, fundando o *Portuguez*, em que inicia, entre nós, a crítica teatral, e o *Chronista*, periódicos destinados a defender os princípios liberais e que, muito combatidos por José Agostinho de Macedo na *Gazeta de Lisboa*, foram, finalmente, suspensos por ordem da regente, a Infanta D. Izabel Maria, e os seus redactores presos na cadeia do Limoeiro, durante algum tempo. Garrett alcançou a sua liberdade pelas solicitações de sua mulher à Infanta e emigrou pela terceira vez para Inglaterra, para fugir às perseguições promovidas contra os liberais, depois da aclamação do Infante D. Miguel em 1828.

Ali escreveu a *Carta de Múcio Scevola* (1830), como protesto contra a precária situação dos emigrados, principalmente os do depósito de Plymouth.

Em 1829, ainda em Londres, publicou a *Adozinda*, primeira tentativa para o ressurgimento do romanceiro

nacional; a *Lyrica de João Minimo*, colecção das suas poesias arcádicas; *Da educação*, constituído por cartas destinadas a encaminhar a educação da futura raínha D. Maria II, cuja preceptora era D. Leonor da Câmara, mais tarde Marquesa de Ponta Delgada e o livro de carácter político *Portugal na balança da Europa*, e redigiu os periódicos *Chaveco liberal* e *O Precursor*, para alentar a projectada expedição de D. Pedro, Duque de Bragança.

Nela se incorpora, em Belle-Isle, vindo de Paris, fazendo parte de um batalhão organizado em França, embarcando a 29 de Fevereiro de 1832 a bordo da corveta *Junus*, juntamente com outros emigrados ilustres, como Alexandre Herculano, Joaquim António de Aguiar, Silva Sanches, Fernandes Coelho, André Joaquim Ramalho, Francisco de Sena Fernandes, Basílio Cabral, Manuel António Velez Caldeira, etc.

Desembarcou na Ilha Terceira no dia 17 de Março e, dias depois, passou ao Corpo de Voluntários Académicos.

Na Ilha de S. Miguel, para onde se transferira por ordem de D. Pedro, trabalhou, durante dois meses, com o estadista Mousinho da Silveira, nas célebres leis da ditadura que tanto revolveram a sociedade portuguesa.

Em 27 de Junho, finalmente, velejaram os navios, que conduziam a expedição, com destino a Portugal. Almeida Garrett embarcara no lugre ou escuna mercante inglesa *Concordia*.

ALMEIDA GARRETT, PAR DO REINO
Óleo do pintor Albino Cunha. Pertence ao 3.º Visconde de Almeida Garrett

Sendo já passados dez dias de viagem, avistaram terras de Portugal na tarde de 7 de Julho. Foi indescritível a alegria que, em suas almas, sentiram aquêles portugueses há tanto tempo exilados da sua Pátria!

No dia seguinte, em Arnosa de Pampelido, se efectuou o desembarque do Exército Libertador. O Corpo Académico de que Garrett fazia parte alojou-se, no Pôrto, no Convento dos Grilos.

O poeta residiu ora aqui, ora na mesma casa em que vivia Mousinho da Silveira, na rua da Fábrica e prestava serviço militar no seu corpo, quando o julgava útil à causa liberal.

Foi nêste quartel que escreveu a maior parte do seu romance *O Arco de Santana*, dedicado ao coronel João Pedro Soares Luna, seu comandante.

Por ordem do Duque de Bragança passou a fazer serviço na Secretaria do Reino e, algumas vezes, cumulativamente, na dos Estrangeiros.

A êle se devem a redacção do alvará e respectivo preâmbulo da nova organização da Ordem da Tôrre e Espada; do decreto que condecorou com esta ordem o Batalhão de Caçadores n.º 5, o de Voluntários da Raínha D. Maria II e mais cento e cincoenta praças que se haviam distinguido na acção de Ponte Ferreira.

Em 19 de Novembro foi nomeado para acompanhar a missão diplomática que, chefiada pelo Duque de Palmela, levando como secretário José Balbino de Barbosa e Araújo, e de que fazia, também, parte Mousinho de Albuquerque, de quem servia de secretário, se deveria dirigir às côrtes de Londres e Paris, afim de solicitar os auxílios materiais e morais de que carecia a causa da Raínha D. Maria II.

Dissolvida esta missão, Garrett ficou em Inglaterra, sem recursos, nem para se poder manter, nem para regressar a Portugal. Auxiliado por um amigo, que lhe pagou a passagem, transportou-se para Paris, onde, só passados alguns meses, conseguiu receber os subsídios que aos emigrados portugueses concedeu o govêrno do rei Luís Filipe.

Nesta cidade morou Garrett, com sua mulher, sua filha e sôgro, numa pobre água-furtada da calçada d'Antin. Ali o visitava, com freqüência, o pintor e poeta brasileiro Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, depois barão de Santo Ângelo, que lhe fêz, por êsse tempo, o seu retrato a óleo, com a farda do Corpo Académico.

Finalmente, depois de muitos trabalhos, conseguiu chegar a Lisboa em Outubro de 1833, depois de ter tido conhecimento da feliz entrada das tropas liberais, do comando do Duque da Terceira, na capital.

Por decreto de 2 de Novembro foi nomeado vogal e secretário da comissão encarregada da reforma geral dos estudos.

Terminada a guerra civil, com o triunfo da causa liberal, recebeu, em 14 de Fevereiro de 1834, a nomea-

ção de encarregado de negócios e cônsul geral na côrte da Bélgica.

Nêste país adquiriu o conhecimento da língua alemã, o que lhe permitiu ler Herder, Schiller e Goëthe, entre outros escritores germânicos. Ficaram ali célebres as modas *à Garrett*.

Nêste pôsto diplomático sofreu Garrett os maiores vexames pela falta de pagamento dos seus ordenados e de resposta às suas constantes reclamações.

Por fim em 7 de Novembro de 1835, por ordem expressa da Raínha, motivada talvez pela má conduta de sua mulher em Bruxelas, de quem pouco depois se separou, foi exonerado do seu cargo e nomeado para a côrte da Dinamarca, para onde não chegou a partir, pois logo foi demitido desta missão.

Em 1836 já estava em Lisboa, onde fundou o jornal *Portuguez Constitucional*, que influiu poderosamente para o bom êxito da revolução de Setembro.

Colaborou, então, com Passos Manuel, nas diferentes reformas por êste estadista empreendidas e redigiu a Constituïção de 1838.

Elaborou o plano para a fundação e organização do teatro nacional, pelo qual foi criado o Conservatório da Arte Dramática e a Inspecção Geral dos Teatros.

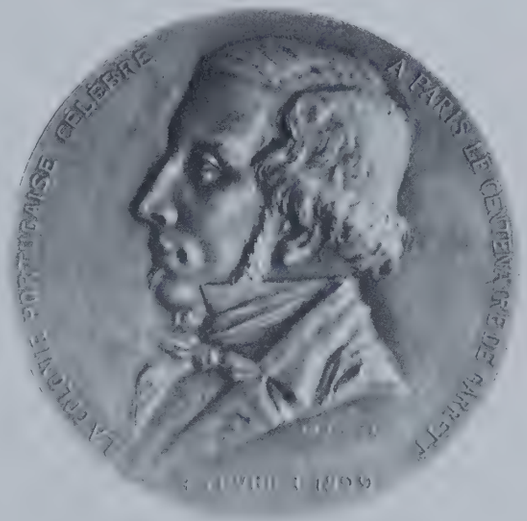
Êle próprio deu o exemplo aos autores e actores dramáticos, para a restauração e renovação do nosso antigo teatro, escrevendo, sob a influência ou sugestão da edição do dramaturgo, feita pelo seu amigo Barreto Feio, *Um auto de Gil Vicente*, em que é protagonista o criador do nosso teatro.

Em 1837 foi eleito deputado e pronunciou, em 9 e 12 de Outubro, dois magníficos discursos sôbre a formação da segunda câmara das côrtes. Porém a mais notável das suas peças oratórias é o discurso chamado do Pôrto Pireu, recitado, porque Garrett, no remanso do seu gabinete, compunha e burilava as suas orações, em 1840.

Assim os seus discursos tinham uma beleza de forma, que não se encontra nos do grande orador José Estêvão.

Um grande amor surge, agora, na vida de Garrett, o qual será para êle fonte de profundas emoções e origem dalgumas das suas produções artísticas, como o *Auto de Gil Vicente*, já mencionado; o *Alfageme de Santarem* e o *Bernal francês*.

PIEDOSA FRAUDE DE JOANINHA (Viagens na minha terra)
Ilustração do pintor J. Marques de Oliveira
Postal Homenagem a Garrett. Grav. de Marques Abreu.



Anverso da medalha comemorando o centenário de Garrett.
Homenagem da colónia portuguêsa de Paris.
4 de Fevereiro de 1899. É de Tomaz Costa e pertence
à colecção de H. C. Ferreira Lima

É a jovem Adelaide Pastor Deville, que se apaixona pelo poeta, de quem tem uma filha Maria Adelaide que sobrevive a ambos e que êle incarnou na encantadora figura de *Maria* do drama *Fr. Luís de Sousa*, essa joia preciosa do teatro português.

Foi sensacional a leitura, no Conservatório, dêste drama, que, pela primeira vez, foi representado no teatro da Quinta do Pinheiro, por amadores, entre os quais se contava o próprio autor, que fez o papel de Telmo Pais. Só, em 1850, foi levado à cêna no Teatro de D. Maria Segunda, numa noite em que, nesta sala de espectáculos, se inaugurou a iluminação a gás.

Teófilo Braga afirma que «a verdadeira corôa literária de Garrett é o drama *Frei Luiz de Sousa*, traduzido em quási tôdas as línguas da Europa, e com razão considerado o tipo da tragédia moderna, em que o patético domina subjectivamente na simplicidade das situações morais. Antecedeu dezenas de anos os processos dramáticos de Ibsen».

Garrett que, gratuitamente, exercia os cargos de director do Conservatório, Inspector Geral dos Teatros e cronista-mór do reino, foi, pelo govêrno de Costa Cabral demitido destas funções.

A restauração da Carta Constitucional pelos irmãos Costa Cabral e o despotismo por êles exercido fez rebentar primeiro a revolta de Tôrres Novas e Almeida, em 1844 e, depois, a revolução popular da Maria da Fonte, em 1846.

Sufocada a primeira, em que Garrett estêve para ser prêso, após a rendição da praça de Almeida, realizou-se, em 1845, um baile, por subscrição, a favor dos emigrados, em que cantou a célebre Rossi-Caccia. Para esta festa compôs Garrett a poesia *Os Exilados*.

Foi neste baile que Almeida Garrett encontrou a Viscondessa da Luz, D. Rosa Montufar Barreiros, o *Ignoto Deo*, que nêle fez nascer a avassaladora paixão, donde brotaram as mais belas e sentidas poesias que formam o volume, mais tarde publicado, das *Folhas cahidas*.

Nêste ano publicou a colectânea de poesias *Flores sem fruto*, a terceira edição do *Catão* e o primeiro volume do *Arco de Santana*, em que desenvolve, com alusões políticas à época contemporânea, a lenda do bispo do Pôrto açoutado por el-rei D. Pedro I.

A Maria da Fonte, também, lhe deveu serviços importantes, entre os quais citaremos a missão política de que foi encarregado, junto de Passos Manuel, então em Santarem, que se havia pronunciado a favor do movimento popular do Minho e a redacção de proclamações e mensagens.

Ainda neste ano publica, em volume, as *Viagens na minha terra*, uma das mais celebradas obras de Garrett, pela simplicidade, singeleza e graça do seu estilo.

Haviam saído, pela primeira vez, na *Revista Universal Lisbonense*, do velho Castilho, em que muito colaborou.

É também dêste ano o seu drama *Filipa de Vilhena* que, com as outras suas composições dramáticas *A sobrinha do marquês*, *Tio Simplício*, *As profecias do Bandarra* e *Falar verdade e mentir*, tanto contribuiu para animar e fazer prosperar o nosso teatro.

Em 1850 assina, com outros vultos importantes, como Alexandre Herculano e outros, o protesto contra a chamada lei das rolhas, que visava a liberdade de imprensa.

Dando-se em 1851 o movimento político, chefiado pelo Duque de Saldanha, conhecido pelo nome de *Regeneração*, foi chamado para ocupar a pasta de ministro dos negócios estrangeiros, da qual, por motivo de ter assinado, sem ter os plenos poderes, uma convenção literária com a França, foi exonerado poucos mêses depois.

Por esta época foi agraciado com o título de Visconde em duas vidas, com a nomeação de par do reino e com diversas condecorações nacionais e estrangeiras, o que tudo êle fez figurar num dos numerosos sinetes de que usava.

Casa da Rua do Calvário, 18, 19 e 20 (hoje 37, 39 e 41), onde nasceu Almeida Garrett. Tem a seguinte lápide com letras em bronze:

CASA ONDE NASCEU
AOS
4 DE FEVEREIRO DE 1799
JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO
DE ALMEIDA GARRETT

MANDOU GRAVAR À MEMÓRIA
DO GRANDE POETA
A CAMARA MUNICIPAL
D'ESTA CIDADE EM
1864.

Livre dos cuidados e preocupações da política dedica-se a uma das tarefas mais do seu agrado: a recolha das tradições poéticas populares, que aperfeiçoa com o seu fino senso artístico, dando em resultado a publicação, em 1851, dos três volumes do *Romanceiro*, em que incluiu a *Adozinda* e outros romances tradicionais, anteriormente, dados à luz.

«O *Romanceiro* de Garrett, escreve Teófilo Braga, exerceu uma influência decisiva em Portugal, porque acordou o interêsse por estas investigações, que de curiosidades pitorescas passaram a subsídios da Etnogenia nacional, suscitando o entusiasmo pelos produtos da vida popular que constituem o *Folk-Lore*».

Em 1853 publicam-se, sem o nome do autor, as *Folhas cahidas*, onde estão reünidas as poesias inspiradas pela Viscondessa da Luz e D. Maria Kruss, em cujos salões se reünia a flôr da literatura, da arte e da política portuguesa. Alexandre Herculano ao folhear êste livro, na livraria Bertrand, disse: só Garrett poderia tê-lo escrito, adivinhando, assim, com o seu fino gôsto literário, quem era o seu verdadeiro autor.

Garrett trabalhava no romance *Helena*, cujas cênas se passavam no Brasil, quando, no dia 9 de Dezembro de 1854, falecia, vitimado por uma lesão hepática, na casa da rua de Santa Isabel (hoje de Saraiva de Carvalho) n.º 56, onde, em 1865, foi colocada uma placa comemorativa.

Em 1899 foi celebrado em Lisboa e Pôrto e noutras localidades o 1.º centenário do seu nascimento, com a publicação de números únicos, livros e folhetos, récitas teatrais, etc.

Em 1902 foram os seus restos mortais solenemente transportados do jazigo de D. Pedro Pimentel Brito do Rio, no cemitério dos Prazeres, para o Panteão dos Jerónimos, onde deveriam ir repousar num monumento tumular, da autoria do escultor José Teixeira Lopes e de seu irmão o arquitecto António Teixeira Lopes, que a Sociedade Literária Almeida Garrett, por subscrição pública, ali se propuzera erigir, o que, circunstâncias extranhas aos seus votos, não permitiram que se realizasse, estando, actualmente, êstes preciosos despojos encerrados, como os restos de Teófilo Braga, Guerra Junqueiro e Sidónio Pais, num dos confessionários do majestoso templo de Belém.

b) — O escritor

O estudo, ainda quando incompleto, do século XIX português, — época admirável, caluniada às vezes levianamente — haverá de colocar em posição de relêvo a personalidade de Garrett, pela inquieta plasticidade do seu interêsse na vida social e cultural portuguesa, pela capacidade múltipla de compreensão e adesão à corrente visível e previsível da mentalidade europeia; o que, junto ao ambiente político e à sua actividade nêle, explica a influência exercida — e por outros abertamente confessada — e o valor de renovação da obra garreteana. Êsse um dos méritos incontestados do es-

Casa do MARQUEZ DE ANGEJA, na Rua da Junqueira, onde viveu e adoeceu Almeida Garrett.

critor, mérito objectivo, indiferente a qualquer possível restrição puramente estética a uma ou outra parte da sua obra de arauto e pioneiro do movimento (complexo em Portugal como em tôda a parte) a que se deu o nome de Romantismo.

Complexo, não só pela tonalidade diversa que toma em cada país; não só pela multiplicidade revelada no conjunto em que o juízo do facto histórico-literário é relativamente fácil mas com freqüência o juízo de valor se perturba e complica; e ainda complexo, pela múltipla atitude individual, amplamente diversificada no âmbito da orientação comum; diferença de atitude que é, simultâneamente, facto, no campo da realidade histórica, e princípio aceito no domínio da teoria. E se o juízo de valor se desorienta em casos tais qual êste, é por ser difícil ao interêsse e à preferência pessoal traçar linha de fronteira entre ligação circunstancial e ligação intrínseca, coexistência verificada e relação necessária; assim, há quem por aversão ao liberalismo tenha por abominável o romantismo literário, e até quem por ódio supersticioso à palavra «liberdade» pareça abrir conflito pessoal com os românticos, apesar da evidente «ocasionalidade», explicável mas não fatal, que na história política e literária portuguesa tornou representantes de uma e outra corrente os mesmos homens. Não foi pelo liberalismo que Cícero e Bruto optaram, o primeiro, pelo sacrifício, o segundo, pela conjura e pelo suïcídio. E em Portugal, João de Lemos, exilado legitimista, é típico representante do mais decadente e dessorado romantismo.

O significado renovador da obra de Garrett está na consciência do autor, é sua intenção declarada. Herculano, ao dar notícia do plano de publicação das *Obras Completas* [1839], atribue-lhe «missão regeneradora». Na conhecida mensagem à Câmara dos Deputados [1900] em que se pede a trasladação dos restos mortais do escritor para os Jerónimos, Ramalho Ortigão, prosador de primeiro plano, fixa em traço nítido essa «missão regeneradora», notando, com justa observação, que — no século XIX Garrett refundira a língua para tôdas as convivências da moderna vida europeia, desentorpecendo-a de uma imobilidade bi-secular e sacudindo-a, em tôdas as articulações, da presumida enfatuação académica de árcades e elmanistas. Assim fizera ao mesmo tempo circular tôdas as ideas, todos os sentimentos e tôdas as aspirações do mundo, renovado pelas profundas revoluções sociais e filosóficas do nosso tempo. — E em carta particular [5-VI-1894], seis anos anterior à redacção da Mensagem (1), lembra que escreveu o seu primeiro artigo no dia da morte de Garrett, para agradecer à sua memória a profunda impressão da leitura das «Viagens na minha terra», livro que decidiu do seu destino artístico. — O depoïmento é claro e preciso; mas a observação atenta da prosa de Ramalho revelaria logo a génese literária e a ressonância que no seu espírito despertara a liberdade fácil da prosa de Garrett.

É na verdade o anti-academismo confesso, doutrinal e exemplificado — e, já em si próprio, índice de mais apurado gôsto — característico traço da obra de Garrett por ser talvez o aspecto literário da atitude crítica diversamente projectada, mas presente nas obras em que podia revelar-se, e até em outras onde chega a quebrar unidade ou pelo menos seqüência, quer pelo alongamento da digressão, como nas reflexões introduzidas nas «Viagens» (por vezes em pequenos capítulos completos), quer pela dificuldade do ajustamento, como na teoria do maravilhoso cristão, popular e tradicional, no poema «Dona Branca», nos conhecidos versos:

Não rias, bom filósofo Duarte,
Da minha conversão; sincera é ela.
Disse adeus às ficções do paganis-
[mo,
E, cristão vate, cristãos versos fa-
[ço...
. . . . . .

que constituem, evidentemente, uma «cunha» literária, sem interêsse estético directo (nem indirecto, se não erro), mas dão testemunho de essa atitude crítica per-

Casa da Rua de Santa Izabel n.º 56, hoje Rua Saraiva de Carvalho n.º 78, em Lisboa, onde morreu Almeida Garrett.

(1) Só publicada em Outubro de 1925, pelo seu destinatário, dr. Alberto de Oliveira, na revista *Lusitânia* (Fasc. VII).

manente, em função da qual o escritor sempre se justifica ou doutrinàriamente se insere na obra. E como isto não se faz sem intenção, e talvez não pode admitir-se em homem com a variada cultura de Garrett uma grosseira confusão de valores, o facto só pode resultar de atitude característica, revelada — creio eu — no conjunto da obra que deixou.

Naturalmente, uma posição crítica pode variar no âmbito, na intensidade, na coerência, na profundeza, e não cumpre aqui examinar valorativamente a crítica de Garrett. Basta reconhecê-la, segui-la na revelação freqüente; e esboçar, embora com precisão menor, a esfera onde ela cede à atitude de afirmação; isto é, onde começa a zona de convicção definida, as certezas pessoais do crítico.

Vemo-lo, em primeiro lugar, doutrinário em quási tôda a obra; vemo-lo com raríssimo assômo de veemência e só nos discursos parlamentares, sacudindo a agressão, mas ainda aí, sempre medido; vemo-lo penetrado de classicismo já quando arauto e corifeu do romantismo. Em plena actividade literária, revela admiração fiel dos clássicos e de quando em quando lança um juízo audacioso relativo aos modernos. Aliaz êsse conflito, se pode assim chamar-se, não é específico do espírito de Garrett ou da formação humanística, dada nos Açores pelo tio D. Alexandre. A célebre definição de Goethe «clássico é o são, romântico o doente», não significa sejam saúde e doença — aliás de bem difícil determinação — critério para separar um e outro; mas que o romântico, se não fôr doentio, pode ser igualmente clássico; e já certo crítico escreveu: «clássico é um romântico realista». Ao reviver o cancioneiro tradicional, ao aproveitar a lenda e a história para trazê-las à ribalta, ao declarar com leve ironia que porá de parte a mitologia clássica, substituindo-a pela tradição religiosa, pela crença e até pela crendice tradicional, Garrett reagia, não segundo a letra que mata, mas segundo o espírito que vivifica, em sentido clássico, procurando na sociedade moderna os equivalentes do que fôra elemento estético na concepção antiga. A necessidade do maravilhoso aparecia aqui como uma constante estética; procurava-se, portanto, um maravilhoso vivo para substituir um maravilhoso estranho, de pura convenção literária, que se mumificara, se «academizara», emmudecêra para a sensibilidade actual. A ideia de que a tradição nacional e portanto a herança medieva devia explorar-se como filão artístico aparece como nítida conclusão, e até com exaltação muito menor em Garrett do que em Herculano, que repetidamente a proclamou nos «Opusculos» e a pôs em marcha na obra de poeta e de romancista, com veemência e frémito desconhecidos da Calíope e da Talia garreteanas.

ALMEIDA GARRETT
Cópia de um desenho contemporâneo pertencente à filha do poeta, por D. João da Câmara em 1883, e oferecido por D. Thomaz de Mello Breyner a H. de Campos Ferreira Lima

Na Autobiografia (1843), embora certos pormenores de lapso de memória não deixem aceitá-la integralmente (como por exemplo o referido por Gomes de Amorim relativamente à anedota passada com o abade Correia da Serra) [1] e o louvor pareça de quando em quando exorbitado, a revelação psicológica não é de menor interêsse. É com citação de Horácio que êle justifica a necessidade de «celebrare domestica facta», e declarando-se «excêntrico e indeterminado na sua esfera» diz que «ora filosofava austeramente sôbre os desvarios dêste mundo, ora se ria com êles...» Excêntrico, decerto, em terra de veementes apaixonados e em época de febril combate, por capaz de lúcido sorriso e pouco dado a trépido entusiasmo; indeterminado, também, porque essa capacidade de ora filosofar a sério, ora divertidamente rir dos mesmos desvarios, se dissolvia na perspectiva de uma série de atitudes, ennevoada um pouco ainda pela intenção do dilletante, o prazer de saborear a atitude própria; e de tudo isto dão testemunho os seus prefácios, as suas digressões críticas, e acima de tudo a sua autobiografia. Ora não sendo um espírito scéptico, nem tendo a sua ironia carácter de dúvida metódica preliminar, mas o de conseqüência de exame do «desvario» observado, segue-se que, por um lado, a sua crítica poderia ser uma ou outra vez superficial ou pelo menos apressada, por outro, que a esfera da sua sensibilidade própria, a de sua preferência, deveria manter-se intacta, impenetrável a êsse equilíbrio crítico, sempre de grande clareza, embora a profundeza não fôsse grande. Circunstâncias que em Garrett conciliam — em outros poderão explicar-se de outra forma, porque o facto não é único — a ingenuïdade artística e psicológica da maior parte da Lírica, porque pode considerar-se carácter genérico do desenvolvimento romântico esta convicta independência em certa esfera da sensibilidade como reduto inacessível, o que lhe confere valor em si própria, e dá em resultado, nos sequazes medíocres, a explosão irreprimida do maneirismo.

De modo que independentemente da maior ou menor profundeza, tenacidade e seqüência de aquela atitude

(1) Correia da Serra não figurava entre os jurados, contra o que expressamente diz Garrett.

de Garrett, ela é superior, já por manter a concepção de uma relatividade anti-dogmática e apurada, já por conservar no domínio do pensamento, isto é, da esfera considerada objectiva e aberta ao debate, como a da política, a da teoria artística, uma capacidade de análise e de condicionamento que são uma vitória do raciocínio.

*
* *

Desde 1820, com a Revolução, declara a Autobiografia que «o cultor apaixonado das letras e das artes se lançou na carreira pública, tomando parte activa nas coisas do Estado, que nunca mais largou». E é verdade. O seu último discurso, da discussão da resposta ao discurso da Coroa, proferiu-o na Câmara dos Pares em 4 de Março de 1854, ano da sua morte. E neste campo êle revela a aspiração permanente: a liberdade dos povos, postulado sôbre que deve assentar tôda doutrina de renovação social, e de que há de inspirar-se tôda realização prática — jurídica ou económica. Mas, aceito êste postulado, tudo se ordena e discute como meio para obter progressivamente aquêle fim. Entre inúmeros passos que poderiam citar-se, nenhum, talvez, mais revelador do que o do projecto de lei sôbre propriedade literária (18 de maio de 1839) em que se louva [generosa ilusão!] a iniciativa da Prússia de chegar à liberdade política pela civil, «caminhando... pela *análise tranqüila* e certa, em vez da síntese dogmática, ruïdosa e tão enganadora»; a mesma ideia de análise e estudo dos meios aparece no programa da «sociedade conservadora do sistema monárquico-representativo em Portugal». Quando no ataque e defesa parlamentar, ou em escritos de crítica, ressalva a superioridade do sistema representativo, a que não devem atribuir-se erros da aplicação ou da incapacidade dos homens que o deturpavam ou atraiçoavam, seria ofensivo para a memória de Garrett supor que êle aduz o argumento boçalmente realista da superioridade intrínseca de um plano em si próprio, independentemente de qualquer aplicação; a sua opinião, pelo contrário, baseava-se na lição que julgava poder tirar do conhecimento da história, e da natureza da sociedade; o sistema por êle defendido era-o pela necessidade da reacção dupla, contra o absolutismo, «princípio velho e corruto», que nada salvará, e o da democracia, «princípio decrépito, que por isso mesmo parece aos espíritos apoucados estar na infância». E os que, «atidos à reminiscência das escolas», viam os Aristides, os Brutos e Catões como modelos, esqueciam a diferença do modo de existir dos povos antigos e dos modernos.

O que se salvava, portanto, na lição da antiguidade dos povos clássicos era a ascensão para a liberdade, quer desse com a morte de Catão o negro exemplo trágico da austeridade esmagada, quer com Egisto a vitória sôbre a tirania — e ambas as soluções utilizou Garrett no Catão e na Mérope, onde, como sempre que lhe era possível, o pensamento político do autor se revela. Quando Décio, mensageiro de César, vem pedir audiência ao Senado, Semprónio estranha que, sem hesitar, Catão ordene seja ouvido o legado; e julga ver discordância entre essa ordem e os princípios de Catão; mas êste responde [Acto II, 3]:

«Princípios meus! — Os da razão
[só tenho.
É dever escutar os homens todos».

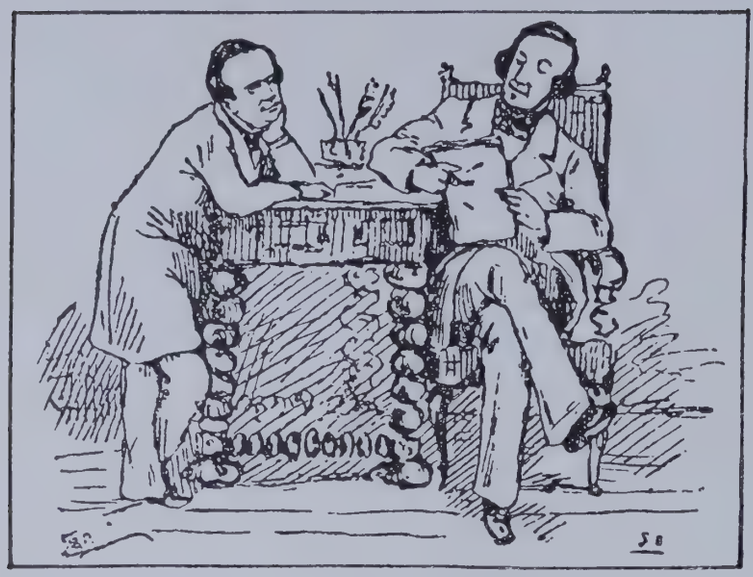
E Egisto, depois de matar Polifonte, na scena última da Mérope, pede a todos que lhe lembrem a todo o instante o seu dever de ser bom rei, pois que tendo subido ao trono precipitando a tirania, merece castigo duplo se vier a ser tirano.

O longo ensaio — Portugal na balança da Europa — compendia a doutrina política de Garrett e revela a sua orientação. A sexta e última secção recapitula o problema e examina a hipótese portuguesa. Nas anteriores a digressão é quási só a história da posição portuguesa na Europa. Perdida a situação antiga, Portugal terá de escolher outra; e cumpre examinar o que lhe convém. As teses enunciadas sôbre a legitimidade, a usurpação, a Carta, os partidos, são as que podem concluir-se da leitura de qualquer das outras obras. Mas a

Caricatura de «A MATRACA»

D. Quexote, e o Rocinante,
Sancho Pançe, e o Ruço em frente;
Em um burrico chibante
Vem a Maria da Fonte,
Que ou seja bonita, ou fêa,
É a sua Dulcinêa.

O nosso exemplar tem escrito em letra da época ao canto inferior esquerdo: «7°. 1°. de Dez.° 1847», data precisa da saída do desenho, (Col. de A. Forjaz de Sampaio). Garrett à direita do asno.



ALMEIDA GARRETT, inspector dos theatros, e o actor Sargedas. Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro a pág. 152 de *Os Theatros de Lisboa* de Julio Cesar Machado.

última parte põe a questão derradeira e capital: «qual será a qualidade e quantidade do pêso com que Portugal deve entrar na balança da Europa?» E a resposta meticulosa de Garrett, que neste ensaio trabalhou cinco anos, põe a solução dilemática: ou a independência plena, sem máscara, sem condição, sem transigência, independência por que os portugueses se bateriam sempre, como no passado, ou haveria que pensar na união com a Espanha, fazendo o menor sacrifício possível. Isto significa, e é o que importa, a liberdade de espírito de Garrett, homem que tendo lutado por tôdas as formas, revelado por todos os processos, defendido em todos os actos, exaltado em tôda a sua arte a independência política e a personalidade característica da sua terra, coleccionador do Romanceiro, autor do «Alfageme», não caía na pseudo-beatitude do misticismo patriótico, e se entendia, como Cícero, de quem cita dois passos no começo de êste ensaio, que a morte é preferível à servidão, não podia deixar de entender que pátria e servidão são incompatíveis, e pátria e tirania também. Afirmava-o em tese, convicto da superioridade evidente do seu postulado; confirmava-o, na hipótese, considerando a génese, evolução política e tradições da pátria, tradições que tão interessado procurava reviver na sua arte.

Igual espírito de renovação e crítica encontra expressão adequada em duas obras especiais, de claro fim construtivo, e, no parecer do autor, tendentes a remediar falta grave da cultura nacional: o «tratado da educação» e o «plano da reforma geral dos estudos» (1834), que pode considerar-se complemento do primeiro.

O «Tratado da Educação», redigido em forma epistolar (doze cartas: — Parte I — da infância à puerícia — duas cartas; Parte II: da puerícia à adolescência — dez cartas) à Marquesa de Ponta Delgada, educadora de D. Maria II, não é, decerto, obra completa, no duplo sentido de não ter sido o plano integralmente realizado e de não atingir a sólida tessitura, o desenvolvimento orgânico, só com o qual obra tal qual esta modelarmente se impõe. Entretanto nela abundam a prova da leitura e informação do autor, a clareza do seu objectivo, e muitos pontos de vista ainda hoje não desmentidos, mas infelizmente nunca praticados. Não seria de adoptar agora a base concreta do seu programa, ou a distribuição apresentada; é porém digno de exame o espírito em que foi concebida, e crèdora de aplauso a clara directriz com que tenta realizá-la. A forma epistolar êle próprio a justifica, por quadrar melhor «ao natural pouco dogmático de um autor despresumido de si, que antes propõe como quem duvida, do que assevera como quem sabe». E é na Introdução de êste livro que se encontra a frase conhecida, citada, estereotipada, e por isso mal entendida às vezes: «eu tenho para mim que nenhuma educação pode ser boa, se não fôr eminentemente nacional». Ora a justíssima idea de Garrett, logo claramente desenvolvida e ligada com o

Caricatura de GARRETT e a Viscondessa da Luz. Da galeria pitoresca de «A Matraca, periodico moral e politico por uma sociedade de litteratos sem refolho», Lisboa 1847-48. Tem por debaixo os seguintes versos:

Por largo campo, indomita e fremente
Corre a revolução,
Da vossa *Luz* a rapida torrente
Me alegra o coração.

método de investigação e estudo directo da organização escolar estranjeira, que diz ter feito, é esta: não queremos os nossos filhos para franceses, inglêses ou alemães; sim para portugueses. Aproveitemos da experiência alheia o que ela pode dar-nos; nem livros estranjeiros, nem escolas estranjeiras. As próprias viagens, excelentes na educação, servem apenas como seu complemento.

Efectivamente, a concepção do nacional que se *opõe* ao estranjeiro, porque é estranjeiro, é mal justificado sentimento de bárbaro; o espírito nacional que admira e copia a mentalidade estranjeira e os processos de essa mentalidade, quando bàrbaramente *oposta* a qualquer outra, só por estranjeira, é menos, por ser apenas o macaco do bárbaro.

Aparte uma ou outra página de composição literária, em que parece de quando em quando comprazer-se, Garrett nesta obra, já de observação pessoal, já de leituras cuja doutrina apropriou e fêz sua, digerindo-a, como êle próprio diz, deixou grande número de observações exactas e pensamentos seguros. Poucos exemplos o mostrarão:

Ao tratar da educação moral, que tem por inseparável dos outros aspectos da educação (pois nem a natureza nem a prática impõem tal divisória), pensa em reduzi-la a um só princípio. Êsse princípio, essa virtude, entendida no sentido lato, é a justiça, na qual se resumem tôdas as virtudes; e para que não pareça absurda esta proposição, desenvolve com largueza a ideia, para mostrar que de ela deriva todo dever e por isso também — pois a reciprocidade é perfeita — o direito correlativo. E em nota declara que não sabe se a observação de esta reciprocidade será supérflua. Não sei se o era; sei que não parece ter caducado a vantagem de fazê-la.

O plano completo abrangia quatro livros; o primeiro, relativo à educação doméstica de ambos os sexos; o segundo, à educação pública para o sexo masculino; o terceiro à educação maternal, para o sexo feminino; e o quarto, à educação pública pròpriamente dita (a dos órfãos, a dos privilegiados, a das classes inferiores, e a académica e profissional). Só se publicou o primeiro, dividido em duas partes (sistema geral — Infância à puericia, e — Puerícia à adolescência); e como essas doze cartas, se não como fim principal têm ao menos como fim nunca esquècido a educação do soberano (e, na hipótese, a da soberana) abre-se parágrafo especial ao tratar da justiça, fonte e síntese de tôda virtude, para exemplificar com o soberano. Duas linhas de Garrett mostram melhor do que outra qualquer forma de explanação, o seu pensamento dominante: — «É justiça governar segundo as leis, justiça respeitá-las e fazê-las respeitar, promover o bem público e o particular de cada indivíduo, justiça *até* ser indulgente quando convém à causa pública, magnânimo quando ela não é lesada. Pois que maior *justiça* do que ser indulgente com homens governados o homem que governa, e que, só porque é *homem*, a todos os momentos carecerá da dêles para que o respeitem, o amem e o honrem, a-pesar de seus defeitos e misérias, porque como a *homem* lhe não faltarão!...»

Na mesma escolha da matéria docenda, no modo de justificá-la, e em notas a propósito do método aconselhado, se encontra, quer no pormenor elucidativo, quer na doutrina genérica, lição ainda hoje viva, objecto digno de considerar-se. Na justificação da aritmética no ensino elementar, diz-se de passagem esta verdade: «a aritmética é mais vasta ciência do que vulgar-

M.LLE PAULINE FLAUGERGUES

«Poetisa francesa que residiu em Portugal de 1839 a 1840. Era contemporânea de Garrett e de Castilho. Num livro que imprimiu em Paris, em 1841, *Au bord du Tage*, publicou, do primeiro dêstes poetas, a tradução de uma das suas poesias, e dedicou-lhe outra; do segundo, inseriu uma poesia original em francês, e ofereceu-lhe, bem como à espôsa, duas das suas composições. Êste retrato é cópia de um esbôço original, feito, durante a estada da poetisa em Lisboa, pela senhora D. Leonor Maria Helena Xavier Vidal, tia do actual senhor Visconde de Castilho (Júlio), que amàvelmente nos facultou êsse esbôço, para a sua reprodução em fotogravura, mandada fazer, em 1915, por Henrique de Campos Ferreira Lima».

CARICATURAS DE «A MATRACA». Garrett à esquerda do molosso. (Colecção de A. F. de Sampaio).

mente se cuida. Tôdas as matemáticas puras estão nela». Claro que não pode esta frase ter o conteúdo da de Poincaré: «les mathématiques se sont arithmétisées»; não o permite a época em que êle escreve, nem a preparação, sem dúvida escassa, ràpidamente adquirida na curta fuga pelo domínio do primeiro ano matemático da Universidade, ainda quando a sua curiosidade pessoal o tivesse levado a explorar um pouco mais e a aumentar o rendimento de essa rápida excursão. Nem por isso deixa o pensamento ali expresso de revelar intuïção pouco vulgar, e nível de preocupação elevado, visto não atender neste caso (a-pesar de tratar-se de educação elementar) à utilidade prática, mas ao valor formativo intrínseco; e outrotanto faz com a geometria, ao discordar de Rousseau, afirmando que o uso de figuras móveis para aprender geometria é decerto mais fácil para começar, mas «não aguça e rectifica tanto o espírito» como o seu estudo à maneira «ideológica e abstracta» de Euclides.

Busto de Almeida Garrett

Existente no átrio do Teatro Nacional de Almeida Garrett; trabalho de João Anastácio Rosa segundo um carvão de Ribeiro Christino.

Opondo-se, na formação moral, a tôda atitude dogmática e autoritária, o homem que «nem em palavras» gostava do exclusivismo dos partidos, paralelamente procede na esfera intelectual, com plena consciência, muita vez afirmada, de que a maioria de nossas divisões, quer em psicologia, quer na sistemática scientífica, têm apenas utilidade prática e por ela se justificam, não devendo esquecer-se êste seu carácter e atribuir-lhes realidade em si mesmas. Assim, apresenta ao ocupar-se das ciências físicas e artes uma classificação de três grandes grupos: a das que descrevem objectos da natureza, a das que analisam suas propriedades, a das que se aplicam aos usos e cómodos da vida [lembrar-nos-íamos hoje das sistemáticas e fenomenológicas, de Wundt, e da série técnica, da classificação de Cournot]; tôdas elas devem ensinar-se pelo mesmo método, que explìcitamente depois quere aplicar ao ensino da história e da geografia. E logo na primeira carta essa ideia surge com perfeita nitidez: «A análise é o método da natureza... embora lho não ensinem, a natureza lho ensinará. Quando o pupilo, seguindo *por si* o método inverso do de seu mestre, proceder de *singulares* para *universais*, a mínima discrepância entre suas observações e as conseqüências e princípios que lhe ensinaram, o fará desconfiado»... Tal o enunciado claríssimo da sua visão do problema da ordem teoremática e da ordem problemática, da maior importância no trabalho da formação intelectual, e em que se coloca na posição justa.

A travessia rápida, que acaba de fazer-se pela orientação geral de Garrett, mostra a independência do seu espírito, a liberdade de sua posição, relativamente aos autores que estuda e consulta, e a faceta mais constante da sua personalidade intelectual. Em vez de considerá-lo exclusivamente, ou quási, na sua obra literária, deve antes, se não me engano, partir-se de esta *forma mentis*, tão bem revelada na sua obra especulativa de político, na obra de pedagogo, estudada com seriedade que não suporia quem lhe conhecesse apenas superficialmente a lírica ou mesmo o teatro. Pelo contrário, ao estudar o poeta, importa antes explicar o que a exame simples e imediato poderia parecer anómalo ou dissonante. É fácil de supor que em conclusões parciais, em directrizes secundárias, ou até quanto à estrutura de certas concepções, possamos hoje discordar, restringir, às vezes corrigir, por experiência ou conhecimento ulterior, a posição

Garrett no Panteon

Ilustração de Teixeira Lopes.
Postal da Homenagem a Garrett. Grav. de Emílio Biel & C.ª.

de Garrett. Entretanto, num e noutro caso, o objectivo indicado mantém o valor que êle mostrou atribuir-lhe, e a sua visão, tentativa analítica, esfôrço crítico, atitude relativista, conservam plena actualidade. E por corresponderem ao modo de ser profundo, revelam-se directamente na obra literária, excepção feita de uma parte da Lírica, por que nela se patenteia talvez o que metafòricamente pode chamar-se o reverso da psicologia de Garrett.

*
* *

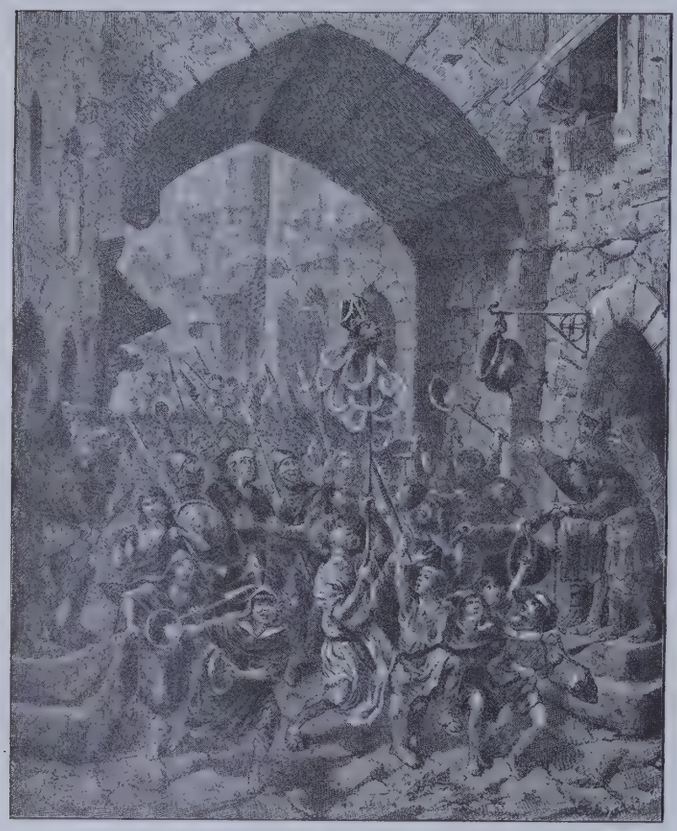
Assim vamos reencontrar no drama garreteano o mesmo cunho, qualquer que seja o naturalmente desigual valor dramático e literário de suas obras comparadas entre si. Ainda neste campo, o escritor conhece a importância da sua obra de renovador e iniciador e afirma a sua independência de homem livre de peias de escola e doutrina alheia. E se podemos, por cautela, restringîr um pouco a intensidade da sua afirmativa ou o domínio a que ela se estende, não é possível deixar de reconhecer a grande parte de verdade do que nesse ponto diz.

Se compararmos *Mérope* e *Catão* com *Fr. Luís de Sousa*, a impressão produzida pelo familiar, nada hierático, tema do último, tão diversa da dos temas patinados por muito maior distância e clàssicamente dados ao rol do utilizável na plástica e na estética do teatro; a própria forma versificada e nobre das primeiras, ao lado da evidente tentativa de espontaneidade no último, tudo isto leva naturalmente a acentuar diferenças exteriores, e até, como já sucedeu, ao estabelecimento de umas como fases cronológicas da produção teatral de Garrett — a arcádica, a romântica e a universalista. A divisão parece pouco feliz. Nem se compreende por que deva ser mais universal a utilização da lenda nacional do que a reinterpretação do quadro de história romana ou do da tradição helénica; e menos se compreende que «A sobrinha do Marquês», drama perfeitamente semsabor, que a intenção de símbolo nas personagens desluz ainda em maior e mais fria convenção dramática, deva inscrever-se, representativa, em tal face universalista; assim como também não pode ver-se claro por que será universalista o «Fr. Luís de Sousa» e romântico apenas o «Alfageme de Santarem».

Projecto do monumento a Almeida Garrett para o Largo D. João da Câmara, por Tomaz Costa (1913).

Mas que essa divisão cronológica é artificial provam-no prefácios e notas do autor a cada uma das peças, a continuïdade do seu pensamento no domínio da sua teoria estética. Porventura menos precoce do que êle se compraz em afirmá-la, é certo que a sua cultura humanística foi profunda e precoce, e muito cedo também não só concluiu os estudos oficiais mas teve a escola temerosa da luta civil, com seu cortejo de experiência dura, de incerteza, de exílio e perigo.

Ora, no prefácio (o da terceira edição) de *Catão*, Garrett classifica as suas obras anteriores a esta como sensabores; exceptua a *Mérope*, que espera ainda rever e completar, quere dizer, considera-a digna, em 1839, aos quarenta anos, de voltar ao público, melhorada quanto à forma. E do próprio *Catão* afirma tê-lo pensado de português para portugueses. A nacionalidade de um drama «não está na fábula, não está no nome das pessoas». Inês de Castro poderia ser francesa e Edipo fàcilmente português, conforme o rito da evocação. E pelo que respeita à continuïdade do pensamento, o «Catão» é-nos apresentado como tragédia base do teatro contemporâneo português, dando-se-lhe como



GARRETT E OS ARTISTAS

Manuel de Macedo foi um extraordinário artista. Escritor, pintor, professor de desenho, conservador do Museu de Arte Antiga, scenógrafo, tradutor e erudito, fêz com Roque Gameiro não só as ilustrações de *A Sereia* de Camilo, edição da Emprêsa da História de Portugal, as melhores das melhores em livros portugueses, mas muitas de outros escritores, entre êles Garrett. Um dos passos que mais o interessou foi a passagem da revolta do populacho no *Arco de Sant'Ana*. Publicou a sua composição em *O Ocidente*, onde saiu a pág. 188 do vol. I, 1878, jornal que fundou com Caetano Alberto, e nêle foi reimpressa a pág. 23 do vol. 22, 1899. É composição de M. de Macedo, gravura de Alberto. Depois em 1904 para a edição das *Obras completas* de Almeida Garrett, vol. II, pág. 57, já de sociedade com Gameiro, a ilustração dos dois artistas baseia-se na primeira. No entanto a primeira é mais ampla e mais larga do que a segunda. A primeira gravura entra na composição do postal de homenagem a Garrett publicado por ocasião do Centenário, arranjo de Isaías Newton. Veja-se, abaixo, o texto de Garrett que as gravuras interpretam.

REVOLUÇÃO

«Já a mesma marcha e compostura da multidão mostrava outro aspecto; os gritos e aclamações tinham certo regulamento; e as próprias vozes do arame agitador, que de manhã retiniam cada uma para seu lado, e se misturavam, sem tom nem som, sem compasso nem harmonia, com o vozear do povo, agora tinham seu tal ou qual concertante, tocavam mais forte nos cheios, nos coros, mais piano quando, para assim dizer, acompanhavam alguma jaculatória revolucionária de poucas vozes; e faziam enfim silêncio, tinham seus compassos de espera quando algum orador popular executava um solo que devia ser bem distintamente ouvido.

«À frente do tumulto marchava uma espécie de San Cristóvam, homem alto e membrudo, de grenha embaraçada e ruiva, as mangas da camisa arregaçadas e manchadas de sangue, nu de braços e pernas, e o cutelo pendente ao lado. Êste era Braz-Marchante, o carniceiro e fressureiro de ao pé da Sé, que levava hasteada em alto poste a cabeça ensanguentada de um enorme dogue ou cão de fila, coroada de uma mitra de cartão bastante bem feita, e daí flutuando, em guisa de pendão, muitas varas de assopradas tripas, antigo símbolo de alcunha e de glória, de chacota e de presunção, para a nossa boa terra. O, meio horrível, meio burlesco, estandarte, vinha rodeado de uma multidão de gaiatos, que eram como os tiples daquele côro infernal, as requintas daquela orquestra diabólica: todos êles, uns ganiam, outros uivavam, outros ladravam e latiam, e logo dirigiam mil injúrias, chufas e vitupérios à mitrada cabeça do dogue. Alguns eram ditos graciosos, não faltos de espírito, e que mereciam nozes e confeitos em um triunfo romano; outros, pragas horríveis que faziam arripiar as carnes.

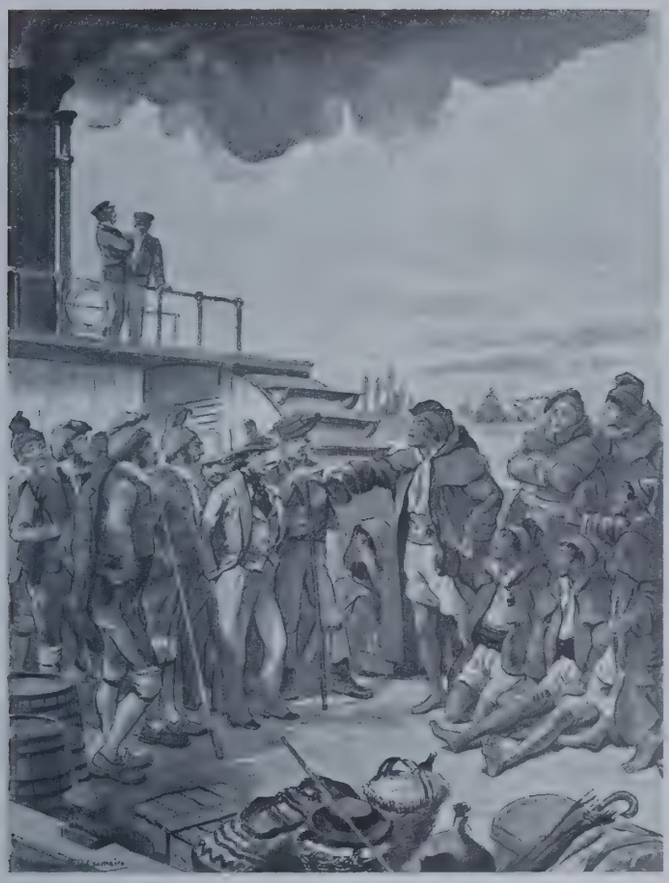
«De vez em quando a sôlta massa desta ladainha de chufas e maldições se reünia e concentrava numa trova, grosseira sim mas feita de arte, e que bem mostrava não ser inteiramente espontânea aquela demonstração popular, senão que já tinha sua direcção e contra-regra. Ei-la aqui a trova — ou hino, para falar em língua revolucionária moderna:

Béu, béu, béu! tira o chapéu,
Que aqui vai dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão, sô canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.
Cahin, cahin, cahin!
Diz-lhe o bispo assim:
— «Porque ganes tu, meu fiel mastim?»
— «São os caldeireiros que vêm sôbre mim».
— «Deixa-os, deixa-os, Pero-Cão»,
Disse o bispo ao mau ladrão:
«Que eu te deito esta benção,
E te faço bispo cão.
Se eu sou bispo barregão,
Bispo moiro e mau cristão,
Que importa que o seja um cão?»
Hão, hão, hão!
Bispo temos barregão:
Que importa que o seja um cão?
Béu, béu, béu! tira o chapéu,
Que aqui vem dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão, sô canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.

E aqui um martelar de arames e latões capaz de encher as medidas, de saciar a sêde dêstes metais, bem pouco preciosos, que devora as entranhas do nosso amigo Meyerbeer, cujo tímpano escaldado e gretado cercio nem já o carrilhão de Mafra era capaz de fazer vibrar.

Atrás dos gaiatos, cantores destas loas, marchavam, como de razão, os menestréis caldeireiros. Estes, como digo, acompanhavam e fundamentavam com seus instrumentos a música bocal da revolta.

. . . . . .



VIAGENS DA MINHA TERRA

Vol. II das *Obras Completas*, págs. 153 e 169

« Qual é que tem mais fôrça ? . . . » « Agora quem bebe por lá todo êsse vinho ? »

Ilustrações de Manuel de Macedo e Roque Gameiro

O Toiro ou o Mar E Sebastião José de Carvalho

(Nestas gravuras os ilustradores inseriram a figura de Garrett)

seqüência «Gil Vicente», «Alfageme», «Fr. Luís de Sousa».

É a propósito do seu teatro que maior clareza apresenta e mais vezes aparece a posição de Garrett na pugna doutrinária do romantismo. Como sempre, a sua opinião procura apoiar-se na experiência, no contacto com a realidade, e interpretá-la, ou recorrer a outra forma de experiência em que também cria, e de que lamenta seja tão raro extraída a lição que contém: a história.

E como seria longa a citação múltipla de tanto passo em que a opinião se repete, sómente referirei (do prefácio da primeira edição do *Catão)* o seu juízo sobre a tragédia grega e a shakespeareana. Da primeira, crê que «singela e vigorosa em Ésquilo, majestosa e sublime em Sófocles, só em Eurípides decai alguma coisa em certa afectação de *moralizar*, que depois em Roma estragou Séneca»...; e da segunda julga que «suposto irregular e informe, tem contudo belezas próprias e particulares que só nela se acham». E de si próprio afirma (Pref. da segunda edição) que não se submeteu aos factícios preceitos do teatro francês, nem desprezou revolucionàriamente as regras clássicas, desatendidas por quem não as entende; antes procurou conciliar a natureza, bela e verdadeira, com a verdadeira e boa arte, sem seguir de olhos feçhados «o estreito e alinhado carreiro de Racine», nem desvairar à toa «pelas incultas devesas de Shakespeare».

Eurípedes poderia chamar-se o romântico grego; pois é nesse que, pela *afectação de moralizar*, decai, segundo Garrett, a musa grega da tragédia. E o desorbitado, gigantesco Shakespeare, em que se encontra beleza inegualada, é irregular e informe. Tal a síntese, neste particular, da doutrina do renovador do teatro português, rigorosamente simétrica — e da mesma atitude provinda — da sua preocupação de crítica racionalidade, e, em política, do seu amor à liberdade colectiva e individual, do seu permanente esfôrço para manter-se em nível superior ao do tumulto apaixonado. É o mesmo espírito do homem que defende os frades, sem deixar de reconhecer-lhes os erros, nas «Viagens da minha terra»; e que não só os defende, irònicamente comparando-os com os «barões» de *invenção* recente e proliferação perigosa, mas na própria bôca de Fr. Diniz põe o balanço corajoso dos erros — ou pecados, segundo o austero frade — que devem atraír a colera divina e a vitória liberal; o mesmo espírito do defensor das religiosas, que apresenta um projecto de lei à Câmara dos Pares (1852), modêlo de ponderação, no qual — como em quási tudo quanto deixou — podem recusar-se conclusões ou discutir princípios, mas é indubitável a justeza da posição em que se coloca. No curto relatório de êsse pro-

jecto, em que das freiras se diz que nenhum cuidado mercenário, como a experiência mostra em tôda a parte, pode igualar a sua dedicação religiosa, e se lastima que ainda em Portugal se não tivessem aberto os olhos de todos para esta realidade, fazem-se duas afirmações que perfeitamente se completam e com felicidade exprimem o pensamento de Garrett: a primeira é a de que a instituïção monástica, não talvez de preceito, mas de conselho divino, pode evidentemente ser proscrita pelo poder civil, visto caber na sua alçada, que ninguém lhe contesta, prescrevê-la; o que é impossível é proscrevê-la absolutamente, ficando católica a sociedade; a segunda é a de que a calamidade revolucionária, destruïdora de muita planta generosa, abrasada no fogo geral, foi uma calamidade inevitável. Nenhuma responsabilidade teve quem a desencadeou. Assim foi preciso, porque, se o não fizesse, a causa da liberdade perigaria.

Aceita, pois, a continuïdade da obra de teatro, afirmada pelo autor, e fácil de verificar quanto à intenção e à doutrina, pode talvez esboçar-se a visão da sua estrutura, do que nela é puramente drama, isto é, paixão e urdidura, símbolo ou vida, técnica e intenção; deixarei para depois o caso pròpriamente literário, no sentido estrito da palavra, porque êsse pode e deve ser abrangido no conjunto do poeta, do prosador, do dramaturgo.

O teatro de Garrett compreende catorze peças, abrangendo nelas as pequenas tentativas. De êsse número podem nìtidamente separar-se pela superioridade da categoria: *Catão, Mérope, Um auto de Gil Vicente, Alfageme de Santarém* e *Fr. Luís de Sousa*. Todos dramas históricos. Aproveitamento e estilização de lendas e factos históricos clássicos e nacionais; das restantes, ainda *Filipa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquês*, urdidas na trama da história e da lenda. As sete peças históricas representam vinte e sete actos e as outras sete apenas dez. Quantitativa, como qualitativamente, a obra de Garrett dramaturgo é de teatro histórico.

Pôrto: Rua do Arco de Sant'Ana

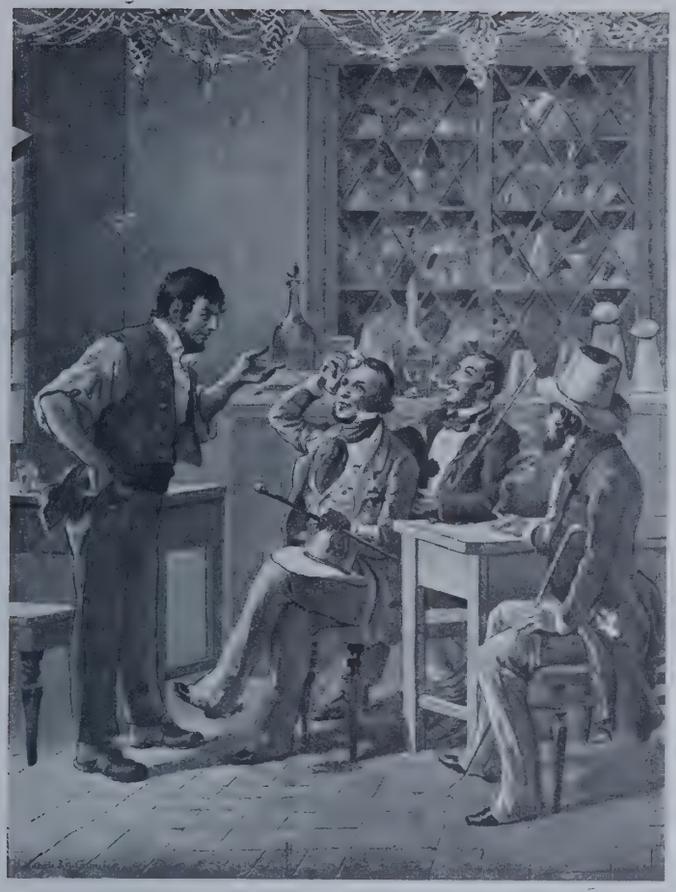
Segundo o desenho do natural de M. de Macedo, gravura de Pastor.
O Occidente, 1878, pág. 189.

Mas o teatro histórico — e todo o teatro — pode entender-se e estruturar-se de duas formas: a que cousifica, substantiva a tradição ou a história (equivalentes neste caso, como diz Garrett), e a que reinterpreta a lenda, tornando-a substantivamente diversa pela interpretação. À primeira pertencem as obras em que afinal o facto resulta da reacção da personagem. Cabem na segunda modalidade tôdas as obras em que o sucesso cai sôbre a personagem e a individualiza; em que o indivíduo reage (ou apenas sofre) sob a pressão do episódico. A lenda de Hamlet, anterior à obra de Shakespeare, é um simples conto, em que se narra um assassínio, movido por vil ambição. A peça shakespeareana é tôda construída sôbre a personalidade do príncipe e acessòriamente sôbre as personagens prin-

«Quem desembarca na cidade do Porto, ou entra nella pela ponte pensil, depois de discorrer ao longo do rio, chegando á entrada da rua de S. João, para subir, ou talvez melhor, trepar para a cidade; deixando aquella rua e voltando um pouco á direita, encontra uma ruella escura, ordinariamente enegrecida, que se chama a rua da Ferraria; subindo por ella até certo ponto, depara á direita com outra que em angulo obtuso com ella encontra, e que segue tortuosa e mais estreita ainda. Logo ahi á entrada, e a poucos passos, divisa um nicho na parede, encimado por um gancho de ferro, d'onde outrora pendia singela alampada, que todas as noites mão piedosa acendia, a uma santa que ali se venerava. Proximo a esse nicho, se reparar bem, percebe os vestígios de um arco que alli houve, e foi demolido ha bastantes annos.

«É esta a rua de Sant'Anna; aquelles vestigios, os restos dos encontros do arco, que ali se levantava; aquelle nicho, o da Senhora Sant'Anna, que tudo representa a nossa gravura. Garrett, introduzindo n'aquelle singelo quadro as figuras sympathicas da Gertrudinhas, da Anninhas, do joven Vasco, e as animadas e energicas figuras dos populares alterados contra o bispo e seu *digno* almudeiro, traçou aquella scena vibrante do *Arco de Sant'Anna*, de cujo tumulto, Manuel de Macedo, transportando o seu espirito á Idade Media, compoz o bello desenho que a nossa outra gravura reproduz, e nos faz como que ouvir a berraria da arraya-meuda, acompanhada do estrondear das caldeiras e tachos, entoando o

Béu, béu, béu, tira o chapeo
Que ahi vem dom Pero Cão
Hão, hão, sô canzarrão
Tão ladrão é o bispo como Pero Cão



VIAGENS DA MINHA TERRA
Vol. II das *Obras Completas*, pág. 177 e 185

— « Os senhores não tomam nada ? »

A janela meia aberta de uma habitação antiga... »

O Café do Cartaxo e a janela de Joaninha;
Garrett aparece novamente: no café e idealizando a figura
da « menina dos olhos verdes »

cipais. Em *Júlio César*, o facto histórico, importantíssimo aliás, fica na sombra perante a construção shakespereana a que serve de moldura; e pode talvez dizer-se que o interêsse dramático da tragédia culmina no discurso de António, obra prima de teatro em qualquer tempo. Um dramaturgo actual — Bernstein — afirmou algures que « lançava uma catástrofe sôbre um homem; a sua reacção constituía o drama »; e já no teatro grego pode achar-se a tendência esboçada destas duas formas essenciais de gradações possíveis, naturalmente; aquela em que a personagem é sujeito e aquela em que a personagem é objecto.

Para Garrett, a parte substantiva é a lenda, e quando a personagem algum tanto da história se afasta é porque o autor procura completá-la verosìmilmente. Na memória lida ao Conservatório Real (1843) sôbre o «Fr. Luís de Sousa», memória que,

A figura JOANINHA interpretada pelo poeta e pintor António Carneiro

Postal do Centenário, Homenagem a Garrett, saído das « Oficinas do *Comércio do Pôrto* »

pela sua data, pelo drama a que respeita, pode considerar-se talvez o documento mais expressivo da estética teatral do autor, êle afirma que « fora dos algarismos das datas, irreconciliáveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais, que não seja puramente histórico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biógrafos ou implìcitamente contido, possível e verosímil de se conter no que êles referem ». E nas notas ao mesmo drama, falando na tragédia de Inês de Castro, que julga até então desaproveitada, quere dizer, assunto ainda não devidamente pôsto em drama, afirma que êle é o mais digno de utilizar-se e o melhor prémio para grande autor, que na verdade precisaria de ser outro Shakespeare ou outro Schiller, e principalmente esquecer *todos* os modelos, e « criar-se a si próprio » para o assunto. Curioso aproximar esta

O grande actor João Rosa no papel de Frei Froilão do «Alfageme de Santarém»

GARRETT NO TEATRO

(Clichés Bobone)

A actriz Rosa Damasceno no papel de Alda no 4.º acto da peça «Alfageme de Santarém»

nota de outra, à mesma peça, em que se comparam explìcitamente pela afinidade, formas diversas de arte e onde a estatuária é tida por género paralelo à tragédia. Vê-se, em conformidade com o que digo do teatro de Garrett, que o assunto é o dado, e o drama a estátua a modelar; de onde o facto de as personagens, quando desbordam dò leito vigoroso da tradição ou da história, serem representativos de um sentimento ou atitude do autor, como sucede com Manuel de Sousa Coutinho; representativo, digo, não de ideia geral, isto é, símbolos, mas concretamente, em pontos determinados de solução definida e lição imediata.

De esta forma, o romantismo do teatro garreteano é só exterior e episódico; exterior, por ser histórico o tema tratado, e o historicismo estar, como é sabido, no âmago da preocupação literária, sentimental e até científica da época; episódico, por certa pseudo-ingenuïdade na expressão das paixões e na tonalidade do sentimento. E de esta última característica podem colher-se exemplos freqüentes no próprio «Fr. Luís de Sousa», em especial nas falas de D. Madalena de Vilhena. Quanto à essência — objectividade do tema, evolução do exterior para o interior em realização artística de que é princípio declarado a simplicidade —, pode dizer-se que neste domínio também nenhum romântico foi, de facto, mais, nem tão clássico como Garrett. Estes caracteres suprimem todo conflito gerado pela alma das personagens no embate; todo o seu teatro sério põe em cena o patriotismo simples, o amor simples, o ódio simples à tirania. A tal ponto que no Fr. Luís não parece ter-lhe sequer ocorrido a expressão prodigiosamente dramática e admiràvelmente psicológica do encontro de D. João de Portugal e Manuel de Sousa Coutinho, homem que a mesma desgraça aniqüilava e cada um dos quais devia ter

O actor Eduardo Brazão no papel de «Alfageme» na peça de Garrett, representada no Teatro D. Maria II, hoje Teatro Nacional de Almeida Garrett.

pelo outro grande respeito — como intencionalmente se revela no drama — e apesar de tudo sentir aquêle irreprimível fermento de ódio oculto e porventura inconsciente ao destruïdor da nossa felicidade ou pelo menos da nossa paz. Não. O drama vem do exterior e assim se desenrola até final.

Não é acaso que das cinco primeiras obras referidas só o «Catão» e a «Mérope» tenham sido escritas em verso. Garrett considerava ainda não aferido o nosso ritmo dramático, e em assunto ulterior ao século XVII só dificilmente e sob condição prévia admitiria o verso, devendo porventura escolher-se o decassílabo, talvez o único em que a prosódia portuguesa permite harmonia e fôrça que dispensam a rima. Nestas duas, o convencional é clássico: forma, atitudes, inevitável retórica; nas outras só de forma, e de sentimento, porventura em progressão decrescente, do «Alfageme», onde certa decoração de côros populares e de cavaleiros, além de outras ingenuïdades de cena têm ar deslocado e anacrónico, até o «Fr. Luís de Sousa». Neste o autor conseguiu o seu máximo de simplicidade, excepção feita da última cena, de puro melodrama, da morte de Maria, na atmosfera solene do templo, no acto de professarem os dois esposos.

A CÊNA DO ROMEIRO DO «FREI LUÍS DE SOUSA» (XV DO II ACTO)

Quadro de Miguel Ângelo Lupi, existente no Museu de Arte Contemporânea. Dêste quadro fez-se uma litografia em Paris, prémio da Sociedade Promotora das Belas Artes em Portugal, 4.º ano. Essa litografia, de grande formato, tem no ângulo direito *M. A. Lupi, pinxit,* ao centro *1865,* e no ângulo esquerdo *J. Correia lith. imp. August Bry,* Paris.

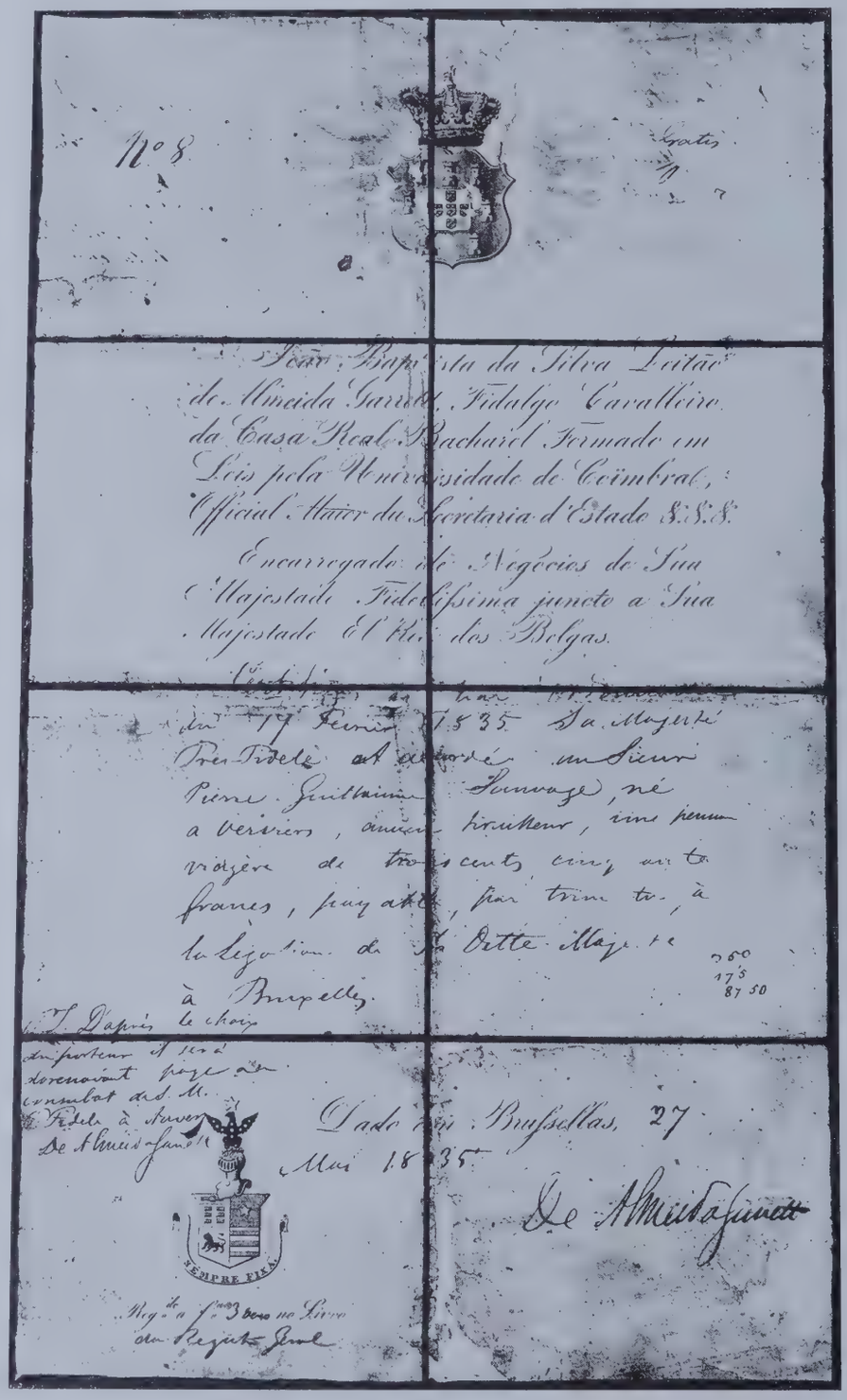
Ainda aqui, portanto, o equilíbrio crítico de Garrett o leva ao reconhecimento da ausência — que êle a si mesmo pregunta se será ingénita, — de teatro na literatura portuguesa; o conduz a formular a necessidade de criá-lo, a mostrar sua própria independência das regras e a necessidade de ultrapassá-las sem ser por desconhecimento, nem pelo desrespeito, visto em certos casos se julgar ainda «mais clássico do que Aristóteles»; ainda aqui a renovação é patente, o valor histórico-literário incontestável; só pode começar a dúvida, a interrogação e o exame quando há que determinar até que ponto a doutrina estética apresentada correspondeu à obra realizada; até que ponto o artista correspondeu ao esfôrço do crítico e do literato; como, até onde, na abundante herança literária de Garrett, perduram e valem intrìnsecamente os caracteres que êle pretendeu imprimir-lhe. Para que não suceda, como êle próprio diz, para explicar a longa disputa de clássicos e românticos, nenhuns dos quais, a seu ver, tinham razão: «uma obra de arte, seja ela qual fôr, não pode ser julgada pelas regras que à crítica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o autor invocou e tomou para sua norma». Isto porém, em qualquer caso obriga — se se fala do conjunto de uma obra — a considerar vários aspectos de ela; muito mais no caso em que se trata de autor doutrinário, inovador e cultor de formas várias de literatura. Podemos pôr como hipótese que no teatro garreteano, sem duvida não só pelo assunto, mas também pela natureza mesma de êsse ramo de arte, deverão aparecer, confundidas, qualidades que em outra modalidade aparecerão separadas, como as do seu lirismo, as da sua personalidade mental, as do seu feitio literário. Talvez se encontre por êste modo o feixe, concentrado nessa obra capital do

homem de teatro, o «Fr. Luís de Sousa» obra que tem na portada a despedida do autor à literatura, para dedicar-se, como era intenção sua, a escrever uma crónica — dever imperioso a que não queria esquivar-se: a «Crónica do último rei de Portugal, o Senhor Dom Pedro IV».

*
* *

Não a escreveu. Mas os termos em que se despede elucidam sôbre o que fôra para o seu espírito — descontada embora a velada ênfase da preocupação literária — êsse trabalho do artista: folguedo infantil, enleio da juventude, passatempo refrigerante dos primeiros e agitados anos da virilidade. Em contraste, o trabalho a que promete dedicar-se desde então é «duro, não produz rosas nem lírios»; só dá plantas úteis, mas desgraciosas à vista e fastientas ao olfacto — «o real e o necessário da vida».

A obra de Garrett poeta reparte-se naturalmente por três aspectos: o dos grandes poemas (Camões, Retrato de Venus e Dona Branca), o dos livros de Líricas, e o da organização do Cancioneiro. Nos poemas, com pequena excepção dos hinos na «Dona Branca», emprega o decassílabo sôlto, cuja plasticidade em mais de um passo afirmara; na lírica, propositadamente varia o metro para adaptá-lo à tonalidade do sentimento expresso. A colheita do Cancioneiro assenta na mesma base do seu teatro e dos poemas principais: a afirmação de existência do tema utilizável, e do valor intrínseco da utilização popular de certos temas. Do «Camões» diz o autor, com certo desvanecimento, a que dá forma de dúvida sôbre o mérito da obra, que não olhou a regras ao fazê-lo, e que há-de parecer singular um poema que tem por assunto outro poema. Isto não é rigorosamente verdadeiro; o assunto real do poema é a vida de Camões, não pelo interêsse biográfico próprio, mas como autor dos Lusíadas, figura tornada, pela circunstância histórica e pela obra capital, representativa da nacionalidade; ora, como nesse aspecto, Camões é essencialmente o poeta épico, e só por ser tal nos interessam episódios da sua vida, fazemos convergir tôda a sua personalidade para êsse objectivo. De aí, no poema de Garrett, aparecer no primeiro plano o autor do poema nacional e agruparem-se, para seu maior relêvo, episódios — lendários ou não — da sua vida de homem; de aí a cena da leitura do poema e a utilização de alguns versos camoneanos. Camões representa neste poema a figura simétrica da de Catão na tragédia, ou de Manuel de Sousa Coutinho no «Fr. Luís de Sousa». Até na forma, entre as duas tragédias em verso, e o «Camões», nenhuma diferença intrínseca; o «Camões» poderia ter sido dialogado, respeitando-se-lhe o plano, os episódios, e conservando-se-lhe até a forma.

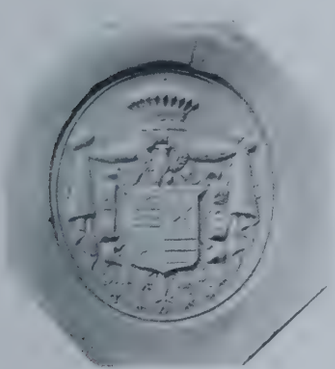


Certificado passado por Almeida Garrett, então Ministro de Portugal na Bélgica, a um soldado do Corpo de Atiradores Belgas que, em 1834, fez parte do Exército Libertador.

Na *Dona Branca*, a estilização de uma lenda. Mesmo como obra literária parece claro não poder êste poema chegar ao nível do anterior; mas igual espírito os anima

e exprimem a mesma concepção de valor literário; no conflito amoroso, realçado pela oposição de crença, é difícil não ver a influência do romantismo de Scott; mas em vez dos lances em que o fundo lendário se desdobra nos romances históricos à maneira do

res do poema, tido por atentatório da religião e da moral, o pitoresco processo em que o autor teve de defender-se no tribunal. Se bem que anterior a qualquer dos outros dois, êle documenta com maior intensidade e relêvo o constante aspecto crítico e didáctico da activi-



OBJECTOS DE USO QUE PERTENCERAM A GARRETT

I — Faca de madeira para abrir livros. Autenticada por F. Gomes de Amorim.

II — Sinetes para lacre, usados por Garrett.

III — Cadeira abacial que, depois de ter sido do abade do convento de S. Bento, pertenceu a Garrett. Foi depois da sua morte comprada por el-rei D. Fernando que a ofereceu a Francisco Gomes de Amorim. Pertence hoje ao Conservatório, tendo figurado na exposição teatral que há pouco se realizou.

«modêlo e desespêro de todos os romancistas», segundo Herculano, e da manutenção do interêsse pelo avivar do pitoresco, a lenda aqui não só se esquematiza na máxima simplicidade episódica, como se vê, para o próprio autor, o interêsse literário sobrelevar qualquer outro, e o à-vontade característico de Garrett espraiar-se na caricatura dos frades bernardos, caricatura em que ao lerdo aspecto físico se faz corresponder o grosseiro de uma atitude pseudo-doutrinal.

Nem faltou, a êste aspecto da obra, a forma didáctica, a exposição versificada de uma doutrina estética. Tal acontece com o «Retrato de Vénus», evolução da pintura — tratada à maneira dos poetas-mestres, como Lucrécio, com a invocação preliminar à deusa do amor, o que deu em resultado, com outros pormenores

dade literária de Garrett.

Até em certa modalidade da forma pode reconhecer-se o que fica dito. Em primeiro lugar, a ausência de rima nestes poemas, como em outras produções menores, resulta não só, ou melhor, não resulta principalmente de preferência deliberada, mas do sentimento do homem que julga a sua produção lírica uma espécie de brinco ou desenfado e para ela reclama liberdade completa de exprimir-se e de ser; e ao mesmo tempo reconhece a nobreza hierática de um drama de certo assunto, quando acção e personagens têm já a pátina severa do tempo, se o autor lhe confere a cadência rítmica do verso nobre, como julga — com razão — o decassílabo português.

Assim, a própria rima lhe aparece como jôgo um pouco infantil da criança que todo homem tem direito

UNIVERSITY OF ILLINOIS
LIBRARY

D. Maria Adelaide de Almeida Garrett Guimarães, filha de Garrett

personalidade. Romantismo que, muito mais do que de doutrina, é a vibração acorde do poeta com o ambiente romântico, com o qual estivera em contacto no estranjeiro, directamente, como na Inglaterra, indirectamente, como sucede com os representantes alemães da escola, que tardia mas proficuamente conheceu. Pela liberdade da forma, pela espontaneidade confiada, quanto ao sentimento e à expressão, pela simpleza do sentimento e até um pouco pela monótona, embora discretamente velada por vezes, corda amorosa dominante, as líricas enfileiram na orientação confessa do poeta, mas dão testemunho do que foi, durante muito tempo, para os românticos, único ideal possível de paixão e lirismo: a ternura em termos de pseudo-candura, como se lhes desse prazer máximo o contraste da realidade da vida — convencionalmente julgada gros-

D. Rosa Montufar Barreiros
1.ª baronesa e 1.ª viscondessa da Luz.
Inspiradora das «Folhas cahidas»

(Fotografia da época pertencente à colecção de H. de C. Ferreira Lima)

de ser em alguns momentos. A esta ideia radicada tem de corresponder — ¿como resultado ou como condição? — certa fraqueza no domínio da rima, que não pode ser objecto de elevada preocupação estética, pois esta se confina no valor literário e rítmico do verso.

Em segundo lugar, êsse valor rítmico é valor de acentuação e não de pura musicalidade; pelo que há, para o verso, uma condição primacial: não ser frouxo. Garrett procura sempre que o verso apareça pleno, e por isso qualquer palavra em que possa considerar-se mais ou menos uma sílaba métrica tem o mínimo no verso garreteano. A constância do facto impede se considere casual.

Em terceiro lugar, o autor pratica intencionalmente o enlace *(enjambement)*, e é evidente, ao lê-lo, que não se trata no caso de obter fluidez especial, flutuação melódica derivada do processo, mas — e aqui a distinção caso a caso é impossível — ou da influência do verso latino ou da liberdade própria do seu espírito, que, obedecida a regra mínima tida por indispensável, não vê necessidade alguma de prender subsidiàriamente a amplitude da expressão.

Nenhuma de estas condições o prende na Lírica, onde se expande a face subjectiva e romântica da sua

D. Luiza Cândida Midosi, espôsa de Garrett

seira — e o arroubo, que pensavam dever e poder manter-se no plano da infantilidade alvoroçada e confiante. Em Garrett, êste romantismo «pessoal», e não «de escola», representa o seu sacrifício à musa do tempo, embora modificada no sentido do equilíbrio, da moderação, do suave, uma ou outra vez da ironia leve. Afirmava assim implícita, como explicitamente fêz, o direito do espírito humano ao devaneio lírico entre as coisas graves da vida, a respeito das quais por vezes a sua crítica hesita sôbre se verdadeiramente serão mais importantes do que o arroubo primitivo da sensibilidade.

Não só, portanto, se tomarmos por medida outra maior ou mais profunda obra lírica de qualquer poeta, mas até se quisermos aferi-la pelo conjunto da outra produção do mesmo autor, a lírica de Garrett não pode apresentar-se como modêlo ou sequer como grande monumento. Para nós, a barreira que lhe vedava êsse sacrário da ingenuïdade caíu, e o lirismo afinado por aquele diapasão, a despeito de alguma composição literàriamente apreciável, aparece-nos, na generalidade,

O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2$600	Trimestre ou 6 numeros $650
Semestre ou 12 numeros	1$300	N.° avulso ou pago á entrega $120

ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 24 numeros ..... 3$000 | Semestre ou 12 numeros .... 1$500

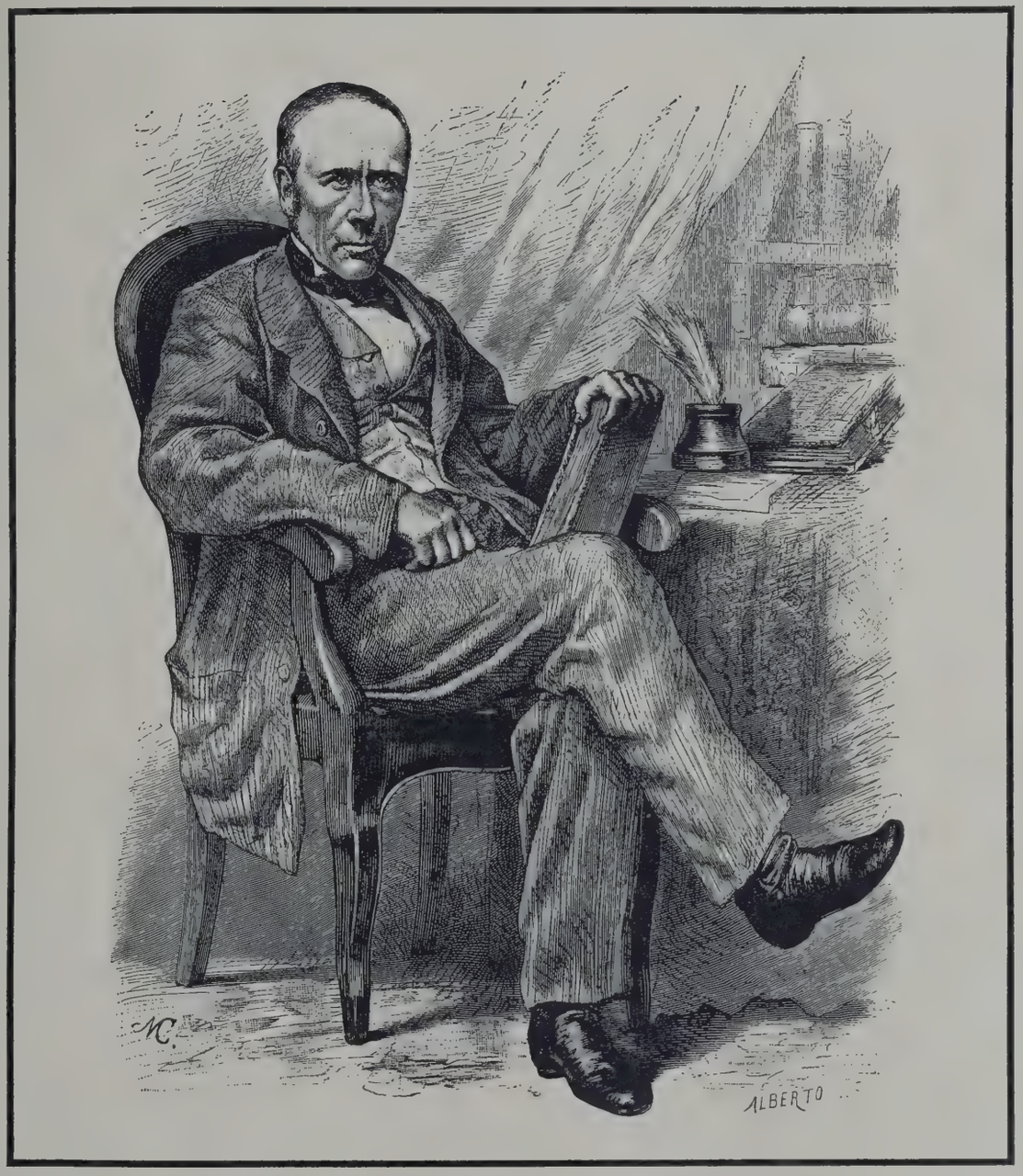
1.° ANNO — VOLUME I — N.° 1

1 DE JANEIRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

E correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



A. Herculano

PRIMEIRA PÁGINA DO PRIMEIRO NÚMERO DA REVISTA « O OCCIDENTE ».
CARINHOSA PROVA DE ADMIRAÇÃO E APRÊÇO PELO VULTO INCONFUNDÍVEL DO MESTRE

Um dos três ex-libris usados por Almeida Garrett.

De «Os ex-libris de Garrett» por H. de C. Ferreira Lima, separata do vol. 2.º da *Revista de Ex-libris portugueses*. Pôrto, 1917.

pleza, a queda no ouvido, o melhor determinante de essa escolha imediata; no «Pescador da barca bela», por exemplo, é o ritmo fácil, a repetição favorável, a mancha vaga da imagem «pescador-barca», sugestiva e indeterminada, a identidade monótona da rima, que dão ao pequeno trecho curso largo e aceitação ampla; como nas «Asas brancas», igual resultado veio dar a mesma nota, agora melancólica, de vaga evocação, de insistência na imagem simples, de forma aparentemente narrativa sem começo nem

F. Gazul

Francisco Freitas Gazul professor de música, da Real Câmara, da Sé e do Conservatório. Compôs a ópera *Frei Luiz de Souza* que subiu à cena em 19 de Março de 1891.

como «merendinha de sentimento», para utilizar uma frase empregada, a propósito de assunto diferente, por um dos maiores admiradores do Garrett renovador da prosa portuguesa, Ramalho Ortigão. Lirismo superior é decerto o que, servido pela beleza formal, se nos apresenta profundo, subtil ou veemente, qualidades que não podemos encontrar na lírica de Garrett. No entanto, e ainda aqui, o que fôra nêle espontânea liberdade, e frescura, veio peorar nos seqüazes que, seguindo o seu rumo — e só o exterior se imita —, vieram a transformar em convencional amaneirado o que fôra frescura e simplicidade, a crítica de-certo, mas moderada e talvez um pouco enfeitada, da sincera tentativa de simplicidade em que se desvelara Garrett.

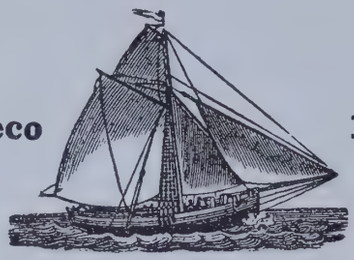
Francisco Gomes de Amorim
O notável cronista de Garrett, sua espôsa e filhos. (Fotografia da época, pertencente a H. C. Ferreira Lima)

Certas composições adquiriram popularidade e figuram naquela forma especial de antologia chamada tradicionalmente «selecta escolar». Deve-se o facto à semelhança de tom (de maior apuro, no entanto), de tais líricas com as de inspiração popular, generalizadas e adoptadas por idêntica ressonância na alma colectiva. Não pode tal acôrdo ser critério incondicional de apreciação, visto serem muitas vezes a facilidade, a simfim e a que só o estudo de pormenor biográfico — aliás pouco interessante neste caso — pode conferir certo sentido objectivo, que nem realça o valor nem é verdadeiramente necessário à interpretação literária e artística, em si própria.

Excepção feita de alguns casos de estes, a lírica de Garrett, documentadora do autor, é de-certo a parte da obra sôbre a qual — a despeito do juízo de alguns contemporâneos e alguns repetidores — benèficamente destinguiu o mérito do autor em outros aspectos da obra. As qualidades menos discutíveis e mais profundas de Garrett, se não erro, tinham mais adeqüado meio de expressão na prosa, ou no verso que mais se lhe aproxima, o decassílabo sôlto.

* * *

Garrett prosador, é o romancista, o orador, o expositor. Muitas de suas obras têm prefácio explicativo e

O Chaveco  **Liberal.**

Nº. 1. VOL. I.

O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.—BYRON.

Quarta feira 9 de Septembro, 1829.

BOTA-FORA DO CHAVECO.

Mais qu'a-t-il été faire à bord de cette galere?
MOLIERE.

O que vimos nòs fazer a bòrdo deste chaveco?—Boa pergunta, Sr. Publico! (Ja se ve que fallâmos com o Pùblico; assim nos oiça elle)—Vimos a bòrdo do chaveco porque somos a tripulaçaõ d'elle, arraes e mais companha, e com a ajuda de Deus pretendêmos sahir a côrso ao primeiro vento favoravel:—A côrso, inda assim, com toda a legalidade possivel, que nem o proprio Vatel saberia disputar.—Tambem ca se sabe Vatel e direito das gentes a bòrdo do Chaveco,—que não cuidem qne he ahi qualquer barquinho de má morte, d'estes que largaõ vèla rôta, panno em segunda mão,—a que chamaria um official da nossa tripulaçaõ, bom curioso de versos—

Farpados restos do traquete roto,—que içam bandeira de furtacôres, que ningnem sabe a que bòrdo vaõ, nem se a gente os tem pela poppa ou pela proa, a balravento ou a sottavento. Naõ senhor: nòs ca somos e declaramos ser o CHAVECO LIBERAL; içamos bandeira portugueza à rè e no tope, bandeira portugueza constitucional; e levamos carta-de-marca em boa e devida fòrma; e pela Senhora D. MARIA II. sahimos a corso contra todo o inimigo seu d'ella,

O Chaveco Liberal, fac-simili do seu primeiro número

O Precursor.

Acude e corre, pae,—que se não corres,
Póde ser que não aches quem socorres.
CAMÕES.

LONDRES, 27 DE SEPTEMBRO, 1831.

AOS PORTUGUEZES DE TODAS AS OPINIÕES E PARTIDOS.

O prazo da expiação vai emfim terminar, a hora da salvação chega. Preparemo'-nos todos para ella; e annunciemo'-la de boca em boca paraque aos remissos não falte admoestação, aos culpados salutar remorso, e aos verdadeiros leaes se dobre o ânimo e a coragem que devem appressar o triumpho.

Os extremos, segundo é velho e sabido rifão, ao cabo se tocam. Portugal não póde mais com a desgraça: seus padecimentos chegaram áquella meta derradeira em que é forçoso ao mesmo infortunio desandar. Um só, mas valente esforço, unico mas simultaneo, e estamos salvos. E'sta unidade de acção, ésta centralização de todas as forças, de todas as vontades, de todos os meios, é a que so falta, e que so basta. Concorramos todos para ella, e acabemos a grande obra da salvação da Patria.

O PRECURSOR ousa metter hombros á empreza, talvez não facil, de chamar a todos os seus compatriotas a ésta união, a ésta cordial juncção de meios e forças que no momento da crise se requerem.

Um centro de opiniões e principios para todos os verdadeiros amigos da Liberdade e felicidade da patria tinhamos ja na Rainha e na Carta. Um chefe em-tôrno do qual nos reunissemos para defender esses dous caros penhores, para pugnar por elles, nos faltava. Por secretos juizos da Providencia esse chefe appareceu no meio de nós quando menos o esperavamos. O augusto primogenito da casa de nossos antigos Reis volveu a presidir aos destinos portuguezes. Outra vez um Duque de Bragança terá a glória de libertar a patria, e de restituir o miserando e abatido Portugal á communhão das nações. Ja devemos ao Senhor D. Pedro IV rei de Portugal a restituição de nossos antigos foros, e das liberdades da patria, devêremos agora mais ao Sr. D. Pedro Duque de Bragança---essa mesma patria---que ja não existe, ou como se não existisse, apenas dura nos tormentos de sua prolongada agonia. A elle pois como a nosso natural defensor, a elle bradâmos nós e a Patria, a elle os Portuguezes e sua Rainha bradâmos pelas palavras do poeta:

Acude e corre, pae,—que, se não corres,
Póde ser que não aches quem socorres.

E'sta devisa, que para sua tomou o PRECURSOR, assim como hade estar fixa e constante em suas paginas, deve andar continua e perpétua na boca de todos os Portuguezes. Portugal, repito, ja não póde com a desgraça que o opprime: corramos e acudamos-lhe ja, ou não chegaremos a tempo. Prudencias de *Fabios Tur-*

1

O Precursor publicado em Londres.
Fac-simili do seu primeiro número

O CHRONISTA,

SEMANARIO

DE POLITICA, LITTERATURA, SCIENCIAS, E ARTES.

VOLUME I.

[Março, Abril, e Maio.]
1827.

LISBOA.
NA IMPRENSA DO PORTUGUEZ. 1827.
Com Licença.

doutrinário, bem como os projectos de lei ou de reforma; em todos se sente o homem que pretende ser e manter-se *peritus dicendi*, com o objectivo capital da simplicidade, tida por indispensável na educação, como expõe na «Carta sexta», ao ocupar-se do estilo do livro de história; e logo explica em nota que pretende assim opor-se ao vício dominante em Portugal; e exemplifica pitorescamente: «... um deputado nosso... seguindo o *de se parce et modeste* de Quintiliano, começou o seu discurso: — *Eu não poderei falar em um estilo tão sublime e guindado* etc. — Logo supunha o sr. deputado que estilo guindado era coisa excelente».

Pondo de parte o fragmento do romance «Helena», ficam a revelar-nos Garrett romancista «O Arco de Sant'Ana», de ambiente histórico, e as «Viagens na minha terra», de acção contemporânea, ligada episòdicamente às lutas civis. De nenhum de êles pode dizer-se que seja um romance, não só em função da nossa concepção actual, mas até tomando como referência modelos que o autor conhecia e prezava. Falta-lhes estrutura, porque sobeja digressão; e se nela aparecem e se confirmam características da personalidade do autor, perde-se, evidentemente, a seqüência do romance, como tal. Não que êle não tenha consciência de isso, porque até no pormenor do processo o justifica, entre irónico e sincero, no livro «Viagens...» [Cap. XX]:... «quando pinto, quando vou riscando e cobrindo as minhas figuras, sou como aquêles pintores da Idade-Média, que entrelaçavam, nos seus painéis, dísticos de sentenças, fitas cravadas

CAMÕES,

POEMA.

Paris,

NA LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA,
Rue Mignon, nº 2, faub. St.-Germain.

1825.

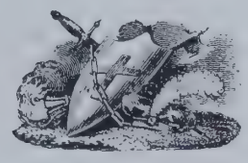
A primeira edição do poema *Camões*.

D. Branca,

OU

A CONQUISTA DO ALGARVE,

Obra posthuma de F. E.



PARÍS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD, QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVI.

A primeira edição da *D. Branca*.

LYRICA

DE

JOÃO MINIMO.

PUBLICADA PELO AUCTOR DO RESUMMO DA HISTORIA DA LINGUA E POESIA PORTUGUEZA, DO POEMA CAMÕES, D. BRANCA, ADOZINDA, &C.

Londres:

SUSTENANCE E STRETCH,
14, PERCY-STREET, RATHBONE-PLACE.

MDCCCXXIX.

A primeira ed. da *Lirica*... publicada em Londres em 1829.

de moralidades e conceitos... talvez porque não sabiam dar aos gestos e atitudes expressão bastante para dizer por êles o que assim escreviam e servia a pena de suplemento e ilustração ao pincel... Talvez; e talvez pelo mesmo motivo caio eu no mesmo defeito...».

Esta liberdade de movimento, e o primitivo ambiente histórico e nacional do «Arco de Sant'Ana» aproximam o livro, no espírito originário e na realização, da tentativa do «Cancioneiro», confirmada pelas «Viagens na minha terra». Trata-se de procurar e utilizar o filão nacional e popular; e trata-se ainda, com empenho, de justificar pelo exemplo escolhido, a opinião, a doutrina, a crença do autor. Romântico pela ingenuidade amorosa — poderia até chamar-se-lhe simpleza — romântico pela moldura de pitoresco evocador, romântico pelo mistério — aliás não muito profundo — nêle desenvolvido, por tôda a parte contràriamente se revela a tendência do autor para a observação, a crítica, a capacidade de ironia e até a de auto-ironia, que é verticalmente oposta à impulsividade romântica. A complacência com que se narra e aprecia a acção do chefe popular improvisado — Vasco — revela, claro, a sua preferência política. E no conflito amoroso de que em parte o romance deriva, entre a judia e o cavaleiro, mais tarde «bispo barregão», como o insulta a vozearia do povo em revolta, a judia é vítima e o cavaleiro cristão o miserável.

Independentemente do que possa haver autobiográfico — não quanto a factos, mas quanto a certo aspecto da psicologia do autor — o paralelismo de estrutura, ou de falta de estrutura, dos dois romances é evidente. O mesmo fio de história a dar pretexto a digressão constante e abundante, a ponto de parecer objectivo primacial não a obra apresentada, mas a reflexão que ela expõe e sugere; a mesma singeleza psicológica na paixão amorosa, quer simples e impulsiva, como em Vasco e Gertrudes, quer

VIAGENS

NA MINHA TERRA

POR J. B. DE ALMEIDA-GARRET.

I.

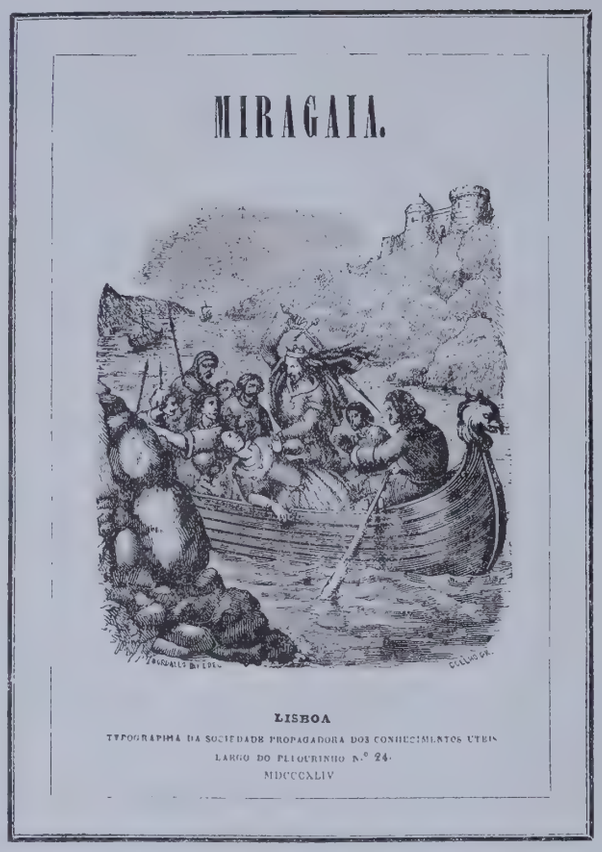
LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS TRIBUNAES.

1846.

A primeira edição das *Viagens*... 2 volumes.

brutal e torpe, como no bispo. Quando muito, o facto — de-certo por experiência também conhecido — da inconstância humana, denunciado no Carlos das « Viagens », que sucessivamente e ardentemente se declara encantado, em carta à Joaninha, a quem o remorso o leva a escrever, por três irmãs inglesas, nas quais, uma a uma, fôra descobrindo, com surpresa, encantos por que de começo não dera. Mas aqui não há verdadeiramente penetração psicológica; há conhecimento directo; e até nos raros casos em que surge uma observação feliz neste campo, ou provém de esta fonte ou resulta da limitação, do condicionamento imposto pela sua crítica ao juízo cortante e exclusivo sôbre qualquer realidade complexa. Assim acontece ao falar do bispo despótico e sensual que


MIRAGAIA.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS
LARGO DO PELOURINHO N.º 24.
MDCCCXLIV

fica só [Cap. XXVII] « com seus maus — e porque não também com algum da seus bons pensamentos? » Entretanto para explicar esta dualidade, enunciada apenas genèricamente, o que evidencia a origem crítica e abstracta da afirmação, logo a reduz à mais simples de tôdas as fórmulas: a do remorso, que a raras almas deixa de picar no coração, uma vez por outra.

Carlos, o heroi das « Viagens na Minha Terra », se tal nome pode dar-se a uma figura de narrativa como esta, depois de arrastado a aventuras militares e amorosas pelo drama da sua família e até pelo do seu nascimento, colabora involuntàriamente na desgraça e acaba em barão e deputado. Serenamente o conta uma das personagens à que no livro figura também como narradora do

DISCURSO

DO

SR. DEPUTADO PELA TERCEIRA

J.-B. de Almeida Garrett,

NA DISCUSSÃO

DA

RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA,

PRONUNCIADO

Na Sessão de 8 de Fevereiro de 1840.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.
1840.

FREI LUIZ DE SOUSA

POR

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

EDIÇÃO DO THEATRO DO PINHEIRO.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.
MDCCCXLIV.

FOLHAS

CAHIDAS.

LISBOA
EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS.
1853.

Frontispícios das primeiras edições de algumas obras de Garrett.

DESPUES DEL COMBATE

drama en tres actos y un cuadro, en verso

ESCRITO SOBRE UN PENSAMIENTO DE ALMEIDA GARRET

POR

D. LUIS LOPEZ-BALLESTEROS

Y

D. MANUEL PASO

Estrenado con extraordinario éxito en el TEATRO DE LA PRINCESA de Valencia, el dia 14 de Mayo de 1890.

MADRID
IMPRENTA DE JOSE RODRIGUEZ
ATOCHA, 100, PRINCIPAL

1890

Tradução em espanhol do drama *Frei Luiz de Sousa* de Garrett.

DONA BRANCA,

OU

A CONQUISTA DO ALGARVE,

Obra posthuma

DE

F. E.

BAHIA,

TYP. CONSTITUCIONAL IMP. G. J. D. BARBUDA.
Rua do Tijolo casa n. 19. — 1839.

Uma contrafacção brasileira da *D. Branca.*

Luiz de Sousa

von

J. B. de Almeida-Garrett.

Aus dem Portugiesischen

in's Deutsche übertragen

von

W. L.

Frankfurt a. M.
Gedruckt bei August Osterrieth
1847.

Tradução alemã do *Fr. Luiz de Sousa.* Acompanha-a um retrato do poeta.

que ouviu — o autor do livro —; e êste fecho só por si bastaria, quando fôsse única prova, para documentar a sua atitude literária, capacidade observadora e independência.

E por isso estes livros nos aparecem com técnica espontâneamente adeqüada ao ambiente espiritual de Garrett; desenrolam-se, na quási totalidade, em alternativa de longos diálogos escrupulosamente redigidos no discurso directo — como nos dramas — com respeito do sabor da época, sempre que ela é suficientemente afastada, e de reflexões doutrinárias, muito mais que de descrições. A liberdade e a espontaneidade nessa alternativa, o anti-academismo novo e fresco de seu curso é que produziram, com razão, aquela incontestável e confessada surpresa de contemporâneos e sucessores; a tal ponto que puderam até consolidar-se ilusões em tôrno das páginas de Garrett. Foi o que sucedeu com as poucas linhas em que êle nas «Viagens» se refere ao vale de Santarém, transmudadas pela fama sugestionadora, de que o próprio Herculano foi artífice, em tipo maravilhoso de descrição do mesmo vale.

CAMÕES,

POEMA.

Dedicado

A' ILLUSTRISSIMA SENHORA D. IGNACIA MARIA DE CARVALHO E LIMA, DIGNA FILHA DO ILLUSTRISSIMO SR. FRANCISCO XAVIER DE CARVALHO CORONEL CHEFE DA 2. LEGIÃO DO MUNICIPIO DA VILLA DE MARAGOGIPE, E RESPEITAVEL ESPOSA DO ILLUSTRISSIMO SR. FRANCISCO PINTO LIMA, NEGOCIANTE MATRICULADO DESTA PRAÇA, &c. &c.

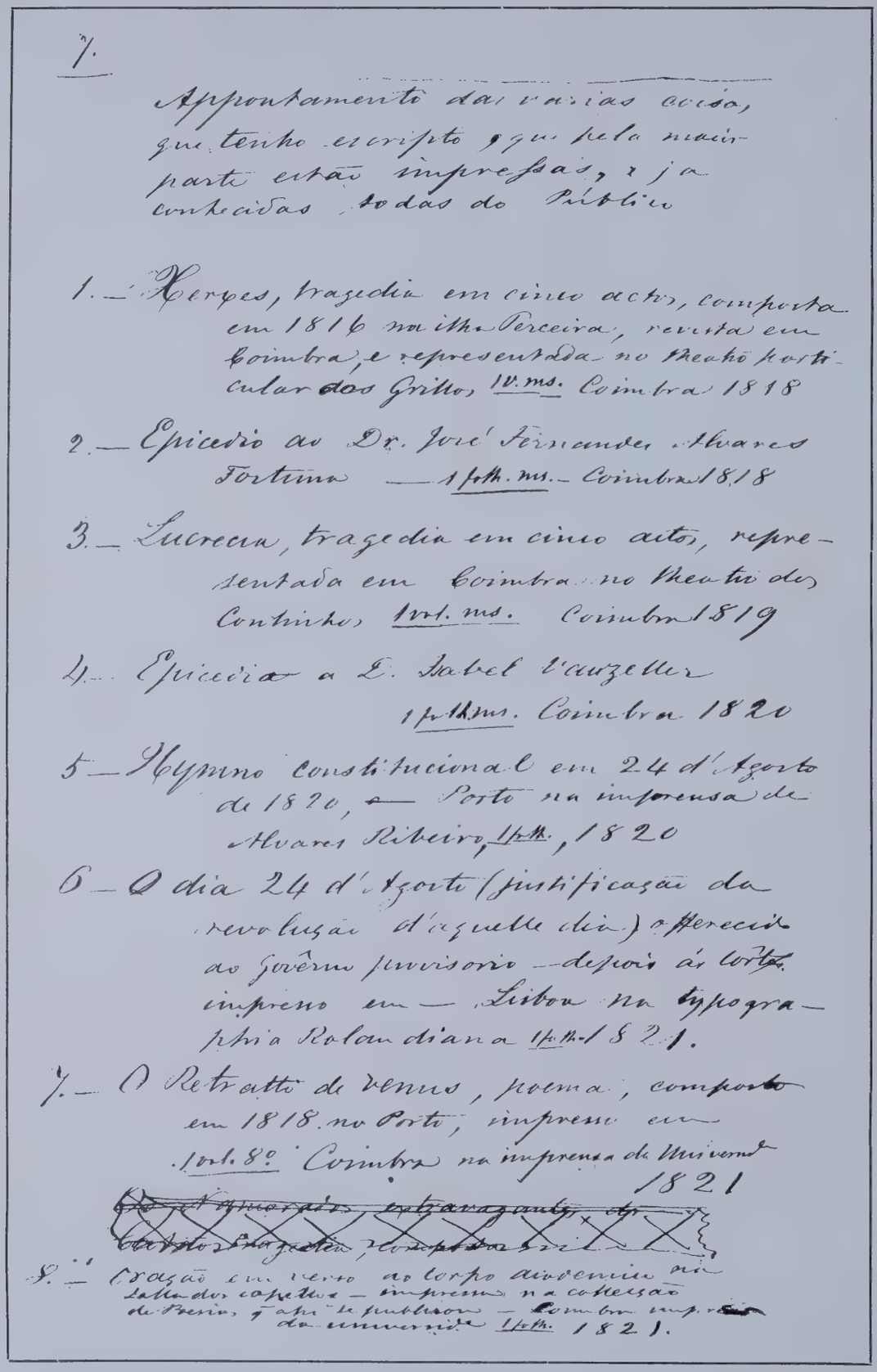
BAHIA.

Reimp. na Typ. de M. A. da S. S.
Quina opposta à do Aljube, n.° 6.
1839.

Uma contrafacção brasileira do poema *Camões.*

Não. Garrett não descrevera. Comentara. Dissera-nos que o vale de Santarém era lugar privilegiado, por ser harmónico e por ser repousante. Nada mais.

Ninguém melhor do que êle próprio dá conta do *seu* romantismo e da liberdade com que o encara. Inúmeros passos o demonstram. Nas «Viagens», parece tentar a descrição da estalagem de Azambuja, mas faz uma digressão de que finge arrepender-se [Cap. III] e declara que na impossibilidade de ser clássica, talvez possa ser romântica; para isto bastará pôr-lhe «um *Chourineur* a amolar um facão de palmo e meio, uma *Fleur de Marie* para dizer e fazer pièguices com uma roseira pequenina, bonitinha, que morreu — coitadinha! — e um príncipe alemão encoberto, forte no sôco britânico..., profundo em gíria de cegos e ladrões...». Mas não pode fazê-lo... «*porque nada disso lá havia*».



7.

Appontamento das varias coisas, que tenho escripto, que pela maior parte estão impressas, e ja conhecidas todas do Público

1. — Xerxes, tragedia em cinco actos, composta em 1816 na ilha Perceira, revista em Coimbra, e representada no theatro particular dos Grillos, 1 v. ms. Coimbra 1818

2. — Epicedio ao Dr. José Fernandes Alvares Fortuna — 1 foth. ms. — Coimbra 1818

3. — Lucrecia, tragedia em cinco actos, representada em Coimbra no theatro dos Continhos, 1 vol. ms. Coimbra 1819

4. — Epicedio a D. Isabel Vauzeller 1 foth. ms. Coimbra 1820

5 — Hymno constitucional em 24 d'Agosto de 1820, — Porto na imprensa de Alvares Ribeiro, 1 foth., 1820

6 — O dia 24 d'Agosto (justificação da revolução d'aquelle dia) offerecido ao Govêrno provisorio — depois ás Cortes impresso em — Lisboa na typographia Rolandiana 1 foth. 1821.

7. — O Retratto de Venus, poema, composto em 1818 no Porto, impresso em 1 vol. 8º Coimbra na imprensa da Universidade 1821

~~Os Namorados extravagantes, dr. Cardoso tragedia, composta em~~

8. — Oração em verso ao corpo academico na Sala dos capellos — impressa na collecção de Poesias, q̃ ahi se publicou — Coimbra imprensa da universidade 1 foth. 1821.

Nota autógrafa de Almeida Garrett, sôbre as suas obras, fornecida em 1852 a F. Gomes de Amorim. Primeira página. Pertence à colecção garretiana de H. de C. Ferreira Lima.

Lembra o velado sarcasmo da receita dada por Eça de Queiroz, em *A Ilustre Casa de Ramires*, para se fazer uma novela histórica.

Esta alusão, que em forma irónica vela a sincera posição do autor, aparece também muitas vezes, com forma de afirmação doutrinária, na mesma e em outras obras. Na mesma, quando afirma não ter, nem em princípios nem em fins, escola a que esteja sujeito, e por isso contará o caso como êle foi [C. XXXI in-fine]; e na Introdução ao Romanceiro, a sua interpretação do Romantismo é a de que «vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós... e deixemos em paz

> Gregos, romãos e tôda a outra [gente».

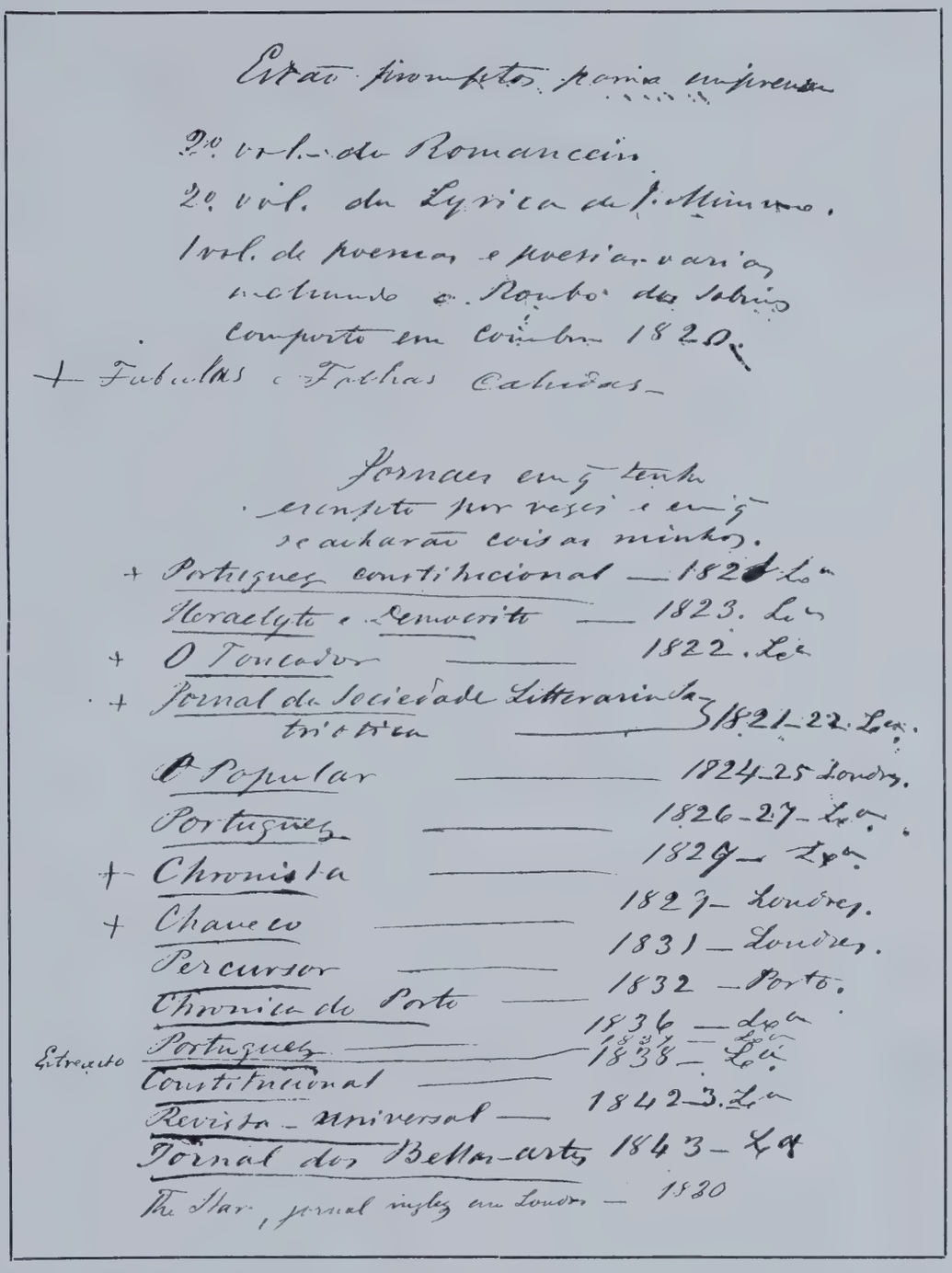
E para isso de nada servirá «substituir Goethe a Horácio, Schiller a Petrarca, Shakespeare a Racine, Byron a Vergílio, Walter Scott a Delille, pois que por tal forma só conseguiríamos dizer mais sensaborias com menos regra.» O remédio estava em estudar o grande livro de tradições nossas.

Com igual espírito afirma na Introdução à «D. Filipa de Vilhena»: — «É clássica esta peça? Não sabemos. Tem coisas disso. É romântica? A espaços nos parece ter veemência de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da escola.»

«Quem sabe se o autor será *ordeiro* entre os dois partidos literários? Goethe, que fôra um romântico exaltado, morreu abraçado com a *fé ordeira:* deve de ser boa religião literária».

Há talvez ingenuïdade no transplantar da designação política do centro da Câmara, em que era figura primacial, para a designação literária da escola, ou melhor, da concepção anti-exclusivista do autor; isto mesmo testemunha, no entanto, da constância e generalidade de sua posição, que vamos encontrar em muitos de seus prefácios, notas e mensagens (literárias ou políticas) e nos discursos par-

lamentares, dos quais o mais célebre, chamado do Pôrto Pireu, proferido em resposta a José Estêvão, tem até por núcleo definir e defender a posição dos «ordeiros» na política nacional. E igualmente poderiam citar-se muitos passos de trechos políticos e fragmentos de discursos em que o mesmo critério tranqüilamente reaparece. Por exemplo: no discurso proferido na discussão de resposta ao da Coroa, na Câmara dos Pares (fevereiro de 1854), referindo-se ao estado da administração, comenta: «Sôbre esta dupla base [combinação do esfôrço espontâneo do povo com a direcção do govêrno central] repousa tôda a administração. Mas a nossa é tôda imposta, tôda de compressão, tôda sintética. Não se analisam as fôrças públicas; *decretam-se.* Não se examina o que há e pode haver, para se regular e dirigir pela lei... ...A lei é que *ordena* o que há e o que há-de haver. A autoridade pública determina e decide dogmàticamente o que os cidadãos possuem, a instrução que têm, os filhos que geraram, as circunscrições territoriais a que pertencem, sem lhe importar que a natureza, o clima, as circunstâncias pessoais ou locais desmintam as suas decisões ou zombem de elas. É o *ipse dixit* do pedantismo da escola, aplicado à administração do Estado». E mais adiante: «... a administração não é um fim, é um meio. Não se administra para se administrar. Administra-se para obter a segurança pública, a liberdade pessoal, a instrução, tôdas as vantagens sociais». Averiguar até que ponto a acusação é procedente nada interessa à limpidez da expressão como ao exacto da doutrina.


Estão promptos para imprensa
2º vol. do Romanceiro
2º vol. da Lyrica de J. Minimo.
1 vol. de poemas e poesias varias
incluindo o Roubo dos Sobrinos
composto em Coimbra 1820.
+ Fabulas e Folhas Caldas
Jornaes em q tenho
escripto por vezes e em q
se acharão coisas minhas.
+ Portuguez constitucional — 1821 Lª
Heraclyto e Democrito — 1823. Lª
+ O Toucador — 1822. Lª
+ Jornal da Sociedade Litteraria Patriotica — 1821-22. Lª
O Popular — 1824-25 Londres.
Portuguez — 1826-27 Lª
+ Chronista — 1829 Lª
+ Chaveco — 1829 Londres.
Percursor — 1831 Londres.
Chronica do Porto — 1832 Porto.
Portuguez — 1836 Lª
Extracto — 1837 Lª
Constitucional — 1838 Lª
Revista Universal — 1842-3. Lª
Jornal das Bellas-artes 1843 Lª
The Star, jornal inglez em Londres — 1830

Última página da nota bibliográfica de Garrett dada a Gomes de Amorim. Compõe-se de 41 números e é escrita em 1 folha de papel almaço branco e outra azul. (Col. Ferreira Lima).

E em tudo, e sempre, as qualidade primaciais da prosa de Garrett: ductilidade, clareza, anti-academismo. Penetrado de formação grega e latina, compreende que a língua existe por necessidade de expressão, e a sua admiração por Filinto Elísio, tanta vez confessada, não o impede de aceitar o neologismo — não por motivo estético, mas sempre que o supõe necessário à justeza do entendimento. As palavras «desapontar» e «desapontamento» aparecem várias vezes, entre comas; mas como se não bastasse tê-las justificado em nota, de aspecto filológico, na qual se discute se «lograr» e «lôgro» podem ou não substituí-las sempre, põe na boca do diabo, metido no corpo de Fr. Soeiro, e que fala sarcàsticamente, segundo é próprio do diabo, a curiosa lição de linguagem:

> «Fiquei *desapontado*, como dizem
> Os ingleses; não há na vossa língua
> Com que o dizer; e venha ou não do diabo
> Tomem-na, que hão mister de essa palavra.

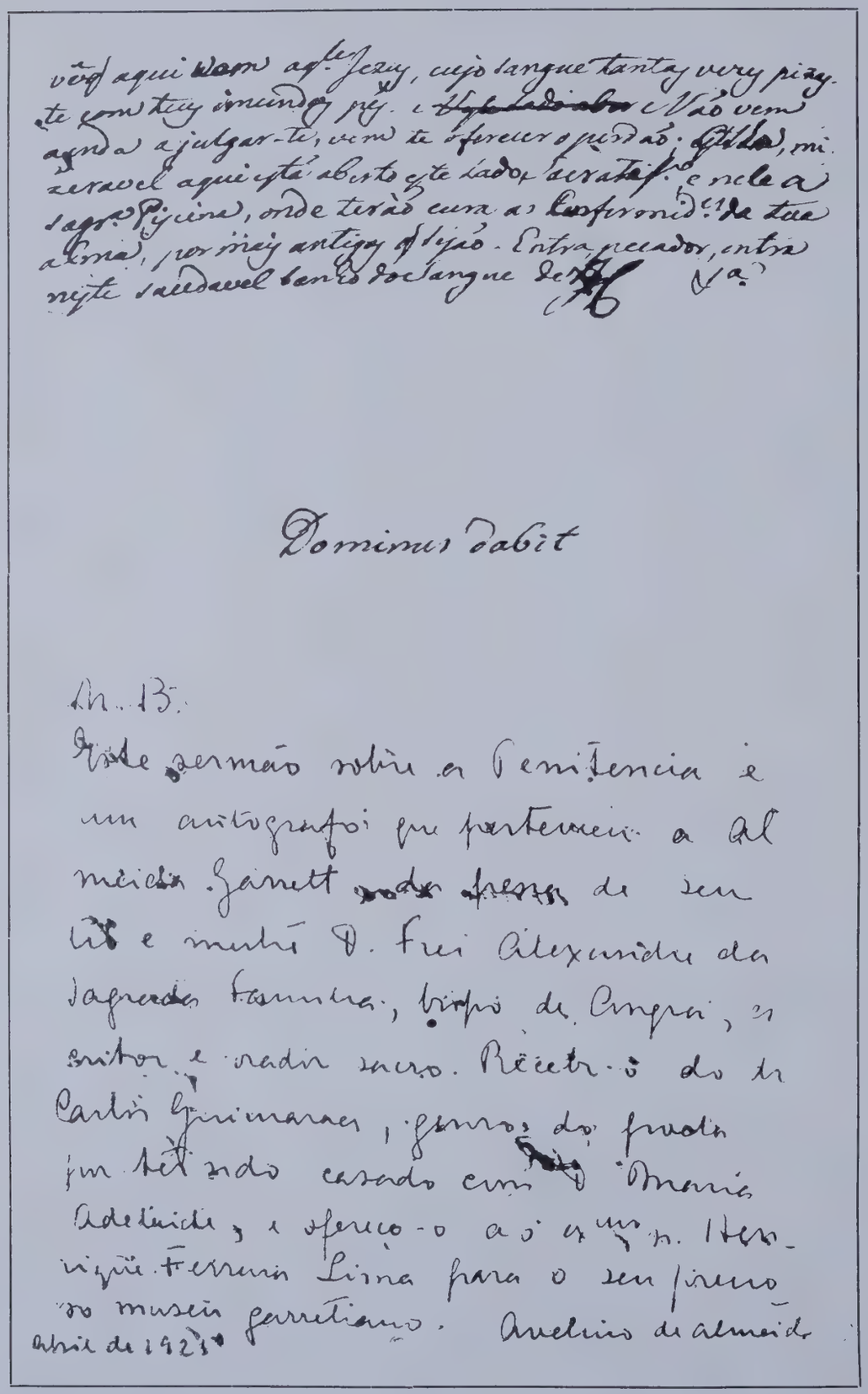
Demais, Garrett não procedeu casualmente ou por

simples instinto a esta verdadeira reforma da prosa portuguesa, cujas bases, mais do que as do teatro porventura, êle em verdade lançou. Êle sentiu a falta de essa reforma ou de essa criação no conspecto da literatura portuguesa, ao considerar a necessidade da prosa moderna. A prosa «que ainda não há», de que viria a falar o Fradique Mendes, de Eça de Queiroz, tal é a necessidade sentida e expressa por Garrett. Êle o diz: «A poesia e a literatura portuguesa precisavam retemperadas nos princípios do século passado... Veio o Garção, o Dinis, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satélites de estes quatro grandes planetas, e restauraram a língua e a poesia — a prosa não —...»

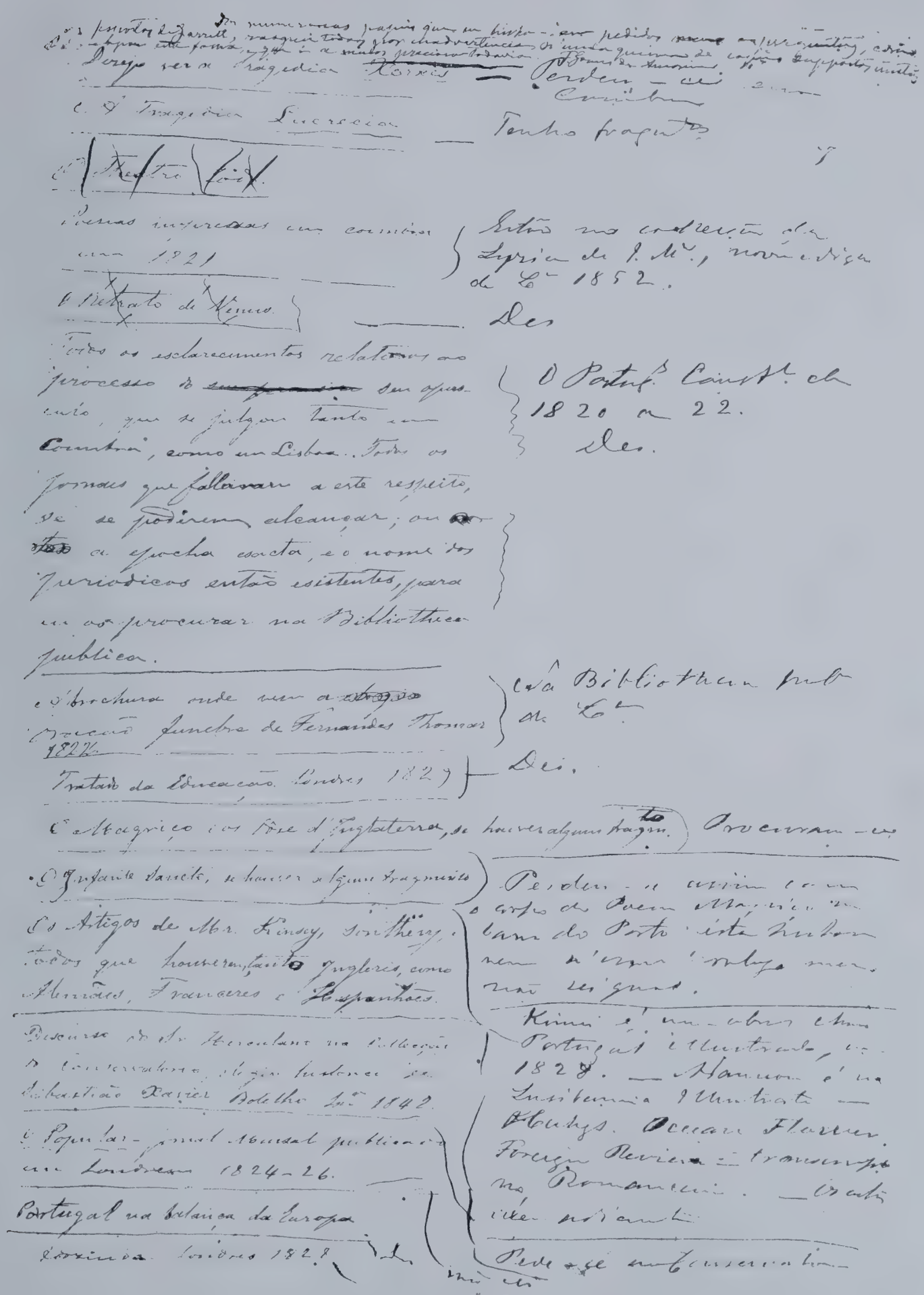
A prosa, não. Assim se afirma na Introdução ao Romanceiro; essa tarefa de sacudir, desarticular e agitar a prosa portuguesa estava-lhe reservada. Essa tarefa êle a cumpriu, e por ela exerceu a maior e melhor parte da sua influência.

* * *

Creio que pode considerar-se bipartida a descendência literária de Garrett; e se pelo fruto pudéssemos neste caso avaliar a árvore, confirmar-se-ia o ângulo de visão em que êle acaba de ser encarado. Um ramo estende-se pelo teatro histórico, de que os sucessores nos deram muito exemplo, e que, seja qual fôr o mérito do «Fr. Luís de Sousa», representa um regresso a defeitos que na intenção de Garrett a sua obra procurava combater: convencionalismo frouxo e altissonância redundante. São, como diria mais tarde Eça de Queiroz, os «Pedros Crús e D. Sebastiões que freqüentavam o palco do D. Maria». A segunda é a da prosa portuguesa da segunda metade do século, nobre descendência em que se contam Ramalho e Queiroz. No ponto de vista histórico-literário, Garrett aparece-nos como renovador e iniciador, na múltipla fase da sua actividade. Sente a falta do teatro, por êle considerado primacial manifestação da personalidade nacional; conclue, levado em parte pelo ambiente da renovação literária, que devem pôr-se de pé os quadros de essa mesma vida nacional. E assim o realiza. Da tentativa apenas fica



Sermão original e autógrafo de D. Frei Alexandre da Sagrada Família, bispo de Angra e tio do poeta. Caderno de 28 págs. de que esta é a última, com a oferta do manuscrito, em posse de Avelino de Almeida, a Henrique de Campos Ferreira Lima.



1.ª pág. de um questionário formulado por Gomes do Amorim a Garrett. À direita, as respostas do escritor. (Col. de H. C. Ferreira Lima).

14 7bro 1824 Canto Terceiro

I

Que monta a razão frigida e pesado
Cálculo de medos pensamentos
Pela bitola compassada e estreita
Dessa philosophia austera e fêna
Seva tyranna d'alma q̃ em tam brando
Sonho nos acordou de illusões doces
Phantasias embora — mas tam lindas
Tam delectosas! mas reaes prazeres
Bens; verdadeiros bens, q̃ os nós gosavamos
E satisfeitos de sonhar dormiamos.
— Despertos, q̃ encontrámos? — nossos olhos
Descerrados á luz q̃ vem q̃ achárão?
Fruto realide da exista
Escheleto da vida desornado
Que cita sem as fuções q̃ a embellezavão?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do mto sol sem flor sem relva
Arida feia — Mas o sol é vida

A abertura do canto III no manuscrito do poema *Dona Branca*, original da colecção garretiana de H. de Campos Ferreira Lima.

A

Theatro do Canto e Baile

		Na Capital	Nas Provincias
Pela licença annual para uma Companhia estrangeira de canto e baile comprehendendo 150 Recitas (1000)		150$000	75$000
Idem de seis meses — 75 ditas		75$000	37$500
Por cada recita extraordinaria sendo em beneficio	da Casa	5$000	3$000
	de um ou mais artistas ou empregados da mma Companhia	2$500	1$600
	de quaesquer pessoas extranhas á Compa ou Empresa	5$000	3$000
	de algum Estabelecimto ou Corporação util e publica	$600	$400
Pela licença de uma peça nova de dous ou mais actos		5$000	3$000
Idem — de um só acto		2$500	1$600
Pela dita de c. da baile novo		2$000	1$300
Pela licença annual para uma Companhia sómente de canto ou baile, comprehendendo 150 recitas (500)		75$000	37$500
Por qualquer Recita extraordinaria sendo em beneficio	de casa	3$000	2$000
	de um ou mais empregados da mma Compa	1$600	1$000
	de quaesquer pessoas extranhas á Compa ou Empresa	3$000	2$000
	de algum Estabelecimto ou Corporação util e publica	$400	$260

AUTÓGRAFO DE GARRETT

Apêndice junto ao requerimento que Garrett, a 28 de Outubro de 1839, enviou à Câmara dos Deputados, referente a uma reorganização do Conservatório. O apêndice (3 páginas) demonstra à saciedade quanto Garrett era metódico e ordenado. Ordem na escrita e nas contas. Pertence êste apêndice e o rascunho do requerimento à colecção garretiana de H. de Campos Ferreira Lima

seculo foi a ultima? ~~Natal tem~~
No seculo de ouro de Luiz 14. Mas
como é atual inquisição, mas qual
e o paiz da ~~antiga~~ Europa onde não houve
e ha sem tal qual inquisição? —

nota DE pag.

Ah! Os espiritos com
os ll mortos os maus sepultam
Os mahometanos fazem sempre os
ll cemiterios fora das cid.s e acolhem
bem aos appraziveis e amenos, seus
alegres ritos. Vid. Volney Voyage
en Egypte, Chateaubr. Itin. Bry

nota ## F

Tira chamanga mas de inf.s morte

Toda esta acta é compilada das
orenças, ~~credulidades~~ e superstições
dos nossos povos. Todavia é isto
commum em toda a p.te e não é só
nossa. Veja-se Dicionario infernal

Nota E.ª
Veja-se
Not-a D pag.

Ordens já dem e dividia batalhas.

Chamavão batalhas os nossos antigos aque
hoje dizemos thectologia da tactica diz
e tambem as vezes dous e grego
Columnas: — Vide os Calls. pag.ª 111.

Acabei notas e copia
24 Dezembro 1824
Dia de natal

Original do poema D. *Branca*, de Garrett. As duas ultimas páginas. Notas. (Da colecção do coronel Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima).

TÚMULO MANDADO CONSTRUIR POR ALMEIDA GARRETT NO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO. Já não existe, e os restos mortais do poeta nunca ali estiveram.

cero de uma ingenuïdade que não podia sê-lo. Fora de êsse domínio, o seu sentido de equilíbrio era verdadeiramente notável, e essa mesma capacidade de medida, se porventura lhe cortou algum tanto o vôo, libertou-o do maneirismo romântico e deixou-o elevar-se a figura bem representativa de uma cultura e de uma época, colocando-o na posição de grande e múltiplo iniciador.

Essencialmente, como artista realizador, foi homem de letras, e essa qualidade genérica o mantém em nível aproximado nas melhores de suas obras, em cada domínio por êle cultivado, sendo que a própria lírica reflecte essa tendência, exceptuada a parte da sensibilidade amorosa, o brinquedo literário que nela quis exprimir.

Como tal, a sua visão, embora clara, é ordinàriamente um pouco superficial; e assim, na psicologia do amor, fica no lirismo simples e na inconstância fatal do homem; e na própria visão dos artistas é principalmente a forma literária e as ideias dominantes que interessam à sua curiosidade. Vê bem, mas de perto. Essa mesma superficialidade o fêz caír uma ou outra vez no ecletismo; êle próprio confessa que só em M.me de Stael conseguira compreender Kant. Em nota ao «Tratado da Educação» (carta I) diz que nunca o seduziram sofismas especiosos dos materialistas; mas que se chama materialismo e materialista a muita coisa e muita gente que nunca o foi: «... tôda a vez que se quere sujeitar a razão a um princípio... e forçar os factos e as experiências a *meter-se em batalha* debaixo de uma ordem *dada*, hão-de aparecer os defeitos... Kant e os espiritualistas não disseram por outro lado menos absurdos e coisas ininteligíveis com as suas *transcendências* e *sentimento*, lidos por certo em verso, lindíssimos quando os descreve a poética de M.me de Stael ou quando os imita seu ilustre rival, M.r de Cha-

talvez o «Fr. Luís de Sousa», que, se não é a prova de Ésquilo ou Sófocles, sonhada pelos admiradores contemporâneos, é, no entanto, uma boa obra. Imagina fecundar o veio lírico pelo conhecimento das fontes populares nacionais; e colecciona o «Romanceiro», e escreve a «Dona Branca», celebra o «Camões»; quere dizer, é também iniciador do estudo do folk-lore, campo onde, hoje, meia dúzia de comentários insípidos a quatro cantigas populares fazem logo um etnógrafo.

Há injustiça em apresentar Garrett como principalmente poeta ou principalmente dramaturgo. Bradam contra o primeiro a sua lírica, ou friamente clássica ou falsamente ingénua, a atraiçoar o desejo talvez sin-

PROJECTO DO JAZIGO-MONUMENTO DE GARRETT, DESTINADO AO PANTEÃO DOS JERÓNIMOS, DA AUTORIA DO NOTÁVEL ESCULTOR TEIXEIRA LOPES E DO ARQUITECTO SEU IRMÃO. Presentemente construído no jardim da casa do primeiro, em Vila Nova de Gaia.

CULTO DE GARRETT

I — Exposição garretiana realizada na Biblioteca Nacional de Lisboa em 1904.
II — Cortejo inaugural da mesma Exposição.
III — Diploma da Sociedade Literária Almeida Garrett, fundada em 4 de Fevereiro de 1902 por Alberto Bessa.

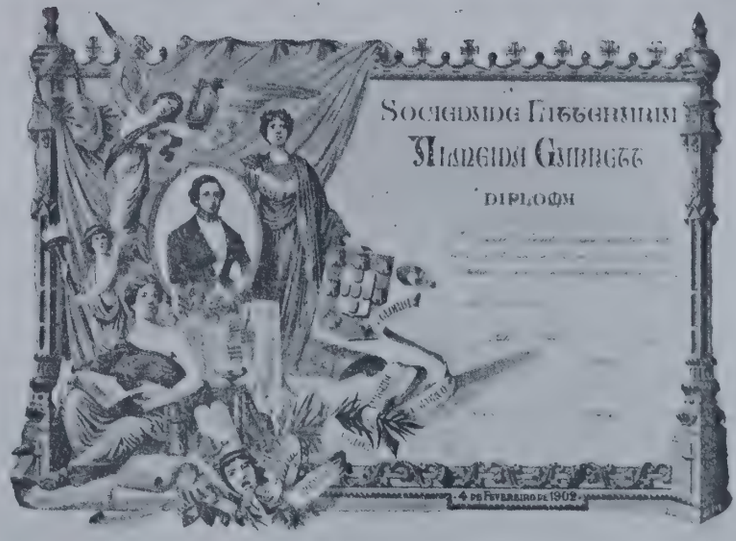
teaubriand, mas que, pela maior parte, não sei o que querem dizer — em prosa». E em nota a esta nota no fim do livro, completa a afirmação declarando que Kant é abstruso e incompreensível, como a maior parte dos filósofos germânicos, e que só no livro «Da Alemanha», de M.me de Stael, veio a fazer alguma ideia do seu sistema.

As duas notas são bem curiosas e elucidativas. Nelas se reflectem a independência de critério e a falta de capacidade para interpretar o Kantismo, dita com franqueza e pormenor, e envolta em justo pressentimento de grande verdade: o excesso, a orgia metafísica da filosofia germânica, que é, em tal proporção, nítido sintoma de fraqueza, quando não de charlatanismo.

*

De este iniciador, por isso mesmo que é notável «literato», ficam naturalmente belos fragmentos de «boa literatura», mesmo na «Dona Branca», lenda longamente estirada nos dez monótonos cantos de um poema; mas a lição mais importante da sua vida e da sua obra, a da prudência no raciocínio, do respeito da livre discussão, da convicção profunda e séria da relatividade dos juízos e da falibilidade do homem, essa pode êle ainda dar-no-la e o nosso tempo bom fôra que procurasse reaprendê-la.

O coronel Henrique de Campos Ferreira de Lima, sócio da Academia das Ciências de Lisboa, director do Arquivo Histórico Militar, grande admirador de Garrett, sôbre quem tem escrito valiosos trabalhos, e coleccionador da mais completa e valiosa garretiana, colaborador prestantíssimo da presente obra.



VII — CASTILHO

BIBLIOGRAFIA: — Obras originais — 1816; *Epicedio na sentida morte da Rainha a Senhora D. Maria I.* Lisboa; 1818 — *Á Faustissima exaltação de S. M. o senhor D. João IV ao throno.* Poema em 3 cantos, Lisboa; 1820 — *O Tejo.* Elogio dramático. Lisboa; *A Liberdade.* Elogio dramático. Lisboa; 1821 — *Cartas d'Echo e Narciso.* Coimbra; 1822 — *A Primavera,* colecção de poemetos, Lisboa; 1828 — *Amor e melancolia, ou a novissima Heloisa.* Coimbra; 1833 — *Epistola ao povo, nas eleições de 1834.* Lisboa; 1834 — *Elegia á morte da Chronica Constitucional.* Lisboa. *Epistola ao usurpador ex-infante Miguel Maria do Patrocinio na sua sahida de Portugal.* Lisboa; 1836 — *Tributo portuguez á memoria do Libertador.* Lisboa; 1838 — *Quadros historicos de Portugal.* Lisboa; 1844 — *Escavações poeticas.* Lisboa; 1845 — *Mil e um mysterios.* Romance dos romances. Lisboa; 1846 — *Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte, escrevida por mim que sou seu tio, o mestre Manoel da Fonte, sapateiro no Pezo da Regoa, dada á luz por um cidadão demitido, que tem tempo para tudo.* Lisboa (anónimo); 1849 — *Camões.* Estudo histórico poético; Ponta Delgada; *Felicidade pela agricultura.* Ponta Delgada; *Ou Eu ou Elles.* S. Miguel; *Hymno dos Lavradores.* Com música pelo sr. João Luiz de Morais Pereira. Ponta Delgada; *Primeiros exercicios de leitura.* Ponta Delgada; 1850 — *Leitura repentina. Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições e com muito recreio se aprenderem a ler impressos e numeração, approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino.* Lisboa. *Noções rudimentares para uso das escholas dos amigos das lettras e artes em S. Miguel.* Ponta Delgada. *Tratado de Metrificação.* Lisboa; 1851 — *Tratado de Mnemonica.* Lisboa; 1852 — *Estreias poeticas musicaes.* Lisboa; 1853 — *Carta a um professor de aldeia sobre a Leitura repentina.* Lisboa; *Tosquia de um camelo.* Lisboa; 1854 — *As Escholas dos Asylos da Infancia desvalida; Felicidade pela instrucção.* Lisboa. *Directorio para os Senhores Professores das Escholas primarias pelo methodo portuguez; Ajuste de contas com os adversarios do methodo portuguez;* 1856 — *Epistola a S. M. a Imperatriz do Brazil, em favor de um infeliz ancião.* Pôrto-Alegre; 1857 — *Discurso preliminar da quarta edição do methodo portuguez Castilho.* Lisboa; 1862 — *Tributo portuguez no transito de sua magestade fidelissima o senhor D. Pedro V.* Lisboa; 1863 — *O Outomno.* Colecção de poesias; 1867 — *Cartas do Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho e da Camara Municipal de Setubal, a respeito do monumento a Bocage.* Lisboa; 1872 — *A sua Mag.e Imperial o Sr. D. Pedro II do Brazil.* Homenagem da I. Nac. de Lx.a em Março de 1872 (Poesia); s/d — *Epistola a sua Magestade a imperatriz do Brazil.* Coimbra; *Taboa de multiplicação.* 1 folha.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

CASTILHO aos 17 anos, reprodução da cópia fotolitográfica, reduzida, do mais antigo retrato que existe do poeta; desenho por P. F. Soeiro; gravura em cobre por Constantino Fontes, feita em 1817.
Publicada no tômo I das Memórias de Castilho por Júlio de Castilho, 1.a ed. Lisboa 1881.

Obra póstuma: 1898 — *O Triumpho da Liberdade.* Elogio dramático. Cantata. Canto na solidão. Barcelos, 1900 — *Odes Ineditas,* Lisboa.

Em 1903 publicou-se em Lisboa, na Empreza da História de Portugal, uma edição das *Obras* completas, revistas, anotadas e prefaciadas por um dos seus filhos, que se compõe de 80 volumes: 1 — *Amor e melancolia;* 2 — *A chave do enigma;* 3 — *Cartas de Echo a Narciso;* 4 e 5 — *Felicidade pela Agricultura;* 6 e 7 — *A Primavera;* 8 a 15 — *Vivos e Mortos.* Apreciações; 16 a 18 — *Excavações poeticas;* 19 e 20 — *O Presbiterio da Montanha;* 21 e 22 — *O Outomno;* 23 a 26 — *Quadros historicos de Portugal;* 27 e 28 — *Novas excavações poeticas;* 29 a 32 — *Camões;* 33 — *Camões;* 34 — *Um anjo da pele do diabo. O casamento de oiro;* 35 — *Aristodémo. A volta inesperada;* 36 — *A festa do amor filial. A filha para casar;* 37 e 38 — *Palestras religiosas;* 39 a 45 — *Casos do meu tempo;* 46 — *Estreias poetico-musicaes;* 47 a 50 — *Telas litterarias;* 51 — *Os ciumes do bardo;* 52 a 53 — *Mil e um misterios;* 54 — *A Noite do Castelo;* 55 — *Tributo portuguez á memoria do Libertador;* 56 e 57 — *Tratado de metrificação portugueza;* 58 a 60 — *Novas telas litterarias;* 61 a 63 — *Methodo portuguez Castilho;* 64 e 65 — *Castilho pintado por elle proprio;* 66 — *Felicidade pela instrução;* 67 — *Ajuste de contas;* 68 e 69 — *Noções rudimentares para uso das Escholas;* 70 a 72 — *Resposta aos novissimos impugnadores do methodo portuguez;* 73 a 75 — *Tratado de mnemonica;* 76 — *Ou eu ou elles;* 77 a 80 — *Cartas.* Estes 80 volumes foram publicados em Lisboa de 1903 a 1910.

Traduziu: 1820 — *Carta de Heloiza a Abeillard,* traduzida do francez, de Mr. Mercier. Lisboa; 1836 — *Palavras de um crente,* escritas em francez pelo sr. Padre Lamennais, Lisboa; *A noute do Castelo, e os ciumes do Bardo, seguidas da Confissão de Amelia,* traduzida de M.elle Delfine Gay. Lisboa; 1841 — *As metamorphoses de Publio Ovidio Nasão.* Lisboa; 1854 — *O genio do Christianismo* por Mr. Chateaubriand. Lisboa; 1858 — *Adriana Lecouvreur,* ópera em 4 actos, poesia de A. de Lauzieres, música de Ed. Vera, Lisboa; *Os amores de P. Ovidio Nasão.* Rio de Janeiro; 1862 — *Os Fastos de Publio Ovidio Nasão.* Rio de Janeiro; 1866 — *A Lyra de Anacreonte* Paris; 1867 — *As Georgicas de Vergilio.* Paris; 1868 — *Os Ciumes do Bardo.* Poema original. Lisboa; 1869 — *Theatro de Molière: O Medico á força; Tartufo* (1870); *O Avarento* (1871); *As Sabichonas* (1872); *O Misanthropo* (1874); *O doente de scisma* (1878). 1872 — *Um anginho da pele do diabo.* Lisboa; *Teatro de Goethe: Fausto,* Pôrto; 1874. — *Teatro de Shakespeare: Sonho duma noite de S. João.* Pôrto; 1879. — *Colloquios aldeões* por M. de Cormenin, Pôrto; s/d. — *O Engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha* por Miguel de Cervantes Saavedra. Trad. dos Viscondes de Castilho e de Azevedo, Pôrto.

De colaboração: com José Feliciano de Castilho. 1862 — *Tributo á memoria de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Pedro V, o muito amado.* Rio de Janeiro: com José Maria Casal Ribeiro. 1859 — *Cartas sobre as escholas populares.* Lisboa; com F. N. dos Santos Pinto. 1853 — *Estreias poetico-musicaes para o ano LIII.* Lisboa.

Iconografia — Óleo por Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

Estudos e referências a consultar: Júlio de Castilho — *Memórias de Castilho.* Lisboa. 2 vols. 1881. 2.a ed. muito aum.a 1926 — 6 volumes. Xavier da Cunha — *Uma carta de Castilho.* Lisboa. 1900; Castilho e Camilo. *Correspondência trocada entre os dois escritores.* Prefácio e notas de João Costa. Coimbra 1924; (António Francisco Barata) *Uma Carta inedita de Castilho.* Dada à estampa por Bonifácio Tranca Ratos. Elvas, 1898; *Saraiva e Castilho;* I de L. Ribera y Rovira — *Castilho e Garrett.* Barcelona 1905; Archi-Zero (Paulo José de Faria Brandão. — *Literatura portuguesa — A. F. Castilho e a Carta que acompanha o « Poema da Mocidade ».* Rio de Janeiro 1866; António Padula — *O centenario de Castilho* (1800-1900), Napoli. 1900; Castilho. 1800-26 Janeiro-1900. *Consagração á memoria do poeta no 1.o Centenario do seu nascimento.* Número único. Lisboa 1900; Inocêncio Francisco da Silva — *Diccionário bibliográfico português.* (Vols I pg. 130, VIII pgs. 132); Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues — *Portugal,* dicionário, Vol. II, pg. 903 a 906; Maximiliano de Lemos. — *Enciclopédia Portugueza Ilustrada,* vol. 2.o pgs. 639 e 640 (artigo de Teófilo Braga); *Almanaque de Lembranças* para 1877 (biografia de A. X. Rodrigues Cordeiro); *Dictionnaire des Contemporains,* de Vapereau, 3.a ed. pg. 339.

O Farol. Lisboa n.º 10 (transc. na *Felicidade pela Agricultura)*; *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, tômo I e II (art.º de Latino Coelho) pgs. 297 a 312, 353 a 360, 453 a 459, e no vol. II pg. 177 a 183 e de pg. 321 a 336. Reproduzido no vol. *Garrett e Castilho.* Lisboa 1917; *Archivo Pittoresco.* Tômo I, 1857 (art. de Luiz Filipe Leite).

A Colecção *Bom Senso e Bom gosto* será incluída na parte referente a Manuel Pinheiro Chagas, que lhe deu origem.

a) O cego escolar

A data do nascimento de Castilho — António Feliciano pelo baptismo — é 26 de Janeiro de 1800.

Nascido no limiar dum século novo, novo na cronologia e na fisionomia, lógico era que, tomando pé na vida, arvorasse insígnias de pioneiro do seu século. Sim. Castilho não nasce apenas no último ano do século XVIII. Nasce precisamente no momento em que se defrontam dois séculos claramente adversos, duas idades antagónicas, rangendo os dentes. Em que a idade velha, criada sôbre os destroços da Renascença, cesarista em política, apostólica em religião, clássica em letras e artes, vê erguer-se a idade recemnascida, cavalgando o que chamam bestas do Apocalipse, idade parturejada pela *Revolução Francesa*, ainda sem traços fisionómicos definidos, indómita, ameaçadora, embora de passos ainda incertos na via nublada pelo tropel dos prosélitos.

Dos *Quadros Históricos de Portugal*, edição do Rio de Janeiro, 1847.

Seria lógico, por isso, mais do que lógico, natural, que o menino prodígio, desde o *a b c* assinalado para altos feitos, bebendo no berço o *ar do século*, saltasse do berço e se incorporasse na ala dos campeadores da sua idade.

É esta a regra geral no «curriculum» dos moços — incorporarem-se no partido da mocidade, quantas vezes sem saberem porquê! — na inocência das árvores, que sem saber porquê vestem de bôda aos proclamas genésicos de Abril, na candura dos pássaros, que à certa ignoram o sentido vital dos trilos de amor na quadra dos ninhos.

Seu pai, Dr. José Feliciano de Castilho, casado com Dona Domicília Máxima Castilho, Mestre de Medicina na lusa Atenas, onde colabora no *Jornal de Coimbra*, professa cumulativamente aos labores de médico do Paço, na capital. E porque o pequeno António, deixando entrever certas precocidades intelectuais, ao mesmo tempo se revela pouco provido de robustez física, entrega-o à vida sôlta e ao ar sàdio do campo, em quinta do Lumiar, no contôrno de Lisboa.

Na quinta do Lumiar brinca com os saloios da sua criação. Na quinta do Lumiar recebe a bênção da natureza extremista das regiões calcáreas — deliciosamente materna no Inverno e Primavera, montes e vales vestidos do mais carinhoso veludo, tudo alindado de hervagens e trigais; ferozmente madrasta no Estio e Outono, montes e vales tosquiados, ruivos, sangrentos, queimados pelo sol e avergoados pelos nordestes. Na quinta do Lumiar, à luz de *Santa Luzia de cinco olhos*, muito da devoção de mestre Eusébio, recebe os rudimentos da leitura e escrita, no cantochão litúrgico, ao tempo em vigor. De súbito, bate-lhe ao ferrôlho a visita do sarampo, visita obrigatória aos meninos de sempre.

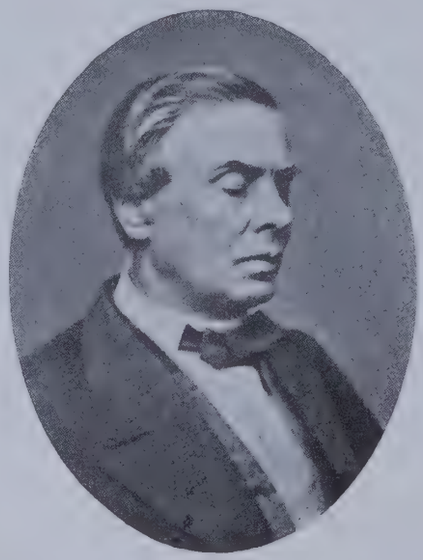
E por fôrça do sarampo o pequeno Castilho, no trânsito dos cinco para os seis anos, perde a luz dos olhos — perde o sentido da vista, o maior bem pelo Criador doado à criatura, esteio da personalidade humana pelo domínio directo sôbre a Natureza e a Vida.

Seus irmãos, José e Augusto, na altura própria, matriculam-se nos *Estudos Gerais* do Bairro Alto, Cunhal das Bolas, rua da Rosa. Êle fica em casa, condenado pela fatalidade fisiológica a não arriscar passo para lá da escaleira paterna.

O ensino da época tem por base, quando não por finalidade, a língua latina. Os irmãos Castilhos estudam o latim, cabouco de tôda a sabedoria oficial, com o Padre Mestre José Peixôto do Vale. E no regresso ao tecto doméstico, matraqueiam as lições, cantarolando os *casos* em voz alta.

Evidentemente: — Castilho, que não vê, ouve melhor do que ninguém. Além disso, não vendo, recreia-se, emquanto os que vêem soltam raios e coriscos, à música

bárbara da sabatina diurna e noturna, pardais no apuro das contas correntes, na gralhada do amanhecer e anoitecer de cada dia. Recreia-se em tal grau, que obtém licença para freqüentar os *Estudos* do Bairro Alto. E meses volvidos o Padre Mestre Vale proclama-o príncipe do curso.



Verificado que a cegueira não constitue obstáculo inacessível às jornadas do saber, ombro a ombro com os videntes, o pai permite-lhe que freqüente os preparatórios, caminho da formatura em Cânones, em Coimbra.

Augusto toma sôbre si o onus de leitor perpétuo do irmão. As outras disciplinas dos preparatórios secundários não se aprendem na toada do *musa musae* da cartilha latina. É preciso procurá-las nos textos. Augusto assume, desta maneira, o ascendente de luz dos seus olhos. Lê-lhe os textos de preparatórios e os livros recreativos. Depois, na Universidade, lê-lhe os textos de Cânones, em que se forma também, e os breviários e missais do seu culto a Apolo.

António Feliciano de Castilho
Fotografias do tempo. Da colecção de H. de Campos F. Lima.

Nas aulas dos *Cunhais da Bola* Castilho tivera por mestre de Retórica Maximiano Araujo Ribeiro. Discípulo apaixonado de Quintiliano, tradutor de Píndaro e Juvenal, autor de sonetos e odes ao sistema métrico e à ordenação rígida da ordem clássica, Araujo Ribeiro fôra mais do que mestre de Castilho nas disciplinas escolares. Fôra o seu guia nos meandros das idades mortas — mortas para os que não souberam auscultar o sentido universal da sua voz, moldada em linhas de olímpica serenidade, por certo mais mortas ainda para os que não podem senão absorver-lhes o éco transmitido por conduto alheio.

Assim, Castilho, quando compulsa a lira, e lhe arranca os primeiros acordes, chorando, no *Epicédio*, a morte da Raínha D. Maria I, encontra-lhe as cordas afinadas por mestre Ribeiro, sob os desígnios de Píndaro e ao gôsto de Ovídio. São as mesmas cordas as que o poeta cego faz vibrar no poema dos 17 anos — na *Coroação de D. João VI*, ano de 1817.

Nem naquele, nem nêste poema, estremece ligeiro sôpro da era anunciada pelos profetas das ciências, letras e artes. E no entanto, a esta data, até o roble pelado do classicismo, roble outrora em exuberante floração e frutificação opulenta, — flores e frutos condicionados às seivas auridas nos sarcófagos greco-latinos, não nos caudais da vida greco-latina — entra a dar flores e frutos tocados da brotoeja epidémica do momento. Ainda sopram de cima os ventos gélidos, embora harmoniosos, vindos dos montes da Arcádia. Poetas e prosadores lusíadas ainda não arriscam passo na barra das letras sem o patrocínio de Píndaro e a muleta de Ovídio — seus oráculos.

Está em fóco Tomaz Gonzaga, sobraçando a *Marília de Dirceu*, que vai entrar na oitava edição, fenómeno imprevisto nos Campos Elísios lusitanos. Anda de mão em mão, em trânsito clandestino, por haver caído sob a alçada da *Mesa Censória*, o *Hissope*, de Cruz e Silva, que está em vésperas de quarta edição. Lêem-se e relêem-se as odes e canções de *Alcipe*, futura Marquesa de Alorna. As obras de Nicolau Tolentino, na recompilação de 1801, fazem o regalo dos gulosos de manjares condimentados a preceito.

As estrofes heróicas e as tragédias clássicas de José Agostinho de Macedo, frade da Ordem dos Agostinhos, patriarca da Diocese da Verrina, correm sem entraves fiscais, entre violentas diatribes e exaltados fervores. Absorvem-se, um pouco à sucapa, as poesias filosóficas de José Anastácio da Cunha. Procura-se, interrogando-lhe as incógnitas, o romance do P.e Teodoro de Almeida, *Felix Independente*. Saboreia-se, a-pesar-do defeso decretado pela *Mesa Censória*, o puro dizer castiço do exilado Filinto Elísio. Decoram-se, nos palácios e mosteiros, os versos candentes de Bocage, o poeta máximo do arcadismo agonizante, o varão profeta dos novos cânones literários.

E nas produções de todos êsses poetas e prosadores, nados na Arcádia e amamentados por Minerva, palpita o frémito das pálpebras que se fixam, encandeadas, meio tontas, feridas por luz desconhecida, fora dos hábitos em voga.

Todos êles, nas fachadas da obra nova, fábrica e decoração sujeitas aos moldes arcádicos, rasgam já postigos, quando não varandins, para a paisagem da sua terra, para as almas da sua igualha, para os corações

que despertam, não às frechas de Cupido, aos anseios do amor.

Todos, os de grande receptividade. Todos, excepto Castilho. Os poemas de baptismo e confirmação do novo poeta, concitam os louvores oficiais. O de homenagem a D. João VI é galardoado com a escrivania da Correição de Coimbra e a tença vitalícia de quatro mil cruzados por ano. E, sendo novos na ordem cronológica, são velhos na forma e no conteúdo. Cheios de deuses do Olimpo e vazios de impulsos humanos. E estando na regra dos moços festejar a aurora que se anuncia — quantas vezes a aurora de dia tormentoso! — o moço Castilho amaldiçôa a Constituïção liberal do vizinho reino de Espanha, filha do criminoso orgulho que desterrou a paz do mundo, «de sangue as régias púrpuras manchando».

¿Tudo isto por ser dotado de natureza impermeável as preamares do espírito? A sua natureza revela-se tão sensível à sugestão do belo, que as simples palestras do estatuário Machado de Castro, com o pai, na sua presença, lhe impelem o instinto nativo à modelação escultórica.

António Feliciano de Castilho — Estatueta e desenho de M. M. Bordalo Pinheiro, gravura de Coelho. (Rep. do *Archivo Pittoresco*, vol. I, 1857-58, pág. 9).

Mas Castilho é cego. Não vê senão o que lhe mostram. Não anda senão por onde o levam.

E os seus mestres, e os seus guias, desde o mais extremoso dos professores, Maximiano Araujo Ribeiro, ao irmão Augusto, futuro Monsenhor Augusto Castilho, calafetam-lhe os sentidos contra os rumores da maré alta que se avizinha.

b) A maioridade do Poeta

Coimbra. Castilho freqüenta a Universidade. Castilho, encostado ao braço do irmão, vendo pelos olhos do irmão, ouve as vozes e respira o hálito da mocidade universitária.

Nisto, a 24 de Agôsto de 1820, o País, liberto da opressão discricionária de Beresford, deflagra a Revolução Constitucional. Inicia-se a época da oratória pomposa em honra e louvor dos *Direitos do Homem*. A Universidade não pode manter-se alheia aos hossanas cantados em acção de graças, tal o maná prometido nas novas tábuas do Sinai. Pelo que, a 21 e 22 de Novembro abre a *Sala dos Capelos* às saudações canoras ao culto assente no sufrágio universal.

Sobem à tribuna, aplaudidos por mestres e discípulos, os arautos da fé liberalista. Um dêles, chamado Almeida Garrett, poeta varonil que em breve será tido e havido pelo renovador da literatura lusitana, emancipada dos cânones arcádicos e filiada nos preceitos romanticos. Outro é António Feliciano de Castilho — sim senhor, não há dúvida, o Castilho do *Epicédio* e da *Coroação de D. João VI!* — em arrebatadas rimas fulminando o poder absoluto,

« Despótico poder »!

A alfândega da censura, sob a égide do *vintismo*, franqueara o livre curso aos mestres da *Enciclopédia*,

aos instrutores do princípio da soberania nacional, expresso nas *Cartas Constitucionais*. Augusto Castilho, bordão e luz do Poeta, por dentro mais cesarista, e mais apostólico e mais arcádico do que os parciais da Raínha D. Carlota Joaquina, por fora veste a *casaca de briche* e enflora-se à *vintista*. Lera ao cego os livros da moda: — as confissões de Voltaire e as confidências de Rousseau.

O cego, sacudido ao refluxo das águas novas, procura afinar a lira pelos acordes correntes, e concerta os versos laudatórios do banquete constitucional da *Sala do Risco*, logo a seguir a *Ode à morte de Gomes Freire*, anátema contra os matadores do legionário. Porisso, nas festas da *Sala dos Capelos* já não é o estreante, tateando caminhos ignorados em busca de nevoentos rumos. É já o iniciado no credo liberal da nova idade, credo bebido nas fontes abertas à sua sêde pelo conformismo fraterno. E no poema lançado a público no regresso de João VI, Rei Constitucional, ao reino saudoso «do magnânimo Monarca», a sua lira pulsa em vibrações harmónicas com as das liras afinadas pelo liberalismo haurido no berço.

Mêses decorridos, D. João VI assina a contra-revolução de Santarém. Manifesta-se em concordância com os vassalos da *vilafrancada* — os que desengatam do côche real as bêstas de tiro e o Rei transportam em triunfo, restituindo-o à omnipotência do poder absoluto.

Os *vintistas* debandam, transpondo as fronteiras os que logram furtar-se às represálias das «alçadas». Emquanto aquêles choram as lágrimas de Jeremias sôbre as ruínas de Jerusalém, êstes entoam os psalmos de David sob a tomada de Jericó. A Universidade de Coimbra associa-se aos hinos clamorosos em mercê do Rei absoluto. Na *Sala dos Capêlos* realiza-se sarau votivo em honra do Monarca, «por graça de Deus». E entre os pontífices e levitas que aparecem no altar, agitando o turíbulo carregado de aromas gratos aos «numes reais», lá vemos Castilho, celebrando em louvor do absolutismo, apostrofando iracundo o liberalismo.

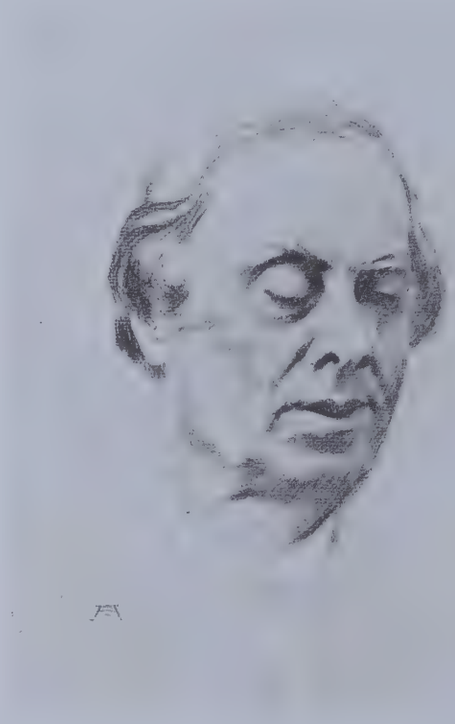
Defecção moral? Comodismo egoista?

A cegueira física privara-o do órgão essencial à marcha na sua rota sem guia, sem arrimo. O guia, avultando a contingência de ficar sem arrimo, recondu-lo aos caminhos da primeira mocidade. E êle segue-o, obediente ao bordão.

No retôrno ao liberalismo, acusado de apostasia sob a reacção apostólica, confessa a culpa. E afirma que se deixara sugestionar pelo credo da família e temor das sanções.

No ano de 1826, logo após a morte de D. João VI, Castilho, formado em *Cânones*, recolhe ao presbitério de S. Mamede de Castanheira do Vouga, no bispado de Aveiro, pelo braço do irmão Augusto, nomeado pároco da bucólica frèguesia.

Perto do tablado em que os dois mundos políticos se batem à mão armada, sob o comando de D. Miguel o mundo tradicional, o revolucionário sob os auspícios de D. Pedro, mal ouve o fragor dos canhões que apertam o cêrco do Pôrto. No usufruto do excelente passal da *Quinta das Limeiras*, no gôzo das melodias do Vouga, que se espreguiça e boceja à sombra dos salgueirais da terra edénica, entra no primeiro período de ordenado e intenso labor intelectual.



CASTILHO
«Delírio e Treva. Alma impraticavel. A sua Arte flue columnas de sombra, o olhar mysterioso das ruinas!...»
Dos *Grandes de Portugal*: retrato de António Carneiro, palavras do Visconde de Villa-Moura.

Deleita-se na audição das *Metamorfoses* e *Amores* de Ovídio, que pensa traduzir. Multiplica-se em poemas e prosas da sua lavra. Dêsses poemas fazem parte os que vêm a constituir o fundo das *Excavações Poéticas*. E no acervo da fecunda produção literária, elaborada no sossêgo da écloga horaciana da beira-rio, destaca o poema *Cartas de Eco e Narciso*, que o alcandora às cumieiras da consagração.

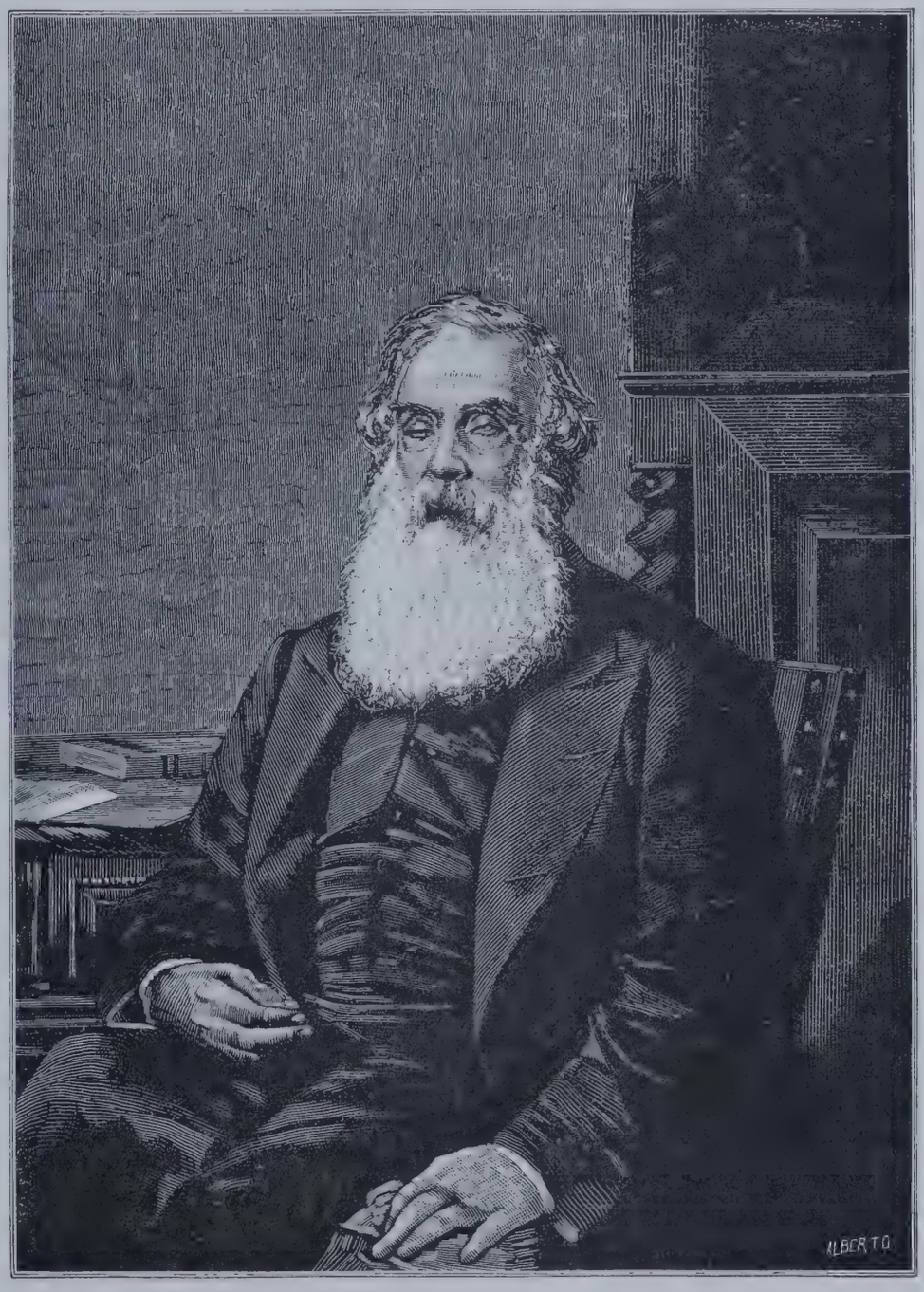
O movimento liberal triunfa no Pôrto, domina o País. Padre Augusto de Castilho, não querendo ficar, grão miudo, na mó de baixo da azenha política, abjura do absolutismo, aboleta-se no constitucionalismo, tomando o govêrno da mó de cima. E abandona a paróquia aveirense no fito de melhor feitorear a moenda liberal sob as águas tumultuárias das próximas eleições de deputados.

Aí temos o letrado Castilho, na recidiva de poeta liberal — a bater a trilha dos passos do irmão. Escreve, publica o *Usurpador*, exautoração e exconjuro de D. Miguel — a quem chama «príncipe das trevas», a quem lembra os morticínios sectários «no sequioso cadafalso», a quem aponta a magnanimidade que lhe defendeu a vida, a despeito das vidas que sacrificara, encharcando de sangue generoso a terra portuguesa.

Não se apontam no perfil do Mestre da *Primavera* desvios de índole política no afã negativo de o marcar ao ferro das defecções.

Êsses desvios apontam-se no intuito exclusivo e imperativo, de pôr a nu a subalternidade de movimentos interiores e exteriores, estes tantas vezes gerentes da-

queles, imposta pela cegueira. A cegueira, como se disse já, não lhe cortou apenas a via de comunicação mais pronta e mais fácil com o Mundo das realidades visuais — impôs-lhe a pena perpétua de andar no mundo na cola de passos alheios, nunca ao sabor dos seus passos. E o fenómeno observado nos torcícolos da trajectória política, torna duma lógica impressionante o apêgo do egrégio polígrafo aos modelos literários gratos às pessoas da sua mais necessária e íntima privança.



António Feliciano de Castilho, Visconde de Castilho
Quadro de Miguel Angelo Lupi (de *O Occidente*, 1885, pág. 1)

No lance em que concebe e realiza o poema *accessit* das suas provas públicas, *Cartas de Eco e Narciso*, ressoa no espaço, bem nítida, a voz natural da vaga revolucionária do romantismo — Garrett e Herculano a aparelharem as velas para a conquista dos títulos de arrais das barcas novas. No entanto, a produção definitiva do seu labor de noviço não recebe na polpa, na linha, na côr, no perfume, nem borrifo de salsugem da vaga em ímpetos de ressaca. Afirma e consolida a realidade dum poeta de alta linhagem na traça segura do verso, na limpidez harmoniosa da matéria plástica, no vernáculo inteiriço da construção sintáxica.

Tão longe, porém, da nova estação em florescência, como se entre a sua estesia e a estesia em curso se estirasse a imensidade calcinada do Saharà.

As figuras em jôgo são sombras do Parnaso, não recrutadas na Vida. Uma ninfa, a amar pela cartilha de Ovídio, em vez de sentir pelos mandamentos da Natureza; um mancebo imune às flechas de Cupido, couraçado de preciosismo retórico contra os impulsos nativos do sentimento. Isto é — hoje, como ontem, a terra povoada de ninfas e dríades, os seres no activo real mumificados em deuses do Olimpo, sem sequer pressentirem o conceito filosófico da Mitologia de raça, que os integra no seu meio alegórico, onde representam o papel de vastos símbolos vitais; de todo vinculados ao incerto papel de sombras movediças da velha fábula, absolutamente vazias de sentido humano. Ninfas e dríades empalhadas, não ressuscitadas, ao contrário das de Müller e Lobech, ou das que vivem e riem, sob a corrente galvânica da versão de Saint-Victor no *Deux-Masques*.

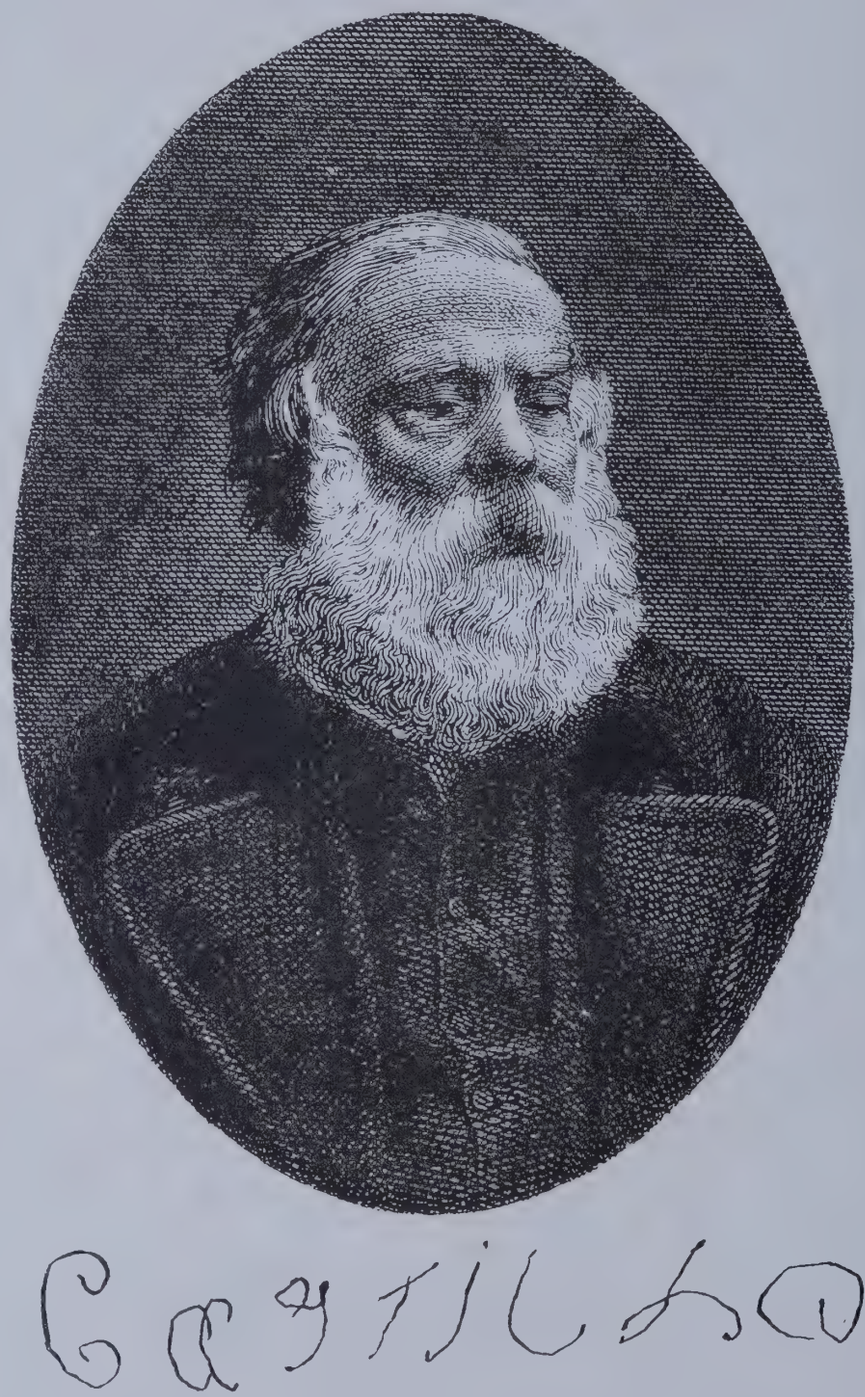
À semelhança de parentes e aderentes do Poeta, que o constrangem ao horror pelos novos cânones, a quási unanimidade das almas portuguesas encontra-se fossilizada nos modêlos arcádicos e a êstes prêsa como a pérola à ostra.

Isto explica o êxito das *Cartas de Eco e Narciso*, admiráveis, na verdade, como harmoniosa cadência e ortodoxia métrica. Dêste alfobre de irreais amores brotam, afinal, os amores reais que conduzem Castilho ao casamento. Uma senhora de Azurara, pupila do convento de Vairão, no alvorôço de dar vénia ao Poeta e sob o resguardo das conveniências sociais,

escreve-lhe a felicitá-lo — e a preguntar-lhe se seria capaz de encarnar a insensibilidade de Narciso, no caso de se lhe deparar no caminho *uma . . . Eco.* O interpelado responde sem demora à gentileza da interpelante. E em 1834, por desígnio do romance epistológrafo, Castilho recebe por espôsa Dona Maria Isabel de Baena Coimbra Portugal.

Tinha de ser efémero como o alvor da manhã o romance pelo árcade enxertado na vida. Ainda compõe, na constância do matrimónio, a obra *Ciumes do Bardo* — a despeito do romance vivido no império da realidade, obra saturada de maravilhoso. A morte arrebata-lhe a companheira querida a menos de três anos de comunhão. E essa passagem rápida pelos domínios afectivos do sentimento, arranca-lhe da pena os queixumes e prantos do *Amor e Melancolia* — amor que vem à rua, melancolia que se espaneja ao sol, embiocados em gongóricos estofos metafóricos.

Amarrado à tradição greco-latina, como Prometeu ao rochedo caucásico, o abutre revolucionário não lhe desperta as entranhas para a compreensão dos bosques a que se abrigam mulheres, dos campos em que moirejam homens. Os seus bosques, os seus campos continuam habitados por faunos capricórnios, por pastores do Himeto. Castilho, no auge da glória, poeta de tuba de oiro, constitue, ao lado de Garrett e Herculano, o alto triunvirato literário do segundo quartel do século XIX. Mas Garrett e Herculano, que na mocidade haviam pôsto o pé no Olimpo mitológico, desceram a tempo à terra que se desentranha em pão e rosas, metendo a relha do arado ao humus esquecido da vessada medieval, ao agro das tradições populares, ao latifúndio da epopeia da raça. Castilho, coevo e confrade dos patriarcas românticos, conserva-se no topo do monte sacro, de olhos e ouvidos cerrados aos impulsos criadores do estro soprado pelos quadrantes dos povos ensimesmados nos seus dons nativos.



Retrato publicado em *A Gravura de Madeira* em Portugal por J. Pedroso. Lisboa, 1872 e impresso na ofic. Lallemant frères de Lisboa. Acompanha-o um artigo de Brito Aranha.

Dirige-se, nestes termos, aos adeptos da nova estese:

— «Homens inovadores, sublimes, românticos, algozes do coração, da alma e da fé, que resplandeceis na vossa glória como Satanáz em seu carro de fôgo . . . eu vos desprezo . . . e não quisera ser o que sois»!

De facto, em pleno fastígio do romantismo, publica o poema da maioridade, a obra prima do seu estro, a *Primavera* — fidelíssimo aos moldes clássicos. Inamovível *bota de elástico*, como se diz hoje, incondicional *tacão vermelho*, como se diria na sua época.

E afirma aos leitores e admiradores:

— «O amor filial, o paterno, o materno, o conjugal, a amizade, até o afecto aos animais, árvores, flores e mais criaturas de Deus», tudo isto encontrareis nêste poema. E o que se encontra neste poema, movendo-se artificialmente na poalha faiscante de cachoeiras de versos, são os Silvanos, os Faunos, os Vestúmios, os Favónios, as Náiades, as Amadríades, as Pomonas, manequins de deuses, não filhos de Eva, símbolos espectrais do amor e da amizade, do ódio e da cobiça, a falarem como gente.

Cerrado nos jardins de Ovídio, não sente as vozes de Goëthe e Schiller, de Byron e Lamartine, que Schle-

gel codifica e comenta. E só tarde, muito tarde, o romantismo a entrar no vortilhão da desordem e grotesco que o há-de devorar, confessa, contricto:

«... fanatisado pelos velhos génios da antiguidade, só cheguei mais tarde a fazer justiça a êste livre e creador movimento da nossa era. Rendi-me fascinado pelos seus prestígios, arrastado pelo caudaloso exemplo, inspirado pelos ditames da própria razão».

c) O apóstolo da instrução popular

A fase por excelência construtiva, e por excelência humana, da vida operosa dêste preclaro obreiro das letras portuguesas, é aquela em que o cego luminoso toma por divisa «querer é poder», envergando a túnica de apóstolo e dispondo-se a doutrinar principalmente os médios e pequenos cidadãos.

Queres? Podes! E sob a dupla autoridade de douto e cego, faz do livro, do jornal e da cátedra, campo e alfaias de formosa semeadura.

Compõe, edita, publica os *Quadros Históricos*, consignados mais aos humildes do que aos poderosos, no afan de que estes e aquêles colham grão benéfico no conhecimento dos varões assinalados e feitos ilustres dos maiorais da grei.

Põe a correr a *Revista Universal Lisbonense*, farta de preceitos estéticos, de lições proveitosas acêrca de artes e indústrias, agricultura e literatura.

Por êste processo eloqüente, diz aos seus concidadões o que são artes, e indústrias, e moral, e agricultura. E diz-lhes, acima de tudo, que querer é poder. Pois êle, Castilho, cego, quis familiarizar-se com aquêles conhecimentos, e familiarizou-se, e adqüiriu os necessários para seu uso e usufruto dos videntes.

CASTILHO, POETA CEGO.
Uma famosa caricatura do grande clássico e ilustre homem de letras.

Corresponde à fase do intenso apostolado a que se dedica, o convite do Visconde da Praia para se conceder um período de férias numa das vivendas do fidalgo nos Açores, na ilha de S. Miguel.

Castilho aceita o convite. Mete aos mares açoreanos. Surpreende-se diante da vida singular da ilha de S. Miguel — vida simples, vida sã, vida patriarcal, o Arcanjo bélico, de espada em riste, tornando defeso o acesso ao dragão dos pecados mortais.

Nesse ambiente castiço de saúde moral e de cuidadoso labor, quási inverosímil para cá da serpente do Génesis e correlativa maçã, o Mestre incansável escreve as páginas singelas da *Felicidade pela Agricultura*, publicadas a seguir no *Agricultor Micaelense*. A poucos dias da publicação do novo testamento, *A Sociedade dos Amigos das Letras e Artes*, de Ponta Delgada, confere-se a honra de o eleger seu membro, afervorando-o no anseio de difundir o amor das artes e letras na mansarda dos humildes.

Neste entrementes recebe notícia do novo *Método de Leitura*, ideado por Lamarre.

A vara de Moisés operou o milagre da água na penha adusta do deserto bíblico. A insinuação de Lamarre vai operar o milagre da luz na atmosfera nevoenta da escola portuguesa.

Ao toque da insinuação, o escritor pensa em Método de Leitura que emancipe as classes infantis da *Cartilha* do Abade de Salamonde — embutida nas massas encefálicas a marteladas de *Santa Luzia de Cinco Olhos*. Começa por concertar um sistema de lições a que chama *Leitura Repentina*. Verificados os assertos sensíveis do novo método de ensino, mais senhor dos quês e porquês do problema pedagógico em eqüação, lança a público o *Método Português Castilho*.

Redobra no munus de prègar, de evangelizar, de catequizar no terreno dos videntes, a benefício das luzes projectadas na escola pelo sistema preconizado.

Mas logo, das vielas afeitas à sombra da rotina, das encruzilhadas onde se dão audiências as alcateias dos interêsses criados e as patrulhas do *não te rales*, saltam-lhe às canelas ódios e colmilhos em arremessos de morte.

Os lobos a apodá-lo de *camêlo*, de burro, os sandeiros, as bestas-feras não lhe toleram repouso ao gatilho.

E o cego luminoso, pontaria rápida, tiro certeiro, mantém-se na brecha durante anos seguidos.

De 1853 a 1856, a sua pena, no castigo da rotina e da rapacidade, não exala sôpro de poesia. De Portugal despacha de rota ao Brasil. Vai apresentar a obra guerreada e colher os louros da vitória, o *Método* louvado e saüdado por pedagogos de alto relêvo do Novo Mundo.

De tempos a tempos as fôrças requerem-lhe o sueto legítimo, queimadas na gloriosa e renhida batalha. Nalgumas dessas suspensões na luta, busca o remanso fagueiro da Ilha de S. Miguel, paraíso achado no mar, onde retempera o corpo viril, queimado na refrega, e onde corrige a alma da escopeta esbrazeada no tiroteio.

Em Ponta Delgada a actividade apostólica do cego e

DICCIONARIO

UNIVERSAL

PORTUGUEZ

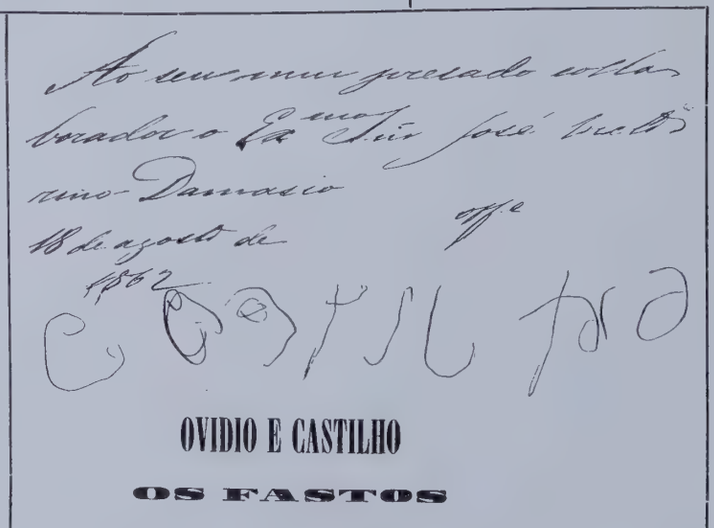
POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

FASCICULO 5.º

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO AUGUSTO RODRIGUES
145 — Rua do Norte — 145
1879

I — Capa dos fascículos do *Diccionário Universal Portuguez* onde se vê o retrato de Castilho.



II — Oferta de « Os Fastos » ao conselheiro José Vitorino Damásio. Assinatura autógrafa de Castilho.

egrégio semeador de luz, conta os movimentos úteis pelo rol das bemfeitorias.

Abre escolas de ensino elementar e profissional. Estabelece oficinas de tipografia e gravura. Apadrinha jornais de divulgação agrícola. Funda centros de vulgarização intelectual.

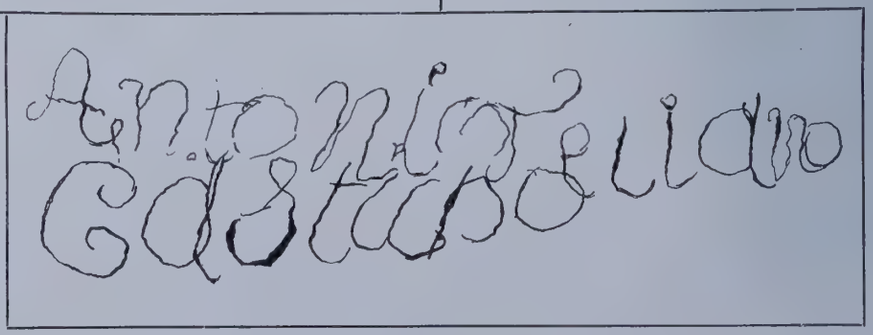
Lisboa, no propósito de não desmentir Nazaré, terra adoptiva de Jesus Cristo, continua a fazer-lhe sentir que ninguém é profeta na sua terra — apedrejando-o pelo braço de mil e um fariseus e escribas de vista curta. O apedrejado não foge, porém, aos imperativos da obrigação. Responde ao ataque dos contumazes no êrro e na cobiça, látego flamejante a estalar-lhes no toutiço, com a criação de novas centrais de energia cultural. É criação sua o *Curso Normal* para professores, instalado na Calçada dos Paulistas. E os poderes públicos, em hora de rara vibração simpática com o sacerdote, mercê das provas beneméritas do cidadão alheio a confrarias eleiçoeiras, nomeia-o *Comissário do Govêrno* junto das escolas pedagógicas.

Castilho, nesta emergência, ocupa o sólio de pontífice máximo das letras nacionais. Dissolvera-se o faustoso triunvirato literário de duas décadas, pela morte de Garrett, pela abdicação de Herculano — Herculano, a fronte austera de Plutarco lanhada aos virotes de odientos fundibulários, no silêncio ofendido das consciências de alta jerarquia, esquece os homens no convívio das couves, a pena perdida no logradouro do sacho.

Mas a lira de Castilho, embora solitária no pontificado das letras, nesta hora inquieta de perturbações intestinas, as facções partidárias em renhidas pelejas de extermínio, quási iguala a mudez gelada do estro de Garrett, o silêncio maguado do estilete de Herculano.

Literàriamente é um mestre jubilado — vivendo da subvenção decrescente, decrescente em honras e proveitos, da obra retrospectiva. A *Primavera, As Cartas de Eco e Narciso*, os *Ciumes do Bardo*, a *Noite do Castelo* constituem os fundos consolidados da precoce aposentadoria. Ainda acorda e faz gemer os prelos literários — mas a favor da obra de estranhos. Traduz e publica os *Fastos* e os *Amores* de Ovídio; a *Lírica* de Anacreonte; as *Geórgicas* de Vergílio. Abalança-se a traduzir o *Fausto* de Goëthe, confessando-se alheio à língua alemã; o *Sonho duma noite de S. João*, de Shakespeare, a-pesar de não conhecer o inglês. Traduz o *Avarento* de Molière.

A actividade da sua pena, fora do sector subsidiário das traduções, restringe-se à evangelização das novas correntes pedagógicas, no plano da instrução primária e dos novos processos agrícolas, dos novos rumos educativos. A sua pena, entretanto, nas marchas forçadas dos combates às guerrilhas



Fac-simile da primeira assinatura de Castilho, em estudante, tal qual se encontra nos termos do livro de matrícula da Universidade de Coimbra do ano lectivo de 1818 para 1819 (segundo do curso). *Memórias de Castilho* por Júlio de Castilho. Tômo I. 1881.

inimigas, na camaradagem diária dos mentores da pedagogia, na vaga condescendência com os postulados literários em voga, desarticulara-se, desemperrara-se, quási se actualizara — um fiosinho de sangue rubro a aquecer-lhe as entranhas.

Mas nunca perde, em absoluto, o entôno grandíloquo conferido pelos deuses nos montes da Hélade — aqui, ali, além, a traír-se, no refluxo da toada, a voz de Júpiter em colóquio ameno com os mortais.

É justo mesmo que o Mestre se considere, se sinta Júpiter no seio das nuvens — as barbas de neve a roçarem-lhe a túnica, saturadas do incenso votivo e do hálito das flores que os romeiros lhe trazem ao altar.

E o Mestre jubilado, no grato *lausperenne*, transfigura a sua casa de homem de letras em Santa Casa de Misericórdia — onde recebe, baptiza e apadrinha os enjeitados do talento, vestindo-os e calçando-os de modo a presumirem de *gente de algo*, e onde confere prémios grandes e prémios pequenos a quantos grandes e a quantos pequenos jogam na generosa lotaria.

As novas gerações românticas deliram, entrebucham, desgrenhadas, esquálidas, em ataques epilépticos de prosa e verso. A liberdade conquistada pelos caudilhos da cruzada redentora desentranha-se em híbridos monstruosos de licença e alucinação. E não há novo olheirento, a grenha plangente a borrifar de caspa a gola sebácea da sôbrecasaca, não há bardo lacrimoso, o alaúde em soluços cavernosos sôbre as ondas mortas dos cabelos de Elvira, que não venha à luz da ribalta ungido pela água-benta do Divino Mestre.

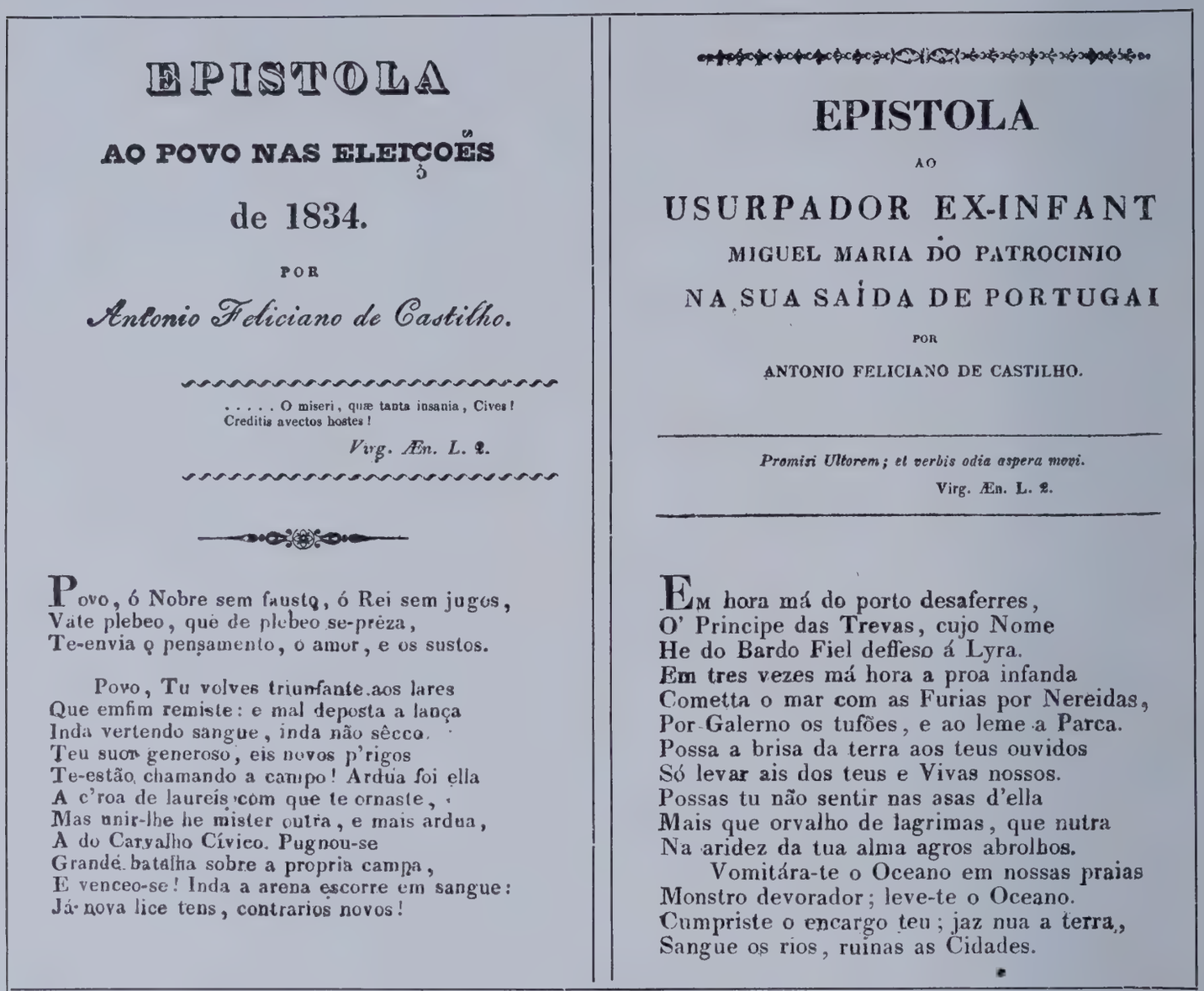
Casa onde nasceu Castilho, na Rua da Tôrre de S. Roque, hoje Rua de S. Pedro de Alcântara, n.º 13. *Memórias de Castilho* 1.º vol.

Casa onde morreu Castilho, na Rua do Sol ao Rato, em Lisboa. Desenho do natural, por Cazelas, no *Ocidente*. 1885.

À hora em que, de Norte a Sul, reboam, escachoantes, convulsos, os gemidos dos que manipulam dores e orfandades por série, no rigor incondicional do receituário à vista, em Coimbra ordena-se geração adversa e declara-lhes guerra sem quartel. É a geração que se agrupa e populariza sob a flâmula de *Escola de Coimbra* — escola que tem por preceptores, além de outros, Antero, Teófilo e Eça, geração armada e equipada nos arsenais da filosofia positiva, tôda arripiada em frémitos de crítica científica, a imaginação sob o comando da razão, a sensibilidade ao serviço da análise, a história-necrópole transformada em história-viveiro.

Um dos seus primeiros actos de rebeldia intelectual visa directamente Castilho, a sua Santa Casa, e os seus devotos pupilos, uns e outros conglomerados no grémio da *Pedantocracia Portuguesa*. Castilho, apanhado em cheio pela surriada iconoclasta, desce das nuvens, e, braço solene estendido, excomunga os réprobos. Apara o golpe e dobra no ataque o campeão de juba de oiro e pulcra armadura que dá pelo nome de Antero de Quental. Antero, delegado dos companheiros de armas, em luminosas cargas de preceitos renovadores, responde às cutiladas do mestre da escola velha na carta do *Bom Senso e Bom Gôsto* — carta constitucional dos mestres da escola nova, ou *Escola de Coimbra*.

Moços de sangue na guelra, esquecem por vezes certas prerogativas dos velhos, no corpo das quais avulta a de expoentes da sua época, que, se não fôsse diferente da dêles, não lhes legitimaria o pôsto conferido nos novos quadros do



EPISTOLA

AO POVO NAS ELEIÇÕES

de 1834.

POR

Antonio Feliciano de Castilho.

. . . . . O miseri, quæ tanta insania, Cives!
Creditis avectos hostes!

Virg. Æn. L. 2.

Povo, ó Nobre sem fausto, ó Rei sem jugos,
Vate plebeo, que de plebeo se-préza,
Te-envia o pensamento, o amor, e os sustos.

Povo, Tu volves triunfante aos lares
Que emfim remiste: e mal deposta a lança
Inda vertendo sangue, inda não sêcco.
Teu suor generoso, eis novos p'rigos
Te-estão chamando a campo! Ardua foi ella
A c'roa de laureis com que te ornaste,
Mas unir-lhe he mister outra, e mais ardua,
A do Carvalho Cívico. Pugnou-se
Grandé batalha sobre a propria campa,
E venceo-se! Inda a arena escorre em sangue:
Já nova lice tens, contrarios novos!

EPISTOLA

AO

USURPADOR EX-INFANT

MIGUEL MARIA DO PATROCINIO

NA SUA SAÍDA DE PORTUGAL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Promiti Ultorem; et verbis odia aspera movi.

Virg. Æn. L. 2.

Em hora má do porto desaferres,
O' Principe das Trevas, cujo Nome
He do Bardo Fiel deffeso á Lyra.
Em tres vezes má hora a proa infanda
Cometta o mar com as Furias por Nereidas,
Por Galerno os tufões, e ao leme a Parca.
Possa a brisa da terra aos teus ouvidos
Só levar ais dos teus e Vivas nossos.
Possas tu não sentir nas asas d'ella
Mais que orvalho de lagrimas, que nutra
Na aridez da tua alma agros abrolhos.
Vomitára-te o Oceano em nossas praias
Monstro devorador; leve-te o Oceano.
Cumpriste o encargo teu; jaz nua a terra,
Sangue os rios, ruinas as Cidades.

Duas raras Epístolas de Castilho. Primeiros versos em primeiras edições.

activo. Não atendem a que, por sua vez, também êles hão-de ser expoentes caducos, ao soar de outras Trindades, na hora do inevitável crepúsculo. Não olham a que não há nas circunscrições do espírito, nem nas da matéria, o eterno vinculado às formas e preceitos — tudo, matéria e espírito, flutuando na torrente caudalosa do contingente, do efémero, do relativo, as únicas realidades de permanência eterna. Êles, os moços iconoclastas da *Escola de Coimbra* actuam por bem, não há dúvida, pois actuam em representação da seiva contra o caruncho, do refluxo contra a estagnação, do caudal contra o pântano. Mas actuam, dilacerando as carnes provectas do semi-deus, aplicando-lhe aos rins, nas vésperas da morte, as disciplinas da chacota e os cilícios do riso.

VIII — ALEXANDRE HERCULANO

BIBLIOGRAFIA: — Obras originais — *A voz do Propheta.* 1.ª série. Ferrol, 1836 (Inocêncio julga suposta a indicação do lugar e que a impressão foi possìvelmente feita em Lisboa, na oficina de Galhardo). 2.ª série. Lisboa, 1837 — *A Harpa do crente. Tentativas poeticas pelo auctor da Voz do Propheta.* 1.ª, 2.ª e 3.ª séries. Lisboa, 1838 — *Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres.* Lisboa, 1841 (Confutação de outro no mesmo ano publicado com o título: *Analyse do parecer da Commissão de Instr. Pub. da Camara dos Snrs. Deputados sobre o projecto de lei n.º 58 A*, 1841. *O Clero Portuguez). Elogio historico do Ex.mo Snr. Dr. Sebastião Xavier Botelho.* Lisboa, 1843 (?) — *O Monasticon.* Tomo I. *Eurico o Presbytero.* Lisboa, 1844 — Tomo II. *O Monge de Cister ou a epocha de D. João I.* Lisboa, 1844 — 2 vols. *Os infantes em Ceuta.* Pequeno drama lyrico em um acto. Lisboa, 1844 — Música de A. L. Miró. *Historia de Portugal.* Tomo I (até ao reinado de Afonso I). Lisboa, 1846 — Tomo II (reinados de D. Sancho I, D. Afonso e D. Sancho II). Lisboa, 1847 — Tomo III (D. Afonso III). Lisboa, 1849 — Tomo IV. Lisboa, 1853 — Em 1915-16 saiu a 7.ª edição, ilustrada, em 8 volumes, 8.º sob a direcção de David Lopes e Pedro de Azevedo. *Poesias.* Lisboa, 1850 — (Insere também *Os Infantes em Ceuta*, impresso em 1844). *Eu e o Clero. Carta ao Em.mo Cardeal Patriarcha.* Lisboa, 1850 — (Todos os opúsculos referentes à famosa questão vão no fim das obras escritas por Herculano). *Da propriedade litteraria e da recente convenção com a França. Carta ao sr. Visconde de Almeida Garrett.* Lisboa, 1851 — *Lendas e Narrativas.* Lisboa, 1851 — 2 vols. *Da origem e estabele-*

REPRODUÇÃO DE ALGUMAS PÁGINAS DE UM ÁLBUM ROMÂNTICO

ALBUM REÜNIDO PELO POETA ANTÓNIO XAXIER RODRIGUES CORDEIRO, (1819-1900) COMO HOMENAGEM A SUA ESPÔSA. CONSERVA-SE HOJE EM PODER DO ILUSTRE HOMEM DE LETRAS DR. AFONSO LOPES VIEIRA. ENCADERNADO NA ÉPOCA, OBLONGO, E MAGNÌFICAMENTE CONSERVADO É UM DOCUMENTO TÍPICO DOS ÁLBUNS E DO TEMPO EM QUE ÊLES ERAM O PASSATEMPO LITERÁRIO DA MODA.

Assim cada primavera
Volta saudosa aos lugares
onde foi mãe, e cada espera
Ser feliz nos mesmos lares.

Lisboa 19 de Julho
1877

A. X. Rodrigues Cordeiro

ÚLTIMA QUADRA DA POESIA COM QUE ABRE O ÁLBUM

DE

ANTÓNIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

(1819-1896)

Peço vênia com que recebi este albúm.

Um pensamento, uma data,
Uma expressão de doçura,
E se não póde ser tanto,
Ao menos a assignatura

E. R. Mercê.

Resposta

Um pensamento? Respeito.
Uma data? Vae no fim.
Uma expressão de doçura?
Amisade. Não é assim?

Agora quanto me pede
Está satisfeito. Oh não
Ainda falta a assignatura..
É verdade. Tem razão.

E foi que uma hora promette
Que heide receber mercê,
Vá pensando no que seja,
Que me faça o que me dê.

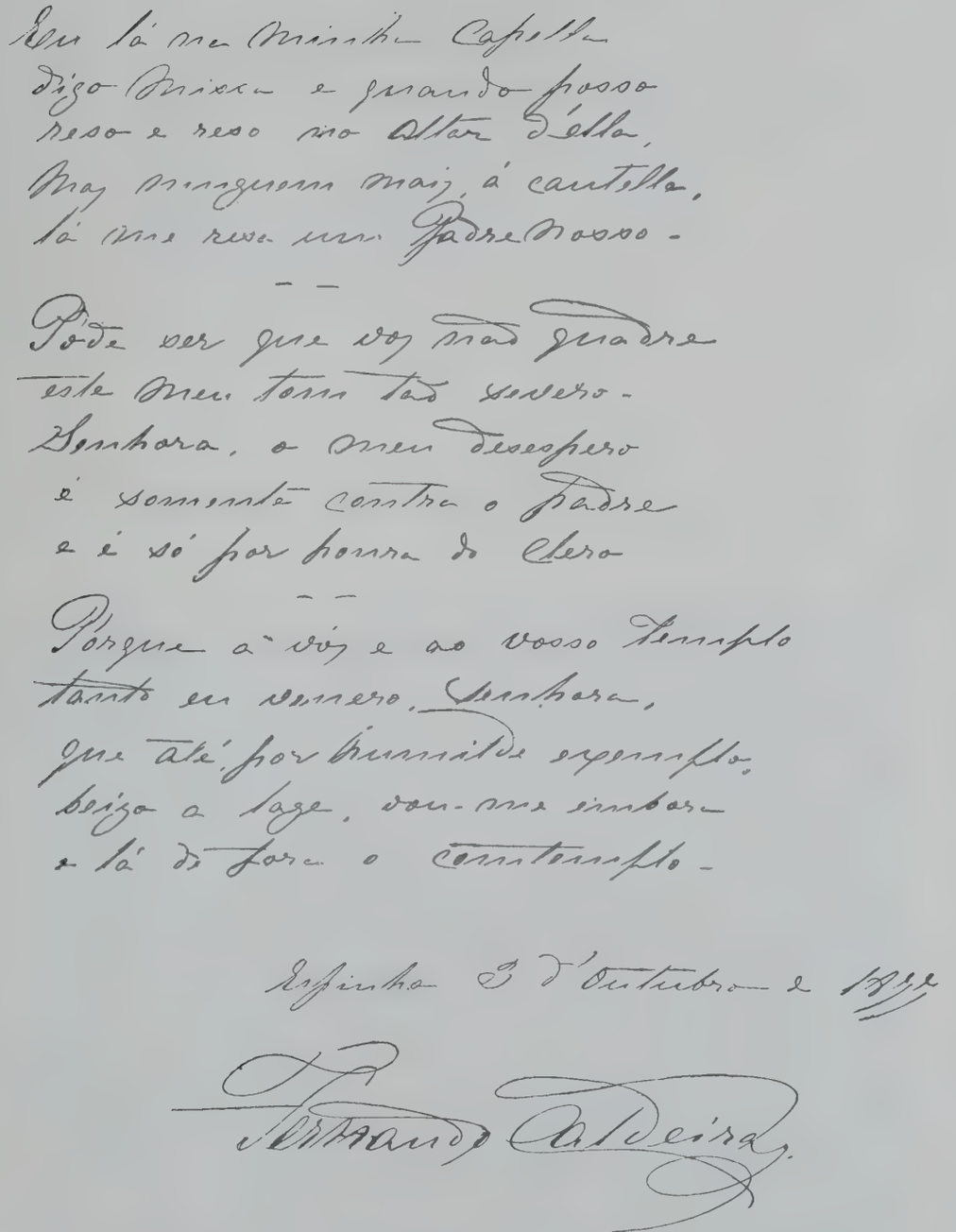
Mas não. Eu é que lhe devo
Respeito e gratidão.
dar me logar no seu Albúm
Lá foi grande distincção!

Por ella, minha Senhora,
Lhe devo grato dizelo
O seu criado e visinho

Teixeira de Vasconcellos

7 rua da Paz
8 de Fevereiro de 1878.

ANTÓNIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELOS
(1816-1878)



Eu lá na minha Capella
digo Missa e quando posso
reso e reso no Altar d'ella,
Mas ninguem mais, á cautella,
lá me reza um Padre Nosso -

— —

Póde ser que vos não quadre
este meu tom tão severo -
Senhora, o meu desespero
é somente contra o Padre
e é só por honra do Clero

— —

Porque a vós e ao vosso Templo
tanto eu venero, Senhora,
que até, por humilde exemplo,
beijo a laje, vou-me embora
e lá de fora o contemplo -

Espinho 3 d'Outubro de 1877

Fernando Caldeira

POESIA

DE

FERNANDO CALDEIRA

(1841-1894)

Petição

Um pensamento, uma data,
uma expressão de doçura,
E se não pode ser tanto,
Ao menos a assignatura.

Glosa

De pobríssimo talento
Me provêo a sorte ingrata,
Nem me lembra, p'ra dizer,
Um pensamento, uma data

Sinto-me velho, doente,
Tôdo, eu, sou amargura,
E não posso repetir,
Uma expressão de doçura

Estendêo-te, sobre mim,
O teu generôzo manto,
Dizes, a quem nada póde,
E se não póde ser tanto.

D'êstes achaques antigos,
É impossivel a cura,
Verei se posso firmar,
Ao menos, a assignatura

Lisboa 27
d'Abril 1.881

Marquez de Penalva

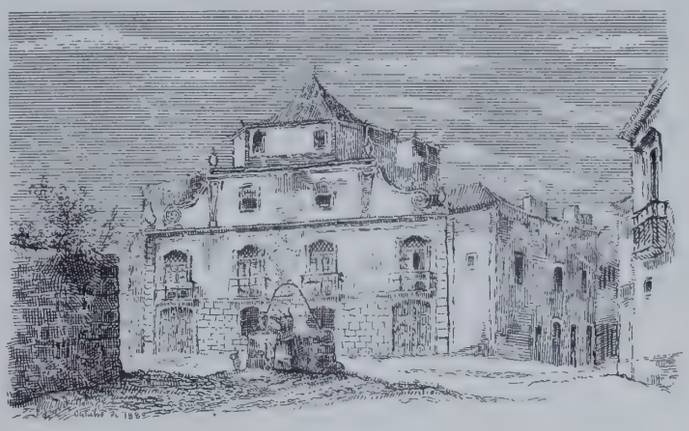
POESIA DO MARQUÊS DE PENALVA

D. FERNANDO TELES DA SILVA CAMINHA E MENEZES

9.º Conde de Tarouca e 4.º Marquês de Penalva

(1813-1893)

cimento da Inquisição em Portugal. Lisboa; Tomo I. 1854 — Tomo II. Lisboa; 1855 — Tomo III. Lisboa; 1859 — *Memoria sobre a origem provavel dos Livros de linhagens.* Lisboa; 1854 — *Mousinho da Silveira ou la révolution portugaise. Lettre à un ami.* Lisbonne; 1856 — Ret. de Herculano. *A Reacção ultramontana em Portugal ou a Concordata de 21 de Fevereiro.* Lisboa; 1857 — *Carta aos eleitores do concelho de Sintra recusando aceitar a eleição que delle haviam feito para seu deputado ás Cortes.* (Saiu no *Jornal do Commercio*, n.º 1399 de 23 de Maio de 1858. Fez-se uma separata de 120 ex. em 8.º gr. oferecida ao seu autor). Lisboa; 1858 — *Ao Partido Liberal portuguez — a Associação popular promotora da educação do sexo feminino.* Lisboa; 1858 — *O fronteiro d'Africa, ou tres noutes aziagas.* Drama histórico portuguez em 3 actos. Rio de Janeiro; 1862 — *Casamento Civil. Carta dirigida ao «Jornal do Commercio»* — 1.º de Dezembro de 1865. Lisboa; 1865 — (à semelhança do *Eu e o Clero*, no fim do catálogo das obras originais de Herculano, indicam-se as referentes a esta célebre questão). *O Bobo (1128).* Rio de Janeiro; 1866 — *Opusculos.* 10 vols. com as seguintes datas: 1872, 1873, 1876, 1879, 1881, 1884, 1898, 1901, 1907 e 1908. Os *Opusculos* dividem-se em 3 séries. «Questões publicas» (1.º, 2.º, 4.º, 7.º, 8.º e 10.º), «Controversias e estudos historicos» (3.º, 5.º e 6.º) e «Litteratura» (o 5.º). *Carta do Dr. Alexandre Herculano respondendo á Sociedade Real de Agricultura em Lisboa.* Anotada com observações do Dr. José Rodrigues de Mattos. Lisboa; 1874 — *O Bobo.* Lisboa; 1878 — *Typos portuguezes e outros escriptos.* Rio de Janeiro; 1895.



Quinta dos Azulejos ou do Príncipe no Paço do Lumiar. «Reprod. de um desenho à pena por Júlio de Castilho, cópia de uma aguarela pelo mesmo pintada em Novembro de 1862». das *Memórias de Castilho*, Tomo I

Sem data: *O Alcaide de Santarem.* Lisboa; *As caixas economicas. Relatorio da Direcção do Montepio Geral.* Lisboa; *Composições varias.* Lisboa; *Cartas.* Vols. I e II. Lisboa.

O que Herculano publicou: *Portvgaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvm decivm ivsso Academiae Scientiarvm Olissiponensis edita.* Compõe-se das seguintes partes: *Scriptores.* 3 fasc. *Leges et consvetvdines.* 6 fasc. *Diplomata et chartae* e *Inquiritiones.* 2 fasc. 1856 e seg. Herculano dirigiu esta publicação até 1873.

Chronica d'ElRei D. Sebastião publiccda por A. Herculano e o Doutor A. C. Paiva. Lisboa, 1837.

Annaes de el rei Dom João terceiro. Lisboa, 1846 — O manuscrito original existe na Bib. da Ajuda.

Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII — Segunda edição correcta e aumentada de algumas observações principalmente filológicas por A. Herculano e o Barão do Castelo de Paiva. Lisboa, 1861.

Eu e o Clero. A questão *Eu e o Clero* foi muito movimentada e sôbre ela publicaram-se as seguintes espécies.

1) — *Demonstração historica e documentada da apparição de Christo nos campos de Ourique, contra a opinião do sr. Alexandre Herculano.* Por António Lúcio Maggessi Tavares. Lisboa, 1846.

2) — *O primeiro tomo da Historia de Portugal por Alexandre Herculano, considerado em relação ao juramento de Affonso Henriques,* por José Diogo da Fonseca Pereira. Em Peniche. Lisboa, 1847 —

a que Herculano respondeu com: 3) — *Eu e o Clero.* Lisboa, 1850, seguindo-se:

4) — *O Clero e o sr. Alexandre Herculano.* Lisboa, 1850 — (É de Camilo Castelo Branco).

5) — *Considerações pacificas sobre o opusculo «Eu e o clero». Carta ao redactor do periodico «A Nação».* Por Alexandre Herculano. Lisboa, 1850.

6) — *Ao Sr. Alexandre Herculano, em referencia á sua carta dirigida ao Em.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa com a data de 30 de Junho de 1850.* Lisboa, 1850 — (É de Caetano Francisco de Faria).

7) — *Reflexões sobre as «Considerações pacificas» do sr. Alexandre Herculano. Carta dirigida ao mesmo senhor,* pelo P.e Caetano Francisco de Faria. Lis., 1850.

8) — *Justa desaffronta em defeza do Clero, ou refutação analytica do impresso Eu e o Clero,* etc. Seu autor Francisco Recreio. Lisboa, 1850.

9) — *Cartas ao muito reverendo em Christo P. Francisco Recreio socio effectivo da Acad. R. das Sc. de Lisboa, Bibliothecario da mesma Academia, auctor do «Elogio Necrologico» da «Justa Desaffronta em defesa» e de varias obras ineditas. Por um moribundo.* Lisboa, 1850 — (É de Herculano).

Lapa dos Esteios, em Coimbra. Lugar predilecto de Castilho. (Segundo uma fotografia de Santos). Desenho de Cristino publicado no *Ocidente* em 1885.

10) — *Nova insistencia pela conservação e utilidade da tradição de Ourique, em resposta ao «Eu e o Clero» do sr. A. Herculano, na parte que tem relação com este objecto.* Por António Lúcio Maggessi Tavares. Lisboa, 1850.

11) — *Solemnia verba. Cartas ao sr. A. L. Maggessi Tavares sobre a questão actual, entre a verdade e uma parte do Clero.* Por A. Herculano. Lisboa, 1850.

12) — *Carta em resposta a outra do snr. A. Herculano, que tem por titulo «Solemnia verba»* por A. L. Maggessi Tavares. Lisboa, 1850.

13) — *A questão do Clero. Cartas de um aldeão ao sr. P. Francisco Recreio (Primeira carta).* Lisboa, 1850 — No fim tem a assinatura Th. de C. (Thomaz de Carvalho).

14) — *Observações diplomaticas sobre o falso documento da apparição de Ourique, por um paleographo.* Lisboa, 1850 — (É de João Pedro da Costa Basto).

15) — *Cartas ao sr. Ministro da Justiça sobre o uso que faz do pulpito, e da imprensa uma fracção do clero portuguez.* Por Luiz Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1850.

16) — *Conselhos amigaveis. Tentativa de conciliação e paz,* pelo P. Rodrigo Antonio de Almeida. Lisboa, 1850.

17) — *Cartas sobre o estado actual da Religião Catholica em Inglaterra, por C. L. Aubert. Traduzidas do francez, seguidas de algumas observações contra A. Herculano e o P. Rodrigo V.* (sic) *de Almeida,* etc. Por (P.) José de Sousa Amado. Lisboa, 1850.

18) — *Sincera defeza da verdade, em desaffronta do Clero, ou antidoto analytico contra as intituladas «Considerações pacificas»* etc.... Seu autor Francisco Recreio. Lisboa, 1851.

19) — *Sem exemplo. Primeira e ultima resposta a todos os detractores dos «Conselhos amigaveis» e nomeadamente aos senhores Padres Amado e Recreio.* Pelo P. Rodrigo António de Almeida. Lisboa, 1851.

20) — *Exame historico em que se refuta a opinião do sr. A. Herculano sobre a batalha de Campo de Ourique, a que elle chama jornada ou correria, e affirma que de um tal facto não existe vestigio algum nos historiadores arabes.* Por A. C. P. (António Caetano Pereira). Lisboa, 1851.

21) — *A batalha de Ourique, e a sciencia arabico-academica. Carta ao redactor da «Semana»,* por A. Herculano. Lisboa, 1851.

22) — *A confirmação do «Exame historico sobre a batalha de Ourique» ou a refutação de todos os artigos do sr. Alexandre Herculano, publicados no jornal «A Semana» desde o n.º 9 a 13.* Por António Caetano Pereira. Lisboa, 1851.

23) — *Commentario critico sobre a advertencia do quarto volume da «Historia de Portugal» de A. Herculano, e «Carta annexa» de Pasqual de Gayangos.* Por António Caetano Pereira. Lisboa, 1853.

24) — *A batalha de Ourique e a «História de Portugal» de A. Herculano. Contraposição critico-historica (obra dividida em seis partes).* Autor Francisco Recreio. Lisboa, 1854 a 1856. 6 opúsc.

25) — *A resposta ou analyse critica ao «Communicado» de Alexandre Herculano, inserta no periodico «O Portuguez» n.º 193.* Ano de 1853. Por Antonio Caetano Pereira. Lisboa, 1857.

Estes números são das peças que constituem a colecção bibliográfica da questão, segundo o *Dicionario bibliographico* de Inocêncio. Não fazendo parte, pròpriamente dito, da polémica pode todavia agregar-se-lhe:

Os arabes na obra de Alexandre Herculano, por David Lopes. Lisboa. *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a batalha de Ourique.* por David Lopes. Lisboa, 1900, *Quem era o rei Esmar da batalha de Ourique?* Zaragoza, 1904. Por David Lopes. *A batalha de Ourique. Comentario a uma polemica,* por David Lopes. *O feito de Ourique,* por Ludovico de Menezes. *A batalha de Ourique,* por Victoriano José Cesar. *A fundação da monarquia portugueza e a batalha de Ourique,* por Victoriano José Cesar. *O milagre de Ourique e as cortes de Lamego,* por Antonio Cabreira. *A batalha de Ourique, replica e comentario,* por Antonio Cabreira. *Breves palavras sobre a questão de Ourique,* por Costa Veiga. *Investigação sobre combatentes d'Ourique,* por Costa Veiga. *Um documento sôbre a campanha de Ourique,* por Cunha Saraiva.

A Questão do Casamento Civil:

1) — *Carta sobre o casamento civil, dirigida ao ex.mo Presidente do Conselho de Ministros,* pelo duque de Saldanha. Lisboa, 1865.

2) — *Casamento civil. Carta dirigida ao Jornal do Commercio,* por Alexandre Herculano. Lisboa, 1865.

3) *Carta ao ex.mo Snr. Duque de Saldanha acerca do casamento civil,* por João Félix Rodrigues. Lisboa, 1865.

4) *Contra a Carta do snr. Duque de Saldanha sôbre o casamento civil,* por João Bonança. Lisboa, 1865.

5) *Breves reflexões sobre o contracto civil do matrimonio,* por Jaime C. H. Leça da Veiga. Lisboa, 1865.

6) *Carta de Patritius ao sr. Arcebispo Primaz, sôbre o casamento civil.* Braga, 1865.

HOMENAGEM dos COLÉGIOS A CASTILHO, como autor do MÉTODO PORTUGUÊS. Gravura da época

DISCURSO PRELIMINAR

DA

QUARTA EDIÇÃO DO METHODO PORTUGUEZ

CASTILHO

Offerecido pelo auctor á consideração de todas as pessoas illustradas, patrioticas e influentes.

O consummo em tão poucos annos de uma edição de mil exemplares, d'outra de dois mil, d'outra de quatro mil; a fundação e conservação de tantas escolas, em S. Miguel, em Portugal, e no Brasil; a notoriedade da excellencia e abundancia dos seus fructos, os depoimentos favoraveis e contestes dos professores que as regem; o louvor liberalisado no parlamento e na imprensa por tantos entendimentos dos mais distinctos, trazem já hoje confirmada a primazia do *methodo-portuguez*, primazia aliás intuitiva, e que as longas e minuciosas disputações tornaram ainda mais evidente. É um assumpto exhausto, é uma verdade assente; e já agora inconcutivel Passemos portanto a outras considerações.

Porque não tem este methodo conquistado ha já muito as escolas todas? Porque rasão, ao passo que se dilata pela America, permanece estacionario no paiz que o produsiu, se por ventura não tem 'nelle perdido nos ultimos tempos alguma parte das suas conquistas para a civilisação? Por muitas causas obvias, e conhecidas: primeira, porque era novidade, e bastava esta, segunda, porque deslocava, ou parecia deslocar, suppostos interesses consagrados pela posse; terceira, porque se lhe não deu, como convinha, attenção e amparo, amparo positivo e efficaz: quarta, porque, [illegible] cosamente haviam de actuar nos espiritos da maioria dos mestres contra uma theoria que se lhes representava difficultosa de comprehender, e contra uma pratica mais trabalhosa, segundo a elles se figurava, tinham mais que esperar para os seus interesses pessoaes e domesticos de se conservarem fieis ao passado, fosse elle qual fosse, do que de se aventurarem pelejadores voluntarios a bordo de uma não, que, por entre cerrações e tempestades, desferia temerarias vélas, caminho de um oriente recondito á maior parte dos espiritos.

D'aqui as resistencias, d'aqui as defecções, d'aqui o estar apenas plantado e seguro um systema, que já podéra ter bracejado para toda a parte os seus ramos floridos, verdes, fructuosos, e de sua natureza multiplicativos.

Todos hoje fallam da conveniencia, da necessidade, da obrigação, de se olhar deveras pela instrucção publica; a creação de um Ministerio especial para ella, acaba de ser patriotica e eloquentemente proposta, e sustentada, acceita no Parlamento. Appareça esse Ministerio, dignamente provido e servido, e a questão do ensino primario para o maximo numero, no menos tempo, e com os mais satisfatorios resultados, será logo das primeiras a primeira. Proceder-se-ha, sem duvida, a um inquerito serio e amplo, tantas vezes pedido, e sempre recusado, do que são em boa verdade a escola velha e a escola nova; e sobre o verediclo dos factos, testimunhas eternamente insuspeitaveis, o *methodo-portuguez*, ou será de uma vez para sempre prohibido, ou de uma vez para sempre abraçado pela nação para o ensino e melhoramento de seus filhos. A coexistencia official de dois systemas oppostos em tão grave e delicado assumpto, em assumpto de tamanhas e tão vastas consequencias, é perante o bom senso, um escandalo, é perante a humanidade uma abominação, a que, de um modo ou d'outro, importa e urge se ponha ponto.

Convindo que o novo ensino seja exactamente conhecido, para poder ser avaliado, havendo muitissimas pessoas que o ignoram; muitas, que só tem d'elle noções erroneas, ou incompletas, e não fallando ate quem de industria lhe escureça os meritos, e lhe levante indesculpaveis testimunhos, vamos expôr aqui o mais succintamente que podermos, o que é o *methodo portuguez*, convencidos, como estamos, de que os homens que legislam, os que governam, os que administram, os que pela imprensa influem na opinião, e emfim todos os que, directa ou indirectamente, podem contribuir para o desejavel acerto na organisação das escolas primarias, alguma vantagem acharão em fixar as suas idéas 'num assumpto que, pela sua natureza especial, rudimental e apparentemente minima, nunca talvez occupára as suas meditações, e sobre o qual, todavia, o sentenciar com justiça ou injustiça, ninguem dirá que seja indifferente.

O *methodo-portuguez* tomou como primeira base sua, as seguintes verdades:

— *Que os alumnos, que elle tem de doutrinar, entram para a escola do ler e escrever só iniciados, e mal, na lingua patria.*

— *Que estes mesmos alumnos são, na generalidade, crianças dotadas pela natureza, como todas as crianças, de imaginação, vivacidade, inconstancia, necessidade e desejo de instruir-se, tendencia para associar o desconhecido ao conhecido, predisposição insita para a analyse, e sobretudo (ponto capital) tão propensas á benevolencia, como á alegria, e tão instinctivamente [illegible] ao movimento, com que medra o corpo e a saude, como ás cogitações em que a luz da intelligencia lhes caminha sempre adiante da memoria.*

O *methodo-portuguez* tomou como segunda base sua, o seguinte aphorismo social:

— *Que, tendo todos os homens direito a ser iniciados na sciencia, e não sendo possivel nem ao estado, nem aos particulares, ter um mestre para cada criança, ou para cada pequeno grupo de crianças, o ensino a todos preferivel será aquelle, que, sem deixar de ser completo e perfeito, se poder exercer com igualdade sobre multidões de necessitados.*

Finalmente o *methodo-portuguez* tomou como terceira base sua, o dogma fecundissimo deste seculo:

— *Que o tempo é a maior de todas as riquezas.*

Sobre estas tres bases, bem assentes e conjunctas, a saber: indole natural da infancia: necessidade de doutrinar os mais possivel, pelos menos possivel; e economia de tempo, tratou de se constituir logicamente: e assim se compoz: de clareza, e amenidade; de rithmo, e simultaneidade, de sobriedade, e rapidez

A clareza e a amenidade ficaram sendo sua essencia intima de *methodo*, o rithmo e a simultaneidade, o revestimento do mesmo *methodo*, o seu accessorio complementar, o seu *modo* de acção. A sobriedade e a rapidez foram producto necessario da consociação deste *modo* com aquelle *methodo*.

O primeiro empenho do mestre sensato e humano, é ser mestre elle proprio para todos os seus ouvintes; mestre querido e escutado O seu primeiro trabalho, é portanto fazer de toda a classe, confiada ao seu affecto esclarecido, um só alumno moral, e sempre attento; que todo elle oiça o mesmo; que todo elle entenda e pense o mesmo; que todo elle diga e faça o mesmo; uma só percepção; um só discurso; uma só voz; de cem individuos, um producto identico, uniforme, irreprehensivel Para a resolução deste problema, o compasso era condição imprescriptivel. O compasso, o *rithmo*, é da natureza e tem por isso mesmo um certo agrado que lhe é privativo, não só a musica e a dança não podem prescindir do rithmo, sem se aniquilarem; senão que as marchas e evoluções dos exercitos não saberiam dispensal-o, a voga arrancada,

DEFESA DO MÉTODO PORTUGUÊS. Reprodução da 1.ª pág. (Da colecção de H. de Campos Ferreira Lima).

7) — *Ao Ill.mo Ex.mo Snr. Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva. Carta sobre o Casamento Civil*, pelo padre José de Sousa Amado. Lisboa, 1865.

8) — *O casamento civil: resposta á carta do sr. Alexandre Herculano* por J. de F. Amorim Barbosa. Lisboa, 1865.

9) — *Nem tanto ao mar nem tanto á terra* ou *A Justa Apreciação do Casamento por Contracto Civil*, por um Advogado. Pôrto, 1865.

10) — *O casamento civil, resposta ao Snr. Alexandre Herculano*, por Dom António da Costa. Lisboa, 1865.

11) *Brado Catholico contra o Casamento Civil — opusculo offerecido ao nobre Duque de Saldanha.* Porto, 1865.

12) — *Algumas observações sobre o Casamento*, pelo Marquez de Lavradio. Lisboa, 1865.

13) — *Brados contra o casamento civil...* por J. J. d'Almeida Braga; Porto, 1865. 2.ª parte; Porto, 1866.

14) — *Duas palavras sobre o Casamento*, pelo Redactor do Codigo Civil. Lisboa, 1866.

15) — *O Casamento Civil e seus adversarios*, por Augusto N. S. Carneiro. Coimbra, 1866.

16) — *Algumas palavras sobre o Casamento Civil. Carta dirigida ao Excellentissimo Senhor Alexandre Herculano*, pelo academico M. C. de Girão. Coimbra, 1866.

17) — *Breves reflexões sobre o Casamento Civil*, por M. da C. Pereira Coutinho. Coimbra, 1866.

18) — *Discurso do snr. Arcebispo de Braga sobre o Casamento Civil*, por um sonho do Prior da freguezia de S. Martinho de Salreu. Aveiro, 1866.

19) — *Duas palavras sobre o Registo Civil. Parecer apresentado no dia 14 de Maio de 1866 na Aula de Direito Administrativo da Universidade de Coimbra.* Coimbra, 1866.

20) — *O Casamento Civil explicado por A. Herculano ou os hipocritas desmascarados, seguido de uma carta do sr. Abel Maria Jordão sobre o mesmo assumpto e dos artigos do projecto do Codigo Civil com referencia ao Casamento.* Porto, 1866. (Contém as duas primeiras cartas de Herculano).

21) — *Casamento Civil. Terceira carta do senhor Alexandre Herculano dirigida ao «Jornal do Commercio».* Lisboa, 1866.

22) — *Casamento Civil — Quarta carta do Senhor Alexandre Herculano, dirigida ao «Jornal do Commercio».* Lisboa, 1866.

23) — *O Casamento Civil perante a Carta Constitucional. Segunda resposta ao sr. Alexandre Herculano*, por D. Antonio da Costa. Lisboa, 1866.

24) — *O Casamento Civil perante os Principios — Terceira resposta ao sr. Alexandre Herculano*, por D. Antonio da Costa. Lisboa, 1866.

OS FASTOS

DE

PUBLIO OVIDIO NASÃO

COM TRADUCÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANNOTAÇÕES

POR

QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS

TOMO I.º

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS ARCHIVO E BIBLIOTHECA

LISBOA

POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

M DCCC LXII

Frontispicio de uma das obras de CASTILHO

TOSQUIA

D'UM CAMELO

CARTA A TODOS OS MESTRES DAS ALDEAS E DAS CIDADES

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Mentita est iniquitas sibi

LISBOA

TYPOGRAPHIA URBANENSE

1853

Frontispicio de uma das obras de CASTILHO

25) — *Segunda observação sobre o Casamento Civil. Substituição da redacção do projecto do Codigo. Resposta a um membro da commissão e ao Sr. Augusto N. S. Carneiro*, por António Augusto Ferreira de Mello, auctor do opusculo «Nem tanto ao mar nem tanto à terra». Porto, 1866.

26) — *Defesa do Casamento Civil*, por J. M. Prado d'Azevedo. Opusculo offerecido ao sr. Alexandre Herculano. Porto, 1866.

27) — *O Casamento Civil reprovado pela Carta Constitucional*, por V. da C. Alves Ribeiro. Lisboa, 1866.

28) — *A Lei e o Clero na questão do Casamento Civil*, por A. L. Alcoforado. Lisboa, 1866.

29) — *Que me dizem ao Casamento Civil? Explicação em verso e em prosa. Coisas para rir. Narrativa de ocasião*, por... (adivinhar) (Luiz de Araujo Jr.). Lisboa, 1866.

30) — *O Casamento Civil e as senhoras* (1.ª e 2.ª Cartas), 2.ª ed. Lisboa, 1866.

31) — *Estudos sobre o Casamento Civil por ocasião do opusculo do sr. Visconde de Seabra sobre este assunto*, por A. Herculano. Lisboa, 1866.

32) — *O Casamento Civil. Colecção de Cartas do sr. Vicente Ferrer em resposta ao sr. Visconde de Seabra* publicado por J. L. de Sousa (com auctorisação do seu ilustre auctor). Porto, 1866.

33) — *Reflexões sobre o Casamento Civil*, por Francisco Augusto das Neves e Castro. Covilhã, 1866.

34 — *Representação do Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebispo da Bahia, Conde de Santa Cruz, dirigida às Camaras Legislativas do Império do Brazil acerca da proposta do Governo sobre o Casamento Civil.* Lisboa, 1866.

35) — *Dissertação de Concurso na Faculdade de Direito*, de José Braz de Mendonça Furtado. Coimbra, 1870.

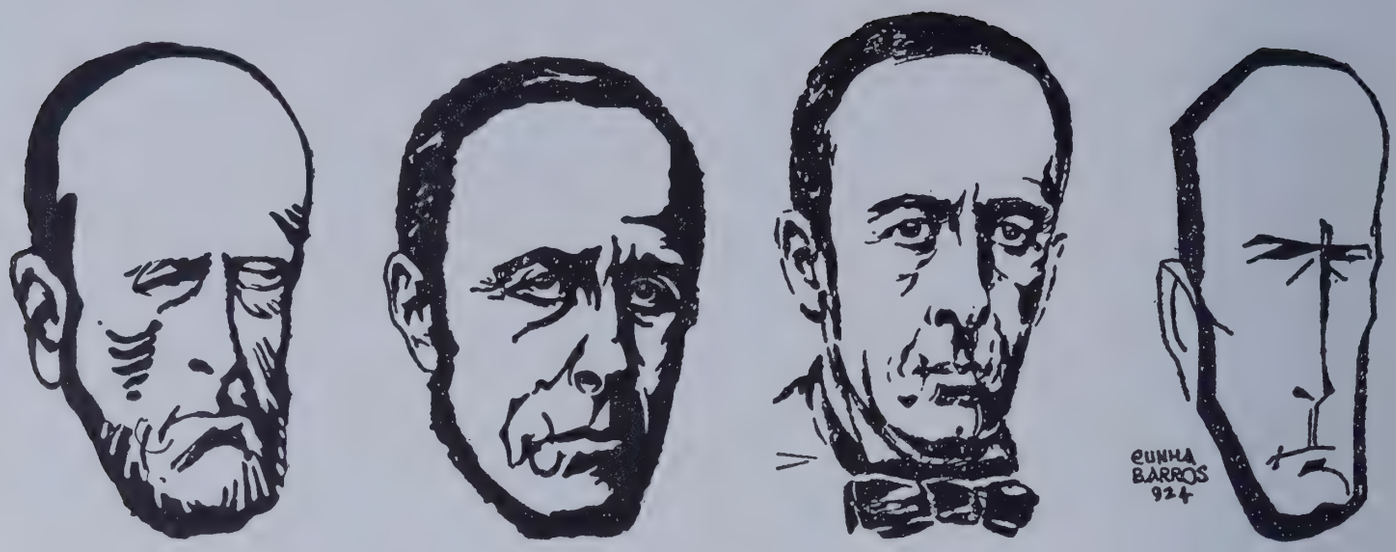
36) — *Estudo sobre o Casamento Civil. Dissertação academica que para o concurso a uma das substituições vagas na Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra offereceu o candidato Dr. Manuel de Azevedo Araujo e Gama.* Coimbra, 1881.

37) — *Reflexões sobre a carta do Sr. Alexandre Herculano*, (pelo P. Patricio Moniz). Rio de Janeiro, 1866.

38) — *Lei do Casamento Civil extrahida do Codigo Penel* (sic) *Portuguez, e sua apreciação pelas principaes penas* (sic) *de Portugal.* Lisboa, 1865.

39) — *Goliath ou Geth e Bethelem*, pelo academico Manuel Cardoso de Girão. Coimbra, 1866.

40) — *O Casamento Civil, a Carta e o Catholicismo em Portugal*, por Sebastião Antonio Barbosa. Lisboa, 1866.



HERCULANO VISTO PELOS ARTISTAS

por Leal da Câmara — por A. Dias Branco — por Saavedra Machado — por Cunha Barros

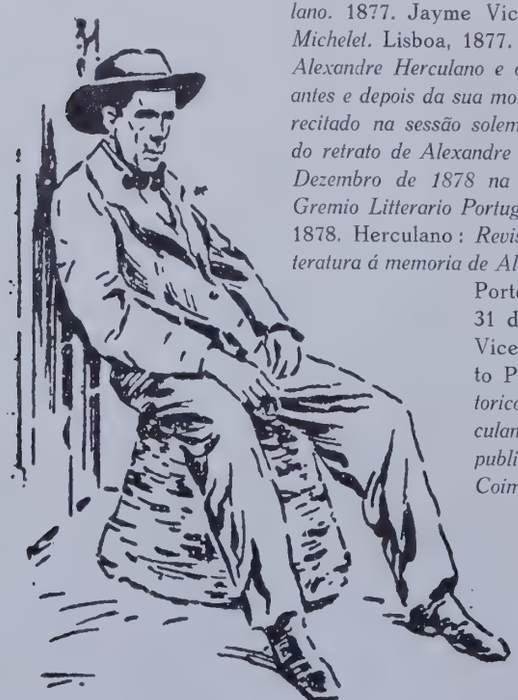
41) — *Prova da divindade dos sete sacramentos da Igreja e a superioridade do sacramento do matrimonio sobre o pretendido casamento civil.* offerecido a todos os portugueses. Porto, s/d.

42) — *N'um codigo civil o matrimonio deverá considerar-se simplesmente como um contracto ?* Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na Faculdade de Direito, de José Braz de Mendonça Furtado. Coimbra, 1865.

Sôbre a questão, pode ver-se ainda o *Diccionario bibliographico*, vol. 9.º, págs. 182 a 185.

Antologia Portuguesa, organizada por Agostinho de Campos. *Herculano.* I — Quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa. Lisboa, 1919.

Obras sôbre o escritor: *Discursos sobre a morte de Alexandre Herculano proferidos na sessão funebre celebrada no Theatro de S. João pelo Gabinete Portuguez de Leitura, 18 de Outubro.* Rio de Janeiro, 1877. António Cândido — *Oração funebre que nas exequias de Alexandre Herculano mandadas celebrar pelo corpo commercial do Porto, recitou na egreja da Lapa...* Coimbra, 1877. Ruy Barbosa — *Discurso sobre Alexandre Herculano.* Bahia, 1877. Gomes Leal — *Á morte de Alexandre Herculano.* 1877. Jayme Victor — *Herculano e Michelet.* Lisboa, 1877. Sousa Moreira — *Alexandre Herculano e o clero reaccionario antes e depois da sua morte.* 1877. *Discurso recitado na sessão solemne da inauguração do retrato de Alexandre Herculano em 1 de Dezembro de 1878 na sala de honra do Gremio Litterario Portuguez no Pará.* Pará, 1878. Herculano: *Revista quinzenal de litteratura á memoria de Alexandre Herculano.* Porto; 1 de Janeiro a 31 de Março de 1878. Vicente Ferrer de Neto Paiva — *Elogio historico de Alexandre Herculano, lido na sessão publica do Instituto de Coimbra.* 1878. Id. — *Os nossos bispos do Continente. A proposito das exequias da Lapa em honra de Alexandre Herculano.* Guimarãis, 1878. *Discursos recitados na sessão solemne de inauguração do retrato de Alexandre Herculano na sala de honra do Gremio Litterario Portuguez no Pará.* 1879. António de Serpa Pimentel — *Alexandre Herculano e o seu tempo.* 1880. Bulhão Pato — *Os ultimos dias de Alexandre Herculano.* 1880. Teófilo Braga — *Historia do romantismo em Portugal. (Ideia geral do romantismo. Garrett, Herculano e Castilho).* 1880. Caldas Cordeiro — *Alexandre Herculano.* 1884. Alves Mendes — *Discurso proferido quando da trasladação dos restos mortais do grande historiador para o templo dos Jeronymos.* 1888. Anselmo de Andrade — *Elogio de Alexandre Herculano proferido no Atheneu Commercial da cidade do Porto em 13 de Setembro de 1888.* Lisboa, 1889. Manuel Pinheiro Chagas — *Elogio historico do socio de merito Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.* (15 de Junho de 1890). *Monumento a Alexandre Herculano. Relatorio da Commissão executiva.* 1896. Antonio Sanchez Moguel — *Alejandro Herculano de Carvalho. Estudio critico-historico leido ante la Real Academia de la Historia.* 1896. Martins de Soveral — *Eurico.* 1897. António Francisco Barata — *Garrett, Castilho, Herculano. 1 de fevereiro de 1899.* 1899. Brito Rebêlo — *Em torno de Alexandre Herculano.* 1900. Diogo Rosa Machado — *Alexandre Herculano. Conferencia publica realizada no Atheneu Commercial de Lisboa na noite de 15 de Julho de 1900.* 1900. Afonso Nunes Branco. *Herculano, (Notas inéditas de Camilo Castello Branco).* Lisboa, 1909. Frazão de Vasconcelos — *Auto-biografia de Herculano.* Lisboa, 1910. Visconde de S. Boaventura — *Alexandre Herculano, o historiador das glorias de Portugal.* 1910. Rocha Martins — *Alexandre Herculano e a sua epoca.* 1910. A. A. da Costa Ferreira — *Herculano sob o ponto de vista anthropologico.* 1910. Ariosto Silva — *Alexandre Herculano.* Porto, 1910. F. Adolfo Coelho — *Alexandre Herculano e o ensino publico.* Lisboa, 1910. Agostinho Fortes. *Alexandre Herculano.* António Baião — *Homenagem ao Mestre. I — Alexandre Herculano na Torre do Tombo. II — Cartas ineditas.* Coimbra, 1910. Gomes de Brito — *No primeiro centenario de Alexandre Herculano. 28 de Março de 1810 a 28 de Março de 1910. Paginas intimas.* 1910. José Agostinho. *Alexandre Herculano.* Porto, 1910. Ginestal Machado — *Alexandre Herculano Esboço de critica.* Santarem, 1910. Jayme de Magalhães Lima. *Alexandre Herculano.* Coimbra, 1910. Cherubim do Vale Guimarães — *Herculano jurisconsulto.* Aveiro, 1910. *Academia das Ciencias de Lisboa. Centenario do nascimento de Alexandre Herculano. Discursos pronunciados na sessão solene de 28 de Março de 1910.* Lisboa, 1910. Christóvão Aires — *Centenario do nascimento de Alexandre Herculano* (discurso). Lisboa, 1910. Baltazar Osório — *Panegyrico de Alexandre Herculano que na sessão solemne na noite de 4 de Abril de 1910, celebrada em sua homenagem pela Escola Polytechnica leu o professor...* Lisboa, 1910. Fortunato de Almeida — *Alexandre Herculano, historiador.* Coimbra, 1910. A. A. Mendes Correia — *Alexandre Herculano.* Porto, 1910. Rafael Calado — *Homenagem a Herculano. Poesia distribuida no sarau commemorativo do centenario de Herculano em Leiria, 28 de Abril de 1910.* 1910. Baptista



HERCULANO EM VALE DE LOBOS, por Saavedra Machado

Lima — *Alexandrinos. Soneto de homenagem a Alexandre Herculano.* Povoa do Varzim; 1910. Freitas Guimarães — *Ode a Herculano.* S. Paulo; 1910. João Deville — *No Centenário de A. Herculano.* 1910. Eduardo Moreira — *Trechos escolhidos de Alexandre Herculano que revelam a sua crença, coordenados e annotados* por Ed. Mor. *Herculano. Numero unico.* Rozendo Carvalheira — *Consighlieri Pedroso e o centenário de Alexandre Herculano.* 1910. *Boletim da Real Associação dos Archeologos Portuguezes. Numero commemorativo do Centenario de Alexandre Herculano.* Eloy do Amaral — *Catálogo da Exposição bibliographica commemorativa do primeiro docentenario nascimento de Alexandre Herculano. Bibliotheca Publica Municipal da Figueira da Foz.* Antonio Francisco Barata — *Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano com ineditos delle.* Evora; 1910. F. Julio Borges — *Um tributo ao centenario de Alexandre Herculano.* Brito Rebelo — *Em torno de Alexandre Herculano. Herculano na Alemanha. Elogio historico de Alexandre Herculano recitado em Munich na sessão solemne da Real Academia das Sciencias da Baviera a 28 de Março de 1878* por Joham-Josef-Ignaz von Doellinger. Porto; 1910. Fidelino de Figueiredo — *Herculano, julgado pela bibliographia do seu centenario.* Lisboa. Id. —*Herculano, critico, poeta e romancista.* Lisboa; 1910. E. Sanches da Gama —*Na festa de Herculano.* Delfim Guimarães —*Á memoria de Herculano.* 1910. J. J. Gomes de Brito — *A obra monumental de Alexandre Herculano.* É o vol. 21 do Diccionário bibliográfico português. Alberto Osorio de Vasconcelos (Ermita do Chiado) — *Garrett, Castitho, Herculano e a Escola Coimbrã,* etc. 1866. Sacristão de uma ermida —*Analyse critica, rapida, despretenciosa feita ao folheto intitulado, « Garrett, Castilho, Herculano,* etc. » 1866. Caldas Cordeiro — *Alexandre Herculano.* 1894. *Monumento a Alexandre Herculano. Relatorio da comissão executiva.* 1896. Affonso Nunes Branco — *Herculano (Notas ineditas de Camillo Castello Branco).* 1909. David Lopes — *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano,* 1911. Liberato de Bittencourt — *Psicologia de Alexandre Herculano.* 1913. Pedro A. de Azevedo — *Apontamentos da viagem de Herculano em 1853 e 1854, publicados e annotados.* 1914. M. M. — *O « liberalismo » de Alexandre Herculano.* 1914. Gomes de Brito — *Uma colecção de cartas de Alexandre Herculano.* 1915. Gomes de Brito — *Alexandre Herculano, poeta, cristão e liberal.* 1915. M. Vieira Natividade — *Alexandre Herculano.* 1919. Albino Forjaz de Sampaio — *Alexandre Herculano. A sua vida e a sua obra* (Colecção Patricia). 1924. Augusto Cardoso Pinto — *Algumas cartas e papeis de Alexandre Herculano.* 1929. José de Oliveira Simões — *Uma carta de Alexandre Herculano.* 1932. Augusto Cardoso Pinto — *Alexandre Herculano e « O Trovador ». Uma carta do grande historiador,* 1933. Carlos Portugal Ribeiro — *Alexandre Herculano. A sua vida e a sua obra.* 2 vols. 1933-1934. F. A. Oliveira Martins — *Metamorfoses políticas de Alexandre Herculano.* 1937. Major Gonçalves Viana —*Alexandre Herculano.* 1937. Vitorino Nemésio —*A mocidade de Alexandre Herculano.* Lisboa.

HERCULANO por Ângelo de Lima, poeta e pintor, falecido no Manicómio Bombarda. (Colecção de Albino Forjaz de Sampaio, que se ocupou do autor na *Ilustração Portuguesa* e no vol. *Homens de Letras).*

A. Herculano

Gravura da época.

Há ainda valiosos subsídios para o estudo da figura de Herculano e dos aspectos da sua obra em: Antonio Pedro Lopes de Mendonça — *Memorias de litteratura contemporanea.* 1855. Bulhão Pato — *Sob os ciprestes.* 1877. Oliveira Martins — *Historia de Portugal.* 1892. id. — *Portugal contemporaneo.* 1883. Camillo Castello Branco —*Bohemia de Espirito.* 1886. Alberto Pimentel — *Vinte annos de vida litteraria.* 1889. Manuel Bento de Sousa — *O doutor Minerva (critica do ensino em Portugal).* 1894. Bulhão Pato — *Memorias. 3 vols.* 1894. Camillo Castello Branco — *Cartas a Silva Pinto.* 1895. J. A. da Silva Cordeiro — *A crise em seus aspectos moraes.* Zacharias de Aça — *Lisboa Moderna.* 1906. Brito Aranha — *Factos e homens do meu tempo. Memorias de um jornalista.* 1907-1908. Conde de Sabugosa — *Historiadores portugueses.* Conferência, 1909. João de Barros — *A nacionalização do ensino.* 1911. Alfredo Pimenta — *Sombras de Príncipes.* 1920. Fialho d'Almeida — *Figuras de destaque.* 1923. Fidelino de Figueiredo — *Historia da Litteratura romantica.* (1825--1870), 1923. Aubrey F. G. Bell — *Alguns aspectos da Litteratura portuguesa.* 1924. Antonio Baião — *Homenagem a Camillo no seu centenario (1825-1925)* (o 2.º capítulo é sôbre « Herculano e Camillo »). Júlio Brandão — *Bustos e Medalhas.* 1925. Osorio Goulart — *Horas solenes. Alocuções e conferências. Notas e comentários.* Pôrto; 1926. Nuno Catharino Cardoso — *Poetas satiricos-moralistas e parodistas e romanticos e ultra romanticos.* 1926. Anselmo de Andrade — *Alguns homens ilustres de Portugal.* José Guerreiro Murta — *Educação litteraria.* 1930. Aubrey F. G. Bell — *A Litteratura Portuguesa. Historia e critica.* 1931. Armando Ribeiro —*Terras fradescas.* 1933. João Grave — *O Historiador.* 1933. A. de Magalhães Basto —

Homens e casos d'uma geração notável. 1938. Mathias Lima — *Medalhões Nacionais. (Poetas e prosadores).* s/d. Bruno — *A geração nova.* Pôrto, s/d. Júlio Brandão — *Galeria de Sombras.* Pôrto, s/d. Visconde de Villa Moura e Antonio Carneiro — *Grandes de Portugal.*

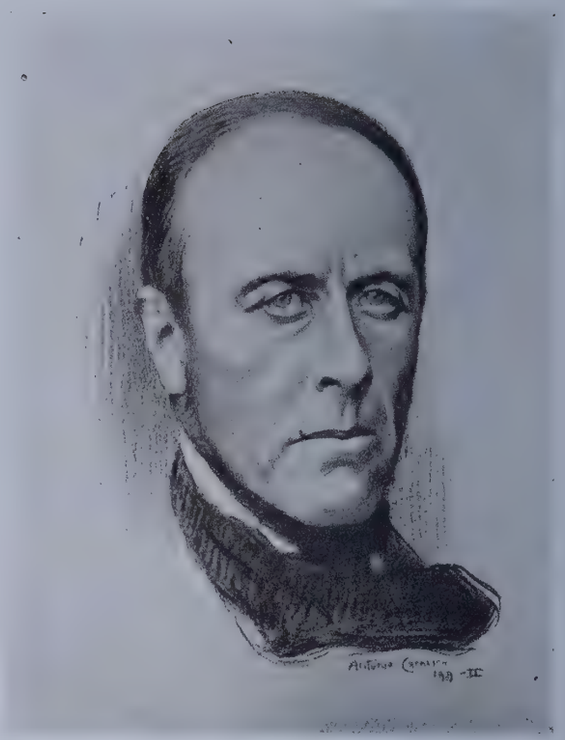
Entre as publicações periódicas há a ver:

Illustração Portuguesa. 1906. (Gustavo de Mattos Sequeira — Uma genealogia interessante). *Gazeta das Aldeias,* vol. XXIX, n.º 747, 24 de Abril. (Julio de Mello e Mattos — Alexandre Herculano e a lavoura portuguesa). *Revista de Guimarães.* (Maximiano de Lemos — As doenças e a morte de Herculano). *O Instituto,* vol. 86, 4.ª série; vol. 15.º, N.º 1. (Phileas Lebesgue — Herculano restaurateur de la prose portugaise) vol. 86-4.ª série; vol. 15, N.º 3. (Marques Gomes — Alexandre Herculano, redactor do «Diario do Governo») id. id. n.º 4. (Luiz Rodrigues Miguel — Alejandro Herculano y España). Herculano no Estrangeiro: Antonio Sanchez Moguel — *Alejandro Herculano de Carvalho. Estudio critico-historico leido ante la Real Academia de la Historia.* 1896. Fidelino de Figueiredo — *Historia de la literatura portuguesa.* Labor. 1927.

a) O poeta, o romancista, o historiador

ALEXANDRE Herculano, quando emigrou para Inglaterra, após a sufocada revolta de Infantaria 4, tinha uma extensa e variada cultura. Conhecia sòlidamente o latim e a literatura latina, começadas a aprender com os padres da Congregação do Oratório, que também lhe ensinaram lógica, disciplina indispensável para a entrada na Universidade. Sabia bem o francês, estudado na Aula do Comércio, em que Herculano se inscrevera,

ALEXANDRE HERCULANO
Litografia de Lopes de Bastos, publicada na *Revista Peninsular,* vol. I, 1856.



HERCULANO, por António Carneiro.
«Herculano: — Bonzo de orgulho, talento e duvida. Um cortiço de abelhas, sem azas, obreiras de amargo.» (Visconde de Villa Moura e António Carneiro — *Grandes de Portugal).*

depois que a cegueira do pai, forçado a aposentar-se do seu cargo de fiel da Junta dos Juros, diminuira os recursos da família, impedindo-o de seguir um curso superior. Sabia também o italiano, a ponto de se afoitar a escrever versos nessa língua; e traduzia, com facilidade, do inglês e do alemão. Ignora-se onde e como adquiriu estes conhecimentos. Quanto ao alemão é, porém, fora de dúvida que foi a velha marquesa de Alorna — a *Alcipe* de Filinto Elísio — que chamou a atenção do môço poeta «para a arte da Alemanha».

No ano lectivo de 1830-31, matriculou-se Alexandre Herculano na cadeira de Diplomática, anexa ao Arquivo da Tôrre do Tombo, da qual era lente titular o célebre autor das *Dissertações Cronológicas e Críticas,* João Pedro Ribeiro. Mas êste estava muitas vezes ausente de Lisboa, e nesse ano a gerência coubera ao lente substituto, Francisco Ribeiro Dosguimarães, que, além de desembargador da Casa de Suplicação, era conselheiro da Junta dos Juros, e conheceria, portanto, o filho do seu antigo subordinado. Supõe o Dr. Agostinho de Campos que o estudo da Diplomática revelaria já a natural inclinação de Herculano para a história. O Dr. Vitorino Nemésio julga, porém, que o facto se pode explicar pela premente necessidade de «ganhar a vida», pois a freqüência dêsse curso era habilitação obriga-

ALEXANDRE HERCULANO
Retrato publicado no opúsculo *Alexandre Herculano, esboço biographico com uma carta e retrato ineditos*, por Ariosto Silva. Pôrto. 1910.

tória para o provimento em empregos do Arquivo e nos ofícios de tabelião de notas da cidade de Lisboa. O certo é que dos seus conhecimentos de paleografia e diplomática tirou largo proveito no futuro.

Saiu Alexandre Herculano de Lisboa, nos últimos dias de Agôsto de 1831. Em 28 de Março completara 21 anos. «Pobre, só, abandonado», o exílio representava para êle uma provação dolorosa; mas retemperou-lhe os nervos e fortaleceu-lhe o carácter. Nos dois meses que esteve em Plymouth, como nos três incompletos, que depois se demorou em Rennes, associara-se Herculano a alguns companheiros, para juntos cuidarem da alimentação; e «cada um dêles devia fazer a sua semana». Mas os amigos — que pelo menos conheciam as poesias *A Semana Santa* e *A Arrábida*, escritas em 1829 e 1830 — opuseram-se a que Herculano desempenhasse o respectivo turno, pois seria «muito mais útil nas bibliotecas do que na cosinha». Todos os dias passava longas horas nas livrarias públicas das duas cidades; e assim ia aumentando o seu cabedal de erudição.

Disse Alexandre Herculano que fôra poeta até aos vinte e cinco anos. Podia alargar êsse limite, pois *A Voz do Profeta*, violento panfleto contra o setembrismo, publicado em 1837, reveste — como já o notou o Dr. Fidelino de Figueiredo — uma acentuada forma lírica. A origem dêsse panfleto documenta a inteireza de caráter do jovem escritor. Em Fevereiro de 1833, após oito meses de campanha, foi Herculano nomeado ajudante do bibliotecário do Paço Episcopal do Pôrto; e, em Julho imediato, provido no cargo de 2.º bibliotecário da Biblioteca Municipal da mesma cidade. Um lugar permanente entre livros e documentos era a maior recompensa a que êle podia aspirar. Para tomar posse, jurara fidelidade à Carta, pela qual valorosamente se batera. Em 1836, depois da revolução de Setembro, só poderia continuar ao serviço se jurasse fidelidade à Constituïção de 1822. Herculano preferiu demitir-se, a postergar o primeiro juramento; e do seu horror às turbulências civis, que incitaram a plebe desvairada ao assassínio de Agostinho José Freire, nasceu *A Voz do Profeta*, que teve então larga retumbância política e até literária.

Da poesia de Herculano, que tão intimamente se quadra com a sua severidade nativa, ressalta uma forte exaltação religiosa, aliás característica dos primórdios da escola romântica. Na *Semana Santa*, através dêsse sentimento, perpassa um vigoroso anseio de liberdade:

> . . . eu creio e espero
> No Deus das almas generosas, puras,
> E os déspotas maldigo.

A Arrábida é um férvido hino à religião e à vida contemplativa dos anacoretas:

> Avulta aqui, e alveja entre o alvoredo,
> Um pobre conventinho.

E o poemeto termina, implorando respeito para os infelizes, que, abraçados à cruz,

> aos pés dêste símbolo da esp'rança
> Vem derramar seu coração aflito.

ALEXANDRE HERCULANO
Gravura do *Plutarco Português*

Em ambas predomina — como na totalidade da *Harpa do Crente* — uma angustiosa e amarga concepção da vida. Dela resultam freqüentes divagações sôbre a protérvia das cidades, a ruína da pátria, a insânia da turba,

Absurdo mixto de baixeza extrema
E de extrema ousadia,

emfim, a vileza do mundo, onde alastram a descrença e a impudicícia.

A poesia *Deus*, escrita em Plymouth, e que por muito tempo figurou nas selectas das escolas, brota da mesma fonte de inspiração:

Homem, ente imortal, que és tu perante
A face do Senhor?
És a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador?

Na baía da Biscaia, durante a travessia de Belle-Isle à Terceira, a bordo da corveta *Juno*, assaltaram-nos as habituais ventanias dessas paragens.

Delas nasceu a *Tempestade*:

Sibila o vento: — os torreões de nuvens,
Pesam nos densos ares;
Ruge ao largo a procela, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares.

ALEXANDRE HERCULANO
Busto pela Duqueza de Palmela, existente na sala nobre da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Herculano, envolto na tormenta, saúda a morte:

Oh morte, amiga morte! é sôbre as vagas,
Entre escarceus erguidos,
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
Meus dias aborridos;
Quebra duras prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ela possa voar, por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente.

Mas o suicídio era um «pensamento infernal, um fugir cobarde ante o destino».

Na *Mocidade e Morte*, que Teófilo Braga considera «uma das joias da poesia portuguesa», descreve Herculano uma grave doença, que o pusera às portas da sepultura. Para o autor da *Historia do Romantismo em Portugal*, a doença resultara da navalhada que o poeta recebera durante uma desordem, na feira anual das Amoreiras, em 27 de Maio de 1828. O golpe, vibrado à face direita, cortou-lhe os lábios superior e inferior, junto da comissura. Do ferimento, decerto cosido a pontos naturais — que lhe deixaram uma cicatriz bem visível — devia provir violenta febre; mas basta ler a poesia, para reconhecer que o apavora o espectro da tísica:

Solevantado o corpo, os olhos fitos,
As magras mãos cruzadas sôbre o peito,
Vêde-o tão moço, velador de angústias,
Pela alta noite em solitário leito.

Como «última nota de quebrada lira», modula o trovador um canto de desesperança:

Qual tufão, que ao passar agita o pego,
Meu plácido existir turvou a sorte:
Hálito impuro de pulmões ralados
Me diz que nêles se assentou a morte.
. . . . . .
«Morto! morto!» me clama a consciência,
Diz-mo êste respirar rouco e profundo.
Ai! porque fremes, coração de fogo,
Dentro de um seio corrompido e imundo?
. . . . . .
Estender para o amigo a mão mirrada,
E êle negar a mão ao pobre amigo;
Querer uni-lo ao seio descarnado,
E êle fugir, temendo o seu perigo!

A desesperança acentua-se:

Oh Deus, porque este cális de agonia
Até às bordas de amargor me encheste?
Se eu devia acabar na juventude,
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste?

O canto termina em expressões blasfemas. O Anjo da Guarda surge, porém, a impor-lhe silêncio. Toca-o de novo a Graça: dormir no seio de Deus é a aspiração do poeta.

Os escritores do romantismo exageravam sempre os seus achaques; aos trinta anos, já muitos se diziam próximos da morte. A doença, por ventura uma pneumonia,

transformou-a o pessimismo de Herculano no aparato mórbido duma consumpção pulmonar.

A mais bela poesia da *Harpa do Crente* é a *Cruz Mutilada*. O tema, apesar da variedade de metros, desenvolve-se naturalmente e constitue uma vigorosa apologia daquele símbolo cristão:

Amo-te, oh cruz, no vértice firmada
De esplêndidas igrejas;
Amo-te quando à noite, sôbre a campa,
Junto ao cipreste alvejas.

. . . . . .

Porém quando mais te amo,
Oh cruz do meu Senhor,
É, se te encontro à tarde,
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando à luz que fenece
Se estira a tua sombra.

. . . . . .

E eu te encontrei num alcantil agreste
Meia quebrada, oh cruz...
A soledade
Não te pôde valer contra a mão ímpia
Que te feriu sem dó! As linhas puras
Do teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh mutilada cruz, falam de um crime
Sacrílego, brutal e ao ímpio inutil!

Quem o praticaria?

Foi da ciência incrédula o sectário,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Afrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consôlo
Na miséria e na dor constante has sido
Por bem dezoito séculos: foi êsse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tirano,
Bradando — *esmola!* a um; — *piedade!* ao outro.

ALEXANDRE HERCULANO

Curiosa caricatura da época.

A humanidade fàcilmente esquece os benefícios que lhe trouxe a cruz,

Símbolo eterno de uma crença eterna.

Para o povo ímpio, a redentora cruz é «como um remorso e acusação perene». Por isso a mutilaram. E o poeta vê, num doloroso sonho, aumentar a vaga da descrença, e os homens pisarem-na aos pés,

Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo,
Sem que o remorso o coração lhes rasgue

Mas a religião não morre.

«HERCULANO azeiteiro deixa os litteratos e dirige seus passos para a mercearia de Jeronymo Martins». Página de *O Calcanhar de Achilles*. Album de caricaturas, gravadas a água forte pelo autor. Lisboa, 1870. É de Rafael Bordalo Pinheiro.

Da propria natureza, gigantesca prova de grandeza de Deus, se ergue um magestoso hino ao Criador. O sacrilégio foi, portanto, absolutamente inútil.

A *Harpa do Crente* tem duas poesias, *O Soldado* e *A Vitória e a Piedade*, sugeridas pela guerra civil. Na primeira, o soldado proscrito só pensa em vir morrer à terra da pátria. Na segunda, o poeta exora piedade para os vencidos:

É tempo d'olvidar ódios profundos
De guerra deplorável.
O forte é generoso, e deixa ao fraco
O ser inexorável.

. . . . . .

Além do limiar da eternidade
O mundo não tem réus,
O que legou à terra o pó da terra
Julgá-lo cabe a Deus.

Revelam estas poesias o seu patriotismo; o que não exclue o sentimento religioso, nesse tempo a suprema expressão do sentimento poético de Herculano. A leitura do *Messias*, de Klopstock, causara-lhe uma impressão profunda, como denuncia a nota que, na primeira edição da *Harpa do Crente*, justifica a inclusão do poemeto lírico da sua mocidade, *A Semana Santa*, escrita sob essa impressão; e, volvidos anos, ainda ela se mantinha, ao traduzir trechos da célebre epopeia da Redenção. Admiradores do passado, animados do mesmo fervor cristão, o seu parentesco espiritual é flagrante, até na natural tendência para o estilo nobre e magestoso.

Muitos versos da *Harpa do Crente* são duros. Mais duros eram os de Sá de Miranda, e ninguém lhe rouba a glória de introdutor de novas formas métricas e novos ideais clássicos; e entre os nossos mais representativos

Quinta de Val de Lobos, propriedade de Alexandre Herculano, segundo uma fotografia de H. Dulac. *Archivo Pittoresco*, vol. IX, 1866. pág. 401.

poetas modernos não é raro encontrar essa dureza. Nas *Poesias Várias*, que só apareceram em 1850, os versos são mais espontâneos, mais fluentes, mas repassados de igual pendor melancólico.

Nas *Tristezas do Destêrro*, em cujo verso sôlto se nota o ritmo do *Camões* garreteano:

> Berço do meu nascer, solo querido,
> Onde cresci e amei e fui ditoso,
> Onde a luz, onde o céu riem tão meigos,
> Meu pobre Portugal!

exprime Herculano as fortes emoções sentidas no decorrer do exílio. A *Volta do Proscrito* canta a radiosa alegria do desterrado, que regressa à pátria, ébrio de amor e de esperanças. Mas «o seu amor fôra traído»; e o proscrito abandona a casa paterna, onde demorara apenas uma «anciada noite», para volver à terra estranha e ali viver «triste, esquecido do mundo».

O *Mosteiro Deserto* é a lúgubre descrição dum gótico mosteiro abandonado. Os monges, cuja existência se limitava a

> Enxugar muitas lágrimas na terra,
> E repousar na morte,

«renegando das tradições antigas», envolveram-se em lutas fratricidas, descendo

> . . . a pelejar na ardente arena
> Das facções inimigas.

No dia da batalha, «dia de atroz carnificina», com o crucifixo na mão esquerda e o ferro na direita, corriam por «entre as fileiras», bradando ferozmente: «Não perdoeis a um só!». Foram vencidos. Muitos ali perderam a vida; os outros escaparam «em desordenada fuga». Mas o mosteiro maldito ficará deserto até cair em ruínas.

O caso parece sucedido em Portugal, pois há na poesia uma referência ao *proscrito*, verdadeira obsessão de Herculano; a inspiração é, porém, alemã. O poeta não admirava ùnicamente Klopstock. Bürger, de quem traduziu, com amoroso escrúpulo, duas baladas, *O Caçador Feroz* e *Leonor*, encantava-o pela feliz conjunção do fantástico com o real, na restauração das velhas tradições populares germânicas.

A Perda d'Arzila é a mais conhecida das *Poesias Várias*. Herculano increpa D. João III, por haver abandonado aquela praça, tão ìntimamente ligada à história da expansão portuguesa em África. O estado da Fazenda e a união política de Marrocos, sob o império

Casa na quinta de Val de Lobos onde morreu Alexandre Herculano, 13 de setembro de 1877. — (Segundo uma fotografia de J. Rodrigues da Silva). *O Occidente*, n.º 1, 1.º ano, 1878.

dos Xerifes, impunham, porém, êsse abandôno. O acto do monarca era sensato e prudente. Mas a opinião pública condenara-o; e, decorridos trezentos anos, o poeta punha na bôca do último adail um canto de dor e de indignação. Mal chegado a Lisboa, o valente fronteiro toma o bordão de peregrino e vai à Batalha procurar um féretro antigo:

. . . . . De um rei soldado
Era o jazigo.
Quando o viu, ajoelhou nos de- [graus dêle,
E palavras, que as lágrimas corta- [vam,
Lhe dirigiu:
Maldição para alguém pedia ao [morto,
Mas nada ouviu!
Então, lívido o rosto, os lábios brancos,
A fronte lhe pendeu sôbre o ataúde
Do rei extinto.
Expirava ao dizer — *perdeu-se Ar-* [*zila!*—
A Afonso Quinto.

Mem Bugalho Pataburro na tavolagem do Bèsteiro
(Alexandre Herculano, *Monge do Cister*, cap. XII — « Villãos nós, ruins vós! »
desenho original de Manuel de Macedo. *O Occidente*, vol. I, n.º 1)

Eis o texto de Herculano a que se refere a gravura:

Os cavaleiros tinham-se acercado ao redor da mesa. Pataburro desenrolou o pergaminho. Era uma tira longa e estreita, escrita em cursivo miúdo e esguio. A luz das lâmpadas, mortiça já, alumiava frouxamente o rosto vermelho e amplo do decretalista, que, de pé, com a esquerda firmada na borda da mesa, e elevando o pergaminho a certa distância, inclinou para trás a cabeça. A leitura ia começar.

O que é verdade é que, a-pesar dos *ahs* e dos *ohs*, ouvia-se o cicio do respirar mal comprimido, porque a atenção geral pendia inquieta dos lábios do doutor Asinipes.

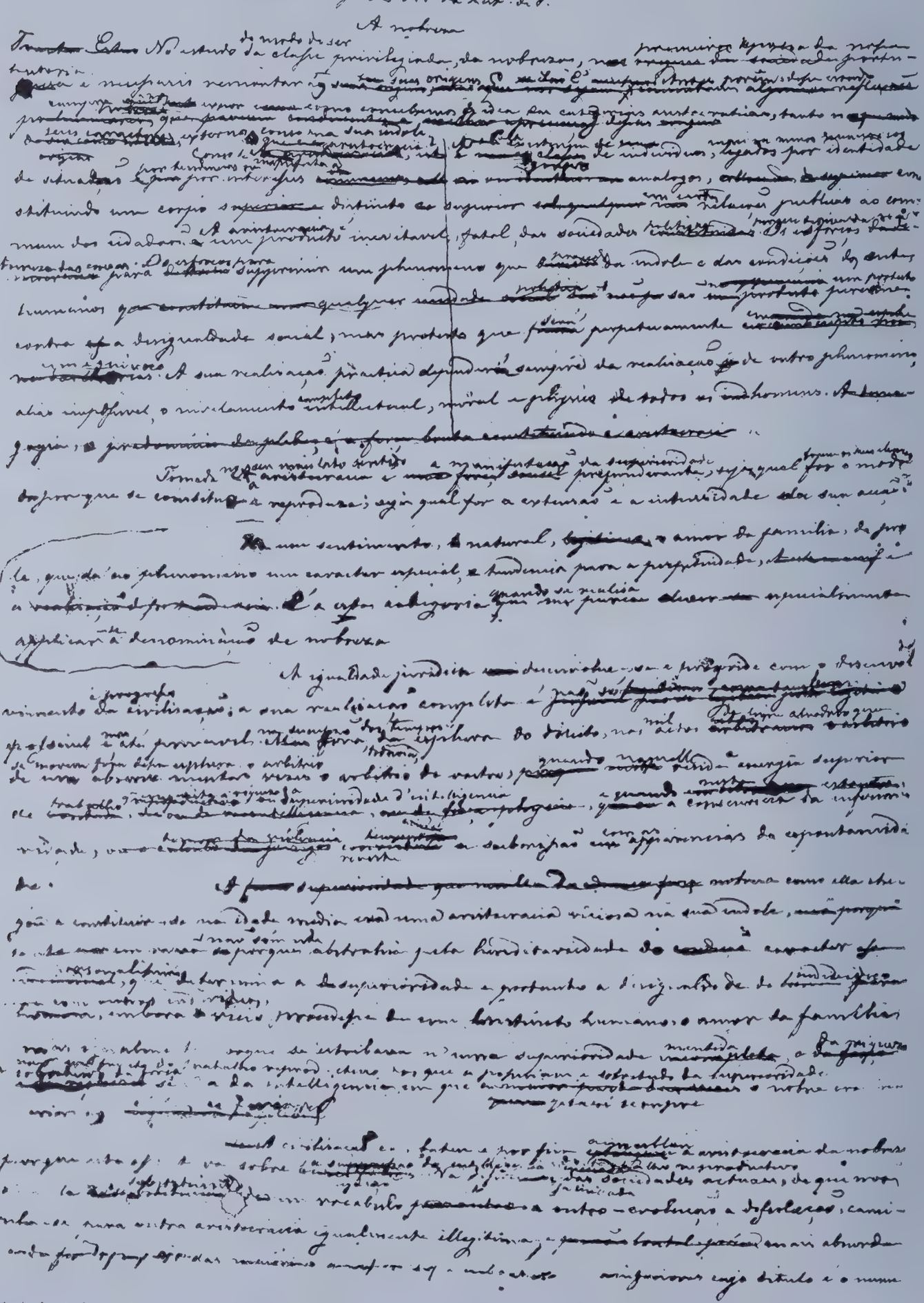
«A trovoada dos artigos era formidável!

. . . . . .

«A leitura acabara. Nem um movimento, nem uma palavra tinha interrompido a atenção geral. A voz do procurador, levemente trémula, deixara de vibrar, e um silêncio de túmulo lhe sucedera. Era o atordoamento que no primeiro ímpeto produzem o assombro e a indignação. Como o oceano, que, ao enovelar-se a procela, parece dormente, subjugado pela mão da terrível mensageira do Senhor, mas que, soltando um mugido ao encrespar-lhe o dorso a primeira lufada, eriça os velos de escuma e coleia em serranias de vagas, estourando sôbre os continentes com alto fragor, assim a cólera acumulada rebentou emfim impetuosa. A primeira lufada da tempestade saiu dos lábios do Mestre de Cristo.

Sob a influência dos poetas contemporâneos, franceses e alemães, Herculano desprendeu-se do convencionalismo arcádico e tentou novas formas estróficas; e do seu carácter austero brotou um lirismo vigoroso, «inspirado — como escreveu Moniz Barreto — pelas ideias de um Deus forte e justo e de um *eu* livre e responsável». Teófilo Braga considera-o «um grande poeta». Para o ser, carecia de imaginação; mas era incontestàvelmente um poeta, até em alguns dos seus romances históricos, admiráveis reconstruções poéticas do passado.

HERMENGARDA. Escultura de J. Moreira Rato Júnior (segundo uma fotografia de H. Nunes). Da Exposição da Sociedade Promotora de Belas Artes em Portugal, em 1880. (De *O Occidente*, 11 de Junho de 1881 — N.º 89).



Primeiro borrão de um capítulo inédito do 5.º vol. da *Historia de Portugal*. Pela comparação com a redação definitiva inserta na página seguinte se pode ver o processo de trabalho do grande escritor.

Estudos para o 5.º Vol. da H. de P.

I

No estudo do modo de ser das classes privilegiadas, na primeira epocha da nossa historia, é necessario remontar ás suas origens. Previamente, porem, a esse estudo cumpre expôr o modo como concebemos a idéa da aristocracia e de uma das suas especies, a nobreza. É sobre tal concepção que devem apontar em grande parte as apreciações ácerca dessa classe nos tempos a que nos referimos.

No reino animal, no mundo sensitivo, dá-se um facto que é ao mesmo tempo germen e symbolo das aristocracias. Este facto é a preeminencia do genero-humano sobre todos os entes dotados de sensibilidade e desse grau inferior de intelligencia, que vulgarmente se chama instincto.

Duas condições se dão no homem, que mais que nenhuma caracterisam e determinam a sua superioridade. É uma a vastidão e a energia da intelligencia, é outra a faculdade de accumular e transformar o producto não consumido do proprio trabalho, constituindo assim o que socialmente se chama propriedade, riqueza, elemento material de vigor e acção.

Inferior na força na acção mechanica, a grande parte dos outros vertebrados, a altura do seu espirito e o poder de accumular habilitam-no para combater, illudir ou inutilisar nelles a superioridade physica.

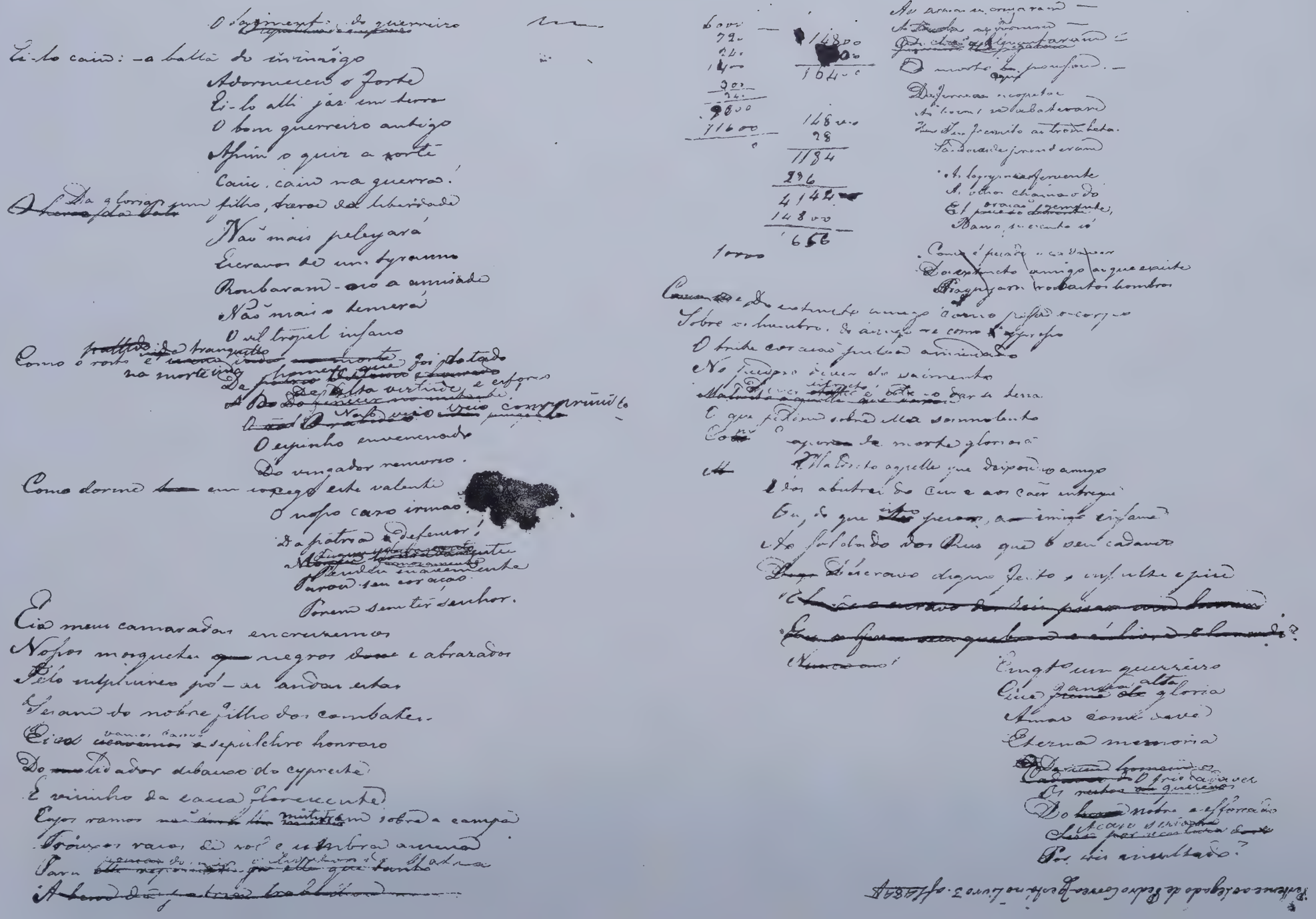
Entre homem e homem dão-se differenças analogas, porque não identicas. Todos possuem uma intelligencia acima da dos brutos; todos o poder de accumular e transformar a parte não consumida do proprio trabalho. O que diversifica entre os individuos é o desenvolvimento intellectual e a energia do poder de accumulação e transformação. Desta differença deriva a superioridade, e a inferioridade nas relações individuaes, que nas sociedades, organisadas, criam pela communidade de idéas, de interesses e de tendencias, uma aristocracia inevitavel.

Esta aristocracia não precisa de que a reconheçam nem cura de que a neguem. Acha-se constituida sem que pense em organisar-se. É um producto da natureza humana que infallivelmente se traduz no mechanismo social. Os esforços para a supprimir não passarão nunca de um vão protesto. Não cabe no poder do homem revogar as leis naturaes. A realisação da democracia exclusiva, e portanto absoluta, tem por eterno obstaculo a impossibilidade de se realisar previamente outro phenomeno, o nivelamento completo, intellectual, moral e physico de todos os homens.

Tomada no seu mais lato sentido a palavra aristocracia exprime a superioridade preponderante, sejam quaes forem os seus elementos, o modo como se constitue e reproduz, a extensão e a intensidade da sua acção.

A igualdade juridica desenvolve-se e progride com o desenvolvimento e progresso da civilisação, e a sua realisação completa é possivel no decurso dos seculos. Mas alem da esphera do

Redacção definitiva do capítulo *A Nobreza* do 5.º vol. inédito da *História de Portugal* de que na página anterior se revela o primeiro rascunho. (Cedidos gentilissimamente pelo nosso querido amigo e ilustre homem de letras Dr. José Galhardo).



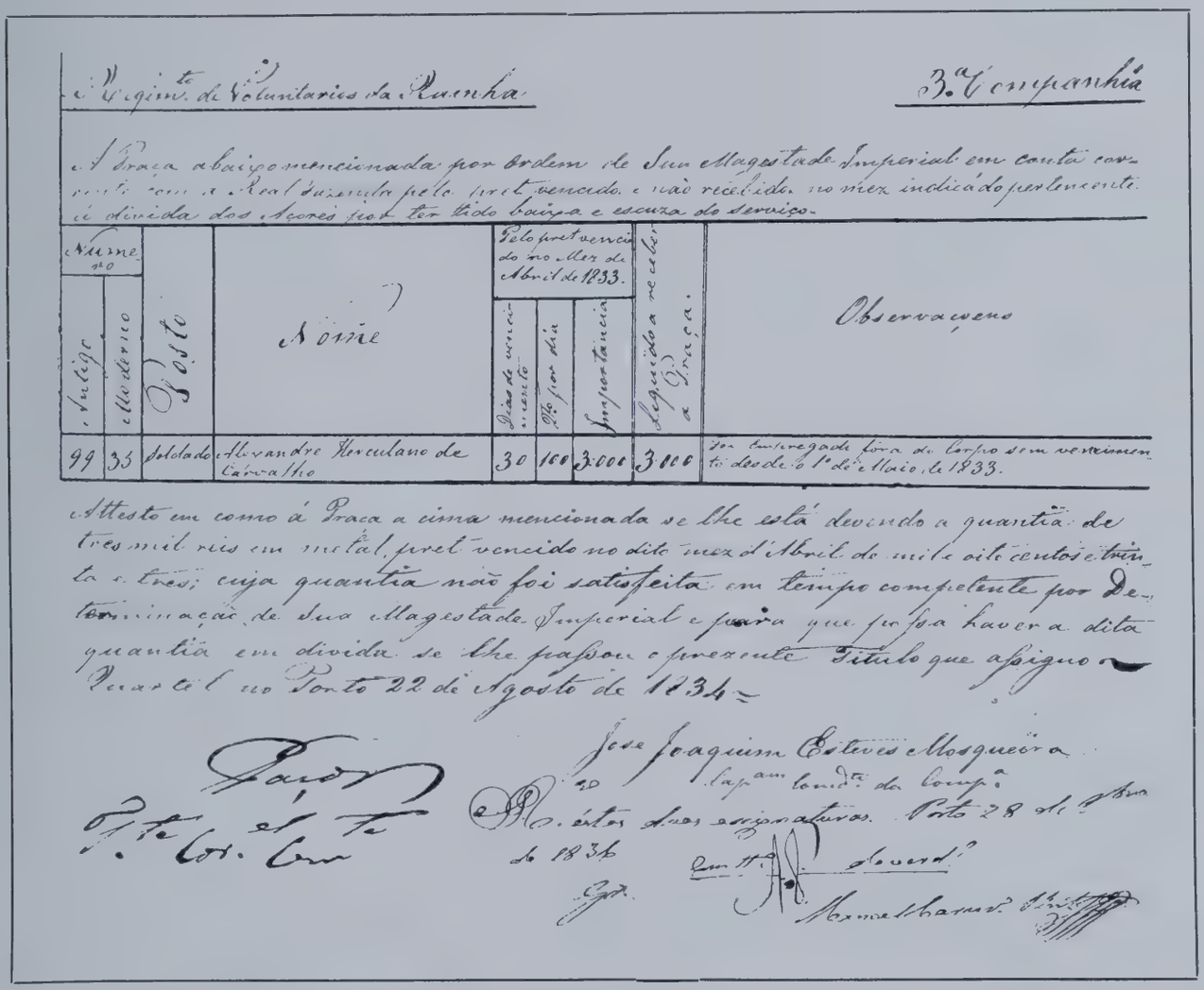
Borrão dos primeiros versos de ALEXANDRE HERCULANO existente entre os seus papeis, cedido para reprodução pelo Dr. José Galhardo. (Verso e reverso).

b) O Romancista

Terminada a guerra civil, por tôda a parte se revela um grande desejo de difundir a instrução. No Pôrto, em Dezembro de 1833, inaugurou-se a *Sociedade das Ciências Médicas e de Literatura*, em cujo órgão, *Repositório Literário*, Herculano colaborou. Na capital funda-se em 1837, a *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, que empreende a publicação do *Panorama*, revista semanal, no género do *Penny Magazine* de Londres. A Herculano, que viera para Lisboa no ano anterior, foi confiada a redacção dêsse jornal; e esta circunstância não influiu menos na sua vida do que na evolução das letras indígenas. Os temas portugueses — pequenos estudos de arqueologia e história, apreciações literárias, biografia de antigos escritores — eram tratados com especial carinho. Herculano propunha-se ministrar ao povo noções elementares de «imensas cousas que muito lhe importava conhecer»; e assim ia despertando o sentimento patriótico, que foi sempre um dos pilares da sua obra.

O êxito do *Panorama* excedeu tôda a expectativa. Do 5.º número já se tiraram cinco mil exemplares; e, durante anos, a classe média considerou-o um guia, a sua principal fonte educadora. Aqui publicou Herculano as primeiras tentativas de romance histórico, que se fizeram em Portugal. O *Alívio de Tristes*, do Padre Mateus Ribeiro, e o *Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*, do Padre Teodoro de Almeida, insulsa imitação do *Telémaco*, bastavam para satisfazer a curiosidade imaginativa dos leitores portugueses. Calcule-se, portanto, a impressão que causariam os romances de Herculano, tão diferentes na substância e na forma.

O romantismo nascera duma natural reacção contra os exageros racionalistas do século XVIII. Por isso, os românticos, rompendo com a tradição clássica, procuraram rehabilitar os escritores medievos e reviver as velhas tradições nacionais, tão ìntimamente ligadas à história do próprio país. O aparecimento do romance histórico era a lógica conseqüência dessa exaltação; e Walter Scott na Inglaterra, Alfredo de Vigny e Vítor Hugo em França, Manzoni na Itália, empunham o facho do novo género literário, que exerce em todos os espí-



Regim.to de Voluntarios da Rainha — 3.ª Companhia

A Praça abaixo mencionada por ordem de Sua Magestade Imperial em conta corrente com a Real Fazenda pelo pret vencido e não recebido no mez indicado pertencente á divida dos Açores por ter tido baixa e escuza do serviço.

Numero Antigo	Numero Moderno	Posto	Nome	Pelo pret vencido no Mez de Abril de 1833. Dias de vencimento	Dito por dia	Importancia	Liquido a receber a Praça	Observaçoens
99	35	Soldado	Alexandre Herculano de Carvalho	30	100	3:000	3:000	Foi Empregado fóra do Corpo sem vencimento desde o 1º de Maio de 1833.

Attesto em como á Praça a cima mencionada se lhe está devendo a quantia de tres mil reis em metal, pret vencido no dito mez d'Abril de mil e oito centos e trinta e tres; cuja quantia não foi satisfeita em tempo competente por Determinação de Sua Magestade Imperial e para que possa haver a dita quantia em divida se lhe passou o prezente Titulo que assigno — Quartel no Porto 22 de Agosto de 1834 —

Paço
F.te Cor. Cm.te

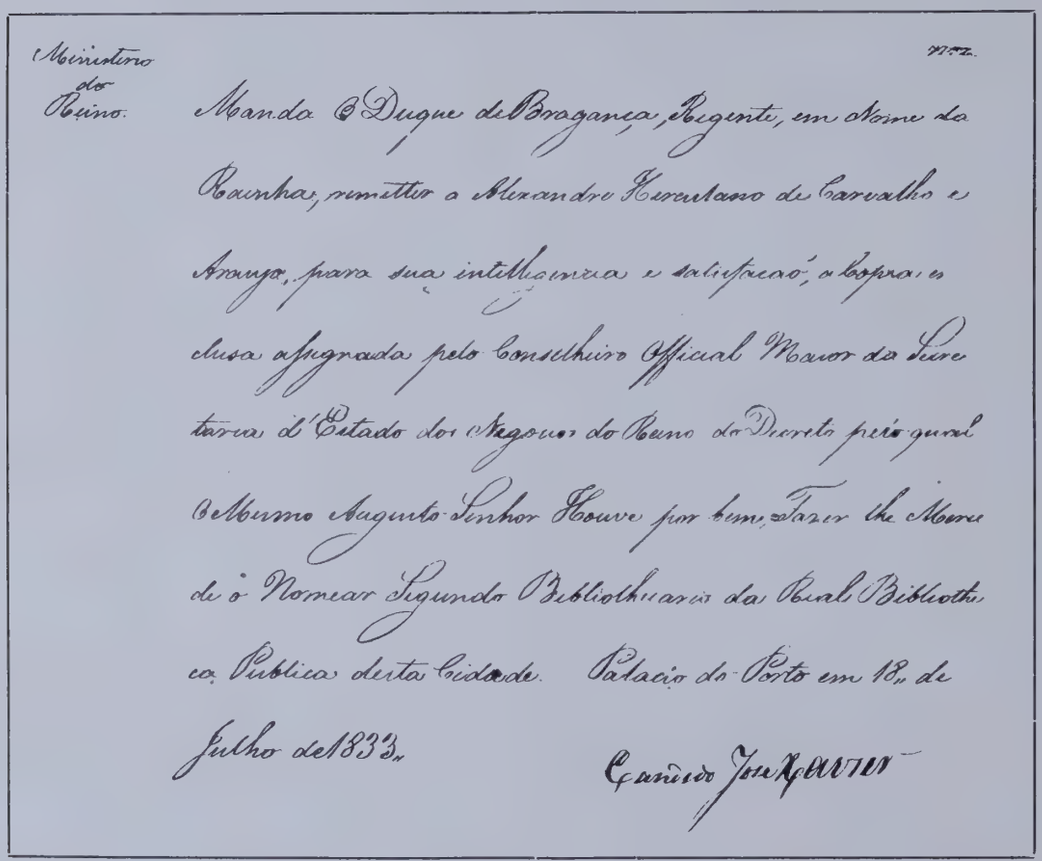
Jose Joaquim Esteves Mosqueira
Cap.am Comd.te da Comp.a

Reconhecem estas duas assignaturas. Porto 28 de 7bro de 1836

Em test.o deverd.o
Manoel Marques Pinto

Curioso documento que mostra ter sido Herculano soldado n.os 99 antigo e 35 moderno e dever-lhe o Estado 3 000 reis, hoje muito mais de noventa escudos. Parece que a praça Alexandre Herculano de Carvalho os não recebeu, visto o título de dívida se encontrar, como se vê, entre os seus papeis. (Comunicado pelo escritor e descendente de Herculano, Dr. José Galhardo).

ritos uma fascinação profunda. O romance histórico torna-se moda na Europa. Herculano tenta nacionalizá-lo; e os seus esforços para a introdução do género, a sua admiração por aquêles escritores levaram-no a exarar no *Panorama* (IV, pág. 243) um assêrto, que a crítica não confirmou e êle mesmo, decerto, viria a reconhecer hiperbólico: «Esta é a novela do passado. Quem sabe fazer isto chama-se Scott, Hugo ou De Vigny, e vale mais e conta mais verdades que boa meia dúzia de bons historiadores». Nos romances de Walter Scott, se o quadro é histórico, os personagens e os episódios são muitas vezes de ficção. Em Vigny, os acontecimentos e as figuras são reais; mas aparecem freqüentemente deformados, aquêles na sua significação, estas na sua índole. Na *Notre-Dame de Paris*, Hugo evoca vigorosamente o passado; uma imaginação exuberante supre, porém, as deficiências da sua erudição histórica e arqueológica. Já Manzoni, nos *Promessi Sposi*, descreve com fidelidade a vida popular italiana no século de Seiscentos.



Ministerio do Reino

Manda O Duque de Bragança, Regente, em Nome da Rainha, remetter a Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, para sua intelligencia e satisfação, a Copia da Ordem assignada pelo Conselheiro Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino da Direita pela qual O Mesmo Augusto Senhor Houve por bem Fazer lhe Mercê de o Nomear Segundo Bibliothecario da Real Bibliotheca Publica desta Cidade. Palacio do Porto em 18 de Julho de 1833.

Candido José Xavier

A nomeação de Alexandre Herculano para segundo bibliotecário da Real Biblioteca Pública do Pôrto.

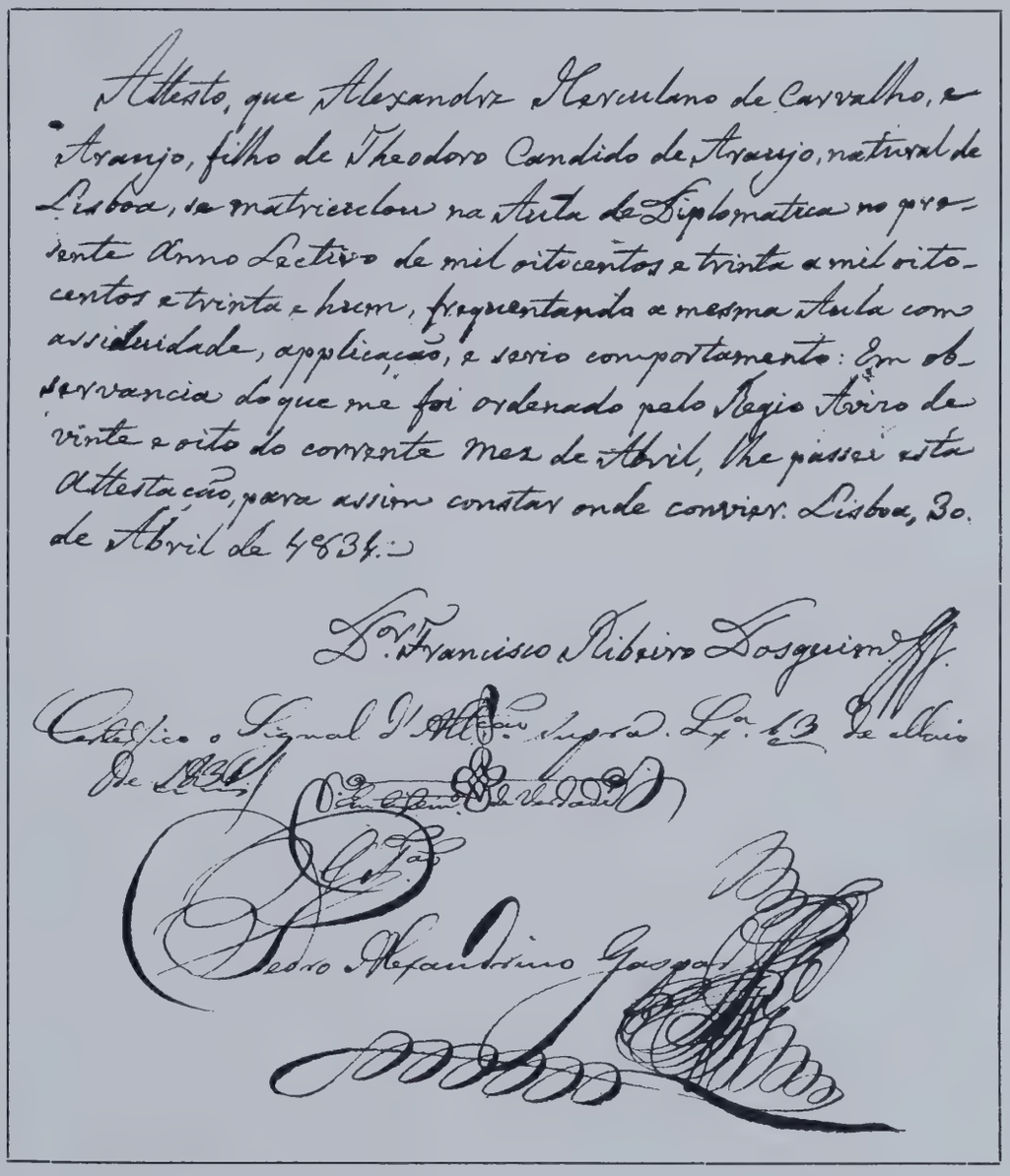
Alexandre Herculano foi redactor principal do *Panorama* até Junho de 1839; mas continuou a colaborar na primeira e segunda séries do jornal. Provocara esta modificação o facto de ser nomeado por el-rei D. Fernando bibliotecário da importante livraria do paço da Ajuda. Tinha casa independente, a curta distância do palácio, e o ordenado de 600$00 réis anuais. Estava dêste modo a coberto das flutuações da política e das maquinações dos adversários; e o cargo dava-lhe a tranqüilidade necessária para confiadamente se entregar aos seus trabalhos literários e de investigação histórica. Eleito deputado pelo Pôrto, em 1840, o ambiente parlamentar não, quadrava ao seu espírito severo e intransigente; e como faltassem ao compromisso de criar um Ministério da Instrução Pública, no ano seguinte Herculano abandonou para sempre o Parlamento.

Só em 1851 — já depois de publicados o *Eurico* e *O Monge de Cister* — apareceram coligidos, sob o título de *Lendas e Narrativas*, os breves romances históricos, inseridos no *Panorama* e na *Ilustração*. O primeiro volume contém: *O Alcaide de Santarém*, *Arras por foro de Espanha*, *O Castelo de Faria*, *A Abóbada*. O segundo: *A Dama Pé de Cabra*, *O Bispo Negro* e *A Morte do Lidador*. *O Pároco da Aldeia*, escrito em 1844 — novela simples da vida campesina, em que se destaca a bondosa figura do velho prior, verdadeiro patrono espiritual da frèguesia — representa uma excepção na obra romântica de Herculano. *De Jersey a Granville* é a interessante descrição da sua viagem de Inglaterra para França, em 1831, com seis compatriotas emigrados e três ingleses, a bordo dum *chasse-marée* imundo e incómodo, destinado ao transporte de gado entre as ilhas do Canal.

A acção do *Alcaide de Santarém* passa-se nos últimos anos do reinado de Abdu-r-rahman III. Tinha o califa um *vasir*, «que não sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciência», e sempre lhe dizia a verdade, desmascarando as intrigas e adulações dos lisongeiros. A verdade nunca agrada aos poderosos; e Abdu-r-rahman mandou-o matar, manchando de calúnias a sua memória para justificar o castigo. Era o ministro irmão do alcaide de Santarém, Umeyya-ibn-Ishak, um dos mais ilustres guerreiros do Islam. Escreveu ao califa, rogando-lhe «que ao menos rehabilitasse a memória da pobre vítima», Abdu-r-rahman respondeu ao mensageiro com uma gargalhada. Então Umeyya ofereceu-se a Ramiro, rei de Oviedo, e todo o território, do Douro ao Tejo e do Tejo a Mérida, foi devastado. Mas a ofensa viera do califa, não da infeliz gente sacrificada à sua vingança. Desapareceu, esqueceram-no. Quando voltou, ninguém o conhecia, vestido de burel, uma corda de esparto à cinta, os cabelos tapando-lhe metade do

rosto. Transformara-se em faquir, o santo faquir, que o povo adorava e temia, como profeta de desventuras. Tudo que, durante anos, atormentou Abdu-r-rahman, como monarca e como pai, o promoveu êle, até à rebelião dum filho; e o antigo alcaide de Santarém teve a rancorosa, a vingativa satisfação de lho dizer, cara a cara, momentos antes da sua morte.

Arras por foro de Espanha é a movimentada narrativa dos acontecimentos que precederam e seguiram o casamento de D. Fernando com a mulher de João Lourenço da Cunha. Êste consórcio era considerado pela arraia miuda de Lisboa como um verdadeiro adultério. Uma tarde, a cólera popular rebentou violenta, e três mil homens se dirigiram em tumulto aos paços de a-par S. Martinho, onde pousava o rei. Por êles falou o alfaiate Fernão Vasques, apodando D. Leonor Teles de má mulher, de feiticeira, e protestando que o povo nunca consentiria no casamento da adúltera. Mandou-lhes D. Fernando dizer que D. Leonor não era, nem seria sua mulher, e emprazando-os para a manhã seguinte, no mosteiro de S. Domingos, onde tudo se esclareceria. O que nessa noite se passou na taberna de *micer* Folco, centro de reünião dos principais sediciosos; a decisiva entrevista entre o monarca, D. Leonor e um espia, que ela trazia a sôldo; as longas e emocionantes cenas que se desenrolaram na alpendrada e terreiro de S. Domingos, enquanto a multidão esperava debalde pelo cumprimento da palavra real; a fuga de D. Fernando e da amante para Santarém, onde se lhes juntou a côrte, sob pena de serem julgados traidores os que ficassem na capital; o beija-mão, na sala nobre dos paços episcopais do Pôrto, à nova raínha, que nesse mesmo dia o rei desposara na igreja do bailiado de Leça; a recusa do infante D. Denis a ajoelhar diante da adúltera e a beijar-lhe a mão, lance terrível, dos mais dramáticos da nossa história; o regresso de D. Fernando a Lisboa, depois de ajustada uma vergonhosa paz com D. Henrique de Castela, cujas tropas haviam ferozmente saqueado o arrabalde da cidade; e a implacável vingança de D. Leonor contra os cabeças da sedição, apesar de decorridos quási dois anos; de todos êstes quadros, pintados a côres vivas, ressaltam, com vigor, o ânimo excessivamente brando do irresoluto monarca e o carácter ambicioso, corrompido, refalsado da mulher, que o seduzira e dominava, por uma paixão absorvente, puramente sensual, que lhe punha ardências no sangue e fazia dêle um mísero joguete nas mãos de D. Leonor. O estilo é sóbrio, sem redundâncias nem circunlóquios inúteis; e as digressões históricas e arqueológicas, a que por vezes o força a época em que decorre a acção, não constituem meros exercícios estilísticos — como as descrições, aliás algumas muito belas, dos grandes escritores realistas — mas elementos essenciais para a compreensão da obra, apresentados sempre com a estrita preocupação da verdade. Era o incipiente desabrochar do historiador.



Alexandre Herculano freqüentou, como se vê, a Aula de Diplomática de 1830 a 1831. Entre os seus papeis, existe uma pública forma desta certidão (30 de Abril de 1831), tirada em 13 de Novembro de 1837 pelo tabelião Higino Joaquim José de Brito, o que parece indicar que por vezes Herculano teve necessidade de provar que possuia estes estudos.

No *Castelo de Faria* descreve Herculano um heróico

A VOZ

DO

PROPHETA.

Et irruet populus, vir ad virum, et unusquisque ad proximum suum tumultuabitur puer contra senem, et ignobilis contra nobilem.

Isaias Cap. 3.° v.° 5.°

FERROL 1836. = [*Novembro.*]

As primeiras obras

de Alexandre Herculano.

Ferrol.

O lugar de impressão da primeira,

aventa Inocêncio

ser suposto.

A *Voz do Propheta*

reimprimiu-se em Lisboa e Pôrto.

Saíram 1.ª, 2.ª e 3.ª séries.

A VOZ

DO

PROPHETA.

Iniquitas surrexit in virga impietatis; non ex eis, et non ex populo, neque ex sonitu eorum, et non erit requies in eis.

Ezechiel. C. 7 — v. 11

SEGUNDA SERIE

LISBOA.

NA TYP. PATRIOTICA, DE C. J. DA SILVA E COMP

Rua d'Atalaia n.° 33.

1837

episódio das guerras de D. Fernando de Portugal com D. Henrique de Castela. O Adiantado da Galiza, Pedro Rodriguez Sarmento, invadira a província de Entre-Douro-e-Minho com muita gente de pé e de cavalo. Próximo de Barcelos, saiu-lhe ao encontro o conde de Ceia, D. Henrique Manuel, a quem se juntara o alcaide-mor do castelo de Faria, Nuno Gonçalves, que teve a desdita de cair prisioneiro. Levaram-no os castelhanos defronte dos muros da fortaleza, para exortar o filho a que se rendesse, preço da sua libertação. O velho alcaide, não obstante saber a sorte que o esperava, intima o filho a defender o castelo até à morte. Grande exemplo de patriotismo, daqueles que Alexandre Herculano tanto se comprazia em avultar.

A HARPA DO CRENTE.

TENTATIVAS POETICAS

PELO

AUCTOR DA VOZ DO PROPHETA.

LISBOA — 1838.

NA TYP. DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

Rua direita do Arsenal — n.° 55.

Uma das primeiras obras de Herculano

A Abóbada tem por objecto a construção da casa capitular do mosteiro da Batalha. Mestre Afonso Domingues, que traçara a planta geral do maravilhoso edifício, cegara antes de fechada a abóbada que cobre o capítulo. Concedeu-lhe D. João I uma avultada tença, e nomeou arquitecto a mestre David Ouguet, um irlandês protegido da raínha D. Felipa, que trabalhara em catedrais da Inglaterra, da França e da Alemanha. Afonso Domingues considerou, porém, a reforma um agravo. Se perdera a luz dos olhos, conservara a do espírito, para guiar engenhos e mãos de portugueses, os únicos obreiros capazes de rematar o monumento, que comemorava uma glória da pátria. Rodeara-se mestre Ouguet de oficiais estranhos; e na casa do capítulo não seguiu o desenho do seu antecessor, por entender que uma abóbada tão achatada, como êle a delineara, se não podia executar.

Em 5 de Janeiro de 1401, mandou Ouguet tirar os simples, que sustentavam a abóbada: D. João I chegava no dia seguinte, propositadamente para a ver e assistir ao culto dos Reis Magos, que se representaria na igreja. Ia a representação em meio, quando a abóbada ruiu com espantoso fragor. Na manhã de 7, informado pelo prior do mosteiro das queixas de Afonso Domingues, ordenou el-rei que o trouxessem à sua presença. Perguntou-lhe D. João se sabia do desabamento da abóbada. Sabia-o antes do caso suceder — respondeu o velho. Todos os dias interrogava alguns dos poucos obreiros portugueses, que aqui ficaram, e por êles conhecia a feitura da casa capitular, bem diversa da

REGALIS ACADEMIÆ SCIENTIARUM
OLISIPONENSIS PRÆSES SOCIIQUE
ALEXANDRO HERCULANO DE CARVALHO E ARAUJO
VIRO CLARISSIMO

S. P. D.

Quum sine multorum doctorum hominum collata opera artes scientiæque perfici nequeant, propterea nos, qui litterarum causa Olisipone convenimus, viros eruditos, quos idem disciplinarum amor inflammat, quamvis ipsi aut domicilium hîc habere, aut interesse cœtibus nostris non possint, tamen ad tantam rem adsciscere decrevimus. Tua vero eruditio nobis, et multorum prædicatione, et nostrorum in primis Sociorum testimonio cognita et perspecta, nos impulit, ut te in partem laboris nostri vocaremus; illud profecto sperantes, non mediocres utilitates accessionesque, ex tua industria et doctrina, litteris cæterisque bonis artibus proventuras. Quod nostrum de te judicium tibi gratum acceptumque fore confidimus; teque, ut muneri quod tibi imponimus, et desiderio nostro facias satis, quæ vel ipse meditando compereris, vel ab aliis cognoveris, semel saltem annis singulis diligentissime ad nos perscripturum. Datum in Ædibus Academicis, et sigillo munitum, decimo Kalendas Martii A. D. M.DCCC.XLIV.

traça que eu lhe apontara. ¿E se o vosso desenho fôsse seguido — insistiu o monarca — não viria a terra a imensa abóbada? Com orgulho o afirmou o arquitecto; mas com o mesmo orgulho recusou a nova nomeação de mestre das obras do mosteiro de Santa Maria da Vitória, que lhe ofereceu D. João I. El-rei invoca então o patriotismo do antigo cavaleiro de Aljubarrota: êle não quereria de-certo deixar em ruínas a casa capitular do grande monumento da independência de Portugal. Comovido até às lágrimas, Afonso Domingues cede; e afirma, se lhe restituirem os seus oficiais e obreiros, que dêsse dia a quatro meses a casa do capítulo estará firme, como firme era a sua crença na imortalidade e na glória.

Em 7 de Maio voltava D. João ao mosteiro. Para tirarem os simples, foram chamados criminosos e soldados castelhanos prisioneiros, que ficariam livres, se a abóbada não desabasse sôbre êles. Antes de iniciado êsse trabalho, mandara o mestre Afonso Domingues colocar uma pedra quadrada, debaixo do fecho da abóbada, no meio do claro que deixavam os prumos centrais dos simples. Jurara êle, pelo sangue do Redentor, que ali estaria sentado durante três dias, sem comer nem beber. A abóbada não caiu, e ainda hoje desafia os séculos; mas, ao perfazer o terceiro dia, o velho e alquebrado arquitecto entregava a alma a Deus e o nome à posteridade.

A Dama Pé de Cabra é uma daquelas lendas, tão vulgares na Idade Média, em que Satanaz se transforma numa mulher formosíssima, para encanto e perdição dos homens. Assim aconteceu a D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia, num dia que saíra a montear. A dama enfeitiçou-o de tal guisa, que a levou para o castelo e com ela viveu alguns anos, a-pesar-de ter os pés forcados como os de cabra; e as peripécias sucedem-se, qual mais imprevista e assombrosa, contadas em forma de romance por um antigo jogral.

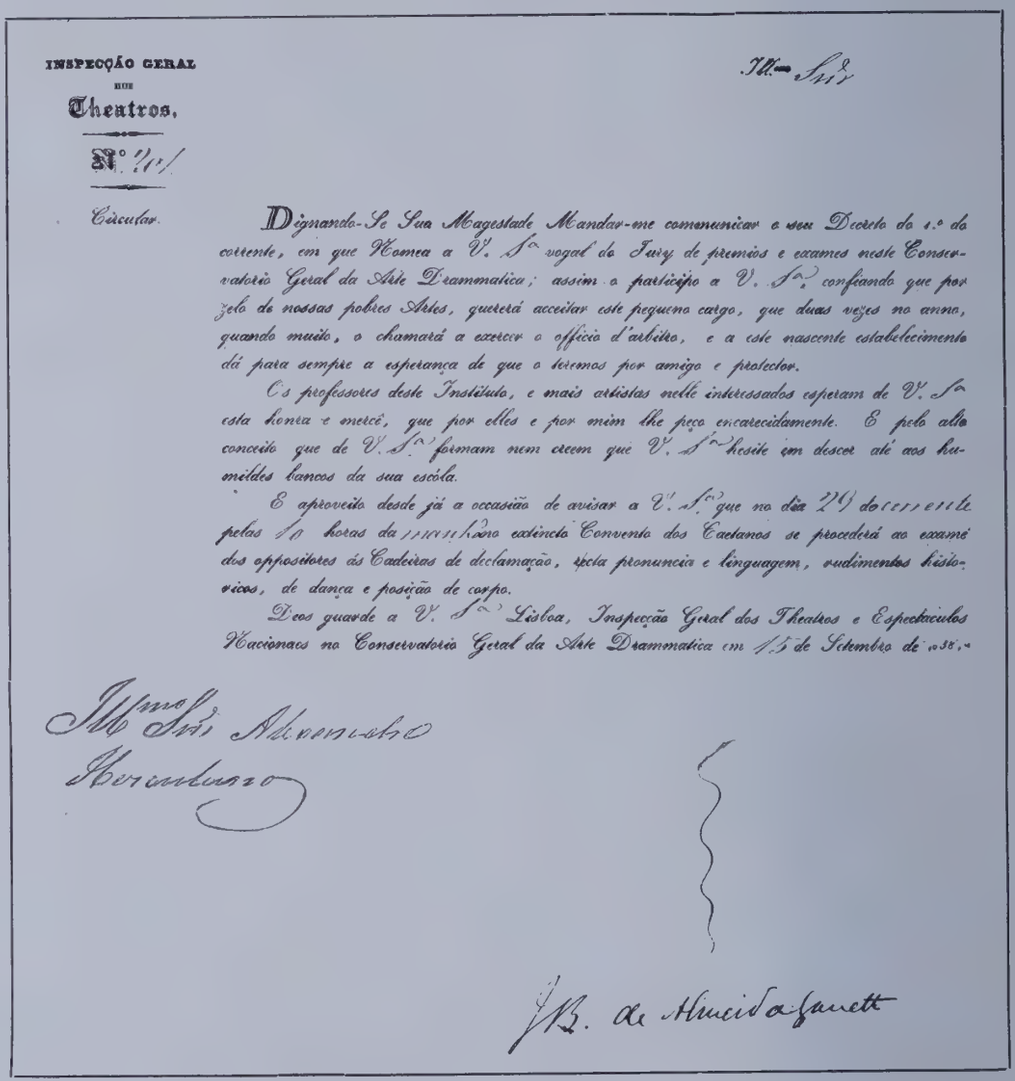
Também é lenda *O Bispo Negro*, mas lenda portuguesa, que aparece nos quatro capítulos inéditos da *Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques* por Duarte Galvão e nas *Crónicas* de Acenheiro, em que os disparates e as mentiras à porfia se entrelaçam. O Bispo de Coimbra, D. Bernardo, intima

PETRO V.
PORTUGALIAE, ET ALGARBIORUM REGE
p.p.
MAGNANIMO ACADEMIAE SCIENTIARUM OLISIPONENSIS
MECOENATE

Olisiponensis Scientiarum Academiae Decreto, communique consensione ac plausu sanctum est. Clarissimum Virum Alexandrum Herculanum de Carvalho e Araujo in Sociorum coetum et ordinem cooptari, nomen ipsius in tabulas referri, ex ejus ingenii doctrinaeque praestantia Academiae dignitatem et decus amplificata censeri, eum privilegiis et honoribus, quibus coetera gaudent, uti et frui posse, ejusque rei publicum libello hoc dari testimonium Olisipone ex AEdibus Academicis die IX Octobris A.D M.DCCC.L VI

Dois diplomas da Academia Real das Sciencias de Lisboa concedidos a Alexandre Herculano. Em ambos o sêlo branco na parte inferior, à esquerda das assinaturas.

o infante, por ordem do Papa, a libertar sua mãe. Nega-se Afonso Henriques; e D. Bernardo sai de Coimbra, depois de excomungar o príncipe. Dirige-se êste à Sé, para que os cónegos elejam novo bispo. Todos recusam. O infante obriga então, sob pena de morte, um velho presbítero negro, de nome Coleima, cujas cãs mais alvejavam na pretidão do rosto, a cantar missa revestido dos hábitos episcopais. Deante de tão afrontosa desobediência, o pontífice envia a Portugal um legado. Apresenta-se no paço, verberando a sacrílega sagração de Coleima. Não o ouve D. Afonso Henriques. Alta manhã, o cardeal parte com dois mancebos seus sobrinhos, que o acompanhavam; mas antes lança a excomunhão sôbre a cidade, proïbindo todos os actos do culto. A desolação é geral. O infante manda aprontar o seu melhor corredor e vai em perseguição do legado. Seguem-no Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa. Alcançando o cardeal, toma-o pelo cabeção e vibra-lhe o montante à cabeça. Intervêm a tempo os dois fidalgos, aparando o golpe nas espadas. «Estou à tua mercê» — disse chorando o legado. «Pois bem! — observou o príncipe — Viverás, se levantares a excomunhão lançada a Coimbra. Teus sobrinhos ficam de reféns. Se dentro de quatro meses não vierem de Roma cartas de bênção, ser-lhes-ão decepadas as cabeças». As cartas chegaram no prazo, os mancebos partiram, e o bispo D. Coleima continuou à frente da diocese. A lenda é inteiramente falsa; deu, porém, a Herculano o ensejo de descrever com vigorosos traços o carácter violento e arrebatado do nosso primeiro rei.



INSPECÇÃO GERAL
DOS
Theatros.

Nº 101

Circular.

Illm.o Snr.

Dignando-Se Sua Magestade Mandar-me comunicar o seu Decreto de 1.º do corrente, em que Nomea a V. S.ª vogal do Juiz de premios e exames neste Conservatorio Geral da Arte Dramatica; assim o participo a V. S.ª confiando que por zelo de nossas pobres Artes, quererá acceitar este pequeno cargo, que duas vezes no anno, quando muito, o chamará a exercer o officio d'arbitro, e a este nascente estabelecimento dá para sempre a esperança de que o teremos por amigo e protector.

Os professores deste Instituto, e mais artistas nelle interessados esperam de V. S.ª esta honra e mercê, que por elles e por mim lhe peço encarecidamente. E pelo alto conceito que de V. S.ª formam nem creem que V. S.ª hesite em descer até aos humildes bancos da sua escóla.

E aproveito desde já a occasião de avisar a V. S.ª que no dia 29 do corrente pelas 10 horas da manhã no extincto Convento dos Caetanos se procederá ao exame dos oppositores ás Cadeiras de declamação, arte pronuncia e linguagem, rudimentos historicos, de dança e posição de corpo.

Deos guarde a V. S.ª Lisboa, Inspecção Geral dos Theatros e Espectaculos Nacionaes no Conservatorio Geral da Arte Dramatica em 15 de Setembro de 1838.

Illmo Snr. Alexandre Herculano

J. B. da Silva Garrett

Ofício do Conservatório participando a Herculano a sua nomeação para vogal do Júri de prémios e exames e a data dos primeiros exames em que êle terá que intervir. Setembro de 1838. Assigna-o Garrett.

A Morte do Lidador mostra o espírito combativo, a heroicidade dos barões portugueses, companheiros de armas de D. Afonso Henriques. Na sala nobre do castelo de Beja, recentemente conquistada aos mouros, o fronteiro Gonçalo Mendes da Maia, apelidado o Lidador pelos numerosos combates em que entrara, lembra que nesse dia completa noventa e cinco anos de idade e setenta de cavaleiro. Quer festejá-lo com um fossado em terras sarracenas. A emprêsa talvez seja arriscada — pondera Mem Moniz, irmão do famoso Egas Moniz — porque Almoleimar corre a campina com dez vezes mais lanças do que as guardadas no castelo. Dirige-lhe remoques Gonçalo Mendes; e com grande alarido dos mais novos, todos resolvem sair. A épica batalha entre algumas dezenas de cavaleiros portugueses e as hostes de Almoleimar e de Ali-Abu-Hassan, que viera socorrê-lo, pode parecer sonho ou fábula; «e todavia — escreve Herculano — êsses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crónicas, tanto cristãs como agarenas». Ficaram os nossos senhores do campo; mas o Lidador e outros fidalgos de linhagem voltaram mortos a Beja, atravessados em cima dos seus cavalos.

São três os romances de Alexandre Herculano: *Eurico, o Presbítero* e *O Monge de Cister*, englobados num título comum, *O Monasticon*, e *O Bobo*. Todos romances históricos; mas os dois primeiros procuram ser também romances de tese, apresentando o problema do celibato religioso, «à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fêz em mim a idea da irreparável solidão d'alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra».

ta, Dr. Pereira Mendes, Latino Coelho, Antonio d'Oliveira Marreca, e o Socio Effectivo supranumerario Brigadeiro Barreiros; tudo como prova da satisfação com que a Academia acceita e aprecia os serviços do Socio Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, querendo por este modo, que a distincção por elle merecida se tornasse ainda mais preciosa, começando em pessôa que tanto a auctoresa e justifica.

Eu Luiz Augusto Rebello da Silva, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e seu Vice Secretario servindo nesta Sessão de Secretario da Meza, no impedimento do Socio Secretario perpetuo, em cumprimento das resoluções expressas da Academia, constantes da acta da Sessão geral, a que me reporto, fiz lavrar a presente, a qual depois de sellada com o sello da Academia, e assignada pelos Socios acima inscriptos, fiz remetter para lhe servir de titulo da sua nomeação ao Socio de Merito, Vice Presidente da Academia, Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.

Lisboa, em 15. de Junho de 1855.

José Maria Grande

Antonio d'Oliveira Marreca

Luiz Augusto Rebello da Silva.

Dr. José Pereira Mendes

José da Silva Mendes Leal, Junior

Antº Gil

Dr. Isidoro Emilio Baptista

Dr. Antº Joaqm de Figueiredo e Silva.

Albino Francisco de Figueiredo e Almeida

B. do Castello de Paiva

José Tavares de Macedo

José Maria Latino Coelho

Dr. Francisco Martins Pulido

Caetano Maria Ferreira da Sª Beirão.

Fortunato José Barreiros.

Dr. João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens

Dr. Thomaz de Carvalho

João da Cunha Nª e Carvº Portº

Assignaram mais o presente Titulo os Socios Effectivos da Academia os Drs. Antonio Joaquim de Figueiredo, Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, Francisco Martins Pulido, Thomaz de Carvalho, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, e Antonio Gil, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, Barão de Castello de Paiva, José Tavares de Macedo, e José da Silva Mendes Leal Junior, os quaes todos por declarações explicitas, feitas na Sessão Extraordinaria de segunda feira vinte cinco de Junho proximo passado, devidamente convidadas consignar na Acta, com approvação unanime, decidiram associar-se ao testemunho de consideração e estima especial pelos serviços academicos e litterarios do Socio Effectivo Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, adoptando como proprias nesta parte as resoluções da Sessão geral da Noute de quatorze de Junho antecedente, e resolvendo a assemblea mais, que este Titulo fosse assignado ainda, querendo, pelos Socios ausentes, que o desejassem. E para constar lavrei a presente declaração no mesmo Titulo para ficar formando parte delle.

Lisboa 3 de Julho de 1855.

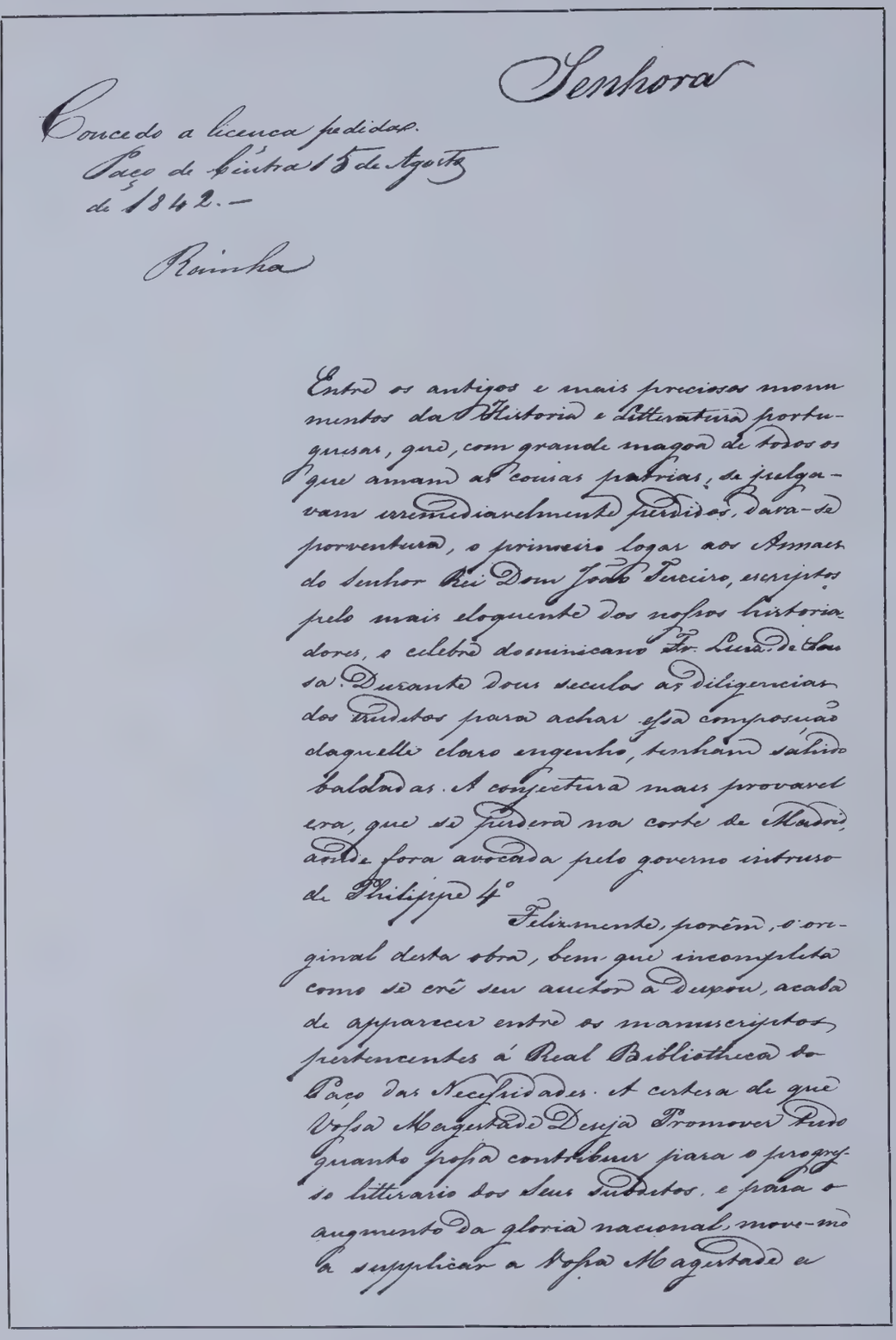
O Socio Effectivo Vice Secretario da Academia

Luiz Augusto Rebello da Silva

Registado a fol. 255. do Livro Competente. Lisboa 15 de Junho de 1855.

Moreira.

Últimas páginas da acta em que foi exarada a deliberação da Academia das Ciências de Lisboa promovendo Alexandre Herculano, seu sócio efectivo, a sócio de mérito.



Senhora

Concedo a licença pedida.
Paço de Cintra 15 de Agosto
de 1842.—

Rainha

Entre os antigos e mais preciosos monumentos da Historia e Litteratura portuguesas, que, com grande magoa de todos os que amam as cousas patrias, se julgavam irremediavelmente perdidos, data-de porventura, o primeiro logar aos Annaes do Senhor Rei Dom João Terceiro, escriptos pelo mais eloquente dos nossos historiadores, o celebre dominicano Fr. Luiz de Sousa. Durante dous seculos as diligencias dos eruditos para achar esta composição daquelle claro engenho, tinham sahido baldadas. A conjectura mais provavel era, que se perdera na corte de Madrid, aonde fora avocada pelo governo intruso de Philippe 4º

Felizmente, porém, o original desta obra, bem que incompleta como se crê seu auctor a deixou, acaba de apparecer entre os manuscriptos pertencentes á Real Bibliotheca do Paço das Necessidades. A certeza de que Vossa Magestade Deseja Promover Tudo quanto possa contribuir para o progresso litterario dos Seus Subditos, e para o augmento da gloria nacional, move-me a supplicar a Vossa Magestade a

Requerimento em que Alexandre Herculano pede licença para publicar os *Annaes de D. João III* de Fr. Luiz de Sousa, por êle descobertos na Livraria das Necessidades, como depois publicou.

Assim o escreveu Herculano na explicação, datada de 1843, que antecede o *Eurico*. Apresentar o problema à luz do sentimento não é descer à sua análise; nem os românticos usavam dêsse processo. Exemplos concretos, fecundos em temas patéticos, supriam a interpretação psicológica das respectivas personagens.

A acção do *Eurico* decorre dos últimos anos do império visigótico ao alvorecer da reconquista cristã, nos montanhosos recôncavos das Astúrias. No primeiro capítulo, expõe Herculano a degeneração política e moral em que se afundava a Espanha. Nos seguintes descreve Carteia, na margem do Estreito, mesquinha povoação que só vivia da opulência passada. O presbítero dessa pobre paróquia é Eurico, descendente duma velha família gôda, gardingo na côrte de Witiza, que muito se distinguira na guerra contra os cântabros rebeldes. «Rico, poderoso, gentil», apaixonou-se loucamente por Hermengarda, filha de Favila, duque de Cantábria, a quem deu mil provas dum amor ardente. O orgulhoso prócer opôs-se, porém, ao casamento, e Hermengarda pareceu ceder, sem resistência, à vontade paterna.

Adoeceu Eurico perigosamente. A sua constituïção robusta venceu; mas o coração morrera para o mundo. Profundamente religioso, resolveu consagrar a vida a Deus; e, depois de receber ordens maiores, Siseberto, bispo de Hispalis, confiou-lhe o encargo de pastorear Carteia. Mas a sua resignação era aparente, pois muitas vezes o pungia a dolorosa recordação do ludíbrio de Hermengarda. Poeta, ora aliviava as suas mágoas em cânticos sagrados, ràpidamente admitidos nos hinários de várias dioceses, ora deixava impressas, em amargas elegias, as saüdades e as tétricas visões da fatal ruína da monarquia visigótica.

Numa das suas digressões pelo litoral, assistiu Eurico ao desembarque dos árabes. Entre êles vinha o gôdo Juliano, conde de Septum, que o ódio a Ruderico, a esperança de o subverter nos destroços do reino, haviam levado à infâmia de traidor à pátria. Tudo que vira e ouvira, até a provável defecção de Oppas, então bispo de Hispalis, o relata o presbítero de Carteia a Teodemiro, duque de Córduba e seu antigo irmão de armas. Responde-lhe êste, convidando-o a tomar o comando duma das tiufadias da Bética: a glória espera

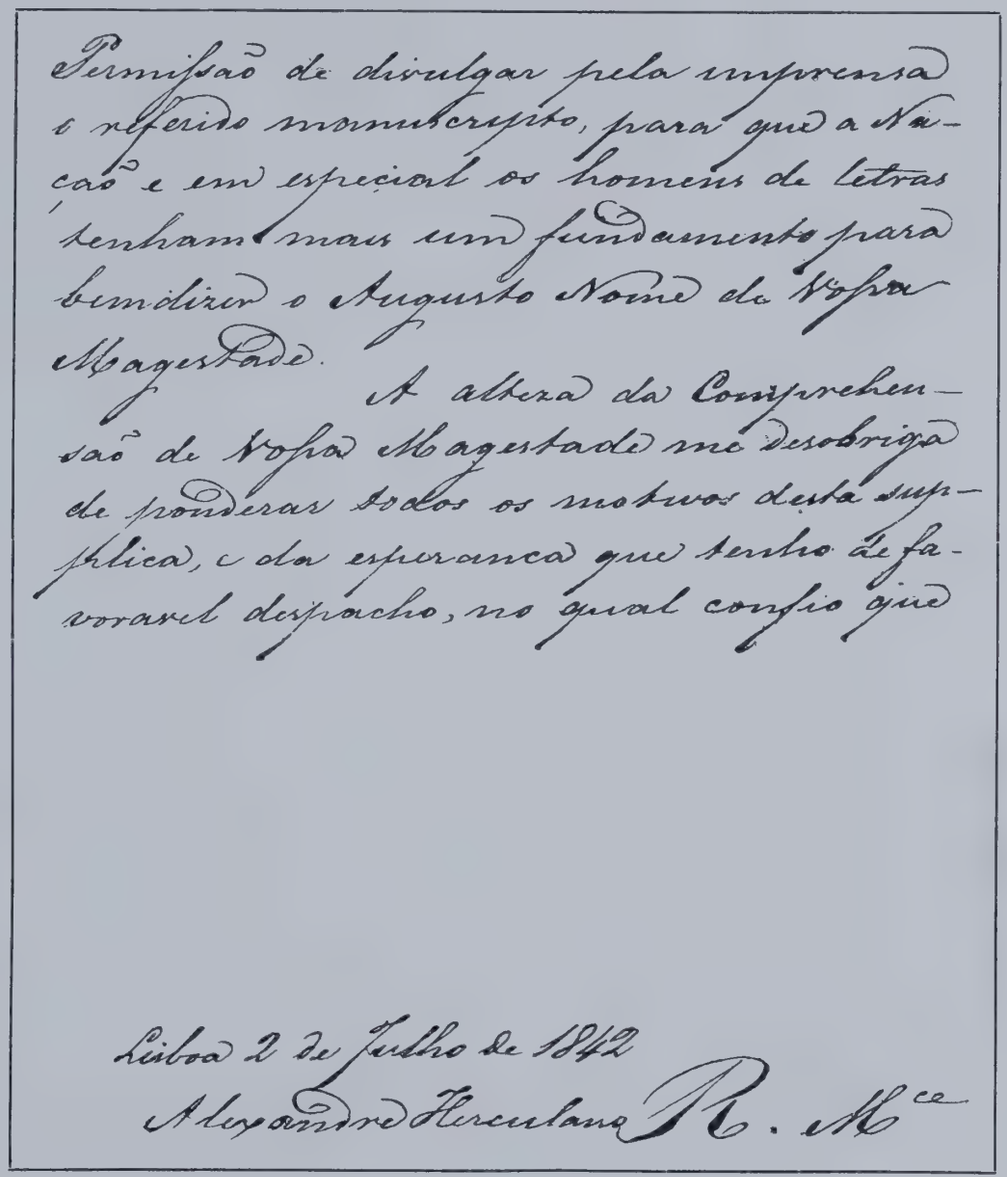
o antigo vencedor dos vascónios. A glória — esclarece Eurico — nada é para quem nada quere ser; como obscuro soldado, não faltará, porém, nos combates em defesa da Espanha, e o seu braço não valerá menos que o do morto gardingo.

Seguem-se os capítulos consagrados à batalha do Chryssus, na primavera de 711. Desenhava-se a vitória dos visigodos; mas a traição de Oppas e dos filhos de Witiza transformou essa probabilidade numa sangrenta derrota. Eurico praticou façanhas: só o desprêzo da vida, o antever a morte como uma libertação, explicavam a sua temeridade. As proezas do cavaleiro negro — negro o cavalo, o elmo, a couraça e o saio — não podiam, porém, travar a queda do império visigótico.

Por diferentes pontos invadem os muçulmanos a Península. Abdulaziz, filho do emir de África, chega ao mosteiro da Virgem Dolorosa. As monjas preferem o martírio a entregarem-se à sensualidade brutal dos vencedores. Hermengarda, acompanhada por velhos servidores do pai, ali se acolhera na véspera, de caminho para as montanhas das Astúrias, onde se refugiara seu irmão Pelágio, novo duque de Cantábria. Como não pertencia à comunidade, seria a última sacrificada; mas o alfange de Abdulaziz cortou cerce a mão da abadessa, quando ia vibrar a punhalada redentora, e mandou conduzir a donzela à sua tenda.

À volta de Pelágio haviam-se pouco a pouco congregado os restos da nobreza gôda, que não queriam submeter-se ou bandear-se com os árabes. Encontrava-se entre êles o cavaleiro negro, cujo mistério ninguém conhecia; os seus feitos ecoavam, porém, em tôda a Espanha. Com doze guerreiros, sem afectos terrenos que os prendessem à vida, o herói do Chryssus oferece-se para salvar a irmã de Pelágio; e, sob tal chefe, todos partem, cheios de fé e de ardor. A libertação de Hermengarda, a espantosa fuga desde o acampamento de Abdulaziz até Covadonga, a luta contra os seus perseguidores, são páginas de epopeia.

Na caverna, onde Pelágio tem os seus paços, Eurico ouve da própria bôca de Hermengarda que ela nunca deixara de o amar: foi só por obedecer ao pai que o repelira, que sufocara a paixão que para êle a atraía. O irmão não pode ter o orgulho de Favila. Salvará-a do opróbrio, e nenhum nome era hoje mais ilustre que o do cavaleiro negro. ¿Porque não consentiria Pelágio no seu casamento? Um sofrimento, atroz dilacera o coração de Eurico. Amarem-se, unirem para sempre os seus destinos, seria a suprema felicidade; mas essa ventura era inacessível ao presbítero de Carteia. Hermengarda enlouquece; e na batalha de Cangas de Onis, a vitória inicial da longa cruzada cristã, Eurico oferece-se voluntàriamente à morte.



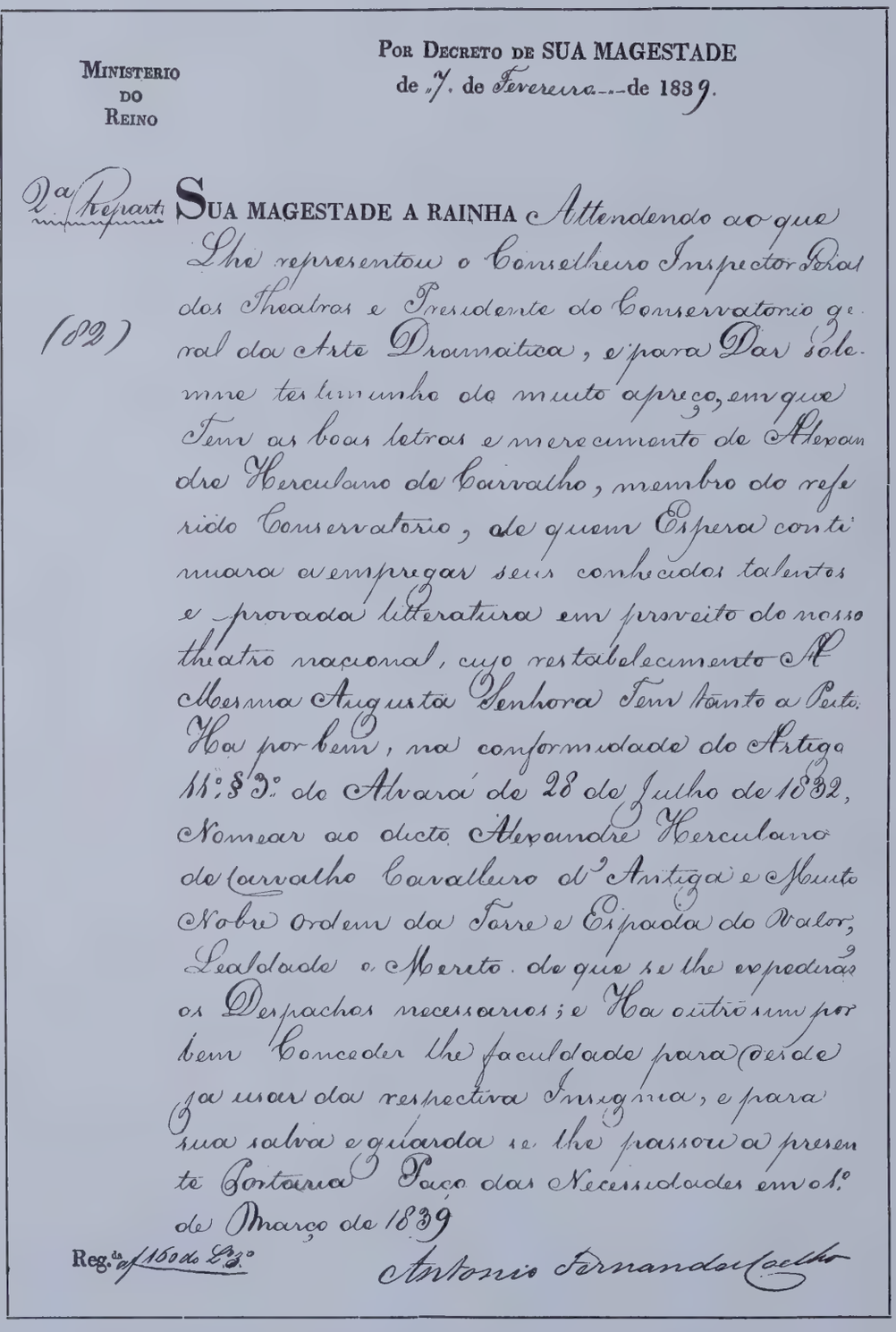
Verso do requerimento de página antecedente.
(Ampliado na reprodução, em relação à pág. anterior, para efeito de legibilidade).

O período visigótico representava para Herculano os tempos homéricos da Península. Por isso o romance — «crónica-poema» lhe chamou êle — que se passa entre o ruir do império gótico e a aurora das futuras nações peninsulares, é atravessado por um vigoroso esto lírico. O estilo tem uma grande elevação; e as paixões do protagonista são desenhadas com a violência própria dessa tormentosa época, em que se defron-

tavam duas sociedades e duas religiões. Dizer, como Teófilo Braga, que «o *Eurico* é uma imitação do Cláudio Trollo da *Notre Dame de Paris*», seria uma inépcia, se não fôsse antes uma caluniosa invenção.

O Monge de Cister é a atormentada história duma pavorosa vingança. Vasco da Silva, filho de Vasqueanes, honrado cavaleiro da Estremadura, escolhera a carreira das armas. Em Aljubarrota, pelejara na ala dos namorados, onde entravam apenas os que tinham no pensamento alguma dama, e êle estava profundamente apaixonado por Leonor, filha de Mem Viegas, da qual era noivo. Depois seguira o pendão do Condestável e só passados mêses voltara à terra natal. A irmã, a linda e ingénua Beatriz, fugira com um cavaleiro que, dizendo-se enfêrmo, o pai agasalhara durante semanas, e infamemente a seduzira; e o nobre velho morrera de vergonha e mágoa, clamando pelo filho, que o vingasse. Mas outro sofrimento, talvez mais agudo, trespassou o coração de Vasco da Silva. Leonor esquecera os seus juramentos e casara com Lopo Mendes, fidalgo da côrte, já de idade madura, mas de alta linhagem e muito mais rico do que êle. Partiu para Lisboa. Dias e dias buscou o sedutor de Beatriz; o vil cavaleiro dera, porém, a Vasqueanes um nome suposto, e não havia meio de o descobrir. Mas encontrou Lopo Mendes e matou-o. Êste assassínio, cometido sob o impulso de exagerado ciume, era um crime atroz, pois fôra Leonor quem o atraiçoara, e não a vítima. Os remorsos perseguiam-no a todos os instantes. Procurou Frei Lourenço, monge de S. Bernardo, que ensinava teologia no Colégio de S. Paulo e Santo Eloi, fundado em tempo de D. Denis pelo bispo D. Domingos Jardo: grangeara o virtuoso cisterciense, entre o povo, fama de santo, pois estava sempre pronto a socorrer ou consolar qualquer desgraçado. Largas horas durou a prática; e dela saiu Vasco da Silva resolvido a entrar na Ordem de Cister, esperançado em que o hábito e a cogula o isolassem completamente das paixões mundanas. Após um ano de noviciado, saiu monge; mas no seu coração, corroído por fundas dores, bramia a mesma tempestade de amor e ódio, pela mulher que o desprezara, pelo homem que deshonrara a irmã.

Por acaso encontrou Beatriz, na mais angustiosa miséria, tocada duma doença mortal: o sedutor abandonara-a sem piedade, trocara-a por novos amores. O seu nome soube-o assim Frei Vasco: tratava-se de Fernando Afonso, camareiro menor de D. João I, mancebo de vinte e tantos anos, de figura gentil, mas



MINISTERIO DO REINO

POR DECRETO DE SUA MAGESTADE
de 7. de Fevereiro de 1839.

2ª Repart.

(82)

SUA MAGESTADE A RAINHA Attendendo ao que Lhe representou o Conselheiro Inspector Geral dos Theatros e Presidente do Conservatorio geral da Arte Dramatica, e para Dar solemne testimunho do muito apreço, em que Tem as boas letras e merecimento de Alexandre Herculano de Carvalho, membro do referido Conservatorio, de quem Espera continuara a empregar seus conhecidos talentos e provada litteratura em proveito do nosso theatro nacional, cujo restabelecimento A Mesma Augusta Senhora Tem tanto a Peito. Ha por bem, na conformidade do Artigo 11º § 3º do Alvará de 28 de Julho de 1832, Nomear ao dicto Alexandre Herculano de Carvalho Cavalleiro d'Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito de que se lhe expedirão os Despachos necessarios; e Ha outro sim por bem Conceder lhe faculdade para desde ja usar da respectiva Insignia, e para sua salva e guarda se lhe passou a presente Portaria Paço das Necessidades em 1º de Março de 1839

Reg.da a f. 160 do L.º 3.º

Antonio Fernandes Coelho

A glória: Como Herculano não a buscava ela procurou-o. Oferece-lhe ser Cavaleiro da Torre e Espada... Herculano recusou...

COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS

TEÓFILO BRAGA

Quadro de Columbano

(Palácio de Belém)

Alexandre Herculano de Carvalho, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias, antigo Deputado da Nação Portugueza Eu ElRei vos Envio muito saudar Tomando em consideração os vossos merecimentos e qualidades. Hei por bem, Tendo ouvido o Conselho d'Estado, Nomear-vos Par do Reino. O que me parece participar vos para vossa intelligencia e effeitos devidos Escripta no Paço das Necessidades em dezesete de Maio de mil oitocentos sessenta e um

Rei

Marquez de Loulé

Para Alexandre Herculano de Carvalho, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias, antigo Deputado da Nação Portugueza.

A glória: O Rei, tendo ouvido o Conselho d'Estado, nomeia-o Par do Reino, o que não aceitou. No reverso, o nome igual ao do verso e o sêlo branco.

Ministerio do Reino

Direcção Geral de Administração Politica

3.ª Repartição

L.º 20. N.º 609

Ill.mo e Ex.mo Snr.

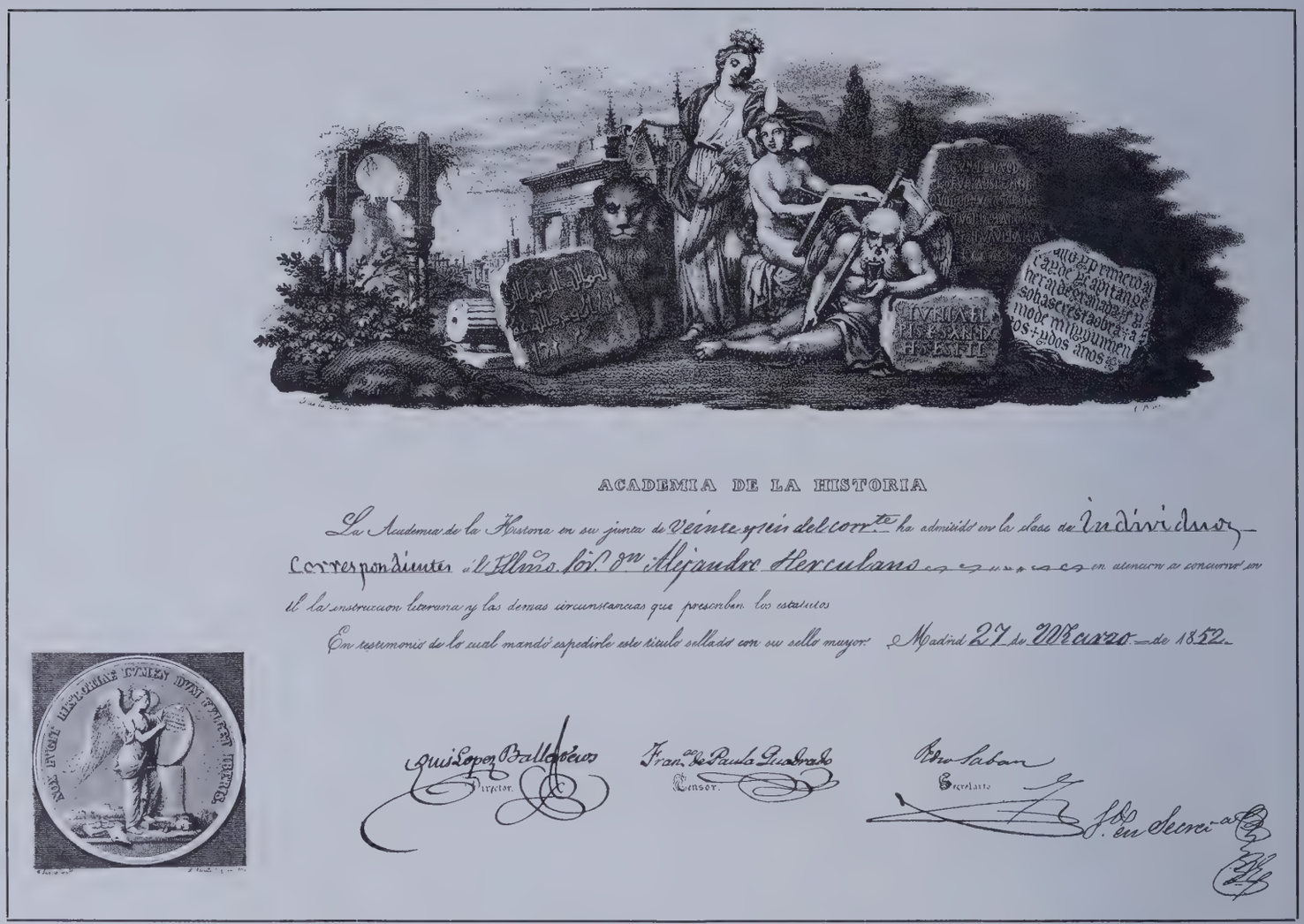
Por ordem do Ex.mo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino tenho a honra de annunciar a V. Ex.ca para sua satisfação, que por Carta Regia de 31 d'Outubro ultimo, Houve Sua Magestade ElRei por bem Elevar a V. Ex.ca á Dignidade de Gran Cruz da Antiga, Nobilissima e Esclarecida Ordem de Sant Tago de Merito Scientifico, Litterario e Artistico, e rogo a V. Ex.ca que se digne designar-me o dia e hora que V. Ex.ca destinar para receber em sua casa o Official d'esta Secretaria d'Estado encarregado de apresentar a V. Ex.ca, segundo a pratica de longo tempo estabelecida, o mencionado Diploma.

Deus Guarde a V. Ex.ca Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 6 de Novembro de 1852

Ill.mo e Ex.mo Snr. Alexandre Herculano de Carvalho

Antonio d'Oliveira

Como não aceitasse, enviam-lhe a Grã-Cruz de Santiago, que teve a mesma recusa. Incommovível homem!



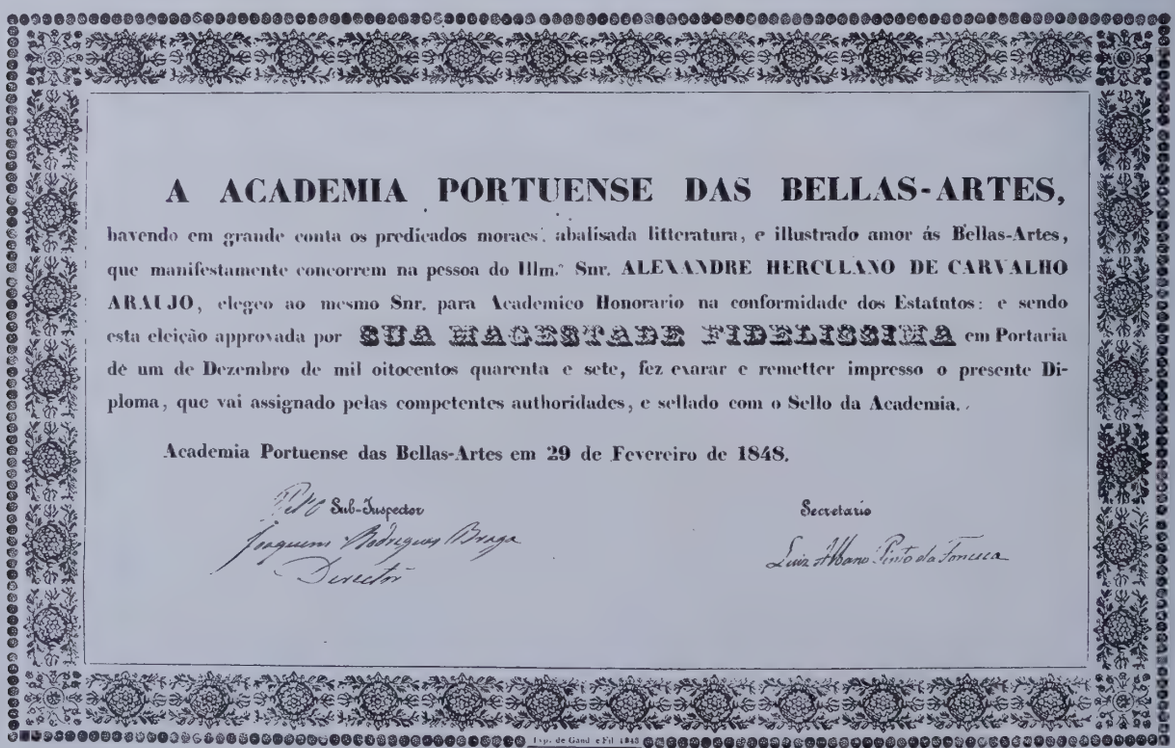
ACADEMIA DE LA HISTORIA

La Academia de la Historia en su junta de veinte y seis del corr.te ha admitido en la clase de Individuos Correspondientes al Illmo. Sor. Dn. Alejandro Herculano en atencion a concurrir en él la instruccion literaria y las demas circunstancias que prescriben los estatutos

En testimonio de lo cual mandó espedirle este titulo sellado con su sello mayor. Madrid 27 de Marzo de 1852.

Luis Lopez Ballesteros, Director. — Fran.co de Paula Quadrado, Censor. — Pedro Saban, Secretario. — S.do en Secret.a

Diploma de sócio correspondente da Academia de la Historia, de Madrid.



A ACADEMIA PORTUENSE DAS BELLAS-ARTES,

havendo em grande conta os predicados moraes, abalisada litteratura, e illustrado amor ás Bellas-Artes, que manifestamente concorrem na pessoa do Illm.º Snr. ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO ARAUJO, elegeo ao mesmo Snr. para Academico Honorario na conformidade dos Estatutos: e sendo esta eleição approvada por SUA MAGESTADE FIDELISSIMA em Portaria de um de Dezembro de mil oitocentos quarenta e sete, fez exarar e remetter impresso o presente Diploma, que vai assignado pelas competentes authoridades, e sellado com o Sello da Academia.

Academia Portuense das Bellas-Artes em 29 de Fevereiro de 1848.

Pel.º Sub-Inspector Joaquim Rodrigues Braga, Director — Secretario Luiz Albano Pinto da Fonseca

Diploma de sócio honorário da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Torino, il 30 Novembre 1849.

REALE ACCADEMIA DELLE SCIENZE

IL SEGRETARIO DELLA CLASSE DELLE SCIENZE MORALI, STORICHE E FILOLOGICHE

Al Signor Alessandro Herculano, a Lisbona

Chiarmo Signore,

Compio all'onorevole incarico di partecipare alla S.V. Chiarma, che la Classe di Scienze morali, storiche e filologiche della Reale Accademia, nell'adunanza di jeri, sulla proposizione del Cav. Librario, ha nominato la S.V. Chiarma a suo Socio Corrispondente.

Mi faccio quindi gradita premura di spedirle, quì unito, il Diploma Accademico, e pregarla di gradire per questa nomina onorevole, le mie sincere congratulazioni, insieme con la protesta del riverente ossequio con cui ho l'onore di dichiararmi,

Di V.S. Chiarma,

Devmo ed Obmo Servo
Cav. Costanzo Gazzera
Segretario

REGIA TAVRINENSIS ACADEMIA

PROFERENDIS SCIENTIARVM FINIBVS INSTITVTA, NIHIL PRAESTANTIVS AD EARVM INCREMENTVM A SE FIERI POSSE ARBITRATVR, QVAM SI PRAECLAROS QVOSQVE IN LITERIS VIROS OMNI OFFICIORVM GENERE QVAM ARCTISSIME SIBI ADIVNGAT. QVVM IGITVR, VIR EGREGIE, ET INGENII CVLTV, ET STVDIO ARTIVM OPTIMARVM CVM PRAECIS ENITEAS, EIVSDEM ACADEMIAE CLASSIS, QVAE PHILOLOGIAE, HISTORIAE, ET MORALIBVS DISCIPLINIS INCVMBIT, TE Alexandrum Herculanum, De Re Historica Universa, Ac De Lusitanensi Specialiter, Editis Libris, Optime Meritum,

IN PARTEM LABORVM VOCARE CONSTITVIT. EQVE ADEO NOMINE IN ALBVM DOCTORVM HOMINVM, QVI SECVM PER EPISTOLAS COMMVNICANT, IVSSIT INFERRI. HABES HONESTISSIMAM ANIMORVM SIGNIFICATIONEM: RESTAT, VT SI QVAE, VEL MVLTIS INVESTIGATIONIBVS QVAESITA, VEL CASV OBLATA, ANIMADVERSIONE PRAESERTIM DIGNA TIBI VIDEBVNTVR, EA SCRIPTO VELIS IMPERTIRI.

DATVM ET OBSIGNATVM ACADEMIAE SIGILLO DIE XXIX, MENSE Novembris, ANNO MDCCCXLIX.

AVGVSTAE TAVRINORVM.

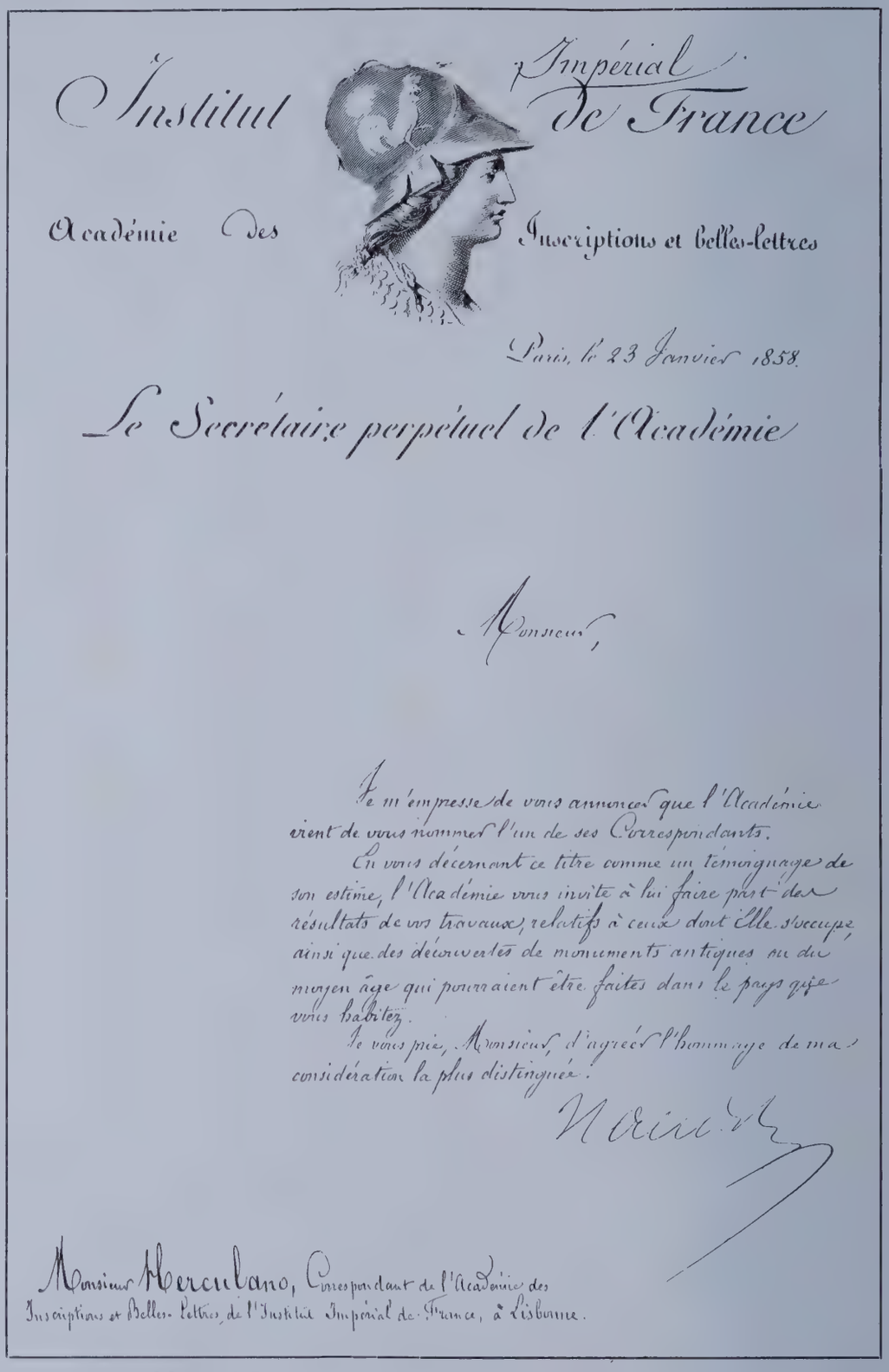
Alex. Sebastian. PRAESES.

Costantius Gazzera AB ACTIS.

Diploma de sócio correspondente da Real Academia das Ciências, de Turim, e respectivo ofício de remessa.

alma corrompida e torpe, em que só tinham guarida depravados sentimentos. A recordação, agora avivada, do legado paterno, reacende-lhe o concentrado rancor; e êste atinge o paroxismo, quando conhece que o enganador da irmã era o feliz amante da formosa viuva de Lopo Mendes, então dama da raínha D. Felipa. Ao implacável castigo do rei, ordenando fôsse queimado vivo o camareiro, por haver manchado com a sua luxúria o defeso dormitório das damas do paço, juntou-se a vingança de Frei Vasco, vingança monstruosa, crudelíssima, que fêz do monge um precito, um réprobo.

O *Monge de Cister* não tem a unidade do *Eurico*. Escrito à volta de 1840, só volvidos oito anos apareceu em livro; e ressente-se de haver sido sacrificado a outros trabalhos. O estilo, sempre grave, é por vezes áspero; e quando pretende ser engraçado, sai geralmente agressivo. Mas a época de D. João I com as suas crenças e costumes; a reconstituição da Lisboa medieval; a ruidosa festa da Maia, celebrada pela mourisma do Restelo; a luta de interêsses entre burgueses e nobres, descrita com tão empolgante relêvo nas violentas cênas da tavolagem do bèsteiro; a procissão de *Corpus*, com as variadas representações dos diferentes mesteres; o sarau no palácio real de S. Martinho; a habilidade de João das Regras, o velho doutor de Pisa, desenvolvendo todos os recursos para fortalecer o poder da coroa: são quadros admiráveis, que realçam a probidade do historiador.


L'Institut Impérial de France

Académie des Inscriptions et Belles-Lettres

Paris, le 23 Janvier 1858.

Le Secrétaire perpétuel de l'Académie

Monsieur,

J'ai l'empresse de vous annoncer que l'Académie vient de vous nommer l'un de ses Correspondants.

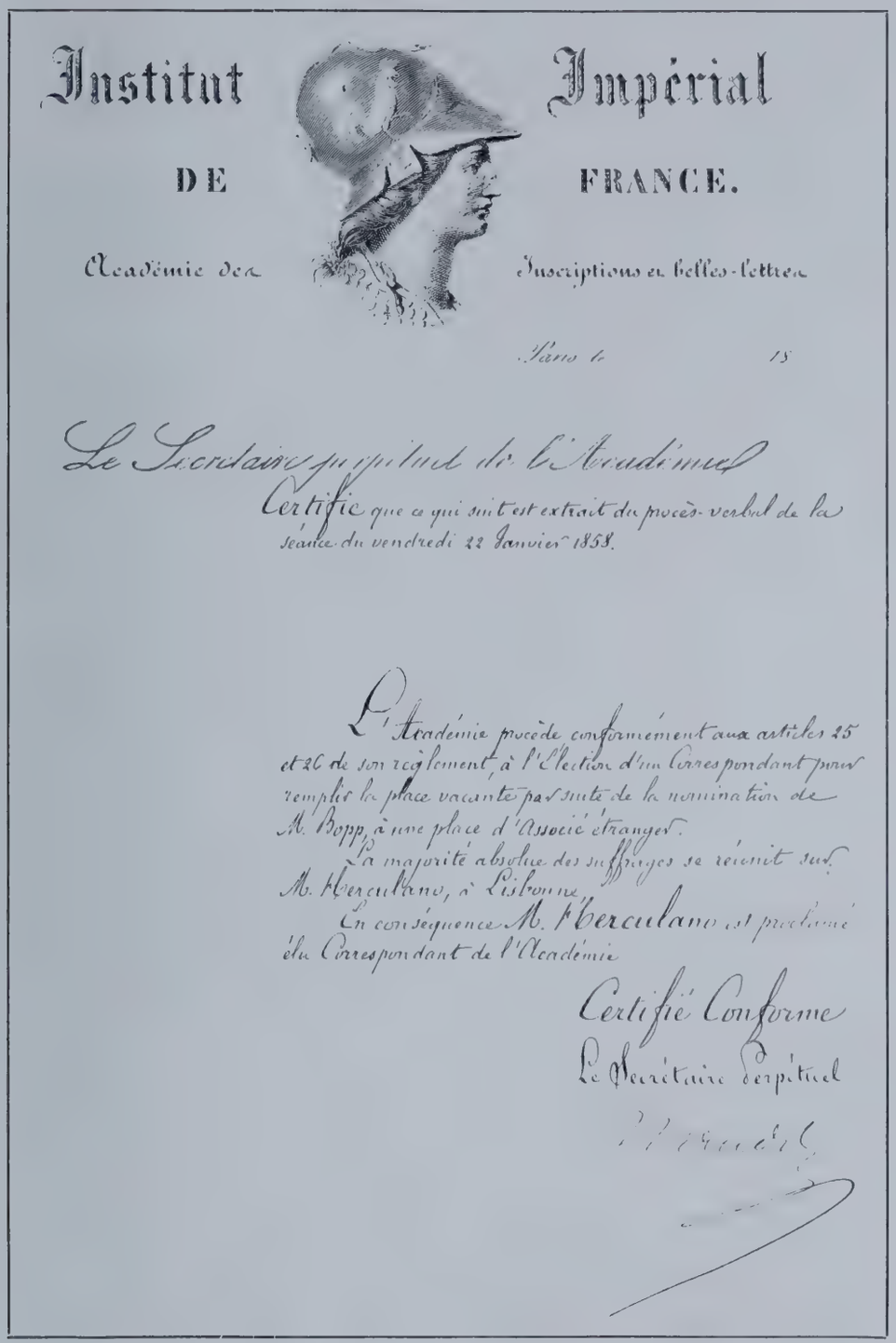
En vous décernant ce titre comme un témoignage de son estime, l'Académie vous invite à lui faire part des résultats de vos travaux, relatifs à ceux dont elle s'occupe, ainsi que des découvertes de monuments antiques ou du moyen âge qui pourraient être faites dans le pays que vous habitez.

Je vous prie, Monsieur, d'agréer l'hommage de ma considération la plus distinguée.

Monsieur Herculano, Correspondant de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, de l'Institut Impérial de France, à Lisbonne.

O Instituto de França comunica a Herculano que o nomeou seu sócio correspondente.

A mesma preocupação se revela no *Bobo*, como declara o próprio autor, em nota: «Fique dito por uma vez que todos os nomes que empregamos, cenas que descrevemos, costumes que pintamos, são rigorosamente históricos». Êste prurido de erudição leva-o até a enxertar no romance diversos episódios, realmente interessantes, mas que nada têm com o desenrolar da acção. Publicado em 1843, nas colunas do *Panorama*, várias vezes procurou Herculano «corrigir e melhorar a sua obra». Outros trabalhos o impediram; e estava preparando a primeira edição portuguesa em livro — já houvera uma contrafacção brasileira — quando o salteou a morte, a 13 de Setembro de 1877. A reimpressão de 1878 contêm por exemplo, em *Addendum*, um capítulo, descrevendo os jogos, realizados em Guimarães, nas festas do S. João de 1128; o combate dum touro com



Institut Impérial

DE FRANCE.

Académie des Inscriptions et Belles-Lettres

Paris le 15

Le Secrétaire perpétuel de l'Académie

Certifie que ce qui suit est extrait du procès-verbal de la séance du vendredi 22 Janvier 1858.

L'Académie procède conformément aux articles 25 et 26 de son règlement, à l'élection d'un Correspondant pour remplir la place vacante par suite de la nomination de M. Bopp, à une place d'Associé étranger.

La majorité absolue des suffrages se réunit sur M. Herculano, à Lisbonne.

En conséquence M. Herculano est proclamé élu Correspondant de l'Académie

Certifié Conforme

Le Secrétaire perpétuel

Diploma da eleição de Herculano para o Instituto de França. Ao lado da assinatura do secretário perpétuo o sêlo branco do Instituto.

doze corpulentos mastins; um torneio entre dez cavaleiros portugueses e outros tantos cavaleiros aragoneses e galegos; e o tavolado, violento exercício de destreza e de fôrça, que terminou pela vitória do célebre Lidador.

No *Monge de Cister*, Alle, o bufão régio, tem um papel importante na descoberta e denúncia dos crimes de Fernando Afonso. No *Bobo*, o truão do conde D. Henrique, Dom Bibas, ergue-se à altura de temível adversário do senhor de Trava, Fernando Peres, a quem a infanta D. Teresa, rainha dos portugueses, na cegueira duma paixão serôdia, fizera conde do Pôrto e de Coimbra, com manifesta afronta do infante. Em todo o romance estua um forte sentimento patriótico, o irrepremível desejo dos principais barões portugalenses de fazer da sua província um estado autónomo. O primeiro passo seria expulsar do poder o filho do poderoso Pedro Froylaz, aio e tutor de Afonso VII, naturalmente contrário a essa aspiração; e a rebeldia preparou-se, com D. Afonso Henriques à frente, pois só por êle se poderia afirmar a independência do novo estado.

Entre as criações de Herculano, raro destaca um simpático vulto de mulher. Hermengarda é, incontestàvelmente, dos mais belos; mas, à excepção das dolorosas páginas finais do livro, a sua figura ideal só a vemos através das saüdades e das queixas de Eurico. No *Bobo*, Dulce acompanha-nos em todo o romance. Os gentilíssimos vinte anos da ilustre herdeira da casa de Bravães de Riba-Douro, o seu carácter tão bondoso como enérgico, a sua fidelidade à palavra uma vez dada, o seu heróico sacrifício em troca da vida do homem que amava, fazem de Dulce a perfeita encarnação das mais nobres virtudes femininas. No *Bobo* há páginas admiráveis, das melhores que escreveu Herculano.

c) O historiador

O historiador ocupa o centro da personalidade de Herculano. Quer dizer: não foram só as circunstâncias da época e do país que o fizeram historiógrafo, mas acima de tudo uma vocação íntima. O próprio poeta que êle foi, certamente o maior da primeira geração romântica sob o ponto de vista da sinceridade e da veemência, fala-nos com uma voz «histórica» — timbre solene, temas intemporais e cíclicos, como os da *Arrábida* e da *Semana Santa*, um estilo judicatório e sentencioso, tão distante da queixa elegante de Garrett ou da pesada ourivesaria de Castilho.

O romancista do *Bôbo* e do *Monge de Cister*, e mesmo o de *Eurico*, êsse não passou, por assim dizer, de um *travesti* mais livre do historiador — um historiador sem a toga da «magistratura moral», a quem era permitido romantizar os sentimentos dos heróis, carre-

Herculano, agricultor civilizado: Diploma da Exposição de Viena de Áustria de 1873.

gar nas tintas do quadro, arranjar patèticamente as reacções humanas. Finalmente o homem civil, o Herculano espectador e actor da vida portuguesa (e quanto mais protestava ser o puro espectador, mais actor era), agiu ainda com estilo histórico, determinando a sua conduta em consideração dos actos de ontem e para glória dos de àmanhã; apelando sempre para a exemplaridade do passado, para o juízo do futuro.

Assim, tôda a individualidade de Herculano se exprime como a de alguém para quem a vida fôsse acima de tudo uma coisa a domar socialmente no plano do tempo e a ser entendida aí. O homem, para Herculano, quando não era um pouco de pó clamando diante de Deus *(Harpa do Crente)*, era um agente de factos encadeados em instituïções e épocas, nascido na barbaria e endereçado à civilização através de uma progressiva libertação da terra e dos seus nexos económicos.

Já veremos melhor a concepção herculaniana da história. Vejamos um pouco a cronologia e as vicissitudes da vocação do historiador. Se pusermos de parte o que já há de «histórico» nas composições da *Harpa do Crente* que sabemos anteriores à emigração, como os trenos sôbre a decadência do povo português alegorizado na *Semana Santa*, a vela de armas de historiador fê-la Herculano como Voluntário da Raínha, em plena guerra civil (1832), aproveitando um momento de folga e em visita à Sé de Braga. No pequeno caderno íntimo, que intitulou *Scenas de um Ano da Minha Vida* e que nos foi revelado póstumo, anotou Herculano as suas meditações sôbre o túmulo do Conde D. Henrique. São exclamações ingénuas, lugares comuns. Valem como índice de uma hora de balanço interior, um dêstes momentos de concentração e determinação de fôrças que os vinte e dois anos e o campo de batalha favoreceram. Se não foi essa a hora do plano da *História de Portugal*, não andou longe. É a partir de 32 que Herculano desenvolve uma actividade subsidiária da criação histórica.

Bibliotecário municipal no Pôrto desde 1833, o manejo de livros velhos o faz naturalmente erudito. Publica em 1837, com o futuro Barão de Castelo de Paiva, a *Crónica de El-Rei D. Sebastião* de Fr. Bernardo da Cruz. Êsse trabalho o inicia certamente numa época sôbre a qual, se é certo que só escreveu a história de uma única instituïção *(Da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal)*, contudo meditou muito, deixando escapar a cada passo, desde os romances à polémica e às cartas particulares, a indignação que a maior parte dos seus homens e sucessos lhe inspiravam.

O *Fronteiro de África* é uma obra de Herculano quási desconhecida. Nem se perde nada com isso. É uma questão de amores vingativos entre um português valido do Duque de Alba e a mulher de um fronteiro ausente, em que Herculano mistura ao seu gôsto pelos extremos de paixão contrariada algumas pancadas valentes no bronze do patriotismo. A data do malfadado drama (1838) e o seu tema — 1580 — permite-nos ligar êsses anos de seiva da vida de Herculano, a uma preparação de historiador feita ao largo de tôda a evolução de Portugal, e longe do terreno exclusivamente medieval que em breve o fixaria.

Em 1839 Herculano começa *O Monge de Cister*, só publicado em 48 e várias vezes interrompido (em 43, por exemplo, trabalhava no I capítulo do II volume). Quer isto dizer que Herculano aproveitava as suas leituras monográficas e as suas sondagens de corpos documentais e de arquivos para dar esqueleto à sua vontade de criação histórica, delineando fisionomias e esboços de ambiente pelo processo mais livre que é o romance histórico e a narrativa.

Êste duplo trabalho de formação livresca e de fantasia histórica — investigação e meditação de instituïções por um lado, adextramento do estilo e da construção sem grandes responsabilidades por outro — é que nos pode dar a chave do processo de Herculano, a própria arquitectura das suas ideias e métodos. Mas não é aqui o lugar disso. Baste-nos reparar que entre 1840, ano em que assiste à primeira lição dada por Garrett no Carmo como cronista-mor do Reino, e 1844,

data da primeira edição do *Eurico*, Herculano guarda «um silêncio literário raras vezes interrompido». É o período da maturação do saber e de uma triste experiência parlamentar. A Carta restaurada interessa-lhe, mas a Costa Cabral abomina-o.

Em 1842 lança-se a fundo no pensamento histórico — as cinco *Cartas sôbre a História de Portugal* da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE — e nas pesquizas necessárias ao levantamento de uma ampla história do seu país. Em rapaz, criara o gôsto da erudição no convívio dos cronistas e dos historiadores académicos; aprendera a evitar os falsários, os Britos e os Lousadas; a venerar os bons paleógrafos, sérios leitores de documentos, que se limitavam a juntá-los por assuntos restritos, bordando o seu comentário tìmidamente indutivo, mais de arquivista que de historiador.

Assim, as suas grandes admirações foram João Pedro Ribeiro e o Cardial Saraiva, tipos acabados do grande diplomatista e do monografista sedentário. Mas agora as exigências de Herculano são outras. Os predecessores carrearam; êle carreia e constrói. Para construir são precisos plano, previsão, ideias gerais. É preciso inclusivamente pensar a essência dos problemas — a história como tecido de actos humanos e como técnica de narração. As cinco *Cartas sôbre a História de Portugal* nasceram do exemplo das *Lettres* de Thierry (1827). Guizot, nas lições sôbre a história da civilização, abrira a Herculano o caminho de uma nova posição do finalismo em história, mais fácil e acessível que o necessarismo de Hegel.

REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL
DA
AGRICULTURA PORTUGUEZA
CONCURSO AGRICOLA
Anno de 1870
DIPLOMA de Menção honrosa
Concedido ao Snr. Alexandre Herculano
pelo progresso que mostrou ter realisado nos seus vinhos
Lisboa 20 de julho de 1870.
O Secretario.
O Secretario do Jury
João Ignacio Ferreira Lapa

Diploma de menção honrosa, do Concurso Agrícola de 1870. Demonstra-se que Herculano, além de magnífica prosa, fazia bom azeite e bom vinho...

Mas, muito acima de uma metafísica da história, o que preocupava Herculano era a história mesma: tecê-la com factos bem apurados, raciocínios sólidos, juízos limpos. Em 1843 (grande ano romântico — *O Bôbo* no PANORAMA; *première* do *Fr. Luiz de Sousa* na Quinta do Pinheiro; baile nas Laranjeiras) — a publicação de *A Perda de Arzila* não passa de uma pequena concessão feita ao gôsto do tempo — e concessão ainda «histórica», novo sinal da sua predilecção pelas crises nacionais. O essencial, para Herculano, continua a ser o estudo dos factos e das instituïções a fundo: — 1843 é o ano dos *Apontamentos para a História dos Bens da Coroa*. No ano seguinte, ainda historicismo, dado pela récita dramática com *Os Infantes em Ceuta;* actividade de estudioso documentada com a publicação dos *Anais de D. João III.*

Enfim, em Janeiro de 1846 sai o primeiro volume da *História de Portugal.*

Não é indiferente acompanhar Herculano ao gabinete de trabalho e ao editor, para uma simples recenção do que êle escreve e de quando o escreve. Esta indagação puramente cronológica e externa elucida-nos sôbre as constantes transacções feitas entre o escritor romântico

HISTORIA

DE

PORTUGAL

POR

A. HERCULANO

TOMO PRIMEIRO

LISBOA
EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS
AOS MARTYRES, N.º 45

M DCCC XLVI

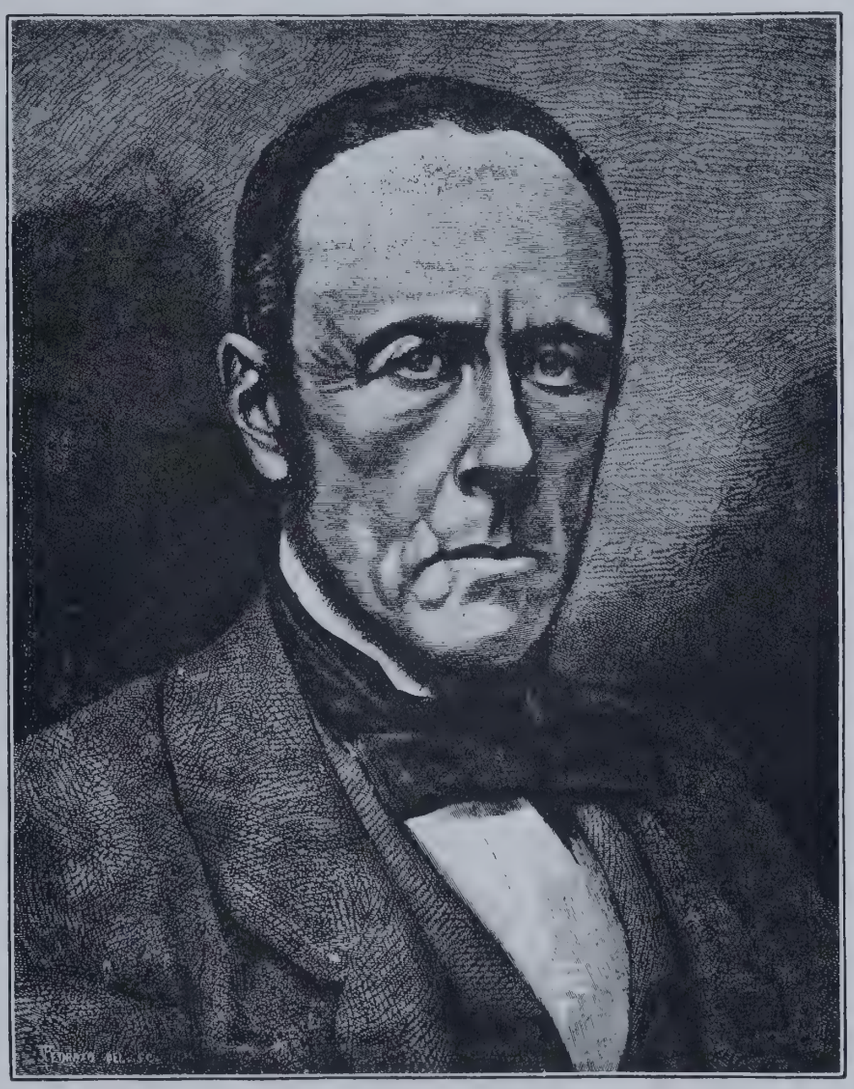
Rosto da 1.ª edição (Livraria Coelho, de Lisboa)

A História de Portugal *publicou-se a primeira vez em Lisboa, 4 volumes, 1846, 1847, 1849 e 1853. Tal foi o interêsse que despertou, que o 1.º volume foi reimpresso no mesmo ano. A segunda edição saíu em 1853, 1854, 1858 e 1862; a 3.ª em 1863; a 4.ª em 1876; a 5.ª em 1900; a 6.ª em 1901; e a 7.ª, dirigida por David Lopes e Pedro de Azevedo, em 1915-16, 8 volumes com inúmeras gravuras. Foi a* História de Portugal *que criou o espírito histórico como hoje o concebemos e motivou as formidáveis polémicas que, como* Eu e o clero, *a propósito do Milagre de Ourique, em tôrno dela se desenvolveram.*

A História de Portugal *foi na vida de Herculano a afirmação máxima do seu altíssimo espírito e a prova da sua independência e desassombro. Por ela guerreou e se afastou dos grandes estudos, privando-nos de trabalhos magníficos e truncando a sua obra.*

e o historiador puro. O criador de Eurico «triste e só» embrenha-se nas estruturas sociais para lhes descobrir os segredos.

Assim, Herculano alterna a composição histórica com uma espécie de criação literária em que conserva um pé no acontecido emquanto põe o outro na ficção. Em 1847 começa e apronta o II volume da *História de Portugal*, ao mesmo tempo que dá os últimos retoques no *Monge de Cister* e revê as provas da segunda edição do *Eurico*. Em 1848 (o ano da estreia de Camilo), o *Monge de Cister* está na rua. No ano seguinte, com Garrett seu hóspede na Ajuda durante a primavera tôda, o III volume da *História de Portugal* circula. O IV, saído em 1853, é que tem de esperar que passe a celeuma levantada a propósito do milagre de Ourique.



ALEXANDRE HERCULANO

Reprodução da gravura de S. Pedrozo, impressa por Lallemant Frères. De *A gravura de Madeira em Portugal* por J. Pedrozo. Lisboa 1876.

A polémica, que vai de Junho de 1850 a Março de 1851, projecta os seus efeitos na actividade de Herculano até mais longe. Não é que o trabalho de investigação e a meditação dos problemas postos pela história afrouxem. Mas as *Considerações Pacíficas*, as *Solemnia Verba* (1850), *A Ciência Arábico-Académica* (1851), embora obrigando-o à reconsideração de certos aspectos das origens nacionais, eram principalmente uma luta de princípios e atitudes, uma questão propedêutica e moral. Se, por um lado, o forçavam a aprofundar, com a rijeza e o orgulho, a sua própria concepção e vivência da história, limitando o amor nacional pelo culto da verdade e da prova, por outro desviavam-no da calma necessária à execução de um plano de fôlego, traçado para largas proporções.

Entre o I volume da *História de Portugal* e o terceiro opúsculo da polémica de Ourique interpuseram-se acontecimentos políticos que agravaram no espírito de Herculano as causas de turbação e o desvio da actividade. Quatro anos passados sôbre a «Maria da Fonte», renasciam as ilusões ordeiras de Herculano criadas no culto da liberdade pelo respeito da Carta (a religião do juramento). Em Abril de 51, sob pretexto de vacas e manteigas, Saldanha ia quási todos os dias à Ajuda cantar de sereia os estribilhos da Regeneração. Herculano reünia então amorosamente as *Lendas e Narrativas*. A Dama Pé-de-Cabra, o Lidador, o Bispo Negro, Afonso Domingues eram os seus primeiros amores medievais; tinham-lhe feito a mão no emprêgo das tintas escuras, dos matizes graves, numa composição larga, vagarosa e viva.

Agora, passava da intimidade dos forais e da sistematização das primeiras instituïções municipais à experiência real de um município: em 1852 faz parte da Câmara de Belém. O reinado de D. Maria II aproxima-se do fim; os liberais repesos e acomodatícios fazem as pazes com ideas e costumes do outro lado. Herculano, então, ferido pessoalmente e desiludido de quási tudo o que esperara da vida colectiva, encontra novos motivos para se desviar do primitivo plano de uma História de Portugal seguida. Como desforra contra o clero ignorante e os seus esteios civis, concebe e começa os volumes sôbre a *Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

Estas variações de produtividade histórica estão longe de documentar uma instabilidade que todo o resto da vida de Herculano negaria. Os acidentes da carreira do historiador, se é certo que depõem sôbre uma grande irritabilidade e amor própio, o que provam tambem é a natureza moral da vocação histórica de Herculano e o carácter preceptivo da sua investigação sôbre as origens e crises nacionais. Se para Herculano a história é, no plano individual, mestra da vida, no plano colectivo é uma cartilha das nações. Assim, não admira que, em

O Pátio do Gil, na Rua de S. Bento

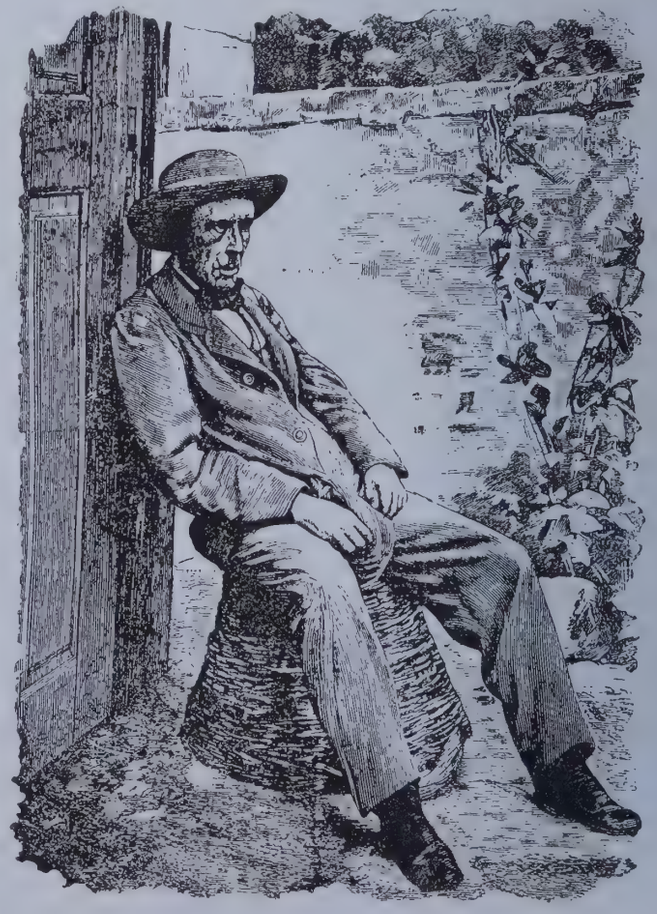
« Num prédio, hoje derruido, dêste pátio viveu a família de Herculano e ali nasceu o grande historiador »
Ilustração Portuguesa, n.º 46 1.º ano. (19, Setembro, 1904).

plena laboração da *História de Portugal*, êle se decidisse a mudar de época e de figurantes logo que as necessidades de exemplificação lhe pareceram mudar. O incidente polémico de Ourique, ocorrido durante a viragem de ideas que a Comuna de Paris e as circunstâncias portuguesas provocavam no liberalismo, fazendo-o pactuar com os seus inimigos de trinta anos, convenceu Herculano da necessidade de mudar de tema histórico. Rectificado um diagnóstico, é natural que se mude também de terapêutica. Em vêz de continuar a procurar «os exemplos que a liberdade antiga dá à liberdade moderna», receitando a essência das instituïções medievais à sociedade que o constitucionalismo era obrigado a refundir, Herculano variou de tática, e meteu mêdo aos liberais, seus companheiros de luta, com espectros procurados numa época que se lhe afigurava de decadência.

Esta concepção exemplarista da história enxertada num carácter pundonoroso e reactivo explica a *História da Inquisição*. A obra levou-lhe uns sete anos, sem que entretanto abandonasse a investigação para a grande *História* geral, cujo IV volume saíu um ano antes do I daquele livro. Estava-se em 1854. Herculano regressara a Lisboa da sua primeira peregrinação pelos arquivos da província; chorara a sorte das freiras de Lorvão; vinha assistir à queda das fôlhas do romantismo com os últimos momentos de Garrett, a quem, apesar de êle o ennervar com a sua volubilidade e o seu postiço, comovidamente visitou.

Nova polémica, desta vez grave e calma, vem alterar o ritmo de composição do historiador: Muñoz y Romero refuta opiniões de Herculano sôbre as origens das classes servas. Herculano trabalha *Sôbre a Origem Provável dos Livros de Linhagem*. Em 1855 pronuncia um juízo sorridente sôbre todo o processo da revolução liberal portuguesa, num artigo sôbre *Mousinho da Silveira* que é das mais belas páginas de síntese histórica que deixou, escritas num francês puro e leve, penetrante e sem azedumes.

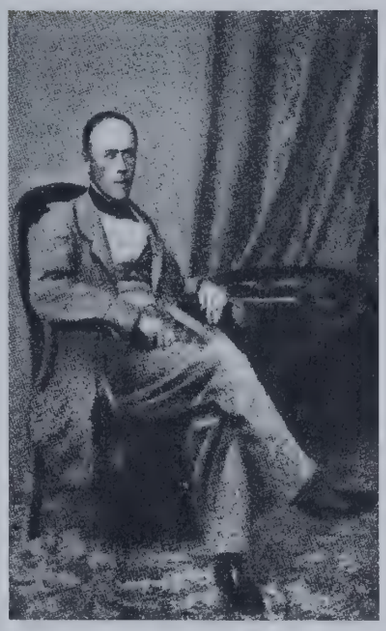
Mas o ano seguinte é tempestuoso; estraga para sempre um relativo grau de acomodação que Herculano conseguira entre a sua índole bravia e a flacidez dos poderes públicos. O conflito entre Herculano e um funcionário da Tôrre do Tombo, o Sr. Macedo, não é para ser inteiramente apurado em glória do grande homem. Uma coisa é ter razão, outra é ser implacável; e Herculano não conhecia *nuances* na dureza. Apesar de ter os *Monumenta* entre mãos (em 1856 saíam os primeiros fascículos dos *Scriptores* e das *Leges*), não tornou a pôr o pé na Tôrre do Tombo sem que aposentassem Macedo. Era o ano da Concordata, do esboroamento do Padroado; os golpes sucediam aos golpes. Ainda por questões de arabismo desafia para duelo António Caetano Pereira (em Coimbra, por causa de um documento sôbre que um



Herculano em Vale de Lobos.

cónego lhe faz insinuações graves, pega numa cadeira e avança para o cónego).

Entretanto, Herculano, que arrendara em 54 uma grande exploração agrícola, o Calhariz da Arrábida, de parçaria com Soure e Brederode, tomara definitivamente o gôsto à vida do campo. A compra de Vale de Lôbos (1859) coincide com a publicação do último volume da *Inquisição:* já não tem compromissos com o editor e o público. Em 1862 a sua saúde é gravemente abalada com uma perniciosa, mas ainda lhe ficam fôrças para quinze anos de granjeio e de safra de azeite, anos que são ao mesmo tempo, apesar do que êle diga em contrário, de moderada mas permanente actividade intelectual. Nêles cabe tôda a polémica sôbre o casamento civil (o problema, no seu espírito, datava do *Eurico*, cuja quinta edição êle aprontava em 64, tendo o gôsto de o ver traduzido para francês e espanhol no espaço de cinco anos — a tradução de Lucotte em 1870; a de Bermejo em 1875). E cabem nêles, ainda, as últimas tarefas impostas pelos *Monumenta* (1.º fascículo dos *Diplomata* em 1868), de que só se desembaraçou em 1873; as *Cartas sôbre a Emigração;* uma actividade epistolar intensa, em que, no meio dos assuntos agrícolas, havia sempre brecha para responder à consulta de um amigo sôbre iconografia de raínhas ou livros a respeito do Infante; tratar, a propósito de uma má colheita, de uma instituïção que lhe pudesse servir de exemplo ou de remédio (crédito, enfiteuse), e até para limar o estilo do 1 volume da *História de Portugal*, escrever a *Advertência* à sua quarta edição (1875) e trabalhar lentamente, quási às portas da morte, em mais um volume dessa obra, o volume V.



ALEXANDRE HERCULANO
(Ilustração Portuguesa, n.º 46 — 1904)

A-pesar de protestar a cada passo o abandôno dos estudos históricos «que bàrbaramente me truncaram», dizendo-se «um simples curioso, como hoje me considero» (1871), o seu pensamento de historiador mantém-se sempre vivo, a consciência do que sabe e pode nunca o larga, trabalhada pelo orgulho — e, ao falar de idade-média (1875), dirá: «época àcerca da qual é possível que se me atribua alguma competência».

Retirado a Val de Lôbos, liberto de compromissos de construção cronológica, por protagonistas, acontecimentos, quadros, a sua atenção aplica-se mais do que nunca à essência das instituïções, e liga sòlidamente a meditação histórica das orígens e da evolução da sociedade portuguesa à realidade contemporânea. O seu saber de reguengos é pôsto ao serviço do problema liberal da hasta pública feita aos bens dos conventos extintos; os seus velhos estudos sôbre os forais e direitos reais interessam-no vivamente pelas doutrinas socialistas, que o entusiásmo juvenil de Oliveira Martins divulga. Opõe-lhe, é certo, o seu cepticismo individualista, um credo e hábitos burgueses inabaláveis; aconselha a enfiteuse como panaceia às péssimas condições do salariato nos campos. Mas o que importa é a vivacidade, o estado de àlerta e de simpatia de um velho historiador liberal por ideias novas, a sua sempre pronta capacidade dialéctica, a consistência e afêrro da sua formação de economista.

«O retrato de Herculano oferecido à Câmara Municipal de Santarém e pintado por seu segundo sobrinho o falecido pintor João Galhardo». *(Ilustração Portuguesa,* n.º 46 — 1904)

Acabando entre nós com a história apologética ou simplesmente arquivística, Herculano inaugurou a história das instituïções feita com rigor documental e largo poder construtivo. O seu processo de narração na *História de Portugal* é todo dirigido à análise e a síntese dos elementos constitutivos do povo como magma da nação, e desta como usufrutuária do território e guarda dêle até à chegada e ao usufruto dos vindoiros. Estrutura das culturas da terra, natureza jurídica dela nas suas formas de posse, tipos de aglomeração demográfica vistos à luz daqueles e do outros nexos — os de homem a homem na cadeia social; os do vizinho ao município, ao soberano, ao

terra-tenente, na seriação política; os do homem à terra na permanência ou na migração, no regímen de compáscuo e da posse de alfaias e semoventes; no aproveitamento das águas em comum: aí estão os fins da historiografia de Herculano.

O entretecido puramente político das acções; a vida dos reis, as bulhas de barões e a marcha das batalhas e fossados em ordem à formação de uma nação livre numa terra bem demarcada preenchem na *História* de Herculano os lugares em que uma pura análise de instituïções careceria de sentido sem um largo revestimento de efemérides. Mas o propósito de explicar a composição do tecido social sobreleva ao gôsto dos sucessos externos, à pintura dos quadros, às largas sondagens biográficas, embora Herculano mantenha ao longo da narração um belo ritmo de estilo histórico, ora rotundo, ora levemente fremente, encrespado pela sua irreprimível comparticipação emotiva no juízo, — quando não é a pura indignação, como na *Origem da Inquisição*, que dita e fala.

João Maria Galhardo, coleccionador das obras de Herculano e um dos seus herdeiros e testamenteiros. (*Ilustração Portuguesa*, n.º 46, 1904).

Num historiador desta têmpera, mais construtor do que artista, o estilo, em vez de brilhante e evocativo, é áspero e vagaroso, todo entranhado em lógica. O lançamento do período é comandado pela matéria da análise, um objecto bem delimitado a descrever e a contornar; a sua curva é ampla e judiciosa; o seu fecho incisivo e tenso.

Sob o ponto de vista psicológico, Herculano dispôs de pouco. Entende as motivações dos actos essenciais da história, vê muito bem o encadeamento das acções na determinação de um vasto processo evolutivo — génese de um regímen, curva de uma época, crescimento ou decadência de um sistema ou de uma política. Mas a actividade dos agentes históricos não ressalta da sua narrativa com aquela evidência humana, aquêle calor vital que se desprende, por exemplo, de uma página de Oliveira Martins. A grandeza do seu processo está sobretudo no carácter sólido da matéria e da construção, uma espécie de «românico» literário, cheio de gravidade, de fôrça, de uma religiosidade de órgão que demora muito nos registos.

Veja-se o relato da morte do velho Afonso V de Leão, no cêrco de Vizeu: «Foi durante o assédio que a morte o salteou no vigor da idade. Era no estio; intensa a calma. Despidas as armas e trajando apenas uma túnica de linho, o rei discorria em volta dos muros inimigos, um virote partiu das ameias e, ferindo-o mortalmente; derribou-o do cavalo. Levado à sua tenda, Afonso V expirou brevemente, contando pouco mais de trinta anos e quási outros tantos de reinado». Meios muito simples, vocabulário próprio, levemente antigo e nobre; uma sintaxe indirecta, em que os atributos vão adiante, como que a preguear a clâmide de Clio...

Os retratos, se não ricos de tinta ou acumulados pelo processo vivo dos grandes biógrafos, esfumam-se contudo na galeria de Herculano com os dois ou três traços indispensáveis, pelo menos, à semelhança moral. Assim, o «façanhoso Gelmires», Arcebispo de Compostela, «espécie de Mefistófeles sacerdotal, cujo carácter é assaz negro para ainda sobressair no quadro da anarquia e dos crimes que despedaçavam o seio da monarquia leonesa»; assim, incidentalmente, Cromwell, que «tinha uma voz áspera e violenta, modos rústicos», «muita largura de ombros e rosto encarniçado». Mas a regra, no *kodak* de Herculano, é a pouca luz e o desfocado, sempre que o retrato não é pedido ao fundo moral do retratado. É êste Abdu-r-Rahman Ibn-Muawiyah (na grafia de Herculano), «mancebo de vinte anos», a quem «a desgraça e a aspereza de uma vida errante ensinaram a suportar com esfôrço as tempestades da vida». «O rosto austero, os olhos cavos e cintilantes» de um dominicano; «o movimento da barba longa e ponteaguda» de um califa; a «tez coriácea e crestada» de um faquir, são carvões raros na *História de Portugal*, mais próprios do clima literário das *Lendas e Narrativas*.

Alexandre Herculano com o liberal Vicente Férrer, seu íntimo amigo.

É na *Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal* que Herculano dá a medida das suas posses como historiador, quanto ao desenho de caracteres, pintura de costumes, narração viva. O carácter semi-polémico de obra, a sua *Introdução* tonitroante, o calor que a cria sempre rés-vés dos documentos, mas sem que a indignação, sem que o partido tomado pelo historiador se escondam, tudo isso favoreceu o desenvolvimento de um estilo mais animado e nervoso que o da pesada composição da *História de Portugal*. São notáveis os retratos dos grandes protagonistas, e até de alguns comparsas do drama diplomático da Inquisição. Duarte da Paz, principalmente, é quási gravado a fogo no seu ir e vir astucioso. Sente-se-lhe o corpo nas maquinações de cúria, desviando-se e curvando-se à passagem dos grandes cardiais influentes, couraçando-se contra os atentados dos marranos fugidos.

O retrato de Simonetta é pincelado com indulgência («o pobre velho»). Pelo estilo de uma carta, por «certa rudeza de pensamento e de fraze», Herculano descobre em D. Henrique de Menezes «uma índole irritável e impetuosa, mas franca e leal». São nítidos, senão inci-

sivos, os retratos do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, o de Pedro de Alcáçova Carneiro, a silhueta de Aires Vaz. S. Domingos de Gusmão é marcado com um adjectivo — «o inquieto cónego espanhol» —, mas já D. João III, que Herculano julga sem contemplação nem nuances, leva muito mais óleo, tintas carregadas, sombras muito duras.

Edifício onde estêve instalada a Biblioteca da Ajuda, no tempo em que Herculano era o bibliotecário.
(Da *Ilustração Portuguesa*, de 19 de Setembro de 1904)

Mas agravar a política do Piedoso não é tanto retratar como exercer de mau modo o juízo histórico, lançá-lo pesadamente sôbre um feixe de factos apurados com paixão. Mas é precisamente a paixão que dá tom ao estilo de Herculano, sabor, e uma solene aspereza. O seu escrever é o que êle chama, nas *Solemnia Verba*, «o estilo grave da história», a expressão necessária à «aspiração suave do formoso e enérgico viver de outrora», e sempre um «severo lavor».

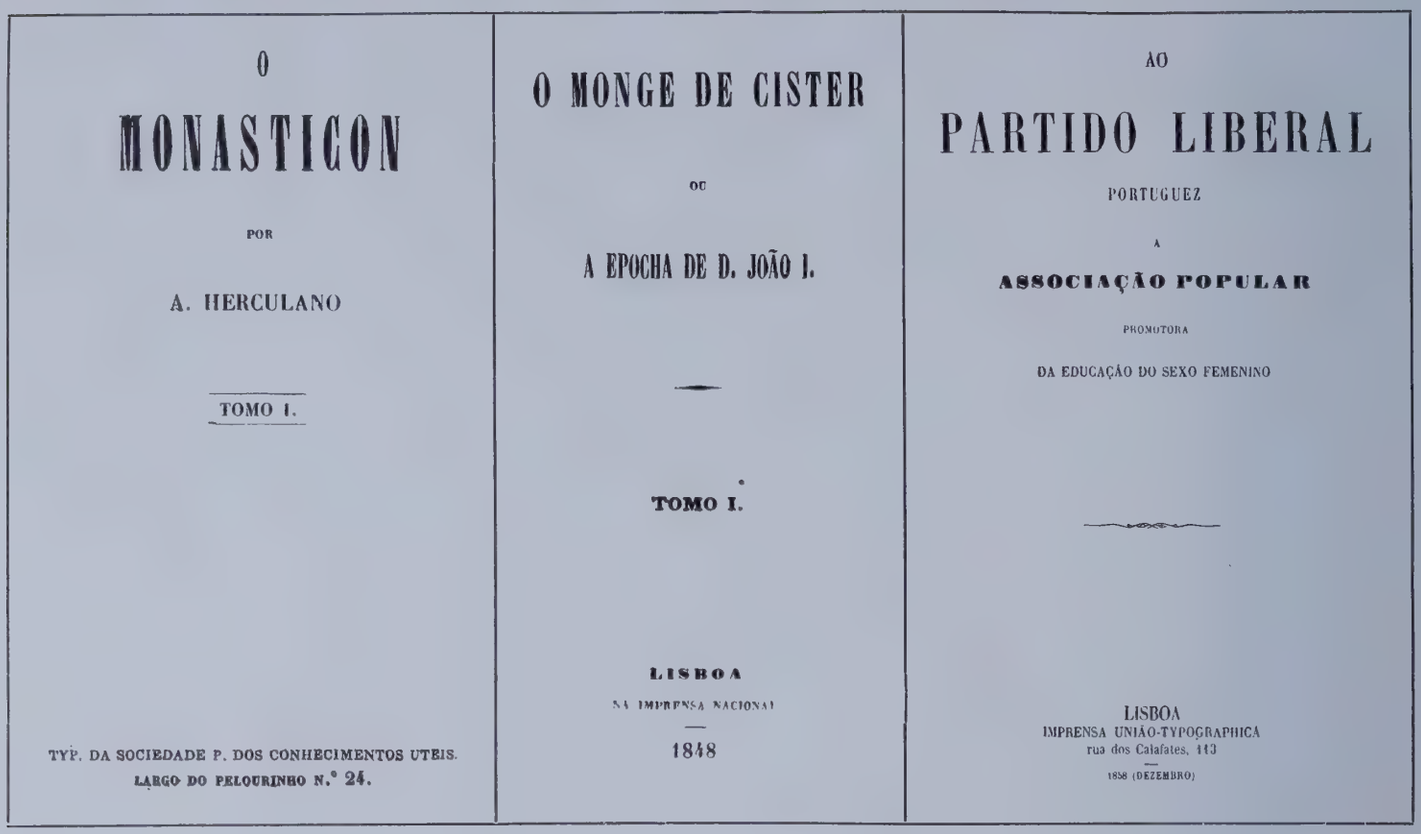
É com êsse instrumento amplo e cavo que Herculano trabalha as instituïções e encena os actos humanos. Os quadros, as cenas de conjunto, um ou outro episódio, saem-lhe mais expressivos do que a simples nota que, num Oliveira Martins, levanta uma figura ou explica uma acção. Assim a bela narrativa da batalha de Uclés, quando o Infante D. Sancho, esperança de Afonso VI, morre abraçado ao conde Gomes de Cabra. Assim episódios de coragem bravia, lances nocturnos, coisas de fôrça e manha medievais como a tomada de Santarém, as várias e vivas páginas da conquista de Lisboa, em que Herculano agüenta o tom sugestivo e próprio, o desastre de Afonso Henriques às portas de Badajoz.

A batalha de Val-de-Vez é descrita com brio; mas onde Herculano dá a sua melhor medida é em pequenos passos onde é preciso tocar na configuração do território — falar de «desvios selváticos», de contrafortes, de rochedos, como a áspera e bruta païsagem de Seia servindo de pano de fundo à rebelião de Bermudo.

Quanto às grandes linhas da sua concepção da história, a dominante ainda é o providencialismo de Herculano, um providencialismo que se poria nos mesmos termos dos de Bossuet, se não houvesse entre Bossuet e Herculano a tradição progressista das «luzes», companheira cronológica da grande erudição histórica, à Mabillon; a acção de Savigny e de Mommsen, que sempre lhe haviam ensinado que há nas instituïções uma lógica interna, que bem pode ser o processo de Deus, mas é uma maneira bem humana.

Uma das salas da Biblioteca da Ajuda. Sôbre a mesa está o manuscrito de Fr. Luís de Sousa, autógrafo sôbre o qual Herculano reconstituiu os «Anais de D. João III».
(Da *Ilustração Portuguesa*, de 19 de Setembro de 1904)

Depois, como dissemos, Herculano preocupou-se sempre mediocremente com explicações extra-críticas do acontecer histórico, inferências metafísicas de factos que lhe interessavam sobretudo na sua contextura cronológica e nas suas projecções institucionais. Os monumentos, as fontes, davam-lhe «a idéa de pátria na sucessão dos tempos». Determinar a natureza dessa sucessão, as leis da convivência nacional, as formas de ocupação e usufruto do território, eis os



O
MONASTICON
POR
A. HERCULANO
TOMO I.
TYP. DA SOCIEDADE P. DOS CONHECIMENTOS UTEIS.
LARGO DO PELOURINHO N.° 24.

O MONGE DE CISTER
OU
A EPOCHA DE D. JOÃO I.
TOMO I.
LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL
1848

AO
PARTIDO LIBERAL
PORTUGUEZ
A
ASSOCIAÇÃO POPULAR
PROMOTORA
DA EDUCAÇÃO DO SEXO FEMENINO
LISBOA
IMPRENSA UNIÃO-TYPOGRAPHICA
rua dos Calafates, 113
1858 (DEZEMBRO)

Frontispícios de algumas edições raras de obras de Herculano

seus grandes fins de historiador. A sua grande preocupação é reconstituir històricamente um Portugal coerente com o próprio passado, «apurar a índole da sociedade nascente». «Que outra coisa não é a história — pregunta êle em 1874 — senão um guia do viajante na necrópole das gerações extintas?» E dois anos antes preguntara: «Que é a história do acréscimo do género humano, senão um tecido (...) de exílios, das migrações sucessivas?»

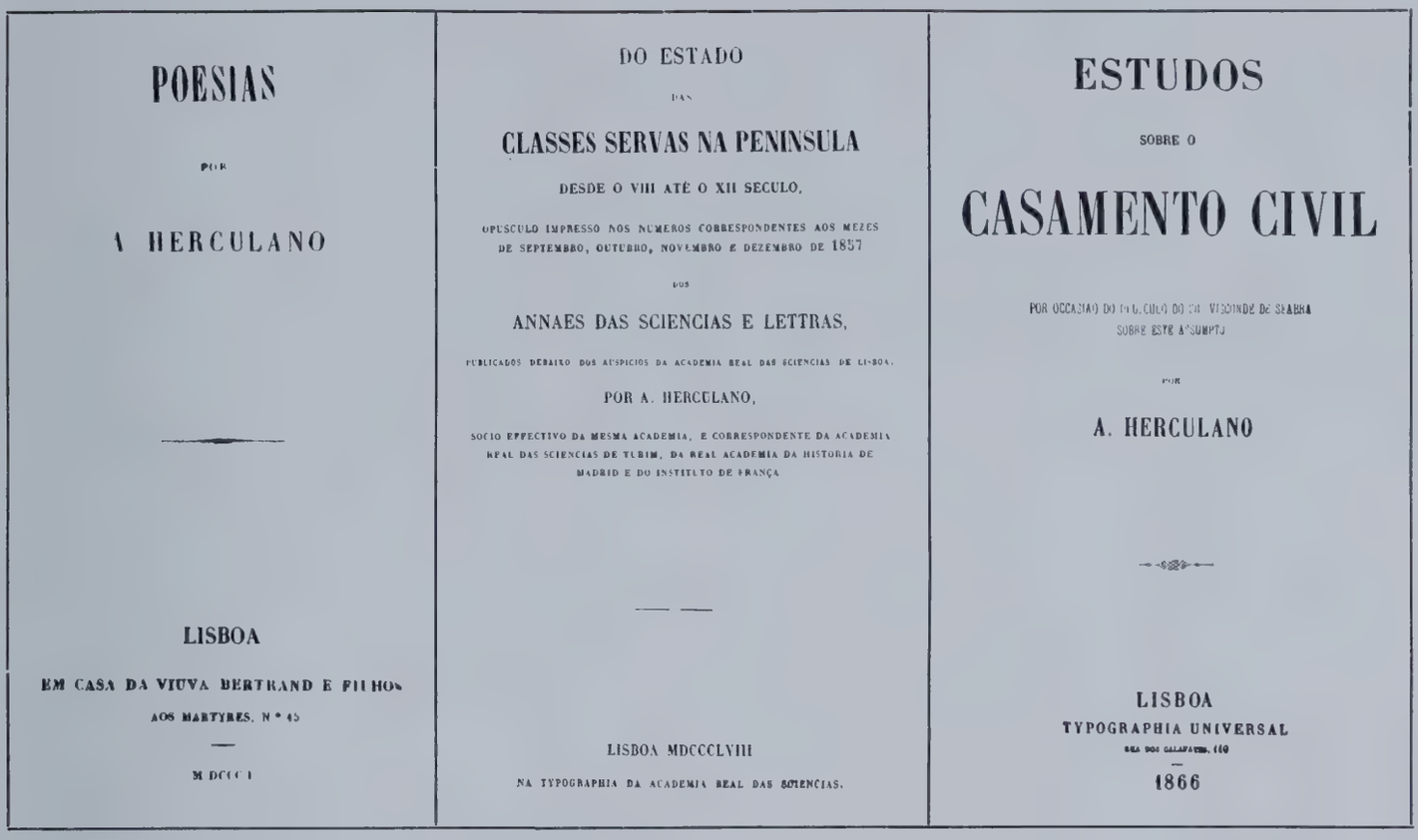
Em 1871, num album de senhora, como lhe preguntassem, em francês, quais eram os seus heróis favoritos, respondeu: «Je n'aime pas les héros». «Ni les héroïnes non plus».

Todavia, teve sempre confiança na acção dos verdadeiros chefes, os que rasgam o caminho. O seu desdém ou o seu ódio iam para os tiranos da história e para os tiranetes do seu tempo; mas, no album em que declara detestá-los, vai acrescentando: «Je crois, cependant, que je déteste un peu plus les faux amis du peuple».

História que é uma simples travessia de necrópole, um passeio piedoso, mas ao mesmo tempo uma forma de apuramento das origens sociais; uma teia de êxodos e de desterros, que aconselha a desconfiar de heróis e heroínas e a detestar os demagogos, mas também «mão de Deus no génesis da civilização humana» (1856), — tudo isto prova a pouca firmeza da filosofia da história em Herculano, o seu carácter vago, sujeito a variações sentimentais. No entanto, a entrega da gesta humana nas mãos de Deus é ponto assente para êste historiador que suspeita de milagres e exige por detrás de cada facto uma prova de ferro. Como disse Jaime de Magalhães Lima, o Deus revelado à consciência de Herculano era «uma vontade determinando a acção, desenvolvendo-se de contínuo nas coisas da terra»; «há uma eternidade no mover das coisas do mundo que Herculano não ignorou».

No prólogo à *História da Inquisição*, Herculano afirma que a tirania e todos os movimentos contrários ao progresso são úteis ao progresso — no que se pode vislumbrar o jôgo de tese e antítese da filosofia de Hegel. Mas logo adiante se vê que êste instrumentalismo da história é simplesmente providencialista. «E, porventura, nós — escreve êle — pensando que praticamos um acto espontâneo, não somos senão um instrumento da justiça divina». Com João das Regras e o Mestre, se o absolutismo já deita «os seus primeiros clarões», é que «a Providência assim o ordenara» *(Monge de Cister)*. No *Bôbo*, crê fortemente que «no progresso da civilização humana tínhamos uma missão a cumprir», assim como a dissolução do Império Romano se lhe afigura uma grande *étape* providencial do progresso, assim como «a restauração do cristianismo na península»; «Os decretos da Providência deviam cumprir-se, bem que, às vezes, a execução dêles parecesse retardar-se». Mas onde o apêgo de Herculano à idéia de um plano providencial vem mais terminante é num artigo do *Diário do Govêrno*, importante pela data que traz (1838), e em que afirma que «cada era trabalha do modo que apraz aos intentos da Providência».

Sendo a *História de Portugal* a sua obra central e, se não a mais viva e movimentada de estilo, como Jaime de Magalhães Lima queria, a que recebeu de



POESIAS

POR

A. HERCULANO

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

AOS MARTYRES, N.º 45

M DCC C I

DO ESTADO

DAS

CLASSES SERVAS NA PENINSULA

DESDE O VIII ATÉ O XII SECULO,

OPUSCULO IMPRESSO NOS NUMEROS CORRESPONDENTES AOS MEZES DE SETEMBRO, OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1857

DOS

ANNAES DAS SCIENCIAS E LETTRAS,

PUBLICADOS DEBAIXO DOS AUSPICIOS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

POR A. HERCULANO,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA, E CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE TURIM, DA REAL ACADEMIA DA HISTORIA DE MADRID E DO INSTITUTO DE FRANÇA

LISBOA MDCCCLVIII

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

ESTUDOS

SOBRE O

CASAMENTO CIVIL

POR OCCASIÃO DO FOLHETO DO SR. VISCONDE DE SEABRA SOBRE ESTE ASSUMPTO

POR

A. HERCULANO

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS GALLEGOS, 110

1866

Frontispícios de algumas edições raras de obras de Herculano

suas mãos mais forte travejamento, foi sôbre ela que se concentraram a voga e a crítica. Consiglieri Pedroso admirava nela, entre outros valores historiográficos, a síntese da acção governativa de Afonso Henriques, com que fecha o primeiro tômo, e a «magestosa grandeza» do capítulo sôbre os *Vestigios das Rebeliões e Lutas dos Concelhos*. Sampaio Bruno desculpa a falta de grandes retratos em Herculano com a mediocridade dos «principículos medievais» e dos «solarengos anónimos». Oliveira Martins, lamentando a preferência do mestre pelas instituïções em prejuízo da determinação das causas e móbeis psicológicos, curva-se perante a grandeza e sinceridade de tal obra. Finalmente, nos nossos dias, António Sérgio vê na História de Portugal e no *Método* de Verney «os livros fundamentais da cultura portuguesa desde o Renascimento», «os dois grandes golpes do espírito crítico na muralha que nos separa da Europa culta desde o fim da época das Navegações».

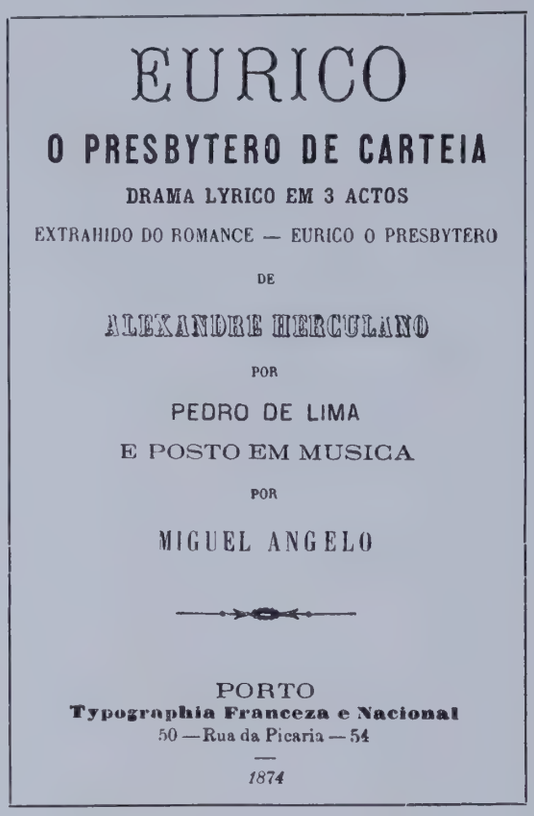
IX — A SEGUNDA GERAÇÃO ROMANTICA

O verdadeiro movimento romântico em Portugal não coïncide com o aparecimento do *Camões* e da *D. Branca* (1825 e 1829), datas que lhe dão os compêndios. Dêsses exercícios métricos de Garrett à propagação do entusiasmo pelos novos valores literários vão perto de vinte anos. Castilho só aprende bem a receita da Idade Média em 1836, com *A Noite do Castelo*. *A Harpa do Crente*, onde os temas românticos são autênticos e a fôrça poética brusca mas verdadeira, é de 1837. Para termos uma poesia romântica ao mesmo tempo genuína e elegante é preciso esperar pelas *Fôlhas Caídas*, que são de 1856.

A mesma demora na prosa. O *Eurico* é de 1844, data do *Fr. Luiz de Sousa*. *O Arco de Santana* é do ano seguinte. Quer dizer que só entre 1838 e 1844 se pode falar de um movimento romântico em que a doutrina vá com as obras. E ainda assim não é êsse o tempo da grande voga da escola, com os seus efectivos na máxima fôrça. Quando aparece *A Harpa do Crente*, a segunda geração romântica ainda está muito verde. Só os mais velhos, como João de Lemos e Mendes Leal, têm vinte anos. Os *juniores* não passam dos dezóito quando o Prior de S. Domingos diz a D. Madalena e a Manuel de Sousa Coutinho diante do cadáver de Maria: «Deus aflige neste mundo aqueles que ama; a coroa de glória não se dá senão no céu». É Lopes de Mendonça e Soares de Passos, nascidos com a Carta Constitucional; e Gomes de Amorim, nascido um ano antes da grande emigração liberal. Ficam intermédios, por exemplo, Rebêlo da Silva e Augusto Lima, respectivamente de 1822 e 1825. Bulhão Pato, nado em Bilbau durante as guerras carlistas (1829), é o benjamin da geração.

Esta gente só está em estado de ter opinião literária lá para perto de 1850. *O Trovador*, que junta os poetas por iniciativa de João de Lemos, aparece em Coimbra em 1848. É o ano em que o Grémio Literário elege

Garrett presidente; vice-presidentes, Herculano e o latinista Viale, mestre do Príncipe herdeiro; secretários, Andrade Corvo e António de Serpa. O Grémio, ao Chiado, representa o entroncamento da literatura com a vida mundana; por isso esta eleição é para nós como um termómetro: a febre romântica sobe. De resto, tirando Viale, puro gramático, sedentário, o elenco é quàsi o mesmo dos jantares dos sábados em casa de Herculano, na Ajuda. É o que o Visconde de Santarém, irritado como historiador por ciúmes de arquivo, chamará com despeito «a Jovem Lusitânia», e o que o próprio Herculano, divertido com a nomenclatura literária do P.e Recreio, que chamara «romancismo» ao movimento, dirá: «a rapaziada romancisca, ou romanisca». Na linguagem de Bulhão Pato — «os rapazes da minha criação».


EURICO

O PRESBYTERO DE CARTEIA

DRAMA LYRICO EM 3 ACTOS

EXTRAHIDO DO ROMANCE — EURICO O PRESBYTERO

DE

ALEXANDRE HERCULANO

POR

PEDRO DE LIMA

E POSTO EM MUSICA

POR

MIGUEL ANGELO

PORTO

Typographia Franceza e Nacional

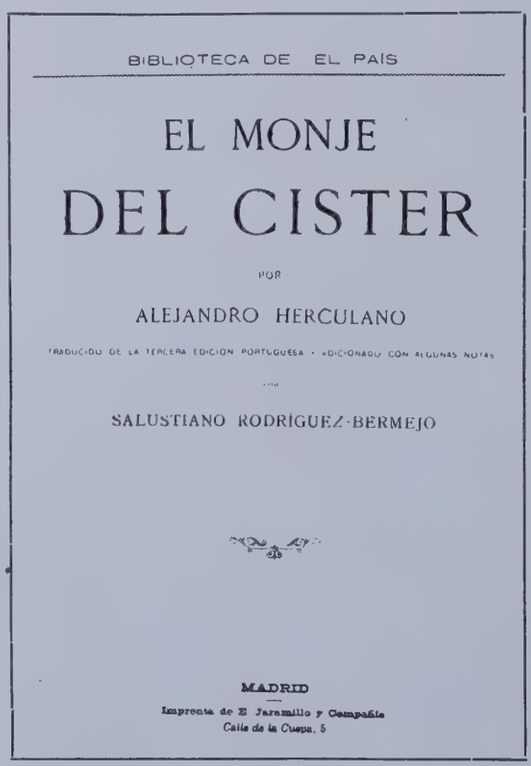
50 — Rua da Picaria — 54

1874

Frontispício de uma adaptação à cena do *Eurico* de Herculano

Ora, a «criação» dêstes rapazes, excelente se quer dizer convívio, sentido social, [illegible]ão, foi sempre pobre no plano do engenho, pelo menos nos domínios da invenção. Mais do que obras, o que se lhes deve pedir é costumes literários, uma crença e vida poética das mais vivas que houve em Portugal. Todos êles faziam versos, a maior parte história narrativa e romanceada, alguns eloqüência de tribuna, e todos uma oratória lírica que invadia os géneros e extravazava para a conversa, até para o amor.

Gente de muito fogo e pouco fundo, dispondo de uma linguagem aquecida e brilhante, conhecendo admiràvelmente o ofício de contar e discursar. Herculano abrira aula de Idade Média nos romances históricos e nas narrativas lendárias; completava êsse ensino ao cavaco, com o original da *História de Portugal* entre mãos. Com a *Harpa do Crente* dera o exemplo de uma poesia duramente arrancada à vida íntima, como Garrett e Castilho tinham lançado os padrões do lirismo amoroso e os temas tìpicamente românticos: o castelo, os cavaleiros, o «delírio», a mulher-anjo. Os românticos franceses, mestres dos mestres da *équipe*, reforçavam a aprendizagem.


BIBLIOTECA DE EL PAIS

EL MONJE

DEL CISTER

POR

ALEJANDRO HERCULANO

TRADUCIDO DE LA TERCERA EDICION PORTUGUESA · EDICIONADO CON ALGUNAS NOTAS

POR

SALUSTIANO RODRIGUEZ-BERMEJO

MADRID

Imprenta de D. Jaramillo y Compañía

Calle de la Cuesta, 5

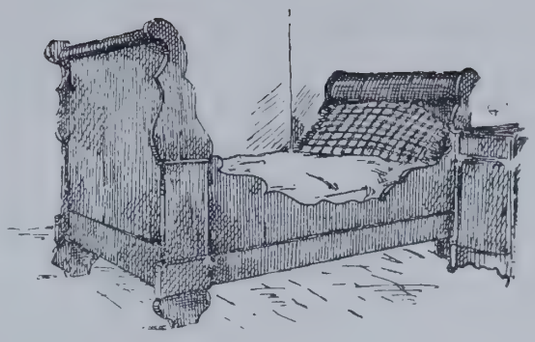
Frontispício da tradução espanhola do *Monge de Cister* de Herculano

Da teoria e da prática saía um estado de espírito colectivamente exaltado, aéreo e mórbido nas palavras, embora sensato e divertido nos actos. Quer dizer que havia nesta geração um contraste acentuado entre o que ideavam em prosa e verso e o que faziam em corpo e alma. Literàriamente, nunca o amor foi mais impossível, puro, sem as pechas da carne. Vivido, era um amor como outro qualquer; os amorosos sabiam de ritual amoroso e não se privavam de nada.

Todos os outros valores e formas da vida sofriam igualmente uma transposição poética convencional. A sinceridade estava mais na adesão à técnica da escola, uma técnica que ia do estilo aos sentimentos e dêstes às maneiras e ideias, do que na fiel correspondência da expressão literária aos seus motivos. Visto, porém, todo, o romantismo português é um largo movimento de curiosidade sentimental, uma descoberta da vida pelo lado do coração.

Êste predomínio do emotivo sôbre o espiritual, o gôsto da paixão e da *feérie*, não escaparam aos próprios contemporâneos. Os românticos responsáveis, em quem êsse extremismo sensitivo era mais uma questão de vocabulário que de credo, aperceberam-se dos perigos do movimento logo que êle começou a degenerar numa literatura de gemidos — aquilo a que Rebêlo da Silva chamou «os pios nostálgicos dos barbadões». Herculano, que começara por ligar irònicamente a ideia de «bravio» e de «destemperado» à de «romântico», acabou por sentir uma espécie de remorso por ter contribuído para semelhantes exageros. ¿Não fôra êle que falara da «noite do coração», que assentara «o vulto da esperança sôbre a lousa do sepulcro», que discorrera sôbre «a febre da desesperação», o «padecer infernal», o «delírio da alma»? Camilo, ao escrever a expressão «branqueados sepulcros», não resistia a acrescentar com ironia: «como disse elegantemente o sr. Herculano». E abusara-se tanto do carácter angélico das amadas, que um amante grave, como D. Pedro V,

se sente forçado a explicar: «Para qualificar Estefânia chamar-lhe-ei Anjo. Contudo, êste nome tornou-se demasiadamente vulgar e banal, abusou-se demasiado da sua aplicação para nêle poder depositar o meu sentir».



Cama em que morreu Alexandre Herculano

A desconfiança contra as liberdades do romantismo começara por dirigir-se apenas contra o estilo. Uma pessoa vinda de Paris dissera ao Cardial Saraiva que «romantismo» era «desprêzo das regras». O Cardial admitia Madame de Stäel e Walter Scott, gostava do *Génio do Cristianismo*, mas exigia «modo, regra e temperança». Garrett conseguira essa moderação, graças à sua formação clássica e ao seu equilíbrio de temperamento e de gôsto. Mas os materiais fúnebres e fantásticos da escola acabaram por invadir a simples sinceridade de alma e os cenários fantasiosos. Ganhavam a partida «os poetas *moyen âges*», na nomenclatura de Garrett.

Sôbre o conceito de romantismo vale mais ouvir os interessados. Bulhão Pato, na *Paquita*, canta a escola que «só faz versos à téctrica procela, ao saudoso expirar do sol no ocaso, a qualquer coisa triste e solitária, lançada à terra pela mão do acaso». Quando Rebêlo da Silva fala da «regeneração das letras», considera o romantismo como «a escola da interpretação histórica e da verdade humana». A fórmula, justa quanto ao primeiro têrmo, claudica lamentàvelmente no segundo. Foi em nome dessa mesma verdade humana que os homens de 1865 se insurgiram contra Castilho, que, na frase do mesmo Rebêlo, representava «a transição elegante e primorosa da arte clássica para a musa cristã».

Mas, se a verdade romântica não está na humanidade da literatura, está nos seus propósitos de autenticidade e em muitas das suas realizações. Verdade humana é descoberta do homem, e o nosso homem romântico não se descobriu — confessou-se. Confissão lírica, mais chorosa do que profunda. Nem por isso perde valor a sensação de que, desde o século XVI, só o romantismo deu verdadeira literatura a Portugal. Tiveram-na românticos como António de Serpa e Alves Mendes. Mendes Leal associava Garrett a Camões nos *Cânticos*.

Essa superioridade, porém, só se pode ver, como a vê Unamuno, ao longo de todo o nosso século XIX. Passada a época de gestação das obras dos três grandes românticos, a que Luciano Cordeiro associa Mousinho da Silveira e Domingos Sequeira, e a que nós associaríamos, como alta expressão romântica do carácter, um moralista sempre esquecido neste campo — D. Pedro V — a actividade literária que vai de 1850 a 1865 é francamente fraca. O que é forte, nos românticos secundários, é o sentimento de solidariedade com que servem as suas bandeiras literárias, a devoção às coisas delicadas da vida, a convicção e respeito com que glosam a obra dos chefes, o pedestal de versos e de elogios que põem sob as estátuas dos três.

Júlio de Castilho — que para o caso é como se fôsse do tempo, pois ficou sempre um fiel secretário da glória do pai — diz que o romantismo «impôs-se pela simpatia, que é fôrça irresistível». «Todos para êsse movimento contribuíram; todos: grandes e pequenos; políticos e artistas; salas e teatros; jornais e livros; senhoras e literatos; aristocratas e plebeus». «Repassou os espíritos um calor delicioso». «Todos os escritores foram bardos, e todos os bardos amaram e carpiram».

Desta devoção sai a unidade social do romantismo, uma espécie de unanimidade moral dos portugueses r lizada pelas letras. Garrett dera a fórmula em 1841, num artigo da *Revista Universal Lisbonense:* «Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar por nós .

Mas «ver por nós», «ser nós» era difícil. Os séculos XVII e XVIII tinham esteriotipado em formas académicas a matéria bucólica, lírica e elegíaca criada por Camões, Bernardim, Falcão e Fr. Agostinho. O próprio exercício métrico, à fôrça de repetido, desnaturara aquela experiência. Ficara-se numa poesia sêca, didáctica, raramente quebrada pelos fogos de Bengala do gongorismo, por uma ou outra nota sincera de Rodrigues Lobo, de Bocage, de Xavier de Matos, e pelos rebates românticos de Gonzaga e de Alcipe.

DR. JOSÉ GALHARDO
Descendente de Herculano, detentor dos seus papéis e documentos, e escritor teatral como seu pai, o empresário e escritor Luís Galhardo.

Agora era preciso restabelecer o verdadeiro fundo da inspiração portuguesa, determinar que temas a poderiam servir. A actividade literária de Garrett gastou-se muito nisso. O *Romanceiro* era uma recolha para instrução de poetas. O teatro garretiano, àparte o *Fr. Luiz de Sousa*, não passaria de um passeio técnico por meia dúzia de assuntos nacionais. Para reforçar

Igreja de Azoia, onde o cadáver de Herculano foi depositado.
(Gravura de *O Ocidente* 1878, n.º 1)

o exemplo, Garrett metia-se a reformador administrativo e pedagógico do teatro, criava o palco oficial e o ensino dramático, adextrava os actores, revia as peças. No romance histórico, bastava secundar a acção de Herculano. Só quando quis revitalizar a prosa portuguesa, Garrett pôde deixar outra obra prima: as *Viagens*.

Da prática do romance histórico e da poesia ao serviço dos temas medievais saía lentamente uma doutrina, que uma ou outra dissertação estética, como as de Garrett nos seus prefácios e a de Herculano no *Repositório Literário*, ia robustecendo.

A segunda geração romântica recebeu essa doutrina com docilidade e entusiasmo. Ia-a glosando, desdobrando, passando à prática. Mas visão portuguesa, essência portuguesa em literatura não pediam apenas uma carta de temas e um certo tom para tratá-los. Exigiam verdadeira fôrça íntima e uma expressão que fôsse a condutora dela. Ora, a geração era débil, sem génios, cheia de talentos mais reprodutivos do que capazes de criar. Sob o ponto de vista das idéias, se Rebêlo da Silva, por exemplo, tinha algumas, o seu forte não era a estética nem a crítica: habituara-se sobretudo ao raciocínio de tipo histórico, como Mendes Leal se especializara em patriotismo e política, Corvo e Marreca em economia, Bulhão Pato em caçadas e ameijoas. E todos faziam das letras uma espécie de cozinhado de poesia, política, declamação, história, amor, tourada e pândega. Isto dava unidade à geração, mas tira-lhe valor permanente.

António Pedro Lopes de Mendonça conseguiu penosamente fazer de si o crítico da geração e, com o primeiro esbôço que o século conheceu dessa espécie literária, um modesto embrião do que foi Moniz Barreto para o realismo. É êle que tenta perceber os fins e meios da vida literária do tempo, pôr uma certa ordem na república das letras, disciplinar-lhe o quadro e os valores. As suas *Memórias de Literatura* e os seus folhetins fazem a escassa figura do que foram os *Lundis* de Sainte-Beuve para o romantismo francês.

Mas a sua crítica é pobre, quási inexistente. Conta-nos mais memórias do que argumentos de livros. É êle que dá o ano de 1839 como mobilização das fôrças românticas no país. A Sociedade Escolástico-Filomática de Lisboa e o Instituto Dramático de Coimbra concentram a vida literária, suprindo com actividades de club recreativo e patriótico a falta de hábitos especìficamente espirituais. Saem então os jornais literários mais activos: a *Crónica Académica*, o *Mosaico*. No *Mosaico* aparecem os primeiros solaus de José Freire de Serpa, as xácaras de Palmeirim, as poesias de Pereira da Cunha, de António de Serpa, de João de Lemos. É a ninhada do *Trovador*.

Na Sociedade Filomática o patriotismo e a filantropia são mais fortes que a literatura; a literatura é patriótica e filantrópica. Mendes Leal ensaia um teatro de tiradas, odes de sôpro político a heróis políticos. Gomes

Túmulo onde foi sepultado o cadáver de Alexandre Herculano, antes da sua transferência para os Jerónimos, pertencente ao seu amigo e vizinho, general Pedro Vieira Gorjão. (Gravura de *O Ocidente*, 1878, n.º 1).

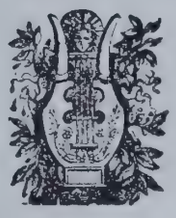
O

TROVADOR.

COLLECÇÃO DE POESIAS CONTEMPORANEAS,

REDIGIDA

POR UMA SOCIEDADE D'ACADEMICOS.



COIMBRA:
NA IMPRENSA DE E. TROVÃO,

1848.

REDACTORES E COLLABORADORES.

A. Cabral Couceiro.
A. Gonçalves Dias.
A. Maria do Couto Monteiro.
A. Pereira da Cunha.
A. de Serpa.
A. X. R. Cordeiro.
A. Lima.
Ayres de Sá Pereira e Castro.
Evaristo Basto.
F. de Castro Freyre.
F. Palha.
H. O'Neill.
J. A.
J. da Costa Cascaes.
J. Freyre de Serpa.
J. Fructuoso.
D. João de Azevedo.
J. de Lemos.
J. M. Borges.
J. A. Palmeirim.
L. Correia Caldeira.
L. da Costa Pereira.
L. da Silva Mousinho d'Albuquerque.
Nuno Maria de Sousa Moura.

* *
*

Frontispício e lista de colaboradores de *O Trovador*

de Amorim canta *Garibaldi* e *A Queda da Hungria*. E a pena de morte entra na ordem do dia dez anos antes de Lamartine.

É Lopes de Mendonça que atribui a Freire de Serpa, entre 1839 e 1840, e a João de Lemos, entre 1841 e 1842, o desvio dos estudantes de Coimbra da arruaça académica para o culto das letras, e logo o ensino universitário marcou uma melhoria de maneiras. Em 1843-1844 estampa-se o primeiro *Trovador*. Aparecem os primeiros poemas em volume. Augusto Lima, de quem ficou uma das poucas composições aproveitáveis do *Trovador (Silêncio)*, pede ao crítico da geração para lhe prefaciar os *Murmúrios*:

Que noite sombria,
De lenta agonia
Na face do mundo
Que triste nudez!
Que sêlo profundo
Escrito não vês?

O movimento agrupava literatos já de meia idade, como Francisco de Castro Freire, especializado em traduções, e novatos da camada de O'Neill. O grosso da coluna era composto pelos convivas do pic-nic poético da Lapa dos Esteios e aderentes: Couto Monteiro, Correia Caldeira, Rodrigues Cordeiro, o do *Almanaque de Lembranças*. Como diz Lopes de Mendonça, «não se jurava senão por Vítor Hugo e Dumas»; mas o juramento era feito sôbre um evangelho adaptado, mais choroso que o original.

Como tôdas as gerações literárias que bebiam no Choupal, esta formava-se fora da Universidade ensinante, se não contra ela. Mas a oposição não era de tipo reformativo e revolucionário, como foi a de 1865; era um mero isolamento de almas mais sensíveis que as dos lentes.

Aos interêsses políticos e patrióticos tratados na Filomática respondia, em poética, o queixume amoroso encenado à medieval. Freire de Serpa e sobretudo

Palmeirim eram os bardos mais ouvidos. Freire de Serpa descobrira a melhor maneira de carpir, fixando-a no solau. Palmeirim, o Béranger caseiro, definira a xácara. Eram acomodações estróficas do romance peninsular ao tom fantástico e confissional da lira romântica. O verso encurtara-se para que a rima viesse mais vezes, tirando-se da sua sonoridade os efeitos

Inácio Pizarro de Morais Sarmento, autor de *O Romanceiro Portuguez*

tétricos e melancólicos do conjunto. A xácara era narrativa e plangente, uma espécie de conto lírico, trepadeirinha poética no muro do romance histórico. O solau era quási um *lied*, mais amoroso, com os donzéis mais diáfanos e as pontes levadiças menos perras, ao mesmo tempo próprio para a recitação e *cantabile*. Mas ambas as formas, e as que não entravam numa espécie nem outra, tentando já o molde nobre da composição liberta do folclore, procuravam cortar a monotonia de tanto amor de cenário com um tom puramente interior, vagamente lamartiniano.

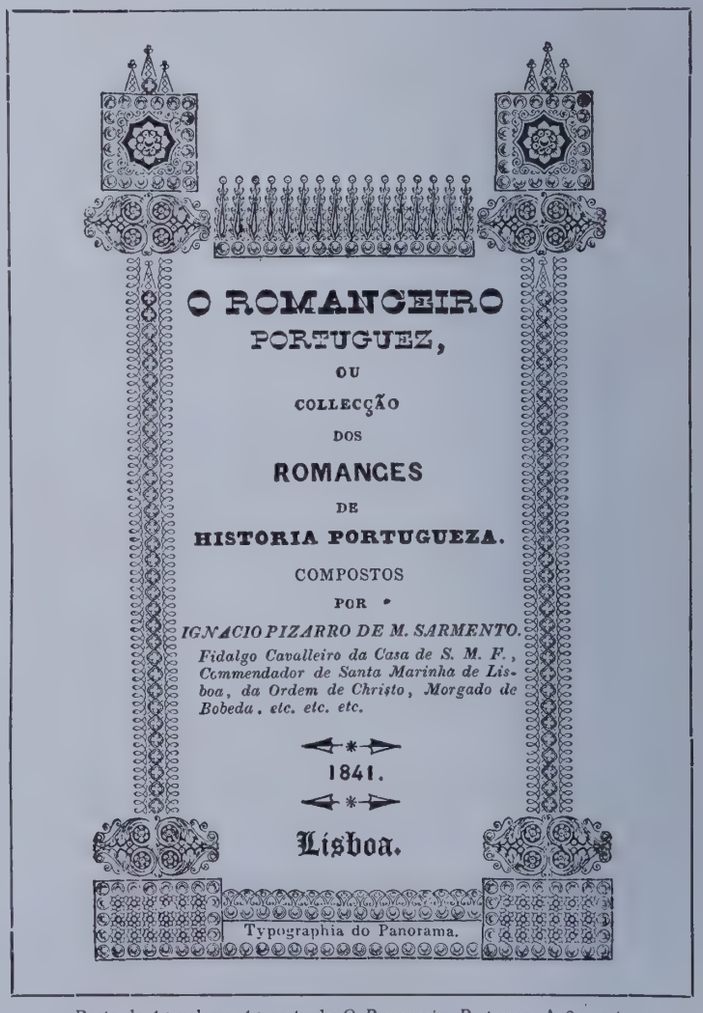
Era esta débil linha poética que justificava a convicção de Palmeirim ao falar, nas *Recordações*, dos seus «hinos de cristão». Rebêlo da Silva o dissera: «sem se crer não se cria». E Palmeirim cria e criava tanto ou tão pouco à portuguesa, que Lopes de Mendonça o considerava «de todos talvez o mais perto das recordações nacionais».

Um escritor como Camilo, romântico pela configuração sentimental e por alguns atrasos de estilo, mas livre do maneirismo da época, ao inventariar os motivos trovadores na *Boémia do Espírito* — «cavaleiros, pontes levadiças, pagens, menestreis, monges e lâminas de Toledo» — acrescenta: «Eu já fisgava osgas nos escombros contemporâneos». São fenómenos de transição, datáveis de 1850. Já nesse tempo, referindo-se às «liras, teorbas e alaúdes» do *Trovador*, Camilo diagnosticava a «esterilidade fecunda das crises literárias».

Mas a consciência dessa decrepitude é tardia. Até 1860, pelo menos, a voga pertence aos poetas oriundos do *Trovador*. O credo poético permanecia fundamentalmente o mesmo. Houvera, porém, uma viragem de atitude lírica e uma certa reforma de expressão. O solau e a xácara perdiam a sedução das salas. Demasiado presos à tirania da viola, não davam aos poetas a satisfação puramente literária de uma composição à escrevaninha, destinada à lenta e intelectual assimilação pela leitura. Além disso, no cárcere desgrenhado e choroso das peças dos «poetas *moyen âges*» actuara a oficina de Castilho, o seu vasto saber de ritmos e de arranjos, o seu gôsto pela musa horaciana, a sua frieza emotiva. Isto e a elegância da comunicação lírica reaprendida em Garrett, a áspera comoção de Herculano, sentida com mais vagar na *Harpa do Crente* e em geral nas *Poesias*, cuja primeira edição é de 1850, preparou o terreno para a poesia já responsável de que Soares de Passos é o autor mais representativo.

As melhorias de metrificação e de estilo, a simples acalmia sentimental, ficam para alguns poetas do *Trovador*, com João de Lemos à frente. Além do *Silêncio* de Augusto Lima, ainda se apura, naquele jornal poético, uma ou outra coisa, como *A Partida* de Ecaristo Basto, folhetinista do Pôrto:

> Cara estância onde eu nasci,
> Berço meu que me embalaste,
> Puro céu que me cobriste,
> Doce mãi que me criaste.


O ROMANCEIRO
PORTUGUEZ,
OU
COLLECÇÃO
DOS
ROMANCES
DE
HISTORIA PORTUGUEZA.
COMPOSTOS
POR
IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO.
Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. F., Commendador de Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bobeda, etc. etc. etc.
1841.
Lisboa.
Typographia do Panorama.

Rosto do 1.º volume, 1.ª parte de *O Romanceiro Portuguez*. A 2.ª parte é do Pôrto, 1845, da Typographia Commercial. O rosto tenta imitar tipográficamente êste volume.

O «Romanceiro Portuguez» de Inácio Pizarro de Moraes Sarmento

DUARTE D'ALMEIDA

Gravura de *O Romanceiro portuguez* de Inácio Pizarro de M. Sarmento.

CANTO I

« *Nem a espada, nem a lança*
Posso nas mãos empunhar . . .
Ai de mim ! Triste lembrança ! . . .
Nem bandeira tremolar
Nem bordão de peregrino
Pode meu corpo arrumar ! . . .
Nem, o meu pranto contino,
Tenho mãos para limpar ! . . .
Luiza ! já me esqueceste ? . . .
Talvez tu ora suspires
Por outro ! . . . se tal fizeste . . .
Coração ! ah ! não delires . . .
Morto já, tu me julgaste,
E se agora assim me vires,
D'aquelle a quem tanto amaste
Talvez agora fugiras.
Talvez nobre cavalleiro
Poude alcançar tua mão . . .
Queira o céo morra eu primeiro,
Não saiba a tua traição.
Que eu antes quero da morte
Ter gelado o coração,
Do que ver amor tão forte
Ter em premio a ingratidão.

Gravura que acompanha o romance *Fernão Rodrigues Pereira.*

CANTO I

Por as terras da fronteira
Caminhava um peregrino ;
Traz na capa uma vieira
Gasta já do usar contino ;
Traz o bordão, e as contas.
Traz nos pés umas sandalhas,
Seu barrete não tem pontas,
O seu gibão sam mortalhas :
Um cordão de rijo esparto
Cinge o corpo estreitamente,
Seu par'cer, de magoas farto,
Mostra as magoas que alma sente :
Suas barbas sam grisalhas,
Seu cabello é todo cam,
Nem tezouras, ou navalhas,
De ha muito, sabe o que sam ;
Seu olhar scintilla fragoas ;
Fogo ardente, abrasador
Que devora as turvas agoas,
Que dos olhos vem á flor :
. . . . . .

Gravura que acompanha o romance *Gaésto Ansor.*

CANTO I

Tudo sam festas, folgares
Nos paços do nobre Ansor ;
Invençoens mil singulares
Se preparam com primor ;
Ardem brandoens nos altares ;
Vai coroar o seu amor. »

O castelo está em festa mas

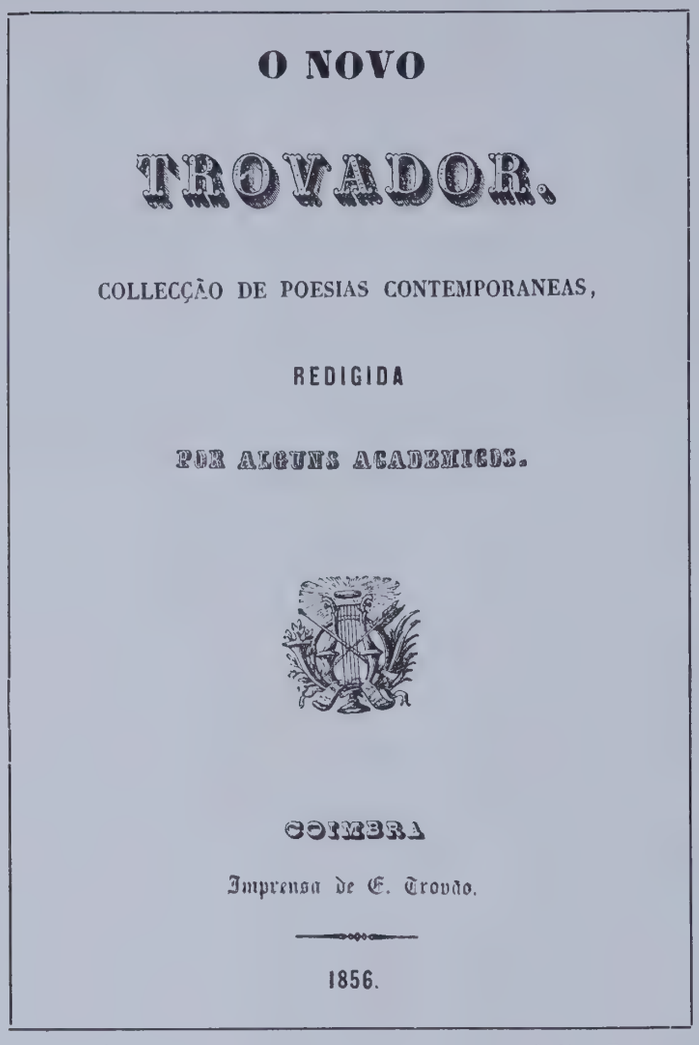
Ao romper d'alva partira
Gaésto Ansor do castello :
Foi buscar a dona Elvira,
Das perfeições o modelo ; »

Espera-se Ansor mas são os mouros que atacam o castelo, Topam Ansor com Dona Elvira que regressam e vencem a comitiva.

« *Os mouros levam captivas*
Elvira, as cinco donzellas :
Muito mais mortas que vivas
Vam as coitadas tão bellas :
Os mouros vistas lascivas
Audazes lançam por ellas.

« *Os christaons foram vencidos,*
Vencido Gaésto Ansor ;
Ismaél julga cumpridos
Os votos do seu amor
No castello só gemidos
Ouve agora o trovador.

e assim continua . . .



O NOVO

TROVADOR.

COLLECÇÃO DE POESIAS CONTEMPORANEAS,

REDIGIDA

POR ALGUNS ACADEMICOS.

COIMBRA

Imprensa de E. Trovão.

1856.

O Novo Trovador, *é colaborado por Alexandre Braga, Alfredo de Carvalho, A. Ayres de Gouvêa, A. A. Soares de Passos, A. P. da Cunha, A. R. Cordeiro, A. F. Palha, Guilhermino Augusto, J. Freire de Serpa Pimentel, J. de Lemos, J. dos S. Costa Lima, J. S. da Silva Ferraz, J. X. V. de S., e **, e é dedicado* Á Memoria de Almeida Garrett, homenagem saudosa. *Constitue um volume de 208-4 págs. e insere 62 composições poéticas. Algumas adquiriram grande popularidade e entre essas podemos apontar* O Escravo *que se cantava na música do fado Sepúlveda e que foi até muito recitada em Sociedades e* soirées; Infancia e Morte, *de Soares de Passos, que não houve cego papelista ou menina romântica que a não cantasse, e* A Capela do Ermo *de J. de Lemos que foi muito cantada ao fado, mesmo dezenas de anos depois da sua publicação.* O Novo Trovador *completa* O Trovador *e são duas espécies bibliográficas de grande interêsse para a literatura romântica.*

O Novo Trovador, que succedeu ao *Trovador*

É uma coisinha simples, doméstica, levada num fio de dôce evocação. Ainda traz algum rasto do lugar-comum romanesco, a adjectivação de tabela, o balanço simétrico da ennunciação, mas já tem um lançamento mais puro, limpo da lágrima fácil. É neste cavalo (para falarmos em termos de enxertia) que João de Lemos cravará o garfo melodioso da *Lua de Londres* e Tomaz Ribeiro a bonita folhagem da *Judia*.

Pinheiro Chagas, que representa êste mesmo progresso no romantismo em prosa, dá nos *Estudos Críticos* as razões desta moderação poética, representando em Castilho, ao mesmo tempo, uma das causas dos desmandos e o remédio eficaz contra êles. Castilho «entrara pelas pontes levadiças dos castelos feudais», despertara «os êcos das góticas salas»: «fôra caso para grande alegria nas tendas dos românticos». A «virgem dos alcantis» entrevistara-a êle. Mas logo ensinara a prudente adaptação destas coisas à medida e ao feitio nacionais. Não estabelecia a transição: era o conciliador, o razoável. «Deixem doidejar as walis ao clarão da lua nas florestas germânicas»; «corresponda cada poesia à sua época»; não «nos apareça Edipo com um chapéu à Luiz XIV», «a filha do capitão-mór da terra com um fato de Corina», Por êle «as engomadeiras deixaram de ser ninfas, e passaram a ser castelãs». Em suma, «não transformou a lira em alaúde: empunhou-os juntos, o verdadeiro alaúde e a lira verdadeira».

Propriedade de temas, afeiçoamento, justeza cronológica na linguagem e no aderêço dos figurantes, arredondamento e pulimento da composição, gôsto do cavaco literário, das capelas de flôres, das lapinhas poéticas, — eis os principais mandamentos de Castilho. Mas êste esteticismo de *robe-de-chambre* só predomina no outono do romantismo, que se prolonga até 1870, quando já não há sinceridade no «delírio» nem mochos nos cemitérios. É o clima poético de Tomaz Ribeiro.

Se quisermos surpreender o movimento na sua fôrça temos de pedir às salas o segrêdo da *Lua de Londres* e do *Noivado do Sepulcro*. Estas duas composições oferecem a vantagem dos documentos. Não é o crítico que as escolhe: é a voga que as cria. Desde 1839 que os *Solaus* de Freire de Serpa tinham formado um público romântico especializado em lágrimas; Inácio Pizarro continuara a lição com o *Romanceiro Português* em 1841. Pizarro não tinha fôlego lírico: era um simples versificador que vulgarizava a história e a lenda. Ambos cantavam os lugares solitários e os cavaleiros fantásticos. Freire vestia Cindazunda e *A Moura do Deserto*; Pizarro *O Pagem de D. Denis* e *O Cavaleiro da Cruz*. Pouco a pouco, as senhoras fixavam a toada dolente do canto-

Inácio Pizarro de Moraes Sarmento. Retrato publicado no I vol. da *Illustração Transmontana* — Porto, 1908, pag. 54 — acompanhando um artigo de Eugénio Pimentel.

zinho lírico; os rapazes aprendiam de cor o pessimismo sistemático, os amores de tumba e uma melancolia sem cura. Em 1851 as *Poesias* de Palmeirim, as de António de Serpa e os *Murmúrios* de Augusto Lima consolidavam a moda.

Se os solaus, as xácaras e os romances esqueciam, o trabalho de os recitar polarizou-se em poemas posteriores, mais libertos da ganga medieval. João de Lemos foi um dos bafejados da sorte. Ao contrário da maioria dos bardos, era um português velho, um miguelista. As suas viagens deram sinceridade à saudade dos campos natais. O «plúmbeo céu» de Londres pesou no seu exílio. Como Garrett, os seus sentimentos traziam o prestígio da emigração. O que não tinham era elegância, expressão que apoiasse a autenticidade das emoções; por isso o seu *Cancioneiro* ficou como um album particular: morta a causa poética, os efeitos poéticos corromperam-se. Nas *Canções da Tarde* já nem há rasto de lirismo; são *Horas Vagas*, entretenimentos em verso de um veraneante de Buarcos.

Em 1851, ano de grande fertilidade romântica nos prelos, uma nova camada publica o *Novo Trovador*. Mas as *Vozes de Alma* de Alexandre Braga ou as *Harmonias* e os *Cantos* de Silva Ferraz são puro papel para amarelecer; o grupo, a que Aires de Gouveia traz um pouco de eloqüência e de mundanismo, só se justifica em Soares de Passos. É êle que dá os pergaminhos do ultra-romantismo, deslocando de Lisboa para o Pôrto, com passagem por Coimbra, a sede da poesia chorada.

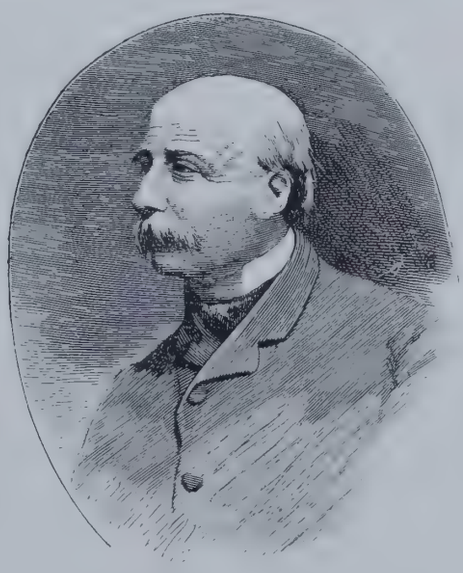
O Norte já tinha contribuído largamente para as fileiras românticas; mas Lisboa ainda era a capital literária; os mestres e os discípulos de maior cartel estavam lá. Coimbra servira, como sempre, de fixador sentimental; dava ambiente, a sugestão dos choupos, um lugar repousado para compor.

A poesia de Soares de Passos tem o suporte de um rapaz sério, verdadeiramente triste, que dispunha de um vocabulário escorreito e de um discernimento capaz.

É essa boa cabeça que sustenta uma certa altura no *Firmamento*, poema sem grandes versos, de uma emoção discutível, mas largo, afoitando-se a pensamentos sôbre a imensidade do universo e o nada do homem. O romantismo, com esta composição, volta às paragens da *Arrábida* e ao *Deus* de Herculano. O resto das *Poesias*, de Soares de Passos são meditações menores, encostadas a uma boa linguagem romântica, e as narrativas «ferais» que fizeram a popularidade do poeta. O *Noivado do Sepulcro* ecoa o tema que Castilho, na *Noite do Castelo*, fôra buscar ao arsenal de Uhland e de Ossian, autores que Soares de Passos adapta ou glosa, traduzindo já um pouco de Heine. Mas o humor de *intermezzo* não o contagia. Nascido em 1826, filho de um droguista do Pôrto, Soares de Passos exprime bem êsse romantismo de alma que foi a desforra do espírito burguês da Rua das Flores romantizado por Camilo. A sociedade portuense de Ricardo Guimarãis e Arnaldo Gama, de Camilo e de Fanny Owen, não ficaria completa sem êste poeta fúnebre, ainda lembrado da fôrca da Praça Nova, e portanto experiente do diálogo da vida e da morte — para mais, tuberculoso. O Pôrto dos «brasileiros» camilianos e dos inglêses de Júlio Denis encontrava em Soares de Passos o homem melancólico, seu resgate sentimental.

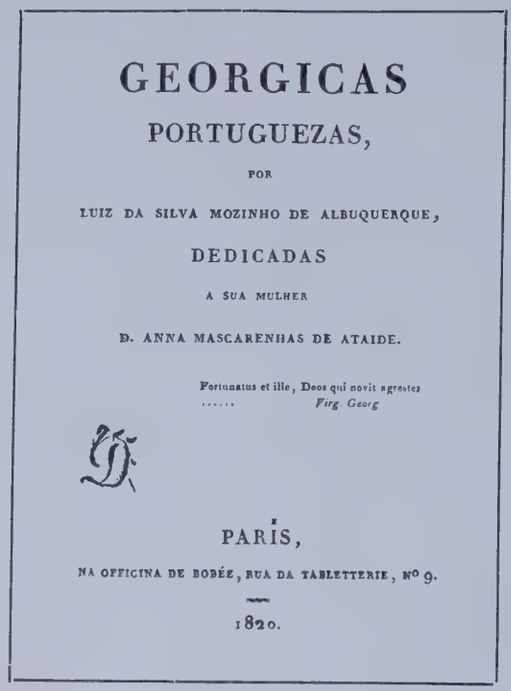
Soares de Passos conhecia muito bem a técnica da narrativa romântica; trazia a episódios da vida quotidiana sentimentos e cenas que andavam só nos cenários medievais. Assim, pôde interpretar a atitude íntima das leitoras de xácaras, consolá-las de uma irrealidade de balada com casos de tristeza dêste mundo e de famílias

José Guilherme Lobato Pires
(Do *Archivo Pittoresco*, vol. VII — pág. 344)



António Pereira da Cunha
(De *O Occidente* de 21 de Maio de 1890)

Luiz Corrêa Caldeira
(Do *Archivo Pittoresco*, vol. VII — pag. 89)



GEORGICAS

PORTUGUEZAS,

POR

LUIZ DA SILVA MOZINHO DE ALBUQUERQUE,

DEDICADAS

A SUA MULHER

D. ANNA MASCARENHAS DE ATAIDE.

Fortunatus et ille, Deos qui novit agrestes
..... *Virg. Georg*

PARIS,

NA OFFICINA DE BOBÉE, RUA DA TABLETTERIE, Nº 9.

1820.

do Pôrto. Daí a imensa voga de poesias como *O Noivado do Sepulcro*, a cena comovedora da filha que chama pela mãi em *Infância e Morte*, a tristeza pianística do *Adeus* que Eça de Queiroz faz cantar à Amèliazinha nos seus arrufos com o P.e Amaro. Passado o estado de espírito que provocara tal poesia, a maior parte dos seus valores estavam condenados a morrer.

O quadro do segundo romantismo completa-se com gente quási tôda de Lisboa, a roda de Garrett e Herculano. Uns, como Mendes Leal, Palmeirim e Bulhão Pato, tinham trazido uma vasta contribuïção poética, mas a maior parte brilhavam na história, no romance histórico, no teatro, no folhetim, nas memórias. Percorriam a escala dos géneros sem se fixarem em nenhum. A prosa e o verso eram instrumentos indiferentes com que davam largas à sensibilidade e a uma oratória irreprimível. Por isso, o nosso balanço apura mais tipos literários do que idéas e obras. É uma rèpública das letras agitada, convicta da superioridade do passado sôbre o presente, mas bem agarrada à sua hora, certa de que as lendas e proezas nacionais valiam mais que a mitologia, e um albornoz muito mais que uma clâmide, Garrett tanto como Camões, Castilho mais do que Bocage. Norte supremo: um cristianismo condescendente e uma liberdade bem falante. Mestre difícil de imitar: Garrett. Orago: Herculano.

Reüniam-se em volta do orago, na sua casinha de bibliotecário, ao pé do palácio da Ajuda. Os salões literários e políticos abundavam; a literatura era mundana; a aristocracia dourava-se constitucionalmente com ela. Fôra para amigos do Conde de Farrobo — a sociedade do «delírio» — que Garrett reservara a «première» do *Fr. Luiz de Sousa*, dada na quinta do Pinheiro. Lá recrutara, entre as intérpretes, uma das suas admirações: D. Maria Kruz. Nos serões do tempo conheceu, já maduro, a Viscondessa da Luz, inspiradora das *Folhas Caídas*. Quando se sentia farto de bailes e amores fazia uma cura de repouso na Ajuda, mas levando o seu complicado estôjo de *toilette*, como em 1849.

A par com a vida dos salões, a dos cafés. O Marrare era a capital das letras, no Chiado. Por lá aparecia Herculano às segundas e quintas, pontificando no que Camilo chamou «o retiro subterrâneo». Ia-se cear ao Penim e jantar a um italiano do largo do Corpo Santo, e nessas sortidas gastronómicas Bulhão Pato apurava a técnica do paladar. O Duque de Palmela oferecia jantares no Lumiar; outras vezes os íntimos de Herculano iam à Tapada, a casa de José Maria Grande, com o Marquês de Sabugosa, os Câmaras e outros fidalgos espirituosos. Assim as letras se tornavam o nível da sociedade portuguesa, trazendo as classes ao convívio, e pelo convívio à fusão.

Herculano era andarilho: passeavam pela serra de Monsanto. *A Cruz Mutilada* saíu de uma excursão a Sintra; *A última Corrida de Toiros em Salvaterra* foi inspirada a Rebêlo da Silva numa tourada de amadores no Campo de Santana, em 1848, e lida no dia seguinte, no meio de grande entusiasmo, no café dos estúrdios, ainda hoje tauromáquico, — o Suíço. Aí se reünia a mocidade que ouviria cantar a Severa e dava cabo das últimas fortunas da Índia e do Brasil dançando, declamando e pegando à unha. O próprio Lopes de Mendonça, um dos mais intelectuais do bando, pegava toiros em Sintra. E Bulhão Pato realizava o tipo acabado do romântico produtor e mundano, galanteador e perito em pitéus, sempre apaixonado, com uma voz de veludo, cava e patética, grande caçador.

Viera de Bilbau pequenino;

I — Frontispício das «*Georgicas*» de Luís da Silva Mousinho de Albuquerque

II — João de Lemos (De *O Occidente*, de 11 de Março de 1890)

III — António de Serpa Pimentel (De *O Occidente*, 1890)

Companhia Editora do Minho - BARCELOS

D. PEDRO V

Grande amigo de Herculano, e, como moralista, uma legítima figura do romantismo português.

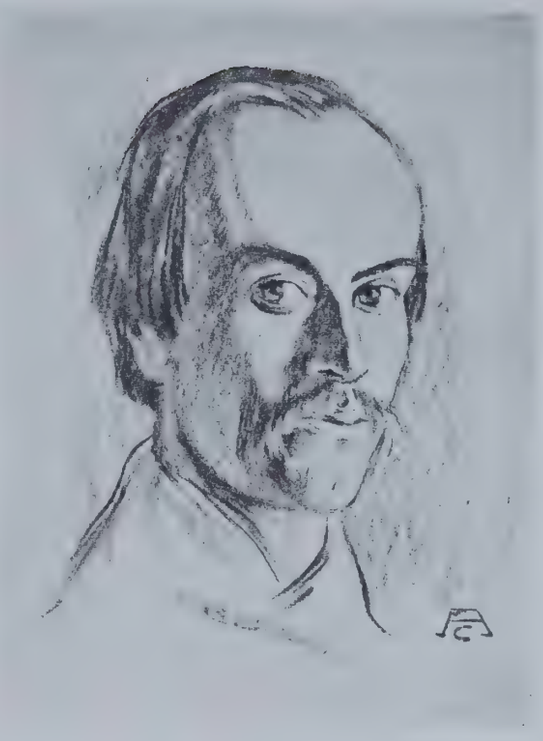
(Quadro a óleo da Associação Comercial do Pôrto)

ainda se lembrava de Zumalacarregui, dos aventureiros carlistas da galeria de Baroja. Tinha um ar espanholado, que Lupi apanhou muito bem no quadro do Museu Contemporâneo: fronte alta, ganforina abundante, os olhos quentes, e uma pêra de fauno casto. Eça de Queirós protesta que o não tomou para modêlo do Tomaz de Alencar dos *Maias;* mas, se Pato se sentiu, é que a carapuça lhe assentava.

Herculano conheceu-o em 1847, tinha Pato quinze anos. Já compunha e recitava com o mesmo panache com que morreu serôdio em 1910. Disse uma das suas primeiras poesias, *Se coras, não conto...* Era um dêsses quadrinhos do pudor tão queridos dos românticos, com a melodia certa, o encanto de uns olhos baixos. Não se pode pedir poesia a isto, mas pedia-se graça e animação. Esta poesia não tinha nada de fúnebre, freiras à fôrça, desesperos: era o sal dos costumes, uma espécie de boa educação metrificada. Com isso e com certo sentimento da natureza — a païsagem do Monte da Caparica, os zambujeiros das caçadas — Bulhão Pato fêz a sua reputação.

O valor dêste homem não está no que cria, que é nulo, como a sensaboria da *Paquita*, mas a sua atitude é cem por cento romântica, a sua pessoa ficou como um tipo. Foi o único que teve o sentido anedótico do seu tempo, porque se Castilho ensinou à sua roda o interêsse das memórias, escrevia-as como sedentário, para fixar a glória literária ao seu bufete. Pato resolveu depôr humanamente sôbre os grandes homens com quem privou, e disso fêz o encanto de livros como *Sob os Ciprestes* e *Memórias*. Oliveira Martins elogiou-lhe os *Ciprestes*, lamentando o excesso do tom de elogio histórico em prejuízo das notas íntimas. Mas *Os Últimos Momentos de Alexandre Herculano*, que Gonçalves Crespo classificou de obra prima, são na verdade uma espécie de *Morte de Sócrates:* a madrugada orvalhando as janelas de Vale de Lôbos, o mestre a dizer na agonia: «Vocês agora é que ficam sendo os velhos».

Outro discípulo amado da «Jovem Lusitânia» é Rebêlo da Silva. Realizava o tipo completo do «talento», com uma grande abundância verbal e o sentido do grandíloquo na história. Os seus *Fastos da Igreja* são uma mísera réplica dos *Mártires* de Chateaubriand, um simples florilégio de vulgarização. Pouco mais valem as suas tentativas de romance histórico. No *Rausso por Homízio* retoma o tema da vingança do *Monge de Cister*, mas com má urdidura, arcaísmos deslocados, diálogo inverosímil, uma ênfase que estraga tudo. Onde deu a medida da sua prosa foi na *Última Corrida*, em que o quadro é vivo, a emoção graduada e intensa. A fúria do Conde dos Arcos estocando o toiro que lhe matara o filho é um acesso bem peninsular, e Rebêlo, pintando-o, descobriu a mina de evocações históricas que alimentaria uma prosa, como a portuguesa, necessitada de casos acontecidos e de ambientes decorativos para imaginar um pouco. O romance histórico passava da Idade Média, demasiado remota para falar aos novos tempos, à vida portuguesa dos séculos XVII e XVIII, que o próprio Rebêlo e Latino Coelho tratariam na história. *Lágrimas e Tesouros* e *A Mocidade de D. João V* ocupavam-se de figuras e paixões mais próximas do leitor. Andrade Corvo, com uma prosa menos inflamada, maior sentido das proporções e algum faro psicológico, dava em *Um Ano na Côrte* uma intriga interessante, o escândalo de D. Afonso VI. Estava achada a matéria para uma literatura de larga fortuna no público,



A. Soares de Passos

Três retratos de Soares de Passos:

I — Desenho de António Carneiro no livro *Grandes de Portugal* do Visconde de Vila-Moura e António Carneiro.

II — Reproduzido da gravura de Nogueira da Silva e Caetano Alberto *(Archivo Pittoresco*, vol. VII, pág. 125).

III — Reproduzido de uma gravura da época, com o fac-simile da assinatura do poeta.

Casa onde nasceu SOARES DE PASSOS, na Praça de D. Pedro, no Pôrto.
(Das *Poesias*, 9.ª ed. Pôrto 1908).

a prosa decorativa que vem até Júlio Dantas e Carlos Malheiro Dias, o drama histórico que se estende até Marcelino de Mesquita e D. João da Câmara.

O próprio Rebêlo tenta o drama romântico, que Mendes Leal e António Enes continuam. Mas o exemplo do *Fr. Luís de Sousa* não deu frutos. Os discípulos de Garrett ficaram-se numa desbotada côr local, no patriotismo aprendido em *D. Filipa de Vilhena*, nos tamboretes e bufetes da «esquerda baixa». A fôrça dramática esvai-se no pormenor histórico, o jôgo dos figurantes empeça no excesso dêles e na muita história sabida pelo dramaturgo. É o caso de *Os Dois Renegados* (1839), em que Mendes Leal aproveita frouxamente o que Herculano lhe ensinara a ver na Inquisição. Os inquisidores, Simão Afonso, Ester e Isabel vivem mais do talento histriónico do pai de Augusto Rosa e do Tasso, de Emília e da Talassi, e do saber de Emílio Doux como ensaiador, do que das suas acções de personagens vivos e das tiradas arcaïzadas.

O talento de Rebêlo e de Mendes Leal é mais exterior do que sincero. Falta a qualquer dêles a gravidade íntima que salvara Herculano, o tacto e a intimidade que explicam a obra de Garrett. Não sabendo estar a sós com a própria alma, refugiavam-se nas qualidades retóricas que tinham, na sua mundanidade, no sabor das palavras, na curva imponente com que viam os homens proceder na política liberal, e num passado apressadamente transmitido pela historiografia liberal, entendido apenas por fora. Mas o estilo de Rebêlo é copioso e decente; o que Mendes Leal escreve não é mal pensado. Mendes Leal encosta-se à sombra de Garrett como ministro e diplomata; Rebêlo um pouco, se bem que a sua compleição de académico comporte aspectos mais puramente literários. É orador, tanto oralmente como à banca. Mas a sua oratória não é tão sincera como a de outro romântico, José Estêvão, que faz dela o campo natural da sua expressão, uma coisa combativa e convicta, destinada a produzir efeitos governativos e eleitorais. Por isso José Estêvão dá uma bela estátua romântica, o tribuno da plebe, e Rebêlo um homem de elogios históricos, de panoramas, de memórias bem escritas.

Rebêlo e Bulhão Pato acolitam a glória de Herculano, são os seus projectores. Têm a seu cargo o protocolo dos jantares da casa da Ajuda, onde concorrem aos sábados todos os fiéis de *Eurico* e da liberdade. Tomam todos o *omnibus* de Belém, o «carrão», ou o vaporzinho que lá levava do Cais do Sodré por Alcântara. Mas se todos são bem-vindos, só Rebêlo e Pato têm verdadeira intimidade com o dono da casa, se encostam mais à sua imitação ou ao seu prestígio. A maior parte dos outros são simples eruditos, como Felner e Soromenho, políticos como Casal Ribeiro, fidalgos cultos como Sabugosa e os Câmaras. Alguns vêm ou vão para o Brasil, como Gomes de Amorim, Faustino Xavier de Novais, Emílio Zaluar. Pertencem ao coral dos poetas, mas são principalmente românticos de *quorum*, pessoal para o quadro dos sentimentos e idéias de património comum.

São êsses que dão àquela roda de literatos bons empregados públicos a nota de uma vida experimentada, o testemunho da païsagem exótica e dos sofrimentos reais. Gomes de Amorim encarta-se em biógrafo de Garrett, como Pato e Gomes de Brito em biógrafos de Herculano, mas cultiva ao mesmo tempo a poesia e a prosa descritivas, tenta com *O Cedro Vermelho* o romance do Amazonas, com os *Frutos de Vário Sabor* a novela contemporânea. E êste esfôrço não é isolado. À carga de história de Rebêlo e Latino responde o paisagismo de Pato e a «marinha» de Celestino Soares *(Quadros Navais)* e de Francisco Maria Bordalo.

O caso dêste oficial de marinha é o mais curioso para a novelística do século XIX. Não é que se trate de uma verdadeira vocação de romancista, fracamente documentada com o *Eugénio*. O tipo novelesco do herói romântico ficara-se pelo Eurico de Herculano e pelo Carlos das *Viagens na Minha Terra*. O Maurício das

Mausoleu de SOARES DE PASSOS no Cemitério da Lapa, no Pôrto.
(Das *Poesias*, 9.ª ed. Porto 1908).

António Xavier Rodrigues Cordeiro, fotografia da família, pertencente hoje ao Dr. Afonso Lopes Vieira.

Memórias de um Doido, de Lopes de Mendonça, não passa de uma acumulação de reminiscências de René, de Adolfo e de Obermann, a erudição de um crítico lido em Byron e Musset. Mas as *Viagens* e *O Pároco de Aldeia* tinham aberto o caminho a um romance contemporâneo, que esperava os seus romancistas. Bordalo achou o tom sóbrio para falar do mar, narrar histórias de bordo, descrever litorais e cidades distantes. Os seus *Romances Marítimos* são mais anedóticos que novelísticos, mas há sempre um fio de intriga, gente que se mexe, casos acontecidos. Um pilôto da galera *Amazona*, vendo-se sòzinho a bordo depois de uma tempestade, dispõe a sua última vontade, e lança-a numa garrafa ao mar. O navio de Bordalo apanha-a; o capitão lê à marujada a mensagem misteriosa. Bordalo vem a encontrar o suposto morto, feito capitão de um navio negreiro em Loanda *(Episódios de uma Viagem)*.

Com duas ou três pinceladas, Bordalo fixa uma ancoragem, com grande abundância de nomes de velas, que Amorim também versifica no seu popular *Marinheiro*. A sua narrativa tem qualquer coisa de romance de aventuras e de roteiro de longo curso. Não é Conrad, está claro, mas tem seu quê de Júlio Verne, é uma tentativa honesta de conto vivido, com poentes que ninguém lhe ensinou, grumetes que não vestem do guarda-roupa do Teatro da Rua dos Condes. A sua prosa, limpa e natural, se tivesse servido o talento de Júlio Denis, daria um romance menos enfadonho, mais pulsado.

Resumindo: A segunda geração romântica não faz mais do que engrossar a corrente de sentimentos e idéas que informam a época, espalhando-a na literatura e impregnando a sociedade constitucional de um estilo de vida novo. As individualidades não têm fôrça, as obras saem-lhes com um sêlo de mediocridade que não vale a pena esconder. Mas, pela declamação, pela poesia, pela história, afinam os costumes, dão à cultura uma carta de independência, ao espírito um fôro universalmente respeitado. Até ao romantismo tínhamos letras, não tínhamos leitura nem verdadeira dignidade intelectual comum a escritores e público. Foram os românticos que, pela devoção e ingenuidade com que acreditaram, durante vinte ou trinta anos, entre 1840 e 1870, no valor da sociabilidade pela literatura, na fôrça da consciência espelhada no passado, e no conhecimento da vida humana pela ficção, prepararam o terreno aos escritores de 1865-1890 para a criação de uma literatura moderna e europeia em Portugal.

X — OS HOMENS DA SEGUNDA GERAÇÃO ROMANTICA, ETC.

a) — Poetas

O núcleo que continuou a obra dos mestres românticos é conhecido pela geração de *O Trovador*. Foi realmente em Coimbra que os poetas se agruparam nas páginas dêsse jornalzinho, continuado depois em *O Novo Trovador*, embora sem o fogo que ardia no primeiro. Dos poetas de *O Trovador* uns lograram sobreviver-se, outros só nas páginas do curioso jornalzinho se encontram. Mas, embora hoje todos mais ou menos esquecidos, foi uma geração interessante e ainda não plenamente estudada, esta que dominou literatura e público até Antero e a sua geração a apagar de todo.

O Trovador. Collecção de poesias contemporaneas, redigida por uma sociedade de Academicos. Coimbra. Na Imprensa de E. Trovão. 1848. 8 — 400 pág. Redactores e colaboradores: A. Cabral Couceiro (1 composição), A. Gonçalves Dias (1), A. M. do Couto Monteiro (8), A. Pereira da Cunha (7), A. de Serpa (3), A. X. R. Cordeiro (34), A. Lima (36), Ayres de Sá Pereira e Castro (1), Evaristo Basto (4), F. *(F. de Castro Freire)* (7), F. Palha (4), H. O'Neil (4), T. A. (1), J. da Costa Cascaes (1), J. Freire de Serpa (30), J. Frutuoso (1), D. João de Azevedo (2), J. de Lemos (28), J. Marcelino de Matos (1), J. Maria Borges (1), L. A. Palmeirim (4), Luiz da Costa Pereira (2), Luiz Corrêa Caldeira (5), Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque (2), Nuno Maria de Sousa Moura (1), ** *(Garrett)* (1); * (1). A colecção é dedicada ao Instituto de Literatura e Arte Dramática de Coimbra pelos redactores. Cada número tinha 16 pág. tendo as primeiras 8 pág. sido colocadas depois de constituída a colecção. Na última pág. do 1.º n.º encon-

Raimundo António de Bulhão Pato. Página do *Calcanhar d'Achilles*, desenho de Rafael Bordalo Pinheiro.

Bulhão Pato, vestido de caçador, dispersa ao vento as manifestações do seu estro. Lebres e coelhos troçam do caçador, que o era, bom, e de velha escola.

tra-se a colaboração de Gonçalves Dias *Inocência*. Foi nêle que João de Lemos publicou pela 1.ª vez *O Sino da minha terra*, (que é datado de Pêso da Régua, 15 de Julho de 1843), *As quatro cordas da Lira* (Condeixa, 7 de Janeiro de 1848) e *A Lua de Londres* (Londres, 30 de Março de 1847). A. Lima dedica a Pauline Flaugergues 5 quintilhas, Garrett publica *No princípio dum album*, 8 quadras, datadas de Abril 13, e Luiz Augusto Palmeirim também nêle insere *O Bandido* e *Luiz de Camões*, duas das suas melhores poesias.

Foi editor e principal colaborador dêste jornalzinho, ou livro, A. X. Rodrigues Cordeiro, que em 1853 fêz em Leiria uma 2.ª edição.

RAYMUNDO DE BULHÃO PATO

Caricatura da época.

O Novo Trovador. Colecção de poesias contemporâneas. Redigida por alguns académicos. Coimbra, 1856.

João de Lemos, literàriamente, ou João de Lemos Seixas Castelo Branco, foi das figuras que mais impulsionaram o romantismo. Nascido na Régua viera a Coimbra (1841) para se formar em direito. Miguelista extreme foi depois membro do Conservatório, e redactor da Nação. A êle se deve, com Rodrigues Cordeiro, a fundação de *O Trovador* um dos pilares do templo romântico. Nascido em 1819, aos 6 de Maio, finou-se em 16 de Janeiro de 1890; «morreu de repente, quando defronte do espelho, punha a gravata no pescoço, para receber a visita do sr. António Pereira da Cunha, que o procurava em sua casa».

Completou a sua formatura em 1846 e em Coimbra escreveu o melhor da sua obra, ali no Teatro Académico viu representar as suas produções *Um susto feliz* e *Maria Paes Ribeiro*. Viajou, foi recebido por Pio IX. Carlos VI de Hespanha deu-lhe a comenda de Carlos III, e D. Miguel, que o encarregara de diversas missões, ofereceu-lhe em 1851 uma pena de ouro, ricamente trabalhada; a Academia das Ciências fê-lo seu sócio; e gozou de altas considerações pelo seu carácter êste velho e honrado romântico. Escreveu:

Cancioneiro de João de Lemos: 1.º vol. Flôres e Amores. Lisboa. 1858. 2.º vol. Religião e Pátria. Lisboa. 1859. 3.º vol. Impressões e recordações. Lisboa. 1866. *Poesias* de João de Lemos Seixas Castello Branco. Rio de Janeiro. 1847. *Gomes de Abreu avaliado pela imprensa de tôdas as côres políticas.* Lisboa. 1864 (anónimo). *À memória dêle:* tributo saüdoso da lealdade portuguesa. Reprodução dos artigos e poesias que publicou o jor-

Bulhão Pato
Fotografia pertencente a Henrique de Campos Ferreira Lima.

nal *A Nação*, de 17 de Dezembro de 1866. Lisboa. 1867. O *Livro de Elysa*. Fragmentos. Coimbra. 1869. — *Canções da tarde*. I. Últimos reflexos. II. Horas vagas. Lisboa. 1875. — *Serões d'Aldeia*. Pôrto. 1876. — *Recordações de Roma. No Coliseu*. Lisboa. 1879. — *Victoria linda*. Á Ex.ma Sr.a D. Maria da Conceição Pereira de Menezes. Coimbra. Imp. da Universidade. Fôlha avulsa. — *Os Frades. Defeza, justificação e apologia*. A 3.a ed., correcta e aumentada, é de Guimarães. 1884. — *O Tio Damião*. Poemeto lírico. Coimbra. 1887. — *A Egreja catholica e o seu clero regular nas sciencias, nas letras e nas artes. Abreviado estudo*. Pôrto. 1889. — *Os Arrozaes. Cartas de Amaro Mendes Gaveta sôbre a Pastoral do snr. Bispo de Coimbra acerca delles e considerações do mesmo Amaro relativas á cultura do arroz*. Figueira da Foz. 1881 (Pseudónimo). — *O Monge pintor*. Poema.

Fundou e dirigiu *O Christianismo* (publicação religiosa), Coimbra, 1843, de que saíram 2 números, e foi durante muitos anos redactor de *A Nação*.

Colaborou na *Revista Universal Lisbonense, Revista Academica de Coimbra, O Prisma, A Illustração, O Trovador, A Nação*, etc.

Retrato de Bulhão Pato e fac-simile da sua assinatura. (Da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil)*, 1.º ano, 1859, págs. 538-539, acompanhando um artigo de L. A. Rebêlo da Silva.

Sôbre êle consulte-se: *Diccionario bibliographico* de Inocêncio e B. Aranha, vols. III e X; *Revista Universal*, tômo IV, pág. 303; *Revista Academica*, págs. 1 a 7; *Periodico dos Pobres do Porto* (artigo de Pereira Caldas); Visconde de Juromenha, *Obras de Camões*. I. pág. 403; Cândido de Figueiredo, *Homens e lettras*, págs. 67 e 359; Martinho da Fonseca, *Aditamentos ao Diccionario bibliographico portuguez de Inn. Fr. da Silva; Illustração Trasmontana*, 2.º ano (art. de Rodrigo Solano), e as *Memorias de Litteratura contemporanea* por A. P. Lopes de Mendonça, que se ocupam também de Herculano, Rebêlo da Silva, Mendes Leal, José Freire de Serpa, do *Trovador*, de L. A. Palmeirim, A. de Serpa, Bulhão Pato, A. Pereira da Cunha, Andrade Corvo, etc. Pode também vêr-se *O Ocidente* de 1890.

Página do 6.º vol. do *Antonio Maria*, de Rafael Bordalo Pinheiro, sôbre a primeira representação do «Ruy Blas», tradução de Bulhão Pato. O tradutor e os intérpretes da peça.

António Pereira da Cunha. Nasceu em Viana do Castelo a 9 de Abril de 1819 e faleceu a 18 de Abril 1890, três meses depois de ter ido procurar João de Lemos, que morreu sùbitamente a vestir-se para o esperar. «Senhor de avultados bens de fortuna, tinha da mesma sorte muito gôsto artístico, de que é testemunho o magnífico castelo com pontes levadiças, fossos, ameias e tôrre de menagem, que possuia nos arrabaldes de Viana do Castelo». Como se vê viveu e morreu como perfeito romântico.

Foi miguelista e redactor de *A Nação*, Deputado e membro do Conservatório Real. Poeta, tem o seu melhor livro na *Selecta;* prosador, afirma-se nos *Brios heroicos dos portuguezes*. Foi também dramaturgo aplaudido. Escreveu:

— *Contos da minha terra*. Lisboa, 1842 e 1843 (2 volumes). — *As Duas Filhas*. Drama representado no Teatro da R. dos Condes. Pôrto, 1844. Outra ed. Rio de Janeiro, 1846. — *A Herança do Barbadão*. Drama em 3 actos, representado no Teatro D. Maria II. Lisboa, 1848. — *Não! Resposta nacional ás pretenções ibericas*. Tomo I. Pôrto, 1857. — *Brios heroicos de portuguezes*. Tomo I. Lisboa, 1861. — *Pedro*: poesia oferecida a S. S. o Papa Pio IX. Lisboa, 1864. — *Dom Miguel II*. Lisboa, 1869, de que diz o sr. Alberto Teles ter tido «nove edições em poucos mezes». — *Exercicios de rima, O voto de El-Rei*. Lisboa, 1872. — *Selecta*, Lisboa, 1879, livro de versos onde reuniu as suas melhores poesias, inclusivè *O voto de El-Rei*. É desta composição a descrição de Sintra que ninguém conhece hoje e que tantos elogios motivou a quando da sua publicação:

Das fragas a escama
O monte recama.
Um jarro vivaz
D'ali se desata
E em chuva de prata
No chão se desfaz.

Retrato de BULHÃO PATO, de *O Occidente*, vol. XIV, n.º 1, 1891, segundo uma fotografia do sr. Júlio Guerra. O conde de Valença publica nos números seguintes uma biografia.

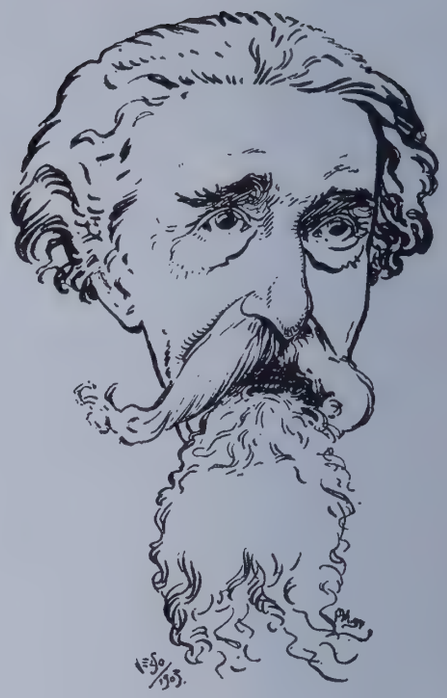
Depois, desde a penha
Nas silvas se embrenha,
São matos a flux ;
E a cauda arremeda
Da cobra a vereda
Que abaixo conduz.

Ao fundo se apinha
Do vale a raínha
Já éden, então.
Que alegre ela alveja !
As casas, a igreja,
E os paços lá estão !

Mais longe, se olhares,
Descobres Colares,
Sultana d'emir
Das relvas na alfombra
Que o choupo lhe assombra,
Lasciva, a languir !

Mas logo desmaia
Nas orlas da praia
A várzea . . . Não vês ?
E a pálida areia
O quadro rodeia
De triste aridez.

E o mar, que flutua
Na fímbria nua
Seu beijo a depôr,
Ao largo dormita . . .
Na zona infinita
De um céu, já sem côr !



BULHÃO PATO, *portrait-charge* de Celso Hermínio publicado no « Almanach d'*O Dia* » para 1905.

Colaborou na *Revista Universal*, na *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica* de Coimbra, no *Trovador*, na *Nação*, na *Fé Catholica*; colaborou também na obra *Passeios na Povoa*, com D. João de Azevedo e João Machado Pinheiro.

Sôbre Pereira da Cunha, além do *Diccionario bibliographico*, pode vêr-se *O Occidente*, 1890, artigo de Alberto Teles, etc.

MÁRIO PIZARRO DE MORAIS SARMENTO, foi fidalgo da Casa Real, Comendador de Cristo, deputado, e proprietário em Traz-os-Montes. Nasceu em Bóbeda, comarca de Bragança, em 22 de Novembro de 1807, e morreu em Chaves a 17 de Maio de 1870. Néo-clássico ou medievalista, depois dos versos dedicou-se à política. Frustrada esta, remeteu-se a uma vida de proprietário rural. Camilo estimava-o deveras. Escreveu:

— *Lopo de Figueiredo, ou a corte de D. João II.* Drama histórico em 3 actos. Pôrto, 1839. — *Diogo Tinoco.* Drama histórico em três actos. Pôrto, 1839. — *Henriqueta, ou o Proscripto.* Drama em 3 actos. Verso. Pôrto, 1839. — *O Romanceiro portuguez, ou collecção de Romances de historia portugueza.* Lisboa, 1841. Parte II. Pôrto, 1845. — *O Engeitado* : romance cristão. Pôrto, 1846. — *O Cantaro d'Agua* : Crónica do século XIV. Pôrto, 1846. — *Memorandum de Chaves, relativo aos acontecimentos do mez de Maio de 1846.* Pôrto, 1846.

A vivenda de BULHÃO PATO no Monte. *Serões*, vol. 8.º, 2.ª série, acompanhando um artigo de Maria O'Neill.

Colaborou na *Revista Litteraria do Porto*, *A Coalisão* (Pôrto, 1846), *O Pirata* (Pôrto, 1850), *Miscelanea poetica*, *Revolução de Setembro* (1841), *Pharol trasmontano* (1845), *Panorama* (1838). Sôbre êle consulte-se :

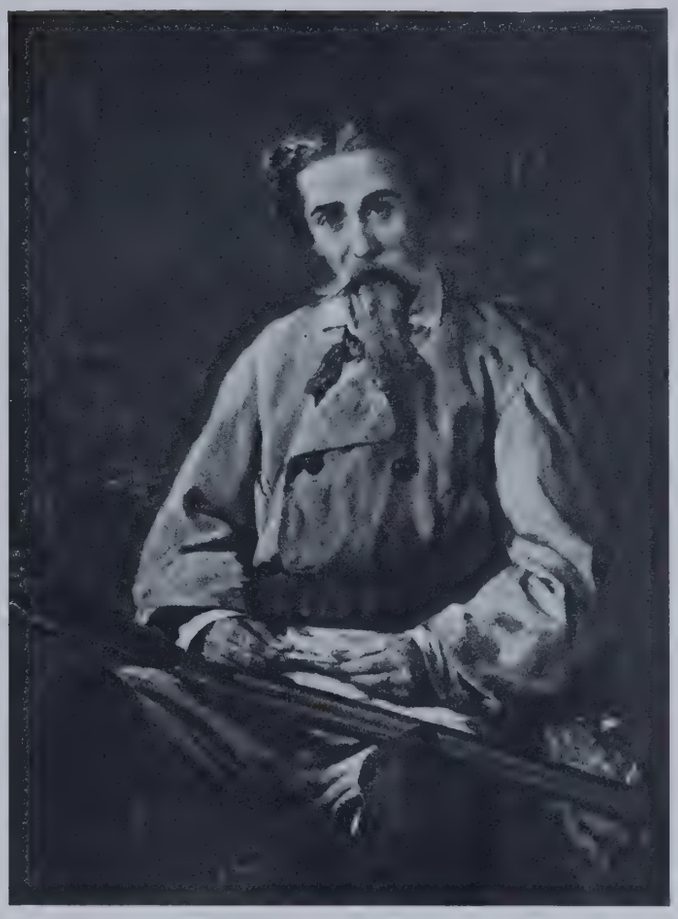
— *Diccionario bibliographico de Inocêncio*, vol. III e X ; — *Dicionário Universal de Literatura* por Henrique Perdigão. Barcelos, 1934.

Camilo C. Branco, *Esboços de apreciações criticas* — *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica de Coimbra*, vol. I, págs. 56 e seg. (artigo crítico de A. Braamcamp); — *Illustração Trasmontana*, vol. I (artigo de Eugénio Pimentel).

JOSÉ FREIRE DE SERPA PIMENTEL foi, com seu irmão António de Serpa Pimentel, um dos românticos de mais destaque. Foi 2.º Visconde de Gouvêa, Par do Reino, bacharel formado em direito, juiz, governador civil do Pôrto, sócio do Conservatório, do Instituto de Coimbra, etc. Nasceu em Coimbra em 21 de Novembro de 1814; faleceu em 22 de Janeiro de 1870. Escreveu :

— *D. Sisnando, conde de*

BULHÃO PATO
Retrato a óleo de Columbano Bordalo Pinheiro.



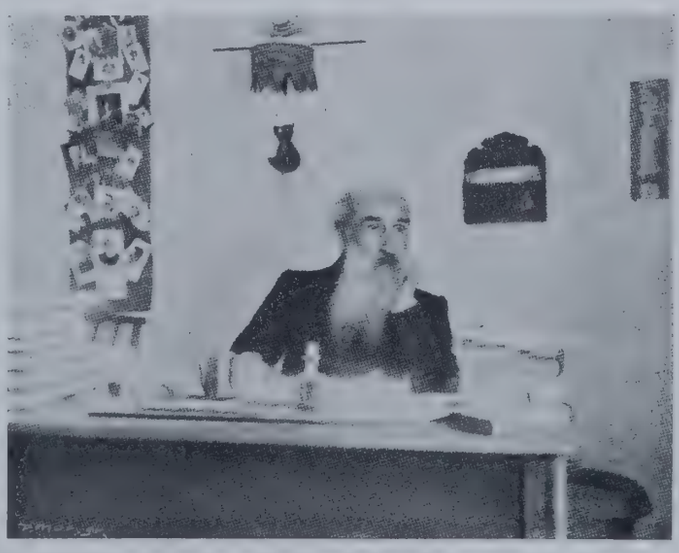
BULHÃO PATO
Retrato a óleo de Lúpi.

(Do Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa)

Coimbra. Drama em 3 actos, verso. Coimbra, 1838. 1.º vol. do Theatro do Autor. — *O Almansor aben-afan*, último rei do Algarve, drama em 3 actos, em verso, premiado pelo Júri dramático do Pôrto. Coimbra, 1840. — *D. Sancho II*, drama histórico (em prosa), rejeitado pelo Real Conservatório de Lisboa no concurso das peças para a chamada abertura do Teatro de D. Maria II, em sessão de 7 de Março de 1846. — *Paulo e Virginia, cantata dedicada ás belas conimbricenses*. Coimbra, 1836. — *Soláos*. Coimbra, 1839. — *Tradições cavalleirosas da minha pátria*: primeira época. Coimbra, 1840. — *A moura de Monte-mór*, romance. Coimbra, 1840. — *Cancioneiro; parte primeira: Soláos*. Coimbra, 1849. — *A morte da infanta D. Maria Telles*, episódio. Coimbra, 1841. — *O Infanção das trovas*, fragmentos de uma história. Coimbra, 1843. 2 opúsculos.

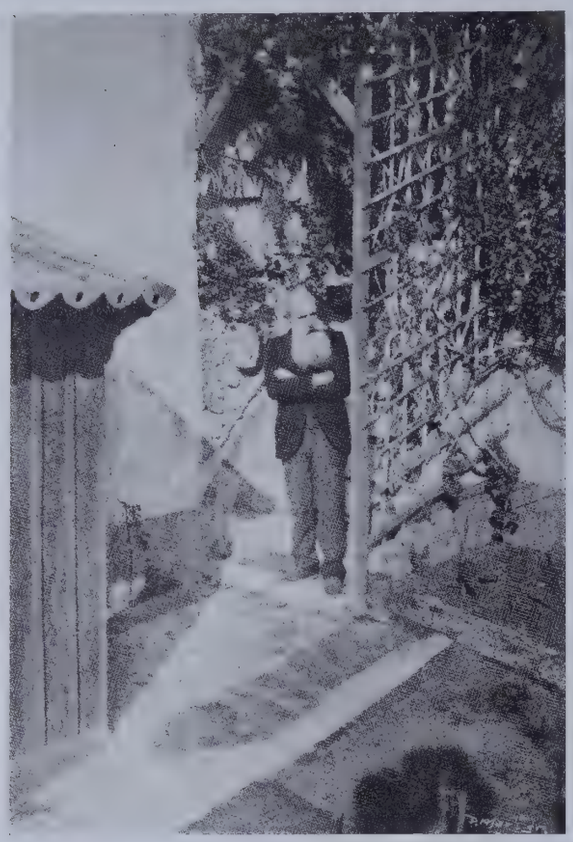
Colaborou: *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica* (1840), *Panorama* (1842), *Revista Universal Lisbonense* (1844 e 1846), *Ramalhete* (1840), *Revista Academica de Coimbra* (1845), *Mosaico* (1841), *Trovador* (1844), *Memorias do Bussaco*, *O Pharol* (1848), *Prisma*, *Illustração* (1846), *Revista Contemporanea*, etc.

Sôbre êle veja-se: — *Diccionario bibliographico* de Inocêncio e B. Aranha, vols. IV e XII, *Jornal do Conservatorio* (1840), *A Aurora* (1846), *Revista Academica de Coimbra*, *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica* (1840), *Revista contemporanea*, etc.



BULHÃO PATO no seu gabinete de trabalho (*Serões*, 1909. Vol. VIII da 2.ª série).

ANTÓNIO DE SERPA PIMENTEL nasceu em Coimbra a 20 de Novembro de 1825 e faleceu em Lisboa aos 2 de Março de 1900. Foi bacharel em matemática pela Univ. de Coimbra, lente da Escola Politécnica, deputado, par do reino, conselheiro, ministro, chefe do partido regenerador, presidente do Tribunal de Contas, coronel de infantaria, escritor, jornalista e



BULHÃO PATO no jardim da sua vivenda do Monte da Caparica (*Serões*, vol. VIII, 1909).

Inocêncio, vols. 1.º, 8.º, 22.º; *Revista Contemporânea* (1859), *Periódico dos Pobres do Porto* (1857), dicionário *Portugal*, etc.

Foi notável homem êste, e muito pranteado por sua morte. Era grã-cruz da Tôrre e Espada; possuia a Legião de Honra e muitas outras homenagens honoríficas.

AUGUSTO (José Gonçalves) LIMA — 1823-1867. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Foi administrador do Bairro do Rocio, etc. Escreveu:

— *Ardina*, romance-histórico (extraído da *Chronica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito). Lisboa, 1847. Verso octosílabo.

— *Carta de Sappho a Phaon, traduzida em versos portuguezes.* Lisboa, 184...

— *Murmurios.* Lisboa, 1851. Carta-prefácio de A. P. Lopes de Mendonça. Poesia.

Sôbre êle consulte-se: *Diccionario bibliographico* de Inocêncio, vols. 1.º e 8.º.

ANTÓNIO MARIA DO COUTO MONTEIRO — 1821-1896. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, Juiz, etc.

Deixou colaboração poética no *Mosaico* (1840), na *Revista Universal Lisbonense* (1843), no *Trovador* (1840), na *Estrella do Norte*. Escreveu um romance histórico, *Gonçalo Henriques, o Traga-Mouros*, que saíu no *Panorama*.

Em volume, publicou apenas:—*A Cabulogia.* Coimbra, 1844.

Veja-se sôbre êle: A *Revista Universal Lisbonense*, tômo IV, e as *Memorias da Litteratura contemporanea* de A. P. Lopes de Mendonça.

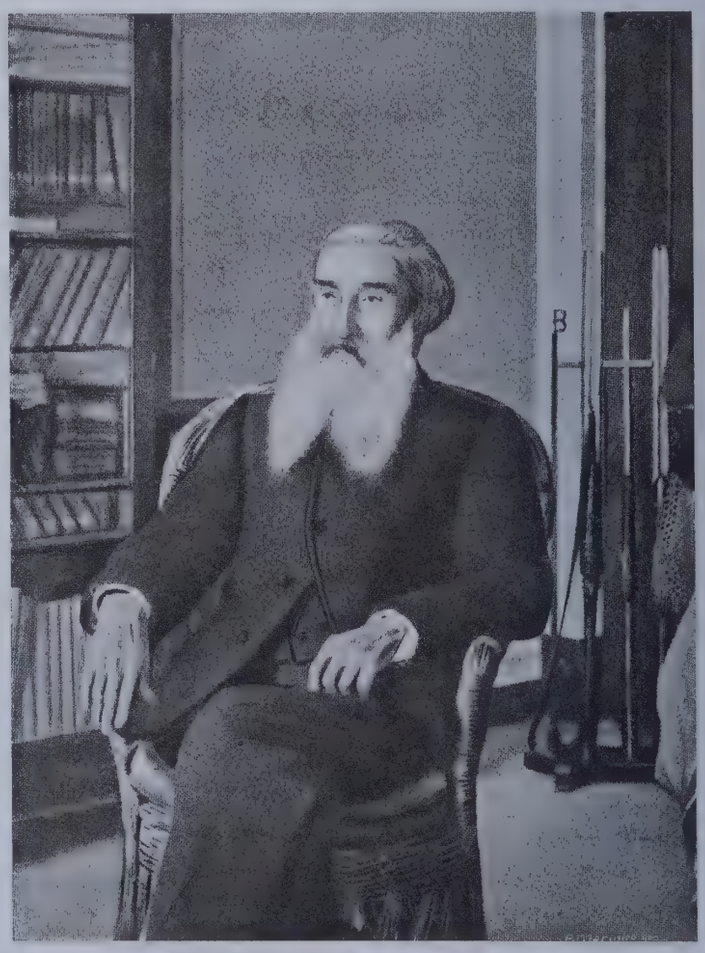
poeta romântico de valor. Por proposta de Alexandre Herculano foi sócio da Academia Real das Ciências. Com Latino Coelho redigiu *O Pharol*. Escreveu:

— *Poesias.* Lisboa, 1851; — *Casamento e despacho*, comédia em 3 actos; Lisboa, 1856. — *Dalila*, drama em 4 actos e 6 quadros. Lisboa, 1857; *A questão do Oriente*, Pôrto, 1877; *Royaume de Portugal. Ministère des finances. Rapport et projects de loi présentés au Parlement par Mr. le Ministre des Finances, dans la séance du 9 Janvier 1877.* Lisbonne, 1877. — *Questões de politica positiva da nacionalidade e do governo representativo.* Coimbra, 1881. — *Alexandre Herculano e o seu tempo.* Estudo crítico. Lisboa, 1881. — *As finanças portuguesas em 1888.* Lisboa, 1888. — *O anarchismo.* Estudo acêrca da questão social. 2.ª ed. Lisboa, 1894. — *Historia e civilisação. Napoleão III.* — *Uma tragedia antiga nos tempos modernos.* Lisboa, 1895. — *Portugal moderno. A queda do antigo regime* (1820 até 1834). Lisboa, 1896; *O anarchismo e a questão social.* Lisboa, 1898.

A sua obra *Alexandre Herculano e o seu tempo* foi traduzida para italiano, *Alessandro Herculano e il suo tempo*, por Aurélio Metelo, Roma, 1883; e a *História e civilização* foi traduzida para espanhol por Fernando Calatraveño y Valladares. Vitória, 1897.

Colaborou em *O Novo Trovador, O Pharol, O Portuguez;* publicaram-se os seus discursos parlamentares no *Diario da Camara dos Deputados;* redigiu o *Jornal do Commercio* e a *Correspondencia de Portugal*, colaborando também na *Gazeta de Portugal, Correio da Noite*, etc.

Sôbre êle consulte-se: *Diccionario bibliographico* de



BULHÃO PATO em 1909; ao fundo, as suas armas de caçador exímio e apaixonado.

A avó e a neta

1

Escondeis n'um denso véu
Ó mães vosso amor profundo!
Amor que é tudo no mundo,
Vida e morte, inferno e céu!!

2

Ha dias que eu vi alguem
Em transes d'angustia infinda:
Era mãe... — ou mais ainda —
Era duas vezes mãe!

3

No gosto a neta gentil
Tinha as rosas florescentes,
E nos olhos innocentes
Os esplendores d'abril.

4

Saltava — e com que alegria! —
Os seus modilhos suaves.
Canta a infancia como as aves,
E bate as azas um dia!

5

Eis se acabando os encantos
Da creança — o lar paterno
E como o bosque no inverno:
Não tem verdura nem cantos.

6

Uma tarde — era sol posto —
Queixou-se a graciosa infante. —
Tinha a pupilla brilhante,
E mais viva a côr do rosto.

7

A febre cresceu co'a aurora,
E já n'um tremor convulso,
A avó, tentando-lhe o pulso
Rezava a Nossa Senhora!

8

Co'a febre veiu o delirio:
As contracções de repente —
E aquelle botão nascente
Formoso como um lyrio.

9

As creancinhas de Deus,
Estas rosas sem espinhos,
Vão-se como uns passarinhos,
N'um ai nos dizem adeus!

10

Em dor sobre humana absorta
A avó dizia, cansada:
— "Meu Deus, não ha de ser nada!"
E a netinha estava morta!!

. . . .

11

As mães que pensem n'est'hora,
— Porque a palavra o não diz, —
Na angustia que essa infeliz
Estará sentindo agora!

12

Deus conserve a flor ao prado, —
Illusões á juventude, —
Ao coração a virtude,
Á mãe o filho adorado!

25/12/71

Bulhão Pato

Autógrafo de Bulhão Pato, de 1871. (Da colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

Conselheiro Tomaz Ribeiro, Ministro das Obras Públicas.
(De *O Occidente* de 1 de Fevereiro de 1890).

António Xavier Rodrigues Cordeiro, nasceu a 23 de Dezembro de 1819, e faleceu a 11 de Dezembro de 1896. Foi, primeiro, farmacêutico; depois, estudante de direito na Universidade de Coimbra, conseguindo ser o aluno mais classificado. Em Coimbra, fundou *O Trovador*. Metido na política sofreu várias perseguições, concluindo depois o seu curso. Foi deputado, administrador do concelho de Leiria, professor para divulgar o método Castilho, redactor da Câmara dos Deputados.

A sua obra teve larga divulgação. Foram popularíssimas *A Douda d'Albano, Tasso no Hospital dos doudos, A Corrida, O Canto do Hungaro, O Outomno*, etc., poesias das mais vulgarizadas no seu tempo.

Escreveu: *Elogio historico de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque* (Coimbra, 1850); — *Serões de historia.*

— *Esparsas.* Ensaios líricos. Lisboa, 1889. 2 vols.

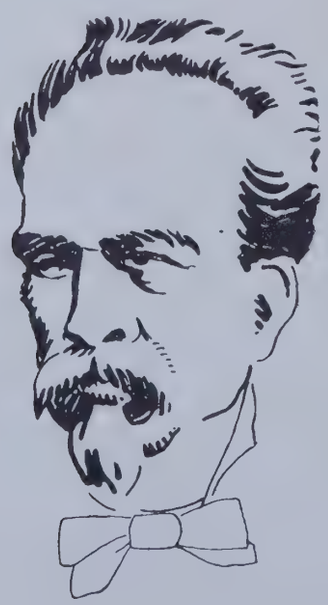
Colaborou no jornal *Estrella do Norte* (Pôrto) e redigiu o *Observador*, 1847 (Coimbra), que mais tarde se transformou em *O Conimbricense* (1854), dirigido por Joaquim Martins de Carvalho. Fundou os jornais *O Leiriense* e *O Futuro* (1858).

Colaborou no *Panorama* (1844) e na *Revista Academica* de Coimbra (1845), no *Instituto*, 1857, no *Archivo Universal*, *Fastos* (de Ovídio) por A. F. Castilho.

Sôbre êle consulte-se: *Diccionario bibliographico* de Inocêncio e B. Aranha, vol. 1.º, 8.º e 22.º; *Novo Almanach de Lembranças Luzo-Brazileiro*, vol. de 1879; *Diccionario Portugal*, vol. VI.

Júlio César Machado e seu filho.
(De *O Occidente* de 1 de Fevereiro de 1890).

Evaristo Basto (José d'Araujo). Nasceu no Pôrto a 26 de Outubro de 1821, e morreu em Junho de 1865.



Thomaz Ribeiro por Leal da Câmara
(do *Livro de ouro* da Exp. do R. Janeiro).

Viveu muito em Coimbra onde cursou as faculdades de Matemática e Filosofia até ao 3.º ano. Mudou depois para a de Direito, bacharelando-se em 1846.

Foi Oficial-maior e Chefe da 4.ª repartição do Govêrno Civil do Pôrto, advogado e escrivão.

Escreveu:

— *Uma visita da rainha de Portugal ao castelo de Thomar*, romance (em verso). Pôrto, 1845 (anónimo). Traduziu: *O Mestre de Santiago*, romance castelhano de Bermudez de Castro (verso). Pôrto, 1848.

Colaborou:

No *Nacional*, na *Coalisão*, *Clamor público*, etc.

Sôbre êle consulte-se:

Revista Peninsular, vol. II; *Revolução de Setembro*, 1 de Julho de 1865; *Mundo Elegante*, n.º 11 (art. de Camilo Castelo Branco); *Diccionario bibliographico* de Inocêncio e B. Aranha, vols. II e IX; *Diccionario Portugal*, etc.

Francisco de Castro Freire, comendador de Cristo, lente de matemática da Univ. de Coimbra, vogal do Conselho Superior de Instrução pública, Presidente do *Instituto*, nasceu a 30 de Abril de 1811 e faleceu a 19 de Março de 1884. Foi homem ilustre e professor distinto. Publicou muitas obras de interêsse científico. Colaborou na *Chronica Litteraria* de Coimbra, no *Trovador*, *Instituto*, etc.

Publicou:

— *Recreações poéticas.* Coimbra, 1861.

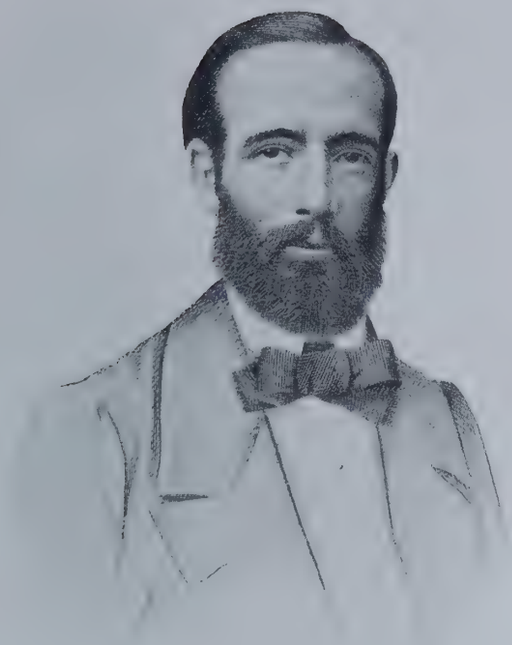
Dirigiu em 1879 a publicação do *Novo diccionario francez-portuguez*, editado pela livraria Aillaud, de Paris.

Sôbre êle pode consultar-se: *Diccionario bibliographico* de Inocêncio e *Dicionario Portugal.*

Henrique O'Neill, *visconde de Santa Mónica*, conselheiro, Director Geral do Ministério da Justiça, preceptor do príncipe D. Carlos e do infante D. Afonso.

Escreveu:

— *Fábulas escolhidas entre as de Lessing*, traduzidas literalmente em prosa e imitadas em verso... 2.ª ed. rev. e muito emendada. Coimbra, 1883; *Fabulario.* Pôrto, 1889; 2.ª ed. Lisboa, 1895; *Feira da Ladra.* Lisboa, 1888. (anónimo); *A burra de dois caturras.* Lisboa, 1888.



Antonio de Serpa

(Da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* I vol. 1.º ano, 1859, acompanhando um artigo de Ernesto Biester).

Francisco Palha de Faria Lacerda. Escreveu *Poesias*. Lisboa, 1852, de que saiu 2.ª ed., aumentada, em 1859. Foi mais autor dramático, e como tal se deve buscar.

Luiz (Arsénio Marques) Correia Caldeira. Êste poeta do *Trovador* não deixou mais do que versos dispersos. As suas *Flores da Biblia*, colecção de poesias religiosas que no seu tempo tanta atenção despertaram, foram publicadas na *Revista Estrangeira* que publicou e dirigiu. Foi deputado, capitão e secretário dos Inválidos de Runa. Manuel Pinheiro Chagas ampliou a fama do poeta com um estudo que a seu respeito publicou no *Archivo Pittoresco*.

Nuno Maria de Sousa Moura. Nasceu em 1810 e morreu em 1871. Tenente-coronel. Poeta, mereceu as boas graças de Castilho que lhe elogiou *Emma ou a esperança e a tumba, com as cartas de Silvano a Lydia*, seguidas de outras poesias. Pôrto, 1845. Escreveu também: *Canções philosophicas e religiosas*. Pôrto, 1849. Colaborou no *Panorama* e no *Periodico dos Pobres* (1850-51), *Mosaico* (1839-40), *Miscelanea poetica* (1850-51), *Lidador*, etc. Garrett tinha-o em grande consideração.

Francisco Palha
(De *O Ocidente* de 21 de Janeiro de 1890).

Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. Fidalgo da Casa Real, conselheiro, Comendador da T. Espada, coronel de Engenharia, deputado, sócio da Academia, ministro, etc. Nasceu em 1792 e morreu em 1846 em conseqüência dos ferimentos recebidos na batalha de Tôrres Vedras. Tem muitos trabalhos scientíficos. Poéticos, é autor das *Georgicas portuguezas*, Paris, 1820, e do conto *Ruy, o escudeiro*, Lisboa, 1844. Êste volume é o de mais elevado cunho artístico das

A melhor obra de H. O'Neill é sem dúvida *O Fabulário*, excelente livro de uma sã leitura.

Joaquim da Costa Cascais nasceu a 29 de Outubro de 1815 e faleceu a 7 de Março de 1898. Foi general de divisão e professor do Colégio Militar. Foi êle quem lembrou a Sá da Bandeira o padrão que se erigiu no Bussaco, inaugurado em 1873, e o do alto da Alhandra.

As suas obras foram reünidas em 1904 e publicadas em 6 volumes, com o título *Theatro*, acompanhadas de uma notícia sôbre o autor e sua obra dramática por Maximiliano de Azevedo. Compreendem as seguintes peças: *O Alcaide de Faro*, *O castelo de Faria*, *O valido*, *A lei dos morgados*, *A caridade*, em 5 actos, *A inauguração da estatua equestre*, em 4, *A pedra das carapuças*, em 4, *Geraldo sem sabor ou uma noite de Santo António na praça da Figueira*, *O estrangeirado*, 2 actos, *Nem russo nem turco ou o fanatismo político*, 2 actos, *Nem Cesar nem João Fernandes*, 2 actos, *O Mineiro de Cascais*, 1 acto, *O Carnide ou um camarada do Marquez de Sá*. Tôdas estas peças, com excepção de *A inauguração da estatua equestre*, se representaram.

Publicou: *Poesias*, 1886-98. 2 vols. *Impressos e manuscritos relativos á historia da Guerra Peninsular, e seus preliminares*. Lisboa, 1866. Imprimiu ainda algumas obras de carácter militar, um elogio de Manoel da Maia e uma descrição do edifício de Mafra. Colaborou no *Archivo Pittoresco*, *Panorama*, *Mosaico*, *Jornal do Commercio*, *Archivo Universal*, *Revista Universal Lisbonense*, *Diario illustrado*, etc.

Para o estudo da sua personalidade, além do *Dicionario* de Inocêncio, e do prólogo ao seu teatro por Maximiliano de Azevedo, pode ver-se o *Jornal do Commercio* de 29 de Abril de 1862, onde conta os desgostos da sua carreira dramática. Possuia uma boa livraria, de que, por sua morte, se fêz leilão, havendo dela um catálogo impresso.

LOPEZIUS DE MIDORRA.

Lopes de Mendonça, o cronista da geração
(De uma caricatura da época).

FRANCISCO GOMES DE AMORIM
(De uma fotografia da época).

EDUARDO A. VIDAL (Do *Calcanhar de Achilles*, de Rafael Bordalo Pinheiro).

publicações românticas. Publicou ainda, sem o seu nome, um poema: *O Dia*. É sua também uma *Memoria sobre o edificio monumental da Batalha*. Leiria, 1854.

D. JOÃO DE AZEVEDO SÁ COUTINHO. Nasceu em Viana do Castelo em 1811 e morreu em 1854. Bacharelou-se em cânones na Universidade de Coimbra. Político, chegou a deputado. Foi poeta e dirigiu o primeiro jornal que apareceu em Braga, *O cidadão philantropo*, 1835 e 1837.

Escreveu dramas como *O Conde João ou a Côrte de Versailles*, em 1834. Drama histórico em 6 quadros, que saiu em Lisboa em 1844. Escreveu várias coisas políticas e os romances *O Sceptico* e *O Misanthropo*.

LUIZ DA COSTA PEREIRA. Nasceu no Funchal, em 1819 e morreu em 1893. Foi professor do Conservatório e Comissário Régio junto do Teatro de D. Maria II. Escreveu um romance: *Misterio de Almas, Reflexos* (prosa e verso) Lisboa, 1882, e *Rudimentos da arte dramatica*. Lisboa, 1890.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS, alusão ao triunfo da sua peça *Morgadinha de Valflor*. (Do *Calcanhar de Achilles*).

Resumimos em poucas linhas a actividade do grupo de *O Trovador* e a sua projecção nas letras nacionais. *O Novo Trovador* aumenta o grupo pela junção de novos nomes, um de primeira grandeza na escola romântica, como é o de Soares de Passos. Dos nomes do *Trovador* contava o *Novo* com A. Pereira da Cunha, Rodrigues Cordeiro, Francisco Palha, José Freire de Serpa Pimentel e João de Lemos.

SOARES DE PASSOS (António Augusto). Nasceu no Pôrto em 27 de Novembro de 1826 e no Pôrto faleceu a 8 de Fevereiro de 1860. É na poesia romântica a encarnação perfeita e o mais alto expoente do romantismo. A música dos versos cantava-se do Minho ao Algarve, nas salas e nos caminhos. *O Noivado do Sepulcro, Camões, O Filho Morto, Infância e Morte, O Escravo, Partida, O Mendigo*, são poesias que tiveram a maior das popularidades, como nenhumas outras tiveram. Eram o

próprio romantismo. Depois delas, só uma logrou tal divulgação: *A Judia* de Tomaz Ribeiro. A popularidade dos poetas românticos foi literàriamente a maior, visto que o sentimento vibrava com êles. João de Lemos, Mendes Leal, Rodrigues Cordeiro, também a conheceram, embóra sem a universalidade de Soares de Passos.

Soares de Passos publicou um livro apenas, *Poesias*, de que saíu a 1.ª edição em 1856, e a 2.ª em 1858. A 6.ª publicou-se em 1875 e a 9.ª, com um prefácio de Teófilo Braga e alguns inéditos, em 1909. À sua poesia se referiram com louvor Pinheiro Chagas no *Archivo Pittoresco*, Camilo Castelo Branco, nos *Esboços de apreciações literárias*, Teófilo Braga, os Diccionários *bibliographico* de Inocêncio, *popular* de P. Chagas, *Portugal*, e a *Revista litteraria, scientifica e artistica* do *Século*. Soares de Passos, que fundou com Aires de Gouveia e Alexandre Braga *O novo Trovador*, foi também o seu colaborador mais notável. Em Coimbra, onde se matriculou em Direito em 1849, concluiu o curso em 1854.

JÚLIO CÉSAR MACHADO
(Fotografia da época)

Rodrigues Cordeiro, que o conheceu em 1851, deixou-nos o seu retrato: «estatura mediana, franzino, fronte larga, e de olhos rasgados, com cabello castanho liso e pouco espêsso, bigode aloirado, e quanto ao aspecto moral de uma vaga tristeza, pouco comunicativo».

O Dr. Lourenço de Almeida e Medeiros, anos depois da morte do poeta, veio acusá-lo de roubo da ode *O firmamento* e outras poesias. A sem-razão destas afirmações demonstra-a Teófilo Braga no apêndice que faz à 9.ª edição das *Poesias* do poeta.

ALEXANDRE (José da Silva) BRAGA. Bacharelou-se em Direito em Coimbra e foi advogado no Pôrto. Nasceu em 1829 e faleceu em 1895, no Pôrto. Freqüentou Coimbra de 1849 a 1856 e lá fundou o *Novo Trovador*. No Pôrto fundou o *Clamor publico*. Publicou um livro de versos, *Vozes da Alma*, em 1849, que se reimprimiu em 1857.

Foi considerado um dos primeiros poetas do seu tempo, havendo até quem o comparasse com Soares de Passos. Todavia nenhum conseguiu como êste encarnar o sentido do romantismo e disfrutar universal popularidade.

As *Vozes d'Alma* não merecem também o esquecimento a que foram votadas. Nas suas páginas há excelentes versos.

JULIUS MASSADOFF

JÚLIO CÉSAR MACHADO
(segundo uma caricatura da época).

Vejamos, por exemplo, *O teu nome:*

Sobre as praias do mar, na lisa arêa,
Em extasis d'amor, gravei teu nome:
Bem fundas letras fiz... porém bramando
Uma onda lá vem, outra e maisoutra...
Teu nome desaparece!

Gravei-o num cypreste, junto ás campas,
Lá no adro d'aldéa: o sul rebrame
Pela encosta das serras, e derruba,
Em feros turbilhões, o tronco amoroso,
O gigante da morte!

Em duras penhas fui gravá-lo um dia,
Fundo, bem fundo, atravessando as rochas...
Porém toldão-se os ceus, fulgura o raio,
Estende-se o trovão, e, n'um momento,
É seixos o penhasco!

Insensato o gravei no sacro templo,
Nos lavrados do altar: — julguei que sempre
Alli ficára intacto... da impiedade
A mão cruenta, derrubando as naves,
Sumio-m'o nas ruinas.

Gravei-o então, na dôr, no desespero,
Dentro no coração, nos seios d'alma,
Fundo, bem fundo, a traspassar-m'os todos...
Alli ficará sempre — alli teu nome
Terá a eternidade.

ANTÓNIO AIRES DE GOUVÊA foi um dos mais devotados redactores de *O Novo Trovador*. Como António de Serpa, enveredou depois para a política e atingiu os mais altos cargos. Foi doutor e lente da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, bacharel e licenciado na de Teologia, bispo do Algarve e de Bethsaida e arcebispo da Calcedónia, ministro de Estado, conselheiro, deputado, par do reino, etc. Nasceu no Pôrto em 1828, e faleceu em 1916. A sua produção literária está tôda dispersa por várias revistas, como *O Instituto* onde publicou uma versão das *Elegias de Tibullo* em verso português. Também nos *Fastos de Ovídio*, traduzidos por Castilho, tem um comentário e a tradução de uma *Elegia de Propércio*.

Aires de Gouvêa publicou, sem o nome, do autor *As Commendas*, poema-heroi-cómico-satírico em 5 cantos, Lisboa, 1849. Sôbre êste livro escreveu Ricardo Jorge um volume intitulado *Camilo e Antonio Ayres seguido do poema «As Commendas»*. Lisboa, 1925. Camilo fêz de António Aires o protagonista do seu romance *A Queda de um Anjo*. António Aires tem ainda publicados vários livros sôbre as cadeias e um estudo sôbre os Lusíadas.

GUILHERMINO AUGUSTO DE BARROS, que nasceu em 1835 e faleceu em 1900, era formado em Direito. Foi deputado, par do reino, Governador Civil de Lisboa, Director dos Correios e Telégrafos e era condecorado com a Legião de Honra. Colaborou no *Bardo* e no *Instituto*, e a Academia premiou-lhe um dos seus poemas. Escreveu um livro de *Contos* e um romance.

ANTÓNIO PINHEIRO CALDAS nasceu em

1824 e faleceu em 1877; foi negociante no Pôrto. Publicou *Poesias* (Pôrto, 1854), de que dez anos depois saíu a segunda edição.

Eduardo Augusto Vidal nasceu em 1841 e faleceu em 1907. Foi sócio da Academia Real das Ciências, conselheiro e Inspector das alfândegas. Publicou: *Harmonias da madrugada*, Lisboa, 1859; *Folhas Sôltas*, 1865; *Cantos do Estio*, 1868; além de muita colaboração dispersa pelos jornais. Escreveu também para o teatro e logrou dos escritores do tempo bastantes elogios. Foi um romântico dulçuroso e muito estimado.

Joaquim Pinto Ribeiro Júnior, nasceu em 1822 e faleceu em 1882. Foi colaborador do *Bardo* e publicou *Lagrimas e Flores*, que teve 2.ª edição e *Corôas flutuantes*, 1862. Disfrutou grande popularidade.

Francisco Gomes de Amorim, nasceu em 1827 e morreu em 1891. Como poeta, publicou *Cantos matutinos*, Lisboa, 1858; 2.ª ed. Lisboa, 1866; *Ephemeros*, Lisboa, 1866. Embora poeta apreciado, a sua melhor obra são 3 vols. sôbre Garrett.

Faustino Xavier de Novais. Poeta notável a que ainda se não deu o relêvo que merece. Foi o principal redactor de *O Bardo*. Nasceu no Pôrto a 17 de Fevereiro de 1820 e morreu no Rio de Janeiro a 16 de Agosto de 1869. Seu pai, ourives, foi quem lhe deu o primeiro ofício, pois por vezes trabalhava na loja, passando depois a empregado modestíssimo do Banco Mercantil Portuense. Um belo dia abalou para o Brasil; lá versejou e lá morreu. A sua feição é humorística, nada tendo com os poetas românticos senão leves e fugidios traços. Publicou *Aos janotas*, sátira, Pôrto, s/n, 1849. António Moutinho de Sousa reüniu, em 1851 (Pôrto), doze poesias de F. X. de Novais num opúsculo sem frontispício. Seguidamente, em 1854, publicou *A Vespa do Parnaso;* em 1855, *Poesias*, de que se fêz, em 1856, 2.ª edição; em 1858, no Pôrto, e com prefácio de Camilo, *Novas poesias;* em 1865, *Manta de retalhos*, Rio de Janeiro. Em 1906, o Visconde de Sanches de Frias publicou-lhe um inédito chamado *Inez de Horta*, e Machado de Assis (seu cunhado), as *Poesias* póstumas em 1870. Valiosíssimo para o estudo do poeta é o artigo de H. de C. Ferreira Lima, publicado no *Correio Português* do Rio de Janeiro, de 26 de Março de 1939.

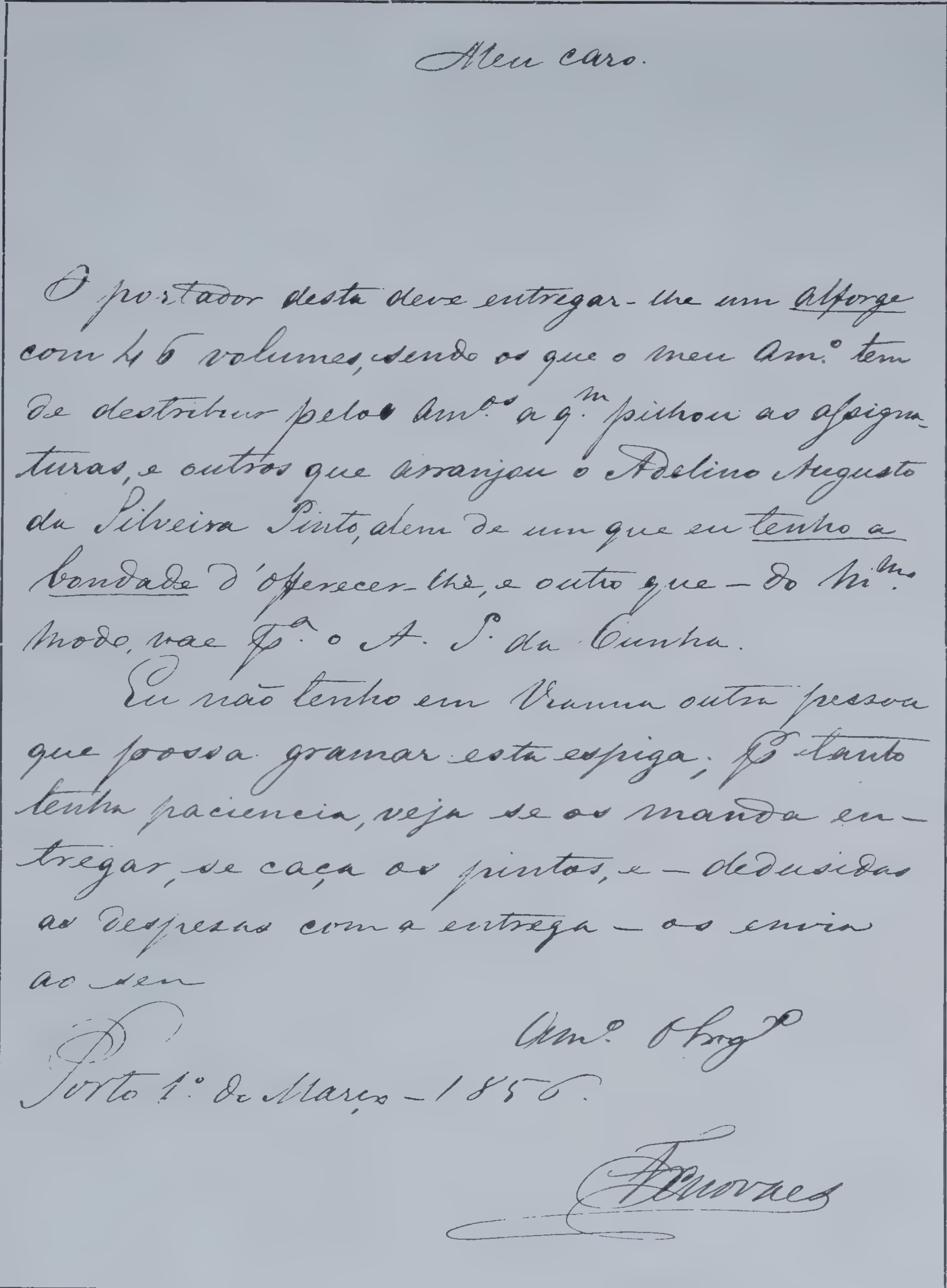
Faústino Xavier de Novais
(retrato da época, desenho de Manuel de Macedo em *O Ocidente*)

Thomaz António Ribeiro Ferreira. Nasceu em Parada de Gonta em 1831 e morreu em Lisboa em 1901. Foi deputado, par do reino e ministro, sócio e vice-presidente da Academia Real das Ciências. Formou-se em Direito em 1855, na Universidade de Coimbra. Foi secretário geral do Govêrno da Índia e ministro de Portugal no Brasil em 1895.

Publicou o seguinte: *D. Jayme, ou a dominação de Castela. Poema . . . com uma conversação preambular pelo Sr. A. F. de Castilho*, Lisboa, 1862 (tem 13 edições); *As novas conquistas*, Lisboa, 1864; *Os Cegos*, poesia, Lisboa, 1866; *A Delphina do Mal*, poema, Lisboa, 1858 (prólogo de Camilo C. Branco); *Sons que passam*, versos, 1868, Pôrto (7 edições); *A velha Gôa*, poesia, 1870; *Entre palmeiras — De Pangim a Salcete e Pondá*, Nova Goa, 1871; *A Indiana*, entre-acto em verso, Pôrto, 1873; *Jornadas, 1.ª parte: Do Tejo ao Mendovy*, Coimbra, 1873-4; *2.ª parte: Entre Palmeiras (De Pangim a Salcete e Pondá)*, 2.ª ed., Coimbra, 1873-4; *3.ª parte: Entre primores, Vesperas, Poesias dispersas*, Pôrto, 1880; *Surrexit, Homenagem a Luiz de Camões*, Lisboa, 1880; *Festas do centenário — MDLXXX-MDCCCLXXX — Discurso do Ill.mo e Ex.mo Sr. Thomaz Ribeiro*, Pôrto, 1880; *Carta d'Alforria*, Lisboa, 1889; *Dissonancias*, versos, Pôrto, 1890; *Historia da legislação liberal portuguesa*, Lisboa, 1891 — 2 vol.; *Senhor, não! Memorial de recurso á corôa*, Lisboa, 1897; *A Rocha*, Lisboa, 1898 (prólogo do *Mensageiro de Fez*); *O Mensageiro de Fez*, poema, Lisboa, 1899; *Á Memoria de Francisco Luiz Gomes*, versos, s/d.; *Camões*, poesia, Rio de Janeiro. O poema *D. Jayme* foi parodiado por Manuel Roussado com o título *Roberto ou a dominação dos agiotas;* e *A Delphina do Mal*, por Guilherme Braga, com o pseudónimo de «Homem de Bem». O prólogo do *D. Jayme* está traduzido em alemão por Louize Ey.

A consultar sôbre o poeta: o vol. *Thomaz Ribeiro* da colecção *Patrícia*, onde se dá larga notícia da sua obra e vida.

Raimundo António de Bulhão Pato, nasceu em 1829 e morreu em 1912. Viu a luz em Bilbau, Espanha, mas veio para Portugal em 1837, tendo apenas 9 anos. Entre portugueses sempre viveu, residindo no Monte da Caparica onde o buscavam os que queriam conviver um pouco com o que fôra íntimo de Herculano e da fina flor do romantismo.



Meu caro.

O portador desta deve entregar-lhe um alforge com 46 volumes, sendo os que o meu Am.º tem de destribuir pelos Am.os a q.m pilhou as assignaturas, e outros que arranjou o Adelino Augusto da Silveira Pinto, alem de um que eu tenho a bondade d'offerecer-lhe, e outro que — do M.mo modo, vae p.a o A. J. da Cunha.

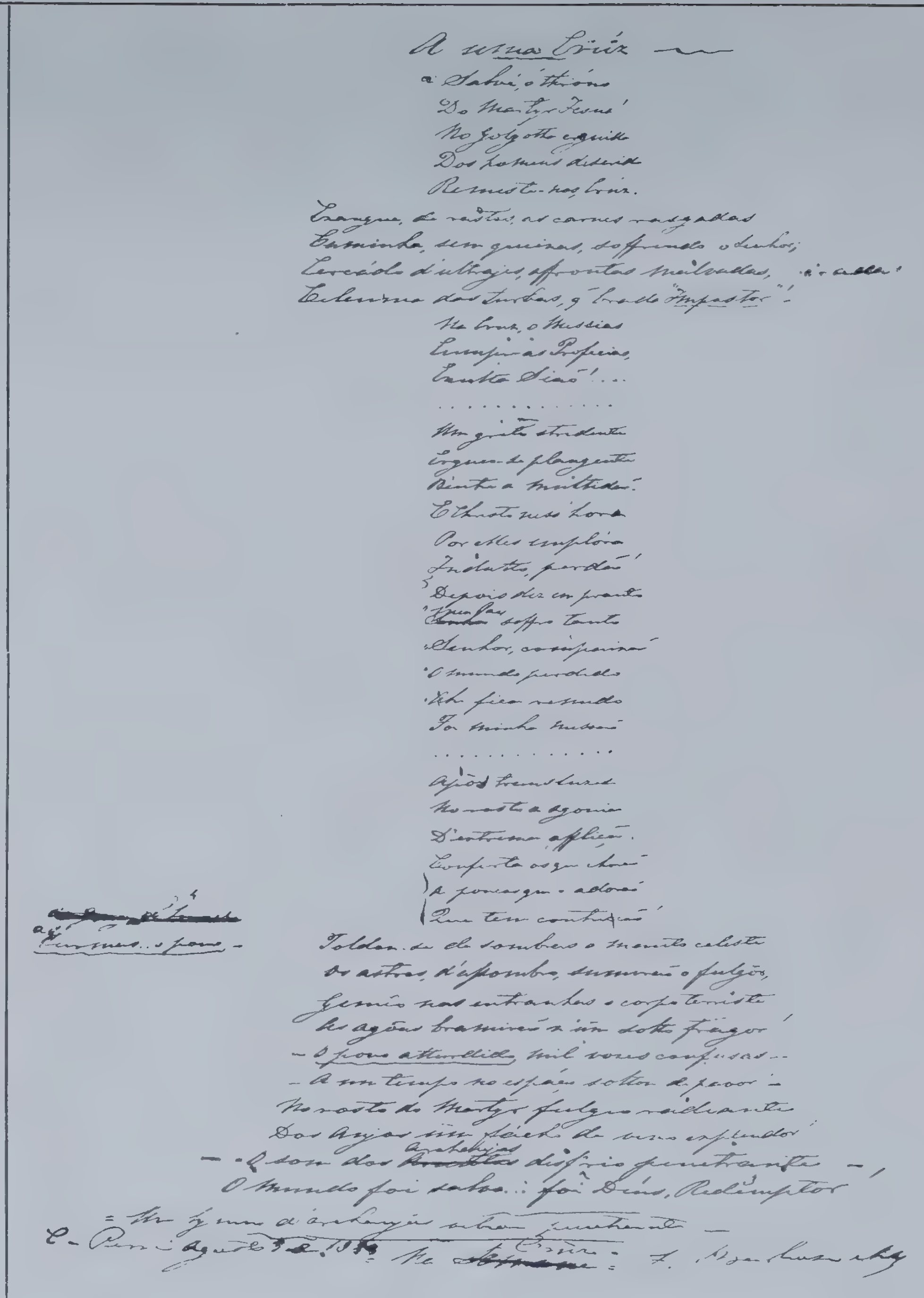
Eu não tenho em Vianna outra pessoa que possa gramar esta espiga; p.r tanto tenha paciencia, veja se os manda entregar, se caça os pintos, e — deduzidas as despesas com a entrega — os envia ao seu

Am.º Obrg.º

Porto 1.º de Março — 1856.

F. Novaes

Carta de Faustino Xavier de Novais
retratando o que era em 1856 a vida do homem de letras em Portugal



A sua Cruz —

Salvé, ó throno
Do Martyr Jesus!
No Golgotha erguido
Dos homens delicto
Remettes-nos luz.

Sangue, de rastos, as carnes rasgadas
Caminha, sem queixas, soffrendo o Senhor;
Cercado d'ultrajes, affrontas malvadas,
Entre ... das turbas, q'brada "Impostor"!

Na Cruz, o Messias
Cumpria as Profecias,
Exalta Sião!...

. . . .

Um grito estridente
Ergue-se plangente
Dentre a multidão:
Eli! nesta hora
Por elles imploro,
Ó Pae, perdão!
Depois dez em pranto
Soffre tanto
Senhor, compaixão!
O mundo perdido
[illegible]
[illegible]

. . . .

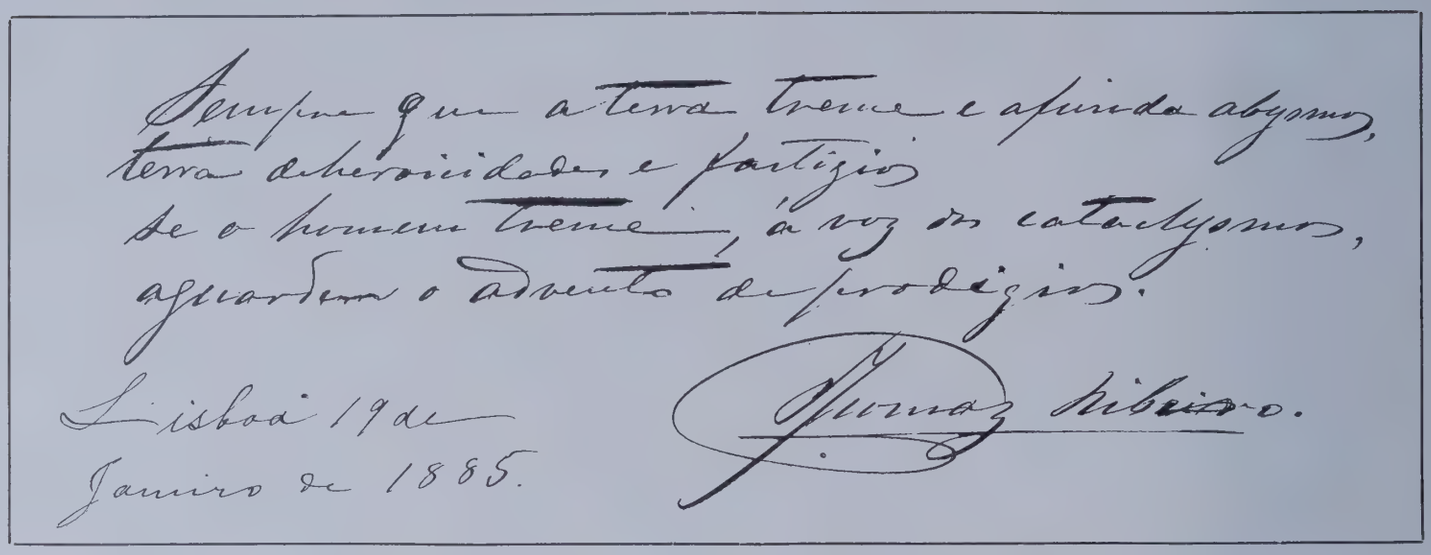
Após transluzido
No rosto a agonia
D'extrema afflicção;
Conforta os que choram
E perdoa — adorai
Que tem contrição!

Toldou-se de sombras o manto celeste
Os astros, d'assombro, sumirão o fulgor;
Gemia nas entranhas o corpo terrestre
As aguas bramirão n'um doido fragor!
— O povo attonito, mil vozes confusas —
— A um tempo no espaço soltou de pavor! —
No rosto do Martyr fulgiu radiante
Dos Anjos um signal de um esplendor
— O som dos archanjos diffuso penetrante —!
O mundo foi salvo!... foi Deus, Redemptor!

[illegible] ... — Porto — Agosto 1.º ... — Na Cruz: J. Barbosa e S.ª

Poesia autógrafa de José Barbosa e Silva,
em forma de cruz

(Cedidas pelo ilustre académico Dr. Luiz Xavier da Costa)



Autógrafo de THOMAZ RIBEIRO (da colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

Escreveu: *Poesias*, Lisboa, 1850; *Amor virgem n'uma peccadora*, Comédia em 1 acto, imitação, Lisboa, 1858; *Versos*, Lisboa, 1862; *Digressões e Novellas*, Lisboa, 1864; *A José Estevão*, versos, Lisboa, 1866; *Canções da Tarde*, Lisboa, 1866; *Paquita*, em 6 cantos, com uma carta de Alexandre Herculano, Lisboa, 1866, (saiu a 2.ª ed. em 1894); *Dos Açores. Cartas. 1.ª parte (S. Miguel) 2.ª parte*, Ponta Delgada, 1868; *Flores agrestes*, Pôrto, 1870; *Paizagens*, Lisboa, 1871 (Capa de Rafael Bordalo Pinheiro); *Contos e Satyras*, Lisboa, 1873; *Maria de Bragança (Infanta D. Branca)*, versos, Lisboa, 1874; *Renan e os sabios da Academia*, Lisboa, 1874, (que foi parodiado em outro opúsculo intitulado *Raymundo e os néscios da Academia*, Lisboa, 1874); *Sob os cyprestes*, Lisboa, 1877; *Um novo amor de mãe*, poesia, 1878; *Os ultimos dias de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1880; *Portuguezes na India, Scenas historicas*, Lisboa, 1883; *Hoje*, Lisboa, 1888; *Lazaro consul*, Lisboa, 1889; *O Marquez de Salisbury*, Lisboa, 1890; *O Pavilhão vermelho*, sátira, Lisboa, 1890; *Memorias*, Lisboa, 1894-1907, 3 vols.; *Livro do Monte*, Lisboa, 1896; *A Dansa Judenga*, sátira, 1901; *Faiscas de fogo morto*, Lisboa, 1908; *Nuno Alvares*, N.º 43 de *A Chronica*. Com Emílio Castelar saiu *A Capela Sixtina*, Pôrto, 1874.

Bulhão Pato traduziu *O Hamlet*, Lisboa, 1879, e *O Mercador de Veneza*, Lisboa, 1881, de Shakespeare; o *Ruy Blas* de Victor Hugo; *Paulo e Virginia* de Saint-Pierre; *Graziela* de Lamartine. Dirigiu na Academia a publicação da *Década XIII* de Bocarro e a série das *Cartas de Affonso de Albuquerque*.

XI — JOÃO PENHA E «A FOLHA»

BIBLIOGRAFIA: — *Rimas*. Lisboa, 1882, na 2.ª ed. do mesmo ano e 3.ª de Braga *(ne varietur)* de 1906; *Viagem por terra ao Paiz dos Sonhos*. Pôrto, 1898 (1897); *Por montes e valles*. Prosa. Lisboa, 1899; *Novas Rimas*. Coimbra, 1905; *Echos do Passado (Versos e Columbina)*. Pôrto, 1914; *Ultimas Rimas*. Pôrto, s/d. (1919); *O Canto do Cysne* (livro póstumo). Prosa e verso. Lisboa, 1923. Prefácio de Albino Forjaz de Sampaio.

Fundou e dirigiu: *Zabumba* e *Gaita de Foles*, jornais de Coimbra; *A Folha*, 1868 a 1873; *A Republica das Letras*, 1875, Braga.

O melhor trabalho sôbre João Penha é o do Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão, separata da *Biblos*, vol. XV, tomo II (1939): *Algumas notas sôbre a estética de João Penha*. Coimbra, 1939, onde se encontra uma completa bibliografia do assunto.

João d'Oliveira Penha Fortuna (1839-1919) matriculou-se na Universidade de Coimbra — em Teologia, donde transitou para Direito — em 1866, isto é, no ano em que mais acesa ia a polémica despertada pela carta *Bom-senso e Bom-gôsto*, ou antes, pela *Carta* de Castilho *ao livreiro António Maria Pereira*. Para essa polémica contribuíra o futuro autor das *Rimas*, no ano anterior, com uma paródia do poema *Anjo do Lar*.

Dominados pelo prestígio e influência da geração de Antero, isto é, da que assimilou o espírito da sua propaganda ou com ela se identificou, imaginamos que a hipnose se tornou geral, e que fora da verdade e da certeza proclamadas pelo novo profeta, não teria havido lugar, nem para outra verdade, nem para outra certeza. O contrário, porém, é que é exacto: dois anos volvidos sôbre a *Visão dos Tempos* e *Tempestades Sonoras*, e um apenas sôbre as *Odes Modernas*, «a poesia caíra num desânimo e numa hesitação extraordinária!» (Gonçalves Crespo). Regressar ao arcadismo puro, não era, para alguns, nem menos difícil, nem menos vão, do que metrificar o Ideal, arremessado da Alemanha (através da França) «aos pacotes» — e para o qual Antero impelia os espíritos, revolvendo as alturas com o braço inspirado, tal como Eça o surpreendeu uma noite, na escadaria da Sé Nova.

Foi João Penha quem veio arrancar a Poesia à sua descoroçoada meditação.

Sobrava a êste em leitura dos clássicos — um latino, Horácio; um francês, Boileau; e alguns poetas e prosadores portugueses, entre êles Castilho, muito folheado

e meditado —, o que lhe escasseava em conhecimento da filosofia e estética alemãs. Com aquêles, e mais dois ou três românticos franceses, a que se conservou sempre fiel, João Penha tinha quanto lhe bastava para preencher os seus minguados ócios literários. Descer à arena, naquele momento, apetrechado com tão reduzida e cediça bagagem, pareceria propósito de louco; mas a verdade é que João Penha venceu, talvez por se ter limitado a enunciar, num ambiente saturado de singularidades ideológicas, algumas verdades muito comezinhas, muito repetidas, e, por isso mesmo, esquecidas da geração revolucionária. Os princípios que proclamava — e que se esforçou por aplicar —, tornaram-se mais evidentes pelo prestígio e sedução da sua própria pessoa. A lenda apoderou-se da sua fama, exagerou-a ou deformou-a, mas não conseguiu destruir o testemunho unânime de contemporâneos seus sôbre o nobre relêvo da sua figura total.

João Penha, quando estudante em Coímbra

A tribuna de João Penha foi o jornal literário A Folha, a que deu o subtítulo de *microcosmo*, porque, um pouco à semelhança da mónada, nêle cabiam tôdas as tendências — sem exclusão da sua própria —, com a condição de servirem a *Arte* sem reservas — e em bom português.

A Folha nasceu em 1868, defendendo um eclectismo conciliador, e acabou em 1873, no momento preciso em que *individualistas* e *socialistas* ameaçavam perturbar a paz ecléctica, laboriosamente forjada; entretanto A Folha cumprira a sua missão.

Quando começaram a aparecer no jornal os sonetos de *Vinho e Fel*, em que se pretendeu ver, com evidente exagêro, a expressão cíclica de uma história de amor, nos arraiais românticos as faces ruborizaram-se de vergonha. Foi um escândalo! Em versos escultural e musicalmente perfeitos, o Poeta arrancava a Julieta andaluza ao seu balcão florido, e colocava-a burguêsmente entre os viventes, animada, para mais, de um apetite devorador!

Leia-se o soneto *Estrêla Moribunda* (incluído mais tarde em *Vinho e Fel)* que nos parece bem característico da sua *maneira:*

Aquela Rosa branca, a flor mais viva
Dos jardins olorosos de Granada,
Já não parece a flor enamorada
Triste por viver só, viver cativa.

Outrora em seu mirante, pensativa,
Muitas vezes a luz da madrugada
A via entre boninas, enlevada
Nos sons duma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,
A Eleonora das canções do Tasso,
A Natércia gentil do cantor luso,

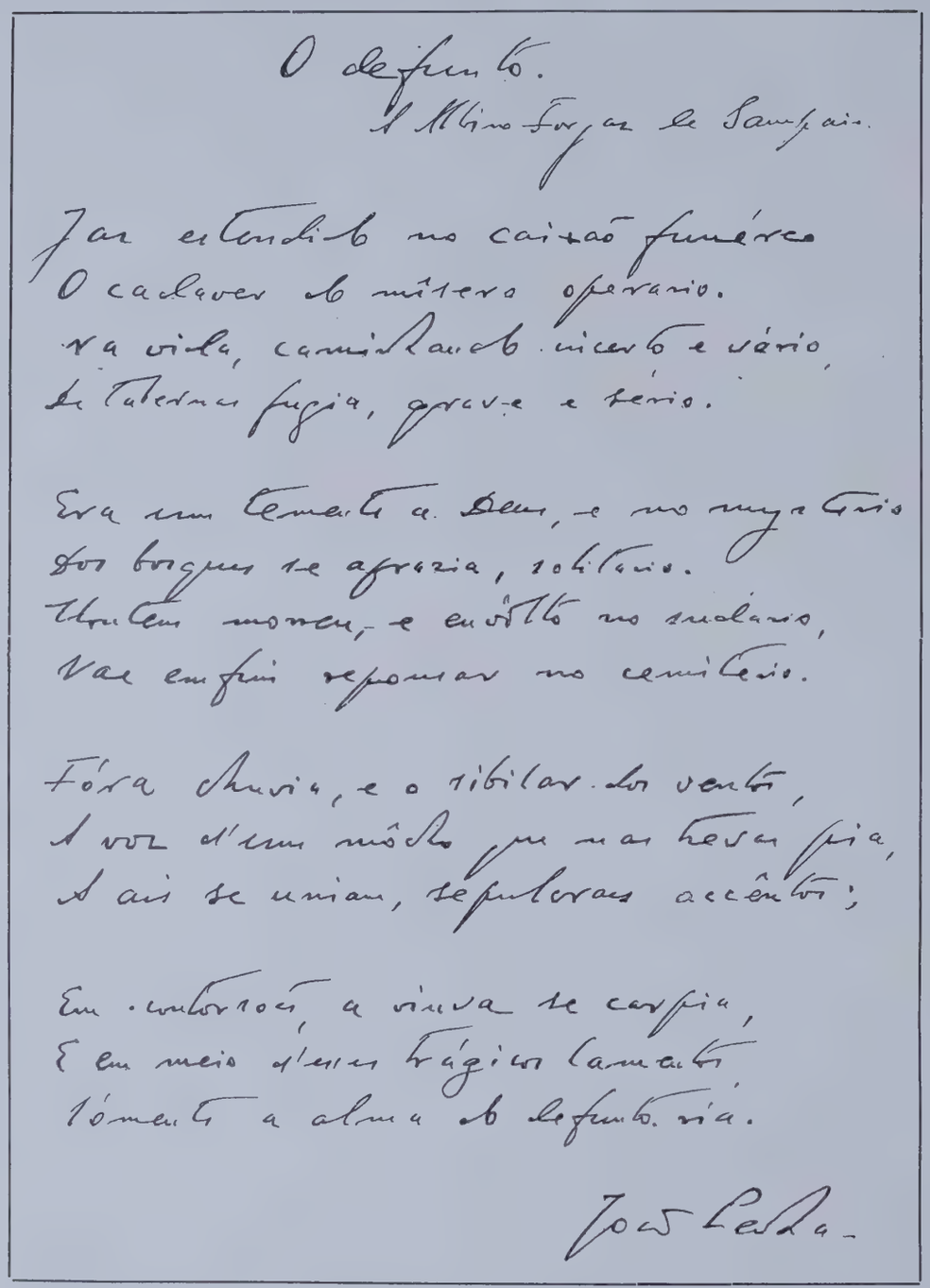
Sol perdido em nevoeiro escuro [e baço
A cítaras prefere a roca e o fuso,
Aos meus cantos — presuntos de [Melgaço!

João Penha em 1904 (*O Ocidente* de 30 de Julho)

« Nervoso mestre, domador valente
Da rima e do soneto portuguez ».

Gonçalves Crespo.

Nunca, desde os tempos idos do classicismo renovado, um Poeta empregara tanta diligência em afirmar o predomínio da *forma* sôbre a *idéa*, em cuidar da tessitura do verso, em sugerir, pelos sons da língua, a gradação exacta da imagem, em assimilar a unidade rítmica a uma vibração musical. Mas a ironia imprevista, quási truanesca, com que finaliza, muitas vezes, o pensamento poético, tinha um pronunciado sabor a fel, um travo de desilusão amarga. Dir-se-ia que o seu riso era simples transposição metafórica de uma dôr percuciente. E, com efeito, os que conheceram bem o Poeta, não deram outro sentido aos símbolos poéticos de que êle se servia. Gonçalves Crespo, seu companheiro de casa, e o mais



O defunto.
A Albino Forjaz de Sampaio.

Jaz estendido no caixão funéreo
O cadaver do mísero operario.
Na vida, caminhando incerto e vário,
De tabernas fugia, grave e sério.

Era um temente a Deus, e no mysterio
Dos bosques se agrazia, solitario.
Hontem morreu, e envôlto no sudario,
Vae emfim repousar no cemiterio.

Fóra chuvia, e o sibilar dos ventos,
A voz d'um môcho que nas trevas pia,
A ais se uniam, sepulcraes accêntos;

Em contorsões, a viuva se carpia,
E em meio d'esses trágicos lamentos
Sómente a alma do defunto ria.

João Penha.

Autógrafo de um soneto publicado nos *Serões* (Colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

aproveitado de seus discípulos, disse que *Vinho e Fel* era «a tradução fiel e dolorosa de um amor leal e profundo, o primeiro e único da mocidade do poeta...»; Guerra Junqueiro, colaborador da FOLHA, escreveu que havia «duas edições de versos de João Penha: uma, a impressa, e a outra, inédita», a que êle guardava no coração «como um tesoiro inviolável»; e Alberto Pimentel disse também que «no fundo da biografia de J. P.» estava efectivamente «a memória de um amor».

A tese que faz do poeta das *Rimas* um simples adversário do romantismo, peca, pois, por insuficiência de análise, embora seja, com tôdas as etiquetas, didacticamente cómoda. João Penha não foi um *naturalista*, como já se tem pretendido. Êle próprio não escondeu a sua fraca simpatia pelo *naturalismo*. Querer ter razão contra o próprio Poeta parece-nos, evidentemente, um pouco forte. A única diferença existente entre êle e os românticos que o precederam, está em ter sido o primeiro que, por altivez ou inconformismo moral, recusou entregar ao vulgo as intimidades do seu coração. E tão bem soube disfarçar, em símbolos triviais — o onagro, o vinho ardente, o presunto de Lamego — o seu desprêzo do mundo, que conseguiu passar entre os objectos da sua sátira — burgueses e burguesas — pelo mais insigne humorista da sua geração!

Ìntimamente, porém, o Poeta sofria de que o mundo não fôsse como êle o sonhara, e, chorando a derrocada das suas ilusões, dêle se lembrava quando escrevia:

Poeta! . . . . . .
. . . . . .
Procura outro país, terra ignorada,
Onde cantes o amor, o lírio e a rosa.

Êste inconformismo levava-o direito — naturalmente — a um pessimismo de raiz sentimental. Dêle se evadiu o Poeta entornando sôbre a dôr o seu simbólico canjirão!

Dizem outros que êle foi *parnasiano*. Se, quanto à medula poética, *parnasianismo* quere dizer o pudor de se confessar em público, não há dúvida de que João Penha foi um *parnasiano*. Sob o ponto de vista formal, êle nunca repeliu o epíteto, mas negou que o seu parnasianismo tivesse qualquer dependência do parnasianismo francês. Eça de Queiroz também assim o pensava.

Apreciando o livro *Crisântemos*, de Cândido de Figueiredo, outro colaborador da FOLHA, João Penha, depois de lhe chamar *parnasiano*, acrescentava: «Nos seus versos não há só *melodia* (o pensamento poético) há também *harmonia*, isto é, o acompanhamento orquestral e artístico da idéa. Na reünião destas duas coisas, e não na existência da última ùnicamente, é que consiste, a meu ver, o falsamento chamado *parnasianismo*». Não sabemos se Cândido de Figueiredo teria presente esta *nuance* quando, no seu *Dicionário da língua portuguesa*, chamou ao *parnasianismo* a escola da *delicadeza* e *perfeição* da forma.

Da *questão coimbrã* destacou-se portanto, e em

contraste com o seu princípio revolucionário, uma nova estética de minúcia e relêvo formal, baseada num liberalismo ideológico de inspiração romântica, estética de que resultou, principalmente, a valorização do elemento musical do verso e também a necessidade de combiná-lo intimamente com o sentimento expresso.

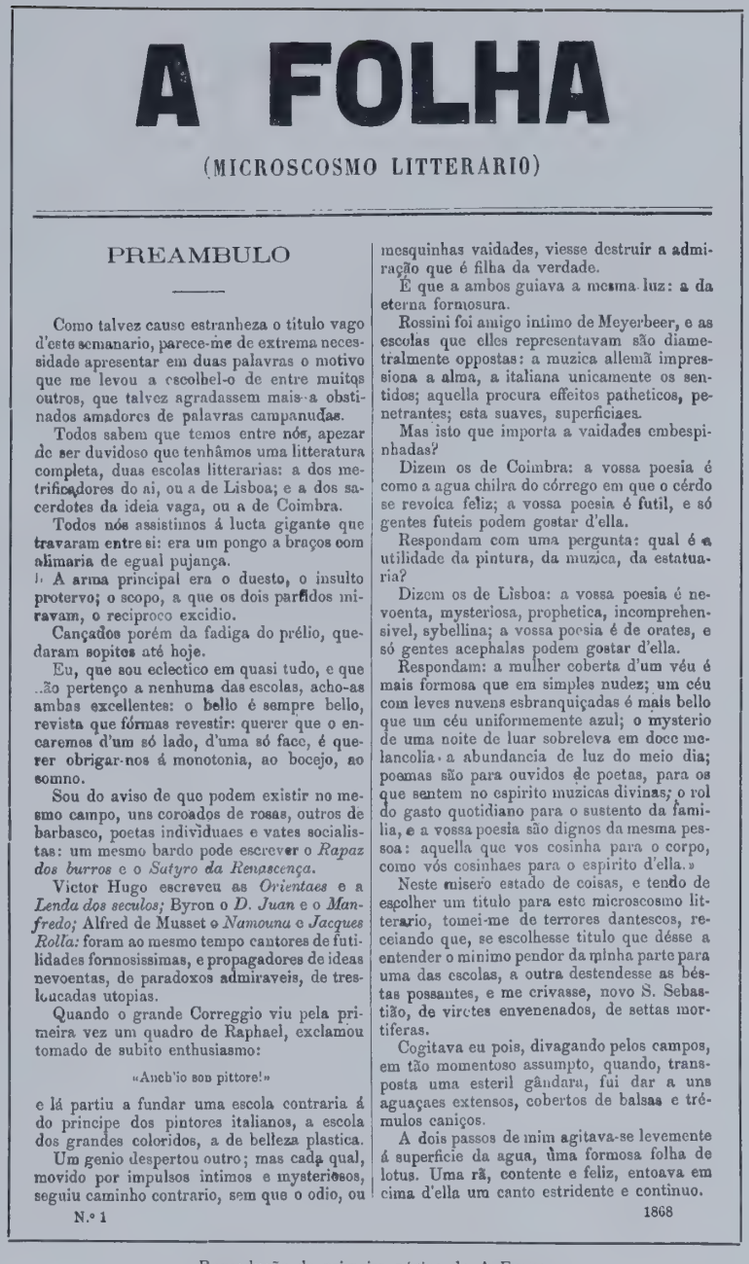
Depois das *Rimas*, que apareceram em 1882, e de novo em 1906, e em que o Poeta reüniu a maior parte das composições da FOLHA, publicou: *Viagem por terra ao Paiz dos Sonhos* (1898 [1897]); *Por Montes e Vales* (1899), livro de impressões e de crítica, indispensável para o intérprete da sua estética; *Novas Rimas* (1905); *Ecos do Passado* (Versos e Columbina), (1914); *Ultimas Rimas* [1919], e *O Canto do Cisne* (Verso e prosa), publicado postumamente (1923), com um prefácio do escritor Albino Forjaz de Sampaio. Os volumes posteriores ao das *Rimas* confirmam, mas não acentuam, a individualidade literária do seu autor. Os poemas da *Viagem por terra ao Paiz dos Sonhos* foram escritos antes do aparecimento da FOLHA, à excepção das *Árias Modernas*, de redacção posterior, o que deu certo fundamento à apreciação desfavorável de Delfim Guimarães.

As poesias de *Ultimas Rimas* ligam-se a um período difícil da vida do Poeta, que já antes de 1917 ensurdecera e se achava então gravemente doente. Muito pobre, a agrura do seu viver exacerbava-se com o encargo de manter sete irmãs, que não tinham senão o seu, aliás, mísero amparo. Por isso não admira que aquelas poesias constituam, em parte, um desmentido ao princípio essencial da sua estética: o cuidado da forma.

Depois de ter saído de Coimbra, João Penha fundou em Braga *A República das Letras*, de que saíram três números apenas. Colaborou ainda em numerosos jornais literários.

A sua influência na chamada geração parnasiana, foi grande; o seu magistério, incontestável. Houve melhores poetas, mas êle foi o iniciador. Gonçalves Crespo confessou pùblicamente a sua dívida.

Foi na FOLHA que Guerra Junqueiro publicou quási tôdas as composições da *Morte de D. João*, como João Penha foi o primeiro a assinalar. É impossível não reconhecer nos poemas de Fernandes Costa (colaborador do número da *Cronica* consagrado ao poeta das *Rimas*), a dedada do Mestre. O soneto, restaurado por João de Deus e Antero, deve a João Penha a sua completa reabilitação. Todos os poetas daquele tempo, para quem a arte foi uma coisa difícil, podem prevalecer-se do seu ensinamento. Ainda quando se tenha em menos conta a sua poesia, de aristocrático molde, e às vezes artificiosa em excesso, não poderemos esquecer o papel importante que êle representou na transformação do *gôsto* do último têrço do século XIX.



A FOLHA

(MICROSCOSMO LITTERARIO)

PREAMBULO

Como talvez cause estranheza o titulo vago d'este semanario, parece-me de extrema necessidade apresentar em duas palavras o motivo que me levou a escolhel-o de entre muitos outros, que talvez agradassem mais a obstinados amadores de palavras campanudas.

Todos sabem que temos entre nós, apezar de ser duvidoso que tenhâmos uma litteratura completa, duas escolas litterarias: a dos metrificadores do ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra.

Todos nós assistimos á lucta gigante que travaram entre si: era um pongo a braços com alimaria de egual pujança.

A arma principal era o duesto, o insulto protervo; o scopo, a que os dois parfidos miravam, o reciproco excidio.

Cançados porém da fadiga do prélio, quedaram sopitos até hoje.

Eu, que sou eclectico em quasi tudo, e que ..ão pertenço a nenhuma das escolas, acho-as ambas excellentes: o bello é sempre bello, revista que fórmas revestir: querer que o encaremos d'um só lado, d'uma só face, é querer obrigar-nos á monotonia, ao bocejo, ao somno.

Sou do aviso de que podem existir no mesmo campo, uns coroados de rosas, outros de barbasco, poetas individuaes e vates socialistas: um mesmo bardo pode escrever o *Rapaz dos burros* e o *Satyro da Renascença*.

Victor Hugo escreveu as *Orientaes* e a *Lenda dos seculos;* Byron o *D. Juan* e o *Manfredo;* Alfred de Musset o *Namouna* e *Jacques Rolla:* foram ao mesmo tempo cantores de futilidades formosissimas, e propagadores de ideas nevoentas, de paradoxos admiraveis, de tresloucadas utopias.

Quando o grande Correggio viu pela primeira vez um quadro de Raphael, exclamou tomado de subito enthusiasmo:

«Anch'io son pittore!»

e lá partiu a fundar uma escola contraria á do principe dos pintores italianos, a escola dos grandes coloridos, a de belleza plastica.

Um genio despertou outro; mas cada qual, movido por impulsos intimos e mysteriosos, seguiu caminho contrario, sem que o odio, ou mesquinhas vaidades, viesse destruir a admiração que é filha da verdade.

É que a ambos guiava a mesma luz: a da eterna formosura.

Rossini foi amigo intimo de Meyerbeer, e as escolas que elles representavam são diametralmente oppostas: a muzica allemã impressiona a alma, a italiana unicamente os sentidos; aquella procura effeitos patheticos, penetrantes; esta suaves, superficiaes.

Mas isto que importa a vaidades embespinhadas?

Dizem os de Coimbra: a vossa poesia é como a agua chilra do córrego em que o cérdo se revolca feliz; a vossa poesia é futil, e só gentes futeis podem gostar d'ella.

Respondam com uma pergunta: qual é a utilidade da pintura, da muzica, da estatuaria?

Dizem os de Lisboa: a vossa poesia é nevoenta, mysteriosa, prophetica, incomprehensivel, sybellina; a vossa poesia é de orates, e só gentes acephalas podem gostar d'ella.

Respondam: a mulher coberta d'um véu é mais formosa que em simples nudez; um céu com leves nuvens esbranquiçadas é mais bello que um céu uniformemente azul; o mysterio de uma noite de luar sobreleva em doce melancolia a abundancia de luz do meio dia; poemas são para ouvidos de poetas, para os que sentem no espirito muzicas divinas; o rol do gasto quotidiano para o sustento da familia, e a vossa poesia são dignos da mesma pessoa: aquella que vos cosinha para o corpo, como vós cosinhaes para o espirito d'ella.»

Neste mísero estado de coisas, e tendo de escolher um titulo para este microscosmo litterario, tomei-me de terrores dantescos, receiando que, se escolhesse titulo que désse a entender o minimo pendor da minha parte para uma das escolas, a outra destendesse as béstas possantes, e me crivasse, novo S. Sebastião, de virotes envenenados, de settas mortiferas.

Cogitava eu pois, divagando pelos campos, em tão momentoso assumpto, quando, transposta uma esteril gândara, fui dar a uns aguaçaes extensos, cobertos de balsas e trémulos caniços.

A dois passos de mim agitava-se levemente á superficie da agua, uma formosa folha de lotus. Uma rã, contente e feliz, entoava em cima d'ella um canto estridente e continuo.

N.º 1 1868

Reprodução da primeira página de A FOLHA

A FOLHA saiu em números de 8 páginas, e o 1.º número traz a data de 1868. Sob o título, aparece um sub-título, *Microscosmo litterario*, que em o n.º 4 foi emendado para *Microcosmo litterario* que se manteve até final. Saíram 5 séries, a 1.ª de 20 números e a segunda de 12. Até ao 4.º número publicou-se em 1868; de 5 a 20, em 1869. A 2.ª série é de 1870, saíndo o último número em 12 de Julho dêsse ano. O jornal acabou no n.º 4 da 5.ª série (1873).

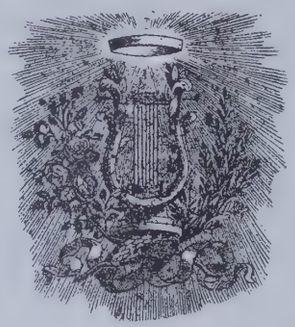
Foi alma desta revistazinha o poeta João Penha, que escreveu o Preâmbulo em que declara que não pertence a nenhuma escola, nem a do «ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra». É eclética.

Era impressa na Imprensa da Universidade. Tôda a correspondência era dirigida a casa de João Penha (J. d'O. Penha Fortuna) na Couraça de Lisboa n.º 97, em Coimbra. Colaboraram nesta interessante revista João Penha, Cândido de Figueiredo, José Simões Dias, Guilherme Braga, Luiz Carlos, Urbano Loureiro, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, J. Frederico Laranjo, G. Crespo, Eduardo Cabrita, Alberto Pimentel, Manuel Duarte de Almeida, G. Borges de Avelar, Sousa Viterbo, Luiz Jardim, Antero de Quental, Alexandre da Conceição, E. A. Vidal, e outros hoje desconhecidos. Também colaboraram Vitória Coelho, que no n.º 10 se designa por «nossa gentil colaboradora de Portalegre», e M. Angélica de Andrade. João Penha, alma e vida de *A Folha*, foi o notável propulsor de uma geração literária que se preparava para substituir o romantismo agonisante.

O BARDO.

JORNAL DE POESIAS INEDITAS

PUBLICADO DESDE MARÇO DE 1852 A MARÇO DE 1854.



PORTO,
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n.º 28.
1854.

O BARDO. Jornal de poesias inéditas publicado desde Março de 1852 a Março de 1854. Pôrto. 1854. Colaboradores: F. X. de Novaes, A. P. da Cunha, D. João d'Azevedo, A. P. Caldas, Camilo Castelo Branco, A. Lima, Guilhermino Augusto, J. M. Vieira, A. A. Soares de Passos, C. da Veiga, F. Palha, J. A. P. da Fonseca, D. Maria Peregrina, A. X. R. Cordeiro, C. da Veiga, J. A. Oliveira, J. A. Barbosa do Lago, D. Antonia Gertrudes Pusisch, J. M. F., J. A. P. F., J. J. de A., J. L. Vieira de Sá, A. Melo Varajão. Assim é até ao n.º 12. Depois aparece colaboração de alguns dêstes nomes e no n.º 15 versos de A. C. Louzada. Continua a colaborar Camilo e Faustino Xavier de Novaes. O número dos desconhecidos é grande. Aparece entretanto o nome de P. A. Seromenho, J. Pinto Ribeiro Jr., R. V. (Rodrigo Veloso?), Alexandre Braga, L. da S. Mousinho d'Albuquerque, F. Martins (Martins Sarmento?). Com o n.º 24 apareceu o Índice. A numeração vae até pág. 390. Outra série começa com a poesia *A Camões* de Soares de Passos, seguindo-se-lhe vária colaboração, entre outra de Lousada, Camilo, F. X., D. A. G. Pusisch, Guilhermino Augusto, Alexandre Braga, F. Gomes de Amorim, Ernesto Marecos, Estácio da Veiga, L. Pires, Barbosa e Silva, Bulhão Pato, Júlio César Machado, A. Luso, F. M. Bordalo, etc., indo até pág. 192. Guilhermino Augusto é, ao que cremos, Guilhermino Augusto de Barros, grande amigo de Camilo e director geral dos Correios.

O BARDO.

INTRODUCÇÃO.

Eis ahi mais um jornal
De versos, á luz do dia!
E ninguem tome isto a mal,
Haja, ao menos, de poesia
Abundancia em Portugal.

Esses vates, escolhidos,
Que nesta empreza afanosa
Se acham, comigo, envolvidos,
Pela lyra sonorosa
Se tornaram conhecidos.

Foi isso que me excitou
Leda esp'rança, e se inda espero
Vir a ser o que não sou,
Com licença — tambem quero
Fazer versos..... arrumou.

Não vem de taes intenções
Ao meu nome algum desdouro;
Tambem tenho pretenções
A c'rôas, se não de louro,
Ao menos, de dez tostões.

O BARDO. NUM. 1.

XII — JOÃO DE DEUS E O LIRISMO

BIBLIOGRAFIA: — *Flores de campo* (1869). Lisboa, s/d; *Ramo de flores*. Porto, 1850; *Pires de marmelada*. Lisboa, 1869; *Folhas Soltas*. Lisboa-Porto, 1876; *Grinalda de Maria*. Prosa do P.e António Vieira e versos de João de Deus. Lisboa, 1877; *Loas á Virgem*. Lisboa, 1878; *Despedidas de verão*. Poesias coligidas por J. de Araújo e uma crítica de T. Braga; *Os Luziadas e a conversação preambular. Carta a Avelino de Sousa*. Lisboa, 1880; *Proverbios de Salomão*. Porto; *Campo de flores*. Poesias líricas completas. Sôbre êste livro, que tem 6 edições, e as *Cryptinas*, opúsculo sem complemento, veja-se *Actualidades, Bolsa do livro* e *Diario de Lisboa*. Janeiro de 1929; *João de Deus. Algumas poesias suas pouco conhecidas*. Barcelos, 1894; *Poesias. Com uma carta em verso por Eugénio de Castro*. Coimbra; *Lyra intima*. Carta a Joaquim de Araújo (*Folha Nova*, 1881). Barcelos, 1897; *Versos*. Poesias religiosas. Desenhos de António Carneiro; *O Livro de Amor de João de Deus*. Poesias escolhidas. Colectânea de Afonso Lopes Vieira.

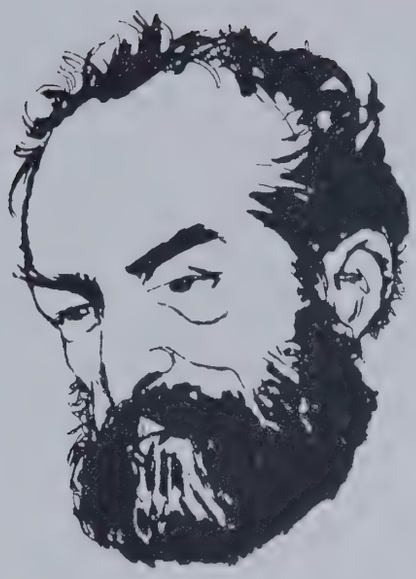
João de Deus compôs além desta obra literária a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*. 1.ª ed. do Porto, 1876 (na capa, 1877) e numerosos artigos e alguns livros referentes ao seu método pedagógico, traduziu peças de Mery, a *Vida da Virgem* por Darboy, a comédia de Ponsard *Horaria e hydia* e a *Arte de Leitura* de Barrau.

Sôbre o poeta são inúmeros os livros e as composições aparecidas. António Aurélio da Costa Ferreira — *Sobre um retrato anthropometrico do poeta João de Deus*. 1898; Albino Forjaz de Sampaio — *Colecção Patrícia — João de Deus*; M. Teixeira Gomes — *Desenhos e anedotas de João de Deus*. Lisboa, 1907; Manuel da Silva Gaio — *João de Deus*. Coimbra, 1903; Vitorino Nemésio — *O erotismo de João de Deus*. Coimbra, 1930; Alfredo da Cunha e Trindade Coelho — *Campo de Flores, por João de Deus*. Exame da chamada «edição authentica e definitiva» pelos directores da *Revista Nova* (com 58 composições novas); Joaquim de Araujo — *A lirica do Cancioneiro português da Vaticana interpretada por João de Deus*. Padua, 1896; Joaquim de Araujo — *Acerca dos versos de João de Deus*. Barcelos, 1894; *Festival de João de Deus. Apotheose do Poeta*. Lisboa, 1905; *Os de Paris a João de Deus*. Paris-Lisboa; Theófilo Braga — *João de Deus. Escorço biografico*. Lisboa, etc.

João de Deus representa, na evolução do lirismo português, o regresso à pureza camoniana, da confissão e da forma. Mantivera-se a frescura de inspiração na redondilha, no vilancete. Mas eram virtudes de género: o vocabulário poético emigrara para as formas eruditas e duras. O próprio soneto, que Camões preparara para receber a leveza do desabafo de amor português, tirando-lhe o esplendor petrarquiano, fazendo-o discreto e fluído, caíra na secura didáctica. Mal se salva em Bocage pela precisão do corte, por um raro frémito íntimo, sobretudo por um certo sentimento cósmico que traduz, mais de geómetra que de poeta.

Entre Camões e João de Deus só Gonzaga consegue falar uma linguagem íntima. Garrett também sabe o valor dela, mas é menos poeta do que ambos: a elegância e a consciência da sua arte enfraquecem-lhe os

Cristiano de Carvalho



Três máscaras de João de Deus por:
Leal da Câmara

Carlos Craveiro

valores líricos. Em João de Deus, o homem está todo no poeta. Não há ressabiamento na sua arte. Se o pensamento é pobre, salva-se pela grande pureza: não há acrescentos culturais, enfeites estéticos que simulem uma altura que o poeta não leve em si mesmo. Por isso Antero de Quental, que conhecia o valor de uma poesia que fôsse, mais do que queixa de amor, sinal do universo, prezou tanto a extrema simplicidade de João de Deus, os seus estados de diafaneidade religiosa, os milagres de significação que a sua ingenuïdade tirava do perpétuo madrigal dos seus versos.

Antero teve de-certo o presentimento, senão a consciência do que faltava à sua expressão, demasiado dialéctica, para realizar uma verdadeira poesia carregada de pensamento, e não um pensamento metrificado, em que o leitor de hoje, criado no justo respeito da grandeza espiritual de Antero, confunde a emoção filosófica ou moral («Razão, irmã do Amor e da Justiça») com uma emoção especificamente poética que está ausente da maior parte dêsses sonetos de idéas.

A própria vida de João de Deus responde à sua poesia; suporta-a e explica-a. Para os amadores do «meio» no homem, os sobreviventes da estética de Taine, lá está o Algarve com a sua luminosidade a condicionar a grande radiação da poesia de João de Deus. E a visualidade e sensualidade da poesia árabe e andaluza para quem creia, um pouco com Teófilo, em avatares de cultura . . . Nós achamos mais certa uma interpretação do poeta que não saia das fronteiras do homem.

A única circunstância de meio que importa um pouco à formação de João de Deus é a sua camada social, considerada mais como atmosfera do que como hereditariedade. João de Deus é filho da classe média e provinciana. O pai era um pequeno negociante de S. Bartolomeu de Messines, onde o poeta nasceu em 1830, tempo de guerra civil. A mãi era muito bondosa. Ora, a bondade poetiza a infância, enche-a de contos e de exemplos de paciência e atenção às coisas desapercebidas e simples. O pai de João de Deus, apesar do seu tino prático, servia-se dêle para fins que podemos chamar espirituais, embora ao negociante algarvio aparecessem naturalmente como meras formas de elevação do nível familiar. Teve muitos filhos, e procurou colocá-los tão bem, que, gastando com a educação dêles o melhor das suas economias, chamavam-lhe na terra o Estragado.

João de Deus, quando quintanista de Direito, em Coimbra (1859)

Gente de origem humilde, sinceramente religiosa. De uma pessoa da família fêz-se o Cardial D. José Neto; um dos irmãos de João de Deus, e precisamente o que se tornou a testemunha mais enternecida da sua obra, foi o P.e António do Espírito Santo. João de Deus, criado neste ambiente, ficou patriar-

JOÃO DE DEUS, em Coimbra, estudante da Faculdade de Direito.
Tem à direita João de Sousa Vilhena, magistrado falecido. Fotografia tirada presumìvelmente em 1855 ou 56. Único retrato de João de Deus sem barba.
O mais antigo que se conhece.

JOÃO DE DEUS no Algarve, tendo à direita José António Garcia Blanco, o editor amigo, do primeiro volume de poesias — «Flores do Campo».
Fotografia tirada provàvelmente em 1855 ou 1856.
Um dos mais curiosos retratos do grande poeta.

calmente católico, isto é: trouxe Deus na poesia como o trazia no nome, sem intenções de apostolado ou de milícia confissional. Assim, uma alma naturalmente cristã, como queria Tertuliano, pôde fazer de João de Deus (com o pequeno senão do seu acentuado lirismo erótico) um dos raros poetas católicos dêste país católico.

Tão forte como a linha de amor dos seus versos é a sua linha religiosa. É certo que João de Deus não dá em poema algum a vivência do dogma ou da liturgia (o tempo de Claudel e da sua descendência lírica brasileira, cruzada de Witman, veio depois). Mas o timbre religioso de poesias graves como «A Vida» ou simplesmente narrativas como «Andava um dia em pequenino» é um dos grandes sinais por que se conhece João de Deus.

Do poeta amoroso saía também naturalmente um poeta mariano. O seu modo de conceber a mulher, nascido talvez inconscientemente do cantar de amigo, e em todo o caso do carácter feminino da experiência poética portuguesa, devia culminar naturalmente na Virgem, aqui um pouco platonizada ao contacto da lírica de Camões, além restituída ao mistério cristão do concebimento sem pecado. Seja como fôr, — poesia fronteiriça de sensualidade e amor místico, construída com terra e céu, sem densidade nem angústia, mas cheia de aéreo, estreme como água ou como pão.

Històricamente, essa poesia é, como dissemos, perfeitamente portuguesa. Assim, reflecte todos os tempos autênticamente nacionais da nossa evolução literária em verso: sabe aos trovadores (retoque da lírica 505 do Cancioneiro da Vaticana); coincide com a quadra popular em timbre e temas como nas *Cantigas* dedicadas a João de Meneses e nas de *Rosa e rosas;* nutre-se de Camões, de Gonzaga e de Garrett. Tem imagens de romanceiro, «cabelos de prata» e outras. Poeta algum conseguiu retomar tão vivo e original o talho da pastorela trovadoresca como na lavadeira e o caçador de *Boas Noites,* ou na xácara narrativa da cega a quem o filho mostra a arcada do palácio onde podiam passar a noite *(Miséria).*

Todo o historiador da literatura diagnosticará fàcilmente como vestígios camonianos passos semelhantes ao da terceira estrofe de *O seu Nome;* o «*informe e negro monte*», filho da Canção VIII; a «*fera bruta*» do soneto *Arcádia;* a soneto que abre *A Vida;* o éco de «*Alma minha*» num terceto do primeiro dos *Idílios;* outros lugares ainda. Mas o que importa não é tanto preencher a ficha das «influências recebidas», como sentir ou comunicar por experiência interna dos textos

João de Deus, deputado. — Fotog. de 1868.

João de Deus, janota. — Fotog. de 1893.

o que há de realmente camoniano em João de Deus; isto é, a pureza da matéria lírica, a sua sublimação expressiva por meio de palavras e recursos poéticos de que poeta e leitor se apoderam, como que pela primeira vez, na composição que a inspiração e a leitura lhes propõe. E assim se entende porque é que Camões ficou sendo «a montanha» no relêvo das admirações poéticas de João de Deus.

De Garrett há um ou outro toque em João de Deus. Quem lê a *Estrêla do Campo de Flores*, talvez se lembre da *Barca Bela*. Não pelo tema, evidentemente, mas por não sei que maneira de usar o *ritornello*, de lhe dar uma intenção perturbante, de alta malícia lírica. As «cançonetas» *Sêde de Amor*, sobretudo a terceira, encostam-se ao tipo de simplicidade da cançãozinha garrettiana, com um ar brincado, feito de coisas transparentes e de ritmos ágeis. E em *Casto Lírio* há, como em Garrett, uma «rosa de amor».

Mas êste parentesco entre João de Deus e Garrett deve ser mais referido a Adão e Eva da poesia portuguesa — Camões e o Romanceiro — do que a uma próxima consangüidade lírica entre os dois. Se a sedução é um processo erótico comum às líricas de ambos, João de Deus emprega-o de um modo mais primitivo, mais nu do que a triste e elegante insinuação de amor das *Fôlhas Caídas*. João de Deus não é envolventemente harmonioso, como Garrett, mas melodioso e madrigalesco como um tocador de banza. Sirva de exemplo a célebre cançoneta *Beijo na face | Pede-se e dá-se*, com as suas estrofes de dísticos curtos, emparelhados na rima e cortados de uma espécie de refrão rítmico, monossilábico, em que João de Deus descarrega persuasão, enlêvo, graça — mas tudo muito pobrezinho, com música de H. Vargas...

Esta facilidade, que, se não é sempre banal, é liricamente inferior, caracteriza-se pelo predomínio de elementos coreográficos e eurítmicos na estrutura do verso e da estrofe. Noutra cançoneta, *Fôlha Caída* (aliás uma das belas poesias de João de Deus), sete versos da primeira oitava abrem com a palavra «*tem*», numa insistência de bordão, ao som do qual a acumulação de certas situações paralelas da natureza, ennumeradas por via comparativa, fazem como de canto. Êste processo de agrupamento é típico da poética de João de Deus, e não é um méro recurso estilístico, mas um meio de expressão exigido pela própria concepção do amor que é a do poeta, e segundo a qual a melhor maneira de persuadir amor parece que é mostrar que tudo ama. Daí, a selecção dos amores exemplares da natureza, ou, melhor, dos mais belos nexos eróticos ou simples-

mente «simpáticos» do universo: «*amo-te como / A haste o gomo, / O lábio o pomo*»; como «*a flor a luz*», «*a ave o canto*», «*a campa o cipreste*», «*a rôla o seu par*».

Êste processo ennumerativo avulta sobretudo em poemas como *Fascinação* e *No Album de Nogueira Lima*, mas não fica pelas regiões triviais da poesia de João de Deus: às vezes serve a sua profundidade lírica, como em *Beatriz*, — que é cheiro, colo, beijo, riso, flâmula, nuvem, velo, corça, pérola... até ser Leonor, Laura, Catarina e Beatriz, isto é, as «*donne che avete intelletto d'amore*» da metafísica dantesca e petrarquiana.

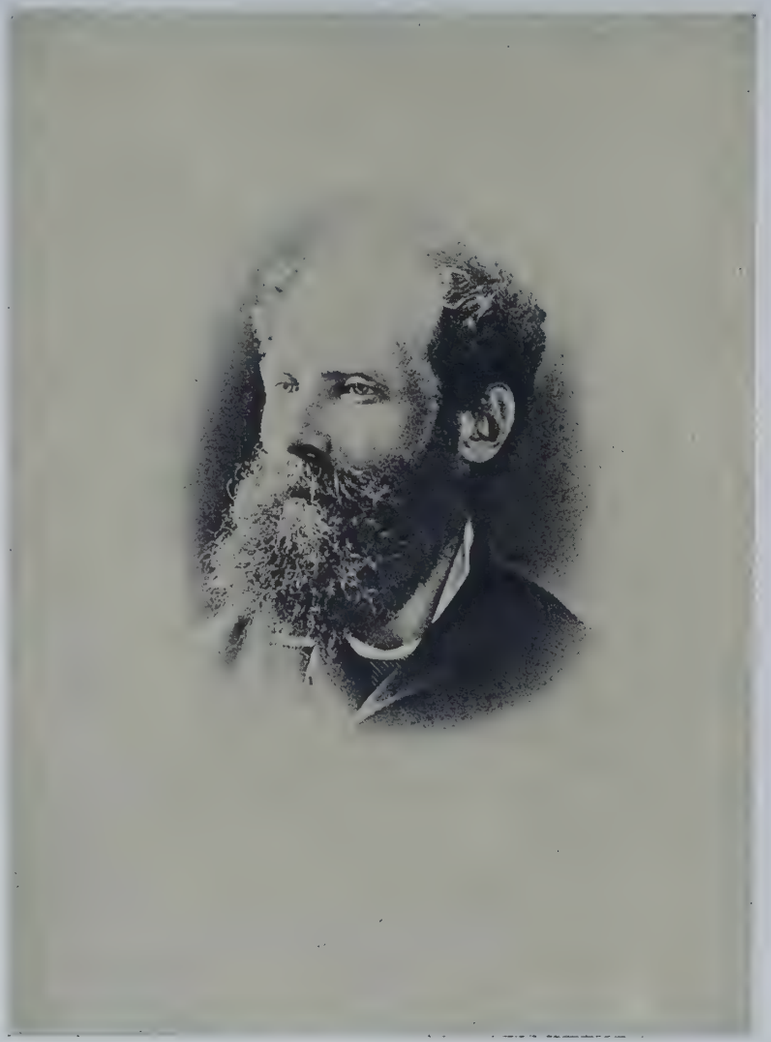
Retrato pintado por Columbano em madeira (de que nitidamente se conhecem na gravura os veios), presumivelmente em 1890.

Neste encontro do lirismo mais rudimentar com a altura platónica que Portugal só conhecera em Camões é que está a originalidade e a fôrça de João de Deus. «Poeta inculto, espontâneo, popular», como êle próprio se dizia, (embora seja preciso interpretar com prudência e desconfiança essa incultura e essa espontaneidade), a idealidade de timbre renascentista do seu cancioneiro estava-lhe no sangue; não tinha senão que dar-lhe alguma consciência pela leitura de Camões, de Dante e de Petrarca (traduziu alguma coisa de Dante e de Miguel Ângelo).

Além dêste alto lirismo, João de Deus dá ao século XIX outros valores poéticos. Se na sua poesia há não sei quê de italiano, não é só quanto a um pensamento petrarquizante, que se traduz nas novas formas que êle deu à pequena canção camoniana, mas também no ar de *laudi* que têm certos poemas seus de inspiração religiosa. O sentimento da humildade social e o seu aproveitamento como matéria lírica dão alguns dos bons poemas de João de Deus; e, senão os mais belos pela fôrça poética, os de mais halo, os mais humanos, como *Descalça!* Até as poesias narrativas, de carácter pedagógico ou edificante, como *Maria da Graça*, têm, apesar dos embaraços da efabulação, verdadeiro encanto poético.

O mal de João de Deus foi não saber separar, em si, os momentos de inspiração dos simples ímpetos de sociabilidade que o faziam versejador. Faltou-lhe o sentimento de escolha, sobretudo o instinto aristocrático que preserva todo o poeta dos contactos impuros, sejam da vida, sejam da glória e da voga. João de Deus, pela sua bondade natural e pela falta de uma rígida consciência de missão, deixou-se ir a todos os abusos métricos, desde o epigrama à polémica em verso sôbre a *Cartilha Maternal*, desde o conto e da fábula sem conseqüências de maior à pilhéria rimada, ao recitativo — coisas para música do Vargas, música do Braga, ou mesmo que fôsse música de Miguel Ângelo Lupi e Alfredo Keil. É certo que êsse fácil acesso da versificação de João de Deus a encomendas e sugestões de circunstância é ainda uma forma de poesia. Significa desprendimento pela carreira de letrado; faz indiferentes a hora da gazetilha e a do grande desabafo interior, como coisas que estão igualmente e pelo mesmo preço no universo. Mas o leitor, que não fêz voto de pobreza intelectual, como João de Deus, êsse não pode deixar de sorrir dos resultados de semelhante democracia do estro...

Coímbra — 1864



Ponta Delgada — 1887

Do «ANTHERO DE QUENTAL — IN MEMORIAM» (Pôrto, 1896)

COMPANHIA EDITORA DO MINHO — BARCELOS

JOÃO DE DEUS no seu gabinete de trabalho em 1895.

Num breve escrito de 1861, *O que é Poesia*, João de Deus aflora muito bem o seu caso de inspirado. Dá-se como o noivo, como aquêle a quem basta tomar a atitude ritual para que o carisma desça: «Eu tive tempo de lavar o rosto, ungir o meu cabelo e, como espôso em dia de noivado, de achar flores e estrêlas poucas para me adornar. Era a aurora que desenfiava o seu colar de pérolas e a primavera que derramava as flores; da minha parte, só lhe estendia o manto. Se é isto ser *poeta*, fui poeta».

A coisa é dita com um certo derrame melífluo, mas diz bem. E ainda diz melhor por estes termos: «Tive sempre de imaginar, na praia, que a onda vinha lavar-me os pés a mim». Só realmente com êste pressuposto João de Deus pôde chegar ao seu admirável conceito do verso «que não é moda», do verso «que se funda na natureza das coisas».

Esse verso, incapaz de receber qualquer côr alheia que nêle dure, é a fôrça e a fraqueza de João de Deus. A fraqueza consiste numa certa falta de corpo, de densidade, verso sem pensamento, murmurado e como que tonto de luz, sempre em afinação de hino, sempre puxado para os anjos. A fôrça está na sua extrema simplicidade («o bom verso é a óptima prosa»; «a prosa é a prova real do verso», que «fala como se costuma falar; diz o que se deve dizer» — escreve João de Deus). E não só numa simplicidade verbal, retòricamente desnudada, mas na capacidade de carga poética que o verso e a estrofe de João de Deus têm como raros outros.

O seu estilo, quando encontra, ao largo da banalidade em que gosta de andar, um grande tema, ou pelo menos um motivo necessário, atinge um alto poder expressivo, e às vezes uma novidade tão nítida que faz pensar em poetas modernos, posteriores à experiência de Baudelaire. É o caso do II soneto da grande elegia *A Vida*, em que me parece antecipado, num fundo camoniano, tudo o que será a poesia de amor de Camilo Pessanha, desde o tom ao mesmo tempo quente e festivo da desesperança até ao corte sintáctico, os «há ferido», «hei bebido» e «há desmanchado» que dão projecção mais profunda, uma espécie de *déboire* ao que passou.

Os versos isolados, fortemente carregados de poesia, são raros em João de Deus; digo os versos em que a energia, a brusquidão poética provoque a descarga emotiva. Mas os achados de expressão, a qualidade rara e própria dos sinais poéticos — metáforas, comparações, epítetos — são admiráveis: «o azul celeste» que «descansa nas águas», a flor que «cai desfeita», «o triste arbusto da vida», «as venturas sinceras», «os cuidados do dia», «o corpo da ave», «que vai levado como o sol ou como a lua», «a trança que a fôrça do vento leva no ar», a «roseira que a custo levanta as rosas do chão». E, com a «virgem de intacto pejo», a «tarde que vai levando a luz do céu», a amada que é como «o listão da aurora», o «chale mais leve do que a

JOÃO DE DEUS e seus filhos e um pequeno amigo. Sôbre esta fotografia fêz Eugénio de Castro o seu trabalho intitulado «O melhor retrato de João de Deus».

nuvem côr de neve». Finalmente os pequenos grupos métricos, como êste, na poesia *De Luto:*

Sempre fechada, sempre triste! apenas
Assomando à janela quando há chuva.

Ou, êste, de *Inocência,* — talvez, depois de *A Vida,* o maior poema de João de Deus:

Quanto de fértil em nossa alma havia
Só deixa o ermo da saudade aberto.

Claro que, de uma poesia, como a de João de Deus, tão freqüentada, tão *batida* na admiração que simplesmente diz que admira (como uma água célebre que tôda a gente bebe e não sabe porque é que é melhor água que as outras), separar as linhas de fôrça, caracterizá-las, depois tentar o *quid* que segura e dá singularidade a cada uma, é obra! E precisamente porque a poesia de João de Deus se fêz com um mínimo de verbo e nos lugares poéticos aonde vai tôda a gente (poesia de logradoiro, *flores do campo),* é que a sua crítica seduz e desespera.

Sob o ponto de vista de estrita história literária o balanço a fazer é mais simples. Basta recapitular ràpidamente e mais cerrado o que dissemos: João de Deus insere-se na poesia nacional média, popular e culta. Da popular aprende os valores de romanceiro, o carácter breve da quadra popular e as suas virtudes de síntese, de galanteio, e (silàbicamente encurtada) a sua precisão rítmica, o seu pouco pêso tão apto à linguagem da adoração. Da poesia culta, recebe as influências mais portuguesas: a erótica camoniana, com uma mulher inefável, uma atmosfera de grande altitude triste, o corpo sonoro e preciso do soneto, que João de Deus passa à nossa poesia moderna através de Antero de Quental. Recebe ainda (porque a canção camoniana de longa estrofe e de pensamento desenvolvido não era para os poucos meios construtivos e reflexivos de João de Deus) a sugestão da canção lírica de Gonzaga (já conhecida de Garrett), isto é, o simples encadeamento de estrofes de verso curto, *cantabile,* como os seguintes da *Marília:* «Se vinha da herdade, / trazia nos ninhos / as aves nascidas, / abrindo os biquinhos / de fome ou temor». E em tudo isto põe um génio puro, sem inquietação nem poder profundo, mas infinitamente enternecedor, sincero e português.

XIII — ANTERO DE QUENTAL

BIBLIOGRAFIA: — Obras originais — *À distinta actriz Emília das Neves e Sousa,* Coimbra, 1860 (poesia em fôlha volante); *Sonetos de Antero,* Coimbra, 1861; *Ao distinto actor Simões na récita do seu benefício em 22 de Março — O Homem — O Belo — O Artista,* Coimbra, 1862 (poesia em fôlha volante); *O Sol do Belo,* Coimbra, 1862 (poesia em fôlha volante); *À Itália,* Coimbra, 1862 (poesia em fôlha volante); *A Gennaro Perrelli — Ao artista e patriota italiano,* Coimbra, 1862 (poesia em fôlha volante); *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país,* Coimbra, 1862 (fôlha volante), Barcelos, 1896; *Beatrice,* Coimbra, 1863; *Fiat Lux,* Coimbra, 1863; *A Gabriela Florentina,* Coimbra, 1863 (poesia em fôlha volante); *O Beijo — A Gabriela Florentina,* Coimbra, 1863 (poesia em fôlha volante); *À Mocidade Académica,* Coimbra, 1864 (poesia em fôlha volante); *Carta de Henri Heine a Gérard de Nerval,* s. l. n. d. (publicada em 1864 in — *O Século XIX,* de Penafiel); *Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal,* Coimbra, 1865 (duas edições); *Odes Modernas,* Coimbra, 1865; Pôrto, 1875, 1898; Coimbra, 1926; *Bom-Senso e Bom-Gôsto — Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho,* Coimbra, 1865 (três edições); *A dignidade das letras e as literaturas oficiais,* Lisboa, 1865; *Portugal perante a revolução de Espanha — Considerações sôbre o futuro da política portuguesa no ponto de vista da democracia ibérica,* Lisboa, 1868; *Conferências Democráticas estabelecidas na sala do Casino* (Programa), Lisboa, 1871 (fôlha volante); *Conferências Democráticas — Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos,* Pôrto, 1871; *Carta ao Ex.mo Sr. António José de Ávila, presidente do Conselho de Ministros,* Lisboa, 1871 (duas edições); *O que é a Internacional,* Lisboa, 1871 (anónimo); *Primaveras Românticas — Versos dos vinte anos (1861-1864),* Pôrto, 1872; Coimbra, 1922; *Considerações sôbre a filosofia da história literária portuguesa — A propósito de alguns livros recentes,* Pôrto, 1872; *Os críticos do «Fausto» — Carta ao Ex.mo Sr. José Gomes Monteiro,* Pôrto, 1873; Barcelos, 1896; *Estatutos da Associação Protectora do Trabalho Nacional,* Lisboa, 1873; *Revista Ocidental* (Programa), Lisboa, 1874 (fôlha volante); outra edição, s. d., em tiragem de 10 exemplares; *Manifesto-circular aos eleitores do círculo 98,* Lisboa, 1879 (fôlha volante); *Manifesto-circular aos eleitores dos círculos 94, 97 e 98, pelo partido operário socialista,* Lisboa, 1879 (fôlha volante); *Aos eleitores do círculo 98 (Lisboa) — Carta do Dr. Antero de Quental à Comissão eleitoral do partido socialista no referido círculo,* Lisboa, 1880 (fôlha volante); *Zara,* Pôrto, 1880 (poesia em fôlha volante); Lisboa, 1894, 1925 (edições poliglotas); *Sonetos,* Pôrto, 1881; *A poesia na actualidade — A propósito da «Lira Íntima» do sr. Joaquim de Araújo,* Pôrto, 1881; *Tesouro poético da infância,* Pôrto, 1883; *Os Sonetos Completos,* Pôrto, 1896, 1890, 1918, 1919; Coimbra, 1922, 1924, 1933; *Discurso lido na sessão de 7 de Março da Liga Patriótica do Norte pelo seu presidente Antero de Quental,* Pôrto, 1890 (fôlha volante); Barcelos, 1896 (sob o título *Liga Patriótica do Norte); A casa do coração,* Pôrto, 1891 (fôlha volante); *Cadências Vagas,* Lisboa, 1892; *Raios de Extinta Luz,* Lisboa, 1892; *O Infante D. Henrique,* Barcelos, 1893; Lisboa, 1894; *Tendências novas da poesia contemporânea,* Ponta Delgada, 1893; Barcelos, 1896; *Serenata,* Pôrto, 1894; Hamburgo, s. d. (fólios de 4 págs. com poesia e música); *Algumas poesias suas pouco conhecidas (Não entradas em nenhum dos volumes de suas obras, vindos à luz),* Barcelos, 1894; *A Filosofia da Natureza dos naturalistas,* Ponta Delgada, 1894, 1901; *Sá de Miranda,* Lisboa, 1894; Barcelos, 1894 (sob o título *Uma edição crítica de Sá de Miranda); Oliveira Martins — O crítico literário — O economista — O historiador — O publicista — O político,* Lisboa, 1894; *A educação das mulheres,* Barcelos, 1894; *As «Meditações Poéticas» de Lamar-*

João de Deus. Retrato tirado em 1895 pela fot. Bobone. Dêste ano tem João de Deus muitos outros retratos.

tine, Barcelos, 1894; *A Pátria — Fragmento dum livro*, Barcelos, 1894; *Sôbre traduções — Depois de ler as «Recreações Poéticas» do Sr. F. Castro Freire*, Barcelos 1894; *O que tôda a gente vê ou a política numa lição*, Barcelos, 1894; *Introdução aos «Cantos na Solidão» de Manuel Ferreira da Portela*, Barcelos, 1894; *Lopes de Mendonça*, Barcelos, 1894; *A Bíblia da Humanidade*, Barcelos, 1895; *Arte e Verdade*, Barcelos, 1895; *O sentimento da imortalidade*, Barcelos, 1895; *Espontaneidade*, Barcelos, 1895; *O futuro da música*, Barcelos, 1895; *Resposta aos jornais católicos*, Barcelos, 1895; *O destêrro dos deuses*, Barcelos, 1895; *Fantasia panteísta*, Barcelos, 1895; *Leituras populares*, Barcelos, 1896; *Das Revistas de Coimbra*, Barcelos 1896; *A indiferença em política*, Barcelos, 1896; *Questão Romana*, Barcelos, 1896; *Introdução a uma poesia de D. Henriqueta Elisa*, Barcelos, 1866; *Sôbre o «Tasso» de Cândido de Figueiredo*, Barcelos, 1896; *A morte de D. João*, Barcelos, 1866; *Da reorganização social — Aos trabalhadores e proprietários, por João Bonança*, Barcelos, 1896; *O Japão — Estudos e impressões de viagem, por Pedro Gastão Mesnier*, Barcelos, 1896; *Júlio Michelet*, Barcelos, 1896; *Alexandre Herculano*, Barcelos, 1896; *Socialismo e Filantropia*, Barcelos, 1896; *Soldados da Revolução*, Barcelos, 1896; *Ultimatum de 11 de Janeiro*, Barcelos, 1896; *Programa do «Rebate» — A que vimos*, Barcelos, 1896; *Duas palavras a propósito do folheto do sr. Teófilo Braga, mas não em resposta ao sr. Teófilo Braga nem ao seu folheto*, Coimbra, 1896; *Na sentida morte do meu condiscípulo e amigo Martinho José Raposo*, Barcelos, 1897; *Expiação*, Barcelos, 1897; *A João de Deus*, Génova, 1897; *A Entrevista* (versão de Edgar Poe), Coimbra, 1900; *Uma poesia inédita de Antero de Quental (As Campas)*, Lisboa, 1907; *Cartas*, Coimbra, 1915, 1921; *Esparsos e traduções*, Pôrto, 1918; *Cartas ao Dr. Lôbo de Moura*, Coimbra, 1921; *Prosas* — I vol., Coimbra, 1923; II vol., Coimbra, 1926; III vol., Coimbra, 1931; *Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, Coimbra, 1931; *Cartas inéditas de Antero de Quental a Wilhelm Storck*, Coimbra, 1935.

Retrato de João de Deus, perfil, tirado expressamente para a medalha de homenagem, datada de 1898. O retrato deve ter sido tirado alguns anos antes. Talvez em 1892.

Medalha de homenagem a João de Deus — 1898.

REVISTAS E JORNAIS QUE DIRIGIU: *O Académico* (1860, com João de Deus, Eduardo José Coelho, Eugénio Arnaldo de Barros Ribeiro, Alberto Sampaio, Alberto Teles, Guimarães Fonseca, Severino de Azevedo e Cunha Seixas), de Coimbra; *A República* (1870, com Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis, Eça de Queiroz e António Enes); *Pensamento Social* (1872, com Oliveira Martins) e *Revista Ocidental* (1875, com Batalha Reis), de Lisboa.

REVISTAS E JORNAIS EM QUE COLABOROU: *Prelúdios Literários, O Fósforo, Estreia Literária, Tira-Teimas, Átila, O Cisne do Mondego, Grémio Alentejano, O Instituto* e *A Fôlha*, de Coimbra, *Século XIX*, de Penafiel, *Jornal do Pôrto, Primeiro de Janeiro, O Operário, O Trabalhador, Rebate, A Província, Harpa, Renascença* e *Revista de Portugal*, do Pôrto, *Revolução de Setembro, Revista do Século, Jornal do Comércio, Diário Popular, O Cenáculo*, de Lisboa, *Correspondência do Norte*, de Vila Real, *Dois Mundos* e *Revue Universelle et Internationale*, de Paris.

USOU OS PESEUDÓNIMOS DE *Antero Insulano, Antero Insulano Português, Raimundo de Castromino, Vasco Vasques Vasqueanes, O Bacharel José* e *Carlos Fradique Mendes*.

TRADUÇÕES: — EM ALEMÃO: *Anthero de Quental — Ausgewählte Sonette aus dem Portugiesischen verdeutsch von Wilhelm Storck*, Paderborn und Münster, 1887. EM ESPANHOL: *Los Sonetos Completos de Anthero de Quental — Traductor Emilia Bernal*, Madrid, 1926; *Antero de Quental — Sonetos escogidos*, Santiago de Compostela, 1933. EM FRANCÊS: *Virgile Rossel — Un grand poète portugais du XIXe siècle — Poèmes et Sonnets par Anthero de Quental*, Lausanne, s. d., mas de 1911. EM INGLÊS: *Anthero de Quental — Sixty-four sonnets englished by Edgar Prestage*, Londres, 1894; *Sonnets and Poems of Anthero de Quental, translated by S. Griswold Morley*, Berkeley, Califórnia, 1922; *Alguns sonetos de Anthero de Quental traduzidos por S. R. Koehler*, Ponta Delgada, 1918. EM ITALIANO: *Anthero de Quental — Sonetti Completi — Prima versione italiana publicata dall'autore di «Fiori d'Oltralpe»* (Tommaso Cannizzaro), Messina, 1898; *Quatro sonetti di Anthero de Quental tradotti per Don Gioachino de Araujo da E. Teza*, Padova, 1896. EM SUECO: *Anthero de Quental — Dikter öfversatta af Göran Björkmann*, Upsala, 1892; *Anthero de Quental — Dikter — En efterskörd ofversättningar af Göran Björkmann*, Norrtelje, 1895. Poliglota: *Zara*, Lisboa, 1894, 1925.

OBRAS SÔBRE ANTERO DE QUENTAL: *Antero de Quental — In Memoriam*, Pôrto, 1896; Augusto de Almeida, *Bibliografia Anteriana — Exame de recentes afirmações, com duas cartas de Camilo Castelo Branco*, Famalicão, 1897; Joaquim de Araújo, *Ensaio de Bibliografia Anteriana* (ed. restrita, separata do *In Memoriam*); *Bibliografia Anteriana — Resposta a alguns reparos do sr. Delfim Gomes*, Coimbra, 1896; *Bibliografia Anteriana — Resposta aos srs. Delfim Gomes e José Pereira de Sampaio*, Génova, 1897; *Na morte de Antero*, Pôrto, 1891; António Arroyo, *A viagem de Antero de Quental à América do Norte*, Pôrto, 1916; José de Azevedo e Meneses, *Bibliografia Anteriana — A propósito da «Resposta» do sr. Joaquim de Araújo aos srs. Delfim Gomes e José Pereira de Sampaio*, Barcelos, s. d.; Guido Battelli, *Antero e Carducci*, Coimbra, 1930; Albin Eduard Beau. *Antero de Quental e a idéu da Morte*, Coimbra, 1935; *Antero de Quental in seiner Auseinandersetzung mit dem deutschen und dem franzoesischen Geiste*, Paris, 1938; Göran Björkmann, *Anthero de Quental — Ett*

Skaldeporträtt, Upsala, 1894; Bourbon e Meneses, *O génio e o coração de Antero*, Lisboa, 1934; Teófilo Braga, *Antero de Quental (In Memoriam) — Rodrigues de Freitas (Comemoração biográfica)*, Lisboa, 1896; José Bruno Carreiro, *Antero de Quental — Notas sôbre a sua vida*, Ponta Delgada, 1934; A. Burstorff, *Antero de Quental — Impressões fugitivas*, Lisboa, 1912; Manuel da Câmara, *Antero de Quental e a sua morte*, Ponta Delgada, 1930; Joaquim de Carvalho, *A evolução espiritual de Antero*, Lisboa, 1929; *Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann*, Lisboa, 1934; F. Adolfo Coelho, *O suposto escandinavismo de Antero de Quental*, Pôrto, 1897; Leonardo Coimbra, *O pensamento filosófico de Antero de Quental*, Pôrto, s. d.; Jaime Cortesão, *A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins*, Coimbra, 1910; Fidelino de Figueiredo, *Antero de Quental — A sua psicologia, a sua filosofia, a sua arte*, Lisboa, 1909; Rui Galvão de Carvalho, *Notas sôbre Antero de Quental — Suas tendências filosóficas*, Ponta Delgada, 1926; *Meditação sôbre a vida e a morte de Antero*, Ponta Delgada, 1934; *Três ensaios sôbre Antero de Quental*, Coimbra, 1934; Delfim Gomes, *Bibliografia Anteriana — Notas ao ensaio do sr. Joaquim de Araújo*, Coimbra, 1896; *Bibliografia Anteriana — Defesa de algumas notas impugnadas pelo sr. Joaquim de Araújo*, Coimbra, 1896; J. M. de Faria e Maia, *Em volta de Antero*, Ponta Delgada, 1924; Eugénio Pacheco, *A propósito do catálogo da Anteriana*, Ponta Delgada, 1899; Severo Portela, *A crença de Antero*, Coimbra, 1899; *A mãi de Antero*, Lisboa, 1923; Feliciano Ramos, *Antero de Quental na poesia filosófica*, Vila do Conde, 1936; Augusto Rocha, *Antero de Quental — Perfil psíquico*, Coimbra, 1900; Fernando Sabóia de Medeiros, *Antero de Quental*, Rio de Janeiro, 1938; António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, 1930; Sant'Ana Dionísio, *Antero — Algumas notas sôbre o seu drama e a sua cultura*, Lisboa, 1934; António Sérgio, *Notas sôbre os «Sonetos» e as «Tendências gerais da Filosofia» de Antero de Quental*, Lisboa, 1909; Silva Pinto, *Teófilo Braga e os críticos — Aos srs. Antero de Quental e Camilo Castelo Branco*, Lisboa, 1872; Sousa Martins, *Nosografia de Antero* (3 exemplares, separata do *In Memoriam*); E. Teza, *Zara — Versi scritti da Anthero de Quental, tradotti da parecchi*, Génova, 1895. Folhetos da *Questão Coimbrã*; quási todos discutem largamente Antero, a carta a Castilho *Bom-Senso e Bom-Gôsto* e o opúsculo *A dignidade das letras e as literaturas oficiais*. Pela Câmara Municipal de Ponta Delgada foi publicado o *Catálogo da livraria de Antero de Quental, legada à Biblioteca Pública de Ponta Delgada*, s. l. n. d.

Em muitas obras estão publicados estudos e artigos importantes sôbre Antero e a sua obra. Entre elas merecem maior interêsse: Abel de Andrade, *A Síntese Cartesiana*, Coimbra, 1892; Bulhão Pato, *Memórias*, I vol., Lisboa, 1894; Fidelino de Figueiredo, *História da literatura realista*, Lisboa, 1824; *História do regime republicano em Portugal*, Lisboa 1930 (cap. *Formação da ideologia republicana (1820-1880)*, pelo Dr. Joaquim de Carvalho); Jaime de Magalhães Lima, *O Amor das nossas coisas e Alguns que bem o serviram*, Coimbra, 1933; Vitorino Nemésio, *Sob os signos de agora*, Coimbra, 1932; *Études portugaises*, Lisboa, 1938; Henrique das Neves, *Esbocetos individuais*, Lisboa, 1911; Fran Paxeco, *A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo*, Lisboa, 1917; Pinto Osório, *Lembranças da Mocidade*, Pôrto, 1907; *Figuras do passado* (sob o pseudónimo de Pedro Eurico), Lisboa, 1915; Feliciano Ramos, *Ensaios de crítica literária*, Coimbra, 1933; António Sardinha, *Ao Princípio era o Verbo*, Lisboa, 1924; *Ao ritmo da ampulheta*, Lisboa, 1925; António Sérgio, *Ensaios*, IV e V vol., Lisboa, 1934, 1936; Teófilo Braga, *Os críticos da História da Literatura Portuguesa*, Pôrto, 1872; *História da Universidade de Coimbra*, IV vol., Lisboa, 1902; *As modernas ideas da literatura portuguesa*, II vol., Pôrto, 1892; Antão de Vasconcelos, *Memórias do Mata-Carochas*, Pôrto, 1920; Maria Amália Vaz de Carvalho, *Alguns homens do meu tempo*, Lisboa, 1889; *Pelo mundo fora*, Lisboa, 1896; Henrique de Vilhena, *Novos ensaios*, Lisboa, 1931.

Retrato de João de Deus tirado na mesma data em que foi tirado e de perfil para a medalha que figura na página anterior.

a) Ascendência

Antero Tarqüínio de Quental descendia pela linha paterna duma das mais antigas e ilustres famílias dos colonizadores da Ilha de S. Miguel, nos Açôres. «Um meridional descendente dos navegadores católicos do século XVI», disse na carta autobiográfica a W. Storck. Era filho do morgado Fernando de Quental (1814-1873) e de sua mulher D. Ana Guilhermina da Maia (1811-1876), nascida em Setúbal.

Pela linha paterna, era neto de André da Ponte de Quental da Câmara e Sousa (1768-1845), grande amigo de Bocage, que a êle se refere em algumas poesias, tendo-lhe consagrado a Ode III (ed. Inocêncio) e o soneto *Ao senhor André da Ponte Quental e Câmara, quando prêso com o autor*. O avô de Antero tomou parte activa na agitação política determinada pelas invasões francesas, foi um dos chefes da revolução liberal na Ilha de S. Miguel, em Março de 1821, e pela mesma ilha, no ano seguinte, foi eleito deputado às Côrtes, figurando entre os signatários da Constituïção de 1822. Escreveu muitas poesias e obras em verso, que nunca publicou e destruíu no fim da vida. Ocuparam situações de relêvo na vida pública de S. Miguel muitos outros antepassados de Antero de Quental pela linha paterna, documentada até ao seu 12.º avô, Vasco Fernandes de Mendonça Coutinho, «grande fidalgo, senhor de Coutim e outras terras», segundo informa o cronista António Cordeiro. Á sua família pertenceu o Venerável Padre Bartolomeu do Quental (1626-1698), fundador da Congregação do Oratório em Portugal, grande orador e

místico, trineto do 9.º avô de Antero, Fernão de Quental. Outro místico ilustre na sua ascendência pela linha paterna foi o frade Simão de Novais (séc. xv), que morreu em fama de santidade, referindo um cronista que da terra da sua sepultura se dizia que « tinha virtude para cura de muitas enfermidades » (1). Pela avó paterna, D. Carlota Joaquina de Freitas Betencourt, da casa dos Condes de Carvalhal, da Ilha da Madeira, descendia das mais ilustres famílias desta ilha e era sexto neto do escritor Henrique Henriques de Noronha, sócio provincial da Real Academia de História (séc. XVIII).

Pela linha materna, era neto do desembargador Antero José da Maia e Silva, de Tomar, juiz de fora de Ponte do Lima e corregedor de Setúbal, e bisneto do dr. António Pedro da Maia, advogado em Tomar, sendo pessoas obscuras os outros antepassados de que há notícia.

(1) Estudando o *Esbôço Genealógico* publicado por Ernesto do Canto no *In Memoriam* de Antero, encontram-se na sua ascendência doze pessoas que seguiram a vida religiosa, sacerdotes, frades e freiras.

Original de Raphael Bordallo Pinheiro

Ao querido João de Deus Ramos
off.e o seu adm.dor e amigo
Abril 1915. M. Gustavo Bordallo Pinh.º

JOÃO DE DEUS e a cartilha; original de Rafael Bordalo Pinheiro (Museu João de Deus)

Desenho de Columbano representando Luiz de Camões, existente no Museu João de Deus. 1888.
Para modêlo da cara serviu o retrato de João de Deus

b) O Homem

Todos os que conheceram Antero de Quental o descrevem como « um magnífico varão » (1).

Alto, ágil e forte na mocidade, dominava-lhe a estatura uma enorme cabeleira em desalinho, « grenha densa e loira com lampejos fulvos », que « flutuava por cima das multidões », e, rompendo « logo acima dos supercílios », lhe deixava « apenas a descoberto um dedo de testa », motivo por que a rapava à navalha.

Cabeça « resplandecente e vigorosa », « fulva, audaz e leonina, erguida com um porte triunfal ».

No « rosto oval », as « faces dum leve côr de rosa » compunham-lhe uma « fisionomia admiràvelmente bela », « onde havia um não sei quê de filósofo de Alexandria e de pilôto do Báltico », iluminada pelo seu sorriso, que era « como um sol nascente ».

Olhos muito azues, « alegres, irónicos, maliciosos,

(1) As palavras entre cômas são extraídas de artigos de Eça de Queiroz, Mariano Machado de Faria e Maia, Raimundo Capela, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Bulhão Pato, Visconde de Faria e Maia, João Machado de Faria e Maia, Batalha Reis, Manuel de Arriaga, Alfredo Bensaúde, João Ramos, António de Azevedo Castelo Branco, Oliveira Martins, Fernando Leal, Anselmo de Andrade, Luiz de Magalhãis e Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

ou abstractos e perdidos», de «serena cintilação», onde «a sua lealdade magnífica resplandecia, como uma luz santa às portas dum sacrário».

Ligando à farta cabeleira e com ela reluzindo, aureolada, a barba virgem, «intonsa, encrespada e loira», que «lhe trepava pelas faces», descrita por Eça de Queiroz como «dum ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca», e por João Machado «curta, à Cristo, dum loiro claro».

O nariz, «um pouco aquilino», tinha «uma linha altiva». Os lábios, como se nota em algumas fotografias, eram muito finos — «lábio virgem, duma pureza helénica, duma frescura silvestre e matinal». Tinha o braço «musculoso e esguio»; a mão era «sêca e fina, de vélha raça».

Neste conjunto de beleza e perfeições físicas sòmente destoavam as orelhas, grandes e mal formadas, e os pés — «um pé enorme de que fazia gala e a que aplicava com graça e orgulho a sátira de Bocage: *Se o padre santo tivesse*, etc.»

O aspecto de Antero variou muito através da vida.

No período da infância era «um rapaz de vivacidade exuberante, um tanto travêsso e, muitas vezes, principal protagonista nas diabruras dos condiscípulos». Os que o descrevem na mocidade recorrem à mitologia e à estatuária gregas: — «Fronte olímpica», «feições apolíneas», «um Júpiter rosado», «Hércules Farnésio», «corpo de Alcides, airoso e leve». — «Parecia (diz Mariano Machado) ter inspirado a Diderot a célebre graça: *Je vous connais, Monsieur, vous êtes la Jeunesse!*»

Passado o período da extravagância juvenil, por 1870, quando Oliveira Martins o conheceu, era «um rapaz encantador, como nunca encontrara outro». Por essa época, dava a João Ramos a impressão de «a omnipotência triunfal do verbo cantando o hino da mocidade». Em 71, segundo Henrique das Neves, a sua cabeça «impressionava a quem a via, principalmente por uma rebelde madeixa de cabelo encrespado, que irrompia abruptamente do meio da testa», e tinha «no seu conjunto fisionómico, traços varonis, barba ruiva e hirsuta, ventas duma palpitação fogosa, o aspecto teutónico e bravio do homem das cavernas — a fisionomia de Camões».

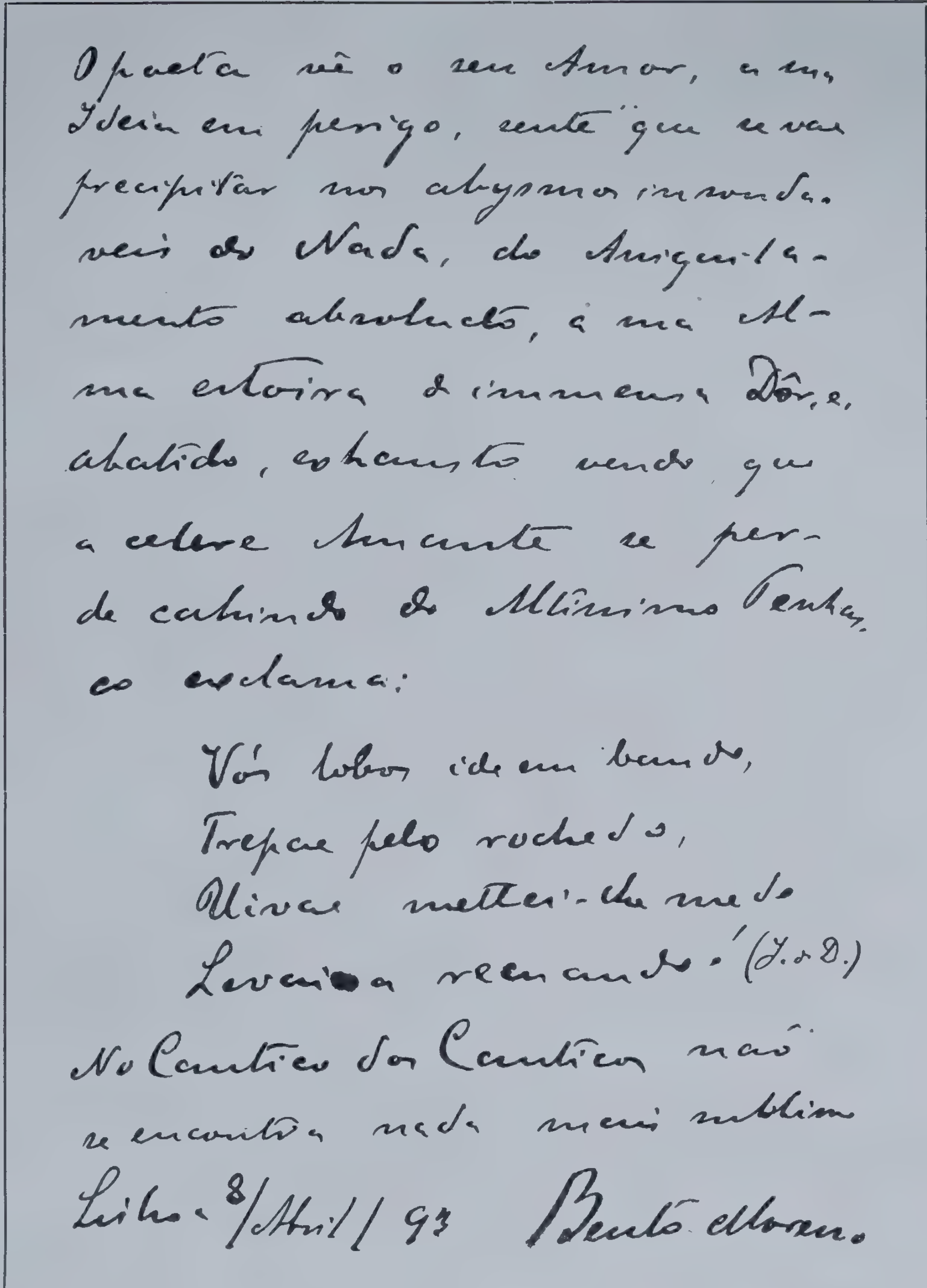
Durante a grande crise pessimista (1874-80), Eça de Queiroz descreveu-o com a «face emaciada e sôbre ela espalhada aquela sombra, semelhante a um reflexo de coisas negras, que outrora deu a Dante a reputação de descer cada noite ao inferno».

No último período da vida — Santo Antero isolado na tebaida de Vila do Conde — evocou-o assim Luiz de Magalhãis: — «Não era já a figura heróica da sua mocidade, de juba de oiro e olhar firme e altivo: a fronte despovoara-se-lhe; os olhos azues pareciam perder-se num sonho; a barba comprida e o corpo descarnado davam-lhe o aspecto dum asceta emaciado pelas penitências, todo concentrado numa vida interior... singular individualidade em que se diria haver qualquer coisa de mais que humano».

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro sôbre João de Deus pedagogo, existente no Museu João de Deus

Todos os que um dia se aproximaram de Antero ficaram logo, irresistìvelmente, dominados pela elevação do seu espírito e pela sua grandeza moral. Produziam êsse domínio, tanto a profundidade do seu pensamento, como a sua vastíssima cultura, adqüirida logo na mocidade com leituras que tudo abrangiam e a tudo se alargavam, no campo da Literatura, da História, da Filosofia, da Religião, das Ciências naturais, políticas e sociais (1). «Lia muito, lia sempre e lia tudo», diz um condiscípulo. Outro informa que era «ávido pela leitura e que «poetas, romancistas, historiadores, filósofos, teólogos, clássicos portugueses e estrangeiros e socialistas, tudo devorava com o ardor da sua mocidade e do seu temperamento meridional». Em 1887, na carta autobiográfica, descrevendo a sua entrada, aos dezóito anos, para o «grande mundo do pensamento e da poesia», Antero aludirá às «caóticas leituras a que então se entregava, devorando com igual voracidade romances e livros de ciências naturais, poetas e publicistas e até teólogos», e destacará de

(1) Em tôda a obra de Antero há referências a cêrca de 500 autores. São transcritas frases de 48, e em livros, artigos e poesias contam-se 52 legendas de escritores nacionais e estrangeiros, algumas da *Bíblia*.


O poeta vê o seu Amor, a sua Ideia em perigo, sente que se vae precipitar nos abysmos insondaveis do Nada, do Aniquilamento absoluto, a sua Alma estoira de immensa Dôr, e, abatido, exhausto vendo que a celere Amante se perde caindo do Altissimo Penhasco exclama:

Vós lobos ide em bando,
Trepae pelo rochedo,
Uivae metter-lhe medo
Levae-a reanimando! (J. d. D.)

No Cantico dos Canticos não se encontra nada mais sublime

Lisboa 8/Abril/93 Bento Moreno

Página do mesmo album, de Teixeira de Queiroz, e encaixilhada no verso da caricatura anterior

Caricatura feita no album da filha do poeta, D. Maria Isabel Ramos, existente no Museu João de Deus

entre ou autores que exerceram sôbre o seu espírito «uma impressão profunda e duradoura» Goethe *(Fausto)*, Rémusat *(De la philosophie allemande)*, Proudhon e Michelet e, mais tarde, Hegel.

Na conversa, a sua palavra fascinava, deslumbrando todos os que a escutavam. Já em Coimbra os seus contemporâneos em volta dêle se agrupavam «em silêncio e enlêvo, como discípulos». No período do Cenáculo (1870), «os amigos ou viam-no fascinados pela sua palavra quente, mas sem ênfase, pela sua facilidade de improvisador, pela sua *vis* cáustica». «Nunca vi ninguém mais discutir assim», diz Batalha Reis, que o descreve falando «em voz baixa, enunciando as palavras vagarosamente, com pausas». Eça de Queiroz deixou Antero-conversador evocado numa bela página — «A grande obra de Antero, na verdade, foi a sua conversação. O que resta em Panfletos, Artigos, Ensaios, representa tão incompletamente o seu pleno, rico, povoado, fecundo espírito, como sêcas fôlhas de árvore entre fôlhas de papel representam um fundo bosque da Flórida. Só os que o escutaram, na intimidade, ficaram conhecendo a prodigiosa abundância, originalidade, finura, profundidade e fôrça do seu pensamento. A antiquada comparação do «relâmpago» alumiando sùbitamente horizontes, campos, estradas, casais, tôda uma vastidão de vida e terra que se não suspeitava sob a escuridão, descreve muito gràficamente o efeito intelectual de Antero conversando. E o encanto estava em que todo êste deslumbramento era produzido com muita simplicidade — quási com humildade».

Desenho de JOÃO DE DEUS, de um album que pertenceu a Cruz Magalhães e que êste legou ao Museu. Sôbre os desenhos de João de Deus publicou M. Teixeira Gomes um opúsculo intitulado *Desenhos e anecdotas de João de Deus* — Lisboa, 1907.

À sua suprema elevação mental, à vida altíssima do seu espírito aliava um feitio de burguês modelar, na ordem perfeita em que tinha sempre tôdas as suas coisas, desde as suas contas e despesas, sempre muito verificadas e equilibradas, com cuidados pela melhor colocação dos seus modestos capitais, até à ordem severa que punha em tudo o que o cercava.

Vestia com grande simplicidade: em Coimbra, de capa e batina sempre ennodoadas, meias pretas esgarçadas, grossos sapatos ou botas ferradas, grande bengalão, «sempre descuidado no traje civil»; por 1880, em Lisboa, usava «umas botas muito compridas, de tacão raso à americana, grosso jaquetão azul, chapéu de côco enterrado na cabeça quási até às orelhas». No último período da vida usava «uma má quinzena de alpaca no verão, um paletó côr de mel no inverno».

Abominava o luxo: «indiferente ao confôrto», vivia «na mais extrema frugalidade» e tinha «o asseio e a ordem rígida duma freira vélha». Já no seu quarto de estudante em Coimbra, «modesto e desguarnecido como um templo de protestantes», o seu leito de ferro estava «num alinho rígido»; a casa de Vila do Conde, onde durante o último período da vida vivia «como um pobre voluntário num casebre de vila pobre», apresentava-se «simplificada até ao cenobitismo», tendo por único adôrno, além de livros em estantes de pinho, «flores das sebes em púcaros de barro». Era — «a cela dum monge». Só tinha um vício — fumar. E não era isento de «pequenas idiossincrasias», nem de superstições: evitava entrar em qualquer casa com o pé esquerdo.

c) A Vida

Antero de Quental nasceu em Ponta Delgada a 18 de Abril de 1842, e na mesma cidade viveu até aos dez anos, educado pela mãi nos mais severos preceitos do Catolicismo. Neste período da infância freqüentou com a maior intimidade a casa de António Feliciano de Castilho, que residiu em Ponta Delgada de 1847 e 1850. Aí se encontrou num meio em que as Letras eram cultivadas apaixonadamente, ouvindo a cada passo os versos que o poeta recitava aos que formavam a côrte de admiradores sempre organizada em sua volta.

Na mesma época assistiu ainda a um grande movimento a favor da instrução popular, dirigido por Castilho, que nesse sentido promoveu uma cruzada em que

tomou parte tôda a sociedade micaelense, podendo-se encontrar nela a génese do interêsse de Antero pela instrução das classes populares, revelado logo aos dezóito anos em artigos publicados em revistas de Coimbra.

Aos dez anos, sofreu uma impressão profunda ao ouvir ler a ode *Deus*, de Alexandre Herculano, contando trinta anos depois: — «Profunda foi a impressão que recebi, como a revelação dum mundo novo e superior, a revelação do ideal religioso... Aquêles versos revolviam-me, traziam-me as lágrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado numa onda de poderosa harmonia, na região das coisas transcendentes».

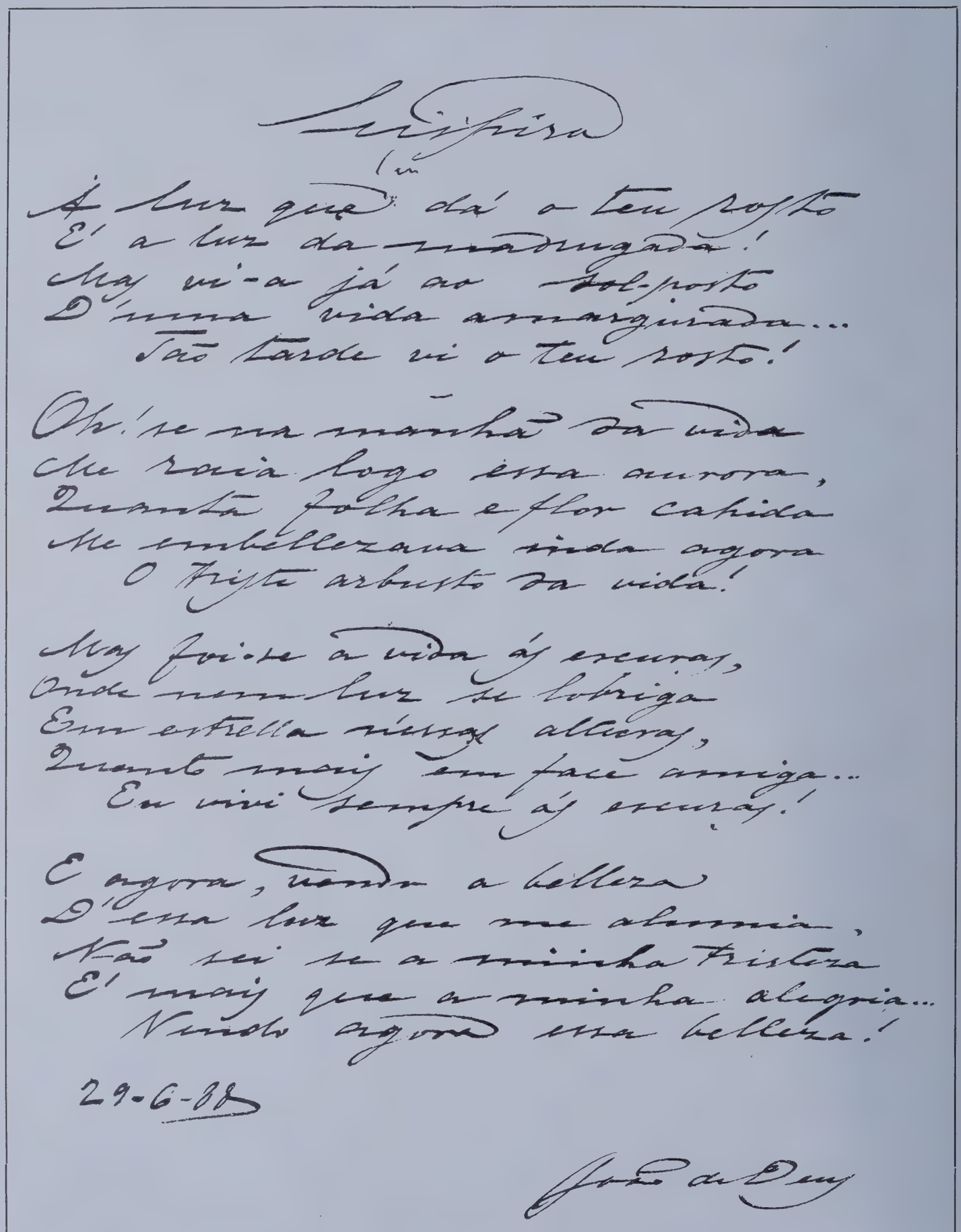
Em 1852 partiu para Lisboa, a freqüentar o Colégio do Pórtico, de Castilho. Encerrado êste colégio no ano seguinte, voltou para S. Miguel, onde continuou os seus estudos, fazendo em 1855 exame de instrução primária no liceu de Ponta Delgada. Partiu nesse ano para Coimbra, onde, como aluno interno no Colégio de S. Bento, fêz o curso do liceu, que concluíu em 1858. Matriculou-se em Outubro dêste ano na Faculdade de Direito da Universidade e em Julho de 1864 concluíu a formatura, tendo repetido o quarto ano, em que foi reprovado.

Logo durante o período da mocidade, pelo prestígio intelectual e pelo domínio moral, Antero aparece como a primeira figura da sua geração, a «grande geração», «a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da vélha estrada da tradição», como êle mais tarde a definiu, a mais extraordinária geração que tem passado por Coimbra, pelo conjunto dos seus altos valores mentais, pela forma como se afirmaram e pela acção que exerceram na sociedade portuguesa, revolucionando-a em todos os campos, na literatura, na arte, na história, na filosofia, na política, na crítica.

Eça de Queiroz ergueu assim Antero a chefe da sua geração: — «Nesse tempo êle era em Coimbra, e nos domínios da inteligência, o Príncipe da Mocidade. E com razão, porque ninguém resumia com mais brilho os defeitos e as qualidades daquela geração, rebelde a todo o ensino tradicional, e que penetrava no mundo do Pensamento com audácia, inventividade, fumegante imaginação, amorosa fé, impaciência de todo o método e uma energia arquejante que a cada encruzilhada cansava... Antero resumiu, com desusado brilho, o tipo do académico revolucionário e racionalista: e daí começou a sua popularidade — e a sua lenda... É certo que êle se afirmou sempre como o Grão-Capitão das nossas revoltas... Já êle era, além da melhor idéia da Academia, o seu melhor verbo... Antero não era só um Chefe — mas um Messias. Tudo nêle o marcava para essa missão, com um relêvo cativante: até a bondade iniciadora do seu sorriso, até aquela grenha côr de oiro fulvo, que flamejava por cima das multidões. E havia já com efeito hábitos messiânicos nesse bando de discípulos que o acompanhavam através de Coimbra, de capa sôlta, enlevados na sua palavra».

Magnífico desenho inédito de João de Deus, legado aos Jardins-escola João de Deus por Luiz Calado Nunes

Em 1887, na carta autobiográfica, Antero resumiu assim a sua vida nos anos de Coimbra: — «O facto importante da minha vida, durante aquêles anos, e provàvelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao saír, pobre criança arrancada do viver quási patriarcal duma província remota e immersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual dum centro onde mais ou menos vinham repercutir-se



Lisbira

(in

À luz que dá o teu rosto
E' a luz da madrugada!
Mas vi-a já ao sol-posto
D'uma vida amargurada...
Tão tarde vi o teu rosto!

Oh! se na manhã da vida
Me raia logo essa aurora,
Quanta folha e flor cahida
Me embellezava inda agora
O triste arbusto da vida!

Mas foi-se a vida ás escuras,
Onde nem luz se lobriga
Em estrella nessas alturas,
Quanto mais em face amiga...
Eu vivi sempre ás escuras!

E agora, vendo a belleza
D'essa luz que me alumia,
Não sei se a minha tristeza
E' mais que a minha alegria...
Vendo agora essa belleza!

29-6-88

João de Deus

Autógrafo do poeta (Colecção do Museu João de Deus)

JOÃO DE DEUS

DESPEDIDAS

DO VERÃO

POESIAS COLLIGIDAS POR JOAQUIM DE ARAUJO
E PRECEDIDAS DUMA CRITICA DE THEOPHILO BRAGA

LISBOA
TYP. RUA NOVA DOS MARTYRES, 3
1880

A rara edição coligida por Joaquim de Araújo, uma das mais raras espécies da bibliografia do poeta

JOÃO DE DEUS

CAMPO DE FLORES

POESIAS LYRICAS COMPLETAS

EDIÇÃO AUTHENTICA E DEFINITIVA

COORDENADA

POR

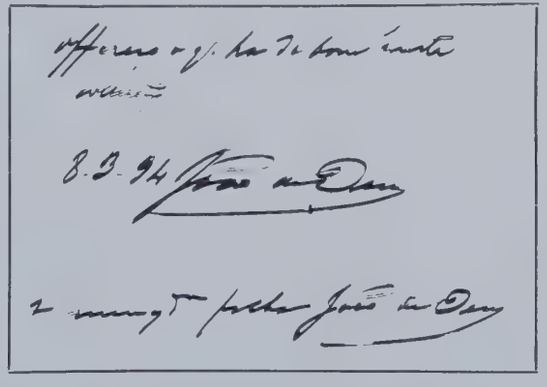
THEOPHILO BRAGA

LISBOA—IMPRENSA NACIONAL
M DCCC XCIII

Reservados todos os direitos

A edição coligida por Teófilo Braga, um dos mais valiosos monumentos ao poeta

as encontradas correntes do espírito moderno. Varrida num instante tôda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer plàcidamente e obedecer sem esfôrço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quási todos os da minha geração... Se a isto se juntar a imaginação ardente, com que em excesso me dotara a natureza, o acordar das paixões amorosas próprias da primeira mocidade, a turbulência e a petulância, os fogachos e os abatimentos dum temperamento meridional, muita boa fé e boa vontade, mas muita falta de paciência e método, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos com que, aos dezóito anos, penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia».



Oferta do *Campo de Flores*, edição acima reproduzida a um dos filhos do poeta (Museu João de Deus)

A todos os incidentes de maior notoriedade da vida académica ficou ligado o nome de Antero durante os seis anos que freqüentou a Universidade, como «Grão-Capitão» da sua geração.

Logo em Abril de 1861 organizou com outros estudantes a famosa Sociedade do Raio, cujo fim era derrubar o reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, que pela sua rispidez se incompatibilizara com a Academia, irritando-a com actos e medidas de extrema severidade, que a época já não podia suportar.

Em Maio do ano seguinte, o seu aparecimento num sarau em honra de Castilho, de visita a Coimbra, deixou bem marcado o grande prestígio que já então o cercava. Muito instado por Castilho a tomar parte nesse sarau, que se realizou no Teatro Académico, ao aparecer no palco foi logo saüdado por uma grande aclamação. — «Leu (conta António de Azevedo Castelo Branco) umas dezenas de oitavas em endecassílabos, que eram o prólogo dum poema filosófico em que nessa época trabalhava. Há uma só palavra que imperfeitamente traduz a impressão causada no auditório: produziu o assombro... Os murmu-

rosos cantores das borboletas, os citaredos anacreônticos fugiram do palco para os escuros recessos dos bastidores, emquanto o poeta-filósofo era alvo duma aclamação entusiasta e o seu talento recebia a consagração que só merecem aquêles que se levantam à sublimidade do génio... Desde aquela noite do célebre sarau poético, Antero de Quental adquiriu em Coimbra um prestígio indiscutível». — As oitavas em endecassílabos recitadas por Antero são as da poesia *À História*, com que abre a 1.ª edição (1865) das *Odes Modernas*, incluídas, como segunda poesia, erradamente datada de 1865, na 2.ª edição (1875), com as variantes indicadas a pág. 199 e seg. da 4.ª (1926).

Meses depois, em Outubro de 1862, uma assemblea geral da Academia nomeou-o presidente duma comissão de estudantes encarregada de cumprimentar o Príncipe Humberto, herdeiro do trono da Itália, de visita a Coimbra. Dirigindo-se ao Príncipe na Sala dos Capelos, Antero audaciosamente saüdou, «em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto, em nome da liberdade do mundo católico, o filho de Vítor Manuel», acrescentando: — «Não é ao representante da casa de Sabóia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Vítor Manuel que saüdamos, do primeiro soldado da independência italiana, dêsse de quem os reis da Europa aprendem como, neste século ainda, se pode ser popular sendo-se Rei; de quem a Itália espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira». — Causaram larga sensação os termos da saüdação de Antero. Conta Teófilo Braga que o Prín- «enguliu em sêco» algumas frases; Mariano Machado diz que «era de ver a indignação que transparecia nas fisionomias de quási tôda a comitiva do príncipe».

Em Dezembro de 1862 deu-se um incidente que voltou a pôr o nome de Antero em foco perante todo o país. A Sociedade do Raio preparara uma grande manifestação contra o reitor, aproveitando a cerimónia da distribuïção de prémios na Sala dos Capelos, no dia 8 daquele mês. Mal o reitor proferiu as primeiras palavras do seu discurso, a Academia em massa voltou-lhe as costas, saíu da sala tumultuàriamente e, reünida no pátio da Universidade, soltou vivas à liberdade e gritos de hostilidade ao reitor. O enorme escândalo produzido por êste incidente levou Antero a redigir um *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país*, que foi assinado por 316 estudantes e distribuído por tôda a parte. Nêle se explicava que a manifestação fôra um «protesto contra a iniqüidade duma legislação atrasada de três séculos, porque êste reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo o que há de mau na instituïção». Os estudantes só reclamavam «Justiça» — «um raio de sol também para nós, dêsse sol de liberdade

PIRES

DE

MARMELLADA

IMPROVISO ACADEMICO

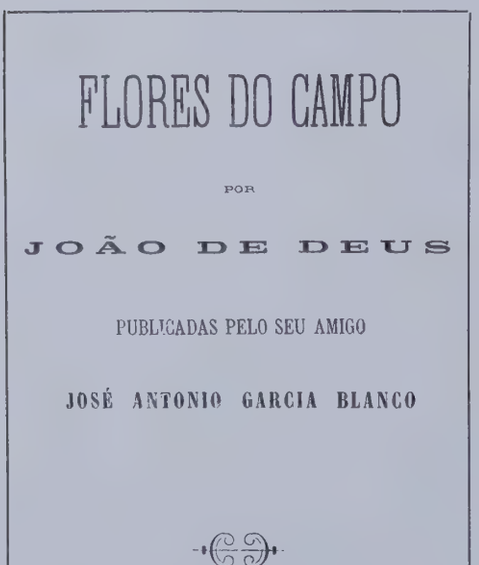
POR

J. de D

LISBOA

EM CASA DE FERIN & ROBIN

70, Rua Nova do Almada, 74


FLORES DO CAMPO

POR

JOÃO DE DEUS

PUBLICADAS PELO SEU AMIGO

JOSÉ ANTONIO GARCIA BLANCO

LISBOA

EM CASA DE FERIN & ROBIN

70, Rua Nova do Almada, 74

RAMO DE FLORES

POR

JOÃO DE DEUS

ACOMPANHADO DE VARIAS

CRITICAS DAS FLORES DO CAMPO

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL

9 — Rua do Laranjal — 22

1869.

Frontispícios de 1.as edições de obras de João de Deus

e progresso que luz para todo o século e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um lugar no banquete das garantias liberais, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue de nossos pais, o nosso sangue! Garantias para quem quere ser livre, digno e justo, auxílio a estes escravos que querem um dia ser homens e cidadãos». — Neste documento, já Antero, aos vinte anos, mostra as suas grandes qualidades de escritor. A forma é clara, precisa e sóbria; cada período, incisivo e forte, marca bem a idéa a exprimir, e a argumentação desenvolve-se com vibração e eloqüência, aqui e ali animada por um frémito de emoção.

Em Abril de 1864 Antero apareceu à frente doutro movimento académico — *a Rolinada* — contra o govêrno do Duque de Loulé (Rolim de Moura), que recusara conceder um perdão de acto em comemoração do nascimento do Príncipe Real D. Carlos. Os estudantes consideraram ofensivos os termos usados pelo govêrno e provocaram tumultos, que levaram a reforçar a guarnição militar de Coimbra. Num comício de protesto realizado no Teatro Académico contra a concentração de fôrças militares, Antero convenceu a Academia a abandonar a cidade e a partir para o Pôrto: — «Quem não fôr digno, quem se sentir com disposições para escravo, fica e vai às aulas, sob a ameaça das baionetas! Quem tiver no peito um coração de homem livre, volta as costas ao militarismo e sai de Coimbra! E vai para onde? Para a terra que foi o berço da liberdade portuguesa: vai para o Pôrto!» No dia seguinte uma parte da Academia partiu para o Pôrto, onde ficou alguns dias, regressando depois da publicação dum edital do reitor da Universidade, a pedir aos estudantes que voltassem a freqüentar as aulas.

Durante a formatura colaborou com poesias e artigos em várias revistas de Coimbra. Em 1861 publicou o seu primeiro livro, *Sonetos de Antero* (colecção de 21 sonetos), e em 1863 dois poemetos, *Beatrice* e *Fiat Lux* (1).

A conclusão da formatura, em Julho de 1864, marca o fim dum período da vida de Antero e a sua descida para a arena, aos vinte e dois anos, a revolucionar tudo. Inicia-se então o período de acção da sua vida, que se prolongará

(1) Dezasseis dos 21 sonetos publicados na colectânea de 1861 foram em 1886 encorporados, com variantes, no primeiro ciclo (1860-62) dos *Sonetos Completos*; os outros cinco foram incluídos por Teófilo Braga nos *Raios de Extinta Luz*.

A *Beatrice*, sem o canto II, foi encorporada nas *Primaveras Românticas* (1872) e o *Fiat Lux* nos *Raios de Extinta Luz* (1892).

CARTILHA MATERNAL

OU

ARTE DE LEITURA

POR

JOÃO DE DEUS

PUBLICADA PELO SEU AMIGO

CANDIDO J. A. DE MADUREIRA

ABLADE D'ARCOZELLO

PORTO

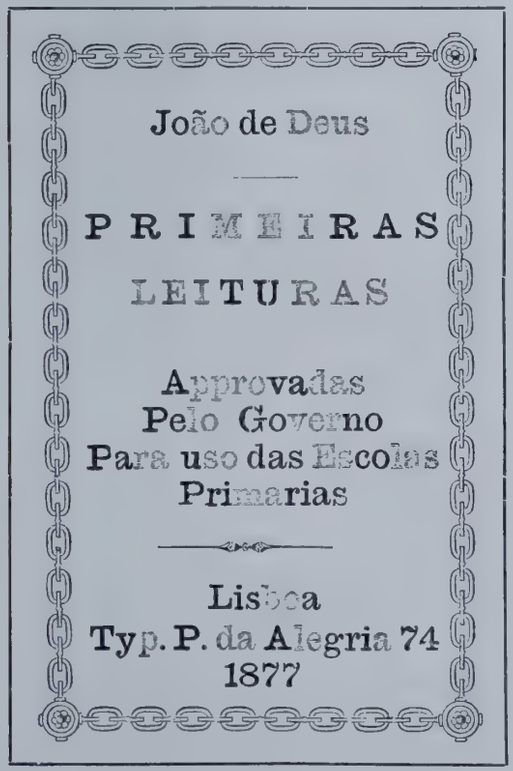
NA LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ

12 — Largo dos Loyos — 14

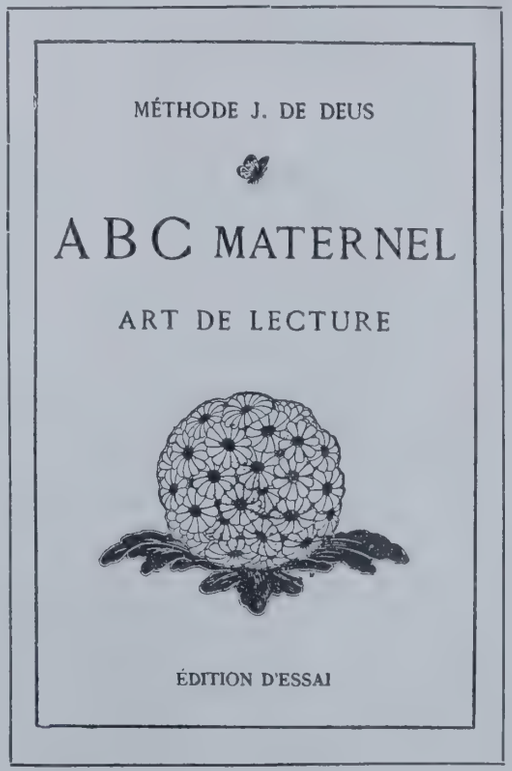
1876


João de Deus

PRIMEIRAS LEITURAS

Approvadas
Pelo Governo
Para uso das Escolas
Primarias

Lisboa
Typ. P. da Alegria 74
1877


MÉTHODE J. DE DEUS

ABC MATERNEL

ART DE LECTURE

ÉDITION D'ESSAI

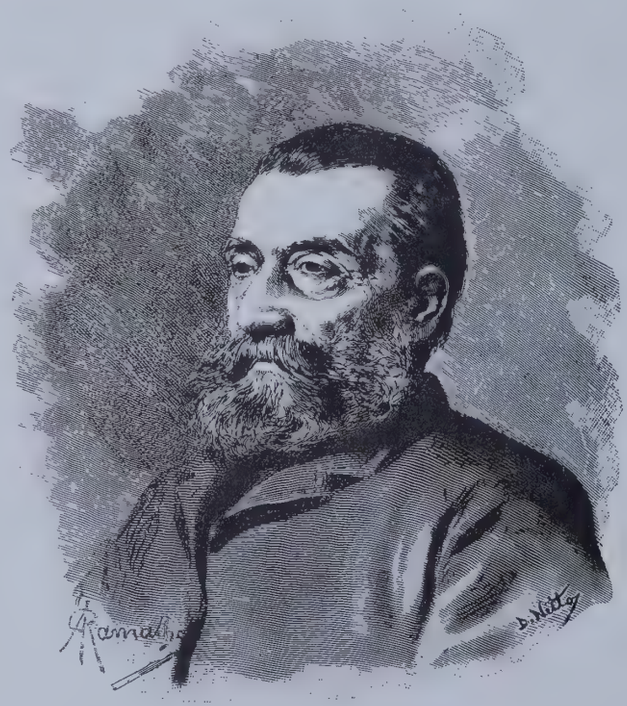
Rosto de algumas das primeiras e raras edições da obra do poeta.

até 1874, quando a doença o prostra e o atira para a grande crise pessimista. — «Desci confiado para a arena (dirá na carta autobiográfica): queria reformar tudo, eu que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo!»

Logo em Janeiro de 1865, em Coimbra, onde continuou a viver, publicou a *Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal*, com esta dedicatória: «A todos os Católicos sinceros e convictos. A todos os Herejes sinceros e convictos. Testemunho de boa fé. Of. o Autor». Desta obra dirá Antero vinte e dois anos depois: — «É um protesto contra a falta de lógica com que as fôlhas liberais atacavam o *Syllabus*, declarando-se ao mesmo tempo fiéis católicos. O autor, glorificando o Pontífice pela beleza da sua atitude intransigente em face do século, via nessa intransigência uma lei histórica, rezava respeitosamente um *De profundis* sôbre a igreja, condenada pela mesma grandeza da sua instituïção a cair inteira mas não a render-se, e atacava a hipocrisia dos jornais liberais».

Retrato de João de Deus, desenho de J. J. de Sousa Pinto publicado na *plaquette : Os de Paris a João de Deus* (Paris-Lisboa).

Em Agôsto do mesmo ano apareceram as *Odes Modernas*, concluídas desde fins de 1863, «tentativa (explicava Antero na *Nota* final) para dar à poesia contemporânea a côr-moral, a feição espiritual da sociedade moderna, fazendo-a assim corresponder à alta missão que foi sempre a da Poesia em todos os tempos». Explicando, mais tarde, que a poesia das *Odes* era «de combate», Antero resumiu assim êste livro: — «O panfletário divisa-se muitas vezes por detrás do poeta, e a igreja, a monarquia, os grandes do mundo, são o alvo das suas apóstrofes de nivelador idealista». O efeito produzido pela «tentativa» foi definido por Camilo «um terramoto na velha cidade dos líricos». Cândido de Figueiredo contou que «os noticiaristas, os poetas, os dramáticos, os folhetinistas, que seguiam todos plàcidamente o seu caminho, paravam, de súbito, como se lhes rebentasse aos pés uma bomba de dinamite».



João de Deus, por António Ramalho.

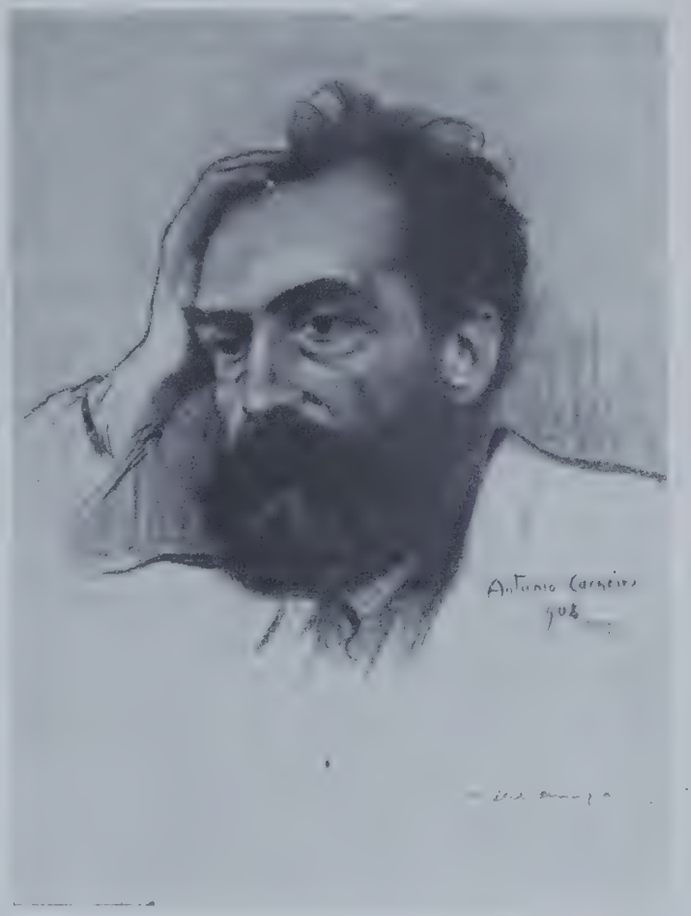
Dada a primeira batalha ao ultra-romantismo com as *Odes Modernas*, seguiu-se-lhe logo no mesmo ano (Novembro) o ataque ao conservantismo intelectual, abrindo a *Questão Coimbrã* com a carta a Castilho *Bom-Senso e Bom-Gôsto*. A ofensiva de Antero, provocando a mais larga e ruïdosa polémica que regista a história da literatura portuguesa, foi determinada por uma carta de Castilho ao editor António Maria Pereira, publicada no *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, onde eram discutidos Antero, Teófilo Braga e Vieira de Castro. Antero respondeu imediatamente com o opúsculo *Bom-Senso e Bom-Gôsto — Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho*, desencadeando a grande tempestade que abriu uma nova época na literatura nacional.

Atacando directamente e a fundo a «capoira» de Castilho, «Tirteu dos merceeiros e Homero constitucional», erguia a questão «do raso das personalidades até à altura duma questão de princípios», com «todo o valor duma questão de filosofia e história». Castilho praticara «uma acção deshonesta». O que se atacava na escola de Coimbra não era «uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma idéia». Isso era «o pretexto apenas». A guerra fazia-se «à indepêndencia irreverente de escritores que entendiam fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência», «ao escândalo inaudito duma literatura desaforada, que cuidava correr mundo sem o sêlo e o visto da chancelaria dos grãos-mestres oficiais», «à impiedade dêstes herejes das letras, que se revoltavam contra a autoridade dos papas e pontífices». Mas «alguma coisa pior do que um crime» cometera efectivamente a Escola de Coimbra: quisera «*inovar*», «*dizer* e não *repetir, inventar* e não *copiar*», o que para as literaturas oficiais e as reputações estabelecidas era «intolerável, infame, revoltante, ímpio e subversivo». Caía a fundo sôbre tôda a obra de Castilho — fábulas insossas, idílios grotescos, frases e sentimentos postiços de académico e retórico, visualidades infantis, puerilidades vãs, banalidades, ninharias — exaltando uma coisa que o velho Árcade

«tomara à sua conta e prometera destruir»: «o ideal», palavra que significava «desprêzo das vaidades, amor desinteressado da verdade, preocupação exclusiva do grande e do bom; desdém do fútil, do convencional; boa fé, desinterêsse, grandeza de alma, simplicidade, nobreza; soberano bom gôsto e soberaníssimo bom senso». E terminava «lamentando do fundo de alma não se poder confessar, como desejava, nem admirador, nem respeitador».

Mal apareceu a carta de Antero, a batalha desencadeou-se na imprensa e em opúsculos de todos os géneros, em prosa e verso, a favor e contra a Escola de Coimbra (1). O aspecto que tomou a questão — mais de pessoas do que de idéas — levou Antero a voltar logo no mês seguinte à arena, com um novo opúsculo, *A dignidade das letras e as literaturas oficiais*, justificando o pensamento e o objectivo do seu ataque a Castilho. Não pretendera «defender uma escola, um grupo, uns homens». Intentara «*só* defender a liberdade e a dignidade do pensamento». Largamente voltava a defendê-las, lançando novos ataques às realezas literárias, à literatura ôca, sem finalidade e sem ideal, que só produzia «a imbecilidade, a baixeza e a vulgaridade»; que só cuidava de divertir-se e divertir, «no meio dum grande luto nacional, numa hora das mais solenes dêste povo»; que, «quando a alma portuguesa incerta e vaga procurava um caminho novo», não achava «para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta idéa, ao menos uma lágrima bem triste, nada... só frases, rimas, estilos, palavras — *words, words, words...*» «Como filho do povo, como cidadão», protestava «contra essa falsa literatura, contra os seus chefes, contra as suas obras, contra os seus discípulos, contra as suas tendências, contra as suas opressões», em nome da sua «consciência de homem», do «espírito nacional» das «mesmas regalias do espírito humano, que não consentia que lhe impuzessem admirações e respeitos».

Depois dêste opúsculo, no meio da fuzilaria de folhetos publicados nessa ocasião, Antero manteve uma atitude de indiferença, que só abandonou perante os termos do ataque que lhe dirigiu Ramalho Ortigão no opúsculo *A literatura de hoje*, partindo então para o Pôrto com o propósito de tirar um desfôrço à pancada. Êste desfôrço, devido a uma intervenção de Camilo, veio a terminar num duelo à espada, em que Ramalho ficou ferido num braço (Fevereiro de 1866).



João de Deus, desenho por António Carneiro, pintor e poeta. A. Carneiro desenhou João de Deus para *A Águia*, para os *Grandes de Portugal*, para postais e fêz do poeta mais de um desenho quási iguais (Museu João de Deus).

As peripécias do duelo e o aspecto da polémica levantada em volta da carta a Castilho enchiam-no duma náusea infinita: — «Cada vez sinto mais o falso da minha posição nesta terra lusitana. Não me entendo com homens, coisas: apenas com o céu e os montes, mas isto não é suficiente... Sinto entre mim e o meu país a distância abismosa dêste sentimento: o desprêzo. Resolvi calar-me para sempre entre estes homens. O silêncio é a única resposta possível».

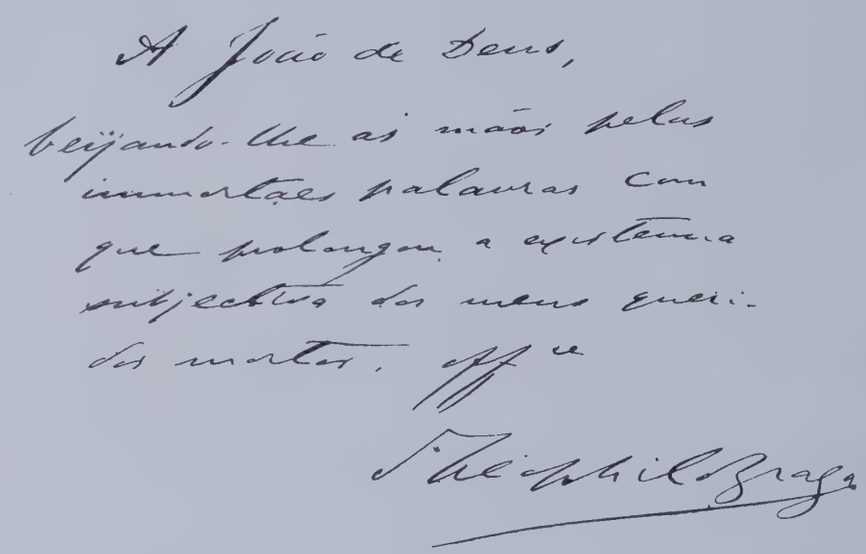
Neste estado de espírito partiu para S. Miguel (Março de 1866), onde se demorou dois meses. Durante êste breve isolamento na ilha natal sentiu fortemente a necessidade de «ser homem, endurecer um pouco, lutar porventura». Daqui nasceu a resolução do acto de mais alto significado moral dêsse período da sua vida — a entrada para a classe proletária: «Vou tentar uma última experiência, o trabalho, o estudo, o sacrifício da vida a uma idéa, uma obra».

Ao regressar ao continente (Maio de 1866), entrou para a Imprensa Nacional a aprender o ofício de tipógrafo e no fim do ano resolveu sair de Portugal para França, a «encarar de frente a vida», trabalhando no mesmo ofício em Paris. — «Eu por mim (escrevia na véspera da partida) vou mais com o ânimo sossegado de quem cumpre um dever, do que com o coração alegre de quem segue uma esperança. Mas, por tanto tempo desesperei sem fundamento e me cansei sem ter trabalhado, que quero emfim comprar com estes supremos esforços o direito formidável da desesperação com plena consciência. Quero que os factos dêem razão ao cansaço

(1) Bibliografias *ap. Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, VIII, 404 e seg.; F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha livraria*, 142 e seg.; Joaquim de Araújo, *Ensaio de Bibliografia Anteriana*, n.º 25, no *In Memoriam* de Antero; Teófilo Braga, *As modernas idéas na literatura portuguesa*, II, 189 e seg.; *Arquivo dos Açôres*, XII, 203 e seg.; Fran Paxeco, *A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo*, 346 e seg.

do meu coração ou que o façam ressurgir por uma vez. Um sentimento definido, em bem ou em mal, mas inabalável, eis o sonho dos meus anos de dúvida e incerteza mortal e o que vou sobretudo buscar — isto é, encarar de frente a vida».

Mas não era para a sua sensibilidade fina, nem também para a sua saúde já frágil, a vida de operário num meio rude e áspero de trabalho. As desilusões, caindo sôbre êle de chofre, provocaram uma excitação nervosa que o forçou a vir descansar durante três meses perto de Guimarãis. Mais uns meses de trabalho em Paris convenceram-no da impossibilidade de continuar a «experiência»: — «Foi (confessava então a um amigo) uma tentativa malograda mas honrosa, porque foi sincera: só eu sei porque esforços passei para cumprir o que julgava então o meu dever, quantos sacrifícios!... O meu estado é êste: crendo e amando do coração os princípios e as idéas que mais do que nunca me consolam, nem por isso posso no seu estudo e contemplação esquecer os impulsos da natureza. Essa pede-me paz, esquecimento, trabalho harmónico e silêncio».



Oferta de Teófilo Braga a João de Deus de *A maior dôr humana* consagrado à morte dos dois filhos de Teófilo e para que Camillo escreveu o conhecido «Sepulcro vivo de dois filhos mortos».

Antes do fim do verão abandonou Paris e novamente partiu para S. Miguel (Agôsto de 1867), «mais perto da resignação do que da revolta». Envelheceu nesses curtos meses. Ao regressar de Paris era outro — triste, abatido, descrendo das virtudes democráticas e das soluções científicas.

Levando em S. Miguel, durante um ano, uma vida tranqüila e sàdia, longe de todos os grandes centros de agitação social e literária, deve ter-se atenuado muito em Antero a depressão moral e física em que se encontrara ao regressar de Paris. A sua vida continuava sempre sem um norte, sem uma finalidade, mas novas fôrças, novas energias devem tê-lo robustecido durante êsse período, como mostram o vigor com que, ao voltar ao continente (Outubro de 1868), recomeçou a sua vida de acção e o seu estado de espírito quando no *Cenáculo* de Lisboa Coimbra ressuscitou.

Casa em que João de Deus passou a sua infância, em S. Bartolomeu de Messines. Tem hoje a seguinte lápide:

A João de Deus
o egrégio poeta lírico
e pedagogo insigne cuja
Cartilha Maternal
há de redimir a Pátria
Nasceu a 8-3-1830
1908

«Chegado a Lisboa (refere Alberto Sampaio) encontrava triunfante a revolução de Espanha; agentes espanhóis tinham vindo sondar a indiferença portuguesa, pois o país continuava na sua indiferença habitual diante dêsse grande acontecimento peninsular. O poeta, na instabilidade em que se achava, acolheu jubilosamente o oferecimento que lhe fizeram de se alistar no jornalismo madrileno, combatendo pela democracia e união dos povos peninsulares».

No fim de 1868 publicou o folheto *Portugal perante a Revolução de Espanha*, onde advogava «a União Ibérica por meio da República Federal». — «Era, dirá Antero vinte anos depois, uma grande ilusão da qual porém só desisti (como de muitas outras dêsse tempo) à fôrça de golpes brutais e repetidos da experiência».

Logo que chegou a Lisboa, passou a ser o centro do chamado *Cenáculo*, instalado no quarto onde residia com Batalha Reis. — «Os leitores portugueses (conta Ramalho Ortigão) terão dificuldade em compreender o que foi o Cenáculo — tão extraordinário, tão maravilhoso, tão fenomenal, tão inexplicável era êsse poderoso centro de espírito e de estudo, de fantasia e de idéas no meio da sociedade lisbonense, a mais incaracterística e a mais banal do mundo... É inconcebível a quantidade de *verve*, de argúcia, de ironia, de bom humor que inundava esta Academia obscura e terrível. Nunca em Portugal se despendeu tanto espírito, tanta fantasia, tanto poder de improvisação, tanta fôrça humorística, tanta veia cómica» (1).

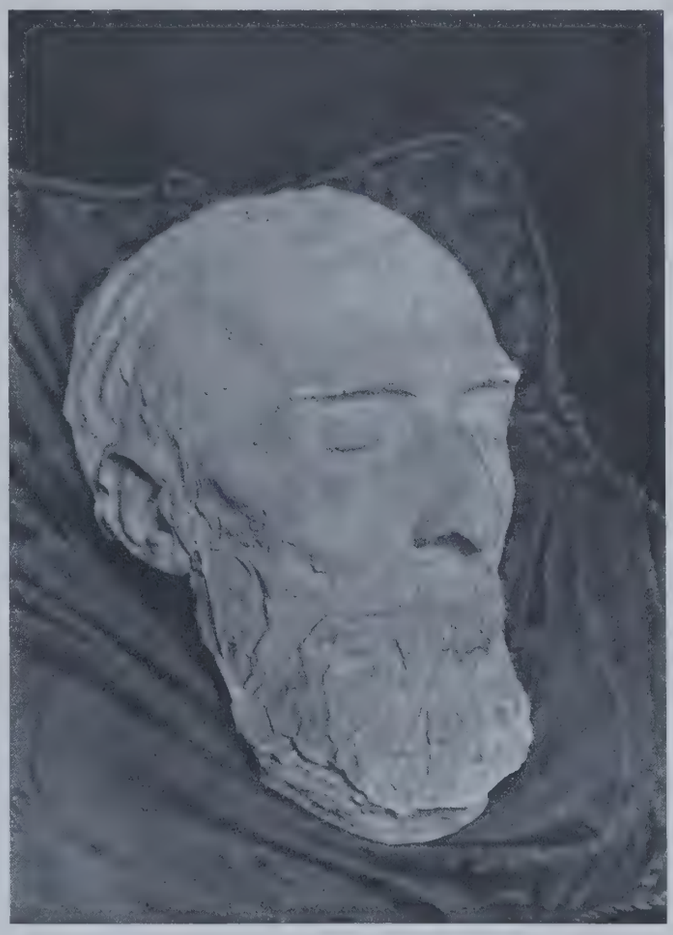
A boémia do Cenáculo foi interrompida por Antero com uma viagem à América do Norte (Julho-Novembro de 1869), no navio de vela dum amigo (2).

---

(1) Para pormenores da boémia do Cenáculo, V. Batalha Reis, *In Memoriam* de Antero; António Cabral, *Eça de Queiroz;* Eça de Queiroz, *In Memoriam* de Antero e *As Farpas* (Novembro de 1871); Ramalho Ortigão, *As Farpas* (Outubro de 1874); Júlio Cesar Machado, *Vida Alegre.*

(2) Tôda a viagem foi narrada minuciosamente por António Arroyo no opúsculo *A viagem de Antero de Quental à América do Norte.*

A ideologia socialista, já documentada em muitos artigos do tempo de Coimbra, acentuou-se fortemente depois do seu regresso da América do Norte, devido, na opinião de Alberto Sampaio, às «boas disposições que sentiu depois desta viagem, determinadas talvez pela exuberância da sociedade que acabava de visitar». Ao voltar a Lisboa, consagrou-se inteiramente ao apostolado socialista, cheio de combatividade e ardor, com uma fé e uma sinceridade que jamais por homem algum foram excedidas, sem uma palavra que não fôsse ditada apenas pela razão e pelo coração, agindo em harmonia perfeita. Só a razão e o coração pela sua bôca falavam, quando, «com efusão muito forte e natural», dizia a um amigo que «se chegasse a hora do triunfo dos seus princípios, por êles sacrificaria vida e fortuna».



Máscara do poeta tirada após a sua morte pelo escultor Costa Mota, tio. (Museu João de Deus).

Nesta época (1869-73), funda associações e jornais socialistas, promove a organização de sociedades operárias, lança manifestos, faz conferências, conspira com propagandistas e agitadores, organiza a Internacional em Portugal, publica o opúsculo *O que é a Internacional.* — «Consumi muita actividade e algum talento, merecedor de melhor emprêgo (dirá na carta autobiográfica) em artigos de jornais, em folhetos, em proclamações, em conferências revolucionárias: ao mesmo tempo que conspirava a favor da União Ibérica, fundava com a outra mão sociedades operárias e introduzia, adepto de Marx e Engels, em Portugal a Associação Internacional dos Trabalhadores. Fui durante uns 7 ou 8 anos uma espécie de pequeno Lassalle e tive a minha hora de vã popularidade».

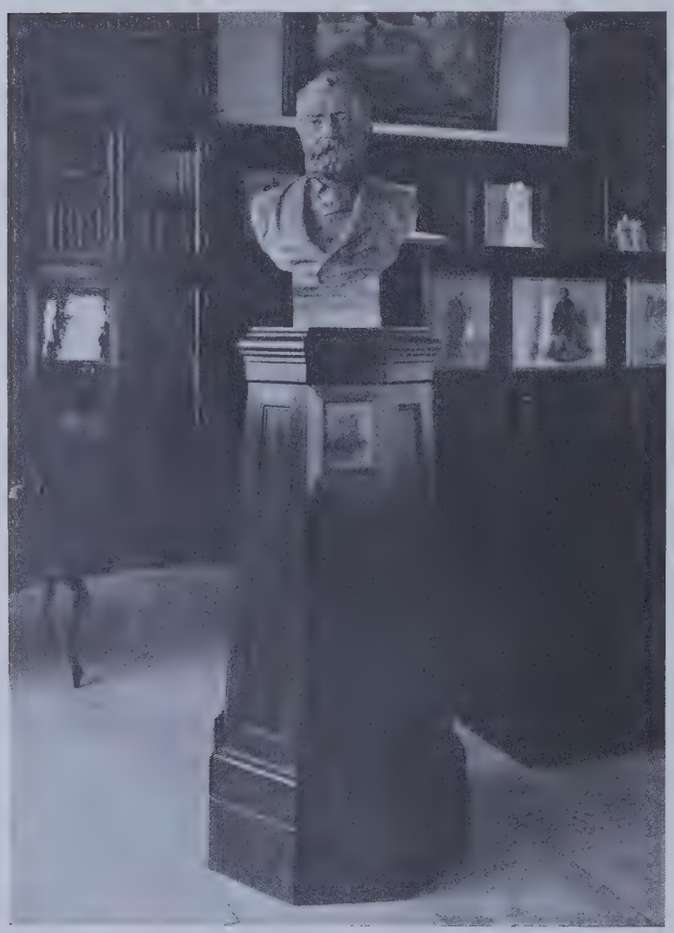
Neste período de actividade se coloca a organização das *Conferências Democráticas* ou *do Casino* (1871), assim chamadas por se realizarem no Casino Lisbonense, que tinham por fim: «abrir uma tribuna onde tenham voz as idéas e os trabalhos que caracterizam êste momento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna; estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa». — «Era a primeira vez (anunciavam *As Farpas)* que a revolução sob a sua forma científica tinha em Portugal a palavra».

As Conferências do Casino foram iniciadas a 22 de Maio por uma de Antero sôbre *O espírito das conferências*, que não foi publicada (1), fazendo outra a 27 sôbre as *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos.* Neste trabalho, traçado um quadro da decadência, apontava os fenómenos capitais, de três espécies, em que residiam as suas causas: um moral, outro político, outro económico, compreendendo «os três grandes aspectos da vida social — o *pensamento*, a *política* e o *trabalho*»: o primeiro, «a transformação do *Catolicismo* pelo Concílio de Trento»; o segundo, «o estabelecimento do *Absolutismo* pela ruína das liberdades locais»; o terceiro, «o desenvolvimento das *Conquistas* longínquas», contrapondo-se todos três aos «factos capitais que se davam nas nações que lá fora cresciam, se moralizavam, se faziam inteligentes, ricas, poderosas e tomavam a dianteira da civilização»: «*a liberdade moral*, conquistada pela Reforma ou pela Filosofia; a elevação da *classe média*, instrumento do progresso nas sociedades modernas e directora dos reis, até ao dia em que os destronou; a *indústria*, finalmente, verdadeiro fundamento do mundo actual, que veio dar às nações uma concepção nova do Direito, substituindo o trabalho à fôrça e o comércio à guerra de conquista». Longamente estudava Antero aquelas causas, observando em seguida: — «Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esfôrço viril, um esfôrço supremo: quebrar resolutamente com o passado. Respeitemos a memória dos nossos avós; memoremos piedosamente os actos dêles: mas não os imitemos. Não sejamos, à luz do século XIX, espectros a que dá uma vida empres-

(1) Desta conferência existe apenas um resumo publicado na *Revolução de Setembro* de 24 de Maio e reproduzido na *História das Conferências do Casino*, de A. Salgado Júnior.

tada o espírito do século XVI. A êsse espírito mortal oponhamos francamente o espírito moderno». O nome dêsse espírito era «Revolução», que não significava guerra mas sim paz, não significava licença mas sim ordem, «ordem verdadeira pela verdadeira liberdade». E depois de aludir à revolução cristã no Império Romano, que dera à humanidade «mais uma grande civilização», concluía: — «Chamou-se a isto o Cristianismo. Pois bem: o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo; a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno».

À enorme sensação produzida por esta conferência



Busto de João de Deus
Autor Costa Mota, tio (Museu João de Deus)

seguiram-se em alguns jornais ataques a que Antero replicou com a *Resposta aos jornais católicos*, que Camilo considerava «uma das coisas mais belas e mais eloqüentes que ainda lera em língua portuguesa».

Às duas conferências de Antero seguiram-se outras de A. Soromenho, Eça de Queiroz e Adolfo Coelho. Estavam já anunciadas novas conferências de Salomão Sáragga, Batalha Reis, Antero, A. Coelho, Augusto Fuschini, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Oliveira Martins, Germano Meireles e Guilherme de Azevedo, quando o govêrno do Marquês de Ávila as proïbiu por portaria de 26 de Junho, com o fundamento de que nas já realizadas se tinha «exposto e procurado sustentar doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituïções políticas do Estado». A proïbição provocou um vigoroso e violento protesto de Antero na *Carta ao Ex.mo Sr. António José de Ávila, Marquês de Ávila, presidente do Conselho de Ministros*. Outros protestos foram publicados em folhetos e jornais, por um momento esteve iminente um duelo entre Antero e Pinheiro Chagas, o Parlamento discutiu largamente o incidente, até que tudo foi serenando e esquecendo. — «Aquilo foi uma aurora, mas à qual se não seguiu dia, ou só um dia fusco», dirá Antero muitos anos depois.

No ano seguinte (1872), publicou as *Primaveras Românticas — Versos dos vinte anos*, dedicadas aos «amigos e conhecidos» de «aquela encantada e quási fantástica Coimbra de há dez anos», que mais tarde considerará «*du Heine de deuxième qualité*», e um importante trabalho de crítica, *Considerações sôbre a Filosofia da História Literária Portuguesa — A propósito de alguns livros recentes*, que determinou o seu rompimento com Teófilo Braga, numa polémica muito violenta. Neste ano e nos seguintes trabalhou também largamente numa grande obra em prosa, o *Programa para os trabalhos da geração nova*, que destruíu em 1875.

Por motivo da morte do pai, em Abril de 1873 voltou para S. Miguel, onde no ano seguinte adoeceu gravìssimamente.

1874 marca uma data de importância capital na vida de Antero: a crise que neste momento atravessa, na eminência da morte, põe-no «em face do grande problema da existência» e abre-lhe largamente as portas do pessimismo.

Não chega inesperadamente a grande crise ideológica, sempre entrevista desde os primeiros sonetos, aos dezanove anos, quando, ao receber «o baptismo dos poetas», «assentado entre as formas incompletas», para sempre ficara «pálido e triste». Já então só males eram reais, só dor existia, e sempre o mal pior era ter nascido. «Filho abandonado de Deus», já se sentia à beira dum abismo:

Senhor! eu sou teu filho! . . . . . .
. . . . . *A um filho desgraçado*
Que há de um pai recusar? Oh, dá-me arrimo,
Estende-me tua mão por sôbre o abismo.

Nos anos seguintes, «cheio de fel e de tristeza», com a dor velando ao seu lado, só o génio da Noite entendia o seu mal sem nome e a febre de Ideal que o consumia. O Vagabundo, o Desherdado, ao transpor as portas de oiro do Palácio da Ventura, encontrava apenas «silêncio e escuridão — e nada mais».

Mas agora, uma ideologia tenebrosa vai dominar tôda a sua concepção do Mundo e da Vida. Espectros enchem «de agonia e susto» os seus «sonos curtos e cansados». Ao evocar «as memórias melhores de outra idade», para lhes perguntar se «no mundo imenso e estreito valia a pena, àcaso, em ansiedade ter nascido», cada uma delas, «com um sorriso mórbido e pungente» respondia-lhe: «Não, não valia a pena!» Considera-se «um parto da Terra monstruoso; talvez Satanás; tal-

Maquette de Diogo de Macedo

Maquette de Moreira Rato

Estas *maquettes* foram feitas para o concurso do monumento a João de Deus que não foi executado por morte do escultor Costa Mota a quem coube o primeiro prémio.

vez um filho bastardo de Jeová; talvez ninguém». Os seus pensamentos vão para a Noite — «noite sem têrmo, noite do Não-ser», e maldiz a luz — «a luz inexorável», «mãi da ilusão», símbolo do «eterno engano» e da «universal traição», símbolo da Mentira universal». As aves, o vento, os astros, o que passa nas estradas infinitas, tudo procura apenas «a noite, a escuridão, o abismo, o nada». Interpelando a Razão, «velha de olhar agudo e cru e de hálito mortal mais do que a peste», bemdí-la:

Pelo beijo de gêlo que me deste,
Fada negra, bemdita sejas tu!

bemdizendo-a ainda e sempre

. . . . . pela agonia
E o luto funeral daquela hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!
Pelo pranto e as torturas bemfazejas
Do desengano . . . pela paz austera
Dum morto coração, que nada espera
Nem deseja também . . .

Maquette de J. Simões d'Almeida (sobrinho), Raul Rodrigues Lima e Francisco dos Santos (2.º prémio).

O pensamento

Só vê com tédio, em tudo quanto fita,
A ilusão e o vazio universais.

Bemvinda, pois, seja a morte! Bemvindo o cortejo dos fantasmas que lhe acometem o coração — Dôr, Tédio, Desenganos e Pesares. A Morte é a Liberdade!

Nenhuma informação existe das condições em que se manifestou a doença de Antero, nem das formas aterradoras que assumiu. A gravidade da crise, que o fêz entrever a morte, é conhecida apenas pelo que êle próprio disse na carta autobiográfica e numa carta a Oliveira Martins e por quatro cartas da mãi a um irmão; mas tão grande, tão séria deve ter sido, que Oliveira Martins logo partiu de Lisboa para S. Miguel, a

Busto de Casimiro Freire, original de Maximiano Alves.
C. Freire foi o fundador das Escolas móveis, pelo método João de Deus.

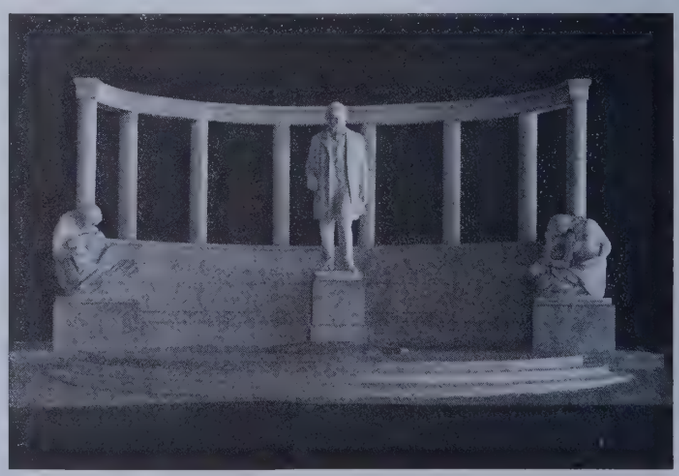
Projecto de túmulo de João de Deus, para os Jerónimos.
Original de Costa Mota, tio.

confortar o amigo fraterno nessa hora em que o julgava perdido. Um médico de S. Miguel diagnosticou talvez uma doença de espinha, diagnóstico confirmado por outro médico da Ilha Terceira, que foi consultar e o submeteu a um tratamento com duches (Junho-Agôsto 1874), e em Lisboa, para onde partiu em Setembro, por Manuel Bento de Sousa e Curry Cabral, que lhe prescreveu pontas de fogo nas costas [1].

Nenhum tratamento produziu qualquer efeito: o mal mantinha-se ou agravava-se — longos períodos de imo-

[1] O diagnóstico, certamente definitivo, da doença de Antero foi formulado, muitos anos depois da sua morte, pelo dr. Raul Bensaúde, médico dos hospitais de Paris e especialista de doenças do aparelho digestivo, filho dum grande amigo de Antero, José Bensaúde, que o hospedou durante os dias que precederam o suïcidio. Informado de que Antero desde novo (1868) seguia o regime de comer uma só vez por dia e de que mais tarde muitas vezes vomitava os alimentos vinte e quatro horas depois de os ter ingerido, o dr. Raul Bensaúde considerou muitíssimo provável que Antero sofresse duma *estenose do piloro*, ou seja dum estreitamento do tubo digestivo à saída do estômago, doença hoje curável por meio duma intervenção cirúrgica. Na opinião do mesmo médico, esta doença « explicaria só por si a profunda neurastenia » de Antero.

Projecto de monumento a João de Deus, para o jardim da Estrêla.
Original de Costa Mota, tio (1.º prémio).

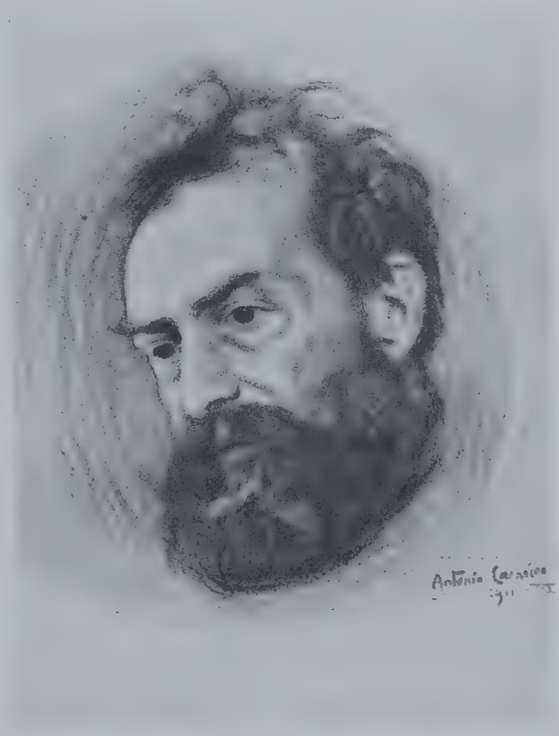


Maquette do monumento a João de Deus,
por Leopoldo d'Almeida.

bilidade forçada, abatimentos profundos, prostrações, inércia, dôres de cabeça, insónias, um esfacelamento completo de todo o organismo, crises repetidas que o prostravam física e moralmente, tornando-o incapaz de qualquer esfôrço e dando-lhe mesmo, por vezes, a sensação de se encontrar à beira da loucura.

Fachada do Museu João de Deus (à Estrêla, em Lisboa)

Numa esperança de obter melhoras voltou em 1876 (Maio) a S. Miguel; mas aqui novamente se lhe agravou a doença e a breve trecho (Julho) regressou ao continente. Um novo fenómeno, que o obrigava a uma quási imobilidade dos braços, levou-o em 1877 a partir para Paris (Julho), com o fim de consultar Charcot, que lhe prescreveu hidroterapia, dizendo-lhe: — « On s'est trompé; vous n'avez rien à l'épine; vous avez une maladie de femme transportée dans un corps d'homme; c'est l'hystérisme ». Ficou instalado numa casa de saúde em Bellevue (arredores de Paris), dirigida por Charcot, regressando em Dezembro a Portugal. No ano seguinte, de Junho a Outubro, voltou a submeter-se a tratamentos hidroterápicos e eléctricos na mesma casa de saúde e em Paris; mas poucas melhoras obteve, porque ainda em 1879 Batalha Reis descreve assim o seu estado: — « Tinha insónias implacáveis; e quando, extenuado, começava a dormir, o mais leve rumor o acordava. Inventou aparelhos que o isolassem de todos os ruídos exteriores; deitava-se com a cabeça envolvida em almofadas; e nesta luta passava noites inteiras, e grande parte do dia, querendo ter ou mostrar, pelo menos, serenidade, para remediar, dominar o seu estado, mas às vezes, por momentos, abandonando-se, como doido, a fúrias irresistíveis. De dia, abatido pelas longas horas de combate, ficava sôbre a cama cismando ».



João de Deus, pelo pintor e poeta António Carneiro

Êste estado foi-se atenuando, com intermitências, nos anos seguintes, e em 1881 resolveu saír de Lisboa e fixar a sua residência em Vila do Conde, com as suas pupilas (duas filhas do seu amigo Germano Meireles, falecido em 1877, que adoptara) e a mãi destas. Explicando a sua resolução, dizia a um amigo: — « Penso que não sou naturalmente misantropo, antes muito sociável; mas a sociedade de Lisboa, com tantas misérias, sem lado algum bom que as resgate, acabou por me fazer tomar tal enjoo por tudo isto, e tal desalento, que vim meter-me neste buraquinho, com um sentimento de alívio inexprimível ». Alberto Sampaio diz que chamaram Antero para Vila do Conde « tanto as condições particulares da localidade, assim como a proximidade do Pôrto, onde continuava a viver um dos amigos que mais estimava (Oliveira Martins), e outros motivos a que dava talvez uma importância demasiada.

Em 1881, quando ainda residia em Lisboa, foi publicada no Pôrto a edição de *Sonetos* da Biblioteca Renascença, contendo 28 sonetos coligidos por Joaquim de Araújo.

Em 1882 começam para Antero de Quental os nove anos de Vila do Conde, durante os quais, emquanto a sua vida atinge a perfeição suprema, o seu cérebro vai agitando e profundando os maiores problemas filosóficos, religiosos, morais, sociais e políticos do século, na mais nobre e torturada ânsia pela « Verdade do Universo ». Face a face com a sua *alma mater* e com ela isolado, longamente a interroga sempre sôbre o fim supremo da vida, « com a serenidade e a energia de quem — nas palavras da carta autobiográfica — antes de morrer quere ao menos saber para que veio ao mundo ».

Tôda a sua vida agora é uma aspiração constante, um esfôrço de cada hora para atingir as expressões mais altas da Beleza moral e da Virtude — « a realidade por excelência, a única realidade plena », tendo por único culto, na consciência do justo, a renúncia a todo o egoísmo — a Renúncia, fundamento e alicerce do mundo moral, « inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento », chave do « íntimo segrêdo das coisas », vencedora da fatalidade e da morte. Assim, tendo encontrado no misticismo « a última palavra do desenvolvimento psicológico » e chegado à conclusão de que « o drama do Ser

termina na libertação final pelo Bem», «lei suprema do Universo e essência do espírito», ao antigo revolucionário e ao pessimista desesperado e sombrio sucederá o Santo, para quem a santidade, onde a liberdade se realiza, é «o têrmo de tôda a evolução» (1).

Logo no comêço de 1882, como disse em algumas cartas, começava a sentir o seu pessimismo desvanecer-se com a vida contemplativa, no meio da boa natureza, mas tão preocupado com idéias que o agitavam e nelas tão embebido, rodopiando sempre em volta dos mesmos problemas insolúveis, que não lhe restava então gôsto nem vontade para coisas literárias.

Refundida a sua educação filosófica durante a crise tormentosa de 1874-80, escutando a voz da consciência moral, o seu espírito caía finalmente em larga e serena paz, e no culto do Psiquismo — «no Bem e na Liberdade Moral» — encontrava, ao fim da áspera e dolorosa jornada, «a explicação última e verdadeira de tudo, não só do homem moral mas de tôda a natureza, ainda nos seus momentos físicos elementares».

À pergunta angustiosa da mocidade (1866): «a *existência* atravessaria os espaços com seu ardente vôo de águia só para no fim encontrar o *nada* e precipitar-se nêle?», o Santo podia agora responder (1887): «O Universo tem como lei suprema o bem, essência do espírito. A liberdade, em despeito do determinismo inflexível da natureza, não é uma palavra vã: ela é possível e realiza-se na santidade. Para o santo, o mundo cessou de ser um cárcere: êle é, pelo contrário, o senhor do mundo, porque é o seu supremo intérprete. Só por êle é que o Universo sabe para que existe: só êle realiza o fim do Universo».

Desenho de João de Deus (1894-1895)

Durante os nove anos passados em Vila do Conde, num isolamento quebrado apenas por visitas dalguns amigos e dias passados, de tempos a tempos, com Oliveira Martins e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no Pôrto, com José e Alberto Sampaio, em Guimarães, Lobo de Moura, na Póvoa de Varzim, Luís de Magalhães, em Moreira da Maia, e a irmã Ana, em Lisboa, três datas apenas há a assinalar na vida de Antero: em 1886 (Agôsto) a publicação dos *Sonetos Completos*; em 1887 uma visita aos Açôres (Março-Outubro); e em 1890 a sua entrada no movimento provocado pelo ultimato inglês de 11 de Janeiro, aparecendo em grande relêvo na presidência da Liga Patriótica do Norte, fundada no Pôrto.

A-pesar-de se ter isolado completamente durante oito anos, vivendo afastado da vida política e social portuguesa, era sempre tão forte o prestígio do seu nome que, ao abrir-se uma crise que abalava todo o País, para êle se voltaram todos os olhos, como para *duca, signore* e *maestro*, em que se via a inteligência, o carácter e a mão segura, capazes de conduzirem o protesto da Nação nessa hora sombria da sua história. No relêvo que o nome de Antero voltou então a tomar, a Liga Patriótica do Norte continua a Questão Coimbrã e as Conferências do Casino. A dissolução da Liga, desfeita por explorações políticas e pelo desaparecimento da atmosfera de exaltação patriótica em que fôra criada, constituiu para Antero mais uma desilusão profunda. — «A lição ainda não foi bastante dura, observou então. Outra virá, mais dolorosa e cruel. Será êsse o momento da acção».

Logo nesse ano começou a preparar a sua mudança de Vila do Conde para S. Miguel, onde resolvera fixar residência, convencido de que no meio micaelense, entre pessoas da sua família, poderia dar às pupilas a educação doméstica com que queria prepará-las para a vida. A êste motivo outros se aliavam: o desejo de se isolar completamente, para evitar os assaltos que sofria de todos os lados depois do incidente da Liga Patriótica, a ânsia de fugir dum ambiente político e moral que o enojava e o enchia de amargura e tédio, e a ambição de encontrar nesse isolamento a atmosfera necessária para se concentrar na grande obra que desejava escrever com a sistematização das suas idéias filosóficas, expostas em síntese no grande ensaio *Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX*, publicado em 1890 na *Revista de Portugal*.

Chegando a S. Miguel em Junho de 1871, hospedou-se em casa do seu amigo José Bensaúde e começou logo a preparar a sua instalação definitiva em Ponta Delgada, com as duas pupilas, numa casa arrendada nos arredores da cidade; mas em meados de Agôsto, talvez por influência do clima, agravou-se fortemente o seu estado de saúde, mudando ràpidamente de aspecto e apresentando um grande abatimento.

Ao agravamento da doença juntaram-se incidentes

(1) Carta autobiográfica a W. Storck e *Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX*.

da sua vida de família, em volta de desinteligências graves com uma irmã, determinadas por incompatibilidade desta com as pupilas, provocando todos os dias discussões violentas, que o fizeram exclamar algumas vezes, em grandes exaltações: — «Isto ainda acaba com uma corda na garganta ou uma bala na cabeça!»

Convencido a pouco e pouco, pelo agravamento da doença, da impossibilidade de realizar o projecto de ficar vivendo em S. Miguel, o problema do destino e da educação das pupilas apoderou-se-lhe do espírito, como uma obsessão, passando a ser o assunto das suas conversas. — «Que fazer? dizia em carta a J. de Araújo. Para voltar ao continente, com residência fixa, forçoso é que me separe das pequenas. Vivendo aqui, mesmo quando as não tenha em minha companhia, vejo-as e falo-lhes, sempre que elas ou eu desejarmos».

Em fins de Agôsto, no meio da luta dolorosa em que o corpo, o espírito e o coração, a razão e os nervos se lhe debatiam, já tomara a resolução de voltar para o continente e deixar as pupilas em S. Miguel, entregues a uma família que lhes daria «a educação caseira indispensável». Na amargurada carta de 29 de Agôsto, que é a sua última carta conhecida, dizia a Oliveira Martins: — «Tenho piorado consideràvelmente e resolvo-me a voltar para o continente, para aí me fixar com minha irmã em Lisboa. É um desgôsto e transtôrno de cujo abalo não sei se poderei jàmais restabelecer-me. A sorte das raparigas também me preocupa imenso. Elas não podem ir connosco, porque o estado de minha irmã não lhe permite ocupar-se da sua direcção. E depois terá ela saúde e vida? e eu? ..... Procurava o definitivo e afinal ainda agravei o instável e provisório, que tanto me assustava. Paciência. Fui talvez imprudente, contei demais com as minhas fôrças, seduziu-me a ideia de, depois de tantos anos de excentricidade, acabar como tôda a gente. Mas vejo que a excentricidade tinha de ser definitiva, submeto-me a ela, ainda agravada agora por mil cuidados». E fechava com a frase trágica, em que já está todo o drama que se vai desenrolar: — «Peço à minha razão que comunique aos meus nervos o estòicismo que ela tem, mas de que êles não parecem susceptíveis. Ao menos estarei ao-pé de V. e será grande consolação».

ANTERO DE QUENTAL
O mais popular dos seus retratos
(fotografia de Raposo, gravura de D. Netto)
(De *O Ocidente*, de 21 de Maio de 1890)

No comêço de Setembro a atmosfera começou a carregar-se de humidade, iniciando-se um período de acentuado *azorean torpor*. Nesses dias recrudesceu a exaltação de Antero. — «Surpreendi-lhe o receio da loucura (conta um amigo) ao lembrar-lhe a hereditariedade dessa doença, sem me recordar que o irmão morrera doido». A outro amigo por mais duma vez declarou nessa ocasião que a sua salvação seria uma febre tifóide, porque não tinha coragem de se suïcidar. A um parente disse: «quando a vida não serve para nada, nem para nós, nem para os outros, atira-se fora como um fardo inútil». Ainda a outro amigo, no dia 9 de Setembro, aludiu ao receio de que a doença lhe trouxesse uma paralisia que o tornasse mais do que inútil, pesado aos outros. No dia 10 julgava-se atacado duma afecção da espinal medula e procurava ansiosamente entre os livros dum amigo algum trabalho sôbre êste assunto.

No dia 10 de Setembro, uma cena despedaçadora preparou-lhe os nervos para a tragédia do dia seguinte. Foi nesse dia levar as pupilas à casa onde iam ficar vivendo. As crianças (uma com treze, a outra com quinze anos), tomando êsse acto como o início da separação, agarraram-se chorando ao seu padrinho, o único pai que tinham conhecido, pedindo-lhe magoadamente

que as não abandonasse, as não deixasse sòzinhas naquela casa. A cena despedaçou o coração de Antero. Abraçou-se às pupilas, chorando com elas, e longo tempo, carinhosamente, as apertou nos braços, afagando-as, prometendo-lhes levá-las para Lisboa, não se separar delas.

A despedida das pupilas tirou-lhe o sono de quási tôda a noite de 10 para 11, que foi um dia acabrunhador: tempo quente e húmido, capacete de nuvens sombrias, ar quási saturado de vapor de água, 75 a 90° higrométricos, sendo a saturação 100, pressão barométrica de 770 a 780 milímetros, produzindo tudo um mal-estar e tristeza que mesmo os habituados ao clima da ilha penosamente suportavam (1).

Às onze horas almoçou com José Bensaúde, de quem ainda era hóspede. Depois do almôço, ao combinar com a criada o almôço do dia seguinte, apalpou-se, observou-se, discutiu o que melhor conviria e concluíu, como mais prudente, uma refeição leve, « com uma naturalidade que não enganava ». José Bensaúde saíu à uma hora da tarde e Antero ficou ainda em casa, só saindo do seu quarto às duas e meia, « vestido excepcionalmente de preto ». Durante êsses noventa minutos deve ter sido tomada a resolução do suïcídio. Ao sair de casa, disse que ia levar à irmã algum dinheiro em oiro que tinha, « para ela guardar aquilo, porque êle podia faltar ». Visitou depois alguns amigos e parentes e pelas seis horas foi a um estabelecimento comprar um revólver, pedindo que o carregassem.

Depois de mais duas visitas, deu uma volta para passar pela rua onde moravam as pupilas, dirigiu-se para a maior praça arborizada da cidade, e pelas oito horas, sentado num banco colocado junto duma parede, sob uma âncora em relêvo e a palavra *Esperança*, desfechou um tiro para o cérebro. A bala, porém, não o atingiu e, fazendo um desvio, saíu pela saliência óssea do nariz, ao-pé dos olhos, esmigalhando-a. Sentindo que a bala não atingiu o alvo para produzir a morte, passado cêrca de um minuto desfechou segundo tiro. Um médico chegado pouco depois encontrou-o « em decúbito dorsal, afásico, fisionomia serena de apóstolo, audição sensível, pálpebras cerradas ». Transportado em maca para um hospital que ficava próximo, aí se lhe prolongou ainda a agonia por trinta a quarenta minutos, durante os quais dois homens não podiam sustê-lo nas contracções, vindo a morrer pelas nove horas da noite.

ANTERO DE QUENTAL, retrato que acompanha a 1.ª edição das « Primaveras romanticas » (1870)

Na hora extrema, pelo seu espírito terá talvez passado ainda a esperança de que falara quatro anos antes, na carta autobiográfica: — « Morrerei, depois duma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais íntimas aspirações da alma humana, e, como diziam os antigos, na paz do Senhor! »

(1) Informação do tenente-coronel José Agostinho, director do Serviço Meteorológico dos Açôres: — « O dia 11, a-pesar-do vento N que soprava, deve ter sido um dêsses dias pesados e desagradáveis, que as depressões localizadas a leste nos trazem sempre e em que factores ainda mal conhecidos — porventura com origem no estado eléctrico da atmosfera — produzem nos organismos doentes, e até mesmo em pessoas saüdáveis, transtornos nervosos, bem conhecidos de todos os que aqui vivem. A noite de 11 de Setembro foi pesada e nevoenta, com chuviscos e um grau de humidade que atingia 94 % às 9 horas da noite — momento da morte de Antero ».

XIV — TEÓFILO BRAGA

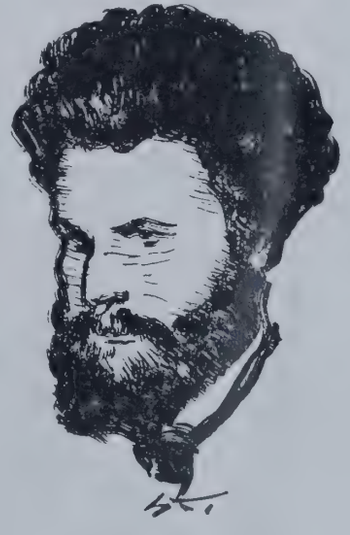
BIBLIOGRAFIA: — *O Meteoro*, jornal, Ponta Delgada, 1858; *Fôlhas verdes*, Ponta Delgada, 1859 (Lírica); *Stela matutina*, poema bíblico, Pôrto, 1863; *Visão dos Tempos*, Pôrto, (1864); *Tempestades sonoras*, Pôrto, 1864; *Poesia do Direito*, Pôrto, 1865; *Contos fantásticos*, Lisboa, 1865; *As Teocracias Literárias relance sôbre o estado actual da Literatura portuguesa*, Lisboa, 1865; *A Ondina do Lago*, Pôrto, 1866; *História da Poesia popular portuguesa*, Pôrto, 1867. *Cancioneiro popular*, Coimbra, 1867; *Romanceiro Geral*, Coimbra, 1867: *Teses*, Coimbra, 1868; *Caracteristicas dos Actos Comercial*, Pôrto, 1868; *História do Direito Português. Os Forais*, Coimbra, 1868; *A Delfina do Mal*, de Tomaz Ribeiro, Pôrto, 1868; *Floresta de vários Romances*, Pôrto, 1868; *Excavações bibliográficas — Século XVI. As poesias e prosas de Fernão Rodrigues Lôbo Soropita*, Pôrto, 1868; *Torrentes. Ultimos versos.* Pôrto, 1869; *História da Poesia moderna em Portugal*, Pôrto, 1869; *História da Literatura Portuguesa. Introducção*, Pôrto, 1870; *História do Teatro Português — Vida de Gil Vicente e sua escola — Século XVI*, Pôrto, 1870; *História do Teatro Português — A comédia clássica e as tragi-comédias — Séculos XVI e XVII*, Pôrto, 1870; *Estudos da Edade Média — Filosofia da Literatura*, Pôrto, 1870; *Espírito do Direito Civil Moderno — Direito subsidiário, propriedade, contractos*, Pôrto, 1870; *História do Teatro Português — A Baixa Comédia e a ópera — Século XVIII*, Pôrto, 1871; *História do Teatro Português (século XIX) — Garrett e os Dramas Românticos*, Pôrto, 1871: *História dos Quinhentistas (Escola Italiana — Século XVI) — Vida de Sá de Miranda e sua Escola*, Pôrto, 1871; *História da Poesia Portuguesa (Escola Nacional) — Epopêas da Raça Mosárabe*, Pôrto, 1871; *História da Poesia Portuguesa (Escola Provençal Século XII a XIV — Trovadores galécio-portugueses*, Pôrto, 1871; *História da poesia portuguesa (Escola Espanhola — Século XV — Poetas palacianos*, Pôrto, 1871;

O MELHOR RETRATO DE FIALHO DE ALMEIDA

A data ao alto é a da sua visita à casa de Forjaz de Sampaio, Rua do Meio à Lapa, onde o assinou, datou e ainda se conserva.

Monumento a ANTERO DE QUENTAL no jardim da Estrêla, em Lisboa, pelo escultor Diogo de Macedo

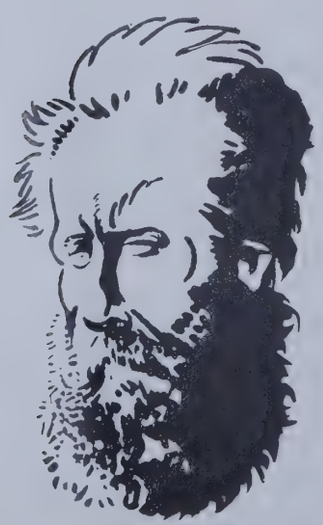
História da Poesia portuguesa (Escola Hispano-Itálica) Século XVI — Bernardim Ribeiro e as Bucolistas, Pôrto, 1872; *Teoria da História da Literatura Portuguesa — Dissertação para o Concurso da 3.ª Cadeira (Literaturas modernas da Europa e especialmente a Literatura portuguesa) do Curso Superior de Lêtras*, Pôrto, 1872; *Os Críticos da História da Literatura Portuguesa — Exame das afirmações dos srs. Oliveira Martins, Antero de Quental e Pinheiro Chagas*, Pôrto, 1872: *História das Novelas portuguesas de Cavalaria — Formação do Amadis de Gaula*. Pôrto, 1873; *Sôbre a origem portuguesa do Amadis de Gaula*, Imola, 1873; *Os novos críticos de Camões*, Pôrto, 1873; *História da Poesia Portuguesa (Escola Italiana. II — Século XVI — História de Camões — Parte I. A Vida de Luiz de Camões*, Pôrto, 1873; *Manual da História da Literatura Portuguesa*, Pôrto, 1875; *Curso de Literatura Portuguesa — Antologia Portuguesa*, Pôrto, 1876; *Gramática Portuguesa Elementar*, Pôrto, 1876; *Bocage — Sua vida e época literária*, Pôrto, 1876; *Traços gerais de filosofia positiva, comprovados pelas descobertas científicas modernas*, Lisboa, 1877; *Michelet — Conferência histórico-literária*, Lisboa, 1877; *Parnaso Português Moderno*, Lisboa, 1877; *História Universal*, Lisboa, 1878; *Voltaire — Conferência*, Pôrto, 1879; *Soluções positivas da política portuguesa — Da aspiração revolucionária e sua disciplina em opinião democrática*, Lisboa, 1879; *História do Romantismo em Portugal*, Lisboa, 1880; *Bibliografia Camoniana*, Lisboa, 1880; *Retrato e biografia de Camões*, Lisboa, 1880; *O Poema de Camões — Poesia consagrada ao centenário do poeta*, Lisboa, 1880; *História das ideias republicanas em Portugal*, Lisboa, 1880; *Ciência das religiões — Origens poéticas do Cristianismo*, Pôrto, 1880; *O Centenário de Camões*, Pôrto, 1880; *Sôbre uma salva de prata do século XVI*, Pôrto; *Questão de Literatura e Arte Portuguesa*, Lisboa, 1881; *Dissolução do sistema monárquico representativo*, Lisboa, 1881; *História Universal*, Lisboa, 1882; *Carta do Dr. Teófilo Braga aos estudantes da Academia Micaelense que lhe dirigiram uma carta por ocasião do seu quadragéssimo aniversário*, 1883; *Contos tradicionais do Povo português*. Vol I, Pôrto, 1883; *Os centenários como síntese efectiva nas Sociedades modernas*, Pôrto, 1884; *Miragens Seculares*, Lisboa, 1884; *Sistema de Sociologia*, Lisboa, 1884; *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*. Vol. I, Lisboa, 1885; *Curso da História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1886; *Camões e o sentimento nacional*, Pôrto, 1891; *Manifesto e programa do Partido Republicano Português*, Lisboa, 1891: *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1892, 4 vols.; *As modernas ideias na literatura portuguesa*, Pôrto, 1892. 2 vols.; *As Lendas Cristãs*, Pôrto, 1892; *Camões — A Tipografia e as Ciências no século 16*. Conferência, Lisboa, 1892; *Parecer da Academia Real das Ciências mandado ao ministro da Instrução Pública sôbre o livro do doutor Garcia Perez intitulado Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los Autores portugueses que escribieron en castellano*; Teófilo Braga — *Alma Portuguesa*, Pôrto, 1893; *Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1894; *A Pátria portuguesa — O Território e a raça*, Pôrto, 1894; *Visão dos tempos* — Edição integral, Pôrto, 1894. 4 tomos; *O Mar Tenebroso, poemeto*, Pôrto, 1894; *Nove poesie portoghese ristampate in Padova nella ocasione del VII Centenário di Sant'Antonio de Lisbona*, Padova, 1895; *História da Literatura Portuguesa. Introducção*, Pôrto, 1896; *Antero de Quental — In Memoriam — Rodrigues de Freitas — Comemoração biográfica*, Lisboa, 1896; *História da Literatura Portuguesa — Sá de Miranda e a Escola Italiana*, Pôrto, 1896; *História da Literatura Portuguesa — Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, Pôrto, 1897; *História da Literatura Portuguesa — Gil Vicente e as origens do Teatro Nacional*. Pôrto, 1898; *Bibliografia de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1898; *H. da Lit. Portug. — Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do Teatro Nacional*, Pôrto, 1898; *O Velho do Restelo*, Lisboa, 1898; *H. da Lit. Portuguesa — A Arcádia Lusitana — Garção — Quita — Figueiredo — Diniz*, Pôrto, 1899; *Os Doze de Inglaterra*, Lisboa, 1899; *Rapsódias da Epopéa Portuguesa*, Rio de Janeiro; *Homenagem a João Francisco Lisboa*, Maranhão, 1901; *História da Lit. Portug. — Filinto Elísio e os Dissidentes da Arcádia — A Arcádia Brasileira*, Pôrto, 1901; *Eça de Queiroz e a sua obra*. Conferência, Lisboa, 1901; *Hist. da Lit.ª Portuguesa — Bocage — Sua vida e época literária*, Pôrto, 1902; *Alma Portuguesa — Os Doze de Inglaterra*, Pôrto, 1902; *A Questão religiosa*, Portalegre, 1902; *H. da Lit. Portuguesa — Garrett e o Romantismo*, Pôrto, 1903; *Alma Portuguesa — Viriato — Narrativa epso-histórica*, Pôrto, 1904; *O Mártir da Inquisição portuguesa António José da Silva (O Judeu)*, Lisboa, 1904; *Alma Portuguesa — Frei Gil de Santarém*, Pôrto, 1905; *História da Literatura Portuguesa — Garrett e os Dramas Românticos*, Pôrto, 1905; *Tricentenário da publicação do Dom Quixote*. 1605-1905 — Conferência, 1905; *Quem foi o auctor do segundo Don Quixote?* Lisboa, 1905; *Joaquim Silvestre Serrão e a música religiosa em Portugal*, Lisboa, 1906; *O «Fr. Luiz de Souza», de Garrett*, Lisboa, 1905; *Spinosa*. Conferência, Lisboa, 1906; *Gomes Freire — Drama histórico*, Pôrto, 1907; *Hist. da Lit. Portuguesa — Camões — Época e vida*. Pôrto, 1907; *Bernardino Machado — 28 de Julho de 1907*; *Oração inaugural — A Academia Moderna*, Lisboa, 1908; *Plano Orgânico da Academia de Ciências de Portugal*, 1907; *O que são as raças sociológicas*, Lisboa, 1908; *Plano para a história de Portugal*, Lisboa, 1908; *Bôdas de ouro na Literatura* (1858 a 1908) *Visão dos tempos — Versões espanholas, italianas, francesas, alemãs e suecas*, Pôrto, 1908; *H. da Lit. Portuguesa. I — Idade Média*, Pôrto, 1909; *A Igreja e a civilização moderna*. Conferência, Lisboa, 1910; *Hist. da Lit. Portuguesa — Camões. A obra lírica e épica*, Pôrto, 1911; *Indicações para a Constituïção Política da República Portuguesa*, Lisboa, 1911; *Discursos sôbre a Constituïção política da República Portuguesa*, Lisboa, 1911; *Soluções positivas da política portuguesa. Vol. I.* Pôrto, 1912; *Os dois naufrágios de Camões*, Coimbra, 1915; *Tristão o Enamorado*, Pôrto, 1914; *O Protesto de Por-*



ANTERO (Autor ignorado)

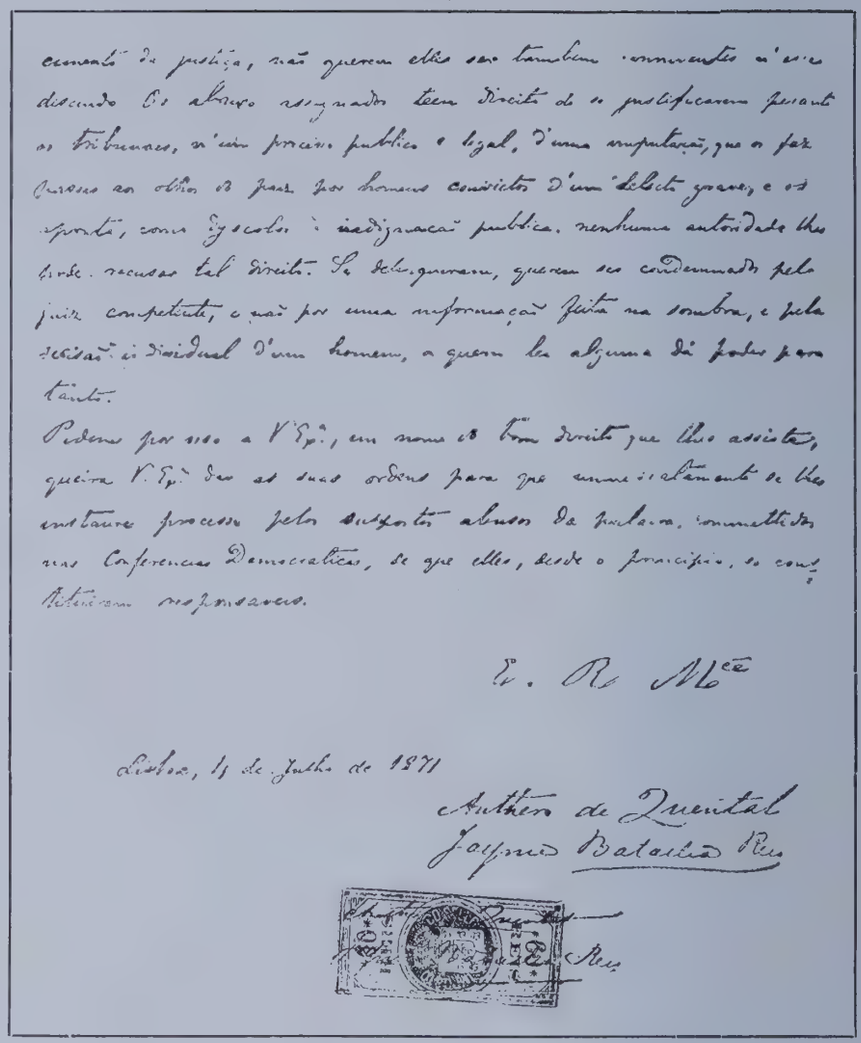
tugal contra os vandalismos alemães, Lisboa, 1914; *História da Literatura Portuguesa. II — Renascença*, Pôrto, 1914; *Versão Hebraica do Amadis de Gaula. I Os exemplares do Museu Britânico e do Seminário judaico de Breslau*, Coimbra, 1915; *Hist. da Lit. Portuguesa, III — Os seiscentistas*, Pôrto, 1916; *Camilo Castelo Branco*, Lisboa, 1916; *Versão hebraica do Amadis de Gaula. II* — Coimbra, 1916; *No 3.º centenário da morte de Cervantes — Solução do problema de Avelaneda durante três séculos irreductível*, Coimbra, 1916; *Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta*, Conferência, Coimbra, 1916; *« Eu sei quem é Ricardo . . . »*, fôlha sôlta, 1916; *Os Amores de Camões*, Pôrto; *Na tomada de Jerusalém*, Poema, Lisboa, 1918; *Recapitulação da Hist. da Lit. Portuguesa — As Arcadas*, Pôrto, 1918; *A educação ética e cívica como cúpula do edifício da educação nacional — A que objectivos deve obedecer*, Lisboa, 1921; *Representação ao Congresso sugerindo a candidatura do Dr. Sebastião de Magalhães Lima à Presidência da República*, Fl. sôlta; *Frau Paxêco — Cartas de Teófilo*, Lisboa, 1924; *Teófilo Braga e Inocêncio Francisco da Silva*, Coimbra, 1928; *João de Deus — Escorço biográfico*, Lisboa; *Cartas de Teófilo Braga a Marques Braga*, Lisboa, 1931.

PUBLICOU: *Vila Nova de Gaia*. Romance por João Vaz de Évora, publicado segundo a edição de 1630, Coimbra, 1868; *Cantos populares do Arquipélago Açoreano*, Pôrto, 1869; *Obras de Cristóvam Falcão*, Pôrto, 1871; *Crónica da fundação do mosteiro de S. Vicente dos Cónegos regrantes*, Pôrto, 1873; *Cancioneiro português da Vaticana* - Edição crítica, Lisboa, 1878; *Cartas curiosas do Abade António da Costa*, Coimbra, 1879; *Raios de extincta luz* de Antero de Quental, Lisboa, 1892; *Campo de flôres* de João de Deus, Lisboa, 1893; *A Egipcíaca Santa Maria*. Poema de Francisco de Sá de Miranda, Pôrto, 1913; *Livro de Saudades de Bernardim Ribeiro*, Pôrto, 1915; *Trovas de Crisfal*, Pôrto. Teófilo Braga publicou ainda uma edição popular de *Os Lusíadas* (Pôrto, 1869); uma reprodução da 2.ª edição (Pôrto, 1875); uma edição consagrada ao 3.º centenário (Pôrto, 1880); uma ed. da Bib. Nacional (Lisboa, 1881); outra em 1882; uma grande edição manuscrita (Lisboa, 1883); mais uma edição das *Obras completas* de Camões (Pôrto, 1873-74); *Parnaso*. Poesias líricas (Pôrto, 1880); *Sonetos*, Lisboa, 1913; *A primeira poesia impressa de Luiz de Camões; Um soneto de Camões glosado por Filipe II*, Lisboa, 1889. Teófilo Braga dirigiu entre outras as seguintes publicações: *O Positivismo*, revista de filosofia, Pôrto, 1879, e *A Era Nova*, Lisboa, 1881, esta com Teixeira Bastos.



Máscara de ANTERO por Leal da Câmara

SÔBRE TEÓFILO BRAGA CONSULTE-SE: Ramalho Ortigão — *Teófilo Braga;* Número único. Pernambuco, 24 de Fevereiro, 1843-1883; *Laboremus*. Homenagem ao preclaro escritor moderno Teófilo Braga pelo seu quadragésimo aniversário, 1883; Sílvio Romero — *Uma esperteza — Os cantos e contos populares do Brasil e o sr. Teófilo Braga — Protesto por Sílvio Romero*, Rio de Janeiro, 1887; *A maior dôr humana — Corôa de saudades oferecida a Teófilo Braga e sua espôsa para a sepultura de seus filhos*, 1889; Olga Morais Sarmento — *Teófilo Braga*, Lisboa, 1925; Teixeira Bastos — *Teófilo Braga e a sua obra*, Pôrto, 1892; Caldas Cordeiro — *Crítica bibliográfica — Teófilo Braga e a sua obra*, Pôrto, 1893; Frau Paxeco — *Os escritores portugueses. I. Teófilo Braga. Esbocetos*, Manaus, 1889; *Mensagem do Centro caixeiral ao Dr. Teófilo Braga*, Maranhão, 1900; *Homenagem. Número Unico*, Figueira da Foz, 1912; Fernandes Agudo — *Teófilo Braga e a « Alma Portuguesa »*, Pôrto, 1902; J. A. Reis Dâmaso — *Portugueses e Brasileiros — Teófilo Braga*. Esboceto, Pôrto, 1902; António Padula — *La Visione dei Tempi di Teófilo Braga*, Napoli, 1902; Xavier de Carvalho — *De Garrett à Théophile Braga et à Eça de Queiróz*, Paris, 1904; Sílvio Romero — *A Pátria Portuguesa — O território e a raça — Apreciação do livro de igual título de Teófilo Braga*, Lisboa, 1906; Joaquim de Araújo — *A « Vida de Bocage » do sr. Teófilo Braga*, Génova, 1906; Francisco Simões Ratalla *Traços biográficos do Dr. Teófilo Braga*, Lisboa, 1906, 2.ª ed. 1911; António Cabreira — *Alocução proferida na sessão de homenagem a Teófilo Braga realizada no Grande Club de Lisboa em 24 de Fevereiro de 1907*, Coimbra, 1907; Prof. António Padula — *Camoens e Teófilo Braga*, Napoli, 1907; *Quinquagenário. 1858 a 1908 — Cincoenta anos de actividade mental de Teófilo Braga julgado pela crítica contemporânea de três gerações literárias*, Lisboa, 1908; Delfim Guimarães — *Teófilo Braga e a lenda do Crisfal*, Lisboa, 1909; *Trechos Lapidares — Na homenagem nacional a Teófilo Braga (LXIX aniversário)*, Lisboa, 1912; Joaquim de Araújo — *XIV de Setembro (1911). Stoicismo Divino*. Augsburg, 1912; António Eduardo da Costa Ferreira — *Hino Teófilo Braga*, 1912; António Maria de Freitas — *Bodas de Ouro da Epopêa Humana (1864 a 1914) — Crítica Sintética da Visão dos Tempos de Teófilo Braga*, Lisboa, 1914; Ricardo Jorge — *Contra um plágio do prof. Teófilo Braga*, Lisboa, 1915, 2.ª ed. 1917; Jordão de Freitas — *Cervantes e Argensola (A propósito duma comunicação académica do*



Reverso do requerimento em que ANTERO e JAIME BATALHA REIS pediam ao Procurador Geral da Corôa que os processasse

- Disputa em familia -

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus.

I.

Sae da penumbra, levanta a fronte, e escuta
O que dizem teus filhos rebellados,
Velho Jehovah de longa barba hirsuta,
Solitario em teus ceus acastellados:

"Lésson o imperio, emfim, da força bruta!
"Não soffremos mais, emancipados,
"O tyranno de mãe tenaz e astuta,
"Que mil annos nos trouxe atrabanhados!

"Emquanto tu Armias impassivel,
"Topámos no caminho a Liberdade,
"Que nos sorriu com gesto indefinivel...

"Já provámos o fructo da Verdade...
"O' Deus grande, o' Deus forte, o' Deus terrivel,
"Não passas d'uma vã banalidade!"

II.

Ellas o velho tyranno soberano,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distrahido,
Deixou matar um filho no Calvario,

Sorriu com riso extranho, ouvindo o vano
Tumultuoso côro e alarido
De povo insipiente, que, atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu soberano

"Vanitas vanitatum! disse. E' certo
"Que o homem vão medita mil mudanças,
"Sem achar mais do que erro e desacerto"

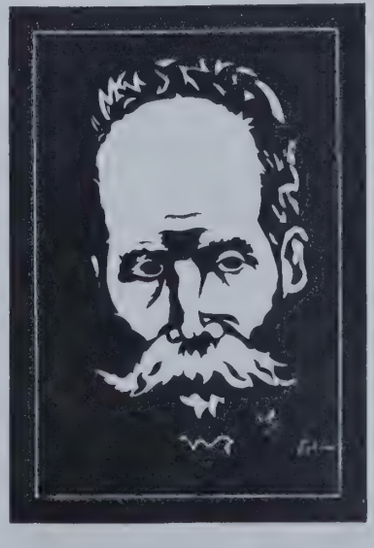
"Muito antes de nascerem vossos paes
"D'um barro vil, ridiculas crianças,
"Sabia eu tudo isso... e muito mais!"

Anthero de Quental

Disputa em família, sonetos de ANTERO DE QUENTAL.
Autógrafo pertencente a João Penha e hoje da colecção Albino Forjaz de Sampaio a quem foi dado pelo escritor Antero de Figueiredo

sr. Dr. T. B), Lisboa, 1916; Frau Paxeco — *Teófilo Braga*, Lisboa, 1917; Marques Braga — *A obra de Teófilo Braga e as tradições portuguesas.* Conferência, Coimbra, 1917; Frau Paxeco — *Visão dos Tempos*, Coimbra, 1917; A. do Prado Coelho — *Teófilo Braga e a História da Literatura Portuguesa*, Coimbra, 1917; António Cabreira — *Teófilo Braga e o positivismo*, Coimbra, 1917; Francisco Maria Supico — *Mocidade de Teófilo*; A. do Prado Coelho — *Teófilo Braga*, Lisboa, 1921; *Bodas de ouro no magistério.* 1872-1922, Pôrto, 1922; *50 anos de Magistério*, Lisbôa, 1922; Frau Paxeco — *Cartas de Teófilo*, Lisboa, 1924; Frau Paxeco — *Sôbre Teófilo Braga*, Pará, 1925; Alvaro Neves — *Quem é Teófilo Braga?* Lisboa, 1927; Alvaro Neves — *Monumento ao Dr. Teófilo Braga*, Lisboa, 1927; Esta bibliografia é coordenada das notas de Alvaro Neves publicadas no *In memoriam do Doutor Teófilo Braga, 1843-1924*, Lisboa, 1934.

A suprema característica da actividade literária de Teófilo Braga consiste no propósito de reconstrução nacional que ressalta de tôda ela. Vê-se que essa actividade se desenvolveu tôda ordenadamente em obediência a um plano que fixou para fazer vingar o movimento da Escola de Coimbra e buscou realizar integral e condignamente pela vida fora, incompreendido da maioria, através dum meio social apático, quando não hostil.



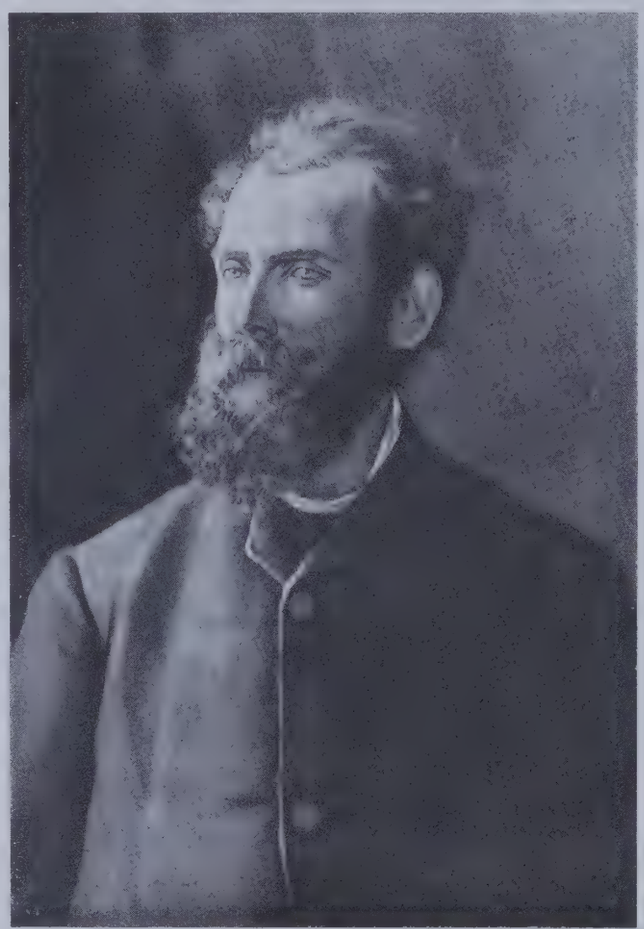
Máscara de ANTERO por Cosme

O seu ideal, acima de tudo, foi orientar a nação, para que, com um conhecimento bem consciente de si mesma, pudesse consumar os seus altos destinos. Isto que se verifica através dos seus trabalhos históricos, também se salienta nas suas obras de arte, que com aquêles se enlaçam e traduzem a aspiração de dar aos Portugueses a expressão mais adeqüada do sentimento nacional.

Todo o labor do homem de ciência, como de letras, em Teófilo Braga, foi pôsto ao serviço da sublimação da arte literária, dos grandes e verdadeiros valores nacionais, que são, por excelência, os estéticos, tornadas as literaturas em «objectos da simpatia social, com que em cada povo se realiza a concórdia ou a síntese afectiva», consoante se exprime em *As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa.* Tendo-se cedo persuadido de que o pensamento só logra plena vitalidade quando convertido em elemento estético, cultivando sempre a ciência através da arte, como iluminada por esta, fêz centro das suas atenções, objecto da sua predilecta diligência, o culto da arte, a crença nela, no seu poder, como agente máximo da «convergência

de tôdas as energias» colectivas, sem a qual tôda a tentativa de reconstrução social se torna inexeqüível, por mais oportuna e esclarecida que seja a política de espírito. Valem por um lema de tôda a sua acção de escritor estas suas palavras que extraímos das *Teocracias Literárias:* «Compreendeu-se que não era o modêlo académico, mas o sentimento puro que nos havia de elevar à perfeição, dar-nos a percepção imediata das formas que traduzem o belo na vida».

Nada mais orgânico, mais profundamente constitucional nêle que êsse «estado de poesia», no qual, por 1863, aos 20 anos, compôs os poemetos da 1.ª série da *Visão dos Tempos* — a *Bacante*, a *Stella Matutina* e *Savonarola*. Se, logo de entrada, se lançou no humanitarismo ou na solidariedade universalista que lhe ditou as tão belas sínteses estéticas sôbre as idades históricas críticas de que a nossa civilização europeia ocidental é filha, foi já, então, segundo declarou mais tarde, afim de se adestrar no estudo, para o qual havia de canalizar todo o seu esfôrço construtivo, da posição de Portugal e da sua missão no mundo. Sob a influência do amor, como se infere das palavras dirigidas à noiva: «Sinto-me como no amanhecer dum formosíssimo dia, *senza bruma*... Caminho como protegido debaixo da sombra dumas asas, ouço uma voz extensa, contínua, um segrêdo sem fim, uma palavra só que é bênção e grito de coragem, a doçura e a fôrça reünidas...», compreende-se que as suas estrofes fôssem, nessa altura, verdadeiramente as «rapsódias dum período genesíaco», com que se elevou à criação duma forma de poesia, inspirada nas melhores fontes de elaboração artística individual, e, particularmente, na grande corrente tradicional de estilo popular, e em que a história aparece utilizada, à maneira de Michelet, como «ressurreição integral» da vida, como uma espécie de «reconstituïção simbólica». É interessante esta sua conclusão: «A história convence-nos de que a poesia é uma realidade e de que o ideal é a generalidade do real» (*História do Romantismo em Portugal*, pág. 186).



ANTERO DE QUENTAL
Retrato a óleo, pelo pintor micaelense Domingos Rebêlo, existente no Liceu Central de Ponta Delgada

Que êsse «estado de poesia» era orgânico, constitucional, prova-o o facto de se soltarem ainda da sua lira acordes semelhantes, de inflamada simpatia humana e universal, quando, por exemplo, cêrca de quarenta anos depois, em 1902, em *Os Doze de Inglaterra*, pôs na bôca de Percival o esplêndido hino ou cântico à Dor e ao Amor.

Confirma a 1.ª a 2.ª série da *Visão dos Tempos*, a que pôs a epígrafe de *Tempestades Sonoras*, acompanhadas, em 1865, da *Ondina do Lago*, e, em 1869, das *Torrentes*. Só quinze anos mais tarde, já sob o regime da filosofia positiva, mas sempre com os mesmos motivos condutores iniciais a animá-lo e a mesma idea orgânica da forma cíclica, escreverá as *Miragens Seculares*, estádio que prenuncia a edição integral da *Visão dos Tempos* e de que é expressão máxima *O Firmamento*. A verdade é que, mesmo através do doutrinarismo comtista, foi sempre essencialmente um idealista, por uma espécie de sincretismo filosófico que se deixa vislumbrar em *As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa:* «De Vico para Hegel e dêste para Comte, não existiam antinomias doutrinárias... A concepção de Comte, emquanto à hierarquia teórica ou filosófica das ciências, esclarecia a parte fraca da *Filosofia da Natureza* de Hegel, como o vasto sistema dêste completava a *Síntese Subjectiva* de Comte».

Êste período da actividade — não falando do primeiro, ainda na Ilha, também sob o signo poético, dada a «simpatia filial» de Teófilo Braga por Garção, que já lia e imitava aos 14 anos — é verdadeiramente o de gestação fundamental; nêle não só tôda a evolução ulterior assenta, como até se pode dizer que já está contida em germe, convindo advertir, por exemplo, que da *História da Universidade de Coimbra*, onde, através dêsse nosso primeiro estabelecimento pedagógico oficial, historiou a vida intelectual portuguesa, se encontra, já nessa fase, um esbôço preliminar. São já de então as directrizes capitais, os grandes princípios guiadores da sua actividade de sempre; e já então a posição assumida pelo espírito lhe permitiria, sem dúvida, conceber, nas suas supremas linhas geradoras, qual a sua futura elaboração, no domínio da estética e, bem assim, no da sociologia e da história.

O modo como se lançou à construção da *História da Literatura Portuguesa*, em cujo tratamento apresenta as notas características dum fundador do género, no sen-

tido moderno (entre nós), manifesta que, ainda aqui, está presente a tudo uma autêntica inspiração de homem de letras em que predomina a coerência da sua vida afectiva, consoante os seus próprios termos a propósito de Garrett.

Vê-lo-emos debruçado, de preferência, sôbre os elementos subjectivos da história, os mais estéticos, os mais humanos, os mais reais para o artista, aparecendo-nos, antes do historiador e do crítico da literatura, o etnólogo e o folclorista, absorvido apaixonadamente no estudo das tradições poéticas e dos cantos populares, que sempre julgou o ponto de partida mais idóneo para alcançar o significado profundo do que chamava o «facto nacional» por excelência, o sentido psicológico, moral e social da formação e da evolução da nossa nacionalidade, considerada uma individualidade étnica, perfeitamente independente.

O espírito das nossas tradições poéticas populares e da sua expansão através duma literatura nacional, estudado etnológicamente, é que esclareceu o historiador, que sempre combateu o abandôno da tradição nacional na arte como na vida social, sôbre o caracter original e autónomo da nossa pátria, as condições específicas da sua fundação e desenvolvimento, e ainda, porque não é um corpo ou um fenómeno, isolados, a solidariedade histórica de Portugal com a civilização, designadamente com a dos outros povos peninsulares.

É de Teófilo Braga esta declaração do que ficou devendo aos Romanceiros e aos Cancioneiros: «... fomos levados do estudo dos Forais para a investigação dos Romanceiros; apareceu-nos uma luz nova: o que parecia uma rudeza era na realidade um documento da vida duma raça; o que parecia um capricho sem sentido era um símbolo foraleiro da alma germânica, conservado pelo atavismo no Mosárabe; o que parecia um desconcêrto gramatical era um arcaísmo da linguagem do princípio do século XV; o que parecia um canto truncado era um episódio completo mas abreviado duma gesta francesa ou de poemas do ciclo bretão». *(Introdução sôbre a Literatura Portuguesa — Grande Dicionário Português* de Frei Domingos Vieira, p. CCXXII).

Teófilo Braga no ano de 1857

Essa luz que incidiu com tão grande poder revelador nos estudos sôbre os Forais, projectar-se-á em tôda a sua história literária, valendo por um vínculo de conexão, imprimindo-lhe o melhor do seu vigor e interêsse, e permitindo-lhe assim assumir um realce condigno, colocadas no lugar que lhes compete as grandes correntes tradicionais, as mais vivas e representativas de tô-

Teófilo Braga. Esbôço por Eduardo Faria
(De «O Século»)

das as manifestações colectivas, o elemento destinado, acima de todos, a servir de expressão ao sentimento de nacionalidade na literatura.

Foi a literatura oral que o iniciou na literatura escrita, pois a compreensão desta a deveu principalmente ao apuramento da sensibilidade artística pelo contacto com as fontes vivas do nosso lirismo popular, podendo afirmar-se que o seu senso histórico e crítico foi primeiro um senso poético, e não era lícito supor ou esperar que o deixasse de ser algum dia, numa individualidade literária cuja génese, como vimos, foi de índole poética.

O grande instrumento de ligação com êsse manancial de beleza incomparável que é o lirismo popular, foi o *Romanceiro* de Garrett, «o livro de ouro da Tradição portuguesa», em que se filia, qual efloração magnífica, a sua *Biblioteca das Tradições Portuguesas*, onde ocupa lugar de relêvo a *História da Poesia Popular Portuguesa*, talvez o *punctum saliens* de tôda a obra de Teófilo Braga, o qual a considerava o fundamento «em que assenta orgânicamente a História da Literatura Portuguesa» *(Cartas de Teófilo Braga a Marques Braga*, p. 20).

Foram, pois, impressões ou inspirações de artista, na base de tôda a sua actividade literária, que o levaram ao empreendimento duma *História da Literatura Portuguesa*, que será organizada com o mesmo critério novo

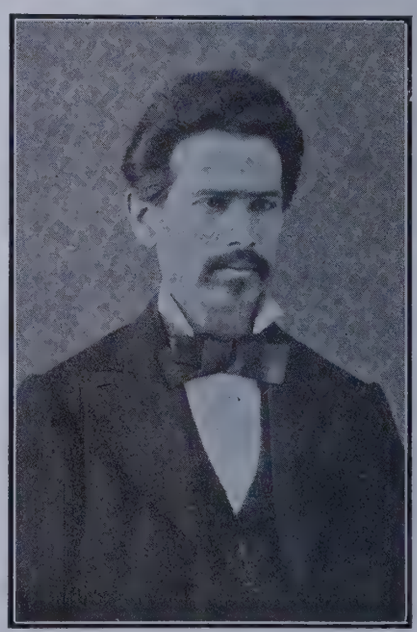
Teófilo Braga no ano de 1872

que se deparara a Garrett, ao interrogar no seu *Romanceiro* a tradição popular, e se lhe deparou, ao prosseguir os estudos daquele com o seu *Romanceiro* e o seu *Cancioneiro*. Não tardará a inaugurá-la, em 1870, com a *Introdução à História da Literatura Portuguesa*, e publicando, numa arrancada que espanta, em 1871, as *Epopeias da Raça Mosárabe*, os *Trovadores Galécio-Portugueses* e a *Vida de Sá de Miranda e sua Escola*, em 1872, *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* e a *Teoria da História da Literatura Portuguesa* (que, melhorada em sucessivas edições e conjugada com a citada *Introdução*, dará mais tarde, em 1896, a *Introdução e Teoria da História da Literatura Portuguesa)*, em 1873-74, a *História de Camões*, e, em 1875, o *Manual de História da Literatura Portuguesa*. Continuando sempre, refundiu, em 1878, os *Trovadores Galécio-Portugueses*, na Introdução histórico-literária ao *Cancioneiro Português da Vaticana*, à qual deu o título de *Introdução sôbre Trovadores e Cancioneiros Portugueses* e que é notável como demonstração de método; e, em 1880, publicou uma obra fundamental pelo seu carácter crítico e doutrinário, a *História do Romantismo em Portugal*.

Por necessidade de aperfeiçoamento e actualização, determinados nomeadamente pela publicação dos cancioneiros trovadorescos, deu a lume, em 1885, o *Curso de História da Literatura Portuguesa*, por meio do qual o referido *Manual* tomou uma forma definitiva. Sucedeu-se depois um período de re-preparação e de digressão por outros sectores do espírito, cabendo nêle nomear-se, entre outras produções, *Camões e o Sentimento Nacional*, de 1891, e o I Volume da *História da Universidade de Coimbra*, de 1892 (II, 1895; III, 1898; IV, 1902). São de 1892 *As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa*, dois volumes capitais que assinalam, na evolução espiritual de Teófilo Braga, um dos seus pontos culminantes. Em 1896, voltou a dar à estampa, refundido, *Sá de Miranda e a Escola Italiana*, e, em 1897, também refundido, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*. E de novo o historiador entrou numa fase de actividade intensa que faz pasmar. São de 1898 *Gil Vicente e as Origens do Teatro Nacional* e *Escola de Gil Vicente e Desenvolvimento do Teatro Nacional*; de 1899, *A Arcádia Lusitana*; de 1901, *Filinto e os Dissidentes da Arcádia*; de 1902, *Bocage*; de 1903, *Garrett e o Romantismo*; de 1905, *Garrett e os Dramas Românticos*; de 1907, *Camões — Época e Vida*; e, de 1911, *Camões — A Obra Lírica e Épica*.

O que Teófilo Braga disse de Garrett, acêrca da influência decisiva que as tradições poéticas do nosso povo desempenharam no rumo que veio a tomar o seu génio literário, é-lhe absolutamente aplicável: «Foi essa luz (das tradições populares) que te revelou a existência dos cânticos heróicos dêste povo; foi essa mesma tradição que te fêz sentir o colóquio das cantigas sôltas, que te fêz criar essa poesia simples e ardente das *Fôlhas Caídas*» (*História do Romantismo em Portugal*, p. 127). Mas, assim como, em Garrett, não foi só o lirismo novo das *Fôlhas Caídas* ou das *Flôres sem Fruto* — «meio de expressão por onde a aspiração moderna se pode tornar simpática» — a resultante dessa influência, devendo atribuir-se-lhe tôda a feição e sentir nacional que há-de assumir, em conjunto, a sua criação artística; assim, em Teófilo Braga, da inspiração haurida na mesma fonte estética da tradição oral popular, derivará, não apenas uma mais definida interpretação do verdadeiro sentido poético, como também o critério interno e orgânico com que historiou a tradição literária escrita, considerando as Literaturas destinadas ao exercício duma alta função de concórdia, pela sua qualidade de sínteses afectivas da vida social; e detendo-se sobretudo nos grandes líricos, as expressões mais genuínas e representativas da corrente nacional, conducentes à efectivação da «aspiração moderna», nunca separável do respeito às cantigas populares e aos romances velhos.

O crítico e o historiador da literatura explicou-se claramente sôbre o que entendia por essa «aspiração moderna» que cumpria satisfazer, a-fim-de que a poesia fôsse poesia, e lhe aparecia como condição primordial da sua dignificação artística, em que o estado de subjectividade é corrigido por um profundo sentimento de sociabilidade: «Para que sejam verdadeiras obras d'arte — referia-se às múltiplas produções poéticas que classificava de «exuberância da vida afectiva» — falta-lhes a forma e o espírito da Poesia que deve corresponder ao estado da consciência moderna. É que a obra d'arte não pode ser ùnicamente elaborada pelo artista, tirando o seu subjectivismo aos elementos que o constituem; há um factor alheio ao artista e que colabora com êle, é a multidão, o povo, a sociedade, a colectividade nacional em-fim, que lhe forneceu



Teófilo em 1872

o elemento natural da tradição, a qual o artista idealiza, dando-lhe a forma com que é renovada e mais vigorosamente universalizada. Todos os grandes artistas modernos se esquecem dêste factor, concentram-se no seu espírito, tiram tudo de si; e assim como os organismos que se tornam mais pequenos à medida que a sua evolução morfológica se exerce no sentido interno, também os artistas são mais individuais e mais pequenos nos intuitos, exercendo a sua actividade nos detalhes do estilo, da metrificação, da rima, das imagens, nos calculados recursos de efeito. São como as lindas plantas de estufa, alentadas em um meio artificial; falta-lhes a grande instinto sintético em que o génio resume os caracteres essenciais do sentimento ou do pensamento duma época histórica. Ao estabelecer-se a evolução da poesia moderna, desde a elaboração dos trovadores e transmissão das tradições populares até à crise filosófica moderna que procura conciliar a razão e o sentimento, imediatamente se acham reflectidas no lirismo de João de Deus tôdas essas características de que êle teve uma intuïção genial» *(As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa,* II, p. 63).

E, porque, segundo êle, «a tradição é o humus donde floresce tôda a concepção artística», pois que «é pela

Teófilo Braga no seu gabinete de trabalho de sua casa da T. de St.ª Gertrudes (1910)
Da «Illustração Portugueza», Lisboa.

comunicação do ar livre e vivificante da multidão. Os talentos novos deviam procurar o modo de restabelecer esta aliança natural que em tempos antigos produziu tôdas as formas da arte grega e ainda na Idade Média provocou um extraordinário vigor estético» *(As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa,* I, pp. 235-236, e *Soares de Passos,* escorço biográfico, p. XLIV, na ed. das *Poesias* do mesmo autor).

Noutro lugar, pôs em evidência o que, no seu critério, significava a *simpatia social,* valendo, para êle, o dom de a produzir como um dos mais distintivos do verdadeiramente grande poeta que julgava inspirado sempre num profundo sentimento da poesia popular, implícita nas bases da formação nacional: «Como nos organismos superiores se repetem no seu período fetal as fases rudimentares da série animal de que êles são o ápice, também nas manifestações psicológicas há um tradição que a obra individual se liga ao sentimento da multidão» e «a verdadeira missão do génio consiste em vivificar com a aspiração nova as velhas formas tradicionais sempre simpáticas a uma nacionalidade» *(História do Romantismo em Portugal,* p. 300), tôda a sua admiração diante de João de Deus se comprazia em avultar-lhe o mérito de ter achado «o tipo da canção popular, a Serranilha, a Vilanela, o Tonilho, tal como vem desde os Cancioneiros provençais até Gil Vicente, Camões, Gonzaga, os líricos brasileiros, e ainda corrente nas aldeias, como em Rebordainhos» *(As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa,* II, p. 80).

Teófilo Braga começou a desenvolver a sua vocação de escritor num momento histórico em que a ordem social, pela confusão dos espíritos, reclamava, mais que nunca até então, do homem de letras uma intervenção activa, e disso ninguém teve mais perfeita consciência

A casa da T. de St.ª Gertrudes
onde viveu a maior parte da sua vida
e morreu com 81 anos
o Dr. Teófilo Braga

que êle, manifestando logo o alto grau atingido pela sua noção de responsabilidade. Movido pela sua crença de artista, que o levava a considerar a estética o único instrumento capaz, em virtude do seu potencial dinâmico próprio, de remodelar, só por si, o estado da nacionalidade — crença aliás de outros poetas da sua geração, voltados entusiastas para uma acção social militante, mas cujo pessimismo os levou a desertar — tôda a sua vida literária foi, desde cedo, inspirada, presidida por um sentido moderno de civilização, consubstanciado com um profundo sentido estético que lhe imprimiu nexo à inteligência construtiva, mesmo e sobretudo através da disciplina filosófica, que êle traduziu, como vimos, já ao pretender orientar o movimento coimbrão, pela apologia do que denominava «o sentimento puro», e lhe fêz subordinar os preconceitos individualistas, racionalistas e outros, a uma forma, sempre antiga e sempre nova, de religião do belo, engastada na grei ou na comunidade.

O que principalmente animou Teófilo Braga, um dos aspectos mais originais da sua personalidade, foi o culto, que desde a primeira hora professou, do lirismo popular, assente na persuasão de que a alma do povo, como Menéndez Pidal frisou, é «a flor que espontâneamente se abre ao calor de tôda a emoção vital» e nela reside a fonte por excelência dêsse «sentimento puro» que buscou sempre. Dirigia olhos enlevados para os alvores da poesia nacional na Idade Média, descobrindo o poeta em contacto com o povo, integrado nêle, colhendo nêle, manancial da mais genuína e rica eflorescência poética, uma singeleza e um vigor de criação, absolutamente inconfundíveis. Assim, o devoto do velho estilo das serranilhas, das pastorelas, das cantigas de romarias, encaradas como elementos básicos de inspiração, para uma reforma, ao gôsto moderno, da poesia contemporânea, não podia deixar de ser simultâneamente um teórico da literatura e do nacionalismo, abraçando, para o efeito, com ardores nunca vistos de paladino, uma mística tradicionalista, em que o povo era exaltado pelo seu modo de viver genialmente as tradições e de genialmente as salvaguardar.

Eis por que um dos primeiros números, se não o primeiro, do seu programa foi a reintegração, na literatura, e, por esta, no meio social, da «poesia nacional das nações vivas» (segundo os termos de Garrett, no Pref. da *Adozinda*), como o processo mais seguro de exaltar as energias pátrias nativas. Foi êste o supremo móbil que o estimulou a completar a *Visão dos Tempos*, com a edição integral de 1894, e a compor as epopeias da *Alma Portuguesa*, de que sobressaem *Os Doze de Inglaterra*, de 1902, e *Viriato*, de 1904. Dêste modo concebia «a missão duma nova Poesia», consoante declarou, em 1877, em *O Parnaso Português Moderno*, p. XVII: «Neste caminho, a poesia portuguesa achou outra vez o seu destino».

Não é, pois, de surpreender que se tivesse ocupado sempre tanto em acentuar a relação íntima dos grandes escritores e dos grandes monumentos da literatura com a nacionalidade. Reputando o fundo tradicional a maior garantia da unidade e da continuidade, na ordem evolutiva, da vida nacional, em todos os sectores, não podia compreender uma Arte portuguesa alheada dêsse fundo anímico, e queria que da veneração do passado, dum passado orgânico, de interêsse radical, se extraísse sempre «o estímulo da renovação» *(História do Romantismo em Portugal*, p. 300). Gil Vicente atraía-o, e impunha-se-lhe, porque foi «o poeta que mais se inspirou da alma portuguesa» e porque, como disse Menéndez y Pelayo, que citava, «viveu em comunhão íntima com a tradição da sua raça». «Na criação do teatro português por Gil Vicente — escrevia êle, a seu turno — observa-se um fenómeno estético, revelador da intuïção que o levou; em uma época de crítica, a achar os germens tradicionais que evolucionaram na forma artística das Literaturas» *(História da Literatura Portuguesa* — II, *Renascença*, p. 89). E acrescentava que o vigor extraordinário da sua obra «proveio das raízes orgânicas ou tradicionais donde Gil Vicente a derivou: elevou-se dos costumes populares, dos Diálogos e Colóquios das Lapinhas e das Canções bailadas de Maio aos rudimentos literários do Auto; em volta desta forma agrupou as Canções líricas com a mesma estrutura das serranilhas da época de D. Diniz e dos seus trovadores, e as Canções narrativas do tipo dos Romances velhos...» *(Ibid.*, p. 101). Também o que mais o impressionou, em todo o tempo, no poema de Camões, foi «a intuïção com que o Poeta soube aliar, em uma obra literária e reflectida, todos os elementos tradicionais duma nação» *(Camões e o Sentimento Nacional*, p. 63), a «compreensão do elemento tradicional popular», a circunstância de ter sido «fecundado pela seiva nacional, haurindo, nos cantos populares das Redondilhas e do velho Romanceiro peninsular, o sentimento moderno» *(Ibid.*, p. 216). Igualmente por isso, reconhecia, acima de qualquer outro mérito, em D. Francisco

Aspecto da casa de jantar de Teófilo Braga
na T. de St. Gertrudes em Lisboa

Manuel de Melo, a sua qualidade de «renovador da tradição do puro quinhentismo do gôsto mirandino e camoniano» *(Os Seiscentistas*, p. 109), e em Rodrigues Lobo o esfôrço que desenvolveu, «renovando a égloga mirandina e as graciosas trovas do Cancioneiro» *(Ibid.*, p. 52).

O seu respeito e a sua admiração pelos modelos de inspiração tradicional popular patenteiam-se ainda na decisão com que opunha a *Silvaninha* à *Adozinda*: «A *Silvaninha* é uma terrível pedra de toque para a *Adozinda*; uma é a verdade, a outra a convenção; uma a natureza, a outra o artifício; uma a espontaneidade e a outra o esfôrço. O que há de belo na *Adozinda* pertence ao fundo popular; mas a ingenuïdade popular nunca pode ser contrafeita» *(História do Romantismo em Portugal*, p. 193). Os poetas considerava-os grandes precisamente na medida em que souberam imprimir «desenvolvimento definitivo» ao «germen tradicional» *(Dois Monumentos* — Pref. da ed. do *Frei Luiz de Sousa* e de *Um Auto de Gil Vicente)*, e, por isso, na medida em que se tornava lícito integrá-los na grande linha dorsal, medular, da Arte portuguesa,

Ressurreição de Lázaro, de Rembrandt.
Cópia do Dr. Teófilo Braga

Capa para o «Romanceiro do Cid»;
original de Teófilo Braga

desde os velhos Cancioneiros e os mais antigos produtos da inspiração anónima. Com êste critério, exaltava, além de Herculano, Garrett e João de Deus. Do primeiro salientava: *Tristezas do Destêrro, A Vitória e a Piedade, O Mosteiro Deserto, Cruz Mutilada, A Tempestade, A Volta do Proscrito, A Felicidade, Mocidade e Morte* e *O Soldado (História do Romantismo em Portugal*, pp. 233-240, 245-253, 255-269 e 281-282); do segundo: *Cascais, Adeus, Anjo és, Não és tu (Garrett e os Dramas Românticos*, pp. 550 e segs.); e do terceiro: *A Vida, Loas à Virgem, Cântico dos Cânticos* e *Adoração (As Modernas Ideas na Literatura Portuguesa*, II, pp. 62-78).

O poeta, portador duma mensagem de artista, não emudecerá, mas o crítico e historiador também não descansará nunca, para honra e glória sobretudo da poesia nacional que servia.

É de 1909 o I volume da *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa*, intitulado *Idade Média*. Com essa *Recapitulação* que atingiu o século XVIII, procedeu às já então novamente necessárias revisão e coordenação de todos os materiais acumulados, esparsos por dezenas de monografias especiais, ampliando e completando aspectos do estudo que viera constantemente a apurar e a reelaborar *de dentro*, ao mesmo passo que aproveitava e punha em função os dados supervenientes da investigação alheia.

Trabalhará sempre com a mesma coërên-

A Virgem com o menino dormindo;
relêvo em madeira. Escultura de T. Braga

Desenho para ex-libris,
original de Teófilo Braga

TEÓFILO BRAGA
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1881).
Teófilo Braga é apresentado com o seu inseparável guarda-chuva

cia invariável, inquebrantável, da vida afectiva que, segundo êle, distingue o homem de letras, sentimento tantas vezes revelado, e, em especial, na sua colaboração no *In Memoriam* de Sousa Martins.

Para Teófilo Braga, como para Augusto Comte, «todos os grandes esforços intelectuais emanam principalmente dos sentimentos simpáticos», de harmonia com o preceito de que «a razão deve seguir a fé», de que, na eminência, a dirigir o esfôrço construtivo, estão os movimentos do coração, os impulsos de afeição ou de veneração. «É bem lúcido — afirmou o nosso escritor — o pensamento de Saint-Simon, que a um grande movimento nas ideas corresponde inevitàvelmente um movimento semelhante nos sentimentos. Pascal levou mais longe esta compreensão do facto afectivo, quando disse que as ideas só se universalizam quando recebem a forma de sentimento... Comte formulou êste princípio que encerra a luz desta grande civilização: *les sentiments soutiennent seuls l'ordre occidental. (Camões e o Sentimento Nacional,* p. 307). Sob essa visão especial, a sua obra revela-se no seu exacto significado e explica-se cabalmente por si mesma, definindo-a precisamente essa subordinação, êsse respeito humanos a um passado básico, essa adesão a determinadas tradições seculares, reputadas fundamentais, orgânicas, as quais realçam a originalidade e a vitalidade do génio nacional, e cuja continuïdade há que garantir perante a posteridade.

Para Teófilo Braga, como para Augusto Comte «o verdadeiro conhecimento da natureza humana, individual ou colectiva, prescreve, em geral, a indissolubilidade dos laços íntimos» (Cit. pelo conde de Montesquieu — *Les Consécrations positivistes de la vie humaine).*

A propósito do centenário camoneano: caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1880). Teófilo Braga e Ramalho Ortigão verrumam a cabeça do Zé Povinho com a idea da celebração do centenário

A razão primacial da unidade, da harmonia intrínseca da sua obra, está na satisfação que deu à necessidade de estabelecer, de documentar «a indissolubilidade dos laços íntimos», morais, sociais, étnicos, históricos. De entre êles, porque mais e melhor «perpetuam a consciência nacional» *(Traços Gerais de Filosofia Positiva),* ocupou-se preferentemente, como temos visto,

SERMÃO DO ENCONTRO
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1881).
Entre outras caricaturas vêem-se as de Gomes Leal, Teófilo Braga, Magalhães Lima, etc.

do objecto das tradições e do tema da arte, nas suas relações mútuas. O elemento estético tinha-o pelo mais representativo da alma lusa, o que explica o escopo da sua *História da Poesia Popular Portuguesa*, que é aliás o de tôda a sua obra: «nela fundamento a existência duma *alma nacional*» *(Cartas de Teófilo Braga a Marques Braga*, p. 16). Com efeito, nas grandes manifestações estéticas do espírito português se terá sobretudo de basear, como êle, quem quiser, como êle, interpretar o génio pátrio, explicar a resistência do nosso individualismo étnico, apreciar o nosso contributo para o património comum da civilização, medir o alcance da missão que desempenhámos e nos cumpre desempenhar no mundo, segundo a índole do nosso nacionalismo, de colaboração activa nos interêsses universais.

Teófilo Braga
Apontamento de Rafael Bordalo Pinheiro

Vendo a vida da nacionalidade, desde o seu berço, animada da mais apaixonada liberdade e da mais ardente demofilia, dêsse mesmo prestígio da «pobreza forte» que tanto impressionou Alberto Sampaio nas suas *Vilas do Norte de Portugal*, aparecendo-lhe Portugal, tal qual a França aos olhos de Michelet (prefácio, de 1869, da *Histoire de France)*, «filho da sua própria liberdade», percebe-se que, para base da sociologia, com o intento de introduzir nela um agente de excepcional energia dinâmica e em atenção ao poder e à vitalidade dos laços nos quais reconhecia a máxima garantia da subsistência histórica da nacionalidade, tenha adoptado o facto biológico (e psicológico e moral) da *população*, em vez do facto histórico da *autoridade* que Comte propusera para o mesmo fim.

Teófilo Braga
Caricatura por Leal da Câmara. Publicada na *Seara Nova* (1922)

Teófilo Braga
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1881)

Com fixar doutrina, na *História da Poesia Popular Portuguesa*, sôbre «a existência duma população livre com instituïções locais ou concelhos, governando-se por magistrados seus, forma social que antecedeu o estabelecimento da realeza em Portugal», e com a demonstração, produzida na mesma obra, duma «persistência antropológica e étnica que liga a nacionalidade com a tradição poética, tornando simultâneo o estudo de ambas», e do dinamismo estético inerente ao povo, célula primordial de que deriva a nação, e razão de ser suprema da sua unidade, do seu poder de coesão e estabilidade, das suas energias mais vitais e criadoras, pode dizer-se que Teófilo Braga ilustrou magnìficamente a sua iniciativa, na determinação da base da sociologia, e que justificou plenamente aquela sua adopção.

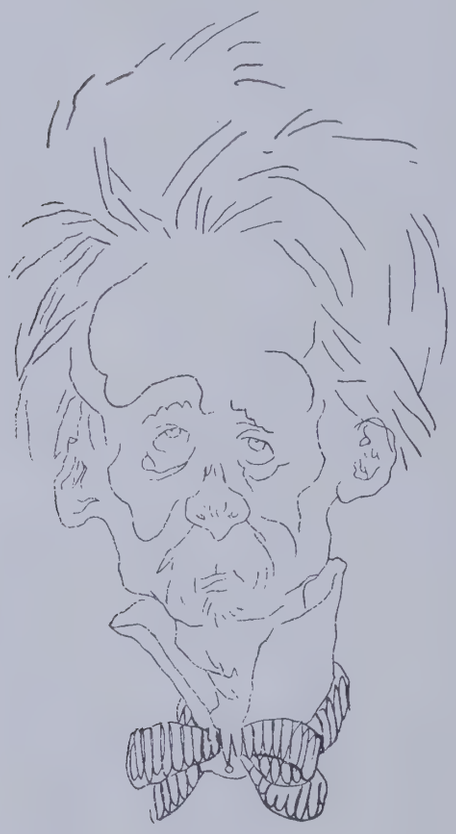
Garrett, escrevendo: «O tom e o espírito verdadeiro português, êsse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional que é o povo e as suas tradições» (Introd. ao *Romanceiro)*, suscitou directamente a Teófilo Braga esta declaração, de 1870: «Descobriu-se que a poesia do povo era um grito que denunciava uma alma» *(Introdução à História da Literatura Portuguesa)*. Recebendo o seu legado da intuïção do que vale a poesia popular como escola de nacionalismo, e da sedução por «aquela sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionais» (Introd. ao *Romanceiro)*, com Garrett se convenceu de que, só pelo estudo da poesia tradicional popular, «a poesia nacional há-de ressuscitar verdadeira e legítima» *(Ibid.)*, e de que só pelo sentimento das tradições nacionais se logrará o ressurgimento português. «[Garrett] soube fortalecer Portugal, fazendo-lhe sentir as tradições nacionais» *(Os Doze de Inglaterra*, nota à p. 301). Mas Teófilo Braga fêz mais: ao mesmo passo que tornava fecundo ao máximo êsse legado,

Pelo Divórcio
Caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1900)

trabalhou sempre sobretudo para operar a «transição da emoção artística para a crítica consciente» (*Literatura dos Cantos Populares em Portugal*, p. 29 — Introd. aos *Contos Tradicionais do Povo Português*, II), condição indispensável de o fazer frutificar, com adaptá-lo as necessidades e aspirações contemporâneas.

Está nisto todo o activo da função que Teófilo Braga exerceu nas letras, e por elas na mentalidade portuguesa. Assim concorreu o grande escritor para o estabelecimento dum novo estado ou duma nova fase daquela, principalmente pelo modo como «animou a pequena Psyché — de quem nem sequer suspeitavam os letrados e os pedantocratas — dos destroços institucionais da nacionalidade» (António Sardinha, *Teófilo, Mestre da Contra-Revolução*, em *Nação Portuguesa*, ano I, n.º 1).

Tudo, com efeito, confirma a dupla qualidade, em Teófilo Braga, de construtor e de iniciador, verdadeiramente de primeira categoria.



TEÓFILO BRAGA por Faísca
Reprodução do «Riso d'A Victória», 1919.
(Faísca é pseudónimo de Jorge Barradas)

Página de «O António Maria» Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1880)
Caricaturas de Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, etc.

VIDAS QUE CADA UM QUER
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro (1885) Caricaturas de Teófilo, Camilo, etc.

XV «BOM SENSO E BOM GOSTO» E A MORTE DO ROMANTISMO

BIBLIOGRAFIA: — **A Questão Coimbrã. Bom senso e bom gosto.** Notas bibliográficas.

— *Bom senso e bom gosto. Carta ao sr. Antonio Feliciano de Castilho*, Coimbra, 1865.

— *Bom senso e bom gosto*, por M. Pinheiro Chagas, Lisboa, 1865.

— *Bom senso e bom gosto*, por Manuel Roussado, Lisboa, 1865.

— *Carta de Elmano da Cunha* . . . Coimbra, 1865.

— *O senhor Antonio Feliciano de Castilho, e o senhor Anthero do Quental*, por Júlio de Castilho, Lisboa, 1866, 2.ª ed.

— *As Theocracias litterarias*, por Teófilo Braga, Lisboa, 1865.

— *A dignidade das lettras, e as litteraturas officiaes*, por Antero do Quental, Lisboa, 1865.

— *A «Carta» do Sr. Anthero do Quental ante os Srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado e Júlio de Castilho*, por Rui Portocarrero. Lx.ª 1865. Teve 2.ª ed.

— *Os Litteratos em Lisboa*. Poemeto por A. Ferreira de Freitas, ilustrado por Jerónimo da S. Mota. Coimbra, 1865.

— *O mau senso e o mau gosto. Carta*, por Amaro Mendes Gaveta. Lisboa, 1866. (António Manuel da Cunha Belém).

— *Bom senso e bom gosto. Carta de boas festas a Mel Roussado*, por S. d'A. Coimbra, 1866.

— *Litteratura d'hoje*, por J. D. Ramalho Ortigão. Pôrto, 1866.

— *Vaidades irritadas e irritantes*, por Camilo Castelo Branco. Pôrto, 1866.

— *A Escola coimbrã. Cartas do Sr. Cons.º José Feliciano de Castilho ao «Correio Mercantil» do Rio de Janeiro*. Lisboa, 1866.

— *Questão de palheiro. Coimbrões e lisboetas*, por Urbano Loureiro. Verso. Pôrto, 1866.

— *Castilho e Quental*, por Augusto Malheiro Dias. Pôrto, 1866.

— *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola coimbrã* . . . , pelo Eremita do Chiado. Lisboa, 1866.

— *A Literatura ramalhuda, a proposito dos Srs. Castilho e Ramalho Ortigão*, por G. F. (Guimarães Fonseca). Coimbra, 1866.

— *A questão litteraria, a proposito do jazigo de José Estevão*. Cartas dos Srs. A. F. de Castilho e S. A. de Freitas Oliveira. Lisboa, 1866.

— *Os coimbrões. Questão em que tambem entra pelos cem reis José Francisco, caiador da rainha do Congo* . . . , por Diogo Bernardes. Pôrto, 1866.

— *Guelfos e gibelinos*, por Eduardo Augusto Vidal. Lisboa, 1866.

— *O Bom senso e o Bom gosto* . . . , por Brito Aranha. Lisboa, 1866.

— *Anthero de Quental e Ramalho Ortigão. Carta a A. de Azevedo Castello-Branco*. Coimbra, 1866.

— *A Aguia no ovo e nos astros, sivé a Eschola Coimbrã na sua aurora e no seu zenith*. Rio de Janeiro, 1866.

— *Poema e espada. Duas palavras acerca da «Litteratura de hoje»*, de J. D. Ramalho Ortigão, por Carlos Borges. Pôrto, 1866.

— *Analyse critica, rapida, despretenciosa, feita ao folheto intitulado «Garrett, Castilho, Herculano e a Escola coimbrã»*, etc. Lisboa, 1866.

— *Litteratura de amanhã. Duas palavras acerca de um livro do Sr. Anthero do Quental*, por E. A. Salgado. Pôrto, 1866.

— *As letras no Brasil. Duas palavras acerca de um folheto do Sr. A. do Quental, por S. Romeo Júnior*. Braga, 1866.

— *Os Srs. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio Feliciano de Castilho e Alberto Osorio de Vasconcellos, sobre a questão coimbrã*. Lisboa, 1866.

— *Litteratura portuguesa. A. F. de Castilho, e a «Carta» que acompanha o «Poema da Mocidade»*, por Archi-zero. Rio de Janeiro, 1866. (Paulo José de Faria Brandão).

— *Horacios e Curiacios, ou mais um ponto e virgula na questão litteraria*. Lisboa, 1866. (A. M. da Cunha Belem).

— *Verdadeira luz derramada na questão litteraria, e supremo remate a ella, em prosa e verso*. Pela Sombra de Cicero. Lisboa, 1866.

— *Litteratura de hontem, ou breves reflexões sobre a questão litteraria*, por António Peixoto do Amaral. Pôrto, 1866.

— *A casca da Canelleira (Steeple-chase)*, por uma boa dúzia de «Esperanças». S. Luiz (Maranhão), 1866.

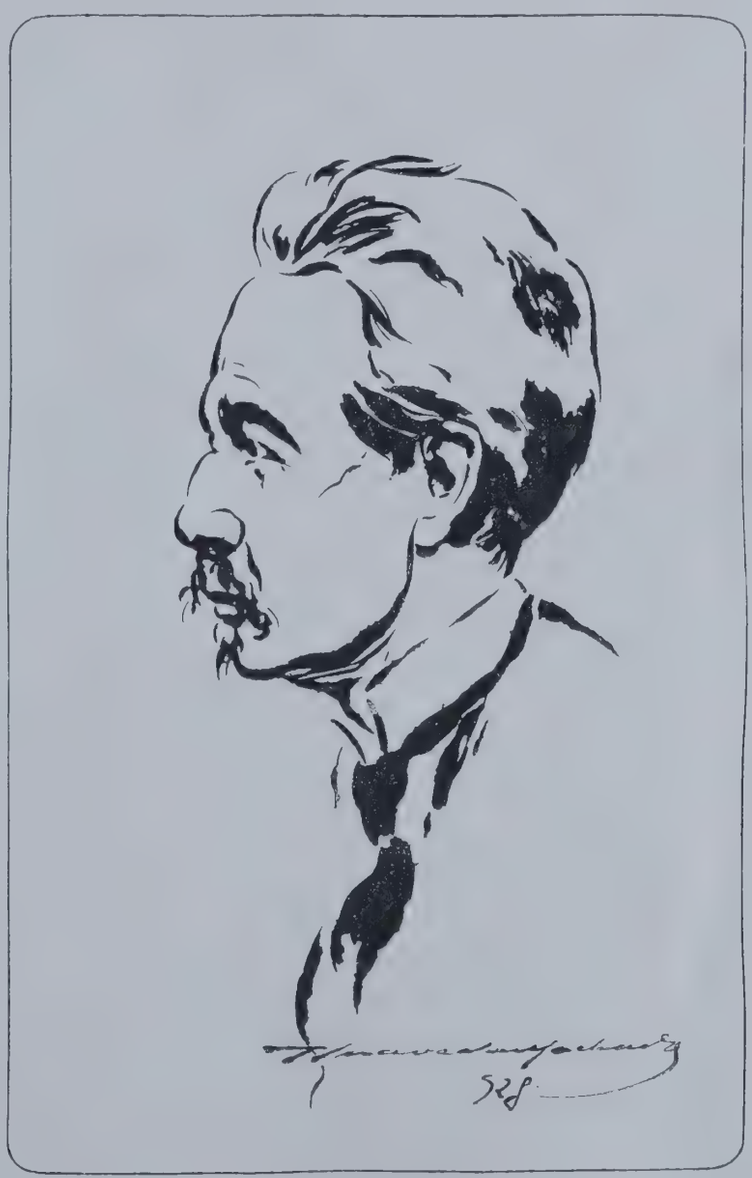
— *A Imprensa na gaiola. Poemeto. Primeira parte: o baile*. Lisboa, 1866.

— *Carta ao eminentissimo senhor Manuel Pinheiro Chagas, pelo seu estapafurdio admirador Costa Goodolphim*. Lisboa, 1866.

— *Folhetim da «Voz Academica». Delenda Tibur primeira aos homens da cigarra e do ermo*. (Lisboa) 2 folhetins.

Inocêncio Francisco da Silva além destas espécies cita ainda em jornais da época: no *Jornal do Commercio*, Janeiro de 1866: *Aventuras de um poeta nebuloso. Cartas ruraes*. São de Ricardo Guimarães; *Liberdade*, jornal de Coimbra. *Parodia do poema de M. Pinheiro Chagas.* . . . e *Litteratura facil em Portugal*; no *Portuguez*, 1866, *A Litteratura em barulho*; *Semana Illustrada*, do Rio de Janeiro, 1865; *Diario do Rio de Janeiro, Carta congratulatoria, ou felicitação dos Litteratos de Pernambuco ao Sr. A. F. de Castilho, e resposta deste*, e *Carta dos Litteratos da Bahia ao mesmo Senhor*.

De *A Litteratura em barulho*, folhetins que eram assinados *Satan*,



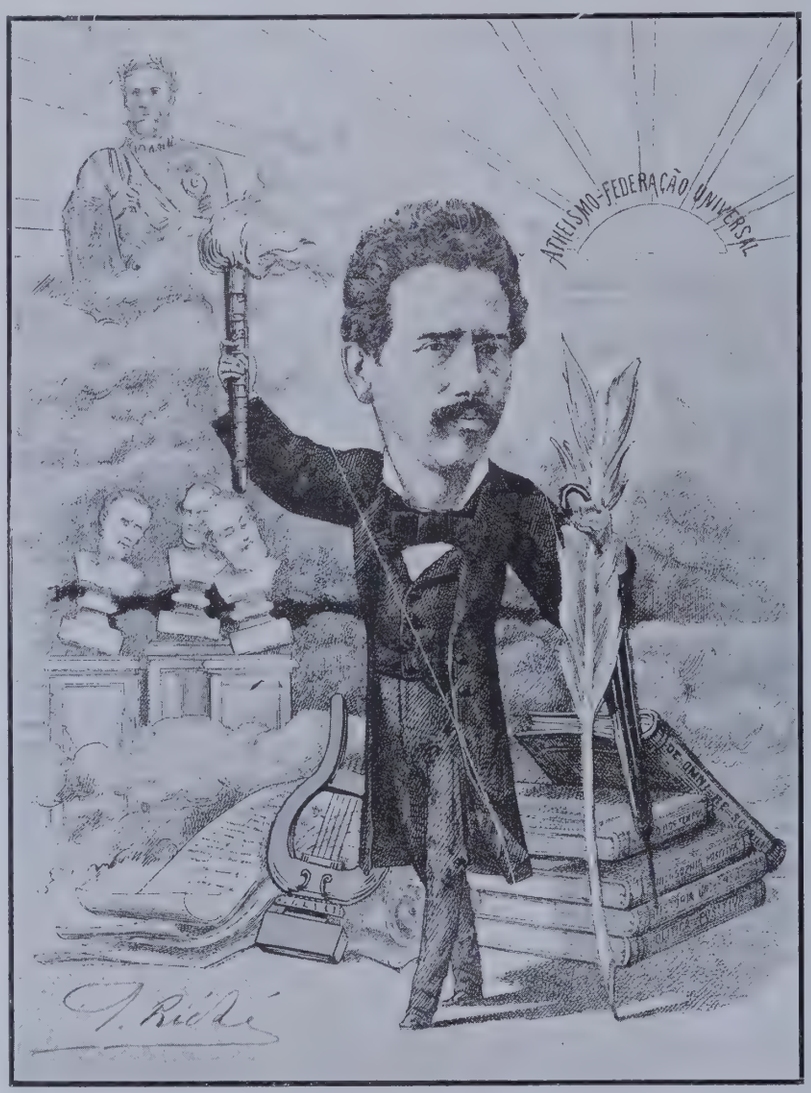
TEÓFILO BRAGA, máscara por Saavedra Machado.
(Do *In-memoriam de Teófilo Braga*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1934)

atribue-se a autoria a João Félix Rodrigues. O artigo da *Semana Illustrada* tinha por assinatura *Vercingetorix*. Da *Casca da Canelleira* há outra edição do mesmo lugar e anno com « Reprodução dos trechos referentes à Questão Coimbrã ». A colecção de Aníbal Fernandes Tomaz possuía mais do que os opúsculos citados por Inocêncio :

— *Segunda carta de boas festas a Manuel Roussado*, por Severim d'Avellar. Coimbra, 1867.

— *Perfis da comedia litteraria, tentames criticos*, de J. A. da Graça Barreto. Lisboa, 1869.

— *Une bataille litteraire au Portugal. La querelle du « Bom senso e do bom gosto »* par Raoul Pinheiro Chagas. Alais, 1901.



TEÓFILO BRAGA
Reprodução de uma página de « Os Heroes de Hoje », por C. Rich. 1880

Dos três grandes vultos do romantismo, Castilho arvora-se em chefe, fazendo reputações, dando foros de grande ao que por vezes não passava de medíocre, exalçando os que o turiferavam e guerreando sem tréguas os que sem o seu « praz-me » pretendiam singrar nas letras, como Teófilo e Antero, de quem estranhava o estro e àsperamente criticava as produções. A medida transbordou no aparecimento do *Poema da Mocidade* de Manuel Pinheiro Chagas. Castilho, sob o título de *Crítica literária*, escrevia no volume uma *Carta* ao editor António Maria Pereira que era ao mesmo tempo a declaração de guerra. Os tempos eram outros. João de Deus, com o seu estro independente, não necessitava de se curvar ante os mestres oficiais. A sua musa era bem da alma e do sentimento nacionais. Antero trazia consigo uma independência literária alicerçada em novos ritmos e avançadas idéas. João Penha seguia os franceses do seu tempo, desdenhando de românticos e medievalistas. Teófilo falava da Humanidade e de escolas filosóficas, tinha horisontes sociológicos, e nada disto tinha que ver com o estro romantístico de Castilho. Era um mundo novo que surgia, uma renascença apagando o mundo medieval. Claro que o velho Castilho, pôsto de parte, se havia de irritar, e, como não podia deixar de ser, dar à sua irritação uma forma literária. Ocasião foi o *Poema da Mocidade*. Aproveitou-a na *Carta*. Ali censura àsperamente a escola de Coimbra e fala em bom senso e em bom gôsto. Diz que aos novos dêsse tempo os não entende. « Pelas alturas em que voam, confesso humilde e envergonhado que muito pouco enxergo, nem atino por onde vão, nem assento o que será dêles afinal ». Como havia o pobre grande homem, que não adivinhara a evolução, de compreender Teófilo na *Visão dos Tempos* e nas *Tempestades sonoras*, ou Antero nas suas filosofias e poesias, se nem preparação scientífica a sua geração possuía para a sua compreensão! E Antero nobremente saiu à estacada com um folheto de resposta, intitulado *Bom senso e bom gosto. Carta ao Ex.mo Sr. António Feliciano de Castilho por Anthero do Quental*. Coimbra, 1865. A questão fôra por Castilho exacerbada com o envio de uma áspera carta a Teófilo agradecendo o exemplar das *Tempestades*, que êste lhe oferecera. Essa carta fôra publicada no *Diario official do Imperio do Brasil*, 29 Janeiro 1865, e transcrita no *Jornal de Lisboa* de 8 de Agôsto do mesmo ano. Tal foi a repercussão, que o folheto de Antero teve, dentro de pouco, três edições. A *Questão coimbrã*, como a polémica ficou conhecida, de tal forma se avolumou, que dentro de pouco tôda a literatura portuguesa se envolvia na pugna. Ramalho Ortigão batia-se em duelo com Antero por causa de umas referências dêste no seu folheto *Literatura de hoje*. Manuel Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, Júlio de Castilho, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Urbano Loureiro, Eduardo A. Vidal, Costa Goodolfim, Soares Romeu Júnior, Carlos Borges, etc.

A questão foi motivo de risos e galhofa, e de contendas ásperas e variadas peripécias. Esta questão põe nos seus devidos termos as duas literaturas: a que morria e a outra que bravamente queria tomar o seu lugar ao sol. O Romantismo expirava, e era natural. Em França, na Alemanha também, outra literatura revo-

lucionária tomava o lugar da que terminava. Começava a falar-se em Ciência e os poetas já não escolhiam as Alziras e as Elviras para motivo dos seus versos. Falava-se na Humanidade, em Comte, no positivismo, em Hegel, na filosofia. Já não era moda morrer tísico. Os versos tinham então, entusiasmo. A musa era revolucionária e vibrante. Temas ciprestálicos eram já do passado. Ao sôpro doentio, onde tudo era fúnebre, substituíam-se clarões de luz, auroras fortes de sociologia no céu literário. A Justiça, o Direito, os direitos do Homem eram o motivo. E como a marcha do tempo é impiedosa, novos deuses subiram aos altares vazios pela morte dos velhos cultos. Outros poetas vieram. Entre êles sobressairam:

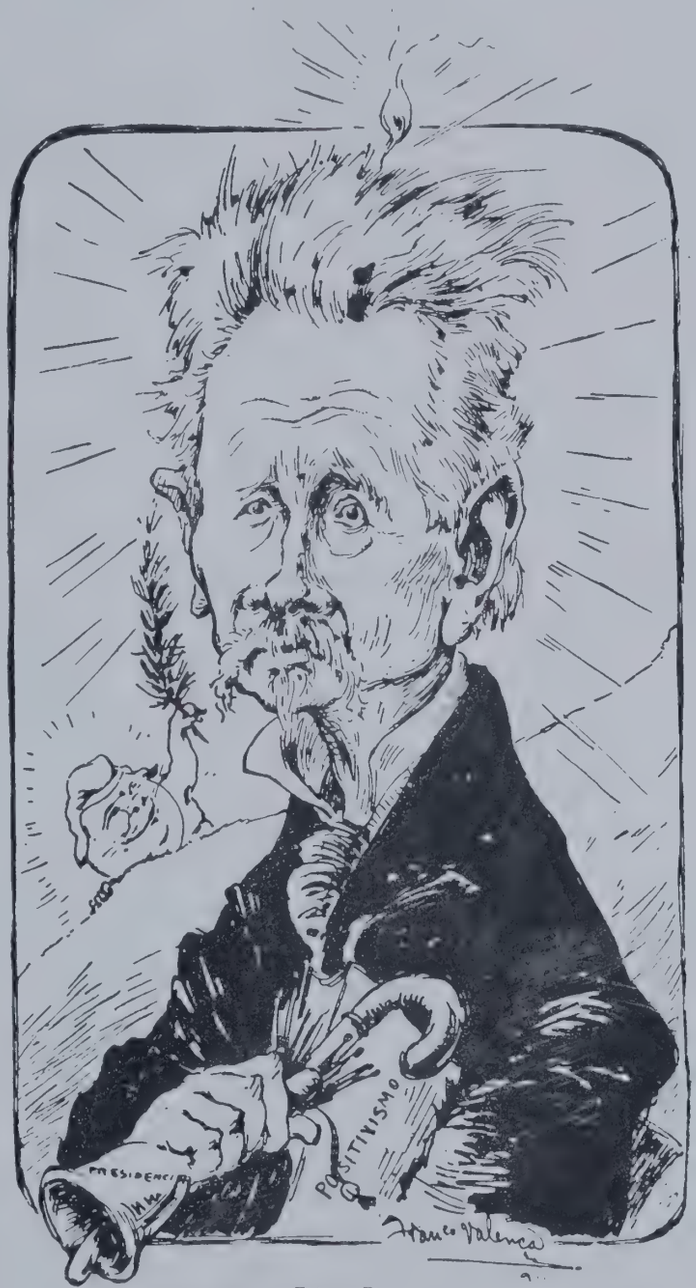
José Simões Dias. — Nasceu em Bemfeita a 5 de Fevereiro de 1844 e faleceu a 3 de Março de 1899. Começou em Coimbra por fundar pequenas revistas literárias — a *Academia*, com E. Navarro e Lopes Praça; com Teófilo Braga, a *Crisálida;* com João Penha, *A Folha*. Formou-se em 1868 e dedicou-se ao professorado liceal. Foi um poeta de musa ingénua e simples, querido e amado do povo e dos poetas. O Visconde de Sanches de Frias ocupa-se largamente do poeta nas *Memorias litterarias, apreciações e criticas*, Lisboa, 1907; e Henrique José de Andrade, em Elvas, 1870, escreveu também uma *Noticia da vida e escriptos de José Simões Dias*. Foi pessoa simples, modesta e de valor, e as suas *Peninsulares* são um livro de real merecimento na literatura do seu tempo.

A musa de Simões Dias segue a de João de Deus, É simples como ela, e como ela sem artifícios literários.

Quem tem filhos tem cadilhos,
Diz o rifão; mas é ver
Se alguém há que tendo filhos
Deseja vê-los morrer!

João de Deus e Simões Dias ficaram na sua simplicidade, embora Simões Dias tendesse já para o parnasianismo que Gonçalves Crespo e o Conde de Monsaraz seguiram com brilho.

Simões Dias escreveu: — *Relicario ou o mundo interior*. Poesias. Coimbra, 1863. 2.ª edição melhorada com o título *Mundo interior*. Coimbra, 1867; *Sol à sombra*. Poemeto. 1864; *Coroa de amores*, Coimbra, 1868; *A Hostia de oiro*. Poema herói-cómico (em dez cantos). Elvas, 1869; *As Peninsulares:* canções meridionais, 1870. *As Peninsulares* têem 5 edições. Pôrto, 1876, Lisboa, 1899; a 5.ª com um estudo crítico-biográfico do Visconde de Sanches de Frias; *Poesia social — Ruinas. Canções da nossa edade*. Elvas, 1871; *Lições de litteratura portuguesa*. Coimbra, 1875. As outras ed. são *Curso... Historias contemporaneas*, 1.º vol. (e único). Viseu, 1877; *A Hespanha Moderna*. Revista literária. Pôrto, 1879; *Traços de critica e historia. A Instrução Secundaria*. Coimbra, 1883; *Theoria da composição litteraria*. Coimbra, 1900; *Figuras de gesso. Historias contemporaneas*. Lisboa, 1906.



Teófilo Braga
Página de «Os Varões assinalados». Caricatura de Francisco Valença, 1911

O poeta António Cândido Gonçalves Crespo nasceu nas proximidades do Rio de Janeiro a 11 de Março de 1846 e faleceu em Lisboa a 11 de Junho de 1883. Casou com a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho e era formado em direito pela Universidade de Coimbra. Gonçalves Crespo como poeta cultivou o amor, a história e o Brasil. O amor enche a sua obra como não podia deixar de ser; como burilador da história, quem não conhece a *Resposta do Inquisidor*, *O Cura Santa Cruz* ou o *Jogo das canas*, que Camilo encomiou? Como brasileiro, as suas poesias *A sesta*, *Na roça*, *A negra*, *A canção*, *Ao meio dia*, *As velhas negras*, *Ao rabequista Eugénio Degremont*, são reminiscências e evocações que ficam como modêlo. João Penha foi seu mestre, e nos artigos que acompanham as suas *Obras Completas* há magníficas descrições do que foi a vida da boémia coimbrã dos poetas e estudantes do seu tempo. Sôbre G. Crespo há na *Colecção Patrícia* um número com

o seu nome, onde copiosamente se estuda a vida e a obra do poeta.

Gonçalves Crespo escreveu: — *Miniaturas*, Coimbra, 1871, 6 edições; *Nocturnos*, Lisboa, 1880, 5 edições. Em 1897 sairam as suas *Obras completas, precedidas de uma advertencia prévia por José de Sousa Monteiro*. Em 1898, Rodrigo Veloso publicou um voluminho de *Poesias* (não entradas na edição das suas *Obras completas)*. Barcelos, 1898. Também de colaboração com M. A. Vaz de Carvalho saíu em 1896 um volume, *Contos para nossos filhos*.

Conde de Monsaraz (António de Macedo Papança). — O Conde de Monsaraz foi talvez o último dos parnasianos, pois que não atraiçoou a escola em que começara. Foi muito apreciado e reüniu à sua roda a fina flor do teatro, para onde fêz excelentes traduções, e da literatura a que deu magníficos versos. Os seus versos *A Archi-Duqueza*

Nas recepções da embaixada
A Arqui-duqueza sorria,
Tão branca e tão decotada,

Que tinha aos pés humilhada
A côrte e a diplomacia,
Nas recepções da embaixada.

. . . . . .

foram recitados em todo o país e em todos os teatros e *soirées* desde que Augusto Rosa os disse.

O conde de Monsaraz foi uma interessante figura literária. O seu último livro, publicado em 1908, afirma e fortalece o bom conceito que o poeta criara. Nasceu em 1853 e morreu em 1913. Escreveu: — *Crepusculares*, Coimbra, 1876; *Catharina de Athayde*, poema, 1880; *Telas historicas:* I, *O Grande Marquez;* II, *A lenda do jesuitismo*, 1882; *Obras de Macedo Papança, Conde de Monsaraz*, poesias, 1882-1891, Lisboa, 2 vols., 1892-1895 (tem 2.ª ed.); *Musa alentejana*, Lisboa, 1908.

Luís Osório nasceu em 1870 e morreu em 1900. Poeta parnasiano, nos seus livros há por vezes evocação de Gonçalves Crespo. É um lírico que se lê com agrado, e como G. Crespo e o Conde de Monsaraz, parnasiano.

Escreveu: — *Neblinas*, 1880-84. Lisboa, 1884; *A Tromba* (versos). Lisboa, 1883; *Poemas portuguezes. Contos e apotheoses* (1884-1889). Lisboa, 1890; *Alma lyrica* (1883-1884). Lisboa, 1891; *Espirito gentil*, 1888 (Fevereiro e Março). Lisboa, 1893; *Um grito*, 1890.

Pelo Círculo 95
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1881
No saco a tiracolo as caricaturas de Magalhães Lima e Teófilo Braga

Eduardo Coimbra, António Fogaça, Hamilton de Araújo, Costa Alegre. Êstes quatro poetas, natos, sem escola, sem directrizes, mortos todos quando a Musa lhes abria asas acolhedoras, todos tuberculosos, cada um não deixou mais do que um livro. Eduardo Coimbra viveu 20 anos (1864-1884) e tentava-o o estro singelo e doce de João de Deus, de quem se lhe sente a influência. António Fogaça, que pouco mais viveu (1863-1888) era estudante do 3.º ano de Direito, em Coimbra, e os seus versos são inspirados e singelos. Hamilton de Araújo viveu, como Eduardo Coimbra, 20 anos só (1868-1888); é um lírico de grande valor. Finalmente Costa Alegre, negro, que morreu estudante de medicina, não deixou mais versos além dos que em 1916 Cruz de Magalhães reüniu em volume. Quatro poetas, quatro esperanças, que como esperanças ficaram na literatura portuguesa.

Eduardo Coimbra escreveu: — *Dispersos*, prefácio de Joaquim de Araújo, Pôrto, 1884.

António Fogaça escreveu: — *Versos da mocidade* (1883 a 1888), Coimbra, 1887. Esta obra teve uma segunda edição, em 1903.

Hamilton de Araújo escreveu: — *Canções de um bohemio*, Barcelos, 1899. Êste livro teve também uma segunda edição.

Caetano da Costa Alegre escreveu: — *Versos*, Lisboa, 1916.

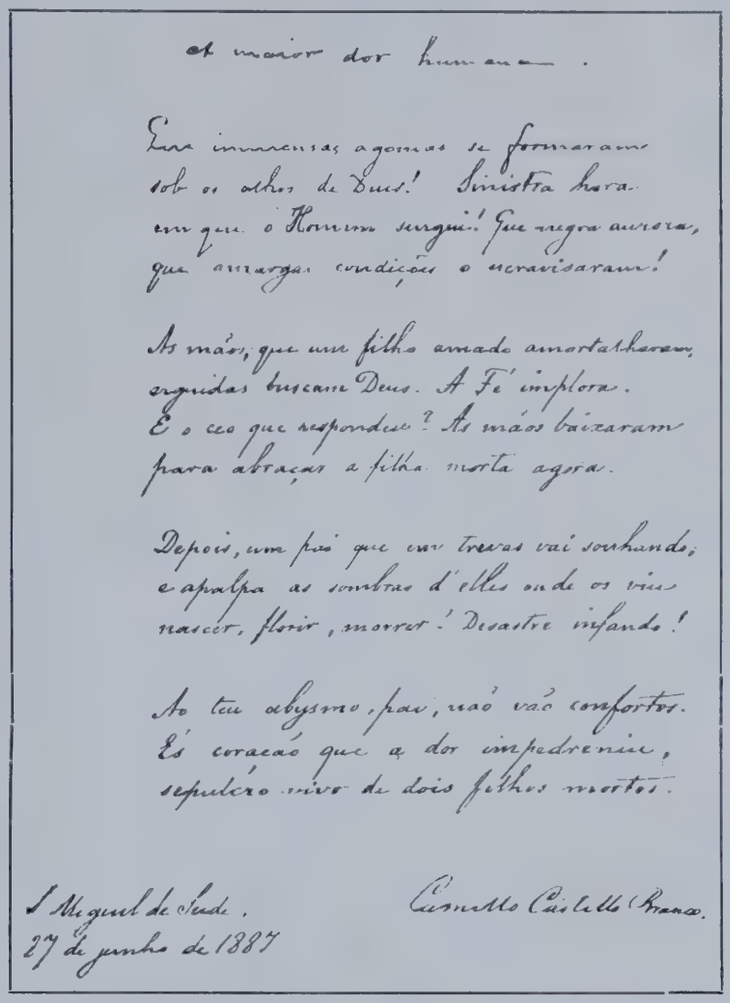
XVI — OS POETAS REVOLUCIONÁRIOS

BIBLIOGRAFIA: — GUILHERME BRAGA: *Ecos de Aljubarrota*, 1868; *Heras e violetas*, 1869. Tem 3 edições. A 3.ª é prefaciada por Albino Forjaz de Sampaio; *O Mal da Delfina. Parodia á Delfina do mal*, 1869; *Os falsos apostolos*, 1871; *O Bispo*, 1874; *Poesias* (não entradas nas *Heras e Violetas*), 1898. De colaboração com Vieira d'Andrade: *Á memoria de José Cardoso Vieira de Castro*. Pôrto, 1872.

GUILHERME DE AZEVEDO: *Aparições*. Com uma carta de Ernesto Marecos. Lisboa, 1867; *Radiações da noite (Novos versos)*. Lisboa, 1871; *A Alma Nova*, Lisboa, 1874. De colaboração com Guerra Junqueiro: *Viagem á roda da Parvonia*. Lisboa, 1879.

CESARIO VERDE: *O Livro de Cesario Verde*, 1873-1886. Publicado por Silva Pinto. Lisboa, 1887. Retrato por Columbano.

QUANDO o romantismo liquidou, a geração que ocupou o seu lugar era nìtidamente revolucionária. Nem podia deixar de ser. Culturalmente, os tempos eram de novas ideias e novos ideais. Apareciam novas ciências e pela primeira vez soavam nomes bárbaros de sábios e escritores. Daí, uns, atrasados e incapazes de uma evolução, ficarem nos velhos metros e na poesia merencória e chorosa; outros avançarem para o parnasianismo, inteligentes demais para serem retrógrados, ou pusilânimes demais para serem revolucionários, — e o parnasianismo era aqui uma espécie de neutralidade; e indo os restantes denodadamente para a revolução. E para esta iam uns, como João de Deus, por quebra com o existente, sem acatar o estabelecido, sem pedir bênçãos, caminhando àvante como homens livres apenas, indo os outros para a barricada, como Guilherme Braga e Guilherme de Azevedo. Antero e Teófilo vinham por estreiar, novinhos em fôlha. Guilherme Braga e Guilherme de Azevedo vinham do romantismo, ainda com a mente cheia das insignificâncias da Escola. Foram as *Tempestades Sonoras* e as *Odes Modernas* as obras de choque. A revolução literária deu a revolução social. A revolução do metro e do rítmo deu a revolução do ideal.



A maior dor humana.

Em immensas agonias se formaram
sob os olhos de Deus! Sinistra hora
em que o Homem surgiu! Que negra aurora,
que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o ceo que respondeu? As mãos baixaram
para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
e apalpa as sombras d'elles onde os viu
nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
És coração que a dor impedreniu,
sepulcro vivo de dois filhos mortos.

S. Miguel de Seide,
27 de junho de 1887

Camillo Castello Branco.

Autógrafo de Camilo Castelo Branco, *A maior dôr humana*, soneto feito sôbre a morte de dois filhos de Teófilo (Dez. 1886 e Março de 1887) e que deu o nome à *plaquette* que em 1889 se publicou, com colaboração variada, na qual figuram os nomes de Bulhão Pato, Gomes Leal, H. Lopes de Mendonça, Coelho de Carvalho, Júlio César Machado, Fernandes Costa, Fernando Leal, Guerra Junqueiro, Cândido de Figueiredo, Luiz Guimarães, D. Maria Amália Vaz de Carvalho, Teixeira Bastos e outros. A *plaquette* foi dirigida por João de Deus. Junqueiro, referindo-se a êste soneto, asseverava que da literatura portuguesa ficariam apenas 3: *Alma minha* de Camões, *Foi-se-me pouco a pouco amortecendo* de João de Deus, e êste de Camilo. É realmente uma peça maravilhosa.

Poetas que até ali tinham sido cordeiros inocentes, cantando

O brando reflexo que morre nos cumes
Das vastas montanhas erguidas além
Esparge em minha alma celestes perfumes
De ignotos rosais que êste mundo não tem!

passaram a cantar a revolução social, a chamar ao soldado «o escravo dos quartéis», e a fazer contrastes entre os felizes da vida, mulheres que vestem sedas e setins, que teem «extasis divinos»

«Ouvindo soluçar, à noite, aos violinos,
A vaga introdução duma balada aérea

Em quanto, do futuro, ao toque da alvorada,
Se escuta, a martelar na sua barricada,
Sinistra, rota e fria, a lívida Miséria,

como Guilherme de Azevedo. Vindos do romantismo pleno, como Guilherme Braga, e produzindo maravilhas líricas como *As Mães*,

«Ó santas que embalaes o berço das crianças

passam a tremebundos e ferozes, a anatematizar cousas sagradas e a dizer ameaçadoramente:

Eu, bispo doutra diocese
Tambem te excomungo a ti!

Foram os poetas que primeiro cantaram a *era nova*. Guilherme Braga, Guilherme de Azevedo, Cesário Verde, até Gomes Leal e Guerra Junqueiro, todos cantaram a revolta, todos queimaram as asas volitando em tôrno do archote-luz de um futuro ideal de liberdade e perfeição.

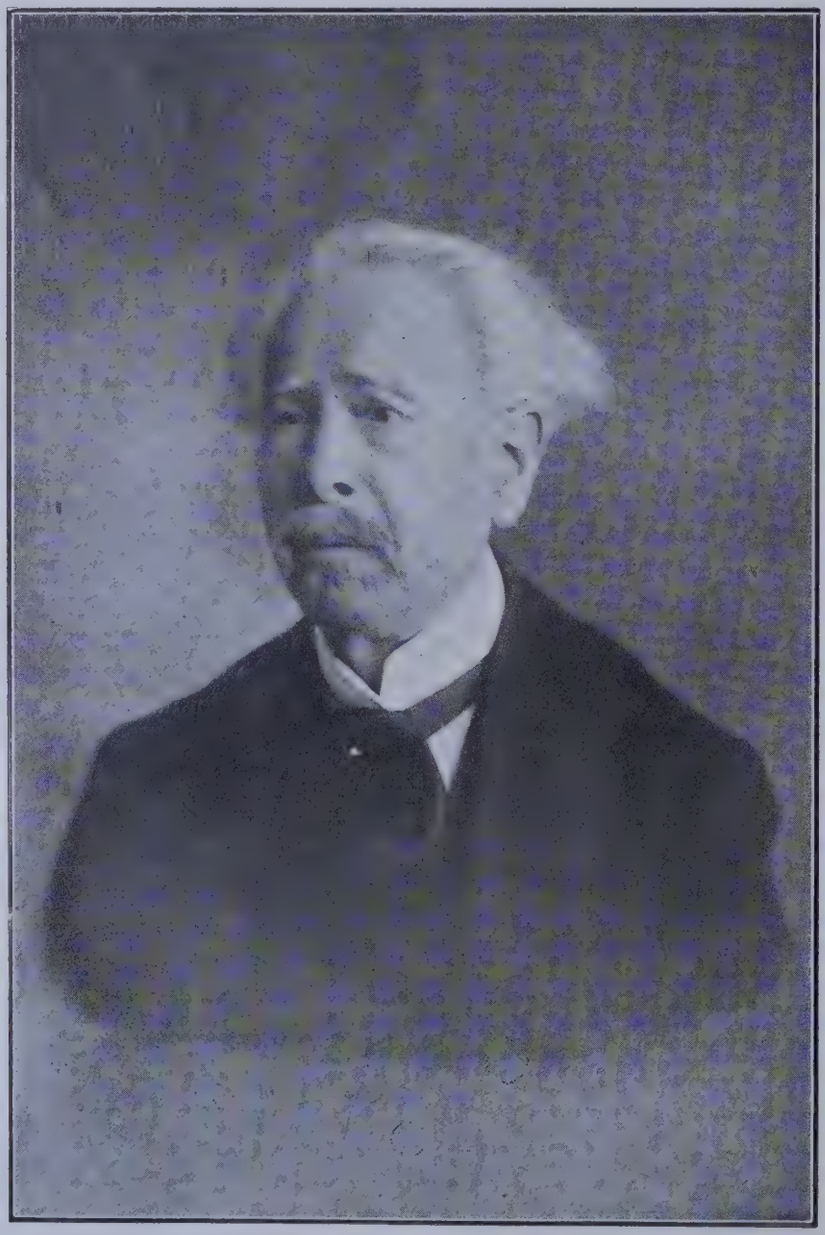
GUILHERME BRAGA (1843-1874) foi um «lírico notabilíssimo», o maior poeta que tem honrado a literatura portuense depois da morte de Soares de Passos»; assim o afirmam Sampaio (Bruno) e Alberto Pimentel. Romântico, sim, mas adivinhando já a revolução em marcha. Assim, na sua obra, até ao *Mal da Delfina*, o seu espí-

rito mantém-se romântico, levemente sarcástico; a sua combatividade começa em 1871 com *Os falsos apostolos*, em cujos versos vem à liça ardorosamente contra o Ultramontanismo.

« Quem luta quer vencer, e há muito, ao pé do abysmo,
Tu lutas sem cessar, velho Ultramontanismo,
Fanatico, impostor!
Mas Deus sabe quem és... mas, d'esse abysmo á borda,
Quebra, apaga-te Deus, carrasco, a tua corda;
Teu facho, inquisidor!

Em 1874 amplifica-se-lhe a visão, e é assim que se dirige « *Ao povo ingénuo* »:

Succeda á farda a blusa; o ganho á esmola;
As armas do trabalho á carabina!
Onde estava a prisão surja uma eschola,
E um theatro onde estava a guilhotina!



Teófilo Braga
Reprodução da penúltima fotografia tirada na *Foto Pozal*

Da liberdade atalayando o asylo,
Sê magestoso e bom, sê grande e puro;
Toma, nas rijas mãos, bravo e tranquillo,
A sagrada bandeira do futuro!

É já longo o caminho do Calvario
Que trilhas, sob a cruz, ha tantos annos:...
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosario!
Calca, assoberba, esmaga os teus tirannos!

Ora devemos concordar que estas teorias, as mesmas que fizeram em Paris a Comuna, em Portugal criaram pouco a pouco o ambiente propício às transformações políticas, que 40 anos depois se deviam efectivar. Quer numa forma, a romântica, ou na outra, a revolucionária, Guilherme Braga foi um alto e formoso espírito de poeta e de lutador, um artista requintado, um notável escritor. Foi um bom e um infeliz, como homem, tendo deixado como reflexo dessa bondade a notável elegia à morte de sua filha:

« Bem sei, bem sei que foste assassinada,
Pela benigna mão mão dum Deus sublime...
Mas, se elle é Deus e eu verme, é tudo e eu nada,
Como queixarme do espantoso crime?!

Traduzia-se e parafraseava-se Vítor Hugo. Morria-se ainda, herança romântica fatal, tuberculoso.

Como Guilherme Braga evoluiu o romântico Tomás Ribeiro. O autor do *D. Jayme*, e dos *Sons que passam*, onde a *Judia* foi fina e aspiradíssima flor romântica, também pagou o seu tributo à revolução. Um pouco tàrdiamente, é certo, mas em 1890 as *Dissonancias* trazem já a nota rebelde e independente, embora pareçam discordar dessa mesma revolução e independência.

Depois que a Musa nova
logrou fazer novo instrumento musico,
de vozes naturaes e effeitos magicos,
adaptando-lhe um novo diapasão,
o tangeu, o exhibiu e o poz á prova
de assumptos varios — comicos e tragicos,
invento magistral de tanto merito
que teve universal aceitação,
soterrando, de vez, todo o preterito
quiz o poeta erguer-se aos novos methodos
e á nova afirmação.

¿É dissonante o livro com as ideias e a revolução há muito em marcha? Talvez. Mas o tom agreste e azorragante é do mesmo rítmo, da nova escola. Dissonante da Escola nova, mas seguindo-lhe a forma, dissonante já dos velhos e sédicos metros românticos que sempre o poeta cultivou.

Guilherme de Azevedo em 1867 é romântico. E escreve:

O último acto público de Teófilo Braga: em 1920 depõe flores no mausoleu de M. Fernandes Tomaz

Á noite, as estrellas são olhos [serenos
Das virgens que em sonhos va- [gueiam no céu;
São olhos singellos, suaves, ame- [nos,
Ás vezes occultos em pallido véu!

. . . . . .

Eu amo as estrellas, suaves, mi- [mosas,
Que lindas scintilam no throno [de Deus!
Á noite, ao sereno, que estrel- [las? que rosas,
Do seio das virgens que habitam [nos ceus!

que lembra vagamente o soneto célebre de Bilac *Ouvindo Estrellas*. Em 1871 o poeta é ainda romântico mas a forma é já nova, procurando fugir aos velhos moldes, pendendo abertamente para a Musa nova:

Archanjos maus passae, todos cobertos
De joias e de luz
Mostrando á turba os hombros descobertos,
Os seios todos nús!
Passae astros funestos! Messalinas
Operarias do amor!

. . . . . .

Três anos depois o poeta é já um avançado. *A Alma Nova* é dedicada a Antero de Quental:

«Êste livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia.

E porque julgo que êle segue na direcção nova dos espíritos, ofereço-o a um obreiro honesto do pensamento: a uma alma lúcida, moderna e generosa».

Já fala como se fôsse anarquista:

E nas horas de luta emquanto os povos choram
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram.

. . . . . .

Compara o povo a um velho urso de saltimbancos, e as suas poesias como *Fala a ordem*, *a Christo*, e outras, são o espanto do burguês, de quem êle depreciativamente fala. Entretanto se o romantismo nada tinha de vibrante senão a Amor, a Mulher a Natureza, esta poesia vibrante acusa e ameaça até os reis. É como se vê nitidamente revolucionária.

Cesário Verde: — Se não fôsse Silva Pinto, que, colligindo os versos do poeta, salvou do esquecimento dos jornais e revistas uma delicada obra, não registrariam hoje as histórias de literatura o nome de um dos seus maiores artistas. O profundo afecto que ditou uma tão meritória acção, transparece nas suas palavras da dedicatória a Jorge Verde, irmão de Cesário: «Aqui deponho em suas mãos e debaixo dos seus lábios o livro de seu irmão. A minha *obra* terminou no dia em que êle saíu da nossa doce amizade para a nossa terrível amargura: morri, meu querido Jorge — deixe-me chamar assim ao irmão do meu querido Cesário; — morri para as alegrias do trabalho, para as esperanças dos enganos doces! O desmoronamento fêz-se, a um tempo, no espírito e no coração! Dos restos do passado deixe-me oferecer-lhe a dedicação extremada».

Cesário Verde foi revolucionário como era a época em que começou escrevendo. Mas tem além dela a sua

Teófilo Braga
Última fotografia do ilustre poligrafo

Foto Pozal.

originalidade, o naturalismo de que impregnou os seus versos, e em que é positivamente único. É um poeta singular como o foram António Nobre, José Duro e poucos mais.

Parece, já em 1873, adivinhar os nossos tempos convulsos, ao traçar na poesia *Deslumbramentos* um quadro futuro de profundas alterações sociais:

. . . . . .

Mas cuidado, Milady, não se [afoite,
Que hão de acabar os barba- [ros reaes,
E os povos humilhados, pela [noite,
Para a vingança aguçam os [punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas [estradas
Sob o setim do Azul e as an- [dorinhas,
Eu hei-de ver errar, allucina- [das,
E arrastando farrapos — as rai- [nhas!

. . . . . .

Quando escreve *Humilhações*, diz a sua inconformidade com as prepotências da autoridade:

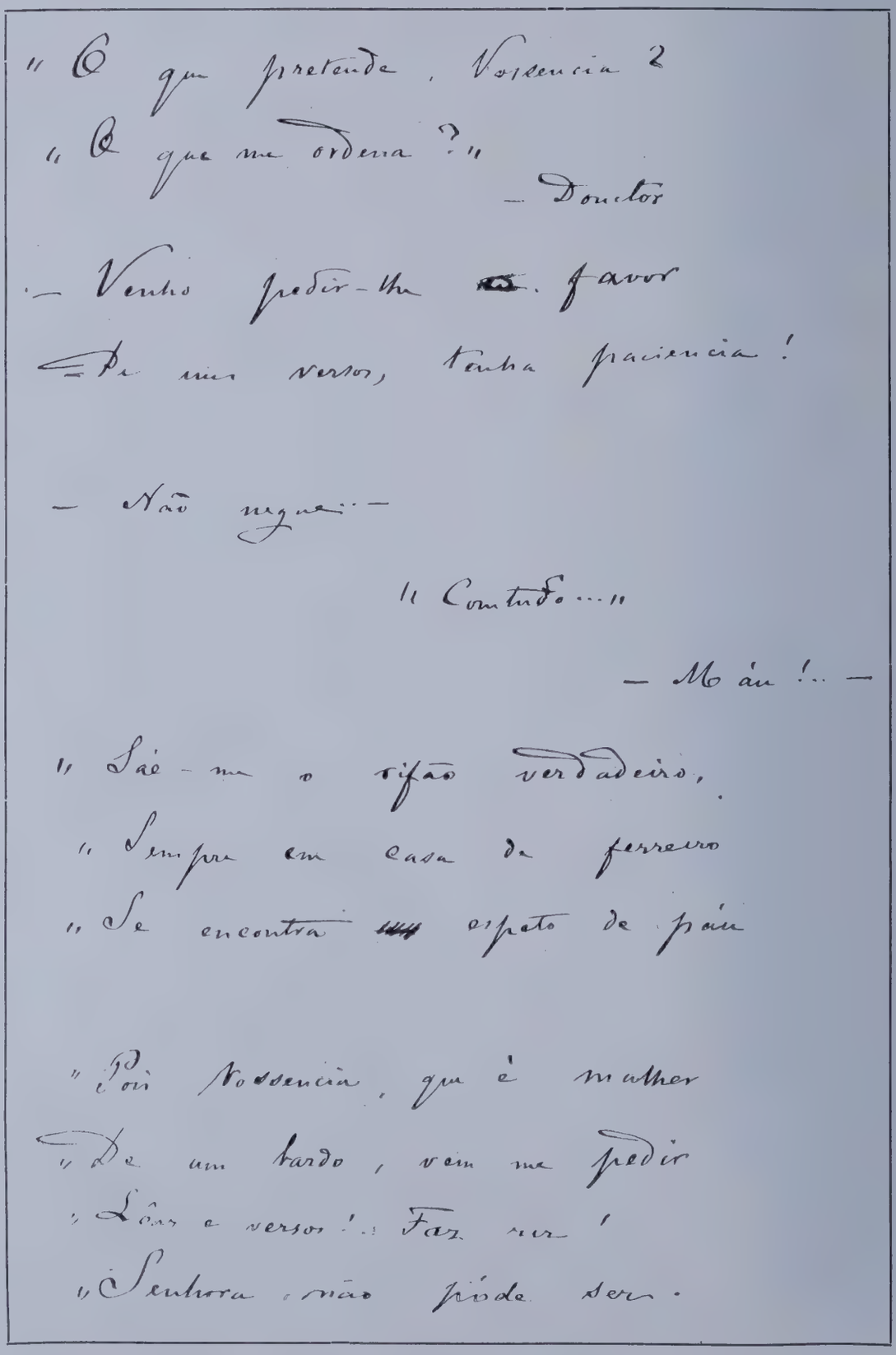
. . . . . .

Saí; mas ao sair senti-me atro- [pellar
Era um municipal sobre um ca- [vallo. A guarda
Espanca o povo. Irei-me; e eu, [que detesto a farda,
Cresci com raiva contra o mi- [litar.

. . . . . .

A obra, aquêle livrinho de versos que nos ficou do poeta, não é muito política e social. É mais descritiva e nisso se distancia do seu tempo. A sua revolta pouco mais versos tem do que os que transcrevemos. Mas Cesário Verde é um artista, um extraordinário, um grande artista. É um revolucionário mais de forma que de essência, e isso deu à sua Arte aspectos não achados ainda e uma variedade e pitoresco que nenhum outro poeta, salvo Nobre, patentearam reünidos em livro.

Cesário tem ainda mais versos, além dos que o seu livro encerra, mas o melhor acha-se nas cem páginas amorosamente coligidas por Silva Pinto, e por êle publicadas.


"O que pretende, Vossencia?
"O que me ordena?"
— Doutor
— Venho pedir-lhe favor
De uns versos, tenha paciencia!
— Não negue —
"Comtudo..."
— Máu!.. —
"Sáe-me o rifão verdadeiro,
"Sempre em casa de ferreiro
"Se encontra espeto de páu
"Pois Vossencia, que é mulher
"De um bardo, vem me pedir
"Lôas e versos!.. Faz rir!
"Senhora, não póde ser.

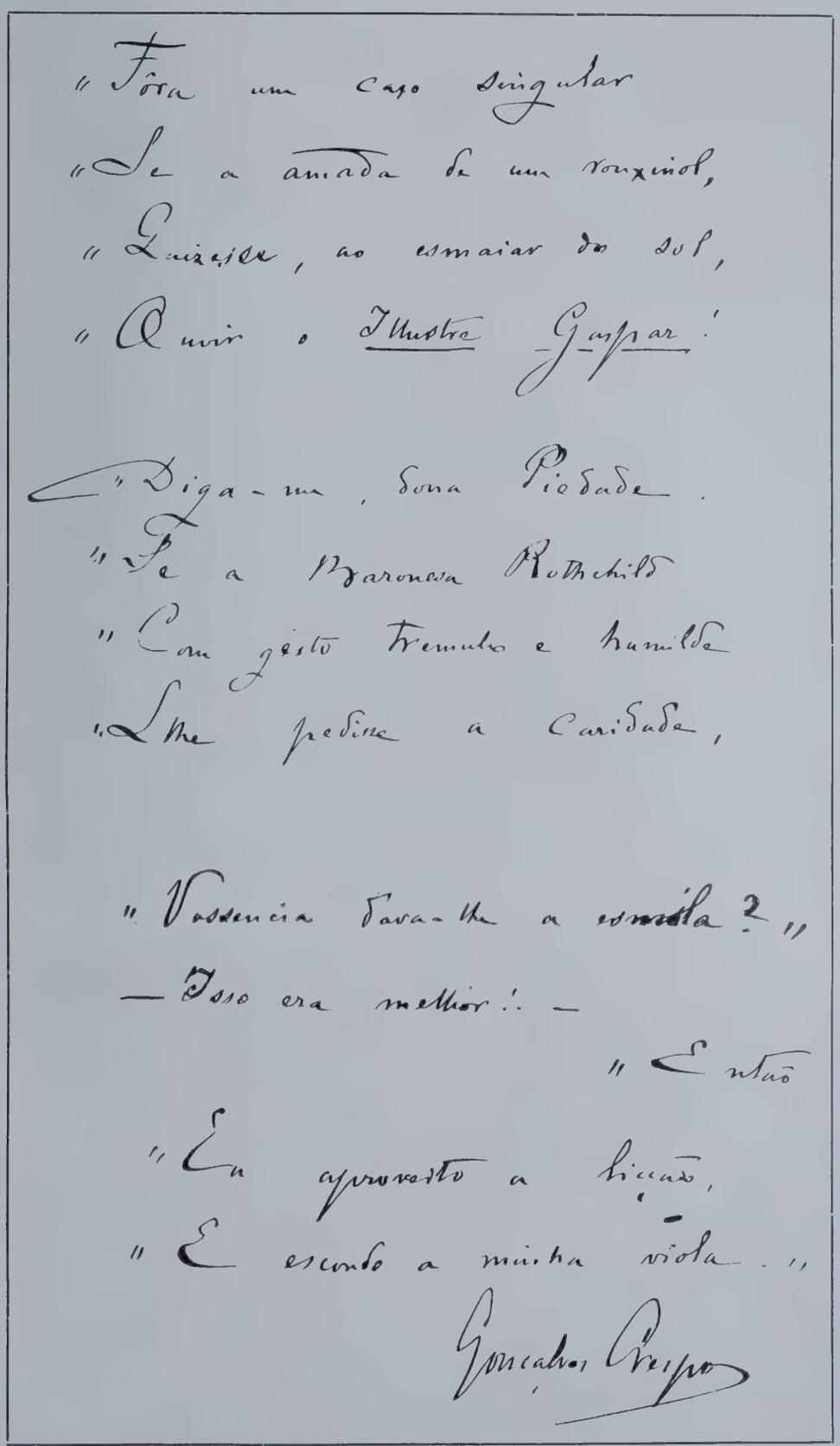
Versos feitos por Gonçalves Crespo a pedido; colaboração num álbum. Autógrafo do poeta

XVII — GOMES LEAL E GUERRA JUNQUEIRO

BIBLIOGRAFIA: — GOMES LEAL: *A Canalha*, Lisboa, 1873; *O Tributo de Sangue*, Lisboa, 1873; *Claridades do Sul*, Lisboa, 1875; *A morte de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1877; *A Fome de Camões*, Lisboa, 1880; *A Traição*, Lisboa, 1881; *O Hereje*, Lisboa, 1881; *O Renegado*, Lisboa, 1881; *A Orgia*, Lisboa, 1882; *A caça da hydra*, Lisboa, 1882; *Historia de Jesus*, 1883; *A Revolução em Espanha e os fusilamentos*, Lisboa, 1883; *A morte do Athleta*, Pôrto, 1883; *O Anti-Christo*, Lisboa, 1884. 2.ª ed. refundida, Lisboa, 1908; *Protesto d'Alguem*, Lisboa, 1889; *Troça á Inglaterra*, Pôrto, 1890; *A Morte de Lili*, Pôrto, 1891; *O Romeiro*, folha sôlta, 1897; *Fim de um Mundo*, Pôrto, 1899; *A morte do rei Humberto e os criticos do « Fim d'um Mundo »*, Lisboa, 1900; *Serenatas de Hilario no ceo*. Vila Franca de Xira, 1900; *Carta ao Bispo do Porto*, 1901; *Kruger e a Holanda*, 1901; *A Duqueza de Brabante*, Lisboa, 1902; *A Mulher de Luto*, Lisboa, 1902; *Ao Poeta do Romanceiro*, fôlha sôlta, 1902; *O Senhor dos Paços da Graça*, Lisboa, 1904; *Mefistofles em Lisboa*, Lisboa, 1907; *A Senhora da Melancolia*, 1910; *Patria e Deus, e a morte do mau ladrão*, 1914; *Verdades cruas*, pamfleto s/d; *Novas verdades cruas*, Famalicão, 1916. Dirigiu com Guilherme de Azevedo, Luciano Cordeiro, Magalhães Lima e Silva Pinto *O Espectro de Juvenal*, Lisboa, 1882. Traduziu *Os Mysterios da Egreja*, 2 vols., 1889, e *O Violino Mysterioso*, 1889; a primeira obra de Léo Taxil e Karl Milo e a segunda de Hoffmann.

Sôbre o poeta veja-se o número da colecção Patricia *Gomes Leal* por A. Forjaz de Sampaio. A sua obra provocou farta crítica e controvérsia. Lembramos: *Os Canalhas... Antithese á Canalha* de Gomes Leal, Coimbra, 1873, por Catão Simões; *Covardia*, Considerações sôbre a carta de Gomes Leal *(A Traição)*, Lisboa, 1881, por Casimiro Dantas; *Carta d'El-Rei Zilu*. Em resposta á de Gomes Leal *A Traição* ainda acêrca da venda de Lourenço Marques; Alberto Estanislau — *Indignação*. Resposta à *Traição;* Fernandes Costa — Satyra a *Gomes Leal* (retribuição a um epigrama seu), Lisboa, 1900.

GUERRA JUNQUEIRO: *Duas páginas de quatorze annos*. Poesias. Coimbra, 1864; *Mysticae Nuptiae*. Poemeto. Coimbra, 1866; *Vozes sem echo*, Coimbra, 1867; *O Seculo I — Baptismo de Amor*, 1868; *Victoria da França*, 4 de Setembro de 1870. Poemeto. Pôrto, 1870; *Á Hespanha livre*, Coimbra, 1873; *A morte de D. João*, poema. Pôrto, 1874; *O Crime* (a propósito do assassinato do alferes Brito), Pôrto, 1875; *A fome no Ceará*, Lisboa, 1877; *Tragedia infantil*, Lisboa, 1877; *Contos para a infancia*, Lisboa, 1877; *Aos veteranos da Liberdade*, Poesia, Lisboa, 1878; *O Melro* (fragmento). Poemeto. 1879; *A Musa em ferias* (Idilios e Sátiras), Lisboa, 1879; *A Velhice do Padre Eterno*, Pôrto, 1885; *A Lagrima*, Pôrto, 1888; *Finis Patriae*, Pôrto, 1891; *Marcha do Odio*, Pôrto, 1891; *Os Simples*, Pôrto, 1892; *Patria*, Peça dramática em 24 scenas. Pôrto, 1896; *Oração ao pão*, Pôrto, 1902; *Oração á Luz*, Pôrto, 1904; *Théorie de certaines actions Radio-Biologiques*, Pôrto, 1910;

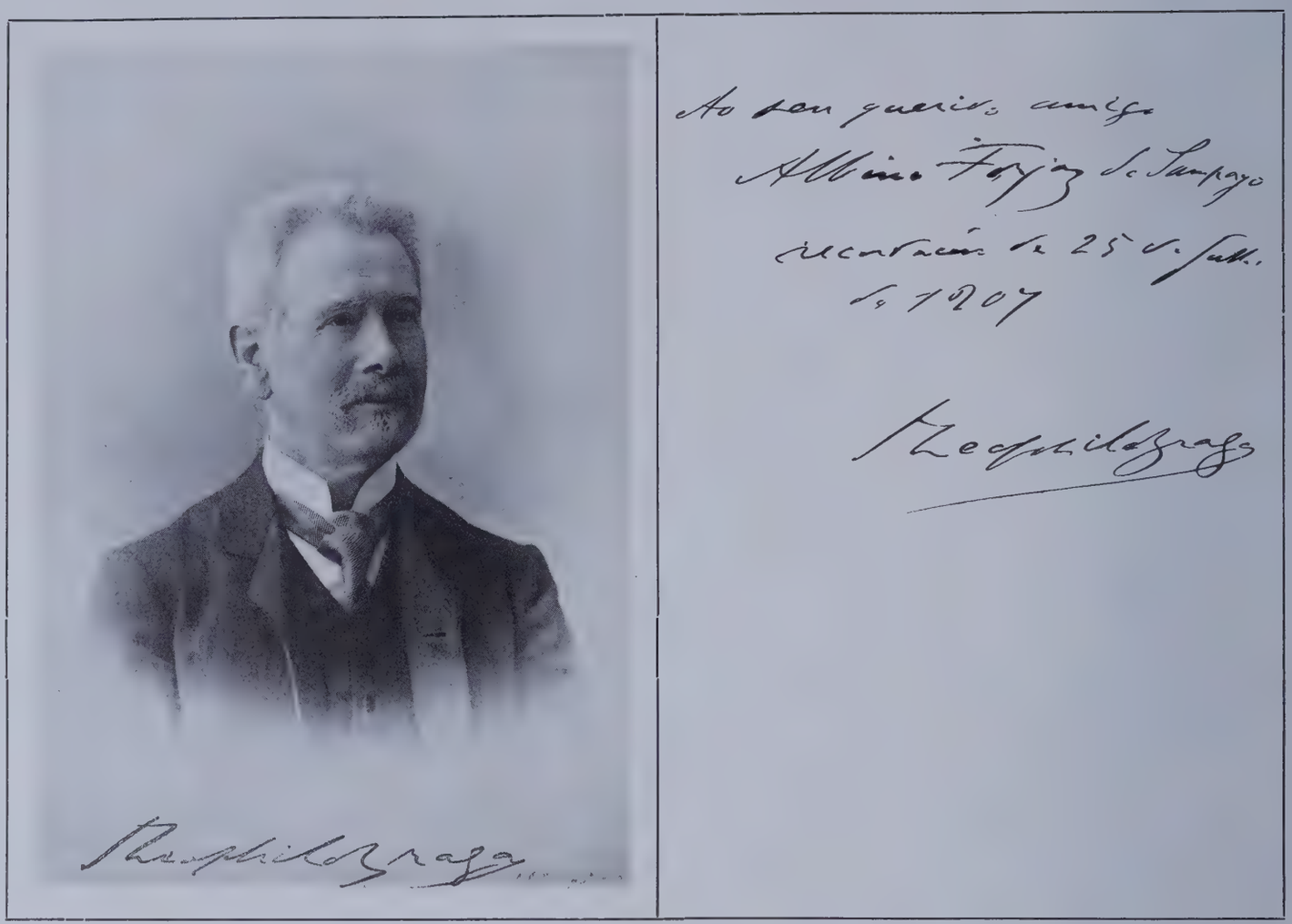

« Fôra um caso singular
« De a amada de um rouxinol,
« Quizesse, ao esmaiar do sol,
« Ouvir o Illustre Gaspar!

« Diga-me, dona Piedade,
« Se a Baroneza Rothschild
« Com gesto tremulo e humilde
« Lhe pedira a Caridade,

« Vossencia dava-lhe a esmóla? »
— Isso era melhor! —
« Então
« Eu approveito a lição,
« E escondo a minha viola... »

Gonçalves Crespo

Segunda página do autógrafo de Gonçalves Crespo no album da espôsa do poeta Xavier Rodrigues Cordeiro.



Retrato de TEÓFILO BRAGA; assinatura autógrafa (verso) e dedicatória (reverso).
(Cliché da Foto Moderna, R. da Picaria, Pôrto).

A execução d'uma quadrilha. Aos homens de bem de todos os partidos, Pôrto, 1910; *A festa de Camões*. Discurso. 1912; *Edith Cawell*, Lisboa, 1916; *O monstro allemão Átila e Joanna d'Arc*, Pôrto, 1920; *Poesias dispersas*, Pôrto, 1920; *Prosas dispersas*, Pôrto, 1921. PÓSTUMA: *Horas de combate*. Prefácio de Mayer Garção.

De colaboração com Guilherme de Azevedo: *Viagem á Roda da Parvonia*.

Além dêstes livros que escreveu, há sôbre a sua figura e obra uma antologia organizada por Agostinho de Campos (Lisboa, 1920), *Junqueiro*; e existem, escritos sôbre a sua figura e obra, os seguintes livros e opúsculos: *Os olhos negros do Sr. Luiz de Campos e os alexandrinos do Sr. Guerra Junqueiro, duas chalaças sobre a questão poetica por 100 estrellas*, Lisboa, 1878; *Processo e julgamento de Guerra Junqueiro. Palavras da sentença que o condemnou por offensas ao Rei, seguida do discurso pelo Dr. Affonso Costa*. Pôrto, 1907; *Os nossos escriptores — I. Guerra Junqueiro*, Pôrto (1909), por José Agostinho; *Entre gigantes. Guerra Junqueiro, ladrão de versos?!* por João Paulo Freire (Mário), Lisboa, 1917; *Guerra Junqueiro e Zola. Notas criticas de um jornalista catholico*, por J. Fernando de Sousa, Pôrto, 1922; *Guerra Junqueiro*, por Leonardo Coimbra, Pôrto, 1923; *Homenagem dos estudantes de Coimbra. Na morte de Junqueiro*. Número único. Coimbra, 1923; Tomaz da Fonseca — *Guerra Junqueiro, Como êle escrevia. Considerações sôbre o manuscrito de « Os Simples »*. Coimbra, 1924; *A Aguia*, vol. XII 3.ª serie, 1923. Número de homenagem; *Guerra Junqueiro* (Colecção Patricia) por Albino Forjaz de Sampaio, Lisboa, 1924; *Memorias. Guerra Junqueiro*, Lisboa, por Lopes de Oliveira; Pierre Hourcade — *Guerra Junqueiro*, Paris, 1932; *31 de Janeiro de 1891 e Guerra Junqueiro* (Conferência), S. Paulo, 1924; Artur Botelho — *Guerra Junqueiro, falso poeta*, Pôrto, 1923; Padre Senna Freitas — *Autopsia da Velhice do Padre Eterno*. A 3.ª edição é de 1900.

GOMES LEAL. — Luciano Cordeiro publicava, a 25 de Julho de 1869, um folhetim na *Revolução de Setembro*, em que tratava dos *Poetas Novos*. E citava: Teófilo Braga, João de Deus, Antero de Quental, Simões Dias, Manuel de Arriaga, Eduardo Vidal, Guilherme Braga, Gomes Leal, Fernandes Costa, Alexandre da Conceição, Guerra Junqueiro e José Caldas.

Na lista faltavam Guilherme de Azevedo, Gonçalves Crespo, João Penha . . .

Gomes Leal, que seria um dos maiores poetas do seu tempo, nascera a 6 de Junho de 1848. Tinha, pois, 21 anos.

Estreara-se em 1866, na *Gazeta de Portugal*, com uma poesia — *Aquela Morta*. Publicou ainda no mesmo diário outras composições líricas. Mas, adoecendo, retirou-se para a Ilha da Madeira, em tratamento. Quando regressou, oito meses depois, não existindo já a *Gazeta*, tornou-se colaborador da *Revolução de Setembro*, onde encontrou Antero de Quental, João de Deus, Eça de Queiroz, Jaime Batalha Reis, Luciano Cordeiro, Júlio César Machado, Oliveira Martins e Salomão Sáraga.

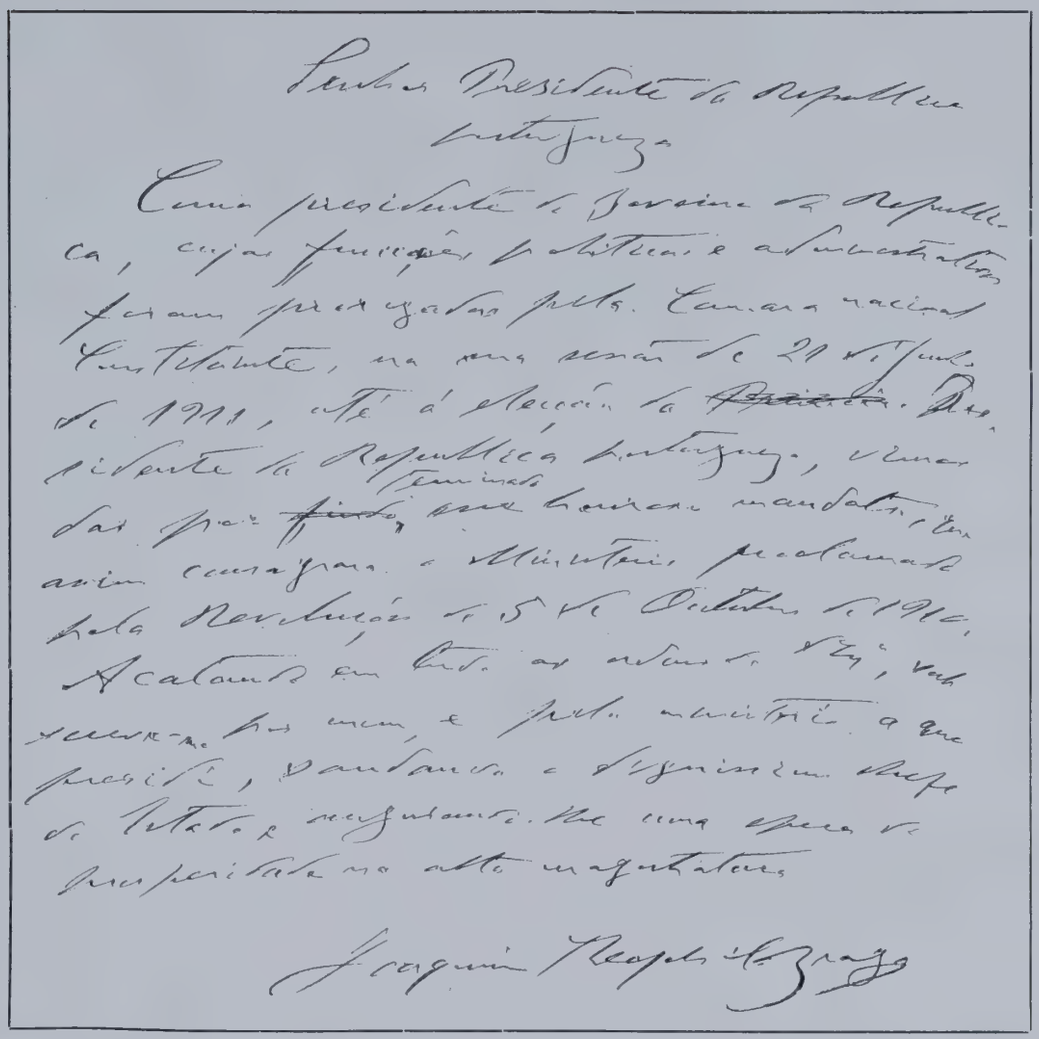
Ali veio a conhecer também Guerra Junqueiro, Guilherme Braga e Simões Dias, que, de quando em quando, vinham a Lisboa.

Pretendia então escrever «um fabuloso poema em que resuscitava o Fausto e Mefistófeles, fazendo-os atravessar por curiosas peripécias na civilização contemporânea». Desistiu, queimando tudo «num dia de pardo tédio» (1).

Mas escreveu, sucessivamente, vinte folhetins de versos. Grande parte dêles esperam ainda a sua reünião em volume.

Fôra Antero de Quental, entre nós, o primeiro dos *poetas revolucionários*, designação que na nossa história da literatura se deu também a Guilherme Braga, Guilherme de Azevedo, Gomes Leal, Guerra Junqueiro e outros.

Todos, porém, no fundo são poetas líricos, que, atormentados com o espectáculo dos conflitos sociais e movidos por certas correntes de idealização filosófica, ergueram alguns clamores de indignação, de protesto e de inconformismo.



Rascunho do documento pelo qual se demite o Govêrno Provisório da República Portuguêsa, presidido pelo Dr. Teófilo Braga, e enviado ao Dr. Manuel de Arriaga. Dado por Teófilo a Albino Forjaz de Sampaio. É um dos poucos autógrafos em que Teófilo assina com o nome baptismal.

A vitória da Rèpública. Rótulo de um licor francês. (barras douradas, vermelho e verde, letras brancas e pretas) (Colecção de A. Forjaz de Sampaio).

Nenhum dêles é, no género, mais impressionante do que Gomes Leal, que caldeia admiràvelmente a emotividade lírica nas ardências vulcânicas de indómito rebelado.

Os poemas *A Canalha* e *O Tributo de Sangue*, de 1873, iniciam a sua carreira de panfletário, que, por diversas formas, e em vários sentidos mesmo, não deixará tôda a vida.

Em 1875, *Claridades do Sul* vem colocá-lo em evidência: obtém um raro êxito, e marca como inconfundível a sua originalidade. É uma voz nova, diferente. A beleza formal de algumas das suas poesias poderiam arrolá-lo entre os parnasianos... Mas o ímpeto de combate, noutras, sobreleva a perfeição da métrica com arroubos de inspiração romântica e rajadas de eloqüência meridional.

A influência de Baudelaire é, por vezes, avultante.

E aqui e além, o satanismo transluz em perturbantes paroxismos verbais.

Sucedem-se pequenos folhetos — *A morte de Alexandre Herculano* (1877) e *A fome de Camões* (1880) — com belas estrofes, que anunciam o fervor épico d'*A Traição*, que, em 1881, transfigura o poeta num agitador de multidões.

Nessa obra se concentram tôdas as suas qualidades e defeitos.

Atropelam-se as estrofes flamejantes com rastos fugitivos de ideias; erguem-se gestos de ódio, imprecações desvairadas, a que se associam

(1) Gomes Leal — *A Morte do Rei Humberto e os críticos do Fim dum Mundo* — pág. 98.

Dr. José Simões Dias (Foto de Camacho)
(De *O Ocidente* de 20 de Março de 1897).

extranhamente estos de amor e canduras de êxtase. Descriptivos em que reverbera o fogo do inferno, e, logo, a doce visão do céu, tumultuar de lutas e pacificações bucólicas, gritos de vingança, clamores de anátemas, desesperos, lágrimas, ironias, tudo é levado numa onda esbravejante de cólera que atinge a atitude da epopeia.

Oh mineiro ! oh mineiro ! . . . ai, quando sob a terra
desces, longe da luz, as espirais da dôr,
e, esquecendo as canções natais da tua serra,
espancaste de ti as ilusões do amor ! . . .

. . . . . .

Correi sôbre êste charco a tôda a rédea solta,
vós, justos campeões, puros como os arminhos . . .
— e agitai pelo ar a espada da Revolta !
e afiai os punhais nas pedras dos caminhos ! »

Mas não raro se sente a incorrecção da linguagem, o desequilíbrio da frase, a difícil ligação das ideias, a rima forçada — embora no desenvolvimento geral do poema, de bela energia, não devam tomar-se como predominantes os defeitos mas as qualidades, algumas das quais de verdadeira inovação poética.

Processado, condenado, encarcerado, escreveu Gomes Leal, emquanto expiava na cadeia do Limoeiro os agravos que ao Rei fizera n'*A Traição*, novos panfletos em verso: — *O Hereje* e *O Renegado*. Não lhe acrescentavam a glória.

Processado de novo, por um soneto em que chamava tigre ao conselheiro Arrôbas, governador civil de Lisboa, replica no tribunal ao juiz, que lhe ponderava ser natural que o alvejado pela sua sátira procurasse desforçar-se:

— Sim, mas esperava que o sr. conselheiro Arrôbas se desforçasse com armas iguais; esperava que me respondesse com outro soneto . . .

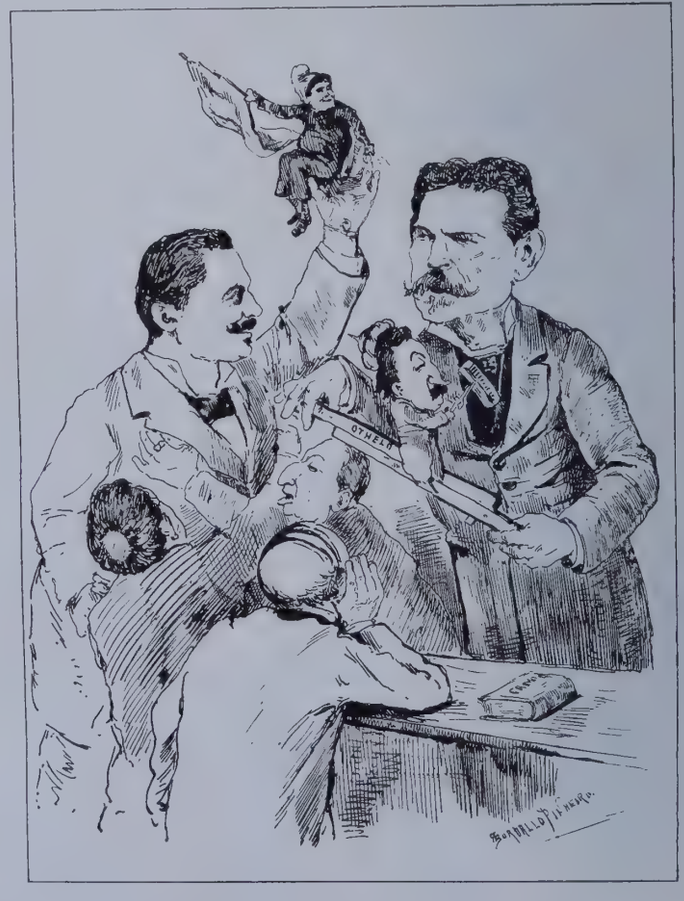
Dessa vez, teve apenas oito dias de prisão!

Gomes Leal tem então 33 anos: ao vê-lo passar nas ruas de Lisboa, dir-se-ia um triunfador. O seu nome é conhecido em todo o País, as multidões aclamam-no; os seus próprios adversários reconhecem o seu grande talento. Espalham-se os seus retratos por jornais e revistas; afixam-nos nas *vitrines*. Gervásio Lobato representa-o assim: — « Cara oval e estranha, os cabelos ásperos e quási sempre em pé, os bigodes retorcidos insolentemente, os olhos grandes, um pouco espantados, em que há alguma coisa de extraordinário, com a sua perpétua gravata branca e a sua enorme camélia impando da carcela do casaco claro ».

Era filho dum modesto empregado da Alfândega, estava longe de viver ricamente, mas sempre se esmerou, quanto pôde, no vestuário . . .

A sua popularidade, porém, não garantiu, em breve, a venda das suas obras: logo em 1882 nova publicação sua — *A Orgia* — ficava no 1.º numero.

Em 1883 aparece a *História de Jesus*. É a sua obra mais completa. Inspirada tôda num dôce religiosismo, que devia ser-lhe natural, a sua realização artística é apurada em simplicidade, própria aos quadros evangélicos da lenda encantadora.



Júlio de Vilhena e Simões Dias
(Os « Oradores da Semana na questão da Instrução Secundária »
— Página do *António Maria* de 18 de Março de 1880).

Pelo amor e intelligencia das suas Tradições é que uma Nacionalidade revive. Quando no primeiro quartel do seculo XIX as Tradições populares portuguezas foram colligidas com sympathia, por esse espirito renovou Garrett a Litteratura nacional. A uma outra geração compete possuir-se do sentimento da nossa Raça, para comprehender a alta missão historica e o destino d'este povo — que ainda tem futuro.

Theophilo Braga

Renan disse que "a belleza vale a virtude"; eu entendo que vale mais! A belleza é a unica coisa verdadeira e absoluta no mundo. Os outros dois pretendidos absolutos, — a religião e a moral, — não são senão elementos malfazejos que as castas privilegiadas, ao verem diminuir os dogmas, inventaram para sua defeza. A Belleza paira acima de toda essa miseria, porque não é, em ultima analyse, senão a moral das coisas.

Abel Botelho

A lucta nobilita a vida.

Julio Dantas.

O homem perfeito será: Santo Apo-lo.

Affonso Lopes Vieira

O melhor, em pensamentos profundos, é ainda estar calado.

Fialho d'Almeida

Por isso me calo...

Z. Marcelino Dias.

Vaidade, Arte, Ambição e Gloria

Todas estas quatro damas deitariam fogo ao mundo, para se verem melhor ao espelho. —

[illegible]
(inedito)

Nero, ao vêr brilhar Roma, entre mil labaredas,
ajeita o seu monoclo — uma rica esmeralda!
Como o incendio é distante, a chama não o escalda
nem cresta os seus anneis, nem lhe enegrece as sedas.

Com olhos de pintor vê então trigos medas
em lume, e Agria, Suburra, o Aventino uma espadua
do Capitolio e além mil patricias em fralda,
esguedelhadas mil das mais dengosas Ledas.

Ri, canta, diz canções — Ao eterno Aborrecido
eis o quadro a primor! com tom, com colorido,
a Forma, o Som, a Côr a rugir, a ladrar.

Mas o triste S. João na alta Patmos inclina
a barba branca aos ais. Vê a eterna Vermina
do homem pulha e vão! — E rola a soluçar.

Gomes Leal.

Envelhecer é viver

João da Camara

Só luzem de noite as estrellas, como só na adversidade luzem os corações.

E. Schwalbach

Passamos metade da nossa existencia a desperdiçar a vida, e a outra metade a economisal-a como avarentos, por não nos lembrarmos de que a morte não é mais que uma operação, feita pela natureza, para a renovação dos corpos: e a vida é eterna. Contudo, mais vale um passaro na mão que dois a voar: economizemos a vida...

João [illegible].

Curiosa página, autografada para o artigo «Como trabalham os nossos escriptores», publicada em OS SERÕES (1907)

(Da colecção de autógrafos de Albino Forjaz de Sampaio)

E — quem o diria? — Gomes Leal, ao mesmo tempo, trabalhava no *Anti-Cristo!*

Há muito desejava afirmar o seu talento por um grande poema.

O *Anti-Cristo*, que se começou a imprimir em 1884, só saiu à luz em 1886.

O autor explicou, nas páginas que encerram o volume, as suas pretensões de revolucionar a poesia:

— «Esta epopeia, de que aparece hoje ao público a primeira parte apenas *(Cristo é o Mal)*, é possível que aterre muitos católicos, espíritos fracos, como se o próprio *Anti-Cristo* da lenda sacerdotal formulasse o seu evangelho negro.

«Muitos verão neste livro, ao pé do qual as *Blasfêmias* de Richepin parecerão uma inocente colecção de místicos idílios, reflexos incendiários e sangrentos, como um grosso carbúnculo vermelho na fronte dum escuro ídolo maldito.

«Também não deixará de causar estranheza o termos expulsado para longe de nós todos os processos antigos dum lirismo extenuado, fazendo entrar a Poesia numa verdadeira direcção humana e naturalista: — sob uma fase radicalmente nova».

E, acentuando que à fôrça de imitar Hugo ou Lecomte de Lisle, mestres e ídolos, se tinha caído «numa logomaquia, numa forma silábica inane», propõe-se a regenerar a Arte «pelo critério filosófico dos modernos pensadores — Comte, Spencer e Hartmann». A êste último dedica o poema: — «Ao Sr. Eduardo Hartmann — o sublime autor da *Filosofia do Inconsciente* . . .»

E, assim como quere uma Poesia Nova, quere uma Moral Nova.

«O evangelismo messiânico é o incontestável mal moderno, e, emquanto se não destruir o êrro metafísico de que a sua moral é a mais pura, a humanidade não poderá evolucionar jámais com passo seguro e forte».

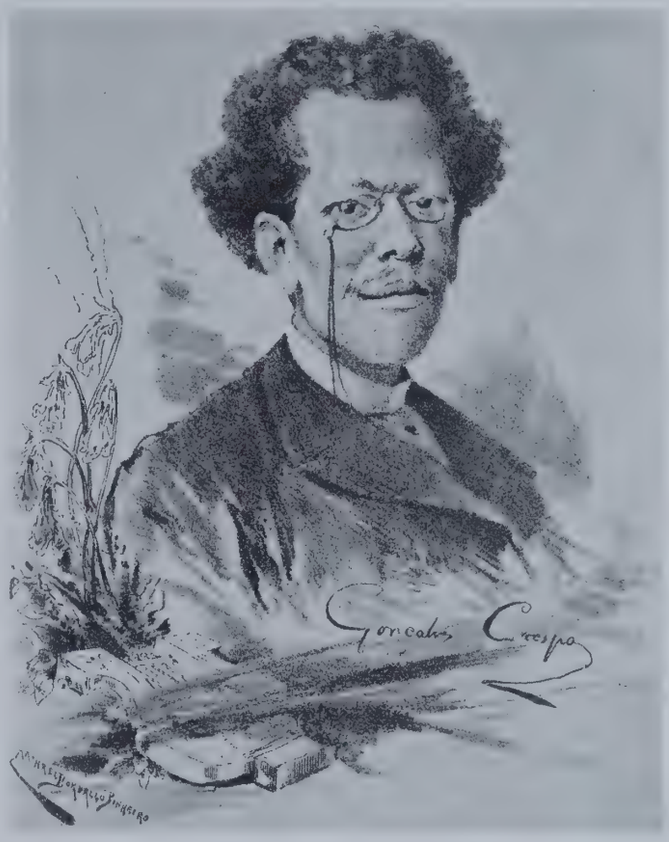
Declara:

«Estamos mergulhados numa atmosfera de serenidade e de reflexão, falando com a Ciência, e em nome de homens como Draper, Buchner, Moleschot, Lefevre, Guyot, Schopenhauer, Pompeyo Gener, Holbach, Strauss.

«É em nome dêles todos que falamos contra a idolatria do hiper-físico e do Sobrenatural».

Conclue:

«O naturalismo artístico, para ser coërente, tem de se aliar com o naturalismo científico e fundar a moral positiva, necessária e humana».



O Poeta Gonçalves Crespo

Página de *O Ocidente*

Página do *António Maria* de 14 de Junho de 1883

Assinatura do Conde de Monsaraz

As transcrições que acabamos de fazer dariam ideia do livro, se Gomes Leal não fôsse, ao mesmo tempo que um desvairado por leituras caóticas, um grande poeta.

O *Anti-Cristo* representa um enorme esfôrço, um labor imenso . . .

E é quási ilegível! Desconcertam a acumulação de personagens, as suas falas extravagantes, os simbolismos, as heresias, as figurações, a confusão geral. No final morre o Padre Eterno, mata-se a Virgem Maria, blasfemam todos os Mártires e todos os Santos: só fica Jesus Cristo para o outro volume — mas cheio de «um indefinível, inarrável, intraduzível terror» . . . É que se vê «ao fundo uma sombra inexprimível, silenciosa, gigantesca que há muito tempo o fita, amarga e enigmàticamente, na penumbra, e que é: — *a visão ensanguentada da Consciência Humana*».

Luiz Osório
Página de *O António Maria* (Columbano) publicada a 4 de Dezembro de 1884

E todavia êste épico frustrado sustenta através do seu poema um largo sôpro de tragédia, que vence o próprio ridículo; a sua fantasia cria, acidentalmente, dramatização; e o seu instinto de artista leva-o a incluir no *Anti-Cristo* belas páginas de lirismo.

Depois, é um longo silêncio de anos. Só em 1889 recomeça a publicação dos seus folhetos em verso, com *Protesto de alguém;* em 1890 *Troça à Inglaterra;* em 1891 *Morte de Lili;* em 1897 *Romeiro.*

Em 1900, no volume *Fim de um mundo,* junta a novas produções inéditas alguns dos seus panfletos, entre os quais os de 1881, que lhe haviam dado fama, e *Os fusilamentos de Espanha,* de 1883 — talvez a sua composição mais perfeita.

Pode dizer-se terminada a sua carreira, ainda que continuasse até ao fim da sua vida a versificar.

A jaça do alcoolismo corrompe cada vez mais a linfa viva da sua inspiração.

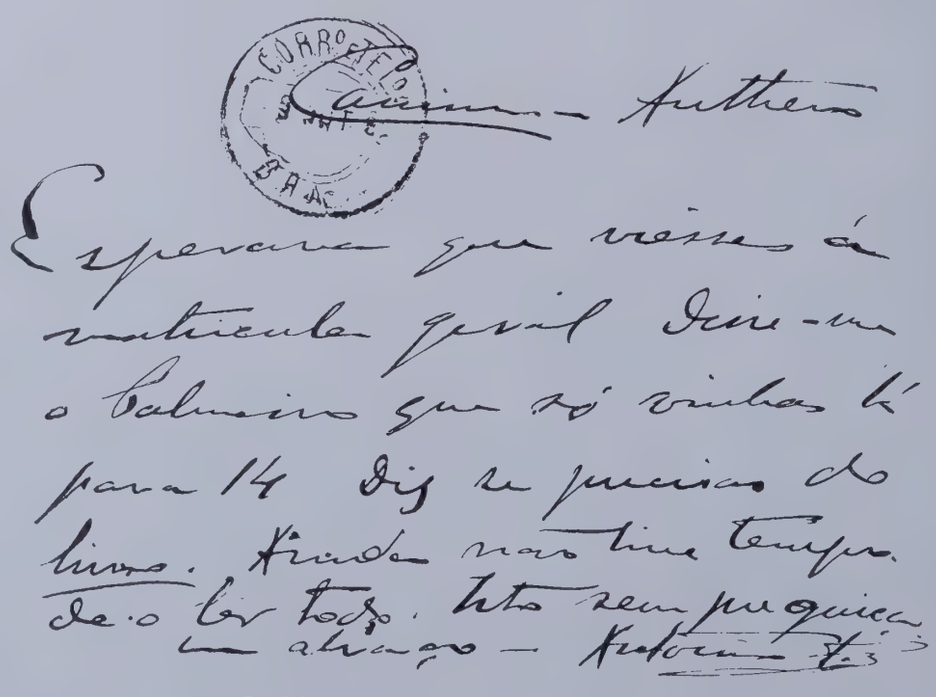
Em 1910 a morte de sua mãe, que idolatrava, acelera, pelo abalo sofrido, o declínio das suas faculdades.

Guerra Junqueiro definiu: — *Gomes Leal, um relâmpago de génio numa noite de loucura . . .*

A Mulher de Luto (1902) é a última luz, bruxoleante já, do seu génio.

Não valerá a pena mais do que referir que escreveu, em prosa, *O Senhor dos Passos da Graça* e *Verdades Cruas:* são coisas inferiores que só assinalam a sua decadência.

Antero, nos tempos da *Revolução de Setembro,* dizia que, quando Gomes Leal «recolhia, por deshoras mortas e funéreas, aos seus penates, batia um soco rijo na parede, a qual se entreabria de chofre, dando passagem a um génio sobrenatural que lhe ditava as coisas tremendas que escrevia».



Postal do poeta António Fogaça para Antero de Figueiredo
(Colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

A brincadeira de Antero tinha um valor crítico: no que se chamava antigamente a inspiração, o domínio do momento criador, encontrou o Poeta a fôrça da execução formal. E transviou-se logo que procurou sistematizar filosòficamente ideias: fora

HAMILTON DE ARAÚJO
Retrato publicado na *Ilustração Transmontana.*

da emoção, estancou-se sempre a fonte viva do seu estro.

O que distinguiu Gomes Leal foi o seu poder de imaginação, aliado a um profundo sentimento lírico e a uma alucinação sensorial particular, que colocava paredes meias — o génio e a loucura.

GUERRA JUNQUEIRO. — Nasceu Abílio Manuel Guerra Junqueiro, a 17 de Setembro de 1850, em Freixo de Espada à Cinta. Sua mãe, D. Ana Guerra, faleceu quando êle tinha três anos, e seu pai, o lavrador e negociante José António Junqueiro, passou a segundas núpcias.

Estas circunstâncias influiriam poderosamente no desenvolvimento da sua personalidade. Órfão, ferido o seu coração, despertou a sua viva sensibilidade.

Duas páginas dos quatorze anos — é a sua estreia literária: dir-se-ia que nascera poeta quem tão cedo versejava. Em 1866 publica o poemeto *Misticae nuptiae*, no qual já desponta um pequeno clarão de arte, que se acentua em *Vozes sem eco* (1867) e *Baptismo de amor* (1868).

Sôbre esta última composição escrevia Camilo, apresentando-a: — «O poeta que, tanto no verdor da vida, e sem experiência das grandes dôres, as soube espelhar tão verdadeiras na alma, e revelá-las tão fiéis na expressão, denota o talento de muito sentir e esplendidamente exprimir».

Todavia estas primícias não podiam fazer prever o que seria no futuro Guerra Junqueiro.

É n'*A Folha*, a revista coimbrã de João Penha, que continua a sua evolução artística, por modo a destacá-lo, gradual mas contìnuamente, de todos os colaboradores.

Em 1870, a seguir ao desastre de Sédan, publica a *A Vitória da França*, e em 1873, pela proclamação da república no país visinho, *A Espanha livre* . . . É já Junqueiro? Não ainda . . .

Finalmente, em 1874, com a aparição de *A Morte de D. João* revela-se o grande poeta.

Era verdadeiramente um poema? Pôde contestar-se que o fôsse, rigorosamente: com dois únicos personagens, D. João e Impéria, a dramatização é fraca, a lógica dos caracteres falsa, o assunto, em geral, escabroso . . .

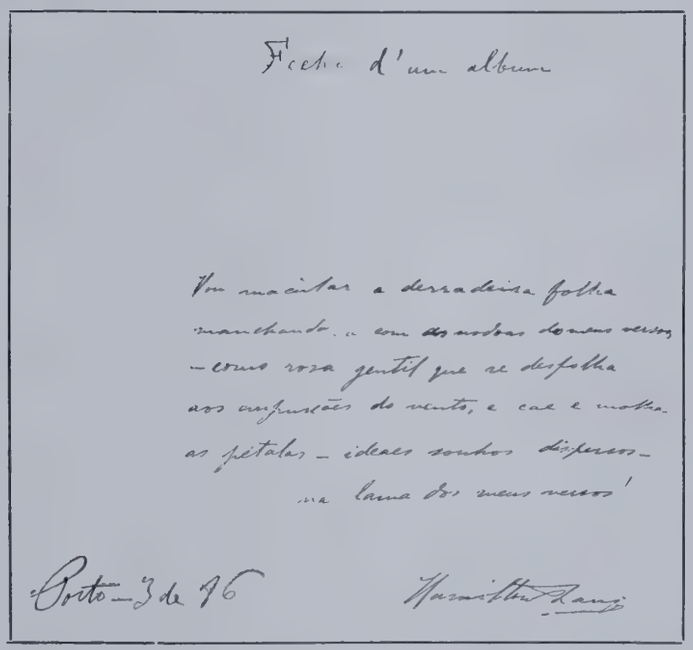
Embora: a fascinação da forma sobrelevava tudo; a técnica era admirável; novas formas métricas, novos ritmos, uma exuberância verbal incomparável, a correcção magistral do verso, vibração, colorido, cambiantes de expressão e de harmonia — que revelações singulares! E alguma coisa de inteiramente novo na nossa literatura — os alexandrinos da *Introdução*, como que forjados em bronze, ao mais largo sôpro da inspiração . . .

A intenção social do poema contribuiu ainda para o seu sucesso.

Guerra Junqueiro explicava, em nota final da sua obra:

«Tudo o que hoje se opõe à realização da Justiça pode sintetizar-se em duas grandes figuras, em dois símbolos — D. João e Jeová».

E descriminava: «D. João resume em si tudo o que há de doentio na sociedade moderna: o idealismo, o tédio, as nevro-



Autógrafo do poeta Hamilton de Araújo no Album do Sr. Aristides de Albuquerque; publicado na *Ilustração Transmontana.*

O poeta negro COSTA ALEGRE falecido em 18 de Abril de 1890 (Foto de Serra).
De *O Ocidente* de 1 de Maio de 1890.
Do seu livro *Versos* publicado em 1916 por Cruz de Magalhães, tiraram-se apenas 500 exemplares, revertendo a venda para a Caixa de Socorros a Estudantes Pobres.

ses, a indiferença, a dúvida, os paradoxos, a falta de carácter. D. João anda nos cafés, nos *boulevards*, nos teatros, na literatura, nas igrejas e nas consciências. Simbolisa perfeitamente *uma parte* da sociedade moderna, pelo lado exterior dos costumes. É necessário matá-lo...»

Acabava de o fazer. Restava Jeová:

«Jeová representa a tirania, o direito divino. É pelo papa contra a Itália, é por Chambord contra a república francesa, é por Carlos VII contra a república espanhola, é por D. Miguel II contra D. Luis I. Papista, chambordista, carlista e miguelista. Com o despotismo nega a liberdade; com a transmissão do pecado nega a responsabilidade. Anda nos espíritos: é o dogma. Anda na natureza: é o milagre. Anda nos códigos: é o privilégio».

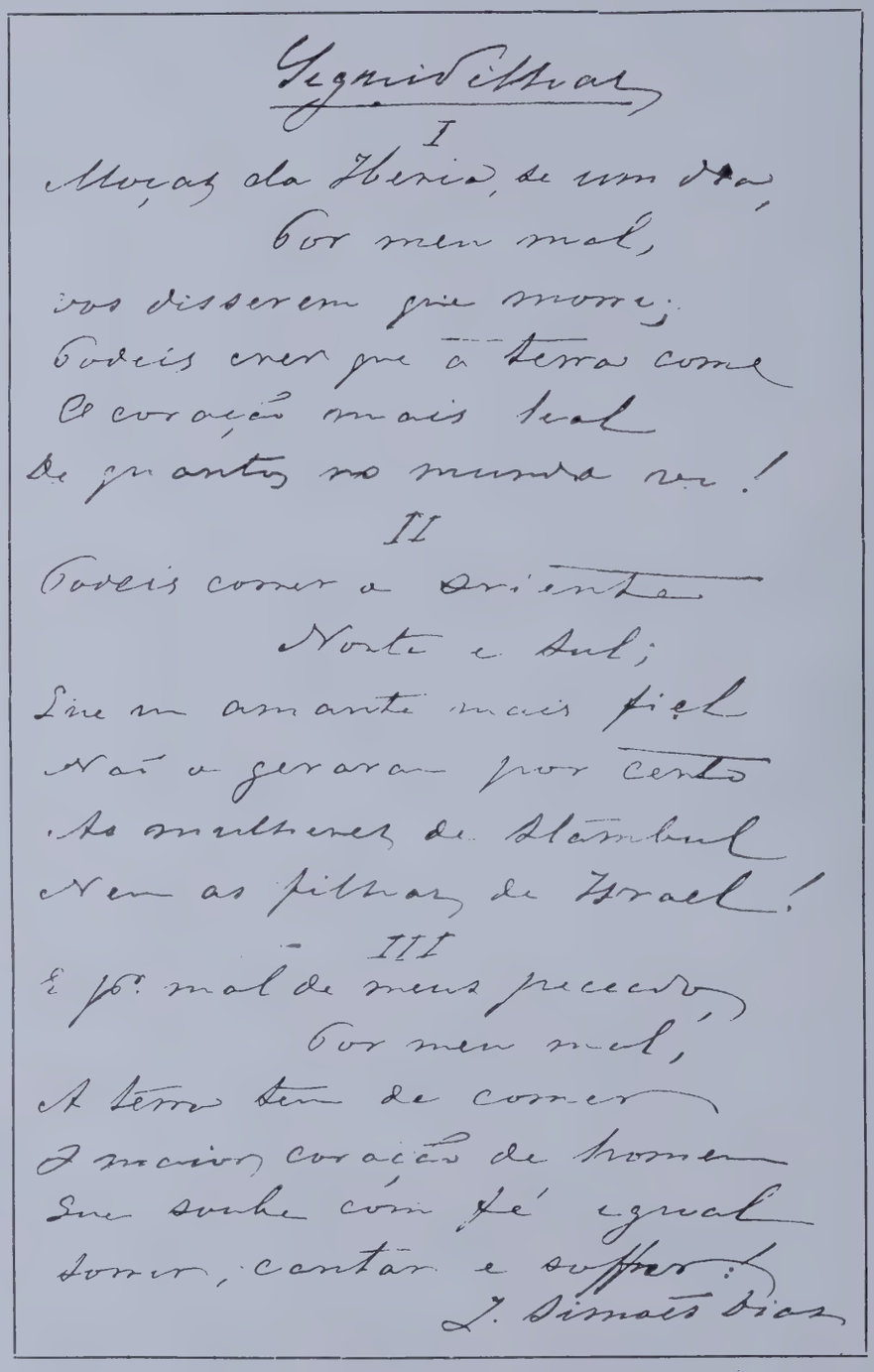
Era necessário, pois, matar Jeová... E é o que tencionava fazer, a seguir, noutro poema.

Mas intentava uma trilogia; ela seria completada por um poema bem diferente:

«Depois da negação, a afirmação. Depois de ter destruido o mal, simbolizado nesses dois vultos grandiosos, é necessário afirmar a justiça encarnada em duas figuras sublimes: Cristo e Prometeu. É a ciência e a consciência, a liberdade e a fé, o sentimento e a razão. Quando estes dois termos do espírito humano, há tantos séculos afastados, se identificarem numa harmonia completa, o homem desde êsse momento será justo, será bom, será feliz».

É necessário convir que, neste moço de 22 anos, o filósofo não estaria à altura do poeta... E, todavia, êste plano permanecerá até muito tarde no seu espírito.

Porém, reeditada *A Morte de D. João* em 1876, não proseguiu na execução da trilogia; em 1879 publicou *A Musa em férias*. O título parece já uma desculpa...



Original de Simões Dias
(Colecção de A. Forjaz de Sampaio a quem Antero de Figueiredo o presenteou)

Nesse volume reuniu algumas composições escolhidas da sua colaboração na revista de João Penha com outras que haviam saído em folheto, como a deliciosa *Tragédia Infantil*, *A Fome no Ceará* e *O Crime*, e ainda com poesias mais recentes, encantadoras, como *Morena*, ou impressionantes, como *Fiel*. A *Dedicatória*, a Luiz de Andrade, Pinto de Leão e Bernardino Machado, é um belo trecho de emoção lírica.

À publicação de *A Morte de D. João* seguira-se um período de boémia lisboeta; e, sobrevindo a sua nomeação para Secretário Geral de Angra do Heroismo, depois a sua transferência para Viana do Castelo e a sua eleição para deputado às Côrtes, e, ainda, uma doença grave — não pôde entregar-se a trabalhos literários que não fôssem ligeiros.

Com isso ganhara Jeová... Mas em 1885 saiu — *A Velhice do Padre Eterno*.

Foi como se do céu calmo e sereno da nossa vida constitucional, por um milagre satânico, descesse, fuzilante e estrondeante, uma revoada de coriscos. O assombro foi geral: nunca no mundo se vira, em verso, um ataque tão desabalado, tão impetuoso, tão frenético à Igreja Católica.

Pelo escândalo, enorme, a fama do escritor foi

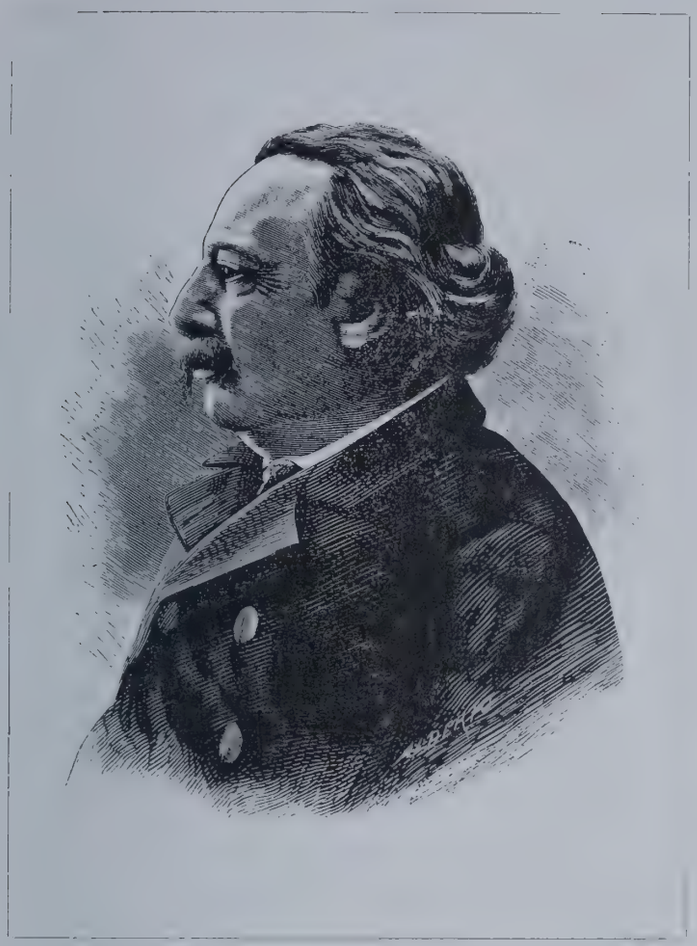
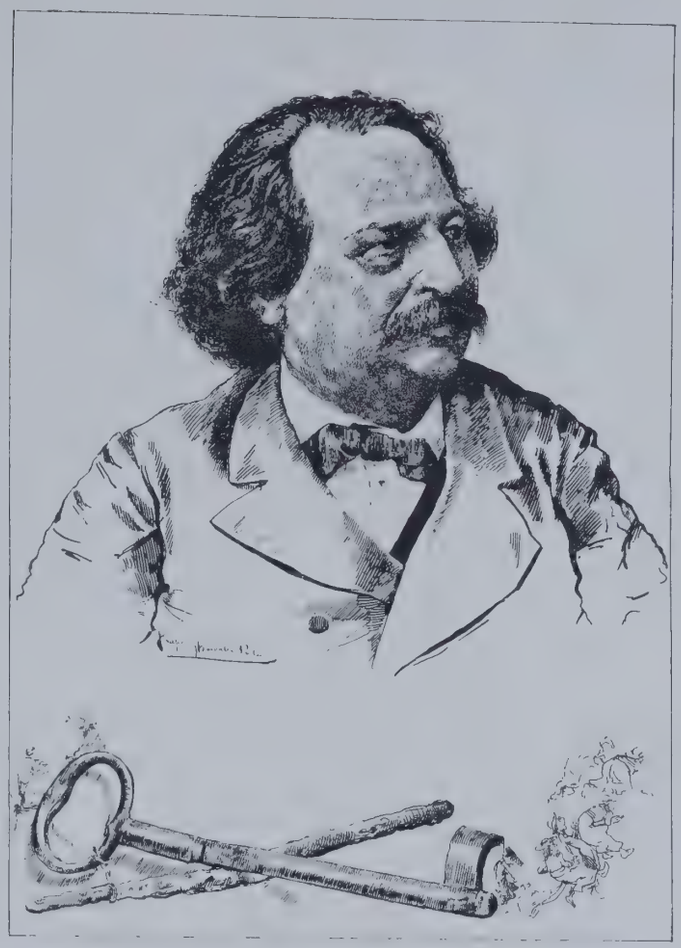


Foto de Fonseca & C.ª. Gravura de C. Alberto. Publicada no *Ocidente*, de Lisboa, por ocasião do seu falecimento em 9 de Maio de 1895. Número de 5 de Junho de 1895.

DR. ALEXANDRE BRAGA



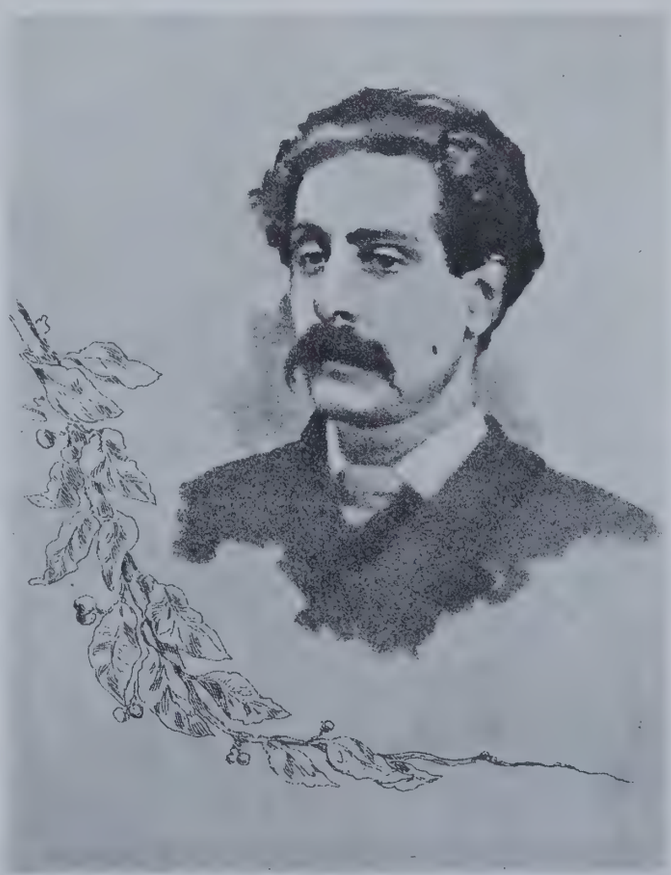
Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro. Página dupla de *O Antonio Maria*. Publicada em 21 de Abril de 1881 a quando de um *meeting* do Pôrto contra os Jesuítas.

levada até às multidões, que o admiraram como um estranho caudilho da heresia.

A Velhice do Padre Eterno é, de facto, um panfleto teológico formidável. E contribuiu, mais do que nenhuma outra obra portuguesa, para fortalecer, entre nós a corrente anti-clerical.

Mas o que é mais importante, no ponto de vista da história da literatura, é ser *A Velhice* uma realização estética, superior ao transitório efeito das imprecações contra Roma e a religião romana: nela atinge a expressão verbal um poder de sugestão jamais excedido e a estructura métrica uma perfeição suprema.

E não é menos de admirar como o Poeta evitou a monotonia, variando o assunto em tantas composições que tinham a mesma intenção, em tantos tiros que tinham o mesmo alvo. Alternando a sátira com o idílio, a anecdota com raptos de verdadeira oratória, a narrativa com descritivos de païsagem, o diálogo com a reflexão filosófica, o conceito de senso comum com a frase paradoxal, o dito e até o *calembourg*, empregando recursos de sintaxe e de invenção rítmica, usando da eloqüencia e da emoção, e, por subtis diferenciações de processo, graduando os efeitos psicológicos, alcança Guerra Junqueiro, numa concepção artística excepcional, um conjunto original, vivo, brilhante e imprevisto.



GUILHERME BRAGA

Página de *O Antonio Maria* comemorando o 1.º aniversário da sua morte. (Julho de 1884)

O poeta GUILHERME DE AZEVEDO, falecido em Paris no dia 6 de Abril de 1882 (Página de *O Ocidente* de 1 de Maio de 1882; desenho original de Rafael Bordalo Pinheiro).
Guilherme de Azevedo nunca tirou o retrato, e só êste se conserva, feito de memória pelo grande Rafael Bordalo Pinheiro, seu devotado amigo. O número de *O Ocidente*, quási todo dedicado à sua morte, insere artigos de Pinheiro Chagas e Gervásio Lobato.
(Grav. de Caetano Alberto).

E zumbindo, picando sempre, a doirada vêspa da ironia!

N'*A Morte de D. João* assinalara-se já o dom do sarcasmo, que se torna dominante agora. Será uma das características essenciais do génio de Junqueiro.

A Velhice é, porém, antecedida por um introito, que, pode afirmar-se, é o comentário da obra de combate. São páginas de cristalina beleza, nas quais se exalta a crença dos simples; revelam o fundo de religiosidade atávica do Poeta.

É enternecedora a evocação:

« Minha mãe, minha mãe! ai que saüdade imensa
Do tempo em que ajoelhava, orando ao pé de ti.
. . . . . .
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus, que está no azul do firmamento,
Que mandasse um alívio a cada sofrimento
Que mandasse uma estrêla a cada escuridão.
. . . . . .
A minha mãe faltou-me, era eu pequenino;
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sôbre uma fôrca um ramo de oliveira!»

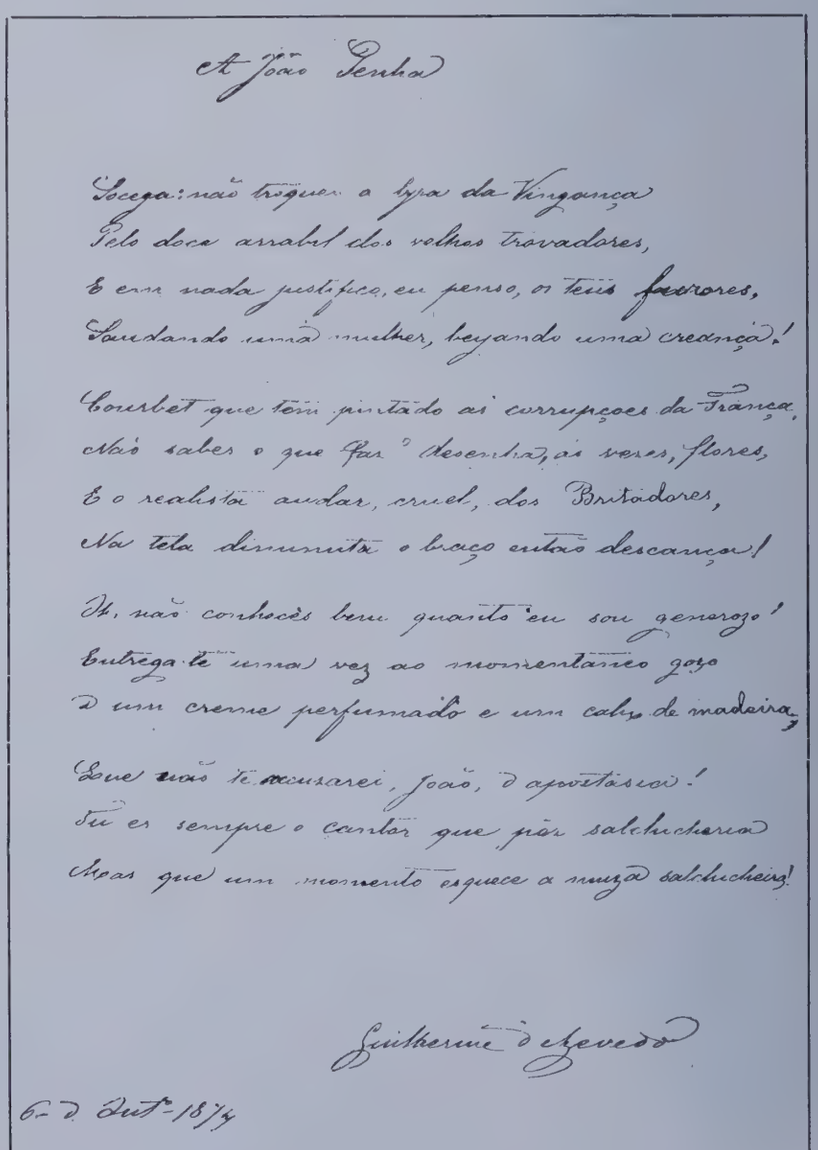
Para o fim da vida, o autor d'*A Velhice do Padre Eterno* explicará o seu livro, dizendo-o gerado por «uma exacerbação de cristianismo».

Provam-no, em parte, outros livros que veio a escrever. Mas era, sobretudo, a corrente anti-clerical da época que o arrastava, como a um prélio que parecia, a muitos, de vida ou morte para a Civilização. Todos os seus camaradas estavam empenhados na luta, e sentia que nenhum dêles vibraria melhor as refulgentes armas da ironia. Uma estrofe de Junqueiro, no combate, com ser quási alada, não feria menos do que uma ponderosa dissertação de Herculano.

À alma de Junqueiro, o terrível sagitário, não era alheio o orgulho.

Mas a lembrança piedosa de sua mãe, o amoroso enternecimento pela doce mulher, que foi sua espôsa (bem cêdo casara, ainda na alvorada da aventura gloriosa que vai da *Morte de D. João* à *Musa em Férias)*, e as divinas alegrias que as suas duas filhinhas, o seu enlêvo, traziam, em beleza e inocência, ao seu coração, criariam uma rival à musa da indignação e da cólera, senão blasfema, de severa visagem, imperiosa walkíria de implacável vingança.

Essa seria a arcangélica musa d'*Os Simples.*



A João Penha

Socega: não troquei a lyra da Vingança
Pelo doce arrabil dos velhos trovadores,
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma creança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flores,
E o realista andar, cruel, dos Britadores,
Na tela diminuta o braço então descança!

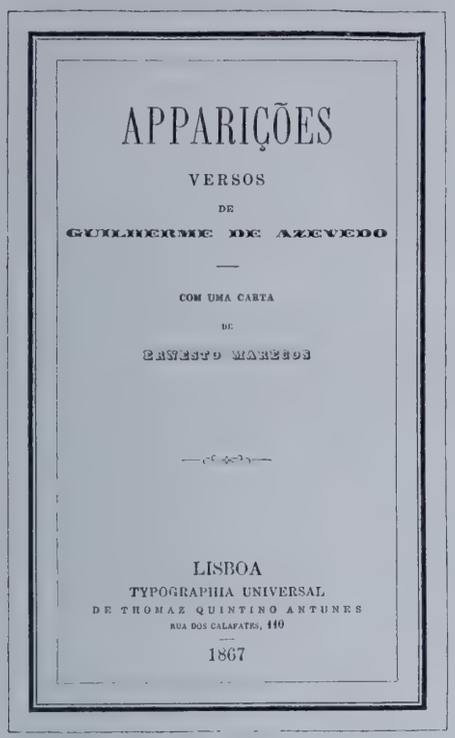
Ah, não conhecês bem quanto eu sou generozo!
Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo
D'um creme perfumado e um cabo de madeira,

Que não te accusarei, João, d'apostasia!
Tu es sempre o cantor que pôr salchicheria
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

Guilherme d'Azevedo

6 - d. Out.º - 1874

Autógrafo de Guilherme de Azevedo
(da colecção de Albino Forjaz de Sampaio)


APPARIÇÕES

VERSOS

DE

GUILHERME DE AZEVEDO

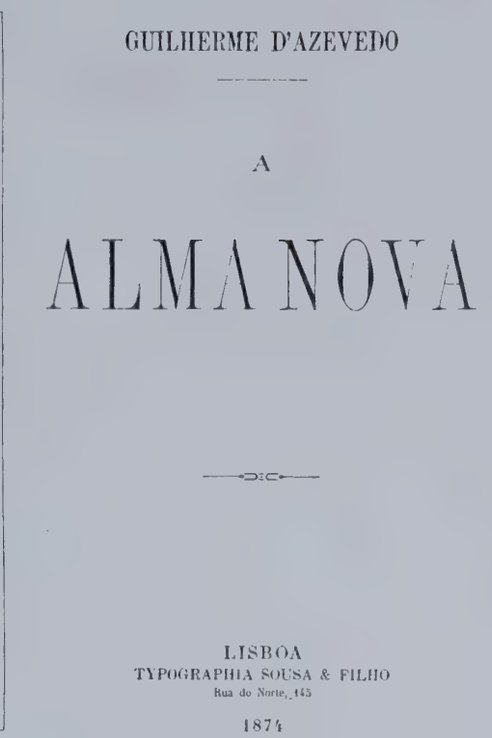
COM UMA CARTA

DE

ERNESTO MARECOS

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS CALAFATES, 110

1867

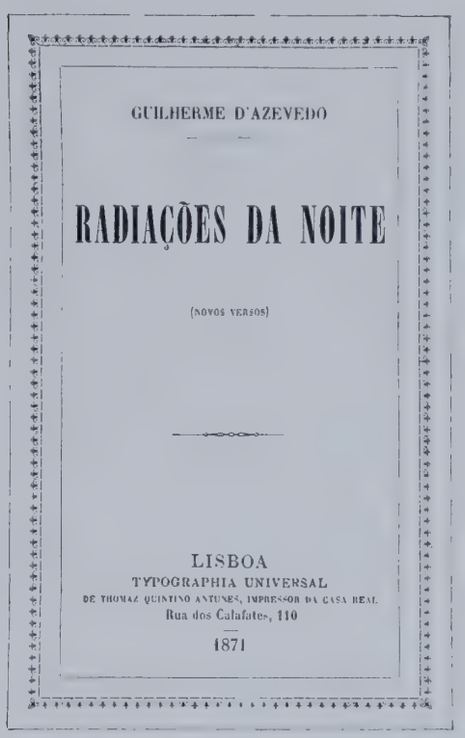

GUILHERME D'AZEVEDO

A

ALMA NOVA

LISBOA
TYPOGRAPHIA SOUSA & FILHO
Rua do Norte, 145

1874


GUILHERME D'AZEVEDO

RADIAÇÕES DA NOITE

(NOVOS VERSOS)

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1871

A obra de GUILHERME DE AZEVEDO

Foi seu primeiro livro *Apparições*, a que Ernesto Marecos faz uma larga apreciação. Seguiu-se-lhe *Radiações da Noite* e finalmente *Alma Nova*, livro que marcou um grande lugar e que deu ao seu autor o grande nome que êle disfrutou. Êste último tem 2.ª edição feita na Imprensa da Universidade, quando a dirigia o Dr. Joaquim de Carvalho.

A inspiração desta obra é tôda de fé e de esperança, de amor e de candura.

O cavaleiro relampejante de aço das pelejas veste agora o humilde burel do zagal; anda a pé pelos carreiros dos montes, pastoreando ovelhinhas. Regressa ao lar da sua infância pela mão ansiosa da piedade: a contemplação da vida dolorosa do povo comove-o, os seus olhos enchem-se de graça transfiguradora, a crença rompe a sombria luta do pensamento, como à noite a estrêla da manhã!

É a esta luz de sonho e encantamento que Junqueiro escreve as estrofes d'*Os Simples*...

Livro sem par na sua obra, e — pelo seu puro, ingénuo bucolismo, pela profundidade da emoção, pela serenidade religiosa — sem outro que o iguale na literatura contemporânea.

Desta assunção mística o Poeta é despertado pelo brutal ultimatum de Salisbury. Ferida tão rudemente a consciência nacional, estabelece-se um movimento de desfôrço cívico, em que o autor d'*Os Simples* tem outros acordes a vibrar. O patriotismo de Junqueiro alicerça-se no seu carácter; e a sua máscula voz ergue-se, desta vez, em combate não contra símbolos, mas contra realidades.

A revolta de 31 de Janeiro de 1891 resulta de um paroxismo de exaltação popular, que atinge, além do Govêrno, as próprias instituïções. O Poeta, que já escrevera *A Marcha do Ódio* contra a Inglaterra opressora, tomando por cúmplice desta a Monarquia, define então: — *Viva a Rèpública!* é sinónimo de *Viva a Pátria!*

O seu poemeto *Finis Patriae* é feito de gritos, de imprecações, de apóstrofes, de anátemas, de fulminações! E, ao mesmo tempo, de incitamentos morais, e de apelos heróicos... Uma tragédia lúgubre, varrida por um sôpro épico!

E o deslumbramento da forma acompanha sempre as criações de Guerra Junqueiro. Êle encontra, infalìvelmente, a expressão artística que corresponda à ideação.

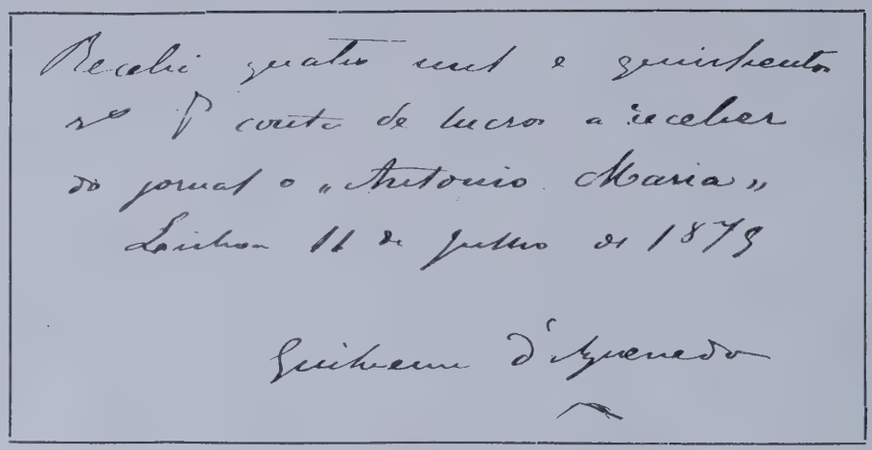
Na sua lira há tôdas as cordas; cada uma das suas obras tem uma tonalidade própria, uma vibração específica, uma técnica pessoal. O Artista está à altura do Poeta; pela facilidade, o vigor, a riqueza verbal, a variedade rítmica, a sua versificação é inegualável.

A seguir a *Os Simples*, que só vieram à luz em 1892, realizaria *O Caminho do Céo*. Publicou-se, depois da morte de Junqueiro, o plano dêsse poema. É, decerto, a concepção mais alta do seu grande espírito. E êle sentia que seria a sua obra mais bela, a sua obra suprema.

Mas outra visão sobrelevou, de momento, na imaginação do Poeta essa mística visão: foi a da *Pátria*.

Também para êsse poema não procurou modêlo: êle surgiu da sua inteligência, tão superior e complexa, da sua ardente inspiração, da sua alma vertiginosa, como uma emanação espontânea da sua poderosíssima individualidade.

A linha geral da *Pátria* é simples: Os Braganças encarceraram há séculos a alma de Portugal; uma revolução liberta-a; o estrangeiro, porém, invade-nos, destrói, chacina, calcina tudo a ferro e fogo; Portugal é crucificado... Mas a sua alma, de novo liberta, encarna numa criança, que um camponês, um lavrador, levanta nos seus braços, na visão apocalíptica da desolação da guerra. É o Portugal do futuro!



Autógrafo de um recibo de GUILHERME DE AZEVEDO
(Colecção de Albino Forjaz de Sampaio)

Pouco importa o aspecto político de que o poema, inicialmente, é revestido, e mesmo a injustiça histórica que o motivou. Substituam-se os nomes das pessoas que tiveram existência real por outros, de modo que o drama seja colocado fora do espaço e tempo que lhe foi dado, e resultará uma epopeia de significação transcendente, *sub especie aeternitatis*.

O génio de Junqueiro encontrou nessa obra a sua vulcanização.

Depois dos *Lusíadas*, parecia ter-se apagado para sempre o estro épico: êle renasceu na *Pátria*.

Passaram-se largos anos de agitação política, nos quais se operava, de facto, através de cruéis dissensões e tormentosos trabalhos, uma transformação espiritual que preparava o nosso renascimento. E Guerra Junqueiro acompanhou êsse movimento com tôda a paixão do seu veemente patriotismo. Faltou-lhe, por isso, a serenidade necessária para prosseguir o *Caminho do Céo*.

Intentou ainda, porém, em parte no mesmo sentido, outra obra — *Orações* — inspirada num religiosismo panteista, em que a poesia e a ciência se enlaçam, procurando a interpretação da vida, demandando, além da limitação humana, o segrêdo eterno da divina criação.

A *Oração à Luz* forma, com *Os Simples* e a *Pátria*, o maravilhoso tesouro que nos legou Junqueiro. São imperecíveis.

Publicaram-se ainda em sua vida dois volumes: — *Poesias dispersas* e *Prosas dispersas*. Servirão principalmente, para guiar-nos no estudo da sua evolução artística. De resto não há nenhum livro de Junqueiro, onde não fulgurem algumas joias do mais vivo esplendor.

E devemos acentuar que a prosa de arte de Junqueiro é poesia em prosa...

Depois da sua morte, foram publicados, não só o plano e alguns fragmentos do *Caminho do Céo*, mas também o plano e fragmentos do *Prometeu Libertado*, que encerraria a trilogia que anunciara, quando publicou *A Morte de D. João*.

D'*A Morte do Padre Eterno*, embora chegasse a adiantá-la, não se ouviu mais falar...

Uma nova concepção artística, mais do que uma nova orientação religiosa, o desviaram da sua execução.

Já ao publicar os *Simples* tinha escrito numa nota o seguinte: «Precocemente chegado, pelo sofrimento, ao ocaso da vida, atravessei, há anos, um período agudo, bem doloroso e triste, mas ao mesmo tempo salutar. Ante a morte próxima, numa ansiedade inenarrável, senti-me electrizado, como por encanto, de energias súbitas. O problema do *Além* impunha-se dilacerante e devorador, à minha natureza inquieta de religioso e de metafísico. Mas o problema da morte é, no fundo, o problema da vida. Estudei, pensei, meditei. Li, com sofreguidão, milhares de páginas. Dias, noites, semanas, mêses, revolvi no cérebro escandecido todos os enigmas torturantes. E consegui, ao cabo, o que desejava: ter da vida, ter do universo uma ideia metódica e definitiva».

Os últimos vinte anos do grande escritor foram absorvidos pela incessante congeminação duma obra filosófica que intitulou — *Unidade do Sêr*. Dela dizia: — «Se não conseguir realizar êsse trabalho, morrerei inédito» — frase com que significava avaliá-lo como superior a tudo o que dêle era conhecido.

Determinou a sua publicação póstuma, bem como das *Notas à margem duma filosofia*. Não tardará a sair à luz, sob os cuidados de sua filha D. Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho.

Anuncia-se também um volume de *Correspondência*.

O quarto de GUILHERME DE AZEVEDO em Paris — Entêrro do poeta.
(Apontamento de Rafael Bordalo Pinheiro publicado no *Ocidente* de 6 de Abril de 1882)

A influência literária de Junqueiro foi a maior do seu tempo, sem exceptuar mesmo a de Eça de Queiroz.

Nenhum dos seus livros deixou de ter larga e profunda repercussão: êle actuou, governou, por muito tempo nos meios intelectuais, e até a moda impôs, não raramente, os seus moldes artísticos, sempre renovados na incessante e prodigiosa evolução do seu espírito genial.

GUILHERME DE AZEVEDO no seu leito de morte.
Página dupla do *Antonio Maria* de 1882. (Pág. 116-117. 4.º ano)

XVIII — OUTROS POETAS

A par dos poetas que se enquadram neste ou naquele grupo, jornal, revista ou corrente literária, outros poetas há que, não sendo astros de primeira grandeza, ou não tendo a projecção dêstes, têm na literatura um lugar de grande relêvo, e tiveram ou domínio público absoluto ou valor e grandezas que os tornaram equivalentes. Não deixou Amélia Janny, por exemplo, livros que a afirmem, mas o testemunho de seus coevos, tantos e tão notáveis vultos, além de poesias sôltas, são fiança idónia para a incluirmos neste capítulo, porque a história da literatura não é resenha apenas de livros impressos, ou recenseio de livros e folhetos. Também Manuel Duarte ou Feijó são figuras dignas de registo em qualquer literatura que cultivassem.

Com o romantismo poderíamos ainda falar de Gomes de Amorim, se lhe não tivesse dado relêvo o seu papel de biógrafo de Garrett; de Lobato Pires, que a loucura não deixou desabrochar; de Cláudio José Nunes (1831-1875), lingolatra como Fernando Leal (1846-1910), autor das *Scenas contemporaneas* (1873); de José Ramos Coelho (1833-1882), hoje lembrado pela sua tradução da *Jerusalém Libertada* (1864) e pela *História do infante D. Duarte* (1889); de Manuel d'Arriaga, pela sua irradiação democrática; de Dias de Oliveira (1843-1872), e outros. Mas, se uns esqueceram, outros há que tiveram nome inesquecido: Alexandre da Conceição (1842-1891), embora deva a sua celebridade à polémica com Camilo; Fernando Leal (1846-1910), traductor aprimorado; Coelho de Carvalho (1852-1934) pelas excelentes traducções do *Cantico dos Canticos* (1876) e dos *Salmos* (1893) e dos *Versos* (884) e *Carta de Conselho (a El-Rei)* (1889). Mas Coelho de Carvalho foi um polígrafo ilustre, poeta, erudito e humanista. Depois encontramos o nome de Ernesto Pires (1857-1884) a quem as *Canções da canalha* deram notariedade. O seu livro *Cintilações e sombras*, publicado em 1883, é a sua obra mais perfeita. Alves Crespo (1847-1907), Alfredo Pinto d'Almeida Carvalhais (1851-1890), Dias Freitas, são poetas hoje injustamente esquecidos. Manuel de Moura (1864-1934) também foi poeta muito estimado. Alguns merecem especial menção.

AMÉLIA JANNY (1841-1914). — Tôdas as gerações académicas de Coimbra, dos tempos de Castilho a 1914, data do seu falecimento, conheceram esta poetisa que Castilho apresentou ao público, e que recitou os seus versos no Teatro Académico daquela cidade, em 1862,

com Teófilo, Junqueiro, Antero, e a quem João de Deus dedicou versos:

Oh Janny! teus ais me exaltam:
Partem d'alma e n'alma echôam;
Filhos de alma á alma vôam,
Sim, Janny!

E se as lagrimas te esmaltam,
Te aljofram, te matizam,
Pelas faces me deslizam
Como a ti.

. . . . . .

Tu Janny! nas azas tuas,
Do teu genio, tens anhelos
Que pediam sonhos belos
E de amor.

Sonhar inda: tu flutuas
Já nas aguas do diluvio,
Viva imagem, sopro, efluvio
Do Senhor!

. . . . . .

A obra da poetisa encontra-se dispersa por tôdas as revistas e jornais do tempo. Isso não quere dizer que a *Encyclopedia Portugueza*, os *Aditamentos ao Diccionário bibliographico*, o *Diccionario Universal de Literatura* e outras importantes obras não dêem do seu nome e produções justa recordação.

Há impressa uma folha volante com o seu nome: *Á illustre commissão academica promotora dos festejos e do monumento a Luiz de Camões*; Coimbra, 1881.

Cesario Verde

Retrato da 1.ª edição de *O Livro de Cesario Verde*, 1873-1886, publicado em Lisboa em 1887 por Silva Pinto. O retrato é de Columbano e a sua reprodução da Litografia Guedes.

Narciso de Lacerda escreveu ainda: *Os Canticos da Aurora e a crítica*, 1880; *Poesia do misterio*, Lisboa, 1882, *Nos vários mundos*, 1883; *Trechos d'um poema*, Lisboa, 1883; *Auto de amor*, peça em 1 acto. No *Brinde do Diario de Noticias*, n.º 31, 1895, publicou *O Espelho de Celestina*. Em 1893 publicou em Lisboa *Job*, que o actor Ferreira da Silva recitou no Teatro Nacional.

Manuel Duarte d'Almeida (1844-1914). — Manuel Duarte, desprendido dos bens terrenos, amado dos poetas, louvado por Camilo, Alexandre da Conceição, Joaquim de Araujo, Alberto Pimentel, Silva Pinto e tantos outros, é, como António Feijó, um dos verdadeiramente grandes poetas do seu tempo. João Penha apostrofou de divino o seu soneto *Aromatografia*. Ricardo Jorge faz ao poeta e á sua obra os mais calorosos elogios. João de Deus confiou-lhe a revisão dos seus versos. Manuel Duarte era irmão de Custódio Duarte, a quem Camilo e Guilherme Braga dedicaram elogios que só se dedicam a quem os merece. Antero manteve com êle relações da mais absoluta simpatia e admiração. Poeta lírico do maior esplendor, foi também poeta épico da maior pujança.

A sua obra, bibliogràficamente, compreende:

— *Estancias ao infante D. Henrique*, Pôrto, 1889. (Recitadas pelo autor no Pôrto, em sessão do Centenário do Infante).

— *Ao centro artistico portuense*. Pôrto, 1878.

— *Ramo de lilazes. Para depor no athaude de Sua Magestade fidelissima o Senhor D. Luiz I*. Pôrto, 1889.

— *Elegia Pantheista a uma mosca morta* (1874-1889). Pôrto (1901).

— *Beijos perdidos*, Lisboa, 1909.

— *Vae Victoribus!* Pôrto, 1890.

— *Frei Vasco - Flor de Sebo*. Lisboa, 1899.

Narciso de Lacerda (Narciso Manuel Correia de Lacerda) (1858-1913). — Narciso de Lacerda é um poeta hoje injustamente esquecido. A sua obra primacial é *Canticos da Aurora*, publicada em 1880 e que apareceu acompanhada dos juízos críticos de Camilo, João de Deus e Silva Pinto. Livro ousado, meio lírico, meio revolucionário, uma das suas peças, o soneto *Christo* dedicado a Alexandre da Conceição, causou mesmo um escândalo literário, tão ousada a sua dedução:

Se eras filho de Deus, se tua essencia
Não foi igual á nossa, mas divina;
Se uma ancia nova ou força peregrina
Te avassallava o imo da consciencia;

Se em vão batia a onda da inclemencia
N'essa alma intemerata e crystallina,
Sem ser mister o escudo da paciencia,
— Unico deus que os tristes illumina;

Se podias remir a humanidade
Sem ter vertido um globulo de sangue,
E dar-lhe vida sem perder a vida;

Se eras um deus e, tendo a immensidade
Por tua, deste á cruz o corpo exangue,
Então não foste heróe: — foste suicida.

Pòstumamente (1933), no Pôrto, publicou Ricardo Jorge, com uma introdução sôbre *Manuel Duarte e a sua obra*, um volume de poesias, *Terra e Azul*, onde a musa do poeta perpassa em todo o seu fulgor. O seu soneto *Aromatografia*, além de ter sido apodado de divino por João Penha, foi de Ricardo Jorge classificado de «soneto sem par em qualquer literatura, único exemplar entre nós da transposição dos elementos sensoriais na feitura de arte». E diz mais longe: «A *Aromatografia*, fina flor de antologia, pertence ao número dos versos afortunados que se fixam para sempre na memória de quem uma vez os leu, tornando o poeta imorredouro». Bernardino Machado, quando Manuel Duarte estava com êle em Lisboa, ao apresentá-lo a pessoas ilustradas, dizia: — «Para que saibam quem é o homem, basta ouvirem isto» — e recitava-lhes o soneto.

Terra e Azul inclue as *Estâncias ao infante D. Henrique*, a *Elegia panteísta a uma mosca-morta*, o *Ramo de lilazes*, o *Voe Victoribus!*, *Beijos perdidos*, colectânea a que se seguem outras poesias, publicadas umas, outras encontradas no seu espólio literário.

Pode dizer-se que escreveu o seu epitáfio, talvez não pensando no seu passamento:

Amou. Sofreu.
Crente ou ateu.
A terra o cobre
E cobre-o o céu.
Só pretendeu
Ser justo e nobre,
Aos pobres deu,
Pobre morreu.
E viveu pobre.

Poeta diplomata
Caricatura das *Novidades* de Emídio Navarro

António Feijó (1860 - 1917). — Extraordinário lírico êste António Feijó, que a morte tomou nosso ministro em Stocolmo, e que, numa edição promovida pelos amigos e admiradores do poeta, com o concurso da Câmara Municipal de Ponte do Lima, se mostra em tôda a sua grandeza. António Feijó começou em 1881, em Coimbra, com uns versos recitados no Teatro Académico, a propósito de Luiz de Camões, *Sacerdos Magnus*, versos que depois entraram no volume *Transfigurações*, impresso em 1882 na Imprensa da Universidade de Coimbra. O seu primeiro livro a valer foi em 1884, já do Pôrto, as *Lyricas e Bucolicas;* compreende versos de 1876 a 1883. Nêle apareceu o soneto que deu brado:

Morreu. Deitada no caixão estreito.
Pallida e loira, muito loira e fria.

Guerra Junqueiro
Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro.
(De *Os Pontos nos ii* de 1885)

Êste soneto está na obra de Feijó, um poeta a quem se não prestou ainda a merecida homenagem, como o *Foi-se-me pouco a pouco amortecendo*, de João de Deus; *Alma minha* de Camões, *Aromatografia* de Manuel Duarte, *Ó virgem que passaes...* de António Nobre, e outros sonetos em plena luz na obra de outros grandes poetas. Depois, em 1885 *Á janella do Occidente*, e em 1890 o *Cancioneiro chinez*, apareceram para dar ao poeta a merecida fama. Especialmente o *Cancioneiro*. Em 1897 saiu a *Ilha dos Amores*, e em 1901 *A Instrução popular na Suécia*, relatório publicado anteriormente (1897) no *Diário do Govêrno*. Em 1907, com o pseudónimo de Inácio de Abreu e Lima, publicou *Bailatas*, livro de ironia e lirismo alegre. Morreu em Estocolmo no dia 21 de Julho de 1917. Em 1922 saiu o seu livro *Sol de Inverno;* em 1926, *Novas bailatas*, e, ùltimamente, *Poesias completas*, onde se reúne tôda a sua obra poética.

Sôbre António Feijó publicou a *Colecção Patrícia* o n.º 47.

GUERRA JUNQUEIRO
Fotografia antiga.

Morto no estrangeiro, o poeta dorme o seu sono eterno, com sua espôsa, morta em 1915, em Ponte de Lima, onde lhe foi erigido um monumento.

LUIZ OSÓRIO (1860 - 1900) — Poeta lírico e académico, teve, logo no primeiro livro, *Neblinas*, a sua consagração. Depois *Poemas portugueses* autor de um volume de sonetos, *Dôr* (1893), que o alçapremou a um lugar de eleição nas letras nacionais. Casado com a escritora D. Ana de Castro Osório, de quem nasceram os escritores João de Castro e José Osório de Castro, publicaram êstes, em 1932, um volume *Poemas* onde se reünia tôda a sua

GUERRA JUNQUEIRO
Fotografia do tempo de Coimbra. (Da *Ilustração Transmontana* 1908. Dirigida por Joaquim Leitão).

GUERRA JUNQUEIRO
O poeta aos 6 anos com seu pai.

(1890), *Um grito* (1890), *Alma lyrica* (1891) e os seguintes mantiveram o renome alcançado. Foi estimado e querido. Outros poetas tiveram nome digno de menção e devemos referir-nos a QUEIROZ RIBEIRO (1860-1928) autor das *Tardes de primavera* que, em 1889, Guerra Junqueiro apresentou, e das *Cinzas* (1896), *Pedras falsas* (1903), *Caminho do Céu* (1906) etc.; JAIME DE SÉGUIER (1860-1932), pelo seu livro *Alegros e adagios* (1883); ALVES CRESPO (1847-1907), poeta paruariano de quem, pòstumamente, se reuniu a obra; ALFREDO PINTO DE ALMEIDA CARVALHAIS (1851-1890), a quem Camilo, no *Cancioneiro*, teceu largos elogios, e autor de um poemeto *Beatrice* e de uma paródia à *Judia* de Tomaz Ribeiro, muito aplaudidas; DIAS FREITAS (1852-1905), poeta católico, autor de vários livros um dos quais, a *Grinalda Cristã*, (1904) foi prefaciado por Sena Freitas; MANUEL DE MOURA (1864-1934) poeta portuense de versos simples, muito estimado pela pureza do seu estro; PAULINO DE OLIVEIRA (1864-1914), poeta entusiasta e vibrante, obra. Foi um belo serviço literário, prestado a todos, e mostrando, em todo o seu brilho, a obra notável do poeta; MARTINHO DE BREDERODE (1866-1940), autor de *Charneca* (1896), *Pó da estrada* (1898), *Sul* (1905), e poeta que foi diplomata como António Feijó. Os seus versos são originais e o seu nome merece ser evocado com justiça; DELFIM GUIMARÃES (1872-1933), colaborador da *História da Literatura ilustrada*, que antecedeu a presente, foi também um poeta de valor. Que o digam o poemeto *Lisboa negra* (1893), *Confidências* (1894), *Evangelho* (1895), *Não! mil vezes não!* (1897), e *Sim! mil vezes sim!* (no m/ ano), *Sonho Garrettiano* (1899), e tôda a sua obra poética de 1900 para diante. Poeta forte, de valor real, é um poeta que não pode ser esquecido, e se lê sempre com agrado.

Um poeta que deve tôda a retumbância do seu nome à polémica violenta que teve com Camilo foi ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO (1842-1889). O seu livro *Alvoradas* (1865) não diminue o seu nome.

XIX — CAMILO CASTELO BRANCO

BIBLIOGRAFIA: — A OBRA DE CAMILO (a): *Os pundonores desaggravados* (S), *O Juizo final e o Sonho do inferno* (S). 1847 — *Agostinho de Ceuta* (T). 1848 — *Maria! não me mates que sou tua mãe* (N), *A mur-raça* (S). 1849 — *O Marquez de Torres Novas* (T), *O caleche* (Cr). 1850 — *Anathema* (R), *O Clero e o Sr. Alexandre Herculano* (Cr). 1851 — *Inspirações* (P). 1852 — *Salvè Rei* (P), *Revelações* (N), *Hossana!* (P). 1854 — *Um livro* (P), *Duas epochas na vida* (P), *Folhas cahidas apanhadas na lama* (S), *Mysterios de Lisboa* (R), 3 vols., *A Signora Laura Giordano* (P). 1855 — *A filha do Arcediago* (R), *Scenas contemporaneas* (N), *Livro*

(a) Biografia (B), Crítica (Cr), História (H), Miscelânea (M), Narrativa (N), Poesia (P), Polémica (Pl), Romance (R), Sátira (S), Teatro (T).

negro do padre Diniz (R). 1856 — *A neta do Arcediago* (R), *Onde está a felicidade?* (R), *Um homem de brios* (R), *Justiça* (T). 1857 — *Duas horas de leitura* (M), *Lagrimas abençoadas* (R), *Espinhos e flores* (T), *Purgatorio e Paraizo* (T), *Scenas da Foz* (R), *Vingança* (R), *O que fazem mulheres* (R). 1861 — *Abençoadas lagrimas* (T), *Doze casamentos felizes* (R), *Romance de um homem rico* (R), *O morgado de Fafe em Lisboa* (T). 1862 — *As três irmãs* (R), *O último acto* (T), *Memorias do Carcere* (N), 2 vols., *Coisas espantosas* (R), *Coração, cabeça e estomago* (R), *Estrelas funestas* (R), *Amor de perdição* (R). 1863 — *Annos de prosa* (R), *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado* (R), *O Bem e o Mal* (R), *Estrelas propicias* (B), *Memorias de Guilherme do Amaral* (R), *Noites de Lamego* (M) *Scenas inocentes da comedia humana* (M), *Agulha em palheiro* (R). 1864 — *A filha do Doutor Negro* (R), *No Bom Jesus do Monte* (N), *Vinte horas de liteira* (R). *Amor de Salvação* (R). 1865 — *Divindade de Jesus e tradição apostolica* (N), *Esboços de apreciações litterárias* (Cr), *O esqueleto* (R), *Horas de paz* (N), *Luta de gigantes* (R), *O morgado de Fafe Amoroso* (T), *Preceitos do coração* (P), *Preceitos de consciência* (P), 2 vols., 1.º e 2.º de *Duas epochas na vida*, *A Sereia* (R). 1866 — *A engeitada* (R), *O olho de vidro* (R), *O Santo da montanha* (R), *Vaidades irritadas e irritantes* (Cr), *A queda de um anjo* (R), *O Judeu* (R), 2 vols. 1867 — *A bruxa de Monte Cordova* (R), *A doida do Candal* (R), *Cavar em ruinas* (M), *O Senhor do Passo de Ninães* (R). 1868 — *Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas* (M), *Mysterios de Fafe* (R), *O Retrato de Ricardina* (R), *O Sangue* (R), *As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis — Um poeta portuguez... rico!* (M). 1869 — *Os Brilhantes do Brazileiro* (R), *Cathalogo methodico de livros antigos e modernos* (leilão da sua primeira biblioteca). 1870 — *D. António Alves Martins, bispo de Viseu* (B), *O Condemnado* e *Como os anjos se vingam* (T), *A Mulher Fatal* (R). 1871 — *Voltareis, ó Cristo?* (N), *Theatro comico*, que compreende *A Morgadinha de Val d'Amores* e *Entre a flauta e a viola* (T). 1872 — *A Infanta Capelista* (R), *Livro de consolação* (R), *Quatro horas innocentes* (M), *A espada de Alexandre* (S). 1873 — *O Visconde de Ouguella* (B), *O demonio do Ouro* (R), 2 vols. 1874 — *Ao anoitecer da vida* (P), *Correspondência epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco*, 2 vols., *Noites de insomnia* (M), 12 n.os. 1875 — *O Regicida*, *A Filha do Regicida* e *A Caveira da Martyr* (R) 2-3 vols. (1875-1876), *Novelas do Minho* (R) 1875-1876, 12 vols. 1876 — *Curso de litteratura portuguesa* (2.º vol.); o 1.º é de José Maria Andrade Ferreira. 1879 — *O Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros* (N), *Os Críticos do Cancioneiro Alegre* (Cr. e Pl.), *Sentimentalismo e Historia e Historia e Sentimentalismo — Eusebio Macario e A Corja* (1879-80). 1880 — *Suicida* (N), *Luiz de Camões* (B), *Echos Humoristicos do Minho* (Cr), 4 n.os. *A Senhora Rattazzi* (Cr), *Perfil do Marquez de Pombal* (H). 1882 — *A Brazileira de Prazins* (R), *Narcoticos* (M), 2 vols. 1883 — *D. Luiz de Portugal* (H), *Questão da Sebenta* (H), 5 op., *Catalogo da preciosa livraria do eminente escriptor Camillo Castello Branco* (2.º leilão). 1884 — *O General Carlos Ribeiro* (B), *O Vinho do Porto* (H), *Maria da Fonte* (H). 1885 — *Serões de S. Miguel de Seide* (M), 6 op. 1886 — *A Bohemia do Espirito* (M), *A lyra Meridional* (Cr), *A diffamação dos livreiros successores de Ernesto Chardron* (Pl.), *Esboço de Critica. Othelo* (Cr), *Vulcões de Lama* (S). 1888 — *Nostalgias* (P). 1889 — *Delictos da Mocidade* (M). 1890 — *Nas trevas* (P).

OBRA PÓSTUMA: — 1900 — *O Lubis-Homem* (T) publ. por Alberto Pimentel (1850); 1913-14 — *Segredo d'Alma*; 1918 — *Como Deus castiga* e *Esparsos — Poesias dispersas*; 1920 — *Praticas morais*; 1925 — *De como me casei — Le Mariage de Sylvestre*. Versão francesa de Olivier du Chastel. Prefácio e comentários de Ricardo Jorge; *Dispersos de Camillo*. Compilação de J. Dias da Costa. 5 vols.

O QUE ÊLE TRADUZIU: — Do francês e do inglês Camilo deu-nos as seguintes obras: 1858 — *Riquezas do pobre e misérias do rico*; 1860 — *O génio do Christianismo*, de Chateaubriand; 1861 — *Fanny*, de Ernesto Feydeau; 1865 — *Os Martyres*, de Chateaubriand; *A immortalidade, a Morte e a Vida*, de B. de Puchesse; *Romance de um rapaz pobre*, de Octavio Feuillet; 1871 — *O inferno*, de A. Callet; 1872 — *A Freira no Subterraneo*; *Amores do Diabo*, de J. Cazotte; 1873 — *Diccionário Universal de Educação e Ensino*, de E. M. Campagne; 1875 — *Historia de Gabriel Malagrida*, do P.e Paulo Mury; 1877 —

Últimos retratos de GUERRA JUNQUEIRO (o de baixo é cliché da «Fotografia Universal»).

A famosa Lusitania, por lady Jackson; 1878 — *Scenas da hora final*; 1888 — *O Assassino de Macario*.

JORNAIS E PUBLICAÇÕES QUE DIRIGIU: — *Porto e Carta*, 1851-58; *Bico de Gaz*, 1854; *O Mundo Elegante*, 1858-63; *O Atheneu*, 1859-60; *Gazeta litteraria do Porto*, 1868; *Bibliographia Portuguesa e estrangeira*, 1879-83.

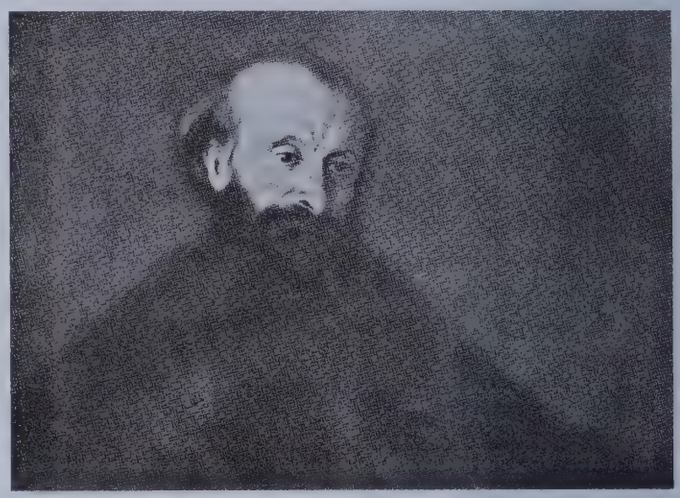
PUBLICOU: *Memorias de Fr. João de S. José Queiroz*, 1868; *Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, 1868; *Carta de guia de casados*, por D. Francisco Manuel de Mello, 1873; *Vida del-rei D. Affonso VI*, 1873; *Os ratos da Inquisição*, poema do judeu António Serrão de Castro, 1883.

CARTAS DE CAMILO: *Cartas de Camillo a Silva Pinto* (1901); *a Francisco Martins Sarmento* (1905); *a Eduardo da Costa Santos* (prólogo de Júlio Brandão); *a Trindade Coelho* (1915); *a Thomaz Ribeiro* (pref. de D. Branca de Gonta Colaço) (1922); *a Joaquim de Araujo* (1894); *Cartas* (colectânea de Cardoso Marta. 2 vols. 1918-1933);

GUERRA JUNQUEIRO aos 40 anos

Cartas (Pref. de A. Forjaz de Sampaio) 1916; *Cem cartas de C...* (Coordenação de L. Xavier Barbosa). *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e a usurpação dos Filipes* (1895); *Escriptos de Camillo*, por Júlio Dias da Costa (1922); *Tres cartas de Camillo* (Claudio Basto, 1917); *Uma carta de Camillo* (1915); *Uma carta e algumas notas inéditas*, por Nicolau da Fonseca (1823); *Vinte cartas de Camilo* (José Caldas); *Bibliografia*, por Manuel dos Santos (1915); *Dois capitulos sobre C. C. B. seguidos de 15 cartas ineditas*, por J. M. Teixeira de Carvalho (1922); *Uma carta de Camillo na Bib. da Ajuda* (Custódio José Vieira, filho, 1916); *Joanna d'Arc e Ignez Sorel* (Rio de Janeiro, 1924); *Defeza dos livreiros sucessores de Ernesto Chardron*. 1886. António Cabral — *Camilo e Eça de Queiroz. Cartas Ineditas de Camillo. Os plagios de Eça*. Coimbra; *Castilho e Camillo* (Correspondência trocada entre os dois escritores). Prefácio e notas de J. C. Ineditos do A. N. da Tôrre do Tombo. Coimbra, 1924: Cândido de Figueiredo — *Cartas ineditas de oitenta e cinco escritores portuguezes da segunda metade do seculo XIX e do primeiro quartel do seculo actual*. J. de Lemos. — *Almanaque de Ponte de Lima*. 1924. Porto (3 cartas inéditas).

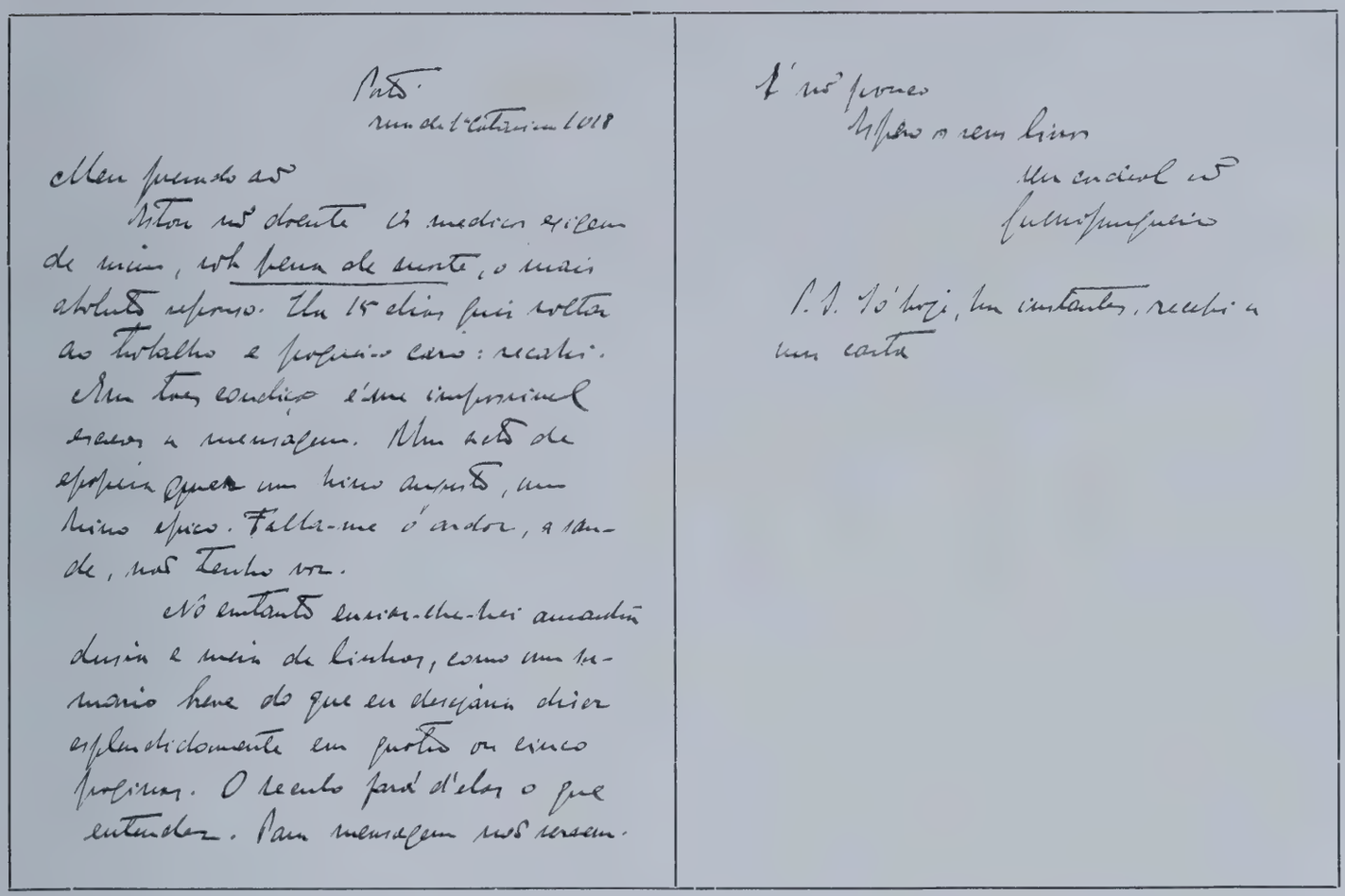
TRABALHOS EM LIVRO A CONSULTAR SÔBRE CAMILO: J. C. Vieira de Castro — *C. C. Branco (Noticia da sua vida e obras)*. 1861; Sena Freitas — *Perfil de C. C. Branco*. 1888; Silva Pinto — *C. C. Branco*. 1889; *C. C. B. Notas e documentos. Desaggravos*; Alberto Pimentel — *O Romance do romancista*. 1890; *Os amores de Camillo*. 1899; *A primeira mulher de Camillo*. 1916; *Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S. Miguel de Seide*. 1885; *Memorias do tempo de Camillo*. 1913; *Notas sobre o Amor da Perdição*. 1915; *O torturado de Seide*; Lopes d'Oliveira — *C. C. B.* 1903; Paulo Osório — *C. C. B.*, 1905 (outra ed. 1920); *Camillo C. Branco e o Sr. Dr. Bombarda*, 1905; Alfredo de Pratt — *Memorias biographicas de C. C. Branco* (1906); António Cabral



GUERRA JUNQUEIRO. Reprodução do retrato a óleo do pintor e poeta António Carneiro. (Dos *Serões*).

— *Camillo de perfil*. 1914; *Camillo desconhecido*. 1918; *Camillo e Eça de Queiroz*. 1924; *As polemicas de Camillo*. Conferência. 1925; Oldemiro César — *C. C. B. na vida e sua obra*. 1914; Oldemiro César e Cruz de Magalhães — *Em terra de ingratos*; A. Prado Coelho — *Camilo*. 1919; Nuno Catarino Cardoso — *Camilo, Fialho e Eça*. 1923; Ludovico de Menezes — *Camillo (Documentos e factos novos)*. 1924, 1925; Tavares Proença Junior — *Autobiographia de C. C. Branco*; Freitas Fortuna — *Horas de Lucta*. 1889; Alberto Teles — *C. C. B. na cadeia da Relação do Porto*. 1917; *Cartas ineditas da segunda mulher de C. C. Branco*. 1916; J. P. L. C. (José Pedro de Lima Calheiro) — *Catalogo das obras de C. C. B.* 1889. *Additamento*. 1890; João Xavier da Motta — *Camileana. Collecção das obras de C. C. B.* 1891; Henrique Marques — *Bibliographia Camileana*. 1894; José dos Santos — *Camileana*. 1916; Manuel dos Santos — *Revista bibliographica camiliana*. 1916; R. C. S. — *Noticia de alguns escriptos acerca da vida e obras de C. C. B.* 1917; Álvaro Neves — *Notas á margem de varios livros da sua bibliotheca e Estudos camilianos*. 1917. Nota ao *Perfil do Marquez de Pombal*, 1917; Pedro A. de Azevedo — *Os antepassados de Camillo*; Nuno Castello Branco — *Protesto contra a supposta filha de Camillo C. Branco, V.e de Correia Botelho*. 1890; Castello Branco Chaves — *A ideia de Nobreza em Camillo*. 1923; Jorge de Faria — *Criminosos e degenerados em Camillo*. 1910; A. Corte Leão — *Camillo e o povo fora dos diccionarios*. (1922); Alberto Pimentel, filho — *Nosographia de C. C. B.* 1898; Maximiano de Lemos — *Camilo e os Médicos* (1920); Visconde de Villa Moura — *Camillo inédito*. 1913, *As cinzas de Camillo e Fanny Owen e Camillo*; Sérgio de Castro — *C. C. B. (typos e episodios da sua galeria)* 1914. 3 vols.; João Paulo Freire (Mário) — *A casa de Camillo*. 1917; *C. C. B. A Campanha da Lapide*. 1917; *C. C. B. e as quadrilhas nacionaes*. 1917, *Terra Lusa*, 1917, *Entre gigantes*.

GUERRA JUNQUEIRO e o abade.
(O poeta encontrara-se no combóio com um abade. A conversa levara-os a falar de Guerra Junqueiro em quem ambos *como bons católicos* malharam como em centeio verde. Para darem uma prova do seu sentir unânime contra o malvado... tiraram o retrato juntos. Imagine-se agora a cara do abade ao saber que o seu companheiro era... o poeta). (Dos *Serões*, artigo de Júlio Brandão).



Carta de GUERRA JUNQUEIRO a Albino Forjaz de Sampaio que lhe pedira a mensagem saudando Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a caminho do Brazil, a enviar pelo jornal *O Século* em nome do País.

1917 e *C. C. B. e Silva Pinto.* 1918; Antonio Manuel Ganito — *Camillo cego; Camillo Homenageado. O escriptor do Graça e da Beleza.* 1921; *Camileana.* Porto. N.º 1; Joaquim de Araujo — *Sobre o tumulo de Camillo;* J. M. Teixeira de Carvalho — *Dois capitulos sobre C. C. Branco.* 1922; Luiz de Almeida Braga — *O significado nacional da obra de Camillo.* 1923; Fialho d'Almeida — *Figuras de Destaque.* 1924; Veloso d'Araujo — *Camilo em San Miguel de Seide.* Braga. 1925; Alfredo da Cunha — *C. C. B., jornalista;* Fernando Campos — *Camillo contra-revolucionario.* 1925; Bourbon e Menezes — *A paizagem na obra de Camillo;* António da Costa Leão — *Problema bibliographico — Camilo e os Miguelistas;* Ricardo Jorge — *Camillo e Antonio Ayres. Seguido do Poema as Comendas;* Artur Lamas — *Em que casa nasceu Simão Botelho.* 1924; António Ferreira de Serpa — *A ascendencia açoreana de C. C. Branco;* Sérgio de Castro — *A jazida de Camillo.* 1925; C. C. — *Cousas camilianas.* I) *De S. Miguel de Seide á Povoa de Varzim.* II) *Necrophilo? Não:* Dr. João de Vasconcelos Carneiro e Menezes — *Subsidios para a Camiliana. Notas a livros de C. C. Branco. 1836-1918, Historia do folheto «José Luciano de Castro», por D. Rosaria dos Cogumelos (pseudonimo de Camilo).* 1925; Adelino das Neves e Mello — *Camillo Castelo Branco;* Joaquim Leitão — *Genio da Desgraça. Na hora centenaria de Camillo;* Julio Dias da Costa — *Palestras camilianas;* Claudio Basto — *Obras de Camillo — A colecção do Centenario.* 1924; *Gravuras de Camillo na Imp. Nac. de Lisboa;* Um Camilista obscuro — *Os Azeiteiros de Camilo;* João Paulo Freire — *Azeite escaldado; Factos e documentos referentes ao Culto camiliano;* António Ruas — *C. C. Branco.* Conferencia. 1925; Vitorino Nemésio — *Camilo.* Conferencia; Augusto de Castro — *Modesta homenagem a C. C. B., visconde de C. Botelho, primacial romancista portuguez. Na comemoração do seu primeiro centenario. MVI-III-MCMXXV.* Famalicão; Carlos Babo — *Á beira do centenario de Camilo;* Vasconcelos Nogueira — *No centenario de Camillo.* 1925; *Quinta exposição de Arte;* Albino Forjaz de Sampaio — *Colecção Patricia:* N.º 1 — «Camillo Castello Branco». N.º 17 — «Camillo e o centenário»: *Camilo. 16 de Março. 1825-1925. Livro comemorativo do centenario; Monumento a Camillo C. Branco; In Memoriam de Camillo.* 1925. Magnífica publicação, profusamente ilustrada; *Programa do Sarau d'Arte.* 1925; *Livro Memorial. A Figueira da Foz a Camillo C. Branco no seu centenario.* 1825 a 1925.

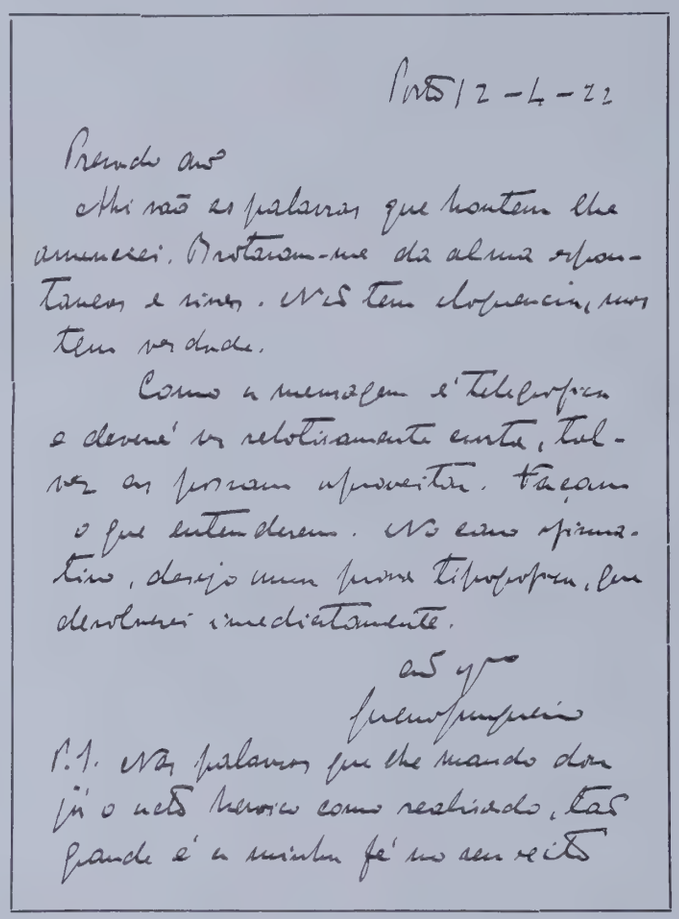
ANTOLOGIAS E COLECTÂNEAS: António Joaquim — *Rapsodia camiliana;* Branca dos Reis — *Mulheres e corações na obra de C. C. B.* 1920; Nuno Catarino Cardoso — *Pensamentos de Camilo* e *Mulheres e Lagrimas.* 1922; Santos Quintella — *Camillo.* 1921; Laudelino Freire — *Estante classica da Revista da Lingua Portugueza: Camillo C. Branco.* Rio de Janeiro. 1922; Armando Noronha — *O Amor, As Mulheres. As Mulheres e o Amor.*

LIVROS DE REPAROS E CONTROVÉRSIA: — José Joaquim de Almeida Braga — *O primeiro acto,* 1861; (Resposta ao *Ultimo acto);* Alberto Pimentel — *Christo não volta,* 1873. (Resposta ao *Voltareis, ó Christo?);* A. D. Pinheiro e Silva — *O Marquez de Pombal,* modestos reparos ao livro do sr. C. C. B., 1882; P.e Almeida e Silva — *Impressões de um perfil ou autopsia de C. C. B.,* 1882; *Inferno e Paraizo,* resposta ao Sr. C. C. B. traductor de *O Inferno,* por um egresso da ordem de S. Bento, 1874; Coelho Lousada — *Na Consciência,* romance em resposta ao livro *Onde está a felicidade?,* 1875; Cunha Belém — *Onde está a infelicidade?,* romance ao romance do mesmo título, 1865; Consultem-se ainda os ex. sôbre a questão Ratazzi; o supp. ao n.º 7 das *Insomnias,* publicado pelo editor Anselmo de Morais, etc.

Camilo foi romanceado nos seguintes livros: Archer de Lima — *Paixão e morte de C. C. Branco,* 1917; Campos Monteiro — *Miss Esfinge,* 1921; id. — *Camilo Alcoforado,* 1925.

Em 1825, dias 16, 17 e 18 de Março, decorreu o centenário, efectuando-se festas, conferências, várias comemorações e circulando no correio selos especiais consagrados ao centenário.

Entre o artista, consoante a fisionomia da sua obra no-lo inculca, e o homem, tal qual no-lo revela o objectivo exame do seu modo-de-ser cotidiano, há, amiúde, desmedida dissemelhança, que sôbre as criações do seu talento projecta uma como suspeição de inhumanidade. Não se descortinam os élos vibráteis que à personalidade substancial do homem vinculam a índole e a expressão da sua obra. Nalguns casos até chega ela a afigurar-se muito menos a confissão de uma sensibilidade do que o produto deliberado de um esfôrço — no qual a inteligência e a vontade desempenharam um papel sistemático e conjunto — que nada vale como documentário vívido do dinamismo interior do indivíduo cuja firma traz aposta. Pode deduzir-se pela análise das suas feições estéticas as influências de escola ou de processo que, de algum modo, promoveram ou ajudaram a sua germinação e se exerceram no seu desenvolvimento. Da destrinça delas conseguirá a crítica, à fôrça de sagacidade e de método, de atenção e de subtileza, construir o roteiro espiritual do artista, habilitando-nos a discernir a formação da sua personalidade. Tudo isso, que, directa ou indirectamente, deveria conduzir à percepção dos laços que ìntimamente prendem o artista à sua obra, a ponto de fazer dela emanação profunda do seu «eu» e o mais revelador retrato da sua psicologia, deixa, entretanto, na ambigüidade do inconsciente — aí onde à psico-análise se depara o seu reino pululante e misterioso — a distância que medeia entre o homem e o artista. Se èste foi pôsto a claro, aquêle permanece na obscuridade. ¿Por que estranha alquimia se operou no cérebro de tal indivíduo, cujo verídico mecanismo interno não chegámos a perceber, determinada invenção artística ou literária? Certo lírico evanescente, cuja obra se nos antolha, banhada pela claridade lunar dos sonhos, como que uma irisação quimérica de lágrimas, vê-lo-êmos, na vida real, comedido e astuto espécime de homem prático, pautando o mínimo dos seus actos por meticulosos cálculos, miudinho, hiper-prudente, atentò a quanto possa, ainda que de longe, fazer dano ao cómodo da própria existência, sem réstea de inútil devaneio em fugas de estro fantasista. Dir-se-ia que, tendo bolsado nos poemas escritos todo o seu pecúlio de poesia, inteiramente ficou para a vida exaurido da idealidade visionária ou feiticeira que constitui a essência mesma da sua inspiração. O épico flamejante, cujas imprecações tribunícias ou oraculares parecem denunciar um dêsses seres nascidos para a tempestade e talhados para o cenário abissal dos lances trágicos, em que os medíocres se fazem minúsculos sob a carapaça do pasmo inibitório, e só as grandes almas podem desferir vôo, vamos descobri-lo à mercê de tôdas as viscosas covardias, moralmente cartilagíneo, desmentido dolorosamente pícaro do apostrofador que nos estarrecera com a ilusória trovoada dos seus brados e das suas cóleras.



Carta de Guerra Junqueiro a Albino Forjaz de Sampaio, a qual acompanhou a mensagem a que se faz referência na página anterior.

O artista patenteia-se, por vezes, assim, a antítese flagrante do homem de carne e osso de que emergiu. É o que se conclui do cotêjo da obra com a vida de não poucos grandes da arte, seja qual for a modalidade por que esta se afirme.

O caso de Camilo assinala-se bem diferente.

Se a vida de um escritor constitui — como disse Armand Carrel a-propósito de Paul Louis Courrier — o melhor comentário da sua obra e a mais cabal explicação do seu talento, rara há-de ser a figura literária a quem tão adeqüadamente deva aplicar-se, como à do novelista do *Amor de Perdição* e da *Brasileira de Prazins*, o critério de procurar nas vicissitudes da sua existência e na tessitura do seu modo-de-ser pessoal a génese da produção que nos legou e a singularidade das feições dela. A obra de Camilo é, efectivamente, o corolário da vida do escritor, como esta é, por sua vez, o precipitado fatal das predestinações do seu temperamento. O artista reflete tão perfeitamente o homem, como a sua obra condensa a sua vida. Entre aquela e esta não há solução de continuidade. Uma explica e completa a outra. Nenhuma sombra se interpõe entre a obra escrita com sangue, riso e lágrimas — e a vida, tôda ela entretecida de vociferações, gemidos, gargalhadas. O drama é só um. A mesma labareda arrepia os dias de que morreu saciado e os livros em que deixou a crispada *empreinte* do seu génio. Um bloco. Um bloco trágico e sardónico — espantoso.

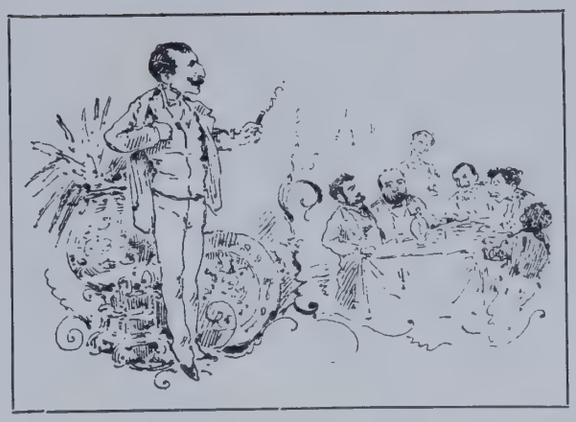
Camilo é Camilo.

O escritor é o homem. A luz e a treva feitas carne,

dor, ironia, sarcasmo, imprecação, vida consciente e desesperada. Como que a imagem do cáos. O céu e o inferno numa só alma.

*
* *

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1825, filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco (1) e de mãi incógnita, segundo o assento de baptismo existente no arquivo paroquial da freguesia dos Mártires. Êste assento encontra-se a fls. 141 do L.º 5.º da referida freguesia, e está manifestamente errado pois dá Camilo como nascido em Maio e baptizado em Abril. Camilo nasceu em Março. A fls. 140 existe outro assento, que foi inutilizado, no qual, a despeito do traço sobrepôsto para o encobrir, se percebe o nome de Jacinta Maria, atribuído à mãi de Camilo, nome êsse que, certamente por lapso, se menciona no índice do livro. (Vide *Camilo*, de Ludavico de Menezes, vol. I, pág. 40 e seguintes). No assento de óbito do pai de Camilo, que pode ver-se a pág. 18 do *Camilo desconhecido* de A. Cabral, atribui-se-lhe, porém, o nome de Jacinta Rosa, que igualmente figura no assento de óbito da mãi do escritor também reproduzido na mesma página da referida obra de António Cabral. O nome de Jacinta Rosa, como sendo o da mãi de Camilo, aparece outrossim na certidão do casamento de Camilo em Friúme, transcrita por Alberto Pimentel a pág. 40 da 2.ª ed. de *O romance do romancista*.



GUERRA JUNQUEIRO. Caricatura do *António Maria* de 13 de Setembro de 1883.

GUERRA JUNQUEIRO. Uma das últimas caricaturas do poeta, na fase das *Orações*. É uma magnífica visão retrospectiva da sua obra. Publicada em *A Paródia*.

Tendo ficado orfão de mãi aos dois anos incompletos, Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco — pois dêste modo se assinou até, pelo menos, 1846 (1) — tinha uma irmã quatro anos mais velha do que êle e perdeu o pai aos dez anos de idade (2). Por deliberação do conselho de família foi então levado, dois meses depois, com a irmã, para Vila-Real, onde vivia sua tia paterna D. Rita Emilia da Veiga Castelo Branco, que enviuvara do capitão de cavalaria José Xavier de Barros Malheiros e em segundas núpcias se consorciara com João Pinto da Cunha, ali proprietário e residente. Embarcaram as duas crianças, na companhia de uma criada, no vapor *Jorge IV*, com destino ao Pôrto. Mas um violento temporal impediu o navio de entrar a barra do Douro e forçou-o a arribar a Vigo. Dali partiram os pequenos para Portugal, entrando por

(1) O pai de Camilo nasceu em Vila-Real a 17 de Abril de 1778 e era filho do Dr. Domingos José Correia Botelho de Meneses e de Teresa Margarida Castelo Branco. Foi cadete do regimento de cavalaria 7, aquartelado em Miranda, e ali assentou praça em 25 de Março de 1800, com o n.º 54 da 8.ª companhia. Tendo obtido licença para estudos viveu no Pôrto entre 1800 e 1802. Desde 1802 vivia, porém, em Viseu onde seu pai era juiz de fora. Em 20 de Fevereiro de 1805 deu entrada, como prêso, pois cometera o crime de deserção, na sede do seu regimento, já então aquartelado em Bragança. Em 1807 estava já sôlto, com baixa do serviço. Em 1809 faleceu-lhe o pai, deixando poucos bens. Por alvará de 2 de Agôsto de 1830, assinado pelo visconde de Santarém, inspector geral dos correios e postas do reino, foi nomeado «correio-assistente» em Vila-Real, lugar de que tomou posse, mas que não aqueceu, pois em 1832 vivia já na capital, morando na Rua do Carvalho, hoje de Luz Soriano, no 3.º andar do prédio que ali tem, presentemente, o n.º 66. Em 22 de Dezembro de 1835, com 57 anos de idade — a certidão de óbito diz, erradamente, 50 — faleceu Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco na Rua dos Douradores, no prédio que hoje tem o n.º 202. Na certidão de óbito — que pode ler-se a pág. 21 do interessantíssimo livro de António Cabral *Camilo desconhecido* — diz-se que êle era viúvo de Jacinta Rosa, o que não deve ser exacto.

(1) Verifica-se isto pelo registo da entrada de Camilo, em 1846, na cadeia da Relação do Pôrto, com Patrícia Emília de Barros.

(2) A irmã de Camilo chamava-se Carolina. Nascera em Lisboa a 24 de Março de 1821 e foi baptisada na freguesia do Socorro, como filha de pais incógnitos, a 2 de Abril dêsse ano. No ano de 1825, em que nasceu Camilo, foi reconhecida pelo pai, tendo sido essa perfilhação averbada no assento de baptismo em 9 de Junho de 1825, com autorização do vigário geral do patriarcado de Lisboa.

Tui em direcção a Braga, com alguns outros companheiros de viagem, que, à semelhança do voto feito pela serva incumbida de acompanhar os dois órfãos a Trás-os-Montes, tinham prometido também ir em romagem ao santuário do Bom Jesus do Monte se escapassem da tormenta e conseguissem chegar a pôrto de salvamento. Em 1837 — tinha então doze anos — aborrecido e audacioso, abala Camilo para Lisboa «com um par de peúgas e duas camisas atadas num lenço», na esperança de que o conselho de família o vista e lhe dê melhor destino do que o de viver sob o teto da sua tia Rita. Mas, conforme êle próprio narrou no seu livro *No Bom Jesus do Monte*, os parentes resolveram vesti-lo num algibebe e recambiá-lo para Vila-Real. Decide, então, D. Rita afastar de sua casa os dois sobrinhos. E Camilo e sua irmã Carolina são enviados para casa de D. Maria José de Azevedo, que em Vilarinho de Samardã, já viúva, vive com seus dois filhos: Francisco José de Azevedo, estudante da Escola Médica do Pôrto, e P.e António José de Azevedo, pároco da freguesia. Carolina e o estudante, na convivência que entre êles se estabelece durante as férias, enamoram-se um do outro. E em 5 de Outubro de 1839, ao findarem as férias grandes, Francisco José de Azevedo, que concluira o seu 3.º ano escolar de medicina, casa com a irmã de Camilo, vindo a terminar o curso e defender tese no verão de 1841.

Em Vilarinho da Samardã, o «torrão agro e triste», a que Camilo nostàlgicamente veio a referir-se nas *Duas horas de Leitura*, passou a viver Camilo na companhia do P.e António José de Azevedo, sacerdote simples e ilustrado, que se afadigou em prosseguir, iniciando-o nos mistérios do latim e do cantochão, os estudos que o pequeno órfão começara, em Lisboa, num colégio de primeiras letras da Rua dos Calafates. Muito cedo, porém, deu de si o feitio rebelde de Camilo ao reagir incorrigìvelmente contra os intentos do bom do padre apostado em instruir o rapazito confiado aos seus cuidados:

«Fugia de casa para a serra, dava muitos tiros às galinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me dói o remorso de ter matado uma!

«O meu gôsto era pascer o rebanho de casa por aquêles saudosos vales. Todavia, minha irmã opunha-se a êste humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia acerca da minha dignidade; repreendia os meus baixos instintos; atraia ao seu voto o marido e o padre e cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a boroa e a cabacinha da aguardente.

«Não obstante, eu pedia tudo de empréstimo, e ia com as minhas ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas daqueles alcantis fragosos, sempre sòzinho, cismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros». (Em Duas horas de Leitura).

Na novela *O degredado*, uma das que compõem o livro *Novelas do Minho*, referindo-se a Vilarinho da Samardã, escreveu Camilo:

«Está situada na provincia transmontana, entre as serras do Mesio e de Alvão. Nas noites nevadas, as alcateias dos lobos descem à aldeia e cevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos currais; à míngua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lùgubremente e embrenham-se nas gargantas da serra, iludindo a fome com raposas ou gatos-bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-feras; ainda assim topei-as depois cá em baixo, nos ma-

Dois aspectos da Sala de Jantar da Casa Museu de Guerra Junqueiro, no Pôrto. *(Serões)*

tagais das cidades, tais e tantas que me erriçaram os cabelos».

Dois anos viveu assim Camilo, a cabritar nos penhascais daqueles êrmos, quando se não empasmaçava na contemplação da bravia paisagem de Vilarinho da Samardã, pobre e melancólico lugarejo adormecido, entre milharais e castanheiros, num silêncio que o borborinhar do Corgo nem sequer arrepia com o seu fio de água a correr, lá ao fundo, sôbre escuras pedras. Ali desabrochou o seu primeiro amor, de que nos deixou referência — Luísa se chamava *ela* — nos versos em que aludiu *(Um livro)* à «flor d'entre as fragas». Em 1840 volta a Lisboa. De novo, aí, a sua poesia incipiente consagra um furtivo idílio da adolescência: desta vez é Amélia o objecto do seu amoroso devaneio, a quem o lírico de dezasseis anos chama «a filha dos sonhos, a rival dos anjos». Em 1841, novamente em Vila-Real, acompanha sua tia a Friúme, pequeno lugar da freguesia do Salvador, no concelho de Ribeira de Pena, onde D. Rita tinha uma filha — Maria do Loreto — casada com o proprietário Francisco Ribeiro Moreira, ali residente. E em 18 de Agôsto dêsse ano — não tinha mais que dezasseis anos e cinco meses de idade — com dispensa de proclamas, casa na igreja paroquial da freguesia do Salvador da Ribeira de Pena com Joaquina Pereira ou Joaquina Pereira França, mais nova do que êle um ano, natural de S. Cosme de Gondomar, mas que ali vivia com seus pais. Pensava Camilo, ao que parece, levar sua mulher para o Pôrto, onde tencionava fazer os preparatórios exigidos pelos estudos superiores. O certo é que em 1842, a pedido do sogro, o negociante Sebastião Martins dos Santos, vai para o lugar da Granja Velha, da freguesia de Santa Marinha, a-fim de estudar latim com o P.e Manuel Rodrigues, mais conhecido por P.e Manuel da Lixa. Mas em virtude de uns versos chocarreiros contra uns noivos, que no próprio dia do casamento dêles apareceram afixados à porta da igreja, é Camilo forçado a ausentar-se precipitadamente da Granja Velha, incidente êste de que resultou inimisar-se com o sogro e quási se poder asseverar não ter chegado a fazer vida conjugal com Joaquina Pereira, de quem, aliás, houve uma filhinha nascida em 25 de Agôsto de 1843 (1). Em Outubro de 43 matricula-se no 1.º ano da Escola Médica do Pôrto e na aula de química da Academia Politécnica dessa cidade, indo então viver, com um condiscípulo, para a Rua Escura, «no bairro mais pobre e lamacento do Pôrto, um beco fétido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viela dos Pelames» (in *O general Carlos Ribeiro*, opúsc. publicado em 1884). Faz com aproveitamento os seus estudos e é aprovado em ambos os estabelecimentos. No ano seguinte inscreve-se na aula de Botânica da referida Academia e no 2.º ano do curso médico, mas perde-o por faltas. Entretanto, indo a Vilarinho de Samardã nas férias grandes dêsse ano de 1844, sabe, ao chegar ali, que um mês antes havia morrido uma rapariga de nome Margarida Maria Dias, mais conhecida e nomeada por Maria do Adro, a quem ternamente se afeiçoara durante a sua última estadia naquele lugarejo, entre Agôsto de 42 e Fevereiro de 43, com tão agreste oposição da irmã, do P.e António José de Azevedo e do marido dela, que, impacientado, dali saíra para Lisboa, onde estroinara alguns meses, até que sob a ameaça de ficar sem alimentos, cominatòriamente formulada pela família, tivera de se retirar de novo para o Pôrto, a recomeçar estudos. E uma noite, como quer que seu cunhado lhe propusesse irem os dois dessepultar um cadáver, pois carecia de um esqueleto para os seus estudos de anatomia, foi talvez Camilo quem alvitrou que êsse cadáver fôsse o da pobre Maria do Adro (2), inhumada na igreja local. Estava-se em Agôsto. Uma noite, trovejava medonhamente, meteram os dois mãos à obra macabra sem que os habitantes, aferrolhados portas a dentro, dessem pela profanação. Introduzindo-se no templo, ergueram a pedra tumular, desenterraram o corpo e levaram-no para a mina sêca do Refôjo, à beira das últimas casas do lugarejo, perto do Corgo, onde um campónio deu com êle na manhã seguinte, fugindo espavorido, e nas proximi-

Aspecto da sala de visitas da Casa-Museu de Guerra Junqueiro, no Pôrto.
(*Serões*. Artigo de Júlio Brandão)

(1) Recebeu no baptismo o nome de Rosa e morreu, com cinco anos incompletos, a 10 de Março de 1848, meses depois da mãi, cujo falecimento ocorrera em 25 de Setembro de 47.

(2) Maria do Adro falecera em 26 de Junho de 1844 e fôra sepultada, após ofício funebre de corpo presente, na igreja de Vilarinho da Samardã, a 27 desse mês. Sua mãi, Maria Dias, era viúva. Sua irmã chamava-se Mariana, e dela, ao que parece, ainda existem descendentes em Vila-Real.

dades da qual a irmã da morta, com espanto e terror, encontrou peças do vestuário com que ela havia sido dada à sepultura. O respeito que cercava a família do pároco tolheu qualquer violenta reacção popular sugerida pelo que a tôsca bonomia daquela supersticiosa gente sertaneja não poderia deixar de considerar um nefando sacrilégio. E no esconderijo onde haviam encoberto o cadáver da Maria do Adro puderam Camilo e o cunhado dissecá-lo, transportando depois para casa dêste os ossos, que por algum tempo ocultaram, num cêsto, debaixo do leito do P.e Azevedo, sem que aquêle os tornasse a ver, se em tudo é exacto o descritivo que do tétrico episódio fêz, treze anos mais tarde, nas já aqui citadas *Duas horas de leitura* (1).

Outro aspecto da casa-museu onde Guerra Junqueiro residiu no Pôrto. (Dos *Serões*)

De novo no Pôrto, onde por êsse tempo uma irrequieta roda de rapazes estoira-vergas e mais ou menos literatos, acabados figurinos da boémia romântica, que estabelecera quartel-general no Café Guichard, irritava com o seu janotismo, a sua irreverência e os seus escandalosos distúrbios no Teatro de S. João, a pacata burguesia da Praça Nova, salienta-se para logo, singularmente, Camilo em truculentas galhofas de letra redonda e amiudadas cenas de pancadaria, pela mordacidade e turbulência do seu temperamento desafiador.

«De 1846 a 1852 foi, no Pôrto — diz Magalhães Basto — a época do *folhetim*, uma espécie de Revista da Semana dos periódicos modernos, onde, com ironia, com mordacidade, se criticavam mais ou menos duramente os homens e os acontecimentos não só políticos mas também sociais. Os folhetinistas eram uns iconoclastas que transportavam para as colunas dos jornais a má-língua dos cafés. Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Ricardo Guimarães, notáveis prosadores, dedicaram-se com certo brilho a êsse género jornalístico. Evaristo Basto, seu inventor, foi porém um dos seus cultores mais célebres, seguido por Camilo que já então começava a revelar as suas inegualáveis qualidades de ironista, escritor e polemista». (*O Porto do romantismo*, p. 8). Por causa de uns artigos a-propósito do processo judicial de separação de pessoas e bens intentada pela baronesa do Bolhão contra seu marido, mais tarde conde do mesmo título, foi Camilo violentamente agredido à bengalada na Rua de Santo António, partindo a agressão de um dos membros da família Sousa Guedes. Muito ferido, Camilo defendeu-se a tiro. (*Ibidem*). No teatro de S. João, onde os admiradores das cantoras se batiam à mocada, apareceu Camilo, certa noite, com uma corneta da qual se serviu ruidosamente contra a cantora Dabedeille. Para se fazer uma ideia do que eram essas noites no teatro de S. João, basta dizer-se que a artista italiana Luísa Abbadia, em conseqüência das manifestações contra ela produzidas, enlouqueceu sùbitamente na noite de 3 de Maio de 1852. Da feição acirrantemente sarcástica que Camilo imprimia à sua colaboração folhetinesca é documento típico o seguinte trecho que recortamos de *O Nacional* de 15 de Outubro de 1849: «O Sr. Governador Civil está melhor, já fala — assim o anunciam os jornais desta cidade. Sua Ex.a havia sofrido uma operação no fundo das costas, o que dá a entender que é por ali que S. Ex.a emite os seus pensamentos...»

O duelo simulado que em 5 de Maio de 1845 Camilo combina e quási leva ao fim, na Tôrre da Marca, com o seu condiscípulo Freitas Barros, com o fito de achincalhar a pecha duelística então muito em voga na capital do norte, e, em especial, certa pendência por demais comentada em tôda a cidade, chama sôbre Camilo a atenção geral e até os mercadores da Rua dos Clérigos alegremente riem da petulante comédia dos dois rapazes ao depois historiada por Vieira de Castro e a que o próprio Camilo veio a referir-se, gracejando, nas suas *Noites de insónia*. Êsse mesmo propósito de chasquear o duelo impulsa-o ainda a compor anònimamente um poemeto satírico a que deu a epígrafe de *Pundonores desagravados*, que foi — estava-se, como já dissemos, em 1845 — o primeiro dos seus escritos públicos. Em 1845-46 estanceia Camilo em Coimbra, com moradia de escolar na Couraça dos Apóstolos, folgando, porém, muito mais do que estudando. Entrementes, sendo ainda viva a mulher com quem casara e de que nem parece lem-

(1) O rumor de que o cadáver da Maria do Adro fôra desenterrado correu em Vilarinho da Samardã e chegou aos ouvidos do P.e António José de Azevedo, que mostrou não lhe dar crédito. Mas certo dia, um cão, saindo de sob o leito do P. Azevedo com um fémur na bôca, fêz descobrir a existência das ossadas ali escondidas num cêsto. E só então, por imediata diligência daquele sacerdote, os despojos da Maria do Adro foram repostos na sepultura. (Vide *Os amores, os ciúmes e a graça de Camilo*, de António Cabral, pág. 21).

brar-se no tropel das suas aventuras, rapta em Vila-Real, para onde fôra em férias, uma moça de vinte anos, Patrícia Emília de Barros, que, orfã de pai e de mãi — José Joaquim de Barros e Ana Pereira de Sampaio —, ali vivia com sua tia, Rita Moreira, e seu irmão, José Júlio de Barros, fugindo com ela para o Pôrto onde projectava reatar estudos. Mas seu tio por afinidade, João Pinto da Cunha, no intento de obstar a êsse novo desvario de Camilo, apresenta contra êle uma queixa, da qual deriva os dois amantes — foi isto em Outubro de 1846 — serem presos na Cadeia da Relação, de onde ambos saíram, com ordem de soltura, após onze dias de cárcere (1). Também estes amôres, dos quais veio a nascer uma menina (2), foram de efémera dura no volúvel coração de Camilo, que, havendo regressado a Vila-Real com Patrícia Emília de Barros, desandara logo para Coimbra. Mas, fechada a Universidade em 11 de Maio de 46 por causa da revolta da Maria da Fonte — generalizara-se no norte o estado revolucionário incendido no Minho por aquela sedição popular anti-cabralista —, Camilo regressa a Vila-Real, e aí, em parte talvez para ganhar as boas graças de sua tia D. Rita e do marido dela, esturrados legitimistas, berra de cima do balcão na lojeca do Zé da Sola as proclamações do padre Casimiro e corre a incorporar-se na coorte do general Mac Donell, que, desbaratado em Braga pela tropa do barão e depois conde do Casal, fugira dali em direcção a Amarante com cêrca de trezentos homens armados e alguma gente que, mesmo sem armas, se abandonara aos insurrectos. Seguiu-os Camilo, mais por estouvamento do que por convicção, até perto de Vila Pouca de Aguiar, após os oito dias que êles estacionaram em Vila-Real. Aí, como se aproximassem fôrças do visconde de Vinhais, que, no encalçe dos revoltosos, conseguiram apertar-lhes o cêrco, o improvisado guerrilheiro, vendo a causa perdida, retirou para Vilarinho de Samardã, e, de seguida, para Vila-Real, onde, pouco depois, abancava — feito amanuense — na secretaria do govêrno civil. Não lhe sofria, porém, o ânimo o acomodar-se a uma vida tranqüila. E, assim, envolvendo-se nas tricas e dissenções da política local, logo escreveu para *O Nacional*, do Pôrto, duas correspondências visando o governador civil do distrito, José Cabral Teixeira Morais, que, irritado, o mandou espancar por um dos seus apaniguados, um tal *Olhos de Boi*, em 14 de Agôsto de 1847. Em Outubro de 1848, uma noite, na estrada que vai de Vila-Real para a da Alfarela, perto da aldeia de Fermentes, foi assassinado com uma foiçada um indivíduo de nome Manuel Pereira Cardoso, que tinha grandes parecenças físicas com Camilo, e, acompanhado por um tio dêste, ia de caminho para a feira de Justis. Camilo, que para furtar-se a um violento atentado, cuja premeditação lhe tinha sido denunciada, procurara ocultar-se em Covas do Douro, persuade-se, ao saber do crime, de que o assassínio do Cardoso fôra perpetrado por engano, não tendo sido senão êle próprio a pessoa a quem os salteadores, iludidos pela semelhança e pela circunstância de o acompanhar seu tio, haviam querido abater, e decide, mais uma vez, partir para o Pôrto e aí fixar-se.

Casa Guerra Junqueiro (Pôrto, R. St.ª Catarina, 1018), recanto da Sala D. João V.

De 1848 — e editado no Pôrto sem indicação de autor — é o poemêto satírico *A murraça* originado num pitoresco conflito de clérigos da Sé do Pôrto, assim como o folheto *Maria, não me mates, que eu sou tua mãi!*, relato igualmente anónimo de um repugnante crime praticado em Lisboa, cuja notícia fizera sensação em todo o país, motivo por que teve grande êxito, havendo Camilo recebido em patacos o produto da larga venda obtida pela narrativa tracejada nos moldes da literatura de cordel (3).

Não tarda que de novos conflitos se torne protagonista.

Apaixonado por uma senhora da alta roda portuense, D. Maria Felicidade do Couto Brown, — casada com o negociante de vinhos Manuel de Clamouse Brown — que sob o pseudónimo de *Soror Dolores* cultivava a

(1) Camilo e Patrícia Emília de Barros deram entrada na cadeia da Relação do Pôrto em 12 de Outubro de 1846 e saíram de lá em 23 do mesmo mês. Equivocando-se, como acontece quási sempre que rememora factos da sua mocidade, diz Camilo nas *Memórias do Cárcere* que estivera ali sete dias. Foram onze.

(2) Bernardina Amélia Castelo Branco, que nasceu em Vila-Real a 25 de Junho de 1848 e veio a falecer, com oitenta e três anos, no Pôrto, em 21 de Agôsto de 1931. A mãi dela, Patrícia Emília de Barros, que depois de Camilo a ter abandonado travou relações íntimas com um indivíduo de Vila-Real, de nome Francisco José Claro, do qual teve também filhos, falecera naquela cidade, com sessenta anos de idade, em 15 de Fevereiro de 1885.

(3) Do crime que Camilo narrou no seu folheto foi protagonista uma Maria José do Rosário, argüida de, por conselho do amante, ter assassinado sua própria mãi, Matilde do Rosário da Luz, com ela moradora na travessa das Freiras, 17, em Lisboa. Segundo a acusação — que Tomaz Ribeiro, no jornal *O Imparcial* de 16 de Maio de 1889, declarou ter sido falsamente feita contra a suposta matricida — a Maria José, depois de haver morto a mãi à facada, teria esquartejado o cadáver e enterrado a cabeça em casa, indo lançar o resto do corpo, despedaçado, na via pública.

poesia e em cujos salões se efectuavam brilhantes festas mundanas a que Camilo não faltava, braceja em sucessivo pugilato com um dos filhos da referida dama, o célebre *dandy* Ricardo Brown, que num duelo à espada, que pôs remate à contenda, fere Camilo numa perna. Molestada pelas censuras com que a opinião pública assoalhava o acolhimento dado por ela à côrte que Camilo lhe fazia sem reservas, resolve D. Maria Felicidade do Couto Brown dar têrmo aos galanteios do escritor, que, exasperado, tenta então suïcidar-se com grãos de morfina. Mas essa tentativa frustram-na dois dos seus íntimos amigos: Manuel Nicolau Osório Pereira Negrão e José Augusto Pinto de Magalhães. Foi isto em 1849, ano em que Camilo dedicou a D. Maria Felicidade o seu drama *O Marquês de Tôrres Novas*.

Saindo do Pôrto foi Camilo hospedar-se em Santa Cruz do Douro, no concelho de Baião, na casa de Lodeiro, propriedade de José Augusto Pinto de Magalhães, e ali se demorou alguns meses.

Em fins de 49 regressa ao Pôrto. E, para logo, outros amores cativam o versátil e insatisfeito coração de Camilo. Desta vez o alvo dos seus afectos, que sem tardança correm nas murmurações escandalizadas da cidade, é a freira professa Isabel Cândida Vaz Mourão, do convento de S. Bento da Avè-Maria, em cujos «outeiros» comparecia Camilo com a roda de poetas e literatos de que fazia parte. Dizia-se que fôra visto, uma noite, escalar o muro da cêrca . . . (1).

Casa Guerra Junqueiro: Sala de Jantar

Casa Guerra Junqueiro: Sala denominada «Catedral»

Por essa época eram os bailes o divertimento predilecto da sociedade portuense que, renunciando aos usos e costumes tradicionais da velha burguesia mercantil, nobilitada com títulos de fresca data e enriquecida com o espólio da antiga fidalguia destronada pela queda do velho regímen, de certa maneira se substituia à velha nobreza decaída da sua situação de predomínio (2).

Nunca nêles faltava a plêiade de peraltas e namoradores, de que Camilo era uma das figuras mais salientes, com todo o romântico prestígio não menos granjeado pelas suas aventuras do que pela sua pena.

Exactamente como o seu amigo José Augusto Pinto de Magalhães, que anos depois veio a morrer em Lisboa, pouco sobrevivendo à loira e vaporosa Fanny Owen, estiolada pela tísica após um estranho e pungido romance de amor, foi também num baile que Camilo encontrou a sua «mulher fatal», aquela que havia de ser a grande, a dolorosa, a imortal paixão da sua vida: Ana Augusta Plácido (3). Filha do negociante António José Plácido Braga e de Ana Augusta Vieira Plácido, sua mulher, Ana Augusta Plácido nascera no Pôrto, onde residia com os pais na Praça Nova, e não perfizera ainda dezanove anos,

(1) Nesse convento, que pertencia à ordem beneditina e estava situado onde se edificou a actual estação central dos caminhos de ferro, esteve, como educanda, a expensas de Camilo, e muito acarinhada pela freira Isabel Cândida Vaz Mourão, a filha natural do escritor, Bernardina Amélia Castelo Branco, que dali saiu aos dezassete anos de idade para casar com o capitalista António Francisco de Carvalho. Esse consórcio, que a freira auxiliou, tendo sido ela própria que para a sua realização solicitou por escrito, da mãi daquela menina, a autorização a que Camilo se escusara alegando a grande diferença de idades dos noivos, efectuou-se na igreja de Valbom, nos arredores do Pôrto, em 28 de Dezembro de 1865.

(2) Não eram só os Cirnes, os Alpoins, os Alcoforados, os Alvelos, os Brown que davam bailes de espavento. Deixaram fama os que no seu palácio deu também António Alves Sousa Guimarães, em 1855 agraciado com o título de conde do Bolhão, a um dos quais assistiram D. Maria II e D. Fernando. O próprio conde do Casal, comandante da divisão, dava recepções que, por via de regra, findavam com um baile. Eram igualmente muito animados e de grande luzimento os bailes promovidos pela Assembleia Portuense, do qual nasceu, em resultado da dissidência surgida entre os seus associados, o Club Portuense, que ainda hoje existe. Quanto aos títulos e condecorações liberalmente distribuídos pelo novo regímen, e de que a burguesia portuense houve farto quinhão, diz Artur de Magalhães Basto, a pág. 68 do seu já aqui citado livro *O Pôrto do Romantismo*, que só em 1848, sendo ministro do reino o duque de Saldanha, foram concedidas 667 mercês honoríficas: grã-cruzes, comendas, hábitos de Cristo, cartas de conselho, baronatos, viscondados, etc., etc.

(3) Foi num baile da Assembleia Portuense que Camilo viu, pela primeira vez, Ana Augusta Plácido, ainda então solteira.

pois nascera a 27 de Setembro de 1831. Tinha irmãs, uma das quais morreu muito nova, e era uma das mais inteligentes, cultas e formosas mulheres portuenses daquela época.

Em 27 de Setembro de 1850, precisamente no dia em que completava dezanove anos, lavrava-se no cartório do tabelião João de Almeida Pinto e Silva a escritura dotal de Ana Augusta Plácido, cujo casamento, ajustado com o capitalista Manuel Pinheiro Alves, sem nenhum aparato mundano se efectuou no dia seguinte, pela tarde, na capela da quinta de Vilar de Alen, em Campanhã, com autorização do prelado portuense, que igualmente concedeu a solicitada dispensa de proclamas (1). Era um consórcio de conveniência, resolvido pelos pais da noiva sem ter em conta a vontade dela, que, em plena mocidade, foi assim obrigada por obediência filial a aceitar como marido um homem em quem nunca teria recaído a sua escôlha (2). Amargurado, foge Camilo do Pôrto para Lisboa onde compõe o seu primeiro romance, *Anátema*, do qual, antes de em 1851 ter aparecido em volume, saíram capítulos na revista literária *A Semana*, fundada por João de Lemos. Mas logo a 7 de Outubro regressava, por mar, ao Pôrto, onde, de 21 a 24, glosa motes no último «outeiro» efectuado por motivo da reeleição da abadessa, D. Ana Delfina de Andrade, no convento de S. Bento da Avè-Maria, consoante então noticiaram os jornais portuenses. É ainda nesse ano de 1850 que Camilo se matricula nas aulas de teologia dogmática e moral, que funcionavam no paço episcopal do Pôrto, como aluno do seminário diocesano. O que teria influído em seu ânimo para o levar a êste passo não no-lo deixa apurar a misteriosa e complexa psicologia de Camilo. Dizia-se então que fôra o exemplo do Dr. Câmara Sinval, lente da Escola Médica do Pôrto, que, já entrado em anos, tomara ordens sacras, e para cujos sermões fêz Camilo um prefácio, mais tarde reproduzido nos *Esboços de apreciações literárias* (1865). Mas no livro *A divindade de Jesus*, igualmente dado à luz em 1865, entretecido com artigos de apologética estampados nos semanários *A Cruz* e *O Cristianismo*, dirigindo-se ao visconde de Azevedo (3), que lho prefaciou, escreve Camilo:

Não sei se foi algum ingente infortúnio que me fêz aliviar o pêso da minha

D. Filomena Guerra Junqueiro e Guerra Junqueiro (De uma moldura da casa de D. Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho).

(1) Os pais de Ana Plácido dotaram-na com 3.200$000 rs. e Manuel Pinheiro Alves com 8.000$000 rs. Pela integração do cartório do tabelião Almeida Pinto no do notário Maia Mendes, também no Pôrto, passou aquela escritura para os arquivos dêste. (Vide *Memórias do tempo de Camilo*, por Alberto Pimentel, 1913, pág. 58, nota). Uma pública-forma dela, segundo igualmente informa Alberto Pimentel na obra citada, encontra-se a fls. 27 e seguintes dos autos de inventário, realizados por morte de Manuel Pinheiro Alves, no cartório do escrivão Alípio Guimarães, em Vila Nova de Famalicão.

(2) Manuel Pinheiro Alves contava 43 anos, pois nascera a 23 de Abril de 1807. A sua fortuna, avaliada em oitenta contos, assegurava-lhe vida desafogada e até abastança. Era natural do lugar do Souto, da frèguesia de S. Miguel de Seide, filho de António Pinheiro Alves e de Ana Maria Machado, que ali viviam numa modesta casa, a qual, quando seus pais lhe fizeram doação dela, com o encargo de dar as tornas aos irmãos, êle mandou reedificar, levantando-lhe dois andares. Num diário íntimo, escrito pelo punho de Ana Plácido, sob a epígrafe *Folhas de um album*, pela primeira vez publicado no livro *Trinta anos em Seide*, da autoria de D. Raquel Castelo Branco, uma das duas filhas de Nuno Castelo Branco e de Ana Rosa Correia, e, portanto, neta de Camilo, livro dado a lume em 1925, lê-se esta referência de Ana Plácido ao seu primeiro marido, escrita a 27 de Setembro de 1860, no dia em que completava 29 anos: «Sacrificada a um homem repelente, que só me inspirava aversão, vi os meus anos mais belos passarem-se tristes e na solidão forçada a que me condenaram. Sete anos resisti ao cancro devorador, sete anos me conservei prêsa dum desejo m.mo de transgredir a lei de Deus que me dava por marido o último dos homens que eu aceitaria de bom grado».

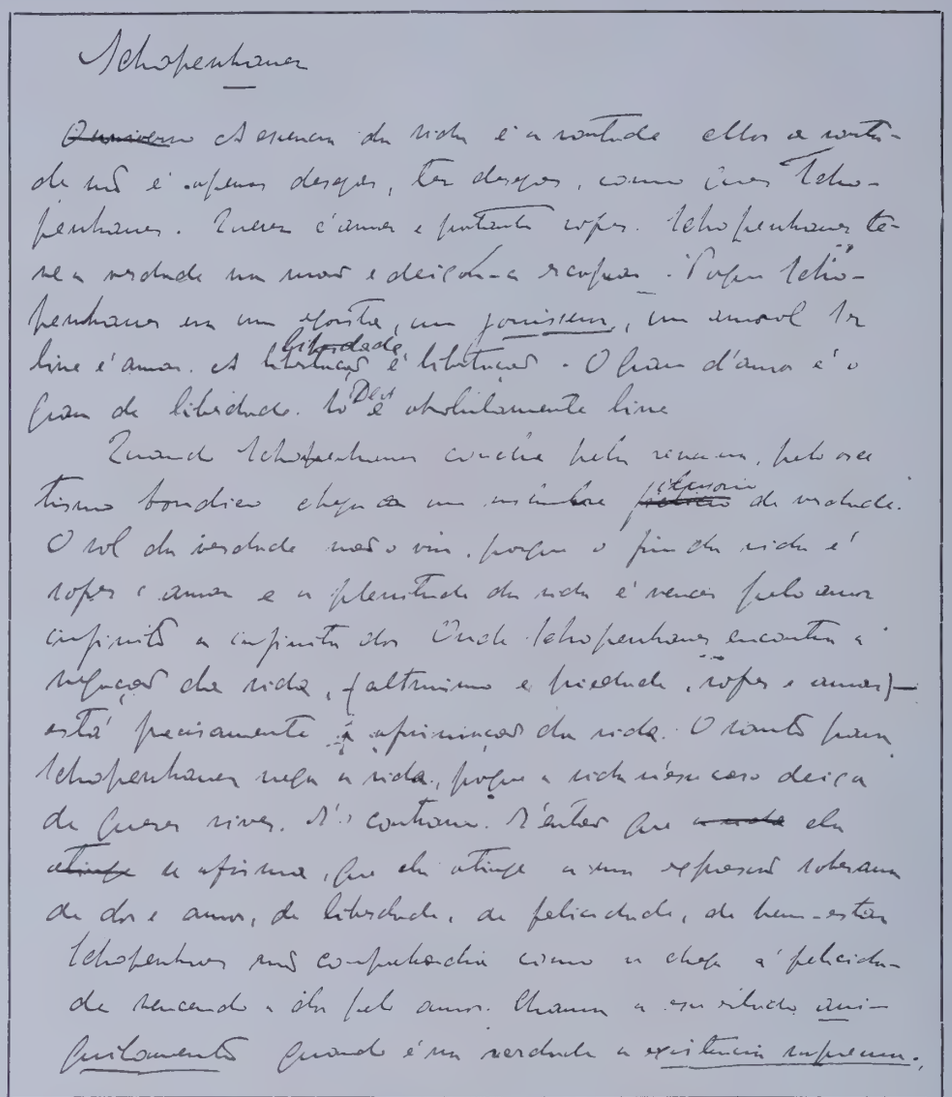
(3) O visconde de Azevedo — por carta régia assinada por D. Maria II, em 19 de Agôsto de 1846 — era um fidalgo da mais remota linhagem do reino, 29.º senhor da casa solar de Azevedo, 13.º senhor do morgado de Pouve, do solar dos Pinheiros, em Barcelos, do solar de Marrancos, etc. Chamava-se Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barbosa Pinheiro Pereira de Sá Coelho, e contava, à data da publicação da *Divindade de Jesus*, 56 anos, por isso que nascera a 21 de Fevereiro de 1809. Tendo-se envolvido na guerra civil como comandante de um batalhão de voluntários legitimistas em Viana do Castelo, e depois como chefe de uma brigada, que, fazendo parte da divisão do general Gouveia Osório, se encontrava em Campo Maior quando da convenção de Évora-Monte, recolheu-se ao seu solar de Azevedo após a retirada de D. Miguel — não sem que por algum tempo se houvesse imiscuido na degladiação das facções liberais — e ali se dedicou ao estudo, ora manuseando velhos calhamaços genealógicos, ora traduzindo Vergílio, tendo também publicado diversos trabalhos e colaborado com Inocêncio na redacção do *Dicionário bibliográfico*. Camilo, que na intimidade se ria das veleidades eruditas e literárias do fidalgo, lisongeava-o, lá sabia porquê, e estampou a *Divindade de Jesus* com um prefácio dêle. O visconde de Azevedo, que em 1876, dias antes de falecer, foi feito conde do mesmo título, legou muitos dos seus manuscritos à Biblioteca Municipal do Pôrto, e a maior parte dos seus bens — à sombra da liberdade de tes-

cruz ao pé da cruz do Homem Deus: devia de ser; umas quasi delidas reminiscências do coração daquela idade me dizem que foi. O apêrto da dor espertou-me na memória as orações da infância.

Linhas abaixo diz Camilo:

Contava com a graça divina para lutar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexorável inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de maus sedimentos. Volvi às angústias antigas, às trevas duma cegueira, em que, por vezes, umas visões, como os lampejos dos amorothicos (sic), *me davam rebates de saüdade da luz perdida.*

Com o matemático Pedro de Amorim Viana, que em 66 publica a sua *Defesa do racionalismo ou análise da fé*, e ao tempo redigia o jornal *A Peninsula*, trava Camilo acêsa polémica retorquindo-lhe no semanário *O Cristianismo*. Pensa abraçar a vida eclesiástica. Mas a insanável inquietação do temperamento, fustigado por aquelas paixões, que no seu dizer sopravam rijas do lado do inferno, não o deixa freqüentar com regularidade a aula do cónego António Roberto Jorge, por alcunha *O Bico*. Em 1852, no entanto, impetra do Bispo D. Américo o ser admitido a exame, e, no caso de ficar aprovado, os quatro graus das ordens menores, petição esta que o prelado favoràvelmente despacha em 13 de Maio de 1852, tendo Camilo sido examinado e admitido à tonsura em 17 dêsse mês (1). Mas da decisão de se fazer padre depressa abdica Camilo, que através dos seus pruridos religiosos não esquece Ana Plácido. Sempre residindo no Pôrto, volta a escrever folhetins em *O Nacional*, firmados uns com o seu nome, outros sob o disfarce de qualquer pseudónimo. Em 16 de Setembro inicia a publicação do semanário *A Cruz*, poucos dias depois de ter principiado em *O Nacional* o seu novo romance *Os mistérios de Lisboa*, cuja publicação, por algum tempo suspensa, se reatou a 29 de Agôsto de 54. A existência de Camilo, embora êle continue imbuído de preocupações religiosas, de certo modo volta a ser o que tinha sido.



Schopenhauer

A essencia da vida é a vontade. Mas a vontade não é apenas desejar, ter desejos, como quer Schopenhauer. Querer é amar e portanto sofrer. Schopenhauer teve a verdade na mão e deixou-a escapar. Porque Schopenhauer era um egoista, um jouisseur, um amoral. Ser livre é amar. A liberdade é libertação. O grau d'amor é o grau de liberdade. Só Deus é absolutamente livre.

Quando Schopenhauer conclue pela renuncia, pelo ascetismo boudico chega a um vislumbre ilusorio da verdade. O sol da verdade não o viu, porque o fim da vida é sofrer e amar e a plenitude da vida é vencer pelo amor infinito a infinita dor. Onde Schopenhauer encontra a negação da vida, (altruismo e piedade, sofrer e amar) — está precisamente a afirmação da vida. O santo para Schopenhauer nega a vida, porque a vida n'esse caso deixa de querer viver. É o contrário. É então que ela se afirma, que ela atinge a sua expressão soberana de dor e amor, de liberdade, de felicidade, de bem-estar. Schopenhauer não comprehendia como se chega á felicidade vencendo a dor pelo amor. Chama a esse estado aniquilamento quando é em verdade a existencia suprema.

Inédito de Guerra Junqueiro do seu livro *Pensamentos à margem de uma filosofia*. Comunicado por sua filha D. Maria Isabel.

tar instituida pelo liberalismo — a sua sobrinha Maria Cândida Falcão Cota de Bourbon e Menezes, casada com Francisco Barbosa do Couto Cunha Sotomaior, proprietário em Estarreja, que veio a ser padrinho de baptismo do autor dêste trabalho, de quem aquela senhora era tia.

(1) Vide *O romance do romancista*, por Alberto Pimentel, pág. 171 e seguintes.

CAMILO CASTELO BRANCO

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro
reproduzida do N.º 24 do "Album das
Glorias", Janeiro de 1882

Em Junho de 53 aparece glosando motes no abadessado que por motivo da eleição da prioreza se realiza num mosteiro de dominicanas em Vila Nova de Gaia. Freqüenta o teatro de S. João. Verseja também. Manda vir de Trás-os-Montes sua filha Bernardina que, no ano seguinte (1855), entra como educanda no convento de S. Bento da Avè-Maria. Por essa altura, sempre numa roda de rapazes janotas, o seu amigo dilecto — e por certo tempo companheiro de hotel — é Ricardo Guimarães, mais tarde visconde de Benalcanfôr. Continua a escrever. Em 1861 sai a lume o seu romance *Onde está a felicidade?* em cuja urdidura há reminiscências dos amores que teve com uma costureira, no Candal. E do mesmo ano é também *Um homem de brios*, continuação daquele. Está agora Camilo em plena ascensão literária. O seu nome ganha admirações decisivas. O próprio Herculano, que de viseira descida acolhera as suas primeiras produções, rende homenagem ao talento vibrátil do novo escritor, que não tardaria a propor sócio correspondente da Academia (1). Nesse ano de 1856 morre D. Ana Augusta Vieira Plácido, mãi de Ana Plácido (2). Em meados de 1857, sentindo a saúde muito abalada, e sempre torturado pela paixão de que nenhuma aventura consegue distraí-lo, parte Camilo para Viana do Castelo, e num dos arrabaldes dessa cidade, em S. João de Agra, escreve *Carlota Angela*. Regressa ao Pôrto, não cessa de escrever e relaciona-se com Vieira de Castro. Em Abril de 58 sai a público o romance *Vingança*, que dedica a António Ferreira Quiques, modesto guarda-livros, cujo nome, de envôlta com o de Ana Plácido, fizera o giro das conversações nos cafés onde se assoalham os escândalos e *racontars* do burgo (3). Em fins dêsse ano, tendo vagado o lugar de 2.º bibliotecário da Câmara Municipal do Pôrto tenta obter a sua nomeação para êsse cargo, mas a pretensão malogra-se, a despeito do patrocínio de Herculano. Pensa, então em exilar-se no Brasil e alcança ser nomeado adido honorário à legação de Portugal no Rio de Janeiro (4). Desiste logo dêsse projecto. Ana Plácido, finalmente, cede às rogativas do seu apaixonado, e, com um filho de Manuel Pinheiro Alves, abandona o lar conjugal a-fim de se juntar a Camilo, que, no segrêdo desta decisão, alugara casa em Cedofeita para a receber. A atmosfera da cidade, por hostil aos dois amantes, força-os, porém, sem tardança, a refugiarem-se em Lisboa. Mas em Julho de 1859 estão de novo no Pôrto, desta vez hospedados num hotel. Nos últimos meses dêsse ano é assídua a colaboração de Camilo na imprensa portuense. O sustento próprio e o de Ana Plácido obrigam-no a duro esfôrço para ganhar o pão de ambos. Entretanto, anuindo a uma proposta de Manuel Pinheiro Alves, recolhe Ana Plácido ao convento da Conceição, em Braga. Mas Ana Plácido não se demora ali. Convencida por Camilo, escapa-se do convento, e, de trem, abala para Famalicão, onde Camilo a espera; e logo reaparecem no Pôrto aboletados numa casa de hóspedes da Rua da Picaria. Dali saem para a Foz. A 22 dêsse ano de 1859, Manuel Pinheiro Alves faz instaurar processo-crime por adultério a sua mulher e a Camilo, constituindo-se parte acusadora. O Juiz do 1.º distrito criminal do Pôrto, por onde o processo tem

GUERRA JUNQUEIRO LAVRADOR

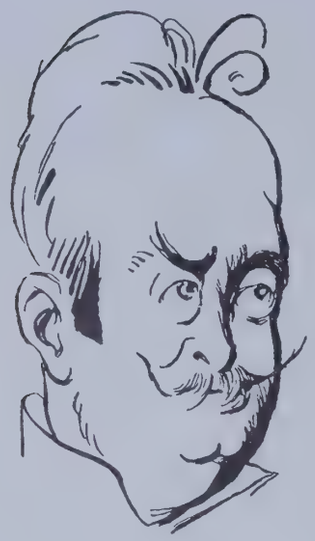
Na sua casa de Barca d'Alva, quinta da Batoca, Guerra Junqueiro fotografa-se com sua espôsa, suas duas filhas, D. Maria Isabel e Júlia, o Dr. Pittaluga, hóspede de G. Junqueiro, e os inglêses da firma Cockburn, Smiths & C.ª, compradora do vinho das suas propriedades.

(1) A eleição de Camilo como sócio correspondente da Academia Real das Ciências foi proposta por Herculano na sessão de 28 de Outubro de 1858 e aprovada na de 9 de Dezembro do mesmo ano em face de parecer favorável assinado pelos dois académicos incumbidos de tal formalidade: Rodrigo José de Lima Felner e Dr. Levi Maria Jordão. Embora subscrito pelos dois Académicos, o parecer foi todo do punho de Herculano e contém êste período: « São já conhecidos tão vantajosamente os escritos do sr. Camilo Castelo Branco, demonstram tanto engenho e fecundidade tão singular, e gosam de popularidade tão geral, que seriam sobejas tôdas as considerações que se fizessem a êste propósito ».

(2) O pai de Ana Plácido morrera anos antes: no naufrágio do vapor *Pôrto*, ocorrido na barra do Douro em 29 de Março de 1852.

(3) Esta dedicatória da 1.ª edição da *Vingança* — que nas subseqüentes suprimiu-a o romancista — a uma pessoa sem nenhum relêvo social ou intelectual foca, por maneira bem expressiva, a estranha psicologia de Camilo. Tendo sabido que Ana Plácido escrevera cartas de carácter amoroso a determinado indivíduo, quis estampar o nome dêsse homem, vingando-se assim do que reputava uma traição e um ultrage da mulher amada. A êste caso se refere com certa minúcia o Dr. António Cabral, a pág. 45 e seguintes, do seu livro *Os amores, os ciúmes e a graça de Camilo*.

(4) Alberto Pimentel, a pág. 227 de *O romance do romancista*, e a pág. 208 de *Os amores de Camilo*, assevera que esta nomeação se fêz por decreto de 8 de Agôsto de 1855. O Dr. António Cabral, que o rebuscou no *Diário do Govêrno* dêsse ano, não deu com êle. Mas na nota inserta a pág. 113 do *Camilo desconhecido* afiança também haver sido feita a nomeação.



GOMES LEAL
Máscara por Leal da Câmara.

de correr seus trâmites, é o dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, pai de Eça de Queiroz, que se nega à pronúncia dos argüidos, mas o Tribunal da Relação do Pôrto ordena-a. Ana Plácido e Camilo, que haviam volvido ao Pôrto, retiram, então, por mar, para Lisboa. Mas a 26 de Março de 1860 é Ana Plácido pronunciada sem admissão de fiança e, embarcando no vapor *Lusitânia*, oculta-se no norte, talvez em S. Miguel de Seide, aonde Camilo, que se deixara ficar em Lisboa, vai ter com ela. Por despacho judicial de 5 de Maio, é Camilo, por sua vez, pronunciado. Desaparece do Pôrto, onde a essa data novamente se encontrava. A 6 de Junho, Ana Plácido é prêsa no Pôrto e dá entrada na cadeia da Relação. Camilo acoita-se em Vila Real, onde bem pouco se demora. Torna ao Pôrto para logo se dirigir a Guimarães, de onde segue para as Taipas, e dali para Fafe, em cujas cercanias Vieira de Castro possuia uma quinta que lhe serve de guarida. Em 1 de Julho desanda de novo para Vila-Real. A polícia procura-o. Camilo, sabendo-o, não tem um dia de sossêgo. É como um lobo acossado. No dia 3 sai de Vila-Real para Vilarinho da Samardã, mas na mesma noite volta a Vila-Real e dali segue para Amarante, sem que aí se demore talvez mais do que algumas horas. Parte novamente para Guimarães e de lá para a quinta de Briteiros, propriedade do arqueólogo Francisco de Morais Sarmento. Vai ao Bom Jesus. E, de novo, a Vila-Real. Em Setembro está outra vez no Pôrto, onde, pelo espaço de quinze dias, movida por influência de amigos do escritor, a polícia finge ignorá-lo. No dia 1 de Outubro de 1860, finalmente, Camilo apresenta-se à prisão e dá entrada na cadeia. Eram seis horas e meia da tarde. Corridos os ferrolhos do cárcere, abre o baú que levara consigo cheio de livros e folheia-os. Não consegue serenar. Chupa cigarros sôbre cigarros. Pela madrugada começa, porém, a traduzir *L'Art d'être heureux*, de J. Droz. O trabalho literário passa a ser o único lenitivo da pêrda da liberdade. Escreve, escreve sempre, febrilmente! Os jornais do Pôrto inserem escritos do romancista a ferros. Em Novembro de 1860 e em Agôsto de 1861, tendo ido ao Pôrto, D. Pedro V de ambas as vezes visita a cadeia da Relação e troca com Camilo algumas palavras em tom de bondosa deferência [1].

GOMES LEAL
Máscara por C. Craveiro.

O romance de um homem rico foi, pelo menos em parte, feito na prisão. A pena de Camilo não para. Mas a grande obra que mais do que tudo assinala a trepidante actividade de Camilo no cárcere é o *Amor de Perdição*, escrito em quinze dias, «os mais atormentados da minha vida» — no próprio dizer do romancista. Mas o penoso esfôrço derranca-lhe a saúde; e os olhos, sobretudo, ressentem-se da aplicação continuada. Os primeiros sintômas da enfermidade que se transformaria em tortura inquietam-no ali. Em 10 de Maio de 61 recusa-lhe o Supremo Tribunal de Justiça a revisão, por êle requerida, do acórdão da Relação do Pôrto que ordenara a sua pronúncia. Mas em 15 de Outubro é julgado com Ana Plácido, estando a defesa a cargo do notável causídico Marcelino de Matos, e no dia seguinte o tribunal torna pública a sentença que os absolve, saindo os presos, imediatamente, em liberdade. Sentindo que o ambiente lhes é ali desfavorável [2], saem pouco depois para Lisboa os dois amantes, entregando-se logo Camilo à mais intensa actividade literária. Estão sem recursos. O pão de cada dia necessário se torna ganhá-lo a bico de pena. A 18 de Abril de 61 escreve Camilo, aludindo ao esfôrço exaustivo a que está condenado, dirigindo-se a José Gomes Monteiro, publicista portuense:

Escrevo romances, e que remédio senão escrevê-los sempre?! Em Lisboa tenho editor que paga o volume a 144$00 réis. Se dentro de um ano me não pagarem a propriedade de cada vol. a 50 libras, creio que abrirei uma tenda, e acabarei tranqüilo, honrado e estúpido, como convém.

Nêsse ano publica *Abençoadas lágrimas*, a comédia *O morgado de Fafe*, o livro de novelas *Doze casamentos felizes*, seis ou sete das quais escrevera na prisão, assim

---

(1) Em Fevereiro de 1861, como corresse no Pôrto o boato de que D. Pedro V mandara entregar a Camilo dois contos de reis, dirigiu o escritor ao *Comércio do Pôrto*, em 11 daquele mês, a seguinte carta: «Snr. Redactor — Muita gente me tem perguntado por dous contos de reis, que mandou dar-me o Snr. D. Pedro V. Pessoas circunspectas acolheram e divulgaram o boato, comentando-o de diversos modos, mas nenhum lisongeiro para mim.

«Eu creio que o Snr. D. Pedro V é infinitamente delicado, e só dá esmolas a quem lhas pede. Quando S. M. me fêz a honra de perguntar, na cadeia, em que me ocupava, respondi a S. M.: *que trabalhava.* Ou o Snr. D. Pedro V entendesse que eu me ocupava em chapeus de palha, ou em romances, ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava definida para o inteligente Monarca: o homem que trabalha não pede nem aceita esmolas; e, se a pedisse ao ínfimo dos reis, julgar-se-ia tão humilhado como se a pedisse ao último dos homens.

«A cousa é outra. Há muita gente que se diverte comigo. É bem feito, porque eu também me divirto com muita gente. Rogo a V. a publicidade destas linhas. — De V., etc. — (a) *Camilo Castelo Branco.* Pôrto, cadeia da Relação, 11 de Fevereiro de 1861».

(2) Vieira de Castro fizera em letra redonda a mais veemente defesa de Camilo. Mas não lograra dissipar, a favor de Camilo e Ana Plácido, a animadversão quási geral da opinião pública. Pode mesmo asseverar-se que essa defesa a acirrara ainda mais.

como *O romance de um homem rico*, igualmente escrito na cadeia da Relação do Pôrto. Em 62 publica Ana Plácido o seu livro *Luz coada por ferros;* e dá a lume Camilo, entre outros livros, as *Memórias do Cárcere* e o *Amor de Perdição*, pungente romantização de um drama familiar do qual fôra protagonista seu tio Simão Botelho, morto no degrêdo, e que o romancista dedica, com delicadeza pouco menos que subserviente, a Fontes Pereira de Melo. Seu filho Jorge nasce-lhe, em Lisboa, a 26 de Junho de 63. Extenuado pelo trabalho, Camilo adoece e repousa por algum tempo em Belas, mas, não experimentando decisivas melhoras, dá entrada na casa de saúde do inglês Phillip Dart, no Largo do Monteiro, e daí escreve, a 23 de Junho, a dedicatória ao P.e António de Azevedo do romance *O bem e o mal*. Estava ainda ali quando em 15 de Julho morre, em Famalicão, Manuel Pinheiro Alves. Logo a 25 chega Ana Plácido ao Pôrto, a bordo do vapor *Lusitânia*, a-fim de liquidar a herança de seu marido. Várias obras assinalam a incessante actividade de Camilo nêsse ano de 1863. Mas em 64, após uma visita ao Bom Jesus, já está em S. Miguel de Seide, na casa que Pinheiro Alves reedificara e por herança coubera a seu filho Manuel, que Ana Plácido levara consigo para junto de Camilo (1). Aí nasce, a 15 de Setembro, seu segundo filho, Nuno. Desloca-se pouco depois para o Pôrto, onde igualmente faz moradia em um prédio sito na R. do Almada, que fôra de Manuel Pinheiro Alves, e, por fazer parte dos bens do casal, coubera por herança a Ana Plácido. Em 6 de Janeiro de 65 baptiza os filhos na igreja da Vitória, toma parte, ao lado de Guilherme e Alexandre Braga (pai), em vários comícios eleitorais a favor da candidatura do advogado Custódio José Vieira, revelando predicados de orador. Deambula daqui para ali, como se não tivesse sossêgo em parte alguma e a febre da produção literária já não bastasse para o aturdir. Na realidade, esmorecida, na satisfação da conquista, a desapoderada paixão que Ana Plácido tivera o feitiço de despertar nêle, experimenta o imenso fastio da saciedade. Um ao outro amargamente se recriminam já os dois amantes, a quem a sociedade, ofendida nos seus conceitos mais inveterados, repele como endemoninhados, e o demónio do ciúme chega, por algum tempo, a separar (2). Entre tanto, data de Leça de Palmeira, onde se encontrava a 27 de Setembro de 65, a dedicatória, a António Rodrigues Sampaio, do seu picaresco romance *A queda de um anjo*, no qual satiriza Aires de Gouveia, com quem tivera anos antes uma ruidosa requesta no Pôrto. A 25 de Dezembro dêsse ano de 65, casa no Pôrto, com o capitalista António Francisco de Carvalho, sua filha Bernardina, que estivera a educar no convento de

Gomes Leal no seu período revolucionário
(Da colecção de Gomes Monteiro).

(1) Dos bens do casal faziam parte, além da casa de S. Miguel de Seide, que Camilo viria a tornar célebre, três prédios no Pôrto, um dos quais, na frèguesia de Miragaia, herdado de seus pais por Ana Plácido. Os outros dois eram propriedade de Manuel Pinheiro Alves. Em Braga também o casal possuia uma morada de casas na Praça do Rossio, que era foreira de Estêvão Falcão, avô paterno do autor dêste trabalho. No inventário celebrado por morte de Manuel Pinheiro Alves, a casa de S. Miguel de Seide foi, pelos louvados, avaliada em 700$000 rs.

(2) Camilo, terrivelmente cioso de Ana Plácido, quando a não aborrecia até à injúria, chegara a ter ciúmes dos seus mais íntimos e devotados amigos. Convencido de que Ana Plácido reatara relações com António Ferreira Quiques, que, tendo embarcado para o Brasil em 22 de Novembro de 1851, voltara ao Pôrto antre 1858 e 1863, escreveu ao seu amigo Duarte Gustavo Nogueira Soares, uma carta que pode ler-se a pág. 72 do livro do visconde do Marco, *Cartas inéditas de Camilo e D. Ana Plácido:* « Eu tenho passado malissimamente de corpo e alma nestes últimos tempos. O mal do corpo explica-o o muito trabalho, com pouquíssimas posses. O da alma procede do lamentável passo que deu a D. Ana Plácido, reatando relações com o Quiques. Tive o dissabor de surpreendê-los, e achei-os ambos dignos um do outro. A pobre mulher está de todo perdida. A opinião pública, por êste facto, classificou-a na ordem das mulheres em extrema degradação. Prevejo-lhe o futuro: chora-me o coração de lho dizer ». Pouco depois, desvairado pelo convencimento de que Ana Plácido o atraiçoara com o mesmo Nogueira Soares, escrevia-lhe: « A deshonra é só para quem a pratica. D. Ana Plácido não poderia negar-se a homem nenhum: o snr. Duarte Gustavo não fêz proeza de que deva gloriar-se. Foi um infame entre outros muitos, e mais nada ». (Vide: visconde do Marco, obra citada). Dias após, já arrependido, dizia também em carta para Nogueira Soares: « Eu creio na sua inocência, e já acreditava nela quando lhe mandei a carta da desgraçada ». E a fechar: « Não me responda, se me despreza; mas confesse em sua consciência que eu sou mais infeliz que desprezível ».

GOMES LEAL
Retrato publicado no *Branco e Negro* de 1896 a propósito das *Serenadas de Hilário no Céu.*

S. Bento da Avè Maria a expensas de Camilo. Solicitado pela freira Isabel Cândida Vaz Mourão a autorizar aquêle enlace, escusou-se, alegando a grande diferença de idade dos noivos, motivo por que êle veio a efectuar-se ùnicamente com a licença dada pela mãi, Patrícia Emília de Barros. Até Março de 66 está Camilo no Pôrto e depois, quási sempre, em S. Miguel de Seide, onde a 15 de Julho o visita António Feliciano de Castilho, acompanhado de seu filho Eugénio e de Tomaz Ribeiro, visita que Ana Plácido assinalou com um pequeno obelisco erigido no terreiro da casa, ao lado esquerdo de quem entra, obelisco de granito, destroçado, por malvadez, em 1913 e mais tarde refeito depois do incêndio que em 1915 destruiu a casa de S. Miguel de Seide, e de se constituir, em homenagem ao escritor, o museu ainda ali existente com preciosas relíquias que o recordam. Em 1867 começa a afligir Camilo a enfermidade de que desde alguns anos antes sentia as primeiras manifestações. As dores agravam-se. E com as dores, as insónias. A vista vai-lhe fugindo. Exacerbado pela doença, torna-se de cada vez mais frenético e insofrido. A vida doméstica ensombra-se nesta irritação doentia, entrecortada por acessos de ternura e lágrimas. Esteve Camilo em Lisboa, com curta demora, ao que parece, no ano de 1867. Em 68 reside no Pôrto defronte do Palácio de Cristal, sendo nêsse ano que Ana Plácido descobre a insanidade mental de seu filho Jorge, facto que a Camilo oculta. Em 70, a tragédia que envolve Vieira de Castro num crime célebre arremessa o tribuno para a costa de África, não sem que Camilo, gratamente lembrado da defesa que êsse seu amigo dêle fizera quando da sua prisão com Ana Plácido, o visite no Limoeiro e por várias formas lhe testemunhe pùblicamente a sua estima. Quando em 71 segue Vieira de Castro para o degrêdo, embarca juntamente com o condenado um rapaz de fidalga linhagem que, tendo comprometido os seus haveres, pretende refazê-los negociando em África. Era êsse rapaz o morgado de Pereira e na companhia dêle faz também viagem o filho de Pinheiro Alves e de Ana Plácido, Manuel Plácido Pinheiro Alves, que contava então apenas onze anos e ia à cata de fortuna. Cada vez mais impaciente, ruminando sombrias preocupações, que não faziam senão avolumar os padecimentos reais de que sofria, anda Camilo de terra em terra, em lugar algum assentando duradoiramente a sua tenda. A assombrosa fecundidade literária de que parece ter o segrêdo continua, todavia, a afirmar-se ininterruptamente. Em 5 de Outubro de 72 morre em Luanda, vítima das febres, Vieira de Castro, e pouco depois regressa a Portugal o filho de Ana Plácido, Manuel Plácido.

GOMES LEAL por Celso Hermínio, reprodução de *A Alma Nova.* Celso Hermínio tem outra caricatura do poeta a propósito de *O Fim de um mundo.*

O ano de 1874 assinala-o na vida literária de Camilo a sua desabridíssima polémica com Silva Pinto, com quem, aliás, se reconciliou enternecidamente em 79. O propósito de fazer educar os filhos leva Camilo — que nêsse ano esteve por pouco tempo na capital — a deslocar-se para Coimbra em 1875. Mas nenhum proveito êles tiram dos estudos, e Camilo, entristecido, volta as costas a Coimbra em 76 ou 77. Entretanto, a 17 de Setembro de 77, na Póvoa de Varzim, com dezanove anos de idade, fulminado por uma pneumonia, morre o filho de Ana Plácido e de Pinheiro Alves, a quem muito se afeiçoara Camilo.

GOMES LEAL
Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro publicado no *António Maria* de 10 de Maio de 1883 a propósito da sua *História de Jesus.*

Em 15 de Novembro, em carta para Sena Freitas, escreve Camilo a-propósito do prematuro falecimento do enteado:

Eu não sei do meu pobre espírito desde que o Manuel me expirou nos braços.

Também em 1 de Junho de 1878, dirigindo-se ao vis-

conde de Ouguela, diz ainda Camilo sôbre a morte de Manuel Plácido:

A calcular pela minha dor, não sei como se pode viver, na situação dos que perdem pessoas amadas e amantes.

Nesse ano aumenta a enfermidade de olhos de que Camilo havia anos sofria e exacerba-se o seu azedume. Cada vez mais se mostra frenético, irascível. A idea do suïcídio, que lhe nascera em plena mocidade e como que por largos anos hibernara, renasce no seu espírito ensombrado. Não se sente bem em nenhuma terra. Chega a empreender viagens para, a meio caminho, retroceder. A faina literária, contudo, não sofre quebra. Escreve à luz de catorze velas, com uma longa pala sôbre os olhos a servir-lhe de pantalha, mas não deixa de escrever. É assim que em 79 publica o *Cancioneiro Alegre, Os criticos do cancioneiro* e o *Eusébio Macário*. A loucura do seu filho Jorge recrudesce em 1880. A angústia de Camilo tanto o abate em profunda prostração como o revolve em paroxismos de desespêro. Em carta para o visconde de Ouguela, datada de 29 de Maio dêsse ano, escreve:

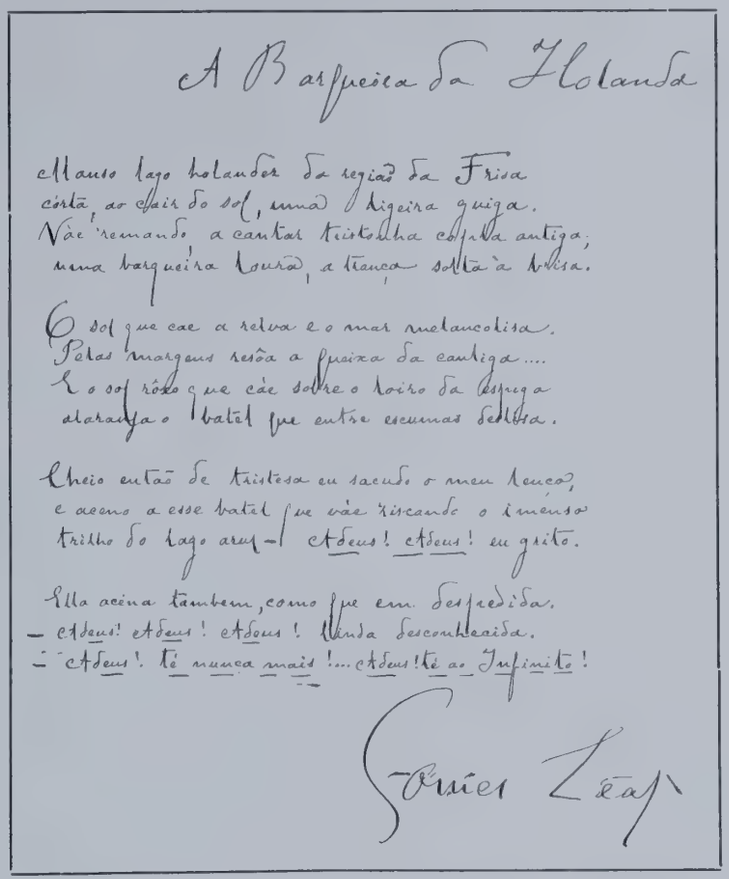
Tenho fugido de te falar na minha desgraça. O Jorge está irremediàvelmente doido. Sinto-me tão esmagado, que faço esfôrço para me salvar escrevendo. Já não pode valer o espírito nem a vontade.

A 1 de Abril de 1881, carteando-se com Manuel Negrão, e referindo-se também a seu filho Jorge, que tinha então dezoito anos, desabafa:

Eu adoro êste desgraçado; e o que peço a Deus é que mo deixe viver assim. Isto de Deus é um velho modo de falar . . .

Em 1881, preocupado com o futuro de seu filho Nuno, que nenhuns estudos fôra capaz de fazer e não dá mostras de poder, um dia, libertar-se da vida de ociosidade a que se habituara, planeia Camilo, para êle, o rapto de D. Maria Isabel Costa Macedo, joven ricaça, orfã de pai e mãi, que residia em Famalicão em casa de Albino Joaquim Ferreira Tinoco, membro do seu conselho de família, a quem todos os rapazes casadoiros cubiçavam e que por ser morena e possuir trezentos contos era conhecida pelo *brilhante negro*. Os pormenores do rapto estuda-os e premedita-os Camilo que, além de minutar as cartas com que o filho há-de incendiar o ingénuo coração da namorada, para melhor assegurar o êxito dos seus cálculos vai ao Pôrto consultar sôbre o assunto o advogado Vasques de Mesquita, seu amigo de confiança. Seduzida pelas missivas de Nuno Castelo Branco, acede a donzela à proposta do seu cortejador. E na noite de 4 de Maio foje com êle, vindo a realizar-se o seu casamento, em Braga, a 2 de Julho de 81 (1).

Êsse ano de 1881 assinala-o, em despeito de tôdas as tempestades e enredações da sua vida caseira, a truculenta polémica travada com Alexandre da Conceição, bem característica dos processos de retaliação flageladora que singularizam as pugnas de Camilo e cujas páginas êle depois enfeixa com outros escritos na *Boémia do Espirito*.


A Barqueira da Holanda

Manso lago holandez da região da Frisa
córta, ao cair do sol, uma ligeira guiga.
Vae remando, a cantar tristonha copla antiga;
uma barqueira loura, a trança solta à brisa.

O sol que cae a relva e o mar melancolisa.
Pelas margens resôa a queixa da cantiga....
E o sol rôxo que cáe sobre o loiro da espiga
alaranja o batel que entre escumas deslisa.

Cheio então de tristesa eu sacudo o meu lenço,
e aceno a esse batel que vae riscando o imenso
trilho do lago azul — Adeus! Adeus! eu grito.

Ella acena tambem, como que em despedida.
— Adeus! Adeus! Adeus! linda desconhecida.
— Adeus! té nunca mais!... Adeus! té ao Infinito!

Gomes Leal

Autógrafo de *A Barqueira da Holanda*, um dos melhores sonetos de Gomes Leal.
(Da Colecção de Albino Forjaz de Sampaio).

O drama íntimo de Camilo, daí em diante, faz-se de mês para mês mais dilacerante. A cegueira acentua-se e, com ela, a irritação dolorosa do escritor, aperreado, para mais, pela precisão de ganhar pela pena o pão da mulher e do filho louco. Irrompem desavenças entre êle e seu filho Nuno, por motivo dos desatinos e extravagâncias dêste, que não faz senão malbaratar a fortuna trazida às suas mãos pelo casamento. Resolve Camilo desfazer-se da sua livraria, cujo leilão, efectuado em Lisboa em Dezembro de 83, rende 2.200$000 réis. O nascimento de uma neta, filha de Nuno e de D. Maria Isabel, dá a Camilo, entretanto, um lampejo de alegria. Erguendo-se das suas dores físicas e morais, tem ainda nesse ano o polemista ensejo de mais uma vez fazer gala dos seus recursos no recontro com José Maria Rodrigues, suscitado em redor de um incidente com o Dr. Calisto, lente de Coimbra, que, a-propósito do *Perfil do marquês de Pombal*, taxara Camilo de escritor venal. Em 30 de Agôsto de 84 morre, porém, tuberculosa sua nora D. Maria Isabel, e a 13 de Setembro, com dezassete meses incompletos, a neta,

(1) Êste episódio do rapto de D. Maria Isabel Costa Macedo pelo filho de Camilo, Nuno Castelo Branco, está minuciosamente explicado a pág. 42 e seguintes do livro *Camilo em S. Miguel de Seide*, do dr. Veloso de Araújo, editado em Braga, em 1925.

filha de Nuno Castelo Branco. Dirigindo-se epistolarmente a Sena Freitas diz Camilo:

A mulher de meu filho morreu; morreu-lhe também a filha única.

Meu filho Jorge sempre mentecapto. Nesta casa desaguam torrentes de felicidades dos mananciais divinos.

Eugénio de Castro, que por êsse tempo tinha quinze anos apenas, e surgia nas letras, dedica-lhe um poemazito elegíaco, que Camilo agradece, acompanhando o agradecimento destas palavras:

A minha vida era já tão pouca que cabia nas pequeninas mãos da criança que Deus levou para me convencer de que tem fôrça e faz o que quer com a sua divina vontade.

Um dos últimos retratos de GOMES LEAL

Em carta para Alberto Pimentel, datada de 28 de Setembro de 84, escreve:

A criancinha tinha-me dado uma vida e uma alegria de empréstimo, O vazio que sinto, aos 58 anos, não há em tôda a natureza uma sensação real ou quimérica que o encha. Encaro a morte como uma redenção; e morreria ateu, se o não fôsse desde que sei discorrer.

Em 3 de Janeiro de 1885 nasce no Pôrto um filho de D. Bernardina, que recebe no baptismo o nome de Camilo, tendo o avô assistido ao acto e figurando nêle como padrinho.

A 15 de Fevereiro morre, em Vila-Real, Patrícia Emília de Barros.

A êsse propósito escreve Camilo ao seu velho e íntimo amigo Negrão:

Vi hoje nos jornais a notícia da morte de uma D. Patrícia Emília de Barros, de Vila-Real. Era a mãi de minha filha Amélia. É um aviso. As personagens da minha comédia vão assim caindo no palco em que eu já mal posso andar.

Não me produziu tristeza grande nem profunda saudade. A morte da minha neta dessangrou-me tôdas as lágrimas.

Em 17 de Junho dêsse ano, por proposta do ministro Barjona de Freitas, é concedido a Camilo o título de visconde de Correia Botelho, que o escritor, pensando em Castilho e Garrett, aviscondados por seus méritos literários, havia muito ambicionava, auxiliado por Tomaz Ribeiro.

No dia 26, na Câmara dos Deputados, o projecto de lei, que dispensa Camilo do pagamento dos direitos de mercê pelo título que lhe tinha sido concedido, dá ensejo à consagração parlamentar do grande romancista, cuja figura diversos oradores enalteceram, o primeiro dos quais António Cândido, tendo-se apenas registado dois votos de desacôrdo. Mas a vida em S. Miguel de Seide é um inferno. Ana Plácido, entre um filho demente e o companheiro atormentado pela doença, estenua-se de amarguras. O seu estoicismo nimba-lhe a fronte com a auréola do martírio corajosamente suportado. A ideia do suïcídio, que desde a longínqua mocidade o persegue, de longe ou de perto, como um agoirento presságio, apodera-se de Camilo. E na noite de 22 de Novembro de 86 escreve num pedaço de papel, ao depois encontrado entre as fôlhas de um livro e cujo autógrafo foi reproduzido em *fac-simile* no *Camilo inédito* do visconde de Vila-Moura:

Os incuráveis padecimentos que se vão complicando todos os dias levam-me ao suïcídio — único remédio que lhes posso dar. Rodeado de infelicidade de espécie moral, sendo a primeiro a insânia de meu filho Jorge, e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da família. A mãi dêstes dois desgraçados não promete longa vida; e se eu pudesse arrastar a minha existência até ver Ana Plácido morta, infalìvelmente me suïcidaria. Não deixarei cair sôbre mim essa enorme desventura — a maior, a incompreensível à minha grande compreensão da desgraça. Esta deliberação de me suïcidar vem de longe como um pressentimento. Previ, desde os 30 anos, êste fim. Receio que chegado o supremo momento, não tenha a firmeza de espírito para traçar estas linhas. Antecipo-me à hora final. Quem puder ter a intuïção das minhas dores, não me lastime. A minha vida foi tam extraordinàriamente infeliz que não podia acabar como a da maioria dos desgraçados. Quando se ler êste papel, eu estarei gozando a primeira hora de repouso. Não deixo nada. Deixo um exemplo. Êste abismo a que me atirei é o términus da vereda viciosa por onde as fatalidades me encaminharam. Seja bom e virtuoso quem o puder ser.

No ano seguinte, Jorge Castelo Branco, atacado de fúrias homicidas, é internado no Hospital Conde de Ferreira. Volvido algum tempo, como pareça ter sossegado, e o dr. Sena, director daquele manicómio, seja de parecer que a continuar ali inevitàvelmente falecerá, Camilo leva-o de novo para a sua beira. Mas o louco abala de casa, pratica tôda a casta de desvarios, chegando a tentar pegar fogo a alguns campos de centeio. Camilo, entretanto, continua a saltitar de terra em terra, sem sair do norte, sempre naquela exasperação nevrótica que o não deixa estar bem em parte alguma. Da Póvoa de Varzim, em 5 de Setembro de 87, dizia Ana Plácido em carta a Freitas Fortuna que pode ler-se a pág. 36 do livro *Dois anos de agonia*, de Júlio Dias da Costa:

Camilo, cada vez mais atribulado, não falando já nos padecimentos físicos. Agora passa as noites em altos gritos, e os dias a ir de casa para a baixa, e a voltar para cima. Está cada vez mais extenuado; mas por mais que eu diga não é possível quietá-lo, nem incutir-lhe coragem para o sofrimento. Já tomou dois banhos quentes que o abateram

muito; todavia, continua na mesma agitação, no mesmo frenesim; ora a pé, ora de carro. O que êle não pode é parar em casa, nem em parte alguma.

Em 20 de Setembro, na companhia de Ana Plácido, chega Camilo a Lisboa, hospedando-se no *Hotel Universal*, onde actualmente estão os Grandes Armazens do Chiado. Consulta oftalmologistas. Desanimado, retira logo para o Pôrto. Mas pouco depois está de novo na capital com seu filho Nuno, já então visconde de S. Miguel de Seide. Não se demora muito. Volta a Lisboa em Janeiro de 88 a fazer-se examinar por especialistas de doenças de olhos. A 17 de Fevereiro dêsse ano *O Correio da Noite* dá a notícia de que Camilo parte, nessa noite, para S. Miguel de Seide. Em 9 de Março, no Pôrto, casa-se com Ana Plácido, no 2.º andar do prédio n.º 458 da Rua de Santa Catarina. Uma certidão médica dera-o como impossibilitado de sair de casa. Camilo, decidindo finalmente legalizar a sua união com Ana Plácido, quisera que o acto se celebrasse longe das vistas do vulgo. Realizou o casamento o abade de St.º Ildefonso, dr. Moreira Freire. Poucas pessoas, e das mais íntimas, assistiram comovidamente à cerimónia. Em 22 de Novembro dêsse ano, ainda e sempre no anseio de atalhar as progressos da cegueira, chega novamente Camilo a Lisboa. Mas também desta vez pouco se demora. Em princípios de 89 ali volta, e foi então que, a 16 de Março, dia em que perfazia 64 anos, foi acarinhado com uma manifestação de homenagem na qual se coligaram homens de letras, representantes de diversas colectividades e numerosos estudantes das escolas superiores, sendo entregue a Camilo, por lembrança de João de Deus, uma coroa de louros. Nesse ano, por decreto de 23 de Maio, foi concedida a Jorge Castelo Branco, o filho louco da Camilo, a pensal anual e vitalícia de 1.000$000 rs. A situação do grande escritor, privado de trabalhar, era em extremo difícil, e para ela chamara a atenção pública *O Primeiro de Janeiro*, em Outubro de 88, num editorial escrito por Sousa Viterbo, que por forma bem singularmente expressiva salientava o esfôrço descomunal dispendido pelo insigne romancista em quarenta anos de vida literária rematados tristemente pela iminência da miséria:

Se se chamasse um calígrafo, um dêsses scriptores *da idade média, e lhe dissessem — copia os duzentos volumes, que êsse escritor prodigioso extraiu do seu cérebro e confiou ao prelo — o copista teria desanimado diante de tão extraordinária emprêsa.*

Um ano depois é levada à Câmara dos Deputados uma proposta de lei confirmativa da pensão com que o govêrno da presidência de José Luciano de Castro tinha em vista, subsidiando a alimentação e o tratamento de Jorge Castelo Branco, amparar indirectamente o pai, que no meio das suas tribulações angustiosamente se inquietava pelo futuro do pobre louco, de quem, aliás, na desesperação da sua cegueira, quási invejava a sorte no patético soneto que sob o n.º XIV está incluído no livro *Nas Trevas* (1):

O último retrato de Gomes Leal
(então em casa de Ladislau Batalha)

Constantemente vejo o filho amado
na minha escuridão, onde fulgura
a estática pupila da loucura,
sinistra luz dum cérebro queimado.

Nas rugas do seu rosto macerado
transpira a cruciantíssima tortura
que escureceu na pobre alma tão pura
talento, aspiração . . . tudo apagado!

Meu triste filho, passas vagabundo
por sôbre um grande mar calmo, profundo,
sem bússola, sem norte e sem farol!

Nem gôso, nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remédio a luz perdida . . .
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

Em Abril dêsse ano estava Camilo, já outra vez, em S. Miguel de Seide, e como quer que um jornaleco de Famalicão haja dado a notícia de que o desventurado escritor preparava novos livros — notícia que vários jornais transcreveram — endereçou Camilo ao *Primeiro de Janeiro*, na pessoa do seu redactor Oliveira Ramos, a seguinte carta:

Meu prezado Oliveira Ramos:

Alguns jornais transcreveram de uma fôlha periódica de Famalicão, a meu respeito, uma notícia inexacta. Não contratei com algum editor a publicação de livros novos. Em cousas de literatura deve falar-se de mim como dum escritor morto. Logo que eu aceitei do Estado uma pensão, é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independência de 40 anos. Ceguei na luta, e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros escritores.

S. c. — S. Miguel de Seide, 30-5-90.

(a) Camilo Castelo Branco.

Na casa triste de S. Miguel de Seide tudo eram sombras e fantasmas, soluços, imprecações, uma «desgraça sem respiradouro» na definição desgarradora de Camilo. Lutando com insónias para as quais não podia

(1) O decreto de 23 de Maio de 1889, concedendo a pensão a Jorge Castelo Branco em reconhecimento público dos relevantíssimos serviços prestados às letras pátrias pelo visconde Correia Botelho (Camilo Castelo Branco), foi aprovado na Câmara dos Deputados em 3 de Junho, e em 7 dêsse mês na Câmara dos Pares, numa e noutra casa do Parlamento por aclamação.

já ter o recurso da leitura, chegava a saír de casa, pela madrugada, para ir bater às portas de pessoas amigas a quem pedia que o fôssem acompanhar em casa. Um dia, Camilo, que a Sousa Martins dirigira a carta lancinante que a revista *Seara Nova* publicou em 1925, e Raúl Brandão reproduziu em artigo *In Memoriam* do novelista do *Amor de Perdição*, envia, — estava-se em 21 de Maio de 1890 — ao Dr. Edmundo Magalhães Machado, considerado clínico em Aveiro, a seguinte carta, que, por não poder escrever, ditou:

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho.

Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.

Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas.

Há poucas horas ouvi ler no Comercio do Porto *o nome de V. Ex.ª. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança.*

Poderá V. Ex.ª salvar-me? Se eu pudesse, se uma quási paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso.

No dia 26 dêsse mês suplica doloridamente a um amigo aveirense daquele clínico — Joaquim de Melo Freitas — que o mova a ir examiná-lo em S. Miguel de Seide. O Dr. Magalhães Machado acede. E a visita é marcada para 1 de Junho — um domingo. Nesse dia estava Nuno Castelo Branco na estação de Famalicão, com um trem, para o transportar a Seide. Não faltou o clínico, que, logo ao chegar a casa de Camilo, tendo a seu lado Ana Plácido, observou cuidadosamente o velho escritor. Nada havia a fazer. Piedosamente, depois de ter chegado a falar em um tratamento que em Aveiro poderia aplicar a Camilo, aconselhou-o a ir ao Gerez fazer uso das águas, com o que, de resto, também D. Ana Plácido aproveitaria... O poder da ilusão, que a tantos enfêrmos faz aceitar as esperanças menos fundadas e as prescrições mais enganadoras, não turvava, porém, a terrível lucidez de Camilo. Compreendeu tudo. Compreendeu que estava definitiva e irremediàvelmente cego. Correspondendo à caridosa mentira do médico com a fingida serenidade de quem acredita no que acaba de ouvir, limita-se a dizer:

« — Pois sim, irei ».

O Dr. Magalhães Machado despediu-se. Então, Camilo, com aparente tranqüilidade, disse:

« — Ó Aninhas, acompanha o Sr. Dr. até o portão ».

Ela foi, ficando Camilo naquela cadeira de balanço em que nos últimos tempos passava horas sem fim, e ainda lá está em S. Miguel de Seide. Quando Ana Plácido e o médico chegavam ao terreiro ouviram uma detonação. Retrocederam a correr. Ao reentrarem na sala onde haviam deixado Camilo êle estava sentado na mesma cadeira: mas tinha os braços pendentes como dois trapos e a cabeça tombada. Do parietal direito corria um fio de sangue. No chão estava o velho e pequeno revólver que Camilo comprara havia anos em Lisboa, e, desde então, o acompanhava sempre, a despeito de todos os rogos da sua velha e devotada companheira.

Transportado pelo Dr. Machado, com a ajuda de Ana Plácido, para o canapé que existia na mesma sala, e encostada a cabeça de Camilo numa almofada, logo a massa encefálica começou a sair pelo orifício feito pela bala. Viu-se que Camilo estava perdido. E também que, tendo empunhado a arma com a mão direita, segurara com a outra o cano do revólver para que esta se não desviasse: a palma da mão esquerda fôra chamuscada pela explosão da cápsula.

Eram 3 horas e um quarto.

Camilo estava em estado de côma. Não fazia o menor movimento. Não falava. Nem gemia sequer. Às 5 horas, sem que houvesse pronunciado qualquer palavra, Camilo expirava [1].

Prédio n.º 32 da Rua do Telhal, em Lisboa, onde, no 1.º andar, morava Ladislau Batalha. Ali morreu Gomes Leal e dali saiu o entêrro do poeta em 29 de Janeiro de 1921.

[1] Segundo parece, Ana Plácido fizera carregar com balas simuladas o revólver que Camilo se obstinava em trazer consigo. Manuel Caniço, morador em S. Miguel de Seide e dedicado servidor de Camilo, deu, de facto, a explicação que pode ler-se a pág. 92 do livro do dr. Veloso de Araújo *Camilo em S. Miguel de Seide*, explicação que o autor dêsse livro declara corroborar o que êle próprio já sabia a tal respeito. Cifra-se no seguinte: o visconde de S. Miguel de Seide, em certa noite de fins de Maio, saiu armado com o revólver do pai, substituindo por balas verdadeiras as balas simuladas que êle continha. Pela manhã, ao regressar a casa, já Camilo estava levantado. Foi então repor a arma no sítio onde a havia ido buscar. E na precipitação não mudou as balas, nunca mais de tal se lembrando.

Monumento projectado ao poeta GOMES LEAL

*

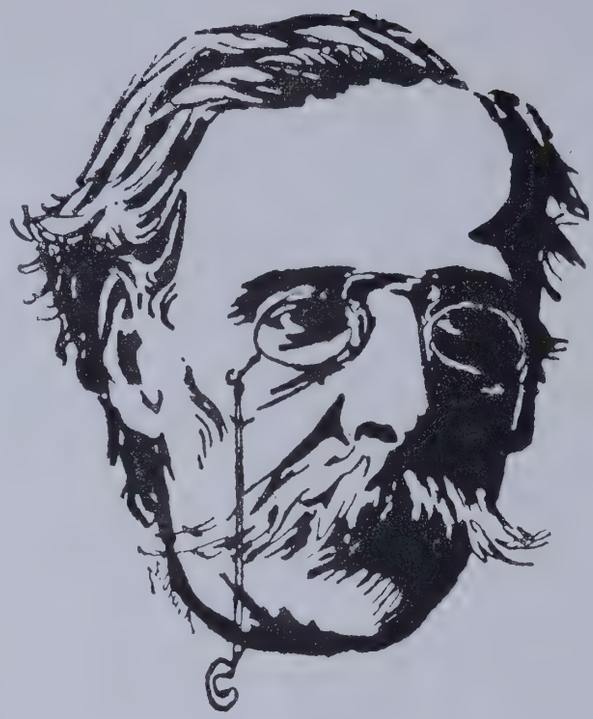
* *

Dêste torvelinho de desvarios, de tribulações e de risadas, que foi a vida de Camilo, não ressalta ùnicamente o homem com todo o relêvo que lhe individualiza o temperamento e o carácter, mas também o escritor na pujantíssima espontaneidade dos seus dons. Se aquêle aparece na agitação da sua existência como um atribulado e um truculento, o escritor, reflectindo fielmente as modalidades essenciais da sua vulcânica natureza, desdobra-nos, na vasta e desconcertante produção com que encheu quarenta anos de labuta, tôdas as facetas da sua complexa e contraditória personalidade. O homem, tão carregado de taras e de mórbidas propensões — que não será arrojado dizê-lo o têrmo de uma intrincada degenerescência familiar — é manifestamente um anormal (1). As incongruências do seu carácter nada mais são do que a expressão moral das antíteses fatais do seu desequilíbrio. O diagnóstico está feito. Camilo era um hístero-neurasténico mordido de fobias, com a obsessão terebrante do suïcídio, e, no fim da vida, um tabético. A sua imaginação fustigava-a o insanável frénesi tantálico dos nervos. O que na sua excitabilidade arrítmicamente vibrava, era, a sabor de pendulares alternativas, o enlêvo amoroso com tôdas as rábidas exacerbações de uma lubricidade hiper-aguda de cerebral, o fastio da tristeza hipocondríaca e, como *intermezzo* dêsses dois polos da emoção, o vezo descompassado de que chispavam as esfusiadas de um sarcasmo que tudo sacrifica ao açoite das suas *boutades*. Aborrecendo num dia aquilo que na véspera o enternecia, insofrido até à exasperação vesânica, Camilo era um doente da vontade que, não raro, a abulia precipitava em prostrações desalumiadas de tôda a esperança, para logo se erguer na galvanização de um esfôrço que dir-se-ia desconhecer o limite da resistência humana. Sentimentos que conciliem as determinações da afectividade com as razões da conveniência e o respeito do juízo público, nunca os teve, nem dêles era capaz a alma inconstante e versátil de Camilo. O amor, objecto absorvente da sua adolescência, da sua juventude e da sua varonil maturidade, sorvia haustos de um sensualismo que tinha algo de devorante. Por isso mesmo à explosão amorosa, logo volvida em tempestade passional, a breve trecho sucedia o amargor do desencantamento e as lassitudes do tédio, pelo que se poderá dizer que, em Camilo, muito havia da fibra de D. Juan de Mañara, com quem, de resto, tinha de comum, no tocante aos caracteres da sua pessoa física, macilento e bexigoso, como era, a fealdade aliciante e o misterioso prestígio.

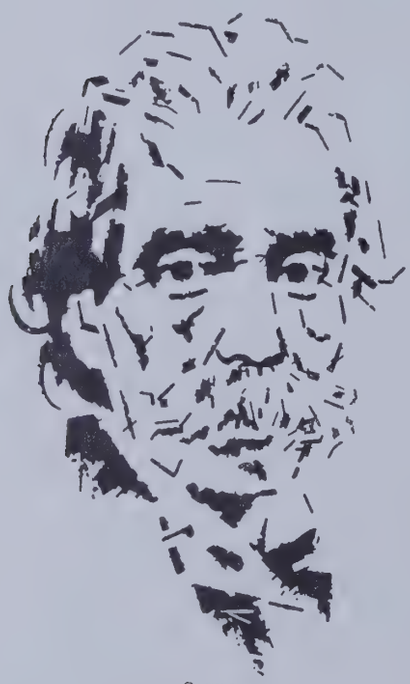
(1) A pág. 40 do livro *Camilo — A sua vida, o seu génio, a sua obra*, publicado por Paulo Osório, no Pôrto, em 1908, lê-se o seguinte: « De Manuel Botelho — um doido, descendente duma família de desordeiros, assassinos, loucos morais, libertinos e excêntricos — e de D. Jacinta do Espírito Santo — a filha duma doida — nasceu um homem de génio: Camilo Castelo Branco ». Sôbre a genealogia de Camilo e a sua herança mórbida leia-se: *Os antepassados de Camilo*, de Pedro de Azevedo, a *Nosografia de Camilo Castelo Branco*, tese médica de Alberto Pimentel (filho), e o 2.º vol. do livro *Camilo*, de Ludovico de Meneses.

Mausoleu a GOMES LEAL no Cemitério do Alto de S. João.
Inauguração em 17 de Dezembro de 1925. Entre os assistentes o poeta Dias de Oliveira, e Dr. Alfredo Guizado, etc.

Privado de carinhos no alvorejar da vida, sem dúvida há-de ter influido na coloração dominante do seu modo-de-ser — tão certo é o influxo das impressões infantis — o desconfôrto moral dos seus primeiros anos. Bastaria, no demais, o sangue que herdara para lhe explicar a desconexão do génio indomável. Produto aziago de uma ascendência gafada de mazelas que, se às vezes não ultrapassavam as balisas da extravagância, de outras raiavam pela criminalidade típica, era Camilo, de nascença, pelo compulsivo fatalismo da ancestralidade doentia, um estigmatizado, que disso mesmo tinha consciência, como no-lo comprova a taciturna resignação com que algures reproduz o dito de uma tia, segundo o qual por fôrça havia de ser desgraçado para não contradizer os fados da família. O bem e o mal eram na alma de Camilo expressões morais que se entrechocavam. Tôdas as antinomias se davam nela *rendez-vous*.

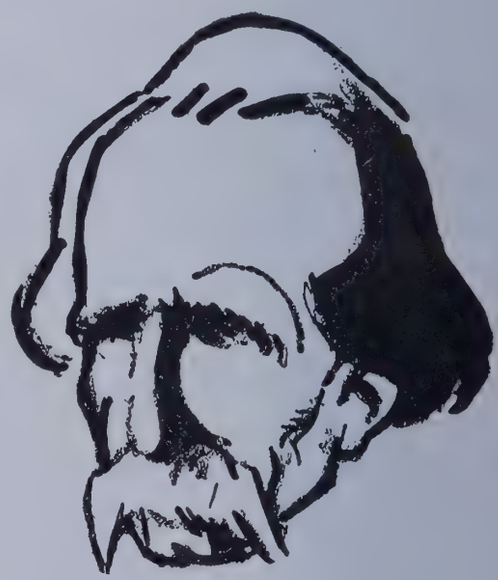


Camilo Castelo Branco
Máscara por Cristiano de Carvalho



Camilo
Máscara por Saavedra Machado

Com efeito, se bem analisarmos através das vicissitudes da sua vida o convulsivo dinamismo da alma de Camilo, conclue-se que a contradição não é nêle apenas, como em tantos outros, o mero jôgo de luz e de sombra de um espírito, mas um facto profundo, que nasce das raízes mesmas da sua compleição e de que a inteligência não faz senão reflectir, exteriorizando-as pela palavra e pela acção, os subterrâneos redemoinhos. Todos os sentimentos — repetimo-lo — nêle irrompem impetuosos, cachoantes, de crina ao vento como os cavalos do Apocalipse. Quando adora, quando odeia, range os dentes. O desabafo literário era, em Camilo, um respiradoiro do inconsciente tenebroso. Há ironias de Camilo que são frustrados homicídios. O polemista, sobretudo, denuncia o delinqüente que Camilo trazia latente nas taras do sangue ruim que lhe aviventava o corpo mordido de dores. Mas não sòmente o como no caso de Vieira de Castro — e, acima de tudo, na caroável solicitude em que se acrisolou a sua afeição aos filhos desgraçados. O criminoso nem sempre é êrmo de ternura. Tanto se pode matar por ódio como por amor. A lógica dos sentimentos e das paixões ri-se da lógica dos tratados. Raskolnikoff, que no estupendo raconto dostoiewskiano assassina uma velha à machadada, ajoelha de adorativa humildade ante uma rapariga santificada a seus olhos por tôdas as misérias da prostituição. E *Ravachol*, cuja cabeça tombou no cêsto da guilhotina, atirado ao patíbulo sob um carrêgo de crimes bestiais, é o mesmo que, com olhos rorejados de lágrimas, estilhaça, a punho cerrado, a vidraça de uma loja repleta de coisas, só para que certa criança, que as espreita com melancólico apetite, tenha um momento de felicidade...

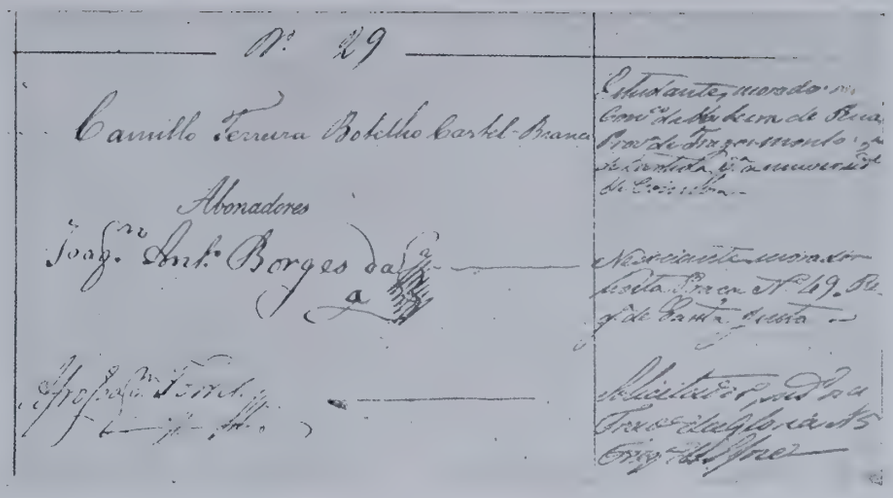


Camilo
Máscara por Leal da Câmara
(Do Catálogo e Livro de Oiro da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1922).

Vivificado pelo mais estranho e congénito talento literário até hoje nascido em Portugal, Camilo reproduziu na sua obra as intercadências e singularidades do homem esquipático que êle foi.

polemista. Veja-se a gélida frieza com que, aqui e ali, no descritivo de cenas cruéis, a pena camiliana atinge o ácume da impassibilidade. Na do suplício da marquesa de Távora, por exemplo, que é, aliás, uma verdadeira página de antologia.

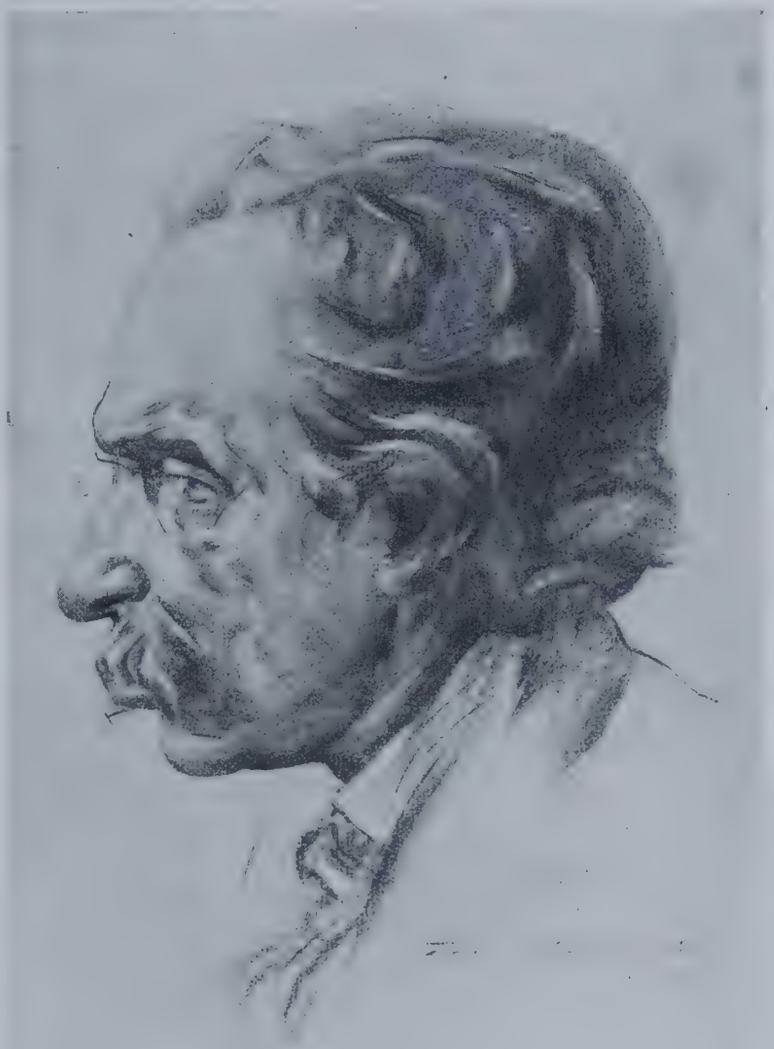
Como disse um crítico, a literatura foi, na verdade, a válvula de segurança que permitiu a Camilo eximir-se ao sestro criminal da família e sublimar pelo fulgor da arte a herança patológica que dêle fazia um transviado. Nem se objecte que esta interpretação do «eu» camiliano a desmente a capacidade de enternecimento tão impressivamente atestado nos extremos a que levou, por vezes, a amizade —



Sinal de Camilo aberto no cartório do tabelião Saldanha, de Lisboa, aos 29 de Setembro de 1843

Em três fases se lhe pode talhar a carreira.

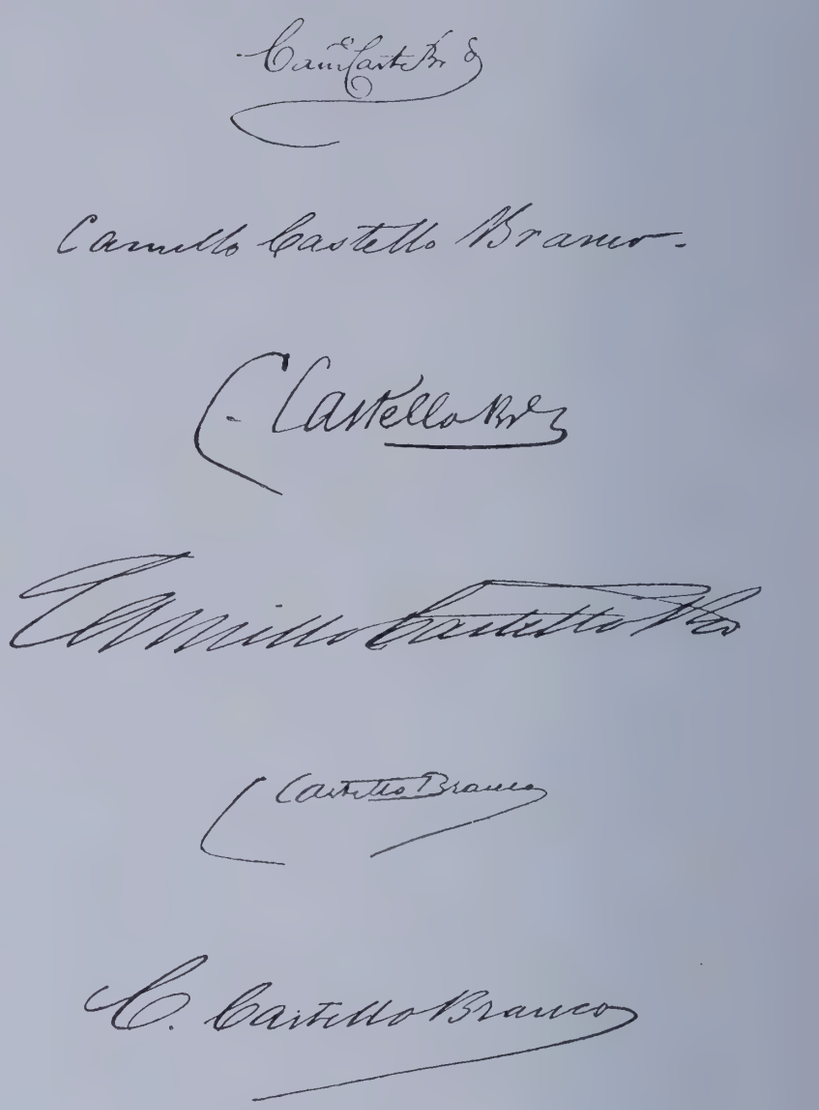
Na primeira, que vai das versejaduras ingénuas e impessoais dos quinze anos ao romance quási ilegível com que abriu a longa sinfonia da sua produção novelesca, o homem-de-letras apalpa-se, tateia-se e a si mesmo se procura. É a fase da formação da personalidade. O dramaturgo não excede o poeta, menos do que medíocre. No folhetim rebrilham já, porém, algumas das qualidades que o amadurecimento do talento e o domínio soberano da língua haveriam de levantar a um nível excepcional. Naquela espécie de interlúnio, que foi a sua fase de preocupações religiosas, a cultura do antigo escolar de medicina amplia-se por outras esferas na leitura dos teólogos e apologetas. Mas a pena de Camilo lembra o arco de um violinista que ainda não houvesse encontrado a corda preferida. No romance, e com o romance, é que Camilo encontra, finalmente, o seu caminho. O romance moderno, sentimental ou realista, foi êle quem o fundou em Portugal. Sob que influências e sugestões se operou a criação do romance camiliano, eis o problema máximo que se depara à crítica pelo que toca à aferição do génio do escritor. Inquestionàvelmente nos primeiros romances não é difícil descortinar, a par da influência de Eugène Sue — transparente na complicada e obscura efabulação dos *Mistérios de Lisboa* — a sugestão, mitigada por outros factores intervenientes, do romanticismo de Feuillet, a cujo *Roman d'un jeune homme pauvre* — do qual corre impressa com o seu nome uma tradução possìvelmente feita por Ana Plácido — contrapõe epigràficamente, mas, de certo modo, adoptando-lhe o gôsto, o *Romance de um homem rico*. Quando, porém, escreve *O regicida* e *A filha do regicida*, *O ôlho de vidro*, *A caveira da mártir*, *O senhor do Paço de Ninãis*, *O judeu*, além de outros, Walter Scott parece guiar-lhe os passos. Stendhal, com o seu processo analítico, Balzac, com as suas vigorosas aguas-fortes de vivissecção social, nada influem na factura do romance camiliano. Dir-se-ia que os ignora. A verdade, contudo, é que duas causas determinantes explicam a personalidade *sui generis* de Camilo. A revolução que Flaubert fizera no romance com a *Madame Bovary* — publicada e processada em 1857 por ofensiva da moral pública — não chegara ainda a Portugal quando Camilo lançava à publicidade as suas primeiras novelas. Nem a sociedade portuguesa do seu tempo fornece matéria-prima diferente da que o novelista utiliza no povoamento dos seus romances, nem o gôsto médio acolheria favoràvelmente obra com outra traça. Camilo, aguilhoado pela necessidade de amoedar os recursos do seu engenho, afeiçôa-se ao gôsto público, procurando satisfazer-lhe as



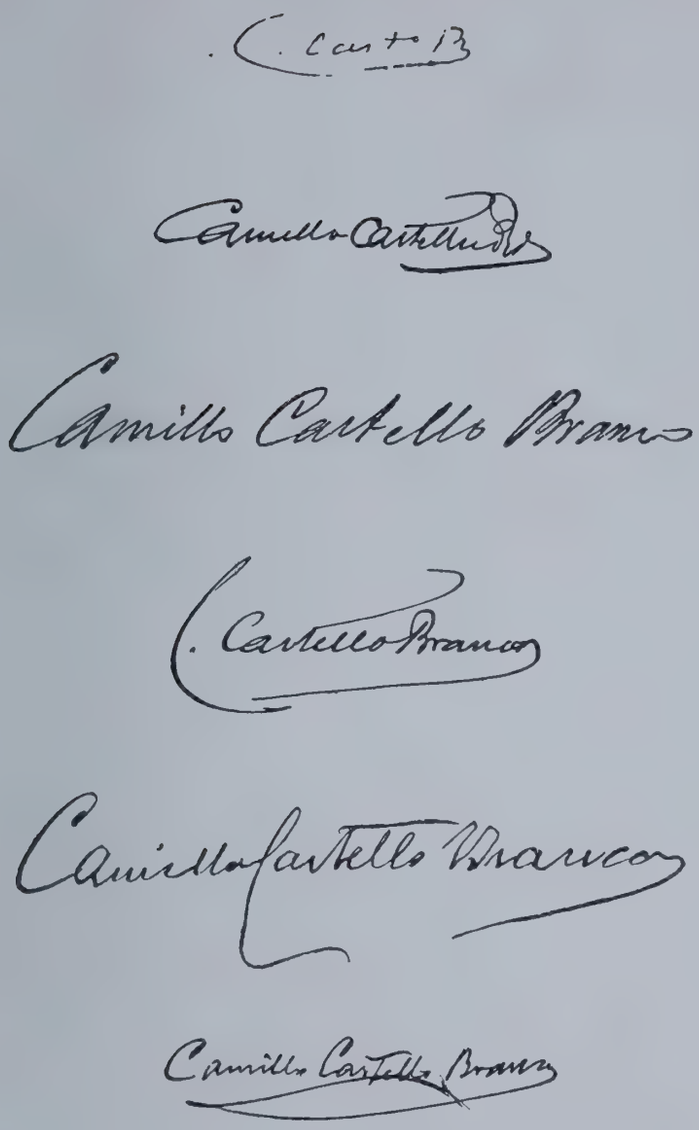
Camilo Castelo Branco — Perfil. Estudo de Saavedra Machado

inclinações. E esta subordinação interesseira, se não lhe aniquilou o invencível génio literário, enodôa-lhe a obra, deformando-a. Torna-se, entretanto, indispensável ter presente o que era Portugal entre 1850 e 1880 — naquele período de trinta anos em que se formou e definitivamente modelou a figura literária de Camilo — para aquilatar, com justeza, das condições de meio e de clima que, a par da idiosincrasia refractaria de escritor, explicam as particularidades da sua obra.

Saída de uma dilacerante guerra civil, que, rematada com a vitória de novas tendências políticas, não lograra refundir a velha nação marasmada durante séculos numa espécie de quietismo, a sociedade portuguesa atravessava, quando Camilo nasceu para a vida das letras, uma insidiosa fase de transição. A legislação de Mousinho da Silveira desarticulara-lhe a histórica estrutura: mas o espírito colectivo não se adaptara ainda à nova ordem e à vida nova. Com acêrto, por isso, observa Ramalho Ortigão que quem não souber o que era Portugal em 1850 dificilmente poderá avaliar até que ponto, pelas suas personagens, o romance de Camilo reflecte, com muito menos estilização romanesca do que poderá supor quem se não haja aparelhado com êsse conhecimento sociológico, os caracteres do meio social para que o autor da *Sereia* escreveu as suas novelas. Os que lhe assacam, como pecha de romanesca falsidade, aquelas donzelas pálidas de paixão, que se faziam freiras por seus contrariados amores, e aquêles fidalgos que proferem frases de drama histórico à luz do azeite em vastos salões de cujas paredes pendem as carantonhas dos avoengos, não os tirou Camilo, *ex nihilo*, a golpes de fantasia. Havia daquilo. Portugal era ainda, em grande parte, assim. E tão real e perfeitamente como essas creaturas, de certa maneira sobreviventes ao naufrágio da organização social que as justificava, eram aquêles *brasileiros* caricatos enfatuados que nos romances camilianos podem parecer o contrapêso artificioso com que a veia sarcástica do humorista equilibra os tipos em que corporiza os arroubos e os sacrifícios da sua galeria ideal. Tudo, porém, tipos e cenários, o romancista sacrificou ao propósito de cativar pelo imprevisto da enredação e aos caprichos da sua mesma subjectividade. As figuras não são, por via de regra, mais do que leves esquiços ou hilariantes *pochades*. A paisagem não existe. A própria fórma se ressente da apressada elaboração dos seus romances: ninguém emendou menos do que Camilo. Com todos os seus defeitos e lacunas, resultantes da preocupação mercantil do escritor amarrado ao tormento de converter em pão as invenções da sua mente, a obra camiliana tem, contudo, na literatura portuguesa do século XIX, um altíssimo relêvo documentário e artístico. Cingindo-se, embora, à fruste mentalidade da época, escrevendo sempre de afogadilho, nunca Camilo deixou de ser vivíssimamente pessoal. Nenhuma escola lhe enclausurou o génio. Na maior parte das suas novelas, mais do que as figuras, que êle baptisou conforme lhe aprouve, quem sobretudo avassala é — Camilo. A sua presença tem qualquer coisa de obsessivo e fantasmático. Sente-se ainda quando se não vê. O sangue que aviventa as suas criações doloridas ou picarescas, moldadas na frágua do infortúnio ou amassadas no fel da desesperação, desgrenhadas ou risíveis, transfunde-o êle das suas veias, e com os glóbulos dêsse sangue vão todos os frémitos do coração que na arca do peito arqueja estenuado da sua faina de Sisifo. Choram? São dêle as lágrimas. Riem? É na bôca de Camilo que se desenha o *rictus* dêsse riso. Não há forma de o romancista se calar no desenrolar dos seus romances. Assim como D. Pedro folgava ou rugia no meio do povo, umas vezes a rir, de outras a estralejar o chicote, assim Camilo não se alheia da turba-multa das suas personagens: facèciando como um chocarreiro, soluçando como um angustiado, flagelando como um verdugo, nunca jàmais sereno, e, muito menos, indiferente. As figuras, de variado recorte — e muitas delas repetidas — que perpassam nos seus romances, podem não ser exactas nos seus traços arran-



Fac-simile de algumas assinaturas de CAMILO CASTELO BRANCO
(Do «In Memoriam», pág. 224)



Fac-simile de algumas assinaturas de CAMILO CASTELO BRANCO
(Do «In Memoriam», pág. 466)

cados às reminescências dispersas dos tipos reais entrevistos pelo romancista e aquecidas ao fogo das próprias paixões do escritor enriquecido de experiência. É, sobretudo, dêsse calor que elas vivem. Camilo, que tanta vez falou de si, dando-nos traços da sua vida pessoal, autobiografou-se também, e não poucas vezes, através das figuras da sua galeria romanesca. Escrever, para Camilo, era um desabafo, como as lágrimas. Os seus tipos são, por isso mesmo, corporizações das suas visualidades, das suas cóleras, dos seus desprezos e dos seus tédios mortais de misântropo. Para Camilo não havia no mundo senão o homem — o seu drama ou a sua farsa. Nenhuma das belas coisas que, fora do âmbito do entrechocar das paixões, são susceptíveis de instilar consolação e refrigério, cativa a atenção de Camilo. Era insensível à música. O sentimento da Natureza, que foi a nascente dos mais belos sonhos da alma de Ruskin, não o tinha o solitário de Seide. Por isso mesmo, como notou Junqueiro, não há uma árvore na obra de Camilo: a acácia do Jorge, mais do que uma árvore, é um — espectro! O mar horrorizava-o. Àparte algum fugitivo relance de alguma noite de tempestade não há nos livros de Camilo uma página que nos fale da montanha, das aves ou das estrêlas. Dir-se-ia que a Natureza só conseguia interessá-lo quando, pela agitação das suas fôrças cegas, de algum modo adquiria a seus olhos uma fisionomia dramática e humana. Ferido da mania ambulatória, nunca, porém, o seu nomadismo — excepção feita de algumas furtivas escapadas a Lisboa — o fêz palmilhar fóra dos limites do Douro e do Minho. Mas dêsse homem, que não tinha olhos para a païsagem, pode, todavia, dizer-se o que Gorki disse do autor da *Ana Karenine*: «Tinha cem olhos nos seus olhos». O homem, na complexidade turva das suas fôrças ignotas sondava-o êle, à luz do seu próprio eu multânime e proceloso, com a acuidade adivinhatória de um mergulhador de abismos. Se Camilo tivesse querido e podido esculpir a sua obra segundo ditames da estética moderna, tôda alicerçada na objectividade e na observação, não cuide ninguém que lhe invalidaria o intento a exuberância da imaginação empolgadora. De sobejo no-lo prova o traçado magistral de certas páginas. O diálogo em que, na *Brasileira de Prazins*, o Simeão ajusta o casamento da filha, como se fôra a venda de uma vaca, com o Zeferino da Lamela, não o faria mais incorrigìvelmente sóbrio a pena de Guy de Maupassant:

«— Você quanto deve, ó tio Simeão? — perguntou.

«— Quanto devo? Você quere-me pagar as dívidas?

«— Pode ser. Você deve à Irmandade de N. Senhora de Negrelos um conto e cem mil réis; você deve, de tornas a seu irmão, quatrocentos. Há-de andar lá para um conto e quinhentos, p'ra riba que não p'ra baixo.

«— É isso; você sabe a minha vida melhor que eu a sua — um conto quinhentos e pico.

«— Quanto é o pico?

«— Obra de dez moedas, mais pinto menos pinto. Miudezas na loja ao mercador e um restito da vaca amarela que comprei ao Tarracha na feira dos 13.

«— Você quere fazer um cambalacho? — tornou o pedreiro recuando o chapéu para a nuca e pondo-lhe as mãos espalmadas com fôrça nos ombros.

«— Se pintar... Já sei o que você quere... Não me serve. Você quere comprar-me o lameiro da azenha — não vendo.

«— Eu ainda lhe não disse o que queria, tio Simeão. Olhe bem para mim. Você está a falar c'um home. Pago-lhe as dívidas, você não fica a dever nada, e eu caso com a sua Marta. Pode dar os bens ao outro filho que eu não lhe quero uma de X.

«— Você fala sério, ó sôr Zeferino?

«— Se falo sério? Então você não sabe com quem trata?

« — Ora bem — entendamo-nos — é a rapariga que você quere, a rapariga estreme, sem dote nem escritura?

« — Eu não tenho senão uma palavra. Já lhe disse que sim.

« — A rapariga é sua.

Não falando já no *Eusébio Macário* — sob certo aspecto a *Corja* é-lhe muito inferior — que, em despeito das intenções satíricas a que a negativa de Camilo não logrou tirar a evidência, constitui precioso documento da maravilhosa plasticidade com que, escritor já encanecido nos cânones da sua velha «maneira», soube mostrar-se capaz de seguir o figurino realista, não poucos passos na obra camiliana comprovam até que ponto, se o houvesse querido, Camilo teria rivalizado com Eça de Queiroz. O próprio *Amor de Perdição*, com ser um dos acabados espécimes

A MURRAÇA

POEMA EPICO

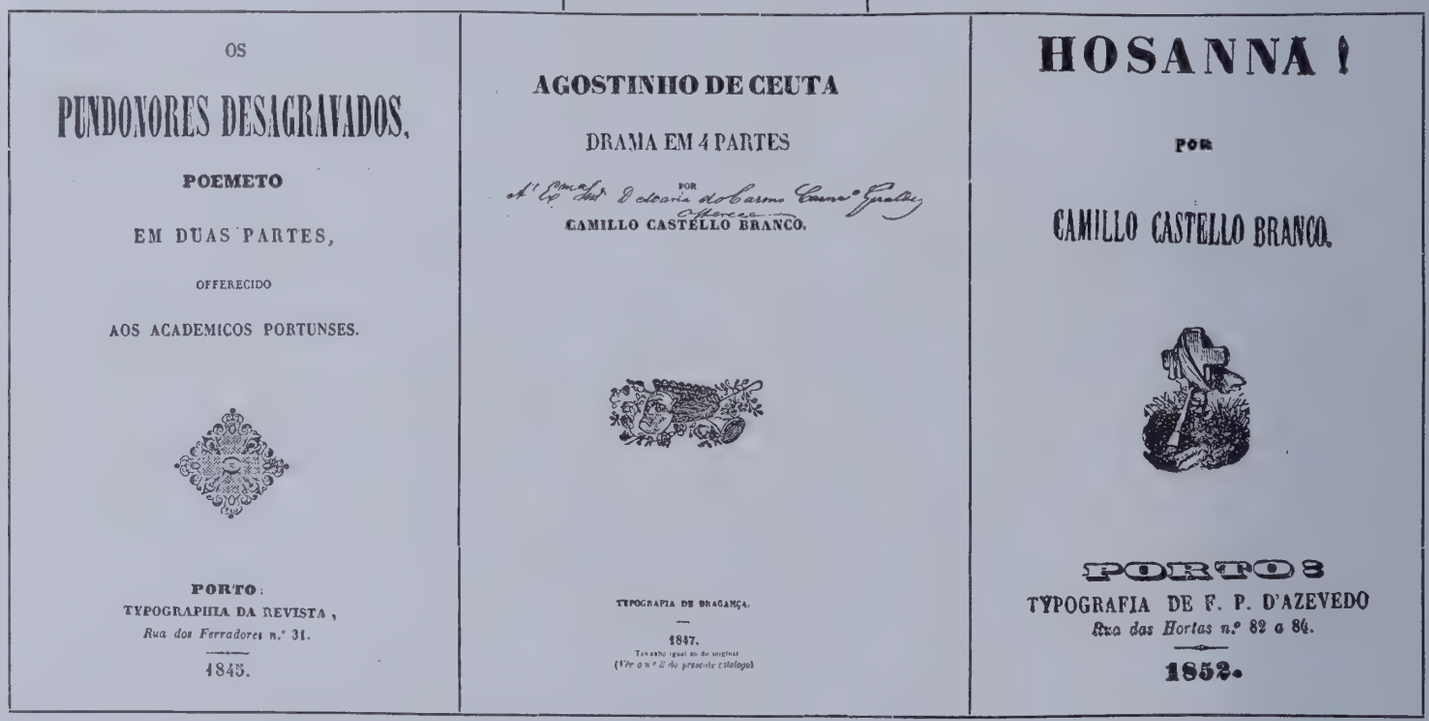
EM

3 CANTOS.

PORTO:

TYP DO ECCO POPULAR,
Rua do Bomjardim n.º 650

1848.


OS

PUNDONORES DESAGRAVADOS,

POEMETO

EM DUAS PARTES,

OFFERECIDO

AOS ACADEMICOS PORTUNSES.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DA REVISTA,
Rua dos Ferradores n.º 31.

1845.

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA EM 4 PARTES

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

TYPOGRAPHIA DE BRAGANÇA.

1847.

HOSANNA!

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PORTO
TYPOGRAFIA DE F. P. D'AZEVEDO
Rua das Hortas n.º 82 a 84.

1852.

Fronstispícios das primeiras produções de Camilo Castelo Branco

da novelística romântica de Camilo, contém páginas que no-lo atestam.

*
* *

O romancista foi também dramaturgo, comediógrafo, poeta, pesquisador da história, polemista. Se o teatro dramático de Camilo é mera curiosidade bibliográfica — sem excluir *O último acto*, em que, aliás, Pinheiro Chagas reconhecia, no

REPUBLICAS

REVISTA POLITICA E LITTERARIA

«Versa amor da patria não movido
de premio vil!» Camões

DIRECTOR POLITICO THOMAZ RIBEIRO — LISBOA, 11 DE ABRIL — DIRECTOR LITTERARIO C. CASTELLO BRANCO

1.º ANNO — 1885 — EDITORES — ADOLPHO, MODESTO & C.ª — N.º 19

Républicas — Jornal literário dirigido por Tomás Ribeiro e Camilo Castelo Branco

da morte de Camilo e compôsto no derradeiro período do sua vida, está o melhor da poesia camiliana, pode mesmo dizer-se tudo quanto, escrito por êle em verso, merece a pena ser lido. E isto, que já seria muito, mais notàvelmente se impõe se se tiver em conta que dêsse feixe de sonetos faz parte *A maior dor humana*, que Guerra Junqueiro punha a par dos mais belos de Camões e de João de Deus,

qualificando-o como o terceiro soneto da lírica portuguesa:

Que imensas agonias se formaram
sob os olhos de Deus! Sinistra hora
em que o Homem surgiu! Que negra aurora,
que amargas condições o escravizaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o céu que respondeu? As mãos baixaram
para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que nas trevas vai sonhando,
e apalpa as sombras dêles onde os viu
nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abismo, pai, não vão confortos.
És coração que a dor empederniu:
sepulcro vivo de dois filhos mortos.

CAMILO — Fotografia de 1857

O polemista, acicatado pela volúpia da retaliação pessoal, foi acima de tudo, um tremendo flagelador pela troça. Das suas páginas polémicas pouco ou nada aproveita à ilustração de uma tese. Tudo são fintas de pugilista apostado em desfeitear o adversário. Se houve já alguma vez polemistas que devam ser tidos por paradigmas de lealdade, Camilo não o foi. O génio sarcástico de Camilo, tão pròximamente aparentado com o de Henri Heine, tem, entretanto, ali algumas das suas explosões mais impressionantes. Falando no sarcasmo de Camilo, há que acentuar que foi, de facto, a «corda do riso», uma das feições dominadoras pela qual a estranha personalidade literária de Camilo perdurará na literatura nacional. Ninguém, efectivamente, como êle, que tantas lágrimas fêz borbulhar, soube, quási sem transição, por vezes, fazer rir perdidamente:

«Instituïção divina é só uma: é o mundo. Esta crença há-de prevalecer emquanto o meu mestre Teófilo não provar que o mundo é obra dos mosárabes».

Outra nota da mordacidade camiliana:

«Que existe o inferno, é dogma, é fé, é evidência invisível. E se não fôsse dogma, a razão humana o criaria tal para prefixar a paragem futura de certos velhacos».

CAMILO — Fotografia de 1860
(Da Conferência de *Camilo Castelo Branco sua vida e sua obra*; Lisboa, 1914)

CAMILO — Litografia reproduzida do n.º 47 do semanário *Luís de Camões*; Pôrto, 1864.

Mais típico ainda é êste exemplo de ironia com a própria desgraça, em carta para um amigo:

«Hoje de tarde perdi completamente a vista do ôlho direito, mas não perdi a esperança de lhe anunciar amanhã a perda do ôlho esquerdo».

Vejamos agora o prosador, o estilista.

Ninguém — já o dissemos — reviu e emendou menos do que Camilo. O manuscrito do *Amor de Perdição*, penejado, como todos sabem, em quinze dias, quási não tem uma rasura. O escritor não se detinha a esmerilhar a frase, a retocar, a polir. Dotado de assombrosa espontaneidade e acicatado pela precisão de ganhar do editor a retribuïção ajustada — quando não o era pela de se libertar de um compromisso que o livreiro antecipadamente tinha pago — Camilo escrevia depressa, sem vagar nem pachorra para corrigir o que lhe saía dos bicos da pena. Daí a estravagante incoerência com que grafava certas palavras e, o que é mais de notar, as asperezas, as repetições e os deslises sintáxicos que não é difícil apontar em tantas das suas páginas. Note-se êste repisar da preposição *com* (in *Eusebio Macario*, 6.ª ed., pág. 12):

«A primeira pessoa que viu a descer pelo recôsto de um mato *com* um rebanho de ovelhas,

que o fitavam pasmadas numas atitudes palermas, era a Felícia, a impoluta, *com* a roca à cinta, rodopiando o fuso, saia de linho muito fresco apanhada na cintura em refêgos inquietadores da honestidade, e uns traços de pernas trigueiras, *com* redondezas de barrigas muito gôrdas, e um colete de chita amarela *com* atacadores vermelhos que pojavam para cima os seios muito intumecidos e mordidos dos beijos do sol, *com* alguns sinais de pulgas».

Do *Amor de Perdição* (5.ª ed., pág. 240) se recorta êste passo:

«*Estando* Manuel Botelho, na tarde dêsse dia, *fechando* as malas *para* seguir jornada *para* Vila-Real...»

E êste outro (pág. 255):

«Simão deixou caír a *carta*, e sentou-se prostrado de ânimo. Mariana correu a levantar a *carta*, e êle, tomando-lhe a mão...».

Retrato de CAMILO no album que pertence a D. Ana Amália Moreira de Sá (Vizela)

Fotografia de CAMILO, reproduzida da 1.ª edição (1870) de *A Mulher Fatal*

Sob o ponto de vista gramatical deve confessar-se ser um exagêro a infalibilidade com que o exornam os admiradores incondicionais. No emprêgo do infinito pessoal cincou muitas vezes, na peugada — há-de reconhecer-se também — de alguns dos clássicos de maior nomeada, como João de Barros, António Vieira, Alexandre Herculano:

«Pareciam serpentes negras a *colearem* pela ribanceira. — ... duas frèguesias gabaram-se de *obterem* de sua liberalidade tôrres e sinos para as mesmas. — Estas razões, únicas possíveis, não precisavam *serem* explicadas mais aos filhos por seus pais. —

Em por *de*, *deparar com*, *fazer com que*, etc., etc., são solecismos encontradiços nos livros de Camilo. O vernaculismo camiliano não é, conseqüentemente, impecável. Galicismos desnecessários enodôam muitas das suas páginas. Êsse trabalho de espulgação está feito por quem tinha autoridade para se abalançar a tal, não valendo, por conseguinte, a pena tentar sequer respigá-lo aqui [1].

A figura de Camilo, pela sua mesma desmedida grandeza, transcende, de resto, o âmbito da crítica que, sob o aspecto mèramente lexicográfico e prosódico, tome por matéria a sua obra. Êle não foi apenas o «maior opulentador da nossa língua», de que falou Castilho, nem — menos ainda — o purista birrento e esturrado a que beatamente o reduzem aquêles admiradores que, no dizer irónico de Eça de Queiroz, sêca e pêcamente admiram no prodigioso sinfonista da língua portuguesa o homem que melhor descompunha o seu semelhante e conhecia maior número de têrmos do dicionário. A língua de Camilo não é a língua morta, ressequida, encarquilhada dos forrageadores de arcaísmos. Se pôs de novo em circulação, mercê da sua familiaridade com os nossos clássicos, vocábulos caídos em desuso, grande foi também a quantidade de neologismos que formou, e de não menos valia é o caudal de palavras e locuções que foi buscar ao falario das nossas aldeias. Com tôdas as imperfeições que, no tocante à pureza idiomática, maculam as suas páginas — imperfeições atribuíveis às dolorosas condições que o condenaram a ganhar, escrevendo, os «seis vinténs para o pão de cada dia» —, incontestável é Camilo haver sido um mestre e um clássico da língua.

Fotografia de CAMILO oferecida ao seu grande amigo DR. CUSTÓDIO JOSÉ VIEIRA. O filho de Custódio José Vieira, do mesmo nome, advogado como o pai, com a honestidade de carácter, herdou-lhe o culto de Camilo, de quem era um cultor apaixonado. Morreu não há muito e deixou profundas saüdades.

Raros possuiram, como êle, a feiticeira magia da palavra.

Escreveu com o sangue das suas veias e as lágrimas dos seus olhos.

A sua obra, filha do génio e da desgraça, é um padrão titânico na literatura portuguesa do século XIX.

---

(1) Acêrca da linguagem de Camilo há estampados vários estudos notáveis, principalmente no Brasil. São de recomendar, além de outros, os seguintes trabalhos: *A linguagem de Camilo*, de Cláudio Basto, Pôrto, 1927; *Camilo e o povo fora dos dicionários*, de António da Costa Leão, Lisboa, 1922; *Livros de Camilo*, de Laudelino Freire; *Camilo e as caturrices dos puristas*, de João Curioso (conde de Pinheiro Domingues), Rio de Janeiro, 1924; assim como três volumes do lexicólogo brasileiro A. Tenório de Albuquerque: *Galicismos*, *O vocabulário de Camilo* e *Estudos de português*.

XX — A PROSA — O ROMANCE E O CONTO

BIBLIOGRAFIA: — ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA: — *Manuel de Sousa Sepulveda (Panorama,* vol. VII, n.os 87 a 92); *O Conde Soberano de Castela, Fernão Gonçalves, (Panorama,* 1884 e 1853); *Maria ou Amavel (Archivo Universal,* tomo II, onde também saiu *M.el de Sousa Sepulveda).* De *Fernão Gonçalves* há ed. brasileira. Sôbre Oliv. Marreca veja-se Inocêncio, vols. I, VIII e XXII; *Memorias de Litteratura Contemporanea,* por A. P. Lopes de Mendonça, etc.

LUIZ AUGUSTO REBÊLO DA SILVA: — *Contos do serão. Novellas africanas. Epoca 1.a. A Tomada de Ceuta. Rausso por homisio. Odio velho não cança,* Romance histórico — Lisboa, 1849. *A mocidade de D. João V* — Lisboa, 1852-53. *A pena de talião,* Romance histórico. *Contos e lendas.*

JOÃO D'ANDRADE CORVO: — Além de muitas obras em géneros alheios à literatura, escreveu: *Um ano na côrte* (1850-51); *O sentimentalismo* (1871); *Contos em viagem* (1883). Para o teatro: *Maria Teles; O aliciador; O astrólogo; Um conto ao serão; Nem tudo que luz é ouro.*

ANTONIO COELHO LOUSADA: — *A Rua Escura.* Tradição portuense; teve 2.a edição em 1857; *Na consciencia.* Romance — Porto, 1857; *Os Tripeiros. Romance do seculo XIV.* Porto, 1857.

ARNALDO GAMA — Arnaldo de Sousa Dantas da Gama: — *Poesias e Cantos.* Porto, 1857; *O Genio do Mal.* Romance. Porto, 1857, 4 tomos; *Verdades e ficções.* Colecção de romances. Porto, 1859, 2 tomos; *Um motim ha cem annos.* (Crónica portuense do século XVIII). Porto, 1861; *O Sargento-mor de Villar.* (Episódios da invasão dos franceses em 1809). Porto, 1866; *O Segredo do Abbade.* Porto, 1864; *A ultima dona de S. Nicolau.* (Episódio da história do Porto no século XV). Porto, 1864; *O filho da Baldaia.* Romance histórico. Porto, 1866; *A Caldeira de Pero Botelho.* Porto, 1867 Póstumos: *El-rei dinheiro.* Porto, 1870; *O Balio de Leça.* Porto, 1872.

D. JOÃO D'AZEVEDO — D. João de Azevedo Sá Coutinho: — *O Sceptico* e *O Misantropo,* romances publicados em jornais e depois em separado.

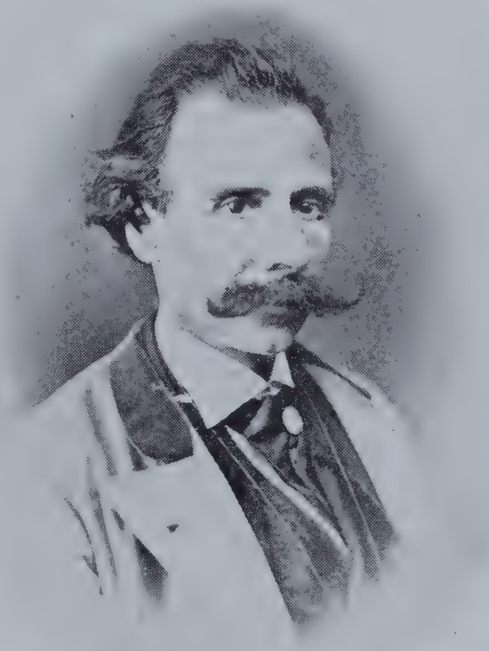
Como dramaturgo D. João de Azevedo tem outros trabalhos.

ANTONIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA: — *Scenas da vida contemporanea.* 1.a série. Lisboa, 1843; *Memorias de um doido.* Lisboa, 1849; é na sua bibliografia a parte que se refere ao romance. Em género descritivo, escreveu as *Recordações de Itália,* 1851.

Como crítico, deixou os seguintes trabalhos: *Ensaios de crítica e litteratura,* 1849; *Memórias da Litteratura contemporânea,* 1855; *Litteratura portuguesa dos séculos XVI e XVII,* 1857; *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal,* 1858; *José Agostinho e a sua época,* 1858.

As *Memorias da Litteratura Contemporanea,* são um livro excelente e ainda hoje consultado.

Retrato de CAMILO. Da obra « Segredos d'alma »



Retrato pouco conhecido de CAMILO pertencente ao Dr. Fidelino de Figueiredo (Do *In Memoriam,* pág. 95)

COM os livros de Garrett, Castilho e Herculano, a prosa atingiu o máximo do seu esplendor. Garrett com as *Viagens na minha terra* deu-nos prosa simples, Herculano a prosa austera, e Castilho a a prosa natural. Camilo, que fecha o romantismo, é outro dos grandes. Mas entre Castilho e Camilo outros vão que, não sendo como êles, merecem citação; e alguns até, como êsse Gomes Coelho, o nosso criador do romance campezino, estudo especial. O romance da primeira época foi o romance histórico, que todos mais ou menos cultivaram, e que a atravessou tôda, de Herculano a Camilo, notabilizando-se Herculano com o *Eurico* e o *Monge do Cister, O Bobo* e as *Lendas e narrativas,* e Camilo com *O Regicida, A Filha do Regicida, A Caveira da Mártir, O Judeu, Luta de gigantes,* e outros. Pode dizer-se mesmo que o romance histórico foi introduzido entre nós por Herculano — êle o confessa referindo-se a Oliveira Marreca. Sabe-se que Oliveira Marreca (1805-1889) escreveu *Manuel de Sousa de Sepúlveda,* trecho histórico-romântico, e *O Conde Soberano de Castela, Fernão Gonçalves,* e *Maria ou Amavel,* em jornais do tempo. Herculano diz: « Emfim o *Conde de Castela* do sr. Oliveira Marreca, vasta concepção, pôsto que ainda incompleta, foi, porventura, inspirado pelo exemplo destas fracas tentativas *(Lendas e Narrativas)* e das que, em dimensões maiores, o autor empreendeu no *Eurico* e no *Monge de Cistér* ». Chama-lhe « carácter grave e austero », « homem, sobretudo, de ciência e de consciência », e diz que êle poderia fazer a Portugal os serviços que Du Monteil prestou à França, « isto é, popularizar o estudo daquela parte da vida pública e privada dos séculos semi-bárbaros, que não cabe no quadro da história social e política ». Oliveira Marreca que foi um político, um sábio e um economista, foi também um romancista que ninguém vai desenterrar às páginas

das velhas revistas que o publicaram. Em volume nunca em Portugal se publicou.

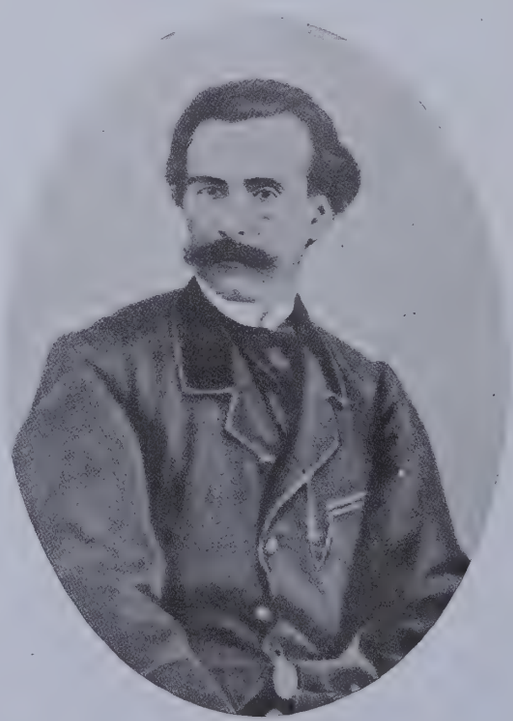
Rebêlo da Silva. — Rebêlo da Silva nasceu a 2 de Abril de 1821, e faleceu a 19 de Setembro de 1871. Foi lente do Curso Superior de Letras, deputado, par do reino, ministro, sócio efectivo da Academia das Ciências. Como romancista e contista teve grande voga, e chegou, com o seu conto *A última corrida de touros em Salvaterra*, a sentir a glória de ser autor de um trecho popularmente admirado. Essa página notabilizou-se, foi lida, foi decorada, e é ainda considerada como a sua obra prima. Mas de Rebêlo da Silva não é só êste o seu único escrito. Outros há de mais fôlego e não menos bafejados pelo agrado público. Começando em 1840 pela *Tomada de Ceuta* e continuando em 1842 pelo *Rausso por homizio*, imitava Garrett e Herculano. *Odio velho não cansa*, publicado em 1848, não se liberta ainda dessa subordinação herculanesca, não fôsse Herculano seu mestre, seu modêlo e seu amigo. E em 1848 o seu famoso trecho *A última corrida de touros em Salvaterra* trouxe, com a emancipação da sua personalidade literária, uma novidade: o alargamento do âmbito histórico. Até então o romance era antigo ou medieval. Só se lia menestréis e trovadores, castelãs e pagens enamorados, cimitarras e alfanges, lorigão, tôrre da menagem, etc. Foi Rebêlo da Silva quem transportou donas e cavaleiros dos tempos brumosos para os da sociedade do século XVIII, pela primeira vez.

Em 1852 Rebêlo da Silva dá-nos *A Mocidade de D. João V*, romance tido por uns como excelente, tido por outros como cheio de grandes defeitos, pouco lógico e muito difuso. Todavia ainda hoje se lê com agrado, e tal entusiasmo suscitou o seu aparecimento que breve foi passado do romance para o teatro. Nos dois tribunais da opinião pública, o livro e o palco, em ambos foi aplaudido e saiu coroado de loiros. *Lágrimas e Tesouros* de 1863, *A Casa dos Fantasmas* de 1865, e *De noite todos os gatos são pardos*, póstumo, se nada trazem já ao seu nome literário, também não perturbam a sua glória.

Andrade Corvo nasceu em Tôrres Novas a 30 de Janeiro de 1824 e faleceu em Lisboa a 16 de Fevereiro de 1890. Foi coronel de engenharia, par do Reino, ministro, lente da Escola Politécnica e do Instituto Superior de Agronomia, sócio efectivo da Academia das Ciências. Foi mais dramaturgo do que romancista. Como tal publicou *Um ano na côrte*, 1850, e êsse foi o triunfo que trouxe o seu nome até nós. O teatro passa com maior ruído do que o romance. Fêz-se para se representar. O êxito do romance leva mais tempo a passar. Fêz-se para se ler. E assim, se Andrade Côrvo tivesse sido apenas um dramaturgo, o seu nome estaria definitivamente esquecido, como a maioria dos nomes que no teatro o público aclamou. O romance *O Sentimentalismo*, que Côrvo publicou em 1871, romance passional e de sátira, já não teve o exito do histórico, género em que *Um Ano na Côrte* é realmente, sem favor, do melhor que se publicou, e como tal um dos que no género sobrevivem e se lêem.

Retrato de Camilo publicado por Tavares de Carvalho, no seu trabalho «A minha casa de Camilo»

António Coelho Lousada nasceu no Pôrto a 4 de Novembro de 1828 e faleceu em Julho de 1859. Deixou-nos *a Rua Escura*, *Os Tripeiros* e *Na consciência*, três romances que não pesariam em nada numa história literária se não tivessem sido publicados. Têm por vezes estudo, mas nem a acção novelesca, nem o estilo se distinguem e sobrepõem de fórma que na maré do tempo êles escapassem ao esquecimento. Predomina nêles o que era mau no gôsto do tempo em que foram escritos, e só ficaram como patenteação e mostra dêsse mau gôsto.

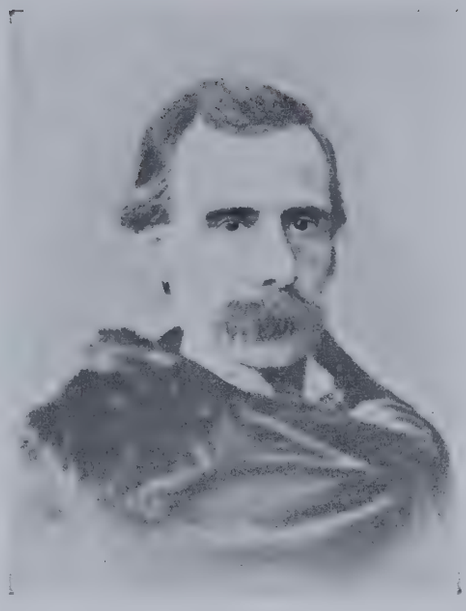


Camilo (Do vol. de António Cabral, publicado em 1918: *Camilo desconhecido*)

Arnaldo Gama nasceu no Pôrto em 1 de Agosto de 1828 e faleceu na mesma cidade a 29 de Agosto de 1869. Formou-se em Direito na Univ. de Coimbra; foi sócio correspondente da Academia das Ciências e jornalista.

Foi o romancista histórico que depois de Herculano mais a sério tomou o seu labor. Romanceando, êle faz história, e quem aprenda a história pelos assuntos que êle romanceia pode ter a certeza que aprende história verdadeira, com suas figuras, trajos, arqueologia. Era pois mais um historiador do que um romancista? Era. Mas o público ainda hoje o admira e o lê, faz justiça à sua honestidade, à sua investigação cuidada, ao seu amor da verdade, à sua ciência de

vulgarizar, perdoando-lhe de bom grado a escassez da fantazia, o não maquiavelismo de criador de scenas e a ausência de rodriguinhos atinentes à lágrima inverosímil. Arnaldo Gama, redivivo agora numa edição de obras completas, mostra bem o seu pulso de escritor. Com defeitos é certo, e muitos, mas com grandes qualidades. Arnaldo Gama foi por primado bem ganho o cronista do Pôrto que êle amava e para o qual viveu. A sua primeira obra foi o *Génio do Mal* em 4 volumes em 1857. D'então à sua morte escreveu *Carolina*, escrita em 1854, *Um motim há cem anos*, *A última dona de S. Nicolau*, *O Filho do Baldaia*, *O Balio de Leça*, *El-Rei Dinheiro*, e tantos outros, todos portuenses, todos falando na sua cidade querida. Camilo, referindo-se-lhe, diz que todos o devem ler, pois é o «nosso primeiro romancista histórico», e Camilo, oficial do mesmo ofício, não era pródigo em dizer elogios semelhantes. A prova de que Arnaldo Gama sobreviveu ao seu tempo é que ainda hoje é lido. Tem ainda interêsse, desperta ainda curiosidade. Essa prova anula tôdas as críticas em contrário e dá ao escritor o relêvo merecido e presta-lhe justiça inteira, durante muito tempo sonegada. Para juízo definitivo da obra que êle deixou, muito concorre a edição popular das obras, dirigida por seu filho Arnaldo Gama, edição que compreende I — *O Balio de Leça*, II — *O Segrêdo do Abade*, III — *O Sargento mor de Villar*, IV — *Um motim há cem anos*, V — *El-rei Dinheiro*, VI — *O Génio do mal*, VII — *A Caldeira de Pero Botelho*, VIII — *Honra ou Loucura*, IX — *Verdades e ficções*, X — *A Ultima dona de S. Nicolau*, XI — *O filho do Baldaia*. É uma edição magnífica, sóbria e elegante, de preço baratíssimo.

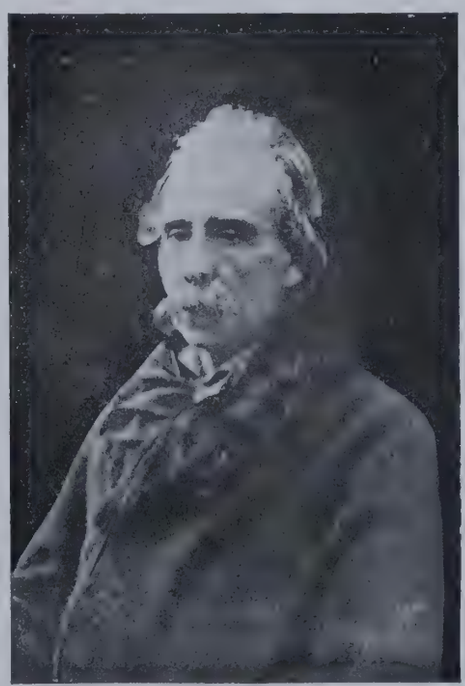


Camilo em 1870

D. João de Azevedo e António Pedro Lopes de Mendonça. — Depois do romance histórico em que Herculano foi verdadeiramente o grande, aparece-nos o romance passional. Êsse teve em Camilo, já tratado, a sua maior figura. Antes, dois nomes nos aparecem nas histórias de literatura, se bem que tenha sido pequena a sua acção e seja hoje de todo esquecida a sua actuação: D. João de Azevedo (1811-1854) e António Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865). Do primeiro *O Sceptico* e depois *O Misantropo*, lidos quando apareçeram, esquecidos depois e hoje raros e totalmente ignorados; e do segundo as *Memórias dum doido*, fortemente romântico, e que ainda hoje é lido como significado de uma época de descabelado romantismo.

D. João de Azevedo, tendo-se formado em Direito, na Universidade de Coimbra, em 1831, foi durante algum tempo juíz em Freixo de Numão; com o triunfo dos liberais, em 1834, deixou êsse cargo, e só retomou o exercício de funções públicas em 1838. Entretanto, fundara em Braga o primeiro jornal bracarense, *O Cidadão Philanthropo*; mais tarde, seguindo a sua vocação jornalística, chegou a substituir o Bispo de Vizeu no periódico político *A Esperança*. Como político, jornalista e teatreiro, esqueceu de todo. Contudo, o seu valor literário merecera a Camilo a seguinte elogiosa apreciação: «Há aí — escrevia o genial romancista a propósito de *O Sceptico* — páginas de oiro. O rasgado do desenho, a cadência poética da frase, e sobretudo a correcção do estilo, quási sempre grave e primorosa, são de si atributos superiores do talento do Snr. João de Azevedo. A imaginação viva do autor brilha por essas páginas como clarão rápido de um relâmpago; depois, forçado a descer ao descritivo, perde muito da sua elevação; é como a águia, que, pousada na terra, descai da altivez do seu vôo, some-se entre arbustos, e não dá um indício da sua realeza».

António Pedro Lopes de Mendonça teve no seu tempo um grande logar; foi crítico, e como crítico marcou. Foi chefe de uma geração de jornalistas que veiu singrando nas águas de Júlio César Machado e que acabou tràgicamente como tràgicamente acabou o seu mestre. Lopes de Mendonça acabou louco, César Machado, no suicídio. E justo é dizer que se como romancista Lopes de Mendonça é inferior, como crítico êle é dos primeiros do seu tempo e ainda hoje as *Memorias de Literatura contemporanea*, de 1855, são compulsadas, não podendo com justiça ser esquecidas.



Último retrato de Camilo (1882)

Lopes de Mendonça, *leão* de elegâncias, metido nos teatros onde fazia representar uns provérbios num acto, dando crónicas a todos os jornais, escrevendo as *Recordações de Italia*, não podia deixar de ser o modêlo do figurino pelo qual o moço Júlio César Machado, se vestiu depois. Cotejadas as duas figuras, vê-se que são apenas o prolongamento uma da outra.

XXI — EÇA DE QUEIROZ

BIBLIOGRAFIA: — *O Crime do Padre Amaro* (publicado primeiramente na Revista Occidental, Lisboa, 1875). Lisboa 1876; *O Primo Basilio*. Pôrto, 1878; *O Mandarim*. Pôrto, 1879; *A Reliquia*. Pôrto, 1887 (publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro); *Os Maias*. Pôrto, 1888; *A Ilustre Casa de Ramires*. Pôrto, 1900; *Correspondência de Fradique Mendes* (Memórias e notas). Pôrto, 1900; *Diccionário de Milagres*. Lisboa, 1900; *A Cidades e as Serras*. Pôrto, 1901; *Contos*. Pôrto, 1902; *Prosas barbaras*. Pôrto, 1905; *Cartas de Inglaterra*. Pôrto, 1903; *Echos de Paris*. Pôrto, 1905; *Cartas familiares e bilhetes de Paris* (1893-96). Pôrto, 1907; *Notas contemporaneas*. Porto, 1909; *Ultimas Paginas*. Porto, 1902.

Pòstumamente publicaram-se ainda: *Alves & C.ª, Capital, Conde de Abranhos, Correspondência, O Egypto*, e *Cartas inéditas de Fradique Mendes*.

De colaboração com Ramalho Ortigão: *O Mysterio da Estrada de Cintra*. Lisboa, 1870. *As Farpas* — «Chronica mensal da politica, das lettras e dos costumes». Lisboa, 1871. 4 séries. A colaboração de Eça foi depois reünida em 2 volumes intitulados *Uma campanha alegre*. Lisboa, 1890-91.

TRADUZIU:

As Minas de Salomão de Ridder Haggard. Pôrto, 1891.

DIRIGIU:

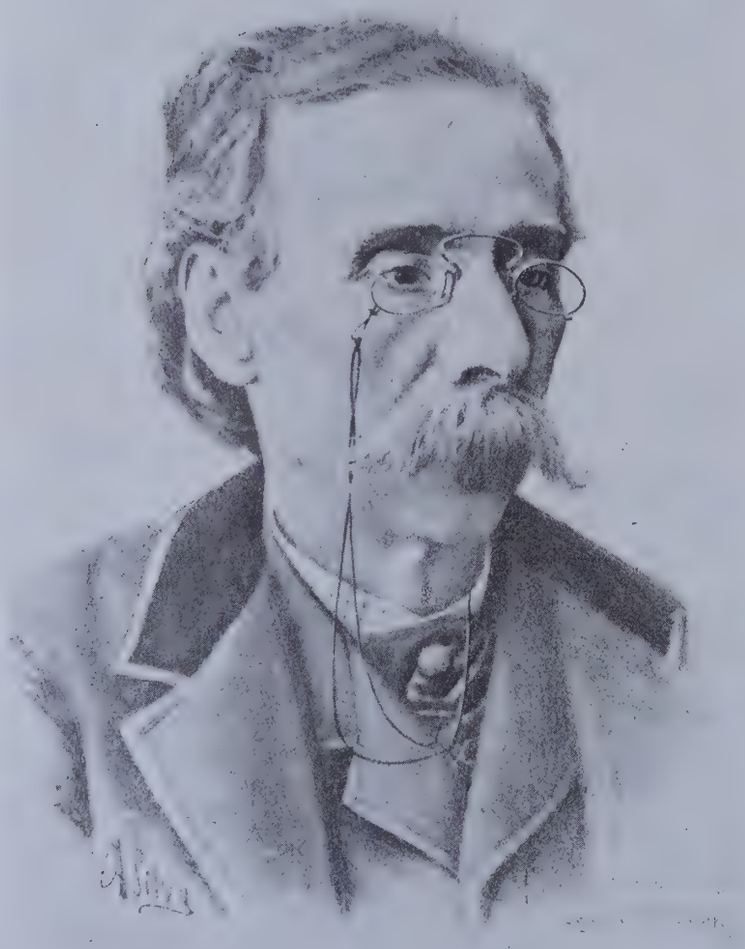
Revista de Portugal. 4 vols. Pôrto, 1889-92; *Almanach Encyclopedico*. Lisboa, 1896-97.

De um conto de Eça extraiu-se *O Suave Milagre* (1902 — Conde de Arnoso, Alberto de Oliveira e Oscar da Silva). Eça está traduzido em espanhol, francês, italiano, inglês, alemão e sueco.

ESTUDOS A CONSULTAR SÔBRE A SUA VIDA E OBRA:

Arnaldo Fonseca — *Eça de Queiroz* (1900); Francisco Lagreca — *Em defesa do Mestre*. S. Paulo. 1906; Teóphilo Braga — *Eça de Queiroz e a sua obra*. Conferência. 1901; Fernandes Agudo — *Apotheose a um romancista*. Lisboa, 1901; Manuel de Sousa Pinto — *O Monumento a Eça de Queiroz*. Coimbra, 1904; *Eça de Queiroz, Questão de naturalidade*. Pôrto, 1906; *O Partidário*. Vila do Conde, 1906; Miguel Mello — *Eça de Queiroz. A obra e o homem*. Rio de Janeiro, 1903; José Agostinho — *Eça de Queiroz*. Pôrto, 1909; José Osório de Oliveira — *Oliveira Martins e Eça de Queiroz*. 2.ª ed. 1923; João de Meira — *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*. Famalicão, 1912; *A Eça de Queiroz. Na inauguração do seu monumento*. Pôrto, 1904; Alberto d'Oliveira — *Eça de Queiroz*. Lisboa, 1919; António Cabral — *Eça de Queiroz*. Lisboa, 1916; Alfredo de Carvalho — *Eça de Queiroz*. Lisboa, 1918; Xavier de Carvalho — *De Garrett à Théophile Braga et à Eça de Queiroz*. Paris, 1904; Bulhão Pato — *Hoje; Satyras, Canções e idylios*. Lisboa, 1888; Rafael Bordalo Pinheiro — *Album das Glórias* (1880); Manuel da Silva Gayo — *Eça de Queiroz*. Coimbra, 1920; Cardoso Marta — *Notas queirozianas*. Lisboa, 1921; Correia da Costa — *Eça, Fialho e Aquilino*. Lisboa, 1923; Nuno Catarino Cardoso — *Camilo, Fialho e Eça*. Lisboa; Jaime de Magalhães Lima — *Eça de Queiroz*. Coimbra, 1923; Archer de Lima — *Eça de Queiroz diplomata*. Lisboa; Albino Forjaz de Sampaio — *Eça de Queiroz* (Colecção Patrícia).

ICONOGRAFIA: — *Óleo* por Columbano; *Desenhos* por António Carneiro, Cristiano de Carvalho, Alfredo Cândido, Rafael Bordalo, Saavedra Machado, Celso Hermínio; *Esculturas* por Teixeira Lopes, Silva Gouveia, Rafael Bordalo e Costa Mota.



CAMILO — Retrato litográfico por A. Silva, publicado no n.º 19 de *O Charivari*, de 19 de Março de 1887, pág. 145

QUE fazer com Eça de Queiroz, ao chegar a altura de o situar na presente História da Literatura Portuguesa? Condensar o que se sabe àcêrca da sua obra, como seria a boa norma, é recapitular o que tôda a gente conhece, porque se trata de um escritor muito vivo na memória do grande público. Tudo que a história literária a respeito dêle apurou, é geralmente sabido: a sua banal carreira de cônsul, exacto nos seus deveres burocráticos e com lazeres bastante largos para se dar à elaboração duma obra de escrupulosa factura; o pitoresco anecdotário da sua boémia de juventude; a sua fidelíssima amizade com Ramalho, Antero e Oliveira Martins; a constante comunicação de longe com os amigos e a sensibilíssima recôlha de tôdas as vibrações da pátria distante; os seus tropeções em Camilo, genial e azêdo, e em Pinheiro Chagas — «sempre êste homem fatal!» —, Chagas, brilhante e frívolo, ciumento da sua glória e zeloso paladino dos prejuízos estéticos do romantismo castilheano (1) e do liberalismo rotativista; a sua iniciativa da grande *Revista de Portugal*, que visava a criar e orientar uma opinião esclarecida sôbre as coisas da cultura e os rumos da política; a sua

(1) «Êste Chagas, que eu nunca vi, é um lebreu do Castilho, espécie de Soromenho do Herculano, e Gomes de Amorim do Garrett». (De uma carta de Camilo a Ramalho Ortigão, publicada no jornal *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1938).

correspondência, lenta e cuidada como obra de arte, e por isso nova irradiação do seu espírito, inseparável do conjunto da sua carreira literária e mental. Só falta elucidar um ou outro ponto, por exemplo aquêle rumor de que em certa altura o seu modesto lugar de cônsul esteve em perigo por causa da sua liberdade crítica no juízo da política nacional e lhe foi salvo pelo próprio rei D. Carlos. Tôda a gente que ama a boa leitura conhece a sua obra, incluindo a póstuma (1), cuja publicação, e até um pouco a sua fiel autenticidade, foram amplamente controvertidas. Inventariou-se-lhe a obra, originais e traduções dela, com boa técnica bibliográfica, e vai-se inventariando também a densa floresta de livros, ensaios, artigos críticos, glosas interpretativas dessa obra. Começa-se a rastrear a influência dela na América espanhola e portuguesa, naquela «América latina» em que êle não cria, e que lhe retribuiu a fobia com fidalga generosidade (2). Levantou-se o processo da originalidade dos materiais com que construiu êsse atauxiado maravilhoso do seu estilo e chegou-se a pôr o problema da sua honradez: ¿houve ou não houve plágio?

Tudo isto é do domínio do público literário. Pouco faltará fazer: completar o estudo das fontes reais ou literárias dos seus tipos; definir a psicologia e a maneira peculiar do seu cómico; e ordenar o seu «idearium», isto é, a sua filosofia sôbre os problemas fundamentais da consciência, da arte e da pátria. Dêstes temas, uns dependem muito do casual aparecimento de documentação, ou de declarações testemunhais, que documentos são também; outros são mais fáceis, porque Eça de Queiroz confessou-se plenamente em público, principalmente na sua vasta colaboração jornalística; outros pedem um aprofundar mais vigoroso na essência da sua técnica literária, e exigem um aparelho demonstrativo que não se harmonizaria com o carácter da presente *História da Literatura*. ¿Que fazer então? Optarei por expôr uma série de reflexões sôbre a obra e o temperamento artístico do escritor, o que será certamente mais actual e mais novo. Em vez de um estudo objectivo da obra do escritor, uma «suite» de ideas sôbre ela.

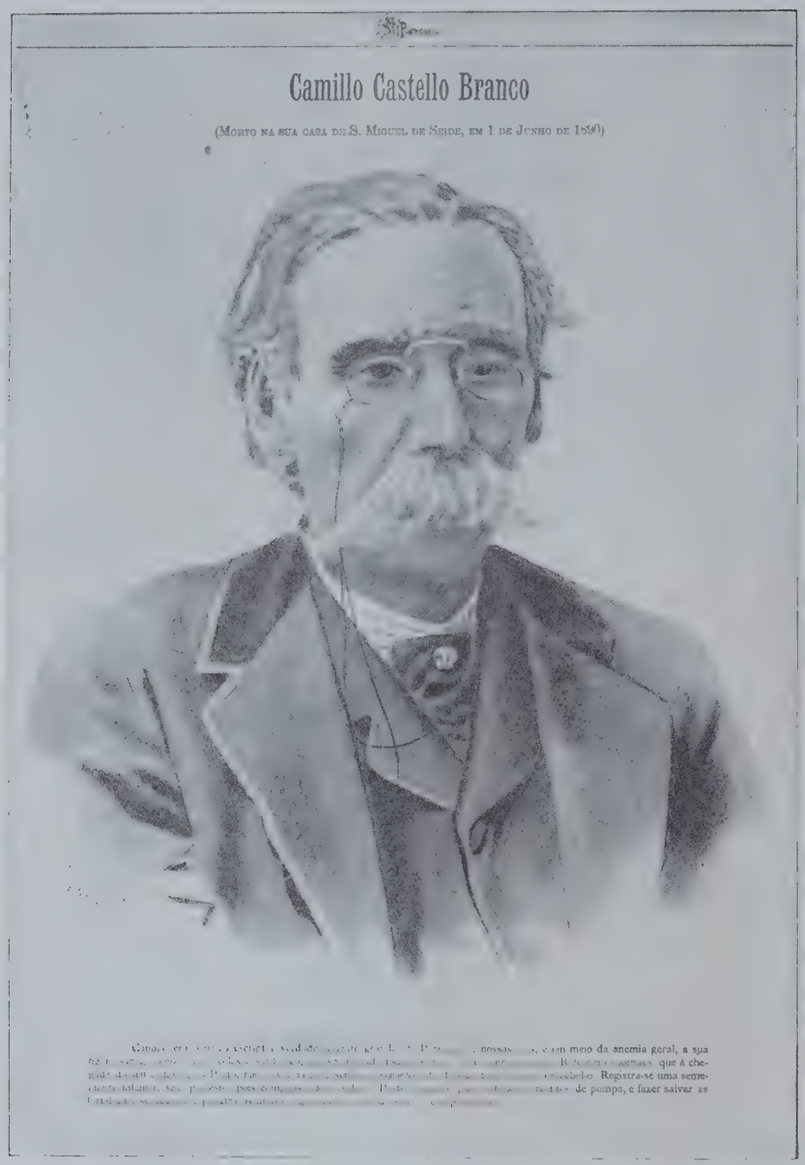
*

O romance *O Crime do Padre Amaro*, com que em 1875 se iniciava a era das grandes realizações do realismo (1875, visto que a batalha de 1865 e as conferências de 1871 haviam sido explosões doutrinárias e definições de programas), reflectia influências estranhas, influências daquele movimento solidário do gôsto, que forma a história da literatura geral ou da *Weltliteratur*,

CAMILO. Retrato por Condeixa (Da revista *Branco e Negro*, n.º 62 de 6 de Junho de 1897, Lisboa)

(1) V. *Eça de Queiroz inédito*, in *Crítica do exílio*, Lisboa, 1930, Completa o cap. IV da *História da Literatura Realista*, Lisboa, 1914, págs. 149-195 da 2.ª ed. 1924.

(2) «Meu querido Ramalho: Revistas e jornais para a chamada «América latina» têm-se criado às dúzias, às grosas. Todo o literato, colocado na passagem dos paquetes do Pacífico, pensa imediatamente em exportar literatura para essas regiões selváticas. Têm-se fundado dessas revistas em Londres, em Liverpool, em Bordeus, no Havre, em Génova, em Cádiz. Umas em francês, outras em espanhol, outras em português ou pseudo-português. Tenho-as visto, tenho-as folheado com o devido horror! Ainda há mêses me caiu na mão um dêsses monstros chamado (como V. queria para a nossa) «Revista de la América Latina»! — Pois tudo isto, comercialmente, tem falhado, porque o sul-americano é, de todos os seres humanos, o mais indiferente à «letra redonda». São chamados civilizados, por se saberem servir, mais ou menos *gauchement*, dos instrumentos de civilização que os outros inventam; mas êles próprios nunca tiveram um acto de civilização original, isto é, nunca tiveram iniciativa na esfera do Direito, da Filosofia, da Religião, da Arte, nem uma só idéa sua, nem um feito, nem uma descoberta, nem um folhetim, nem um dito! A poesia parecia dever ser a sua expressão intelectual instintiva; pois se V. ler, como eu fiz, a colecção dos poetas mexicanos, chileanos, argentinos, etc., verá que êles são infinitamente inferiores aos líricos do *Almanaque de Lembranças*. Eu conheço-os, vivi entre êles! Puras bêstas, tendo só de simpático uma certa generosidade hospitaleira, comum de resto a tôdas as raças que vivem em descampados. Na Havana, um dos seus grandes centros, havia apenas um livreiro para meio milhão de habitantes; e nêsse livreiro, só romances de Montépin, que se vendiam por causa da encadernação. Se V. me torna a falar na «América latina», agarro num arrôcho!» (De uma carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, publicada em *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1938).



Camillo Castello Branco

(Morto na sua casa de S. Miguel de Seide, em 1 de Junho de 1890)

CAMILO. Dupla página central de os *Pontos nos ii*, de 6 de Junho de 1890

tôdas aquelas que se traíam na conferência do próprio Eça de Queiroz, na sua apressada conferência do Casino [1]; mas em certa medida êsse livro sensacional continuava também correntes internas.

A primeira dessas correntes internas era a grande estima pública pelo romance. Fôra obra do romantismo a criação dêsse grande público, porque o romantismo tivera cultores de primeira ordem no género: Alexandre Herculano e a pléiade histórica, em que sobressaiu Rebêlo da Silva; Camilo e a novela passional; e essa delicadíssima figura de transição, que foi Júlio Diniz, sempre vivo na simpatia dos leitores de todos os gôstos e de tôdas as idades [2]; e muitos outros matizes, que, se não foram servidos por nomes de primeira plana, atestaram a intensidade e a variedade de solicitação do público ledor. Não aponto muitos nomes, porque a história crítica deve-se fixar nos que têm significação dinâmica ou diferenciadora e não recolher nomes e títulos, exaustivamente; isso é para os jovens países americanos, que estão ainda a construir a sua história literária e não podem praticar uma selecção rigorosa. Poder-se-ia estabelecer entre a crítica literária europeia e a americana uma distinção paralela àquela que eu ensaiei a respeito da historiografia política [1].

A dentro do próprio romance romântico podia-se rastejar uma evolução que ao realismo havia de conduzir: o romance histórico vai descendo das remotas brumas arqueológicas, da vaguidade de um *Eurico*, para épocas sempre mais próximas do leitor, as invasões francesas em Rebêlo da Silva e já as guerras civis do liberalismo em Teixeira de Vasconcelos e Camilo. Cada vez se tornava mais necessária a fidelidade de pormenores, o escrúpulo na reconstituïção do «viver e crer» como êles diziam; da documentação erudita de historiador sôbre o longínquo passado chega-se à observação fiel do próximo passado, com testemunhas ainda vivas, fronteiriço do presente mais vivo. Essa observação, já sôbre a realidade contemporânea, pode ser tendenciosa, como é em Julio Diniz, que francamente declarava preferir os aspectos róseos da vida, os da sua pessoal simpatia, ou em Camilo, que se fixava nos aspectos passionais e amargos do mesmo quadro; mas era um progresso que havia de conduzir ao romance de observação imparcial ou de parcialidade oposta, mesmo que do norte da Europa não viesse a fórmula nova. Ante a visão edénica do Minho de Júlio Diniz e D. António da Costa, Camilo assume já uma atitude de reacção, que é francamente realista.

O romance era um género de grande estima pública, representavam-no escritores de primeira ordem e tivera sua evolução diferenciadora. São factos, que é bom recordar.

Não sucedera assim com o romantismo espanhol, que trouxe a flux uma multidão de novelistas históricos e passionais, de grande facúndia e exuberância formal, mas sem condições de solidez para sobrenadar no aprêço público. A história literária salienta a influência dos satíricos da vida social, com Larra à sua frente, dos chamados «costumbristas», que não eram romancistas, eram «reporters», e de Fernán Caballero, todos preparadores da luxuriante floração do romance da época imediata, de que Pérez Galdós foi a primeira figura. Mas criação de valores no romance, como a que se deu no romantismo português, não a pôde exibir o romantismo espanhol, cujas fôrças se empenharam principalmente no teatro e no lirismo oratório. Desde a primeira hora os

(1) V. António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino (1871)*, Lisboa, 1930, 137 págs.

(2) V. *Julio Diniz lido hoje*, conferência na Faculdade de Medicina do Pôrto, in *Torre de Babel*, Lisboa, 1925.

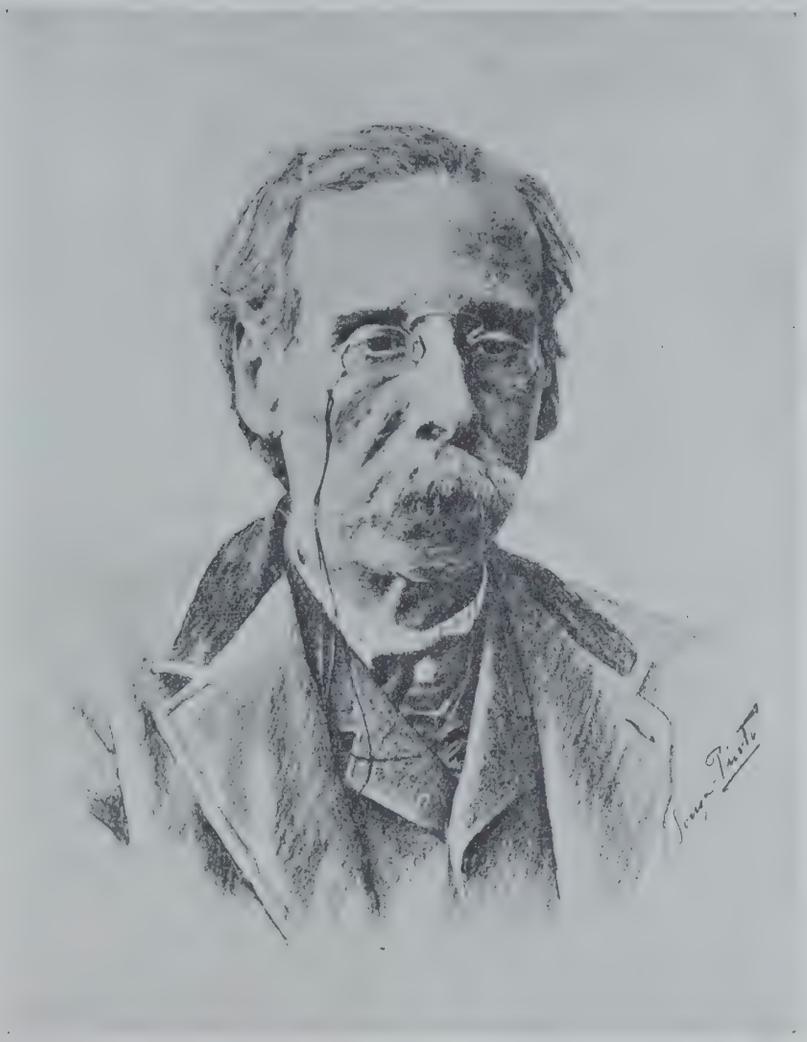
(1) V. Discurso de posse na Academia Nacional de História, da Argentina, in *Boletín*, vol. X, pág. 183, Buenos Aires, 1937.

gérmens mortíferos do romantismo ganharam virulência nova no clima espanhol.

O romance romântico nascia em Portugal com um decisivo carácter anti-clerical, que havia de culminar em *Eurico, o presbytero*, de Alexandre Herculano, cujo ascendente foi dominador durante largos decénios; anti-clerical era o ar que se respirava no *Crime do Padre Amaro*, mas opondo à luz do sentimento, com que Herculano via o problema do celibato do sacerdócio católico, que não é problema, é realidade indestrutível, opondo-lhe a luz da observação sem reservas, nem as do pudor. O anti-clericalismo de Herculano, que repudiava quanto se passara no orbe católico depois do Concílio de Trento, perdura e estende-se a tôda a geração do realismo, com poetas satânicos e blasfemadores com o alto vôo dum Guerra Junqueiro, dum Gomes Leal, dum Guilherme Braga.

A forma verbal, o estilo lingüístico, o abandôno da solenidade campanuda, o seu aligeiramento com bom humor, em tom de palestra versátil com o leitor sôbre muitas coisas que não sejam as fatalidades da paixão, a coragem de alargar o âmbito das curiosidades e das emoções, tudo isso tinha um antecedente glorioso no Garrett das *Viagens na minha terra*. Esta obra deliciosamente heteróclita conta uma intriga de romântico amor e de portuguesíssimo amor, mas enfaixando-a no próprio repúdio do romantismo, já considerado por Garrett através do prisma dos memorialistas de coisas distantes, recordadas com céptica melancolia. Aquela *Carta de Carlos a Joanninha*, de pura essência romântica, garreteaníssima até à fidelidade autobiográfica, é uma espécie de balanço do próprio romantismo, que afinal só construía inquietação, descontentamento, dispersão sentimental, anelos indefinidos, que em tôda a parte se sentiam mal. As *Viagens* são romantismo extreme, mas romantismo com movimento para uma coisa nova, ainda mal percebida; a sua empolgante superficialidade e a posição panorâmica do escritor ante a existência, que já é para êle muita coisa mais que o amor e a religião dos olhos negros, estão a anunciar ordem nova.

Também, em verdade, a geração realista, com tôda a sua irreverência, só acatou dois grandes nomes do romantismo: Herculano e Garrett. Acolheu-se à égide de Herculano, o «velho», por ocasião da supressão das conferências do Casino. Antero de Quental e Oliveira Martins fôram os seus mais fiéis devotos. Para o nacionalismo estético de Garrett houve sempre um discreto respeito. Na sua fase mais díscola, a da *Prosas barbaras*, Eça de Queiroz escreveu de Garrett estas palavras brandas: «Do passado apenas acreditávamos em João de Barros e Camões. Garrett tinha-se separado de nós, tomando pelo atalho que leva a Deus, e legando à geração presente a pouca alma que ela ainda tem» (pág. 133 da 7.ª ed.).



CAMILO. Desenho do grande pintor Sousa Pinto publicado na edição monumental do *Amor de perdição*

Há ainda mais coisas herdadas do romantismo nacional por Eça de Queiroz, sem falar na própria atitude de obsessão anti-romântica, amiúde caricaturando a simpatia pública, ou mundana pelo menos, por Soares de Passos, João de Lemos e Tomaz Ribeiro, êste um serôdio romântico. Era uma herança, porque só nos insurgimos com vital impulso contra o que em nós trazemos. O anti-tradicionalismo é o testemunho da existência duma forte tradição, que perdura além da sua hora. Mas eu só quero aludir a heranças benquistas, heranças que puderam continuar a vigorar entre os valores aceites.

Uma dessas heranças continuadas foi a curiosidade erudita pelas coisas da arte e pela filosofia da literatura. Em Eça de Queiroz houve sempre implícito um grande crítico de arte e literatura, desde os folhetins na *Gazeta de Portugal*. Isso vinha muito de Garrett, do seu amor ao *bric a brac*, dos seus prefácios. O anti-passadismo da geração política do liberalismo, chefes, caudilhos, caciques locais e plebe, levou à destruïção de muitos monumentos de arte, edifícios religiosos, alfaias, bibliotecas e arquivos. Foi um furacão comparável ao terremoto de 1755 e às invasões francesas. Oscilou entre duas formas: o saque activo e o abandôno passivo. Nesta segunda forma colaboraram os homens de maior notoriedade, por falta de

educação artística e por mísero utilitarismo. Herculano, Garrett, o Conde de Raczinsky e o rei D. Fernando II tomaram a defesa do património artístico português, que as gerações imediatas continuaram, com Ramalho Ortigão e Joaquim de Vasconcelos à frente. A estas diligências, por vezes verdadeira campanha, de formação de um gôsto esclarecido e aproveitado, veio trazer sólida base documental o historiador Sousa Viterbo, que preparou a magnífica floração contemporânea dos estudos de história da arte em Portugal.

O fino estèticismo garreteano continua-se também por Eça de Queiroz e alguns dos seus companheiros de armas, até mesmo o seu dandismo com êsse prazer audacioso de chocar o burguês, que chegará até António Nobre, no fim do século. Correm pitorescas anedotas sôbre êsse dandismo de Eça de Queiroz.

O que foi de todo repudiado pela geração realista foi o donjuanismo de Garrett, o romantismo feito vida, êsse borboletear do coração de aventura sentimental em aventura sentimental. Ainda então não havia sido pôsto em relêvo o lugar de Garrett na universal literatura donjuanesca, e a importância dêsse donjuanismo para a compreensão da sua vida e da sua obra. Êsse relêvo, quando chegasse, havia de ser de certo modo uma reabilitação, porque o mariposeio sentimental do namorado Garrett estava longe das cínicas traições do *Burlador de Sevilha*. A lenda de D. Juan sofrera uma laboriosa carreira de aquisições e ampliações até se transcendentalizar em mito, com seu conteúdo filosófico. E isso se fêz principalmente ao atravessar o romantismo, que a ergueu a conceito pan-erótico da vida, viver a vida em tôda a profundidade pelo amor, que é linguagem de infinito e caminho para abeirar os grandes enigmas do universo, até para chegar a Deus. Havia nêsse conceito um entediado horror da repetição, a busca sôfrega de emoções novas, que deu em Garrett essa volubilidade amorosa e também essa alta inspiração do seu outôno nas *Fôlhas caídas* [1].

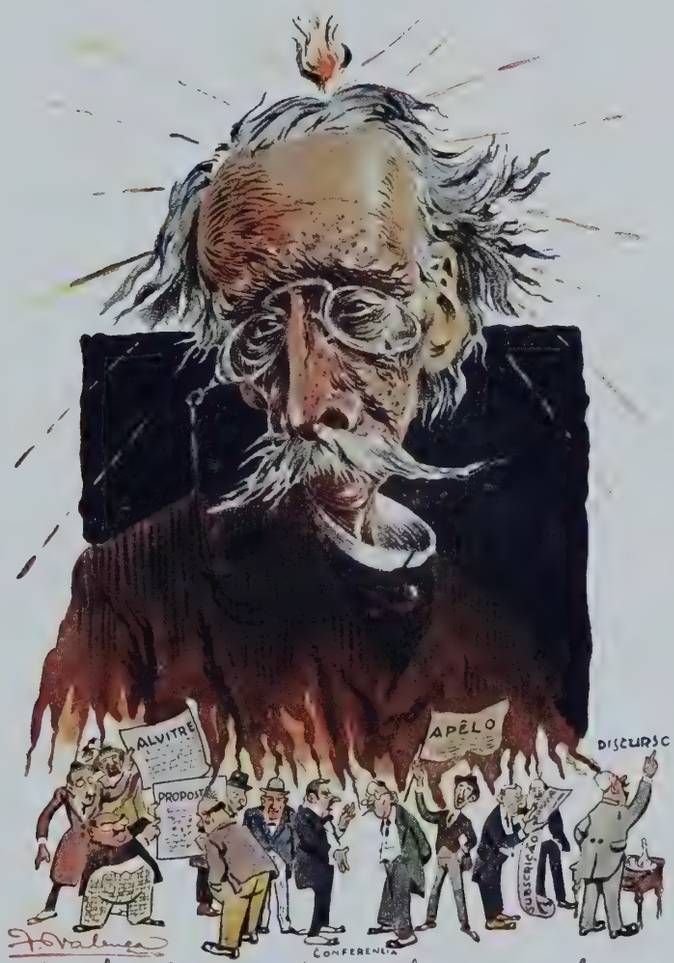
CAMILO. Desenho de Cristiano de Carvalho publicado no *In Memoriam*

O realismo repudia essas peregrinações donjuanescas, prefere a apologia das virtudes burguesas, pintadas por Júlio Diniz. Carlos, na *Família Inglesa*, enamora-se de Cecília ao vê-la dependurar roupa duma janela das trazeiras da sua casa; e Eça há-de louvar a poesia dos cueiros urinados, em lar com pão e amor. A inquietação, de erótica, volve-se em intelectual, agitação de idéas, vagamundagem atravez dos continentes e atravez das filosofias e da arte, porque Eça era um plástico e um colorista. Quando disserta de idéas abstractas sente-se-lhe o constrangimento de quem trabalha com materiais de segunda mão. É um bom exemplo dessa inaptidão para o pensamento abstracto a parte do ensaio sôbre Antero de Quental, em que faz uma condensação das idéas filosóficas do poeta. É tudo luminoso, visível, sensível, irradia a mais funda emoção, emquanto nos pinta a sua figura de apóstolo boémio, de guedêlha ao vento, esfuziando paradoxos e irradiando bondades; mas essas páginas de filosofia são contrafeitas como traducção de banalidades de manual na sua prosa cristalina. Contudo, êsse ensaio é uma página imorredoura de crítica em simpatia e revela tanto o poeta excelso como o prosador incomparável das hagiografias.

*

Foram os folhetins da *Gazeta de Portugal* que revelaram em 1866-1867 o nome de Eça de Queiroz ao meio literário lisboeta, revelação que não foi acolhida sem surprêsa ou protesto. É coisa também sabida do vasto público. Mais tarde o êxito dos seus grandes romances ofuscou totalmente êsses folhetins, que permaneceram esquecidos até que Jaime Batalha Reis, intelectual entre os diplomatas e diplomata entre os intelectuais, os trouxe de novo a público, precedendo-os de uma introdução do maior interêsse para a biografia mental do escritor e para aquêle anecdotário da sua boémia, de que atraz fazia menção entre as coisas de todos sabidas. O que Batalha Reis não explicou é que essa recopilação não tivesse sido completa. Faltam no volume póstumo a *Symphonia de abertura*, a que o prefaciador detidamente se refere no seu

(1) *Donjuanismo e anti-donjuanismo em Portugal*, in *Crítica do exílio*, Lisboa, 1930.



Camilo. — Que sairá da montanha de propostas e alvitres para o meu centenario? Um rato ou apenas uma ratice?..

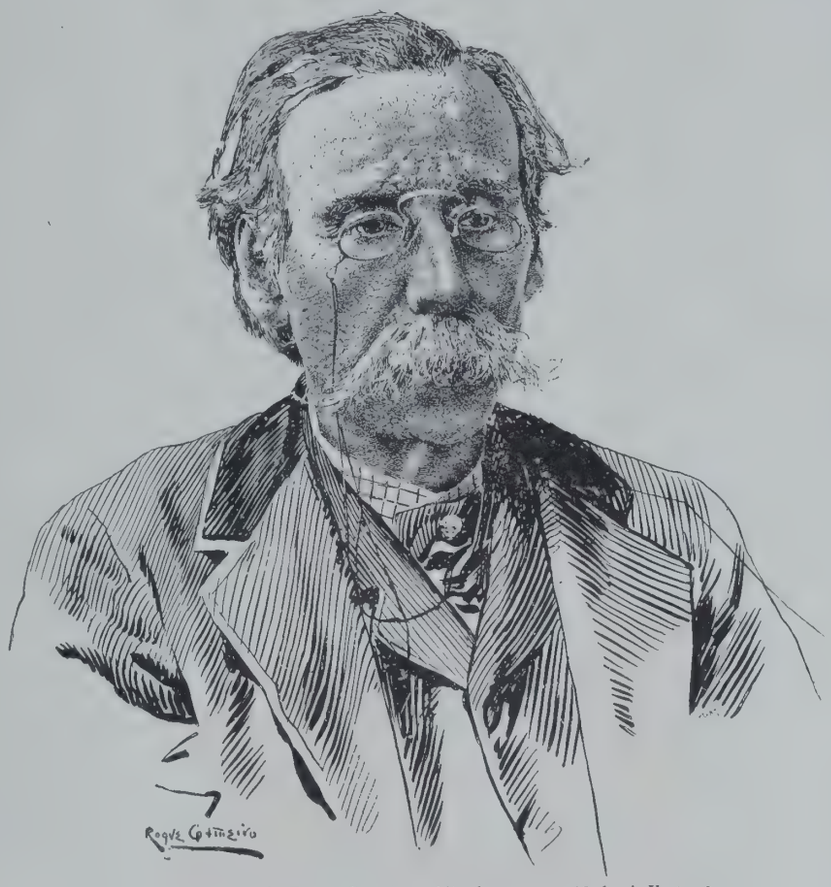
CAMILO CASTELO BRANCO

Caricatura de Francisco Valença, que figurou na exposição promovida pelo Grupo de Humoristas Portugueses em 1924

texto, *Farsas, Da pintura em Portugal* e *Omphalia Benoiton*; omitiram-se partes de *O milhafre, Lisboa, O senhor Diabo* e *Mephistopheles*; e mudou-se o nome de um dos folhetins: de *Ao acaso* para *A Peninsula*. Porquê? Capricho do prefaciador não será, porque declarou numa tábua cronológica todos os folhetins e a êles se referiu sem reservas.

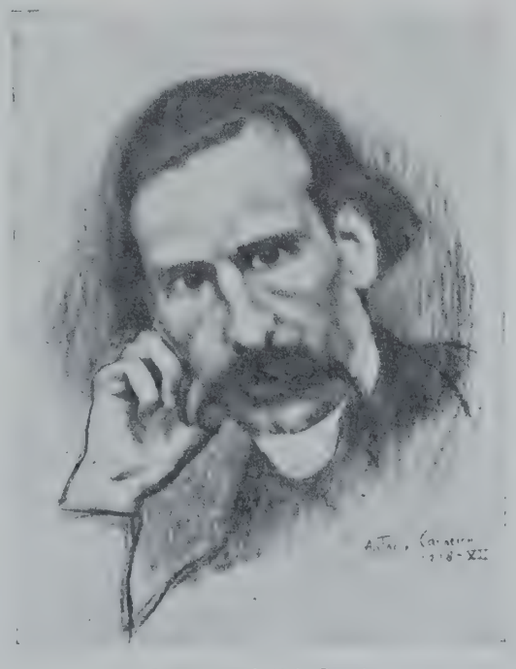
Arbítrio dos editores, exigência da família? Mas com que direito no primeiro caso e com que explicação no segundo?

Desde a confusão criadora das *Prosas barbaras*, em que se chocam directas e indirectas as influências mais heterogéneas, com um bom enxêrto de serôdio romantismo germânico e dum vago musicismo, a carreira literária de Eça de Queiroz é a procura ansiosa dum estilo, até culminar em obras primas como *José Mathias* e *Suave Milagre* no conto, *A Illustre Casa de Ramires* no romance, *Um genio que era um santo* no ensaio crítico repassado de emoção, e as *Lendas de santos*, essas hagiografias de intenção ainda meio misteriosa. Durou a sua evolução criadora trinta e três anos, a idade de Cristo — lembraria o Conselheiro Acácio —, de Cristo que foi um constante motivo do seu espírito interpretador, de envolta com a obsessão do Oriente de vida profunda e variegada. Trinta e três anos que não foram mais do que a conquista de um estilo, duma pessoal maneira de expressão relevante do que a sua fina sensibilidade percebia e o seu penetrante dom de observação plástica conseguia ver e desdobrar nos seus quadros principais. Digo «quadros principais» e não «tôdas as peças», porque Eça não é um génio de análise. Analisar é decompôr a realidade nos seus elementos constitutivos; e o que Eça faz é um desdobramento da realidade para nos mostrar a sua íntegra superfície, não a sua rica profundidade. De então para cá houve progressos nessa descida às camadas subterrâneas da vida. Eça desenhava e caricaturava pela palavra. Sabendo ver o traço dominante, o gesto ou a atitude típica, também sabia fazer vê-la pelo dom de expressão, em que se acurou tôda a vida: cada palavra um valor pictórico, com seu lugar próprio. Nem empastamento de tinta, nem avareza dela. Tudo tinha a aparência de espontâneo, pela fácil visão que transmitia ou pela pronta emoção que despertava. Máxima simplicidade em resultado, em laborioso resultado, com a máxima expressão.



CAMILO. Desenho de Roque Gameiro publicado em o n.º 12 de *A Ilustração* de 20 de Junho de 1890

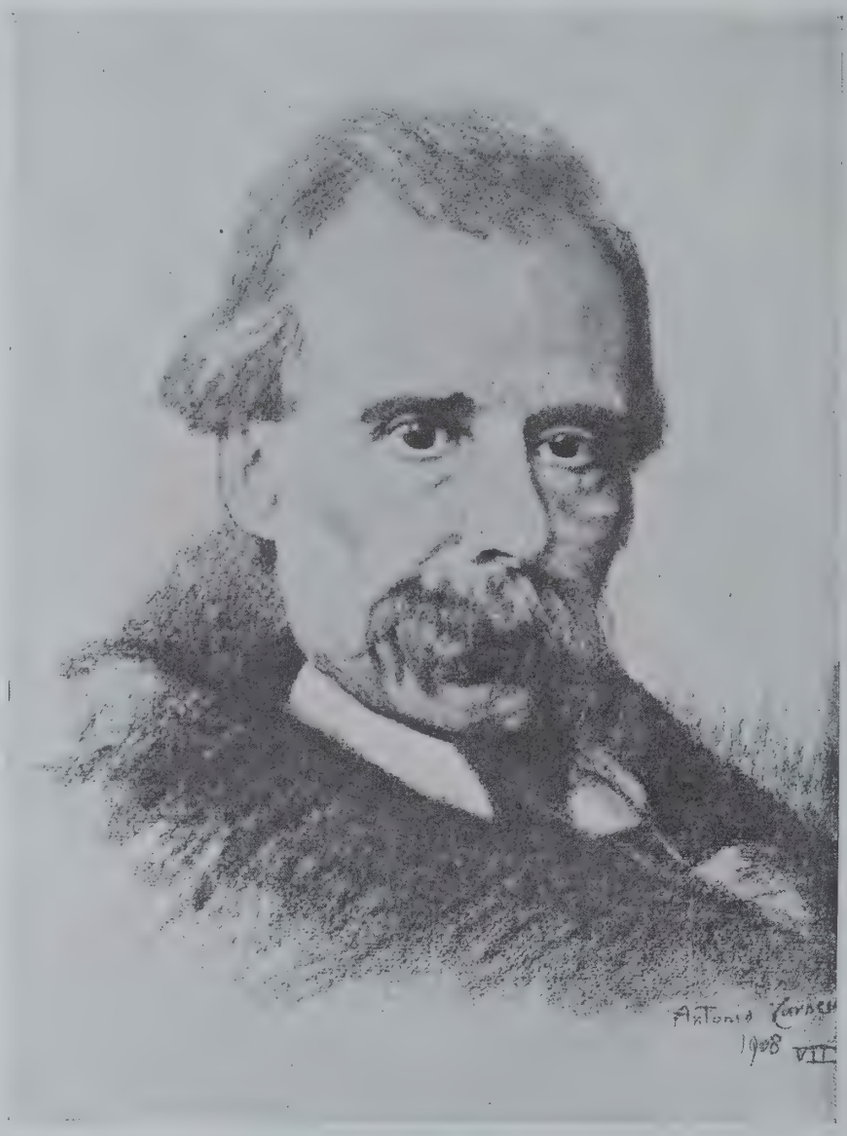
Esta sua técnica do estilo foi a preocupação maior do escritor e o seu maior esfôrço, durante a sua vida literária. Houve quem tomasse isso como pobreza e lentidão de poder criador, quando significava só uma alta compreensão da arte literária, a dentro das ideas do tempo, da escrita artística do reinado de Flaubert.



CAMILO, por António Carneiro

A sua primeira afirmação no ofício de escrever choca o meio lisboeta, por essa diligência ansiosa de achar um estilo novo e pessoal. Não era a profundidade da análise que o seduzia, era a reprodução perfeita e duradoura da superfície, patente a todos. Daquela alternativa, que lhe atormentava o espírito e que declarou a Teófilo Braga, foi o segundo têrmo que para sempre o reteve: «Pobre de mim, nunca poderei dar a sublime nota da realidade eterna, como o divino Balzac — ou a nota justa da realidade transitória, como o grande Flaubert» (V. *Quarenta annos de vida litteraria*, Teófilo Braga, Lisboa, 1903, pág. 93). Foi por atingir «a nota justa da realidade transitória» que Eça de Queiroz sempre se esforçou. E quis fazê-lo de modo perfeito, isto é, com o máximo poder de expressão. Assim o confessa

implìcitamente ao Conde de Arnoso, quando se desculpa de certa lentidão executiva: «O meu mal é o amor da perfeição — êste absurdo afan de querer fazer as coisas mais corriqueiras sempre do modo mais completo e brilhante. Se se trata de espirrar, eu tanto me preparo para que o espirro seja suave e musical, que a cousa termina sempre em carantonha, ronco e porcaria. Se se trata de mandar para um jornal a simples notícia de que um amigo chegou, eu tanto cinzelo e repulo, que a notícia parece feita no Leitão ourives e dá a sensação de que o amigo partiu! Se se trata de escrever seis linhas a um velho Bernardo, eu espero até ter o vagar de escrever uma epístola muito cheia, muito completa, muito divertida, muito amiga, e a conseqüência é que o vagar não vem e nunca se começa a primeira linha... Acreditarás tu que há semanas, por causa de um livro muito simples e corrente que queria o mano Vicente, remexi tôdas as livrarias de Paris, entonteci todos os especialistas, pus em agitação tôdas as escolas agrícolas, retardei infinitamente o livro e o mano Vicente terminou por se enfurecer! Todo êste ano eu tenho estado, quási de luvas calçadas, para partir para Lisboa: por isso não tenho escrito a nenhum amigo, nem respondido, com a idea de fazer uma cousa muito mais perfeita, que é aparecer eu mesmo, com uma estampilha nas costas: — conseqüência, todos os meus amigos estão de mal comigo! E é tudo o amor da perfeição! (V. *O Dia*, Lisboa, 16 de Agôsto de 1913).



Camilo, segundo uma sanguínea do pintor António Carneiro

Numa carta dirigida a Ramalho Ortigão acêrca da reimpressão das *Farpas* há umas linhas de confissão, também preciosas: «Das *Farpas* verá que fui forçado a limpar, catar e endireitar muito o estilo. V. nasceu com um estilo já feito e escrevia tão bem ha vinte annos como escreve hoje; d'aí o poder reimprimir os seus artigos sem lhes tocar. Eu tive de fazer o meu estilo á custa de esforços é de «tâtonnements». No tempo das *Farpas* estava ainda no periodo bárbaro da forma. Não era possível, decentemente, deixar aparecer ao público páginas assim desalinhadas e por vezes despidas da propria gramática. Tive de refazer uma *toilette* a cada artigo. Mas nem uma só frase foi alterada na sua intenção ou no seu feitio de «*humour*».» (V. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 1938).

No prólogo do *Brasileiro Soares*, de Luiz de Magalhães, há uma síntese da sua concepção de arte literária: «O seu livro, caro Luiz, tem a realidade bem observada e a observação bem exprimida — as duas qualidades supremas, as que se devem procurar antes de tudo na obra de arte, onde outr'ora se admirava principalmente a imaginação e a eloqüência».

Para um homem da segunda metade do século XIX, que decorara Victor Hugo, Flaubert, Renan e Daudet, a arte literária é a arte da expressão. Saber ver, opôr pessoais reacções de emoção e pensamento ao fluir da vida, há muita gente que o faz; mas expressar com sumo relêvo êsse observar e êsse sentir pessoal, em estilo novo, ansiosamente fresco na sua fôrça pictórica e promotora, é dom específico do escritor. Em literatura a maneira de dizer é tão essencial como em política o lugar de onde se diz. Todos os homens bons poderão ser em potência razoáveis políticos por pensarem coisas justas, certas, oportunas e ditadas pelo interêsse nacional e pela solidariedade humana. Mas essas coisas certas e justas, para serem ouvidas e exercerem alguma benéfica influência, têm de ser ditas de muito alto: um pontífice, um chefe de Estado ou de govêrno, um grande nome no pensamento e no crédito público. Na literatura, as coisas justas, as coisas novas que a vida sugere aos seus melhores observadores e comentadores, para serem ouvidas, têm de ser bem ditas, cunhadas na moeda de curso universal, que é a expressão perfeita. Escritor é fundamentalmente um homem dotado

dêsse mágico poder de expressão — que é muito mais do que o arranjo estético dos vocábulos, é a transmissão dum espírito por êsse veículo da palavra, de facto meio misterioso como fôrça de comunicação entre as almas. O recebimento da emoção e os caminhos por onde ela se instila têm ainda hoje muito de misterioso.

A acção de Eça de Queiroz na nossa história literária é principalmente a história da língua portuguesa como instrumento de expressão e o haver erguido uma sólida obra sôbre essa monumental concepção estética: a arte é a luta pela expressão. Foi o que fêz desde as *Prosas bárbaras*, momento de confusão criadora, até às *Lendas de santos*, que são já o exagêro e o declínio dessa maneira artística, havendo passado pelos *Contos*, que são por certo o seu apogeu. No decénio que se estende até 1875, com o episódio central da sua conferência no Casino, o escritor busca impaciente a sua maneira estilística e passa do quadro das emoções indefinidas ou alógicas dos folhetins da *Gazeta de Portugal* para um corpo de ideas claras. Perfilha a filosofia da arte dum Taine, a teoria e a metodologia da arte literária dum Flaubert e dum Zola, e o escrúpulo formal dum Renan pôsto ao serviço da evocação dum próximo oriente; e ensaia triunfalmente a sua aplicação no *Crime do Padre Amaro*. Com êste episódio da vida de província — o episódio mais picantemente atractivo para um escritor do realismo na fase jacobina da escola, a aventura dum Juan Tenório eclesiástico — o cio entrou na literatura. Os mistérios, os ilogismos e os imperativos do sexo instalavam-se em lugar principal entre os temas literários, como a luta pelo pão na historiografia materialista. Era um passo àvante na conquista da realidade pelo curiosear da arte literária. Depois dêsse, muitos outros e muito mais ousados se haviam de dar, mesmo a dentro das fronteiras da língua portuguesa. A condição humana, miseràvelmente humana do sacerdote obrigado a conciliar impulsos dos sentidos e deveres de disciplina e crédito social de classe, é posta a nú, com pormenores cruéis e dissolventes pelo relêvo da arte.

CAMILO. Desenho de António Carneiro publicado no *In Memoriam*

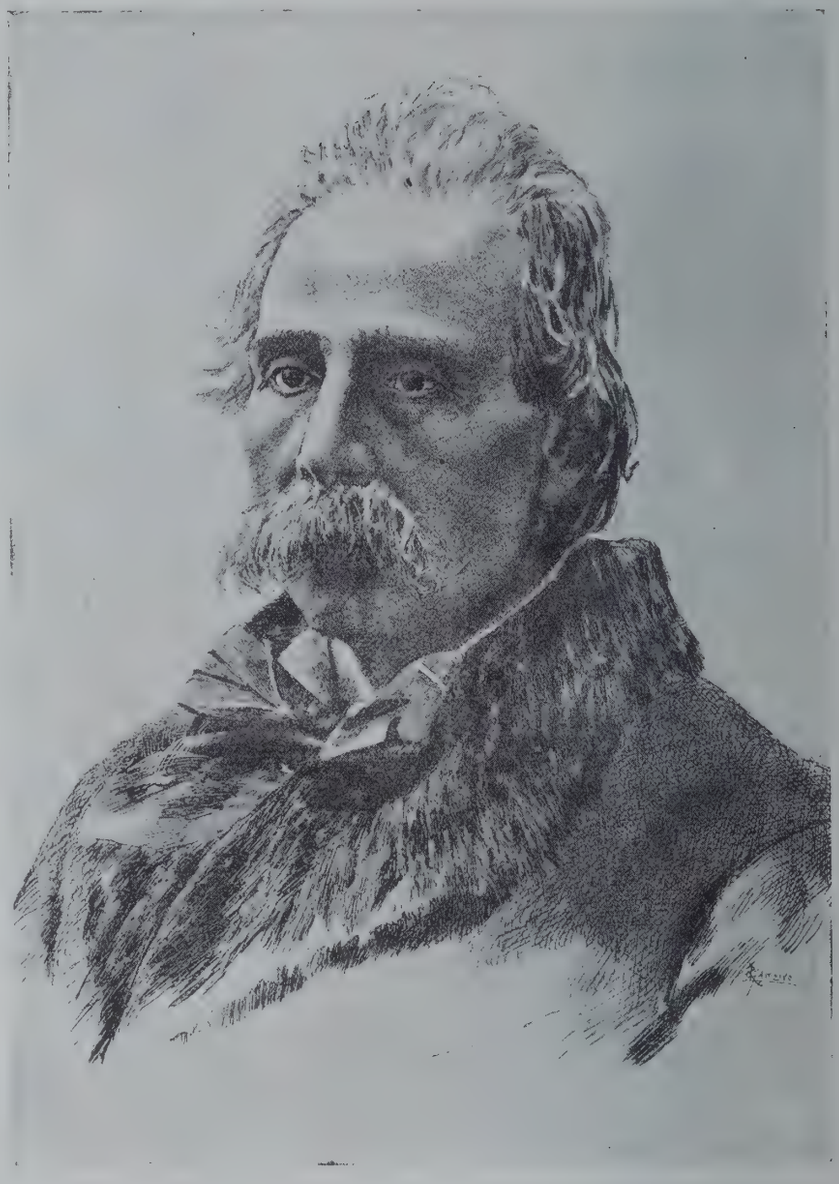
Aquilo que na vida quotidiana é sórdido, pode tornar-se perene manancial de emoção nas páginas ou na tela dum artista verdadeiramente superior.

Com o *Primo Basilio*, a scena transfere-se duma pequena cidade de província — a qual tomará como pergaminho glorioso o haver sido campo da primeira experiencia triunfal do romance realista (1) — trans-

(1) V. Alfredo de Carvalho, *Eça de Queiroz (Sua primeira phase litteraria)*, Lisboa, 1918, 68 págs.

fere-se para a capital, que foi sempre objecto da particular antipatia do escritor. Desde as *Prosas barbaras* essa fobia se manifestava militantemente. O espírito lisboeta condensava para êle todos os males do país, principalmente a sua melancólica imobilidade, o seu conformado provincianismo, a deletéria influência da máquina burocrática.

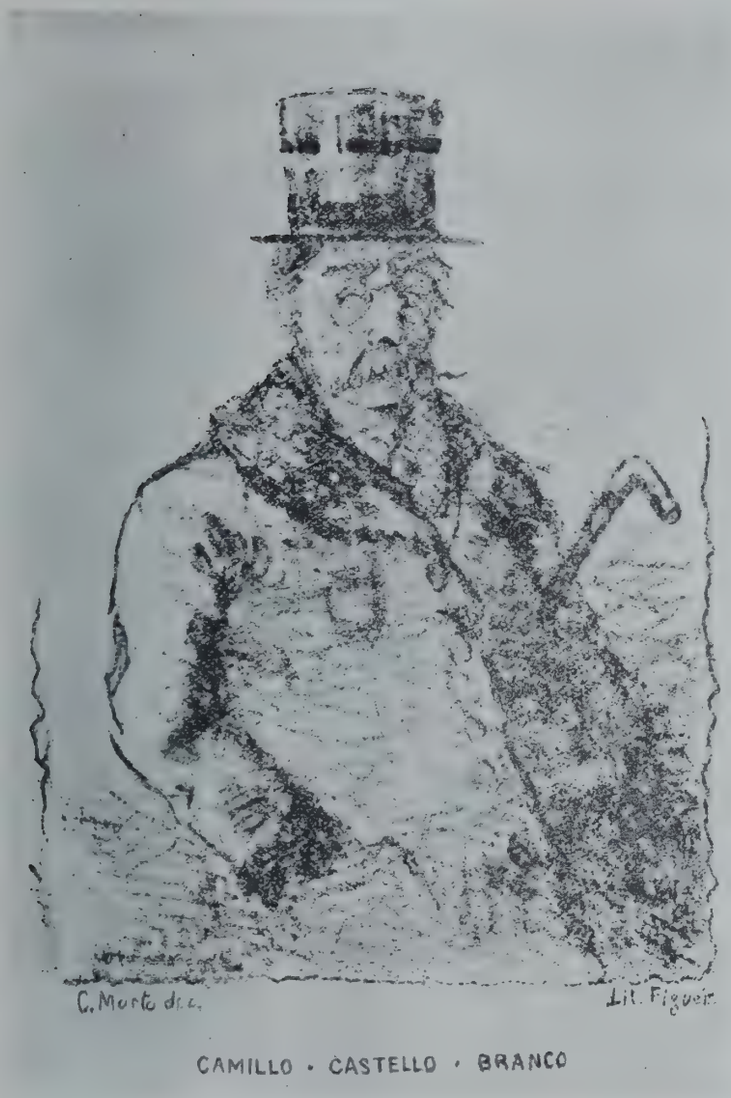
O *Primo Basilio* traz para a literatura portuguesa a vida da burguesia lisboeta e o adultério. Êste era um têma central e dilecto. Não saíu mais da arte literária, sem dúvida por alguma coisa mais que o mísero interêsse de aliciar leitores lascivos, intuito inatribuível a escritores de primeira plana. Em Portugal nunca houve o que os modernos críticos da literatura espanhola chamaram *novela erótica* — uma coisa superior á vil pornografia, mas que é como uma aliança da plebeïzação da novela passional com a plebeïzação do romance realista. Pode nela haver muito talento, o que há sempre é certa debilidade ética ante o fácil triunfo: Zamacois, Francés, Mata, Trigo, etc. Essa perduração dos temas da vida sexual, a que penas femininas vieram trazer depois novos depoimentos, pode significar que também na vida real êsses problemas do celibato e do casamento, isto é, da política dos sexos, se protelam desleixadamente. Em grande medida contribuiu essa literatura realista para a constituïção da ciência do sexo e para certa legislação moderna sôbre a família.



CAMILO — Desenho de Roque Gameiro.
(Publicado na *Comedia Portuguesa*, n.º 11, 1.º ano, de 15 de Dezembro de 1888)

A seguir aos grandes romances iniciais, é um caso de incesto que dá o aperitivo e o pretexto para a reconstituïção da vida de Lisboa em 1880, da Lisboa que vivia no engano cego do liberalismo cìnicamente falseado com o equilíbrio devorista de dois partidos, por igual corruptos e impotentes. É o processo da sociedade romântica, dum romantismo póstumo, com os calendários e os relógios atrazados, desconhecedora de que em cada afirmação de gôsto, em cada idea, em cada palavra e em cada gesto praticava um anacronismo. Tôda uma galeria de tipos povoa a obra, tipos imortais, que expressam «a nota justa da realidade transitória». Esta galeria é também das tais coisas que tôda a gente sabe. Não vale a pena deter-me nela.

Alarga-se o raio da atenção do artista em cada obra nova: duma cidadesita provinciana para todo o panorama português representado na capital. Mas êste alargamento do raio de observação do artista na sua fase mais ortodoxa de levita da arte realista é compensado pela elevação do ponto de vista. E esta elevação vai amortecendo os pormenores, desconcretizando o campo dessa observação; já se não identificam os lugares, já se não datam os acontecimentos, os entrechos sobem em significado humano e esbatem-se em vaguidade. Breve a sua arte é quási inespacial e intemporal. Na *Reliquia* ergue-se a Paixão; na *Illustre Casa de Ramires*, no *Mandarim*, nos episódios implícitos na *Correspondencia de Fradique Mendes* e nos incomparáveis *Contos*, o escritor sacrifica a uma beleza ideal, sem preocupações de fidelidade episódica ou ocasional, quanto a lugar e a tempo, até caír nas *Lendas de Santos*, aérides suspensas, que são o exagêro mortífero da sua maneira. É que o verdadeiro Eça não era o romancista de emoção violenta do *Crime* e de *Primo Basilio*, era o artista refinado da expressão perfeita e da emoção subtil, que deixa na alma uma vibração duradoira e promotora de serenidade e compreensão. O verdadeiro Eça, na hora da sua madurez, está íntegro no *José Mathias*, sátira profunda e comovente do idealismo extreme, erguido com indulgência a doença do carácter; e está também no *Suave milagre*, obra prima de visão piedosa e de expressão, em que a prosa chega a ter espontâneos ritmos de poesia. Quando Eça de Queiroz embrecha na *Illustre Casa de Ramires* e na *Reliquia* o romance histórico dos antepassados de Gonçalo e a reconstituïção da Paixão de Cristo,



Desenho litográfico de Cardoso Marta (Colecção de A. Forjaz de Sampaio)

com o grande risco de fazer obra desharmónica pela alternativa de dois tons completamente opostos, não executa só um plano da composição ou um artifício literário: mostrar-nos o que Gonçalo Mendes Ramires ia escrevendo e o que Teodorico sonhava. Era levar longe demais a probidade documentadora do artista. O que Eça verdadeiramente faz com essas páginas é ceder a um invencível pendôr do seu espírito para a literatura fantástica, para zonas em que podia soltar a sua obsessão de expressão perfeita e livre das limitações da observação. Rico de ideas, emoções e juízos, e de formas plásticas para expressar tudo isso, os horizontes intérminos da fantasia e da conjectura abriam-lhe campo largo para os seus vôos de poeta da prosa. Poeta, porque era já criação tôda subjectiva êsse mundo dos Tructesindos e dos Fariseus. E acabou por ceder a essa forte inclinação do seu espírito, ao fazer arte tão desenraïzada da realidade que podia equivaler a um positivo repúdio dos cânones do realismo e das duas normas essenciais, dêle mesmo confessadas formalmente: realidade bem observada e observação bem exprimida. Essa propensão para o maravilhoso, aliada ao seu espírito filosófico, criou as páginas imorredouras dos *Contos*, cada um dos quais é uma idea geral, feita côr, forma, emoção, como nos *Sonetos* de Antero de Quental, outro grande criador de ideas poéticas. O conto *Perfeição* é, tanto como o soneto *Consulta*, uma idea geral convertida em idea poética e depois plasmada em arte.

É bom precisar o que seja êste espírito filosófico de Eça. O escritor amava as ideas gerais, que são apanágio das mentes cultivadas, mas queria-as volvidas em símbolos e expressas em forma superiormente bela, num ansioso anêlo de perfeição. Assim fêz nas obras da sua terceira fase [1], a de significação mais humana do que portuguesa. O seu conceito da cobardia como simples falta de confiança em nós próprios, que pode coexistir ao lado de grandes reservas de energia, prontas ao chamamento de algum grande golpe emocional, é a idea nuclear da *Ilustre Casa de Ramires*, livro que no fim se converte num retrato de Portugal. Mas Eça não tinha vocação ou capacidade para a filosofia sistemática. Não houve nêle a admirável dualidade mental dum Antero de Quental: grande poeta e fino pensador, tão rico de ideas que teve de criar uma prosa filosófica para as confessar ao público. Falando-se de Eça de Queiroz, filosofia e espírito filosófico devem tomar-se como coisas semelhantes àquela fôrça que deu perene e rica vibração humana às velhas literaturas orientais e mesmo à literatura espanhola da Idade Média, às obras de Turmeda e D. Juan Manuel: madurez de espírito, conhecimento da natureza humana, dos seus desígnios profundos e das suas limitações. Êste Eça, empapado de experiência em simpatia e de indulgência, senhor dum estilo verbal inexcedível no poder de transmitir uma visão e uma vibração, rico de vida profunda e universal, é que representa a plenitude do artista, do artista que venceu as mordacidades do satírico e as facécias do boémio e a cuscuvilhice das alcôvas de acaso.

Mas êsse equilíbrio foi um momento, o momento dos contos e de alguns ensaios.

Já nos ensaios, a cuja equilibrada beleza e sugestão de pensamento foi o público espanhol o primeiro a fazer justiça, já nos ensaios se contém peças de evidente constrangimento, como *A Raínha* e *Eduardo Prado*. Êsse momentâneo equilíbrio depressa se rompe. Atingidas as alturas da *Perfeição*, do *José Matias*, do *Suave milagre*, do *Defunto*, o artista apaixona-se pela sua maneira, a que deveu os triunfos maiores, e faz estilo pelo estilo. Parece que as *Lendas de Santos* — uma incompleta e tôdas três sem a sua última revisão — foram as suas últimas páginas, ou que, pelo menos, representam a parte dilecta da sua última fase. Além do que se conclue do próprio desenvolvimento da obra, há a

(1) 1887-1900, segundo a minha interpretação de 1914. V. *Hist. da Litt. Real*

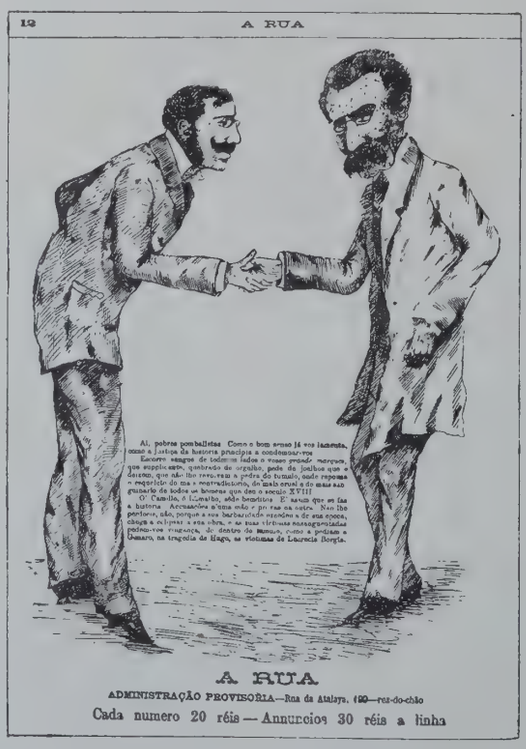
CAMILO. Caricatura de Sebastião Sanhudo.
(O Sorvete, Pôrto, 19 de Dezembro de 1880)

declaração de Jaime de Batalha Reis *(Prosas bárbaras*, pág. LIII, 7.ª ed.), referida ao verão de 1891, — um pouco recuada para a minha tese, a dizer a verdade :

« Saberás, por ventura com satisfação, que estou seguindo o teu antigo conselho. Enevoei-me, outra vez, totalmente no fantástico; quási naquele velho fantástico da *Gazeta de Portugal*, feito agora com menos abutres e em prosa talvez menos bárbara que a dêsses longínquos tempos . . . » A sua preocupação da forma criou para « boa prosa » o antónimo de « prosa bárbara », que várias vezes ocorre à sua pena familiar. Eça foi assim um antecessor da restauração da palavra « bárbaro », nos dias de hoje posta a circular para expressar a decadência da civilização. Para êle, « bárbaro » significava « falto de estilo literário » ; para nós significará « falto de estilo moral ». Há dêste modo certo paralelismo : em ambos os casos, o restricto à literatura e o generalizado a tôda a vida, falta de ordem interior, de cultura reflectida.

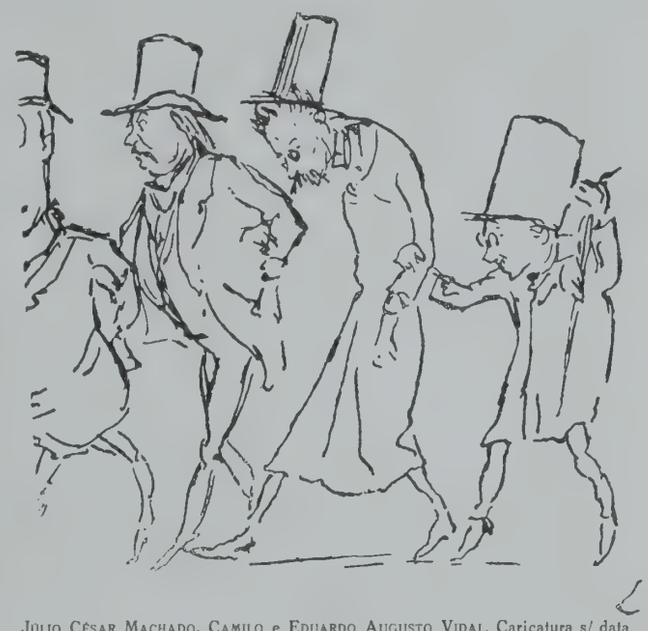
Tem-se escrito muito sôbre estas *Lendas de Santos*. Energúmenos da eçalatria têm até injuriado os que não partilham do entusiasmo dêles, também um pouco bárbaro, por essas derradeiras páginas do romancista. Ninguém sabe aonde conduzia aquêle fantástico novo de Eça, novo só pelo esplendor da prosa, mesmo sem a sua última demão. Talvez a parte nenhuma. Talvez sejam um perpétuo enigma na nossa moderna história literária, como as Capelas Imperfeitas na história da arte. Tais como estão, parecem esculturas para nichos de grande catedral, que nem por conjecturas se imagina o que fôsse, esculturas gigantescas ou de espírito contraditório da intenção do arquitecto da catedral. Por minha parte, permito-me ver nessas *Lendas de Santos* um exagêro da maneira dilecta do artista, que poderia equivaler a um fracasso, e que só não significa declínio, porque são coevas de *A Cidade e as Serras*. O processo é o mesmo do estilo conjectural do romance histórico da *Ilustre Casa de Ramires* e da Paixão de Cristo na *Reliquia*, mas falta-lhe a intenção satírica do primeiro e a interpretação humana e filosófica da segunda. Nas *Lendas de Santos* não há, patente ou implícito, nenhum sentido transcendente; são obras de ourivesaria, opulenta ourivesaria, mas sem objecto, como certas taças e salvas que nada podem comportar. Eça abandonava as suas duas supremas regras: « realidade bem observada » e « observação bem exprimida » para fazer « fantasia bem exprimida ». Perdeu-se o lastro de realidade ou de pensamento ; sucedeu-lhe a filigrana vazia, ainda que de precioso lavor. E essa conjectura, em *S. Christovam*, é mesmo tecida de confusões ou composta de elementos heteróclitos: há o núcleo, uma hagiografia do século XIII e há um quadro extravagante — a Tebaida dos primitivos cristãos, os castelos roqueiros da baixa Idade Média, Roberto da Normandia, a Ocitânia e os Algarves, a cavalaria andante e a *Jacquerie* do século XIV, chefiada pelo próprio S. Cristóvão, que é promovido a demagogo e campeão das reivindicações populares. *S. Frei Gil* tem mais escrúpulo

CAMILO e HENRIQUE MARQUES, autor da *Bibliografia Camiliana*.
Desenho litográfico de Nogueira da Silva.
(Pontos e virgulas, Pôrto, n.º 45 de 18 de Agôsto de 1894)



RAMALHO ORTIGÃO e CAMILO
(A Rua, de 15 Julho de 1882, n.º 3. Pôrto)

de informação histórica; mas, quer no texto, quer no esquema, que se conserva, não se lhe rastreia nada de intenção profunda do artista, ao fazer êsse gótico ingénuo, primitivo e tão postiço como o dum pre-rafaelita, essa apologia da fé por quem não tinha fé e do maravilhoso por quem só cria na razão lógica. Defesa da santa simplicidade por quem era um scéptico sorridente? Apenas refúgio do espírito, exercício estilístico? Impossível aventurar uma hipótese aceitável. Uma ou outra passagem poderia fazer pensar numa censura ao catolicismo, que se distanciava da velha caridade cristã, mas não chega para fundar uma interpretação de confiança (por exemplo, a pág. 58 da 5.ª ed.). São estátuas inacabadas, que o artista destinava a uma grande edificação de traça desconhecida ou para sempre abandonada por inverosímil. Que mergulhou profundamente nesse fantástico mundo prova-o o seu *Diccionario dos Milagres*, apontamentos particulares que Silva Bastos publicou um pouco indiscretamente. O feitiço principal das *Lendas de Santos* consistirá sempre no seu inacabamento e no enigma, com que negaceiam à crítica dialéctica.



Júlio César Machado, Camilo e Eduardo Augusto Vidal. Caricatura s/ data reproduzida do livro «*Em terra de ingratos... Campanhas camilianas*»

*

Finalmente ocorre perguntar: e que vinha a ser êsse estilo de Eça de Queiroz, tão prolixamente louvado e tão ansiosamente perseguido uma vida inteira? Nada mais fácil do que conhecer um estilo literário, mas nada mais difícil do que defini-lo. Porque um estilo de arte é muito mais do que a sua expressão verbal, embora só ela seja o seu sinal palpável, só ela seja o veículo da comunicação, misteriosa comunicação, do espírito do artista criador com o espírito do artista ledôr. Um estilo de arte é a expressão plena dum espírito, que muito antes de se exprimir com palavras construiu a sua visão da realidade, a compôs, ordenou, alterou subjectivamente, «estilizou». Essa estilização espiritual é muito anterior ao acto concreto de a traduzir por palavras: é um conceito da vida, um juízo dos homens, um modo de ver o panorama da existência e a paisagem da natureza, é uma interpretação selectiva e qualitativa, que elimina quanto contraria as preferências do artista, a unidade dêsse panorama e a hierarquia das suas partes. Num caleidoscópio, a heterogeneidade e o capricho arbitrário do agrupamento compõem-se numa perspectiva em que o esfôrço imaginoso do observador encontra significado, relacionação, unidade, a fundir as arestas e as contiguïdades de acaso. Todo o acaso e tôda a cegueira da vida, o vasto mundo mais adivinhado que sabido, a agitação polícroma dos homens e dos elementos, tudo se funde na mente do artista num quadro, o seu quadro.

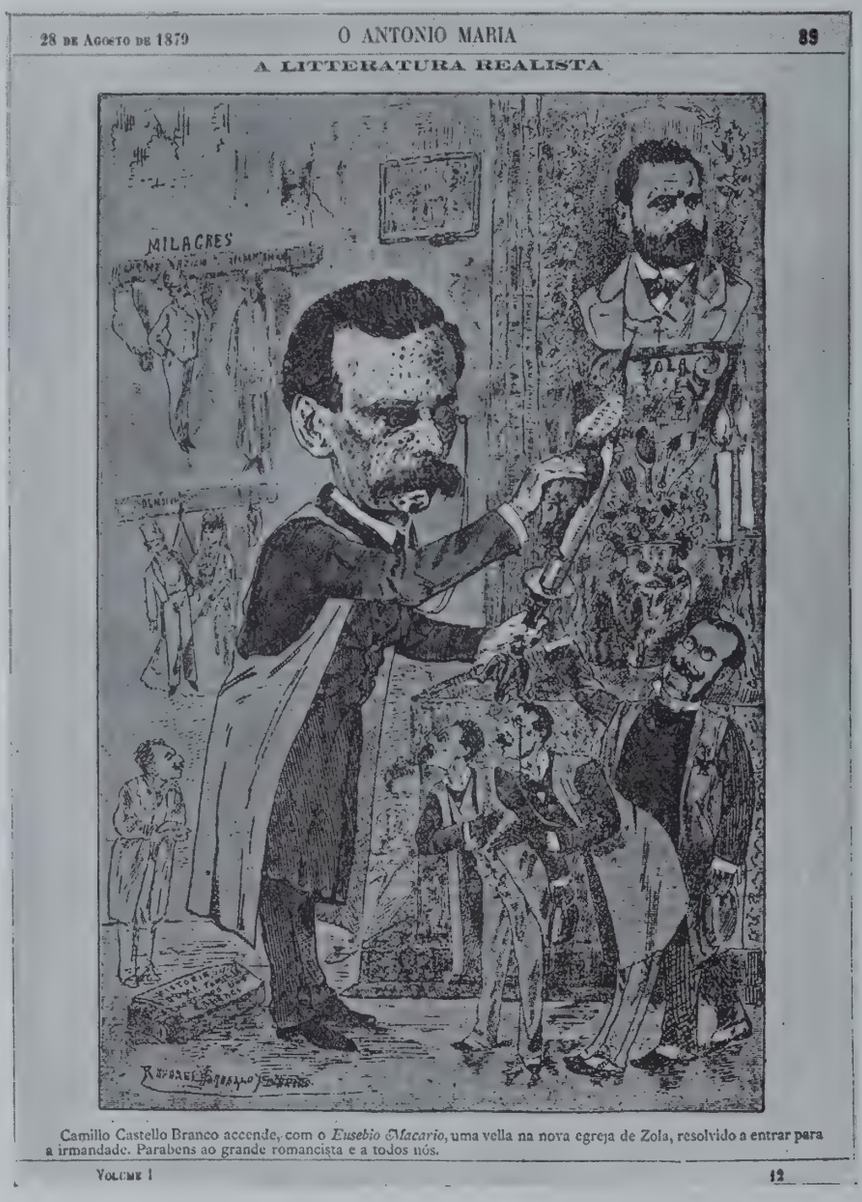
O mar é imenso, tem sua agitação medonha, encerra uma vida profunda e inabarcável pelo nosso cogitar, cobre uma païsagem variada, montanhas, vales, cavernas, vegetações, dramas, guerras entre espécies, tesouros inimagináveis de energia e beleza. Pois isso tudo o homem reduz e unifica na sua visão dum deserto azul, ondeante e chamejante ao sol e à lua, recolhidamente silencioso, rumorejando só quando lambe a terra. Um estilo é isto: uma visão simplificadora e deformadora do mundo e da vida. Um estilo literário é a expressão dum estilo de vida ou duma visão interpretativa. Só é superiormente artista o homem que chegou a delinear e a construir, a dentro da sua imaginação, essa païsagem própria, com formas, côres, símbolos, convergências de actos, direcção num sentido único (1).

Não sabemos como é o mundo, por mais que a ciência o devasse. Sempre o campo devassado o será através de nós e há-de constituir porção mínima do universo, que se oferece à nossa contemplação. Mas necessitamos de o condensar no espírito, possuí-lo, aprendê-lo, de «apprehendere». A deformação, a que o obrigamos, para que nos caiba no espírito é a nossa estilização pessoal. E todos a temos, do homem vulgar ao artista insigne. Sem ela não daríamos um passo, debater-nos-íamos em perplexidade e confusão e morreríamos desesperados da nossa impotência para realizar o acto mais simples da nossa manutenção sôbre a bola da terra. Cada acto nosso é uma opção — hoje automática, mas que não o foi, quando se ofereceu pela primeira vez à nossa experiência; — e não há opção em juízos, ideas e conceitos de valor sôbre os caminhos que se nos abrem. O homem de pensamento estiliza com fórmulas abstractas e funde tudo num sistema de ideas; o artista estiliza em panorama colo-

(1) Um dos sinais mais flagrantes desta tendência unitária ou convergente dum estilo dá-a, no caso de Eça de Queiroz, o uso e abuso de certo artifício literário para exprimir a irradiação das emoções: o que eu, à falta de melhor nome, chamaria *animismo concêntrico*. Os efeitos cómicos ou de piedade e simpatia são-nos transmitidos por ondulações concêntricas, cujo raio se alarga sempre; partem de causa mínima e chegam a abranger a natureza plena. Por exemplo: a reputação de Pacheco; o entusiasmo popular por Gonçalo, depois da sua reacção contra a cobardia; a fama dos santos da Tebaida, etc. Vê-se a natureza tôda rir-se ou apiedar-se do protagonista, vibrando com uma alma comum.

rido, em floresta de símbolos, conglomerados de actos e factos que se fundem nas imagens compósitas.

Também a moda tem, para cada época, sua visão própria da constante realidade de uma mesma coisa: o corpo humano. Vê-o agora em altura, rectilìneamente, logo em sinuosas redondezas; uma vez salienta-lhe o ventre e as nádegas, outras os recolhe e oculta; altera com o «maquilage» a distância relativa e a proporção das feições, e o tamanho e a grossura dos lábios; e com o penteado corrige o feitio do crâneo, alteia ou encurta-lhe a testa, até incutir com a emoção da novidade uma resultante impressão única: fôrça ou gracilidade, fecundidade aliciante ou virginal pureza, jàmais a indiferença e o anacronismo. A cultura — emquanto coisa diversa e mais subtil que a civilização, emquanto sistema de de juizos e ideais condutores [1] — é também uma estilização colectiva da vida, é moda, só menos efémera que a feminina, porque se funda no suceder-se das imagens do mundo construídas pela ciência e pela filosofia, é moda que visa a contentar êste imperativo de unidade e renovação, essencial na impaciência humana.



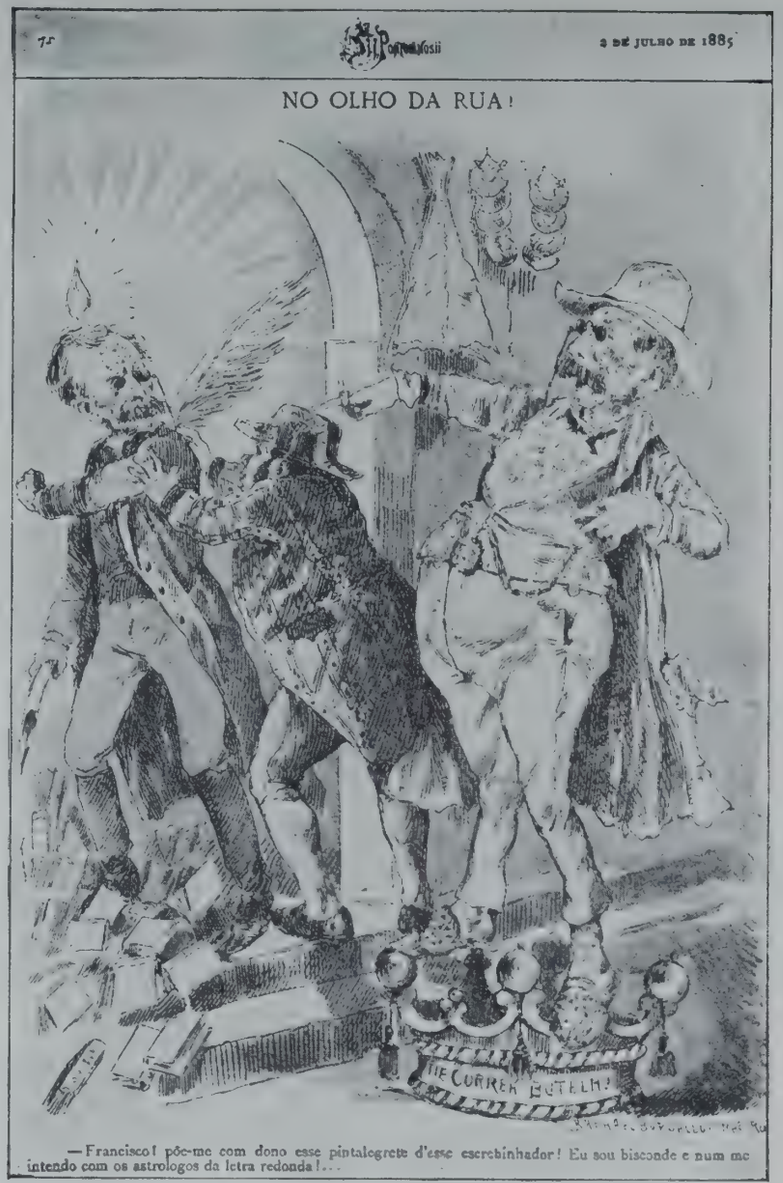
Camilo e a literatura realista. (De *O António Maria* de 28 de Agôsto de 1870)
(Ramalho, Eça, Zola, etc.)

O estilo de um artista é, nos limites do quadro mais vasto da fase histórica da cultura, sua coetânea, e antes do emprêgo dos meios próprios da sua arte, uma estilização de vida. Assim, a carreira literária de Eça de Queiroz, como grande artista, foi um esfôrço contínuo por desenhar peça a peça o seu panorama da vida e por achar a justa expressão verbal dessa sua visão. É fácil recolher os elementos constitutivos dêsse estilo verbal, éco de som verdadeiro, imagem de imagem: a extensão do seu léxico; as suas palavras predilectas; a gradação dos adjectivos; a economia dos advérbios; as formas várias das suas metáforas; a estrutura interna dos períodos; a ligação dêles — uma das coisas mais graves na arte de escrever, porque os períodos e os parágrafos estabelecem hiatos na seqüência da emoção e do raciocínio —; o ritmo e a sonoridade suave da frase, que chega a ter intenção musical ou coïncidências métricas; o vocábulo como valor de posição; tudo que forma a maneira pessoal do autor no emprêgo do idioma, como matéria prima da sua arte. Seria isso definir o seu estilo?

Também com inventariar as peculiaridades decorativas, as condições de estabilidade e as regras de proporção das partes duma obra arquitectónica, se não se recolhe a essência do seu estilo, que é espírito, que é concepção da vida, que era a alma do artista criador. É na sua luz alacre, é na sua sugestão oriental, optimista e pagã, que se contém o gôsto manuelino, não nas esferas armilares, nas cruzes e nas cordagens enlaçadas, nos seus elementos góticos e renascentistas. Êsse espírito incoercível é que é o estilo, porque é a entrega, em fórmula de síntese estética, duma conclusão geral do artista sôbre o mistério que nos rodeia, para cada qual com seu vôo maior ou menor.

Como o homem de ciência, praticando uma especialidade com objectivo escrúpulo, vai delineando a sua própria personalidade, ao mesmo tempo que conquista dados e explicações sôbre o seu compartimento de estudo, assim o artista, neste caso Eça de Queiroz, ao criar as suas imagens e os seus símbolos, vai esculpindo a sua própria alma. Essas crónicas do meio lisboeta, essa ga-

(1) V. cap. *Noção de cultura* in *Menoridade da Inteligência*, Coimbra, 1933.



Duas caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro De *O António Maria* de 29 de Janeiro de 1880: Camilo e a Rattazi. E Camilo visconde mandando pôr na rua pelos seus lacaios o Camilo romancista, publicada em *Os Pontos nos ii* de 2 de Julho de 1885.

leria de tipos, mais verdadeiros que a própria realidade porque se destacaram do cinzento massiço da vida para viver vida autónoma e mais duradora, foram meios por êle envidados para achar a sua peculiar estilização da vida: um pandemónio caricaturesco, mas promotor de sorriso indulgente; um afan de compreensão tolerante e serena; um constante anelo de pureza, ainda que enganosa por só se comprazer no mundo da fantasia ingénua; um desdém estético pela vulgaridade contente e sem horizonte; uma infatigável busca de perspectivas novas, principalmente no campo das ideas e das emoções, mas sem perder de vista o ponto de partida, como num balão cativo, que segura o regresso. Tudo isto é deduzido da própria obra. Quem saberá nunca desenhar essa pessoal visão da vida, que se recorta sôbre a retina do artista e que é o invisível, mas indispensável, pano de fundo das suas criações?

Para compreender, a razão lógica do escritor desdobrava a realidade, como abriria um leque, a mostrar quantas coisas se encerram no seu pregueado. Desdobrar é ver integramente uma superfície; analisar é decompôr a realidade que a superfície encobre. E Eça não era um analista, era um observador de panoramas, mas um observador em total. A análise, que decompõe o conteúdo das superfícies, há-de ser fase nova do romance e há-de transpôr as fronteiras da razão lógica, em cujo culto Eça de Queiroz se tinha formado, como bom filho do século XIX.

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro em *O António Maria* de 15 de Abril de 1880.

Para fazer ver, o artista punha o mais absorvente escrúpulo em oferecer sempre uma flagrante nota colorista ou formal, um típico pormenor concreto, que nos prende à realidade da sua visão. No tipo de José de Alencar há um pouco de caricatura dessa sua obsessão de notas de realidade fiel.

Para nos fazer sorrir do que nos faz compreender e portanto perdoar ou apiedar-nos, o escritor altera a harmonia das proporções e o lugar do típico, e dá-nos as suas imortais caricaturas amáveis, isto é, dignas de serem amadas, com seus ridículos e tudo.

Para fugir à vulgaridade quotidiana e local, cria êsse tipo ideal de Fradique, personificação e síntese das aspirações e gôstos da sua geração, uma razão e uma sensibilidade feitas vida; construe êsse mundo imaginário ou conjectural dos Tructesindos Ramires, da Paixão de Cristo, da velha Tebaida e do mundo intemporal dos seus mais belos contos.

Mas o balão, que o levava às alturas, era um balão cativo; quando o artista se cansou ou temeu a vertigem e quis regressar à sua roda mortal e tangível, fàcilmente desceu, só com um âmbito maior para a sua indulgência e para a sua simpatia. Êste largo rodeio é que o torna profundamente português. Tôda a grande vida dum português de espírito universal é uma aventura para longe do rectângulozito pátrio, muito longe, mas com retôrno ansioso ao rectângulozito pátrio. Recorda-me aquela advertência de Emerson: não são indispensáveis os grandes e gloriosos cenários para viver em heroísmo e profundidade. Mas isso cada um há-de aprendê-lo por seu próprio esfôrço. Partir e voltar — todos os grandes homens de Portugal o fizeram. É no aventuroso rodeio pelo mar distante ou pela fantasia ou pelo campo das ideas que se realizam as coisas grandes. Todos os gloriosos companheiros de Eça de Queiroz partiram, como êle partiu; vagamundearam e tornaram, como êle vagamundeou e tornou. Essa curva do espírito do escritor é que o torna bem português, um português castiço de espírito universal, daquele espírito de universalidade a que os portugueses deram a forma mais concreta: deambulação e descoberta (1).

O que nêle não será ortodoxamente português, é essa emoção comedida, essa contentação generosa e bem governada, que desconheceu a cólera, sem deixar de amar o entusiasmo, aquela moderação no sentir e

(1) V. *Portuguesismo de Eça de Queiroz*, in *Diarios Associados*, Brasil, Janeiro, 1939.

no dizer, que por tôda a obra se derrama e que nos escritos polémicos mais palpàvelmente se exemplifica. Eu mesmo, ao concluir êste ensaio, temo que o meu portuguesismo me faça correr o grave risco de atribuir à carreira espiritual do escritor um sentido dramático — agónico, diria Unamuno — que ela não teve. É que eu vivo um estilo de vida, já muito distante do de Eça de Queiroz.

XXII — OUTROS REALISTAS

BIBLIOGRAFIA. — TEIXEIRA DE QUEIROZ (Francisco Teixeira de Queiroz); pseudónimo: BENTO MORENO. Nasceu em Arcos de Val-de-Vez, a 3 de Maio de 1849, e faleceu a 22 de Julho de 1919, em Lisboa. Foi médico, formado pela Universidade de Coimbra.

De algumas das suas obras estão traduzidos excertos em francês e italiano. Foi deputado, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, onde, além de outras trabalhos académicos, escreveu os pareceres académicos de João Penha (1909) e Jean Finot (1902).

Escreveu: 1876 — *Comedia do Campo (Scenas do Mundo)*, Lisboa, que se chamou em 3.ª ed. *Os meus primeiros contos* (1914); 1877 — *Amor divino*, Lisboa; 1879 — *Os noivos*, Lisboa; 1881 — *O grande homem*, comédia em 4 actos, Lisboa; 1882 — *Comédia do Campo — António Fogueira*, etc. Lisboa; 1883 — *O Salustio Nogueira*, Lisboa; 1887 — *4.º vol. da Comédia do Campo. Novos contos de Bento Moreno*, Lisboa; 1887 — *Contos Modernos. A velhice dum rei*; 1894 — *D. Agostinho*; 1895 — *Morte de D. Agostinho*, Lisboa; 1895 — *Arvoredos*; 1896 — *O Brinco de Ermelinda*, Coimbra; 1897 — *Amores... Amores...* Lisboa; 1899 — *A nossa gente*, Lisboa; 1901 — *A caridade em Lisboa*, Lisboa; 1902 — *As festas em honra da Sciencia em Viana do Castello*, Lisboa; 1905 — *Acerca da gloriosa novela do engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha*, Lisboa; 1906 — *Carta de Amor*, Lisboa; 1907 — *Elogio historico de A. Augusto Teixeira de Vasconcelos*; 1910 — (Discurso) *A. Herculano (o novelista)*; 1913 — *A cantadeira*, contos. Lisboa; 1915 — *Ao sol e à chuva*. Romance. Lisboa; 1919 — *A grande quimera*. Romance. Lisboa. Quási tôda a obra de Teixeira de Queiroz é edição da Parceria António Maria Pereira.

ABEL BOTELHO (Abel Acácio de Almeida Botelho). Nasceu em 1856, e faleceu, ministro plenipotenciário, em 24 de Abril de 1917, em Buenos Aires.

Escreveu: 1885 — *Lira insubmissa* (1874-1883), versos. Porto; 1886 — *Germano*. Drama em 5 actos. Verso. Porto; 1891 — *Barão de Lavos*. Porto; 1895 — *Jucunda*. Comédia em 3 actos; 1898 — *Livro de Alda*. Romance. Porto; 1900 — *Mulheres da Beira*, contos sem remédio. Porto; 1901 — *Amanhã*. Porto; 1904 — *Os Lazaros*. Porto; 1907 — *Fatal dilema*. Porto; 1908 — *A Peninsula Iberica contra Napoleão*. Porto; 1910 — *Prospero Fortuna*. Porto; 1919 — *Amor crioulo*. Porto.

O *Barão de Lavos* está traduzido em espanhol por Felipe Trigo, e *Fatal Dilema* trad. na mesma língua por Miguel Rodenas. Abel Botelho foi coronel do Estado Maior, senador, e oficial da Legião de Honra. Foi retratado por Columbano. A colecção Patrícia tem um voluminho com o seu nome.

JULIO LOURENÇO PINTO. Nasceu no Pôrto em 1842 e faleceu em 1907.

Escreveu: *Margarida. Scenas da vida contemporanea*. Porto. 1879; 1880 — *Vida attribulada*. Porto; 1882 — *Senhor Deputado*. Porto; 1882 — *Esboços do Natal*. Contos. Porto; 1884 — *O homem indispensável*. Porto; 1885 — *Esthetica naturalista. Estudos críticos sobre arte*. Porto; *O Bastardo*, romance.

LUIZ DE MAGALHÃES (Luiz Cipriano Coelho de Magalhães). Nasceu a 13 de Setembro de 1859, e faleceu em 1935.

Escreveu: *As navegações*. 1881. Versos; 1886 — *O brazileiro Soares*. Porto.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA. Nasceu em 1859 e faleceu em 1936.

Como romancista e contista publicou: *Sonho de perfeição*, 1901; *Vozes do meu lar*, 1902; *Na Paz do Senhor*, 1903; *Reino da Saudade*, 1904; *Via redemptora*, 1905; e *Apostolos da terra*, 1905. Era formado em direito. Foi deputado.

DECIMO ANNO N.º 437 — Numero avulso 20 réis — Terça-feira, 13 de Março de 1906

O SECULO

SUPPLEMENTO HUMORISTICO

ESTATUAS

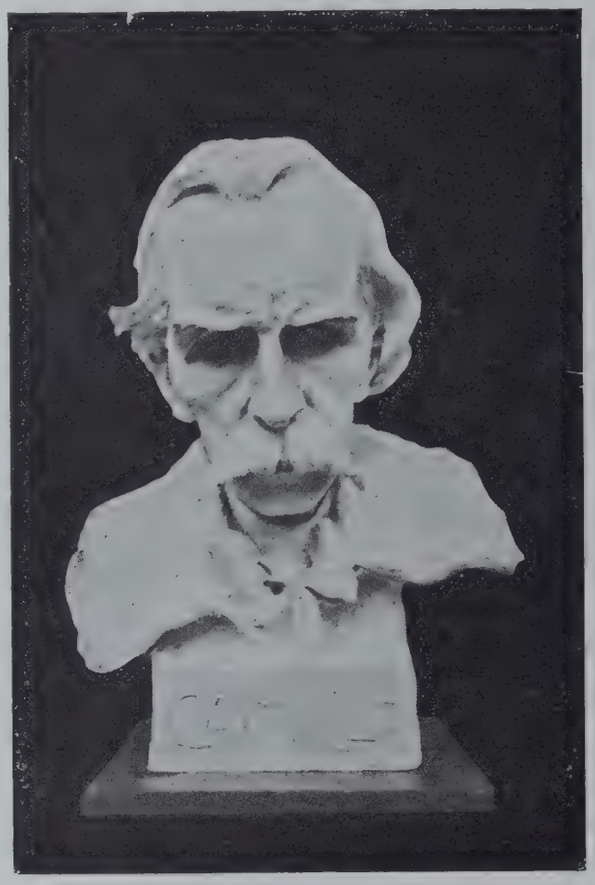
—Então aquelles collégas, que são mais velhos, não apanham estatua?
—Apanham, com o dinheiro que sobrar do monumento ao marquez de Pombal...

A propósito da projectada inauguração do monumento a Camilo: êste dá a mão a Silva Pinto. Olhando-os Garrett, Herculano e Castilho. Caricatura de F. Valença

DEPOIS de Eça de Queiroz, no romance realista distinguem-se em primeiro plano Teixeira de Queiroz e Abel Botelho, ambos traçando dentro das ideias da escola, programas de obra que procuraram realizar. O primeiro com as duas séries *Comédia*

no campo e *Comédia Burguesa*, e o segundo com a *Patologia social*. O segundo, mais consentâneo com o realismo, mais zolaesco, brutal por vezes. São duas obras que não se parecem e que dir-se-iam escritas por adeptos de escolas diferentes. Mas dois escritores fortes e com singular e vincada personalidade.

Teixeira de Queiroz foi um escritor, antes de o classificarmos em qualquer das escolas literárias. Escreveu bem e os seus livros ainda hoje se lêem e se vendem. A sua obra dividiu-a êle em duas séries, como ficou dito. A *Comédia do Campo* (romances e contos) compreende os seguintes volumes: I — *Os meus primeiros contos*; II — *Amor divino*; III — *António Nogueira*; IV — *Novos contos*; V — *Amores, amores*; VI — *A nossa gente*; VII — *A Cantadeira*; VIII — *Ao Sol e á Chuva*. À *Comédia Burguesa* pertencem os romances: I — *Os noivos*; II — *O Sallustio Nogueira*; III — *D. Agostinho*; IV — *Morte de D. Agostinho*; V — *O famoso Galvão*; VI — *A Caridade em Lisboa*; VII — *Cartas d'Amor*; VIII — *A Grande Chymera*. Fora das colecções tem um livro de contos escolhidos, *Arvoredos*; uma comédia, *O grande homem*; e um volume de *Escritos diversos, As minhas opiniões*.



Busto de Camilo da autoria do escultor Diogo de Macedo.

Na primeira série abundam os contos, na segunda os romances. A primeira — confessa êle em *A razão da minha obra*, prefácio da 3.ª ed., de *Os meus Primeiros Contos* (1914) — passou-a êle «divagando por entre a païsagem minhota». Diz que na *Comédia Humana* de Balzac encontrou o que êle «já pensava nebulosamente». E declara: «Sentindo a diferença de acção da vida simples da gente do campo e das montanhas, que pratiquei quando criança, comparada com a acção mais complexa da vida civilizada das cidades, estabeleci dois agrupamentos, o da *Comédia do Campo* e o da *Comédia Burgueza*. É claro que não tomei notas de tudo que se passava fora de mim, conjugado com a minha laboração mental. Fui vendo, observando, classificando, comparando os elementos sociais que ao acaso se me deparavam, e recolhia-os para aparecerem oportunamente. Para mim, escrever um romance ou um conto é apresentar um indivíduo ou caso novo, uma païsagem nova, um estado d'alma diferente dos anteriores. Procedo, no meu método, como os zoólogos ou os arqueólogos, quando definem espécies desconhecidas, ou descrevem objectos raros, que nas suas excavações surpreendem. O imprevisto foi sempre o propulsor da criação científica ou artística, o acaso é despertador da imaginação criadora. A sensibilidade acorda a inteligência para colaborarem em conjunto, porque a obra d'arte tem de ser sentida pela alma tôda.

«O edifício, que pouco a pouco fui erguendo, porfiei que fôsse habitado por gente viva. Rejeitando tôdas as doutrinas estéticas conhecidas, assentando na cautelosa observação directa, vi na epígrafe extraída da *Modeste Mignon* e estampada na portada de todos os meus livros, uma definição suficiente. Filosofia de antemão adoptada, para quê? Teorias e doutrinas estéticas, o que valem para o artista?! *Pessimismo... optimismo*, o que vem a ser? Não os reconheço como pendões de duas filosofias, mas, antes, como características do temperamento dos escritores, ou melhor, como puros estados psicológicos. O mesmo pensador pode ser alternadamente macambúsio ou alegre, consoante a saúde do seu corpo ou do seu espírito. Nada existe fora de nós, que possa definir a alegria ou a tristeza. O mundo exterior é apenas um condicionamento para a nossa sensibilidade. Por isso entendo, com o autor da *Comédia Humana*, que os conflitos sociais, os factos em si, são coisas mortas e só têm o valor e o sentido que a nossa alma lhes der. O mesmo acontecimento pode ser motivo ou base duma tragédia ou duma comédia, consoante o modo como nós o sentirmos ou interpretarmos. Vêem-se, todos os dias, dois narradores anónimos descreverem o mesmo acontecimento, que ambos presencearam, de modos diametralmente opostos, despertando o riso um, o outro as lágrimas. Será demasiado *egocentrismo?* Talvez. Será o artista (poeta, músico, pintor, escultor, romancista, dramaturgo, historiador) a pretender resumir em si a humanidade? Não o nego. O *antropocentrismo*, a doutrina dos que julgam que o universo só é valorizado pela existência do homem, tem tido defensores entre filósofos. A que se reduziria essa coisa imensa chamada *cosmos*, se não existisse uma simples alma, inteligente e consciente, para o definir?! Pavorosa interrogação!

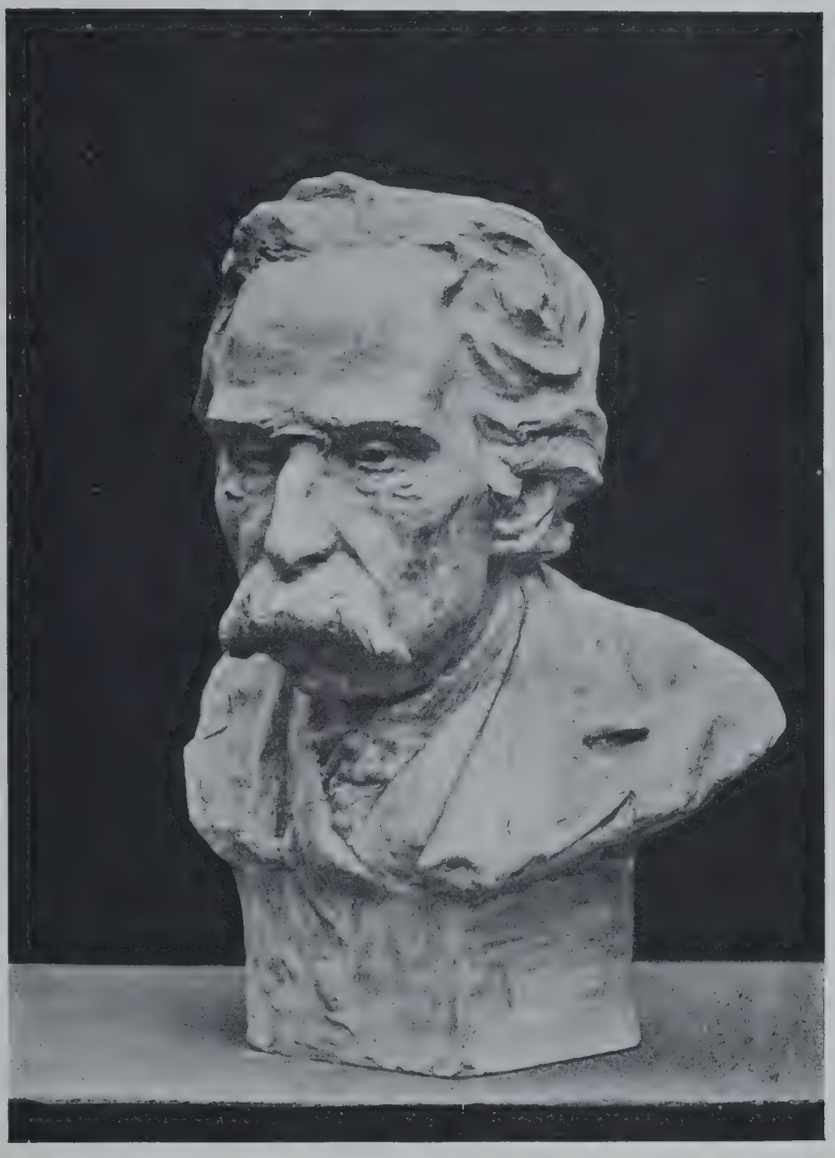
«Quanto ao valor social do romance actual, entendo que é enorme. Tôda a arte é de si educativa: basta a contemplação da beleza eurítmica para melhorar a nossa alma. Para isso deverá ser neutra em moral e em religião e buscar apenas a verdade simples. Flaubert, o grande mestre, com o seu estilo claro e processo d'análise indutivo, realizou essa maravilha. No meu pouco,

procurei igualmente sem mistificação atingir o maior grau de certeza, descrevendo na *Comedia do Campo* as paisagens da alegre região do Minho, ou apanhando, em diálogos simples, a alma do nosso camponez e serrano. Abalancei-me a problemas mais complicados na *Comedia Burgueza*, quando a idade e a vida social me trouxeram novos elementos de observação, colhidos num meio de interêsses e conflitos mais embaraçados.

«Atingiria a verdade que procurei?

«Só posso responder que a procurei com lisura e bons desejos de a encontrar. A minha galeria de personagens é e ficará incompletíssima; mas isso tem acontecido aos maiores investigadores d'almas, Shakspeare, Dickens, Molière e Balzac. Cada romancista ou dramaturgo que aparece, grande ou pequeno, escreverá o seu capítulo da história do coração humano, consoante souber e puder. O mundo moral, com as suas virtudes e perversidades, é infinito; o esfôrço de cada um, limitado».

Teixeira de Queiroz deixou uma obra vasta, onde há magníficas páginas. Foi um escritor honesto e bem merece das gerações futuras a homenagem que lhe é devida. Os seus contos são pequenas obras primas.



CAMILO. Busto pelo escultor Raul Xavier

Abel Botelho foi antes de tudo um escritor original e corajoso. Não podemos dizer que êle procurou o escândalo, porque há um real trabalho em cada romance, trabalho que põe de parte a suspeição de tal. Se as scenas que descreve são escabrosas e êle não as inventou, há que julgar a vida e não o escritor. Não há livros imorais — afirmava-o Fialho e é verdade. Abel Botelho, escolhendo scenas patológicas, promovia com êsse descritivo a condenação delas. A sua *Pathologia Social* trata de aberrações e personagens doentias. Mas àparte o mundo especial que nesses romances realistas se vive, há que saber se o escritor cumpre, e merece entrar na história literária do seu país. Não há dúvida que Abel Botelho é notável como escritor e a sua obra tem um alto fim terapêutico. Compõe-se a *Pathologia Social* de 5 volumes: I — *O Barão de Lavos*; II — *O Livro de Alda*; III — *Amanhã*; IV — *Fatal Dilema*; V — *Prospero Fortuna*. Nessa série há magníficas páginas, descrições exactas, arte e até ciência. O estilo é colorido e não deixa de ser um curioso escritor, forte e pujante, que merece destaque especial. O seu livro de contos *Mulheres da Beira* mostra um escritor interessante, que mesmo sem ter escrito os seus romances marcaria pelas suas qualidades um grande lugar de escritor.

Depois de Bento Moreno e Abel Botelho, escritores notáveis, Júlio Lourenço Pinto, Jaime de Magalhães Lima e Luiz de Magalhães são já romancistas de fraca projecção.

Distingue Lourenço Pinto o romance *Margarida* que trata de um duplo adultério, onde o processo do volume é o descritivo e se vê bem que Eça de Queiroz exerceu profunda influência sôbre o artista e o seu modo de sentir o romance. Sendo a sua forma, de preferência, a descritiva, Júlio Lourenço Pinto tem por vezes excelentes descrições. Os seus outros romances em nada aumentam a sua fama e glória.

Luiz de Magalhães tem um romance *O Brasileiro Soares*, «forma nova de um velho tema». Embora o assunto seja o adultério, tão tratado no realismo, o escritor achou aqui e além algumas notas novas.

Aparece-nos por último Magalhães Lima com *O Transviado*, romance onde Tolstoi, com o seu neo-cristianismo, influi na ideação e na conduta das suas personagens. Mas os romances onde se filosofa, os romances de tese são sempre mais teses do que romances. Essa razão permite afirmar que literàriamente são obras frouxas, embora óptimas teses de filosofia ou sociologia.

Projecto de um monumento a Camilo pelo escultor Teixeira Lopes

XXIII — O ROMANCE POLICIAL

BIBLIOGRAFIA: — ALFREDO POSSOLO HOGAN. Nasceu em Lisboa em 1830 e faleceu em 1865. Escreveu:

Dous Angelos ou um casamento forçado. Lisboa, 1852; *Os Mysterios de Lisboa,* romance. 1852; *Marco Tullio ou o Agente dos Jesuitas,* romance histórico (1568 a 1600). Lisboa, 1853; *A Mão do Finado.* Romance em continuação do *Conde de Monte Christo* de A. Dumas. Lisboa, 1853. (Saiu anónimo).

Hogan escreveu muito para o teatro. A lista das suas obras pode ver-se a págs. 44 do vol. VIII do *Dicionário* de Inocêncio.

FRANCISCO LEITE BASTOS. Nasceu em 1841 e faleceu em 1886. Escreveu: *O crime de Mattos Lobo, A mulher do carrasco, O Incendiario do Patriarcal, Contos da minha lavra, Primaveras de Sintra, Romances contemporaneos, Bernardices do Seculo, Os sapatos de defunto, Fantasias da mocidade,* etc. Foi Leite Bastos o autor de *As Maravilhas do homem pardo,* continuação de *O Rocambole,* e de tal maneira o fêz que hoje se considera indispensável à obra prima no género, do escritor francês.

O romance policial, actualmente na moda, e que teve o seu tempo com Ponson du Terrail e Xavier de Montépin, em França, e a sua revivescência com Conan Doyle em Inglaterra, a ponto de o *Rocambole,* o *Conde de Monte Cristo* e o *Sherlock Holmes* serem personagens universais, é ainda um género muito usado e com grande público. É claro que há o bom e o mal feito, e exactamente êsses devem a sua notoriedade a serem do melhor.

Género nascido inteiramente no estrangeiro, também em Portugal despertou cultores; e porque êsses cultores merecem bem que nos ocupemos dêles, bom é que lhes celebremos os nomes: Alfredo Hogan e Leite Bastos.

*

Todos conhecem o *Conde de Monte Cristo* e o *Rocambole,* cujas edições se multiplicam. Um dia apareceu um romance, *A mão do finado,* que os leitores de Alexandre Dumas leram e aplaudiram como o remate do *Conde de Monte Cristo,* seguindo-se-lhe, anos depois, uma obra intitulada *As maravilhas do Homem Pardo,* que os apreciadores de Ponson du Terrail tomaram como a conclusão do prodigioso *Rocambole.*

Êstes dois engenhosos romances foram escritos, respectivamente, por Alfredo Possolo Hogan e Francisco Leite Bastos — dois escritores portugueses!

É de estranhar, portanto, que sempre que se faz referência aos nossos escritores do século XIX, se omitam os nomes dêstes dois, que, sem favor, foram, mais do que qualquer outro, dotados duma fecunda imaginação.

Ambos êles deixaram uma obra vastíssima, para o curto praso de vida que tiveram. O primeiro morreu com 35 anos incompletos, e o segundo com 45...

Desventurados na vida, desventurados continuaram a ser após a morte.

Afirma-se talvez que a sua literatura é obra de fancaria, e não se tem em consideração a imaginação prodigiosa que lhes agitou os cérebros, dom de que muito poucos, raríssimos até, se podem orgulhar.

Alfredo Possolo Hogan nasceu em Lisboa, em 29 de Novembro de 1830, sendo, desde o berço, vítima da tuberculose que o empolgou com uma lentidão cruel.

Em dado momento, Alfredo Hogan teve de ir grangear o pão de cada dia, e conseguiu obter um modesto lugar na repartição dos correios, onde mal ganhava para comer.

Era durante o pouco tempo que o desempenho das suas funções lhe deixava livre que elaborava os seus trabalhos literários. E assim escreveu o romance que intitulou, no estilo da época, *Os dois Angelos ou um casamento forçado,* que obteve um certo êxito.

CAMILO. Caricatura publicada em 1870 na 7.ª pág. da *Berlinda* e reprod. no *Em Serra de ingratos . . . Campanhas camilianas.*

Isto o animou a prosseguir, publicando, pouco depois, *Os Mistérios de Lisboa,* obra que alcançou grande voga.

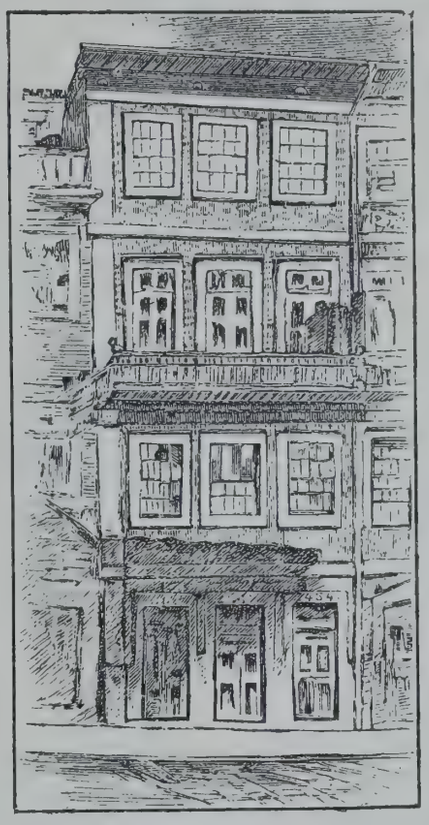
Acedendo ao pedido do editor Luiz Correia da Cunha, da Costa do Castelo, que pretendia aproveitar o interêsse despertado pelo *Conde de Monte Cristo,* meteu-se a escrever *A mão do finado,* que

seria a continuação do famoso romance de Alexandre Dumas.

A mão do finado foi logo traduzida em francês com o título de *La main du défunt*, dando-se-lhe como autor um suposto F. C. Prince. A edição francesa atravessou o Atlântico, indo parar ao Brasil, onde foi tomada como obra do próprio Dumas, que por qualquer motivo quisesse ocultar-se com um pseudónimo.

O acolhimento foi tão carinhoso que o *Diário do Rio de Janeiro* começou a publicar em folhetins o romance, traduzido de novo para português. A boa nova aos leitores era dada nestes termos:

«Mr. Dumas, sempre fértil em pensamentos, com uma alma em que transluz o espírito, compreendeu a importância que tinha o seu romance, quando viu o acolhimento que se lhe deu na Bélgica, França, Portugal, em outros países da Europa, e até no Brasil: julgou tão acertado continuar essa história, que muito tem de moral, e em a qual o herói representa um papel tão extraordinário, que deu à luz um outro romance com o título *A mão do finado*, que acabamos de receber, e a que damos publicidade, certos de que os nossos leitores lhe darão subido apreço».



Casa na rua de Santa Catarina, no Pôrto, onde Camilo Castelo Branco desposou a companheira de quási tôda a sua vida, D. Ana Augusta Plácido.

Meses depois, em 31 de Janeiro de 1854, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, inseria a seguinte carta do próprio Alexandre Dumas:

Sr. Redactor,

Soube que se publicou no Rio, isto é, numa das cidades da América do Sul onde tenho a honra de ser mais conhecido, graças à benevolência que sempre me testemunharam os leitores que conto nessa bela e poética cidade, um romance que fazem passar por ser meu, e é anunciado como a continuação do Monte Cristo.

Nunca fiz, e, ainda que freqüentes vezes solicitado nêsse sentido, provàvelmente nunca farei, a continuação dêsse livro, que me parece dever acabar vagamente e num horizonte perdido, como um conto das Mil e Uma Noites ou um poema de Byron.

Peço-lhe, pois, a fineza, sr. Redactor, cujo jornal tão espalhado está no mundo literário e político, de desmentir em meu nome essa notícia que será talvez sem importância para outros, mas de uma certa gravidade para mim.

Digne-se aceitar, sr. Redactor, os meus mais sinceros agradecimentos.

Paris, 20 de Outubro de 1853.

ALEXANDRE DUMAS.

A-pesar do desmentido, a obra continuou a figurar — e figura ainda para muita gente — como sendo do autor do *Conde do Monte Cristo*.

Janela do quarto da Cadeia da Relação do Pôrto, onde esteve prêso Camilo e onde escreveu o *Amor de perdição*.

Jazigo onde, no cemitério da Lapa, no Pôrto, jaz Camilo Castelo Branco.

Entretanto, Alfredo Hogan não descansava. Continuando no seu modesto emprêgo dos correios, aproveitava os curtos ócios para escrever sôbre o joelho peças teatrais e romances.

Assim apareceram: o romance histórico *Marco Túlio ou o Agente dos Jesuitas*, que abrange o período de 1580 a 1600, e *A pedinte de Lisboa ou as Memórias duma mulher*.

Escreveu ainda umas vinte peças, algumas das quais representadas com êxito no Teatro do Gimnásio.

O que levava Alfredo Hogan a produzir peças era a necessidade do dinheiro que o editor lhe dava por cada uma no acto da entrega.

Sousa Bastos confirma o facto nos seguintes têrmos:

«Quando (Alfredo Hogan) precisava de arranjar dois ou três pintos (a moeda de 480 reis que então corria), ou depois duas ou três *meias coroas*, metia-se em casa e fazia uma peça que levava ao editor Lopes, da rua do Ouro. O Lopes, quási analfabeto, tomava os originais na mão, via-lhes o pêso, e assim pagava!

O Alfredo Hogan, que já lhe sabia as manhas, comprava um papel grosso, escrevia em letra graúda e com uns grandes espaços.

Alguns literatos abusaram tanto do sistema, que o Lopes, percebendo a esperteza, antes de lhes dar o dinheiro, dizia:

— A mim não me engana você. Se quere dinheiro, encha aqui o papel que está em branco.

E o pobre do autor lá tinha que fazer estrelinhas

para apanhar os dois pintos que muitas vezes eram o jantar e a ceia do dia...»

Lutando com a miséria que lhe roía o estômago e com a tuberculose que lhe dilacerava os pulmões, trabalhava sempre infatigàvelmente.

Colaborou com Júlio César Machado na comédia dramática em 3 actos *Primeiro o dever!*

Dir-se-ia que Alfredo Hogan, prevendo a morte próxima, pretendia ganhar tempo, isto é, produzir em meses o que muitos não seriam capazes de escrever em anos.

E conseguiu-o.

Finalmente, em 16 de Abril de 1865, a morte arrebatou-o, tendo êle apenas trinta e cinco anos incompletos.

*

Seguiu-se a Alfredo Hogan outro escritor — Leite Bastos — que deveria tornar-se um dos mais populares do seu tempo.

Emquanto os jornais parisienses se valiam do talento de Eugénio Sue, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Paulo Féval, para os seus romances-folhetins, de imaginoso enrêdo, os jornais de Lisboa aproveitavam Leite Bastos para o mesmo fim.

Francisco Leite Bastos nasceu em Lisboa, em 17 de Setembro de 1841. Quando chegou à altura de entrar para a escola, deu má conta de si, irritando não só os mestres como o próprio pai, que tentava regenerá-lo com valentes tareias.

Na verdade, tornava-se incompreensível que tendo Leite Bastos uma tão grande tendência para as letras, manifestasse uma tal aversão pelo estudo.

Casa onde Camilo viveu e se suïcidou Antes do incêndio (Da *Revista ilustrada*).

Largo fronteiro à casa de Camilo em S. Miguel de Seide

Jardim da casa de Camilo em S. Miguel de Seide

Cansado de tanta cabulice, o pai disse-lhe, um dia:

— Isto não é vida. Não estou para sustentar burros à argola. Trata de ti, que não te quero mais em casa. Vai ganhar a vida como puderes e quiseres.

— Pois sim, pai, eu vou.

E foi. Passou a fazer serviço na loja dum carvoeiro onde aprendeu a fazer bolas e a carregar com alcôfas de carvão e carqueja para casa dos fregueses.

Tempos depois passou a pintar imagens de santos e a fazer palitos para os celebrados fósforos de «espera galego».

Nessa altura lia e começava a rabiscar umas lérias muito piegas que nem por sombras indicavam o engenhoso escritor que dali saïria.

Em dado momento, sentiu-se tentado para o teatro e passou a escrever peças, uma das quais — *Gloria do Trabalho* — alcançou um certo êxito no Variedades, e outra — *Os Trapeiros de Lisboa* — no Príncipe Real.

Estava lançado.

E assim começou a carreira literária de Leite Bastos, o único escritor português com imaginação capaz de completar o *Rocambole* de Ponson du Terrail.

Seguiram-se depois as peças *Malditas cartas*, *A pena de morte*, *O n.º 13*, *Abençoados infortúnios*, *Honras do pobre*, *Os voluntários da morte* e *O incendiário da Patriarcal*, que extraïu do seu romance do mesmo título.

A propósito desta última peça, evocaremos um episódio engraçado. Na noite em que foi representada no Teatro do Gimnásio, o público acolheu-a com uma estrondosa pateada.

Leite Bastos, que assistia numa frisa à representação, increpou o público, classificando-o de «súcia de cavalgaduras», pois não sabia compreender a peça que lhe apresentavam.

O mais curioso é que o público não se irritou, antes ovacionou, por entre gargalhadas e palmas, o ousado autor que tão temeràriamente enfrentara aquela hidra de centenas de cabeças.

Gabinete de trabalho de Camilo no dia do seu suicídio em S. Miguel de Seide. No primeiro plano, no chão, o seu caixão.

Leite Bastos, um excêntrico, muito de boémio e filósofo, andava pelas ruas de Lisboa montado num cavalo esquelético que êle mesmo tratava e considerava o seu melhor amigo.

Acostumara-o a beber vinho, e sempre que chegava à porta duma taberna mandava vir dois decilitros para o cavaleiro e dois para o cavalo.

E assim viviam na mais santa paz e harmonia. Gervásio Lobato, parente de Leite Bastos, conta que o cavalo seguia para onde queria.

«Parece-nos — diz o espirituoso autor da *Lisboa em camisa* — que o estamos ainda ouvindo a dizer-nos na rua da Escola Politécnica, uma noite em que tendo êle que ir para a Baixa, o vimos a caminhar muito pachorrentamente para as bandas do Rato.

A acácia de Jorge tão conhecida dos camilianistas.

« — Então tu vais para aí?

« — Vou.

« — Mas para onde vais?

« — Não sei, mas parece-me que *êle* vai beber água.

« E efectivamente o cavalo ia beber água.

« Chegou ao chafariz do largo do Rato, matou a sêde, e depois voltou para trás e foi para onde a sua fantasia de cavalo o guiou.

«E Leite Bastos, escarranchado em cima, lá foi também, muito contente, muito satisfeito, muito despreocupado, com uma grande bonomia original.

Aspecto da acácia de Jorge, tendo ao fundo a casa de S. Miguel de Seide.

« No fim de contas êle tinha razão. Como tinha muito em que pensar, como no seu cérebro se fabricavam permanentemente cinco ou seis romances diferentes, que êle conduzia ao mesmo tempo, com uma habilidade rara, com uma grande segurança de mão, não tinha tempo para pensar em passeios e deixava êsse encargo secundário ao seu cavalo.

« Êle que pensasse nisso, que Leite Bastos tinha mais que fazer.

« E assim guiado pela fantasia do seu cavalo, o grande escritor atravessava as ruas de Lisboa, na numerosa companhia dos seus personagens, conversando com êles, matando um, casando outro, ressuscitando outro, e não se importando nada, absolutamente nada, com os risos dos ociosos e com as troças do rapazio... »

A-pesar de inculto, Leite Bastos era um observador profundo, um analista agudíssimo e tinha o condão excepcional de fazer com dois traços a mais complicada figura. Era uma faculdade inata, que raras vezes floresce no mundo das letras.

Só assim se explica que tivesse escrito: *Os crimes de Diogo Alves*, *O crime de Matos Lobo*, *O crime do corregedor*, *A mulher do carrasco*, *O incendiário da Patriarcal*, *Contos da minha lavra*, *Primaveras de Cintra*, *Romances contemporâneos*, *Fantasias da mocidade*, *Bernardices do século*, *Sapatos de defunto*, *As tragédias de Lisboa*, etc.

Um dia, o editor Pedro Correia quis completar o *Rocambole*, que Ponson du Terrail não completara por ter sido surpreendido pela morte. Avaliando os dotes excepcionais de Leite Bastos, encarregou-o dêsse trabalho. E assim surgiram *As Maravilhas do Homem Pardo*, que não destoam junto do famoso romance do fecundo escritor francês. E a prova é que o *Rocambole* aparece ainda terminado com essa obra de Leite Bastos, embora figure o nome de Ponson du Terrail.

Leite Bastos foi colaborador efectivo do *Diário de Notícias* e d'*O Occidente*. Deixou incompletos os romances *As obras de Santa Engrácia* e *Os dramas de Africa*, que depois Gervásio Lobato e Jaime Victor completaram. Faleceu em 5 de Dezembro de 1886, quási na miséria.

Assim viveu e morreu um dos mais engenhosos escritores portugueses que, mesmo sem ter cultivado o espírito, deixou páginas de rara subtileza e ainda hoje empolga muitos milhares de leitores.

D. Ana Augusta Plácido, espôsa e namorada de Camilo. Aguarela de C. Silva.

XXIV — O ROMANCE MARÍTIMO

BIBLIOGRAFIA: — Francisco Maria Bordalo. Nasceu em Lisboa em 1821, e faleceu em 1861.

Eugénio. Romance marítimo. Rio de Janeiro. 1846. A 2.ª ed. (1.ª de Portugal) é de Lisboa, 1854; *Romances Marítimos.* 2 vols. Pôrto. Ed. Chardron.

Outros romances publicou Bordalo na *Revista Universal Lisbonense*, na *Revista Popular* e no *Panorama*, reunidos nos *Romances Marítimos*. Bordalo tem livros de viagens vários, a que no seu lugar nos referiremos.

Francisco Maria Bordalo, se não foi um grande escritor, foi todavia um escritor probo, curioso, com quem Herculano não se dedignava de confraternizar e que teve o condão de ser o iniciador do romance marítimo entre nós. «Romance marítimo de pura invenção, foi Bordalo o primeiro autor que o fêz em Portugal», diz-nos o ilustre historiador da literatura portuguesa sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, e o próprio Bordalo no-lo confessa.

«Tentámos enfeixar num pequeno quadro muitas dessas cenas excepcionais que constituem o viver anómalo do mar: falta-nos, porém, aquêle génio de romancista, que se me dão licença, direi que não há em Portugal; aquêle talento de ligar entre si, por laços necessários, tôdas as personagens do drama, de sorte que o aparente episódio não quebre a unidade de acção, antes se abrace ao pensamento principal por bem imaginadas peripécias onde não falta a verosimilhança. É por isso que receamos desagrade ao leitor o esbôço que vamos contornando, *tanto mais que êste género de romance só por nós foi tentado em Portugal;* que o leitor se queixe de que o não deixamos seguir por muito tempo o personagem, e finalmente que isolamos os actores em diferentes grupos, sem a precisa gradação».

Jazigo onde repousam os restos mortais de D. Ana Augusta Plácido, no antigo cemitério de Vila Nova de Famalicão.

Francisco Maria Bordalo, romântico como o seu tempo, só foi notável pelo género dos seus romances, género de que foi o cultor único. De Bordalo ocupam-se, além das referências de Bulhão Pato no vol. *Sob os cyprestes*, G. A. M. no *Archivo Popular* (1858) e Rebêlo da Silva na *Revista Contemporanea*, tomos II e III, em um extenso estudo biográfico crítico.

Literatura marítima em Portugal, sem contarmos a *História trágico-marítima*, temos Celestino Soares nos *Quadros Navais*, Joaquim da Costa Quintela nos *Anais da marinha portuguesa* e Ribeiro Viana nos *Folhetins dum marinheiro;* mas nenhum é romance pròpriamente dito.

XXV — ROMANCE BUCÓLICO E CAMPESINO

BIBLIOGRAFIA: — Julio Diniz. *As Pupilas do Snr. Reitor* (Crónica da aldeia). Pôrto, 1867; *Uma familia inglesa* (Scenas da vida do Porto). Porto, 1868; *Serões da Provincia* (As apreensões de uma mãe, o espólio do Dr. Cipriano, uma flor d'entre o gêlo). Porto, 1870; A 3.ª ed. de 1879, foi aumentada com o romance inédito *Justiça de sua Ma-*

Grupo em que figuram: à esquerda, FRANCISCO CORREIA DE CARVALHO, o *Fístula* do romance «Eusébio Macário»; ao centro, o actor DIAS; à direita, NUNO PLÁCIDO DE CASTELO BRANCO, visconde de S. Miguel de Seide, filho de Camilo.

jestade; Os fidalgos da Casa Mourisca (Crónica d'aldeia). Porto, 1871; *Poesias*. Porto, 1873-74; e *Ineditos e esparsos*. 2 vols. 1910.

Das *Pupilas do Snr. Reitor* há uma edição de luxo, in-folio, com 30 aguarelas a côres e 127 gravuras originais de Roque Gameiro. As *Pupilas* já em 1924 iam na sua 27.ª edição, e todos os seus livros têm larguíssimas tiragens, prova do grande interesse que no público despertaram.

Pupilas, Uma familia inglesa, Morgadinha e *Serões*, foram publicados no *Jornal do Porto* de 1862 a 1864, em folhetins.

«Principiei a escrever as «Pupillas» em Ovar (1863) durante os meses de Junho, Julho e Agosto. Terminei-as no Porto, em Setembro e Outubro. Ficaram-me na gaveta até ao anno de 1866 em que resolvi publicá-las. Alterei bastante o romance e ampliei-o introduzindo-lhe personagens e capítulos novos.

Publicou-se em 1866 de Março a Julho. Publicou-se em volume em Outubro de 1867. O primeiro exemplar brochado em 20 de Outubro» *(Ineditos e Esparsos)*.

«Principiei a escrever *Os Fidalgos da Casa Mourisca* no Funchal, em Março de 1869. Levava-o em meio do capitulo 8.º quando voltei ao Porto em Maio do mesmo anno. Trabalhei no Porto e escrevi-o até principios do capitulo 17.º, desde Junho até Outubro, epocha em que que voltei para a Madeira. Conclui-o no Funchal em 11 de Abril de 1870.

Levei-o manuscripto para o Porto. Principiei a copiá-lo ahi e levei a revisão e cópia até ao capitulo 22. Conclui este segundo trabalho no Funchal a 27 de Novembro de 1870» *(Ineditos e Esparsos)*.

A obra de Júlio Diniz teve no teatro uma larga repercussão. Não só Ernesto Biester extraíu das *Pupilas* um drama em 5 actos e Antero de Figueiredo uma adaptação que subiu no Teatro de D. Maria II; Carlos Borges um drama e Baptista Machado um outro de *A Morgadinha dos Canaviais*; Carlos Borges outro dos *Fidalgos da Casa Mourisca*, como *Os Fidalgos* e as *Pupilas* deram duas apreciadas fitas cinematográficas.

Há traduções francesas, alemãs, italianas e inglesas. Também a sua obra tem interpretações em pintura.

A figura típica de João Semana foi pintada num painel de azulejos nas paredes da Escola Médica de Lisboa (Faculdade de Medicina).

Sôbre Júlio Diniz existem em separado os seguintes estudos: Manuel Inácio de Bettencourt Júnior, *Julio Diniz e a Sua Obra*, Ponta Delgada, 1916; Egas Moniz, *Julio Deniz e a sua obra*, com inéditos do romancista e uma carta prefácio do Prof. Ricardo Jorge, 2 vols., Lisboa, 1924; Maximiano Lemos, *Gomes Coelho e os medicos*, Pôrto, 1922; Albino Forjaz de Sampaio, *Julio Diniz* (Colecção Patrícia).

SÔBRE Júlio Diniz há um mundo de artigos firmados pelos melhores nomes da nossa literatura. Pinheiro Chagas, Ramalho e Eça, Camilo, Fernandes Costa, J. P. de Sampaio (Bruno), Ricardo Jorge, Antero de Figueiredo, Fidelino de Figueiredo, etc.; dia a dia, o nome do romancista mais e mais se torna um dos nomes eminentes da nossa literatura. Como nota curiosa diremos as suas ideias sôbre o romance:

«O romance é um género de literatura essencialmente popular. É necessário que na leitura dêle as inteligências menos cultas encontrem atractivos, instrução e conselho, e que, ao mesmo tempo, os espíritos cultivados lhe descubram alguns dotes literários, para que se possa dizer que êle satisfez à sua missão». (Dos *Inéditos e Esparsos)*.

«Júlio Denis foi o pseudónimo com que ficou sendo conhecido, através dos seus romances, o Dr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que nasceu no Pôrto, na rua do Reguinho, em 14 de Novembro de 1839. Era filho do Dr. José Joaquim Gomes Coelho, natural de Ovar, médico-cirurgião no Pôrto e de D. Ana Constança Potter, da mesma cidade.

Foram seus avós paternos José Gomes Coelho, e D. Rosa Rodrigues, naturais de Ovar, e maternos António Pereira Lopes, natural do Pôrto e empregado da Companhia Geral do Alto Douro, e D. Maria Potter, também nascida na mesma cidade, mas filha de Tomás Potter, súbdito inglês, natural de Londres, e de D. Maria Potter, irlandesa, ambos católicos.

Freqüentou as primeiras letras com António Ventura Lopes, em Miragaia. Era seu companheiro de trabalhos escolares um seu irmão mais velho, que, mais tarde, foi aluno distinto de matemática na Academia Politécnica do Pôrto, onde concluiu o curso de engenharia em 1855, com prémio em algumas

Memória da visita de CASTILHO e TOMAZ RIBEIRO à casa de Camilo em S. Miguel de Seide.

cadeiras. A morte pela tuberculose veio surpreendê-lo dois meses depois de completar a sua carreira científica.

. . . . . .

Da escola primária de Miragaia passou o nosso biografado a freqüentar latim, como era da praxe nesse tempo, com o abalisado professor dessa época, o padre José Henriques de Oliveira Martins. Ao mesmo tempo estudava francês com o irmão, conseguindo, após êstes elementares preparatórios, matricular-se em lógica nas aulas da Graça, que, segundo nos informa Alberto Pimentel [1], era a denominação dada aos cursos públicos do Liceu e da Academia, reünidos no mesmo edifício.

Ao mesmo tempo, iniciava-se no estudo da língua inglêsa com o professor particular Narciso José de Morais Júnior. Gomes Coelho, que teve sempre má pronúncia para o inglês, chegou a conhecê-lo a fundo, traduzindo os clássicos com a maior facilidade.

Ainda não tinha quinze anos quando se matriculou em química e matemática na Academia Politécnica. Foi no ano lectivo de 1853 a 1854. No imediato (1854 a 1855), tirou física e o segundo ano de matemática, tendo obtido altas classificações. Em 1855 a 1856 freqüentou botânica e zoologia e matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto. Contava 17 anos de idade. O seu curso foi brilhante, e é de notar que, no seu segundo ano, teve uma hemoptise, prenúncio do mal, que, para sempre, havia de comprometer a sua vida, arrastando-a em alternativas de pioras e melhoras até aos 32 anos. Pois nem por isso deixou de ser estudante assíduo e aplicado!

. . . . . .

Conseguiu, sem outro acidente, chegar ao fim do curso...

Alcançada a formatura, não se abalançou a entrar abertamente na clínica. Falta de vocação para essa árdua e, por vezes, ingrata carreira, segundo alguns dos seus biógrafos, mas também a consciência da sua carência de robustez para suportar as canseiras de vida tão fatigante. Contudo, alguns doentes viu.

Estimulado, porém, pelos seus triunfos académicos, decidiu-se corajosamente a envereder pelo caminho do professorado.

Dois anos depois, em 1863, pôs-se a concurso o lugar de demonstrador da secção médica na Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, primeiro e definitivo passo para a entrada no seu corpo docente. Gomes Coelho apresentou-se como concorrente. Diz Alberto Pimentel que o fêz, «não tanto por se julgar habilitado à concorrência, em razão da extrema desconfiança que tinha da sua profissão, como para renunciar, duma vez para sempre, à vida clínica, com que não podia transigir».

A razão não colhe. Ainda hoje muitas vezes (e nessa época quási sempre) são as portas do professorado médico que abrem facilidades à vida clínica. E Gomes Coelho sabia-o muito bem.

Também não acreditamos que êle, aluno classificado, se apresentasse sem estudo a um concurso de tamanha responsabilidade.

CAMILO E OS ARTISTAS: Interpretação de uma das personagens do romance camiliano *Os Brilhantes do Brasileiro* por Francisco Valença. (Do *In Memoriam*).

(1) Alberto Pimentel. Prólogo dos *Fidalgos da Casa Mourisca*, pág. XI.

Deveria ter-lhe dado um grande esfôrço e, como conseqüência dêsse exaustivo trabalho, é que lhe deve ter sobrevindo, poucas horas depois de ter tirado ponto, a hemoptise que o fêz abandonar o seu pôsto.

Eram êsses concorrentes José Carlos Lopes Júnior, Miguel Augusto César de Andrade e Pedro Augusto Dias. Todos chegaram a ser professores da Escola Médico-Cirúrgica, como o foi também Gomes Coelho; mas nesse concurso sòmente José Carlos Lopes, que foi classificado em primeiro lugar, logrou passar em mérito absoluto, sem esferas pretas.

. . . . . .

Foi depois do acidente hemoptoico, que veio prejudicar o primeiro concurso de Gomes Coelho, que, a instâncias de seu pai e de seu primo, Bernardo de Oliveira Ramos, foi passar algum tempo, cêrca de quatro meses, a Ovar, onde tinha uma tia viúva, D. Rosa Zagalo Gomes Coelho...

Gomes Coelho voltou ao Pôrto, bastante melhorado, e, independentemente da sua actividade literária, de que falaremos mais adiante, preparou-se para os novos concursos, que não se fizeram esperar.

Foram abertos em 1864 para a secção médica e para a secção cirúrgica, realizando-se simultâneamente.

Em 18 de Janeiro começaram a prestar as suas provas os dois concorrentes da secção médica, Pedro Augusto Dias e Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Aproximaram-se os concorrentes; e tanto, que ambos alcançaram aprovação plena em mérito absoluto.

Em mérito relativo preferiu o juri Pedro Augusto Dias, que foi nomeado por decreto de 14 de Março de 1864 [1].

Gomes Coelho prestou provas em 19, 24 e 29 de Janeiro e 5 de Fevereiro de 1864.

Tirou para ponto da sua primeira lição o seguinte tema: — «Fisiologia. Ciência. Arte. Objecto. Método. Filosofia».

. . . . . .

Em 1865, em novo concurso para a secção médica, conseguiu, finalmente, Gomes Coelho alcançar o primeiro grau em mérito relativo, sendo despachado em 20 de Julho do mesmo ano. Tomou posse a 8 de Agôsto.

Em 27 de Julho de 1867, foi Gomes Coelho promovido de demonstrador a lente substituto da secção médica; um mês depois, a 27 de Agôsto, era nomeado secretário e bibliotecário da Escola, tomando posse a 14 de Setembro.

Gomes Coelho nunca sentiu grande entusiasmo pelo ensino. A razão principal dêste desânimo não era a atracção que o arrastava para a carreira literária, onde já, ao tempo, tinha marcado o seu lugar, mas sim, principalmente, a carência de saúde, que o tornava incapaz de um grande esfôrço.

Em 1870, já então muito doente, declarava numa das suas cartas a Custódio Passos [1] que sentia esfriado o entusiasmo pelo professorado.

«A augusta missão — dizia êle — oferece-me poucos atractivos desde que a minha saúde não me permite entregar-me a ela como deve ser».

CAMILO E OS ARTISTAS: Mariana, aguarela de Alfredo Morais, feita para o *In Memoriam de Camilo*.

E acrescentava, numa exacta visão do que devia ser o professor, bem diferente do que era a maioria dos que então ensinavam medicina nas nossas Escolas e Faculdade:

«Professor para traduzir compêndios e marcar lições a dedo, não tinha vontade de o ser. Confesso-te que, se nestas reviravoltas de serviços públicos e reformas que por aí vão eu pudesse aproveitar ensejo para dizer adeus ao Pôrto e à toga, não o deixava fugir».

. . . . . .

Gomes Coelho dirigiu o observatório meteorológico que, ao tempo, existia anexo à Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto.

Gomes Coelho não quis dedicar-se à clínica. Não o atraía a prática da medicina, ao menos na clientela extra-hospitalar.

Viu alguns doentes; mas sempre com sacrifício. E mesmo essa fraca actividade clínica não durou mais do que um ou dois anos em seguida à formatura e enquanto esteve no Pôrto.

Deixou, porém, aqui e acolá, em algumas das suas cartas, apreciações do seu estado de saúde, desempenhando o ingrato papel de ser médico de si mesmo.

. . . . . .

De 1869, em que, pela primeira

(1) Maximiano Lemos, *Gomes Coelho e os Médicos*, Pôrto, 1922, pág. 37.

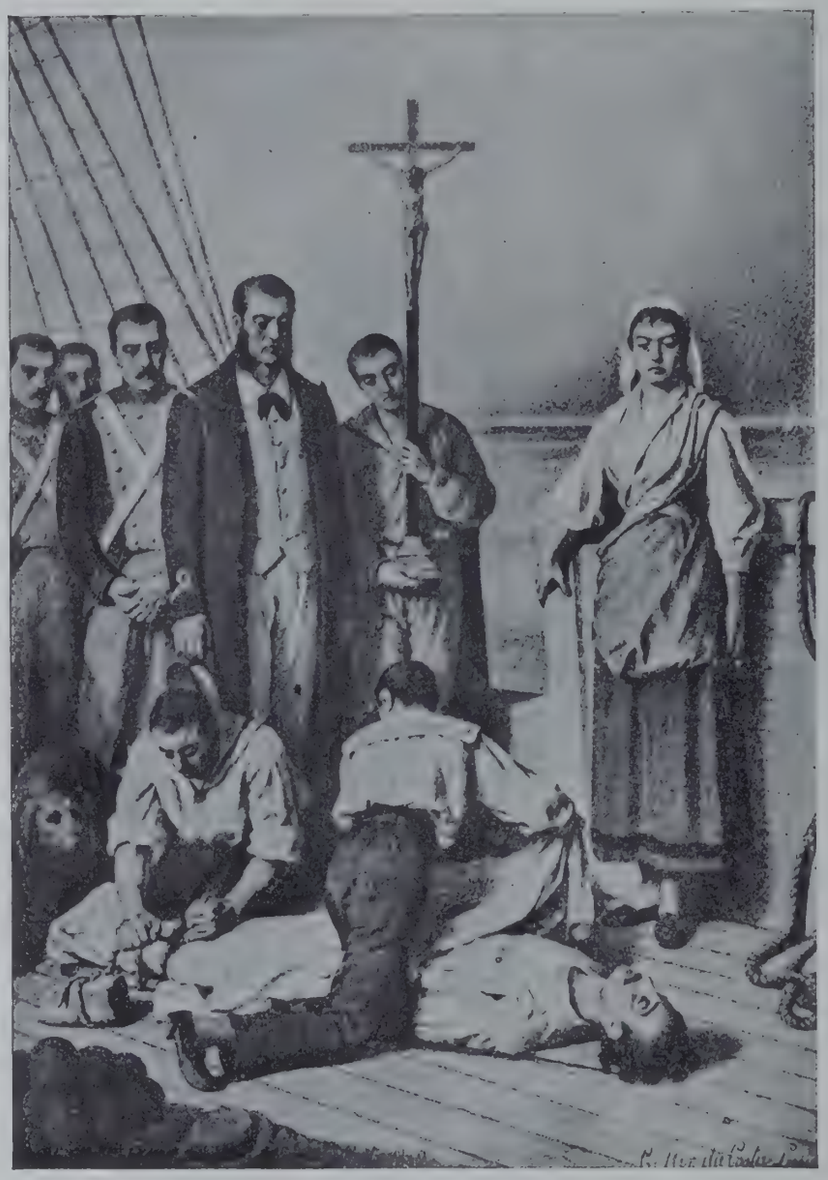
(1) Julio Diniz, *Inéditos e Esparsos*, Tomo II, pág. 237.

vez, arribou à Madeira, até 1871, em que lhe foi fazer as suas despedidas, as impressões comunicadas vão num crescendo trágico da consciência do seu mal. Raramente as ilusões lhe povoaram o espírito. Estava, consciente, a dentro dum prognóstico que se ensombrava dia a dia.

Em 1869 saiu do Pôrto para Lisboa, para onde os seus colegas o mandaram com destino aos subúrbios da cidade ou a terras do sul, Setúbal ou Abrantes de preferência, em busca de melhores condições climatéricas que aliviassem o seu mal, sempre crescente.

Em Lisboa ouviu May Figueira, professor ilustre da Escola Médico-Cirúrgica, que, ao tempo, pontificava na clínica da capital.

Já Gramacho, no Pôrto, com tôda a sua autoridade de clínico emérito, lhe tinha falado na necessidade de uma longa demora na Madeira (dois ou três anos seguidos), mas só May Figueira conseguiu convencê-lo de que a sua estada em Lisboa, ou mesmo nos seus subúrbios, lhe não poderia trazer grandes vantagens. E já que vinha em demanda de ares benéficos para os seus pulmões doentes, melhor era procurá-los na Madeira, uma das estações climatéricas mais recomendadas. Gomes Coelho falou-lhe nos inconvenientes do enjôo; Mas May Figueira tranqüilizou-o, achando-o até salutar (1).



Camilo e os Artistas: Morte de Simão, a bordo do navio que o levava ao degrêdo. Desenho de Caetano Moreira da Costa Lima na edição monumental do *Amor de perdição*, pág. 198.

Decidiu-se de pronto e partiu esperançado em melhores dias. Seguiu no princípio de Março de 1869.

A sua demora no Funchal foi curta. Em 20 de Maio voltava a Lisboa. Fôra um pouco fora de tempo, e o verão estava à porta. Tinha sido apenas a experiência de dois meses de cura de inverno, que depois repetiria . . .

Mas a perspectiva de melhoras resolveu-o a partir de novo, o que fêz em meados de Outubro de 1869. A viagem foi boa, apesar de ter pago um pouco o «tributo» do enjôo no primeiro dia.

Contudo, pôde jantar e almoçar com os mais companheiros.

Regressou da Madeira em 22 de Maio de 1870. Renasce-lhe um certo bom humor que aumenta em Vila Nova de Famalicão, onde foi passar uma parte de Agôsto e Setembro depois de uma passagem pelo Pôrto . . .

A sua última estada no Funchal é o terceiro acto da tragédia que, de aí a pouco, havia de ter o funesto epílogo. Gomes Coelho ainda uma vez ou outra tem lampejos de ilusão a alimentar a derradeira esperança: momentos de fraqueza, em que pretende auto-sugestionar-se na ânsia de viver. Fora disso o seu prognóstico é implacável e frio.

. . . . . .

Regressa a Lisboa e ao Pôrto. No Pôrto a doença progrediu assustadoramente. Em Junho de 1871, foi instalar-se, a rogo de seu primo José Joaquim Couto Coelho, na Rua de Costa Cabral. Esperavam que a proximidade do campo lhe fôsse benéfica. Revia então as provas dos *Fidalgos da Casa Mourisca*, o que, por vezes, o aborrecia, valendo-lhe a solicitude e auxílio de seu primo, que procurava distraí-lo com êsse trabalho.

O abatimento e a perda de energias aumentavam dia a dia. Em 12 de Setembro de 1871, à uma hora da madrugada, extinguia-se para sempre, tendo a seu lado seu primo Pinto Coelho e o seu amigo Custódio Passos, após uma agonia de três quartos de hora, o espírito subtil de romancista que a posteridade havia de admirar atravez do modesto pseudónimo de Júlio Denis.

O Dr. Gomes Coelho acertara no seu prognóstico.

(1) Júlio Diniz, *Inéditos e Esparsos*, tomo II, pág. 217.

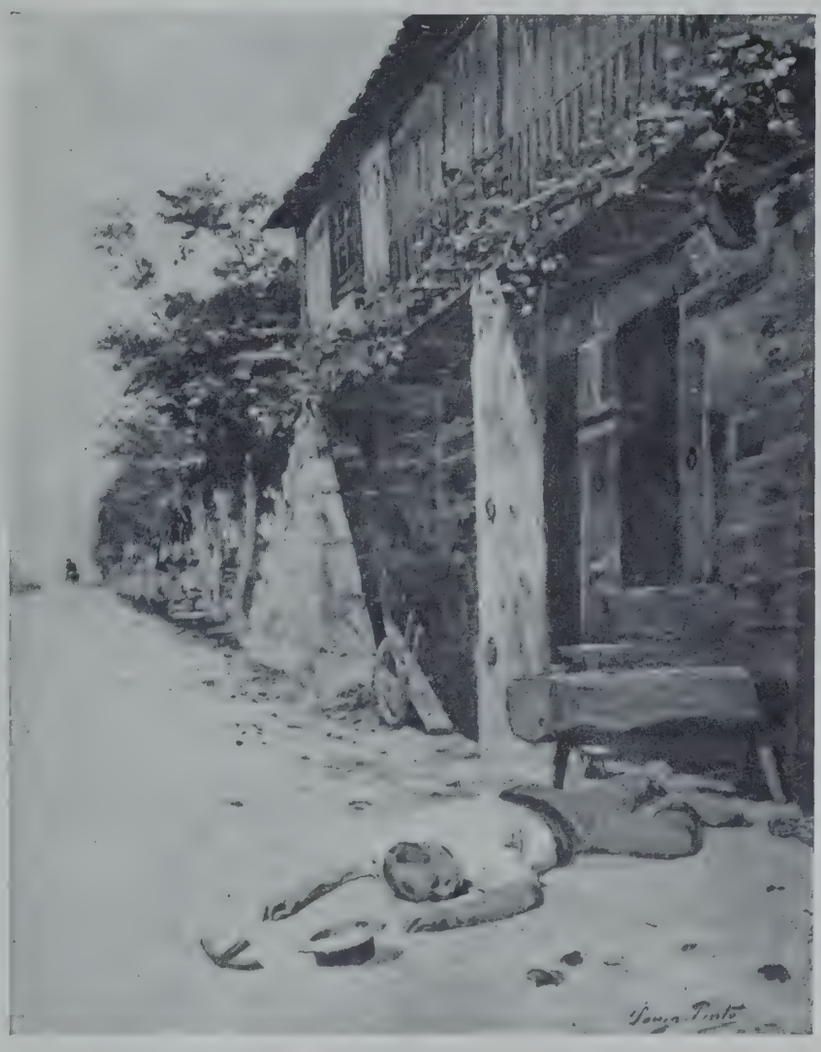
*

Diz Júlio Denis que os primeiros fastos da sua existência literária remontam aos 11 anos. Não puderam as nossas indagações ir tão longe. Faltaram-nos elementos para isso, e, assim, não podemos mostrar na sua evolução literária a influência das primeiras tendências e predilecções. Não podemos, porém, aceitar a data que, em geral, os críticos marcam como início dos seus trabalhos poéticos ou literários. Foi, é certo, em 1860, que, pela primeira vez, apareceu o pseudónimo *Júlio Denis* rubricando uma poesia que se intitula *A. J...*, talvez à *Jenny* do romance, por certo já em laboração, *Uma família inglesa*, e que deve ser, de facto, sua madrinha D. Rita Pinto Coelho...

Júlio Denis poeta seguiu na esteira do romantismo melancólico e pessimista de Soares de Passos. Não igualou, porém, o notável poeta da tristeza. Estamos em crer que a tuberculose, que ambos arrebatou precocemente às letras pátrias, deve ter influído no seu psiquismo, de sorte a arrebatá-los, sem constrangimento, para essa orientação.

. . . . . .

Os romances de Júlio Denis são a mais alta expressão do seu talento. Nunca os produziu de afogadilho...



Camilo e os Artistas: O assassinato do lavrador João da Cruz. Composição do grande artista José Júlio de Sousa Pinto a pág. 164 da edição monumental do *Amor de perdição*.

As obras de Júlio Denis não viram a publicidade pela ordem por que foram escritas.

A sua primeira novela, ou romancezinho, foi a *Justiça de sua majestade*, que escreveu em 1858, aos 19 anos de idade, mas que saiu a lume na terceira edição dos *Serões da Província*, em 1879. A primeira edição dos *Serões*, que é de 1870, não publicou esta produção literária.

Cruz Coutinho, seu editor, diz que «Júlio Denis, quando em 1869 permitira à casa Moré editar os *Serões da Província*, tinha o propósito de principiar a interessante colecção dos seus pequenos romances com a *Justiça de sua Majestade*, estreia literária do autor, em 1858, e condenada... ao repouso de dez anos, do qual saiu para ser revista».

O romance *Uma Família inglesa* foi escrito, segundo tôdas as probabilidades, de 1858 ou 1859 a 1862, mas só começou a ser publicado, no *Jornal do Pôrto*, em 2 de Maio de 1867, com o título *Uma Família de ingleses*, saindo em volume, em 1868, com o título definitivo.

. . . . . .

Em 1863, durante a sua vilegiatura em Ovar, escreveu Júlio Denis as *Pupilas do Sr. Reitor*, que, retocadas mais tarde, vieram a ser publicadas em folhetins, no *Jornal do Pôrto*, em 1866. Soube-se nesse ano, por uma indiscrição, que Júlio Denis escondia o nome verdadeiro do seu autor, Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Após um sucesso notável nos meios literários, as *Pupilas* saíram em volume em 1867. Foi êste o primeiro livro de Júlio Denis.

. . . . . .

O romance *A Morgadinha dos Canaviais* foi também esboçado em Ovar, em 1863, revisto e melhorado depois; começou a publicar-se, logo em seguida a *Uma Família de ingleses*, no *Jornal do Pôrto*, em 14 de Abril de 1868, sendo imediatamente reimpresso em volume. Foi o segundo livro de Júlio Denis. A êste seguiu-se, ainda no mesmo ano, pela primeira vez publicado em volume, e com novo título, o romance *Uma Família inglesa*...

Os fidalgos da Casa Mourisca saíram em dois tomos, em 1871. O segundo volume foi, em parte, revisto por seu primo José Joaquim Pinto Coelho, pois, como dissemos, Júlio Denis faleceu nesse ano.

Eis, a traços gerais, a ordem cronológica dos trabalhos em prosa elaborados pelo grande romancista e as datas das suas publicações.

Entre tôdas as suas obras, tomou lugar primacial, pela beleza e pelo ruído que despertou em tôrno do nome do seu autor, pois não se sabia quem era que,

modestamente, se ocultava sob o pseudónimo de Júlio Denis, — *As Pupilas do Sr. Reitor.*

Sôbre êle caíram críticas e apreciações que, sendo em geral favoráveis e justas, por vezes também não deixaram de ser um pouco impertinentes. Júlio Denis é o criador do romance naturalista em Portugal. As *Pupilas* são um romance perfeito. Alexandre Herculano eleva-o à categoria do primeiro romance do século XIX.

Júlio Denis condena o romance de imaginação em que as peripécias e lances imprevistos se sucedem ininterruptamente. Esta arte de romance caíu nos exagêros de Ponson du Terrail e dos *films* rocambolescos à americana, que ainda hoje fazem as delícias de alguns freqüentadores de cinematógrafos. Júlio Denis preferia o romance simples, sem grandes cenas dramáticas, que repugnavam à sua alma madrigalesca. Por isso, a sua obra perdurará, até mesmo pela singeleza do despretencioso estilo.

CAMILO E OS ARTISTAS: Calixto Eloy entrando no parlamento. Ilustração de Condeixa no romance *A queda dum Anjo*. 1887.

A linguagem simples e correntia não está hoje em moda e já o não estava na época em que as *Pupilas* viram a luz da publicidade, em 1866, no *Jornal do Pôrto*. Também a êste propósito Júlio Denis exarava a sua opinião:

«O diálogo, sobretudo, não deve distanciar-se da linguagem falada na época em que o autor escreve, sob pena de dissipar o prestígio da verdade na narração. É necessário acomodá-lo à índole, à posição social e especialíssimas condições do indivíduo que fala, para que na leitura dêle a alma vibre como se assistisse a uma cena real.

«Não é, pois, conveniente enfeitar demasiado o estilo no diálogo. Quem o fizer tirará às personagens da acção o colorido da vida, e apresentá-las-á aos olhos do leitor como meros manequins, por quem fala o artista, oculto nos bastidores.

«Para que o diálogo interesse e iluda, é mister que o autor se esconda o mais possível, e, para isso, tem de abdicar do seu estilo próprio e pôr na boca dos actores da sua narração palavras que fôssem de esperar dêles por quem os tivesse prèviamente conhecido.

«Há demasias de bem escrever tão perigosas como o demasiado desleixo. O abuso do lirismo é um mal de morte no diálogo... sufoca-lhe a vida... e cansa sem comover» (1).

Era a sua regra, a sua conduta. Nas *Pupilas*, na *Morgadinha*, em tôda a sua obra, o diálogo é tão bem vasado nestes moldes, que, ao segui-lo, temos a impressão de que as cenas foram reais e fotografadas em flagrante. Através de todos os seus romances há verdade na descrição e apresentação das personagens, no cenário em que estas se movem, na paisagem observada, na interpretação dos sentimentos em jogo. Tem-se acusado Júlio Denis de diluir, por vezes, a acção do romance em longas apreciações psicológicas. Não digo que, por vezes, não sejam um pouco extensas, mas são o seu melhor encanto. Êle comprazia-se em prescrutar os recônditos da alma humana em tudo o que ela tem de elevado e nobre, e nunca tais divagações fazem perder o interêsse da acção geral. Para realizar tôda esta obra, servia-se de uma linguagem atraente, mas despida de excessivos atavios que prejudicariam a visão exacta dos quadros campestres. Júlio Denis escreveu em apontamentos que deixou:

«O romance é um género de literatura essencialmente popular. É necessário que na leitura dêle as inteligências menos cultas encontrem atractivos, instrução e conselho, e que, ao mesmo tempo, os espíritos cultivados lhe descubram alguns dotes literários para que se possa dizer que êle satisfaz a sua missão».

«Romances exclusivamente apreciados por eruditos não realizam o seu fim; romance que, pela contextura literária, revolte a crítica ilustrada, embora fascine o povo por certas qualidades prestigiosas, é um instrumento perigoso que deprava o gôsto e às vezes a moral.

«A verdade parece-me ser o atributo essencial do romance bem compreendido, verdade das descrições, verdade dos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade, enfim, nos efeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e de determinadas paixões» (2).

---

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, tomo I, pág. 32.
(2) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, tomo I, pág. 31.

JÚLIO DINIS

Retrato a lápis, pelo pintor Joaquim Lopes.

(Biblioteca Municipal do Pôrto)

Foi o que Júlio Denis procurou realizar em tôda a sua obra. E conseguiu-o de uma maneira inexcedível.

Êsse estilo, exactamente por causa da sua simplicidade, é bem difícil de manejar».

. . . . . .

A personalidade de Júlio Denis desenha-se fàcilmente depois do que temos escrito. Do seu fundo moral, da sua nobreza de carácter, das suas qualidades afectivas, quer dentro da família, quer na constância das suas relações com os amigos, falam os seus livros, retratos da sua maneira de sentir, e as suas cartas particulares, documentação preciosíssima em apreciações desta natureza. Todos os seus biógrafos, alguns dos quais com êle viveram e outros que tiveram ao seu dispôr fontes directas de informação, são concordes em pôr em relêvo as altas qualidades que o distinguiram. Nem um só deixa de o acentuar.

Procuram assim mostrar a harmonia do seu modo de ser pessoal com a sua obra de romancista, em que as personagens apresentadas são, em geral, modêlos de virtudes».

CAMILO E OS ARTISTAS: Custódia, filha do Eusébio Macário. Caricatura de Sebastião Sanhudo. (Do *Sorvete* de 25 de Dezembro de 1880).

XXVI — OUTROS ROMANCISTAS

ALÉM das figuras primaciais do romance, outras se apontam que merecem inclusão numa história literária. São as seguintes:

RODRIGUES BASTOS (José Joaquim), formado em Leis na Universidade de Coimbra, nasceu em Valongo em 1777 e faleceu em 1862. Teve uma vida política agitada. Constitucionalista, foi deputado nas Côrtes Constituintes; aderiu depois ao govêrno de D. Miguel e foi Intendente Geral da Polícia. Como magistrado, atingiu a elevada situação de juiz do Desembargo do Paço. Após o restabelecimento do regime constitucional (1834), abandonou a política e dedicou-se à actividade de escritor. Deixou vários livros, de que destacamos dois romances: *A Virgem da Polónia* e *Dois Artistas*, que são estimados pela pureza da sua linguagem.

SILVA GAIO (António Oliveira da), nascido em Viseu em 1830 e falecido em 1870, foi constitucionalista convicto e devotado, e escreveu um romance que tem por fundo a época das lutas liberais: *Mário*. Êste livro caiu definitivamente na graça do público, pois inúmeras edições estão feitas e continua a ser lido com interêsse. A 1.ª edição dêste romance é de 1868; na 2.ª edição vem uma biografia de Silva Gaio, escrita por Tomaz Ribeiro.

A doida do Candal. Desenho reproduzido do romance do mesmo nome. 1888.

GUILHERMINO DE BARROS que foi Deputado, Governador Civil e Director Geral dos Correios, nasceu na Régua em 1835 e faleceu em 1900. Escreveu no Anuário postal de 1878 um curioso estudo sôbre os correios em Portugal. Publicou também um romance-crónica do século XV, intitulado *O Castelo de Monsanto* (2 vols., Lisboa, 1879), que Camilo muito elogiou, e os *Contos do fim do século*, livro de versos que obteve o prémio D. Luiz.

MANUEL MARIA RODRIGUES (1847-1899), foi o feliz autor de *Rosa do Adro* (Pôrto, 1879), e a êste romance deve o seu renome. E tanto caíu no agrado êste livro, que inúmeras edições dêle se têm feito; até se fêz uma fita cinematográfica do romance. Outros romances, como *As infelizes* (Pôrto, 1855), *Os filhos do negociante* (Pôrto, 1873), *O que faz a ambição!* (Pôrto, 1886), do mesmo autor, não lograram obter a atenção que a *Rosa do Adro* conseguiu despertar.

Êstes escritores, com João de Andrade Corvo (1824-1890), de que o melhor e mais conhecido romance é *Um ano da côrte* (Lisboa 1850-51), a que já nos referimos, são os romancistas autores de livros que ficaram e que são ainda hoje considerados e lidos.

XXVII — FIALHO D'ALMEIDA

BIBLIOGRAFIA: — JOSÉ VALENTIM FIALHO D'ALMEIDA, nascido em Vila de Frades em 7 de Maio de 1857 e falecido em Cuba aos 4 de Março de 1911, deixou a seguinte obra impressa em sua vida: 1881 - *Contos*. Porto; 1882 — *A cidade do Vício*, Porto; 1890 — *Pasquinadas* (jornal dum vagabundo); *Lisboa Galante* (Episódios e aspectos da cidade). Porto; 1892 — *Vida ironica* (jornal dum vagabundo); 1893 — *O Paiz das uvas*. Contos ilustrados por Julião Machado; 1896 — *Madona do Campo Santo*. Coimbra. Retrato por Celso Hermínio; 1903 — *Á Esquina* (jornal dum vagabundo). Coimbra.

De 1889 a 1893 Fialho deu ao prelo uma «Publicação de inquérito à vida portuguesa» intitulada *Os Gatos*, reunida em 6 volumes, ou sejam 57 números, onde estão algumas das suas melhores páginas.

Depois da sua morte publicaram-se os seguintes livros: 1911 — *Barbear, Pentear* (jornal dum vagabundo). Lisboa; 1912 — «*Saibam quantos...*» (Cartas e artigos políticos), Porto; 1921 — *Estancias d'Arte e de Saudade*. Porto; *Aves Migradoras*. Porto; 1924 — *Figuras de Destaque* (Livro Póstumo). Porto; *Os Ceifeiros*.

Capa de um folheto de cordel sôbre a «Vida e História de Camilo Castelo Branco».

De colaboração com H. de Vasconcelos e Manuel Penteado escreveu em 1904 *O Livro prohibido*.

Sôbre a sua obra escreveu-se: *Collecção Patricia* (Albino Forjaz de Sampaio). *Fialho d'Almeida* (a sua vida e a sua obra) Lisboa, 1924; *Livro permitido* por Silvia da Silva (D. João de Castro); *Em defeza do mestre* por Francisco Lagreca. S. Paulo, 1906; Arnaldo Fonseca, *Eça de Queiroz*. (Os panegyristas da sua obra e os censores da sua carcassa); Alfredo Gallis — *Fialho d'Almeida*. Lisboa, 1901; Lopes d'Oliveira — *Fialho d'Almeida*. Coimbra, 1903; Flexa Ribeiro — *Fialho d'Almeida*. Lisboa, 1911; Alberto Saavedra — *A linguagem médica popular de Fialho*. Porto, 1915. Tem 2.ª edição. Id. — *Fialho e a musica*. Porto, 1917; Visconde de Vila Moura — *Fialho d'Almeida; Fialho d'Almeida. In Memoriam* (organisado por Antonio Barradas e Alberto Saavedra. 1917; Antonio Arroio — *Almeida Garrett e Fialho d'Almeida no Valle de Santarem*. Porto, 1917; Antonio Barradas — *Fialho, medico*. Porto, 1917; Claudio Basto — *A linguagem de Fialho*. Porto, 1917; Luiz F. A. Botelho — *Fialho atravez da sua obra*. Porto, 1917; Nuno Catharino Cardoso — *Camilo, Fialho e Eça*. Lisboa, 1923; Correia da Costa — *Eça, Fialho e Aquilino*. Lisboa, 1923.

Um dos maiores, o maior depois de Camilo, é êste Fialho d'Almeida que teve na sua obra duas teclas que tocou dominando todo o mundo literário em redor: a ironia e a comoção. Como Camilo ainda, a corda do riso e a corda das lágrimas. A sua prosa, que tem suscitado admirações como nenhuma, não teve ainda críticos que a alçapremassem ao merecido lugar que ela no seu tempo ocupou.

A actividade literária de Fialho d'Almeida começou pela colaboração dada a vários jornais. O seu primeiro livro apareceu em 1881; foi um volume de *Contos* que dedicou a Camilo numa dedicatória marcante. Êsse livro não era uma estreia, era já a afirmação de um grande escritor que não teve nunca decadência, pois nenhum escritor teve tantas e tão belas páginas, modelares e maravilhosas nas páginas de uma antologia literária. Assim veja-se *A Ruiva* e a *Madona do Campo Santo, Os Ceifeiros, O Sergio na Mouraria, O Enterro do rei D. Luiz, A monografia do Manuel*, a crítica sôbre *Camilo*, e tantas, tantas outras, tantíssimas outras sem par e sem comparação.

A descrição, a sátira, a psicologia dos tipos humildes, a riqueza do vocabulário e das imagens, o conceito, a maravilha da exposição, o desapiedado da crítica, tudo isso que torna grande um transfusor de sentimentos que é o escritor, tudo isso êle o tinha num desregramento de proporções, numa opulência sem alarde, numa alacridade retumbante e maravilhosa, deslumbrante, nunca excedida.

Médico como Júlio Denis, Marcelino Mesquita, Teixeira de Queiroz, Manuel Penteado, só clinicou um diminuto tempo, o possível para fugir com pavor daquela Dôr que Cesário Verde com tão cáustica verdade escreve:

> A Dôr Humana busca os amplos horisontes,
> E tem marés de Fel como um sinistro mar.

Foi um grande, um extraordinário contista. Foi um pujante observador e um visualizador exacto e meticuloso. Teve ao mesmo tempo a nota profunda, intensa, comovida e o tom sarcástico que mata pelo ridículo um homem ou um acontecimento.

Foram humildes os princípios de Fialho d'Almeida, que dêles tão bem soube dizer na sua Autobiografia; ministrou-lhe seu pai, que era professor primário em Vila de Frades, o primeiro ensino. Depois veio para Lisboa continuar os estudos; tinha então onze anos. Em 1872, morto o pai, e falho de recursos, foi forçado a empregar-se numa modesta farmácia, em que — segundo êle próprio escreveu — «apodreceu sete anos». Entretanto, concluiu o curso secundário; depois, a poder de sacrifícios e de estudo, concluiu a formatura em Medicina. Casou e do casamento veio-lhe uma mediania que o tornou independente da vida de grilheta das letras, vida de fretes e dependências, de subalternidades e humilhações. O seu feitio muito trocista e contundente, que o fizera temido, tornou-o odiado. Êsse ódio cercou-o, deprimiu-o, perseguiu-o.

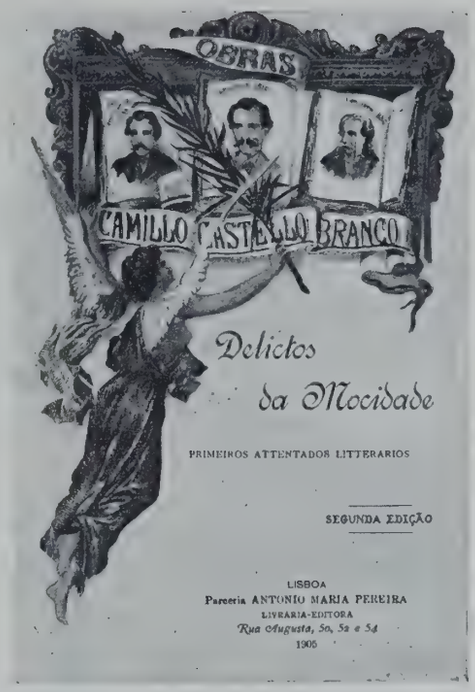
Os seus amigos tornaram-se, por motivos políticos, seus perseguidores. Foi de guerra o último quarto de hora da sua vida. Politicamente, João Franco que tentava refazer a vida portuguesa era execrado da turba demagógica, e João Franco apreciava-o e preparava-se para o acarinhar e honrar. Cousa que ninguém lhe havia feito, êsse *peludo* agressivo e irreverente tinha o coração cheio de ternura, sentiu as carícias e as honras. Quando chegou a hora da apoteose, o Destino fêz desabar tudo. Veio a República e o ódio transbordou porque o tinham por um transfuga. A alma de Fialho d'Almeida, grande e sincera de mais, não resistiu à vilania e ao ódio e falhou. Depois falhou o coração e após um passeio de trem, talvez uma síncope, uma *angina pectoris* ou outro qualquer pseudónimo da morte, a morte arrolava a maior cerebração literária do último tempo, tão grande que ainda se não pôde bem medir. A sua obra, as páginas dêste José Valentim Fialho d'Almeida, médico por desfastio e escritor por temperamento, essas serão eternamente grandes, e durarão enquanto se escrever português, para atestar a grandeza da língua e o génio do homem que as compôs. Os homens como Camilo, que êle tão bem criticou, e Fialho, que todos admiramos, passam da marca e atingem, ninguém o pode com justiça contestar, o génio.

XXVIII — OLIVEIRA MARTINS

BIBLIOGRAFIA: — JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS nasceu em Lisboa, a 30 de Abril de 1845 e faleceu em 1894.

Escreveu: 1867, *Phoebus Moniz.* Romance histórico do sec. XVI. Porto, 2 vols.; 1869, *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro Geral Portuguez.* Porto; 1872, *Theoria do Socialismo. Evolução politica e economica das Sociedades na Europa;* 1872, *Os Lusiadas: ensaio sobre Camões e a sua obra em relação á Sociedade Portuguesa e ao movimento da Renascença.* Porto; 1873, *Portugal e o socialismo. Exame constitucional da sociedade portuguesa e sua reorganisação pelo socialismo;* 1877, *A reorganisação do Banco de Portugal.* Porto; 1878, *As eleições.* Lisboa; 1878, *O Hellenismo e a Civilisação christã.* Porto, 4 edições; *A circulação fiduciaria.* 3 edições; 1879, *Historia da civilisação iberica.* 7 edições; *Historia de Portugal.* 2 vols., 11 edições; 1880, *O Brazil e as colonias portuguezas.* Lisboa, 5 edições; 1880, *Elementos de anthropologia.* 6 edições; 1881, *Portugal contemporaneo.* Porto, 6 edições; 1881, *As Raças humanas e a civilisação primitiva.* Porto, 2 vols., 4 edições; 1881, *Relatorio do inquerito industrial no norte do Paiz;* 1882, *Systhema dos mythos religiosos.* Porto, 4 edições; 1883, *Quadro das instituições primitivas.* Porto, 3 edições; 1883, *O Regime das Riquezas (Elementos de chrematistica.* Porto, 4 edições; 1884, *Taboas de chronologia e geographia historica;* 1884, *O emprestimo Real Portuguez de 1832;* 1885, *Politica e Economia Nacional.* Porto; 1885, *Historia da Republica Romana.* Porto, 2 vols., 4 edições; 1887, *Elogio historico de Anselmo Jose Braamcamp.* 2 edições; 1887, *Projecto de lei sobre o fomento Rural.* Lisboa; 1887, *O artigo Banco do « Diccionario Universal Portuguez ».* Lisboa; 1889, *Portugal nos mares. Ensaios de critica-historia e geographia.* Lisboa, a 3.ª edição é augmentada com um volume posthumo; 1891, *L'emigration Portugaise.* Roma; 1891, *Os Filhos de D. João I.* Lisboa, 5 edições; 1891, *Camões e os Luziadas e a Renascença em Portugal;* 1891, *Carteira de um jornalista. I Portugal em Africa. A Questão Colonial. O conflicto anglo-portuguez.* Porto; 1892, *Navegaciones y descobrimentos de los portuguezes anteriores al viaje de Colon.* Madrid; 1893, *A vida de Nun'Alvares. Historia do estabelecimento da dynastia de Aviz.* 4 edições; 1893, *A Inglaterra de hoje* (cartas de um viajante). Lisboa, 3 edições; 1893, *A questão do Convenio.* Lisboa; 1894, *O infante D. Henrique;* 1895, *Cartas peninsulares.* Lisboa; 1896, *O Principe perfeito.* 3 edições; 1897, *Domaine Royal de Pinheiro* (Alcacer do Sal). Paris; 1897, *A jornada de Africa;* 1924, *Dispersas.* Lisboa; 1925, *A Edade Media na Historia da Civilisação;* 1926, *A correspondencia de J. P. Oliveira Martins.* Lisboa; 1930, *Perfis.* Prefacio de Luiz de Magalhães. Lisboa.

PENSANDO em Teófilo Braga, que, já então, com tenacidade no desalinho, estava erguendo a história da literatura nacional na pesada rima dos seus livros, hão-de alguns dos que conseguiram lê-los e admirá-los reputar injustas as palavras com que Antero abriu na *Revue Universelle Internationale* o artigo aí publicado sob a sua firma, em 1 de Junho de 1884, àcêrca de Oliveira Martins e a-propósito do *Portugal Contemporâneo*, vindo à luz três anos antes. Essas palavras, segundo as quais Oliveira Martins seria o nosso único escritor a quem, naquele momento, *et en dehors de la litterature proprement dite*, cabiam os títulos inerentes a uma real superioridade, afiguram-se-nos, todavia, insusceptíveis de correcção crítica. No último quartel do século XIX, — o período mais feliz de tôda a história literária portuguesa, — Oliveira Martins sobressai, de facto, com um relêvo que a perspectiva de tempo não diminui. Para isso concorreram — desde já o acentuêmos — a dignidade do seu pensamento, a extensão do saber, possantes qualidades de trabalho e não sòmente os singulares dotes de expressão verbal, apenas pressentidos, aliás, no penoso e abstruso empastamento dos primeiros escritos. Com efeito, se a cultura de Oliveira Martins, embora multímoda e brilhante, acusa lacunas, que poderíamos filiar na febril auto-didaxia do polígrafo, logo no amanhecer da adolescência forçado a ganhar a vida (1), e se pelas feições próprias da sua inteligência, adversa à análise



Capa da Colecção Camiliana António Maria Pereira, onde se reüniu a maior parte da obra do grande escritor.

(1) Seu pai, Francisco Cândido Gonçalves Martins, era oficial da Junta de Crédito Público e faleceu em Lisboa, vítima da febre amarela, em 1857, quando Oliveira Martins contava apenas 12 anos. Sua mãi, D. Maria Henriqueta Morais de Oliveira, filha do desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, duas vezes ministro de D. João VI e membro do Govêrno Supremo do Reino em 1820 até à constituïção das Côrtes de 21, encontrou-se, por morte de seu espôso, em circunstâncias difíceis, com seis filhos a criar e educar.

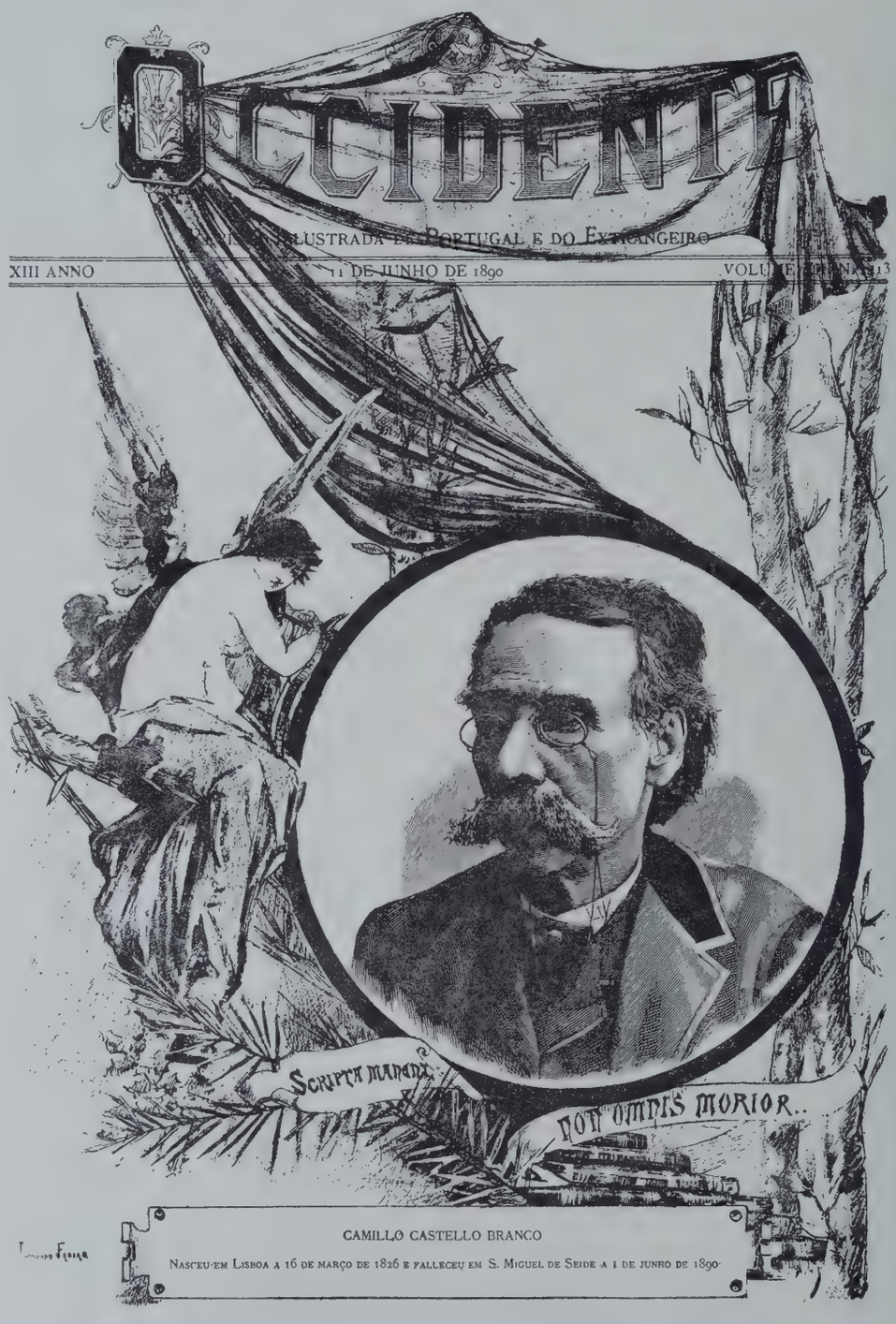
J. P. Oliveira Martins, por isso mesmo, não pôde prosseguir os estudos, que iniciara no Liceu Nacional de Lisboa e na Academia de Belas-Artes. E, feitos apenas alguns exames, empregou-se como escrevente na Casa Gruis & C.ª, da qual passou para a de Ellicot, Abreu & C.ª, ajudando assim sua mãi e os cinco irmãos, um dos quais, Guilherme, veio a formar-se em medicina inteiramente à custa do futuro escritor.

Aos vinte anos casou Oliveira Martins com D. Vitória Mascarenhas Barbosa, e aos vinte e quatro, liquidada a casa Ellicot, Abreu & C.ª em conseqüência da morte de um dos sócios, foi para Espanha, onde se lhe deparara colocação nos escritórios da emprêsa das minas de Santa Eufémia, em Pañarroia, perto de Córdova. Ai, fazendo-se estimar dos operários, para cujos filhos fundou uma escola, pôde efectuar, à margem das suas ocupações remuneradas, estudos de ordem prática que lhe permitiram trabalhar como engenheiro oficioso na construção da ferro-via do Pôrto à Póvoa quando, em 74, a convite da emprêsa adjudicatária dessa nova linha, regressou a Portugal. Fixando residência no Pôrto, onde permaneceu até 88, na qualidade de director técnico e administrador da respectiva companhia, compôs e publicou nesse espaço de tempo algumas das suas obras mais representativas, entre elas a *História de Portugal.* Antes da sua partida para Espanha, Oliveira Martins, que aos dezanove anos fizera a sua estreia literária com o romance histórico *Phoebus Moniz* — mais tarde retirado do mercado — dera-se muito, em Lisboa, com os elementos preponderantes da Fraternidade Operária, que por êsse tempo se fundara, e entre os quais se contava José Fontana. O nome de Oliveira Martins aparece entre os dos signatários do programa das célebres conferências do Casino Lisbonense, publicado em 16 de Maio de 1871.

abstracta e sempre sôfrega de imagens, é possível explicar a obscuridade de muitas das suas páginas — em que o truismo ou uma *boutade* não raro acodem ilusòriamente à imprecisa genealogia dos factos e à deficiente concatenação lógica das idéias — êle foi, no entanto, pela intensidade e profundidade da sua vida interior um alto e curioso espírito para a definição do qual nenhuma palavra parece tão ajustada como a de pensador.

¿Faltou-lhe, para ser um filósofo, excepcional aptidão especulativa, o dom da síntese e capacidade com que impedir a intromissão nebulosa do visionário — sempre no encalço de sombras e aparições—na impassível destrinça dos factos?

Mas os seus conhecimentos, repartidos por vasto e variado mosaico de modalidades do pensamento e da investigação, sôbre patentearem notáveis faculdades assimilativas e — que é bem mais interessante—uma avidez que em tôdas as fontes se dessedenta, já por si sublinham até que ponto nesse escritor, dentro de cuja alma António Sérgio descobre tantas faces da natureza humana como nunca viu na de qualquer outro, tudo o propelia a extrair, fôsse do que fôsse, um motivo de meditação em que o artista interferia sempre com a sua imaginosa emotividade.



O número comemorativo da morte de Camilo Castelo Branco de *O Ocidente*. Alegoria de Luciano Freire, o ilustre artista pintor, que restaurou as telas de Nuno Gonçalves.

Como economista, estudou Oliveira Martins, em todos os seus módulos, a produção da riqueza, indagando da sua génese, vistoriando as normas do seu desenvolvimento, da sua circulação e as variantes históricas do seu processo distributivo. E foram, precisamente, êsses estudos que, através de Proudhon, cujo dialectico malabarismo o seduziu sem lograr perturbá-lo, o conduziram a uma concepção reformista bazeada no crédito, na mutualidade e na intervenção do Estado, vizinha próxima do chamado socialismo catedrático.

Ao aplicar à interpretação do passado a sua lupa de economista absteve-se, porém, de reduzir a complexidade da História ao exclusivismo do factor económico, como chegara a fazer Marx numa fase da sua formação intelectual. Na verdade, nunca Oliveira Martins deixou de considerar nas sociedades humanas, a par do seu aspecto orgânico e biológico, aquilo em que nelas se manifesta o crescente influxo da razão e do espírito. Se chegou mesmo a escrever que os movimentos morais precedem sempre os económicos... A evolução social via-a, simultâneamente, como produto da necessidade e como expressão de um anseio de justiça. As leis económicas não as reputava onipotentes, preformando as volições humanas e dirigindo os factos como um *deus ex machina*. Às leis gerais, discerníveis através da sucessão aparentemente irresistível

das formas da vida colectiva, contrapunha, a essência racional e moral do homem, que lhes obedece para as superar.

¿Não será a técnica industrial, da qual resultaram as grandes fôrças económicas do mundo nosso contemporâneo, uma revelação da actividade consciente?

O seu idealismo não pecava, pois, por desatento às realidades: se tão a peito as estudava e nelas insistia era simplesmente para melhor definir as condições em que os postulados ideais podem ser mais do que fugidiço e intermitente fogo-fátuo.

Para esta visão ampla do dinamismo histórico contribuía fundamentalmente a acuïdade do psicólogo.

Era-lhe tão familiar o teclado todo das paixões humanas como, em suas mais ténues cambiantes, a gama espectral dos sentimentos. Do fervilhar profundo em que lateja, para além da limitada zona de consciência, a fauna larvar dos desejos obscuros e complicados, tinha uma intuïção quási táctil. Com êsse conhecimento vivo da infra-estrutura do homem, cujos indomáveis torvelinhos descortina no imenso dramatismo da história, repelia tôda tentativa de explicar pela aridês algébrica de uma fórmula a vibrante complexão da vida humana — quer individual, quer social — e a causalidade dos acontecimentos. Como Jaurès, êle poderia dizer que «la lumière des étoiles les plus lointaines et les plus étrangères au système humain n'éveille, dans l'imagination du poète, que des rêves conformes à la sensibilité générale de son temps et au secret profond de la vie sociale». E também: «autant il serait vain et faux de nier la dependance de la pensée et du rêve même a l'égard du système économique et des forces précises de la production, autant il serait pueril et grossier d'expliquer sommairement le mouvement de la pensée humaine par la seule évolution des formes économiques».

O determinismo a que Oliveira Martins subordina as realidades históricas não se confunde por conseguinte, com um mecânico automatismo. Na conduta e na mentalidade do indivíduo — o próprio Karl Marx, de resto, o reconhecera — influem fôrças colectivas e históricas cuja potência ultrapassa a dos móveis egoistas. O homem é, em última análise, o grande motor da evolução social. O economista dá assim o braço a Mommsen, e também a Michelet; Carlyle, tão pouco é seu antípoda.

No espírito de Oliveira Martins a história projecta-se, sobretudo e acima de tudo, como um drama—drama estranho, multiforme, truculento e misterioso em que o fortuito e o imprevisível actuam, por vezes, enigmática mas decisivamente...

Êste modo de conceber a história foi, na opinião de António Sérgio, inspirada ao historiador português por Cournot, «cuja influência sôbre Oliveira Martins — escreveu aquêle publicista — é em vários pontos manifesta» (1).

A obra de Cournot a que se refere António Sérgio intitula-se *Considérations sur la marche des idées et des évenements dans les temps modernes* (Paris, 1872, dois volumes). Antero possuia-a, como se verifica

(1) A. Sérgio, Prefácio de *Dispersos*, vol. I, pág. XXIV.

CÓPIA DE UMA PRECIOSA CARTA (INÉDITA) DE FIALHO D'ALMEIDA AO SEU TESTAMENTEIRO XAVIER VIEIRA, UMA DAS ÚLTIMAS COUSAS QUE ESCREVEU E TESTEMUNHO DO SEU ESTADO DE ESPÍRITO, CAUSA DA SUA MORTE.

Villa de Frades, 21 de Janeiro de 1911.

Querido amigo.

Quando ha um mês V. me escreveu a perguntar se eu acquiesceria em collaborar com a Republica, deve lembrar-se que a minha resposta foi que «breve eu iria a Lisbôa, e fallariamos»

Eu não fui a Lisbôa, por grandes afazeres aqui,

por exageradas despezas com as terras, por doença e atonia grave do meu corpo e do meu espirito, e emfim tambem, valha a verdade, por desejo de lhe não dizer logo que os primeiros actos da R. me estavam desagradando sumamente.

Em harmonia com os inflexiveis dictames da minha educação e do meu caracter, tendo

de escrever, como em Paris lhe contei, cartas semanaes para um g.de jornal do Brazil — «O Correio da Manhã» — em duas d'essas cartas, 4 colunas de proza, ou 5, expuz aos leitores do Rio a minha maneira de vêr sobre a contemporaneidade politica portugueza. Os artigos foram lidos, fizeram impressão no Brazil, vários jor-

naes os transcreveram em Portugal, o Mundo, *como de costume, chamou-me p....., eu impei de orgulho pelo exito de tudo isto... resultado: hoje recebo uma carta do meu compadre Teixeira, o editor, em que elle, pela bôca do T. Gomes (o qual parece fallar em nome do governo provisório da R.) me previne que*

foi resolvido nas altas regiões (altas, meu amigo!) convidarem-me a deixar o paiz, se eu continuar nas cartas do Correio da Manhã *do Rio, a divergir das opiniões optimistas do Bernardino Machado, sobre o* mar de rozas existente *da Republica. Estou pois, querido amigo, feito um homem*

perigoso.

Como o T. Gomes me não escreve, e eu não sei bem o que se passa a esta hora na cabeça d'elle, peço-lhe a V. que sendo possivel, e sem dizer ou mostrar que eu lh'o pedi, falle com elle, veja o que realmente ha, levando a conversa para o meu terreno, e comunicando-me V. por-

menorisadamente o que tiver ouvido. Entrevejo que a situação da republica e do governo sejam muito graves, e grandes as aprehensões e temores dos 7 homens, para elles assim suprimirem ou deixarem suprimir violentamente jornaes, e exilarem escriptores

tão tranquillos e inofensivos como eu.

Eu vivo aqui na aldêa sem jornaes estrangeiros, sem cartas d'amigos, e sem noticias intimas e detalhadas do que se passa. Mas o meu instinto diz-me d'alguma catastrofe que se acerca. Escreva-me

pois, se puder e quizer, com o maior numero de pormenores. Receba um abraço do seu

Fialho d'Almeida.

Carta em 2 folhas de papel pautado 8 laudas e o último período cruzado sôbre as 2 últimas laudas.

A boémia do tempo de Fialho. *Pic-nic* a Cezimbra. Nesta curiosa fotografia (inédita), onde figura Fialho, (o 3.º da esq. para a direita, por detrás do tocador de viola) vêem-se, entre outros: Santos Tavares, ao lado de Bulhão Pato, Manuel Penteado, Delfim Guimarães, Tomaz Costa, o escultor, Luís de Morais Carvalho, Augusto Pina, Almeida Moreira, os pescadores da caldeirada, etc. (Fotografia pertencente ao caricaturista Leal da Câmara).

pelo *Catálogo da Livraria de Antero de Quental legada à Biblioteca Pública de Ponta Delgada*, que dela faz menção a pág. 70. E é provável que fôsse mesmo por intermédio do poeta que Oliveira Martins a tivesse lido.

As preocupações do economista e do sociólogo, ajudadas pelas intimativas de um temperamento que, por intercadências, se fecha num silêncio de cogitação, «enrolado num farto capote de egoísmo e desdém», para logo, ao revés, cubiçar as emoções da vida activa, impelem Oliveira Martins à política. Primeiro, moço ainda, cativa-o talvez, embora fugazmente, o papel que na sociedade portuguesa imagina poder vir a desempenhar, arvorado em arauto e condutor do proletariado, cujo baixo nível de vida cuida propício à germinação de aspirações inovadoras, como uma espécie de Fernando Lassalle, sem duelos nem mundanas aventuras, mas como êle idolatrado das multidões. Nessa fase, que vai de 74 a 80, vêmo-lo aparceirando com os militantes operários e em colaboração com o partido socialista, cuja fundação data de 75.

Não se apurou ainda se Oliveira Martins, seguindo o exemplo de Antero de Quental — a quem na dedicatória de um exemplar da 3.ª edição da *História de Portugal*, em 82, chamaria o seu «melhor amigo» — chegou a alistar-se nesse partido. Certo é, porém, ter-lhe dado, com o préstimo da sua adesão pública, o concurso da sua assiduïdade jornalística. Antero filiou-se no partido socialista em 1877, como consta dos arquivos do mesmo partido (*apud* César Nogueira), mas a sua candidatura a deputado só veio a ser proposta ao sufrágio, pela primeira vez, em 79. Quanto a Oliveira Martins, sabe-se apenas que, em 78, ao fazer o partido operário a sua estreia eleitoral nas eleições para deputados, o seu nome apareceu na lista apresentada por aquêle grémio, no círculo do Pôrto, ao lado do de Nobre França, tendo Oliveira Martins obtido 37 votos e Nobre França 14. A candidatura de Oliveira Martins provocou, entretanto, um incidente entre alguns dos militantes de mais realce no partido operário e uma cisão, que o 3.º Congresso, em 79, deu como sanada, sem que, todavia, deixasse de produzir decisiva influência no destino da agremiação. Em Outubro de 79 voltou, porém, Oliveira Martins a ser proposto, pelo Pôrto, na lista socialista, dessa vez com Azedo Gnecco e Alfredo César da Silva. (Vide *A Voz do Operário*, n.º 4, Lisboa, 1879). Em 1880 finda o concurso de Oliveira Martins na imprensa operária. O *Almanaque Socialista* dêsse ano insere ainda, contudo, colaboração original do escritor. Azedo Gnecco, aludindo algures à fase socialista de Oliveira Martins escreveu que êle «costeara» o partido operário... Êste verbo «costear», de que se serviu Azedo Gnecco, faz supor que Oliveira Martins não chegou a filiar-se naquêle partido.

A constituïção de um partido que sobrepunha as vindicações económicas às políticas, havia de concitar — e concitou — o despeito alarmado dos republicanos, cuja irritação contra êle não tardou a traduzir-se em murmurações empeçonhadas. Também à monarquia era natural que sugerisse a idéia da sua eventual serventia como indirecto instrumento político, por intermédio de alguns dos seus pequenos caudilhos mais oportunistas ou menos refractários às compensações de uma discreta venalidade.

O desentendimento surgido entre os cabecilhas socialistas em tôrno da candidatura de Oliveira Martins na lista partidária foi talvez menos aproveitado para tolher

Fialho d'Almeida (caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro).
Dos *Pontos nos ii*, de 10 de Jan.º 1891.

a formação de um partido operário homogéneo, que forçasse a monarquia a positivas concessões democráticas, do que para atalhar o incremento do proselitismo republicano nas camadas populares mediante a insistente exautoração doutrinal das mutações mèramente formais do Estado, no tocante ao sistema, hereditário ou electivo, da respectiva chefatura. O próprio Oliveira Martins, já no seu livro *Portugal e o socialismo*, editado em 73, proclamara a improfiqüidade das revoluções destinadas tão sòmente a mudança do regimen político. Não devem, porém, deixar de ser igualmente recordadas estas suas palavras: «O primeiro capítulo da reorganização financeira da nação portuguesa consiste na *liquidação da monarquia*... O estado a que o constitucionalismo levou a fazenda pública é a falência: liquidar é, pois, o processo indispensável, cujo exemplo nos dá principalmente o direito comercial».

Uma viragem de rumo se opera, entretanto, no espírito de Oliveira Martins, que, após quatro ou cinco anos de abstenção política, se filia no partido progressista e funda, no Pôrto, — «para obrigar Lisboa a ter juízo» — *A Província*, como portavoz da *Vida Nova* de que se faz o padroeiro e o evangelista [1].

¿Que teria motivado esta metamorfose?

Se nos fiassemos no alarido levantado em redor dela na imprensa partidista da época teríamos de designar o interêsse pessoal como o móbil da suposta apostasia. Irredutível a uma explicação tão simplista se nos afigura o procedimento de Oliveira Martins.

Na escrutação das acções humanas torna-se difícil pesquizar e aferir, pelo que diz respeito ao *quantum* exacto da sua respectiva influência, os factores que para as determinar se conjugaram. Tão pasmosa facilidade de dissimulação possui o egoismo, que àquêles mesmos sôbre que actua consegue iludir, se acaso têm a fantasia de submeter a introspecção o subtil mecanismo dos seus actos. Tem-se como certo, porém, que há-de formar-se antecipadamente um feixe de causas psíquicas para que uma acção se produza. Um só motivo não basta para explicar a impulsão de que nasce tal ou tal acto. Pode supô-lo, em sumaríssimo processo, a justiça apaixonada e assomadiça. Mas o que nos ensina a psicologia é que, se dos móveis elementares, por via de regra recalcados, promana quási sempre o impulso energético das acções humanas, nem por isso se deve concluir da suspeição e até mesmo da certeza dêles a inexistência de estímulos de elevada natureza moral. E que a fusão de uns e outros não seja indispensável para cabalmente explicar a génese de um acto individual.

É possível que, fatigado das privações em que bracejara, aliás com austera hombridade, e, para mais orgulhosamente consciente do seu próprio merecimento, Oliveira Martins desejasse esquivar-se às contrariedades, às vicissitudes e aos enfados de uma existência, não só precária, mas insegura.

---

(1) Oliveira Martins foi pela primeira vez eleito deputado em 1886, por Viana do Castelo. No jornal *A Provincia*, que um ano antes fundara, no Pôrto, com Luís de Magalhães, Queiroz Veloso, Fernando Maia, etc., além de outros, colaboraram Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Alberto Sampaio, Guerra Junqueiro, etc. Quando Oliveira Martins, em 88, nomeado director da Companhia de Moçambique, transferiu a sua residência para Lisboa, ficou na direcção da *Provincia* o industrial de chapelaria Joaquim Gonçalves, cujas qualidades de articulista lhe consentiram medir-se, numa polémica célebre, com Junqueiro, que lhe replicava na *Republica Portuguesa*, de João Chagas. Joaquim Gonçalves foi mais tarde deputado progressista e dirigiu, em Lisboa, em substituïção de Carlos Lobo de Ávila, *O Tempo*, onde Oliveira Martins inseriu também notáveis artigos.

Fialho d'Almeida, caricatura de Francisco Teixeira.
(*Ilustração Portuguesa* de 7 de Agôsto de 1911).

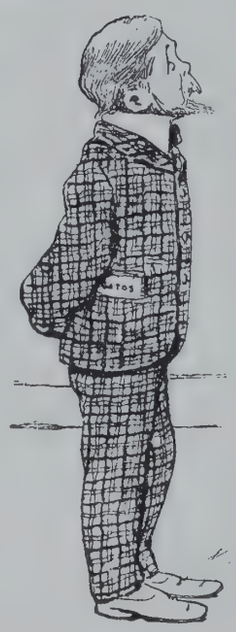
Fialho na caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro. *(A Parodia,* n.º 30 de 8 de Agôsto de 1900).

¿Não confessou, um dia, com irónica amargura, que «nas pequeninas sociedades apodrecidas, como a nossa, a política é tudo, e para a gente não ser esmagado é necessário puxar o carro»? (1).

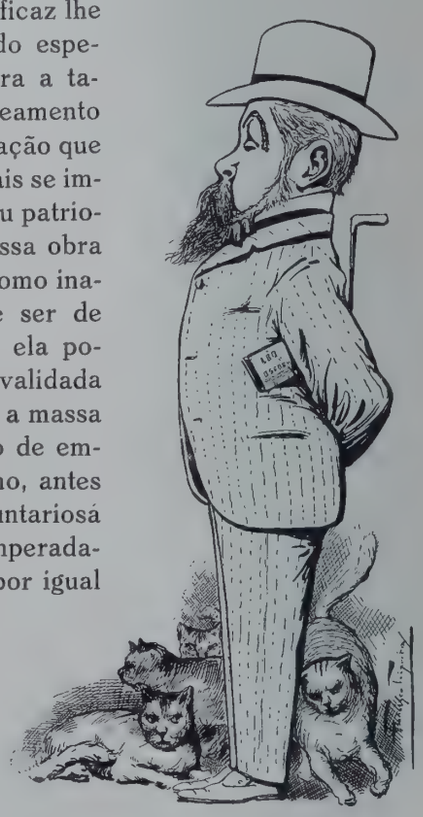
Se razões de ordem material lhe ditarem o ingresso num partido de govêrno, menos deve, no entanto, haver influído em seu ânimo o apetite dêsses cómodos e paparicos em que regaladamente se compraz o sibaritismo dos desfrutadores, do que o desígnio de garantir, numa mediania desafogada das humilhantes contingências do incerto granjeio do pão de cada dia, condições de vida adeqüadas à sua índole de pensador e de artista. Outros motivos hão-de convergentemente, ter pesado em Oliveira Martins para êle se desquitar dos vínculos que, por alguns anos, o ligaram ao partido socialista até o ponto de, duas vezes, haver anuído em representá-lo como seu mandatário parlamentar. As discórdias intestinas que, sem demora, fermentaram nessa agremiação recem-formada devem-lhe ter provocado — tudo leva a crê-lo — um profundo sulco de melancolia reflexiva. Ficara-lhe, no demais, da sua dura iniciação na vida certo jeito para ver os homens e as coisas à luz grisalha de um renitente pessimismo. Era mesmo nêle tão vivo e tão agudo êsse seu taciturno sentimento das limitações infligidas pelo egoísmo, a estupidez e a ruindade às mais altas idealizações, que lícito nos seria tachá-lo de trágico. A precoce decomposição do partido socialista vinha confirmá-lo em tal pendor justificado pela obsessão dessa como que lei de bipolaridade psíquica que, opondo às tendências ideais aquilo a que alguém chamou já a *nostalgie de la boue*, faz do homem a contradição de si mesmo. As idéias podiam ser, e, na verdade, eram, generosas. Os homens é que não conseguiam erguer-se ao nível que elas exigiam da sua fragilidade.

O panorama português — veja-se como o descrevera Eça de Queiroz no primeiro fascículo das *Farpas* — contribuia, de resto, para instilar no pensador, a quem não faltavam hiper-nervosas vibratilidades de artista propenso à deformação, ora satírica, ora trágica, da realidade, um estenuado desconsôlo, que nêle alternava com o falacioso convencimento da sua construtiva capacidade de acção.

Esfalfada das lutas civis, a nação experimentava o enjôo, que por largo tempo perduraria, das guerreias de quartel e das arlequinadas dos corrilhos. Era como um agregado semi-amorfo, que, tendo logrado desarticular as caducas instituïções, se mostrava incapaz de mover-se com afoiteza no quadro da vida moderna. Se o apadrinhamento do mundo político aborrecia e indignava Oliveira Martins com a chafra-nafra das suas testilhas, o zumbido dos seus mexericos e o carnaval das suas arruaças, também o povo lhe não incutia quaisquer esperanças de regeneração estribada no seu apoio. Via-o embrutecido, rotineiro, nutrindo-se rudimentarmente de uns restos de crenças, mais supersticioso do que religioso, vegetando, aperreado, numa miséria que, para ser ainda maior, se caracterizava pela passividade que não excluia a mórbida desconfiança de tudo e de todos. Nenhum patrocínio eficaz lhe era permitido esperar dêle para a tarefa de saneamento e de reformação que cada vez mais se impunha ao seu patriotismo. Se essa obra se lhe representava como inadiável, não havia de ser de baixo para cima que ela poderia efectuar-se, invalidada como se lhe afigurava a massa da nação no marasmo de emparvecido conformismo, antes ao preço de uma voluntariosá acção governativa, temperadamente autoritária, e por igual benfazeja em tudo quanto fizesse — e muito havia a fazer — em favor dos humildes, pelo avigoramento das nossas fontes de riqueza consoante o



Fialho. Caricatura de Francisco Teixeira. *(Século. Supp.º humoristico,* 3 de Novembro de 1903).



Fialho e os gatos. *(O Século, Supp.º humoristico* de 21 de Julho de 1903).

(1) Vide *Correspondência de J. P. Oliveira Martins* publicada e anotada por Francisco de Assis Oliveira Martins, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1926, pág. 244 (carta a Eça de Queiroz, 10 de Junho de 1893 (?).

plano delineado no seu livro *Política e Economia Nacional.*

Deve estar neste complexo de considerações a raíz psicológica da conversão política de Oliveira Martins. Mas, para arredar o aleive com que o ressentimento partidista pretendeu diminuir-lhe o significado e a autoridade, de outro facto há-de fazer-se menção, visto não ser somenos.

Foi Oliveira Martins íntimo amigo de Antero, que, até o fim da vida, correspondeu a essa estima em têrmos de estreme afectividade. Ora, se Antero, por ínsita disposição da sua compreensiva inteligência estava de todo o ponto apto a discernir as delicadíssimas sinuosidades mentais por onde um espírito pode ser levado a atitudes inacessíveis ao julgamento do vulgo, a sua inteireza moral fazia-o orgânicamente incapaz de pactuar com procedimentos que trouxessem em si o ferrete dos cálculos videirinhos. Pois a verdade é que Antero não só não rompeu com Oliveira Martins, nem dêle se afastou sequer, como até o derradeiro instante manteve o aprêço intelectual e moral que, através de secundários desencontros de opiniões, estreitamente o cingiu ao autor do *Portugal Contemporâneo.* A abjuração mesma de Oliveira Martins negou-a Antero ao aprovar inequìvocamente a experiência política do historiador — sôbre cujo êxito fêz, aliás, bem dubitativas reservas — não sem acentuar que, filiando-se num partido constitucional, para tentar uma larga reforma política e social, êle não desertara as idéias socialistas, discrepando apenas dos que se apregoavam ortodoxos propugnadores delas quanto ao processo de as ir inserindo nos espíritos e nos factos (1).

O desalento a que dera aso a desagregação das fileiras socialistas, propelindo Oliveira Martins a abandoná-las, preservara-o do prurido de angariar um novo partido.

¿Que materiais havia para isso? ¿Não falhara José Estêvão, quando, abandonando a Regeneração, tentara fazer um partido novo?

Pareceu-lhe que um dos partidos existentes, em cujo activo preluziam incontrastáveis serviços à causa pública, poderia ser o abrigo dos seus projectos e a ferramenta das realizações para que se julgava aparelhado pela índole dos seus estudos e pelas virtualidades do temperamento. Êsse partido, que, saído do pacto da Granja, e temperado numa longa adversidade, tinha à sua frente uma figura de relêvo moral — Anselmo José Braancamp — era o partido progressista (2). Não lhe minguavam, efectivamente, pergaminhos de nobreza cívica, que o seu *leader*, em 85, — poucos meses antes de morrer — com legítimo desvanecimento erguia como troféus da sua carreira pública ao relembrar a abolição da escravatura nas colónias e a dissolução do regimen vincular: aquela, realizada por Sá da Bandeira, esta, por sua própria mão, como ministro do gabinete de Loulé.

Fialho de Almeida no vigor da existência.

Sem renunciar à sua actividade de escritor, Oliveira Martins faz-se, a partir daí, o comentarista incisivo da vida nacional (1). Não há incidente ou episódio que não glose. A mínima ocorrência é nos bicos da sua pena um tema de observações em que a actualidade flagrante nunca é frívola, antes ilustra as preocupações do pensador e do moralista. Sente-se bem, lendo essas nótulas, por vezes mordentes, a miudo cáusticas, não raro impregnadas de uma gôta de fel, que, sob a aparente negligência do anotador apostado em não deixar nada sem o seu depoimento, Oliveira Martins forceja por sacudir a estagnação colectiva, galvanizar a anestesiada sensibilidade da já maioria, aguilhoando em ordem a uma reacção salvadora os descontentamentos negativistas por que se dispersa, em derradeiros lampejos, a consciência do país afundido na sonolência conjunta do

---

(1) Antero, se bem que conservando-se platònicamente no campo socialista, aplaudiu a resolução de Oliveira Martins. E disso é testemunho inequívoco a carta que lhe dirigiu a 10 de Julho de 85, em seguida à filiação do historiador no partido progressista, e que com o n.º LVIII se pode ler a pág. 110 das *Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, publicadas em 1931 por Francisco de Assis Oliveira Martins, com um prefácio do dr. Joaquim de Carvalho.

(2) O pacto da Granja foi celebrado em 7 de Setembro de 1876 entre as principais personalidades do partido histórico, chefiado pelo duque de Loulé, que em 51-52 se formara contra o partido regenerador — e do partido reformista agrupado em tôrno do bispo de Viseu, D. António Alves Martins, partido êste que, em 1870, instalara em Lisboa um centro político sob a presidência do marquês de Sá da Bandeira. Por virtude daquêle pacto fundiram-se os dois partidos num só, a que foi dado o nome de progressista.

(1) Contra a *Vida Nova*, em cujo programa, logo de início, avultava como característica primacial o robustecimento do poder do rei, não se levantou apenas o inflamado protesto dos republicanos. No próprio partido progressista o movimento apadrinhado por Oliveira Martins, e de que foram principais arautos António Cândido e Luís de Magalhães — o segundo dos quais haveríamos de ver, quinze anos depois, pregoeiro do messianismo franquista — provocou ataques em que não deixava de ser salientada a apostasia de quem, tendo surgido na política sob a bandeira do socialismo, aparecia então feito turibulário da realeza, menosprezando as tradições de Mousinho da Silveira e de Passos Manuel, que, aliás, invocava ainda. O jornal *Novidades*, que Emídio Navarro fundara e dirigia, foi um dos periódicos progressistas onde mais vivamente se fêz sentir essa reacção contra a *Vida Nova*, classificada zombeteiramente de «mèzinha para os achaques da política portuguesa». O «Messias das Aguas Ferreas» — por alusão à residência que então tinha no Pôrto, lhe chamavam os menos virulentos dos seus adversários.

exaurimento e do tédio. Depõe no Parlamento o *Projecto do Fomento Rural* (1), que é uma espécie de *vade-mecum* magistral em cujos articulados condensa as bases do rejuvenescimento da economia portuguesa pelo sistemático aproveitamento da terra relegada à rotina.

Ninguém o discute.

Nem por isso o reformador descoroçôa ante êste desaire inicial. Quer no Pôrto, nas colunas da *Provincia*, quer em Lisboa, nas do *Reporter* (2) — e noutros jornais — prossegue na sua campanha da *Vida Nova*. Mas, falecido Braancamp — e fôra a morte dêste o primeiro golpe da sua desfortuna política — o partido progressista, saindo do ostracismo para as vaidades e prebendas do poder, a que no final do seu reinado o chamara D. Luís, *regenerara-se*, como o próprio Oliveira Martins veio a dizer, com sarcástimo azedume, pelo decalque de tudo quanto àsperamente impugnara ao fontismo. Por isso mesmo, em 86, convidado duas vezes por José Luciano de Castro a fazer parte do govêrno, com firmeza se escusa, invocando o direito de não esterilizar a sua vida em holocausto à política (3). Ser ministro, ùnicamente, pela honraria do chapéu armado, do espadim e do correio não o deslumbra. O mando não é para êle um fim, mas um meio. Se não pode fazer vingar os seus projectos, ¿para que lhe interessa o poder? Ora, as condições da vida política não autorizam, nesse momento, quaisquer veleidades de êxito. A incerteza domina. Os ministérios fazem-se e desfazem-se a sabor das intrigas de bastidores e das ambições que se defrontam (1). A autoridade foge das mãos dos ministros. O melhor é esperar. E espera. Espera que a progressão desastrosa dos acontecimentos, desfechando nas perplexidades de uma catástrofe — cuja previsão se pode fazer com matemática segurança — crie, por si mesma, as condições psíquicas e políticas de uma actuação enérgica, expeditiva, à margem das praxes estioladas e das influências deletérias, consentindo-lhe um papel proeminente (2).

¿Ambição? Sem dúvida, mas ambição justificada pelos objectivos que ela se propõe servir com tôdas as suas fôrças.

Entretanto o poder desconceitua-se mais e mais. Tudo se abandalha e dis-

FIALHO DE ALMEIDA
Interessante desenho de Francisco Teixeira. Na composição, como noutras caricaturas de Fialho, há alusão à obra capital do grande escritor, «Os Gatos».

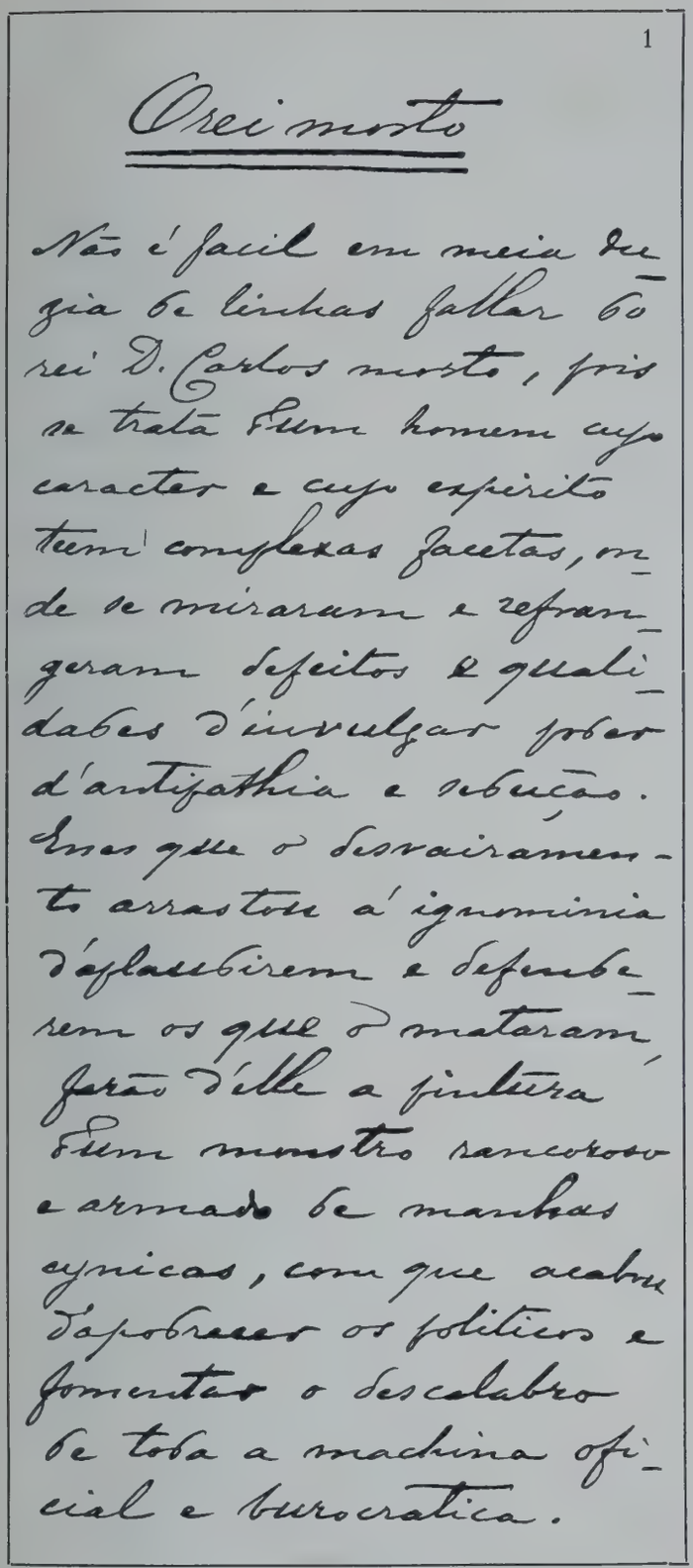
(1) Foi apresentado na Câmara dos Deputados, na sessão de 27 de Abril de 1887. É um dos mais valiosos trabalhos políticos de Oliveira Martins.

(2) *O Reporter* começou a publicar-se em 1888, em Lisboa, fundado por Jaime de Séguier, que se evidenciara no jornalismo, sobretudo com a colaboração que, sob o pseudónimo de *Iriel*, estampara na *Folha Nova*, do Pôrto, que Emídio de Oliveira dirigia. Fêz sensação *O Reporter* pelos moldes modernos a que se cingiu, imitando a factura dos jornais franceses, e pelo brilhantismo que lhe deram Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Julio César Machado, Moniz Barreto, Fernando Caldeira, Maria Amália Vaz de Carvalho e Fialho de Almeida, que, com todo o viço de uma juventude exuberante e sôfrega de dar nas vistas, pôde fazer a revelação do seu original temperamento de escritor, algumas vezes irritando com a sua *verve* endemoninhada a gravidade de Oliveira Martins, que na direcção do *Reporter* sucedera a Pinheiro Chagas.

(3) Por morte de Anselmo José Braancamp, ocorrida a 13 de Novembro de 85, foi no mês seguinte aclamado, por unanimidade, chefe do partido progressista, José Luciano de Castro. Deputado, pela primeira vez, em 1854, ao acabar o seu curso de direito — não tinha ainda vinte anos — dedicou-se José Luciano de Castro durante algum tempo à advocacia e ao jornalismo político, ocupando depois, a pasta da Justiça no gabinete presidido pelo duque de Loulé, que em 19 de Maio de 1870, com um pronunciamento militar, Saldanha obrigou a demitir-se. Só nove anos depois os progressistas foram, de novo, chamados ao poder pelo rei D. Luís, constituindo-se um ministério sob a presidência de Braancamp, que a José Luciano de Castro confiou a pasta do Reino. Enoxerando-se êsse gabinete em 81, sucederam-lhe dois ministérios regeneradores: o primeiro chefiado por António Rodrigues Sampaio e o seguinte por Fontes Pereira de Melo. Foi na vigência dêste govêrno que, havendo falecido Braancamp, José Luciano de Castro ascendeu à direcção do partido progressista. Oliveira Martins, embora lhe preferisse o seu amigo Henrique Barros Gomes (vide *Correspondência de J. P. Oliveira Martins*, carta n.º XXV, pág. 77) deu o seu pleno assentimento à eleição de José Luciano de Castro. E isto mesmo o recordou o historiador, a 7 de Dezembro de 1886, em carta para aquêle estadista, poucos meses depois de se haver escusado a fazer parte do gabinete presidido pelo sucessor de Braancamp, o qual por duas vezes, tentara metê-lo no govêrno: da primeira vez, em Fevereiro de 86, como ministro das Obras Públicas, da segunda, em Julho do mesmo ano, como ministro da Agricultura, Comércio e Indústria, pasta que se propunha criar expressamente para êle. Dizia Oliveira Martins: «Cooperei, com efeito, conforme pude na luta contra o ministério regenerador e na elevação de V. Ex.ª à presidência do partido e do govêrno, não me arrependendo do que fiz, porque sempre reconhecerei os inevitáveis *(sic)* dotes de carácter que o distinguem. Desejaria sem dúvida ser-lhe útil, ao partido e ao País; mas, perante a convicção da vaidade dos meus desejos, V. Ex.ª não pode exigir de mim que esterilize a minha vida amarrado como um boi à nora da política».

(1) Fontes faleceu em 22 de Janeiro de 1887. Pois só em Julho — seis meses depois — foi possível efectuar-se a reünião partidária de que saiu a eleição do novo chefe regenerador: António de Serpa Pimentel. Fervilhavam as ambições: vários apeteciam o bastão do comando — Barjona de Freitas, Hintze, Júlio de Vilhena. João Franco, despontava... No partido progressista já também fermentavam as discórdias, que José Luciano — a quem Emídio Navarro chamava Bazaine — ainda novo e habilíssimo, foi contendo até à dissidência aberta em 1905, em redor da questão dos tabacos, por José de Alpoim, estimulado pela que João Franco, quatro anos antes, abrira no partido regenerador, contra Hintze Ribeiro.

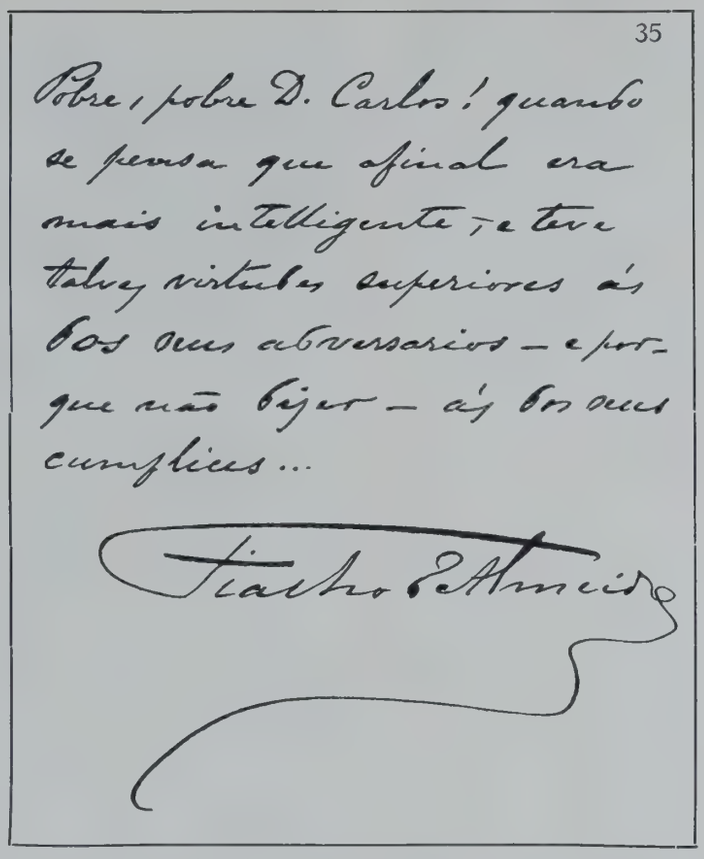
(2) De Ponta Delgada, em 29 de Junho de 1891 — isto é, no mesmo mês em que regressou à terra natal e poucos meses antes de pôr têrmo à vida — escreveu Antero de Quental a Oliveira Martins (vide *Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, 1931, pág. 141), aconselhando-o a aguardar que os acontecimentos políticos desfechassem, como tudo fazia prever, numa gravíssima crise que, pela sua mesma acuïdade, lhe permitisse uma intervenção decisiva como reformador: «estou m.º mais disposto a admitir uma mais larga esfera de acção, um maior poder dos indivíduos excepcionais sôbre uma sociedade num período de tumulto, de crise declarada e de universal *mea culpa*. Uma dessas crises limpa o terreno de muitos embaraços. E o estado dos espíritos é também outro. Assim, meu caro, acho que tem tudo a ganhar em esperar pelos acontecimentos e em se reservar. Os Messias gastam-se, se não entram logo em cêna a fazer milagres».



1

O rei morto

Não é facil em meia duzia de linhas fallar do rei D. Carlos morto, pois se trata d'um homem cujo caracter e cujo espirito teem complexas facetas, onde se miraram e refrangeram defeitos e qualidades d'invulgar poder d'antipathia e sebuçao. Esses que o desvairamento arrastou á ignominia d'aplaudirem e defenderem os que o mataram, farão d'elle a pintura d'um monstro rancoroso e armado de manhas cynicas, com que acabou d'apobrecer os politicos e fomentar o descalabro de toda a machina oficial e burocratica.



35

Pobre, pobre D. Carlos! quando se pensa que afinal era mais intelligente, e teve talvez virtudes superiores ás dos seus adversarios — e porque não dizer — ás dos seus cumplices...

Fialho d'Almeida

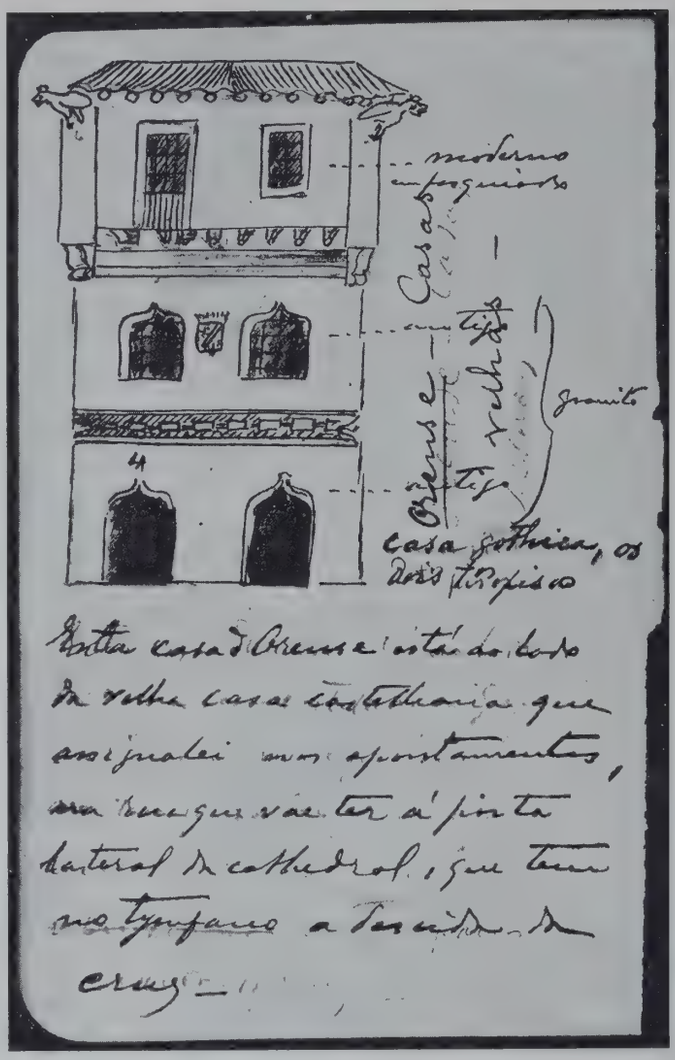
Primeiro e último linguado (1 35) do manuscrito original de Fialho d'Almeida do artigo, *O Rei morto* publicado em *O Portugal*, jornal diário de Lisboa. Êste artigo dos últimos que Fialho escreveu, foi larga e duramente discutido. (Da colecção de Albino Forjaz de Sampaio).

solve na anarquia pôdre do relaxamento. Um rotativismo fraudulento parodia o sistema inglês dos grandes partidos alternando-se no govêrno. O lápis de Bordalo faz o sardónico processo semanal desta sofisticaria que Oliveira Martins acoima de *chinfrim*. Longe de ser um respiradoiro da consciência pública e um laboratório de reformas úteis, o Parlamento antolha-se à parte sã do país um foco de infecção. Cresce, agita-se o partido republicano. Os escândalos sucedem-se. A finança é o Fra Diavolo oculto, que todos adivinham e malsinam, da regedoria nacional. Nalguns dos políticos de primeira fila não vêem, à uma, se não farsanteadores e corruptos alcoviteiros dessa finançalha ferrada parasitàriamente nos flancos da nação indefesa (1). Quando em 89 o rei D. Carlos inicia o seu reinado, tôda um pleiade de intelectuais medularmente descrentes do povo e enojados dos políticos se alvoroça com a idéia de uma radical modificação dos costumes governativos pela intervenção destemida do soberano na direcção dos negócios públicos (2).

(1) D. Luís foi furiosamente atacado pelo progressismo, por motivo da sua preferência pelo partido regenerador, que foi o grande beneficiário do poder durante o seu reinado. No jornal *O Progresso*, Mariano de Carvalho e Emídio Navarro, que depois fundou as *Novidades*, fizeram ao monarca os mais escandalosos ataques. Chegou mesmo a tramar-se a prisão do rei D. Luís, que seria metido a bordo de um navio de guerra e coagido a abdicar. Oliveira Martins, que tão desabridamente censurara a desordem política, preconizando o fortalecimento da autoridade régia, não desaprovou estas maquinações, como claramente no-lo demonstram estas palavras que publicou na advertência da 2.ª edição do *Portugal Contemporâneo*, em 83: « Diz-se em conversas, não sei se até se escreve nos jornais, que um rei medroso e indiscreto é o principal obstáculo às reformas, o patrocinador decidido do regimen de corrupção em que vivemos; e que uma abdicação e uma ditadura são indispensáveis à salvação do país. Faça-se, pois, essa derradeira experiência. Aconselhe-se ou exija-se essa abdicação, venha essa ditadura que, no regimen actual, ou terá de encontrar no novo soberano uma adesão sincera, ou será estéril como foi a de 1865 ». (Vide *Notas da minha vida e do meu tempo*, por Homem Cristo, vol. II, págs. 42-43).

(2) O rei D. Luís morreu a 19 de Outubro de 1889. O progressismo, que, aliás, fôra chamado, finalmente, ao poder, por aquêle soberano, rejubilou com o advento de D. Carlos, cujo temperamento se

Oliveira Martins, que, desde o apostolado da chamada *Vida Nova*, abrira campo à doutrina de engrandecimento da autoridade régia, pleiteando a sua convicta aceitação pela vontade pública, não só está nessa pléiade, como para alguns dos componentes dela representava a personificação mesma das suas esperanças: o homem capaz de, com o apoio da realeza restituída à plenitude da sua histórica magistratura, iniciar a tarefa de salubridade política, de restauração financeira, de acautelamento da ordem e de positivo progresso por que suspiravam os que contristadamente presenciavam a sobreposição das rixas partidárias aos interêsses nacionais. O *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, que do norte ao sul do país fêz escachoar uma intensa reacção de exacerbado patriotismo — em grande parte ardilosamente desviada contra as instituïções e a personalidade do soberano pela oposição anti-dinástica — se permite à idéia republicana identificar-se com os ressentimentos do brio pátrio nessa consubstanciação, a um tempo, redentorista e fatalista, logo traduzida nas estrofes e nos acordes da *Portuguesa*, também serve para corroborar no seu ponto de vista aqueles espíritos inclinados a ver na intervenção directa do rei na conduta dos negócios públicos a terapêutica dos achaques que os afligem, a qual, perante o desvairamento terrorista do espírito popular, se convertera, a seu ver, em impreterível necessidade da própria segurança social [1].



Folha de álbum dos manuscritos (apontamentos) de Fialho d'Almeida pertencentes a Xavier Vieira (documentação do livro inédito do Dr. Humberto de Araújo, sôbre Fialho).

Homens que até aí tinham figurado no cenário político com uma auréola de insubmissão ao paço, atemorizados pelo tufão político, recolhem abruptamente as velas do seu radicalismo e, como que fazendo contrição da rebeldia que lhes servira de paládio, aderem, explícita ou tàcitamente, à tese de que Oliveira Martins se fizera o paraninfo. Com efeito, a 13 de Março de 91, ao discursar na Câmara dos Deputados contra o contrato dos tabacos e o empréstimo à sombra dêle realizado, exclama Augusto Fuschini:

—Um só homem há, neste terrível momento histórico, que pode ter fôrça, e com a fôrça a responsabilidade, para salvar a ordem pública e as instituïções: é o Rei!

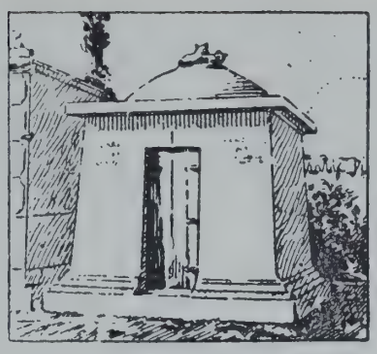
Esta presunção de que só o rei, derrubando o predomínio dos magnates e caciques da política, podia, firmado na fôrça armada, atalhar a decadência em que a vida portuguesa parecia ir rolando no despenhadeiro, inculcara-a António Cândido numa das intermitências do seu verbo sempre florido e periòdicamente de pousio, velhos liberais desencan-

---

lhe afigurava propiciar os propósitos ditatoriais afagados por diversos políticos, a quem, de resto, não escondia a sua simpatia. Um dêsses políticos era Oliveira Martins que, sem deixar o progressismo, se arredara da actividade partidária, limitando-se a prosseguir na imprensa e nos bastidores, muito ligado a Carlos Lobo de Ávila, a propaganda do engrandecimento do poder real e a necessidade de uma ditadura. De facto, em 30 de Outubro dêsse ano, *O Reporter*, que Oliveira Martins dirigia, publicava uma carta a el-rei subscrita por *Viriato*, na qual se lia o seguinte: «É, pois, preciso que V. Majestade liberte de uma vez para sempre o seu govêrno das opressões parlamentares». E ainda: «o sufrágio, como significação da vontade nacional, é uma utopia generosa e irrealizável». Segundo Homem Cristo, (obra citada, vol. II, pág. 44) chegou a ser enviada ao novo rei uma petição em prol da ditadura. Um dos signatários dela — curioso é registá-lo — foi Cândido dos Reis, o futuro almirante que na noite de 3 para 4 de Outubro de 1910 tentou comandar a insurreição de que resultou a queda da monarquia.

[1] A insurreição militar rèpublicana de 31 de Janeiro de 1891, para cujos vencidos Aires de Gouveia, bispo de Betsaida, pediu clemência e generosidade na Câmara dos Pares, em um discurso digno de ser lido, apavorou certos meios sociais, criando disposições favoráveis a um golpe de fôrça nuns tantos elementos da guarnição de Lisboa. Eça de Queiroz aludia, de Paris, em carta a Oliveira Martins, datada de 5 de Fevereiro de 91, ao «furúnculo revolucionário que rebentou no Pôrto, como sintoma de doença geral» (in *Correspondência* de Eça de Queiroz, Pôrto, 1925, pág. 214). Em 7 de Outubro de 90, ao mesmo Oliveira Martins, (obra citada, pág. 207) escrevera o romancista: «O conhecimento que ai ganhei, na Primavera, dos factores políticos, não é bastante já para me explicar a anarquia actual. Deve aí haver factores novos, novos elementos de decomposição que me escapam. Em todo o caso, não vejo senão uma solução simplista, uma Tirania. É necessário um *sabre*, tendo ao lado um *pensamento*. Tu és capaz de ser o homem que *pensa* — mas onde está o homem que *acutila?* Em antigas cavaqueiras falámos por vezes do Rei. Mas é êle um *Homem?* Ou é êle simplesmente um *Cetro?* A situação parece-me medonha».

FIALHO, por Alfredo Cândido



O projecto do túmulo de Fialho em Cuba por José Queiroz. Direcção de Simões de Almeida, sobrinho.

FIALHO, por Celso Herminio

tados a diziam inevitável, e afagavam-na os *Vencidos da Vida* não sòmente como derradeiro recurso contra a insolvência dos corrilhos mas também contra os desbragamentos da demagogia em que o seu aristocrático dandismo enxergava, bem pior do que as sete cabeças monstruosas da hidra de Lerna, aquilo a que Barbey d'Aurevilly, atirando o guante desafiador, chamara, um dia, «la souveraineté de l'ignoble»... A tendência messiânica, que com a dissolução do mito sebastianista se havia extinguido, favorecia, de resto, dentro de certo limite, a tese da ditadura real. O próprio Junqueiro, no *Balanço Patriótico* com que fecha as estrofes incendiárias da *Pátria*, desabafa:

Fôra o rei um homem, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto.

Quando em 92 o octogenário general João Crisóstomo de Abreu e Sousa, improviso presidente do conselho numa conjuntura que os partidos não se sentem com ânimo para arrostar, quere meter Oliveira Martins no govêrno; permanecem, porém, as razões que o haviam levado a escusar-se em 86. E o historiador enjeita, de novo, os encargos governativos, resistindo ao próprio rei, que pessoalmente insiste com êle para que tome sôbre si a pasta da Fazenda. Mas no ano seguinte, confiada a José Dias Ferreira a missão de organizar um govêrno de «salvação pública», Oliveira Martins, que, na calculada previsão dessa investidura, com êle confabulara e se conchavara, assumindo compromissos, acede, finalmente, às solicitações de D. Carlos e avoca à sua responsabilidade a gerência do ministério da Fazenda. O relatório que leva à Câmara dos Deputados sôbre a crise financeira, precedendo as medidas preliminares com que se propõe iniciar o remedeio dos angustiosos apuros do tesouro, é um modêlo de clareza, de lucidez, de precisão e de sinceridade. O reformador apresenta-se perante o país resolutamente apostado em desnudar-lhe a realidade. De que não lograria impôr-se com tôda a amplitude a que aspiram os seus propósitos, imediatamente se acusa um sintôma: o *non possumus* com que o rei lhe embarga a demissão do orçamentólogo Pereira Carrilho, que Oliveira Martins, para dar a nota de que a sua política não comporta as mistificações, logo de entrada propusera à firma real. Procura negociar com os crèdores externos um convénio, que seria o prólogo de um empréstimo destinado ao fomento da riqueza pública. Sem tardança a intriga abre as portas à difamação do ministro. Insinua-se que êle maquina uma negociata a que o próprio rei não seria estranho, de conivência com o banqueiro Burnay. Através de um temporal desfeito de insinuações e de calúnias — de cujo odiento encarniçamento dá bem a medida a argüição, a que o não poupam, de ter matado um operário em Santa Eufêmia — consegue, ainda assim, arrecadar 12.250 contos de receitas novas, amortiza em cêrca de 3.000 contos a dívida flutuante, arranca à Companhia dos

EÇA DE QUEIROZ. Retrato da juventude.

Retrato de Eça e fac-simile da sua assinatura.

A sala de trabalho de Eça de Queiroz, em Neuilly. *(Revista Moderna,* 20 de Novembro de 1897, Paris).

Caminhos de Ferro Portugueses as linhas de Salamanca, cuja reivindicação o govêrno espanhol premeditava. Mas esta primeira fase da sua administração forçosamente havia de ser — e foi — draconiana. De facto, reduz os juros dos papéis de crédito do Estado e dos títulos da dívida pública, cerceia os vencimentos do funcionalismo, inventa um imposto de salvação pública, de cuja aplicação, por sinal, a comissão fazendária da Câmara dos Deputados, obedecendo a altas sugestões, exonera os oficiais do exército e da armada. Fere interêsses. Arranca queixumes. Nem João de Deus escapa à deliberada inflexibilidade do reformador, que, com uma penada — a que, desta vez, o rei não opõe objecção — extingue o comissariado da *Cartilha Maternal* [1].

Eça de Queiroz. Retrato da London-Studio

Os competidores do corifeu da *Vida Nova* não desarmam, porém, nas suas arteiras enredações. Quando não é insultado, é escarnecido. Quando o não acoimam de teórico, desfecham-lhe, como descarga de zagalotes, o apôdo de bajulador do rei. Já aludimos às suspeições de corrupção com que tentam denegri-lo. Insistem nelas. Para derriba-lo a conjura vai até junto do chefe do govêrno a quem boquejam que o adventício

[1] De João Chagas, panfletário-*-dandy*, que buscava dosear uma ironia fina, à maneira de Eça de Queiroz, com as causticidades mordentes de Rochefort, é êste *suelto* que dá bem medida do azedume com que Oliveira Martins era tratado na imprensa rèpublicana — e até em parte da monárquica: « Para subir até ao trono, o sr. Oliveira Martins tem vindo a descer pelos partidos abaixo. Foi sucessivamente socialista, rèpublicano e progressista. Hoje é regenerador. Alma errante tem vindo a mudar de senhorio desde que se entende. Já encarnou no Correia de Barros; o seu último avatar é o João Franco. Sempre com os tarecos às costas — *Portugal Contemporâneo*, os *Filhos de D. João I*, etc. Assaz corrupto, mas sempre «eminente historiador». Os livros de mão em mão; o corpo também. A história defini-lo-á assim: Oliveira Martins — *Demi-mondaine* erudita do período constitucional ».

Eça de Queiroz, retrato de 1897 (da *Revista Moderna*).

trama herdar-lhe a proeminência. Quatro meses depois de ter tomado conta da Fazenda, coberto de impropérios e de zombarias, quási monteado, enxota-o aquêle mesmo com quem longamente confabulara: Dias Ferreira. O próprio monarca, embora deveras o aprecie, não lhe vale — e acende um charuto. O visionário estatela-se. É a derrota. Nem um lenitivo! O poder real, cujo engrandecimento apregoara, e que a 11 de Janeiro de 93, na *Semana Ilustrada*, inculcara ainda à opinião do país, invocando o grito de José Falcão: — «Se a monarquia nos pode salvar, que nos salve: o nosso alvo é o país, e não um sistema!» — abandona-o ao regosijo vingativamente achincalhante dos inimigos. Chegam-lhe aos lábios o cálice da amargura. Bebe-o até as fezes. O desalento cai, então, sôbre êle com todo o pêso de um crepúsculo hipnòticamente sufocante. Uma tristeza feita da névoa de tôdas as desilusões sofridas abruma-lhe o coração.

Pode dizer-se que a sua agonia começa nesse lance (1).

(1) Tendo partido para Inglaterra, dias depois de sair do govêrno, de lá escreveu uma série de cartas para um jornal brasileiro: as que constituem o livro *A Inglaterra de hoje*. Em Fevereiro de 93 foi à Câmara dos Deputados, para que fôra reeleito pelo Pôrto, defender a sua obra ministerial, pronunciando dois discursos, dados à estampa, nesse ano, no folheto epigrafado *A questão do convénio*. Nomeado, também em 93, para a vice-presidência da Junta de Crédito Público, instituïção em que seu pai modestamente servira como oficial, publica *A Vida de Nun'Alvares*. Adoece. Em Cascais, onde se refugia, experimenta algumas melhoras. Faz então um passeio de quinze dias na Extremadura espanhola para conhecer *de visu* o local da batalha do Toro. Dessa peregrinação nascem as *Cartas Peninsulares*, que só em 95 vieram a público, coligidas em livro literàriamente um dos mais belos, com um prefácio de seu irmão Guilherme. Em 94 vai repousar no convento de Brancanes, em Setúbal, e ai dita à espôsa o 1.º capítulo do *Príncipe Perfeito*. São as suas derradeiras páginas. A tuberculose esfacela-o... Recolhe a Lisboa, à sua casa da Calçada dos Caetanos. E morre a 24 de Agôsto, três dias depois de haver sido sacramentado por Mgr. Jacobini, núncio pontifício. Em 2 de Novembro de 1919 foi inaugurada uma lápide no prédio n.º 30 da Calçada dos Caetanos. Em 1903 tinham sido os restos mortais de Oliveira Martins trasladados do jazigo em que se encontravam, no cemitério dos Prazeres, para o túmulo-monumento mandado erigir, no mesmo cemitério, por uma comissão de amigos, nas trazeiras da capela, e de que é autor Teixeira Lopes, sendo também ali sepultadas as ossadas da mãi do historiador. — Como administrador da *régie* dos tabacos que exerceu de 1889 a 1891, beneficiou com algumas regalias o pessoal da indústria tabaqueira, regalias essas relembradas na lápide que na sede de *A Voz do Operário* presta homenagem aos principais bemfeitores da classe fundadora dessa velha e importante colectividade popular.

Faltava-lhe ductilidade, *charme*, e, na verdade, Oliveira Martins não tinha a têmpera do batalhador, a quem os obstáculos, as adversidades e as mesmas derrotas, em vez de abaterem a vontade combativa, a avivam. Não era, por certo, um indeciso, muito menos um apático, um dêstes seres que as inibições condenam às perpétuas vacilações do temor e da dúvida. Seria um êrro

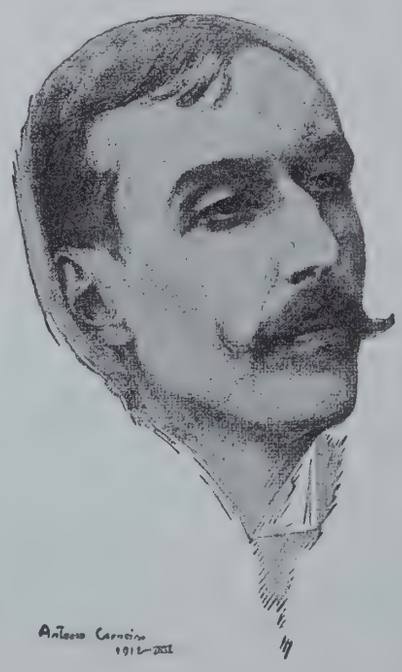
Fotografia de Eça, feita em Inglaterra depois do aparecimento do *Primo Basílio*. (Da *Revista Moderna*, 20 de Novembro de 1897).

pretender classificar nessa categoria quem, no dizer de Herculano, foi um *homem que quis*. A capacidade de querer, manifesta, efectivamente, como um dos traços fundamentais do seu carácter, através do seu crescimento vital, não exclui, porém, um *arrière-fond* de intercorrente debilidade. O ritmo psíquico do homem, se atentamente lhe observamos as variantes de humor e de atitude no decurso da sua vida pessoal, mostra-se ora tranquilo, ora inquieto, de outras vezes ainda deprimido. A um estado de euforia optimista, que traduz vigoroso sentimento de confiança na vitória dos próprios desígnios, sucede a lassitude de quem, por sua extrema vulnerabilidade aos golpes da detracção e esmagado ao pêso de muitas atmosferas, já nem pretende resistir; uma disposição de desânimo, de fastio, e, como remate dessa espécie de entardecer moral e de astenia interior, um encolher de ombros à realidade que, por tantas formas, o solicitava e de que, agora, se vinga pelo isolamento em que se refugia e que a meditação e a imaginação povoam de companhias irreais, como êle mesmo dizia, em 1893, a António Cândido (*in Correspondencia de J. P. Oliveira Martins*, LCIV, pg. 251) numa carta que é um precioso documento humano pelo que nêle ressalta de patético:

Não te queixes da solidão, amigo: queixa-te da vida, que é um paradoxo. Viver é esquecer. Esquece e viverás bem. Não acuses a solidão, que não há maior isolamento do que êste que a gente sente no meio do seu semelhante. Dou-te a minha palavra de honra, que eu vivo muito mais com os mortos e com os inanimados do que com a gente viva, ainda quando lhe falo e a trato. Todos temos em nós duas pessoas: uma, o manequim que se agita à mercê dos impulsos externos e das relações ambientes, outra que vive de si, para si, e por si. É aqui que a gente se sente rei! Por isso, amigo, não te queixes da solidão, nem dos montes, nem das árvores. Não nos fazem mal.

Retrato de Eça de Queiroz por Columbano Bordalo Pinheiro. (Fotografia de Arnaldo da Fonseca).

Se Oliveira Martins se tivesse consumido todo na política, bem pequena seria a projecção da sua individualidade. Os recursos que, em holocausto a êsse Moloch devorador, se gastam no trato das questões e no manejo dos homens, volatilizam-se, por via de regra, sem nada deixar que sirva de pedestal à nomeada de uma figura. Os políticos, por isso mesmo, cinerizam-se no braseiro que a voraz divindade traz nas entranhas. Podem ter sido notàvelmente dotados, pode até o seu esfôrço haver sido prestimoso: do seu póstumo destino faz parte o desaparecerem no esquecimento. Teria sido êste também o sestro de Oliveira Martins, se, embora lançado a *corp perdu* na política — e dito é anteriano — êle não tivesse podido, mercê de excepcionais faculdades, desdobrar-se quási sem interrupção e, à margem de ilusórias veleidades de acção cívica mantidas desde 85 a 93, perseverar naquilo que havia de ser o seu duradoiro título de glória: a obra historiográfica em que nos legou o melhor do seu talento de escritor.



Eça de Queiroz. Desenho de António Carneiro.

Sem dúvida que nos escritos em que se condensa a doutrinação do político fácil é auscultar a respiração de uma robusta inteligência. Contra o verbalismo polémico ou enfàticamente vazio, que caracteriza o jornalismo e a oratória da época, opôs Oliveira Martins um pensamento nítido e esclarecido. Muitos dos seus depoimentos concernentes às questões públicas tiveram o condão de suscitar a curiosidade. Pontos de vista valiosos freqüentemente os levantam acima da sua ocasional motivação. O problema económico, por exemplo, viu-o com segurança e largueza. Todavia, o balanço da doutrinação de Oliveira Martins o que nos depara é um saldo negativo. Politicamente, tôda ela girou à volta do chamado engrandecimento do poder real,

em cuja apologia há quem pretenda aclamar a antevisão penetrantíssima de certas teses hoje em voga, e até mesmo triunfantes, sem que houvesse deixado de ser o reagente fatídico que veio a produzir o regicídio e, como conseqüencia dêle, após dois anos de vida aparente, a dissolução da monarquia. O próprio João Franco, com quem D. Carlos desastradamente se aventurou, tinha sido Oliveira Martins quem lho indigitára (1).

Se, atendo-nos aos resultados positivos do seu pensamento político, pelo que diz respeito à vida interna da nação e do regime, nos avassala o fantasma do rei desde longa data exortado e incitado à imprudência de um arremêdo ditatorial, cujos trágicos efeitos bem o demonstraram prematuro, também sob o ponto de vista da posição que ao país convinha adoptar na sua vida de relação internacional as responsabilidades de Oliveira Martins podem e devem ser tachadas de sensíveis. Com efeito, deixando-se arrastar pela agitação anti-britânica a que deu aso o *ultimatum* de 11 de Janeiro, agitação tumultuária, insofrida, sem raízes na compreensão dos interesses nacionais, obra dos nervos e do sentimento, que a razão objectiva não justificava — e tanto mais fàcilmente quanto é certo que havia muito êle era avêsso à aliança, cuja substituição por uma *entente* peninsular chegou a defender — Oliveira Martins foi um dos fautores da desordem que tão vivamente lastimara e increpara. O que se lhe afigurou marcar o têrmo da secular aliança falaciosamente rejuvenescida com a Restauração não passou de uma crise penosa, mas salutar, de que o velho pacto saíu mais forte. O juízo que João Arroio, com um tanto de cínico sarcasmo, um dia, incisivamente formulou, com referência à fatalidade da aliança anglo-portuguesa, proclamando-nos condenados a sermos independentes, não o percebeu Oliveira Martins na sua apaixonada hispanofilia e na sua obstinação anti-inglêsa. Antes mesmo que a Republica — cujos evangelistas, aliás, tanto a haviam detraído — solenemente a consagrasse com a nossa intervenção na Grande Guerra, fazendo combater na Flandres, lado a lado dos ingleses, os nossos soldados, já a monarquia, pela mão de D. Carlos e de Soveral, rectificara o êrro do rumo em que descaíramos, reaproximando-se da velha aliada que, pelas iniludíveis necessidades estratégicas da sua defesa imperial, continuava a ser, bem ao contrário do que pensara e dissera Oliveira Martins, o único ponto de apoio estável da nossa política externa e a melhor garantia do nosso império colonial.

Eça de Queiroz. Desenho de A. Lopes.

Íntimo de Henrique de Barros Gomes, o homem do famoso «mapa côr de rosa», a quem, por certo, instigou nas suas maquinações diplomáticas, teve Oliveira Martins co-responsabilidades nos funestos devaneios da política germanófila e hispanófila que, muito mais do que o litígio africano, prepararam o vexame do *ultimatum* de Salisbury.

O ideário político de Oliveira Martins, quer sob o

(1) Na oração fúnebre proferida nos Jerónimos, em 25 de Abril de 1908, nas exéquias de D. Carlos e do príncipe herdeiro, aludiu o cónego Aires Pacheco à reacção que, a favor da interferência directa do rei nos negócios públicos, nascera do descrédito em que descaira a política no tempo de D. Luís e cuja herança D. Carlos não pudera modificar nos primeiros anos do seu reinado. E disse: « Penas brilhantes, de inegável valor e autoridade, advogam calorosamente essa interferência, traçando o doloroso quadro da política portuguesa. O rei hesitou longo tempo, ... Mas, um dia, ... ». Uma dessas penas brilhantes foi, além da de Oliveira Martins, a do jóvem Moniz Barreto que numa *Carta a el-rei de Portugal sôbre a situação do país e seus remédios* (Lisboa, Tipografia do jornal *O Dia*, 1893) instigava abertamente D. Carlos a instaurar um regimen de autoridade no qual o monarca, firmado na fôrça armada, se não limitasse « ao papel de referendário das oscilações caprichosas das oligarquias que se dão como representando a nação », papel que dizia ser a « negação da dignidade real e mesmo um contrasenso ».

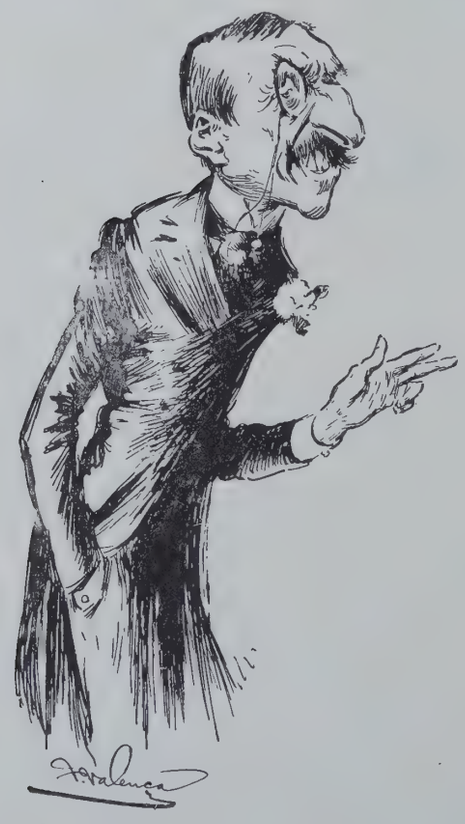
ponto de vista interno, quer externo, enfermou, como se vê, de um irrealismo indesmentível. Se dêle alguma coisa ficou, foram ruínas, destroços, desilusões. O nosso homem político melhor preparado, no dizer ingénuo de Antero, era, a-final, um visionário que daltònicamente subordinava a inexorável objectividade das coisas ao seu transbordante subjectivismo. Do esquecimento em que irremissivelmente se precipitaria a sua figura, se a política o houvesse integralmente absorvido, o salvaram as obras magníficas que escreveu, algumas das quais à margem da actividade política, como no-lo indica a cronologia do seu aparecimento (1).

Nelas se alicerça o renome de Oliveira Martins.

A história — que já o remoto Herodoto, aliás, dizia dever ser feita para a eternidade — é uma criação do século XIX. Por certo que as exigências da moderna historiografia, no tocante à importância das fontes, já os historiadores da época romântica as pressentiam. Mas nem Thierry, nem Guizot, nem Michelet, perfeitamente lhe adaptam o seu processo historiográfico. A imaginação e a conjectura suprem, a cada passo, as lacunas da investigação, acudindo aos vazios do exacto conhecimento com o claro-escuro, dramático ou pitoresco, das suas ressurreições ofuscantes, mas nem sempre verosímeis.

Oliveira Martins, acima de todos, teve um modêlo: Mommsen.

(1) A propósito das congeminações iberistas de Oliveira Martins vem aqui a talho de foice recordar o que escreveu Angel Ganivet no seu *Idearium español*, publicado em 1897: « La unión de muchos és más fácil que la de dos; la empresa de confederar los Estados alemanes en un solo Imperio es un juego de niños comparada com el problema de la unidad ibérica, en la qual, por ser dos los que habrían de unirse, no hay medio de cubrir las aparencias y ha de verse a las claras que el uno és más fuerte que el otro. Aunque la igualdad fuese absoluta, el más débil se creería humillado; y se faltaban motivos, buscaria pretextos para alimentar su suspicacia ». Contudo, a 25 de Janeiro de 1890, no jornal *O Tempo*, atacava Oliveira Martins a aliança inglêsa e sentenciava: «Só a aliança das duas monarquias peninsulares é estável, natural, fecunda e duradoura».



Eça de Queiroz. Caricatura de Francisco Valença, inédita. Do «In Memoriam» de Eça de Queiroz, organizado por Eloy do Amaral e Cardoso Marta.

Eça de Queiroz. Litografia colorida do Album das Glórias de Rafael Bordalo Pinheiro.

« Grande artista histórico » lhe chamou, contudo, eximindo-se à classificação de historiador, o insigne Menendez y Pelayo.

A definição é uma *trouvaille.*

O que, efectivamente, avulta na historiografia de Oliveira Martins é o dom artístico, plástico e psicológico, de retratar e descrever, sejam tipos, sejam cenas.

¿Que documentos consultou? ¿A que pesquizas procedeu?

Raro nos indica a bibliografia de que se serviu. Notas explicativas quási as não fêz. O texto é compacto, inteiriço como o de um romance. Os materiais ignoramo-los. Só uma coisa é possível: admirar o portentoso talento com que ergue figuras, as põe, vivas, a falar, como um Balzac de cuja pena escorre o fluído que vitaliza as criações humanas, ou nos descreve batalhas, sedições, incêndios e naufrágios, à semelhança de Zola dos grandes frescos em que as multidões são o protagonista e, ainda, na pincelada da paisagem, que, por vezes, tem o frescor da própria Natureza.

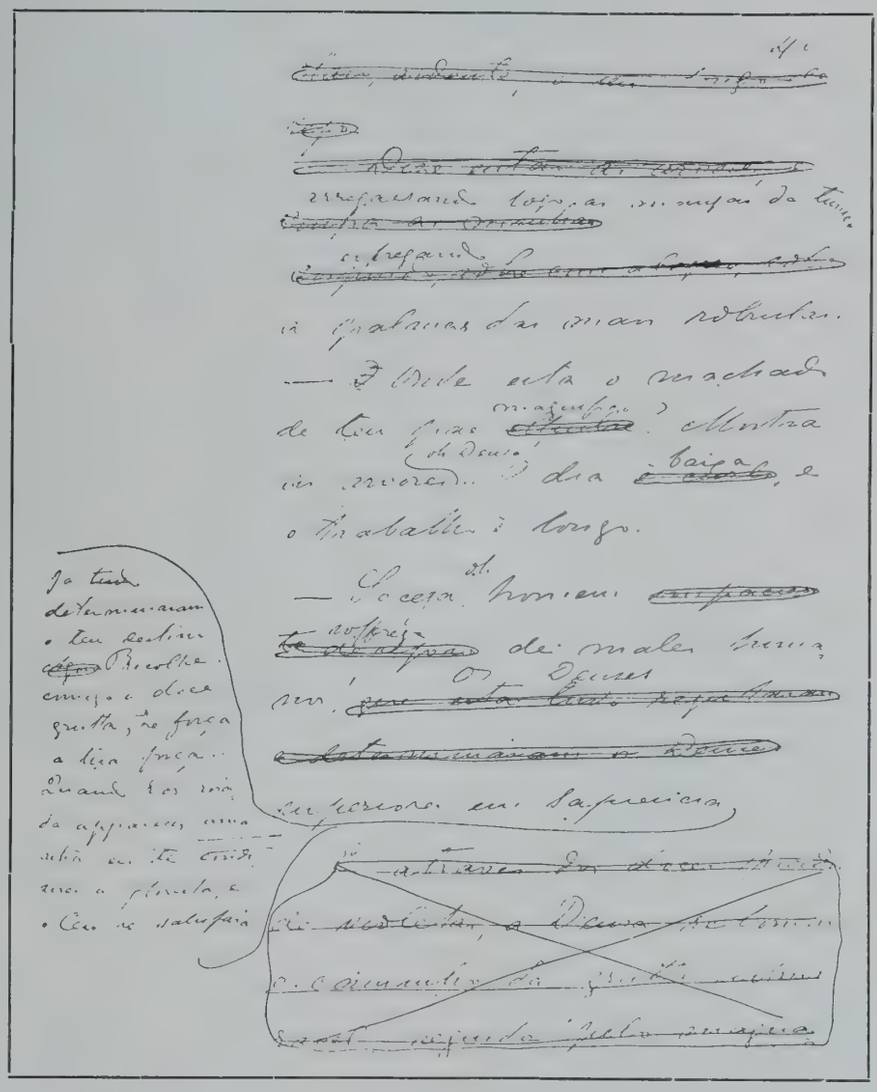
Outros patentearam, como Alberto Sampaio, Ramos Coelho, Costa Lobo e Sousa Viterbo — êste em avul-

sos e fragmentários estudos destituídos de vistas gerais — e, acima de todos, Gama Barros, uma visão incomparàvelmente mais impessoal das coisas do passado, uma serenidade científica que estava no espírito de Oliveira Martins, mas que o temperamento não lhe consentia.

Para o «genial evocador da Epopeia Portuguesa, o subtil psicólogo da nossa Raça» — como lhe chamou Eça de Queiroz — a história foi, principalmente, matéria artística, como o barro para o escultor. Se em 1874, na introdução do *Helenismo*, a designava como uma ciência, à qual eram de aplicar os métodos da zoologia e da botânica, dez anos depois, nas *Tábuas de Cronologia*, desdizendo-se, perentòriamente sentenciava:

> Ciência e história são têrmos que se excluem: a história é narrativa, a ciência é preceptiva; uma conta, a outra sistematiza.

Assim, nada tem de ousado afirmar que Oliveira Martins não ombreou com Herculano no paciente investigar dos arquivos, nem tão pouco que os seus juízos, menos do que dedução lógica de aturadas indagações, são o produto de uma intuïção relampejante. Por isso as suas páginas tão empolgantes devem ser lidas como uma interpretação subjectiva.



A prosa de Eça e a sua revisão. O autógrafo do conto *A Perfeição*, emendado pelo autor. (Da *Revista Moderna*, de Paris, 1897).

Para Moniz Barreto a qualidade mestra de Oliveira Martins é a imaginação psicológica.

Foi, sem dúvida, por possuí-la em bem alto grau que Oliveira Martins nos pôde legar uma tão intensa galeria de retratos que, umas vezes, nos parecem Holbeins, pela minuciosidade realista, o vigor e relêvo da construção, e outras, fazem lembrar Goyas. Nalguns o traço caricatural, pela violência, faz pensar em Daumier. Em despeito da sua finura crítica, cremos, no entanto, que Moniz Barreto exagerou quando, ao referir-se aos retratos de que Oliveira Martins encheu todos os cantos da sua obra, nenhuma restrição deixa transparecer quanto à sua veracidade psicológica.

Mais razoável se nos afigura o depoimento epistolar de Eça de Queiroz, que, ao aludir ao de Nuno Álvares Pereira, observa com judiciosa prudência e sagacidade:

Enquanto ao Condestável, que era o teu objecto, haveria a discutir se não lhe meteste na alma muita coisa que é só do nosso século, quási só dêstes últimos cinqüenta ou sessenta anos.

Criticando àsperamente Aulard, a-propósito de Taine, disse algures Pierre Lasserre que «vinte e cinco anos de arquivos não fazem necessàriamente vinte e quatro horas de reflexão». Parafraseando o crítico francês, diremos que os extraordinários dons de evocador que Oliveira Martins possuía e tão vivamente derramou nas páginas fúnebres, elogiosas ou pitorescas da sua obra não o absolvem do taciturno *parti-pris* com que êle escreveu a nossa história, que, por isso mesmo, foi nefasta nos seus efeitos morais e políticos, sem haver sido verdadeira. Tendo levantado quási até à divinização três ou quatro figuras, tudo o mais êle afogou nas sombras dos seus anátemas ou apedrejou com a violência dos seus apupos. No *Portugal Contemporâneo* quási se pode dizer que não fêz senão caricatura. Quis ser um reconstrutor e foi, a-final, o mais aliciante dos demolidores. A história, tal qual a fêz, ou é um *de profundis* ou uma diatribe, um hino plangente, um vendaval de impropérios ou uma surriada de *gavroche*. Tudo a sua visão exorbita. Vê sempre trágico — ou desprezível. Não há meio têrmo. Por isso mesmo o mais possante dos nossos poetas satíricos se refastelou tão gostosamente na história de Oliveira Martins. A *Pátria*, de

Guerra Junqueiro, é a *História de Portugal* de Oliveira Martins posta em verso.

Como prosador, embora nunca chegasse a ser um perfeito estilista, deixou Oliveira Martins marcadas nas suas principais obras qualidades literárias do mais alto relêvo. Não foi, como Camilo e como Fialho, um dêsses escritores cuja personalidade quási se pode dizer que não tem evolução, de tal modo nos surgem, logo nos primeiros trabalhos, na plena posse dos seus recursos. Nos seus escritos de noviço, Oliveira Martins luta àsperamente com a forma: a frase sai-lhe torcida, obscurecendo o pensamento. À custa de um esfôrço aturado Oliveira Martins foi, porém, aclarando a sua prosa, que em muitas páginas chega a atingir uma grande beleza. Se o seu estilo jamais se amoldou à correcção académica de um Latino Coelho — de cujas pompas vernáculas, em cartas particulares, troçou, talvez sem razão, compartilhando da opinião desfavorável que Antero, êsse pùblicamente, emitira acêrca do estilo do tradutor de Demóstenes — a verdade é que, nas suas obras capitais, Oliveira Martins se impõe como prosador pujante, sobretudo no retrato pessoal e no descritivo de paisagens e de multidões. O equilíbrio nem sempre se mantém. Aqui e acolá, um plebeismo *apimenta* — no seu próprio dizer — o desenho de uma figura ou a pintura de um quadro. Mas uma distância enorme medeia entre o expositor indigesto da *Teoria do Socialismo* e o evocador magnífico da *História da Republica Romana*, do cinzelador da *Vida de Nun'Alvares* ou do impressionista das *Cartas Peninsulares*. Para esta metamorfose concorreu Antero que, com impressionante sinceridade, constantemente lhe censurava as negligências e os deslises de mau-gôsto, instigando-o — sobretudo na sua correspondência particular — a perseverar no apuro do estilo. Uma dessas cartas abre até com duas páginas de severa repreensão, que, por isso mesmo, o sobrinho do historiador, sr. Francisco de Assis Oliveira Martins, obedecendo a discutível melindre, não quis dar a público, substituindo-as por uma linha de reticências. De um grande artista são muitas das páginas que escreveu. Pelo colorido, pelo vigor da construção, pela vida que as faz arquejar, elas entraram definitivamente na história da prosa e da língua portuguesa. O seu valor é precioso.

Eça num grupo de cinco amigos. Da esquerda para a direita: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro.

Os dois amigos: Ramalho e Eça em 1875. (Da *Revista Moderna*, de Paris, 1897)

XXIX — RAMALHO ORTIGÃO

BIBLIOGRAFIA: — *Literatura de hoje.* Porto; 1866 — *Em Paris.* Porto; 1868 — *Historias côr de rosa.* Lisboa; 1870 — *Biografia de Emilia Adelaide Pimentel, actriz do Theatro de D. Maria II;* 1871 — *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes.* Porto; 1875 — *As Praias de Portugal.* Porto; 1876 — *Theophilo Braga. Esboço biographico.* Lisboa; 1879 — *Notas de Viagem.* Rio de Janeiro; 1871 — *Pela terra alheia. Notas de Viagem;* 1878-1910 — *A lei da instrucção secundaria na camara dos deputados em Portugal.* Rio de Janeiro; 1883 — *A Hollanda.* Porto; 1885 — *John Bull.* Depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza. Porto; 1887 — *A fabrica das Caldas da Rainha.* Artigo-extrato da correspondencia do auctor para a Gazeta de Noticias. Porto; 1891 — *Catalogo da sala de S. M. El-Rei.*

Lisboa; 1895 — *O Culto da Arte em Portugal.* Lisboa; 1896 — *Rei D. Carlos, o martyrisado. S. M. El Rei D. Carlos I e a sua obra artistica e scientifica.* Lisboa; 1908 — *Ultimas Farpas;* s/d. — *Quatro grandes figuras literarias: Camões, Garrett, Camillo e Eça.* Lisboa; 1924.

De colaboração com Eça de Queiroz escreveu o romance *O mysterio da Estrada de Cintra.* Lisboa; 1871, e *As Farpas,* crónica mensal que saiu nos anos de 1875 a 1882. A colaboração de Eça foi publicada depois separadamente com o titulo *Uma campanha alegre.*

Sôbre Ramalho Ortigão veja: *Colecção Patricia.* Albino Forjaz de Sampaio — *Ramalho Ortigão.* Lisboa; 1926. Ricardo Jorge — *Ramalho Ortigão.* Lisboa; 1915. Hemetério Arantes — *Ramalho Ortigão.* Lisboa; 1915. Eduardo Burnay — *Ramalho Ortigão (Carta a Luiz de Magalhães).* Lisboa; 1916.

a) O homem

Ramalho Ortigão (José Duarte Ramalho Ortigão) nasceu no Pôrto, em 24 de Novembro de 1836, e morreu em Lisboa a 27 de Setembro de 1915. Era filho de Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, professor e director de uma excelente escola portuense de então: o Colégio da Lapa.

Elementos notáveis para a biografia do escritor contém um documento, quási ignorado, escrito no álbum de seu filho — a Autobiografia que se publicou no *Primeiro de Janeiro* do Pôrto em 1 de Outubro de 1915, e que é a seguinte:

«Fui criado até os 7 anos de idade como um pequeno saloio, na casa de lavoura de minha avó materna.

«Minha avó era viuva e vivia do amanho das suas terras com as minhas duas tias solteiras. Os homens da casa eram meu padrinho, Frei José do Sacramento, irmão de minha avó, e Manuel Caetano, que desde os 18 anos de idade acumulara o serviço militar com o da casa da minha família. Tinha na fardeta, quando eu era pequeno, cinco divisas correspondentes a 50 anos de serviço. Fizera a campanha da Península e batera-se contra os franceses, tomando parte na famosa batalha do Bussaco, que êle próprio me descreveu no logar da acção quando me acompanhou a Coimbra, onde fui fazer os exames de preparatórios e matricular-me em direito aos 14 anos de idade. Manuel Caetano dormia por cima do palheiro num pequeno quarto de dois metros quadrados a que se subia por uma escada de mão. Defronte de uma estreita cama, suspensa em beliche, tinha pendurada a mochila, em que guardava os seus papéis, os seus utensílios de limpeza, uma escova, um pente, todo o seu mundo. À cabeceira tinha a espingarda e o boldrié.

«Meu padrinho conservava nos seus hábitos o horário do Convento. Levantava-se à meia noite. Barbeava-se às escuras, dava uma volta à casa e tornava a deitar-se para se erguer definitivamente ao romper do dia. O seu quarto tinha o extremo asseio e a ordem meticulosa de uma cela. Durante todo o inverno o perfumava invariàvelmente um grande ramo de violetas. Fôra um prègador distinto e tinha sido capelão de D. Pedro IV. Possuia uma sofrível livraria, acomodada com a sua linda mobília Luiz XV e com tudo quanto lhe pertencia no seu único quarto. As suas gavetas eram uma maravilha de arranjo. Abancava quotidianamente durante oito ou dez horas no vão de uma janela, em cujo peitoril havia uma meridiana, e escrevinhava sempre. Andando dificilmente em resultado da mordedura de um cão de caça que recebera numa perna aos 18 anos, entretinha-se trabalhando de carpinteiro e consertando os instrumentos da lavoura, sentado numa cadeira. Fazia um fueiro à enchó, tendo-o suspenso na mão e aparando-o como se apara um lápis.

Eça de Queiroz. Quadro a pastel de Columbano; reprodução de uma gravura de D. Netto. *(Revista Ilustrada,* 1890).

«Quanto mais envelheço mais me capacito da profunda influência que tiveram na formação do meu carácter e em todo o meu destino êsses dois velhos que foram os mais íntimos companheiros da minha infância e que eu enternecidamente amei. Fiquei para todo sempre — intimamente o reconheço — um tanto frade, um tanto soldado. Ficaram-me de pequeno indestructíveis gostos de ordem, de disciplina, de solidão.

«As conversações da casa versavam freqüentemente sôbre episódios do cêrco do Pôrto, em que meu pai se batera como primeiro tenente do regimento de artilharia 3, e sôbre casos da revolução de 20, da guerra em Espanha e da invasão francesa, factos em que mais ou menos se haviam envolvido tôdas as pessoas da minha família.

«Fazia-me então pena que tivessem acabado as guerras e os conventos, porque o destino ideal da minha infância era fazer uma campanha... Não me atrevia a imaginar-me a cavalo, vestindo o lindo uniforme de meu pai, de penacho branco e dragonas de cachos de ouro. Contentava-me com a mochila e a escopeta de Manuel Caetano e deliciavam-me o coração e o espírito a perspectiva das batalhas e a vida de acampamento, debaixo da barraca, fazendo o rancho à fogueira, ou de sentinela avançada, de noite pela neve no cimo de um monte... E depois da guerra parecia-me delicioso descansar num mosteiro, indo resar matinas no côro, de sandálias e burel, pelos longos corredores de abóbada.

«Tive na puberdade uma febre escarlatina e foi na convalescença dessa enfermidade que minha mãe me deu a lêr um livro de Garrett — *As viagens na minha terra*. Ficou-me de cór, penetrou-me inteiramente, entrou-me, para assim dizer, na composição do cérebro e na massa do sangue êsse livro de um encanto tão sugestivo e tão avassalante. Então se fêz em mim o clarão mais estranho. Então compreendi, e vi, que fora das courelas da minha família — pelo lado físico, fora dos hábitos dos meus amigos — pelo lado moral, havia um mundo novo: um poder mágico — o da evocação artística; e do decorrer dessa paisagem do Ribatejo, tão penetrantemente portuguesa, tão aviventada de idéias e de sentimentos, na Alhandra, em Vila Franca de Xira, no Cartaxo, no Vale de Santarém, ondulada de cearas, verdejante de vinhas, gorgeada de rouxinóis, no murmúrio das azinheiras e dos olivais, uma noção nova me veio, — a noção da Pátria. Desde êsse dia — agora o compreendo bem — o meu destino estava fixado. Bom ou mau, eu tinha de ser fatalmente um escritor.

Eça de Queiroz em trajo de mandarim.

«Tenho hoje 54 anos, dos quais 35 consagrados à profissão das letras. Do exercício da minha arte tirei grandes alegrias de aplicação e de trabalho. Nos primeiros anos um feminismo, que estava talvez em germen no meu temperamento, mas que a leitura de Garrett na psicose da minha puberdade contribuiu muito para desenvolver num sentido romanesco, levava-me a apetecer um certo género de celebridade: que as mulheres me lessem, me olhassem com simpatia. Esta ambição tive, mas nunca tive outra, sendo completa e absolutamente indiferente ao aplauso das academias, aos prémios oficiais, a tôda a espécie de honras e de dignidades públicas. Mais tarde esvaiu-se êsse mesmo desejo de ser lido com simpatia por mulheres lindas, e o meu único prazer de escrever está na minha própria escrita, quando raramente numa ou noutra linha consigo fixar a imagem dum sentimento verdadeiro, transmitir uma emoção sincera.

«Massar o menos possível que seja o meu similhante, procurando tornar para os que me cercam a existência mais doce, o mundo mais alegre, a sociedade mais justa, tem sido a regra de tôda a minha vida particular. O acaso fêz de mim um crítico. Foi um desvio de inclinação a que me conservei fiel. O meu fundo é de poeta lírico.

«Cumpri o melhor que pude o meu destino, criando o filho e escrevendo o livro. Faltou-me plantar a árvore, e é já agora tarde para o fazer com alguma possibilidade de lhe aproveitar a sombra.

«Mas à minha profissão, exercida com modestia, mas com honradez, devo amizades e ligações de simpatia, que fazem a minha única glória, e me permitirão talvez não morrer ao sol e às moscas».

Eça de Queiroz. Estatueta de Silva Gouveia.

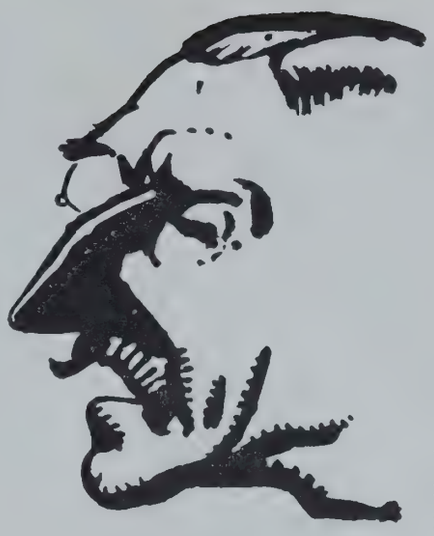
b) O Escritor

Ramalho Ortigão, amigo fraternal de Eça de Queiroz, pertenceu ao grupo chamado dos *Vencidos da Vida*, onde aparecem também os nomes de Oliveira Martins, de Antero, Guerra Junqueiro, Condes de Sabugosa e de Arnoso, Marquês de Soveral e outros. Ramalho Ortigão era de todos êstes homens, mais ou menos ilustres, aquêle a quem nem de longe se podia aplicar o epíteto de *vencido*. Para êle — como de Teófilo Gautier se disse — *o mundo exterior existiu*, e os seus sentidos absorveram-lhe todo o encanto das formas e das côres, tôda a beleza do ar livre, do sol e do mar. Mas amava também o homem — no seu esfôrço criador de civilização ou confôrto, de indústria ou de arte, na nobreza dos seus sentimentos, na ansiedade produtiva da sua inteligência. Era, portanto, um temperamento saudável, optimista — que se indignava perante a melancolia nacional, as pieguices da nossa educação familiar, as hipocrisias do meio, as covardias da política, as mentiras convencionais, em suma. Contra o que julgou injusto, indigno, anti-patriótico e anti-estético, bateu-se sempre com denodo, desde o princípio da sua carreira literária, iniciada na imprensa do Pôrto. A sua acção foi notável, neste sentido, derruindo preconceitos e ídolos, e impondo, pelo vigor e bom senso da sua crítica, reformas profundas na sociedade do seu tempo. Mesmo quando usava ironia como arma de combate — não fazia apenas sorrir: — fazia ainda reagir e pensar, pelos golpes certeiros que dava e pelo íntimo substracto de fé patriótica, disfarçado nas suas objurgatórias e nas suas veementes refutações.

As Farpas — começadas a publicar em 1871 — foram a revelação da índole educativa dêste magnífico prosador, que no ano antecedente inquietara Lisboa inteira com um romance policial, *O mistério da estrada de Sintra*, escrito em colaboração com Eça de Queiroz, e que saíu em folhetins no «Diário de Notícias». Conta-se que a polícia chegou a acreditar nessa história complicada, e não é indiferente notar êsse facto, pois êle prova, exuberantemente, as qualidades de análise psicológica e social que possuiam os seus autores. Ramalho Ortigão manteria e desenvolveria essas qualidades nas páginas das *Farpas*. Aí, com efeito, é de alto significado e interêsse a parte doutrinária, que denuncia uma soma conside-

rável de conhecimentos e uma compreensão exacta de tôdas as directivas do momento, nos países mais adiantados.

Não é, porém, menos notável a maneira como Ramalho disseca, a plena luz, os vícios e fraquezas dos portugueses de então — aos quais apresenta exemplos e lições alheias, não tanto para os envergonhar, como sobretudo para os incitar a segui-los. É dos poucos moralistas da nossa história literária, sabendo corrigir com bom humor, e censurar sem acrimónia, mas apenas com severa e rígida justiça.



Máscara de Eça de Queiroz, por Leal da Câmara.

O que há, porém, mais admirável nas *Farpas*, como em *A Holanda* ou no *Culto da Arte em Portugal*, ou em qualquer dos seus outros livros — é o estilo. Estilo capaz de traduzir tôdas as formas da natureza, e duma clareza, duma precisão ofuscantes; estilo nada metafísico, evocando as idéias como se fôssem objectos, tornando-as, por assim dizer, palpáveis e visíveis; estilo, não de filósofo, nem de contemplativo, mas de homem de acção e de propaganda, e em que se manifestaram logo os quatro traços da sua obra que Moniz Barreto indica: — «*a preponderância da imaginação física, o amor da observação minuciosa, a rectidão dos instintos morais e o talento da notação exata*». É êsse estilo — luminoso, equilibrado, traduzindo a saúde, o entusiasmo, o fervor sincero do seu autor pelos espectáculos belos e pelas coisas nobres da vida — que dá a Ramalho Ortigão o seu lugar de artista excepcional da nossa prosa, que êle fêz dúctil sem contorsões e límpida sem debilidade.

Acrescente-se finalmente aos traços indicados atrás um outro deles resultante: — o inveterado, o forte optimismo do autor da *Holanda*. «*Os actos úteis a nós e aos outros*» — que eram para Ramalho o fim da vida — significam esfôrço confiado e alegre, capacidade de crer nas manifestações da nossa vontade e nas conquistas do nosso pensamento.

Dum extrêmo ao outro, na menor frase, na mais simples idéia, a sua obra é assim cristalina e cantante, melodia de alma sempre segura da perfectibilidade dos homens e do mundo. Não houve ninguém que, depois de Garrett, desempenhasse tal papel de *animador* na literatura portuguesa. O claro génio de Ramalho Ortigão iluminava tudo — assuntos, polémicas, paisagens, indignações — com um largo sorriso de entusiasmo e de bondade. Tôda a ressurreição da energia nacional — cujos sinais evidentes aparecerão na gente moça de 1900 — teve nêle um precursor glorioso, um arauto convicto, não só nos intuitos, nos ideais e na persistência da esperança, mas também no maravilhoso instrumento de expressão afirmativa que foi a sua prosa.

Eça de Queiroz. Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro.

XXX — OUTROS CRÍTICOS

Além de Fialho de Almeida e de Ramalho Ortigão, outros escritores se notabilizaram na actividade crítica. O século XIX foi bastante rico neste género literário, particularmente desde os últimos anos do terceiro quartel. Sem terem atingido o nível a que se ergueram Fialho e Ramalho, outros críticos merecem, em grau maior ou menor, ser citados.

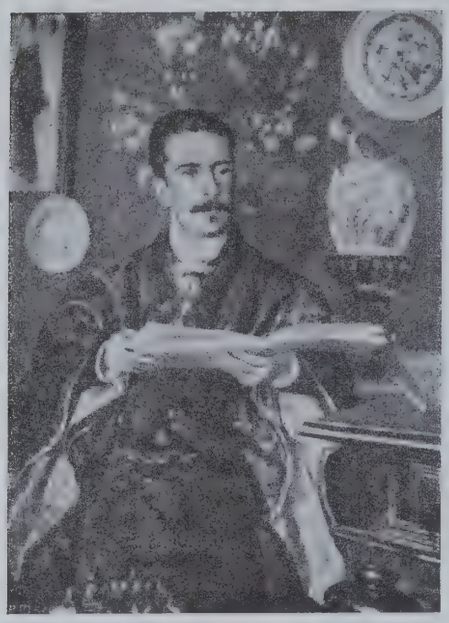
a) Guilherme Moniz Barreto

A perspectiva e o «clima» da nossa literatura no último quartel do século XIX, na natural derivância das letras gaulesas, deram-nos duas excepções. Uma, a de Antero, pelo seu complexo mental anglo-saxão que o salvou, individualizando-lhe o temperamento e revelando um dos nossos mais idóneos valores mentais, sobretudo, e acima de tudo, pela sua «Correspondência» póstuma, síntese rara e única dum pensamento, duma cultura e duma individualidade marcantes.

A segunda excepção deu-a Guilherme de Moniz Barreto [1], não porque a sua obra e o seu «substractum» intelectual não fôssem por acaso *resultado* imediato duma cultura racionalmente e profundamente francesa. Mas sim, porque, adentro da sua mentalidade, da sua compleição, onde existiam tôdas as fontes do pensamento coevo europeu, ao lado duma assimilação que vinha do pensamento anglo-saxão ao latino, nasceu a mais curiosa, a mais pessoal, e a mais inconfundível *construção* crítica do século XIX, nas suas derradeiras décadas. Além da sua cultura estrutural (poderíamos chamar-lhe absorpção imediata de leitura), com a base clássica dos seus estudos regrados no Curso Superior de Letras e duma assimilação exgotante e de raízes mais profundas, Moniz Barreto vem para a crítica expontâneamente, num século em que Sainte-Beuve e Taine, sobretudo, exerciam um apostolado perigoso para as literaturas de segunda ordem.

---

(1) Nascido em Goa em 1863, m. em Paris em 1896



ABEL BOTELHO. Pintura de A. Ramalho. (Fot. de Barcia publicada nos *Serões*, 1907).

O seu apetrechamento, a sua «bagagem», a sua capacidade, a sua altitude, a sua retina crítica, o sentido preciso e imediato duma escala de valores, adentro do seu enquadramento de *revisão* ou de ambiente, deram-lhe uma plena, uma marcada individualidade.

Foi, pois, no «clima» literário dos últimos lustros do século XIX que a acção de Moniz Barreto teve lugar e se desenvolveu suficientemente para criar uma obra e dar-nos o itinerário e o somatório das nossas idéias mentais nessa época. Mais tarde, só Sampaio Bruno, possuindo uma auto-didática capacidade mental, pôde rivalizar com o seu nome e com a sua altitude criticista. Mas Moniz Barreto tem sôbre Bruno o ascendente duma *realização verbal*, dum estilo e duma forma deductiva — adentro ainda duma linguagem metòdicíssima e perfeitíssima — que o seu posterior émulo não possuia, sendo por vezes muito prolixo.

Deixou-nos Moniz Barreto um espólio pequeno, mas riquíssimo. Constituem-no: um estudo no primeiro número da «Revista de Portugal» de Eça de Queiroz — o seu melhor trabalho, verdadeiro incentivo de idéias — vária colaboração nessa revista e em jornais da época, e o seu estudo em volume, *Oliveira Martins*, ensaio de psicologia.

Entre os seus escritos dispersos, citaremos «Filosofia portuguesa», «A Crítica», «O especialismo», «Decadência literária», «Natureza e função da Arte» e «Taine».

Nesse seu metodismo psicológico à Bourget, na sua gloriosa assimilação de Taine, Moniz Barreto não se *despersonalizou*. Teófilo vindo muito atrás de Augusto Comte, no campo da sociologia, caiu num flagrante êrro de personalização crítica, revelando e traduzindo mais as idéias de A. Comte do que as suas próprias. Só «As Modernas idéias na Literatura Portuguesa», nos verdadeiros limites da cousa literária, o salvaram dessa precipitada «jettatura» adaptadora. Pequeno, pois, como o é, o espólio de Moniz Barreto, que deveria ser imediatamente publicado em volume (possam estas minhas palavras ter, ao menos, êsse mérito apelativo), êle vem dar-nos margem a fixar a sua lição crítica e a revelar a magnitude, embora isolada, do seu independente exemplo.

Pertencendo a uma geração iconoclasta, de importação mental flagrante, ilesa dum quási inexistente fisco crítico (perdôe-se-me o justo neologismo), M. Barreto foi a sentinela vigilante, o observador prudente e sagaz, o nobre e imparcial contemplador dessa païsagem literária que o rodeava. Êsse ensaio a que o espírito tão anatoliano e «raisonneur» de E. de Queiroz deu a primazia no primeiro número da «Revista de Portugal», é um documento raro de ordenação de idéias e de pensamento, de sistematização dedutiva, de equilíbrio crítico.

A ordenação e o esquema das suas idéias são precisos e nítidos.

O período é aberto e fechado encerrando sempre um pensamento, uma dedução, uma idéia que se encadeia, que se une lògicamente à que o precede e à que o procede.

Espírito claríssimo, traduzindo no seu raciocínio um dos mais claros e nítidos espelhos da cultura da época, só em Antero, no conjunto aproveitável de Teófilo, nos livros, plenos de idéias, de Bruno, e nalguns espíritos actuais de contra-revolução (mas descontadas a cronologia e o diferencial de altitude individual), Moniz Barreto tem émulos e figuras de estirpe dignas de si próprio.

Adentro, no entanto, do seu pensamento criador, dos seus ensaios sôbre Bourget, sôbre Oliveira Martins, sôbre a evolução das idéias da filosofia francesa, sente-se, por vezes, a esmagadora influência mental de Taine.

Mas como poderia êle resistir a uma influência seme-

ABEL BOTELHO no seu gabinete de trabalho, em Lisboa, na Rua do Salitre. (Fot. de J. Barcia, publicada nos *Serões*, 1907).

Um grande amigo de Camilo:

JOSÉ BARBOSA E SILVA

Encarregado de Negócios Extraordinário
do govêrno português, junto do govêrno otomano,
e Deputado.

(Grav. cedida pelo Dr. Luís Xavier da Costa)

lhante, no seu «clima» contemporâneo, se hoje alguns espíritos ousados, das novas gerações, se amamentam nos seus *devaneios críticos*, com a tangente matéria prima das revistas e hebdomadários franceses e das próprias e lidíssimas *Nouvelles Littéraires?*

A prudência, a dignidade literária e o senso crítico de Moniz Barreto salvaram-no, *inividualizando-o.*

Individualizando-o, fizeram-no traduzir essa personalização numa obra pequena e valiosa, espólio raro e único que completa o panorama da literatura realista portuguesa e constitue, em parte, o seu programa, a sua exegese e a sua (digamos assim) ética literária.

O exemplo de M. Barreto, da sua clareza, do seu raciocínio gaulês, da sua compenetração crítica, do seu «observadorismo», ficou em parte. Têm surgido gerações que muito lhe devem. O seu exemplo é, pois, uma herança mental, um espólio de idéias que não teve, e possívelmente não terá tão cedo, um continuador igual.

Possa a sua lição — a experiência dos seus ensaios — se a sua pequena e preciosa obra surgir um dia em volume, dar-nos ainda mais a prova provada do seu valor e aquilatar-nos amplamente acêrca da sua tão inconfundível «vis crítica». Ter-se-à, assim, revelado uma das mais, se não a mais *pessoal* organização criticista da geração dos «Vencidos da Vida» e um dos mais expressivos atestados metodistas, cuja «critical complexion» iguala a harmonia e a exigência da sua obra; e, como escreveu, há pouco, Henri Bergson

Retratro do romancista Teixeira de Queiroz, editado em Lisboa por António Maria Pereira, e fac-simile da sua assinatura.

Jaime de Magalhães Lima no seu gabinete de trabalho, em Aveiro.
(Fotografia reproduzida da *Ilustração Moderna* de Marques Abreu, Pôrto, 1926).

num superioríssimo trabalho sôbre Descartes, pode também dizer-se de Moniz Barreto que possuia simultâneamente da sua obra; e, como escreveu, há pouco, Henri Bergson «une infléxible volonté d'indépendence, une confiance illimitée dans le pouvoir de l'intelligence».

b) Sampaio (Bruno)

José Pereira de Sampaio, que literariamente usou o pseudónimo de Bruno, pelo qual é mais geralmente conhecido, e a tal ponto que, por vezes, chega êsse pseudónimo a ser usado como seu segundo apelido, nasceu no Pôrto em 1857 e morreu em 1915. Republicano, tomou parte no movimento revolucionário de 31 de Janeiro de 1891, e em virtude disso teve de exilar-se. Foi então para Paris, onde residiu algum tempo. Regressando a Portugal, veio a ser nomeado, mais tarde, mas ainda na vigência do regime monárquico, director da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto, cargo que exerceu durante bastantes anos, até a sua morte.

Bruno escreveu muito, e bem. Bem, não no sentido puramente literário porque a sua forma de escrever, tortuosa e difícil, torna os seus livros de leitura pouco sedutora; — bem, sim, quanto ao conteúdo das obras, onde o mais fino espírito crítico se alia a uma cuidada indagação e a um saber profundo. Como escreveu Mendes dos Remédios, Bruno «pertence à categoria dos escritores que obrigam a pensar para serem compreendidos».

Na vasta obra de Bruno, diversos são os temas tratados: história, filosofia, religião, política. Além de assídua

colaboração em jornais (aos 15 anos já era processado por um artigo publicado no *Vampiro)*, traduziu a *História de Portugal* de Schaeffer (5 volumes, 1893-1899) e escreveu as seguintes obras: *Análise da crença cristã* (1874), *Geração Nova* (1886), *Manifesto dos emigrados* (1891), *Notas do exílio* (1893), *O Brasil mental* (1898), *A ideia de Deus* (1902), *O Encoberto* (1904), *Os modernos publicistas portugueses* (1906), *Portugal e a guerra das nações* (1906), *A questão religiosa* (1907), *Portuenses ilustres* (1907), *A ditadura* (1909), *O Porto culto* (1912).

Retrato de Arnaldo Gama, editado em Lisboa por António Maria Pereira, e fac-símile da sua assinatura.

c) Silva Pinto

António José da Silva Pinto nasceu em Lisboa a 14 de Abril de 1848, e também na capital faleceu, a 4 de Novembro de 1911.

Filho de um comerciante abastado, trabalhou durante algum tempo na vida comercial; mas não tardou que, abandonando êsse modo de vida, que seguira apenas em obediência a ordens paternas, se consagrasse inteiramente à actividade literária, para a qual tinha inegável vocação.

Trilho de miséria foi êsse que encetou, apenas interrompido por escassos tempos de razoável mediania, e mesmo por um fugaz período de abastança. Lutando com as privações, inerentes ao exclusivismo das letras a que se votara, partiu para Madrid, regressando logo a Lisboa. Por algum tempo, foi jornalista no Pôrto. Em busca de melhores frutos do trabalho jornalístico seguiu para o Brasil. Inútilmente, porém; a infelicidade e as privações perseguiam-no por tôda a parte. Entretanto, morrera-lhe o pai, de quem herdava uma avultada fortuna: oitenta contos (1). Parece incrível, mas é certo, que, em maus negócios, ràpidamente desbaratasse uma tam grande riqueza, logo mergulhando de novo em completa pobreza. O cargo de sub-director, e depois director, da Casa de Correcção de Lisboa, grangeou-lhe, por uns anos, uma apoucada mediania.

Nas vésperas do falecimento de Silva Pinto, alguns jornais abriram uma subscrição em favor do escritor. A morte, impedindo-o de beneficiar dela, livrou-o simultâneamente de mais uma humilhação.

Uma tal vida, feita de altos e baixos, de horas de lauta abastança que entrecortaram largos períodos de angustiosa necessidade, não impediu Silva Pinto de ter sido um escritor fecundo e brilhante; a revolta, nascida da fome, real e verdadeiramente sentida, exacerbou a sua inata propensão crítica, o seu gôsto de polémica. Nesta, tornou-se célebre o seu duelo literário com Camilo, que, reconhecendo o mérito do adversário, se tornou seu amigo e lhe prodigalizou os maiores elogios. Para o fim da vida, o seu feitio verrinento atenuou-se, e a sua produção crítica tomou uma forma menos agressiva, de uma forçada e só aparente bonomia — aquilo que êle chamou *filosofia de João Braz* (1).

Rebêlo da Silva. Um dos melhores retratos do historiador. *(Serões,* volume IV, 1907).

Da larga operosidade de Silva Pinto dão testemunho, além de numerosos artigos publicados na imprensa periódica, as seguintes obras: *Questões do dia* (1870); *Ciência e consciência* (1870); *Teófilo Braga e os críticos* (1872); *À hora da luta* (1872); *O Padre Maldito* (1873); *Horas de febre* (1873); *O espectro de Juvenal* (1873); *Balzac em Portugal* (1874); *Contos fantásticos* (1875); *Os homens de Roma*, drama (1875); *Do realismo na arte* (1876); *Controvérsias e estudos literários* (1878); *Realismos* (1880); *Combates e críticas* (1882); *Novos combates e críticas* (1884); *Camilo Castelo Branco* (1889); *Filosofia de João Braz* (1895); *Santos Portugueses* (1895); *Teorias de João Braz* (1896); *Neste vale de lágrimas* (1896); *A queimar cartuchos* (1896); *De palanque*

(1) Correspondente a uns 3.500 contos de hoje.

(1) João Braz foi o pseudónimo que durante anos usou nos artigos que escrevia para o jornal humorístico lisbonense « O Pimpão ».

(1897); *Riso amarelo* (1897); *Noites de vigília*, 4 volumes (1897); *Critério de João Braz* (1898); *Pela vida fora* (1900); *Alta noite* (1900); *O mundo furta-côres* (1900); *Moral de João Braz* 1901); *S. Frei Gil* (1902); *Alma humana* (1904); *A velha história* (1906); *Na travessia* (1907); *Frente a frente!* (1909); *Rompendo o fogo* (1910); *Saldos* (publicação póstuma: 1912).

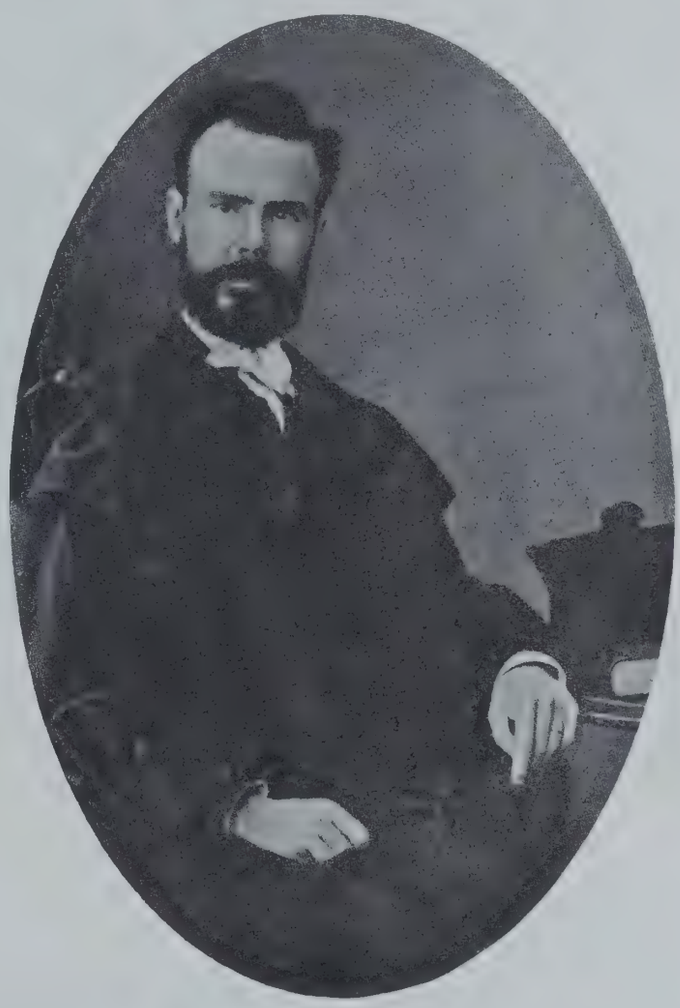
d) Barros Lobo

Eduardo de Barros Lobo, que usou o pseudónimo literário de Beldemónio, pelo qual é também muito conhecido, nasceu em Gouveia em 1857 e morreu em Lisboa em 1893. Tentou-o desde cêdo o jornalismo, tendo colaborado em vários jornais; com maior assiduïdade, no *Diário ilustrado*. No campo das publicações periódicas, deve-se-lhe também a fundação de várias revistas e jornais de feição humorística e crítica *(As vespas, O arauto, O mandarim, A cega-rega);* tudo, porém, de vida efémera. Traduziu obras de Balzac e Zola. Escreveu livros de crónicas políticas *(Viagens no Chiado, Do Chiado a S. Bento, A volta do Chiado)* e de contos *(A musa loira* e *Contos Imorais).*

Barros Lobo foi jornalista distinto, crítico impiedoso e prosador dos melhores que, entre nós, na sua época, apareceram. Escritor verrineiro, exigente e mal-humorado, teve poucas amizades literárias, e morreu malquistado com todo o mundo das letras. Manteve apenas uma profunda afeição a Trindade Coelho. Viveu miseràvelmente, lutando com dificuldades constantes, compondo e imprimindo algumas das suas edições.

Os melhores trabalhos de Barros Lobo são *A musa loira* e os *Contos imorais,* que tiveram ha anos uma 2.ª edição, prefaciada por A. Forjaz de Sampaio, merecida homenagem ao seu primoroso talento. Barros Lobo é uma figura literária digna de estudo.

Júlio Diniz aos 26 anos (1865).
De *Serões* (1906).



Julio Diniz aos 28 anos (1867).
Da colecção de retratos da Faculdade de Medicina do Pôrto.

e) P.e Sena Freitas

O P.e José Joaquim de Sena Freitas nasceu em Ponta Delgada em 1840 e morreu em 1913. Formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, e seguiu ainda outros estudos teológicos no Seminário de S. Lázaro, de Paris, partindo depois para o Brasil como missionário. De volta a Portugal dedicou-se ao magistério de filosofia e línguas.

Prègador distinto e escritor brilhante e operoso, o P.e Sena Freitas, além de avultada colaboração em jornais e revistas, de que quási no fim da vida, em 1909,

veio a coligir grande parte no volume intitulado *Ao veio do tempo*, deixou uma abundante bibliografia: *O milagre e a crítica moderna*, *Tenda de mestre Lucas*, *Escritos de ontem*, *O morto imortal* (biografia de L. Veuillot), *Os Lazaristas pelo lazarista Sr. Enes*, *Crítica à crítica*, *A carta e o homem da Carta*, *Apreciações críticas e descrições de viagens* (2 volumes), *Perfil de Camilo Castelo Branco*, *Dia a dia de um espírito cristão*, *Autópsia da «Velhice do Padre Eterno»*, *No presbitério e no templo* (2 volumes), *Por água e terra* (livro de viagens).

Alguns dos livros do P.e Sena Freitas são do melhor que se tem escrito em língua portuguesa, não só pela clarividência e vigor da crítica, como também pelo primor da forma literária.

Crítico e polemista vigoroso, essas suas qualidades tornaram memoráveis os seus ataques à *Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, e ao drama *Os lazaristas* de António Enes, — páginas de crítica verdadeiramente modelares.

Pôrto — Monumento a Júlio Diniz. Foto de A. Martins. (Da *Ilustração Moderna*, Novembro de 1926).

Esboços e episódios, 1871; *Nervosos, linfáticos e sangüíneos*, 1872; *Do portal à claraboia*, 1872; *Entre o café e o cognac*, 1873; *O livro das flores*, 1874; *O livro das lágrimas*, 1874; *Fotografias de Lisboa*, 1874; *Homens e datas*, 1875; *Portugal de cabeleira*, 1875; *A última ceia do Doutor Fausto*, 1876; *O capote do Sr. Braz*, 1877; *O Pôrto por fora e por dentro*, 1878; *Viagens à roda do código administrativo*, 1879; *O que anda no ar*, 1881; *A jornada dos séculos*, 1885; *A musa das revoluções*, 1885; *Idílios dos reis*, 1886; *Através do passado*, 1888; *Crónicas de viagens*, 1888; *Vida mundana dum frade virtuoso*, 1889; *Histórias de reis e príncipes*, 1890; *Vinte anos de vida literária*, 1890; *As amantes de D. João V*, 1892; *Manhãs de Cascais*, 1893; *O Pôrto há trinta anos*, 1893; *O Pôrto na berlinda*, 1894; *Castelos de cartas*, 1898; *Sangue azul*, 1898; *História do culto de Nossa Senhora em Portugal*, 1899; *Vida de Lisboa*, 1900; *Espelho de portugueses*, 1901; *Sem passar a fronteira*, 1902; *Ninho de guincho*, 1903; *A triste canção do sul*, 1904; *As alegres canções do norte*, 1905; *Figuras humanas*, 1905; *Fitas de animatógrafo*, 1909; *A Praça nova*, 1916; *Poemas herói-cómicos portugueses*, 1922.

LIVROS SÔBRE CAMILO: *Uma visita ao primeiro romancista português em S. Miguel de Seide*, 1885; *O romance do romancista*, 1890; *Os amores de Camilo*, 1899; *Os netos de Camilo*, 1901; *Memórias do tempo de Camilo*, 1913; *Notas sôbre o «Amor de Perdição»*, 1915; *A primeira mulher de Camilo*, 1916; *Uma carta de Camilo*, 1917; *O torturado de Seide*, 1921.

XXXI — POLÍGRAFOS

a) Alberto Pimentel

BIBLIOGRAFIA: — POESIA: *Vestidos curtos*, 1867; *O nariz*, 1867; *Joaninha*, 1868; *Rosas Brancas*, 1868.

ROMANCES: *Idílios à beira de água*, 1870; *O testamento de sangue*, 1872; *Aventuras dum pretendente pretendido*, 1882; *Flor de Miosótis*, 1886; *O segrêdo duma alma*, 1893; *As netas do Padre Eterno*, 1895; *A princesa de Boivão*, 1897; *O arco de Vandoma*, 1916; *O melhor casamento*, 1921.

ROMANCES HISTÓRICOS: *O anel misterioso*, 1873; *À porta do Paraíso*, 1873; *Um conflito na côrte*, 1875; *O romance da rainha Mercedes*, 1879; *Rainha sem reino*, 1887; *O descobrimento do Brasil*, 1895; *A guerrilha de frei Simão*, 1895; *O Lôbo da Madragoa*, 1904; *Telas antigas*, 1906; *Terra prometida*, 1918.

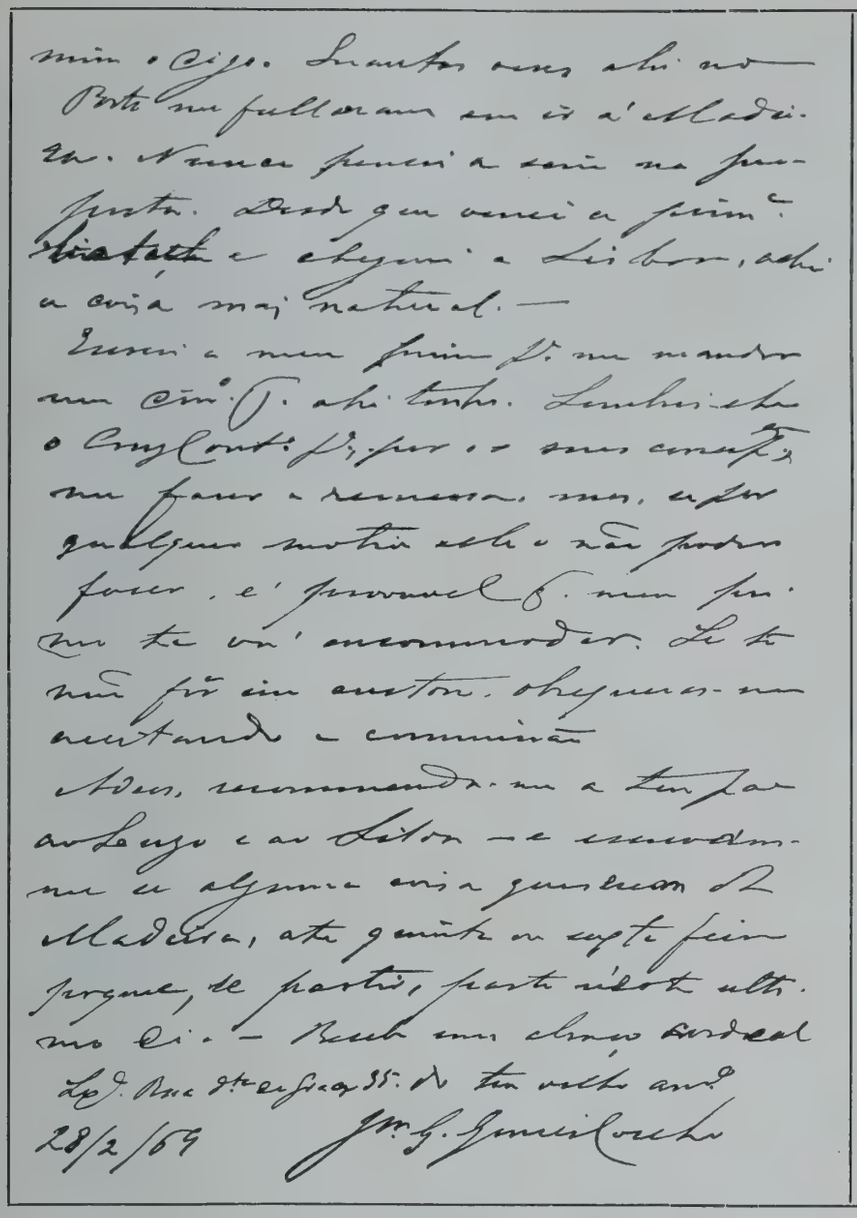
CONTOS, ARTIGOS, ESTUDOS HISTÓRICOS: *Contos ao correr da pena*, 1869; *Peregrinações na aldeia*, 1870; *Mistérios da minha rua*, 1871;

Homenagem a Júlio Diniz. — O Doutor Bento Carqueja discursando na presença do ministro da Instrução (Doutor Alfredo de Magalhães) no acto da inauguração do monumento ao romancista, no Pôrto.

ALBERTO PIMENTEL nasceu no Pôrto em 1849. Seguiu a carreira burocrática, chegando a Chefe de Repartição da Secretaria do Congresso, lugar em que se aposentou.

Durante a vigência da monarquia teve certa actividade política, tendo sido Administrador do concelho de Portalegre e Deputado em várias legislaturas (eleito pelos círculos de Sinfães e Póvoa do Varzim). Morreu na capital, em 1925.

Poeta, romancista, contista, historiador, ensaísta, erudito, Alberto Pimentel celebrizou-se também como biógrafo de Camilo, de quem foi, pode dizer-se, discípulo, continuador, e o mais devotado dos admiradores. Numerosas obras escreveu a respeito do genial solitário de Seide, e ainda hoje o livro *Romance do romancista* continua a ser a me-



mim o digo. Quantas vezes ahi no Porto me fallaram em ir á Madeira. Nunca pensei a sério na proposta. Desde que venci a prim.ª batalha e cheguei a Lisboa, achei a coisa mais natural. —

Escrevi a meu primo p.ª me mandar um din.º q. ahi tenho. Lembrei-lhe o Cruz Cout.º p.ª, por os seus corresp.es me fazer a remessa, mas, se por qualquer motivo elle o não puder fazer, é provavel q. meu primo te vá encommodar. Se te não for isso custoso, obsequeias-me aceitando a comissão.

Adeus, recomenda-me a teu pae ao Luzo e ao Silva — e escrevam-me se alguma coisa quiserem da Madeira, até quinta ou sexta feira porque, se partir, parto n'este ultimo dia. — Recebe um abraço cordeal do teu velho am.º

J.m G. Gomes Coelho

Lx.ª Rua Dir.ta da Graça 35
28 / 2 / 69

Reprodução da última página de uma carta de Júlio Diniz, existente na Colecção de Autógrafos e Recordações, da Biblioteca Municipal do Pôrto. À direita, a leitura do documento.

lhor e mais completa fonte de que podem socorrer-se os estudiosos da biografia de Camilo.

Poucos escritores portugueses — Teófilo Braga, Camilo — excederam Alberto Pimentel em operosidade: 198 volumes (originais, traduções, ou de colaboração), além de muitos artigos dispersos por jornais e revistas, inventariou Henrique Marques na *Bibliografia Pimenteliana*. Tam notável como a sua extraordinária fecundidade, é a variedade das aptidões em que se desdobrou o seu superior talento. Foi o mais insigne polígrafo da moderna literatura portuguesa.

Tinteiro e areeiro de que Júlio Diniz se serviu em Ovar, para escrever as «Pupilas do Sr. Reitor». (Existe na Colecção de Autógrafos e Recordações, da Biblioteca Municipal do Pôrto).

Começando por poeta, Alberto Pimentel iniciou a sua carreira literária em 1867, com uma poesia cómica, intitulada *Vestidos curtos*, a que se seguiram outras produções poéticas. Mas logo o tentaram géneros literários de prosa: o conto (1869), o romance romântico (1870) e o romance histórico (1873). Na sua prolongada actividade criadora — que se alongou até às vésperas da morte, pois ainda em 1924 escreveu o seu livro de recordações, *Luar de Saudade*, que já não logrou ver totalmente impresso, mas de que ainda reviu algumas provas — manteve sempre os seus merecidos créditos de primoroso estilista.

OVAR ← Casa do João da Esquina (a primeira à direita). *Serões*, 1906.

OVAR — Casa no Largo dos Campos onde JÚLIO DINIZ começou a escrever as «Pupilas do Sr. Reitor», em Junho de 1863. (De *Serões*, Vol. II, 1906).

Homem honrado, que a calúnia não poupou — como a tantos outros políticos —, disseram-no enriquecido à custa de favores feitos quando ministro.

No entanto, ao ser agredido, de nada mais pôde dispor, para tratar-se, do que da modesta importância dos direitos de autor correspondentes a uma das suas obras literárias. Viveu pobre e pobre morreu.

Grangeou a subsistência com aturado e persistente labor, sobretudo o da sua fertilíssima pena; extinta a sua laboriosa vida, tornou-se necessário que alguns amigos se cotizassem para que a enlutada família não sentisse naquela dolorosa hora, e a tornar mais negra a dor da saúdade, o amaríssimo travor das necessidades materiais.

A actividade literária pública de Pinheiro Chagas começou aos

b) Pinheiro Chagas

BIBLIOGRAFIA:—POESIA: *Poema da mocidade*, 1864.

ROMANCES: *Tristezas à beira-mar*, 1866; *A flor sêca*, 1866; *A côrte de D. João V*, 1867; *O juramento da duquesa*, 1872; *Os guerrilheiros da morte*, 1873; *O terremoto de Lisboa*, 1874; *As duas flores de sangue*, 1875; *A mantilha de Beatriz*, 1878.

TEATRO: *A judia*, *O drama do povo*, *A roca de Hércules*, *Madalena*, *Helena*, *Lição cruel*, *A volta do teatro*, *A gravata branca*, *A morgadinha de Val-Flor*.

HISTÓRIA: *História alegre de Portugal*, *História de Portugal*, *Portugueses ilustres*, *Migalhas de história portuguesa*, *Descobrimentos portugueses na África*, *Marquês de Pombal*.

COLABORAÇÃO JORNALÍSTICA: Sobretudo no *Correio da Manhã*; mas bastante assídua nos seguintes periódicos: *Gazeta de Portugal*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *Paiz*, *Revista Contemporânea*, *Arquivo Pitoresco*, *Revista Ilustrada* e *Ilustração Portuguesa*.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS nasceu em Lisboa em 1842, e morreu, também na capital, em 1895.

Após o curso liceal e o de preparatórios para a vida militar, ingressou na Escola do Exército e seguiu a carreira das armas. Era capitão em 1888, quando requereu passagem à disponibilidade; anos depois demitiu-se do serviço do exército. As letras tinham sido, e continuaram a ser, a sua principal ocupação. Temporàriamente, foi professor no Curso Superior de Letras.

O seu verbo eloqüente e arrebatador permitiu-lhe marcar posição na actividade política: eleito Deputado, pela primeira vez, em 1871, foi-o depois em várias legislaturas, e chegou a ministro, sobraçando a pasta da Marinha de 1883 a 1886. Em 1888, por motivo de um artigo satírico em que visava a célebre *virgem vermelha* dos socialistas, Luísa Miguel, um exaltado agrediu-o violentamente na cabeça, originando-se desta agressão brutal uma doença de que nunca se restabeleceu completamente.

«NESTE MOMENTO PARECEU-LHE OUVIR ALGUM RUMOR DAQUELE LADO». Reprodução de uma das aguarelas de Roque Gameiro da edição monumental de «As pupilas do Sr. Reitor».

« Êste cavaleiro era João Semana »

« De que se ri? — perguntou Daniel »

Reprodução de duas das aguarelas de Roque Gameiro da edição monumental de *As Pupilas do Sr. Reitor.*

vinte e um anos, com um artigo publicado na *Gazeta de Portugal*. Já então o seu estilo se entre-mostrava tal como depois havia de desenvolver-se.

Decorridos dois anos, o seu ensaio intitulado « Crítica literária », que, sob a forma de carta ao editor António Maria Pereira, acompanhou a edição do *Poema da Mocidade*, despertava a reacção dos « novos », ali visados, logo traduzida no folheto de Antero *Bom-senso e bom-gôsto*, início da veemente « Questão coimbrã », prélio literário a que já nas páginas do presente livro se fêz referência, e que, para nada lhe faltar quanto a vivacidade, até deu lugar a um duelo — o de Antero e Ramalho Ortigão.

Poeta, romancista, historiador, numa produção abundantíssima, constante, pois dela, em grande parte lhe advinha o pão de cada dia, Pinheiro Chagas nem sempre conseguiu manter o mérito literário no nível que a sua capacidade criadora era capaz de atingir, e freqüentemente atingia.

Pinheiro Chagas é escritor que ainda hoje se lê com agrado e se representa com êxito (basta citar o da *Morgadinha de Val-flor*). De uma maneira geral, e exceptuadas apenas as páginas escritas com grande urgência, « frigindo os miolos de noite, para de dia poder dar de comer aos seus », o seu estilo é fluente, correcto, por vezes brilhante, e, quando irónico, gracioso.

XXXII — TEATRO

a) Francisco Palha

Francisco José Pereira Palha Faria de Lacerda, literàriamente conhecido por Francisco Palha, foi dramaturgo e poeta.

Humorista e satírico, as suas peças alcançaram na época grande exito. Pode dizer-se que o teatro foi a grande paixão da sua vida. Exerceu durante algum tempo o cargo de Comissário Régio no Teatro de D. Maria II; depois fundou o Teatro da Trindade, de que foi empresario durante 24 anos. Escreveu as seguintes peças: *Fábia* e *Morte do Catimbau*, comédias heroi-cómicas, e *Andador das Almas*, paródia à *Lucia de Lamermoor* — reimpressas em 1859 com o título comum de *Paródias*.

Como poeta, Francisco Palha foi também apreciado, deixando as seguintes produções poéticas: *Canto do abencerragem*, *Minha Pátria*, *A estátua*, *Poesias* (1.ª ed. em 1852 e 2.ª em 1859).

b) Fernando Caldeira

Fernando Afonso Geraldes Caldeira nasceu em Águeda em 1841; formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi Deputado e exerceu em 1879 o cargo de Governador Civil do Distrito de Aveiro. Morreu em 1894.

Poeta gracioso e delicado, deixou um belo livro de poesias: *Mocidades*. Foi, porém, para o teatro que mais se inclinou a sua vocação literária. Representadas pelos maiores actores portugueses do século XIX, Brasão e os irmãos Rosa, as suas peças, em verso, *Mantilha de renda e Madrugada* obtiveram enorme êxito. Para o teatro escreveu mais: *O sapatinho de setim*, e *Nadadoras*, em verso; *Varina*, *Missionários*, *Sara*, *Chilena* e *Fló-fló*, em prosa. Também em prosa, e com a colaboração de Gervásio Lobato, *As médicas*.

c) Gervásio Lobato

Gervásio Lobato nasceu em Lisboa em 1859 e morreu em 1895. Diplomado pelo Curso Superior de Letras, consagrou-se ao jornalismo, colaborando largamente na *Gazeta de Portugal*, no *Diário Ilustrado*, no *Ocidente* e no *Pimpão*. Boa parte desta colaboração, a de feição zombeteira, saíu assinada com o pseudónimo de «Rabecão Grande». A sua vocação jornalística remontava aos 15 anos, quando, com alguns condiscípulos de colégio fundou um jornalzinho — *A voz académica*.

Foi sobretudo no teatro e no romance que Gervásio Lobato deixou bem marcado o seu merecimento de escritor — escritor de uma comicidade irresistível, por espontânea e graciosa. Crónica satírica, repleta de uma saudável e risonha crítica de costumes, o seu livro *Lisboa em camisa* lê-se ainda hoje com o maior agrado.

Escreveu para o teatro, com a mesma graça de sempre, várias comédias que subiram à cena inúmeras vezes, sempre recebidas pelo público com aquêle riso constante e incoercível que só as verdadeiras comédias podem despertar. Entre elas, merece citação especial o *Comissário de Polícia*, mas não devem esquecer-se: *Diz-se*, *Sua Excelência*, *Medicina de Balzac*, *Grotescos*, *Medicas*, *As noivas de Enéas*, *Em boa hora o diga*, *Zé Palonso e Manas Felgueiras*.

No campo da ópera cómica, algo de importante se deve também a Gervásio Lobato. Tentando nacionalizar êste género teatral, fêz subir à cena, com a colaboração de D. João da Câmara e do maestro Ciríaco Cardoso, as peças seguintes: *O burro do Sr. Alcaide*, *o Solar dos Barrigas*, muito apreciadas, sobretudo a segunda, e ainda *O testamento da velha* e *Valete de Copas*.

Escritor operoso, apesar da sua vida relativamente curta, deixou, além do já apontado, várias traduções e

Em cima:

Um bom retrato de Oliveira Martins.

À esquerda:

Oliveira Martins, fot. de Emílio Biel.

À direita:

Ramalho Ortigão, retrato da Foto-União.

À esquerda: Retrato de RAMALHO ORTIGÃO, editado por António Maria Pereira.

Ao meio: Retrato de RAMALHO ORTIGÃO por Condeixa. (Reprod. de uma grav. de Netto, da *Revista Ilustrada*, 1890).

À direita: RAMALHO ORTIGÃO na época das *Farpas*.

mais os seguintes romances: *A primeira confessada*, 1881; *Mistérios do Porto*, 5 volumes, 1890-91; *O grande circo*, 1893. Com o título de *Comédia de Lisboa*, publicou em livro, prefaciado por Pinheiro Chagas, as crónicas que publicara no jornal «Correio da Manhã». Para concluir, registe-se o agrado geral com que foi recebido também o seu livro *Comédias da Vida*.

d) D. João da Câmara

D. João Gonçalo Zarco da Câmara, filho do marquês da Ribeira Grande, nasceu em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1852. Pertencendo a uma das mais nobres famílias de Portugal, nunca os pergaminhos nobiliárquicos empanaram a lhaneza do seu trato, sempre gentil para com tôda a gente, e a sua constante aplicação ao trabalho.

Feitos os estudos liceais no Colégio de Campolide, seguiu para a Bélgica, tendo estudado engenharia na Universidade de Lovaina. Regressando a Portugal, diplomou-se como Condutor de Obras-Públicas e Minas no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, tendo depois trabalhado na construção de várias vias férreas do País.

Não foi, porém, como técnico, mas sim como escritor, que D. João da Câmara se notabilizou; e especialmente como dramaturgo.

FIALHO D'ALMEIDA. Retrato tirado em Cuba para o artigo de A. F. de Sampaio «*Como trabalham os nossos escriptores*». *Serões*, 1907.

Já no Colégio de Campolide dera as primeiras mostras da sua inclinação para as produções teatrais, começando em 1873 pelo drama em 1 acto *A Nobreza*, ali representado pelos seus condiscípulos nas habituais récitas colegiais. A esta primeira peça outras se seguiram — o monólogo *Charadas e Charadistas*, também de 1873, e as comédias *Um apuro faz um médico* e *Bernarda no Olimpo*, em 1874 — mas só em 1876 teve logar a sua estreia pública como autor teatral. Neste ano representou-se no Teatro D. Maria II a sua comédia *Ao pé do fogão*, que o público recebeu muito mal. Igual insucesso, embora devido a circunstâncias ocasionais — imperfeito ensaio e encerramento do teatro por ter morrido o rei-consorte, D. Fernando II —, acompanhou a estreia da comédia *D. Brísida*, com que anos depois, em 1885, D. João da Câmara tentou recomeçar a sua actividade teatral.

Só em 1890, a carreira de D. João da Câmara como dramaturgo começou a afirmar-se. Foi um drama histórico, em verso, *Afonso VI*, obra de indiscutível merecimento, que lhe abriu o caminho da notoriedade, logo reforçada em 1893, por uma encantadora comédia, *Os velhos*, justamente considerada como a sua melhor obra, e por um drama histórico: *Alcácer-Quibir*.

Da vasta obra que deixou, deve ainda destacar-se, além de

diversas traduções e adaptações, e das peças que escreveu em colaboração com Gervásio Lobato, Eduardo Schwalbach e Lopes de Mendonça, o seguinte: *O Pântano* (drama); *A toutinegra real* (drama); *A triste viüvinha* (comédia), 1897; *O beijo do Infante* (drama), 1898; *Meia-Noite* (novela lírica), 1900; *Rosa enjeitada* (drama), 1901.

Além do teatro, D. João da Câmara cultivou também outros géneros literários: o romance histórico e o conto. Embora nestes o seu mérito literário fôsse também grande, a produção foi escassa: no primeiro, merece citação *O Conde de Castelo-Melhor* (Lisboa, 1898); no segundo, *Contos* (1.ª ediç., 1900; 2.ª ediç., póstuma, 1920).

OS DOIS IRMÃOS

DRAMA EM QUATRO ACTOS

ORIGINAL

DE

RODRIGO PAGANINO

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. MARIA II. A 20 DE NOVEMBRO DE 1856

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73
—
1861

Frontispício da 1.ª ed. de *Os dois Irmãos*, de Rodrigo Paganino, escritor que se notabilizou como contista.

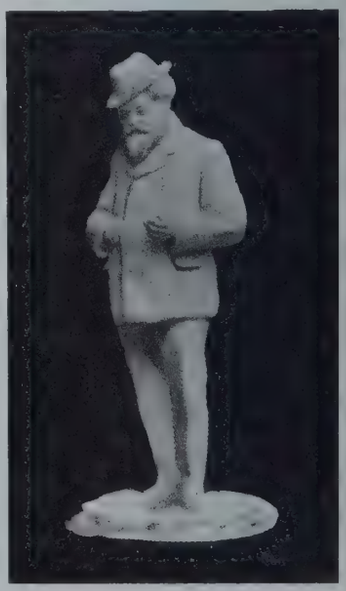
c) Marcelino Mesquita

Marcelino António da Silva Mesquita nasceu no Cartaxo em 1 de Setembro de 1856. Concluído o curso liceal, que fêz no Liceu de Santarém, veio para Lisboa, a fim de se formar, como se formou, em medicina na Escola Médico-Cirúrgica (1885), tendo apresentado como dissertação inaugural um trabalho intitulado *Histeria* (Lisboa, 1884, 78 págs.). Fugazmente político, foi Deputado pelo círculo do Cartaxo na legislatura de 1890-1892. Exerceu o cargo de vogal do Conselho de Arte Dramática. Morreu a 7 de Julho de 1919, estando sepultado no cemitério do Cartaxo.

Mais do que em qualquer outro sector da vida, foi no mundo das letras, e particularmente na literatura teatral, que o talento de Marcelino Mesquita verdadeiramente se afirmou.

É certo que a sua estreia literária se fêz em um livro de versos (*Meridionais*, Lisboa, 1882) e que nunca abandonou completamente a poesia, pois ainda nas vésperas da morte publicou *O grande amor* (Lisboa, 1918), poema inspirado pela grande paixão (algo tardia, diga-se de passagem) que lhe despertou uma senhora brasileira que conheceu no Rio de Janeiro, por ocasião da ida ao Brasil de uma missão intelectual enviada pelo govêrno português, e de que o escritor fazia parte. É igualmente certo que, como prosador, também deixou livros que merecem ser recordados: *Na azenha*, contos, 1896; *Leonor Teles*, romance histórico, 1904-5; *Os quatro reis impostores*, 1908; *Guerras da Independência*, vol. 228 da Bibl. do Povo e das Escolas; *As três invasões francesas*, vol. 229, idem. Colaborou em numerosas revistas e volumes de autoria colectiva, tais como: *A Duce* (número-único); *A Berlinda* (1889); *Almanach dos palcos e salas* (1900); *Plateias, palcos e salas; Perfis contemporâneos; Branco e Negro; Revista Literária, Artística e Scientífica do Século; Sol e Sombra; Suplemento humorístico do Século.*

Foi, porém, como escritor teatral que se notabilizou, tanto pela quantidade como pela qualidade das produções. *Leonor Teles* e *O Regente*, dramas históricos; *Peraltas e Sécias*, graciosa reconstituïção da sociedade galante setecentista; a tragédia burguesa *Dor Suprema*, e *Envelhecer*, obtiveram enorme e merecido êxito. A última será sempre uma produção de excepcional merecimento, que só um grande dramaturgo poderia escrever. Embora com menor eco, merecem ainda citação: *A Pérola*, peça realista, que chegou a ser rejeitada por imoral, e foi depois aplaudida; *Os Castros* e *Sempre noiva*, comédias; *Velho tema*, drama; *O tio Pedro*, *Almas doentes* e *Na Voragem*, tragédias; *Pedro o Cruel*, *Sonho da Índia* e *Margarida do Monte*, peças históricas; *Sinhá*, peça de tema contemporâneo, cenas da vida burguesa; *O tirano da bela Urraca*, com música de Manuel Benjamim; *Petrónio*, peça inspirada no *Quo vadis* de Sienkienwicz.



Em cima: D. João da Câmara, retrato de 1890.
À esquerda: Caricatura de D. João da Câmara por Bordalo Pinheiro.
À direita: D. João da Câmara, estatueta de Silva Gouveia.

Na moderna literatura dramática portuguesa, Marcelino Mesquita ocupou indiscutìvelmente um dos primeiros logares. « Homem de teatro no mais rigoroso sentido da palavra, deixou uma obra cheia de audácia e de originalidade, percorrendo todos os tons, desde o cómico ao trágico, conseguindo impor-se às plateias pelo conhecimento, por assim dizer, espontâneo, imprevisto e fulgurante dos recursos cénicos e representativos, que tinha como ninguém [1].

O actor Ferreira da Silva, no papel de Infante D. Pedro da peça *D Afonso VI* de D. João da Câmara. *(Rev Ilustrada,* 1890).

f) Henrique Lopes de Mendonça

Henrique Lopes de Mendonça, sobrinho do escritor António Pedro Lopes de Mendonça, já mencionado na presente obra, nasceu em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1856. Seguiu a carreira de oficial da Marinha de Guerra atingindo o pôsto de capitão-de-mar-e-guerra, em que se reformou.

Viajou durante dez anos pela Europa e África. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa, a que presidiu por algum tempo, e da Academia Brasileira de Letras, professor da Escola de Belas-Artes, bibliotecário da Escola Naval, vogal do Conselho de Arte Dramática e das comissões dos centenários de Colombo e de Vasco da Gama.

Para conhecimento da sua vida, êle próprio deixou extensa informação, escrevendo a Albino Forjaz de Sampaio uma carta auto-biográfica, que é simultâneamente um modêlo de perfeição literária, destinada a ser incluída, como foi, num dos volumes da *Colecção Patrícia,* organizada por aquêle escritor.

Dêsse depoïmento extraímos os principais passos:

« Sendo a memória a fonte única das minhas informações, abstenho-me de começar pelo meu nascimento, sucesso que, embora para mim importantíssimo, nela não deixou o mínimo vestígio. Demais, o que pode interessar numa biografia de escritor são as influências que determinaram a sua evolução mental. Ora a primeira que me aparece é a daquele que deu à minha família o seu título de fidalguia literária. Refiro-me a António Pedro Lopes de Mendonça, luminar brilhantíssimo da constelação romântica, cujo sangue, através de ambos os meus progenitores, veio correr em minhas veias. Tinha eu nove anos quando se sumiu no túmulo a carne que abrigava êsse radiante espírito, cinco anos antes apagado já. A sua memória pairou sôbre a minha infância, criando em mim precoces aspirações de glória literária. Que o diga um velho cúmplice em atentados jornalísticos, perpetrados manuscritamente no colégio, o historiador abali-

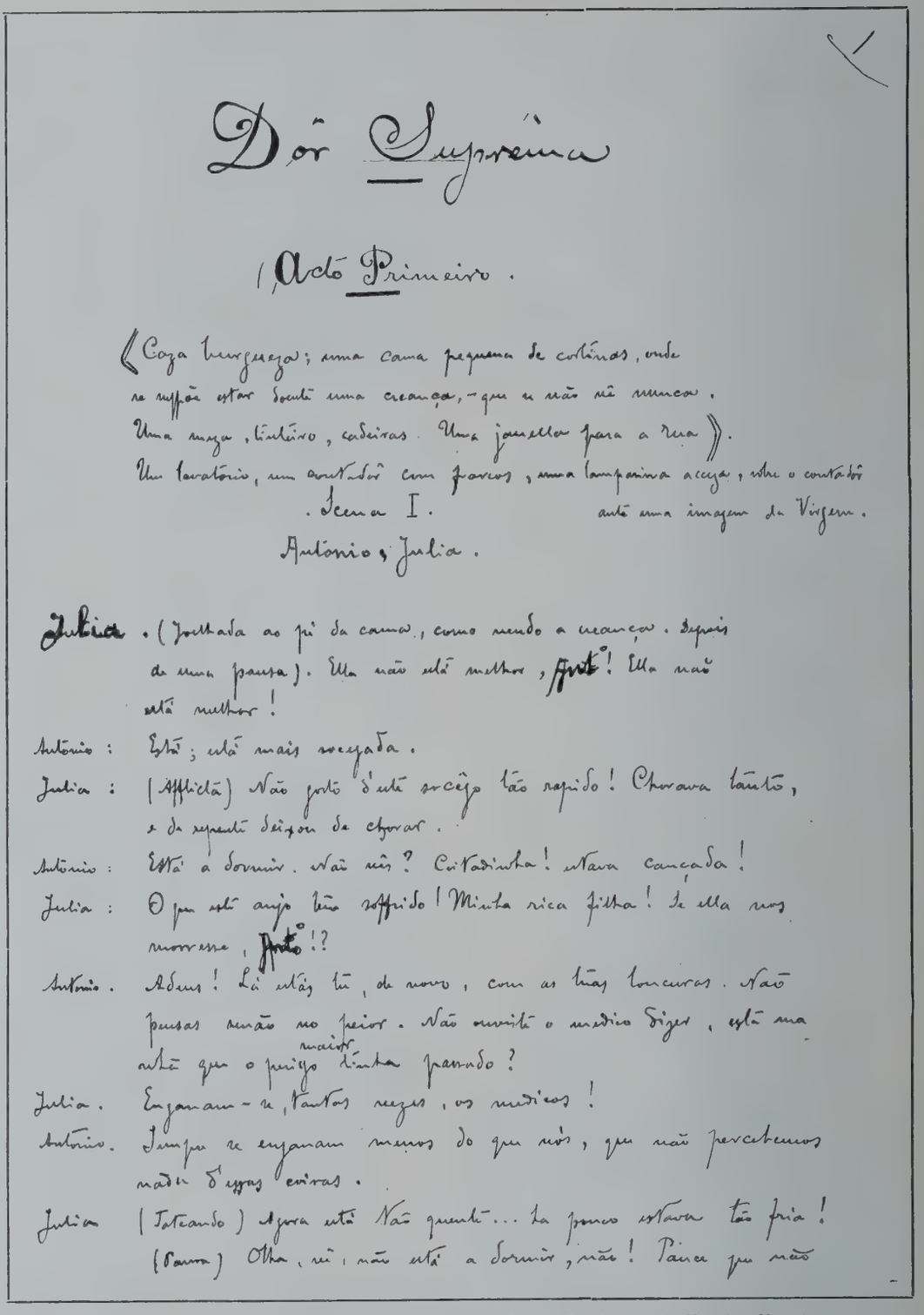
O actor Eduardo Brazão no papel de protagonista, o rei D. Afonso VI, da peça *D. Afonso VI* de D. João da Câmara. *(Rev. Ilustrada,* 1890).

O actor João Rosa no papel de Conde de Castelo-Melhor da peça *D. Afonso VI* de D. João da Câmara. *(Rev. Ilustrada,* 1890).

[1] Mendes dos Remédios, *Hist. da literatura portuguesa.*

zado que é João Lúcio de Azevedo, cujas costelas ainda a miúdo tenho o prazer de apertar em meus braços.

«Das freqüentes fugidas do matagal científico para as veigas arcádicas resultou que, tendo começado em menino prodígio, só a pé coxinho venci afinal o curso de marinha, por onde enveredara, talvez ainda a exemplo de meu tio. Depois, durante uns dez anos, entremeiei de leituras a êsmo as viagens a portos da Europa e as estações na África, que, umas e outras, alargavam o meu horizonte intelectual. Raras e insignificantes foram então as minhas incursões pelos domínios da letra redonda, em jornais da metrópole e de Angola. Só em 1884, já casado e pai de filhos, o patrocínio exuberante de Bulhão Pato e o prestígio de meu cunhado Rafael Bordalo conseguiram que eu me defrontasse a valer com o público no palco de D. Maria. O dramazinho *A Noiva*, calorosamente aplaudido, foi o epílogo de algumas teatradas domésticas e a minha auspiciosa entrada no mundo das letras. Dois periódicos conceituados, o *Diário Popular* e o *Correio da Noite*, honraram-me com o pedido de colaboração literária. E vai então, saturado de novelas históricas, obsidiado pela figura colossal de Victor Hugo, preparei-me para a grande batalha da minha vida.



Dôr Suprema

Acto Primeiro.

(Casa burgueza; uma cama pequena de cortinas, onde se suppõe estar deitada uma creança, — que se não vê nunca. Uma meza, lavatório, cadeiras. Uma janella para a rua).
Um lavatório, um contador com frascos, uma lampadina acceza, sobre o contador uma imagem da Virgem.

Scena I.

Antonio, Julia.

Julia. (Ajoelhada ao pé da cama, como rendo a creança. Depois de uma pausa). Ella não está melhor, Antonio! Ella não está melhor!

Antonio: Está; está mais socegada.

Julia: (Afflicta) Não gosto d'este socêgo tão rapido! Chorava tanto, e de repente deixou de chorar.

Antonio: Está a dormir. Não vês? Coitadinha! estava cançada!

Julia: O pobre anjo tão soffrido! Minha rica filha! Se ella nos morresse, Antonio!?

Antonio. Adeus! Lá estás tu, de novo, com as tuas loucuras. Não pensas senão no peior. Não ouviste o medico dizer, está na altura em que o perigo maior tinha passado?

Julia. Enganam-se, tantas vezes, os medicos!

Antonio. Sempre se enganam menos do que nós, que não percebemos nada d'essas coisas.

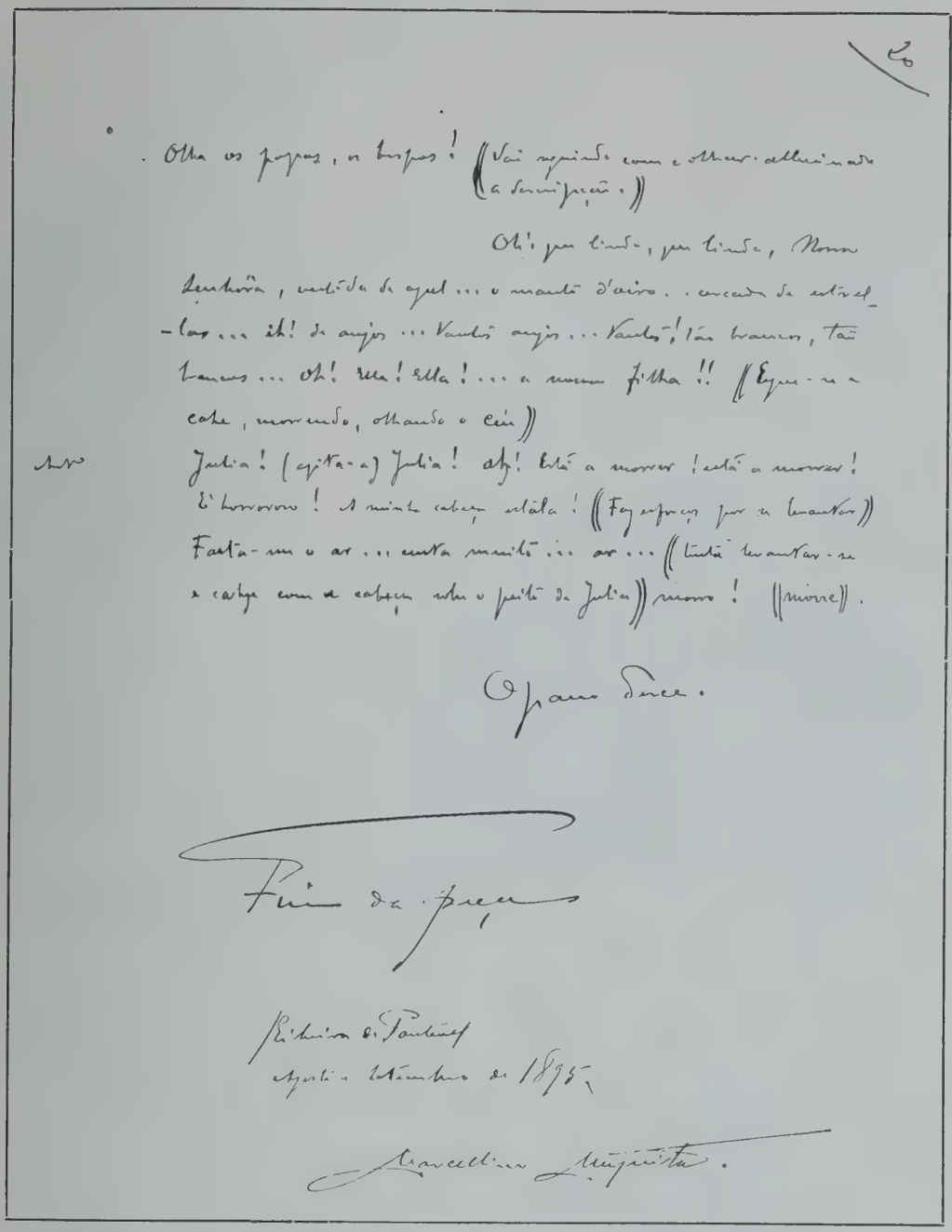
Julia (Tocando) Agora está. Não queimá... Ha pouco estava tão fria! (Pausa) Olha, vê, não está a dormir, não! Parece que não

Primeira página do manuscrito autógrafo para a impressão da peça *Dôr Suprema* de Marcelino Mesquita. (Da colecção de autógrafos da livraria de A Forjaz de Sampaio).

«Travou-se em Março de 1886, com a representação do *Duque de Vizeu*. Neste ponto, a fidelidade do biógrafo tem de suplantar a modéstia do biografado. Sou forçado a confessar que aquêle acontecimento foi celebrado pela crítica de Portugal e Brasil como se marcasse data na história do teatro. A mim, não me cumpre registar senão dois estimulantes das aclamações levantadas: a novidade, entre nós, do género dramático estreiado, e o incentivo que o sucesso deu a notáveis talentos do meu país. Entre as honras que a êle devi, não deixarei de citar o hábito de Santiago, conferido pessoalmente por D. Luís I, que teve nesta conjuntura a generosidade de esquecer a minha candidatura republicana, poucos anos antes, em Loanda. Coube-me também o primeiro prémio, instituído na Academia das Ciências, por aquêle monarca.

«Tive a ilusão passageira de que entre os meus louros cresceriam bagas de ouro. Mas depressa me convenci, à fôrça de arranhões, de que a mais perdurável excrescência seria a dos espinhos.

«Desde aquela hora, com maior ou menor fortuna, mas sem dispensa das amarguras inerentes ao meio, foi



Última página do manuscrito autógrafo para a impressão da peça *Dor Suprema* de Marcelino Mesquita.
(Da colecção de autógrafos da livraria de A. Forjaz de Sampaio).

no teatro que se tornou mais saliente o meu labor literário. Foi principalmente o passado de Portugal a fonte dos meus mais incontestados triunfos. Citarei, entre êles, a *Morta* (1890), na qual evoquei o idílio trágico da linda Inês; a farça lírica *Tição Negro*, com música de Augusto Machado (1902), tecida com personagens e situações de Gil Vicente; *Afonso de Albuquerque* (1907), drama que, para não desmentir a sina infausta do seu grande protagonista, esperou quási dez anos o ensejo de subir à scena... Ah! mas a sua consagração triunfal valeu-me a comenda de Santiago, conferida pelo rei D. Carlos, o qual, digno filho do meu régio amigo, tapou os ouvidos para as notas da *Portuguesa*, que, sôbre palavras minhas, lhe estavam abalando o trono. A não ser que com essa graça, um pouco pesada, se quisesse espirituosamente vingar de culpas... que, em boa verdade, não era justo me fôssem imputadas.

«Entre as minhas peças de ambiente moderno, ocorre-me mencionar o *Nó Cego* (1905), por isso que, defendendo o divórcio, foi como o rebate precursor da respectiva lei, promulgada seis anos depois.

«Entretanto, a minha predilecção pelos estudos históricos incitava-me a abaladas para fora do teatro.

«A minha actividade, em campo mais especulativo, manifestou-se em conferências, discursos comemorativos, artigos dispersos, e, principalmente, em memórias académicas, que suponho terem contribuïdo para a iniciação e desenvolvimento da arqueologia naval no nosso meio.

«Mas o que intensamente me seduzia, desde que em criança me embrenhara na obra romântica de Herculano, era a novela histórica. Ensaiei-me, creio que sem desdouro, nos *Órfãos de Calecut*, e fui exercitando as minhas faculdades em vários contos, que figuraram em números especiais das grandes folhas periódicas.

«Já a influência de Anatólio France suplantava, talvez, as que haviam guiado os meus primeiros passos, quando se me deparou ensejo de realizar uma aspiração, de há muito afagada: a romantização de pequenos episódios, arrancados às velhas crónicas ou a códices inéditos, passando diante dos olhos do leitor como fitas de cinema. Proporcionou-mo o meu amigo Bento Carqueja, ao convidar-me a preencher quinzenalmente os folhetins do seu jornal. Êsses folhetins, com outros contos e narrativas, formaram a principal substância dos oito volumes, depois publicados sob o título de *Scenas de vida heróica*.

«Creio que foi o seu interêsse patriótico que serviu de pretexto ao meu dilecto amigo Júlio Dantas para justificar a minha ascensão à grã-cruz de Sant'Iago, por êle proposta há uns três ou quatro anos, na sua passagem pelo ministério da Instrução.

«As distinções honoríficas a que aludi foram os galardões com que o Estado julgou conveniente com-

MARCELINO MESQUITA
Desenho de Saavedra Machado.

pensar os meus perseverantes esforços em busca de uma parcela de beleza ou de verdade, que tudo é o mesmo.

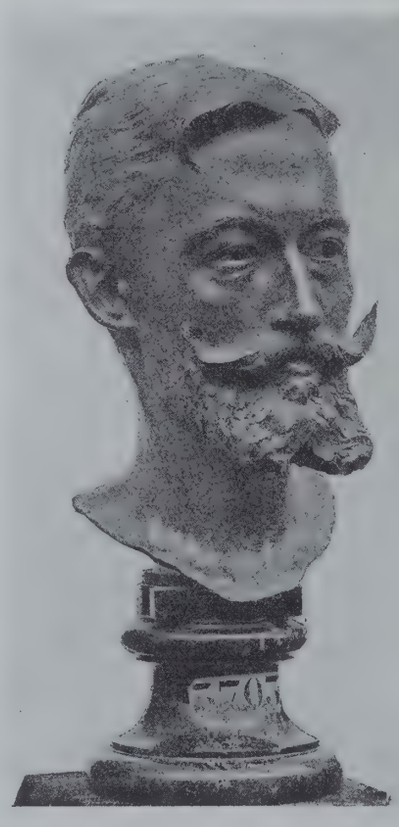
«Outras, porém, me desvaneceram, como foi a eleição de sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa e o direito que desde 1915 ela me deu de me intitular seu antigo presidente; e a espontânea escolha da Academia Brasileira de Letras, mais penhorante ainda pelo grande nome de Guerra Junqueiro, que o meu era chamado a substituir.

«De resto, conquanto não seja estoicamente insensível a elogios nem a vitupérios, não me acusa a consciência de ter jàmais procurado os primeiros nem de me ter escudado contra os últimos. Dêste descuido pelo cultivo da glória resulta o meu espanto pelo pedido que o meu caro amigo improvisadamente me dirigiu. Receio muito não o ter satisfeito na presente autobiografia. E declaro que muito teria a acrescentar, se, imitando os grandes exemplos de Santo Agostinho ou do filósofo Rousseau, intentasse retratar-me em alma inteira perante o público. Essa tentativa reservo eu para um livro de memórias que vou preparando nas horas vagas, sem grandes esperanças de o concluir. Não leve a mal se dêste ensejo me valho para o sorrateiro rèclamo, na mira paternal de engordar o meu enfèsado espólio.

«E já agora, para completar a minha resenha, ocorre-me ainda falar nos farrapos da minha alma e nos recortes do meu pensar, disseminados por jornais e revistas, sob a forma de poesias sôltas, no decurso de meio século. Penso — não sei se será tardia a ambição — compilar e seleccionar essas poesias, juntando-as a outras que conservo inéditas. Assim, talvez venha a acabar por onde os meus colegas de ordinário principiam, um volumezinho de desabafos líricos».

Em 1931, cinco anos depois de escrita a auto-biografia que fica transcrita, Lopes de Mendonça falecia, deixando sem realização o anunciado projecto de compilação das suas produções poéticas avulsas. Assim, não acabou pelo «volumezinho de desabafos líricos»...

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA



Busto do Dr. Melo Viana, oftalmologista brasileiro e escritor distinto, grande amigo de Marcelino Mesquita e de outros literatos portugueses.

MARCELINO MESQUITA
Caricatura de M. Gustavo Bordalo Pinheiro.

*

Muitos foram os géneros literários em que, como escritor, Henrique Lopes de Mendonça se notabilizou: poesia, romance, teatro, história. Em todos se mostrou homem de letras de inegável valor.

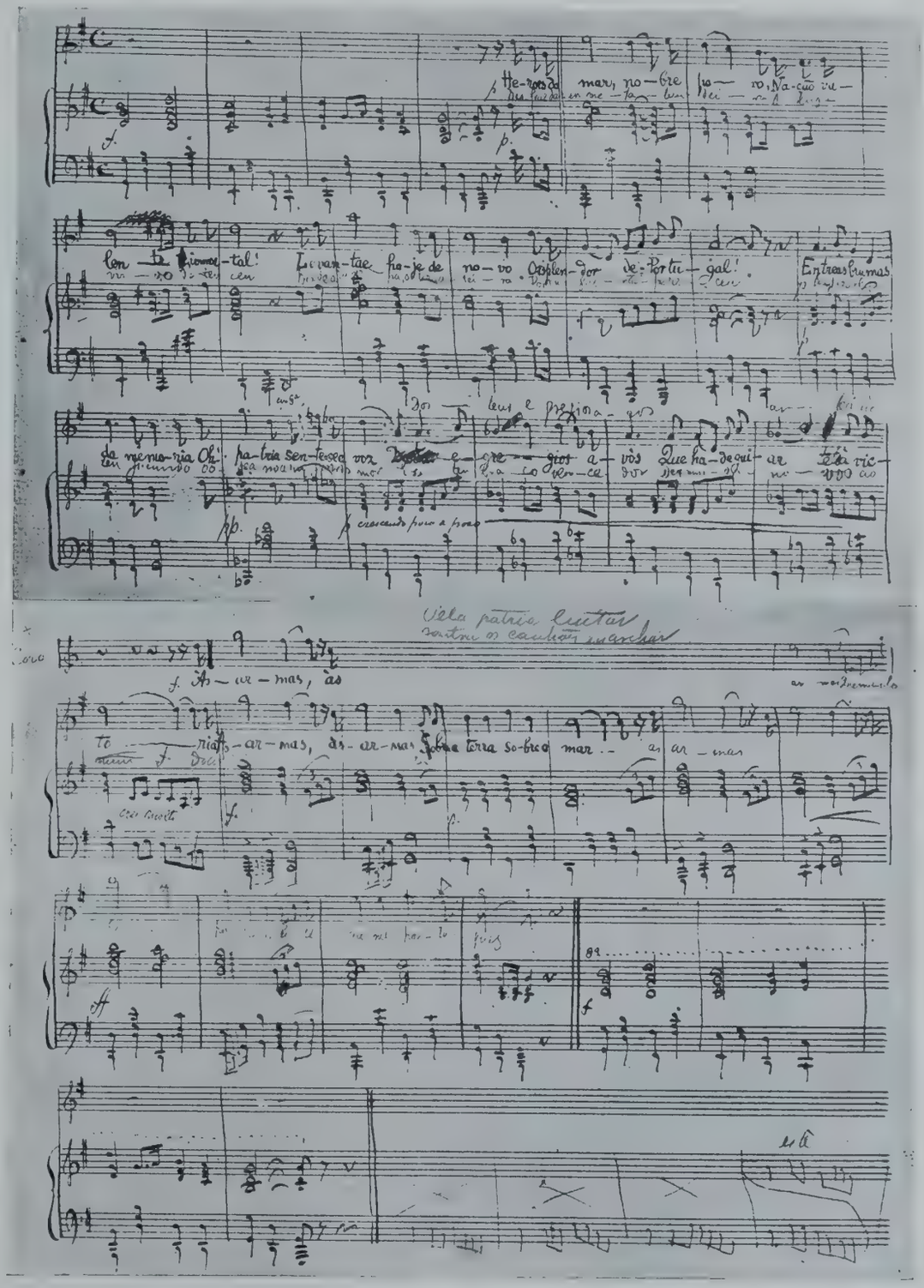
A sua estreia — excluída a incipiente colaboração em jornais que data já dos seus tempos de estudante — teve logar em 1883 e consistiu na publicação do poemeto *Delenda Albion*, que, por assim dizer, anunciava já o veemente autor da letra do hino *A Portugueza*, escrita em 1891, sob o calor da indignação contra a Inglaterra, na perturbada hora do *ultimatum* inglês.

Em 1884 estreiou-se como autor teatral, com uma pequena peça em 1 acto, em verso, *A noiva*, iniciando assim aquela das suas formas de actividade literária que mais notoriedade havia de dar ao seu nome; aquela em que se pode mesmo considerar um inovador, pois foi a sua peça histórica *Duque de Vizeu* (1886), que despertou no público, pela intensidade dramática de que o autor soubera revestir o assunto, o gôsto pelos temas históricos em teatro. Mais tarde, por duas vezes, novas peças do mesmo género

lhe grangearam o maior aplauso: *A morta*, em que tomou como tema os trágicos amores de Inês de Castro e D. Pedro I, e *Afonso de Albuquerque*.

Mas Lopes de Mendonça não escreveu apenas peças de tema histórico; a fantasia, a comédia, o drama lírico, e até a peça de tese, foram tratados pela sua prestigiosa pena, numa actividade que se alongou durante muitos anos, desde 1884 até 1923: *A noiva*, *Duque de Viseu*, *A morta*, *Paraiso conquistado*, *Sol novo*, *Serrana*, *O salto mortal*, *O amor louco*, *Tição negro*, *Nó cego* (peça de tese, em defesa do divórcio), *Afonso de Albuquerque*, *O azebre*, *A herança*, *Saudade*, *Zé Palonço* (de colaboração com D. João da Câmara e Gervásio Lobato), *O crime de Arronches*. São de carácter lírico *Serrana*, para a qual escreveu Alfredo Keil a música, e *Tição negro*, no qual a colaboração musical foi de Augusto Machado.

Embora tivesse sido no teatro que a actividade literária de Lopes de Mendonça maior renome alcançou, certo é caber-lhe com justiça a classificação de polígrafo, pois em romances, sobretudo históricos, em estudos e narrativas históricas, e ainda em ensaios, deixou imperecìvelmente assinalada a sua alta capacidade de escritor. A sua vasta obra de prosador exímio pode apreciar-se através da seguinte enumeração: *Cenas da vida heroica*, 8 volumes de narrativas históricas; *A história de Portugal contada aos pequenos portugueses*, de equivalente estilo; *Os órfãos de Calecut*, romance histórico; *Estudos sôbre navios portugueses nos séculos XV e XVI*, *O padre Fernando de Oliveira e a sua obra náutica*, *Um tio de Afonso de Albuquerque*, *Apontamentos sôbre o pilôto Pero de Alenquer*, e *Subsídios para a biografia da infanta Santa Joana*, estudos históricos; *Duas palavras sôbre a evolução e influência da novela espanhola*, *Da utilidade da tradição*, *Tradição marítima de Portugal*, *Carácter e influência da obra do Infante*, *Da unidade de pensamento no ciclo das descobertas*, *Bartolomeu Dias e a rota da Índia*, *Sôbre Afonso de Albuquerque*, *Vasco da Gama na história universal*, *Aspectos morais da guerra europeia* e *Júlio Dantas — esboço de perfil literário*, conferências e ensaios; *Elogio histórico de Manuel Pinheiro Chagas* e *Epopeias de hoje*, alocuções. Isto quanto à prosa, pois em poesia devem ser inventariadas as seguintes obras: *Os piratas do Norte*, *Lux perpetua*, *Manhã negra* e *Trovas de Portugal descobridor*.



Original do hino *A Portuguesa*, de Keil, cuja letra Henrique Lopes de Mendonça escreveu.

Falando à beira do túmulo de Lopes de Mendonça, em nome da Academia de Ciências de Lisboa, o Dr. Júlio Dantas sintetizou assim os méritos do insigne escritor: «Poeta, romancista, novelista, historiador, arqueólogo, sobretudo dramaturgo, pintor opulento dêsse maravilhoso tríptico — *A Morta, Duque de Viseu e Afonso de Albuquerque* — mestre e iniciador, no teatro, do movimento néo-romântico português do último quartel do séc. XIX, Lopes de Mendonça, que a história literária colocará amanhã no alto logar que de direito lhe pertence, foi um dos grandes da nossa literatura, um dos mais perfeitos e austeros cultores que tem tido, em todos os tempos, a língua portuguesa».

Retrato de Pedro Ivo na época em que escreveu «*O sêlo da roda*».

g) Conde de Arnoso

A concluir a resenha dos principais autores dramáticos portugueses do século XIX, mencione-se ainda o nome do Conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, descendente de uma das mais distintas e antigas famílias nobres do Minho, nascido em 1855 e falecido em 1911.

Se bem que não tivesse sido como escritor de teatro que o Conde de Arnoso particularmente se notabilizou, merecem no entanto citação duas peças, *A primeira nuvem* e *Suave milagre*, esta última escrita de colaboração com Alberto de Oliveira e extraída de um bem conhecido conto de Eça de Queiroz.

A sua restante bibliografia comporta ainda: *Azulejos* (1886), com prefácio de Eça de Queiroz; *Jornadas pelo mundo* (1895); *Justiça* (2 vols., 1900). Êste último trabalho é o reflexo de um nobilíssimo carácter, grito de justa revolta contra os causadores, involuntários, é certo, do regicídio que tirou a vida a D. Carlos I e ao príncipe D. Luís Felipe, objectos, especialmente o primeiro, da sua mais devotada amizade. Prosa indignada e justiceira, as páginas de *Justiça*, ficaram a atestar a nobreza de carácter e a confirmar os dotes literários de um escritor, cuja obra, sem ser muito notável, foi, no entanto, excelente e honesta.

Um dos últimos retratos de Pedro Ivo. Sobrepostas, as suas assinaturas: a literária (Pedro Ivo) e a própria (Carlos Lopes).

XXXIII — CONTISTAS

a) Rodrigo Paganino

BIBLIOGRAFIA: — *Contos do tio Joaquim*, Lisboa, 1861. No teatro, fêz representar várias peças; entre elas *Os dous irmãos*, drama em 4 actos (Lisboa, 1862).

Rodrigo Paganino nasceu em Lisboa em 1835. Foi médico, e como tal se distinguiu por ocasião da epidemia de febre amarela em 1857. Homem de letras, deveu a notoriedade aos *Contos do tio Joaquim*, páginas de linguagem natural e simples, um pouco no género das de Júlio Diniz, e que se tuberculizou, morrendo aos 28 anos, em 1863, quando tudo havia a esperar do seu talento. Ainda assim o seu nome pode com propriedade pertencer ao número daqueles que conquistaram com um livro apenas, como Cesário Verde, António Nobre, José Duro, o direito de figurar entre os nomes imperecíveis da nossa história literária.

b) Júlio César Machado

BIBLIOGRAFIA: — *Cláudio*, romance, 1852; *Estêvão*, romance, 1853; *A vida em Lisboa*, romance, 1858; *Contos ao luar*, 1861; *Cenas da minha terra*, 1862; *Passeios e fantasias*, 1862; *Recordações de Paris e Londres*, 1863; *Em Espanha*, 1865; *Do Chiado a Veneza*, 1873; *Quadros do campo e da cidade*, 1863; *Trechos de folhetim*, 1870; *Da loucura e das manias em Portugal*, 1872; *Manhãs e noites*, 1873; *Lisboa na rua*, 1875; *Os teatros de Lisboa*, 1875; *Lisboa de ontem*, 1877; *Apontamentos de um folhetinista*, 1878; *A vida alegre*, 1880; *Mil e uma histórias*, 1888.

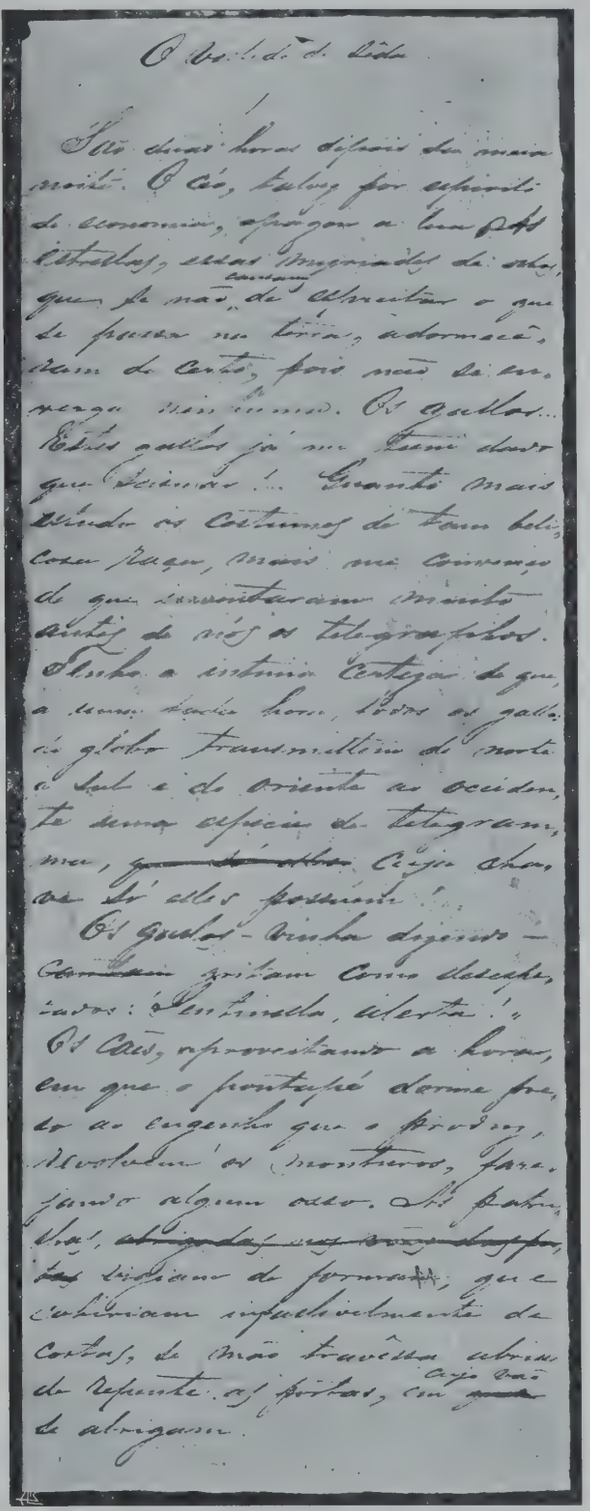
Júlio César Machado nasceu em Lisboa em 1835 e aqui morreu, por suïcídio, em 1880. A alegria, que o humorismo das suas páginas parece traduzir, existia em assaz diminuto grau. Júlio César Machado tinha, por vezes, ataques de melancolia, situação que se agravou extraordinàriamente, desde que o filho único e idolatrado se suïcidou; desde então, instalou-se no seu espírito uma irremovível tristeza, de quando em quando cortada de crises de exaltação. Convencido de que só a morte poderia dar fim ao seu pensar, Júlio César Machado resolveu suïcidar-se, sobrevivendo apenas dois meses ao trágico fim do tresloucado filho.

Folhetinista, romancista e cronista de viagens, Júlio César Machado, com a sua prosa interessante, desataviada e graciosa, é escritor que ainda hoje se lê com agrado. Figura no número dos bons contistas portugueses de Oitocentos com o seu volume de *Contos ao luar*.

c) Pedro Ivo

BIBLIOGRAFIA: — *Contos*, Pôrto, 1876; *O sêlo da roda*, Pôrto, 1876; *Serões de inverno*, Pôrto, 1880; *O limbo de Pedro Ivo*, colecção de inéditos e esparsos, Pôrto, 1926. Uma excelente biografia de Pedro Ivo pode ler-se na última das citadas obras.

Pedro Ivo foi o pseudónimo que nos seus trabalhos literários usou o escritor Carlos Lopes, nascido no Pôrto em 1849, e ali falecido em 1909.



Primeira fôlha do original de *O vestido de sêda*, de Pedro Ivo. (Da «Colecção de autógrafos e recordações» da Biblioteca Mun. do Pôrto).

Autor de um romance de comovedor entrecho, *O sêlo da roda* (1876), cuja voga pode bem medir-se pelo elevado número de edições — cinco — que dêle se têm feito, Carlos Lopes notabilizou-se também, e mais talvez ainda, como contista.

O livro *Contos* constituiu a sua estreia literária em 1874; seis anos depois publicou um novo volume de contos, intitulado *Serões de inverno*. Alguns dos seus contos acham-se traduzidos em francês, inglês e alemão.

A melhor parte dos seus inéditos e esparsos veio a ser amorosa e inteligentemente coligida, em 1926, pelo Dr. Fernando de Macedo Lopes, filho do escritor, e escritor muito distinto também. Assim se acrescentou à bibliografia de Carlos Lopes mais um interessante volume — *O limbo de Pedro Ivo*.

Pelo alto sentido moral das suas obras, como pela perfeição da forma, sempre cuidada, Pedro Ivo ocupa na moderna literatura portuguesa um logar de merecido relêvo.

d) Alberto Braga

BIBLIOGRAFIA. — *Contos escolhidos*, com ilustrações de E. Casanova, Lisboa, 1892; *A irmã*, peça em 4 actos, Lisboa, 1894; *Contos da minha lavra*, 1878; *Contos d'Aldeia*, 1880; *Novos contos: Os confidentes. Os Contos d'Aldeia* foram traduzidos em alemão, por Louise Ey. Escreveu para o teatro: *A estrada de Damasco*, *O Estatuário*. Escreveu em francês, em 1 acto, *Le Buste*. Traduziu a *Francillon* de Alexandre Dumas filho e *Les Lionnes pauvres* de Augier com o titulo *As elegantes pobres*.

Alberto Leal Barradas Monteiro Braga (1851-1911) teve notoriedade, e em vida uma atmosfera de carinho, que hoje, trinta anos volvidos, totalmente esqueceu, e sem razão, porque os seus contos lêem-se com agrado e merecem bem o interêsse que lhes foi dispensado. Foi jornalista, cronista mundano, e marcou no seu tempo. Morreu tuberculoso, e esquecido, na Foz (Pôrto).

Palacete, na Régua, onde Pedro Ivo escreveu a maior parte do seu romance *O sêlo da roda*. Neste palacete esteve depois instalada a Câmara Municipal; tendo-se nêle havido um incêndio, acha-se hoje muito modificada. A fotografia que produzimos é do tempo de Pedro Ivo, e pertence a seu filho o Dr. Macedo Lopes.

e) Trindade Coelho

BIBLIOGRAFIA: — *ABC do povo...*, com desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa, 1901; *In illo Tempore*, desenhos de A. Augusto Gonçalves, Lisboa, 1902; *Os meus amores* (Contos e Baladas), Lisboa, 1901; *Trindade Coelho — Auto-biografia e Cartas* (Prefácio de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos), Lisboa, 1910. *Manual político do cidadão português*, 1.ª ed. prefácio de Alberto de Oliveira, Lisboa, 1906; 2.ª ed. 1908; *A minha candidatura por Mogadouro* (Costumes políticos em Portugal), Lisboa, 1901; *Pão nosso de Leituras elementares e enciclopédicas para uso do povo*, Lisboa, 1904.

José Francisco Trindade Coelho nasceu em Mogadouro em 1861. Formado em Direito, seguiu a carreira da magistratura, tendo sido Delegado do Ministério Público na comarca de Sabugal até 1889, e depois desta data em Lisboa. Morreu em Lisboa em 1908. Fêz o seu nome de contista privilegiado pela publicação do seu volume *Os meus amores* de que há muitas edições e uma tradução espanhola. *Os meus amores* é um livro de contos verdadeiramente notável e com que qualquer outro dificilmente emparelha. É, no seu género, conto campesino e regional, sem par, tão notável é, e tão belo na sua simplicidade e na sua expressão artística. Trindade Coelho foi uma vítima da política, pois que se suïcidou, motivado êsse suïcidio por factos do seu tempo, tendente à agitação que trouxe o assassinato do rei e o advento da República. Foi um curioso espírito.

f) Contos para crianças

O conto para crianças é género literário que em Portugal tem sido — como é natural — quási exclusivamente cultivado por escritoras; especialmente: D. Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), D. Alice Pestana (1860-1929) e D. Ana de Castro Osório (1872-1935).

D. Maria Amália Vaz de Carvalho, que foi notável poetisa e prosadora, escreveu em 1886, com a colaboração de seu marido, o poeta Gonçalves Crêspo, um belo livro de contos para crianças, os *Contos para os nossos filhos*.

A sua restante bibliografia, variada e valiosa, é a seguinte: *Uma primavera de mulher*, poema prefaciado por Tomaz Ribeiro, 1867; *Vozes do êrmo*, 1876; *Serões no campo*, 1877; *Arabescos*, 1880; *Contos e fantasias*, 1880; *Cartas a Luísa*, 1886; *Mulheres e crianças*, 1887; *Alguns homens do meu tempo*, 1889; *A Marqueza de Alorna*, 1890; *A vida do Duque de Palmela*, 3 volumes, 1898-1903; *Figuras de ontem e de hoje*, 1902; *Cérebros e corações*, 1903; *No meu cantinho*, 1909; *Páginas escolhidas*, 1920.

Colaborou em diversas publicações periódicas de Portugal e Brasil, usando o pseudónimo «Valentina de Lucena».

D. Alice Pestana, que literàriamente usou o pseudónimo «Caiel», foi escritora notável e deixou na sua vasta bibliografia alguns livros de contos destinados a crianças: *Ás mães e ás filhas* (contos, 1886), *Desgarrada*, *Primeiras leituras* (contos), *Testamento de mãe*, *Amor à antiga*, *A filha de João do Outeiro*, *Madame Renan*, *A tia Vitória*, *De longe* (contos), *Retalhos de verdade* (conto, 1904).

Dirigiu a *Revista Branca* e colaborou largamente em jornais e outras publicações periódicas.

D. Ana de Castro Osório consagrou-se com louvabilíssima persistência à literatura infantil, deixando vários livrinhos para crianças, todos escritos com ternura e decidida vocação. Merece citação especial a sua admirável iniciativa da fundação de uma colecção significativamente intitulada *Para as crianças*, na qual estão publicadas até agora cêrca de duas dezenas de volumes.

XXXIV — ELOQÜÊNCIA

a) Oratória sagrada

Cada século tem o seu orador, sagrado ou parlamentar; e assim como o século XVII teve António Vieira, o século XIX teve António Cândido. Entre nós não escassearam os grandes oradores. Ainda hoje são lembrados os triunfos oratórios de Vieira de Castro, José Estêvão e João Arroio no parlamento, de António Cândido e Silveira Malhão no templo.

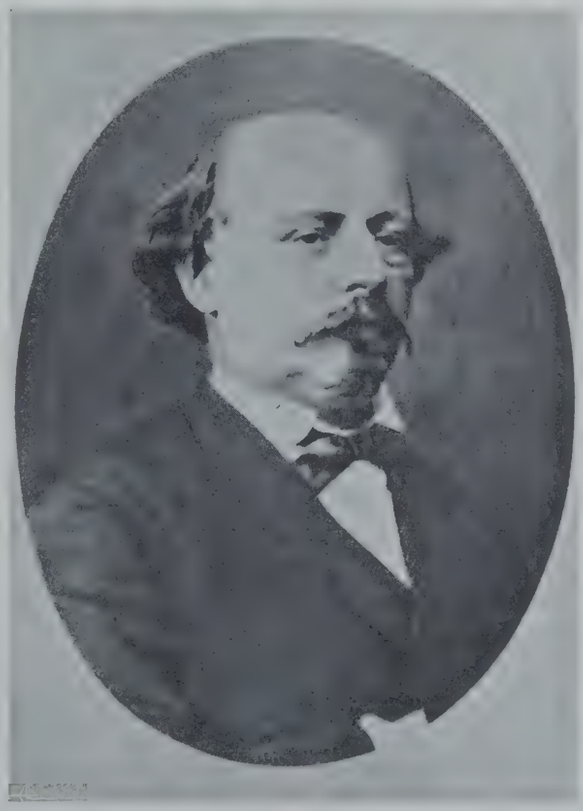
VIEIRA DE CASTRO

FRANCISCO RAFAEL DA SILVEIRA MALHÃO (1794-1860). — Silveira Malhão foi um dos mais notáveis oradores sagrados. D. António da Costa chamou-lhe «o Lacordaire português». Era muito eloqüente. Conta-se até que José Estêvão, ouvindo-o uma vez prègar, não se conteve e aplaudiu-o vibrantemente, sem dar conta de que estava numa igreja. Fala-se ainda hoje no sermão pronunciado por Silveira Malhão nas exéquias do Conde de Barbacena, Francisco Furtado de Castro do Rio Mendonça e Faro, na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, a 25 de Agôsto de 1854.

Silveira Malhão foi poeta, e como tal publicou *Lyra Christã;* mas, incontestàvelmente, a fama do orador sobrepuja em muito a do poeta. Alguns dos seus sermões, dezasseis, foram publicados em volume, em 1858, com o título: *Sermões publicados pelo beneficiado Francisco Rafael da Silveira Malhão.*

FRANCISCO ANTÓNIO RODRIGUES DE AZEVEDO (1811-1897). — Quando outra peça oratória não bastasse para consagrar Rodrigues de Azevedo como orador notável, o sermão prègado nas exéquias de Filinto Elísio levaria a êsse conceito. Diz-se que Silveira Malhão se lhe referira, dizendo que fôra «o elogio do rei dos líricos pelo rei dos oradores portugueses». Rodrigues de Azevedo foi lente da Faculdade de Teologia de Coimbra, cónego da Sé e Par do Reino. A sua actividade oratória foi compendiada num volume de *Sermões*, publicado em 1897 sob os auspícios do Visconde de Taveiro, grande amigo do orador.

MANUEL EDUARDO DA MOTA VEIGA (1831-1879). — Mota Veiga, lente da Faculdade de Teologia de Coimbra, foi também um notável orador sagrado, muito considerado no seu tempo. Os seus mais notáveis sermões foram reünidos no volume *Conferências religiosas recitadas na Sé Catedral de Coimbra em os domingos da Quaresma* (Lisboa, 1877).



JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES

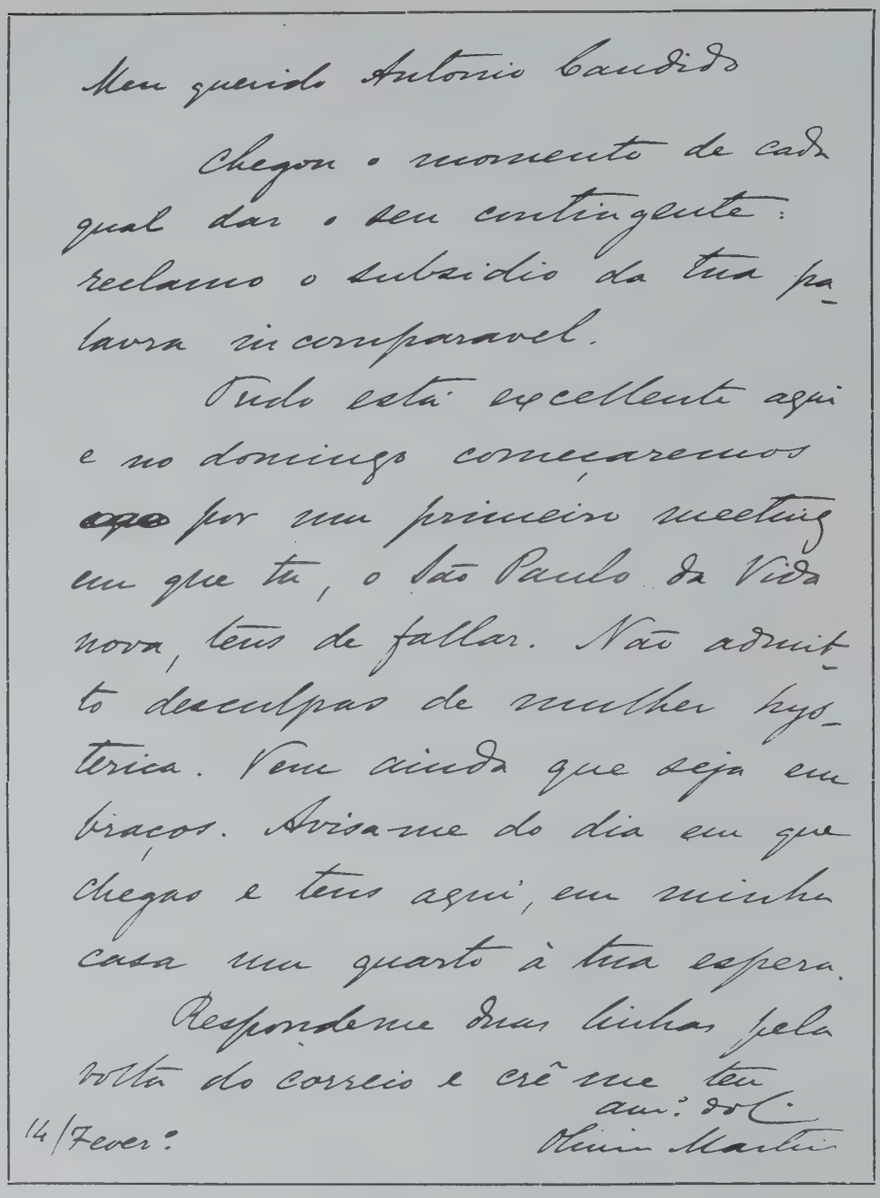
JOAQUIM ALVES MATEUS (1835-1903). — Alves Mateus foi orador notável, no púlpito como na tribuna parlamentar. Deputado, e depois Par do Reino, foi sempre escutado com interêsse e exerceu influência. Os seus sermões mais importantes foram: *Oração gratulatória no consórcio de S. S. M. M. El-Rei D. Luiz e D. Maria Pia* (1863); *Sermão de Nossa Senhora da Lapa* (1872); e as orações fúnebres de D. Pedro IV (1861), de D. Pedro V (1862), e do Marquês de Sá da Bandeira (1876).

ALVES MENDES (1838-1904). — António Alves Mendes da Silva Ribeiro, formado em Teologia, foi cónego da Sé do Pôrto, e, além de notável orador sagrado, escritor de relativo mérito.

Como orador sagrado, foi o escolhido para a oração fúnebre com que os restos mortais de Herculano foram recebidos nos Jerónimos. Mas não só essa oração deixou renome; outras, como as recitados por morte de Fontes e de Barros Gomes, e aquela com que no Mosteiro da Batalha se realizou a trasladação dos príncipes de Avis, ficaram memoráveis. Alves Mendes foi objecto de geral admiração, como orador moderno e ilustrado, notável a todos os respeitos.

Como escritor, Alves Mendes tem um livro de viagens que o notabilizou: *Itália*. Êste volume provocou grande discussão, tendo sido acusado de plagiário. Asseverava-se que Alves Mendes plagiara Emílio Castelar, que também escrevera os *Recuerdos de Itália*. Alves Mendes defendeu-se escrevendo *Os meus plágios*, e sôbre filosofia respondeu a Mgr. Almeida Silvano com os panfletos *Um quadrupedante à desfilada* e *Thomista ou tolista?*, que em 1883 produziram verdadeiro escândalo literário. Alves Mendes conservou até à derradeira hora a supremacia da oratória sagrada, a que a sua presença respeitável e superior dava corroboração.

Alves Mendes deixou numerosas publicações, onde avultam


Meu querido Antonio Candido

Chegou o momento de cada qual dar o seu contingente: reclamo o subsidio da tua palavra incomparavel.

Tudo está excellente aqui e no domingo começaremos por um primeiro meeting em que tu, o São Paulo da Vida nova, tens de fallar. Não admitto desculpas de mulher hysterica. Vem ainda que seja em braços. Avisa-me do dia em que chegas e tens aqui, em minha casa um quarto à tua espera.

Respondeme duas linhas pela volta do correio e crê-me teu

am.º do C.

14/Fever.º

Oliveira Martins

Carta de Oliveira Martins a António Cândido.

as reproduções das suas orações. Dessa larga bibliografia apontem-se: *Itália, elucidário do viajante* (Pôrto, 1878); *Discurso nas soleníssimas exéquias de Fontes, mandadas celebrar pelo Centro Regenerador do Pôrto na Real Igreja da Lapa, aos 28 de Março de 1887* (Pôrto, 1887); *Discursos (Inéditos e Dispersos) 1886-1888* (Lisboa, 1889); *D. António Barroso, Bispo do Pôrto* (Pôrto, 1889); *A Epopea portuguesa (Crença e pátria)*, discursos; *Herculano* (Pôrto, 1888); *Perfil dum benemérito* (Pôrto, 1896); *Os meus plágios* (Pôrto, 1883); *Pátria! — Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores; O Priorado de Cedofeita — Breves considerações sobre o ofício capitular de D. Prior* (Pôrto, 1881); *Santo António*, discurso (Pôrto, 1895); *Thomista ou tolista? — Resposta ao Redactor da «Ordem» pelo Cónego Alves Mendes* (Pôrto, 1883); *Um quadrupedante à desfilada — Corrida em pêlo ao Silvano da «Ordem»* (Pôrto, 1884). Ainda sobre a questão do plágio apareceu um opúsculo: *Emilio Castelar e o Cónego Alves Mendes — A questão dos plágios, pelo redactor do «Capítulo»* (Pôrto, 1884); *Orações e discursos* (Pôrto, 1906).

José Joaquim de Sena Freitas (1840-1913). — Sena Freitas foi um prègador fluente e notável, e sobretudo escritor católico de grande envergadura. A sua obra é de crítica, de viagens, de orientação e de combate; e o seu estilo, notável, clássico e atraente. Vê-se que está ali um espírito católico poderoso e um combatente orientado e valoroso. Quer como prègador, quer como escritor, Sena Freitas marcou uma posição de realce e o seu nome teve grande cotação entre os espíritos do seu tempo.

Já atrás referimos o essencial da produção de Sena Freitas, ao tratarmos da sua figura como crítico. Mencionaremos agora as suas orações que vieram a ser impressas: *Discurso gratulatório pronunciado na Igreja do Seminário Patriarcal de Santarém* (Pôrto, 1876); *Sermões, Orações fúnebres, Discursos, Conferências, Alocuções pronunciadas no templo e fora dêle* (1867-1903, 2 volumes); *O nosso pêsame de irmãos, discurso proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa na noite de 18 de Março de 1906, por ocasião da solene manifestação de homenagem que ali se realizou comemorando o desastre do «Aquidaban»* (Lisboa, 1906).

Francisco Patrício (1850-1911). — O padre Francisco José Patrício, pároco de Paranhos, foi em todo o Norte do País considerado como um grande orador sagrado, mercê dos seus dotes invulgares de prègador. E tão notáveis êsses dotes se afirmaram, que breve excederam o âmbito da terra em que eram sentidos, sendo Francisco Patrício convidado a pronunciar o sermão das exéquias de D. Luís I em Lisboa. As mais importantes das suas orações estão compendiadas, sob o título *Trabalhos Oratórios*, em 3 volumes (1899-1904-1905). Entre outras, são notáveis a oração das exéquias das vítimas do incêndio do Teatro Baquet, a feita por ocasião da trasladação dos restos de Garrett para os Jerónimos e a do elogio do sertanejo Silva Pôrto. Francisco Patrício foi um prègador, no verdadeiro sentido da palavra.

Manuel José dos Santos Farinha (1871-1923). — Sacerdote muito culto, formado em Teologia na Universidade de Coimbra, foi um escritor muito apreciável e um notável orador. Na Sé de Lisboa, comemorando-se um dos aniversários da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640, pronunciou um sermão arrebatador que profundamente impressionou o rei D. Carlos I que se achava presente; querendo êste agraciá-lo com uma condecoração, Santos Farinha, que era miguelista convicto, recusou-se a aceitá-la. Ficou também memorável a con-

ferência que pronunciou na Sociedade de Geografia e em que criticou a Lei da Separação, conferência a que assistiu o ministro autor da Lei, Dr. Afonso Costa, e numerosíssimo público; sôbre o mesmo assunto publicou: *A Igreja livre e o Estado livre.*

Retrato e fac-símile da assinatura de Oliveira Martins.

b) Oratória parlamentar

ORADORES DA PRIMEIRA FASE CONSTITUCIONAL. — O estabelecimento do regime constitucional, parlamentar, determinou, como é natural, o aparecimento de numerosos oradores. Em regra, porém, os das primeiras assembleias legislativas quási se abstiveram de cuidados da forma. Assim o fizeram muitos dos grandes nomes da política de então: Fernandes Tomás (1771-1822), Borges Carneiro (1774-1833), Aragão Morato (1777-1838), Agostinho Freire (1780-1836), Silva Carvalho (1782-1856).

Passos Manuel (1801-1862) notabilizou-se pela extrema clareza e veemente sinceridade do seu discurso de 1844 sôbre o abuso de poder exercido pelo govêrno; êste discurso foi publicado no ano seguinte com o título: *Discurso do sr. deputado Passos (Manuel) na sessão de 18 de Outubro de 1844.*

Almeida Garrett (1799-1854), também se fêz notar como orador pelo seu conhecido discurso de 1840, um dos chamados «do Pôrto-Pireu», impresso ainda nêsse ano com o título: *Discurso na discussão da resposta ao discurso da coroa, pronunciado na sessão de 8 de Fevereiro de 1840.*

A Costa Cabral (1803-1889), cuja carreira política terminou em 1851, também há que reconhecer qualidades oratórias: vivacidade e clareza de argumentação.

Porém os grandes oradores parlamentares portugueses do século XIX pertencem à segunda fase constitucionalista, aquela que se inicia em 1851 com o movimento da «Regeneração».

JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES (1809-1862). — José Estêvão, professor de Economia Política na Escola Politécnica de Lisboa, e Deputado em muitas e consecutivas legislaturas, foi o nosso maior orador parlamentar do século XIX. Palavra clamorosa e ardente umas vezes, e outras harmoniosamente suave, ela revive hoje nos discursos publicados. Mesmo só lidos, êles impressionam ainda; e, sem embargo da frieza que a escrita derrama sôbre os rasgos oratórios, pode bem supor-se o que de grande teriam sido quando animados pela oralidade. Entre numerosos discursos, todos perfeitos, merecem citação especial os seguintes: o de 1840, chamado «do Porto Pireu», em resposta a Almeida Garrett; o de 1857, verberando com comovida indignação a violência que o govêrno francês fazia a Portugal no caso da apreensão pelas autoridades portuguesas, em águas nacionais, da barca negreira francesa *Charles et George;* o de 1861, relativo ao problema das Irmãs de Caridade.

Os principais discursos de José Estêvão foram reünidos, em 1909, num volume intitulado *Discursos parlamentares.*

ANTÓNIO CANDIDO.
Original de Condeixa. Gravura de Netto.

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO (1838-1872). — Vieira de Castro formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, após uma formatura cortada de incidentes académicos — de que o primeiro foi o seu protesto contra a reprovação de Barjona de Freitas no concurso para lente da Faculdade de Direito (1857).

Entrado na vida pública, e eleito Deputado, Vieira de Castro notabilizou-se nas lides oratórias parlamentares pela vivacidade e brilho das suas orações, para isso lhe bastando o pouco tempo em que fêz parte do Parlamento. Êsses seus discursos foram impressos logo após terem sido pronunciados: *Discursos parlamentares* (Lisboa, 1866). Das suas peças oratórias extra-parlamentares a mais interessante é: *Discurso sobre a caridade* (Rio de Janeiro, 1867).

ANTÓNIO CÂNDIDO. (Quadro a óleo de Veloso Salgado, de que existe fotografia na «Colecção de autógrafos e recordações» da Biblioteca Municipal do Pôrto).

A tragédia da vida de Vieira de Castro impediu a sua obra de atingir as proporções que era legítimo esperar. Tendo assassinado, por ciúmes, sua esposa, uma senhora brasileira que desposara no Brasil, foi prêso e julgado. Moveram-se decididamente, batendo-se por êle, entre outros, Camilo, de quem era grande amigo e biógrafo, e o seu dedicado advogado, Jaime Moniz. Tudo inútil; o júri não deu como provado o adultério da esposa, que Vieira de Castro apresentava como justificação do assassinato, e o tribunal condenou-o a 10 anos de degrêdo. Vieira de Castro veio a morrer pouco tempo depois (1872) em Angola, contando apenas 34 anos de idade.

ANTÓNIO CÂNDIDO RIBEIRO DA COSTA (1850-1922). — António Cândido (por êste nome é geralmente conhecido) nasceu em Candomil, povoação do concelho de Amarante, aos 30 de Março de 1852. Feitos os estudos preparatórios, entrou para a Universidade de Coimbra, formando-se em Direito e em Teologia. Obtido o grau de Doutor, António Cândido chegou a professor universitário, alcançando renome como tal. Tentou-o também a política, tendo sido Deputado e Par do Reino. A sua grande cultura e a afabilidade do seu trato grangearam-lhe inúmeras amizades e facilitaram o seu caminho na vida: além das funções já indicadas, desempenhou as de Ministro, nas pastas do Reino e da Instrução Pública, e as de Procurador Geral da Coroa. Foi também sócio efectivo da Academia das Ciências. Morreu em 1922.

No púlpito, como na tribuna parlamentar ou na sala de conferências, o verbo eloqüentíssimo, claro, elegante, de António Cândido foi enlêvo de quantos o escutaram. Ao grande orador chamou Camilo «águia do Marão»; Oliveira Martins disse que nos seus discursos «se via um carácter através duma obra de arte» e chamou-lhe «o São Paulo da Vida Nova».

Dos seus discursos há a seguinte bibliografia: *Discursos parlamentares* (1894), *Na Academia e no Parlamento* (1901), *Discursos e conferências* (1905).

JOÃO MARCELINO ARROIO (1861-1930). — João Arroio formou-se em Direito e seguiu a carreira política, para a qual o impeliam os seus brilhantes dotes oratórios. Ministro aos 30 anos, foi, durante largo tempo, parlamentar distintíssimo. Embora tivesse abandonado a actividade política em 1910, quando proclamada a República, não se apagou ainda a memória dos seus belos discursos, onde corriam a par os cuidados formais do artista e os sólidos argumentos do estudioso. Artista foi também em outros domínios além do da palavra: poeta, dramaturgo, compositor, não podendo esquecer-se nesta última das suas formas de actividade artística a ópera *Amor de Perdição*.

XXXV — O JORNALISMO

O jornalismo é a ante-câmara da literatura, e se muito jornalista nela se queda e por ali fica, outros há que seguem àvante, deixando a fôlha avulsa do jornal pela definitiva do livro. Jornais, tantos tem havido, que deram origem aos livros de Silva Pereira, Brito Ara-

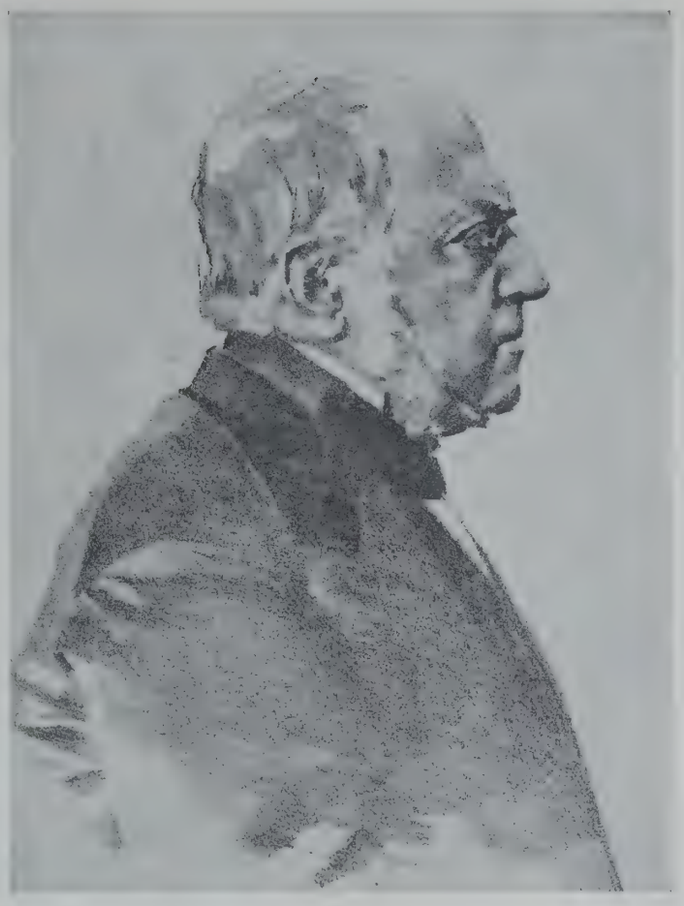
nha, Alberto Bessa, e aos trabalhos magníficos de Alfredo da Cunha [1].

Muitos jornais ficaram imorredoiramente ligados à literatura, como: *O Trovador* e o *Novo trovador* a uma escola, *O Chronista* a Garrett, *o Panorama* a Herculano, a *Gazeta literária do Pôrto* e *O Bico de Gaz* a Camilo, as *Ribaltas e gambiarras* a Alexandre da Conceição, a *Revista Universal Lisbonense* a Castilho, a *Revolução de Setembro* e a *Gazeta de Portugal* a Teixeira de Vasconcelos, *a Folha* a João Penha, *o Espectro* a António Rodrigues Sampaio, *O Repórter* a Oliveira Martins, *O Conimbricence* a Joaquim Martins de Carvalho, *a Tradição* a Tomaz Pires, o *Occidente* a Caetano Alberto, o *Instituto* a Sousa Viterbo e Brito Rebêlo, a *Revista Lusitana* a José Leite de Vasconcelos, o *Dia* a António Enes e a Moreira d'Almeida, o *Diário Popular* a Mariano de Carvalho, as *Novidades* a Emídio Navarro e a Barbosa Colen, a *Lucta* a Brito Camacho, o *Pimpão* a «Pan-Tarântula», *O Século* a Silva Graça, a *Aurora do Cávado* a Rodrigo Veloso, a *Revista de Portugal* a Eça de Queiroz, a *Illustração* a Mariano Pina, o *Diário de Notícias* a Eduardo Coelho e Alfredo da Cunha, o *Diário Ilustrado* a Pedro Correia, o *Tempo* a José Dias Ferreira, etc.

Magníficos periódicos e primorosos jornalistas viveram a vida dos jornais em Portugal. Foi nêles que começaram os nossos maiores escritores. Pelo menos, raro foi o grande literato que por êles não passou e lhes não deu alguma das suas melhores páginas. E não só colaboração literária. Alguns fizeram a vida diária de reportagem. Fialho foi redactor efectivo, redigindo tôdas as várias secções do jornal. A Silva Pinto sucedeu o mesmo. Oliveira Martins foi director de jornais. Pinheiro Chagas fêz vários jornais, do fundo ao folhetim. Sampaio (Bruno) viveu muito dos seus artigos. João Grave igualmente, e até João de Deus ganhou a sua vida redigindo um periódico provinciano. Rara é, pois, a grande figura literária que não pagou a sua contribuïção ao jornalismo.

António Enes.
Original de Condeixa. Gravura de Netto.

António Rodrigues Sampaio (1806-1882), foi um dos mais notáveis jornalistas dos últimos tempos. *O Espectro*, jornal de combate, perseguido e perseguidor, mostrou as faculdades do seu redactor, faculdades invulgares e que lhe deram acesso até às culminâncias da política.



Martins de Carvalho, jornalista do *Conimbricense* e escritor apreciado de Coimbra (do *António Maria*, Novembro de 1883).

António Augusto Teixeira de Vasconcelos (1816-1878), autor do *Prato de Arroz Doce*, *Duas facadas*, *A Ermida de Castromino*, *Os Contemporâneos* (em francês), foi mestre de jornalistas; a *Gazeta de Portugal*, no seu tempo, foi uma tribuna de notável valor.

Joaquim Martins de Carvalho (1822-1898) foi jornalista notável e também escritor. Liberal convicto, colaborou a princípio em diversos jornais que defendiam o seu credo político. Porém, onde mais e melhor se assinalou a sua acção de jornalista foi no *Conimbricense*, que durante muitos anos quási totalmente redigiu, chegando a compô-lo e a imprimi-lo. Neste jornal, publicou não só artigos políticos, como também vários trabalhos de carácter histórico, que mais tarde reüniu em vo-

(1) A. X. da Silva Pereira, *Os jornaes portuguezes, sua filiação e methamorphoses — Noticia supplementar alphabetica de todos os periodicos mencionados na Resenha chronologica do jornalismo portuguez*; Lisboa, 1897. A. X. da Silva Pereira, *O Jornalismo portuguez — Resenha chronologica de todos os periodicos portuguezes impressos e publicados no reino e no estrangeiro desde o meiado do seculo XVI até á morte do saudoso rei D. Luiz, bem como dos jornaes em lingua estrangeira publicados em Portugal durante o mesmo tempo. — Extrahida do Diccionario Jornalistico Portuguez*; Lisboa, 1895. Brito Aranha, *Mouvement de la presse périodique en Portugal de 1894 à 1900*; Lisboa, 1900. Alberto Bessa, *O Jornalismo — Esboço historico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias — Ampliado com a resenha chronologica e alphabetica do jornalismo no Brasil*; Lisboa, 1904.

lume: *Apontamentos para a história contemporânea* (Coimbra, 1868).

António Enes foi um ilustre jornalista, e como tal dirigiu *O Dia*, embora a sua acção fôsse mais notável como colonialista; o melhor da sua obra é constituído não pelos seus dramas *(Os Lazaristas, O Saltimbanco* e outros) mas pelos seus relatórios sôbre Moçambique.

Foram grandes jornalistas Carlos Lobo d'Avila, o humorista e risonho Urbano de Castro, Barros Lobo, Júlio César Machado, Mariano de Carvalho, Mariano Pina, José d'Alpoim, Emídio Navarro, Barbosa Colen, Moreira d'Almeida, Caetano Alberto, etc.

Mariano de Carvalho, professor da Escola Politécnica e director do *Diário Popular*, e Emídio Navarro, autor do vol. *Quatro dias na serra da Estrêla*, e director das *Novidades*, foram do mais nobre no sentido político. Os restantes foram notáveis na feitura do jornal, alguns especializados no jornal de arte, em artigos literários ou de bibliografia, etc.

A tudo isto há a acrescentar o jornalismo vermelho, revolucionário, representado por Elias Garcia, Latino Coelho, e principalmente Magalhães Lima (1850-1928), que fundou a *Vanguarda* e *O Século*, e contribuiu poderosamente para a criação do ambiente político de que resultou a proclamação da República em 1910.

Ao jornalismo deveu também Bento Carqueja a sua notoriedade, como a deveram Alberto Bessa, Xavier de Carvalho, João Chagas, Heliodoro Salgado, Oliveira Ramos, António José de Almeida, Câmara Lima, Faustino da Fonseca e outros.

XXXVI — HISTÓRIA

No século XIX desenvolveu-se consideràvelmente entre nós o gôsto pelos estudos históricos. Ilustra a centúria de Oitocentos o grande nome de Herculano, historiador cujo merecimento científico e literário foi já largamente tratado nas páginas da presente obra. De outros escritores que à história consagraram boa parte do seu labor literário — como Oliveira Martins e Pinheiro Chagas — também nelas já suficientemente se disse. Importa, porém, memorar sistemàticamente o muito que no campo dos estudos históricos se fêz, aquêle magnífico florescimento historiográfico, que constituíu actividade científica notável e simultâneamente deu à literatura portuguesa páginas de grande valor.

Em primeiro lugar saliente-se o afan com que se procurou dar publicidade, tão copiosa quanto possível, às fontes do conhecimento histórico. Cabe nesta tarefa boa parte à Academia Real das Ciências. Foi ela que nos anos de 1790 a 1824 publicou, por iniciativa do Abade Correia da Serra, os 5 volumes da *Colecção de livros inéditos da história portuguesa*, onde, entre outra documentação, foram impressas várias crónicas; foi ela que, desde 1856, editou os volumes duma notável publicação que Herculano, seu organizador, denominou *Portugaliae Monumenta Historica*, a exemplo de obras estrangeiras similares; foi ainda ela que fêz imprimir, desde 1862, os 10 tomos do *Corpo Diplomático Português*, a cargo, sucessivamente, de Rebêlo da Silva, Mendes Leal e Jaime Moniz. Entretanto, e em análogo labor, o 2.º visconde de Santarém, Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita Macedo Leitão e Carvalhosa (1791-1856), publicara em 1846 o 1.º e único volume do seu *Corpo Diplomático Português*, que não deve confundir-se com a obra de igual título a que acima se fêz referência. Na do visconde de Santarém, foram publicados, integralmente, os tratados e peças anexas concernentes às relações diplomáticas de Portugal com a Espanha até ao século XIV; ao passo que na outra foi publicada, sobretudo, correspondência diplomática do século XVI. Quási no fim do século, em 1892, viram a luz da publicidade *Alguns documentos do Archivo Nacional da Tôrre do Tombo acêrca das navegações e conquistas portuguêsas*, em volume editado oficialmente como peça comemorativa do 4.º centenário colombino.

Um dos sectores da história nacional mais profundamente revolvidos foi o da nossa actividade náutica e colonizadora. No princípio do século, por duas vezes, em 1819 e 1835, Costa Macedo reïvindicou para os portugueses a realização de viagens às Canárias na primeira metade do século XIV. Em 1839 publicou Diogo Kopke, com um erudito estudo, o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, e logo surgiram mais dois historiadores da expansão portuguesa, dignos de nota: o almirante Inácio da Costa Quintela, autor dos *Anais da Marinha Portuguêsa* (Lisboa, 1839-1840), obra de conjunto, assente em indagação própria, e o já citado Visconde de Santarém, cuja acção teve maior éco.

Desde 1834 vivia o Visconde de Santarém em Paris, e ali veio a morrer, com 65 anos, em 1856, tendo ocupado em interessantes estudos históricos os dois decénios da sua estada na capital de França. De alguns trabalhos seus nos ocupámos já e de outros trataremos adiante; aqui vamos memorar o muito que fêz em defesa da acção ultramarina dos portuguêses. Com efeito, quer no seio de várias corporações científicas, pela sua palavra tão autorizada, quer fora delas pela publicação de valiosas monografias, o Visconde de Santarém muito contribuíu para que internacionalmente começasse a ser feita à actividade marítima dos portugueses de Quatrocentos a merecida justiça. Dessa tão meritória actividade do Visconde de Santarém, ficaram, além de numerosos artigos e discursos, — proficientemente coligidos por Jordão de Freitas nos volumes intitulados *Inéditos* e *Opúsculos e Esparsos*, e por Aires de Sá nos da *Cartografia antiga*, — e da introdução e notas com que acompanhou a sua edição da *Crónica da conquista da Guiné* de Azurara (Paris, 1841), algumas obras, de que cumpre salientar a *Memória sôbre a prioridade dos descobrimentos portugueses na costa da Africa Ocidental* (Paris, 1841), de que logo no ano seguinte fêz uma reedição

EUGÉNIO DE CASTRO

Um dos melhores e mais recentes retratos
do grande Poeta.

ampliada, em francês, com o título de *Recherches sur la priorité de la découverte de la côte occidentale d'Afrique, au de-là du cap Bojador, et sur les prugrès de la sciense geographique, après les navigations des portugais au XV siècle, acompagnès d'un Atlas* (Paris, 1842).

Entretanto, LOPES DE LIMA preparava os seus *Ensaios sôbre a estatística das possessões portuguesas*, de que, no período 1844-1846, publicou 3 volumes, abundantes de notícias relativas ao descobrimento e colonização de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Angola, obra continuada por FRANCISCO MARIA BORDALO desde 1860. Ao mesmo tempo (de 1848 a 1850) publicavam-se sob o título de *Os Portugueses na África, Ásia, América e Oceania*, e em 7 volumes, os estudos de FR. FRANCISCO DE S. LUIZ relativos às navegações e conquistas dos Portugueses.

A Academia Real das Ciências, por sua parte, fêz publicar a *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas* (7 volumes, 1812-1841) e a *Colecção de opúsculos reimpressos relativos à história das navegações, viagens e conquistas dos Portugueses* (3 volumes, 1844-1858).

Com a fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa (1875), tal género de estudos ganha, na pessoa de Luciano Cordeiro [1], um relêvo nunca atingido, pois agora ao mérito científico da investigação cuidadosa se juntam primores de linguagem, que magnìficamente vestem o pensamento.

Iguais méritos nos estudos de HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA (V. págs. 307), ou no livro do CONDE DE FICALHO sôbre as *Viagens de Pedro da Covilhã* (Lisboa, 1898). Entrara-se decididamente numa obra de reivindicação — nobre tarefa continuada com elevação e saber no século XX — tendente a mostrar em tôda a sua importância a originalidade e o valor da acção portuguesa na descoberta da Terra e na expansão da civilização europeia.

Nos restantes sectores da história nacional, não menos opulenta se mostra a produção literária do século XIX, sendo impossível dar dela, aqui, uma notícia exaustiva.

No limiar do século XX um trabalho verdadeiramente notável — quer pela limpidez da linguagem, quer pelos cuidados da investigação — se impõe à consideração do estudioso: *As vilas do Norte de Portugal* de ALBERTO SAMPAIO, cuja redacção definitiva precedida de duas outras, é de 1902. Conjugando essa obra com *As póvoas marítimas* do mesmo autor, ter-se-á o mais valioso estudo dos até hoje publicados sôbre a proto-história portuguesa. Louve-se também, pela enormidade da indagação e da base documental, que iguala, se não excede a de Herculano, a monumental *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV* de GAMA BARROS, que em milhares de páginas — despidas de lavores literários, é certo, mas repletas do mais sólido saber — apresenta um quadro lógico e completo da vida social, administrativa e económica do Portugal medievo. Parte dos assuntos versados pelos referidos escritores fôra já tratado por REBÊLO DA SILVA na sua *Memória sôbre a população e a agricultura de Portugal*, (Lisboa, 1868) de que saíu apenas um volume. Agradável do ponto de vista literário, como tôdas as obras dêste autor, essa monografia peca pela falta de solidez de algumas das suas afirmações. Rebêlo da Silva, que como romancista foi já tratado nas páginas do presente livro, e que alcançou justa fama no romance histórico, e também um tanto no teatro, escreveu ainda uma outra obra histórica que não pode deixar de ser citada: a *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII* (Lisboa, 1861-71), que melhor se diria dos séculos XVI e XVII. Os cinco volumes dêste trabalho histórico são abundante repositório de notícias, em boa parte ainda hoje aproveitáveis.

A primeira tentativa de estudo objectivo da complexa figura do Marquês de Pombal acha-se num interessante livro, escrito em francês por um escritor português: *Le marquis de Pombal*, de Francisco Luiz Gomes, editado em 1869; como introdução ao assunto principal, alguns capítulos são consagrados a uma exposição rápida da história portuguesa da 1.ª metade do século XVIII, onde não faltam pontos de vista verdadeiramente dignos de nota. A acção do Marquês de Pombal constitui também objectivo de grande parte da *História política e militar desde os fins do século XVIII até 1814*, de LATINO COELHO, em 3 volumes [1], a qual abrange também o reinado de D. Maria I. Obra literàriamente notável, esta *História*, de que alguns conceitos têm sido combatidos por vezes, repousa sôbre documentação abundante e valiosa. Igualmente LUZ SORIANO (1802-1891) consagrou 2 volumes ao estudo da *História do reinado de D. José e da administração do Marquês de Pombal* (Lisboa, 1867), crónica assaz fastidiosa, que emparceira na mediocridade da apresentação literária com a *História do cêrco do Pôrto* (2 vols., 1846-49) e a *História da guerra civil* (17 vols., 1866-1884), do mesmo autor.

A génese e o desenvolvimento da revolução, que

---

(1) Luciano Cordeiro (nome completo: Luciano Batista Cordeiro de Sousa), nasceu em Mirandela a 21 de Julho de 1844, e faleceu em Lisboa a 24 de Dezembro de 1900. Foi funcionário superior do Ministério do Reino e Deputado. Na Sociedade de Geografia ocupou durante muitos anos o cargo de Secretário Perpétuo. De entre a sua importante bibliografia, devem salientar-se os seguintes trabalhos relativos à história ultramarina de Portugal: *De la part prise par les portugais dans la découverte de l'Amérique* (Lisboa, 1876); *L'hydrographie africaine au XVI siècle, d'après les premières explorations portugaises* (Lisboa, 1878); Memórias de ultramar — *Viagens, explorações e conquistas dos portugueses — Collecção de documentos* (Lisboa, 1881); *Diogo d'Azambuja* (Lisboa, 1890); *De como e quando foi feito conde Vasco da Gama* (Lisboa, 1892); *Batalhas da India — Como se perdeu Ormuz-Processo inédito do século XVII* (Lisboa, 1896).

(1) José Maria Latino Coelho (1825-1891) seguiu a carreira militar, na arma de engenharia, tendo chegado a general. Insigne poliglota, tanto no que respeita às línguas modernas, como às clássicas; como tal traduziu para explêndida prosa portuguesa, e acompanhada de um estudo sôbre a civilização grega, a *Oração da coroa* de Demóstenes (Lisboa, 1877). Latino Coelho deixou vasta e excelente obra literária.

ANTÓNIO NOBRE AOS 17 ANOS. (Fot. existente na «Colecção de Autógrafos e Recordações» da Bibl. Mun. do Pôrto).

implantou entre nós o regime constitucional foram assuntos de que largamente se ocupou JOSÉ DE ARRIAGA (1848-1921) na *História da revolução de 1820* (Lisboa, 1884-1889), extensa crónica de escasso valor.

O agitado período que precedeu o início da «Regeneração» teve condigno historiador no afamado jornalista Barbosa Colen, autor do livro *Entre duas revoluções* (1848-1851).

Para completar o panorama geral da nossa historiografia do século XIX, importa agora mencionar algumas obras consagradas a aspectos especiais da história nacional [1].

Para o estudo da nossa história diplomática ainda hoje é de utilíssima consulta o *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo* (18 vols., 1842-1860), de que o Visconde de Santarém teve a iniciativa, escrevendo os vols. I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, XIV, XV, onde acumulou inúmeras notícias, ordenadas cronològicamente, e precedidas, em relação a cada secção, por valiosos estudos introdutórios. O esfôrço do Visconde de Santarém, que parou em 1854, foi continuado por Rebêlo da Silva e por Mendes Leal.

A nossa história militar foi acrisolado objectivo do general Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (1853-1930).

Para a história das artes plásticas carreou abundantes materiais o incansável investigador Sousa Viterbo, (1846-1910), que deixou uma vastíssima bibliografia.

Na história da música deve rememorar-se o nome de Joaquim de Vasconcelos, autor de *Os músicos portugueses*, conjunto de estudos bio-bibliográficos (Pôrto, 1870, 2 vols.).

À história da instrução estão ligados os nomes de D. António da Costa (1824-1892), autor da *História da instrução popular em Portugal* (Lisboa, 1871), e de José Silvestre Ribeiro (1807-1891), que escreveu uma longa *História dos estabelecimentos científicos de Portugal* (15 vols., Lisboa, 1871-1887).

Aspectos materiais da vida portuguesa foram historiados por António Tomaz Pires (1850-1912) em *Mobilia, vestuário e suntuosidade dos séculos XVI a XVIII* (Lisboa, 1899).

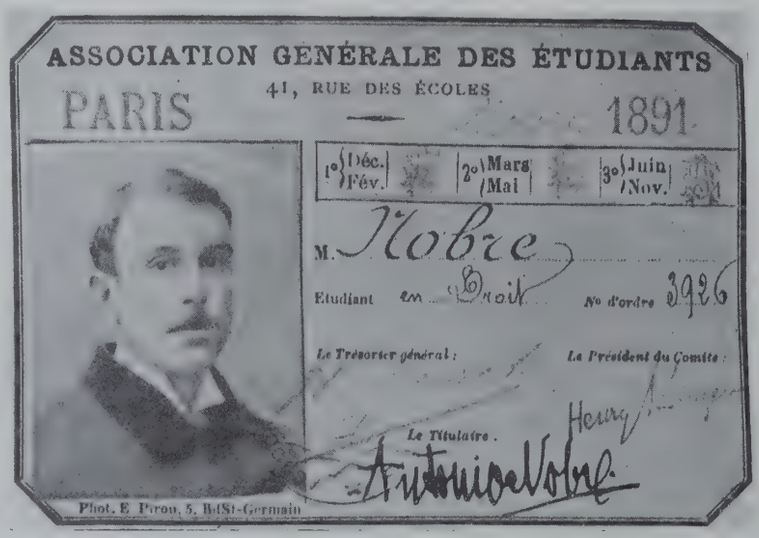
Na história da literatura, o nome dominante é o de Teófilo Braga, já individualmente tratado.

ANTÓNIO NOBRE EM 1893. (Fot. existente na «Colecção de Autógrafos e Recordações» da Bibl. Mun. do Pôrto).

No sector dos trabalhos biográficos, podem considerar-se como dignos de nota, entre outros, e além dos de Sampaio (Bruno), já citados no presente livro, os seguintes: *Apontamentos biográficos de D. Pedro IV* (Lisboa, 1864) do general Cláudio Chaby (1818-1905), escritor a quem se devem também bons estudos relativos à Guerra Peninsular; *Rainhas de Portugal* (2 volumes, 1878-1879), de Fonseca Benevides; e o admirável estudo sôbre a Raínha Santa *D. Isabel de Aragão* (2 vols., Coimbra, 1894), do Doutor António de Vasconcelos.

XXXVII — LITERATURA DE TEMAS EXÓTICOS: WENCESLAU DE MORAIS

BIBLIOGRAFIA: — *Traços do Extremo-Oriente (Sião, China e Japão)*, 1875; *Dai Nippon*, 1897; *Cartas do Japão* (3 volumes, 1904-1907); *Serões do Japão, O culto do chá*, 1905; *Paisagens da China e do Japão* 1906: *Fernão Mendes Pinto no Japão*, 1920; *O-Yoné e Ko-Haru*, 1923; *Relance da história do Japão*, 1924; *Alma Japonesa*, 1926; *O Bon-odori em Tokushima*, 1911 e 1929, de que a 2.ª edição está enriquecida com um interessante prefácio do Prof. Dr. Bento Carqueja.



António Nobre quando estudante de Direito em Paris (bilhete de identidade que se guarda na «Colecção de Autógrafos e Recordações» da Bibl. Mun. do Pôrto).

WENCESLAU DE MORAIS (nome completo: Wenceslau José de Sousa Morais) nasceu em Lisboa em 1854 e seguiu a carreira de oficial da marinha de guerra, chegando a elevado pôsto — o de capitão-de-mar-e-guerra. Estacionando por largo

(1) Excluímos desta breve resenha os cultores das ciências auxiliares da história: arqueólogos, numismatas, diplomatistas. Como os filólogos e bibliógrafos, tais estudiosos — que habitualmente figuram nas resenhas dos manuais de história da literatura — têm melhor cabimento nos livros de história da ciência ou da cultura.

tempo em Macau, onde foi capitão do pôrto e professor do Liceu, o seu espírito foi-se afeiçoando às cousas do Oriente. Uma viagem ao Japão fêz o resto: Wenceslau de Morais deixou-se prender pela atracção da terra, gente e costumes japoneses; e a ponto tal, que nunca mais voltou a Portugal. Representou o nosso País como cônsul em Yokohama e Kobe, muitos anos, e depois fixou residência em Tokushima. O seu coração repartiu-se desde então: sem esquecer a terra natal, que sempre amou, consagrou-se igualmente àquela terra adoptiva a que desde então o prenderam laços afectivos indestrutíveis. Ali constituiu família, e ali veio a morrer em 1925.

Longos anos ausente de Portugal, cercado de imagens e de pessoas japonesas, Wenceslau de Morais nunca deixou o uso da língua portuguesa, produzindo livros que serão sempre lidos com grande aprazimento. Se o têma é exótico — païsagem oriental, sobretudo japonesa; história do Japão, vultos gentis de japonesas que ocuparam no seu coração o logar de eleitas —, é admiràvelmente portuguesa a linguagem, cuja perfeição nada conseguiu perturbar. Apesar do «profundo abatimento do seu espírito, vencido por tantas contrariedades e desenganos de uma vida atormentada como foi a sua», Wenceslau de Morais conservou-se, como acentuou Bento Carqueja, num nível literário excepcional, «sem perder em cousa alguma o brilho incomparável e o poder descritivo do seu estilo».

XXXVIII — UM POETA DO FIM DO SÉCULO: ANTÓNIO NOBRE

BIBLIOGRAFIA. — *Só*, 1.ª ed.. Paris, 1892. Do *Só* há várias edições; a 2.ª mereceu especial cuidado ao autor, é a definitiva. Pòstumamente, foram publicadas outras obras do Poeta: *Despedidas*, Pôrto, 1902; *Lisboa*, Lisboa, 1914; *Primeiros versos*, Pôrto, 1921. António Nobre nasceu no Pôrto a 16 de Agosto de 1867. Feitos os preparatórios liceais, matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra em 1888; o mau êxito dêsses estudos levou-o, porém, a abandoná-los, seguindo para Paris em 1890. Na capital francesa freqüentou a Faculdade de Direito e a Escola Livre de Ciências Políticas. Regressou em 1895. Atacado pela tuberculose, partiu para a Suissa no ano seguinte, em busca de alívios. Após uma permanência de alguns meses em Davos-Platz, voltou para Portugal, e fêz em 1897 uma viagem à América. Agravando-se os seus padecimentos, buscou melhoras, sucessivamente, na Madeira e de novo em Davos-Platz. Perdidas as esperanças de cura, regressou a Portugal. Morreu, aos 33 anos, na sua terra natal (18 de Março de 1900).

DURANTE todo o século XIX, quer em história, quer em arqueologia, em etnografia, em filologia, houve uma incessante pesquisa das origens, tradições, costumes e hábitos do povo português—e ainda uma permanente comunicação com a cultura da Europa. Essa orientação nacional e nacionalizadora expressou-se no romance histórico, difundindo-se assim pela maioria do público; expressou-se no romance marítimo; expressou-se no teatro. Duma maneira sumária, diremos que através dessa formidável actividade, de intuitos e preferências nìtidamente patrióticas, a nossa literatura continuava no rumo aberto por Garrett e Herculano. Prosseguia-se — voluntária ou involuntàriamente, e através de tôdas as modalidades da arte de escrever — na reconquista da consciência da nacionalidade, quer investigando, quer experimentando e alargando as fronteiras do nosso génio criador, na poesia, no romance, no teatro, no ensaio, na crítica literária, artística ou social.

ANTÓNIO NOBRE AOS 30 ANOS.
(Fot. existente na «Colecção de Autógrafos e Recordações» da Bibl. Mun. do Pôrto).

O optimismo intelectual de Teófilo Braga, o optimismo sensorial de Ramalho Ortigão, e o idealismo de Antero do Quental, temperavam, caldeavam de confiança êsse esfôrço persistente, que teria ainda um seu grande e derradeiro negador: — António Nobre.

Curioso seria traçar a genealogia sentimental dêste lírico da desesperança, e entroncar em Bernardim Ribeiro a sua primeira ascendência. Uma igual tristeza de viver, uma igual incapacidade de ser feliz, chora nos versos dos dois poetas. Em António Nobre, porém, mais intensa, mais aguda, como é natural em quem, até hoje, se pode considerar como o ponto ex-

trêmo da nossa poesia elegíaca e saudosa, irmão gémeo dêsse elegíaco da escultura que foi Soares dos Reis.

A velha melancolia da raça plange nos seus poemas, multiplicada, exasperada por aquela angústia que António Nobre chamou *dôr do pensamento:*

Tôda a dor pode suportar-
[-se, tôda!
. . . . . .
Mas uma não: é a dor do
[pensamento!
Ai quem me dera entrar
[nesse convento
Que há além da Morte e
[que se chama a Paz!

António Nobre.
(Desenho de Joaquim Lopes, existente na «Colecção de Autógrafos e Recordações» da Bibl. Munic. do Pôrto).

O seu livro *Só* apareceu no momento em que várias causas de natureza política, social e moral tinham produzido um estado de espírito nacional que justificava os maiores desalentos. António Nobre — que um jovem crítico do seu tempo chamou «um pequeno Shakespeare», pela grandeza do seu desespêro e pelo poder trágico da sua emoção e do seu estilo — vinha condensar e interpretar, embora sem intenção, êsse desânimo esparso no ambiente. A sua revolta passiva contra a vida, contra a alegria, e sobretudo contra o desejo de viver e de lutar, era um sentimento que se tornara comum a muita gente, resultado fatal da crise que se atravessava. O apostolado patriótico dum Ramalho, dum Teófilo, de tantos outros, ainda não começava a dar os seus frutos. As idéias, que êles defendiam, caminhavam seguramente, mas na obscura simpatia das almas. Não tinham chegado ao momento culminante de dominar à luz do sol, à vista de todos. Assim, o êxito do *Só* foi imediato, fulgurante.

Acentue-se, no entanto, que o *Só* possuía raros filtros de sedução. O génio do seu autor era patente na originalidade das imagens, no vigor da expressão, no requinte da forma, na estranha beleza dos versos, que de certa maneira inauguravam uma técnica nova. Nunca se levara tão longe a flexibilidade, a ductilidade do verso de doze sílabas; nem modernamente, depois de João de Deus, se tornara tão capaz de exprimir os mais íntimos acordes da alma a nossa antiga *redondilha maior*, de que António Nobre usava com a doçura e a perfeição dos poetas dos cancioneiros. Se, como diz Paul Valéry, a poesia só aparece quando há a *simbiose do som e do sentido*, António Nobre atingiu na sua obra muitos dêsses momentos supremos. Sob êsse aspecto, o *Só* ficou sendo um modêlo.

A admiração que suscitou êsse livro não passou ainda, nem passará nunca, decerto. Mas o que passou foi a sua influência depressiva. Melhor diremos: — essa influência, pelo seu exagêro, criador de pessimismo doentio, provocou uma reacção intensa.

XXXIX — OUTROS VULTOS LITERÁRIOS DO FIM DO SÉCULO XIX

José Duro. — Talvez influenciado por António Nobre, mas conservando forte a sua personalidade literária, apareceu, também ao fechar do século, um outro poeta original e distinto: José Duro. Nascido em Portalegre, em 1873, e falecido na capital em 1899, escreveu: *Flôres* (Portalegre, 1896), e *Fel* (Lisboa, 1898); desta obra há quatro edições, de que a 2.ª, publicada em 1916 com prefácio de Albino Forjaz de Sampaio, constituiu o início de uma obra de justiça a favor do poeta.

Como tantos outros escritores portugueses, José Duro morreu tísico. A doença que o matou inspirou-lhe versos admiráveis, como êstes:

> A doença que me mata é moral e física!
> De que me serve a mim agora ter esperanças,
> Se eu não posso beijar as trémulas crianças,
> Porque ao meu lábio aflue o tóxico da tísica?

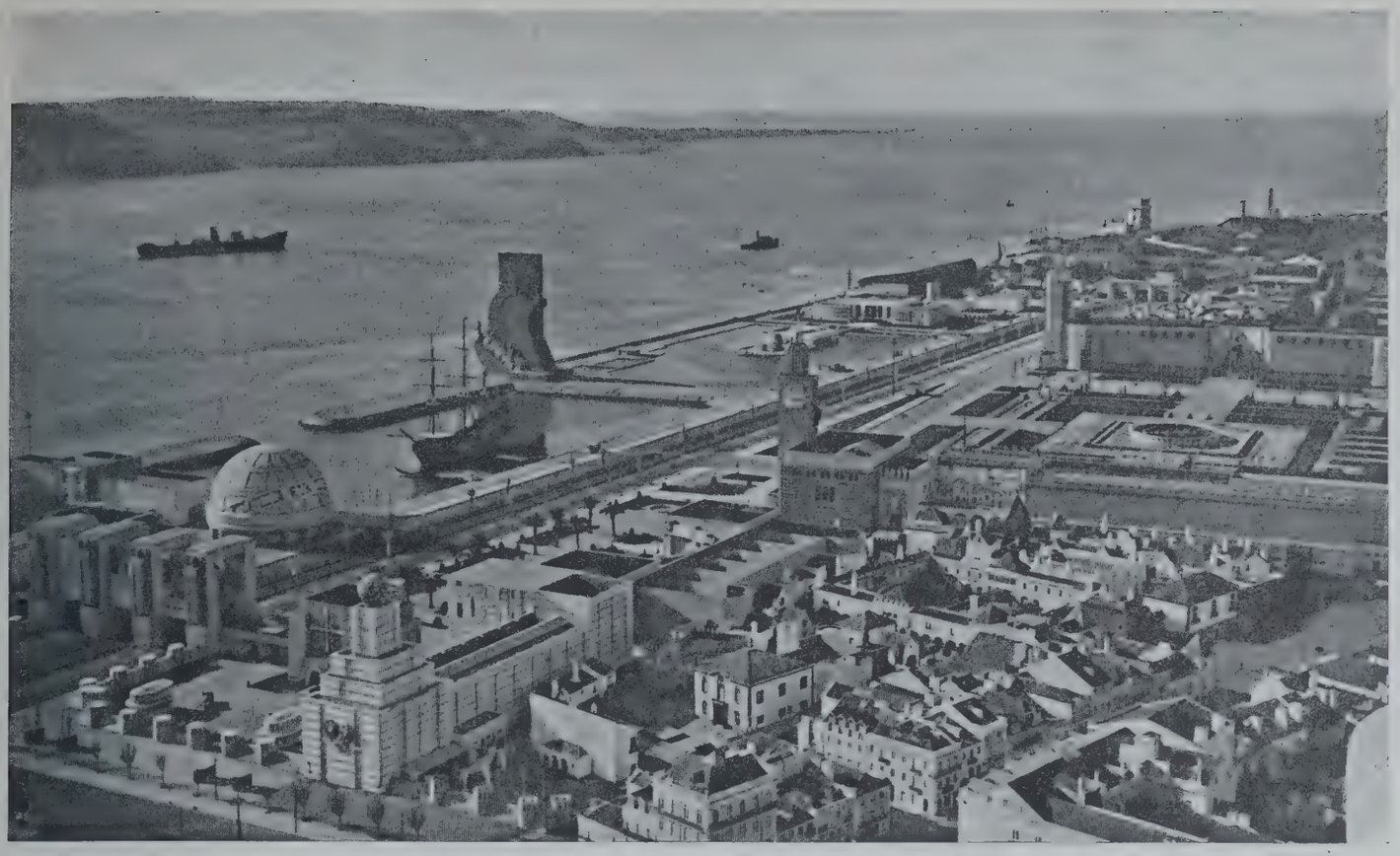
Poeta extraordinário, o seu livro *Fel* é a afirmação de um autêntico talento — robusto, forte, dominador. Poeta que mal viveu, terá no futuro inúmeros devotos e o seu nome perdurará atravez de gerações, como um dos maiores poetas de Portugal.

ANTÓNIO DE CAMPOS JÚNIOR. — Eis um escritor que, como outros (1), anda injustamente esquecido. Nascido em 1850 e falecido em 1917, entrou no mundo das letras em 1890 com a *Torpeza*, obra a que se seguiram outras sem destaque. Escreveu, porém, interessantes romances históricos, como *Guerreiro e monge*, *O marquês de Pombal* e outros. Aquêles dois romances lhe criaram nome; tiveram larga retumbância em Portugal e no Brasil, e foram traduzidos para alemão. Campos Júnior deixou uma larga e interessante obra, que não é pior que a dos outros romancistas históricos com bem maior projecção na história das nossas letras.

Balanceando a actividade literária do século XIX, vê-se que em riqueza, quer numérica, quer de qualidade, constitue, como o século XVI, uma época capital na nossa literatura. Quem um dia faça um estudo sôbre o que valem os dois referidos séculos, e os ponha em paralelo, verá como resultam enormes e como são verdadeiramente os grandes pilares de uma literatura riquíssima, variada, pujante, onde as maravilhas se topam numa profusão que estonteia.

---

(1) Esquecido como o crítico LUIZ GARRIDO (1841-1882); como ANSELMO DE ANDRADE, conhecido como economista, mas desconhecido geralmente como autor de uma curiosa *Viagem na Espanha* que tem 3 edições; como JAIME BATALHA REIS (1847-1935), colaborador de Eça e de Gervásio Lobato; e como JOSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO (1846-1909), que escreveu verso e prosa, foi autor de um drama lírico *(D. Pedro)* prefaciado por António Cândido, e deixou um excelente livro: *Amores de Júlia* (1886).



CENTENÁRIOS DE 1939-40: EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS (Foto aérea do Com. Pinheiro Correia, ed. *Revista do Ar*)

SÉCULO XX

I — A POESIA

a) De Eugénio de Castro ao grupo da «Águia»

TENDO já sido estudados Cesário Verde, Guerra Junqueiro e António Nobre, no valor e significado da sua arte, na novidade e projecção desta, só falta que se atente na renovação que no lirismo português provocou a obra de Eugénio de Castro, para se ter idéia completa das directrizes sob que, no século XX, começa a realizar-se a actividade poética.

Foi bem precoce o poeta. Aos 15 anos publica o voluminho *Cristalizações da Morte* (1884), constituído por seis sonetos elegíacos, dedicados a um irmão morto, e nêle promete dois outros volumes de poesias: — *Rítmicas*, com apreciação de João de Deus, e *Epopeia do Calvário*, que não chegaram a ser publicados.

Não se prevê nestes versos o surto a que, sete anos depois, se há-de elevar no *Oaristos* (1891). São do prefácio dêste volume as palavras seguintes:

«Com duas ou três luminosas excepções, a Poesia portuguesa contemporânea assenta sôbre algumas dezenas de coçados e esmaiados lugares comuns. *(E vem a seguir a larga exemplificação dêles — comparações e epítetos — assim como a da «pobreza franciscana» das rimas e do vocabulário. E continua):* ... talvez dois terços das palavras que formam a língua portuguesa jazem abandonadas, desconhecidas, inertes, ao longo dos dicionários, como tarecos sem valor em lojas de arrumação.

Tais são os *rails* por onde segue num monótono andamento de procissão o combóio misto que leva os poetas portuguêses da actualidade à gare da POSTERIDADE, poetas suficientemente tímidos para temerem o vertiginoso correr do expresso da ORIGINALIDADE.

Inexperiente, o autor dos *Oaristos*... cinco anos suportou a lentidão da viagem e a má companhia, até que... resolveu mudar para o supracitado expresso, preferindo dêste modo um descarrilamento à crescente expectativa de ficar eternamente parado na concorridíssima estação da VULGARIDADE».

Êste juízo crítico, que é ao mesmo tempo um programa, *a priori* se concebe como o havia de realizar um moço de 22 anos, ardendo em impaciente anseio de triunfo e não desconhecendo, pois a experiência portuguesa a todos desde o primeiro abrir de olhos o ensina, a eficiência da audácia e do escândalo na esca-

lada das eminências...

Em suas composições do *Oaristos* e ainda das *Horas* e *Silva*, logo a seguir aparecidos, «*o SIMBOLO passeia arquiepiscopal, arrastando flamante samarra bordada de sugestões, que se alastra, oleosa e polícroma, nas lisonjas...*» E desde o fulgor imprevisto do mesmo símbolo, e imagens e metáforas que o acompanham, até o inaudito do léxico, rebuscado entre o que provoque mais viva impressão de magnificências aristocráticas, exóticos lampejos, expressividade musical, voluptuosa *harmonia imitativa* — sem esquècer a riqueza imprevista da rima —, tudo nos seus versos exprime o excesso febril das reacções da mocidade, mas também um conceito de poesia demasiado lógico e sério, para que lhe não sobrevivesse, triunfante.

Eugénio de Castro: dois retratos de infância — aos 2 e aos 4 anos.

De tal excesso resultou a proliferação dos *nefelibatas*, acolhidos pela surriada da crítica do tempo. Nas *Novidades* e no *Universal* criou D. Alberto Bramão, lírico fiel aos moldes tradicionais, a ficção do poeta *Alberto Cantagalo*, pobre de espírito a quem responsabilizava pelas paródias em que vincava os defeitos das novas formas poéticas; e Fialho de Almeida, não obstante a carta elogiosa a Eugénio de Castro, publicada nas *Obras Poéticas* (vol. I, de ed. Lumen) e em que se refere à troça das *Novidades*, não deixou sem a arranhadura dos *Gatos* o nefelibatismo de Castro e Joaquim de Araújo, de quem salienta a incomunicabilidade esotérica. E parafraseando um verso do primeiro, escreve: «Não tenteis compreendê-los; não os compreenderíeis» — acrescentando: «Quem vai, vai, e quem está, está».

Eugénio de Castro em 1916.

Mas sob os arruídos e vaias do escândalo, era inevitável a insinuação do que a estesia poética reavivada trazia em perduráveis valores literários. E êstes não eram tanto os importados da França simbolista e parnasiana, como os que o poeta encontrou no próprio fundo da sua formosa alma lírica. O simbolismo, de cuja técnica na avidez da juventude se enamorou, não tardaria a sua natureza de meridional a traí-lo, gulosa como era da claridade e precisão a que tal escola fugia.

É sabido que o simbolismo, contra o gôsto parnasiano do escultórico das formas, contra o gôsto das descrições directas e minuciosas do sensível, ou eruditamente evocado do passado ou surpreendido na vida e no mundo que nos rodeiam, reagia pela preferência da *transposição em símbolo* dos fenómenos da vida moral, mais sugeridos do que descritos. A expressão adaptava-se a tal intuito. Por seu alheamento de modêlos rètóricos, por seu à-vontade de confidência, por sua absoluta indeterminação de movimento discursivo, e até por sua desarticulação sintática e selecção verbal, mais subordinada à eficiência sugestiva dos valores musicais das *palavras*, do que à definida inteligibilidade dos *termos*, a página lírica deixava de ser a *pintura* grata aos românticos, abandonava o relêvo plástico de *escultura*, procurado pelos parnasianos, e ganhava a imprecisão da *música*, mais propícia às vagas ressonâncias no subconsciente, do que à captação de idéias ou quadros pela inteligência ou pela imaginação sensível.

A constituïção psicológica de Eugénio de Castro, a sua própria formação humanística (preferira a qualquer curso da Universidade de Coimbra, onde seu pai e avô professaram e onde não havia ainda Faculdade de Letras, a matrícula no Curso Superior de Letras de Lisboa), repugnavam a uma atitude literária que, reduzindo a festa que a Vida oferecia aos seus sentidos equilibrados e gulosos, lhe privava a inteligência do quinhão a que se habituara, na fruïção dos prazeres estéticos. Os que o conhecem de perto (Silva Gaio, por exemplo) unânimemente se lhe referem à natureza sensual. É-lhe grata a música, mas tanto como os encantos do som lhe exige a sensibilidade as volúpias da forma e da côr, do sabor e do perfume. São os seus sentidos abelhas do Himeto, forrageando através de païsagens luminosas a variedade das sensações de que emana o encanto raro da sua obra, tôda esplendente de claridade meridional.

Eugénio de Castro em 1921.

De tal constituïção temperamental, provém a evolução ulterior do artista. Os mestres franceses do simbolismo não tardam a ser substituídos pelos clássicos, gregos e latinos, pelos parnasianos, que de certo modo lhes davam repercussão. Na lição dos primeiros encontrou os temas de *Tirésias* (1895); *O Rei Galaor* (1896); *O Anel de Policrates* (1907). Mais tarde, em 1921, ainda sôbre versos latinos havia de cinzelar os seus *Camafeus Romanos*. Mesmo nos temas bíblicos ou cristãos — *Belkiss* (1894); *Salomé* (1896); *Saüdades do céu* (1899); ou *Sagramor* (1895); *Constança* (1900); *O Filho Pródigo* (1910) e a *Tentação de S. Macário* (1922) — igual amor do equilíbrio harmonioso, dos valores plásticos e pictóricos, da claridade em que tudo se inunda — sentido do tema ou graças da expressão — denuncia o artista obediente aos impulsos do próprio temperamento, que não ao magistério estranho e à moda de momento.

¿E não será por esta afinidade profunda de gôsto com o génio de Goethe, o poeta que melhor realizou e viveu uma poesia que era a síntese de tôda a inquietação moderna e tôda a harmoniosa serenidade clássica, de tôdas as volúpias da sensibilidade e todos os anseios da inteligência, que Eugénio de Castro dêle traduziu e publicou, em 1909, um volume de poesias?

Afinidade pelo que toca ao equilíbrio da obra, que não à profundidade do pensamento.

O alemão não seria capaz de subscrever estes versos com que o lusitano define — e limita — os interêsses do seu espírito:

Homem, que fazes tu? Para [quê tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto [ódio e tanta ameaça?
Procuremos sòmente a Beleza, [que a vida
É um punhado infantil de areia [ressequida,
Um som de água ou de bronze [e uma sombra que passa.

No autor do *Fausto*, Apolo domina Diónisos, ou seja, a razão ordena harmoniosamente o tumulto vital, mas dêle recebe a fôrça de penetração no mistério das almas e das coisas, o impulso para caminhos de espèculação filosófica — e até de observação científica — que jámais tentaram Eugénio de Castro.

O que é preciso dizer, todavia, é que, se por êste traço negativo, a poesia do autor da *Salomé* denuncia a limitação intelectual da poesia portuguesa, onde o caso de Camões, Antero ou Pessoa constituem excepção, também nela se integra pelas qualidades positivas que constituem sua nota dominante e definidora.

Não pensemos, na verdade, que seja tudo festa pagã na obra de Eugénio de Castro. Em mais de uma composição se projecta a sombra elegíaca em que nos comprazemos — e em nenhuma obra mais ela se adensa do que no poemeto *Constança*, a obra da preferência do poeta. Diz Unamuno, a propósito dêste poema:

« El culto al dolor parece ser uno de los sentimientos más característicos de este melancólico y *saüdoso* Portugal. Aún más acaso que en nosotros los españoles, se encuentra en los portugueses el culto al dolor, y en ellos no toma cierto carácter de ferocidad bravia que entre nosotros tomó. Su ansia de marti-

Eugénio de Castro em 1933.

ternura suave, como os reflexos do sol no ocaso, tudo banha e penetra. Depois de, na festa das suas núpcias com as Musas, haver dardejado fulgores de girândola, deslumbrantes mas instantâneos, o poeta contenta-se de pontuar a lâmpadas votivas as despedidas do seu comércio com elas...

Mas não foi inútil a experiência lírica. Ficaram-nos dela páginas que tiveram larga repercussão nos países de língua portuguesa e espanhola, que não foram desconhecidas na Itália, onde foi traduzida, e ainda na França, onde o seu nome é citado nos livros em que se faz a história do movimento simbolista. Ficou-nos, sobretudo, no início da actividade poética do século XX, a acção, que não foi sem eficácia, do que modernamente se chama a *mensagem* do poeta. Por um lado, avivou o esfôrço pela perfeição formal, por outro lado, exemplificou um lirismo liberto de qualquer servidão, social, política ou religiosa, pôsto que mantendo-o dentro das balisas da religião e moral tradicionais; e realizou-o de modo que valesse por sua mesma beleza intrínseca e exterior, como visão maravilhosa, posto que superficial, da realidade sensível, como saüdável, gratíssima sedução de todos os sentidos, apenas uma ou outra vez, e sempre episòdicamente, quero dizer, sem generalizações filosóficas, acordando na alma a dôr de viver.

* * *

Era necessário à literatura portuguesa o tonificante magistério. Porque, aí por 1890, a pesada herança de melancolias que nos vinha de muito para além da *História Trágico-Marítima*, adensada pela contaminação do *mal du siècle*, que se exalava das páginas de

rio no los ha llevado como á nuestros abuelos los llevó al desvario de martirisar otros...

Entre estes himnos al dolor, (*A Patria*, de Junqueiro, e os *Trabalhos de Jesus*, de Frei Tomé de Jesus), pocos, os lo repito, mas intensos que el puesto por Eugénio de Castro en boca de la dulce y desgraciada Constanza.

Quero-te muito, ó Dor! amo-te imenso! Y termina este canto, el cuarto, con la suprema fórmula de la resignacion: «Hajase la voluntad del Señor»!

O que podemos assentar é que, em nenhuma obra de Eugénio de Castro ou qualquer dos seus confrades, a sensibilidade pagã do homem e o gôsto da amargura, a permeabilidade ao dramático, que caracterizam o português, compõem quadro de tão harmonioso claro-escuro. A graça radiosa dos corpos nus de Constança e Inês, banhando-se como ninfas nos prados vizinhos do palácio real, vela-a a melancolia elegíaca das próprias almas, vivendo o drama silencioso do amor desprezado mas incapaz de vingança ou do remorso que amargura todos os prazeres e triunfos da paixão, adúltera mas arrependida.

Eugénio de Castro, segundo creio, terá terminado a sua carreira poética com as *Canções desta Negra vida* (1922). ¡Como elas nos distanciam do *Oaristos!* Em um que outro lampejo das antigas volúpias, não é possível reconhecer o moço ardente que aos 22 anos iniciava com excessos exibicionistas a escalada da Glória. A forma é de simplicidade máxima e discretos brilhos, o intuito moral mais de uma vez dignifica o prazer estético, uma

Eugénio de Castro e Maeterlinck (em Coimbra, a 19 de Junho de 1935).

Schopenhauer, Baudelaire, Leopardi e outros, convertia a poesia portuguesa no *Jardim da Morte*. Lembremos que é êste o título de um livro de versos de Júlio Brandão, publicado em 1898, todo escurecido pela grande sombra que então arrepiava os nervos doentios dos poetas, já igualmente sensível no volume da sua estreia poética — *Livro de Aglaïs* (1892), onde se amaldiçoa o mundo, se exprime o desejo de a êle renunciar, e o poeta se inclui *na sombria legião dos pobres, dos vencidos*. É menos densa tal sombra na *Nuvem de Oiro* (1912). Último livro de versos de Brandão, é ainda de emoções melancólicas que a *nuvem* se carrega, *doirada* porém de longínquo fulgor parnasiano.

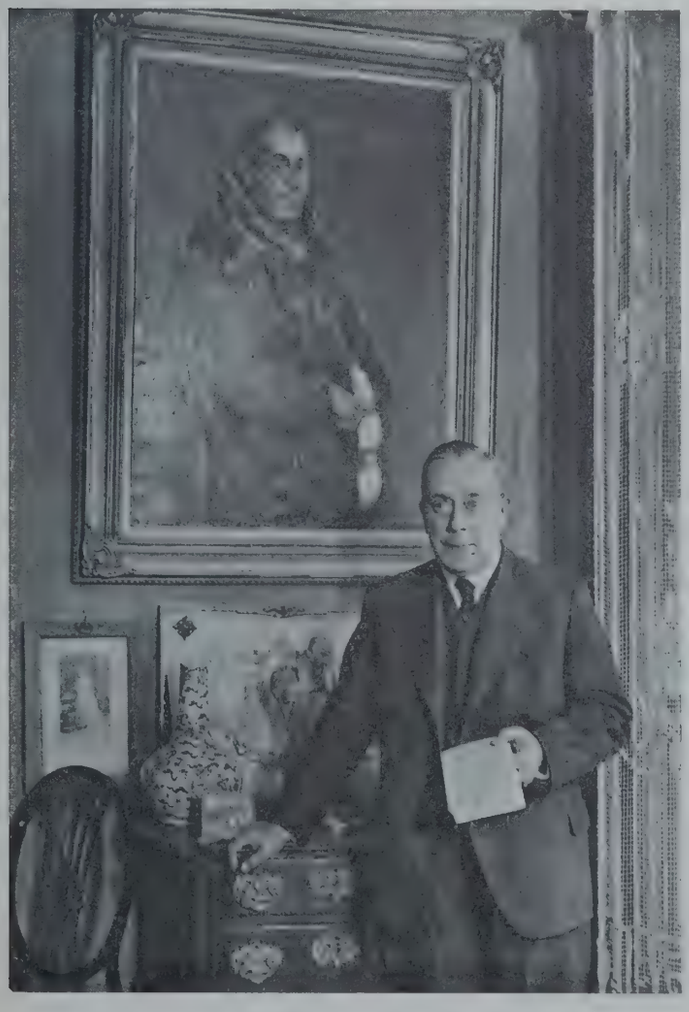
É da mesma época o livro de versos de Júlio Dantas — *Nada* (1896). O título não engana. A mesma obsessão da idéia da morte — e da morte concretamente vista pelo aluno de medicina, que o autor então era, nas podridões cadavéricas do Teatro Anatómico. É notável, contudo, que, se se lhe não transmite a sensualidade pagã do autor da *Salomé*, parece ter influído em sua formação técnica o esmêro formal que êle lhe exemplificava. Não falta nos versos de Júlio Dantas a riqueza da rima, o imprevisto da imagem, a raridade do têrmo e, na construção estrófica, a revivescência do vilancete quatrocentista, o sabor camoneano do soneto.

Mas o arrepio de que falei repercute largamente, tão inveterado era o mal, e tão favorável à sua persistência o ambiente social... O egotismo doentio de Nobre continuava a fazer da vida uma *Costa de África*, e da tuberculose uma doença de poetas. Foi ela que levou José Duro, em cujo livro de versos — *Fel* (1898), como no de Manuel Laranjeira — *Comigo* (1912), vicejam as mesmas flôres malsans. Laranjeira exprime o tédio invencível da existência sem fé, que o leva ao suicídio:

Eugénio de Castro em 1937: com as insígnias de Doutor em Letras.

O desejo de viver
Já não tem asas, e a vida
Dá vontade de morrer...

E não se trata de emprestar eco a gemidos ilustres. A cada passo se ouvem gritos de coração golpeado.



Eugénio de Castro em 1937: junto do seu retrato, pintado por Carlos Reis.

Eugénio de Castro em 1937: sentado à sua mesa de trabalho.

Homenagem da Espanha a Eugénio de Castro, poeta. Eugénio d'Ors, chefiando a missão cultural espanhola, entregou solenemente ao grande poeta um grande ramo de loureiro cortado no litoral mediterrâneo pelas primeiras fôrças nacionalistas ali chegadas. Neste recanto da Sala dos Capelos, onde, em 12 de Maio de 1938, se realizou a sessão solene de homenagem, vêem-se da esquerda para a direita: o Prof. Dr. António de Vasconcelos, o Prof. Gillot, Eugénio de Castro discursando, San Pelayo, Lasso de la Vega, Eugénio d'Ors.

duo, se converte na expressão artística que o generaliza à colectividade, como nova riqueza do património estético, êste requinte — dizia eu — é ainda uma repercussão daquele avivamento da graça, da novidade, da expressividade de dicção poética, que Eugénio de Castro exemplificava.

Mas é preciso dizer também que não ficou isolada a alacridade pagã, a radiosa festa dos sentidos, que é boa parte da sua poesia, onde são tão discretas as velhas e clamorosas *coitas de amor*. João Saraiva, por exemplo, cuja graça ainda há pouco faülhava na finura dos epigramas e sátiras que meia Lisboa sabia de cór, dá em suas *Líricas* expressão a um alegre equilíbrio moral, apenas uma ou outra vez tamizado de nota elegíaca. São dêle estes versos expressivos:

> Deixa-me, Inverno! Esta minha alegria
> Despede um raio sôbre tantas dôres!
> Que eu, num vivo clarão de fantasia,
> Quero tornar a ver a cotovia,
> O céu azul, a luz do sol e as flores.

Com verdade escreve José Duro os versos seguintes, em que o estado doentio se mostra anterior à moda literária, a qual, se lhe facilita a expressão, apenas em parte mínima lhe explica a etiologia:

> São filhos de meu tédio ou de uma dôr qualquer
> Meus sonhos de nervoso, horrivelmente histéricos,
> Como as larvas ruins dos corpos cadavéricos,
> Ou como a aspiração de Charles Baudelaire

É preciso não confundir, neste culto da dor ou da morte — nota dominante, como já foi observado, no nosso lirismo —, poetas como José Duro com poetas como António Patrício. Os primeiros dão-lhe expressão, porque realmente elas lhes minam a existência como males ou ameaças bem concretamente vividos; para a fina sensibilidade dos segundos, a Morte, abstractamente sentida, despe-se de todo o horror físico e subtiliza-se na voluptuosa angústia, que Patrício, por exemplo, plàsticamente traduziu no poema em prosa e verso — *D. João e a Máscara* — e condensadamente, como em cristal, naquele formoso vilancete que à Morte consagra e começa:

> Senhora que me seguis
> Com passos tão de veludo,
> Sou vosso: sois para mim tudo.

Êste requinte, porém, ou seja esta subtil alquimia pela qual, com mais atento esmêro, o doloroso arrepio da carne se purifica em subtil vibração do espírito, e o grito animal que êle suscita no indiví-

Augusto Gil, pôsto que não deixasse de transpor em ritmo, e bem vivo e forte, a paixão amorosa, como os despeitos do ciúme (vêr *Carta a uma noiva, in-Luar de Janeiro)*; pôsto que estremeça nos seus versos uma cristianíssima ternura pela inocência da criança caminhando desabrigada sob a neve, pela desgraça da mulher perdida, herda de João de Deus a simplicidade graciosa da expressão, a claridade solar dos temas, mas cinzela como Eugénio de Castro, nas *Rosas desta Manhã*, epigramas de Antologia grega, e como êle ainda é capaz

Assistência ao banquete em honra de Eugénio de Castro, na reitoria da Universidade de Coimbra, em 12 de Maio de 1938. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Marquês de Villaurrutia, Eugénio de Castro, Eugénio d'Ors, Reitor Dr. João Duarte de Oliveira, Duque de Maura.

do esmero artístico desta joia lírica:

Bôca talhada em milagrosas
[linhas,
A luz aumenta com o seu
[falar.
Esta manhã, um bando de
[andorinhas
Ia-se embora, atravessando
[o ar.
Chegou-lhes às alturas, pela
[aragem,
Um adeus suave que ela
[lhes dissera,
E suspenderam tôdas a via-
[gem,
Julgando que voltara a pri-
[mavera (1).

Os 70 anos de Eugénio de Castro: à saída da Faculdade de Letras depois da sua última lição (1 de Março de 1939).
Na assistência: o Reitor da Universidade, professores e estudantes. Junto de Eugénio de Castro, alguns dos seus numerosos netos.

Dois poetas da mesma geração, porém, cumpre aqui salientar, porque, apesar de quanto os distancia a atitude espiritual, a ambos une êste mesmo anseio de perfeição artística: António Feijó e Fausto Guedes Teixeira.

Respirou o primeiro o ambiente coimbrão onde tinham ressoado os versos que a Teófilo e Antero inspirara a Musa tão vibrante de simpatia social, clamorosa de apostolado, de Vítor Hugo. As suas *Transfigurações* (1882) dão todo o ardor de uma eloqüência moça às indignações e entusiasmos que por aquêle tempo enchiam de gritos o Parnaso, e maculavam muito poema das míseras podridões da terra. Tudo nêles se misturava, aliás, às febres do ideal moral e inquietações do espírito filosófico, que em António Feijó foram insinuando e orientando Schopenhauer, Comte e Littré. A turbação, porém, passou. Em 1884, publicou o autor *Líricas e Bucólicas*. Na primeira parte da colectânea, *Cadência triste* pode já ser o título de uma das composições; é invocada a lua romântica; o coração do poeta é comparado com *um castelo antigo que a legenda vestiu de espanto e visões*; a Morte ensombra uma que outra página, pôsto que sem descompor a formosura da amada, que encantadoramente descreve,

> As mãos de neve erguidas sôbre o peito,
> Pálida e loira, muito loira e fria.

Da ênfase huguesca, porém, só ecos raros aqui se ouvem, e as composições graciosas e frescas como gorgolejos de fonte silvestre preparam o espírito para o encanto das *Bucólicas*. Em tôdas elas, salvo as últimas composições, empenumbradas de melancolias, o sol esplende em festa e a alma o goza *na serena expansão da fôrça e da saúde*.

A encantadora simplicidade da musa chinesa, reflectida no *Cancioneiro Chinês*, que em 1890 compõe sôbre uma tradução em prosa francesa de M.me Judith Gautier, ¿não terá afinado o seu gôsto? Talvez que antes o implique a iniciativa da publicação. Era saudável a sua constituição atlética; o espírito, constitucionalmente elegantíssimo, arejavam-lho a cultura e o cosmopolitismo da vida diplomática; educou-se poèticamente sob o signo de Gautier, Lecomte de Lisle, Sully Prudhomme, Heredia, cuja influência viria reforçar a sua formação humanística, a cada passo sensível:

> Ó Musa antiga, de olhos plácidos, rasgados
> No mármore dum busto aureolado e sereno!
> Inspira-me e desvenda aos meus olhos nublados
> A graça e a proporção do sentimento heleno.

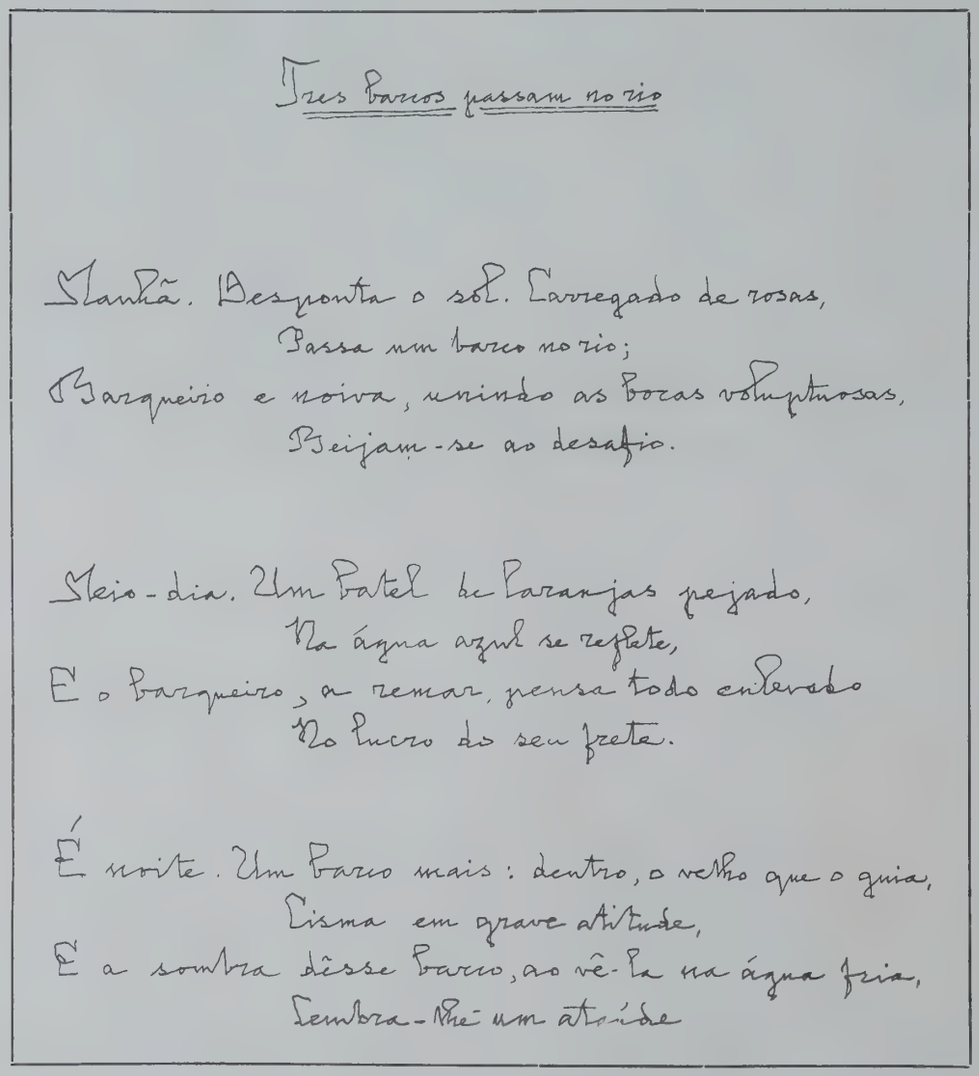
Estes versos escreve-os êle no volume — *Ilha dos Amores* (1897). A atitude espiritual que nêles se traduz explica o esfôrço de Feijó, sempre eficiente, para impôr aos desbordamentos românticos do seu sentimento amoroso a medida das formas impecàvelmente harmoniosas — e ainda a discreção, o *humour* de algumas composições desta mesma colectânea. Nela se adivinha a

(1) Não se resiste à tentação de pôr a par desta composição uma outra de João Saraiva, não como insinuação da hipótese de influência, senão como prova da afinidade de atitudes:

> Mas ao subir no espaço a música macia
> Da tua voz, entoando uma canção de amor,
> As aves matinais hão-de julgar que é dia,
> E cuidarão ouvir cantar a cotovia
> Os rouxinois povoando a laranjeira em flor.

risonha graça, às vezes burlesca sem deixar de ser delicada, das *Bailatas* (1907) e *Novas Bailatas* (1922), onde aproveita o ensejo para rir do simbolismo de Eugénio de Castro...

No *Sol de Inverno*, pòstumamente publicado, escreve o poeta que a *Arte faz da paixão arabescos risonhos*. Mas neste livro não há *arabescos risonhos*. É profundamente melancólica a sua despedida da vida, a certa altura sombreada do drama de uma viuvez que lhe foi pungentíssima. Neste livro corre o fluxo lírico abundante



Três barcos passam no rio

Manhã. Desponta o sol. Carregado de rosas,
Passa um barco no rio;
Barqueiro e noiva, unindo as bocas voluptuosas,
Beijam-se ao desafio.

Meio-dia. Um batel de laranjas pejado,
Na água azul se reflete,
E o barqueiro, a remar, pensa todo enlevado
No lucro do seu frete.

É noite. Um barco mais: dentro, o velho que o guia,
Cisma em grave atitude,
E a sombra dêsse barco, ao vê-la na água fria,
Sombra-lhe um atraide

Um autógrafo de Eugénio de Castro.

e largo, sereno e moroso como rio prestes a confundir-se no Oceano. Lê-se com simpatia — mas com saüdade da vivacidade moça das *Bailatas*...

Fausto Guedes Teixeira, que em 1892 publicou o seu primeiro livro de versos — *Náufragos*, e dois anos depois o *Livro de Amor*, faz dêste sentimento a grande realidade da vida e o objecto quási exclusivo da actividade poética. Quando esta termina, em 1922, é ainda com uma colectânea de título igualmente sugestivo — *Sonetos de Amor*.

De *O meu livro* (1908) diz êle com verdade que

> Todo o sol que o inunda é um beijo de mulher.

Beijo profundo, carnalmente sentido, mas por isso mesmo, como raiz fundamente mergulhada no humus, poderosamente estimulando e enriquecendo as seivas ascendentes, que se desentranham em formosos frutos de espiritualidade.

É sensível nos seus versos um vago eco da voz de João de Deus, mas sobretudo de Cesário e Junqueiro.

Não diminui isto, porém, o forte acento pessoal da sua arte, de vigor excepcionalmente tenso. Quando o poeta escreve em *O meu livro*:

> Eu não quis fazer Arte; o que me importa [a Arte?
> Debrucei-me pra mim e vi dentro de mim
> O Deus que eu procurara, em vão, por tôda [a parte,

não pensemos que se entregue a desregrada efusão sentimental. Pelo contrário: ninguém mais se esmera em conter no espartilho formoso da estrofe, iluminando-a pelo fulgor da imagem imprevistamente expressiva, a densidade túmida da emoção. Êste esfôrço pela conquista da forma mais cingente e impressiva explìcitamente se traduz em versos como:

> Astro no peito é sôbre a língua chaga!
> Dizer uma alegria ou um tormento
> É um mar em que sempre se naufraga.
>
> *(O meu livro).*

Se confrontarmos, porém, *A Mocidade Perdida*, por exemplo, ressoante de gritos hiperbólicos, imagens imprevistas, com os *Sonetos de Amor*, dir-se-ia que todo aquêle tumulto de asas, que soltam vôo e ganham impulso, enfim se equilibra; todo aquêle ímpeto de torrente por alcantis serena e se clarifica na planura, reflectindo o céu ou mostrando o leito. Fôrça, beleza, espontaneidade.

É como se as emoções do homem que ama, para além da mulher, o próprio amor; a angústia de que êste sentimento arrepia os corações, e, porque o vive no melancólico entardecer da vida, tôda a amargura das suas desilusões, surgissem na consciência de poeta já moldadas em verso. Bem parece que o ritmo era o equilíbrio estável daquela alma, como poucas lírica, por fatalidade de natureza.

* * *

Hemos de ver que não se extingue nestes poetas a tradição portuguesa que faz das *coitas de amor* a mais

profunda palpitação da nossa lírica. Todavia, em continuação de Antero e de Junqueiro, não faltam logo no começo do século poetas cujo interêsse espiritual transcende os limites apertados do próprio eu. Não é preciso dizer que êste continua a ser, com seus peculiares estremecimentos, o foco gerador das imagens líricas. Os temas que êles tratam e os problemas que os perturbam resultam muito mais da subjectividade da sua posição em face do mundo ou da vida, do que da objectiva realidade desta ou daquele. Mas constitui-os em categoria especial uma receptividade infinitamente superior para aquilo que supera o mundo dos interêsses pessoais, para aquilo que se amplia, aprofunda e eleva em *preocupação universal, em apêlo e provocação de transcendente.*

Eugénio de Castro, António Nobre e outros literatos do seu tempo, nos fins do século XIX.

António Correia de Oliveira, que havia publicado, em 1897, *Ladainha*, e em 1899 *Eiradas*, assinala o primeiro ano do século com o *Auto do fim do dia*, um dos seus melhores livros. O êxtase amoroso em face dos encantos da paisagem e da vida que ela enquadra é a fonte desta écloga de branda melancolia e rural simplicidade, a que não falta o ritmo da poesia popular. O surto que desta fase popularizante dá para mais filosófica visão da vida é sobretudo sensível nas *Tentações de S. Fr. Gil* (1907), *Elogio dos sentidos* (1909), *A Criação* (1913), entre outras. A Vida universal é propulsionada por fôrças que lhe determinam aperfeiçoamento progressivo. *Criam verdura as ânsias do granito / E o simples homem cria o Deus, o Herói.*

« . . . No entanto
Que espírito ajuntou, dominador,
Contrárias fôrças de pavor e espanto ? »
— Foi a Alma dos Mundos : foi o Amor.

O Amor — alma dos Mundos — actua no sentido de encontrar outra beleza, mais luz, mais liberdade, porque a Dor a isso incita. E a perfeição, o Fim para que tudo tende — é Deus.

E preguntais-me vós que idéia eu faço
De Deus na Criação ? Sei lá que idéia !
. . . . . Sei lá . . . Nenhuma !
Preguntai a um hálito de espumas
O que entende do Mar : se o sente e o vê.

Amo-o, pressinto-o . . . e mais não sei. Quem ama
Responde, não pregunta. É como a chama :
Sobe, alumia — sem saber porquê.

Há, porém, versos em que de Deus se formula um conceito panteísta. Êle é o espírito das Alturas, *já luz esparsa antes de ser chama | Criador que se fez obra das criaturas*, o que sugere o *Deus in fieri* da concepção pan-

teística. Nas *Tentações de S. Fr. Gil*, interroga o santo a vida, a morte, a alma, o próprio Deus. Ainda aqui se exprime a mesma concepção de panteísmo evolucionista, negador de sanções no Além-Vida, mas afirmativo de um optimismo que crê na vitória definitiva da bondade, do *reinado da paz e da alegria | do amor, da candura e da justiça.*

E não há-de haver almas, mas apenas
Uma Alma social unificada.

Depois de tais audácias de pensamento, estanca-se no poeta a ambição metafísica, e ei-lo que, numa última fase da sua obra — colecção «A minha terra» —, volta ao êxtase da paisagem beiroa ou minhota, agora, porém, como quadro da vida fiel à tradição cristã. E êste tradicionalismo é militante. Inspira-lhe a colecção de volumes *Na hora incerta* ou *Nossa Pátria* e, ùltimamente, várias poesias suscitadas por efemérides da vida política.

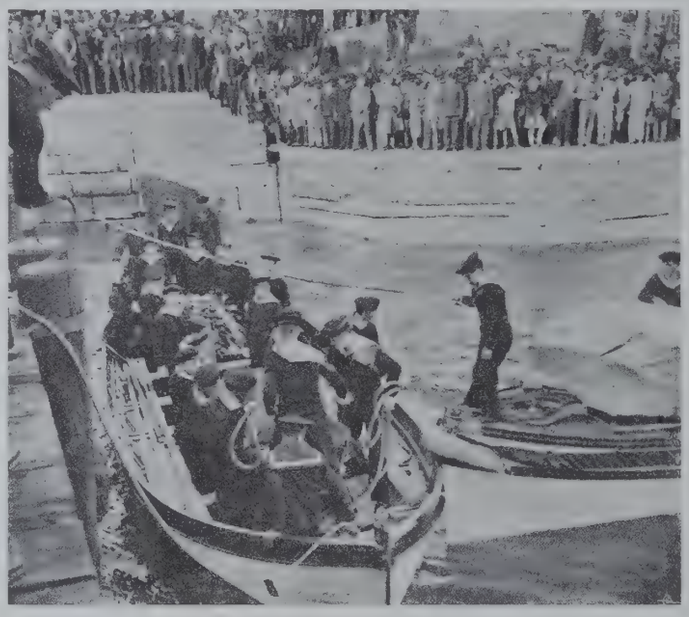
A intuïção visionária e bem mais profunda de Teixeira de Pascoais, encontra na mesma corrente filosófica o substracto intelectual de uma obra que tem no enigma do universo a sua quási exaustiva preocupação — e a fonte de quanto nela há de perdurável (perdurável muito para além do seu apostolado nacionalista e das interpretações de biografias espirituais a que ùltimamente se tem consagrado). Através dos seus primeiros livros — *Sempre* (1897), *Terra proïbida* (1899), *Jesus e Pan* (1913), *Para a luz* (1904), *Vida Etérea* (1906), vai tomando corpo e iluminando-se de consciência a visão do Universo expressa nas *Sombras* (1907). Queimou incenso, é verdade, aos ídolos do tempo — menos às saias de Elvira... Há ecos da grande voz de Junqueiro ainda na *Vida Etérea* e não falta *pathos* da poesia social no livro *Para a luz*, cuja última parte, todavia, já se pode considerar como anunciando *Sombras:*

A luz envolve a chama e a chama envolve a lenha...

A terra é a mãe da alma, a terra deu à luz
O perfume da flor e a alma de Jesus!...

Homem, tu és o sonho enorme da matéria,
A falar pela bôca augusta de Jesus.

António Feijó



Escaler com as urnas de António Feijó e de sua esposa, atracando ao Arsenal de Marinha, em Lisboa, do navio de guerra sueco que as conduziu a Lisboa. (*Ilustração Moderna*, Pôrto, 1927).

Em *Sombras* a mesma intuição, sem de todo perder a vaguidade do seu discorrer, desdobra-se menos imprecisamente. O Universo todo se dinamiza em movimento ascencional para a consciência.

O sonho de ascensão da rocha bruta é realidade no vegetal. A aspiração da vida vegetal efectiva-se na vida animal: o canto de ave liberta no espaço foi sonho da folha, estremecendo presa à árvore. O anelo que lateja na vida animal será consciência no homem, que por seu turno cria o fantasma incorpóreo, puro espírito angélico, pois êle, homem, não passa de

Um brando lusco-fusco amanhecente...
E o mundo, um negro caos, matéria informe...
E o próprio Deus é ainda adolescente...

O Deus de Pascoais também *est in fieri*. É *remoto vulto de lembrança e de esperança*. É a plenitude de consciência para que o Mundo evoluciona. E porque ainda não foi realizada, é anseio de *saudade*, ou seja, simultâneamente, *esperança* de tal plenitude e *lembrança* da originária essência, indiferenciada, de que a alma dos poetas conserva reminiscência vaga, na fraternidade, por exemplo, com que Pascoais abraça as próprias coisas.

Maranus (19...) dramatiza em diálogos filosóficos através do Marão, em ermas païsagens de luar ou nevoeiro, a vida dos fantasmas com que o homem continua a escala da Criação. Um dêles é a *Saudade*, de que mais adiante me ocuparei.

O último grande livro do poeta é o *Regresso ao Paraíso* (1912). *Adão e Eva*, libertos pela *Saudade — a Mãe do novo Deus* — ficam, escapados ao Inferno, sôbre a superfície do planeta; às outros almas liberta-as o *Deus Infante*, por cujo novo espírito de justiça apenas são condenados os que viveram falsamente a vida. Há no poema símbolos a que não falta grandeza e a sua expressão é, como a de todos os outros livros de Pascoais, adequadíssima à sugestão do que a visão mediúmica ergue das névoas do mistério, em que o poeta se compraz, voltando costas à realidade concreta, ao descritivo, ao pitoresco. Não há páginas de Pascoais sôbre que as palavras *ermo, penumbra, nevoeiro, sombra, espectro, fantasma*, não

José Duro aos 16 anos.

derramem sua tonalidade cínzea...

Conquanto a Pascoais e a Correia de Oliveira inquiete o mistério das coisas, era o drama dos homens que preocupava outros poetas, como Manuel da Silva Gaio ou Afonso Lopes Vieira.

O primeiro é um nobre espírito culto, reflexivo, que popularizou em novelas, ensaios críticos e uma peça histórica as suas capacidades de escritor. A poesia parece não o ter visitado espontâneamente, pôsto que em mais de uma página o poeta consiga prendê-la pela formosura da concepção e pela virtude sugestiva da sinceridade. *Poesias*, nome do seu primeiro livro, são avesitas sem ambição, que não saiem dos choupos do Mondego. *O Mundo vive de ilusão* (1896); *As três ironias: o Centenário, Pariphae, o tesouro de Nero* (1897); *D. João* (in *Novos Poemas*, 1906), já se erguem à altura correspondente à culta inteligência para quem a vida não é uma festa destinada aos sentidos, mas antes um permanente motivo de inquietações espirituais. E não é a menor a que lhe suscita a vida da sua pátria, sobretudo expressa em *Chave Dourada* (a nau em que D. Sebastião há-de voltar). O passado não é evocado senão como exemplo estimulante de energias que nos redimam. O *Encoberto* não é o Herói-Messias, em cuja espectação confiemos dormentes; é o *Génio da Raça*, a energia latente que é preciso acordar — a mesma que na era de Quatrocentos melhor representou a *Alma do Ocidente*:

— Alma de braza e fogueira
. . . . . .
Tão vivamente há-de arder,
Que das fagulhas lançadas
Alhures vá renascer,
A terra longe aquècer
De almas só dela voadas.

Iguais preocupações em Afonso Lopes Vieira, quando na idade de moço escolar, ou pouco tempo depois, ainda se não encontrara a si próprio e, no fundo da sua alma, não borbulhava a fonte definitiva do seu lirismo inconfundível.

Em 1898 publica *Náufrago*, onde é sensível — o título o está dizendo — a influência de Nobre, que os seus 20 anos não podiam evitar. Obsessão do mar e das navegações; nostalgias do passado conquistador e descobridor, desencanto do presente naufragado — *sem mar, sem fé, sem braço para uma espada*. Por 1900, data de *O meu adeus*, ainda a Pátria era *tuberculosa mãe que amamentava os filhos com leite doente*. Em *O Encoberto* (1905), estas íntimas melancolias de alma em demanda do próprio equilíbrio continuam a ennevoar-lhe a visão, que do espectáculo humano sobretudo fixa os aspectos miseráveis — cavadores, emigrantes, degredados, prostitutas, operários famélicos e doentes. Oferece à Helvécia as epopeias pátrias, *cheias de sangue e de oiro*, oferece-lhe

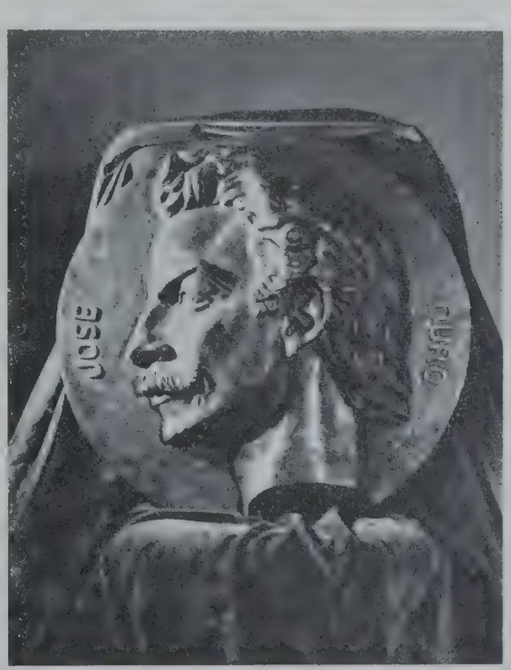
. . . . . a glória e a rapina,
em troca da ventura inominada,
da tua casa livre e aconchegada,
da tua vida sábia e cristalina.

Um bom retrato de José Duro.

Alveja, porém, longínqua aurora de esperança. Ao coral das aldeias tragando pedras, dos bairros em febre, das cidades trágicas, há uma *Voz profética* a anunciar: — *Amanhece! Amanhece! O sol vem perto!*

Para êle, ao menos, não tarda a surgir o sol do seu mundo próprio, aquêle que lhe iluminará a parte da obra em que não é fácil descobrir outros reflexos, senão os que radiam da alma lírica que floriu os Cancioneiros. *O Pão e as Rosas* (1908) promana de uma alma que se encontrou. Liberta de pesadelos, entoa em formosa tradução o *Hino ao Sol*, de S. Francisco de Assis, e, na linguagem do *poeta maior* — *Tôda a Gente*, em fluido metro e numa técnica simultâneamente sábia e espontânea, diz a graça das coisas humildes e simples — a *almotolia* e o *carro de bois*, o *linho* e o *musgo* — e tôda se exala, como numa florescência primaveril de seivas acordadas, nesta jaculatória à alegria de viver:

Bendita seja a dívida sagrada,
A dívida de amor e de alegria
Que a vida encerra, só por ser criada!
Tudo é luar que um Sol cria!



Homenagem a José Duro. Escultura de Inácio Perdigão.

Ei-lo aproximado das fontes da sua saúde moral, sua alegria e orgulho — a tradição, a vida e a terra portuguesa, no que para êle encerram de perpètuamente formoso e juvenil, vistas lá *Onde a terra acaba e o mar começa* (título do seu último livro de versos).

Em S. Pedro de Moel — o can-

tinho preferido do seu *País de saüdade* —, junto dos Pinhais de D. Denís, cuja *infinita frase lhe embalou a infância*, é que o poeta encontra o estímulo do seu sonhar, a propósito do qual bem pode dizer:

Na minha alma corre um langue
Fio de carnal ternura,
Espiritual e tão pura,
Que me afina e amarga o sangue,
Em tom menor se adelgaça,
No mais longe se debruça.

Mas não se *debruça no mais longe* ao ponto de se alhear da vida contemporânea.

Sôbre ela procura influir pela exaltação dos valores nacionais que julga mais puros, e de aí a *Campanha Vicentina*, a que devemos a quási ressurreição de Gil Vicente, e a tentativa de nos familiarizar com o *Amadis de Gaula*, com *Diana*, de Montemor, com *Soror Mariana*. Em obediência ainda ao seu propósito:

Cumpramos até o fim
O destino português,
O rouxinol que há em mim
Gorgeando o *Era uma vez...*

dilata às crianças o seu apostolado, para elas escrevendo *Bartolomeu Marinheiro*, *Conto do Amadis de Portugal*, *Animais nossos amigos*.

* * *

A vida não tem apenas crepúsculos saüdosos e enigmas angustiantes. No mesmo período — primeira década dêste século — em que se cantavam mágoas e nostalgias, e se dava continuidade à velha melopea elegíaca que imprime carácter à nossa poesia, reagia João de Barros com temas e símbolos afirmativos de confiança no homem, trepidantes da heróica embriaguês da vida como luta, tudo expresso na vibração dos seus ritmos cantantes, no movimento rápido e álacre da sua frase, às vezes mais oratória do que poética.

MANUEL LARANGEIRA
Caricatura de D. Macedo na revista *Apollon*.

Um dos últimos retratos do poeta Augusto Gil.

São já da 2.ª década do século as suas obras mais expressivas. Mas coloca-o neste período o facto de já nêle ter sido nìtidamente expressa aquela atitude. Na verdade, no primeiro livro dado ao público — *Algas* (1899) — e depois no *Pomar de Sonhos* e *Terra Florida*, ainda da juventude, realiza o poeta os seus versos

Como quem ao nascer tivesse visto
Do mundo inteiro ùnicamente o sol!...

Mostrou-lhe a experiência depois os aspectos sombrios da vida, mas, longe de se encerrar em tôrre ebúrnea que lhe perpetuasse a visão optimista, ninguém mais interessadamente tem vivido a sua cidadania.

Se como homem público e escritor, tem consagrado ao serviço da colectividade muito do seu esfôrço, como poeta, é difícil igualá-lo em fervor patriótico e humano. A *Ode à Bélgica* invadida, (1914), a *Oração à Pátria* (1917), quando ela realizava o seu esfôrço militar na Grande Guerra, dão expressão magnífica e vibrante à sua solidariedade com as dôres e os sacrifícios colectivos. E *Sísifo* (1923) ¿que é, senão o mito da eterna ansiedade do homem, incessantemente erguendo novos sonhos de Beleza e Bondade, de Liberdade e Justiça, das cinzas em que sonhos iguais incessantemente se desfazem? Plantando, porém, na aridez do mundo e sob a hostilidade dos fados o seu *Pomar de sonhos* (título de um seu livro de juventude) decorre a sua vida espiritual em permanente *Ritmo de Exaltação*, como expressamente intitula outra colectânea, de 1922:

Não quero a névoa duma descren-
[ça...
Quero, imortal,
Ser uma chama na treva densa,
Um mar branco num céu de guerra;
E, harmonioso, descendo à terra,
Um canto de ave no temporal!

Ritmo de Exaltação.

Já nos referimos a António Patrício como alma

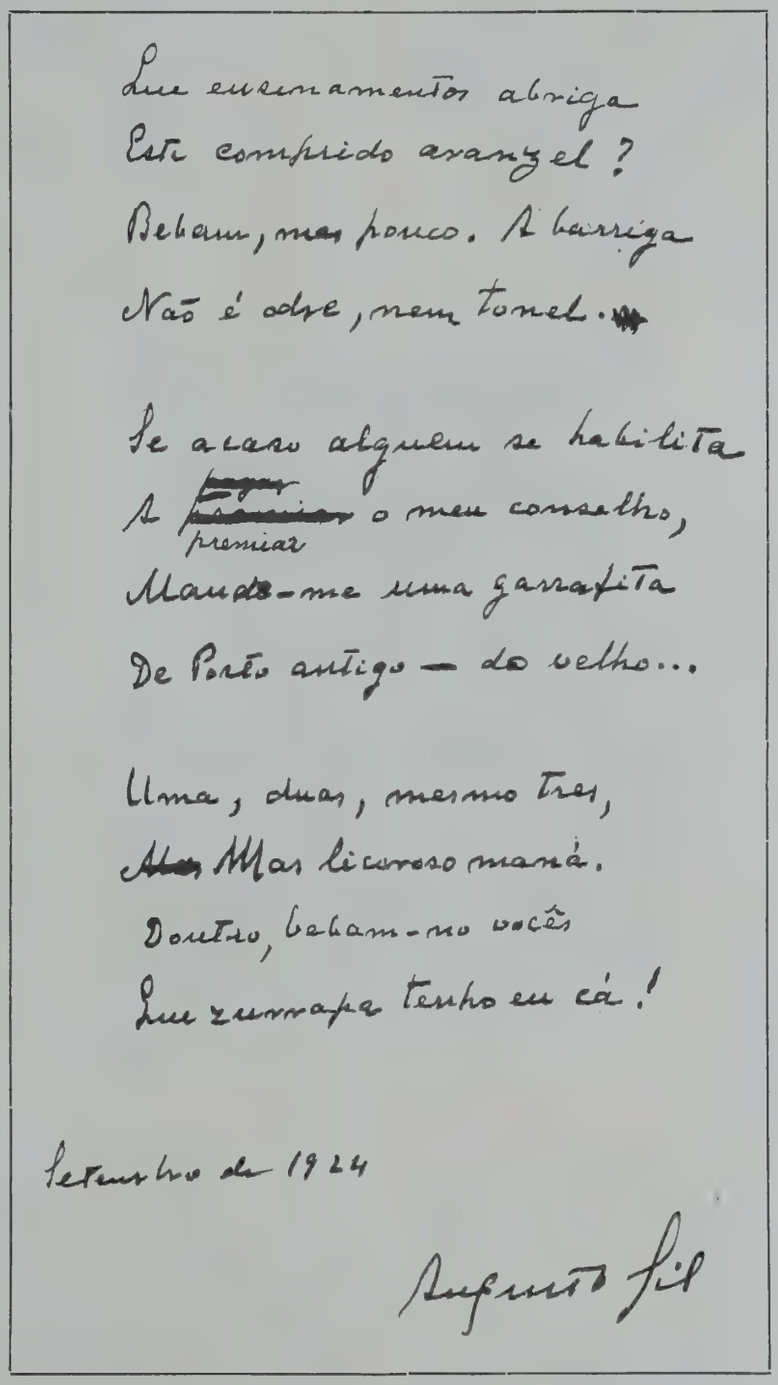
perturbada pelo mistério da Morte. É preciso, porém, acrescentar que o não era, senão porque a ninguém mais do que a êle deslumbrava a plúrima fascinação da Vida, a ansiedade heroica por ela suscitada, ou melhor — pela Beleza, seu supremo esplendor. Nada, na verdade, valoriza a Vida como rasgar ante ela as perspectivas da Morte. Viver, para Patrício — e nisto é êle irmão espiritual de João de Barros, dotado, porém, de mais requinte,

É odiar a Dor e tanto e tanto
Ter os olhos de febre no fu-[turo,
Que a pedra de torturas que [levanto
Seja dentro de mim um ser [que transfiguro.

Fé na vida, esfôrço de superação, ânsia *de ser Deus, corpo e alma arqueados para a Beleza* — eis o que estremece na poesia de Patrício. Em sua carreira consular, dir-se-ia que andou pelo mundo como aquêle *Veiga*, do *Serão Inquieto*, andava pelas ruas do Pôrto, em incessante busca de motivos de Beleza. Uma Beleza, porém, que lembra a espuma, coroando as vagas do Abismo. *Pedro o Cru, Denis e Isabel, D. João e a Máscara*, dir-se-iam formosas capelas góticas de delicadíssima elegância, abrindo ogivas, erguendo corucheus e agulhas — para o mistério...

Notemos que citei entre as obras de Patrício algumas escritas em prosa, como *Denis e Isabel*. É porque a sua prosa é freqüentemente tôda em estruturas rítmicas, às vezes até rimada. Mas não a sabe tecer apenas com esta feminina delicadeza. O drama *O Fim*, previsão do desmoronar do trono, tem vigor e grandeza empolgantes.

Patrício tem pequeninas aguarelas de vida exótica, amorosamente colhidas em suas andanças de diplomata.



Autógrafo de Augusto Gil. (Da colecção de Albino Forjaz de Sampaio).

A ninguém, porém, mais ela encantou e dela nos ofereceu tão luminosos quadros como Alberto Osório de Castro, que no Oriente fêz parte da sua carreira de magistrado. Depois de *Exiladas* (1895), são datados de Nova Goa os poemas de *A cinza dos Mirtos* (1906); de Dili, Ilha de Timor, as *Flores de Coral* (1908); e *O Sinal da Sombra* (1923) é em boa parte constituído por poemas que sintetizam aspectos de civilizações distantes no tempo ou no espaço. Capta-os uma sensibilidade parnasiana, educada na escola de Heredia ou Leconte de Lisle.

Há, porém, neste livro composições de outra inspiração, significativas de um temperamento de poeta que liricamente reage às mil impressões de vida vária, desde o encanto popular das noites de S. João, em Portugal, ou das brasileirinhas a quem em Paris ouve, em sua *voz de sol, perfumada e morena, tão lindo português de mel e de baunilha*, até os espectáculos trágicos da guerra na Flandres, que testemunhou como membro do Corpo Expedicionário Português.

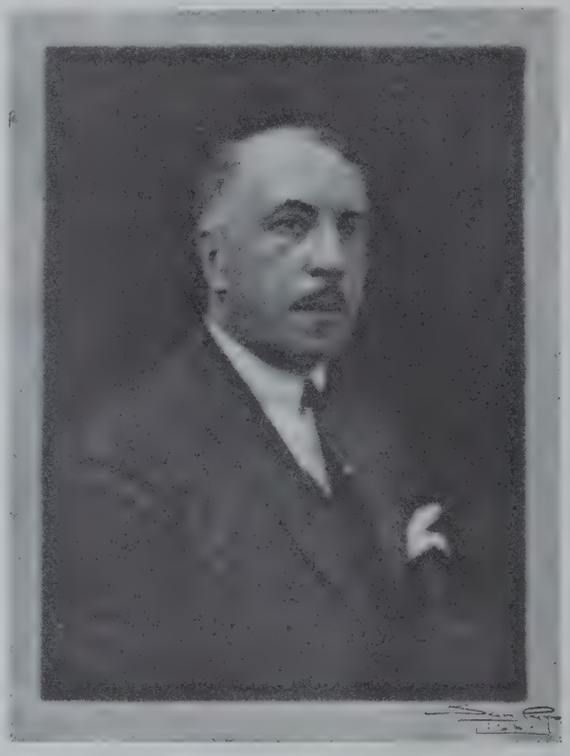
b) Da «Águia» ao «Orfeu»

É sabido que a literatura dos últimos tempos do século XIX e primeira década de Novecentos não envolve o trono de respeito e prestígio. O pèssimismo sôbre os destinos da Pátria que a êle está confiada é geral e ouvem-se sem protesto os clamores tonitroantes que a literatura inconformista e de propaganda contra êle ergue. Porisso a proclamação da Rèpública em 1910 é recebida com esperanças quási unânimes de regeneração de costumes e aceleração de progresso...

A literatura não se alheou do movimento. Por um

lado, surge a corrente dos que procuram aproveitar o ambiente propício a renovações para, dentro do regime, condicionar entre nós ambiente de consciência cívica, que dê grandeza moral à Nação e dignidade ao Estado. E, por outro lado, não falta a reacção que procura fortalecer-se no estudo da história, na crítica política, no julgamento dos valores do passado e do presente, para a solução, por uma monarquia vasada nos moldes da tradição, dos problemas políticos e sociais. *A Águia*, órgão da *Renascença Portuguesa*, foi o ponto de convergência dos intelectuais que aceitavam a Rèpública; a *Nação Portuguesa* era o porta-voz dos que apostolavam o regresso à Monarquia.

A Águia iniciou em 1912 a sua segunda série, sob a direcção de Teixeira de Pascoais [1] e tendo como secretário de redacção o activíssimo Álvaro Pinto.



António Patrício

No seu primeiro artigo, expõe Pascoais o intento da publicação e da sociedade — *Renascença Portuguesa* — de que ela é órgão: congregar, no momento genésico e caótico da Pátria, tôdas as fôrças intelectuais reconstrutivas, sejam quais fôrem as divergências religiosas, filosóficas ou artísticas; criar com elas um novo Portugal, dentro do carácter de sua *alma original e eterna*, desde sempre animada pelo *sentimento-idéia Saüdade*; revelar Portugal aos portugueses, fazendo-lhes conhecer essa mesma alma.

O apostolado nacionalista aqui anunciado, pregam-no sobretudo, além de Pascoais, Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra. *O Espírito Lusitano, o Saudosismo. A Era Lusíada*, e ainda a *Arte de ser Português*, de Pascoais, encontram no complexo emotivo da palavra *saüdade*... o extracto de quanto a intuïção poética visionava na história da Pátria, na sua literatura, no seu pensamento filosófico—particularmente no ensaio de Leonardo Coimbra, intitulado *Creacionismo*. *A Saüdade* era simultâneamente lembrança e esperança, ou seja, gôsto de melancólica evocação do passado e impulso para o futuro. Êste desenhava-se como a síntese, sentida originàriamente pelo povo português, do espírito pagão e do espírito cristão, síntese que seria o princípio informador da verdadeira Renascença, não só da Pátria, senão também do mundo culto. Esta *criação original do espírito da nova raça* vinha-lhe da constituïção do seu etnos, com dose igual de sangue ariano e sangue semita...

A doutrina, logo de começo, suscita objecções de Raul Proença e António Sérgio. *A Águia* dá-lhes acolhimento e responde-lhes pela pena de Pascoais. É preciso confessar que, na resposta, há mais elegância moral do que inteligência crítica... O que é certo é que a doutrina, em meio das objecções de uns e da indiferença de outros, se subsome como riozito nas areias do deserto, sem sequer o poder exaltante das grandes ilusões...

A Águia, porém, vale mais pela superioridade da colaboração portuguesa e brasileira do que pela doutrina que defende. Entre tal colaboração, inclui-se a de autores tão fora do seu espírito, que não tardam a revelar em outro agrupamento as divergências que os separavam dêste. Refiro-me a Fernando Pessoa, que nesta revista publicou o notável ensaio crítico sôbre a poesia portuguesa do tempo, e a Sá-Carneiro, que inseriu uma das novelas do *Céu em fogo*. Notemos, como poder do ecletismo entre que o saudosismo se insinuava, que ao lado desta colaboração também *A Águia* trás a de Teófilo Braga e Sampaio Bruno...

Cortesão e Casimiro, quando o conflito mundial nos obrigou à intervenção, foram continuar nas trincheiras da Flandres, com a espada e a pena, porque têm ambos o nome ligado à literatura da Grande Guerra, o apostolado em que andavam empenhados. Em sua obra poética já ambos punham vivo frémito de generoso patriotismo. Na *Glória Humilde* de Cortesão (1914), é o *Génio da Raça que mais lhe crispa os nervos e dilata o peito*. Mais tarde, *Divina voluptuosidade* (1923) dará expressão de singular beleza ao amor de homem *feito de carne e de sentidos*. Nem o misticismo panteista dos *Choupos ao Luar (in Glória Humilde)*, nem vestígios do *saudosismo*. O poeta distrai-se em verso das preocupações de historiador, para que vai agora tôda a sua actividade. É a sua nova maneira de servir a Pátria, reivindicando-lhe glórias esquecidas pela investigação arquivística.

Augusto Casimiro iniciara em 1906 a sua actividade poética com o voluminho *Para a vida*, dedicado a Teófilo Braga, ingénua repercussão da poesia que o mestre representava. Em 1910, *A Vitória do Homem*, como *A evocação da Vida* (1912), dá a plenitude estuante do seu ardente vitalismo optimista:

> Tôdas as coisas, tôda a Vida — tudo! —
> Ou gesto calmo ou desespêro mudo,
> Sonha, palpita e se reflecte em mim!

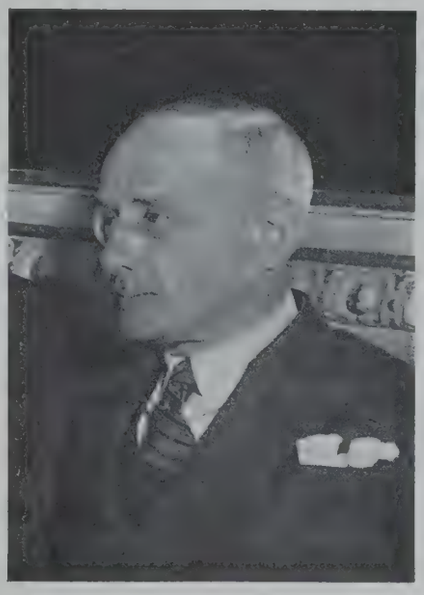
[1] Figuravam como director científico José de Magalhães e artístico António Carneiro.

A *Primavera de Deus*, já editada pela *Renascença Portuguesa*, é um formoso hinário de amor que se vai realizar ou já se realizou na santidade do lar. A guerra de 1914 a 1918 suscita-lhe a *Hora de Nuno Álvares*, cântico e apóstrofe de poeta-soldado, de poeta-apóstolo, de cujo coração sobe, a cada passo, a chama quási delirante do amor que, enchendo-lhe a vida, igualmente lhe domina a obra. Êle mesmo afirma que ela é escrita

> Em nome do Amor de Deus,
> De todo o Amor que anda em mim,
> Do Mar, da Terra e dos Céus,
> E da Vida Eterna! . . .
>
> De *O Livro das Bem-Amadas*.

Mário Beirão, outro poeta de *A Águia*, publica o seu primeiro livro — *O Último Lusíada* — em 1913. É uma admirável revelação, logo seguida de *Lusitânia* e *Ausente*. Não se ergue ao amplo vôo que permite ao poeta de *Maranus* abarcar abstractamente a existência universal, mas talvez por isso mesmo é mais penetrante a sua visão do que, no concreto da païsagem portuguesa, sobretudo alentejana, e da vida que esta emmoldura, existe de poesia e drama. É comparar a *Musa Atentejana*, do Conde de Monsaraz, com êste livro de Beirão. A païsagem que o primeiro vê com olhar parnasiano, em seus valores pictóricos e plásticos, em seu aspecto exterior, intui-a o segundo na própria alma de seus ermos e charnecas:

> Sonhos terrosos da charneca brava,
> Meu sonho despertado os revelou;
> Esfinge que o deserto sepultava,
> Teu silêncio de pedra em mim falou.
>
> *Último Lusíada.*



JOÃO DE BARROS

O cenário grandioso exalando o sonho grave do tempo imobilizado, molda os *bronzes* que o animam. São os *maiorais*, os *campaniços*, os *gànhões*, os *malteses*, figuras trigueiras em tudo traduzindo a vaga consciência do misterioso passado nómada. É nos confusos planos dêste, vagamente sentido nos subterrâneos da memória, para além dêle ainda, nas origens indiferenciadas da Vida, é lá que o poeta se crê *ausente* (título de outro seu livro, 1913-1914):

> Oh charnecas, planícies, descampados,
> Saüdades de mim mesmo, que fui terra;
> Ouvi a minha voz que se descerra
> E conduz os rebanhos tresmalhados!

Mas o *Último Lusíada*, em seus quadros de outras regiões e em seus admiráveis retratos de figuras portuguesas, recortados no esmalte harmonioso de sonetos impecáveis, anuncia a *Lusitânia*, publicada em 1917. Dessa fé no futuro, haurida nos valores do passado como do presente, dá êle ainda expressão de clássica pureza, aliada a calorosa expressão romântica, em *Novas Estrêlas*, seu último e recentíssimo livro (1940). Colectânea de íntimo drama pessoal, a *Noite Humana* (1928). A ascenção espiritual pela fé religiosa tem neste volume uma formosa confidência, em sonetos que, pela emoção comunicativa e pela forma que a plasma, são dos mais perfeitos que se escreveram em Portugal.

Afonso Duarte, outro poeta de *A Águia*, publica em 1912 o *Cancioneiro das Pedras*, seguido, em 1914, da *Tragédia do Sol-posto* e em 1916 da *Rapsódia do Sol-Nado* e *Ritual do Amor*. ¡Que formosas e enternecidas visões! Lá onde uma cultura igual à sua (é formado em filosofia pela antiga Faculdade dêste nome) seria certíssimamente pesado lastro científico, é nos seus versos apenas guia e estímulo a aprofundar-lhe a visão poética.

Ouviram-lhe as Musas a prece:

> E viva, em nós melódica e suave,
> tôda a beleza cósmica da vida.
>
> *Cancioneiro das Pedras*

Mas a *beleza cósmica* humaniza-a a sua ternura, e os seus poemas são um formosíssimo hinário de amor panteista em que, todavia, se não rarefaz o sentimento, mais vivo, da realidade concreta. A natureza que o rodeia sabe Duarte vê-la em seus encantos de égloga, sem deixar de a sentir em sua rude hostilidade:

> Meu Deus! Nem grão nem palha nos moroiços!
> O sol arranca em lívidos desmaios,
> E o vento põe meu coração aos dobres.
>
> E os aldeões, as vozes rudes, oiço-os
> A insultos bárbaros à Vida: — Raios!
> Com tempo assim, o que há-de ser dos pobres!...

c) Do «Orfeu» aos «modernistas»

A Águia, que continuara sua vida em plena guerra, continuou-a depois dela, com a actividade reacendida pelo foco de cultura que foi a Faculdade de Letras do Pôrto, dirigida, como aquela revista, por Leonardo Coimbra. A idéia, porém, que de princípio a animava, estava longe de interessar a geração que por 1915 surgia com suas inquietações . . .

Por êsse tempo, Carlos Amaro, Fernando Pessoa e outros recitavam nas tertúlias da Brasileira do Chiado os versos estranhos que de Macau enviava um grande poeta que para lá se desterrara como professor do Liceu — Camilo Pessanha. O encanto era unânime. Ninguém como êle sabia captar o inefável de uma emoção:

> Porque entristeço assim?
> Não era ela, mas sim
> (o que eu quis abraçar)
> A hera do jardim,
> O aroma do jasmim,
> A onda do luar . . .

Também ninguém como êle sabia, por milagrosa alquimia, converter o cáos de íntimas incoerências, sensações desconexas e truncadas na formosa *harmonia imitativa* da expressão por que o revelava, sugerindo a música que o produz:

Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo,
De que esvoaçam
Brancos os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam
No rio os barcos.

Trémulos astros,
Solidões lacustres...
— Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaustres!

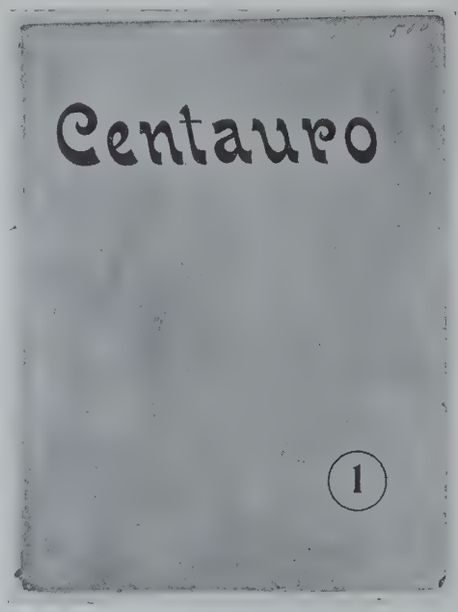
E o mixto de megalomania e angústia da nevrose moderna e, sobretudo, a finura de sentidos que, no amor como na païsagem, apenas captavam quintessências para frémitos espirituais:

Oh, vem de branco — do cimo das paisagens!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh, vem! meus olhos querem desposar-te,
Reflectir-te, virgem, a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo,
Com um aljôfar côr de rosa viva!

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...
Oh! vem! De branco! Do cimo do arvoredo...
Alma de silfo, carne de camélia!

Depois de haverem circulado de bôca em bôca, viram os poemas de Pessanha a luz pública na revista *Centauro* (1915), de Luís de Montalvor. Antes, porém, o mesmo Montalvor e o jovem e malogrado poeta brasileiro Ronald de Carvalho, concebiam, em Copacabana, no Brasil, a fundação duma revista que, nem monòtonamente elegíaca, nem absurdamente saüdosista, nem preocupada de outra coisa que não fôsse a Beleza exprimível pela poesia, desse voz a êstes frémitos de uma sensibilidade em que era mestre Pessanha — e também Verlaine e Malarmé. E logo que Montalvor regressa a Lisboa, aparece, dirigido por ambos, o *Orfeu*.

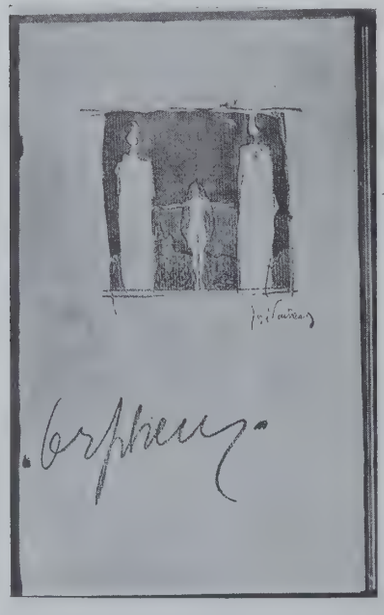


Capa do 1.º número do *Centauro*.

Na *Introdução*, vinca Montalvor o carácter do volume, pelo *direito de, em primeiro lugar, se desassemelhar de outros meios, maneiras e formas de realizar arte*, e ainda pelo isolamento em que lhe vai decorrer a vida: «*Orfeu é um exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segrêdo ou tormento*». O sumário do 1.º volume traz, além dos nomes dos directores, os de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Alfredo Pinto Guisado, José de Almada-Negreiros, Armando Côrtes-Rodrigues e Álvaro de Campos (um dos heterónimos de Fernando Pessoa). O simbolismo projecta sua vaga névoa de entre-sonho em quási tôdas as páginas; há mesmo de Malarmé um éco longínquo nos 13 sonetos de Guisado, mas Álvaro de Campos rompe com dinâmico ímpeto futurista, à Marinetti, completamente oposto ao *Drama extático em um quadro — O marinheiro* — de Fernando Pessoa...

É no 2.º número, porém, com a colaboração de Santa-Rita Pintor, que o futurismo se sobrepõe à influência de Malarmé, como do simbolismo. Sá-Carneiro, por sugestionabilidade da sua alma feminina — declara-me Montalvor —, Fernando Pessoa, por curiosidade de um espírito ansioso de tôdas as experiências, aderem à escola, e surge o volume. Abre com uma composição de Ângelo Lima, que não é preciso dizer ter sido escrita no Manicómio Bombarda, onde o autor esteve internado; continua pela de Sá-Carneiro — *Manucure*, com intercalações de cartazes, de números, de gritos, erupções várias de espírito em voluntária e gostosa desagregação, e inclui, com desenhos de Santa-Rita Pintor, que procuram ser símbolos plásticos de igual desagregação, a *Ode Marítima* de Fernando Pessoa. ¡Que admirável página de forte realismo, arrepanhado de angústia metafísica! Nesta poesia, os excepcionais talentos do autor triunfam magnìficamente das sugestões desequilibradoras da escola.

Malarmé persiste ainda. Sentimo-lo na atitude espiritual de Eduardo Guimarães e Luís de Montalvor,



Capa do 1.º número do *Orpheu*.

Capa do 2.º número do *Orpheu*.

cujos versos há uma notável tentativa de *poesia pura*, quero dizer, desprendida de qualquer intuito que não o de provocar emoção poética, encantada e subtil visão de um mundo interior que não capta a realidade externa, senão para a converter, quási dissolvida, na íntima estesia e emoção. São de simbolismo mais atenuado as poesias de Côrtes-Rodrigues, sob o pseudónimo de Violante de Cisneiros, porventura pela fina sensibilidade feminina que veste de graça o conteúdo ideológico dos símbolos, bem expressivo, todavia, de preocupações do sexo forte.

A revista não foi além do 2.º número. No ano seguinte, aparece, sob a direcção exclusiva de Montalvor, o *Centauro* (1916), do que apenas saíu o 1.º número. Compreende-se, por esta revista, a divergência do grupo: *Centauro* representa a resistência à aventura futurista, a fidelidade aos mestres do simbolismo e do decadentismo, de que Montalvor esboça o ensaio. Publica vários poemas de Camilo Pessanha e de Alberto Osório de Castro, que se não integram na escola; mas Raul Leal e Fernando Pessoa, que também colaboram — e com páginas adequadas à índole de revista, vão no ano seguinte subscrever artigos no *Portugal Futurista* — vivo e alegre assalto de *Gavroches*, dirigidos por Santa-Rita Pintor, à fortaleza das convenções.

Luiz de Montalvor.

A *blague* teve largo sucesso de gargalhada. É preciso, todavia, reconhecer que ali se combate a sintaxe com a melhor sintaxe, e até a própria arte poética é respeitada na sua melhor tradição por certas composições de Sá-Carneiro.

Mário de Sá Carneiro.

De tôda esta agitação de rapazes, que a idade havia de aquietar, ficou, porventura, o desgôsto por tôda a arte que se contenta de reproduzir, em formas velhas, as velhas preocupações, e uma simpatia pela modernidade, ainda no ano passado demonstrada, na Exposição do Mundo Português. Nela se patenteou uma arte elaborada mais em obediência às caprichosas liberdades do espírito criador do que na sujeição nos cánones tradicionais. Estes foram, afinal, formulados pelo respeito por uma realidade, a que a filosofia moderna nega a objectividade absoluta que o pensamento clássico lhe atribuíu . . .

Dos colaboradores do *Orfeu*, pela obra a seguir realizada, merecem atenção mais demorada Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Côrtes-Rodrigues.

Sá-Carneiro, novelista de vulgar equilíbrio no *Princípio* (1912), surge-nos na *Confissão de Lúcio* (1914) e no *Céu em fogo* (1915) com a imaginação em fuga patológica às normas fundamentais da realidade. Nos seus livros de versos *Dispersão* (1913) e *Indícios de ouro* (êste póstumo, 1937), entre composições impressionantes de emoção poética e admiráveis de eficiência expressiva, não faltam as visões que patenteiam um espírito que cultiva, nos *paraísos artificiais* de Paris, a própria gradual decomposição, rematada no suicídio por êle mesmo previsto *ao Norte, numa grande capital* (Paris). ¡Mas que riqueza, na desconexão espiritual em que se comprazia! ¡Que esfarrapadas pompas heráldicas, de louco rei destronado, enchem a sua retina enamorada de fulgores e magnificências,

Ronald de Carvalho.

e também, em momentos de lassitude e tédio, de vaguidades inapreensíveis, quintessências para sentidos quási de todo espiritualizados pela própria subtileza!

Nestes pairos de águia fitando o sol, logo humilhada em avezita flébil, arrepiada no crepúsculo, se dilacera a existência dêste poeta admirável, vítima, pouco além dos 30 anos, de um desequilíbrio porventura mais de escola do que de temperamento, mas também vítima da *aventura literária* a que já me vou referir, à qual, em busca de novas experiências e formas, se lançou o espírito fatigado dos restos de equilíbrio clássico, e já impermeável ao *sempre-o-mesmo*.

Raul Leal.

Fernando Pessoa, que tendo freqüentado a Universidade do Cabo, dominava o inglês tão fàcilmente como o português, eleva-se a todos os poetas do seu grupo pela riqueza da sua cultura e pela agilidade da sua inteligência. De uma e outra lhe resultava jàmais se abandonar à emoção poética e gozar a realização ou a leitura das obras de arte em plenissima lucidez intelectual — ainda quando, por virtuosismo de escola, pareça desprezar o discurso lógico. Elaborar idéias originais, articulá-las em subtil dialéctica, mais pelo prazer do que pelo resultado da espéculação, exprimi-las depois em versos horacianos, decadentistas, futuristas ou pessoalíssimos, segundo o estado de alma ou o capricho do momento, e em português ou inglês (colaborou em publicações inglêsas), era-lhe desporto do engenho mais grato para o seu espírito do que todos os prazeres da emoção espontânea, que, aliás, jàmais nêle deixava de ser vigiada pela inteligência, sempre acordada e penetrantíssima: — *O que em mim sente está pensando.*

Esta riqueza espiritual e ao mesmo tempo esta atitude de indiferenciação a que o levava um espírito interessado por todo o humano, tôdas as aventuras da inteligência e da sensibilidade, é a explicação dos heterónimos por que se exprime a sua multímoda personalidade de artista. Ricardo Rei subscrevia-lhe as poesias de nítido sabor horaciano, onde se sentem ecos da poesia latina; Álvaro de Campos responsabilizava-se pela poesia de impetuoso dinamismo futurista; para Fernando Pessoa ficava traduzir os estados de alma mais subjectivos e pessoais, os mais expressivos do pouco que da sua própria intimidade entregava ao leitor.

Fernando Pessoa.

Essencialmente subjectivo, não lhe foi indiferente, todavia, a vida da sua terra. O conteúdo da *Mensagem* é a essência de um sebastianismo actualizado por uma inteligência que, no gôsto da dialéctica, não receia o paradoxo... É uma *mensagem* de confiança mística. Portugal *há-de cumprir-se.* Êle tem um destino que o transcende — assim o poeta o vê no mistério dos símbolos, na alma dos heróis, na própria fé que lhe enche o sonho e dita a prece:

> Dá (ó Deus!) o sôpro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —
> Com que a chama do esfôrço se remoça,
> E outra vez conquistemos a Distância —
> Do mar ou outra — mas que seja nossa!

A *aragem* que êle espera é o esfôrço de superação que D. Sebastião incarnou e simboliza.

O que, porém, verdadeiramente nos dá a essência de Pessoa não é a *Mensagem*, senão certas poesias em que como ninguém êle realiza o milagre da máxima densidade de emoção, penetrada da máxima clarividência intelectiva, e aquelas em que êle altera as normas da sintaxe, para as ajeitar à expressão das criações de um espírito subtilíssimo e de uma sensibilidade de extremo requinte.

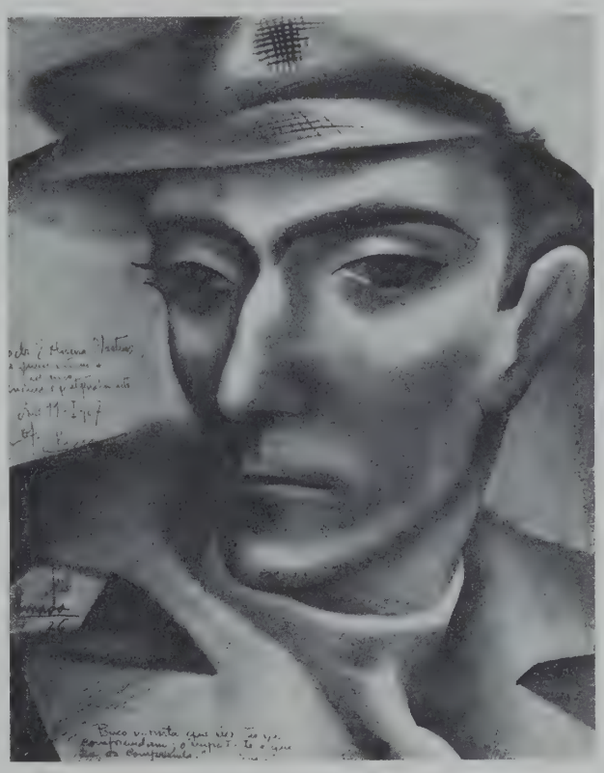
O lirismo é a expressão mais directa da autonomia moral — e naturalmente a que mais a defende e excita. De aí a existência de inúmeros poetas fora dos grupos de que tenho falado — e até o fazer e desfazer dêstes mesmos grupos, denunciada pela sorte dos seus órgãos na imprensa — *A Águia*, o *Orfeu*, a *Presença*, para só falar dos mais notáveis.

Cumprirá, portanto, neste esfôrço de expor com certa ordenação o que a realidade nos dá desordenado, atentar nos isolados que por intrínseco mérito têm direito ao nosso interêsse. É claro que não serão mencionados todos os escritores que se têm responsabilizado por livros de versos. O capítulo

tornar-se-ia uma ladaínha de nomes, uns de *futuros poetas*, outros de *ex-poetas*, quero dizer, de muitos, por enquanto, em indecisa formação que não se sabe se irá a cabo, de outros felizmente vivos para diferentes actividades mentais, mas que como poetas se suïcidaram — sem que da sua efémera hospedagem no Parnaso hajam trazido para as letras portuguesas qualquer acréscimo de riqueza ou de brilho.

Na selecção imposta, cumpre não esquecer os que mais notàvelmente representem uma tendência ou uma atitude, vinquem um rasgo mais característico do panorama que percorremos. Assim, ocorrem logo os nomes dos poetas a quem perturba o enigma do Universo, tais como Vieira de Almeida, João de Castro Osório, entre outros.

O primeiro, depois de, na *Bucólica*, ter olhado a Natureza *pelo lado de fora*, dá no poemeto *Nocturna* (1934) a reacção emotiva ante o mistério do Universo e a angústia da Vida. Professor universitário de filosofia, não sentimos, todavia, neste livro, a mínima indiscreção do saber erudito. É uma flor de sensibilidade; são subterrâneas as suas raízes de cultura. O drama simbólico dissolve-se todo em vago que a própria surdina da música verbal sublinha. No silêncio da noite, na desolação do mar, junto à praia deserta, é apenas vivo o apêlo do abismo — e o anseio da alma que nêle, enfim, se lança, para *unir-se ao Criador, viver as criaturas, ultrapassar o Nada, terminar a intérmina distância do ser ao não ser.*



Auto-retrato de Almada-Negreiros.

João de Castro Osório, desde muito novo tentado pela poesia de altas inquietações, dá-lhes no seu *Cancioneiro Sentimental* (1936) a expressão mais alta de que é capaz. Sucedem-se nêle os géneros poéticos, desde as cantigas de amigo aos hinos e canções. Porquê? Pelo desejo de adaptar o próprio recorte estrófico e complicação e amplitude crescente das formas à evolução do amor humano, que vai da sensualidade ingénua ao anseio intelectual de penetrar o sentido do Universo, de realizar a *redenção humana do destino*, dando realidade subjectiva a Deus.

Deus, para tantas almas solução do enigma perturbador, apêlo permanentemente suscitador de ascensão espiritual, continua fonte de lirismo. Lirismo de bíblica ressonância, liberto de moldes métricos e extraído do essencial *Amor de Deus e da Terra* (1925), de Nuno de Montemor, ou mais exterior e sujeito às formas tradicionais, como o de Vasco Reis ou Moreira das Neves, *Hóstia florida* (1936), *As sete palavras de Nossa Senhora* (1938). Clérigos todos três, comunicam-nos a calma alegria das suas certezas metafísicas e dos seus místicos afectos, propiciando um regresso ao *Paraíso*, para tantos perdido, onde, entre florescências de maravilhas sobrenaturais, acordou a nova vida consciente. É de igual inspiração a *História de Jesus*, de Augusto de Santa-Rita, ou a *Alba Plena*, de Augusto Gil, êste último verdadeiro milagre da graça única eficiente em poesia — a excepcional emotividade poética, capaz de tôdas as transfigurações, até a da própria ficção da fantasia em verdade do coração.

Já falei da *Noite Humana*, de Beirão. É outro aspecto do lirismo em que o sentimento religioso pode florescer — uma como que melodia do esfôrço de libertação espiritual, dolorosa e penetrante. Também pode a crença suscitar reacções da inteligência, em demanda de interpretações heterodoxas do património da tradição ou do dogma, e é o caso do poema de D. João de Castro — *Jesus*, ou do *Il Poverello*, de Amorim de Carvalho.

Entre os poetas mais modernos — José Régio, Campos de Figueiredo, Alberto de Serpa, Marques Matias, tem a crítica sentido o mesmo apêlo. Já falaremos de Régio. Campos de Figueiredo, no seu livro *O Reino de Deus* (1939), ergue-se a uma ansiedade ao mesmo tempo religiosa e social:

> Ó Sonho
> Toma de novo, nos teus braços de anjo,
> A minha alma e poisa-a levemente
> No regaço de Deus.
> Ou então, ponha Deus, nas almas de [seus filhos,
> Um sonho que os faça irmãos.

A Pátria igualmente suscita comoções líricas, em geral, conformemente à tradição, de carácter oratório. Ouvem-se freqüentemente, com os versos da última fase de Correia de Oliveira, os de Silva Tavares, de tão fácil fluência e às vezes de tão espontâneo lirismo popular; e no livro de Ramiro Guedes de Campos — *Portugal* (1937) — repercute a imaginosa e vibrante eloqüência que lhe ganhou o prémio em concurso do Secretariado da Propaganda Nacional. De igual intuito e com igual êxito, pôsto que de mais íntimos e delicados rítmos, as *Capelas Perfeitas* (1940), de Adolfo Müller. Continuando o tradicionalismo lírico de Lopes Vieira e Sardinha, é grato o *Fumo do Lar* (1939), de Francisco Beliz, que insinua na alma o perfume antigo das carinhosas e simples coisas, entre as quais nos floresceram na alma os primeiros afectos e acordámos para o sentimento da solidariedade com o mundo que nos rodeia.

Uma saüdade mais subtil, às vezes quasi dissolvida em sentimento pessoalmente imotivado, como herança do passado, afloração da alma da raça —

> Lembranças de não sei onde,
> Saudades de não sei quando,

— é, com o amor — um amor infinitamente triste — o tema do livro póstumo de Guilherme de Faria — *Saudade minha* (1929).

O malogrado poeta pôs-lhe um trágico sêlo de sinceridade: suïcidou-se muito moço por excessivamente ter vivido os sentimentos que o inspiraram.

Américo Durão em *Tântalo* (1921) e *Lâmpada de Argila* (1930) dá expressão singularmente aliciante e bela às complicações da nevrose moderna — *a dor sem nome de nascer vencido,* o desencanto dos sonhos de ambição e amor — *quimeras onde o tédio se entretém* — sem que todavia, consiga extinguir a ansiedade sôfrega do *Tântalo.*

¡Mas quantos ainda por mencionar! Américo Cortês Pinto, em cujo último livro *a Alma e o DESERTO* (1941) deparamos uma das mais notáveis naturezas poéticas do nosso tempo. Vida interior de fundas inquietações, tem a seu serviço uma imaginação como poucas, rica e nova, que tudo lhe transpõe em belos símbolos imprevistos. E os algarvios João Lúcio, Cândido Guerreiro, Bernardo de Passos — sentidos acordados para a festa ou para o drama da vida real; Ângelo César, em cuja «*Aleluia*» *os versos cheiram a alecrim* e seres e coisas se banham em frescas claridades de visão franciscana. Gomes Ferreira, nos sonetilhos do *Longe* (1928), na verdade nos transporta para vagos longes em que tôda a realidade concreta se esfuma na surdina da música e no indeterminado dos símbolos. António Ferreira Monteiro, mistura as melancolias de Bernardim às modernas perturbações de sensibilidade. E os que nos pelos próprios títulos dos livros — *Entre Folhagem* (de Santiago Prezado) ou *Jardim do Ocidente* (Alípio Rama) logo mostram a frescura moça das vozes que intercalam no côro melancólico, às vezes repercutindo toadas da poesia popular, e tão aderentes à terra, que parecem dela a sonora e dôce alegria — mais tarde empenumbrada pelas tristezas do entardecer, como no último livro de Alípio Rama — *Argila* (1940). E ainda os que, discípulos de Leconte de Lisle, repugnam a tôdas as exibições do eu e se refugiam na contemplação serena do passado, como Nunes Claro e João Carlos de Lemos *(Poemas antigos,* 1924), grupo a que juntarei, pela objectividade dos interêsses espirituais, o jornalista Hugo Rocha, que em *Rapsódia Negra* (1933), *Poemas Exóticos* e *Quissange* (1940), traduz em fáceis ritmos as impressões de païsagem e vida das nossas colónias. E finalmente — *the last not the least* — seria imperdoável a omissão de um poeta que, depois de ter encontrado na prática da forma poética as virtudes expressivas que lhe haviam de animar e aformosear a prosa de ensaista e doutrinário político, nela exprimiu o lado poético do seu apostolado tradicionalista, o seu culto da terra natal e ainda por ela procura libertar a angústia de pai a quem a morte arrebatou o filho. Refiro-me a António Sardinha.

A poesia feminina essa, a-pesar de tocada, em parte, da mesma apostasia de *Eros,* apresenta-nos os melhores documentos de lirismo amoroso. É verdade que Fernanda de Castro nos dá o inédito pitoresco da *Cidade em Flor,* e as alegrias da própria maternidade. Maria de Carvalho prefere bordar os conceitos morais de um espírito reflexivo, ao passo que Laura Chaves no-los expõe em pequenas narrativas, às vezes lindas. João Talco, pseudónimo de Irene Lisboa, essa realiza a sua obra na fronteira entre a poesia e a prosa — e também entre o efémero e o eterno, o banal e o trágico, que tudo se enleia naquele seu abandono de confidência, onde tôda a arte consiste na fuga à preocupação *literária.* Mas Virgínia Vitorino, Oliva Guerra, Virgínia da Mota Cardoso, Marta Mesquita da Câmara e Florbela Espanca, essas são as poetizas do amor, e as duas últimas de um amor dolorosamente sentido, e assim expresso em versos que são dos que com mais íntima penetração, desde as *Folhas Caídas,* de Garrett, têm cantado a paixão amorosa.

d) Os poetas modernos e o modernismo

Eis-nos, porém, chegados ao último esfôrço desta tarefa de expor ordenadamente o que tão desordenado a realidade nos dá. ¿Quais são os mais lidos dos poetas da geração que podemos considerar espíritualmente formada — a geração de *meia idade?* ¿E quais as tendências da nova geração — a que ainda anda em procura da própria alma?

Tratando-se de estudo de *história de literatura portuguesa,* bem se compreende que só muito de leve pode ser tratada matéria ainda longe de ser *histórica,* porque ainda *est in fieri.* Os vivos até aqui estudados ou referidos têm a isso o direito de primogenitura: a obra que realizaram e a que se faz alusão pode geralmente considerar-se *acabada,* e assim definitivamente catalogável, nas categorias da história literária. Os vivos ainda em formação só podem interessar na medida em que exprimem de modo mais saliente nova tendência espiritual, nova corrente de gôsto, nova influência fecunda que desde já possamos considerar como traço de fisionomia espiritual do mundo contemporâneo. Ainda assim, o que vai ler-se não foi concebido sem hesitações, como não será expresso sem reservas — as reservas e as hesitações de quem se atreve a esboçar a história... de amanhã.

Creio poder afirmar-se que logram entre os leitores de poesia a unanimidade ou a maioria dos sufrágios, os poetas José Régio, António Botto, Miguel Torga (pseudónimo do médico Adolfo Rocha), Carlos Queirós, Casais Monteiro, Alberto de Serpa.

José Régio, professor liceal de estudos humanísticos, como Malarmé, talento de múltiplas facetas, que ao mesmo tempo ensaia o romance, o teatro e a crítica,

continua a linhagem que, desde Camões até Pessoa, vem realizando poesia na perfeita colaboração de uma fina sensibilidade de artista com penetrante e culta lucidez de crítico. *Eu sou feliz, porque sei* — é frase sua, de significado equivalente àquela outra de Pessoa — *O que em mim sente está pensando.* Tais qualidades lhe permitem conter nas balizas da forma mais harmoniosa, de singular vigor de frase e fluidez de ritmo, as incoerências e conflitos do seu mundo interior — diálogo do eu essencial com o eu criado e sobreposto pela vida social, diálogo já iniciado em *Biografia* (1928), e ainda a angustiosa ansiedade metafísica, expressa no belo e forte poema *Sarça ardente*, inserto nas *Encruzilhadas de Deus* (1935). Ùltimamente, êste egotismo, dominante ainda no seu romance *Cabra cega*, dilatou-se no interêsse social traduzido pelo recentíssimo livro — *Fado*, brumosa galeria a nankim de aspectos míseros da vida citadina, em cuja pintura não faltam os tons vivos de expressão popular, de centões folclóricos, às vezes de realismo bem perturbador da emoção poética.

António Botto, que no teatro focou aspectos análogos a estes, em suas *Canções e Sonetos de Amor*, de valor bem superior a quanto mais tem produzido, empresta a magia dos ritmos de mais voluptuosa sedução às complicações psicológicas dos seus amores aberrantes. Dicção poética intrìnsecamente melodiosa, flui como veio de água manando do charco, rolando lôdo, mas de gratíssimo murmúrio e, sob a luz apolínea, espelhando os encantos dos caminhos que lhe abre sua finíssima sensibilidade de artista.

Casais Monteiro, também, como Régio, professor de humanidades e crítico muito culto, é capaz de ritmos de feminino encanto, mas suscitam-no à expressão rudemente máscula e às liberdades do versilibrismo exasperados impulsos de inconformismo, ânsia de libertação de quanto lhe deforme ou mascare o eu profundo, de quanto lhe dissolva a natural simplicidade. *Sempre e sem fim* (1936) é o seu último e melhor livro de versos.

Miguel Torga mais dramàticamente do que ninguém dá o acréscimo de angústia das modernas inquietudes espirituais às queixas de Job perante Aquêle que mostra o seu poder *contra a fôlha que o vento arrebata. O último livro de Job* (1933) é dos mais impressionantes do moderno lirismo português, e não apenas pelo patético dos temas, senão também pelo acabado da forma.

Êste surto metafísico, porém, é radicalmente e sobretudo tormento de consciência que se analisa e analisa as suas relações com o que o transcende. Porque tôda esta poesia moderna se assinala pelo gôsto da análise, pela preocupação da realidade psicológica. É verdade que, se compararmos Carlos Queiroz com Alberto de Serpa, sentimos neste a tendência para a *Descrição* — título aliás de um seu livro — e descrição do mundo objectivo, mais notável nos quadrinhos realistas, e de poesia às vezes insensível, do último livro *Lisboa é longe.* Mas se Queiroz, em *Desaparecido* (1935), cinge em símbolos formosíssimos as reacções subtis de uma sensibilidade como não a há mais fina, os estados de espírito em que uma figura de mulher pode não passar de *imagem completa, verdadeira, duma presença interior*, Serpa, olhando as ruas citadinas no mistério nocturno ou os jardins sertanejos à hora da música, põe com freqüência no *croquis* o toque de pincel que lhe esfuma o contôrno concreto e logo o torna *estado de alma*, debruçada sôbre o mistério das coisas e dos seres.

Esta preocupação da realidade psicológica, bem da época de Freud, Proust e Huxley, detém-se às vezes preferentemente perante a que consiste no espontâneo enleio ante-racional, e também perante a que exorbita das balizas em que se julgava confinado o *poético. Poético*, hoje, é todo o estado de espírito com predomínio de elementos emotivos, subtraídos à ordenação e análise da razão, mesmo que o suscite incidente trivial ou torpe, e considera-se *poesia* a forma literária que logre comunicá-lo, mesmo sem o adjutório dos encantos tradicionais — estruturas rítmicas ou regularidade estrófica. E ninguém tanto como Vitorino Nemésio em *Bicho Harmonioso* (1938), apesar de fiel aos metros consagrados, ultrapassa, como o revela o próprio título, as barreiras que tradicionalmente separavam o poético do anti-poético. Exprimem-se ali angústias que arrancam do homem integral, anjo e bêsta, saco de podridão com fosforescências de alma, metafìsicamente ansiada — e de complicadas reacções intelectuais que põem entre a expressão e o exprimível elos mais de uma vez inacessíveis à exegese.

Creio que nas obras aqui indicadas encontraremos os traços mais vincados da fisionomia do lirismo moderno. Mas não deixará de valer a pena, para os acentuar, percorrer ràpidamente alguns volumes que, feitos pelos *de-meia-idade*, são mais ou menos tocados do mesmo espírito de modernidade — e lembro, de João Cabral do Nascimento, *33 Poesias*, de Augusto Casimiro — *Momento na eternidade*, de Américo Cortês Pinto — *Alma e o Deserto*, surpreendente mistura de seduções por meios e visões apocalípticas. Juntemos-lhes a poesia de António Pedro, a quem a aventura do *dimensionismo* perturbou a veia lírica tradicional, a de Marques Matias, bela quando não delirante, assim como a de Pedro Homem de Melo, de subtil delicadeza, a de Henrique Paço de Arcos, ou Eduardo Vítor, onde ressoa a voz de Pascoais; a de Álvaro Feijó ou Miguel Trigueiros; a de Joaquim Namorado, Garcês da Silva ou Mário Dionísio, de inquietação que rompe com as velhas medidas. Incluam-se ainda os *Cadernos de poesia*, organizados pelos jovens poetas Tomás Kím, José Blanc de Portugal e Rui Cinatti, a-pesar de abertos a tôdas as inspirações, na compreensão expressa na legenda, de que *A poesia é só uma.* De tudo isto se concluirá que remove o moderno lirismo um esfôrço de renovação e procura, caracterizado: *a)* pela liberdade temática, quando não também formal; *b)* pela pesquisa dolorosa no mundo interior e visão fantástica do mundo exterior; *c)* pela ansiedade metafísica que, salvo casos raros (Miguel Trigueiros, por exemplo), as soluções religiosas herdadas não satisfazem

e se pode exprimir por esta bela quadra de António de Sousa:

Na terra do Desespêro,
eu sou um fantasma aos ais!
— A vida?!... já lhe não quero...
e o Céu é longe de mais?

d) por não faltarem, ao lado de quantos se enlevam ante os valores do passado ou se ensimesmam na introspecção mais subjectiva, os que, de olhar ansioso ante o futuro, exclamam como Garcez da Silva:

Ai! que desejo de sol!
que nevoeiro tão forte...
... que ânsia de o rasgar...

II — O ROMANCE

Eça de Queiroz morre em 1900, envôlto em halo de prestígio que ninguém iguala. A sua obra, interrompida em plena maturidade artística, era natural constituísse para o século que ia começar a grande lição que na novelística e na crónica estivesse sempre presente.

Fôra por êle realizada a experiência realista, ao menos em seus aspectos essenciais: — atenção à vida tal qual é vivida pelo comum dos homens, e, entre a literatura e ela, inversão de posições: não será a vida que se submete a deformações impostas por uma estética regulada pela ética tradicional, senão a literatura que alargará o seu âmbito, admitindo como matéria própria facetas da vida de que até então o pudor do escritor desviava os olhos próprios e do leitor.

Ao dealbar do século XX, deparamos, como contemporâneos quinhoeiros mais modestos da sua glória, Teixeira de Queiroz, Abel Botelho, — já tratados na presente obra —, de 40 a 50 anos de idade; e como herdeiros dela, com mocidade que vai dos 25 aos 33 anos, Antero de Figueiredo, Raul Brandão, Júlio Brandão, Carlos Malheiro Dias, Júlio Dantas, os três primeiros na casa dos trinta, os dois últimos no florescimento dos 24 a 25 anos.

Outros ainda alimentam no leitor, mais do que a *curiosidade pelo humano, o apetite do maravilhoso* ou do *extraordinário*, como Rocha Martins, com sua improvização *Bocage*, ou António de Campos Júnior, com a série de romances históricos a que a emoção da luta anti-congreganista deu larga ressonância popular.

Carlos Malheiro Dias foi de entre todos o mais dotado para continuar a obra do Mestre. *Filho das Hervas* (1900), já precedido do romance publicado aos 20 anos *A Mulata* (1896), é uma impressionante revelação dos talentos que hão-de criar *Os Teles de Albergaria* (1900), a *Paixão de Maria do Céu* (1902), *O Grande Cagliostro* (1905). As três últimas obras são vivos quadros históricos, de forte poder evocativo. Ressurge como fundo de quadro, em seus traços mais salientes, a sociedade portuguesa ao tempo da 1.ª invasão francesa *(Paixão da Maria do Céu)*, na época que precedeu a primeira tentativa de proclamação da República *(Os Teles de Albergaria)*, e ainda, em *Grande Cagliostro*, os tempos em que reina, soberano, o Intendente de Polícia Pina Manique. Êste último livro chama-lhe o autor *novela romântica*. É-o pelo dispêndio de uma imaginação à Dumas pai, que o tece de maravilhoso romanesco, fortemente empolgante do leitor médio, que deixará por ler os diálogos hàbilmente travados, os retratos, cheios de verdade histórica, do Arcebispo de Tessalónica e de Pina Manique, para saber o desfecho dos duelos que a astúcia do feiticeiro Cagliostro trava com a tenacidade, não destituída de inteligência, do Intendente.

Verdade de conjunto e exactidão de pormenores. E para além do que é sugerido ou ensinado pela cultura histórica, não falta ao romancista a imaginação com que penetra na psicologia das personagens. *Maria do Céu*, no romance a que dá o nome; o *Dr. Mendonça, Albergaria*, seu filho *Luís* e sobretudo sua mulher *D. Margarida*, ficam-nos na memória como pessoas da nossa convivência.

Antero de Figueiredo tem dividida a sua actividade pela novela, a história romanceada e a crónica de viagem. Na evolução, já longa, da sua arte, veio dos subjectivismos melancólicos e lamentosos de *Tristia* (1893) e *Além* (1895), através de *Palavras de Agnelo* (1899), *Partindo da Terra* (1899), em que, abandonando o nevoeiro pèssimista, gostosamente retoma contacto com a terra, até as *Recordações de Viagens* (1905), *Cómicos* (1908) e *Doida de Amor* (1910).

Recordações de Viagens continuar-se-ão nas obras *Jornadas em Portugal* (1918), *Espanha* (1923) e *Toledo* (1936). É a mesma curiosidade ante o pitoresco, a mesma sensibilidade ante a arte e, uma ou outra vez, a mesma atenção no romanesco. Diferentemente de Eça, inteligência curiosa ante tôdas as expressões superiores da tumultuosa vida moderna — política, literatura, filosofia, costumes — Antero anda pelo mundo em demanda dos aspectos que melhor se prestam à contemplação extática — monumento de arte, encantos de païsagem, ou revivescência de tradição.

Quanto às suas novelas, há entre as que citamos e as que vieram depois — *O último olhar de Jesus* e *Miradouro* (1934), a interposição dos livros que êle considera *pedaços de história postos em arte — D. Pedro e D. Inês* (1913), *Leonor Teles* (1916), *D. Sebastião* (1925).

Em *Cómicos*, a-pesar do que o ritmo poderá fazer crer, não se trata de quadro que se anime de múltiplos aspectos da vida de teatro. O próprio autor no-lo diz em prefácio posterior à 1.ª edição, desculpando-se do título da novela. É antes a história de duas almas que se amaram sem se compreenderem e sem recìprocamente se adaptarem — êle um romântico, ela uma estouvada de natureza, que a vida de teatro mais ainda irregularizou. Caracteres verdadeiros como a vida os oferece à observação atenta pôsto que sem hábitos de aprofundamento, não é sem interêsse que se segue o tecido de

episódios que resultam de fundamental inadaptação de um ao outro e de ambos às normas de vida que se lhes impunham à alma sem lhes afeiçoar a vontade. *Doida de Amor*, colecção de cartas de amante que se julga abandonada, ao amante que as não recebe, é da mesma sobriedade de processos.

¿Estará em certa deficiência de imaginativa para a construção do romance a razão do autor recorrer às páginas mais dramáticas da história pátria — *D. Pedro e D. Inês, Leonor Teles* e *D. Sebastião?*... Depois destas obras, Antero de Figueiredo regressou à novela, mas com intuitos proselíticos desconhecidos na obra anterior. *O último olhar de Jesus* creio podermos considerá-lo como a auto-biografia romanceada da própria reaproximação da Igreja. Nesta novela o descritor e o esteta, que se demoram na pintura do meio artístico de Paris e dos museus da Itália, levam a palma ao romancista. É mais fadado para a crónica do que para a novela. O último livro de Antero de Figueiredo — *Fátima* — é a história da sobrevivente dos três pastorinhos videntes de Fátima. Não tem outro mérito além do comum a todos os do autor — a pureza vernácula da língua.

Manuel Teixeira Gomes, em carta a João de Barros, a propósito do livro dêste — *Grécia, musa do Ocidente*, escreve: «Ao passo que tantos e tantos poetas se comprazem em mergulhar nos tenebrosos mistérios da Natureza... outros correm para a claridade da Vida, de olhos abertos e com todos os sentidos despertos para glorificar o esplendor da luz que nos ilumina e para divinizar quantas maravilhas ela nos revela... Fôsse eu poeta, que certamente seria dos segundos, à sua imagem...»

O que não lhe é possível como poeta, realiza-o como prosador, um prosador, todavia, que tem de poeta uma curiosidade constantemente alerta ante o espectáculo da vida, que considera «*fonte inexaurível de alegria e gôzo*»; «a plètora, a riqueza do seu pomar de imagens», tôdas de sensual relêvo e colorido, porque outras não colheu do mundo exterior o seu temperamento fundamentalmente pagão; certo subjectivismo lírico que lhe torna centro real de todo o interêsse a própria vida, e porventura ainda o predomínio do devaneio, repugnante a todo o esfôrço construtivo, o que explica a sua acentuada preferência pela crónica impressionista, pela epistolografia.

Êste temperamento nato de heleno encontrou na vida excelentes condições de se realizar em plenitude.

Abandonados os estudos, negoceia, enriquece, e por França e Inglaterra, Bélgica e Holanda, pelo litoral mediterrânico sobretudo, viaja o seu ardor de meridional regressado ao paganismo, a sua sensibilidade de artista, as curiosidades de uma inteligência aplicada à fruïção da vida, e escreve cartas aos amigos. O seu primeiro livro — *Inventário de Junho* — publica-o aos 40 anos (1900). Dá ao seu segundo livro o título — *Cartas sem moral nenhuma*. Vêm depois, sucessivamente, *Agosto Azul*, *Sabina Freire* e *Gente Singular*. A queda da Monarquia trouxe-lhe, com a experiência de ministro e sobretudo a de presidente da República, decepções que lhe desvaneceram a paixão política. Resignando o cargo, ei-lo de novo viajando e escrevendo: *Cartas a Columbano*, *Novelas Eróticas*, *Regressos*, *Miscelânias*, *Três Novelas*.

A natureza e as festas sensuais do amor; a arte, o pitoresco dos costumes e o múltiplo encanto da vida, que ninguém mais amava — eis os seus temas.

A qualificação que deu à sua primeira colecção de cartas — *sem moral nenhuma* — poderia estender-se a tôda a obra, sem intuitos que transcendam o de cantar a alegria de viver, o de, pela evocação realista ou pela ficção imaginosa, contemplar deliciado tôda a formosura e claridade físicas da vida, fruir tôdas as finas volúpias do amor que a perpètua e lhe dá o sabor mais gostoso e vivo. Se uma ou outra vez fixa em suas páginas o grotesco e a anomalia, não o fará senão para dar relêvo, pelas manchas da sombra, aos encantos da claridade.

E falemos — associando idéias por contraste — de Raúl Brandão. ¿Mas será lícito incluir Brandão entre os novelistas? Não o poderemos fazer sem reserva. As suas novelas são-no tão imperfeitamente, como o seu teatro é teatro, a sua história é história e as suas *Memórias* são memórias.

Data de 1895 a sua novela *A morte do Palhaço*, em 1926 reeditada com o *Mistério da Árvore*. Desde então e através de *A Farça* (1902-1903), *Os Pobres* (1906), *Humus* (1917), *O Pobre de Pedir*, escrito pouco antes de morrer (1931), e até mesmo através de *Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas* (1926), de *El-Rei Junot* (1912), livro mais de *interpretação* do que de *reconstituïção* histórica, e das *Memórias*, mostrou o escritor uma inalterável visão da vida, uma escassa meia dúzia de aspectos repetidos, de expressão tão pobre como singularmente impressionante.

Para Brandão a vida é «grande floresta putrefacta, onde vagueiam seres de sonho e formas de dor mutiladas, mãos geladas que tateiam no escuro, formas cegas e formas hesitantes de pesadelo». A sua imaginação, nutrida de sombra e espanto, não ergue da enxurrada senão os grotescos, os sonhadores, os criminosos, as prostitutas, todos os miseráveis que mais inteiramente se entregam aos impulsos misteriosos da Vida, os que menos sabem ocultar a porção de lôdo, torturado de inúteis anseios, de que os homens são amassados.

Visão apocalíptica e caótica, que o autor não faz o mínimo esfôrço para enquadrar em conceitos racionais, contentando-se, como um primitivo em cuja alma bruxuleasse aquêle vago misticismo que é o sentimento da presença do transcendente, com a emoção de espanto que ela lhe suscita.

Sente-se, percorrendo a sua obra, que tôdas as ânsias da carne e do espírito nela se equivalem, porque essa visão tenebrosa amassa as existências numa mesma lama, que sonho inútil dolorosamente estremece. E nada melhor exprime a sua piedade passiva — passiva pela inutilidade de todo o esfôrço para erguer o homem e tornar a vida digna de ser vivida — do que aquela *Santa Eponina* do último conto da *Morte do Palhaço*, a filha de

reis, que, mantendo sempre em puríssimo alheamento a alma sem mácula, degrada a carne à satisfação da luxúria de ladrões, leprosos, mendigos.

Nos livros *Pescadores* e *Ilhas Desconhecidas* segue êle a nossa costa munido de maravilhoso pincel de aguarelista, que sabe fixar tôdas as seduções das praiazinhas luminosas. Mas contíguo a elas sente-se sempre o tenebroso abismo oceânico, teatro das tragédias dos pescadores, dramáticas figuras em cujo desenho o seu carvão se compraz.

Em *Memórias* freqüentemente os rasgos que das várias fisionomias são fixados parecem denunciar em Brandão o prazer portuguesíssimo de agatanhar os deuses. Mas, no final do livro, todos os traços anedóticos, todos os esboços de caricatura se fundem no mesmo comovido *assombro*, que substitui, nesta como em tôdas as suas obras, o *juízo crítico*, a *síntese filosófica*.

É vagamente sensível a influência da novelística russa neste humanitarismo de Brandão, como no de João Grave, de cujos numerosos romances destaco *Os Pobres*.

A obra de Aquilino Ribeiro atenua o pèssimismo da de Raul Brandão com o álacre sensualismo pagão da de Teixeira Gomes. O seu primeiro livro — *Jardim das Tormentas* — escrito no Bairro Latino, que nele se projecta (ver *Inversão de Sentimentos)*, esboça-nos já todo o actual Aquilino. Ao lado do conto ao gôsto romântico — *No Solar de Montalvo* ou *Tentação do Sátiro* —, não falta ali seu ensaio de regionalismo. Sobretudo se salientam as descrições da *Tentação do Sátiro* e *Triunfal*, onde o autor se revela um colorista mais rico e fino do que Teixeira Gomes, embriagado ante os espectáculos das graças da natureza — e da vida apenas sujeita às suas leis, particularmente os jogos do amor em liberdade. É, aliás, esta a reacção da sua juventude sàdia ao pèssimismo da sua visão da existência, que se lhe figura dividida entre o *mundo dos senhores* e o dos *servos*, o primeiro *odioso e picaresco* com suas *tiranias* e *convenções*, o segundo, *cómico e lastimável* pela *bestialidade*.

A *Via sinuosa* (1917), *Terras do Demo* (1917), *Filhas de Babilónia* (1920), *Estrada de Sant'Iago* (1922), *Andam Faunos pelo Bosque* (1926), vão sucessivamente efectivando as possibilidades do escritor. Neste último romance, em Carta-prefácio ao Dr. Brito Camacho, diz que fecha com êle o seu *primeiro ciclo*. E acrescenta: «Escrevi com o meu sangue; nunca molhei a pena na pia de água benta, nem nos lavabos perfumados das viscondessas. Arranquei as minhas figuras ao barro da terra, às mãos ambas, e amassei-as com a devoção de Machado de Castro ao mundo gnómico de seus presépios... Vou descer à *urbs*, depondo a pena que a crítica suficiente qualificou de regionalista».

Não a depôs definitivamente. Além da porção de província que encontramos noutros romances — *A batalha sem fim* (1932) e *O homem que matou o diabo*, regressa à sua Beira na segunda das duas novelas — *O Servo de Deus e a casa roubada; Milfomes* pertence à linhagem do inesquècível *Malhadinhas*, da *Estrada de Santiago*.

Não lamentemos o regresso. Foi o regionalismo, ou melhor, foi a experiência mais fundamente vivida pela sensibilidade do escritor e pelo temperamento do homem, que inspirou a Aquilino as suas melhores páginas, que são das mais belas e fortes da novelística portuguesa. A paisagem beiroa, em suas grandes linhas cenográficas (montaria aos lobos em *Andam faunos pelos bosques*) ou em seus pormenores pitorescos (todo o capítulo X da *Via sinuosa)*; a vida dos seus abades, dos seus fidalgos e sobretudo dos seus aldeãos — o *Malhadinhas*, o *Rôla*, o *Milfomes*, com tôda a sua animalidade instintiva e tôda a esperta malícia que é a forma da sua inteligência, tudo nos surpreende pela verdade com que foi visto, pelo vigor de traço que tudo *reanima*.

¿E o escritor que desceu à *urbs?* ¿Teria trazido para a sondagem das almas que a cultura e a civilização complicam uma capacidade de análise do mundo moral igual à capacidade descritiva da realidade concreta?

Não podemos dizê-lo. O escritor *Adriano Valadares*, personagem da *Maria Benigna*, em entrevista de amor com a amante lisboeta que dá o nome ao romance, deixa involuntàriamente que lhe brote dos lábios o nome de *Ermelinda*, a serrana bela que lhe enfeitiçou os sentidos e lhe satisfez a carne, em caçada pela Beira. O caso é simbólico. No romance em que o escritor afirma ir descer à *urbs*, é assim expressa esta prisão à terra que lhe estruturou as bases da personalidade.

O romance não tem sido apenas processo de desinteressada representação da vida. Desde as suas origens que a tal objectivo se tem misturado, mais de uma vez se lhe sobrepondo, o intuito de a afeiçoar pelas normas do ideal moral, social ou religioso do autor. Exemplifica-o quási tôda a obra do P.e Álvares de Almeida, a quem já me referi sob o pseudónimo de *Nuno de Montemor*. Leia-se, por exemplo, o romance *Glória mais alta*, cujos conflitos sociais encontram solução no Evangelho.

Mais notáveis, porém, do ponto de vista do significado moral, quási todos os romances de Manuel Ribeiro. *A Catedral, O Deserto, A Ressurreição* marcam a estrada de Damasco da sua quási perfeita conversão católica. Esta trilogia vai de 1920 a 1923. O público foi conquistado por uma boa-fé comunicativa e também pelo que nos livros se misturava de emoção estética à emoção religiosa, sublimação — dir-se-ia — da sua antiga mística revolucionária, que encontra ainda sua expressão, por exemplo, na simpática figura do operário canteiro *João Coutinho (A Catedral)* ou, já perfeitamente cristianizada, na figura do apóstolo *D. Laurenzo (A Ressurreição)*. Manuel Ribeiro lembra o Huysmans de *La Cathédrale*, até por sua estada em um convento de cartuxos: é no de Miraflores, de Burgos, que êle faz passar o romance *O Deserto*. Todavia, a conversão parece não o ter empolgado tão completamente. Se na sua obra ulterior figura *A Revoada dos Anjos*, cuja acção decorre em Assis, sob a sugestão mística que o *Poverello* legou à paisagem, também nela encontramos *A Batalha nas Sombras* e *Esplendor mais alto*, alheios a proselitismo religioso. *Planície Heróica*, porventura o seu melhor livro, é mais qua-

dro de païsagem e costumes da sua província natal — o Alentejo — do que exemplo da eficiência da liturgia para a resistência ao pecado.

Manuel Ribeiro é emotivo, que não cerebral. Não sabendo analisar, sabe descrever — e o que ficará da sua obra são alguns trechos descritivos.

Pela humildade da origem, pelo autodidatismo da cultura e até pela generosa humanidade das preocupações sociais, o romancista mais próximo de Manuel Ribeiro, se bem que superiormente dotado, é J. Ferreira de Castro. Parte apenas com dôze anos para o Brasil, sofre fomes nos intervalos de míseras situações que o põem em contacto com a dramática vida dos seringueiros, mas também com as païsagens magníficas da Amazónia. Lê vorazmente, adextra a pena em jornais sertanejos, em romances de que êle mesmo distribui os fascículos. Regressado a Portugal, consegue, ao fim de penosas, pacientes canseiras e privações, triunfar esplêndidamente com a publicação do seu primeiro romance — *Emigrantes*. Depois de *Emigrantes*, escreve *A Selva*, e os dois romances constituem o díptico doloroso da emigração — e da escravatura mal disfarçada a que ela freqüentemente conduz. Doloroso, na verdade, mas, em *A Selva*, sobretudo, enquadrado na magnificência da païsagem tropical, cuja maravilhosa riqueza cromática o seu pincel soube fixar.

Depois dêstes romances, um outro — *Eternidade* — cuja acção, decorrida na Ilha da Madeira, transcende nas mesmas preocupações sociais de inquieto inconformismo; *A Tempestade* dá-nos, em quadro de costumes burgueses, a análise, à maneira dostoïewskiana, de uma alma de marido atraiçoado.

Creio que os romancistas a que acabo de me referir são os que, se bem nem sempre por motivos de ordem estética — e é o caso de Manuel Ribeiro —, mais fortemente têm impressionado os leitores dêste género literário. Muitos outros, porém, há a mencionar, e só é pena que o espaço não permita conceder a alguns dêles o demorado exame correspondente ao seu valor ou significação. E, por exemplo, o Visconde de Vila-Moura, o artista requintado de *Nova Safo;* Samuel Maia, cujo *Sexo Forte* é o curioso desenho de um padre sensual e pecador, atormentado de revoltas de consciência em que o temperamento se expande com análoga brutalidade.

Lembrarei, entre os novos, o nome de um romancista que tem com Ferreira de Castro, até certo grau, comunhão na experiência da vida portuguesa fora de Portugal — Joaquim Paço de Arcos. À sua estreia — *Herói Derradeiro* (1934), cuja segunda parte se passa em África e é todo atento aos perigos que ameaçam os nossos domínios ultramarinos, seguem-se *Amores e viagens de Pedro Manuel* (1935), protagonista que se continua em *Diário de um emigrante* (1936). Aqui o drama decorre em plano superior às misérias físicas, mas entenebrecido de angústias morais. Posteriormente, em *Ana Paula* e *Ansiedade*, tentou Paço de Arcos outros domínios do interêsse. Êste último é tímido ensaio de romance social. Tímido, de maneira que os rumores dos famintos de justiça se apagam no morno interêsse com que se assiste à crápula dos banqueiros...

A mesma preocupação social se denuncia em *Gente de Bem*, por exemplo, do romancista Assis Esperança.

Manuel de Campos Pereira dá-nos em *Drama do Rio-Belo* (1934), *Direito de Amar* (1934), *Castas Susanas* (1936), aspectos bem observados do *quotidiano*. A sua pena, menos sóbria do que a de Paço de Arcos, com freqüência adeja em vôo lírico, nem sempre, porém, subordinado ao mínimo de lógica exigível em tôda a arte.

João Gaspar Simões, espírito culto de crítico, tentou com o livro *Elói* (1929) o romance proustiano, todo em tôrno de vida interior removida e enleada, atento à desconexa complexidade de estados de alma em que a consciência é mera espectadora. Ao fim da leitura, sêca de estilo e reduzida de *vis dramatica*, todo o interêsse consistindo em observar como a *imaginação psicológica* do autor substitui as possibilidades de experiência e observação, não é sem certo prazer que emergimos a respirar no horizonte marinho de *Tavarede*, onde se desdobra, em dois romances — *Amores infelizes* (1934) e *Vida conjugal* (1936) — uma *história de província* em que não falta poder de observação e certa tensão dramática. Com o romance *Pântano* (1940), acompanhamos o autor à capital e aqui freqüentamos os cafés e as tertúlias literárias entre gente sem grande interêsse... *Amigos sinceros*, sua última novela, cuja acção decorre no ambiente académico de Coimbra, tem dois últimos capítulos fortes e sóbrios, tem o retrato de *Guilherme* — a compensar das reacções imprevistas com que as suas personagens nos surpreendem às vezes.

Mais buliçoso e perturbante, o romance de José Régio — *Jôgo da Cabra Cega* (1934) — decorrido no mesmo ambiente. Vida de estudante coimbrão, artificializado, deshumanizado pela cultura — eis o assunto do livro, verdadeiro *jôgo de cabra cega* de pessoas de olhos vendados para quanto não seja experiência psicológica em si próprias ou no pequenino mundo que as rodeia, quási sempre realizada mais como *jôgo* risonho do que como *pesquisa* ansiosa.

Como *pesquisa*, penetrante e humaníssima, aponto a novela, de nítida influência dostoïewskiana, de Rodrigues Miguéis — *Páscoa Feliz* (1932). O autor respeita, nesta sua brilhantíssima estreia, a tradição que impõe à novela matéria que valha a pena narrar — e ao novelista talentos superiores aos de simples relator de experiência laboratorial.

A *Parábola viva* (1941), com que Vieira de Almeida também quis experimentar capacidades de romancista, dá-nos, em forma perfeita, o drama pungente de uma existência individual que recebe luz e significado do sentimento trágico da Vida, pelo qual se converte em episódio do destino impiedoso que dirige o Universo.

É preciso, todavia, confessar que à tendência romântica para o *excepcional*, sucedeu, em reacção, a tendên-

cia que dirige boa parte da novelística do nosso tempo a aderir ao *quotidiano*. Do mesmo modo, a preocupação de por ela tratar ou resolver problemas religiosos e morais, sociais e políticos, dá lugar ao alheamento de todo o proselitismo, no exclusivo interesse de surpreender a *vida* — a vida até em suas facetas mais banais. Mas o género é de cânones pouco rígidos — como lhe cumpre para poder conter a infinita complexidade da vida — e continua a abranger os aspectos mais diversos. De tudo encontramos na variada novelística dos nossos escritores: o culto pela clara beleza antiga, em novelas como *Uma mulher ciumenta*, de Joaquim Leitão, ao lado da ternura pelas existências humildes ou rudes, nas novelas de Norberto de Araújo, Bourbon e Meneses, Campos Lima; o regionalismo que, depois de Camilo, T. Coelho, T. de Queiroz, J. Leitão (ver novela *Varre-Canelhas)*, se continua hoje na obra de Aquilino Ribeiro; a irrupção, com Sousa Costa, de uma *Miss século XX* em pleno ambiente minhoto, carregado de tradição e buliçoso de folclore, ao lado da transplantação para o ambiente cosmopolita da Constantinopla do após-guerra do português que lá realiza a *Experiência*, de Martinho Nobre de Melo; a par das novelas de vida cosmopolita de Augusto de Castro *(O Amor e o Tempo)*, ou crepitante de modernidade *(Leviana* de António Ferro), as novelas de costumes selvagens, a que em breve me referirei, ou a novela pretexto de descrição, como a de Urbano Rodrigues — *Viagem através de uns olhos verdes* — que é antes *uma viagem através de Marrocos*. *Um fio de música* é o título expressivo da sensibilidade bem feminina com que Raquel Bastos tece a sua novela, em contraste com *O grito da Terra*, de Adelaide Félix, forte e bela explosão de altivez ofendida e sensualidade exasperada. Irene Lisboa *(João Falco)*, pelo processo que já sabemos, diz-nos como *Começa uma vida*, reconstituindo as *realidades simples* da própria experiência, nas quais tanto se compraz. E Virgínia de Castro e Almeida, que inclui em sua vasta obra, romances como *Fé*, entre outros, impressionante pela gravidade dos problemas. Emília de Sousa Costa, educadora, mesmo como novelista. Aurora Jardim, de inquieta modernidade . . .

Mas a produção é de abundância que excede os limites do espaço e do tempo. Entre quantos, porém, aos futuros historiadores da literatura hão-de merecer o juízo que a perspectiva do tempo facilitará, lembro Vitorino Nemésio, já atrás citado, que tendo, na *Varanda de Pilatos*, romanceado a experiência da sua mocidade de ilhéu, já na posse de uma expressão cheia de novo pitoresco, de beleza e vigor, melhor afirma nas novelas da *Casa Fechada* êsse raro poder verbal. Tal poder expressivo está neste volume ao serviço da fina observação psicológica, da pintura de pormenores pitorescos, pelos quais, aliás, se dispersa o interêsse geral da novela. Tomás Ribeiro Colaço esboçou a *Folha de Parra* com raras possibilidades de novelista, infelizmente depois malbaratadas em coisas ligeiras, pôsto que, às vezes, crepitantes de espírito. A portuguesíssima ansiedade do longe é o tema de *A Aventura*, de J. Osório de Oliveira . . . *Vieiros* é o romance, festivamente recebido pela crítica, que Alves Redol anima com a vida dos pescadores do Tejo.

Não esqueçamos, ao terminar êste estudo, o estímulo que o prémio Ricardo Malheiro quis dar à literatura de imaginação. Os escritores que êle já galardoou e ainda aqui não foram citados são Guedes de Amorim e Augusto da Costa. ¿Qual a eficácia do prémio? Não se poderá dizer que a novelística nacional seja fonte de orgulho patriótico. Já se chegou a escrever sôbre a *inviabilidade do romance português* (José Bacelar e Casais Monteiro), no que porventura se exagera o que Eça apontava como obstáculo para criar individualidades de profunda vida interior — a chateza do campo social onde se realiza a colheita de experiências . . .

III. — O CONTO E A CRÓNICA; A NARRATIVA HISTÓRICA; A LITERATURA COLONIAL; A LITERATURA DA GRANDE GUERRA.

Dois géneros diferentes, mas às vezes tão semelhantemente realizados, que é difícil, em mais de um livro de contos, saber por que nêle foi inserto o que se afigura uma crónica; e em mais de um livro de crónicas, notar deslocado o que logo qualificamos como conto. É percorrer *Almas e Corpos*, de Joaquim Leitão, *Espadas e Rosas*, ou *Abelhas Douradas*, de Júlio Dantas, *As mulheres e as cidades*, de Augusto de Castro.

Entre os contistas, vale a pena ler Júlio Brandão, o poeta da novela lírica *Maria do Céu;* dos *Contos Escolhidos* lê-se com vivo agrado, por exemplo, *O novo frade dos mitos*. De Justino de Montalvão são de comunicativa ternura *Os Destinos*, entre outros. Joaquim Leitão reüniu no volume *Cabeça a prémio* alguns bem notáveis, como o que dá o título ao livro e ainda *A maior paixão* e *Maria Liberata*. Júlio Dantas, no volume *Contos*, dá lições de técnica perfeita na estruturação do género, que hàbilmente sabe variar como convém à melhor captação do interêsse. Lirismo e drama, ternura e malícia, arte e literatura, e até a vulgarização científica, tudo com elegância êle insinua naquelas páginas que não lerão sem proveito e agrado, em suas horas de ócio, os homens de bom saber, pôsto que sobretudo destinadas . . . a *Madame X*. O *seu amigo Fred* (ver *Contos)* escreve: « Como o velho pintor Watts, que não compreendia a paisagem sem a figura, eu preciso de ver sempre uma figura de mulher nos primeiros planos ». O autor bem podia fazer suas estas palavras e com elas explicar os defeitos e qualidades de boa parte da sua obra, leve de conteúdo, tanto como elegantíssima de forma, de uma facilidade de fantasia que de modo nenhum lhe estimula a profundidade de pensamento.

Brito Camacho, em *Quadros Alentejanos*, dá-nos sobretudo as memórias da sua infância e mocidade e, através delas, costumes e tipos da sua província natal. Em-

bora não as enquadrando em contos, como tal podemos todavia apontar a parte em que evoca êsse curiosíssimo tipo de mulher que foi a *Snr.ª Francisca Verruga.*

Hipólito Raposo, em *Lagoa Escura,* demonstra uma arte consumada de narrador, a que não falta finura de observação *(Um sorriso de Santo António),* vigor descritivo *(Cegador de aves),* e a comoção comunicativa com que nos pinta a miséria de uma vítima do fisco *(Um moleiro em cinzas).*

Para terminar, lembro *Recordações do Minho Arcaico,* de Abel Salazar, e *Montanha,* de Miguel Torga. O primeiro, nos contos daquele livro, como em *Uma primavera em Itália, Paris em 1934, Digressões em Portugal,* revela-se um extraordinário colorista, às vezes de poderoso realismo, freqüentemente, porém, de fantasia visionária que só tem igual em certas páginas de Fialho. Bem podemos dizer que a sua pena é mais rica de côres do que o pincel com que surpreende os mais sombrios aspectos dos dramas de trabalho. Leia-se, depois dêste último livro, o de Lopes de Oliveira — *Por terras de Portugal* — e teremos enchido os olhos de tôda a beleza das serranias do Norte, que nenhumas outras penas melhor fixaram. *Montanha,* de Torga, é uma admirável galeria de tipos das serranias transmontanas, de nítido desenho a carvão.

Dr. Júlio Dantas
Um dos mais recentes retratos do grande escritor (cliché da Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Serviço fotográfico e fotostático).

A técnica aliciante do conto ou novela, ou seja certa mistura de fantasia aos dados de realidade, é em favor no nosso tempo. A biografia romanceada, tanto em moda lá fora, realizou-a com êxito o *Romance de Garrett,* de Osório de Oliveira. A obra histórica do Conde de Sabugosa — *Embrèchados, Neves de Antanho, Damas de Tempos Idos, Gente d'Algo,* é do conto que, aqui e além, aproveita a graça narrativa, tal como *Pátria Portuguesa* e *O Amor em Portugal no século XVIII,* de Júlio Dantas. Cultivam com êxito o mesmo género, entre outros, Sousa Costa e Magalhães Basto. *O Amor na Renascença,* de Joaquim Leitão, expõe ainda com mais sensível orgânica novelística quadros da vida italiana de Quinhentos, onde são figuras de primeiro plano alguns dos grandes nomes da arte ou da política.

¿E os aspectos da vida exótica do Ultramar português, não terão solicitado a atenção dos romancistas? Não é, infelizmente, rica a nossa literatura colonial. Contudo alguns nomes se impõe deixar em relêvo — e de uma instituïção cumpre salientar a diligência com que, por meio de prémios anuais, tem procurado animá-la — a Agência Geral das Colónias. A novelística colonial representam-na obras de Henrique Galvão *(Sol dos Trópicos),* Campos Monteiro *(Céus de fogo),* Julião Quintinha *(Novela Africana),* João de Lemos *(Almas Negras),* B. Camacho *(Contos Selvagens),* H. Raposo *(Ana Kalunga),* Fausto Duarte *(Auá),* Augusto Casimiro *(Nova largada),* entre outras. É de todos o de mais impressionante e dramático realismo o livro de João de Lemos, infelizmente descurado na forma.

A crónica tem igualmente encontrado cultores de mérito. Destacarei entre êles Augusto Casimiro, cujo *Portugal creoulo* é tecido de observação carinhosa e formosíssimas *fugas* de poeta; Gastão de Sousa Dias — *África Portentosa, Cartas de Angola* —, onde a arte, de sóbria elegância, é apenas meio ao serviço da grande alma de patriota que a África cativou como a ninguém; e ainda *Além-Mar,* de Hugo Rocha, *Na Hora do Batuque,* de Luís Teixeira, do mais interessante como reportagem.

A grande Guerra (de 1914 a 1918) levou à Flandres e à África alguns homens de letras, a quem como tais a tragédia não podia deixar de estimular. Da abundante literatura produzida, fixarei aqui a que se me afigura valer por mais alguma coisa do que pelo depoimento arquivado, e vem a ser *Memórias da Grande Guerra,* de

Jaime Cortesão; o poemeto de Augusto Casimiro *Hora de Nuno'Alvares*, e ainda *Nas Trincheiras de Flandres* e *Calvários de Flandres; Ao parapeito* e *Soldado Saudade*, de Pina de Morais; o livro de versos de Barata da Rocha — *Névoa de Flandres*, além do livro do humorista André Brun — *Malta das Trincheiras*. Da nossa acção em Àfrica falam os livros de Carlos Selvagem, António de Cértima e Lapas de Gusmão. Se aqui e além se encontram belas e fortes páginas, é justo salientar a única obra que teve honras de tradução — *Ao parapeito*, de Pina de Morais. É a confidência de uma bela alma lírica, com tôdas as deficiências e tôdas as virtudes da espontaneidade que se não cultiva.

IV. — O TEATRO

A tradição do teatro histórico, de Lopes de Mendonça, D. João da Câmara, Marcelino Mesquita, continua-se no século XX com o teatro de Júlio Dantas, que já em 1899 fizera representar *O que morreu de amor*, em 1900 *Viriato trágico*, e logo em 1901 *A Severa*, em 1904 *Serão das Larajeiras*, depois *Soror Mariana* (1915) e *Carlota Joaquina* (1919). *Pintura histórica* lhe chama o autor em dedicatória a Columbano. O quadro de costumes, em verdade, tem no *Viriato trágico* tanto relêvo como o retrato do poeta-soldado, e em *Santa Inquisição* é a própria instituïção o núcleo histórico da tela, em que aliás não falta o pitoresco de uma estalagem em hora de estúrdia e comédia ambulante; a figura do *Cardial Inquisidor*, como a de *Curvo Semedo*, bem podemos considerá-las transferidas da Itália de Quinhentos para o Portugal seiscentista. Em *A Severa* e sobretudo no *Serão das Laranjeiras* — pintura caricatural do *snobismo* e da imoralidade da sociedade aristocrática dos meados do século XIX — mais sensível é ainda o propósito da pintura histórica; espécie de réplica de *O amor em Portugal no século XVIII*.

Ao lado destas grandes telas a óleo, não faltam os pequeninos e graciosos cromos do passado — *Ceia dos Cardiais*, *D. Beltrão de Figueiroa*, *O Primeiro Beijo*, *D. Ramon de Capichuela*, *Rosas de todo o ano*. E se acrescentarmos *Mater Dolorosa* e *O Reposteiro Verde* (1912) completamos a galeria teatral de J. Dantas com dois quadros de vida actual, o primeiro desenhado a carvão sôbre pungente aspecto da miséria quotidiana, o segundo um pouco gran-guinholesco — dois assassinatos em três actos. Mérito principal — a hábil teatralização do rasgo sentimental ou cómico, o sábio desenho do costume pitoresco e do tipo. Fôrça interior de caracteres, violência de torturas íntimas, em equilíbrio com o pitoresco e o espectaculoso da acção, exemplifica-no-las *Santa Inquisição*, e pouco mais. O amor, a leveza, a graça, uma ou outra vez tocada de lírica sentimentalidade, são os aspectos da vida em que Júlio Dantas se compraz.

Outros autores têm continuado o teatro histórico. *Aljubarrota*, de Rui Chianca, é de 1913, e posteriores *Soror Mariana* e *D. Francisco de Melo*, do mesmo; *Infante de Sagres* e *Egas Monis*, de Jaime Cortesão, são respectivamente de 1916 e 1919. Mais recente ainda *A Conspiradora*, de Vasco Mendonça Alves.

Ao lado, porém, desta forma de teatro, faz sua carreira, pôsto que mais modesta, o *teatro de costumes*, não faltando também uma ou outra tentativa de teatro *psicológico*. Aquêle representa-o Eduardo Schwalbach, que continua neste século até o *Sol de Abril*, representado em 1919, a actividade começada no anterior. Floresceu ela em numerosas operetas, revistas, comédias. De entre estas salientarei duas, típicas — *A Bisbilhoteira*, em que tôda a atenção do comediógrafo e do público se concentra sôbre a tecedeira de intrigas, e *Os Postiços*, comédia de costumes, tôda uma galeria de tipos criados pela mentira da vida de sociedade, verdadeiros e ... hilariantes. Não se esgotam, porém, nestas expressões da veia cómica as possibilidades do escritor. Em *Poema de Amor*, destaca do quadro de costumes de gente de teatro a figura verdadeiramente dramática do actor *Mateus*, desenhada com traço vigoroso e atenta observação.

A graça cómica que Schwalbach herdou de Gervásio Lobato, teve viva repercusão em quási tôda a obra de André Brun. Lembro, do seu teatro, a original *Vizinha do lado*. Hoje é nas revistas que tal graça mais faúlha.

A Grande Guerra também trouxe à luz da ribalta uma revivescência, mais audaciosa desta feita, do problema social, já abordado por Manuel Larangeira no *Àmanhã* (1902) e por Bento Mântua em *Alcool* etc., *Adão e Eva*, de Jaime Cortesão, representado em 1921, implica no título o anelo de um mundo novo — o que o revolucionário *Marcos* quere edificar, regressando da Grande Guerra, convicto da ineficácia da doutrina de Cristo para a distribuïção da justiça na terra. *Casaca Encarnada*, de Vitoriano Braga, *O caso do dia*, de Ramada Curto, focam o momento de perturbação económica do após guerra, estimulador de aventuras e protérvias.

Virgínia Vitorino em *Camaradas*, Ramada Curto em *Recompensa*, em que o público longamente aplaudiu a intenção e a técnica, Alfredo Cortês, em *Domus*, cada um segundo a própria ideologia e na medida imposta pelas circunstâncias, todos têm atentado nas preocupações angustiosas do presente — as reivindicações operárias os dois primeiros, a constituïção da família o último. Podemos ainda incluir nesta categoria a brilhante estreia de Carlos Selvagem — *Ninho de águias* —, onde ao representante de uma das mais nobres famílias portuguesas, que na crápula está emporcalhando os pergaminhos da família, inùtilmente se sugere a rehabilitação pela actividade de colonizador em África.

São, porém, tímidas e raras estas tentativas de teatro social. Outras formas lhe fazem concorrência, e por exemplo, o teatro regionalista, iniciado pela peça de D. João da Câmara — *Os Velhos*. O que de mais notável se aplaudiu foi o drama de Carlos Selvagem — *Entre Giestas*, o de Francisco Lage e João Correia de Oliveira — *Os Lobos*, o de Alfredo Cortês — *Tá mar. O Milhafre*,

do poeta açoreano, já atrás citado, Armando Côrtes Rodrigues, que tem como núcleo de acção um episódio de emigração, jamais viu a luz da ribalta na Metrópole. Também são dêste século as primeiras tentativas de *teatro colonial*. Tentou-o Virgínia Vitorino em *Degredados*, cujos dois últimos actos se passam em África, nêles se desdobrando uma intriga em que aventureiros da Metrópole põem em perigo a nossa soberania em largo trato de uma colónia, a-pesar da campanha movida por um dos *desterrados* — os colonos honestos de cujo trabalho e sacrifício a Metrópole se desinteressa; Em *Telmo, o aventureiro*, de Carlos Selvagem, foca-se o problema da fixação do colono, pela constituïção da família, na terra portuguesa de Além-mar.

O que, porém, predomina no teatro, como, aliás no romance, é o caso de restrito significado individual, de interêsse psicológico. Assim a maior parte do teatro de V. Vitorino *(Fascinação)*, de R. Curto *(Sol poente)*, de Vasco M. Alves *(Os filhos)*, de A. Cortês *(Zilda)*, de V. Braga *(Inimigos)*.

Mas a arte não é apenas *expressão da vida*. Procura-se nela mais de uma vez a *distracção da vida*, quando não dela uma capciosa ficção, que mais agudamente ou mais aliciantemente lhe surpreenda os aspectos.

Ramada Curto, de todos os nossos comediógrafos o de fantasia mais audaciosa, com *A Cadeira da Verdade* e *Colombina ao telefone*, e A. Cortês com *Gladiadores*, tentaram misturar ao *quotidiano* seu grãozito de *fantástico*, para dar à crítica de costumes novo e mais agudo picante. O êxito, se exceptuarmos o de *A Cadeira da Verdade*, não lhes pagou a pena. Carlos Amaro dirigiu a sua fantasia — *S. João subiu ao trono* — a auditório de crianças... e adultos em grata hora de repouso e desenfado. Pôsto que não deixe de insinuar lição moral, foi na fresca ingenuidade da ficção e na graça lírica com que a versificou que pôs seu principal empenho. José Régio em *Jacob e o Anjo* tratou, segundo o processo de Wagner, com o concurso da dança, da música, da cenografia, e em símbolo igualmente fantástico, um tema que se adivinha do autor das *Encruzilhadas de Deus* — o acordar na alma do eu essencial, aquêle que, tocado do anjo com quem luta, não mais sossega o inquieto anseio de absoluto...

E eis o principal, sendo impossível apresentar aqui uma bibliografia completa do nosso teatro no século XIX.

V. — A HISTORIOGRAFIA

Alguns sectores da história nacional foram esclarecidos por sérias pesquisas e estudos — e entre êles, especialmente o que abrange a nossa actividade de descobridores.

Na devassa da nossa prè-história, trabalham dedicadamente António Augusto Mendes Correia (com os seus colaboradores do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto entre os quais se salienta Santos Júnior) e Manuel Heleno, director do Museu etnológico Dr. Leite de Vasconcelos. De todos continua mestre, pôsto que falecido, o sábio eminente que dá o nome a esta instituïção cultural — mestre pelo que ficámos devendo à sua actividade, como ao seu exemplo. À história de *As Religiões da Lusitânia*, sua obra mais notável, à filologia, à etnografia, consagrou o labor de tôda uma vida a que tudo o mais parecia indiferente. No estudo da Idade Média trabalham o diplomatista Rui de Azevedo (ver o primeiro capítulo da *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, sôbre a expansão para o sul do núcleo que Afonso Henriques tornou independente); Paulo Mereia (direito português); Gonzaga de Azevedo (história política); Costa Veiga (história militar); Damião Peres (leia-se o estudo *Como nasceu Portugal)*; Torcato de Sousa Soares (municipalismo).

As nossas relações e conflitos com os mouros foram o objecto das pesquisas do arabista David de Melo Lopes, cujos trabalhos corrigem e completam os estudos de Herculano e interessam à história política tanto como à história da língua, e do orientalista Esteves Pereira. A actividade dos descobrimentos têm-na estudado — continuando a obra do Visconde de Santarém, Luciano Cordeiro e outros — Joaquim Bensaúde, Luciano Pereira da Silva, Duarte Leite, Fontoura da Costa, Jaime e Armando Cortesão, António Barbosa, Gago Coutinho; e, pelo que toca à biografia de Fernão de Magalhães — Queiroz Veloso e Visconde de Lagoa. De tal convergência de investigadores, nautas e matemáticos tem resultado uma obra de reivindicação de muita glória negada e de revelação de esforços desconhecidos.

Na história da Igreja em Portugal trabalharam Fortunato de Almeida e Mgr. Ferreira, e, na parte que respeita à Companhia de Jesus, têm sido frutuosas as pesquisas que em Arquivos nacionais e estrangeiros têm feito dois membros daquela sociedade — Francisco Rodrigues e Serafim Leite. Lúcio de Azevedo, com as suas obras *Os jesuítas no Grão Pará* e *História do P.e António Vieira* e ainda *Marquês de Pombal*, deu para tais estudos uma contribuïção que não vale apenas pelo resultado das investigações, mas também pelo exemplo da imparcialidade. Da Inquisição também o mesmo historiador se ocupou na *História dos Cristãos Novos*, assim como António Baião em *Episódios da Inquisição em Portugal*. Ao seu instituidor em Portugal — D. João III — procurou Alfredo Pimenta, no volume que lhe consagrou, reabilitá-lo contra as acusações de Herculano e outros.

De D. Sebastião e do seu reinado tem-se ocupado Queiroz Veloso; e Damião Peres consagrou um volume ao Prior do Crato, ambos com novos documentos. Sôbre os séculos XVII e XVIII têm feito pesquisas, além de Lúcio de Azevedo, a que já me referi, Damião Peres *(A diplomacia portuguesa e a sucessão de Espanha)*, António Ferrão (estudos sôbre Pombal, Pina e Melo, Duque de Lafões, Ribeiro Sanches, etc.), Caetano Beirão de Veiga *(D. Maria I)*, João Ameal e Rodrigues Cavalheiro *(De D. João V a D. Miguel)*. A obra de Carlos de Passos sôbre *D. Pedro e D. Miguel*, a de Júlio de Vilhena

sôbre *D. Pedro V e a sua época*, a de Vieira de Castro sôbre *D. Carlos*, a publicação pela Imprensa de Universidade de Coimbra das *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*, informam-nos sôbre a tormentosa implantação entre nós do regime liberal e sôbre a época de pacificação, fomento e actividade diplomática na Europa e efectivação de domínio em África, que se lhe seguiu. Rocha Martins, em seus volumes sôbre os dois últimos reinados, traz para o conhecimento da época o concurso do seu depoimento de contemporâneo.

Da história militar têm-se ocupado Vitoriano J. César, Carlos Selvagem, Ferreira de Lima. A aliança inglesa historiou-a Armando Marques Guedes. À nossa história económica dedicaram-se Lúcio de Azevedo, António Francisco Correia e Mosés Anzalak. À história da cultura consagram-se Silva Carvalho, Carlos França, Joaquim de Carvalho, Mário Brandão, Luís de Pina; e à história de Arte José de Figueiredo, Vergílio Correia, Reinaldo dos Santos e Aarão de Lacerda, não devendo esquecer-se o nome de um erudito que por ela passou — José Saraiva.

Na história da nossa colonização têm trabalhado Teixeira Botelho, Botelho de Sousa, Gastão de Sousa Dias, Marquês de Lavradio, Manuel Múrias, entre outros.

Os últimos anos têm-nos apresentado esta novidade: grandes publicações históricas colaboradas por especialistas e enriquecidas de cuidada documentação iconográfica. E são a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, dirigida por Carlos Malheiro Dias, a *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, abrangendo também a história de cultura, a *História do Regime Republicano*, sob a direcção de Luís Montalvor, *Portugal na Grande Guerra*, sob a direcção de Luís Augusto Ferreira Martins, e a *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, dirigida por António Baião, Manuel Múrias e pelo autor dêste capítulo.

Sem luxo gráfico, mas com denso recheio documental, publicou Braamcamp Freire a revista *Arquivo Histórico*, e Fidelino de Figueiredo a *Revista de História*.

Cumpre finalmente registar a contribuïção que os organismos oficiais têm dado aos estudos históricos. A *Agência Geral das Colónias*, cuja recente exposição no Brasil teve um êxito honrosíssimo, atingiu por ocasião do duplo centenário (1940) a sua máxima intensidade publicitária. Publicou inéditos, roteiros, livros de marinharia, obras da história da nossa colonização, monografias — tôda uma larga documentação sôbre a nossa actividade de colonizadores e exploradores, e todos êstes trabalhos confiados a especialistas portugueses e brasileiros, de entre os quais se destaca o falecido Comandante Fontoura da Costa.

À *Academia Portuguesa de História*, recentemente criada, ficámos devendo a publicação de *Documentos Medievais Portugueses*, a de numerosas cartas de D. João IV para os governadores da Província do Alentejo ou dêstes para aquêle monarca e para D. Afonso VI, e a do *Manuscrito de Valentim Fernandes*. Também se lhe deve a de dois tomos de *Annais*, contendo valiosos estudos.

VI — LITERATURA DE IDÉIAS E CRÍTICA LITERÁRIA

A literatura de idéias não é bem aquilo por que nos temos distinguido no mundo... Ainda assim, seria truncado êste estudo, se nêle não fôssem lembrados, como representantes do pensamento católico, D. João Evangelista de Lima Vidal, autor de *Esplendores do sacerdócio;* D. Manuel Gonçalves Cerejeira que, nos tempos de professor universitário, dignificou a cátedra com o estudo sôbre *Clenardo* e a actividade de apóstolo com o livro *A Igreja e o pensamento contemporâneo;* D. Manuel Trindade Salgueiro e os missionários Manuel e Joaquim Alves Correia, o último dos quais deu em *Largueza do Reino de Deus* bela expressão ao espírito de tolerância evangélica; Leonardo Coimbra e Joaquim Manso, com desiguais talentos e cultura mas análoga *doença de infinito*, escreveram respectivamente *A alegria, a dor e a graça* e *Consciência núa e abandonada*. Raul Proença e António Sardinha, o primeiro com suas raras capacidade e cultura filosóficas, o segundo sobretudo dado à erudição e interpretação históricas, souberam ennobrecer credos políticos opostos com páginas em que não faltava, ao calor proselítico, o mais vivo brilho literário. Lembro que Sardinha foi lírico de mérito; e, no seu *Guia de Portugal*, insere Proença algumas das mais formosas descrições da paisagem portuguesa.

*

A actividade crítica exige, como virtude de inteligência, grande capacidade reflexiva e, como virtude de vontade, capacidade não menor de superar os impulsos afectivos ou os interêsses ideológicos. Não poderemos dizer que tais qualidades distingam o escol intelectual português...

Uma forma de crítica existe a que não faltam cultores — a *crítica externa*, a que mais se adapta o esfôrço da memória do que o da reflexão. A ela devemos, na verdade, uma actividade que, mesmo quando muito não valha pelos resultados obtidos, é de mérito incontestável pela lição de paciente e carinhosa persistência.

Porque D. Carolina Michaëlis era alemã, de sangue e cultura, bem podemos afirmar ninguém melhor representa aquela função crítica do que o insigne Mestre, há pouco falecido, José Maria Rodrigues. Legou-nos o camonista a obra fundamental *Fontes dos Lusíadas*, que o levou à cátedra de Estudos Camoneanos, criada na Faculdade de Letras de Lisboa, por sugestão do eminente camonista brasileiro Afrânio Peixoto e pela munificência de Zeferino de Oliveira. Devemos-lhe uma edição comentada dos *Lusíadas* e, em colaboração com A. Lopes Vieira, a publicação da *Lírica*, precedidas do livro *Camões e a Infanta D. Maria* (1910), em que se esforçou por justificar a sua audaciosa hipótese dos amores do Poeta por aquela infanta.

Ricardo Jorge trouxe da medicina, que distinta-

mente professou, para as questões literárias certa severidade científica, que animou de vivacidade polemística. Além de estudos parcelares da história da cultura portuguesa, consagrou um notável estudo ao poeta *Francisco Rodrigues Lobo*.

Na crítica externa e na pesquisa erudita muito mais poderíamos apontar, se o espaço o comportasse. Lembrarei todavia os estudos de Marques Braga, Brito Rebêlo, Oscar de Pratt, Alfredo Pimenta, e, para os modernos, muita página de útil informação de Albino Forjaz de Sampaio.

Pelo que respeita à crítica interna, dedicou-se-lhe Fidelino de Figueiredo, que hoje lhe prefere o ensaio. Suas monografias e trabalhos de conjunto sôbre tôdas as épocas literárias, se lhes não faltam erros (é vasta a sua obra e iniciada em idade em que êles mais são inevitáveis) têm o mérito de um pensamento autónomo, que mais de um problema soube ver com justeza e pôr com inteligência. António Sérgio é quem entre nós mais originalmente têm esclarecido problemas da história de factos e de idéias. São notáveis os seus estudos sôbre Antero, Oliveira Martins e o lirismo de Camões.

No ensino universitário, foi excepcionalmente dotado para a crítica estética o falecido professor da Faculdade de Letras de Coimbra, Carlos Mesquita, que deixou notáveis estudos sôbre literatura inglesa. Joaquim de Carvalho consagrou a Antero de Quental um voluminho — *A evolução espiritual de Antero*, — dos mais penetrantes estudos sôbre o poeta. À-cêrca de Antero e de Junqueiro escreveu Leonardo Coimbra dois trabalhos críticos de raro valor, pela subtileza e pela novidade das preocupações. De Teixeira Rêgo e Luís Cardim, que como êle professaram na extinta Faculdade de Letras do Pôrto, temos estudos cheios de interêsse respectivamente sôbre Bernardim Ribeiro e Shakespeare. Em dois pequenos mas valiosíssimos opúsculos sôbre Guerra Junqueiro e Chestov, mostrou Vieira de Almeida quais as suas possibilidades para a crítica das idéias e das formas de arte. Quando professor da Faculdade de Letras de Lisboa, tratou Manuel Rodrigues Lapa o problema *Das origens da poesia lírica portuguesa* e outros aspectos da literatura medieval, e fê-lo aliando à seriedade da cultura filológica a penetração do juízo crítico. Agostinho de Campos, fora e dentro da Universidade, também tem exercido com nobreza a função crítica, vulgarizando e comentando o texto camoneano, como o de quantos escritores abrange a *Antologia* que dirige. Vitorino Nemésio e Costa Pimpão, moços professores, o primeiro de Lisboa, o segundo de Coimbra, realizam pesquisa erudita, mas não a convertem de meio para a integral compreensão da obra de arte em exclusivo — e inútil — objectivo do esfôrço.

Na fronteira entre os estudos linguísticos e os literários, realizando filologia na mais ampla acepção do têrmo, é notável a obra de outro moço universitário, o latinista e helenista Francisco Rebêlo Gonçalves.

Acrescentemos o nome de outro professor universitário, atento à coisa literária — Henrique de Vilhena. Os seus estudos críticos mostram que transportou para êste domínio os métodos de paciente e minuciosa aplicação do seu bisturi de anatomista. Ao ensino superior foi Manuel de Sousa Pinto elevado por suas qualidades críticas e literárias, afirmadas em *Magas e Histriões* e *Evanidade*, entre outros.

Fóra das Universidades, tem a crítica os seus cultores. Impossível falar de todos. Entre êsses, porém, não esquècerei que, para o juízo dos seus contemporâneos, escreveram páginas de útil leitura Júlio Dantas *(Galos de Apolo)*, Júlio Brandão *(Desfolhar de Crisântemos)*, João de Barros *(Literatura esquecida)*, Fernandes Costa, entre outros. Manuel da Silva Gaio, menos feliz na crítica erudita *(Bernardin Ribeiro* e *Cristovam Falcão* são livros a tal respeito inferiores), deu-nos um estudo sob certos aspectos penetrante acêrca de *Eugénio de Castro*. Também Afonso Lopes Vieira, António Sardinha, Hipólito Raposo têm estudos parcelares de mérito.

Lamente-se o abandôno da crítica por Prado Coelho, em cujo volume — *Ensaios críticos* — galhardamente a fizera, e por Veiga Simões, o autor de *Nova Geração*, tão excepcionalmente fadado para os estudos históricos e humanísticos, de que o afastou a sua carreira de diplomata. E aplauda-se a iniciativa de Alberto Xavier, que, depois de por mais de 30 anos absorvido por problemas absolutamente alheios à literatura, se tem consagrado ao estudo da evolução do romance, português e estrangeiro, mais de uma vez com justeza, e sempre o mérito da vulgarização.

É preciso dizer que uma nova geração de críticos está realizando esfôrço notável no sentido de superar a minúcia biográfica e a farragem erudita. O fenómeno literário, em sua génese e natureza psicológica; a obra de arte em si mesma, independente de outras relações que não sejam as que a prendem ao temperamento que por ela se exprime; a actividade crítica e o processo da sua realização; a viabilidade do romance português; o valor da poesia modernista, o teatro — eis aspectos da problemática posta pelos jovens críticos e ensaístas, como Castelo Branco Chaves, José Régio, Casais Monteiro, José Bacelar, Gaspar Simões, Santana Dionísio, Albano Nogueira, Eduardo Scarlati e outros. Êstes nomes estão longe, creio-o, de receber a consagração das palmas académicas e nem aspiram ao capelo universitário, mas são os que a mocidade lê, discute e cita.

Dois nomes ainda: Agostinho da Silva e António Salgado Júnior, aquêle, dedicado hoje ao apostolado da cultura popular, mas em numerosas páginas de biografia — entre elas as consagradas a Montaigne — ensinando a pensar e reflectir; êste, elaborando em silenciosa modéstia, sem alarde de imprensa e quási sem leitores, a mais notável obra de crítica, a um tempo erudita e estética, sôbre Bernardim Ribeiro ou sôbre a poesia de Camões — *Sobolos rios que vão* . . .

E R R A T A

Alguns devem ser os deslizes escapados à revisão, feita longe e várias vezes sem a vista dos autores. O leitor atilado suprirá. No entanto, não se podendo curar de todos, alguns agora remediaremos na presente táboa.

Na bibliografia de Camilo escapou, e sendo interessante para complemento do texto, se aponta, o livro de José de Azevedo e Menezes: *Camilo homenageado. O escritor da Graça e da Beleza.*

Na pág. 16, 1.ª coluna, linha 2, onde se lê:
nos manes
deve ler-se:
aos manes

Na pág. 21, 1.ª coluna, linha 16, onde se lê:
gastar
deve ler-se:
fartar

Na pág. 22, 2.ª coluna, linha 21, onde se lê:
poucas
deve ler-se:
provas

Na pág. 23, 1.ª coluna, ante-penúltima linha, onde se lê:
descendência sentimental
deve ler-se:
veemência

Na pág. 130, 1.ª coluna, linha 13, onde se lê:
MÁRIO
deve ler-se:
INÁCIO

Na pág. 229, 2.ª coluna, linha 29, onde se lê:
D. Juan de Mañara
deve ler-se:
D. Miguel de Manara

Na pág. 230, 1.ª coluna, linhas 49 e 50, onde se lê:
Quando adora,
deve ler-se:
Quando ama, adora;

Na pág. 232, 1.ª coluna, linha 9, onde se lê:
de escritor
deve ler-se:
do escritor

Na mesma pág., 1.ª coluna, linha 37, onde se lê:
e perfeitamente
deve ler-se:
e perfeitas

Na pág. 277, 2.ª coluna, linha 35, onde se lê:
da já maioria
deve ler-se:
da maioria

Na pág. 284, 2.ª col., linha 30, onde se lê:
e dito
deve ler-se:
o dito

Na pág. 286, 1.ª coluna, linha 14, onde se lê:
Herodoto
deve ler-se:
Tucídides

Na pág. 287, 2.ª coluna, linha 33, onde se lê:
elogiosas
deve ler-se:
elegíacas

Na pág. 293, 2.ª coluna, linhas 2, 3 e 4, onde se lê:
simultâneamente da sua obra: e como escreveu, há pouco, Henri Bergson « une infléxible
deve ler-se:
simultâneamente « une inflexible

Na pág. 309, 1.ª coluna, última linha, onde se lê:
1849, e ali falecido em 1909
deve ler-se:
1842, e ali falecido em 1906.

Na pág. 338, 1.ª coluna, linha 22, onde se lê:
do cimo das paisagens
deve ler-se:
do imo da folhagem

Na pág. 339, 2.ª coluna, linha 15, onde se lê:
nos cánones
deve ler-se:
aos cânones

Na pág. 340, 1.ª coluna, linha 52, onde se lê:
Rei
deve ler-se:
Reis

Na pág. 341, 2.ª coluna, linha 6, onde se lê:
nova vida
deve ler-se:
nossa vida

Na página 342, 2.ª coluna, linha 11, onde se lê:
Talco
deve ler-se:
Falco

Na mesma pág., 1.ª coluna, linha 35, onde se lê:
que nos pelos
deve ler-se:
que pelos

Na pág. 343, 1.ª coluna, linha 22, onde se lê:
Canções e Sonetos
deve ler-se:
Canções e Sonetos

Na mesma pág., ... coluna, linha 38, deve eliminar-se a frase:
surpreendente mistura de seduções por meios e visões apocalípticas

Na pág. 344, 1.ª coluna, linha 6, onde se lê:
longe de mais ?
deve ler-se:
longe de mais !

Na mesma pág., 2.ª coluna, linha 35, onde se lê:
no romanesco
deve ler-se:
ao romanesco

Na mesma pág., 2.ª coluna, linha 47, onde se lê:
rítmo
deve ler-se:
título

ÍNDICE

A História da Literatura Portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX 1

SÉCULO XIX

I — *Introdução: A História da Literatura nos séculos XIX e XX* 3
II — *Condicionalismo político e social da Literatura no século XIX*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 5 a 11
III — *Arte e cultura no século XIX* 11
IV — *O 1.º Quartel do século*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 12 a 24
V — *Sentido do romantismo português* — Dr. João de Barros . . . 25 a 27
VI — *Almeida Garrett. Bibliografia e biografia*, por Henrique de Campos Ferreira Lima . . . . . 27 a 36
O escritor e a sua obra, pelo Dr. Vieira d'Almeida . . . . . 36 a 65
VII — *Castilho*, pelo Dr. Souza Costa. 66 a 76
VIII — *Alexandre Herculano. Bibliografia* por Carlos de Portugal Ribeiro. 76 a 82
O poeta, o romancista, pelo Dr. Queiroz Veloso . . . . . 82 a 105
O historiador, pelo Dr. Vitorino Nemesio . . . . . 105 a 115
IX — *A segunda geração romantica*, pelo Dr. Vitorino Nemesio . . 115 a 127
X — *Os homens da segunda geração romantica* . . . . . 127 a 140
XI — *João Penha e a «Folha»*, pelo Dr. Álvaro da Costa Pimpão . . 140 a 143
XII — *João de Deus e o Lirismo*, pelo Dr. Vitorino Nemésio. . . . . 144 a 150
XIII — *Antero de Quental*, pelo Dr. José Bruno Carreiro . . . . 150 a 172
XIV — *Teófilo Braga*, pelo Dr. Prado Coelho . . . . . 172 a 184
XV — *«Bom senso e bom gôsto» e a morte do romantismo* . . . . . 185 a 188
XVI — *Os poetas revolucionários* . . 189 a 192
XVII — *Gomes Leal e Guerra Junqueiro*, pelo Dr. Lopes de Oliveira . . 193 a 204
XVIII — *Outros poetas* . . . . . 205 a 208
XIX — *Camilo Castelo Branco*, por Bourbon e Menezes . . . . . 211 a 236
XX — *O Romance e o conto*. . . . 237 a 239
XXI — *Eça de Queiroz*, pelo Dr. Fidelino de Figueiredo . . . . . 240 a 255
XXII — *Outros realistas*. . . . . 255 a 257
XXIII — *O Romance policial*, por Gomes Monteiro . . . . . 258 a 262
XXIV — *O Romance marítimo*. 262
XXV — *Romance bucólico e campesino. Júlio Diniz*, pelo Dr. Egas Moniz. 263 a 269
XXVI — *Outros romancistas* 269
XXVII — *Fialho d'Almeida* . . . . . 269 a 270
XXVIII — *Oliveira Martins*, por Bourbon e Menezes . . . . . 271 a 288
XXIX — *Ramalho Ortigão*, pelo Dr. João de Barros. . . . . 288 a 291
XXX — *Outros críticos. Guilherme Moniz Barreto*, por Correia da Costa. 291 a 293
Sampaio Bruno. Silva Pinto. Barros Lobo. Sena Freitas . . . 293 a 296
XXXI — *Poligrafos: Alberto Pimentel. Pinheiro Chagas* . . . . . 296 a 299
XXXII — *Teatro: Francisco Palha. Fernando Caldeira. Gervasio Lobato. D. João da Câmara. Marcelino Mesquita. Henrique Lopes de Mendonça. Conde de Arnoso*. . . . . 299 a 308
XXXIII — *Contistas: Rodrigo Paganini. Pedro Ivo. Alberto Braga. Trindade Coelho. Contos para crianças*. . . 308 a 310
XXXIV — *Eloqüência: sagrada, parlamentar* 311 a 314
XXXV — *O jornalismo*. . . . . 314 a 316
XXXVI — *História*, pelo Dr. Damião Peres 316 a 318
XXXVII — *Literatura de temas exóticos: Wenceslau de Morais* . . . . . 318 a 319
XXXVIII — *Um poeta fim do século: António Nobre*, pelo Dr. João de Barros 319 a 320
XXXIX — *Outros vultos literários do fim do século XIX*. . . . . 320 a 321

SÉCULO XX

I — A *Poesia*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 323 a 344
II — *O romance*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 244 a 348
III — *O conto e a crónica; a narrativa histórica; a literatura colonial e a da Grande Guerra*, pelo Dr. Hernâni Cidade. . . . . 348 a 350
IV — *O teatro*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 350 a 351
V — *A historiografia*, pelo Dr. Hernâni Cidade . . . . . 351 a 352
VI — *Literatura de idéias e crítica literária*, pelo Dr. Hernâni Cidade . 352 a 353

A PRESENTE «HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, DOS SÉCULOS XIX E XX», COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA «PÔRTO MÉDICO, L.DA», DO PÔRTO, PARA OS EDITORES FERNANDO MACHADO & C.A, DA MESMA CIDADE, ACABOU DE IMPRIMIR-SE A 18 DE MARÇO DE 1942.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 122885285